

FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

ORGANIZADOR

**OS
100**

**MELHORES
CONTOS DE**

**CRIME E
MISTÉRIO**

**DA LITERATURA
UNIVERSAL**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

FLÁVIO MOREIRA DA COSTA
Organizador

**OS 100 MELHORES CONTOS DE
CRIME E MISTÉRIO
DA LITERATURA UNIVERSAL**

EDIOURO

2a. edição
2002

*Este livro é dedicado
a Aldara e Octacílio,
vidas que me afirmaram
a cultura e a justiça.*

*E ao amigo e colega Tim Lopes,
vítima do crime -
da incultura e da injustiça dos homens.*

Introdução

MEMÓRIAS DO CRIME

FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

"As histórias são a memória do mundo."

Chaim Potok

Não, não tem mistério: uma antologia como esta, além de se fazer necessária (no mundo de hoje - ou terá sido sempre assim? - o verbo matar é mais conjugado, com suas nefastas conseqüências, do que o verbo conviver ou o verbo amar), procura uma abrangência que visa lembrar ou afirmar a universalidade e a constância do tema ao longo da história do homem. Sim, tema, mas que tema? Já está no título: a mais radical transgressão de que o ser humano é capaz - a de tirar a vida de seu semelhante. Ao preparar uma antologia - neste sentido, temática, a exemplo do que fiz com *Os Cem Melhores Contos de Humor...*, mostrando as inúmeras modalidades do humor -, esta *Os Cem Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal* (o título saiu longo, mas o assunto não é pequeno) também se pretende ampla, geral e ... bem, restrita aos vários significados e variações da palavra crime. E mistério. Sim, mas que mistério? Ora, para usar um lugar-comum carioca, vamos por partes, como deve ter pensando Jack o Estripador diante da vítima da hora, numa noite londrina cheia de fog.

Todo mundo tem uma história de crime para contar, embora raramente o faça, por opção, pudor ou (auto) desconhecimento. Todo mundo já matou alguém, em ato, palavra ou ação, mesmo que não o saiba. Neste sentido, o crime, organizado ou desorganizado (e não o bom senso, como queria Descartes no

parágrafo inicial de O Discurso do Método), é a coisa mais bem distribuída entre os homens. E aqui faz sentido o velho truísmo de que "somos todos assassinos" - ou ainda citando Descartes, desta vez sem contradizê-lo: "As maiores almas são capazes dos maiores vícios, assim como das maiores virtudes." Somos todos assassinos: os indivíduos e as sociedades, os perdedores e os vencedores (ou os losers e os winners, conforme vai a tendência da língua, também ela tantas vezes vítima de crimes culturais), o João-ninguém e os donos da terra, do poder e do sistema, os criminosos propriamente ditos e os governos ou estados própria ou imprópria estabelecidos. Há o crime individual e o crime institucional. O Estado, parte efetiva desta eterna luta que vem de Caim e Abel, é, aliás, apenas (apenas?) o sobrevivente, como escreveu Elias Canetti. Daí porque a new left americana dos anos 60 defendia a tese polêmica de que todo preso, fosse qual fosse seu crime, era um preso político. Mas para simplificar esta introdução, e acalmar nossas próprias consciências, digamos que o criminoso é sempre o outro. E o fato de nos interessarmos por seus atos - os crimes - é apenas um modo de lidarmos com nossas próprias pulsões (o das Trieb de Freud). Mais ou menos como acontecia em relação às tragédias gregas: é pura catarse. Sempre tendo em mente, claro, que há diferença entre o crime propriamente (que gera culpa ou castigo) e o que Otto Maria Carpeaux chamou de "crime literário" (que gera prazer de ler e maior conhecimento do ser humano) - essência desta antologia.

Mas uma investigação, quer dizer, uma antologia, ou melhor, uma introdução se faz meticulosamente como um bom e profissional assalto a banco, passo a passo. E nos lembramos que já na Renascença, por exemplo, uma máxima de ninguém menos do que Leonardo da Vinci rezava: "Nós fazemos a nossa vida da morte dos outros." O momento em que choramos nossos mortos é o momento em que percebemos nossa própria finitude. Acompanhamos o enterro e depois voltamos para casa. Depois do luto, a vida. E já que elevamos a coisa a um nível filosófico, evitando assim o lado sombrio deste assunto, a eterna e subjacente

suspeita de que se trata (que estranha compulsão é esta, leitores de histórias de crimes e policiais?) de alguma coisa do reino da morbidez ou do escatológico, emendemos com Alexandre Kojeve, em Introdução à Leitura de Hegel: "O homem é o único ser no mundo que sabe que deve morrer, ou seja, ele é a consciência de sua morte: a existência verdadeiramente humana é uma consciência existente da morte ou uma morte consciente de si. Como a perfeição do homem é a plenitude da consciência-em-si, e como o homem é essencialmente finito em seu próprio ser, é na aceitação consciente da finitude que culmina a existência humana." E os bons poetas, como Nauro Machado {Antologia Poética}, sempre souberam muito bem disso:

*Eu vivo quando a noite já desaba
Sobre ossos de memória secular.
Eu vivo antes que um túmulo em mim se abra,
E enquanto vivo (em mim morto) a me andar:
Vergonha, angústia e tudo o que a dor lavra,
Meu ser, efêmero, passo a chorar
Na alma: eu morro o eterno da palavra
E vivo enquanto o corpo perdurar.*

Por que evocar tanta profundidade filosófica e poética para introduzir o leitor, já que ele mesmo, afinal, se aproximou deste painel de crimes literários, por curiosidade, tendência ou gosto próprio - "enquanto o corpo perdurar"? Por que não deixá-lo mais à vontade, entregue ao simples e direto prazer da leitura, mesmo que "sobre os ossos da memória secular"? Já não disseram (Dyonélio Machado) que o homem é o único animal que prende e tortura seu semelhante, que o homem é o lobo do homem (Plauto e Hobbes)?

Está certo, não precisa ser nenhum detetive particular para saber que não tem mistério - ou melhor, tem, sim: esta é uma antologia de histórias de crime e de histórias... de mistério - só isso. Apenas, mas não é pouca coisa: o crime começa na Bíblia, "sob o estigma de Caim", e o mistério. .. , bem, aqui adotamos uma nomenclatura consagrada no

mundo editorial internacional: "mystery" é uma categoria de ficção que corresponde ao nosso vago "policial", ao que os franceses chamam de "polar", e que por sua vez se subdivide em muitas ramificações, como histórias de detetive, de investigação, suspense, thrillers, histórias de enigmas (crimes em quartos fechados), pulp fiction, hard-boiled, espionagem e outras tantas, que se originam de antiquíssimas narrativas (Bíblia, Mil e Uma Noites, Édipo Rei etc.) e das mais' recentes histórias góticas, de terror, sobrenatural, os velhos romances de aventuras e assim por diante. Porque, nessa delimitação, ampla mas... delimitada, tudo é "mystery", tudo é "polar", tudo é "policial - e tudo está de alguma forma representado aqui, neste Os Cem Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal.

Esta antologia se estrutura, portanto, nestes dois eixos, que são correlatos embora não paralelos (porque chegam a se cruzar em vários pontos): as histórias criminais e as histórias policiais. A primeira, evidentemente, antecede a segunda, e é preciso lembrar, daí a distinção já no título, que nem toda história de crime é uma história policial, embora toda (pelo menos assim é, predominantemente) história policial seja uma história criminal. No primeiro caso, o crime - quem e como morreu - é o cerne da questão; no segundo, a ênfase fica na investigação - quem matou e por quê. De qualquer forma, estes dois aspectos se fecham na seguinte observação: como os criminosos de todo tipo, advogados, policiais, carcereiros, juízes, promotores, ministros, políticos e jornalistas, e também os escritores (muitos deles) vivem do crime. E então fica mais fácil de entender: se existe o crime ao longo da história, existe também a palavra escrita, o relato referente a ele - de um simples B.O. (o Boletim de Ocorrência das nossas

delegacias) a obras-primas da humanidade como Crime e Castigo. No princípio, no começo e no fim era e é o verbo com v minúsculo.

E a literatura policial, de mistério, tem uma parte importante neste panorama. Embora uma literatura de massa, não deixa de ser muitas vezes boa ou mesmo excelente literatura (são muitos os exemplos nesta antologia), a despeito do preconceito de certa intelectualidade purista ou acadêmica que critica "as fórmulas e convenções rotineiras de que se costumam servir os autores de romances policiais", nas palavras de Carpeaux, que conseguia ser um erudito e um leitor ávido do gênero ao mesmo tempo. E segue ele: "Elmer Edgar Stoll verifica o poder de soluções convencionais em toda a literatura, inclusive em Shakespeare. E as convenções do romance policial têm significação muito especial: são determinadas pela lei anglo-saxônica, que não admite prisão e acusação sem provas convincentes da culpa do suspeito. O romance policial é impossível num Estado totalitário, em que o cidadão pode ser preso sem cerimônia. Howard Haycraft, no livro *Murder for Pleasure*, chega a afirmar que o fim do gênero significaria o fim da democracia." E do próprio capitalismo, poderíamos concluir. Não vamos esquecer - o garoto Rimbaud, em pleno século XIX, já nos havia avisado: "Voici le temps des assassins!" - que estamos vivendo em plena época de globalização do crime.

Mas que disto tudo conclua o leitor por si mesmo, ao entrar em contato direto com estes exemplos de crimes espalhados pelo mundo ao longo dos séculos. Mas por favor, leia tudo, ou conto por conto na ordem que bem desejar, sem culpa e sem castigo - com prazer.

PS - pessoal, porém necessário: Primeiro, os agradecimentos, para não cair no "crime" da soberba, ou falta de humildade. Também aqui não tem mistério: este livro não seria possível sem as sugestões dos amigos, como Brás Chediack e Octávio Marcondes; sem a ágil operacionalidade via internet de Celina Portocarrero e Chico Octávio, fazendo chegar às minhas mãos textos selecionados por mim e praticamente fora dos catálogos internacionais; agradeço

à rede de bibliotecas (Maison de France e IBEU) e às livrarias cariocas (Leonardo da Vinci e Baratos da Ribeiro, por exemplo); aos funcionários (melhor dizendo, funcionárias?) da Ediouro, operando na retaguarda e sempre pacientes com meus telefonemas diários, sintetizando no empenho e na eficiência de Juliana Freire; aos editores e tradutores brasileiros que, compreendendo a importância cultural para os autores, e sobretudo para os leitores (antigos e, principalmente, novos) de uma antologia feita com seriedade, concordaram em negociar os direitos deste ou daquele conto. Mas, como nem todo crime é perfeito, houve, é claro, quem assim não pensasse, recusando-se a negociar alguns contos já selecionados e recusando, portanto, que eles fossem lidos pelos leitores.

Mas se somos todos cúmplices, me apresso em assumir sozinho o "crime" de responsabilidade final desta antologia. Finis coronatum opus. E que a pena me seja leve.

Bairro Peixoto (Rio), agosto de 2002.

CADÁVERES INICIAIS

1. A HISTÓRIA DE SANSÃO

Antigo Testamento | Livro dos Juizes (séculos XI-VI a.C. | Palestina)

No começo era o Verbo e o Verbo era Deus? Bem, o que interessa aqui é que o verbo da Bíblia registra uma variedade de crimes, perseguições, guerras tribais, espionagens etc. Este lado, digamos, antropológico ou etnográfico (mas também literário) de registro dos povos da época, em suas vivências históricas, mitológicas ou cotidianas, mais o fato de nos lembrar que a violência do ser humano sempre existiu, é que justifica a presença destes dois textos nesta antologia.

Nascimento de Sansão

Os israelitas voltaram a ofender o Senhor, que os entregou em poder dos filisteus durante quarenta anos.

Havia um homem de Saraá, de uma família danita, cujo nome era Manué. Sua mulher era estéril e não tinha filhos. O anjo do Senhor apareceu à mulher e lhe disse: "És estéril e não tiveste filhos, mas conceberás e darás à luz um filho. Portanto, toma cuidado de não beber vinho nem bebida alcoólica, ou de comer qualquer coisa impura, porque o filho que conceberás e darás à luz será consagrado a Deus desde o seio materno; por isso a navalha não passará sobre sua cabeça. Ele começará a salvar Israel do poder dos filisteus."

A mulher foi contar ao marido: "Encontrei-me com um homem de Deus, cujo aspecto era terrível como o de um mensageiro divino. Não lhe perguntei donde vinha nem ele me revelou o seu nome. Ele me disse: 'Conceberás e darás à luz um filho. Doravante não deverás beber vinho ou bebida alcoólica, nem comer qualquer coisa impura, porque o menino será consagrado a Deus desde o seio materno até o dia de sua morte.'" Então Manué suplicou ao Senhor

e disse: "Por favor, Senhor! Que o homem de Deus por ti enviado venha de novo encontrar-se conosco e nos indique o que devemos fazer com o menino quando nascer."

Deus atendeu à súplica de Manué e o mensageiro divino encontrou-se de novo com a mulher enquanto estava no campo, na ausência do marido. A mulher correu depressa e avisou o marido, dizendo: "Apareceu-me o homem que se encontrou comigo aquele dia." Manué levantou-se e seguiu sua mulher. Chegando até o homem, perguntou-lhe: "És tu o TíjTtiim que falou com esta mulher?" "Sou eu", respondeu ele. Manué perguntou: "Quando tua palavra se cumprir, que normas o menino deve seguir e o que deve fazer?" O anjo do Senhor respondeu a Manué: "Abstenha-se tua mulher de tudo o que eu lhe disse. Não deve comer nada do que produz a vinha, não deve beber vinho ou bebida alcoólica, nem comer qualquer coisa impura; abstenha-se de tudo o que lhe prescrevi." Manué disse ao mensageiro do Senhor: "Fica conosco, por favor, enquanto vamos preparar-te um cabrito." O anjo do Senhor respondeu a Manué: "Mesmo que me faças ficar, não provarei a comida. Mas se quiseres, oferece um holocausto ao Senhor." Sem saber que se tratava de um mensageiro do Senhor, Manué lhe perguntou: "Qual é o teu nome para que, quando se cumprir tua palavra, possamos te honrar." O anjo do Senhor lhe disse: "Por que perguntas pelo meu nome? Ele é misterioso."

Manué pegou o cabrito e a oblação e ofereceu sobre a pedra ao Senhor que faz maravilhas. Manué e sua mulher observavam. Enquanto as chamas se elevavam de cima do altar para o céu, com as chamas do altar subiu também o anjo do Senhor. À vista disso Manué e a mulher caíram com o rosto em terra. O anjo do Senhor não apareceu mais a Manué e sua mulher. Manué se deu conta de que era o anjo do Senhor, e disse para a mulher: "Vamos morrer na certa porque vimos a Deus!" Mas a mulher disse: "Se o Senhor quisesse nos fazer morrer, não teria aceito de nossas mãos o holocausto e a oblação; não nos teria deixado ver tudo isso que acabamos de ver, nem ouvir o que ouvimos."

A mulher deu à luz um filho e Ihe deu o nome de Sansão. O menino cresceu e o Senhor o abençoou. O espírito do Senhor começou a impelir a Sansão em Maané-Dã, entre Saraá e Estaol.

Casamento de Sansão

Sansão desceu a Tamna e viu ali uma jovem mulher filistéia. Ao subir comunicou a seus pais: "Em Tamna vi uma jovem filistéia; pedi-a agora para mim como esposa!" Os pais Ihe responderam: "Será que não há mulher entre as moças de tua parentela ou em todo o teu povo, para que te vás casar entre estes filisteus incircuncisos?" Mas Sansão insistiu com o pai: "Pede-me essa mulher, pois só ela me agradou." Os pais não sabiam que isso vinha do Senhor, o qual buscava um pretexto contra os filisteus, pois naquele tempo dominavam sobre Israel.

Sansão desceu com os pais a Tamna. Ao chegar às vinhas de Tamna, de repente um leãozinho saiu-Ihe rugindo ao encontro. O espírito do Senhor apoderou-se de Sansão, que, sem nada na mão, esquartejou o leão como se fosse um cabrito. Mas não contou aos pais o que fez. Depois desceu a Tamna, falou com a mulher da qual tinha gostado. Mais tarde, quando voltava para casar com ela, fez um desvio para ver a carcaça do leão e encontrou ali um enxame de abelhas com mel. Recolheu o mel no côncavo das mãos e foi comendo pelo caminho. Alcançando os pais, deu-Ihes mel e eles também comeram. Mas não lhes contou que havia retirado o mel do esqueleto do leão.

O pai desceu também à casa da noiva e Sansão deu ali uma festa como é costume os jovens fazerem. Quando o viram, os filisteus destacaram trinta companheiros para estarem com ele. "Vou propor-vos um enigma", disse-Ihes Sansão. "Se durante os sete dias de festa conseguirdes decifrá-lo corretamente para mim, dar-vos-ei trinta túnicas de linho e trinta mudas de roupa. Mas se não puderdes decifrá-lo, sereis vós a me dar trinta túnicas de linho e trinta mudas de roupa." Eles disseram: "Propõe teu enigma, queremos ouvir!" Sansão lhes disse:

"Do que come saiu comida e do forte saiu doçura."

Nos três primeiros dias não puderam decifrar o enigma. No quarto dia disseram para a mulher de Sansão: "Seduz teu marido para que nos explique o enigma. Do contrário te queimaremos com a casa de teu pai. Ou nos convidastes para nos roubar?" A mulher de Sansão começou então a chorar sobre seu ombro e disse: "Tens apenas ódio e não amor por mim! Propuseste um enigma para a minha gente, mas não me revelaste o sentido!" Sansão lhe disse: "Nem mesmo a meus pais revelei o sentido e deveria revelá-lo a ti?" Ela chorou sobre seu ombro durante os sete dias da festa. No sétimo dia, de tanto ela o importunar, Sansão lhe revelou o sentido e ela o contou à sua gente. No sétimo dia, antes do pôr-do-sol, os homens da cidade disseram a Sansão:

"O que é mais doce que o mel? E o que mais forte que o leão?"

Sansão lhes disse:

"Se não tivésseis lavrado com minha novilha, não teríeis encontrado a solução do enigma!"

Então o espírito do Senhor se apoderou de Sansão e ele desceu até Ascalon, matou trinta de seus homens, despojou-os e deu as mudas de roupa aos que adivinharam o enigma. Depois, inflamado de cólera, subiu para a casa do pai. A mulher de Sansão, porém, ficou para um de seus companheiros que lhe fizeram companhia.

Vingança de Sansão

Algum tempo depois, por ocasião da colheita do trigo, Sansão foi visitar sua mulher, levando um cabrito. "Quero", disse ele, "entrar no quarto de minha mulher!" Mas o pai dela não lhe permitiu entrar, dizendo: "Sem dúvida a odeia, pensei eu; por isso a dei a teu companheiro. A sua irmã mais nova não é mais bonita do que ela? Aceita no lugar da outra!" Sansão lhe disse: "Desta vez sou inocente do prejuízo que vou causar aos filisteus!" Sansão foi embora e capturou trezentas raposas; pegou tochas, amarrou-lhes as caudas duas a duas e colocou no meio cada vez uma tocha.

Depois acendeu as tochas e soltou as raposas nos trigais dos filisteus, incendiando tudo, tanto o trigo já empilhado como o que estava ainda de pé, tanto as vinhas como os olivais. Os filisteus perguntaram: "Quem fez isso?" "Foi Sansão", disseram, "o genro daquele homem de Tamna, por ele ter dado sua mulher ao companheiro". Então os filisteus subiram e queimaram a mulher com seu pai. Sansão lhes disse: "Já que fizestes uma coisa destas, não descansarei enquanto não me vingar de vós!" E atracou-se com eles numa luta corpo a corpo, provocando uma grande matança. Depois desceu para morar na fenda do rochedo de Etam.

Os filisteus subiram, acamparam em Judá e fizeram uma incursão na região de "Queixada". Os homens de Judá perguntaram: "Por que subistes contra nós?" Eles responderam: "Subimos para prender Sansão, para fazer-lhe o mesmo que ele nos fez." Então três mil homens de Judá desceram até a fenda do rochedo de Etam e disseram a Sansão: "Não sabes que estamos sob o domínio dos filisteus? Por que fizeste isto conosco?" Sansão lhes respondeu: "O mesmo que fizeram comigo, eu fiz com eles." E eles disseram: "Viemos para te prender e entregar aos filisteus." Sansão lhes disse: "Jurai-me que não me ireis matar vós mesmos." Eles disseram: "Não! Viemos apenas para te prender e entregar. De maneira alguma te mataremos." Amarraram-no com duas sogas novas e o retiraram do rochedo. Ao chegar a "Queixada" os filisteus vieram-lhe ao encontro com gritos de guerra. Então o espírito do Senhor apoderou-se dele e as sogas sobre os braços tornaram-se como fios de linho que queimam no fogo e as amarras das mãos se desfizeram. Havia ali uma queixada de burro ainda fresca. Ele estendeu a mão, agarrou-a e com ela matou mil homens. Depois Sansão disse:

"Com uma queixada de burro e um ou dois golpes, com uma queixada de burro matei mil homens!"

Dizendo isso, jogou fora a queixada e chamou aquele lugar "Alto da Queixada". Como estivesse com muita sede, Sansão suplicou ao Senhor e disse: "Tu concedeste pelas mãos do teu servo esta grande vitória. Agora, porém, ou morro de sede ou caio em poder

destes incircuncisos!" Então Deus fendeu o Pilão que está em "Queixada" e dele correu água. Sansão bebeu, recobrou as forças e reviveu. Por isso deram o nome de "Fonte do Suplicante" à fonte que até hoje se acha em "Queixada".

Sansão foi juiz de Israel, no tempo dos filisteus, durante vinte anos.

Sansão foi a Gaza, viu ali uma prostituta e entrou em sua casa. Quando os habitantes souberam que Sansão havia chegado, cercaram-no e montaram uma emboscada na porta da cidade durante a noite inteira: Ficaram tranqüilos durante a noite inteira, pensando: "Ao clarear da manhã vamos matá-lo." Mas Sansão dormiu até a meia-noite. Aí levantou, e agarrando nas folhas da porta da cidade e nos dois postes, arrancou-os com barra e tudo. Depois pôs nas costas e os levou ao alto do monte que está defronte de Hebron.

Sansão e Dalila

Depois Sansão se enamorou de uma mulher na torrente de Sorec; seu nome era Dalila. Então os chefes filisteus se dirigiram a ela e disseram: "Seduze a Sansão e descobre em que está a sua grande força e como o poderíamos vencer, amarrando-o e sujeitando-o. Nós te daremos, cada um, mil e cem ciclos de prata." Dalila perguntou a Sansão: "Em que está tua grande força e com que deves ser amarrado para te subjugar?" Respondeu-lhe Sansão: "Se me amarrassem com sete cordas de arco, frescas e ainda não curtidas, ficaria fraco e seria como qualquer outro homem."

Os chefes filisteus levaram a Dalila sete cordas de arco, frescas e ainda não curtidas, com as quais ela o amarrou. Tendo homens emboscados no quarto, Dalila gritou: "Sansão, os filisteus estão aqui!" E ele despedaçou as cordas como se despedaçasse um fio de estopa chamuscada pelo fogo, e não se conheceu o segredo de sua força.

Dalila disse a Sansão: "Zombaste comigo, contando-me mentiras. Conta-me agora, por favor, como deves ser amarrado." Ele disse: "Se eu for amarrado com sogas novas ainda não usadas, ficarei fraco e serei como qualquer outro homem." Dalila tomou sogas novas, amarrou-o com elas e gritou: "Sansão, os filisteus estão aqui!" Havia homens emboscados no quarto, mas ele despedaçou as sogas de seus braços como se fossem fios.

Dalila disse a Sansão: "Até aqui zombaste comigo e me contaste mentiras. Conta-me como deves ser amarrado!" Sansão lhe disse: "Se teceres as sete tranças de minha cabeleira com a urdidura de um tear e as fixares com um pino, ficarei fraco e serei como qualquer outro homem." Ela o fez dormir, teceu as sete tranças de sua cabeleira com a urdidura, fixou-as em um pino e gritou: "Sansão, os filisteus estão aqui!" Despertando do sono ele arrancou o pino do tear e a urdidura.

Então ela lhe disse: "Como podes dizer 'eu te amo' se não confias em mim? Três vezes já me enganaste não me revelando em que está tua grande força." Como ela o importunasse e insistisse todos os dias com suas lamúrias, ele caiu num desespero mortal, e lhe contou todo o segredo: "A navalha jamais passou sobre minha cabeça", disse ele, "pois sou consagrado a Deus desde o seio de minha mãe. Se eu fosse rapado, minha força me abandonaria. Eu ficaria fraco e seria como qualquer outro homem."

Dalila percebeu que ele havia contado todo o segredo e mandou chamar os chefes filisteus, dizendo: "Subi, porque desta vez Sansão me contou todo o segredo." Os chefes filisteus acorreram, trazendo o dinheiro. Ela fez Sansão dormir no seu colo, chamou um homem e este rapou as sete tranças da cabeleira de Sansão. Sansão começou a enfraquecer e sua força o abandonou. Então ela gritou: "Sansão, os filisteus estão aqui!" Ele despertou do sono. "Sairei como das outras vezes e me safarei!", pensou ele, sem saber que o Senhor o havia abandonado. Os filisteus o agarraram, furaram-lhe os olhos e o fizeram descer a Gaza. Ligaram-no com duas correntes de bronze, e ele ficou movendo a mó do moinho na prisão. Entretanto, os cabelos da cabeça cortados começaram a crescer de novo.

Morte de Sansão

Ora, os chefes filisteus reuniram-se para oferecer um grande sacrifício ao deus Dagon e para festejar. Diziam:

"Nosso deus nos entregou na mão o nosso inimigo Sansão."

Ao ver Sansão, o povo dava vivas a seu deus e dizia:

"Nosso deus nos entregou na mão o nosso inimigo Sansão; aquele que devastou nosso país e fez quantas vítimas quis!"

Quando já estavam bem alegres, disseram: "Chamai Sansão para que nos divirta!" Mandaram chamar Sansão da prisão para que dançasse diante deles. Como o tivessem colocado entre duas colunas, Sansão disse ao menino que o levava pela mão: "Deixa-me onde possa tocar as colunas que sustentam o templo e apoiar-me nelas." O templo estava repleto de homens e mulheres. Estavam ali inclusive todos os chefes filisteus. Havia gente até no terraço, ao todo cerca de três mil homens e mulheres que assistiam Sansão dançar. Sansão invocou o Senhor e disse: "Senhor Deus, por favor, lembra-te de mim! Dá-me forças, ó Deus, só mais esta vez para que eu tire uma única vingança dos filisteus pelos meus dois olhos." Sansão apalpou as duas colunas centrais que sustentavam o templo, apoiou-se contra uma com a direita e contra a outra com a esquerda, e gritou: "Morra eu com os filisteus!" Estendeu com força os braços e o templo desabou sobre os chefes e todo o povo que ali estava. Assim, os que Sansão matou ao morrer foram mais numerosos do que os que matou em vida. Os parentes e toda a sua família desceram e o levaram embora, sepultando-o entre Saraá e Estaol, no túmulo de seu pai Manué.

Sansão foi juiz de Israel durante vinte anos.

Tradução de Ludovico Garmus

2. ASSASSINATO DE ISBAAL

Antigo Testamento I Livro de Samuel

Quando Isbaal filho de Saul soube que Abner tinha morrido em Hebron, perdeu o ânimo e todo Israel ficou consternado. Ora, Isbaal filho de Saul tinha a seu serviço dois chefes de guerrilha: um se chamava Baana e outro Recab. Eram filhos do benjaminita Remon de Berot. É que também Berot era considerada como fazendo parte de Benjamim; os berotitas tinham-se refugiado em Getaim, acabando por ficar lá na condição de forasteiros até hoje.

Jônatas filho de Saul tinha um filho aleijado dos dois pés. Ele tinha cinco anos, quando de Jezrael chegou a notícia da morte de Saul e Jônatas. Então a ama o levou e fugiu, mas na fuga precipitada o menino caiu e ficou aleijado; o seu nome era Meribaal.

Os filhos do berotita Remon, Recab e Baana, se puseram a caminho e chegaram à casa de Isbaal na hora mais quente do dia, quando ele estava dormindo a sesta. Entraram no interior da casa como para pegar espigas de trigo e o feriram no abdômen. Os irmãos Recab e Baana tinham se esgueirado, entrando na casa, enquanto ele estava deitado no leito, no quarto de dormir, feriram-no de morte e deceparam-lhe a cabeça. Pegaram a cabeça e andaram durante toda a noite pelo caminho da Baixada. Levaram a cabeça de Isbaal para Davi em Hebron, dizendo ao rei: "Aqui tens a cabeça de teu inimigo Isbaal filho de Saul, que procurava tirar-te a vida. Mas hoje o Senhor concedeu a vossa real Majestade vingança de Saul e da sua descendência!"

Então Davi deu a seguinte resposta aos irmãos Recab e Baana, filhos do berotita Remon: "Pela vida do Senhor que me livrou de toda angústia! Aquele que me comunicou que Saul tinha morrido, pensando trazer-me uma boa nova, eu o mandei prender e executar em Siceleg, e lhe dei assim a recompensa por sua boa nova. Com tanto mais razão, quando bandidos assassinaram um homem de

bem na sua própria casa e em seu leito, devo agora pedir contas a vós do seu sangue e exterminar-vos da face da terra." Em seguida Davi deu ordem aos seus subordinados e eles os mataram, decepando-lhes as mãos e os pés e dependurando-os à borda da piscina de Hebron. Quanto à cabeça de Isbaal, a sepultaram no túmulo de Abner em Hebron.

Tradução de João Balduino Kipper

3. O TESOURO DE RHAMPSINIT

Anônimo | Egito Antigo

Os textos do Egito antigo são pouco conhecidos, e só foram revelados a partir do século XIX, depois das pesquisas de Champollion. A partir daí, há especialistas que dizem ter sido à beira do Nilo que o conto surgiu pela primeira vez. A ser verdade, seria possível considerarmos este O Tesouro de Rhampsinit -cuja data é de difícil detecção, embora seja muito anterior a Heródoto (século V a.C), que o registra entre outras lendas antigas - a primeira manifestação do que se chamaria, a partir do século XIX, de conto policial? Além de apresentar dados curiosos sobre o cotidiano da época, é um texto que já revela um enredo, bem levado, harmonia na sua construção, elementos de mistérios e iniciativas investigatórias para seu desfecho.

O rei Rhampsinit possuía um tão grande tesouro que ninguém, nenhum de seus sucessores, o teve nem maior, nem perto do que ele era. Para conservá-lo com segurança, ele mandou construir uma sala de pedra talhada e quis que uma das suas muralhas se projetasse para além do corpo da construção e dos limites do palácio; no entanto, o construtor talhou e colocou uma pedra de tal modo perfeita que nem dois homens, quanto mais um só, poderiam tirá-la ou removê-la. Construída a sala, o rei ali reuniu todas as suas jóias.

Algum tempo depois, o pedreiro-arquiteto, ao sentir que se aproximava do final de sua vida, reuniu os filhos, que eram dois, e contou-lhes como realizara a empreitada e o artifício que havia usado ao construir a câmara do rei, a fim de que eles pudessem viver sem problemas de dinheiro. E depois de claramente ter-lhes feito entender a maneira de tirar a pedra, deu certas instruções e

avisou-os de que, se elas fossem bem observadas, seriam eles os grandes tesoureiros do rei.

E em seguida, expirou. E seus filhos não tardaram de pôr mãos à obra: foram à noite até o palácio do rei e, achando sem dificuldades a tal pedra, conseguiram deslocá-la e saíram de lá com grande quantidade de ouro.

Porém, quando quis o destino que o rei fosse visitar sua sala do tesouro, encheu-se: ele de espanto ao perceber que suas ânforas estavam desfalcadas, e ficou sem saber a quem acusar ou de quem suspeitar, pois as marcas que colocara estavam intactas, e a sala muito bem fechada e refechada. E voltando lá por duas ou três vezes para constatar que suas ânforas continuavam se desfalcando, resolveu ele afinal, a fim de impedir que os ladrões ali voltassem com tanta facilidade, mandar construir armadilhas e colocá-las bem perto das ânforas onde estavam os tesouros.

Retornaram os ladrões, como seria de se esperar, e um deles entrou na câmara e, mal se aproximando de uma das ânforas, viu-se capturado pela armadilha. Percebendo a extensão do perigo, chamou depressa o irmão e mostrou-lhe o estado em que se encontrava, aconselhando-o a ali entrar e que lhe cortasse a cabeça para que ele não viesse a ser reconhecido e assim não prejudicasse também o irmão. Este achou que fazia sentido o que ele lhe dizia e seguiu-lhe enfim o conselho; e depois de repor a pedra, voltou para casa carregando a cabeça do irmão.

Na manhã seguinte, entrou o rei na sua câmara especial; e ao ver o corpo do ladrão preso na armadilha, e sem cabeça, muito espantado ficou já que não havia vestígio nem de entrada nem de saída do recinto. E, matutando como deveria proceder em tal circunstância, mandou que pendurassem o corpo do morto na muralha da cidade e encarregassem alguns guardas de prenderem e levarem à sua presença aquele homem ou mulher que vissem chorar ou demonstrar pena do degolado.

Ao ver o corpo desta forma exposto, a mãe, pela grande dor que sentia, exigiu do outro filho que, fosse lá como fosse, tratasse de

trazer o cadáver do irmão, ameaçando-o de, caso se negasse a fazê-lo, denunciá-lo ao rei como o ladrão do tesouro. O filho, notando que a mãe falava sério, e que de nada lhe valiam suas argumentações, concebeu o seguinte artil: mandou que albardassem alguns asnos com odres cheios de vinho e pôs-se a andar com eles, tocando-os com uma vara. Ao chegar ao local onde estavam os guardas, isto é, no local do morto, desatou dois ou três de seus odres e, vendo o vinho escorrendo pelo chão, começou a esmurrar a própria cabeça e a praguejar, como se não soubesse para qual dos asnos devia se voltar em primeiro lugar. Os guardas, ao perceberem que grande quantidade de vinho se derramava, acorreram até lá com vasilhas, considerando o ganho que teriam se apanhassem o vinho perdido. O mercador pôs-se então a xingá-los, dando sinais de viva indignação. Mas os guardas mostraram-se gentis e aos poucos ele foi se acalmando; moderou então sua raiva, afastando por fim os asnos do caminho para tornar a carregá-los; demorando-se no entanto com pequenas conversas com uns e outros, tanto que um dos guardas disse uma pilhéria ao mercador, que riu e até lhe deu, ainda por cima, um odre de vinho. E então os guardas resolveram sentar-se ali mesmo para continuar a beber, pedindo ao mercador que ficasse e bebesse com eles, o que foi aceito; e vendo que eles revelavam nisso grande prazer, o mercador ofereceu-lhes o resto de seus odres de vinho. Quando estavam já caindo de bêbedos, viram-se dominados pelo sono e adormeceram ali mesmo. O mercador esperou até alta noite; depois foi despendurar o corpo do irmão e, rindo-se dos guardas, raspou-lhes a todos a barba da face direita. Colocou o corpo do irmão sobre um dos asnos e tocou-os todos em direção de casa, executando assim a ordem de sua mãe.

No dia seguinte, quando o rei tomou ciência de que o corpo do ladrão fora roubado misteriosamente, ficou muito aborrecido e, querendo porque querendo encontrar o autor de tal astúcia, fez tal coisa que, por mim, mal consigo acreditar: abriu a casa da sua filha e mandou que ela recebesse quem quer que por prazer viesse a procurá-la, indiferente de quem fosse, com a condição de que ela,

antes de se deixar tocar, induzisse cada um deles a dizer o que fizera em sua vida de mais prudente e de mais perverso; aquele que lhe contasse o caso do ladrão deveria ser detido por ela, que não podia deixá-lo sair do seu quarto. A princesa obedeceu ao pai; mas o ladrão, ao perceber para que objetivo a coisa era feita, quis ficar a cavaleiro de todas as astúcias do rei e deu-lhe o seguinte contragolpe: cortou o braço de um recém-falecido, ocultou-o sob suas próprias vestes e foi ao encontro da moça. Logo que entrou, ela o interrogou, como fizera com os outros, e ele contou-lhe que o crime mais monstruoso por ele cometido fora o de arrancar a cabeça do irmão, preso na armadilha do tesouro do rei. Por outro lado, a ação mais avisada que praticara fora despendurar aquele seu mesmo irmão depois de ter embriagado os guardas. Assim que isso tudo ouviu, ela procurou detê-lo; mas o ladrão, valendo-se da escuridão do quarto, estendeu-lhe a mão morta que trazia oculta, e que ela apertou como se fosse a mão daquele com quem falava; enganava-se, porém, pois o ladrão facilmente encontrara como se escapar.

Quando este fato foi relatado ao rei, ele mostrou-se especialmente espantado com a astúcia e ousadia de tal homem. Por fim, ordenou que se fizesse anunciar por todas as cidades do seu reino que ele perdoava tal pessoa, e que se ela quisesse vir se apresentar ao rei, ele lhe concederia largos favores. O ladrão deu crédito à publicação real e foi ter com ele. Quando o rei o viu, ficou assombrado; no entanto, deu-lhe a filha em casamento. Pois - isso pensou ele - os egípcios eram superiores a todos os demais homens, e ele era superior aos próprios egípcios...

Tradução de Flávio Moreira da Costa

4. AS TRÊS MAÇÃS

As Mil e Uma Noites (séculos XII-XVI)

Histórias de sultões poderosos e princesas encantadas, de lâmpadas e tapetes mágicos, de Aladins e Ali Babás, histórias de aventura, de amor, de humor (vide Os Cem Melhores Contos de Humor...]. fantásticas, morais, de costumes - há, enfim, de tudo neste verdadeiro "mar de histórias" que são os relatos das mil e uma noites árabes, ou persas, ou hindus já que tiveram suas origens mais remotas na Índia e que constituem um tesouro do imaginário da humanidade. Ardis, artimanhas, suspense, espionagem, crimes-e-castigos tampouco faltam nas narrativas da princesa Sherazade, ou Cheherazade. Basta que haja alguém para escutá-las.

Senhor - disse ela -, já tive a honra de vos entreter com uma saída noturna do califa Harun al-Rachid. Vou agora contar-vos outra:

"Um dia, ordenou esse príncipe ao grão-vizir Djafar que estivesse no palácio na noite seguinte. Vizir', disse-lhe, 'quero passear pela cidade e ouvir o que dizem os moradores, e sobretudo se estão contentes com a justiça dos meus ministros. Se houver ministros que dêem origem a queixas, depô-los-emos, para substituí-los por outros mais capazes. Se, pelo contrário, houver os que provoquem elogios, teremos por eles a consideração merecida'. O grão-vizir dirigiu-se ao palácio à hora marcada; o califa, ele e Mesrur, chefe dos eunucos, disfarçaram-se e saíram juntos.

Atravessando várias praças e vários mercados, e entrando numa ruazinha, viram ao luar um homem de barba branca, alto, transportando uma rede à cabeça. Trazia no braço um cesto dobrável de folhas de palmeira, e numa das mãos um bastão. 'Esse velho', disse o califa, 'não é rico. Perguntemos-lhe como vão os

negócios'. 'Bom homem', disse-lhe o vizir, 'quem és?' 'Senhor', respondeu-lhe o velho, 'sou pescador, o mais pobre e miserável da minha profissão. Saí de casa, por volta do meio-dia, para ir pescar, e até agora não consegui apanhar um peixinho sequer. No entanto, tenho mulher e filhos, que preciso alimentar'.

O califa, comovido, interveio: Terás ânimo para voltar e lançar a tua rede mais uma vez? Dar-te-emos cem cequins pelo que apanhares.' O pescador, diante da proposta, esqueceu-se das suas dores e voltou para o Tigre com o califa, Djafar e Mesrur, refletindo: 'Estes senhores parecem honestos e sensatos, e hão de recompensar-me pelo meu trabalho; mesmo que me dessem apenas a centésima parte que me prometem, seria bastante para mim.'

Chegados à margem do Tigre, o pescador lançou sua rede. Ao puxá-la, deparou-se-lhes um baú bem fechado e pesado. O califa mandou que lhe entregassem imediatamente os cem cequins, e Mesrur pôs o baú aos ombros por ordem do amo, que, na pressa de saber o que havia lá dentro, voltou ao palácio imediatamente. Abrindo o baú, encontraram um grande cesto de folhas de palmeira, cosido pela abertura com um fio de lã vermelha. Para satisfazer a impaciência do califa, dispensaram o trabalho de descosê-lo; cortaram o fio com uma faca e tiraram do cesto um fardo envolvido num tapete barato, amarrado por uma corda. Cortada a corda, e desfeito o fardo, viu-se com horror o corpo de uma jovem, mais branco que a neve, em pedaços. .. "

Cheherazade, àquela altura, notando que já era dia, interrompeu a história. No dia seguinte, retomou-a:

"Imaginareis melhor do que vos poderiam fazer compreender as minhas palavras o espanto do califa diante de tão horrorosa visão. Da surpresa, porém, passou num instante para a cólera; e lançando um olhar furioso ao vizir, disse-lhe: "Ah, infeliz, é assim que vigias os atos do meu povo? Cometem-se impunemente, sob os teus olhos, crimes na capital, e atiram-se os meus súditos ao Tigre, para que clamem vingança contra mim no Dia do Juízo. Se não vingares imediatamente o assassinato desta mulher com a morte do

assassino, juro pelo santo nome de Deus que te farei enforcar, a ti e a quarenta dos teus parentes.' 'Comendador dos Crentes', respondeu-lhe o grão-vizir, 'suplico-vos que me concedais algum tempo para investigar'. "Não te concedo mais do que três dias para isto", respondeu o califa. 'Cuida, pois, de resolver este mistério.'

O vizir Djafar se retirou, confuso. 'Ai de mim! como poderei, numa cidade tão vasta e povoada como Bagdá, descobrir um assassino que, sem dúvida, cometeu esse crime sem testemunhas, e que talvez já tenha até abandonado a cidade? Outro, que não eu, tiraria da prisão um miserável qualquer e o faria morrer para contentar o califa; mas não quero impor à minha consciência tal peso, e prefiro morrer a salvar-me por este preço.

Ordenou aos oficiais de polícia e justiça, que lhe obedeciam, que procurassem cuidadosamente o culpado. Estes, seguidos dos seus auxiliares, puseram-se em campo, não se julgando menos interessados que o vizir naquela questão. Mas tudo foi inútil; por mais que diligenciassem, não conseguiram descobrir o autor do assassinato; e o vizir compreendeu que, sem intervenção divina, não escaparia da morte.

Efetivamente, no terceiro dia chegou um porteiro à casa do desditoso ministro, ordenando-lhe que o seguisse. O vizir obedeceu. Ao califa perguntar-lhe onde estava o assassino, respondeu: 'Comendador dos Crentes, não encontrei ninguém que pudesse indicar-me seu paradeiro.' O califa censurou-o com furor e ordenou que o enforcassem diante da porta do palácio, a ele e mais quarenta barmecidas.

Enquanto as forcas eram preparadas, e buscavam os quarenta barmecidas, um arauto público, por ordem do califa, anunciou pela cidade:

'Quem quiser ter a satisfação de ver enforcar o grão-vizir Djafar e quarenta barmecidas, seus parentes, vá à praça fronteira ao palácio.

Quando tudo ficou pronto, o juiz e um grande número de guardas do palácio colocaram o grão-vizir e os quarentas

barmecidas ao lado das forcas, e passaram-lhes em volta do pescoço a corda com a qual seriam enforcados. O povo apinhado na praça não pôde presenciar aquele espetáculo sem dor e sem chorar, pois o grão-vizir Djafar e os barmecidas eram estimadíssimos por sua probidade, liberalidade e desinteresse, não somente em Bagdá como também em todo o império do califa.

Nada impedia que se cumprisse a ordem do rei demasiadamente severo, e ia-se tirar a vida à gente mais honesta da cidade, quando um jovem extremamente simpático e muito bem-trajado varou a multidão, chegou aos pés do grão-vizir e, após beijar-lhe a mão, disse-lhe: 'Soberano vizir, chefe dos emires desta Corte, refúgio dos pobres, não sois culpado do crime pelo qual vos encontrais aqui. Retirai-vos e deixai-me pagar a morte da dama atirada ao Tigre. Sou eu o seu assassino, e mereço ser castigado.'

Embora aquelas palavras causassem a mais profunda alegria ao vizir, este não deixou de apiedar-se do jovem, cuja fisionomia, em vez de sinistra, possuía grande atração; e ia responder-lhe quando um velho, varando por sua vez a multidão, aproximou-se do vizir e disse-lhe: ' Senhor, não acrediteis no que vos conta este homem. Fui eu quem matou a dama encontrada no rio; sobre mim somente é que deve recair a punição. Em nome de Deus, suplico-vos que não castigueis o inocente pelo culpado. 'Senhor', respondeu o jovem, dirigindo-se ao vizir, 'juro-vos que fui eu que cometi essa maldade, e que não tive cúmplice'. 'Meu filho', interrompeu-o o ancião, 'é o desespero que aqui te conduz, e o que queres é adiantar-te ao destino; quanto a mim, há muito que estou no mundo, e é preciso que dele me despeça. Deixa que eu sacrifique a minha vida pela tua'. 'Senhor', acrescentou, voltando-se para o vizir, 'mais uma vez afirmo que sou eu o assassino; ordenai, pois, que me enforcuem.

A disputa entre o ancião e o jovem obrigou o vizir Djafar a levá-los à presença do califa, com a licença do oficial encarregado da terrível execução. Ao chegar diante do califa, beijou a terra sete vezes, e assim disse: 'Comendador dos Crentes, trago à presença de Vossa Majestade este ancião e este jovem que afirmam, separadamente, ser os autores da morte da dama.' O califa

perguntou aos acusados qual dos dois havia trucidado tão cruelmente a dama, lançando-a depois ao Tigre. O jovem assegurou que fora ele; mas o ancião, por sua vez, sustentou o contrário. 'Enforca ambos', ordenou o califa ao grão-vizir. 'Mas, Senhor', respondeu o vizir, 'se apenas um é o culpado, seria injusto fazer morrer o outro'.

Àquelas palavras, o jovem prosseguiu: 'Juro, pelo Deus que elevou os céus à altura em que se encontram, que matei a dama e a atirei ao Tigre, há quatro dias. Que eu não participe do Dia do Juízo, se não é verdade o que afirmo; devo, portanto, ser punido.' O califa, surpreso com o juramento, acreditou, tanto mais que o ancião nada respondeu. Voltando-se, pois, ao jovem, perguntou-lhe: 'Infeliz, por que cometeste tão detestável crime? E que razão tiveste para te ofereceres espontaneamente à morte?' 'Comendador dos Crentes', ele respondeu, 'se se escrevesse tudo quanto se passou entre a dama e mim, seria uma história muito útil aos homens'. 'Conta-a, pois', ordenou o califa; 'ordeno-te'. O jovem obedeceu e começou sua história."

Cheherazade quis prosseguir, mas viu-se obrigada a adiar a continuação para a noite seguinte.

Chahriar perguntou à sultana o que havia o jovem contado ao califa Harun al-Rachid. - Senhor - respondeu Cheherazade -, ele falou nestes termos:

"Comendador dos Crentes, sabereis que a dama trucidada era minha mulher, filha deste ancião, que é meu tio paterno. Não tinha ela mais que 12 anos quando a desposei, e, desde aquele dia, passaram-se 11 anos. Deu-me três meninos, que vivem; e devo reconhecer que jamais me proporcionou o menor motivo de queixa. Era sensata, tinha boas maneiras e cuidava de me agradar. Da minha parte, eu a amava profundamente, e adivinhava-lhe os desejos.

Há cerca de dois meses, ela adoeceu; cheio de cuidados, nada poupei para que sua cura fosse rápida. Ao fim de um mês, começou a melhorar, e quis banhar-se. Antes de sair, disse-me: Meu primo,

pois assim me chamava, desejava comer maçãs; tu me darias muito prazer se me arranjasses algumas; há muito que tenho desejo, e confesso-te que aumentou a tal ponto que, se não o satisfizer, poderá suceder-me uma desgraça. De muito boa vontade, respondi-lhe: Farei o possível para contentar-te.

Fui imediatamente procurar maçãs em todos os mercados e casas; mas não consegui encontrar uma sequer, embora oferecesse por ela um cequim. Voltei, aborrecidíssimo pelo meu inútil trabalho. Quanto a minha mulher, quando voltou do banho e não viu maçãs, sentiu tanto que não pôde dormir durante a noite. Levantei-me de manhãzinha, e fui a todos os pomares; mas não tive melhor êxito que na véspera. Um velho jardineiro, porém, disse-me que, por mais que eu procurasse, só encontraria maçãs no pomar de Vossa Majestade, em Bassorá.

Amando apaixonadamente minha mulher, e não querendo censurar-me por negligenciar alguma coisa a fim de contentá-la, parti para Bassorá, após contar-lhe o que pretendia fazer. De tal forma andei, que voltei ao fim de 15 dias, trazendo três maçãs pelas quais pagara três cequins. Não havia outras no pomar, e o jardineiro só as entregara por aquele preço. Chegando, apresentei-as a minha mulher; mas o desejo passara-lhe. Assim, contentou-se em recebê-las, pondo-as de lado. Entretanto, ela continuava doente, e eu não sabia que remédio dar ao seu mal.

Alguns dias depois da jornada, eu estava sentado na minha loja no lugar em que se vendem todos os tipos de tecidos finos, quando vi entrar um grande escravo negro, de péssima aparência, segurando na mão uma maçã, que reconheci ser uma das que eu trouxera de Bassorá. Não podia duvidar, pois sabia que não havia maçãs em Bagdá nem nos pomares das cercanias. Chamei o escravo e perguntei-lhe: Meu bom escravo, dize-me onde pegaste esta maçã. É um presente, respondeu-me sorrindo, que me foi dado por minha amante. Fui visitá-la hoje e encontrei-a um pouco doente. Ao seu lado vi três maçãs, e perguntei-lhe de quem as havia recebido; respondeu-me que o bom do marido fizera uma jornada de 15 dias expressamente para ir buscá-las. Comemos

juntos, e ao deixá-la peguei uma das frutas. Aquelas palavras puseram-me fora de mim. Levantei-me, e, após fechar a loja, corri para casa, e dirigi-me imediatamente para o quarto de minha mulher. Olhei em primeiro lugar para as maçãs, e vendo apenas duas, perguntei onde estava a terceira. Minha mulher, voltando a cabeça para o lado das maçãs, respondeu-me com frieza: Meu primo, não sei o que foi feito da terceira. Não duvidei da verdade das palavras do escravo, e um ciúme furioso se apoderou de mim. Puxando uma faca que trazia à cintura, mergulhei na garganta da miserável. Em seguida, cortei-lhe a cabeça e o corpo; amontoei tudo num cesto, e, cosendo a abertura do cesto com um fio de lã vermelha, meti-o num baú, que, de noite, levei nos ombros e fui lançar ao Tigre.

Meus dois filhos menores já estavam deitados e adormecidos; o terceiro achava-se fora; encontrei-o quando voltei, sentado perto da porta, chorando amargamente. Perguntei-lhe a razão das lágrimas, e ele me respondeu: Meu pai, furtei hoje de manhã, de mamãe, sem que ela o notasse, uma das três maçãs que vós lhe trouxestes. Guardei-a comigo bastante tempo; mas há pouco, quando estava brincando na rua com meus irmãos, um escravo negro que ia passando arrancou-a da minha mão; corri atrás dele, pedindo-a de volta, mas foi em vão que lhe expliquei que pertencia a minha mãe doente, e que vós tínheis feito uma viagem de 15 dias para ir buscá-la; tudo foi inútil. Não quis devolvê-la; e como eu o seguisse chorando, voltou-se, bateu-me, pondo-se em seguida a correr por várias ruas; de modo que o perdi de vista. Desde então, estive passeando fora da cidade, aguardando o vosso regresso; e aguardei-vos, meu pai, para vos rogar que não digais nada do que sucedeu a minha mãe, a fim de que não adoeça mais gravemente. Terminando, redobrou as lágrimas.

As palavras do meu filho me produziram inconcebível aflição; reconheci, então, a enormidade do meu crime, e arrependi-me, mas demasiadamente tarde, de ter dado crédito à impostura de um desgraçado, o qual, com o que soubera de meu filho, contara a funesta história que eu tomara por verdadeira. Meu tio, que está

aqui presente, chegou naquele momento para visitar sua filha, mas em vez de encontrá-la viva, soube por mim mesmo que já não existia mais, pois nada lhe ocultei; e, sem esperar que me condenasse, declarei-me o mais cruel dos homens. Contudo, meu tio, em vez de me censurar, uniu suas lágrimas às minhas, e juntos choramos três dias, ele a perda de uma filha sempre ternamente amada, e eu a de uma mulher querida, de que me havia privado tão impiedosa mente, crendo nas palavras de um escravo mentiroso. Eis, Comendador dos Crentes, a sincera confissão que de mim exigistes. Sabeis agora as circunstâncias do crime, e eu vos suplico humildemente que ordeneis meu castigo; por mais rigoroso que seja, nada murmurarei, e hei de achá-lo suave.

O califa pasmou."

Cheherazade, pronunciando aquelas palavras, percebeu que já era dia, e parou de falar. Mas, na noite seguinte, assim retomou o fio da história.

"O califa pasmou com o que o jovem acabara de contar. Mas aquele príncipe justo, achando-o mais digno de pena, disse: 'O gesto deste jovem é perdoável perante Deus e desculpável perante os homens. O escravo é a única e verdadeira causa do crime; ele é quem devemos punir. 'Portanto', continuou, voltando-se para o grão-vizir, 'dou-te três dias para encontrá-lo. Se ao fim deste prazo não o trouxeres, morrerás no seu lugar!'

O infeliz Djafar, que já se julgava fora de perigo, ficou estarecido com a nova ordem do califa; mas por não ousar responder-lhe, visto que conhecia o temperamento de seu amo, retirou-se com lágrimas nos olhos, convencido de que só lhe restavam três dias de vida. Estava de tal modo convencido de não encontrar o escravo que nem se deu ao trabalho de fazer investigações. 'Não é possível', refletia, 'que numa cidade como Bagdá, onde há uma infinidade de escravos negros, eu descubra o autor da mentira; a não ser que Deus me dê a conhecê-lo, assim como já me fez descobrir o assassino'.

Djafar passou os dois primeiros dias chorando com sua família e queixando-se do rigor do califa. No terceiro, dispôs-se a morrer com firmeza, como ministro íntegro que

nada tem para se censurar. Mandando vir cádis e testemunhas, pediu-lhes que assinassem o testamento feito na presença deles. Depois, abraçou sua mulher e seus filhos, e se despediu. Toda a sua família chorava. A cena era das mais comoventes. Finalmente, um emissário, vindo do palácio, disse-lhe que o califa se impacientava por não receber notícias suas nem do escravo negro. 'Tenho ordem', acrescentou, 'de vos levar ao trono'. O vizir preparou-se para seguir o emissário. Quando já ia sair, trouxeram-lhe a menor de suas filhas, de cinco ou seis anos, a fim de que a visse pela última vez.

Como a amava ternamente, rogou ao emissário que lhe permitisse deter-se um instante, e aproximando-se da filhinha, pegou-a ao colo e beijou-a repetidas vezes. Ao beijá-la, percebeu que ela tinha nos braços alguma coisa perfumada. 'Minha filhinha', perguntou-lhe, 'que escondes aí?' 'Meu querido pai', respondeu-lhe a menina, 'é uma maçã sobre a qual está escrito o nome do califa, nosso senhor e amo. Rihan, nosso escravo, me vendeu por dois cequins.

Ouvindo pronunciar maçã e escravo, Djafar deu um grito de surpresa e alegria, e tirou imediatamente da filhinha a maçã. Em seguida, mandou chamar o escravo, que não estava longe, e quando o viu, perguntou-lhe: 'Patife, onde pegaste esta maçã?' 'Senhor', respondeu o escravo, 'juro que não a roubei nem de vós, nem do pomar do Comendador dos Crentes. Um dia destes, ao passar por uma rua, notei três ou quatro meninos que brincavam; um deles segurava uma maçã. Arranquei-a. O menino correu atrás de mim, dizendo-me que a fruta não lhe pertencia, que era de sua mãe doente, que seu pai, para ir buscá-la, fizera uma longa viagem, e que ele a furtara sem que sua mãe o visse. Foram inúteis os seus rogos; trouxe a maçã para casa e vendi-a por dois cequins a vossa filhinha. É tudo quanto tenho para vos dizer'.

Djafar se admirou de como a gatunice de um escravo havia causado a morte de uma mulher inocente, e quase a sua. Levou o

escravo, e, diante do califa, repetiu tudo o que soubera, contando o acaso pelo qual descobrira o seu crime.

Não há surpresa que se compare à do califa, que não conseguiu refrear uma explosão de riso. Finalmente, já sério novamente, disse ao vizir que, visto ser causa de tão estranha fatalidade, seu escravo merecia punição exemplar. 'Não posso deixar de concordar, Senhor', respondeu o vizir, 'mas seu crime não é irremissível. Sei uma história mais surpreendente, de um vizir do Cairo, chamado Nuredin Ali, e de Bedredin, Hassan de Bassorá. Como vos agradam ouvir tais histórias, estou pronto a contá-la, contanto que, se a achardes mais interessante que esta, perdoeis meu escravo'. 'Sim', concordou o califa, 'mas tu te metes em grande dificuldade, e não creio que possas salvar teu escravo, pois a história das maçãs é bem singular'."

Tradução de Alberto Diniz

5. ÉDIPO REI

SÓFOCLES (c. 496-406 a.C. | Grécia)

Édipo Rei, de Sófocles, consegue, cinco séculos antes de Cristo, tal a sua importância na história da humanidade, estar presente hoje na base da dramaturgia ocidental, na criação da psicanálise e... nos primórdios do romance policial. Pelo menos nove entre dez estudiosos de literatura policial (a exceção é o filósofo Roger Callois, em seu Le Roman Policièrej situam este marco da tragédia grega como um precursor do gênero de massa que só iria se desenvolver mais de vinte séculos depois. É isso que justifica (mesmo através de um pequeno desvio de "gênero ",já que teatro não é conto, embora ambos sejam narrativas ficcionais, mas com um objetivo, digamos assim, "didático") sua inclusão na nossa antologia, através de um trecho significativo, no qual esta aproximação pelo menos nos enriquece. A tradução, direta do grego, é do competente Mário da Gama Kury.

(...)

ÉDIPO

Ah! Filhos meus, merecedores de piedade!

Sei os motivos que vos fazem vir aqui; vossos anseios não me são desconhecidos.

Sei bem que todos vós sofreis mas vos afirmo que o sofrimento vosso não supera o meu.

Sofre cada um de vós somente a própria dor; minha alma todavia chora ao mesmo tempo pela cidade, por mim mesmo e por vós todos.

Não me fazeis portanto levantar agora como se eu estivesse entregue ao suave sono.

Muito ao contrário, digo-vos que na verdade já derramei sentidas, copiosas lágrimas.

Meu pensamento errou por rumos tortuosos.

Veio-me à mente apenas uma solução, que logo pus em prática: mandei Creonte, filho de Meneceu, irmão de minha esposa, ao santuário pítico do augusto Febo para indagar do deus o que me cumpre agora fazer para salvar de novo esta cidade.

E quando conto os muitos dias transcorridos desde a partida dele, sinto-me inquieto com essa demora estranha, demasiado longa.

Mas, quando ele voltar, eu não serei então um homem de verdade se não fizer tudo que o deus ditar por intermédio de Creonte.

(Os anciãos do CORO, que se haviam agrupado em volta de Édipo enquanto ele falava, fazem um gesto indicando alguém que se aproxima.)

SACERDOTE

Sim, vejo que falaste a tempo; neste instante apontam-me Creonte; ei-lo de volta, enfim.

(Entra CREONTE, apressado, coroadado de bagas de loureiro com aspecto alegre.)

ÉDIPO

Traga-nos ele, deus Apolo, a salvação resplandecente como seu próprio semblante!

SACERDOTE

Ele parece alegre; as bagas de loureiro em forma de coroa são um bom sinal.

ÉDIPO

Ele já pode ouvir-nos; logo o escutaremos.

(Dirigindo-se a CREONTE.)

Filho de Meneceu, príncipe, meu cunhado, transmite-nos depressa o que te disse o deus!

CREONTE

Foi favorável a resposta, pois suponho que mesmo as coisas tristes, sendo para bem, podem tornar-se boas e trazer ventura.

ÉDIPO

Mas, que resposta ouviste?

Estas palavras tuas se por um lado não me trazem mais temores por outro são escassas para dar-me alívio.

CREONTE

(Indicando os tebanos ajoelhados.)

Se é teu desejo ouvir-me na presença deles, disponho-me a falar.

Ou levas-me ao palácio?

ÉDIPO

Quero que fales diante dos tebanos todos; minha alma sofre mais por eles que por mim.

CREONTE

Revelarei então o que ouvi do deus.

Ordena-nos Apolo com total clareza que libertemos Tebas de uma execração oculta agora em seu benevolente seio, antes que seja tarde para erradicá-la.

ÉDIPO

Como purificá-la? De que mal se trata?

CREONTE

Teremos de banir daqui um ser impuro ou expiar morte com morte, pois há sangue causando enormes males à nossa cidade.

ÉDIPO

Que morte exige expiação?

Quem pereceu?

CREONTE

senhor, outrora rei deste país, antes de seres aclamado soberano.

ÉDIPO

Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo.

CREONTE

Ele foi morto: o deus agora determina que os assassinos tenham o castigo justo, seja qual for a sua posição presente.

ÉDIPO

Onde os culpados estarão?

Onde acharemos algum vestígio desse crime muito antigo?

CREONTE

Em nossa terra, disse o deus; o que se busca encontra-se, mas foge-nos o que deixamos.

ÉDIPO

Foi no palácio, foi no campo ou em terra estranha que assassinaram Laio como nos falaste?

CREONTE

Disse ele, quando foi, que ia ouvir o deus e nunca mais voltou aos seus, à sua terra.

ÉDIPO

Nenhum arauto ou companheiro de viagem viu algo que pudesse orientar-nos hoje?

CREONTE

Todos estão agora mortos, salvo um que desapareceu com medo e pouco disse.

ÉDIPO

Que disse?

É pouco, mas um mínimo detalhe talvez nos leve a descobertas decisivas se nos proporcionar um fio de esperança.

CREONTE

Falou que alguns bandidos encontraram Laio e o trucidaram, não com a força de um só homem pois numerosas mãos se uniram para o crime.

ÉDIPO

Como teria ousado tanto o malfeitor sem conspirata em Tebas e sem corrupção?

CREONTE

Tivemos essa idéia, mas após o crime nenhum de nós em meio a males mais prementes pôde cuidar naquela hora de vingá-lo.

ÉDIPO

Que males, no momento em que o poder caía, vos impediram de aclarar o triste evento?

CREONTE

A Esfinge, entoando sempre trágicos enigmas, não nos deixou pensar em fatos indistintos; outros, patentes, esmagavam-nos então.

ÉDIPO

Pois bem; eu mesmo, remontando à sua origem, hei de torná-los evidentes sem demora.

Louve-se Febo, sejam tu também louvado pelos cuidados que tiveste quanto ao morto; verás que vou juntar-me a ti e secundar-te no esforço para redimir nossa cidade.

E não apagarei a mácula por outrem, mas por mim mesmo: quem matou antes um rei bem poderá querer com suas próprias mãos matar-me a mim também; presto um serviço a Laio e simultaneamente sirvo à minha causa.

(Dirigindo-se aos tebanos ajoelhados.)

Vamos depressa, filhos!

Vamos, levantai-vos desses degraus!

Levai convosco os vossos ramos de suplicantes; quando decorrer o tempo reúna-se de novo aqui a grei de Cadmos e dedicar-me-ei de todo ao meu intento.

Querendo o deus, quando voltarmos a encontrar-nos teremos satisfeito este nosso desejo, pois o contrário será nossa perdição.

SACERDOTE

Sim, filhos meus, ergamo-nos; foi para isso que aqui nos reunimos todos neste dia.

E possa Febo, inspirador das predições, juntar-se a nós, ele também, para salvar-nos e nos livrar deste flagelo para sempre!

(Retiram-se ÉDIPO, CREONTE, o SACERDOTE e o povo. Permanece em cena o CORO, composto de anciãos, cidadãos notáveis de Tebas.)

CORO

Doce palavra de Zeus poderoso, que vens trazendo da faustosa Delfos à ilustre Tebas?

Tenho meu espírito tenso de medo; tremo de terror, deus salutar de Delos, e pergunto, inquieto, por que sendas me conduzes, novas, talvez, ou talvez repetidas após o lento perpassar dos anos.

Dize-me, filha da Esperança áurea, voz imortal!

Invoco-te primeiro, filha do grande Zeus, eterna Atena, e tua irmã, guardiã de Tebas, Ártemis, que tem assento em trono glorioso na ágora de forma circular, e Febo, que de longe lança flechas: aparecei, vós três, em meu socorro!

Se de outra vez, para afastar de nós flagelo igual que nos exterminava pudestes extinguir as longas chamas da desventura, vinde a nós agora!

Ah! Quantos males nos afligem hoje!

O povo todo foi contagiado e já não pode a mente imaginar recurso algum capaz de nos valer!

Não crescem mais os frutos bons da terra; mulheres grávidas não dão à luz, aliviando-se de suas dores; sem pausa, como pássaros velozes, mais rápidas que o fogo impetuoso as vítimas se precipitam céleres rumo à mansão do deus crepuscular. Tebas perece com seus habitantes e sem cuidados, sem serem chorados, ficam no chão, aos montes, os cadáveres, expostos, provocando novas mortes.

Esposas, mães com seus cabelos brancos, choram junto aos altares, nos degraus onde gemendo imploram compungidas o fim de tão amargas provações.

E o hino triste repercute forte ao misturar-se às vozes lamentosas.

Diante disso, filha rutilante de Zeus supremo, outorga-nos depressa a tua sorridente proteção!

Faze também com que Ares potente, que agora nos ataca esbravejando e sem o bronze dos escudos queima-nos, vá para longe, volte-nos as costas, procure o leito imenso de Anfitrite ou as revoltas vagas do mar Trácio, pois o que a noite poupa o dia mata!

Zeus pai, senhor dos fúlgidos relâmpagos, esmaga esse Ares, Zeus, com teus trovões!

O meu desejo, Apolo, é que dispares com teu arco dourado flechas rápidas, inevitáveis, para socorrer-nos, para nos proteger; o mesmo espero das tochas fulgurantes com que Ártemis percorre os montes lícios; meu apelo também dirijo ao deus da tiara de ouro, epônimo de Tebas, Baco alegre de rosto cor de vinho, companheiro Dêls Mênades, para que avance e traga a todos nós a tão pedida ajuda com seu archote de brilhante chama contra esse deus que nem os deuses preza m!

(ÉDIPO reaparece, vindo do palácio, e dirige-se ao CORIFEU.)

ÉDIPO

Suplicas proteção e alívio de teus males.

Sem dúvida serão ouvidas tuas preces se deres a atenção devida à minha fala e tua ação corresponder às circunstâncias.

Quero dizer estas palavras claramente, alheio aos vãos relatos, preso à realidade.

Hei de seguir, inda que só, o rumo certo, o indício mais sutil será suficiente.

Já que somente após os fatos alegados honraram-me os tebanos com a cidadania, declaro neste instante em alta voz, cadmeus: ordeno a quem souber aqui quem matou Laio, filho de Lábdaco, que me revele tudo; ainda que receie represálias, fale!

Quem se denunciar não deverá ter medo; não correrá outro perigo além do exílio; a vida lhe será poupada. Se alguém sabe que o matador não é tebano, é de outras terras, conte-me logo, pois à minha gratidão virá juntar-se generosa recompensa.

Mas se ao contrário, cidadãos, nada disserdes e se qualquer de vós quiser inocentar-se por medo ou para proteger algum amigo da imputação de assassinato, eis minhas ordens:

Proíbo terminantemente aos habitantes deste país onde detenho o mando e o trono que acolham o assassino, sem levar em conta o seu prestígio, ou lhe dirijam a palavra ou lhe permitam irmanar-se às suas preces ou sacrifícios e homenagens aos bons deuses ou que partilhem com tal homem a água sacra!

Que todos, ao contrário, o afastem de seus lares pois ele comunica mácula indelével segundo nos revela o deus em seu oráculo.

Eis, cidadãos, como demonstro acatamento ao deus e apreço ao rei há tanto tempo morto.

O criminoso ignoto, seja ele um só ou acumpliciado, peço agora aos deuses que viva na desgraça e miseravelmente!

E se ele convive comigo sem que eu saiba, invoco para mim também os mesmos males que minhas maldições acabam de atrair inapelavelmente para o celerado!

Exorto-vos a proceder assim, tebanos, em atenção a mim, ao deus, por esta terra que em frente aos vossos olhos está perecendo entregue pelos numes à esterilidade.

Ainda que essa purificação forçosa não vos houvera sido imposta pelo deus, não deveríeis deixar Tebas maculada, pois era o morto um homem excelente, um rei; cumpria-vos esclarecer os fatos logo.

Considerando que hoje tenho em minhas mãos o mando anteriormente atribuído a Laio e que são hoje meus seu leito e a mulher que deveria ter-lhe propiciado filhos, e finalmente que se suas esperanças por desventura não houvessem sido vãs, crianças concebidas por uma só mãe teriam estreitado laços entre nós (mas a desgraça lhe caiu sobre a cabeça), por todos esses ponderáveis fundamentos hei de lutar por ele como por meu pai e tomarei as providências necessárias à descoberta do assassino do labdácida, progênie do rei Polidoro, descendente de Cadmos e Agenor, os grandes reis de antanho.

E quanto aos desobedientes, peço aos deuses que a terra não lhes dê seus frutos e as mulheres não tenham filhos deles, e sem salvação pereçam sob o peso dos males presentes ou vítimas de mal muitas vezes maior.

Mas, para vós, cadmeus que concordais comigo, possa a justiça sempre estar do vosso lado e não vos falte nunca a proteção divina!

CORIFEU

Escuta, então, senhor; tuas imprecações compelem-me a falar.

Não fui o assassino, nem sei quem foi; cabia a Febo, deus-profeta, que nos mandou punir agora o criminoso, dizer-nos quem outrora cometeu o crime.

ÉDIPO

São justas as tuas palavras, mas ninguém detém poder bastante para constranger os deuses a mudar os seus altos designios.

CORIFEU

Veio-me à mente uma segunda idéia; exponho-a?

ÉDIPO

Mesmo a terceira, se tiveres, quero ouvir.

CORIFEU

Sei que Tirésias venerável é o profeta mais próximo de Febo; se lhe perguntares, dele ouviremos a revelação dos fatos.

ÉDIPO

Não descurei desse recurso; aconselhado há pouco por Creonte, já mandei buscá-lo.

Espanta-me que ainda não tenha chegado.

CORIFEU

E quanto ao mais, só há rumores vãos, remotos.

ÉDIPO

Quais os rumores?

Quero conhecê-los todos.

CORIFEU

Dizem que Laio foi morto por andarilhos.

ÉDIPO

Também ouvi dizer, mas não há testemunhas.

CORIFEU

Mas se o culpado for sensível ao temor, não há de resistir quando tiver ciência de tua dura, assustadora imprecação.

ÉDIPO

Quem age sem receios não teme as palavras.

CORIFEU

(Vendo TIRBIAS aproximar-se.)

Já vejo aproximar-se quem vai descobri-lo. Estão trazendo em nossa direção o vate guiado pelos deuses, único entre os homens que traz em sua mente a lúcida verdade.

(Entra TIRÉSIAS, idoso e cego, conduzido por um menino.)

ÉDIPO

Tu, que apreendes a realidade toda, Tirésias, tanto os fatos logo divulgados quanto os ocultos, e os sinais vindos do céu e os deste mundo (embora não consigas vê-los), sem dúvida conheces os terríveis males que afligem nossa terra; para defendê-la, para salvá-la, só nos resta a tua ajuda.

Se ainda não ouviste de meus mensageiros, Apolo revelou ao meu primeiro arauto que só nos livraremos do atual flagelo se, descoberto o assassino do rei Laio, pudermos condená-lo à morte ou ao exílio.

Nesta emergência então, Tirésias, não nos faltes, não nos recuses a revelação dos pássaros nem os outros recursos de teus vaticínios; salva a cidade agora, salva-te a ti mesmo, salva-me a

mim também, afasta de nós todos a maldição que ainda emana do rei morto!

Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre de um homem é ser útil aos seus semelhantes até o limite máximo de suas forças.

TIRÉSIAS

Pobre de mim!

Como é terrível a sapiência quando quem sabe não consegue aproveitá-la!

Passou por meu espírito essa reflexão mas descuidei-me, pois não deveria vir.

ÉDIPO

Qual a razão dessa tristeza repentina?

TIRÉSIAS

Manda-me embora!

Assim suportarás melhor teu fado e eu o meu.

Deixa-me convencer-te!

ÉDIPO

Carecem de justiça tais palavras tuas e de benevolência em relação a esta terra que te nutriu, pois não quiseste responder.

TIRÉSIAS

Em minha opinião a tua longa fala foi totalmente inoportuna para ti.

Então, para que eu não incorra em erro igual.. .

(TIRÉSIAS faz menção de afastar-se.)

ÉDIPO

Não, pelos deuses, já que sabes não te afastes!

Eis-nos aqui à tua frente, ajoelhados em atitude súplice, toda a cidade!

TIRÉSIAS

Pois todos vós sois insensatos.

Quanto a mim, não me disponho a exacerbar meus próprios males; para ser claro, não quero falar dos teus.

ÉDIPO

Que dizes?

Sabes a verdade e não a falas?

Queres trair-nos e extinguir nossa cidade?

TIRÉSIAS

Não quero males para mim nem para ti.

Por que insistes na pergunta?

É tudo inútil.

De mim, por mais que faças nada saberás.

ÉDIPO

Não falarás, então, pior dos homens maus, capaz de enfurecer um coração de pedra?

Persistirás, inabalável, inflexível?

TIRÉSIAS

Acusas-me de provocar a tua cólera?

Não vês aquilo a que estás preso e me censuras?

ÉDIPO

E quem resistiria à natural revolta ouvindo-te insultar assim nossa cidade?

TIRÉSIAS

O que tiver de vir virá, embora eu cale.

ÉDIPO

Mas tens de revelar-me agora o que há de vir!

TIRÉSIAS

Nada mais digo; encoleriza-te, se queres; cede à mais cega ira que couber em ti!

ÉDIPO

Pois bem.

Não dissimularei meus pensamentos, tão grande é minha cólera.

Fica sabendo que em minha opinião articulaste o crime e até o consumaste!

Apenas tua mão não o matou.

E se enxergasses eu diria que foste o criminoso sem qualquer ajuda!

TIRÉSIAS

Teu pensamento é este?

Então escuta: mando que obedecendo à ordem por ti mesmo dada não mais dirijas a palavra a esta gente nem a mim mesmo, pois és um maldito aqui!

ÉDIPO

Quanta insolência mostras ao falar assim!
Não vês que aonde quer que vás serás punido?

TIRÉSIAS

Sou livre; trago em mim a impávida verdade!

ÉDIPO

De quem a recebeste?
Foi de tua arte?

TIRÉSIAS

De ti; forçaste-me a falar, malgrado meu.

ÉDIPO

Que dizes?
Fala novamente!
Vamos!
Fala!
Não pude ainda compreender tuas palavras.

TIRÉSIAS

Não percebeste logo?
Queres que eu repita?

ÉDIPO

Parece-me difícil entender-te.
Fala!

TIRÉSIAS

Pois ouve bem: és o assassino que procuras!

(...)

Tradução de Mário da Gama Kury

6. O GUERREIRO JULIANO

Cesorius von Heisterbach (? -1245 | Alemanha)

O abade medieval Cesarius von Heisterbach escreveu em 7245, e em latim, seu Dialogus Miraculorum. Hermann Hesse incluiria alguns destes pequenos relatos em Geschichten aus dem Mittelalter (Histórias Medievais). Esta lenda de Juliano, a história de um guerreiro que viraria santo, e que se aparenta ao destino trágico de Édipo, repercutiria literariamente em pleno século XIX, com Lenda de São Julien Hospitaleiro (o que parece ter "escapado" da atenção de Hesse), um dos famosos Três Contos de Gustave Flaubert.

Era uma vez um guerreiro chamado Juliano que, sem saber, acabou matando seus pais. Pois quando esse nobre jovem, num dia de caça, perseguia um cervo, o animal subitamente se voltou para ele e lhe disse:

- Tu que estás me seguindo serás o assassino de teu pai e de tua mãe.

Assustou-se bastante o guerreiro, por achar que lhe poderia de fato acontecer o que ouvira do cervo.

Assim pensando, abandonou a todos, partiu, chegou a terras distantes e lá conheceu um príncipe. Tão bravo revelou-se Juliano no campo de batalha e no palácio que o príncipe nomeou-o comandante, deu-lhe a viúva de um castelão como esposa, tendo ela um castelo como dote.

Enquanto isso, os pais de Juliano viajavam de um lado para o outro à procura do filho, movidos pela profunda dor de seu desaparecimento. Chegaram um dia, finalmente, ao castelo onde morava o guerreiro.

Quando a esposa do guerreiro viu o casal, e como seu esposo não estivesse em casa, perguntou quem eram eles; os pais

contaram tudo o que acontecera com o filho, e ela percebeu que deviam mesmo ser os pais de seu marido, pois muitas vezes ouvira dele as mesmas histórias. Acolheu-os assim com muita hospitalidade e, por amor ao marido, ofereceu-lhes a sua própria cama e mandou que preparassem para si as acomodações em outro lugar.

De manhã, a castelã foi à igreja, e Juliano chegou cedo e foi direto ao quarto para acordar a mulher; quando, ao entrar, viu as duas pessoas deitadas lado a lado, foi logo levado pela suspeita de que a própria esposa estivesse deitada com um amante. Em silêncio, sacou a espada e ao mesmo tempo matou os dois.

Em seguida, saiu do quarto e, já em frente da casa, avistou sua mulher saindo da igreja. Muito surpreso, perguntou a ela quem eram os dois que dormiam na cama. E ela respondeu:

- São os seus pais, que procuravam por você há muito tempo; resolvi colocá-los no nosso quarto.

Juliano quase caiu morto de horror, e pôs-se a chorar copiosamente. Finalmente

falou:

- Ai de mim, desgraçado que sou, o que vou fazer agora depois de ter matado meus adorados pais? Entende? A palavra do cervo acabou se cumprindo; eu pretendi fugir a ela, e foi assim que transformei-a em verdade. Adeus, agora, minha doce irmã, pois não posso descansar até saber que Deus aceitou o meu arrependimento!

E ela disse:

- Meu amantíssimo irmão, você não irá me deixar, tampouco irá partir sem mim, pois, como participei das suas alegrias, quero participar também da sua dor.

Foram depois disso morar juntos num largo rio, onde muitos corriam perigo de vida; construíram um abrigo para fazerem penitência e ajudavam a atravessar o rio a todos que os que assim desejavam e recebiam no seu abrigo todos os pobres.

Depois de muito tempo, quando certo dia Juliano, cansado, adormecera, e fazia um frio terrível, ele escutou uma voz que gritava em tom de lamento, suplicando tristemente que a ajudasse a atravessar o rio para aquele lado. Ao escutá-la, levantou-se logo e encontrou uma pessoa já quase congelada pelo frio; levou-a então para sua morada, acendeu o fogo e procurou aquecê-la; mas essa pessoa não conseguia se aquecer. E como Juliano temesse que ela morresse em suas mãos, levou-a para a sua cama e cobriu-a bem coberta. Depois de pouco tempo, aquele que lhe parecera doente e leproso ergueu-se para os céus, aureolado por uma luz brilhante e disse a seu hospedeiro:

- Juliano, o Senhor enviou-me a ti e ordenou que te avisasse de que aceitou sua penitência e de que em breve tu e tua esposa repousareis no Senhor.

Com essas palavras o anjo desapareceu, e Juliano e sua esposa, ricos em boas obras e em misericórdia, em muito pouco tempo, repousaram no Senhor.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

7. DO GRANDE MEDO QUE PASSOU O AUTOR NO REINO DE QUEDÁ

FERNÃO MENDES PINTO (c. 1510-1583 | PortugaI)

Eram tantas e tão extravagantes as peripécias deste autor para o imaginário da época que seus contemporâneos só o chamavam de "Fernão Mentos Pinto". Autor de um único livro, e um livro único no gênero - Peregrinações (1614), perto do qual as narrativas de Marco Polo parecem inocentes -, Mendes Pinto conta suas extraordinárias viagens pela Índia, Arábia, Etiópia, China, Tartária e ilhas do Pacífico. Há quem afirme que ele estava com o primeiro grupo de jesuítas que chegou ao Japão. O português de Fernão Mendes Pinto só é legível devido à transposição integral para o português moderno, feita por Adolfo Casais Monteiro, em 1952 (Imprensa Nacional, Lisboa, 1983), e por Antônio José Saraiva (Publicações Europa-América, Lisboa, 1958). Optamos por usar a transcrição de Saraiva, por ser de mais fácil leitura para nós, brasileiros. (Os velhos relatos de aventuras desta época, passando por Robert Louis Stevenson e Rafael Sabatini, alguns séculos mais tarde, são pioneiros no que se chamaria depois de literatura de massa, incluindo aí o policial.)

Vindo de Malaca, Fernão Mendes Pinto desembarcou na cidade de Quedá, na costa de Samatra. Viaja ao serviço de Pero de Faria, capitão de Malaca. Acompanha-o um mouro, chamado Coja Ale, que é administrador do capital investido nesta viagem pelo mesmo capitão, sendo Fernão Mendes o encarregado da parte diplomática e oficial.

Neste tempo que aqui chegámos estava el-rei celebrando, com grande aparato e pompa fúnebre de tangeres, bailos, gritas e de muitos pobres a que dava de comer, as exéquias da morte de seu

pai, que ele matara às punhaladas para se casar com sua mãe, que estava já prenhe dele. E por evitar as murmurações que sobre este horrendo e nefandíssimo caso havia no povo, mandou lançar pregão que so pena de gravíssimas mortes ninguém falasse no que já era feito. Por razão do qual nos disseram aí que por outro modo de tirania tinha já mortos os principais senhores do reino e outra grande soma de mercadores, cujas fazendas mandou que fossem tomadas para o fisco, o que lhe importou mais de dous contos d'ouro. E com isto era já neste tempo que aqui cheguei tamanho o medo em todo o povo, que não havia pessoa que ousasse soltar palavra pela boca.

E porque este mouro Coja Ale que vinha comigo era de sua natureza solto da língua e muito atrevido em falar o que lhe vinha à vontade, parecendo-lhe que por ser estrangeiro e com nome de feitor do capitão de Malaca poderia ter mais liberdade para isso que os

naturais, e que o rei lho não acoimaria^{1} a ele como fazia aos seus, sendo um dia convidado doutro mouro que se dava por seu parente, mercador estrangeiro natural de Patane, parece ser, segundo me depois contaram, que estando eles no meio do banquete, já bem fartos, vieram os convidados a falar neste feito tão publicamente que ao rei, pelas muitas escutas^{2} que nisso trazia, lhe deram logo rebate.

O qual sabendo o que passava, mandou cercar a casa dos convidados e tomando-os a todos, que eram dezassete, lhos trouxeram atados. Ele em os vendo, sem lhes guardar mais ordem de justiça, nem os querer ouvir de sua boa ou má razão, os mandou matar a todos com ua morte cruelíssima, a que eles chamam de gregoge, que foi serrarem-nos vivos pelos pés e pelas mãos e pelos pescoços, e por derradeiro pelos peitos até o fio do lombo, como os eu vi depois a todos.

E temendo-se el-rei que pudesse o capitão de Malaca tomar mal mandar-lhe ele matar o seu feitor na volta dos condenados, e que por isso lhe mandasse lançar mão por alguma fazenda sua que lá

tinha em Malaca, me mandou logo naquela noite seguinte chamar ao jurupango^{3} onde então estava dormindo, sem até àquela hora eu saber alguma coisa do que passava. E chegando eu já depois da meia-noite ao primeiro terreiro das casas, vi nele muita gente armada com treçados^{4} e cofos^{5} e lanças, a qual vista, sendo para mim coisa assaz nova, me pôs em muito grande confusão. E suspeitando eu que poderia ser alguma traição das que já em outros tempos nesta terra houve, me quisera logo tornar, o que os que me levavam não consentiram dizendo que não houvesse medo de coisa que visse, porque aquilo era gente que el-rei mandava para fora a prender um ladrão, da qual resposta confesso que não fiquei satisfeito.

E começando eu já neste tempo a tartamelear, sem poder quase pronunciar palavra que se me entendesse, lhes pidi assi como pude que me deixassem tornar ao jurupango em busca de uas chaves que me lá ficaram por esquecimento, e que lhes daria por isso quarenta cruzados, logo, em ouro. A que eles todos sete responderam:

- Nem que nos dêis quanto dinheiro há em Malaca, porque se tal fizermos nos mandará el-rei cortar as cabeças.

Neste tempo me cercaram já outros quinze ou vinte daqueles armados, e me tiveram todos fechado no meio; até que a manhã começou a esclarecer, que fizeram saber a el-rei que estava eu ali. O qual me mandou logo entrar, e só Deus sabe como o pobre de mim então ia, que era mais morto que vivo.

E chegando ao outro terreiro de dentro, o achei em cima de um alifante, acompanhado de mais de cem homens, afora a gente da guarda, que era em muito mor quantidade. O qual quando me viu da maneira que vinha, me disse por duas vezes:

- Jangão tacor, não hajas medo, vem para cá, e saberás o para que te mandei chamar.

E, acenando com a mão, fez afastar dez ou doze daqueles que ali estavam, e a mim me acenou que olhasse para ali. Eu então, olhando para onde ele me acenou, vi jazer de bruços no chão

muitos corpos mortos, todos metidos num charco de sangue, um dos quais conheci que era o mouro Coja Ale, feitor do capitão, que eu trouxera comigo. Da qual vista fiquei tão pasmado e confuso que, como um homem desatinado, me arremessei aos pés do alifante em que el-rei estava, e lhe disse chorando:

- Peço-te, senhor, que antes me tomes por teu cativo que mandares-me matar como a esses que aí jazem! Porque te juro à lei de cristão que o não mereço. E lembro-te que sou sobrinho do capitão de Malaca, que te dará por mim quanto dinheiro quiseres, e aí tens o jurupango com muita fazenda, que também podes tomar, se fores servido.

A que ele respondeu:

- Valha-me Deus! Como? Tão mau homem sou eu que isso faça? Não hajas medo de cousa nenhuma, assenta-te e descansarás, que bem vejo que estás afrontado, e depois que estiveres mais em ti te direi o por que mandei matar esse mouro que trouxeste contigo. Porque se fora português ou cristão, eu te juro em minha lei que o não fizera, inda que me matara um filho.

Então me mandou trazer Ua panela com água, de que bebi ua grande quantidade, e me mandou também abanar com um abano, em que se gastou mais de ua grande hora. E conhecendo ele então que estava eu já fora do sobressalto, e que podia responder a propósito, me disse:

- Muito bem sei, português, que já te diriam como os dias passados mata ra eu meu pai, o qual fiz porque sabia que me queria ele matar a mim, por mexericos que homens maus lhe fizeram, certificando-lhe que minha mãe era prenhe de mim, cousa que eu nunca imaginei. Mas já que com tanta sem-razão ele tinha criado isto, e por isso tinha determinado de me dar a morte, quis-lha eu dar primeiro a ele, e sabe Deus quanto contra minha vontade, porque sempre lhe fui muito bom filho: entanto, que por minha mãe não ficar como ficam outras muitas viúvas pobres e desamparadas, a tomei por mulher, e enjeitei outras muitas com que dantes fui cometido, assi em Patane, como em Berdio,

Tanaçarim, Siaca, Jambé e Andraguiré, irmãs e filhas de reis, com que me puderam dar muito dote. E por evitar murmurações de maldizentes que falam sem medo quanto lhe vem à boca, mandei lançar pregão que ninguém falasse mais neste caso. E porque esse teu mouro que aí jaz, ontem, estando bêbado, em companhia de outros cães tais como ele, disse de mim tantos males que hei vergonha de tos dizer, dizendo publicamente em altas vozes que eu era porco e pior que porco, e minha mãe cadela saída, me foi forçado por minha honra mandar fazer justiça dele e de essoutros perros tão maus como ele. Pelo que te rogo muito, como amigo, que te não pareça mal isto que fiz, porque te afirmo que me magoaras muito nisso. E se porventura cuidas que o fiz para tomar a fazenda do capitão de Malaca, crê de mim que nunca tal imaginei, e assi lho podes certificar'com verdade, porque assi te juro em minha lei, porque sempre fui muito amigo de Portugueses, e assi o serei enquanto viver.

Eu então ficando algum tanto mais desassombrado, conquanto não estava ainda de todo em mim, lhe respondi que Sua Alteza em mandar matar aquele mouro fizera

muito grande amizade ao capitão de Malaca seu irmão, porque lhe tinha roubado toda sua fazenda, e a mim por isso já por duas vezes me quisera matar com peçonha, só por lhe eu não poder dizer as emburilhadas^{6} que tinha feitas. Porque era tão mau perro que continuamente andava bêbado, falando quanto lhe vinha à vontade, como cão que ladrava a quantos via passar pela rua.

Desta minha resposta, assi tosca e sem saber o que dizia, ficou el-rei tão satisfeito e contente que chamando-me para junto de si me disse:

- Certo que nessa tua resposta conheço eu seres muito bom homem, e muito meu amigo, porque de o seres te vem não te parecerem mal as minhas cousas, como a esses perros cães que aí jazem.

E tirando da cinta um cris que trazia guarnecido d'ouro, mo deu, e ua carta para Pero de Faria de muito ruins desculpas do que tinha

feito.

E despedindo-me então dele pelo melhor modo que pude, e com lhe dizer que havia ali de estar dez ou doze dias, me vim logo embarcar. E tanto que fui dentro ao jurupango, sem esperar mais um momento, larguei a amarra por mão e me fiz à vela muito depressa, parecendo-me ainda que vinha toda a terra após mim, pelo grande medo e risco da morte em que me vira havia tão poucas horas.

ANTECEDENTES RECENTES

8. O BARBA-AZUL

CHARLES PERRAULT (1628-1703 | França)

Um volume publicado anonimamente, Contes de Ma Mere l'Oie ("Histórias da Mamãe Gansa"), mas de autoria de um sisudo advogado da arquiteto da época do Rei-Sol chamado Charles Perrault, tem embalado a infância do mundo todo há pelo menos três séculos. Quem não ouviu histórias como O Pequeno Polegar, A Gata Borralheira, O Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas e outras tantas? Muitos especialistas em literatura infantil já observaram a violência implícita nestas historietas aparentemente ingênuas. Mas o que talvez nos surpreenda é descobrir num desses contos, exatamente neste O Barba-Azul, um inegável pioneirismo numa vertente do policial contemporâneo: a do serial-killer. (No século XX, este conto "infantil" ainda dialogava com a literatura contemporânea: Anatole France reviu o "caso criminal" deste estranho personagem em As Sete Esposas do Barba-Azul. Na sua versão, "o herói" é reabilitado, por ter sido vítima inocente de suas sete esposas.)

Era uma vez um homem que possuía belas casas na cidade e no campo, baixelas de ouro e de prata, móveis requintados e carruagens douradas; mas por infelicidade esse homem tinha a barba azul: detalhe que o fazia tão feio e tão terrível que não havia mulher nem moça que não corresse ao vê-lo.

Uma dama de alta linhagem, sua vizinha, era mãe de duas filhas absolutamente bonitas. O homem pediu uma delas em casamento, deixando que a vontade materna fizesse a escolha. Nenhuma das duas o aceitava, e uma passava a indicação para a outra, pois nenhuma queria aceitar um homem de barba azul. Não lhes era agradável tampouco a circunstância de ele já ter desposado várias mulheres sem que ninguém soubesse que fim levaram.

Para conhecer as moças, Barba-Azul levou-as, juntamente com a mãe e três ou quatro amigas, e algumas jovens da vizinhança, a uma de suas casas de campo, onde passaram nada menos que oito dias. E foi então só passeios, caçadas e pescarias, danças e festins e comidinhas: ninguém dormia, passavam a noite pregando peças umas nas outras; afinal, tudo transcorreu às mil maravilhas, e a mais nova das meninas começou a achar que o dono da casa não tinha a barba tão azul assim, e que era homem de muita dignidade. Assim que voltaram para a cidade, o casamento foi realizado.

No fim de um mês, Barba-Azul disse à mulher que tinha de fazer uma viagem de três semanas, no mínimo, à província, a fim de resolver um negócio importante; pedia-lhe que se divertisse à vontade durante a sua ausência - mandasse buscar suas amigas, levasse-as para o campo, se quisesse, comesse do bom e do melhor.

- Aqui estão as chaves dos guarda-móveis - disse ele -; aqui as da baixela de ouro e de prata que só se usa nos dias especiais; aqui as dos meus cofres-fortes onde estão meu ouro e minha prata, as do cofre das minhas jóias, e aqui a chave de todas as dependências da casa. Esta chavezinha é a chave do gabinete que fica no extremo da galeria do porão: pode abrir tudo, pode ir aonde quiser; mas nesse pequeno gabinete, eu a proíbo de entrar, e a proíbo de tal maneira que, se acontecer de você chegar a abri-lo, não há nada que você não possa esperar da minha ira.

Ela prometeu cumprir à risca tudo aquilo que lhe tinha sido ordenado: e ele, depois de beijá-la, tomou sua carruagem e partiu.

As vizinhas e as amigas sequer esperaram que as mandassem buscar para ir à residência da jovem esposa, tão ansiosas estavam para ver todas as riquezas da casa, pois não haviam ousado ir até lá quando o marido estava presente por causa da sua barba azul que lhes causava medo. E elas sem maior perda de tempo a percorrer os quartos, os gabinetes, os vestiários, cada um mais bonito do que o outro. Subiram depois aos guarda-móveis, onde não se cansaram de admirar a quantidade e a beleza das tapeçarias, dos leitos, dos sofás, dos guarda-roupas, das mesas e

dos espelhos, nos quais a gente se via da cabeça aos pés, e cujos ornamentos, uns de vidro, outros de prata, ou de prata dourada, eram os mais belos e magníficos que já se poderiam ter visto. Não se cansavam de exagerar e invejar a felicidade da amiga, a quem, no entanto, não alegravam todas essas riquezas, ansiosa que estava para abrir o gabinete do porão.

Sentiu-se tão levada pela curiosidade que, sem pensar que seria uma indelicadeza deixar as vizinhas sozinhas, desceu até o porão por uma escada estreita e oculta, e com tamanha precipitação que por duas ou três vezes achou que ia quebrar o pescoço. Ao chegar à porta do gabinete, deteve-se, lembrando-se da proibição que o marido lhe fizera e considerando que lhe poderia acontecer uma desgraça por ter sido desobediente; mas a tentação era tão forte que ela não a conseguiu vencer: segurou a pequena chave e, trêmula, abriu a porta do gabinete.

Nada viu, a princípio, pois as janelas estavam fechadas; segundos depois começou a perceber que o assoalho estava todo coberto de sangue coalhado, no qual se espelhavam os corpos de várias mulheres mortas, corpos presos ao longo das paredes. (Eram todas as mulheres que Barba-Azul desposara e que, uma a uma, havia estrangulado.) Pensou que ia morrer de susto, e a chave do gabinete caiu-lhe da mão assim que a retirara da fechadura. Depois de recobrar um pouco o ânimo, apanhou a chave, fechou a porta e subiu para o quarto a fim de se refazer; não o conseguia porém, tão grande lhe era o tumulto.

Ao perceber que a chave do gabinete estava manchada de sangue, limpou-a duas ou três vezes, mas o sangue teimava em não desaparecer; lavou-a, esfregou-a com sabão e pedra-pome; em vão: o sangue permanecia, pois a chave era de fada e não havia meio de limpá-la totalmente: quando se tirava o sangue de um lado, ele voltava do outro.

Barba-Azul retornou de viagem logo nessa mesma noite, e disse haver recebido, no caminho, cartas com a notícia de que o negócio que o fizera partir acabara de se realizar, com vantagens para ele. A

mulher fez o que pôde para se mostrar encantada com o inesperado retorno.

No dia seguinte ele pediu-lhe as chaves, e ela as entregou; mas sua mão tremia tanto que Barba-Azul adivinhou sem maiores esforços o que havia acontecido.

- Por que é que a chave do gabinete não está junto com as outras? - perguntou-lhe.

- Devo tê-la deixado lá em cima, na minha mesa.

- Quero a chave aqui e agora, já, já!

Depois de muitas delongas, a mulher teve de entregá-la. Barba-Azul examinou-a e disse:

- Por que este sa ngue na chave?

- Não sei nada disso - respondeu a pobre criatura, mais pálida do que a morte.

- Você não sabe de nada - continuou ele -, mas eu sei muito bem: você tentou entrar no gabinete! Está certo, minha senhora, lá entrará e irá ter o seu lugar ao lado das que lá encontrou...

Ela se jogou aos pés do marido, chorando e pedindo-lhe perdão, com todos os sinais de um arrependimento sincero por não haver sido obediente. Bela e desesperada como estava, seria capaz de enternecer um rochedo; mas Barba-Azul tinha o coração mais duro do que um rochedo:

- Tem de morrer, minha senhora, e logo.

- Visto que tenho de morrer - respondeu ela, fitando-o com os olhos banhados de lágrimas -, dê-me um pouco de tempo para rezar a Deus.

- Dou-lhe meio quarto de hora - replicou Barba-Azul - e nem um momento a mais. Quando ela se viu sozinha, chamou a irmã e disse-lhe:

- Minha irmã Ana (era este o seu nome), eu te suplico, sobe ao alto da torre para ver se meus irmãos não vêm; eles me

prometeram que viriam me ver hoje e, se os vir, faz-lhes sinal para que se apressem.

A irmã Ana subiu para a torre, e a pobre aflita gritava-lhe de vez em quando:

- Ana, minha irmã, não estás vendo ninguém? E a irmã Ana lhe respondia:

- Não vejo nada a não ser o sol que brilha e a erva que verdeja.

Enquanto isso, Barba-Azul, com um grande cutelo na mão, gritava para a esposa com toda a força:

- Desce depressa ou eu subirei aí.

- Mais um momentinho, por favor - respondia-lhe a mulher. E, em seguida, baixinho:

- Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém? E a irmã Ana respondia:

- Não vejo nada a não ser o sol que brilha e a erva que verdeja.

- Desce depressa - bradava Barba-Azul -, ou eu subirei aí.

- Já vou - respondeu a mulher. E depois:

- Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém?

- Só vejo - respondeu a irmã Ana - uma grossa poeira que vem da banda de lá.

- São meus irmãos?

- Infelizmente não, minha irmã; é um rebanho de carneiros.

- Não vais descer? - bradava Barba-Azul.

- Mais um momento - respondia a mulher. E depois:

- Ana, minha irmã Ana, não vês ninguém?

- Vejo - respondeu ela - dois cavaleiros que vêm do lado de cá, mas ainda estão muito longe... Louvado seja Deus! - exclamou pouco depois. - São meus irmãos; estou fazendo sinal para eles, tanto quanto me é possível, para que se apressem.

Barba-Azul pôs-se a gritar tão alto que a casa estremeceu. A pobre mulher desceu e jogou-se-lhe aos pés, desganhada e em

prantos.

- Isto de nada adianta - disse Barba-Azul. - Você precisa morrer.

Em seguida, segurou-a com uma das mãos pelos cabelos e ergueu, com a outra, o cutelo no ar, a ponto de cortar-lhe a cabeça. A pobre mulher, voltando-se para ele, rogou-lhe que lhe concedesse um breve momento para se recolher.

- Não, não - disse ele -, encomenda bem tua alma a Deus.

E, erguendo mais o braço... Naquele momento, bateram à porta com tanta força que Barba-Azul parou subitamente. Abriram, e logo se viram entrar dois cavaleiros que, sacando da espada, correram na direção de Barba-Azul.

Ele percebeu que eram os irmãos da sua esposa, um deles, dragão e outro, mosqueteiro, e fugiu sem maior demora, para se salvar; mas os dois irmãos o perseguiram tão de perto que o alcançaram antes que ele pudesse atingir a escada externa. Atravessaram-no a fio de espada e o deixaram morto. A pobre dama estava tão morta quanto o marido, sem maiores forças para levantar-se e beijar os irmãos.

Revelou-se que Barba-Azul não tinha herdeiros, razão pela qual sua mulher tornou-se dona de todos os seus bens. Empregou parte deles no casamento da irmã Ana com um jovem fidalgo que a amava há muito; outra parte na compra do posto de capitão para os dois irmãos; e o resto no casamento dela própria com um homem mui distinto, que lhe fez esquecer o mau tempo que ela passara com Barba-Azul.

MORAL: Tão plena de encantos a curiosidade! / Mas custa dores, às vezes prantos... / Cada instante disso se vêem exemplos claros. / É - perdoe, belo-sexo - um deleite fugaz, / Mal o gozamos, se desfaz, / E custa sempre muito caro.

OUTRA MORAL: Mesmo alguém ingênuo e tonto, / Dos enigmas da vida sempre alheio, / Logo percebe que este conto

/ É um conto do tempo passado. / Já não existe esposo tão terrível/Nem que exija assim o impossível. .. / O mais ciumento e insatisfeito / Trata sempre a mulher com tanto jeito / Que, tenha a sua barba esta ou aquela cor, / É difícil dizer qual dos dois é o senhor.

Tradução de Alves Moreira

9. O CÃO E O CAVALO

VOLTAIRE (1694-1778 | França)

Não há estudo sobre o romance policial que não mencione, pelo menos, este capítulo de Zadig, ou o Destino como um marco pioneiro do gênero: a capacidade de se descobrir a verdade pelo simples e afiado mecanismo mental da dedução, ou da detecção, que está na base das histórias de detetive. É pelo menos um dos elementos que transformou, por exemplo, Sherlock Holmes em um substantivo, relativo a alguém que descobre algum crime ou desvenda algum caso usando apenas a inteligência (leia-se: o raciocínio lógico). Assim como acontece com centenas, senão milhares, de detetives do gênero que se seguiram a Auguste Dupin (vide Poe, nesta antologia). Não por outra razão este capítulo de Voltaire foi parodiado, bem próximo ao original, por Umberto Eco, no começo de seu O Nome da Rosa.

Zadig reconheceu que o primeiro mês do casamento é mesmo, como está escrito no Zenda, a lua-de-mel, e que o segundo é a lua-de-fel. Viu-se dentro em pouco obrigado a repudiar Azora, que se tornara difícilíssima de trato, e buscou refúgio no estudo da natureza. "Ninguém pode ser mais feliz", dizia ele, "do que um filósofo que lê nesse grande livro colocado por Deus ante nossos olhos. É dono das verdades que descobre; alimenta e eleva a alma; vive tranqüilo; nada teme dos homens, e a sua extremosa mulher não lhe vem cortar o nariz".

Penetrado dessas idéias, retirou-se para uma casa de campo à margem do Eufrates. Ali, não se preocupava ele em calcular quantas polegadas de água corriam por segundo sob os arcos de uma ponte, ou se caía mais uma linha cúbica de chuva no mês do rato do que no mês do carneiro. Não planejava fabricar seda com teias de aranha, nem porcelana com cacos de garrafa; mas

dedicou-se principalmente ao estudo dos animais e das plantas, adquirindo em breve uma agudeza que lhe desvendava mil diferenças onde os outros não viam mais que uniformidade.

Ora, estando um dia a passear pelas proximidades de um bosque, aconteceu-lhe ao encontro um eunuco da rainha, seguido de vários oficiais que demonstravam a maior inquietação e vagavam de um lado para outro, como pessoas desorientadas que houvessem perdido a maior preciosidade deste mundo.

- Jovem - disse-lhe o primeiro eunuco -, não viste o cão da rainha?

- É uma cadela, e não um cão - respondeu Zadig discretamente.

- Tens razão - tornou o primeiro eunuco.

- É caçadeira, e por sinal que muito pequena - acrescentou Zadig.

- Deu cria há pouco; manqueja da pata dianteira esquerda e tem orelhas muito compridas.

- Viste-a então? - perguntou o primeiro eunuco, esbaforido.

- Não - respondeu Zadig -, nunca a vi na minha vida, nem nunca soube se a rainha tinha ou não uma cadela.

Ao mesmo tempo, por um comum capricho da sorte, sucedeu escapar-se das mãos de um palafrenero o mais belo exemplar das cavaliças do rei, extraviando-se nos campos de Babilônia. O monteiro-mor e todos os outros oficiais corriam à sua procura com mais inquietação do que o primeiro eunuco em busca da cadela. O monteiro-mor dirigiu-se a Zadig e perguntou-lhe se acaso não vira o cavalo do rei.

- É - respondeu Zadig - o cavalo de melhor galope; tem cinco pés de altura e os cascos pequenos; a cauda mede três pés e meio de comprimento; o freio é de ouro de vinte e três quilates; e as ferraduras de prata de onze denários.

- Que direção tomou ele? Onde está? - perguntou o monteiro-mor.

- Não o vi - respondeu Zadig -, nem nunca ouvi falar nele.

O monteiro-mor e o primeiro eunuco não tiveram mais dúvidas de que Zadig houvesse roubado o cavalo do rei e a cadela da rainha; levaram-no perante a assembléia do grande desterham, que o condenou ao knut e a passar o resto da vida na Sibéria. Mal se encerrara o julgamento, foram encontrados o cavalo e a cadela. Viram-se os juízes na dolorosa obrigação de reformar sua sentença; mas condenaram Zadig a desembolsar quatrocentas onças de ouro, por haver dito que não vira o que tinha visto. Primeiro foi preciso pagar a multa; depois concederam-lhe licença para se defender perante o conselho do grande desterham. Zadig falou nos seguintes termos:

- Estrelas de justiça, abismos de ciência, espelhos da verdade, Ó vós que tendes o peso do chumbo, a dureza do ferro, o fulgor do diamante e tanta afinidade com o ouro! Já que me é dado falar perante esta augusta assembléia, juro-vos por Orosmade que jamais vi a respeitável cadela da rainha, nem o sagrado cavalo do rei dos reis. Eis o que me aconteceu. Passeava eu pelas cercanias do bosque onde vim a encontrar o venerável eunuco e o ilustríssimo monteiro-mor, quando vi na areia as pegadas de um animal. Descobri facilmente que eram as de um cão pequeno. Sulcos leves e longos, impressos nos montículos de areia, por entre os traços das patas, revelaram-me que se tratava de uma cadela cujas tetas estavam pendentes, e que portanto não fazia muito que dera cria. Outras marcas em sentido diferente, que sempre se mostravam no solo ao lado das patas dianteiras, denotavam que o animal tinha orelhas muito compridas; e, como notei que o chão era sempre menos amolgado por uma das patas do que pelas três outras, compreendi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco, se assim me ousou exprimir. Quanto ao cavalo do rei dos reis, seja-vos cientificado que, passeando eu pelos caminhos do referido bosque, divisei marcas de ferraduras que se achavam todas a igual distância. "Eis aqui", considerei, "um cavalo que tem um galope perfeito." A poeira dos troncos, num estreito caminho de sete pés de largura, fora levemente removida à esquerda e à direita, a três pés e meio do centro da estrada. "Esse cavalo", disse eu comigo,

"tem uma cauda de três pés e meio, a qual, movendo-se para um lado e outro, varreu assim a poeira dos troncos." Vi debaixo das árvores, que formavam um dossel de cinco pés de altura, algumas folhas recém-tombadas, e concluí que o cavalo lhes tocara com a cabeça, e que tinha, portanto, cinco pés de altura. Quanto ao freio, deve ser de ouro de vinte e três quilates: pois ele lhe esfregou a parte externa contra certa pedra que eu identifiquei como uma pedra de toque. E, enfim, pelas marcas que as ferraduras deixaram em pedras de outra espécie, descobri eu que era prata de onze denários.

Todos os juízes pasmaram do profundo e sutil discernimento de Zadig, o que logo chegou aos ouvidos do rei e da rainha. Só se falava em Zadig nas antecâmaras, na câmara e no gabinete; e, embora vários magos opinassem que o deviam queimar como feiticeiro, ordenou o rei que lhe restituíssem as quatrocentas onças de ouro em que fora multado. O escrivão, os meirinhos, os procuradores compareceram em grande pompa à presença de Zadig, para lhe entregar as suas quatrocentas onças; apenas retiveram trezentas e noventa e oito para as custas do processo, e os seus ajudantes reclamaram gratificação.

Zadig compreendeu como era às vezes perigoso ser demasiado sábio, e jurou consigo que, na próxima ocasião, nada diria do que acaso houvesse testemunhado.

Essa oportunidade não se fez esperar. Um prisioneiro de Estado, que fugira, passou pelas janelas de sua casa. Zadig, interrogado, nada respondeu; mas provaram-lhe que ele olhara pela janela. Foi multado, por esse crime, em quinhentas onças de ouro, e ele agradeceu a indulgência dos juízes, segundo o costume de Babilônia. "Como é lamentável, meu Deus," dizia ele consigo, "ir a gente passear num bosque por onde passaram a cadela da rainha e o cavalo do rei! Que perigoso chegar à janela! E que difícil ser feliz nesta vida!"

Tradução de Mário Quintana

10. A GRANDE BRETECHE

HONORÉ DE BALZAC (1799-1850 | França)

Não, o gênio de Balzac não precisa de apresentação. Mas talvez poucos saibam que as páginas dos alentados volumes de A Comédia Humana, que existe em português graças ao trabalho admirável de Paulo Rónai, abrigam, além de romances (Eugenie Grandet, O Pai Goriot, As Ilusões Perdidas, A Mulher de Trinta Anos e outros, sem esquecer Um Caso Tenebroso, apontado como um antecessor do romance policial), algumas histórias curtas dignas de leitura. E que, como no caso desta A Grande Bretèche, têm tudo a ver com a nossa antologia: este conto, aliás, está incluído na Anthologie de la Nouvelle Noire e Policiere Française, como pioneiro do gênero.

Cerca de uma centena de passos de Vendôme, às margens do Loir, encontra-se uma velha casa marrom, encimada por telhados muito altos e tão completamente isolada que não há nos arredores nem curtume fedorento nem turbulento albergue, como se vê na entrada de quase todas as cidades pequenas. Defronte a esta morada há um jardim dando para o rio, onde os buxos, outrora aparados, que desenhavam as aléias, crescem agora a seu bel-prazer. Alguns salgueiros, nascidos no Loir, cresceram rapidamente como sebe de vedação, e meio que escondem a casa. As plantas que chamamos daninhas decoram com sua bela vegetação o declive da margem. As árvores frutíferas, negligenciadas há dez anos, não mais produzem colheita e seus rebentos transformam-se em mato. As latadas parecem ruelas arborizadas. Os caminhos, outrora cobertos de areia, encheram-se de beldroegas; mas, a bem da verdade, não há mais vestígio de caminho. Do alto da montanha sobre a qual pendem ruínas do velho castelo dos duques de Vendôme, o único local onde o olhar possa pousar neste cerrado,

pensa-se que, num tempo difícil de determinar, este pedaço de terra fez as delícias de algum cavalheiro apreciador de rosas, de tulipas, de horticultura, enfim, mas sobretudo amante de boas frutas. Percebe-se um caramanchão, ou melhor, os restos de um caramanchão sob o qual há ainda uma mesa que o tempo não devorou por inteiro. Pelo aspecto deste jardim que não mais existe, adivinham-se as alegrias negativas da vida pacata que se goza na província, como se adivinha a existência de um bom negociante ao ler o epitáfio de seu túmulo. Para completar as idéias tristes e doces que tomam de assalto a alma, um dos muros oferece um relógio de sol ornamentado com esta inscrição burguesamente cristã: Ultimam cogita! Os telhados desta casa estão terrivelmente estragados, as persianas estão sempre fechadas,

os balcões estão cobertos de ninhos de andorinhas, as portas ficam constantemente fechadas. Trepadeiras desenharam com linhas verdes as fendas das escadarias; as fechaduras estão enferrujadas. A lua, o sol, o inverno, o verão, a neve esburacaram as madeiras, empenaram as tábuas, corroeram as pinturas. O morno silêncio que ali reina é perturbado apenas pelos pássaros, gatos, fuinhas, ratos e camundongos, livres para correr, lutar, comer uns aos outros. Uma invisível mão escreveu por toda parte a palavra Mistério.

Se, levados pela curiosidade, fossem ver esta casa pelo lado da rua, perceberiam uma grande porta de olmo, arredondada no alto e na qual as crianças da região haviam feito inúmeros furos. Eu soube mais tarde que aquela porta estava condenada há dez anos. Pelas brechas irregulares, pode-se observar a perfeita harmonia que existe entre a fachada do jardim e a fachada do pátio. A mesma desordem reina por ali. Buquês de ervas emolduram os paralelepípedos. Enormes fendas sulcam os muros cujas cristas escurecidas estão envoltas por mil festões de trepadeiras. Os degraus do patamar estão deslocados, a corda do sino está podre, as biqueiras estão tortas. Que fogo caído do céu passou por ali? Que tribunal ordenou fosse semeado sal sobre esta morada? Alguém ali insultou Deus? Alguém ali traiu a França? É esta a

pergunta que se faz. Os répteis rastejam sem responder. Essa casa vazia e deserta é um imenso enigma cuja solução é por todos desconhecida.

Ela era outrora um pequeno feudo e leva o nome de Grande Breteche. Por ocasião de minha estada em Vendôme, a vista dessa singular morada tornou-se um de meus mais intensos prazeres. Não era melhor do que uma ruína? A uma ruína se agregam algumas lembranças de irrefutável autenticidade, mas aquela habitação ainda de pé, embora lentamente demolida por uma mão vingativa, encerrava um segredo, um pensamento desconhecido; no mínimo, traía um capricho. Mais de uma vez, à tarde, fiz-me levar à sede tornada selvagem que protegia aquele tapume. Enfrentava os arranhões, entrava naquele jardim, sem senhor, naquela propriedade que não era mais nem pública nem particular; ali ficava horas inteiras contemplando sua desordem. Eu não teria vontade, para ter como prêmio a história à qual, sem dúvida, era devido aquele bizarro espetáculo, de fazer uma só pergunta a algum habitante tagarela de Vendôme. Ali eu compunha deliciosos romances, ali me entregava a pequenas orgias de melancolia que me deliciavam.

Se eu tivesse conhecido o motivo, talvez vulgar, daquele abandono, teria perdido as poesias inéditas com as quais me inebriava. Para mim, aquele asilo representava as mais variadas imagens da vida humana, ensombrecidas por suas infelicidades: era ora a paz do claustro, sem os religiosos, ora a paz do cemitério, sem os mortos que nos falam seu idioma epitáfico; hoje a casa do leproso, amanhã a dos Átridas; mas era sobretudo a província com suas idéias recolhidas, com sua vida de ampulheta. Ali chorei com freqüência, jamais ri. Mais de uma vez experimentei terrores involuntários ao ouvir, sobre minha cabeça, o silvo surdo provocado pelas asas de algum pombo apressado. O solo é úmido; é preciso enfrentar lagartos, cobras, rãs que passeiam com a selvagem liberdade da natureza; sobretudo é preciso não temer o frio, pois em alguns instantes sente-se um capote de gelo que desce sobre os ombros, como a mão do comendador sobre o pescoço de Don Juan.

Uma tarde, estremei: o vento havia feito rodar um velho cata-vento enferrujado, cujos gritos pareceram um gemido dado pela casa no momento onde eu concluía um drama um tanto negro com o qual eu me explicava aquela espécie de dor monumentalizada.

Voltei a meu albergue, cativo de idéias sombrias. Quando terminei de cear, a hospedeira entrou com ar de mistério em meu quarto e me disse:

- Meu senhor, eis o Sr. Regnault.

- Quem é o Sr. Regnault?

- Como? O senhor não conhece o Sr. Regnault? Ah! Ora vejam - disse ela indo embora. Subitamente vi aparecer um homem alto, esguio, vestido de negro, segurando nas mãos seu chapéu e que se apresentou como um carneiro prestes a cair sobre seu rival, mostrando-me uma testa fugidia, uma pequena cabeça pontuda e um rosto pálido, bastante semelhante a um copo de água suja. Poder-se-ia dizer o contínuo de um ministério. Aquele desconhecido usava um velho terno muito gasto, mas tinha um diamante no peitilho de sua camisa e brincos de ouro em suas orelhas.

- Com quem tenho a honra de falar, senhor? - eu lhe disse. Ele sentou-se numa cadeira, colocou-se defronte ao meu fogo, pôs o chapéu sobre minha mesa e respondeu-me esfregando as mãos

- Ah! Está bem frio. Senhor, eu sou o Sr. Regnault. Inclinei-me, dizendo a mim mesmo: "// bondo canil Pague para ver."

- Eu sou - continuou ele - tabelião em Vendôme.

- Encantado, senhor - exclamei -, mas não estou absolutamente pronto para fazer meu testamento, por razões que conheço bem.

- Momentinho - recomeçou ele, erguendo a mão como para me impor silêncio. -Permita-me, senhor, permita-me! Soube que o senhor vai algumas vezes passear no jardim da Grande Breteche.

- Sim, senhor.

- Momentinho - disse ele repetindo seu gesto -, este ato constitui um verdadeiro delito. Senhor, venho, em nome e como executor testamentário da finada Senhora Con-dessa de Merret, solicitar-lhe

que descontinue suas visitas. Momentinho! Não sou um turco e absolutamente não quero cometer um crime. Aliás, o senhor tem todo o direito de ignorar as circunstâncias que me obrigam a deixar transformar-se em ruínas a mais bela mansão de Vendôme. Entretanto, senhor, o senhor parece ter instrução e deve saber que as leis proíbem, com penas graves, que se invada uma propriedade fechada. Uma sebe vale por um muro. Mas o estado no qual se encontra a casa pode servir de desculpas para sua curiosidade. Eu gostaria muitíssimo de deixá-lo livre para ir e vir naquela casa, mas, encarregado de executar as vontades da testamenteira, tenho a honra, senhor, de pedir-lhe que não entre mais no jardim. Eu mesmo, senhor, desde a abertura do testamento, não coloquei os pés naquela casa, que faz parte, como tive a honra de dizer-lhe, da sucessão da Senhora de Merret. Verificamos apenas as portas e janelas, a fim de estabelecer os impostos que pago anualmente sobre os fundos para tanto destinados pela finada Senhora Condessa. Ah, meu caro senhor, seu testamento provocou muito barulho em Vendôme!

Neste ponto, ele parou para se assoar, o digno homem! Respeitei sua loquacidade, compreendendo perfeitamente que a sucessão da Sra. de Merret era o acontecimento mais importante de sua vida, toda a sua reputação, sua glória, sua Restauração. Seria

preciso dar adeus a meus belos devaneios, a meus romances; não me revoltei então com o prazer de saber a verdade de uma forma oficial.

- Senhor - eu lhe disse -, seria indiscreto perguntar-lhe as razões de tal esquisitice? - A estas palavras, um ar que demonstrava todo o prazer que sentem os homens habituados a mostrar seu brinquedo preferido passou pelo corpo do tabelião. Ele ergueu o colarinho de sua camisa com uma espécie de empáfia, tirou do bolso sua tabaqueira, abriu-a, ofereceu-me fumo e, diante de minha recusa, serviu-se de uma grande pitada. Estava feliz! Um homem que não tem um brinquedo ignora todo o partido que se pode tirar da vida. Um brinquedo é o meio exato entre a paixão e a monomania. Naquele momento, compreendi esta bonita expressão

de Sterne em toda a sua extensão, e tive uma idéia completa da alegria com a qual o tio Tobias montava, Trim ajudando, seu cavalo de batalha.

- Senhor - disse-me o Sr. Regnault -, eu fui primeiro-ajudante de escrivão de Mestre Roguin, em Paris. Excelente cartório, do qual o senhor talvez tenha ouvido falar. Não? Contudo uma infeliz falência tornou-o famoso. Não tendo fortuna suficiente para fazer negócios em Paris, ao preço ao qual subiram as taxas em 1810, vim para cá adquirir o cartório de meu predecessor. Eu tinha parentes em Vendôme, entre outros uma tia muito rica, que me deu sua filha em casamento.

- Senhor - recomeçou ele após breve pausa -, três meses depois de ter sido aceito pelo Monsenhor Ministro da Justiça, fui chamado uma noite, no momento em que ia me deitar (eu não estava ainda casado). pela Senhora Condessa de Merret, em seu castelo de Merret. Sua camareira, uma boa moça que trabalha hoje nesta hotelaria, estava à minha porta com a carruagem da Senhora Condessa. Ah! Momentinho... Preciso dizer-lhe, senhor, que o Senhor Conde de Merret tinha ido morrer em Paris dois meses antes que eu chegasse aqui. Lá, morreu miseravelmente, entregando-se a todo tipo de excessos. O senhor compreende? No dia de sua partida, a Senhora Condessa abandonara a Grande Breteche e a havia desmobiado. Algumas pessoas afirmam até que ela queimou os móveis, as tapeçarias, enfim, todas as coisas geralmente medíocres que guarneciam os locais presentemente alugados pelo dito senhor. .. (Ora veja, o que estou dizendo? Perdão, achei que estava ditando um contrato.) Que ela os queimou - recomeçou ele - nos campos de Merret. O senhor já foi a Merret? Não - disse ele, dando ele mesmo a resposta. - Ah! É um lugar muito bonito!

"Há cerca de três meses - disse, continuando com um pequeno movimento de cabeça - o Senhor Conde e a Senhora Condessa haviam vivido de maneira singular: não recebiam mais, a Senhora vivia no térreo, e o Senhor, no primeiro andar. Quando a Senhora Condessa ficou só, mostrava-se apenas na Igreja. Mais tarde, em seu castelo, recusou-se a ver os amigos e amigas que iam visitá-la.

Ela já estava muito mudada quando deixou a Grande Breteche para ir a Merret. Aquela querida mulher... (digo querida, porque este diamante me vem dela. Só a vi, aliás, uma única vez!) Então, a boa senhora estava muito doente; sem dúvida havia perdido as esperanças quanto à sua saúde, pois morreu sem querer chamar um médico. Além disto, muitas senhoras de nossa sociedade pensavam que ela não estava muito bem da cabeça. Meu senhor, minha curiosidade foi então especialmente aguçada ao saber que a Sra. de Merret precisava de meus serviços. Eu não era o único a me interessar por aquela história. Naquela mesma noite, embora fosse tarde, toda a cidade soube que eu ia a Merret. A camareira respondeu um tanto vagamente às perguntas que lhe fiz no caminho. Disse-me, mesmo assim, que sua patroa havia recebido os sacramentos do cura de Merret durante o dia e que ela parecia não conseguir passar daquela noite.

"Cheguei ao castelo às onze horas. Subi a grande escadaria. Depois de ter atravessado grandes cômodos altos e escuros, frios e úmidos como o diabo, cheguei ao quarto de dormir principal onde estava a Senhora Condessa. Pelos rumores que corriam a respeito daquela senhora (meu senhor, eu não pararia de falar se lhe repetisse todas as histórias que lhe foram atribuídas!), eu fazia dela a imagem de uma mulher linda e vaidosa. Imagine que tive muita pena ao encontrá-la sobre o grande leito no qual jazia. É verdade que, para iluminar aquele enorme quarto com frisos do Ancien Régime cobertos de poeira a ponto de fazer espirrar só ao serem vistos, ela tinha um daqueles antigos lampiões de Argant. Ah! mas o senhor não foi a Merret! Pois bem, meu senhor, o leito é um daqueles leitos de antigamente, com um dossel alto, coberto de chita estampada de ramagens. Uma pequena mesa de cabeceira estava junto à cama e vi sobre ela uma Imitação de Cristo que, entre parênteses, comprei para minha mulher, bem como o lampião. Havia também uma grande poltrona para a dama de companhia e duas cadeiras. Nenhum fogo, aliás. Eis a mobília. Não daria dez linhas num inventário.

"Ah ! Meu caro senhor... Se o senhor tivesse visto, como eu a vi então, aquele grande quarto forrado de tapeçarias marrons, acreditar-se-ia transportado para uma verdadeira cena de romance. Era glacial e, mais que isto, fúnebre - acrescentou ele erguendo o braço num gesto teatral e fazendo uma pausa. - De tanto olhar, chegando junto ao leito, acabei vendo a Sra. de Merret, ainda graças à luz do lampião, cuja claridade dava sobre os travesseiros. Seu rosto era branco como a cera e lembrava duas mãos postas. A Senhora Condessa usava uma touca de rendas que deixava ver belos cabelos, mas brancos como algodão. Ela estava sentada, mas parecia manter-se assim com muita dificuldade. Seus grandes olhos negros, sem dúvida abatidos pela febre e já quase mortos, mal se moviam sob os ossos onde ficam as sobrancelhas - disse-me ele, mostrando a arcada de seus olhos. - Sua testa estava úmida. Suas mãos descarnadas pareciam ossos recobertos por uma pele fina. Suas veias, seus músculos, viam-se perfeitamente. Ela deveria ter sido muito bela, mas, naquele momento, fui tomado por não sei qual sentimento pelo seu aspecto. Jamais, na opinião daqueles que a amortalharam, uma criatura viva chegara a tal magreza sem morrer. Enfim, era aterrador de se ver. O mal consumira tão bem aquela mulher que ela não era mais que um fantasma. Seus lábios de um roxo pálido me pareceram imóveis quando ela me falou. Ainda que minha profissão me tenha familiarizado com tais espetáculos, levando-me às vezes à cabeceira dos moribundos para constatar suas últimas vontades, confesso que as famílias em lágrimas e as agonias que vi nada eram diante daquela mulher solitária e silenciosa naquele enorme castelo.

"tu não ouvia o menor ruído, não via o movimento que a respiração da doente deveria ter imprimido aos lençóis que a cobriam. E permanecia completamente imóvel, ocupado em olhar para ela com uma espécie de estupor. Parece que ainda estou lá. Finalmente seus grandes olhos se moveram, ela tentou erguer a mão direita que caiu sobre a cama e estas palavras saíram de sua boca como um sopro, porque sua voz não era mais uma voz:

"- Eu o esperava com muita impaciência. - Suas faces se coloriram vivamente. Falar, meu senhor, era um esforço para ela.

"- Senhora - eu lhe disse. Ela me fez sinal para me calar. Nesse momento, a velha dama de companhia levantou-se e me disse ao ouvido:

"- Não fale, a Senhora Condessa não está em estado de ouvir o menor ruído e o que o senhor dissesse poderia agitá-la.

"Sentei-me. Alguns instantes depois, a Sra. de Merret reuniu tudo o que lhe restava de forças para mover seu braço direito, colocou-o, não sem dores infinitas, sob seu travesseiro. Parou por um instante e depois fez um último esforço para retirar a mão e, quando apanhou um papel escondido, gotas de suor caíram de sua testa.

"- Eu lhe confio meu testamento - disse ela. Ah! Meu Deus! Ah!

"E foi tudo. Ela segurou um pequeno crucifixo que havia sobre a cama, levou-o rapidamente aos lábios e morreu. A expressão de seus olhos fixos ainda me faz estremecer quando me lembro. Ela deve ter sofrido muito! Havia alegria em seu último olhar, sentimento que ficou gravado em seus olhos mortos.

"Levei seu testamento e, quando foi aberto, vi que a Sra. de Merret me havia nomeado seu executor testamentário. Ela legava a totalidade de seus bens ao hospital de Vendôme, salvo alguns legados especiais. Mais eis quais foram suas disposições relativas à Grande Breteche. Ela me recomendou deixar a casa, durante cinquenta anos completos, a partir do dia de sua morte, no estado em que a mesma se encontrasse no momento de seu falecimento, interditando a entrada dos aposentos a quem quer que fosse, proibindo que ali se fizesse o menor concerto e alocando até mesmo uma renda a fim de contratar guardas, se houvesse necessidade, para assegurar a total execução de suas intenções. Quando da expiração desse prazo, se o desejo da testamenteira houvesse sido realizado, a casa deve pertencer a meus herdeiros, pois o senhor sabe que os tabeliões não podem aceitar legados. Senão, a Grande Breteche voltaria a quem de direito, mas com a

obrigação de preencher as condições indicadas num codicilo anexado ao testamento e que somente deve ser aberto ao expirarem os ditos cinqüenta anos. O testamento não foi contestado, então..."

Neste ponto e sem terminar sua frase, o alongado tabelião olhou-me com ar de triunfo. Eu o deixei bastante feliz dirigindo-lhe alguns cumprimentos.

- Senhor - disse-lhe eu encerrando -, o senhor me impressionou tão intensamente que creio ver essa moribunda mais pálida que seus lençóis. Seus olhos brilhantes me dão medo e sonharei com ela esta noite. Mas o senhor deve ter feito algumas conjecturas a propósito das disposições contidas neste bizarro testamento.

- Senhor - disse-me ele com uma reserva cômica -, jamais me permito julgar a conduta das pessoas que me honraram com a doação de um diamante.

Logo destravei a língua do escrupuloso tabelião, que me comunicou, não sem longas digressões, as observações devidas aos profundos políticos dos dois sexos cujas sanções são dignas de crédito em Vendôme. Mas tais observações eram tão contraditórias, tão difusas, que quase adormeci, apesar do interesse que eu tinha por aquela história autêntica. O tom surdo e o ritmo monótono daquele tabelião, sem dúvida habituado a ouvir a si mesmo e a se fazer ouvir por seus clientes ou seus compatriotas, triunfaram sobre minha curiosidade. Felizmente ele se foi.

- Ah! Ah! Senhor, muita gente - disse-me ele na escada - gostaria de viver mais 45 anos. Mas... momentinho! - E ele, com ar delicado, pousou o indicador de sua mão direita sobre sua narina, como se quisesse dizer: Preste muita atenção nisto! - Para chegar até lá, até lá - disse ele -, não se pode ser sexagenário.

Fechei minha porta, após ter sido tirado de minha apatia por esta última tirada que o tabelião achou muito espirituosa. Sentei-me então em minha poltrona, colocando os pés sobre os dois cães de minha lareira. Mergulhava num romance à la Radcliffe construído sobre os dados jurídicos do Sr. Regnault quando minha

porta, manobrada pela mão ágil de uma mulher, girou sobre seus gonzos. Vi chegar minha hospedeira, mulher gorda e feliz, de ótimo humor, que não realizara sua vocação: era uma nativa de Flandres que deveria ter nascido numa tela de Téniers.

- E então, meu senhor? - disse ela. - O Sr. Regnault com certeza repetiu-lhe sua história da Grande Breteche!

- Isto mesmo, Sra. Lepas.

- O que ele disse?

Repeti-lhe em poucas palavras a tenebrosa e fria história da Sra. de Merret.

A cada frase, minha hospedeira estendia o pescoço, olhando-me com uma perspicácia de velha dona de hospedaria, espécie de equilíbrio exato entre o instinto do guarda, a astúcia do espião e a esperteza do comerciante.

- Minha cara Sra. Lepas! - acrescentei finalizando -, a senhora parece saber mais sobre isto. Hein? Senão, por que teria subido até meu quarto?

- Ah! Palavra de mulher honesta, tão certo como me chamo Lepas...

- Não jure, seus olhos estão cheios de segredo. A senhora conheceu o Sr. de Merret. Que homem era ele?

- Ora, ora! O Sr. de Merret, veja bem, era um belo homem que a gente não acabava de ver, de tão alto que era! Um cavalheiro digno, vindo de Picarelle e que tinha, como dizemos aqui, um pavio muito curto. Pagava tudo à vista para não ter problemas com ninguém. Veja só, ele era violento. Todas as senhoras o achavam muito amável.

- Porque ele era violento! - eu disse à minha hospedeira.

- Deve ser - disse ela. - Pense bem, senhor, que era preciso ter algo especial, como se diz, para se casar com a Sra. de Merret, que, sem falar mal das outras, era a pessoa mais bela e mais rica de Vendôme. Ela possuía bem umas vinte mil libras de renda. Toda a cidade assistiu a seu casamento. A noiva era graciosa e elegante,

uma verdadeira jóia de mulher. Ah! eles faziam um belo casal naquele tempo!

- Eles foram felizes no casamento?

- É... sim e não, até onde se pode deduzir, pois o senhor bem sabe que nós, nós s\:\fúi, rà Vivíamos de cama e mesa com eles! A Sra. de Merret era uma boa mulher, muito gentil, que talvez devesse bem sofrer com a impetuosidade de seu marido. Embora um pouco orgulhoso, nós gostávamos dele. Bah! Era o jeito dele ser assim! Quando se é nobre, o senhor sabe...

- No entanto, deve ter havido alguma catástrofe para que o Sr. e a Sra. de Merret se separassem violentamente...

- Eu nunca disse que houve catástrofe, meu senhor. Eu não sei de nada.

- Muito bem. Agora tenho certeza de que a senhora sabe de tudo.

- Pois bem, meu senhor, vou dizer tudo. Quando vi o Sr. Regnault subir até seu quarto, pensei mesmo que ele lhe falaria da Sra. de Merret, por conta da Grande Breteche. Isso me deu a idéia de consultar o senhor, que me parece um homem de confiança e incapaz de trair uma pobre mulher como eu que nunca fez mal a ninguém e que mesmo assim se encontra atormentada pela sua consciência. Até hoje nunca ousei me abrir com as pessoas desta região, são todos uns falastrões de língua de trapo. Enfim, meu senhor, nunca tive um viajante que ficasse por tanto tempo quanto o senhor em meu albergue... e a quem eu pudesse contar a história dos quinze mil francos...

- Minha cara Sra. Lepas! - respondi cortando o fluxo de suas palavras. - Se a natureza de sua confiança é capaz de me comprometer, por nada neste mundo eu gostaria de merecê-la.

- Não tenha medo - disse ela, interrompendo-me. - O senhor verá.

Aquela pressa me fez acreditar que eu não era o único a quem minha boa hospedeira tivesse comunicado o segredo do qual eu

deveria ser o único depositário, e eu a escutei.

- Meu senhor - disse ela -, quando o imperador mandou para cá os espanhóis prisioneiros de guerra ou outros, tive que hospedar, por conta do governo, um jovem espanhol enviado a Vendôme sob a guarda da Justiça. Apesar desta guarda, ele ia todos os dias apresentar-se ao subprefeito. Era um Grande de Espanha! Sem tirar nem pôr! Tinha um nome em os e em dia, como Bagos de Feredia. Tenho seu nome escrito em meus registros, o senhor poderá ler, se quiser. Ah! Era um rapaz bonito para um espanhol, que dizem ser todos feios. Não tinha mais que um metro e sessenta, mas era bem feito. Tinha mãos pequenas, que ele tratava, ai, dava gosto ver. Tinha tantas escovas para as mãos quanto uma mulher tem para todos os seus cuidados! Tinha cabelos compridos e negros, um olhar de fogo, uma pele um pouco acobreada, mas que me agradava assim mesmo. Usava roupas finas como nunca vi em ninguém, embora eu tenha hospedado princesas e, entre outros, o general Bertrand, o duque e a duquesa de Abrantes, o Sr. Decazes e o rei da Espanha. Ele não comia muita coisa, tinha maneiras tão polidas, tão amáveis, que não era possível zangar-se com ele. Ah! Eu gostava muito dele, embora não dissesse quatro palavras por dia e fosse impossível ter com ele qualquer conversa. Se alguém lhe falava, ele não respondia: era um tique, uma mania que todos eles têm, pelo que me disseram. Ele lia seu breviário como um padre, ia regularmente à missa e a todos os ofícios. Onde se sentava? (Observamos isto mais tarde.) A dois passos da capela da Sra. de Merret. Como ele se colocou ali desde a primeira vez que foi à igreja, ninguém imaginou que houvesse naquilo alguma intenção. Aliás, ele não erguia o nariz de seu livro de orações, o pobre rapaz! No máximo, meu senhor, à tarde ele passeava na montanha, nas minas do castelo. Era o único divertimento daquele pobre homem, ali ele se lembrava de seu país. Dizem que tudo são montanhas, na Espanha!

"Desde os primeiros dias de sua detenção, ele se atrasou. Eu fiquei inquieta vendo-o chegar só quase à meia-noite, mas nós todos nos acostumamos com sua fantasia; ele ficou com a chave da

porta e nós não o esperávamos mais. Ele ficava na casa que nós tínhamos na rua das Casernas. Então, um de nossos cavaleiros nos disse que, uma noite, tendo ido dar banho nos cavalos, havia visto o Grande de Espanha nadando ao longe no rio como um verdadeiro peixe. Quando voltou, eu lhe disse para tomar cuidado com a vegetação. Ele pareceu contrariado por ter sido visto na água.

"Enfim, meu senhor, um dia, ou melhor, uma manhã, nós não mais o encontramos em seu quarto, ele não tinha voltado. De tanto mexer em tudo, vi um bilhete na gaveta de sua mesa onde havia cinquenta moedas de ouro espanholas, que são chamadas de portuguesas e que valem cerca de cinco mil francos, além de uns dez mil francos em diamantes numa pequena caixa escondida. Seu bilhete dizia então que, caso ele não voltasse, ele nos deixava aquele dinheiro e os diamantes, com a condição de que mandássemos rezar missas para agradecer a Deus por sua evasão e por seus interesses. Naquele tempo, eu ainda tinha meu homem, e ele correu à procura dele. E eis agora o estranho da história! Ele trouxe as roupas do espanhol que descobriu debaixo de uma pedra grande, numa espécie de pilotis na margem do rio, do lado do castelo, quase em frente à Grande Breteche.

"Meu marido tinha ido lá de manhã tão cedo que ninguém o havia visto. Ele queimou as roupas depois de ter lido a carta, e nós proclamamos, conforme o desejo do Conde Feredia, que ele fugira. O subprefeito colocou toda a sua guarda no seu encalço, mas, nada! ninguém o encontrou. Lepas acreditou que o espanhol tinha se afogado. Mas eu, meu senhor, eu não penso assim, acho mais que aquilo ali tem algo a ver com o caso da Sra. de Merret, já que Rosalie me disse que o crucifixo do qual sua patroa gostava tanto que se fez enterrar com ele era de ébano e prata. Ora, nos primeiros tempos de sua estada, o Sr. Feredia tinha um, de ébano e prata, que eu nunca mais vi. Agora, meu senhor, não é verdade que não devo ter remorsos pelos quinze mil francos do espanhol e que eles são mesmo meus?"

- Com certeza. Mas a senhora não tentou interrogar Rosalie? - perguntei-lhe.

- Ah!, claro que sim, meu senhor. Mas o que o senhor quer? Aquela garota lá é um túmulo. Ela sabe de alguma coisa, mas é impossível fazê-la abrir a boca.

Depois de ter ainda conversado comigo por uns instantes, minha hospedeira deixou-me à mercê de pensamentos vagos e tenebrosos, de uma curiosidade romanesca, de um terror religioso bastante semelhante ao sentimento profundo que nos toma quando entramos à noite numa igreja escura na qual entrevemos uma débil luz longínqua sob grandes arcos. Um vulto indeciso desliza, um roçar de vestido ou de batina se faz ouvir. .. estremeçemos. A Grande Breteche e sua vegetação alta, suas janelas condenadas, suas ferragens enferrujadas, suas portas fechadas, seus aposentos desertos, surgiu de repente fantasticamente diante de mim. Tentei penetrar naquela morada misteriosa, buscando ali a solução daquela história solene, o drama que havia matado três pessoas. Rosalie tor-nou-:,e a meus olhos o ser mais interessante de Vendôme. Descobri, ao examiná-la, os vestígios de um pensamento íntimo; apesar da saúde brilhante que resplandecia em seu rosto rechonchudo, havia nela um princípio de remorsos ou de esperança. Sua atitude anunciava um segredo, como a das devotas que rezam em excesso ou a da moça infanticida que continua a ouvir o último grito de seu filho. Seus modos, entretanto, eram ingênuos e grosseiros, seu sorriso bobo nada tinha de criminoso e todos a teriam julgado inocente só de ver o grande lenço de quadrados vermelhos e azuis que recobria seu busto vigoroso, enquadrado, apertado e amarrado por um vestido de listras brancas e roxas.

Não, pensei, não deixarei Vendôme sem saber toda a história da Grande Breteche. Para atingir meus objetivos, me tornarei íntimo de Rosalie, se for mesmo preciso.

- Rosalie! - eu lhe disse uma tarde.

- Às suas ordens, senhor.

- Você não é casada?

Ela estremeceu levemente.

- Oh! Não me faltarão homens quando a fantasia de ser infeliz tomar conta de mim! - disse ela rindo. Ela recuperou-se rapidamente de sua emoção interior, pois todas as mulheres, desde a grande dama até as serviçais de albergues, inclusive, têm um sangue-frio que lhes é peculiar.

- Você é muito viçosa, muito apetitosa para não ter apaixonados! Mas diga-me, Rosalie, por que se tornou empregada de albergue ao deixar a Sra. de Merret? Ela não lhe deixou uma renda?

- Ah, claro que sim! Mas, senhor, meu emprego é o melhor de Vendôme inteira. Aquela resposta era uma das que os juizes e advogados chamam de dilatórias.

Rosalie me parecia situada naquela história romanesca como a casa que se encontra no meio de um tabuleiro de damas. Ela ficava exatamente no centro do interesse e da verdade, ela me parecia enlaçada na rede. Não se tratava mais de uma simples sedução a tentar, havia naquela moça o último capítulo de um romance. Assim, desde aquele momento, Rosalie tornou-se o objeto de minha predileção. De tanto estudar aquela moça, reconheci nela, como em todas as mulheres a quem tornamos nosso principal pensamento, um sem-número de qualidades: ela era limpa, cuidadosa. Em pouco tempo, ela teve todos os atrativos que nosso desejo empresta às mulheres, em qualquer situação que possam estar. Quinze dias após a visita do tabelião, uma tarde, ou melhor, numa manhã, pois era bem cedo, eu disse a Rosalie:

- Então você me conta tudo o que sabe sobre a Sra. de Merret?

- Oh! - respondeu ela com terror. - Não me peça isto, Sr. Horace!

Seu belo rosto tornou-se sombrio, suas cores vivas e animadas empalideceram, e seus olhos não mais tiveram seu inocente brilho úmido.

- Pois bem - recomeçou ela -, já que o senhor quer, eu lhe direi, mas guarde muito bem esse segredo!

- Está bem, minha pobre filha, guardarei todos os segredos com a honradez de um ladrão, é a mais leal que existe.

- Se para o senhor der na mesma - disse-me ela -, prefiro que seja com a sua. Nisto, ela arrumou seu xale e sua postura para contar. Pois certamente há uma atitude de confiança e de segurança necessária para fazer uma narrativa. As melhores histórias são contadas numa determinada hora. Ninguém contou coisa alguma de pé ou em jejum. Mas se fosse preciso reproduzir fielmente a difusa eloqüência de Rosalie, um volume inteiro mal bastaria. Ora, como o acontecimento do qual ela me deu o confuso conhecimento encontra-se entre a tagarelice do tabelião e a da Sra. Lepas, tão exatamente quanto os meios termos de uma proporção aritmética se encontram entre os dois extremos, nada mais tenho senão lhes contar em poucas palavras. Abrevio, portanto.

O quarto que a Sra. de Merret ocupava na Breteche ficava no térreo. Um pequeno compartimento com cerca de um metro e pouco de profundidade, criado no interior da parede, servia-lhe de guarda-roupa. Três meses antes da noite da qual vou lhe contar os fatos, a Sra. de Merret tinha estado tão seriamente indisposta a ponto de seu marido a deixar sozinha em seus aposentos; ele dormia num quarto no primeiro andar. Por um desses acasos impossíveis de prever, ele voltou, naquela noite, duas horas mais tarde do que de costume do Círculo onde ia ler os jornais e conversar sobre política com os habitantes do lugar. Sua mulher o acreditava em casa, deitado, dormindo. Mas a invasão da França havia sido objeto de uma discussão muito animada, a partida de bilhar esquentara, ele tinha perdido quarenta francos, quantia enorme em Vendôme, onde todos juntam dinheiro e onde os hábitos são contidos dentro dos limites de uma modéstia que merece elogios, que talvez se torne a fonte de uma verdadeira felicidade da qual não desconfia qualquer parisiense.

Já há algum tempo o Sr. de Merret se contentava em perguntar a Rosalie se sua mulher estava deitada. Diante da resposta sempre afirmativa dessa moça, ele ia imediatamente para seus aposentos, com aquela bonomia criada pelo hábito e pela confiança. Ao voltar, tivera a fantasia de ir até a Sra. de Merret para lhe contar sua desventura, talvez até para se consolar. Durante o jantar, ele

achara a Sra. de Merret muito elegante. Dissera a si mesmo, ao ir do Círculo para casa, que sua mulher não sofria mais, que sua convalescença a havia embelezado. E ele percebia isto, como os maridos percebem tudo, um pouco tarde. Em vez de chamar Rosalie, que estava naquele momento ocupada na cozinha vendo a cozinheira e o cocheiro ocupados em jogar cartas, o Sr. de Merret dirigiu-se ao quarto de sua mulher, à luz de seu lampião, que havia colocado no primeiro degrau da escada. Seu passo fácil de ser reconhecido ecoava pelas abóbadas do corredor. No momento em que o cavalheiro girou a chave do quarto de sua mulher, acreditou ouvir ser fechada a porta do compartimento do qual já lhe falei, mas, quando entrou, a Sra. de Merret estava sozinha, de pé diante da lareira. O marido pensou ingenuamente consigo mesmo que Rosalie estava no compartimento, contudo uma suspeita que ecoou em seus ouvidos com um barulho de sinos colocou-o na defensiva. Ele olhou para sua mulher e achou-lhe nos olhos um não sei o quê de perturbação e ferocidade.

- O senhor está chegando bem tarde - disse ela.

Aquela voz em geral tão pura e graciosa pareceu-lhe ligeiramente alterada. O Sr. de Merret nada respondeu, pois naquele momento entrou Rosalie. Aquilo foi como um raio para ele. Ele passeou pelo quarto, indo de uma janela a outra num movimento uniforme e com os braços cruzados.

- O senhor recebeu alguma notícia triste, ou não se sente bem? - perguntou-lhe timidamente sua mulher enquanto Rosalie a despia.

Ele continuou em silêncio.

- Retire-se - disse a Sra. de Merret a sua camareira. - Eu mesma colocarei meus papétes.

Ela adivinhou alguma infelicidade só pela aparência do rosto de seu marido e quis ficar sozinha com ele. Quando Rosalie saiu, ou deveria ter saído, pois ela ficou durante alguns instantes no corredor, o Sr. de Merret colocou-se diante de sua mulher e lhe disse friamente:

- Senhora, há alguém em seu compartimento!

Ela olhou para o marido com ar calmo e respondeu com simplicidade:

- Não, meu senhor.

Aquele "não" perturbou o Sr. de Merret, ele não acreditava e, no entanto, jamais sua mulher lhe parecera mais pura ou mais religiosa do que parecia ser naquele momento. Ele se levantou para ir abrir o compartimento. A Sra. de Merret o segurou pela mão, parou-o, olhou-o com um ar melancólico e lhe disse com a voz especialmente emocionada:

- Se o senhor não encontrar alguém, pense que tudo estará acabado entre nós. A incrível dignidade estampada na atitude de sua mulher fez brotar no cavalheiro uma profunda estima por ela e inspirou-lhe uma dessas resoluções às quais nada falta além de um grande palco para se tornarem imortais.

- Não - disse ele -, Joséphine, eu não irei. Num e noutro caso estaríamos separados para sempre. Ouça, conheço toda a pureza de sua alma e sei que você leva uma vida santa, você não iria querer cometer um pecado mortal às custas de sua vida.

A essas palavras, a Sra. de Merret encarou seu marido com um olhar desvairado.

- Tome, eis o seu crucifixo - acrescentou aquele homem. - Jure-me diante de Deus que ninguém está ali; eu acreditarei, jamais abrirei aquela porta.

A Sra. de Merret segurou o crucifixo e disse:

- Juro.

- Mais alto - disse o marido. - E repita: Juro perante Deus que ninguém está neste compartimento.

Ela repetiu a frase sem se perturbar.

- Está bem - disse friamente o Sr. de Merret. Após um instante de silêncio: - A senhora tem uma coisa muito bonita que eu não conhecia - disse ele examinando aquele crucifixo de ébano incrustado de prata e artisticamente esculpido.

- Encontrei-o na loja de Duvivier, que, quando aquela tropa de prisioneiros passou por Vendôme no ano passado, o havia comprado de um religioso espanhol.

- Ah! - disse o Sr. de Merret, recolocando o crucifixo no prego, e tocou a sineta. Rosalie não se fez esperar. O Sr. de Merret foi rapidamente ao seu encontro, levou-a até o vão da janela que dava para o jardim e disse-lhe em voz baixa:

- Eu sei que Gorenflot quer se casar com você, só a pobreza impede que vivam juntos e você lhe disse que não seria mulher dele se ele não encontrasse um jeito de se tornar mestre pedreiro. Pois bem, vá buscá-lo, diga-lhe para vir aqui com sua colher de pedreiro e suas ferramentas. Trate de não acordar outra pessoa além dele na casa. Sua fortuna será maior que o que desejam. E principalmente saia daqui sem falar, senão...

Ele franziu as sobrancelhas. Rosalie partiu, ele a chamou novamente.

- Tome, leve meu salvo-conduto.

- Jean! - gritou para o corredor o Sr. de Merret com voz de trovão. Jean, que era ao mesmo tempo seu cocheiro e seu homem de confiança, deixou o jogo e veio.

- Vão todos dormir - disse-lhe o patrão fazendo-lhe sinal para que se aproximasse. E o cavalheiro acrescentou, mas em voz baixa: - Quando todos estiverem dormindo, dormindo, entenda bem, você descerá para me avisar.

O Sr. de Merret, que não havia perdido de vista sua mulher enquanto dava ordens, voltou tranqüilamente para perto dela junto ao fogo e se pôs a lhe contar os acontecimentos da partida de bilhar e as discussões do Circulo. Quando Rosalie voltou, encontrou o Sr. e a Sra. de Merret conversando muito amigavelmente. O cavalheiro havia recentemente mandado consertar o teto de todos os cômodos que compunham seus aposentos de recepção no térreo. O gesso é muito raro em Vendôme, o transporte aumenta muito o preço. O cavalheiro havia então mandado vir uma quantidade bastante grande, sabendo que sempre encontraria compradores

suficientes para o que lhe sobrasse. Esta circunstância inspirou-lhe o projeto que pôs em execução.

- O Sr. Gorenflot está aí - disse Rosalie em voz baixa.

- Que entre! - respondeu alto o cavalheiro.

A Sra. de Merret empalideceu ligeiramente ao ver o pedreiro.

- Gorenflot - disse o marido -, vá apanhar tijolos na cocheira e traga o suficiente para empregar a porta deste compartimento. Você usará o gesso que me resta para cobrir a parede. - E então, puxando para si Rosalie e o operário: - Ouça, Gorenflot - disse ele em voz baixa -, você vai dormir aqui esta noite. Mas amanhã pela manhã você terá um passaporte para ir para um país estrangeiro, numa cidade que direi. Darei seis mil francos para a viagem. Você ficará dez anos nessa cidade, se não gostar de lá, poderá se estabelecer em outra, contanto que seja no mesmo país. Você passará por Paris, onde irá me esperar. Lá, vou garantir por contrato outros seis mil francos, que serão pagos na sua volta, caso tenha cumprido as condições de nosso pacto. Por este preço, você guardará o mais profundo silêncio sobre o que terá feito aqui esta noite. Quanto a você, Rosalie, darei dez mil francos que só serão entregues no dia do seu casamento, com a condição que se case com Gorenflot. Mas, para se casar, é preciso calar. Senão, nada de dote.

- Rosalie, venha me pentear - disse a Sra. de Merret.

O marido passeou tranqüilamente de um lado para outro, vigiando a porta, o pedreiro e sua mulher, mas sem deixar transparecer uma desconfiança ofensiva. Gorenflot foi obrigado a fazer barulho. A Sra. de Merret aproveitou um momento em que o operário descarregava seus tijolos e seu marido estava do outro lado do quarto para dizer a Rosalie:

- Mil francos de renda para você, minha cara menina, se conseguir dizer a Gorenflot para deixar uma fenda embaixo. - E então, alto, ela lhe disse com sangue-frio: - Vá ajudá-lo!

O Sr. e a Sra. de Merret permaneceram em silêncio durante todo o tempo que Gorenflot levou para empregar a porta. Aquele

silêncio era calculado no marido, que não queria dar a sua mulher o pretexto de lançar palavras de duplo sentido. Na Sra. de Merret, foi fruto de prudência ou orgulho.

Quando o muro estava com a metade de sua altura, o esperto pedreiro aproveitou um momento em que o cavalheiro estava de costas para dar um golpe com a enxada num dos dois vidros da porta. Tal ato fez com que a Sra. de Merret compreendesse que Rosalie havia falado com Gorenflot. Os três viram então um rosto de homem sombrio e moreno,

cabelos negros, olhar de louco. Antes que seu marido se voltasse, a pobre mulher teve o tempo de fazer um gesto com a cabeça ao estrangeiro, para quem o gesto queria dizer: "Tenha esperança!" Às quatro horas, de manhãzinha, pois se estava no mês de setembro, a construção foi terminada. O pedreiro ficou sob a guarda de Jean e o Sr. de Merret dormiu no quarto de sua mulher.

Na manhã seguinte, ao se levantar, disse com ar despreocupado: - Ah, diabos! Tenho que ir à Prefeitura para o passaporte. - Colocou o chapéu na cabeça, deu três passos para a porta, mudou de idéia, apanhou o crucifixo. Sua mulher estremeceu de felicidade. Ele vai à loja de Duvivier, pensou ela.

Tão logo o cavalheiro saiu, a Sra. de Merret tocou a sineta chamando Rosalie. E então, com uma voz horrível, exclamou: - A enxada! A enxada! E ao trabalho! Eu vi ontem como Gorenflot fez, teremos tempo para fazer um buraco e fechá-lo de novo.

Num piscar de olhos, Rosalie trouxe uma espécie de machado para sua patroa que, com um ardor do qual nada poderia dar idéia, começou a demolir a parede. Já tinha feito cair alguns tijolos quando, ao tomar impulso para aplicar um golpe ainda mais vigoroso que os outros, viu o Sr. de Merret atrás dela. Ela desmaiou.

- Coloque a senhora em sua cama - disse friamente o cavalheiro.

Previendo o que deveria acontecer na sua ausência, ele lançara uma armadilha. Simplesmente escrevera ao prefeito e mandara buscar Duvivier. O joalheiro chegou no momento em que a desordem dos aposentos acabava de ser arrumada.

- Duvivier - perguntou-lhe o cavalheiro -, o senhor não comprou crucifixos aos espanhóis que passaram por aqui?

- Não, senhor.

- Bem, eu lhe agradeço - disse ele trocando com sua mulher um olhar de tigre. -Jean - acrescentou ele, voltando-se para seu homem de confiança -, você servirá minhas refeições no quarto da Sra. de Merret. Ela está doente, eu não a deixarei enquanto não se restabelecer.

O cruel cavalheiro ficou vinte dias junto de sua mulher. Nos primeiros momentos, quando algum ruído era feito no compartimento emparedado e Joséphine queria implorar pelo desconhecido moribundo, ele respondia, sem permitir que ela dissesse uma só palavra:

- A senhora jurou sobre a cruz que ali não havia pessoa alguma.

Tradução de Celina Portocarrero

11. MACBETH

CHARLES & MARY LAMB (1775-1834 | Inglaterra) (1764-1847 | Inglaterra)

Estes irmãos britânicos que fizeram sua fama com um livro só, Contos de Shakespeare, sempre "na cola", ou a partir da obra do maior dramaturgo do mundo (a idéia original era apresentar as peças do Bardo para a juventude), já marcaram presença na antologia anterior, Os Cem Melhores Contos de Humor... Voltam agora recontando uma das peças, digamos assim, mais sanguinárias da dramaturgia shakespeariana (e que já foi um filme igualmente sanguinário, de Roman Polanski).

Quando Duncan, o Bom, reinava na Escócia, vivia ali um poderoso barão, chamado Macbeth. Parente próximo do rei, Macbeth gozava de grande estima na corte por seu valor e atuação nas guerras, nas quais dera um recente exemplo de coragem, ao derrotar um exército rebelde que se aliara a numerosas tropas da Noruega.

No regresso dessa grande batalha, os dois generais escoceses, Macbeth e Banquo, passaram por uma charneca mal-assombrada, onde foram detidos pela aparição de três vultos. Os três assemelhavam-se a mulheres, exceto pela barba que lhes cobria o rosto. Tinham peles ressequidas, e suas estranhas indumentárias lhes tiravam qualquer pa-recência com outros seres deste mundo. Foi Macbeth quem lhes falou primeiro. Mas as três figuras, como que ofendidas, levaram cada uma o dedo esquelético aos lábios mur-chos, impondo-lhe silêncio. A primeira saudou Macbeth pelo seu título de barão de Glamis. Não pouco espantado ficou o general de ser conhecido por tais criaturas. Mas ainda mais se assombrou quando a segunda delas continuou a saudação, dando-lhe o título

de barão de Cawdor, honra a que ele jamais aspirara. E a terceira cumprimentou-o, dizendo:

- Salve, Macbeth, que serás rei um dia!

Esta profética saudação deixou-o ainda mais pasmado, pois sabia que, enquanto vissem os filhos do rei, não havia esperanças de ele subir ao trono.

Depois, voltando-se para Banquo, elas lhe disseram, em termos enigmáticos, que ele seria "menos que Macbeth e mais do que ele; não tão feliz, mas muito mais feliz". E profetizaram que, embora ele nunca reinasse, seus filhos, após sua morte, seriam reis da Escócia.

Dito isso, desvaneceram-se no ar. E os generais perceberam que se tratava de bruxas. Enquanto consideravam a estranheza daquela aventura, chegaram os mensageiros do rei, encarregados de investir Macbeth do título de barão de Cawdor. O aconteci-

mento, tão miraculosamente de acordo com as predições das feiticeiras, deixou Macbeth mudo de pasmo, incapaz de responder o que fosse aos mensageiros. Nesse meio tempo, brotou em seu coração a esperança de que a profecia da terceira bruxa também se cumprisse, tornando-o um dia rei da Escócia. Voltando-se para Banquo, disse:

- Não tens esperanças de que teus filhos sejam reis, depois de ver tão maravilhosamente realizado o que as bruxas me prometeram?

- Esperanças como essas - replicou o general - podem levar-te a aspirar ao trono. Lembre: muitas vezes, esses ministros das trevas revelam pequenas verdades apenas para nos induzirem a atos de maiores conseqüências.

As malignas insinuações das bruxas, porém, tinham calado profundamente no espírito de Macbeth, impedindo-o de levar em conta as sensatas ponderações de Banquo. Desde esse tempo, todos os seus pensamentos se fixaram no trono da Escócia.

Macbeth tinha uma esposa, a quem comunicou a estranha predição e seu parcial cumprimento. Era uma mulher perversa e

ambiciosa, para a qual, desde que o marido e ela própria alcançassem grandezas, pouco importavam os meios. Instigou, assim, os indecisos desígnios de Macbeth, a quem repugnava a idéia de sangue, e não cessava de lhe apresentar o assassinato do rei como um passo absolutamente necessário para a realização da tentadora profecia.

Sucedeu então que o rei (o qual, por magnânima condescendência, costumava visitar amigavelmente os principais representantes da nobreza) foi hospedar-se na casa de Macbeth, com seus dois filhos, Malcolm e Donalbain, além de um numeroso séquito de barões e cortesãos. Tencionava, assim, honrar Macbeth por seus triunfos na guerra.

O castelo de Macbeth era bem situado, numa região de clima ameno e saudável, como indicavam os ninhos de andorinhas, construídos em todas as cornijas do edifício -é sabido que tais pássaros se aninham de preferência nos lugares onde o ar é mais salubre.

O rei muito se agradou do local, e não menos das atenções e respeito de lady Macbeth, que dominava a arte de encobrir traiçoeiros desígnios com sorrisos. Parecia ela uma inocente flor, quando era, na verdade, a serpente que sob esta se oculta.

Cansado da viagem, o rei recolheu-se cedo. Em seu quarto, como de costume, foram dormir dois dos seus guardas privados. Ficara o rei encantado com a recepção e distribuía muitos presentes, entre os quais um precioso diamante a lady Macbeth, a quem chamou de a melhor das suas hospedeiras.

Era noite alta, quando metade da natureza parece morta, estranhos sonhos povoam o espírito dos homens adormecidos e apenas o lobo e o assassino rondam as trevas. Era a hora em que lady Macbeth planejava o assassinato do rei. Não desejava praticar um ato tão contrário ao seu sexo, mas receava que o marido, de natureza suavizada pelo leite da bondade humana, não se atrevesse a cometer o crime. Sabia-o ambicioso, mas ainda cheio de escrúpulos e pouco preparado para os extremos a que a ambição

desordenada costuma arrastar. Convencera-o da necessidade dessa morte, mas duvidava da firmeza de ânimo dele. Temia que a brandura da índole dele interferisse nos seus desígnios.

Assim, munuiu-se ela mesma de um punhal e aproximou-se do leito do rei. Tivera o prévio cuidado de embriagar os guardas, que jaziam profundamente adormecidos e

incapazes de cumprir seus deveres. Também Duncan dormia pesadamente, após a fadiga da viagem. E, como lady Macbeth o observasse com atenção, pareceu-lhe ver na face do rei adormecido, alguma semelhança com as feições de seu pai. Por isso, não teve coragem de matá-lo.

Voltou para conferenciar com o marido, cuja resolução já começara a vacilar. Considerava ele que havia fortíssimas razões para se opor àquela morte. Em primeiro lugar, não era apenas um vassalo, mas parente próximo do rei. Tendo-o recebido em casa, assumira também, pelas leis da hospitalidade, o dever de fechar a porta aos criminosos e não brandir o punhal assassino. Depois, precisava considerar que Duncan fora sempre um rei justo e bom: evitava prejudicar seus vassalos; amava a nobreza e, particularmente, a ele, Macbeth. Tais reis são uma dádiva do Céu, e seus vassalos duplamente obrigados a vingar-lhes a morte. Sem falar que, graças aos favores do rei, Macbeth gozava de excelente reputação perante toda classe de homens - honras que ficariam manchadas pela triste fama de tão feio crime.

Nessas lutas interiores, viu lady Macbeth que o marido pendia para o lado melhor, nada disposto a seguir adiante. Mas, como não era mulher que desistisse facilmente dos seus propósitos, começou a insuflar-lhe nos ouvidos inúmeras razões para não desistir do que havia empreendido. Era tão fácil aquilo! Estaria tudo liquidado num instante! E a ação de uma única e breve noite traria, a todas as suas noites e dias vindouros, o gozo da soberania e da realeza! Censurou-o por mudar de resolução, acusando-o de covardia. Disse que bem sabia o quanto uma mulher ama a criança que amamenta. Seria, porém, capaz, no próprio momento em que a criança lhe sorrisse, de arrancá-la do seio e esmigalhar-lhe a cabeça, se tivesse

jurado fazê-lo, como ele jurara efetuar aquele assassinato. Argumentou ainda o quanto seria fácil fazer recair a culpa nos guardas embriagados. E criticou com tamanha veemência a indecisão do marido que este mais uma vez reuniu toda sua coragem para pôr em prática a sanguinária façanha.

Tomando então do punhal, atravessou furtivamente a escuridão, até o quarto em que dormia Duncan. Enquanto avançava, julgou ver outro punhal no espaço, com o cabo voltado para ele e a lâmina e a extremidade tintas de sangue, mas, quando tentou agarrá-lo, só encontrou o ar. Não fora mais que uma visão, engendrada por seu espírito perturbado pelo ato que ia praticar.

Vencido o temor, penetrou no quarto do rei, tirando-lhe a vida de um só golpe. Logo que cometeu o assassinato, um dos guardas riu durante o sono e o outro gritou: "Assassino!" Ambos acordaram, mas apenas fizeram uma curta prece. Um deles falou: "Deus nos abençoe!" O outro respondeu: "Amém." E ambos puseram-se de novo a dormir. Macbeth, que parara a escutá-los, tentara pronunciar "Amém" quando o guarda proferia "Deus nos abençoe", mas, por mais que precisasse de uma bênção, a palavra trancou-se-lhe na garganta.

De repente, ouviu uma voz, que exclamava:

- Não mais dormir! Macbeth matou o sono, o inocente sono que alimenta a vida. -A voz ecoava por toda a casa. - Não mais dormir! Glamis matou o sono e, portanto, Cawdor nunca mais dormirá. Macbeth nunca mais dormirá.

Perseguido por essas horríveis imaginações, voltou Macbeth para junto da mulher, que começava a pensar que ele falhara no seu intento. Em tal estado chegou que ela lhe censurou a falta de ânimo. Ordenou-lhe que fosse lavar as mãos do sangue que as manchava, enquanto lhe tomava o punhal, com o propósito de enodoar de sangue as faces dos guardas, para fazer crer terem sido eles os autores da morte do rei.

Veio a manhã e com ela a descoberta do crime. E embora Macbeth e a esposa fizessem grandes demonstrações de dor e as

provas contra os guardas fossem suficientemente fortes, todas as suspeitas recaíram sobre Macbeth, cujas razões para tal crime eram muito mais ponderáveis do que as que poderiam ter os pobres guardas.

Quanto aos dois filhos do rei, Malcolm, o mais velho, procurou refúgio na corte inglesa; e o mais moço, Donalbain, escapou para a Irlanda. Tendo assim os dois filhos do rei, que deviam sucedê-lo, deixado vago o trono, Macbeth, como herdeiro mais próximo, foi coroado. Assim, literalmente realizou-se a predição das bruxas.

Apesar do apogeu em que se achavam, Macbeth e a rainha não esqueciam a profecia das feiticeiras de que, embora Macbeth fosse rei, não os seus descendentes, mas os de Banquo seriam os próximos soberanos. A preocupação de terem manchado as mãos de sangue e cometido tão grandes crimes, unicamente para colocar na posteridade Banquo sobre o trono, de tal modo os atormentava que resolveram matar Banquo e o filho deste, a fim de frustrar as predições das bruxas - tão notavelmente realizada no seu próprio caso.

Com esse fim, ofereceram um grande banquete, para o qual convidaram todos os principais barões - entre estes, com mostras de particular respeito, Banquo e seu filho, Fleance. Na estrada pela qual Banquo devia passar à noite, a caminho do palácio, ficaram de emboscada uns assassinos a soldo de Macbeth. Banquo foi assassinado, mas, na confusão da luta, Fleance conseguiu escapar. Foi dele que se originou a dinastia de monarcas que depois ocupou o trono da Escócia, findando em Jaime VI da Escócia e I da Inglaterra, sob o qual foram unidas as duas coroas.

No banquete, a rainha, cujas maneiras eram no mais alto grau afáveis e principes-cas, atendeu os hóspedes com uma graça e delicadeza que cativaram a todos os presentes. Macbeth falou aos barões e fidalgos, dizendo que tudo o que havia de mais nobre no país se encontraria reunido sob seu teto, desde que não faltasse seu amigo Banquo, a quem preferia ralhar por negligência a lamentar por algo de mau que lhe houvesse acontecido. Justamente a essa altura do discurso, o espectro de Banquo entrou na sala e

sentou-se na cadeira que Macbeth ia ocupar. Embora destemido e capaz de enfrentar o diabo sem tremer, Macbeth tornou-se lívido de pavor ante aquela horrível visão e ficou parado no mesmo lugar, o olhar fixo no fantasma. A rainha e todos os nobres presentes, para os quais o espectro permanecia invisível, viram Macbeth olhar aterrorizado para a cadeira vazia e tomaram aquilo por um ataque de loucura. A rainha censurou-o, segredando-lhe que aquilo não passava de uma fantasia igual à que o fizera ver o punhal no espaço. Mas Macbeth continuava a ver o fantasma e, sem se importar com o que os outros pudessem dizer, dirigiu-se a ele em palavras delirantes, mas tão significativas, que a rainha, temerosa de que o horrível segredo fosse revelado, despediu apressadamente os hóspedes, atribuindo o estado de Macbeth a ataques de que ele às vezes sofria.

Tais eram as pavorosas visões a que Macbeth estava sujeito. A rainha e ele tinham o sono agitado por sonhos terríveis, e o sangue de Banquo perturbava-os tanto quanto a fuga de Fleance, a quem, agora, consideravam fundador de uma dinastia de reis que tirariam de seus descendentes toda possibilidade de ocupar o trono. Com esses pensamentos, era impossível terem paz. E Macbeth resolveu falar mais uma vez com as bruxas, para que estas lhe revelassem tudo, por pior que fosse.

Encontrou-as numa caverna da charneca, onde, tendo adivinhado sua chegada, elas preparavam os tétricos encantamentos pelos quais conjuravam os espíritos infernais a lhes revelarem o futuro. Seus horrendos ingredientes eram sapos, morcegos e cobras, o olho de uma salamandra e a língua de um cão, a perna de um lagarto e uma asa de mocho, a escama de um dragão, o dente de um lobo, um estômago de tubarão, a múmia de uma bruxa, uma raiz de cicuta (para não perder o efeito devia ser colhida à noite), um fel de bode, o fígado de um judeu e o dedo de uma criança morta. Tudo isto era posto para ferver num caldeirão, que, quando aquecia demasiado, era refrescado com sangue de macaco. Acrescentavam ainda o sangue de uma porca que devorara os filhos e aspergiam o fogo com a gordura escorrida de um

assassino morto na forca. Com tal feitiço, obrigavam os espíritos infernais a responderem a suas perguntas.

Indagaram de Macbeth se ele queria suas dúvidas resolvidas por elas mesmas ou por seus senhores, os espíritos. Nada amedrontado com as horríveis cerimônias a que assistira, ele respondeu afoitamente:

- Onde estão eles? Quero vê-los.

Elas invocaram os espíritos, que eram três. O primeiro surgiu sob a forma de uma cabeça armada de capacete, chamou Macbeth pelo nome e recomendou-lhe que tivesse cuidado com o barão de Fife. Por isso, ficou-lhe Macbeth muito grato, pois invejava Macduff, o barão de Fife.

O segundo espírito assomou sob a forma de uma criança ensangüentada, chamou Macbeth pelo nome e recomendou-lhe que não tivesse medo nenhum, que risse do poder humano, pois nenhum homem nascido de mulher poderia lhe fazer mal. Aconselhou-lhe que fosse sanguinário, ousado e resoluto.

- Então vive, Macduff! - exclamou o rei. - Que necessidade tenho de temê-lo? Mas quero sentir-me duplamente seguro. Tu não viverás, para que eu possa dizer ao gélido Medo que ele mente e dormir a despeito do trovão.

Esvaído esse espírito, surgiu um terceiro, sob a forma de uma criança coroada, com um galho na mão. Chamou Macbeth pelo nome e animou-o contra as conspirações. Afirmou que ele nunca poderia ser vencido, a menos que a floresta de Birnam fosse ao seu encontro na montanha de Dunsinane.

- Belos presságios! - exultou Macbeth. - Quem poderá mover a floresta, arran-cando-a das suas raízes profundas? Vejo que viverei o período comum da vida humana e não serei ceifado por morte violenta. Mas meu coração palpita de curiosidade. Dize-me, se até aí chega tua arte, se os descendentes de Banquo reinarão algum dia neste reino. Então, o caldeirão sumiu-se na terra e ouviu-se um som de música: oito sombras, com o aspecto de reis, passaram diante de Macbeth. Banquo vinha por último, trazendo na mão um

espelho - todo ensangüentado, sorria para Macbeth e apontava os espectros. Assim, Macbeth ficou sabendo que aqueles eram os descendentes de Banquo, que reinariam na Escócia depois dele. E as feiticeiras, ao som de uma estranha música, dançaram e saudaram Macbeth, desaparecendo em seguida. Desde esse dia, os pensamentos de Macbeth foram todos sanguinários e terríveis.

A primeira coisa de que o informaram ao sair da caverna das feiticeiras foi que Macduff, o barão de Fife, fugira para a Inglaterra, a fim de se juntar ao exército formado sob o comando de Malcolm, o filho mais velho do falecido rei, com o propósito de depor Macbeth e restituir o trono ao legítimo herdeiro.

No auge do furor, Macbeth assaltou o castelo de Macduff, matando-lhe a esposa e os filhos e estendendo o massacre a todos quantos tivessem o mínimo grau de parentesco com seu inimigo.

Esses e outros crimes afastaram dele todos os seus chefes e a nobreza. Os que puderam fugiram, para se juntar a Malcolm e a Macduff, que agora se aproximavam com o poderoso exército que haviam organizado. Os demais desejavam secretamente o sucesso das suas armas, embora, por medo de Macbeth, não tomassem parte ativa na campanha. Os soldados de Macbeth avançavam sem ânimo. Todos temiam o tirano, ninguém o amava ou venerava. Não havia quem não suspeitasse dele. E Macbeth começava a invejar Duncan, que dormia calmamente no seu túmulo, aniquilado pela traição: nem ferro nem veneno, nem os seus nem os estranhos podiam lhe fazer mal agora.

Enquanto sucediam tais coisas, morreu lady Macbeth, a única cúmplice de todos os seus crimes e em cujo seio encontrava um repouso momentâneo dos terríveis pesadelos que o afligiam à noite. Diziam que ela morrera por suas próprias mãos, por não suportar o remorso e o ódio público. Assim, Macbeth ficou sozinho, sem uma alma que o amasse ou cuidasse dele, sem um amigo ou confidente.

Perdeu o amor à vida e suspirou pela morte. Mas a aproximação do exército de Malcolm despertou nele o que ainda lhe restava de

coragem e ele resolveu morrer lutando. Além disso, as falsas promessas das feiticeiras o tinham enchido de enganosa confiança. Lembrava-se de que haviam dito que nenhum homem nascido de mulher poderia lhe fazer mal e que somente seria vencido quando a floresta de Birnam avançasse até Dunsinane, o que ele julgava impossível. Assim, fechou-se no castelo, cuja inexpugnabilidade poderia desafiar um cerco: ali esperou sombriamente a aproximação de Malcolm.

Eis que um dia, finalmente, chega um mensageiro, pálido e trêmulo, quase sem voz. Conta, afinal, que estando na montanha, olhara na direção de Birnam e parecera-lhe que a floresta se movia.

- Escravo mentiroso! - gritou Macbeth. - Se estiveres mentindo, serás pendurado vivo na primeira árvore, até que a fome te mate. Mas se falaste a verdade, poderás fazer o mesmo comigo.

Começava a fraquejar o ânimo de Macbeth. Não sentia medo enquanto a floresta de Birnam não fosse até Dunsinane. Mas a floresta estava a se mover!?

- Quem sabe é verdade? Vamos nos armar e partir. Daqui não posso fugir. Nem quero ficar. Já estou farto da luz do sol e de minha vida.

Com essas palavras desesperadas, saiu do castelo e foi ao encontro dos atacantes, que já haviam fechado o cerco.

Facilmente se explica a escaramuça que dera ao mensageiro a impressão de que a floresta se movia. Ao atravessar Birnam, Malcolm, como hábil general que era, ordenara

aos soldados que arrancassem ramos de árvores e marchassem com eles à frente, para ocultar o verdadeiro número de suas hostes. Fora essa marcha de ramos que, à distância, assustara o mensageiro. Confirmavam-se, pois, as palavras do espírito, mas num sentido diferente de como Macbeth as compreendera - e assim se esvaiu grande parte de sua confiança.

Travou-se terrível batalha, na qual Macbeth - embora fracamente auxiliado pelos que se diziam seus amigos, mas que o odiavam e na verdade pendiam para o partido de Malcolm e Macduff - se bateu

com ímpeto e coragem. Estraçalhou todos com que se defrontou, até chegar ao local onde Macduff lutava. Ao avistá-lo, lembrou a recomendação da feiticeira, de que evitasse Macduff acima de todos os homens, e quis retroceder. Mas foi detido pelo barão, que já o procurara por todo o campo de batalha. Seguiu-se então uma violenta contenda, na qual Macduff acusou-o do assassinato de sua mulher e filhos. Macbeth, cuja alma já estava demasiadamente carregada com o sangue daquela família, ainda quis declinar do combate. Mas Macduff provocou-o à luta, chamando-o de tirano, assassino, monstro e vilão.

Então, lembrou-se Macbeth das palavras do espírito, de que nenhum homem nascido de mulher poderia lhe fazer mal. E, sorrindo confiadamente, disse a Macduff.

- Desperdiças teus esforços, Macduff. Tão fácil seria imprimires no ar os golpes de tua espada quanto me tornares vulnerável a eles. Tenho uma vida encantada, que nenhum homem nascido de mulher pode arrancar.

- Está quebrado teu encantamento - replicou Macduff. - Que o mentiroso espírito que te serve te ensine: Macduff não nasceu de mulher da maneira vulgar que os homens nascem, pois foi prematuramente arrancado, por operação, das entranhas maternas.

- Maldita a língua que me diz tal coisa! - gemeu o trêmulo Macbeth, sentindo esvaír-se a derradeira certeza. - Que nenhum homem, no futuro, acredite nas imposturas de feiticeiras e espíritos, que nos enganam com palavras de duplo sentido e que, cumprindo literalmente suas promessas, frustram nossas esperanças com um significado diferente.

- Pois vive! - exclamou desdenhosamente Macduff. - Nós haveremos de exhibir-te, como os monstros nas feiras, com um cartaz pintado em que estará escrito: "Vinde ver o tirano!"

- Nunca! - replicou Macbeth, cuja coragem voltava com o desespero. - Não viverei para beijar a terra diante dos pés do jovem Malcolm e ser insultado com as pragas do populacho. Embora a floresta de Birnam tenha vindo a Dunsinane e tu, meu adversário,

não hajas nascido de mulher, ainda assim quero arriscar a última cartada.

Com essas palavras desesperadas, arremessou-se contra Macduff, que, após violenta luta, conseguiu prostrá-lo. E, cortando-lhe a cabeça, deu-a de presente ao jovem Malcolm, o rei legítimo. Este tomou as rédeas do governo, do qual fora por tanto tempo privado, e ascendeu ao trono de Duncan, o Bom, por entre as aclamações dos nobres e do povo.

Tradução de Mário Quintana

12. O CRIME DE RASKÓLNIKOV

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI (1821 -1881 | Rússia)

Citado em quase todas as histórias do romance policial como uma espécie de precursor do gênero, Crime e Castigo, um dos clássicos do grande Dostoiévski, não poderia ser esquecido numa antologia como esta. Nossa opção foi selecionar um capítulo do romance, mas um capítulo que praticamente conta uma história em si mesma - um capítulo, para quem já leu e para quem vai ler agora, dos mais importantes deste romance consagrado universalmente. (Utilizamos a tradução de Paulo Bezerra, direta do russo; o título do capítulo é escolha nossa e só vale para esta edição.)

Como da outra vez, a porta se abriu numa fresta minúscula, e do escuro dois olhos penetrantes e desconfiados se fixaram novamente nele. Nesse ponto Raskólnikov ficou desconcertado e ia cometendo um sério erro.

Temendo que a velha se assustasse por estarem os dois a sós e sem esperança de que seu aspecto a dissuadisse, ele agarrou a porta e a puxou em sua direção para que à velha não ocorresse a idéia de voltar a trancar-se. Ao ver isto, ela não puxou a porta de volta para si mas também não largou a maçaneta, de sorte que por pouco ele não a arrastou para a escada junto com a porta. Vendo, porém, que ela estava em pé na soleira da porta e não lhe dava passagem, ele avançou direto contra ela. Ela deu um salto para trás de medo, quis dizer alguma coisa mas foi como se não pudesse e ficou olhando de olhos arregalados para ele.

- Boa noite, Aliena Ivánovna - começou ele da forma mais desembaraçada possível, mas a voz não lhe obedeceu, ficou embargada e tremeu -, para a senhora eu ... trouxe um objeto, mas é melhor a gente vir para cá . .. para o claro ... - E deixando-a, ele

foi entrando direto no quarto, sem ser convidado. A velha correu atrás dele: sua língua destravou-se.

- Meu Deus! O que o senhor está querendo?. . . O que é isso? O que o senhor deseja?

- Ora, Aliena Ivánovna... sou um conhecido seu... Raskólnikov... olhe, trouxe o penhor que havia prometido há poucos dias.. . - E ele lhe estendeu o penhor.

A velha quis dar uma olhada no penhor mas no mesmo instante fixou o olhar direto nos olhos do hóspede intruso. Ficou a olhar atentamente, com fúria e desconfiança. Transcorreu cerca de um minuto; a ele pareceu até que nos olhos dela havia qualquer coisa como zombaria, como se ela já tivesse adivinhado tudo. Ele percebeu que estava ficando desnortado, que estava quase apavorado, tão apavorado que, parece, continuasse

ela mais meio minuto olhando daquele jeito, sem dizer uma única palavra, e ele fugiria dela correndo.

- E por que a senhora me olha desse jeito como se não me reconhecesse? - disse subitamente também com raiva. - Se quiser fique com o objeto, se não, vou procurar outras pessoas, não tenho tempo a perder.

Ele não pensava falar assim, mas súbito acabou saindo automaticamente. A velha voltou a si, e pelo visto o tom decidido da visita a animou.

- Por que você, meu caro, apareceu tão de repente... o que está acontecendo? -perguntou ela, olhando para o penhor.

- É uma cigarreira de prata: eu não falei da outra vez? Ela estendeu a mão.

- E por que é que você está tão pálido? Veja como as mãos estão tremendo! Tomou banho, meu caro?

- É febre - respondeu com voz entrecortada. - Fica-se pálido a contragosto ... quando não se tem o que comer - acrescentou ele, mal pronunciando as palavras. Mais uma vez as forças o

abandonavam. Mas a resposta pareceu verossímil; a velha pegou o penhor.

- O que é isso? - perguntou ela, mais uma vez fixando o olhar em Raskólnikov e pesando o penhor na mão.

- Um objeto... uma cigarreira ... de prata ... dê uma olhada.

- Que coisa, como se não fosse de prata ... E como você a amarrou!

Procurando desamarrar o cadarço e voltando-se para a janela, no sentido da claridade (todas as janelas estavam fechadas, apesar do abafamento), ela o deixou inteiramente por alguns segundos e lhe deu as costas. Ele desabotoou o sobretudo e soltou o machado do laço, mas ainda não o tirou por inteiro, ficando apenas a segurá-lo com a mão direita por cima da roupa. Os braços estavam terrivelmente fracos; ele mesmo os sentia a cada instante cada vez mais entorpecidos e duros. Temia soltar e deixar cair o machado. .. num repente foi como se a cabeça começasse a rodar.

- O que foi que ele enrolou aqui! - gritou a velha irritada e mexeu-se na direção dele. Ele não podia perder nem mais um instante. Tirou o machado por inteiro, levantou-o com as duas mãos, mal se dando conta de si, e quase sem fazer força, quase maquinalmente, baixou-o de costas na cabeça dela. Era como se nesse instante tivesse lhe faltado força. Mas foi só ele baixar uma vez o machado que lhe veio a força.

A velha, como sempre, estava de cabeça descoberta. Os cabelos claros com tons grisalhos, ralinhos, habitual mente besuntados de óleo, formavam uma trança à moda de rabo de rato e estavam presos a um resto de pente de chifre que se destacava na nuca. O golpe acertara em plenas têmporas, para o que contribuía a sua baixa estatura. Ela deu um grito, mas muito fraco, e súbito arriou inteira no chão, mas ainda conseguiu levantar ambas as mãos até a cabeça. Em uma das mãos ainda continuava segurando o "penhor". Então ele bateu duas vezes com toda a força, sempre com as costas do machado e nas têmporas. O sangue jorrou, como de um copo derrubado, e o corpo caiu de costas. Ele recuou, deixou-a cair e no

mesmo instante abaixou-se para lhe olhar o rosto; estava morta. Tinha os olhos esbugalhados, como se quisessem saltar, e a testa e todo o rosto franzidos e deformados pela convulsão.

Ele botou o machado no chão, ao lado da morta, e no mesmo instante atirou-se ao bolso dela, procurando não se sujar do sangue que escorria - aquele mesmo bolso direito de onde ela havia tirado a chave da última vez. Ele estava em plena consciência, já não sentia mais perturbação mental nem vertigem, no entanto as mãos ainda continuavam a tremer. Mais tarde lembrou-se de que esteve inclusive muito atento, cauteloso, procurando sempre evitar manchas. .. As chaves ele tirou no mesmo instante daquele bolso; como da vez anterior, tudo estava em um molho, em um aro de aço. Imediatamente correu com elas ao quarto. Era um quarto muito pequeno, com um enorme caixilho para ícones. Junto à outra parede ficava uma cama grande, bastante limpa, coberta por um edredom de retalhos de seda. À terceira parede ficava a cômoda. Coisa estranha: mal ele começou a enfiar a chave na cômoda, mal ouviu o seu tinido, foi como se uma convulsão lhe percorresse o corpo. Súbito, mais uma vez quis largar tudo e ir embora. Mas foi apenas um instante; era tarde para ir embora. Chegou até a rir de si mesmo, e subitamente lhe bateu outro pensamento inquietante. Eis que lhe pareceu que a velha talvez ainda estivesse viva e ainda pudesse voltar a si. Largando as chaves, e a cômoda, ele correu de volta ao corpo, agarrou o machado e o levantou mais uma vez sobre a velha, mas não o desceu. Não havia dúvida: ela estava morta. Inclinando-se e examinando-a outra vez mais de perto, viu claramente que o crânio estava esfacelado e até levemente deslocado. Quis tocá-la mas afastou a mão; já estava tudo claro. Entrementes o sangue já havia formado uma verdadeira poça. Nisso ele notou um cordão no pescoço dela, puxou-o, mas o cordão era forte e não cedeu; além do mais estava molhado de sangue. Ele tentou tirá-lo pelo pescoço, num gesto de baixo para cima, mas alguma coisa atrapalhava, prendia. Tomado de impaciência, ele quis levantar mais uma vez o machado e malhar imediatamente no cordão, no corpo, de cima para baixo, mas não se atreveu e, depois

de pelear uns dois minutos, sujando de sangue as mãos e o machado, cortou a muito custo o cordão e o tirou, sem aplicar o machado ao corpo; não se enganou - era a bolsa. No cordão havia duas cruces, uma de cipreste e outra de cobre, além de um santinho de esmalte; pendurado com eles estava uma pequena bolsa de camurça engordurada, com um aro de aço e um anelzinho. A bolsa estava abarrotada; Raskólnikov a enfiou no bolso sem examiná-la, atirou a cruz no peito da velha e, agarrando desta feita o machado, lançou-se de volta ao quarto.

Estava com uma pressa terrível, agarrou as chaves e voltou a mexer com elas. Mas era como se tudo saísse errado: não entravam na fechadura. Não é que as mãos tremessem tanto, é que ele só fazia errar: vê, por exemplo, que a chave está errada, não entra, mas ele continua insistindo. Súbito lembrou-se e percebeu que aquela chave grande, de palhetão dentado, que balançava ali junto de outras pequenas, sem falta devia ser não da cômoda (como lhe ocorrera da outra vez) mas de algum baú, e que nesse baú talvez estivesse tudo guardado. Ele largou a cômoda e no mesmo instante meteu-se debaixo da cama, sabendo que as velhas costumam guardar os baús debaixo da cama. E foi o que aconteceu: havia um baú considerável; com mais de um archin^{7} de comprimento, com tampa arqueada, revestida de ma/roquim vermelho sob cravos de aço. A chave dentada veio na medida e o abriu. Em cima, debaixo de um lençol branco, estava um casaco de pele de lebre, coberto por um conjunto vermelho; debaixo dele havia um vestido sedoso, depois um xale, e lá, mais para o fundo, parecia haver apenas trapos. Antes de mais nada ele se pôs a limpar no conjunto vermelho as mãos manchadas de sangue. "É vermelho, e no vermelho não se nota o sangue" - ia raciocinando ele, e súbito caiu em si: "Meu Deus! Será que estou enlouquecendo?" - pensou assustado.

Contudo, mal ele sacudiu essa traparia, um relógio de ouro brotou de debaixo do casaco de pele. Lançou-se a revirar tudo. De fato, no meio da traparia haviam sido colocados objetos de ouro - provavelmente tudo penhores resgatados e não resgatados -,

pulseiras, correntes, brincos, alfinetes etc. Alguns estavam em estojos, outros simplesmente embrulhados em papel de jornal, mas em folhas duplas, com cuidado e zelo, e amarrados em círculo por cadarços. Sem qualquer demora, ele passou a encher os bolsos da calça e do sobretudo, sem examinar nem abrir os embrulhos e estojos; mas não teve tempo de pegar muita coisa...

Súbito soaram passos de alguém no cômodo onde estava a velha. Ele parou e ficou quieto como um morto. Mas tudo estava em silêncio, logo, fora impressão. De repente ouviu-se nitidamente um leve grito, ou como se alguém tivesse dado um gemido baixinho e entrecortado, calando em seguida. Depois voltou a fazer-se um silêncio de morte, durante um a dois minutos. Ele estava de cócoras junto ao baú e aguardava, mal conseguindo tomar fôlego, mas subitamente deu um salto, agarrou o machado e saiu do quarto correndo.

No meio do cômodo estava Lisavieta em pé, com uma trouxa grande na mão, olhando pasma para a irmã morta, inteiramente branca como um pano e como que sem forças para gritar. Ao vê-lo sair correndo, ela começou a tremer feito vara verde, e ficou com todo o rosto convulsionado; levantou a mão, fez menção de abrir a boca, mas mesmo assim não gritou e começou a afastar-se dele lentamente, de costas, para o canto, olhando-o fixamente, à queima-roupa, mas ainda assim sem gritar, como se lhe faltasse ar para tanto. Ele se lançou para ela de machado em punho; os lábios dela se contraíram de forma tão penosa quanto de uma criancinha quando começa a ficar com medo de alguma coisa, olhando fixamente para o objeto que as amedronta, e se preparam para começar a gritar. A infeliz dessa Lisavieta era de tal forma ingênua, esquecida e definitivamente assustada que nem sequer levantou o braço para proteger o rosto, embora fosse esse o gesto defensivo mais necessariamente natural nesse instante, porque o machado havia sido levantado direto sobre o seu rosto. Ela apenas soergueu de leve o braço esquerdo livre, nem de longe até o rosto, e esticou devagarinho na direção dele, como se o afastasse. O golpe foi direto no crânio, de lâmina, e de uma só vez abriu toda a parte

superior da testa, chegando quase às têmporas. E ela desabou. Raskólnikov estava quase desnordeado; agarrou-lhe a trouxa, largou-a e correu para a ante-sala.

\) pavor se apoderava dele cada vez mais, principalmente depois desse segundo assassinato totalmente inesperado. Queria correr dali o mais rápido possível. E se nesse instante ele estivesse em condição de ver e raciocinar de modo mais correto; se pudesse ao menos perceber todas as dificuldades da sua situação, todo o desespero, toda a hediondez

e todo o absurdo que havia nela, compreender quantas dificuldades e talvez até quanta crueldade ainda teria de superar e praticar para escapular dali e chegar em casa - é bem possível que ele largasse tudo e dali mesmo fosse denunciar-se, e não por temer por si próprio mas pelo simples horror e repugnância ao que havia praticado. Nele a repugnância crescia particularmente e aumentava a cada instante. Agora ele não voltaria ao baú e nem ao quarto por nada nesse mundo.

Mas pouco a pouco começou a dominá-lo um certo alheamento, uma espécie de meditação: por minutos era como se ele perdesse a consciência ou, melhor dizendo, esquecesse o principal e se apegasse a minúcias. Aliás, olhando para a cozinha e avistando em cima de um banco um balde com água até o meio, ocorreu-lhe lavar as mãos e o machado. As mãos estavam ensangüentadas e pegajosas. O machado ele mergulhou pela lâmina direto na água; agarrou um pedaço de sabão que estava na janela em um caco de pires e começou a lavar as mãos ali mesmo no balde. Depois de lavá-las tirou também a lâmina do machado, lavou-a e ficou um longo tempo, coisa de uns três minutos, lavando o cabo onde havia respingos, esfregando o sangue até com sabão. Depois enxugou tudo na roupa branca que estava ali mesmo, secando numa corda estendida através da cozinha, após o que ficou muito tempo examinando o machado, atentamente, junto à janela. Não restara vestígios, apenas o cabo ainda estava úmido. Encaixou cuidadosamente o machado no laço, debaixo do sobretudo. Em seguida, o quanto permitia a fraca claridade da cozinha, examinou

o sobretudo, as calças, as botas. Na superfície, à primeira vista, parecia não haver nada; só nas botas havia manchas. Ele molhou um pano e limpou-as. Sabia, aliás, que discernia mal, que, talvez, houvesse alguma coisa que saltasse à vista, mas ele não estava notando. Parou no meio do quarto, meditando. Uma idéia angustiante, sombria, crescia nele - a idéia de que estava enlouquecendo, de que naquele instante não tinha condição nem de raciocinar, nem de se defender, de que talvez não devesse fazer o que estava então fazendo. . . "Meu Deus! Preciso fugir, fugir!" - balbuciou e lançou-se para a ante-sala. Mas ali o aguardava um horror como, é claro, nunca havia experimentado.

Ficou parado, observando, e não acreditava no que viam os próprios olhos: a porta, a porta da frente, que dava da ante-sala para a escada, aquela mesma em que, não fazia muito, ele batera e por onde entrara, estava aberta, inclusive entreaberta e cabendo a mão inteira: sem chave nem ferrolho, o tempo todo, todo aquele tempo! A velha não fechara a porta atrás dele talvez por precaução. Mas Deus! Ora, depois ele viu Lisavieta! E como podia, como podia não adivinhar que ela havia entrado de algum lugar! Não teria atravessado a parede.

Ele se lançou para a porta e passou o ferrolho.

"Ah, não, mais uma vez não é isso! Preciso sair daqui, sair, sair...!"

Puxou o ferrolho, abriu a porta e ficou de ouvido atento na escada.

Passou muito tempo auscultando. Em algum ponto longe dali, embaixo, provavelmente à entrada do portão, duas vozes, sabe-se lá de quem, gritavam esganiçadas, discutiam e se insultavam. "O que eles estarão? .. " Esperou com paciência. Num instante tudo ficou em silêncio, cessou bruscamente: dispersaram-se. Ele já estava para sair, mas súbito a porta do andar inferior, que dava para a escada, abriu-se com ruído e alguém começou a descer a escada cantarolando um motivo qualquer. "Como estão sempre fazendo barulho!" - passou-lhe pela cabeça. Tornou a encostar a

porta e ficou aguardando. Por fim tudo ficou em silêncio, nem viva alma. Ele já ia pondo o pé na escada quando de repente novos passos se fizeram ouvir.

Vinham de muito longe, lá bem do começo da escada, mas na lembrança dele estava muito bem nítido que desde o primeiro som algum motivo o levara a desconfiar de que eles se dirigiam forçosamente para lá, para o quarto andar, para o apartamento da velha. Por quê? Seriam os sons tão especiais, notáveis? Eram passos pesados, regulares, sem pressa. Aí vem ele, já passou o primeiro andar, já subiu mais; dá para ouvir cada vez mais, cada vez mais! Ouve-se o ofegar pesado da pessoa chegando. Já vem aí subindo o terceiro. .. Vindo para cá! E de repente lhe pareceu que estava como que paralisado, que era como se estivesse sonhando que o acossavam, de perto, querendo matá-lo, e ele mesmo era como se estivesse pregado no lugar, sem poder sequer mexer as mãos.

Por fim, quando a visita começou a subir para o quarto andar, só aí ele se sacudiu subitamente e acabou se esgueirando com destreza do saguão para o apartamento e fechando a porta atrás de si. Em seguida agarrou o machado e calmamente, em silêncio, acomodou-o no laço. O instinto o socorreu. Terminado tudo, escondeu-se ali mesmo ao pé da porta, prendendo a respiração. O intruso também já estava à porta. Agora os dois estavam frente a frente como há pouco tempo ele estivera com a velha quando a porta os separava e ele auscultava.

A visita tomou fôlego várias vezes pesadamente. "Deve ser gordo e grande" - pensou Raskólnikov, apertando o machado na mão. De fato, era como se tudo fosse um sonho. O visitante agarrou a sineta e puxou com força.

Logo que soou o som de lata da sineta ele teve a súbita impressão de que alguém se havia mexido no cômodo. Chegou até a ficar alguns segundos auscultando seriamente. O desconhecido tornou a chamar, esperou mais um pouco e, de repente, tomado de impaciência, começou a puxar com toda a força a maçaneta da porta. Raskólnikov observava com horror o eixo do ferrolho pulando

nos gonzos e esperava com um medo estúpido que ele saltasse a qualquer momento. Isso realmente parecia possível, tão grande era a força com que puxavam. Ele esboçou a idéia de segurar o ferrolho com a mão, mas o outro poderia adivinhar. Sua cabeça parecia querer voltar a girar. "Vou desmaiar!" - passou-lhe pela cabeça, mas o desconhecido começou a falar e ele se refez no mesmo instante.

- Raios, será que estão dormindo ou foram estranguladas? Trimalditas - mugiu como se estivesse dentro de uma barrica. - Ei, Aliena Ivánovna, sua bruxa velha! Lisavieta Ivánovna, beleza indescritível! Abram! Ô, trimalditas, será que estão dormindo?

E novamente, tomado de fúria, puxou a sineta umas dez vezes seguidas, com toda a força. Era mesmo um homem imperioso e íntimo da casa.

Nesse mesmo instante ouviram-se passos apressados ali perto na escada. Passava mais alguém. Raskólnikov acabou perdendo o começo da conversa.

- Será que não tem ninguém? - gritou com voz sonora e alegre o recém-chegado, dirigindo-se diretamente ao primeiro visitante, que ainda continuava a puxaria sineta. - Boa noite, Kokh!

"A julgar pela voz, deve ser muito jovem" - pensou de súbito Raskólnikov.

- O diabo sabe delas, por pouco não arrebentei a fechadura - respondeu Kokh. - E o senhor, como é que me conhece?

- Ora como! Há três dias ganhei do senhor três partidas seguidas de bilhar no "Gambrinus"!

- Ah-ah-ah!

- Então elas não estão? Estranho. Um absurdo, aliás, um horror.

- Onde a velha iria meter-se? Vim a negócio.

- Eu também vim a negócio, meu caro!

- Então, o que a gente vai fazer? Quer dizer que vai voltar? Ora, ora! E eu que pensava em arranjar dinheiro! - exclamou o jovem.

- É claro que vamos voltar; pra que marcar hora? Ela mesma, a bruxa, marcou hora comigo. Eu tive de dar uma volta. Aliás, não consigo entender; por onde diabo ela andará? A bruxa passa o ano inteiro enfiada em casa, mofando, com dor nas pernas, e de repente sai para passear!

- Não será o caso de perguntar ao zelador?

- O quê?

- Pra onde foi e quando volta.

- Hum.. diabos. .. é perguntar... Porque ela não vai a lugar nenhum. . . - e ele deu mais um puxão na maçaneta da porta. - Diabos, não há o que fazer, vamos embora!

- Espere! - gritou de repente o jovem - olhe: está vendo como a porta cede se a gente puxa?

- E daí?

- Significa que não está fechada à chave mas a ferrolho, isto é, no trinco. Está ouvindo o tilintar do ferrolho?

- E então?

- Ora, como é que o senhor não entende? Quer dizer que uma delas está em casa. Se todas as duas tivessem saído, teriam trancado a porta por fora com chave e não se trancado por dentro com ferrolho. Mas neste caso - está ouvindo como o ferrolho tilinta? E para trancar-se por dentro a ferrolho é preciso estar em casa, entende? Logo, estão em casa mas não abrem!

- Bah! É isso mesmo! - gritou surpreso Kokh. - Então o que estão fazendo lá dentro? - E ele começou a puxar freneticamente a porta.

- Pare! - tornou a gritar o jovem - não puxe. - Aqui há qualquer coisa de estranho ... O senhor tocou a sineta, puxou a porta, mas não abrem; então ou as duas estão desmaiadas, ou ...

- O quê?

- Veja o quê: vamos procurar o zelador; que ele mesmo acorde as duas.

- Isso! - Os dois se puseram a descer.

- Espere! O senhor fique aqui, enquanto eu vou lá embaixo chamar o zelador.

- Por que ficar?

- Quem sabe o que pode acontecer?

- É mesmo. . .

- Estou me preparando para ser juiz de instrução! Aqui evidentemente, e-vi-den-te-men-te há alguma coisa estranha! - bradou entusiasmado o jovem e desceu a escada correndo.

Kokh ficou, mexeu mais uma vez devagarinho a sineta, e esta deu uma batida; depois, devagarinho, como se refletisse e examinasse, passou a mexer na maçaneta da porta, puxando-a e largando-a, querendo se convencer mais uma vez de que ela estava apenas no ferrolho. Depois inclinou-se ofegante e ficou olhando pelo buraco da fechadura; mas por dentro a chave estava pendurada, logo, não dava para enxergar nada.

Em pé, Raskólnikov apertava o machado. Era como se estivesse delirando. Estava inclusive disposto a lutar com eles quando entrassem. Enquanto batiam e discutiam, várias vezes teve a repentina idéia de acabar com tudo de uma vez e gritar para eles do outro lado da porta. Teve vontade de começar a xingá-los, a provocá-los enquanto não abriam a porta. "É melhor que termine logo!" - veio-lhe de relance à cabeça.

- Mas ele, ô diabo. ..

Passava o tempo, um minuto, outro, ninguém aparecia. Kokh começou a mexer-se.

- Mas é o diabo!... - gritou de repente e, largando a guarda tomado de impaciência, também foi para baixo, com pressa e batendo as botas na escada. Os passos silenciaram.

- Deus, o que fazer!

Raskólnikov puxou o ferrolho, entreabriu a porta - não ouviu nada, e súbito, já sem pensar em absolutamente nada, saiu, encostou a porta o mais firme que pôde e lançou-se escada abaixo.

Já havia descido três lanços de escada quando subitamente ouviu um vozerio forte embaixo. Onde se meter? Não havia onde se esconder. Ia correr de volta, ao mesmo apartamento.

- Ei, maldito, diabo! Segurem!

Alguém lá embaixo saiu de algum apartamento aos gritos e não só correu como de fato caiu escada abaixo se esgoelando:

- Mitka! Mitka! Mitka! Mitka! Mitka!{8} O diabo que te carregue!

O grito terminou com um ganido; os últimos sons já se ouviram do pátio; tudo ficou em silêncio. Mas nesse mesmo instante vários homens começaram a subir ruidosamente a escada, falando alto e com freqüência. Eram uns três ou quatro. Ele ouviu a voz sonora do jovem. "São eles!"

Em completo desespero, foi de cara ao encontro deles: "Seja lá o que for! Se me pararem, tudo estará perdido, se não pararem, também estará tudo perdido: haverão de lembrar-se." Os outros já vinham ao encontro dele; entre eles restava apenas um lanço de escada - e de repente a salvação! A alguns degraus dele, à direita, estava o apartamento vazio e escancarado, aquele mesmo apartamento do segundo andar que os operários estavam pintando e agora haviam deixado como que de propósito. Com certeza tinham sido eles que há pouco haviam saído correndo naquela gritaria. O assoalho acabava de ser pintado, no meio do cômodo havia uma barrica e um caco de louça com tinta e um pincel. Num abrir e fechar de olhos ele se esgueirou pela porta aberta e escondeu-se atrás de uma parede, e não foi sem tempo: eles já estavam em pleno patamar. Em seguida guinaram para cima e passaram ao lado conversando alto, em direção ao quarto andar. Ele e.spe.HIUu, saiu na ponta dos pés e correu para baixo.

Sabia muito bem, sabia perfeitamente bem que, àquela altura, eles já se achavam no apartamento, que tinham ficado muito surpresos ao encontrá-lo aberto quando ainda há pouco estivera fechado, que já examinavam os corpos e que não passaria mais de um minuto para que adivinhassem e compreendessem inteiramente que o assassino acabara de estar ali e conseguira esconder-se em

algum lugar, esgueirar-se deles, fugir; ainda adivinhariam, talvez, que ele estivera sentado no apartamento vazio enquanto eles passavam subindo. Enquanto isso, sob nenhum pretexto ele se atreveria a aumentar muito o passo, embora estivesse a uns cem passos da próxima esquina. "Não seria o caso de me esgueirar para alguma passagem e ficar esperando por aí em alguma escada desconhecida? Não, a coisa vai mal! E não será o caso de largar o machado em algum lugar? Não será o caso de pegar um coche? A coisa vai mal! Mal!"

Até que enfim um beco; guinou para ele mais morto do que vivo; aí já estava metade salvo, e compreendia isso: menos suspeitas, e ainda por cima um vaivém de gente, e ele desaparecia no meio como um grão de areia. Mas todos esses tormentos o haviam esgotado a tal ponto que ele se movimentava a muito custo. Suava às bicas; tinha o pescoço todo molhado. "Eta porre!" - gritou-lhe alguém, quando ele apareceu no canal.

Nesse momento ele se lembrava mal da sua vida; e isso piorava conforme o tempo ia passando. Lembrava-se, entretanto, de que, ao chegar ao canal, levava um súbito susto, de que havia pouca gente e ali estava mais à vista, e quis voltar para o beco. Apesar de quase ter desmaiado, ainda assim deu uma volta e chegou em casa por um lado totalmente oposto ao de costume.

Não estava senhor de si quando chegou ao portão do seu prédio; já havia pelo menos tomado a direção da escada e só então se lembrou do machado. Entretanto, tinha pela frente uma tarefa muito importante: colocá-lo de volta da forma mais invisível que pudesse. É claro que ele já não estava em condição de compreender que lhe seria bem melhor não pôr, de maneira nenhuma, o machado no lugar anterior, e sim largá-lo, mesmo que depois, em algum pátio estranho.

No entanto tudo saiu bem. A porta da casa do zelador estava fechada, mas não à chave, logo, o mais provável era que ele estivesse em casa. Contudo ele já havia perdido a tal ponto a capacidade de compreender qualquer coisa que foi direto à casa do zelador e abriu a porta. Se o zelador lhe perguntasse: "O que

deseja?" - ele talvez lhe entregasse diretamente o machado. Porém mais uma vez o zelador não estava em casa, e ele conseguiu colocar o machado no antigo lugar debaixo do banco; inclusive o encobriu com a acha de lenha como antes. Depois não encontrou ninguém, viva alma, até a porta do seu quarto; a porta da casa da senhoria estava fechada. Ao entrar no quarto, lançou-se no sofá como estava. Não dormiu, ficou na modorra. Se nessa ocasião alguém entrasse no quarto, imediatamente ele daria um salto e começaria a gritar. Retalhos e trechos de alguns pensamentos fervilhavam sem parar em sua cabeça; mas ele não conseguia captar nenhum deles, não podia deter-se em nenhum deles, mesmo apesar dos esforços. ..

Tradução de Paulo Bezerra

13. MARKHEIM

ROBERT LOUIS STEVENSON (1850 – 1894 | Escócia)

Principalmente no século XIX, o crime, mais que um problema jurídico, era um tema de discussão filosófico-teológica, ético-estética (vide Dostoiévski}. É o caso desta história, do mesmo autor de O Médico e o Monstro e A Ilha do Tesouro, um dos relatos mais marcantes da história da literatura. Observe-se o clima alucinado e alucinante que, pouco a pouco e com uma maestria exemplar, envolve o personagem e o próprio conto.

- Sim - disse o antiquário -, nem sempre temos a mesma sorte; além disso, os meus lucros provêm de várias fontes. Muitos fregueses são ignorantes e, nestes casos, eu ponho algum dinheiro no bolso em cima do meu conhecimento do ramo. Alguns são desonestos - e neste ponto ele ergueu a vela que tinha na mão, de modo a iluminar o rosto do visitante. - E em casos assim, eu lucro com a minha virtude.

Markheim recém-deixara a claridade do lado de fora, e seus olhos ainda não tinham se acostumado com a mistura de brilhos e obscuridade da loja. Ao ouvir aquelas palavras do negociante, e diante da proximidade da luz de vela, ele esquivou-se e olhou em outra direção.

O negociante sorriu maliciosamente:

- O senhor me visita no dia de Natal, quando sabe que eu estou sozinho, já tendo fechado as portas e me decidido a não mais fazer negócio. Bem, terá de pagar por isso. Terá de pagar pela minha perda de tempo, quando eu deveria estar fazendo o balanço dos movimentos; precisa pagar, além disso, por suas maneiras, que estou notando hoje com muita percepção. Eu sou a discrição em

pessoa, e não faço nenhuma pergunta esquisita, mas quando um cliente não consegue me olhar nos olhos, ele precisa pagar por isso.

E mais uma vez o antiquário sorriu; e então, mudando para a sua voz normal de negociar, embora ainda com um tom de ironia:

- Como é de praxe, o senhor pode me contar em poucas palavras como este objeto chegou às suas mãos? Pertence também à coleção do seu tio? Que grande colecionador ele é!

E o pálido e pequeno antiquário ergueu-se praticamente na ponta dos pés, olhando por cima do aro dos óculos, e sacudiu levemente a cabeça com todos os sinais de descrença. Markheim retribuiu-lhe o olhar com outro de infinita piedade junto com um toque de horror.

- Desta vez - disse ele - o senhor se enganou. Não vim vender nada, mas sim comprar; não tem nenhuma curiosidade que eu pudesse adquirir? O escritório do meu tio está vazio até o teto; e mesmo quando estava repleto, eu me fui muito bem na Bolsa de Valores. O objeto que procuro é muito simples... Estou procurando um presente de Natal para uma senhora - continuou, tornando-se mais fluente ao reatar o discurso que havia preparado - e certamente preciso lhe pedir desculpas por incomodá-lo com uma coisa tão sem importância. Mas acabei me esquecendo disso ontem; é que preciso retribuir a gentileza de um convite para jantar; como o senhor muito bem sabe, um rico casamento não é coisa para se desprezar.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual o antiquário parecia ponderar sua própria desconfiança. Os tique-taques de muitos relógios, por entre os muitos objetos amontoados na loja, e o andar abafado das carruagens do lado de fora quebravam um pouco do silêncio. ..

- Bem - disse o antiquário -, tudo bem. Afinal, o senhor é um freguês antigo; e se, como diz, tem a oportunidade de fazer um bom casamento, não serei eu quem irá lhe colocar obstáculo. Eis aqui uma bela peça para uma senhora - prosseguiu -, um espelho de mão do século XV, com garantia; fez parte de uma bela coleção,

mas me reservo o direito de não dizer o nome do colecionador, no interesse do meu cliente, que é como o senhor, meu caro, o sobrinho e único herdeiro do citado colecionador.

E o antiquário, enquanto assim falava com um tom de voz seco e mordaz, parou no meio do ato de retirar o objeto do lugar; e, ao percebê-lo, um arrepio passou pela espinha de Markheim, da cabeça aos pés, e se refletiu no rosto, de alguma maneira perturbado por um tumulto de emoções. Coisa rápida, que surgiu e desapareceu sem deixar traços atrás de um leve tremor da mão que recebia o espelho.

- Um espelho - disse, a voz rouca; e depois de uma pausa, repetiu mais claramente: - Um espelho! Como presente de Natal? Claro que não!

- E por que não? - insistiu o antiquário. - Por que não um espelho? Markheim olhava para ele com uma expressão indefinível.

- O senhor me pergunta por que não? Pois bem, olhe aqui, olhe o espelho, olhe o seu rosto! Gosta do que está vendo? Não, nem eu nem ninguém.

O homenzinho deu um passo para trás quando Markheim confrontou-o com o espelho; mas agora, percebendo que não se tratava de nada pior do que um espelho, disse, rindo com certa malícia:

- Sua futura esposa, senhor, deve ser muito bela.

- Estou querendo - disse Markheim - um presente de Natal, e o senhor me vem com isso, esse terrível acionador de lembranças dos anos, dos pecados e das loucuras. . . esse despertador de consciências?! Está querendo me dizer alguma coisa com isso? Teve alguma intenção oculta? Diga-me. Será melhor que o senhor fale. . . Quero supor que seja um homem discretamente caridoso, ou será que não?

O antiquário olhou para o freguês com atenção redobrada. Era um sujeito singular! Não parecia que Markheim estivesse brincando. Pelo contrário, havia em seu rosto algo como um raio de esperança, mas nenhuma alegria.

- Aonde está querendo chegar? - perguntou-lhe.

- Nada caridoso, não é mesmo? - respondeu Markheim, com um ar sombrio. - Nada de piedade; nada de escrúpulo; desamoroso; insensível; a mão sempre pronta para

segurar o dinheiro; um cofre para guardá-lo. Não é assim, meu senhor? Santo Deus! O homem não passa disso?

- Já sei o que é - disse o antiquário, com alguma profundidade. Logo se pôs a rir de novo. - Vejo que se trata de um casamento por amor e que o senhor esteve bebendo à saúde de sua dama.

- Eu, não - protestou o freguês. - Só se for o senhor que está apaixonado. Fale-me então a esse respeito.

- Eu!? - exclamou o antiquário. - Eu, enamorado? Nunca tive tempo para essas loucuras, muito menos hoje. Mas, afinal, o senhor vai querer o espelho?

- Para que tanta pressa? - falou Markheim. - Acho muito agradável estar aqui conversando. A vida é tão curta e tão incerta que não é por uma questão de pressa que eu vou perder um momento de prazer, muito menos um momento tão interessante quanto este. Pelo contrário, devemos nos agarrar com força ao mais fútil pretexto de prazer como se agarra um homem à beira de um precipício. .. Cada segundo é precipício; pense bem nisso... Um precipício de mil metros de altura ... bastante alto para... Se cairmos, perderemos tudo o que em nós existe de humano. Por isso, é melhor que conversemos prazerosa mente. Batemos um papo, um com o outro, e sem máscaras. Troquemos confi-dências. Quem sabe se não ficaremos amigos?

- Tenho apenas uma palavra a lhe dizer - replicou o antiquário -, ou o senhor compra alguma coisa ou se retira da minha loja.

- Tem razão, tem razão - disse Markheim. - Nada de brincadeiras. Vamos ao negócio. Mostre-me outra coisa.

O lojista foi colocar o espelho na prateleira, onde estava antes. Ao se movimentar, seus cabelos finos e loiros lhe caíram sobre a testa e sobre os olhos. Markheim aproximou-se dele com a mão

enfiada no bolso do casaco; inclinou-se, ergueu-se de novo e respirou a plenos pulmões. Seu rosto denunciava várias emoções: de fascínio, de terror, de decisão, de repugnância. Um sorriso selvagem contraiu-lhe o lábio superior, deixando os dentes à mostra...

O antiquário havia se curvado para apanhar outro objeto, ao mesmo tempo que começava a dizer:

- Isso aqui talvez lhe agrade. . .

E ia se levantar quando Markheim, num gesto brusco, atacou-o pelas costas. A lâmina de um punhal brilhou um instante e sumiu nas costas do velho. Que se debateu como uma galinha, acabou batendo com a testa na prateleira e caindo no chão.

O tempo parecia falar através do eco de dezenas de vozes dentro da loja, algumas firmes, outras baixas, como convinha à idade avançada; outras loquazes e rápidas. Todas marcavam os segundos num coro de tique-taques entrelaçados. Em seguida, o ruído de passos de um jovem veio quebrar o coro de tique-taques que ali reinava e arrancar Markheim do alheamento em que se encontrava.

Olhou à sua volta, apavorado. A vela estava sobre o contador e sua chama esguia, alta, tremulava solene, iluminando com luz amarela as figuras de bronze, os rostos dos retratos a óleo, os contornos das porcelanas da China, os mil e tantos objetos do comércio de antigüidades que tremiam como imagens refletidas n'água. Uma das portas internas da casa estava levemente entreaberta, e uma réstia de luz passava por aquela abertura, revelando os primeiros degraus de uma escada.

Os olhos de Markheim voltaram a se fixar no corpo de sua vítima, encolhido e achatado, e que, estranhamente, parecia muito menor do que era em vida. O antiquário, com a cabeça deslocada, em suas roupas de avarento, parecia mais um monte de pó. Markheim chegou a se assustar ao vê-lo, mas logo se recompôs. .. Não era nada!

No entanto aquelas roupas velhas, aquela poça de sangue, foram adquirindo vozes eloqüentes. "Aquilo" ficaria ali mesmo sem que ninguém pudesse lhe reanimar os membros desarticulados, sem provocar o milagre do movimento. E ali permaneceria até que fosse descoberto. Descoberto! E depois? Aquela carne sem vida emitiria um grito que iria repercutir por toda parte, em ecos e ecos de perseguição. Sim, mesmo morto, ele pensou, ele continuaria a ser seu inimigo!...

"Era no tempo em que os cérebros fermentavam"- pensou, e a palavra "tempo" arranhou-lhe a alma. O tempo, agora que o ato estava consumado. .. ; o tempo, que deixara de existir para a vítima, tinha para o assassino uma importância fundamental. Esta idéia agitava-se ainda dentro dele quando todos os relógios da loja começaram a soar. Primeiro um, em seguida outro, logo outro. Uns com um som profundo como o de um sino de igreja, outros com som musical, como as notas de um prelúdio de valsa; e todos marcavam três horas da tarde.

A súbita irrupção de tantos sons naquele ambiente emudecido fez com que Markheim hesitasse. Pôs-se a andar de um lado para o outro com a vela na mão, perseguido por sombras movediças e tremendo até o mais fundo da alma com o imprevisto dos reflexos. Esses reflexos tomavam seu espírito de assalto, surgindo ao acaso. Em muitos espelhos, via sua face refletida repetidas vezes, como se estivesse sitiado por um exército de espiões. Seus próprios olhares se entrecruzavam e chegavam a surpreendê-lo. O ruído dos seus próprios passos, ainda que cuidadosos, abalavam a tranquilidade do ambiente, e o afligiam. E, se bem que fosse enchendo os bolsos com objetos de valor, acusava-se teimosamente das mil faltas que julgava agora ter cometido. Devia ter escolhido uma hora mais propícia, devia ter preparado um alibi, não ter usado punhal, ter sido mais cuidadoso. Devia ter amarrado e amordaçado o lojista, e não matado. .. Devia ter sido mais audacioso e matado a criada também. Ter feito, enfim, tudo de uma outra maneira. Arrependimentos pungentes! Inúteis esforços da mente para alterar o que agora era inalterável, para projetar o que já estava feito, o

que constituía já um irremediável passado. Terrores cruéis fervilhavam na sua cabeça, como um bando de ratos numa água-furtada. Sucediã-se as imagens de um grosseiro carro de polícia vindo a galope, a prisão, o julgamento, a forca, enfim, um tosco caixão ...

O terror que sentia das pessoas que passavam pela rua lhe invadia a alma como um exército sitiante. Impossível - pensava - que todo o barulho do ato não lhes tivesse chegado aos ouvidos e despertado a atenção de todos; e então, nas casas vizinhas, pressentia as pessoas sentadas e imóveis, de ouvidos alertas. .. Gente solitária, condenada naquele dia de Natal a se refugiar nas suas próprias lembranças, bruscamente perturbadas naquela hora sentimental; reuniões de família felizes, repentinamente emudecidas em volta de uma mesa; a mãe, ainda com o dedo no ar, e todos, sim, todos em seus lares de ouvidos atentos, tecendo assim a corda com que seria enforcado. Às vezes parecia ser incapaz de se mover com a necessária agilidade; o tilintar das grandes taças de cristal da Boêmia soava a seus ouvidos como um sino e, profundamente abalado pelos tique-taques, sentiu-se tentado a parar todos os relógios. Mas, logo em seguida, numa brusca transição de temores, o próprio silêncio do lugar afigurava-se-lhe pródigo de perigos; aquele insólito silêncio devia colar-se aos transeuntes e deixá-los congelados. Opunha-se então a caminhar com passos mais decididos e imitava as idas e vindas de uma pessoa vivamente ocupada com os afazeres da loja, ruidosamente, por entre o barulho natural da casa.

Via-se ele, no entanto, de tal modo assoberbado por temores vários que, enquanto uma parte da sua mente se conservava ainda viva e lúcida, a outra apontava para os confins da loucura. Uma alucinação, entre outras, se apoderou de seu espírito. O vizinho a escutar, de rosto pálido, por trás da sua janela; o transeunte que parara na rua assaltado por uma terrível suspeita! E eles, na pior das hipóteses, só podiam fazer conjecturas, nada podiam saber; através das paredes de tijolos e das janelas fechadas, só os ruídos passariam, quando muito. Mas estaria ele só ali dentro da loja?

Sabia que estava sozinho: vigiara antes a criada que saíra para se encontrar com o noivo, modestamente endomingada, livre, para passar todo o dia fora, como se deduzia de seus enfeites e de seus sorrisos. Sim, é claro que estava só. E no entanto, por cima dele, na grande casa vazia, soava o ruído de umas passadas rápidas. . . Tinha a nítida consciência, inexplicavelmente nítida, da presença de alguém nas dependências e cantos da casa. Tão rápido o seu rosto se transformava numa coisa, mas que tinha olhos para ver, como não passava de uma sombra de si mesmo, ou ainda a imagem do comerciante morto, ressuscitado pelo lampejo do ódio.

Algumas vezes, fazendo um enorme esforço, dava uma olhadela através da porta entreaberta. A sala era grande; o postigo do sótão, pequeno e encardido; o dia estava nublado e a luz que se infiltrava era extremamente fraca e espalhava-se vagamente sobre o umbral da loja. E apesar disso tudo, no meio daquela faixa de luz incerta, não é que se via uma sombra extravagante a balançar?

De repente, da parte de fora, um cavalheiro muito cordial começou a bater com sua bengala na porta da loja, acompanhando a pancada com gozações misturadas com o nome do dono do antiquário.

Markheim sentiu um arrepio percorrendo seu corpo e olhou para o morto. Não! Ele estava quieto, bem longe de escutar as pancadas e as pilhérias; mergulhara para sempre num mar de silêncio, e o seu nome, que antes teria escutado mesmo por cima do rugido de uma tempestade, convertera-se num som vazio de sentido. Mas finalmente o alegre cavalheiro desistira de bater na porta, e foi-se.

O incidente alterou fortemente o espírito de Markheim. Precisava se apressar, fugir dali, abandonar a vizinhança ameaçadora, diluir-se na multidão londrina e no final do dia alcançar sua cama e aparentar inocência. Um desconhecido havia batido à porta. A qualquer momento poderia aparecer outro, mais obstinado. Depois de tanto trabalho, não colher nenhum fruto seria um malogro considerável. Era o dinheiro que agora o preocupava; e a maneira era descobrir as chaves. ..

Olhou para trás, para a porta interna, entreaberta. O mesmo reflexo se estendia pela abertura. Dirigiu-se sem nenhuma repugnância até o corpo da vítima. Pegou o cadáver pelos ombros e virou-o de frente; achou-o estranhamente leve; o rosto privado de qualquer emoção, mas de uma palidez de cera; uma têmpora estava horrivelmente manchada de sangue. Esta foi a única circunstância desagradável; fez com que recuasse por um instante, lembrando-se de um dia de feira, numa praia de pescadores - dia cinzento, vento agreste, a multidão na rua coalhada de viaturas, o rufar dos tambores, a voz rouca de um cantor ambulante -, onde um menino perdido na multidão, e por entre os rumores daquela mistura de vendedores e compradores, se achara de repente diante de uma barraca onde se exibiam, com tintas cruéis, os quadros representando Browning e seu aprendiz, os Manning e seu hóspede assassinado, Weare no abraço mortal de Thurtell e mais uns vinte crimes célebres.

A visão era tão nítida que chegava a iludi-lo. Era mais uma vez aquele menino, com a mesma sensação de revolta diante daqueles quadros abjetos; o rufar dos tambores, ainda por cima, conseguia ensurdecê-lo. Vinha-lhe à memória um compasso de música daquele dia e foi então que ele experimentou pela primeira vez um desmaio, uma súbita fraqueza das pernas que precisou vencer no mesmo instante. Considerou mais prudente encarar o fato do que fugir daquela situação e, por isso mesmo, olhou para o rosto do morto e começou a avaliar a natureza e a enormidade do seu crime. Havia pouco, aquele rosto ainda denunciava as alterações das idéias, as mudanças de sensações; aquela boca falava; aquele corpo comandava energias; agora, por exclusiva obra sua, aquela fração de vida tinha cessado de vibrar, como um relógio que parava devido à intercessão do dedo de um relojoeiro. Assim, e em vão, raciocinava Markheim. Não conseguia elevar-se acima de sua própria consciência, cheia de remorsos. O mesmo coração que se sensibilizara diante das gravuras com cenas dantescas de crime mantinha-se impassível diante da realidade. Sentia apenas uma ponta de piedade por aquele que fora favorecido por tantos

recursos capazes de tornar o mundo um jardim encantado, e que, no entanto, nunca houvera vivido, e agora ali jazia, morto! Mas de arrependimento, nada, nenhum tremor!

Libertando-se dessas considerações, Markheim enfim encontrou as chaves; e avançou para a porta entreaberta...

Começara a chover copiosamente lá fora. O barulho da chuva caindo no telhado quebrava o silêncio; como numa caverna onde gotejava água, o ruído que ela fazia ressoava dentro da casa, ferindo os ouvidos do assassino, meio apavorado, junto com o tique-taque dos relógios.

Quando Markheim se aproximava da porta, pareceu escutar, como resposta ao seu próprio e cauteloso caminhar, os passos de outros pés a subir a escada. A réstia de luz da vela continuava a iluminar frouxamente os primeiros degraus. Num forte impulso, Markheim empurrou a porta, que se abriu de vez... Reinava no aposento uma meia claridade produzida pela luz do dia, vinda de uma clarabóia. Sempre cauteloso, Markheim entrou...

Ninguém ali. Num canto, via-se uma armadura completa, de pé, com uma alabarda na mão. Pelas paredes, vários quadros emoldurados em madeira preta e entalhada. O barulho da chave fazia-se agora mais alto dentro da casa; e aos ouvidos de Markheim se distinguiam estranhamente por vários sons; eram passos e suspiros, um tropel de regimento, marchando a distância; tinir de moedas; ranger de portas furtivamente entreabertas. A sensação de que não estava só cresceu dentro dele, até à ameaça de loucura. De todos os lados sentia-se cercado e perseguido por misteriosas presenças; ouvia passos no andar de cima; da loja, parecia-lhe vir um rumor de homem mexendo as pernas, como se tentasse ficar em pé. E quando pôs-se a subir os degraus da escada, parecia que pés fugiam rapidamente diante dele, enquanto outros o seguiam. "Se ao menos eu fosse surdo", pensou, "estaria me sentindo muito mais tranqüilo". Mas, pensando melhor, sentia-se feliz por aquela inquietação que o mantinha alerta, como uma sentinela de sua própria vida. Sua cabeça girava continuamente sobre o pescoço; seus olhos, parecendo saltar das órbitas,

exploravam o ambiente de um lado e de outro, e de cada lado, recompensavam-se pela vista de alguma coisa que lhes parecia a causa de uma indizível e estranha aparição. Os vinte e quatro degraus até o primeiro andar valeram-lhe por outras tantas agonias.

As portas estavam entreabertas no primeiro andar. Três delas pareciam três emboscadas a lhe abalar os nervos como bocas de canhão. Teve a sensação de que não poderia jamais se defender nem furtar-se suficientemente de olhares observadores. Sentiu uma intensa vontade de estar na sua casa, entre quatro paredes, debaixo dos lençóis, invisível para todos, ainda que não para Deus. E esses pensamentos lhe trouxeram à memória as histórias de outros assassinatos, de quem se contava que haviam temido a vingança celeste. Temia muito mais com um terror aviltante e supersticioso, uma falha da capacidade humana, uma obstinada injustiça da natureza. Jogara o jogo, submetendo-o às regras, calculando as conseqüências; e o que seria agora se a natureza, tal como um adversário derrotado, procurasse acabar com o seu sucesso? O mesmo havia acontecido a Napoleão quando, na invasão da Rússia, o inverno alterou seus planos de campanha. A mesma coisa poderia acontecer com Markheim. As sólidas paredes poderiam se tornar transparentes e revelar seus feitos, como os das abelhas presas num cubículo de paredes de vidro. As tábuas daquele assoalho poderiam ceder sob seus pés e prendê-lo, como sói acontecer com as areias movediças. Eis os acidentes que poderiam pôr tudo a perder. E se a casa toda caísse e o aprisionasse com sua vítima? E se a casa vizinha pegasse fogo e os bombeiros invadissem ali onde ele estava? Disso, sim, ele tinha medo. E a isso se poderia chamar de a mão de Deus erguida contra o crime. Mas quanto a Deus, Markheim sentia-se tranqüilo; seu ato era sem dúvida um ato de exceção, mas Deus bem sabia quantas eram as suas desculpas. Era portanto junto a Deus, e não aos homens, que ele se sentia certo de justiça.

Quando chegou na sala onde estava o cofre, e fechou a porta atrás de si, sentiu-se protegido. A sala estava totalmente

desarrumada; os tapetes fora de lugar; caixas e embrulhos de todo o tipo espalhados; peças de mobiliário diferentes; grandes espelhos em três peças em que a pessoa se via ao mesmo tempo de três perspectivas diversas; muitas telas, umas com molduras outras não, e algumas voltadas contra a parede; um belo aparador e uma cômoda marchetados; finalmente um belo e antigo leito coberto de tapeçarias. As janelas eram de vidraças; mas, por sorte, as bandas de madeira, da parte de dentro, estavam fechadas, de modo que tapava a vista aos vizinhos. No entanto, Markheim passou a porta em revista como o chefe de uma força sitiada que se contenta em verificar as suas defesas. Mas no fundo sentia-se tranqüilo. O barulho da chuva na rua soava-lhe natural. Podia ouvir agora, vindo do outro lado da rua, o som de um piano acompanhando um hino, entoado por vozes de crianças. Como aquela melodia lhe soava imponente e consoladora! Quão suaves eram aquelas vozes infantis! De ouvido atento, Markheim sorria enquanto tirava as chaves do bolso. Sua cabeça enchia-se de idéias correspondentes a imagens; eram crianças caminhando para a igreja, sob o apelo de um grande órgão: crianças soltas no campo, umas se banhando em riachos, outras correndo pelo campo, escondendo-se por entre as árvores... A uma nova cadência do hino, sentiu voltar a imagem da igreja nos modorrentos dias de verão, a voz do pároco (de quem ele sorriu um pouco, ao se lembrar), os painéis bíblicos, as letras dos Dez Mandamentos traçadas no altar...

Ao se sentar, sentiu um sobressalto de repente, ao mesmo tempo preocupado e alheio. Um suor frio, uma baforada de calor: o sangue deu-lhe uma volta. Markheim ficou de pé, tremendo. Com passos furtivos, alguém subia as escadas. .. O medo dominou-o. Quem era que ia entrar naquele momento? Não sabia. Seria o morto que caminhava? Seria a polícia? Ou seria alguma testemunha, cujo depoimento iria levá-lo à forca? E quando um rosto surgiu na abertura da porta, sondando o aposento com o olhar, saudou-o inclinando a cabeça, sorrindo como um amigo que o tivesse reconhecido; e depois que recuou, fechando outra vez a porta, o grito de Markheim explodiu, rouco.

- Está me chamando? - perguntou o estranho, gentilmente, ao mesmo tempo que entrava e fechava a porta atrás de si.

Markheim tinha os olhos bem abertos e pregados na figura do visitante inesperado. Talvez uma névoa lhe empanasse a vista. Mas não. Os contornos do recém-chegado distinguiam-se muito bem, como os daquelas figuras de bronze, lá embaixo na loja, iluminadas pela luz da vela. Markheim pensava já ter visto aquele indivíduo, ora achava-lhe mesmo alguma coisa de parecido consigo. No íntimo, ganhava convicção de que aquele tipo de aparição não pertencia à terra: vinha do céu. E, no entanto, aquela criatura tinha um ar de banalidade, quando se pôs a olhar para Markheim, sorrindo. Sua voz era de absoluta polidez, quando lhe perguntou:

- Acredito que esteja procurando pelo dinheiro, não é mesmo? Markheim não respondeu.

- Preciso avisá-lo - continuou o visitante - que a criada hoje deixou o namorado mais cedo do que de costume. Deve estar chegando. Se o senhor for encontrado nesta casa, não preciso dizer quais serão as conseqüências. ..

- Mas. .. o senhor me conhece? O visitante sorriu.

- Não é de hoje que o senhor é um dos meus favoritos. .. Há muito tempo que eu o observo e procuro ajudá-lo.

- Mas quem é o senhor? - perguntou Markheim, com a voz alterada. - É o diabo?

- Seja eu quem for - disse o outro -, isso não pode afetar o serviço que eu me proponho a lhe prestar.

- Serviço a me prestar? Não, nunca! O senhor não me conhece. Graças a Deus o senhor não me conhece!

- Conheço, sim - retrucou o visitante, com convicção. - Ora, se conheço!

- Me conhece! - continuou Markheim. - E quem é que pode conhecer uma outra pessoa? A vida do homem é uma paródia de si mesmo, todos vivem se arremedando uns aos outros. Todos os homens fazem a mesma coisa, todos os homens não valem mais do

que esse disfarce, que cresce com eles e os sufoca. Se o senhor pudesse ver os seus rostos, iria verificar que eles são absolutamente diferentes, como são dois heróis ou dois santos. Sou pior do que a maior parte deles. A minha justificativa conheço eu e Deus. Mas eu seria, quem sabe, capaz de revelar. .. se tivesse tempo.

- A quem? A mim?

- Sim, ao senhor - respondeu o assassino. - Por que não? Mas eu pensei que o senhor fosse inteligente, que pudesse ler meu coração - mas o senhor quer me julgar pelos meus atos! Ora, imagine só: pelos meus atos! Pense nisso: eu nasci e vivi num mundo de gigantes, gigantes que me arrastaram pela mão desde que saí do seio da minha mãe. . . além dos gigantes das circunstâncias. E o senhor quer me julgar pelos meus atos!.. . quer dizer que não pode ler a minha consciência? Não pode compreender que odeio o mal? Não vê em mim uma coisa que deve ser comum a toda humanidade: o pecador que não quer sê-lo?

- Tudo o que acaba de dizer foi dito com muito sentimento, mas a mim isso não interessa - foi a resposta. - Essas explicações estão além das minhas atribuições e pouco me importa saber que violências o arrastaram, já que deixou de seguir o bom caminho. Mas o tempo voa, e a empregada da casa, embora se detenha a olhar para os transeuntes e para os anúncios nas paredes, continua se aproximando; e lembre-se, é como se a própria força avançasse a grandes passos em sua direção, através das ruas deste dia de Natal. Quer a minha ajuda, de mim, que sei tudo? Quer que lhe diga onde se encontra o dinheiro?

- Mas a que preço? - perguntou Markheim.

- Ofereço-lhe meus serviços como um presente de Natal.

Markheim não pôde evitar um sorriso onde havia antes uma certa expressão de amargo triunfo.

- Não - disse ele. - Nada aceitarei, vindo de suas mãos. Estivesse eu morrendo de sede e o senhor chegasse aos meus lábios com

uma copo de água, eu teria a coragem de recusar. Talvez seja superstição. ..

- Olhe que eu não me oponho ao arrependimento na hora da morte! - considerou o visitante, com gravidade.

- Por não acreditar na sua eficácia?

- Não diria tal coisa - replicou o outro -, mas encaro essas coisas sob outro prisma, e quando a vida acaba, o meu interesse desaparece. O homem viveu para me servir, mas ao se aproximar da hora da sua libertação, só pode me prestar um serviço: arrepender-se, morrer com um sorriso nos lábios e assim fortalecer a confiança e a esperança dos mais timoratos dos meus servidores que sobrevivem; eu não sou um amo tão severo quanto o senhor possa supor; experimente, aceite o meu auxílio. Busque na vida os prazeres como tem feito até aqui; busque-os ainda mais. Com os cotovelos na mesa, no início da noite, e com as cortinas corridas - digo-lhe para seu grande consolo - ser-lhe-á sempre fácil chegar a um acordo com a sua consciência e fazer uma paz abjeta com Deus. Chego

aqui precisamente no momento de estar ao pé de um leito onde morreu alguém no mesmo estado de espírito e com o quarto cheio de carpidores sinceros que escutavam as últimas palavras do moribundo; e quando olhei para aquele rosto que havia se levantado contra toda a misericórdia, vi nele um sorriso de esperança.

- Quer dizer que está supondo que eu pertencço a esse tipo de pessoa? - perguntou Markheim. - Acha então que eu sou daqueles que não tiveram em vida desejo mais nobre do que pecar, pecar, pecar, e que por fim acabam por se meter furtivamente no céu? O meu coração simplesmente se revolta contra tal idéia. É essa, pois, a sua experiência de humanidade? Ou será por que me encontra com as mãos manchadas de sangue que me considera capaz de tal baixeza? É tão ímpio este assassinato que ele chegue a ponto de secar as próprias fontes do bem?

- O assassinato para mim não constitui uma categoria especial - replicou o outro. - Toda pecado é crime, como toda a vida é uma guerra. Considero a sua raça como marinheiros famintos sobre uma balsa, a arrancar a pele com as garras da fome e alimentando-se com a vida dos outros. Acompanho os crimes para além do momento em que eles são cometidos; em tudo isso sempre encontro, como última consequência, a morte. E, aos meus olhos, não goteja menos sangue humano das mãos da moça formosa que, por exemplo, contraria sua mãe com modos lisonjeiros, do que escorre das mãos de um assassino como o senhor. Já lhe disse que sigo os rastros de todas as faltas humanas. Sigo também os traços da virtude: não há entre elas uma unha de diferença; tanto umas como as outras são a foice da morte; o mal, para o qual eu vivo, não consiste na ação, mas sim na essência. Gosto do homem mau: não da ação má, cujos frutos, se pudéssemos acompanhá-los ao longo da vertigem das idades, talvez reconhecêssemos serem melhores do que os das mais raras virtudes. Não é pelo fato de ter o senhor assassinado um antiquário que eu me proponho facilitar a sua fuga, mas apenas e tão-somente por ser o senhor quem é.

- Vou abrir meu coração - disse Markheim. - O crime que testemunhou é o meu último crime. Para chegar a ele, aprendi muitas coisas na vida. Este crime é, por si mesmo, uma lição muito importante. Tenho sido arrastado até aqui contra a minha vontade, para fazer o que não queria; eu era um escravo agrilhado à pobreza, maltratado e derrotado. Há virtudes robustas que resistem a tais tentações; a minha não é deste tipo. Tinha sede de prazeres; mas hoje, devido a este ato, conquisto experiência e riqueza ao mesmo tempo ... uma nova vontade de ser eu próprio e o poder de realizar essa vontade, simultaneamente. Transformo-me num ato, livre no mundo, e começo a me ver todo transformado: as mãos, instrumentos do bem, e o coração em paz. Alguma coisa que não pertence propriamente ao meu passado retorna a mim; alguma coisa do que sonhei nas tardes de domingo, ao som de um órgão; alguma coisa do que entrevia quando derramava lágrimas sobre livros elevados, e do que falava quando criança inocente, com a

minha mãe. Tens aqui a minha vida. Durante alguns anos, errei; mas agora vejo uma vez mais a cidade do meu destino.

- E o dinheiro, vai jogá-lo na Bolsa? Suponho que sim - observou o visitante -, já que foi lá que perdeu alguns milhares de libras.

- Ah! - interrompeu Markheim. - Desta vez tenho um plano seguro.

- Desta vez - retomou o outro, imperturbável - perderá da mesma forma.

- Bem, mas metade do dinheiro eu porei de lado - reagiu Markheim.

- Perderá também essa metade - insistiu o outro.

- Bem, mas o que isso importa? - falou. - Admitamos que perdi tudo e que ficarei novamente reduzido à pobreza; deverá uma parte de mim mesmo, justamente a pior, dominar a melhor? O mal e o bem são muito fortes em mim, me atraem nos dois sentidos. Não me limito a amar apenas uma coisa: amo tudo. Posso conceber grandes ações, renunciar a martírios; e embora eu tenha me envilecido a ponto de cometer um crime, a piedade não é estranha aos meus sentimentos. Sinto compaixão pelos pobres; quem, melhor do que eu, conhece as suas provações? Tenho compaixão por eles e os ajudo; aprecio o amor como uma alegria do melhor quilate; não existe sobre a terra nada de bom ou de verdadeiro que eu não ame com todo o meu coração. Por acaso apenas os meus vícios hão de me dirigir a vida? E as minhas virtudes, como um peso morto sobre a consciência, não terão nenhum efeito sobre ela?

Mas o visitante, levantando o dedo, falou:

- Há 36 anos que o senhor está neste mundo e, através de muitas vicissitudes e diversidades de humor, tenho acompanhado a sua queda constante. Há 15 anos o senhor esteve a ponto de praticar um roubo; há três a ponto de se tornar um assassino. E hoje, existe algum crime, alguma baixeza perante a qual o senhor irá recuar? Daqui a cinco anos, irei pegá-lo em flagrante. Esta será a sua trajetória: para o fundo. .. Só a morte o poderá deter.

- É verdade - disse Markheim. - De certo modo, me deixei dominar pelo mal. Mas é o que acontece sempre: os próprios santos, ao simples contato com as coisas do mundo, tornam-se menos escrupulosos e descem ao nível das pessoas que os rodeiam.

- Vou lhe fazer uma única pergunta e, conforme for a sua resposta, lhe direi qual o seu horóscopo moral. O senhor degradou-se ao praticar certas coisas. É possível que tenha tido razão para assim proceder. De qualquer maneira, o mesmo acontece com todos os homens. Concordo com isto. Mas por acaso existe algum detalhe, por mais insignificante que seja, com o qual tenha dado provas de vigiar estreitamente a sua conduta, ou pelo contrário, sempre se deu rédea solta, sempre, em todas as coisas?

- Algum detalhe? - repetiu Markheim, com um acento de ansiedade. - Não! - acrescentou com desespero. - Nenhum!

- Pois então - disse o estranho visitante - contente-se em ser o que é porque nunca irá se modificar; as palavras do seu papel no palco da vida estão irrevogavelmente escritas.

Markheim ficou mudo por um bom tempo. Foi o visitante quem quebrou o silêncio.

- Assim sendo - disse -, quer que eu lhe mostre o dinheiro?

- E a graça? - exclamou Markheim.

- Ainda não experimentou a graça? - replicou o outro. - Não o vi eu, por acaso, há dois ou três anos participando de reuniões edificantes, e nelas não era a sua voz que dominava as demais, quando cantavam os hinos religiosos?

- É verdade disse Markheim -, e agora vejo claramente o que me resta fazer. De todo meu coração, preciso lhe agradecer estas lições; meus olhos estão bem abertos e finalmente me vejo tal e qual eu sou.

Naquele momento ressoou através da casa o som agudo da campainha; o visitante alterou sua postura, como se tivesse esperando um sinal combinado.

- A empregada! - exclamou. - Voltou, como eu já o prevenira, e ei-l

- o novamente num momento difícil. O senhor vai dizer a ela que o patrão ficou doente; vai mandá-Ia entrar com um ar decidido, com certa gravidade. .. Nada de sorrisos, nada de exageros e eu lhe garanto que se sairá bem. Depois que ela tiver entrado, o senhor terá o cuidado de fechar a porta. E com a mesma habilidade e destreza com que já se desembaraçou do antiquário, se livrará também deste último perigo. A partir deste momento terá toda a noite por sua conta para roubar os tesouros da casa e providenciar a sua própria segurança. Sob a máscara do perigo, é enfim um auxílio que lhe entra porta adentro. Ânimo -gritou. - Ânimo, amigo. A sua vida pende por um fio! Levante-se e mãos à obra.

Markheim olhou para seu conselheiro fixamente.

- Se estou condenado a só praticar más ações - disse -, quer dizer que uma porta de liberdade ainda me resta. Posso deixar de agir. Se a minha vida é qualquer coisa de maléfica, posso renunciar a ela. Ainda que esteja à mercê de qualquer tentação, como o senhor muito bem o disse, me resta a possibilidade de eu me colocar longe do alcance de todas elas. O meu amor pelo bem está condenado à esterilidade; pode ser que assim seja. Mas existe ainda em mim o ódio pelo mal e verá como por ele eu posso conquistar coragem e energia.

As feições do visitante começaram a sofrer uma maravilhosa transformação. Iluminaram-se e suavizaram-se com um resplendor de triunfo, e ao mesmo tempo debateram-se e apagaram-se. Mas Markheim não se detera a observar ou a procurar a explicação daquela metamorfose. Abriu a porta e desceu lentamente as escadas, todo pensativo. O passado ia se desenrolando claramente dentro de si; estava a vê-lo horrível e tortuoso, como num sonho. .. uma luta de revolta e confusão. .. uma noite de derrotas. A vida, tal como a via desfilar nos seus vários episódios, deixara de tentá-lo. Mas, por outro lado, entrevia um porto seguro para a sua barca.

Deteve-se no corredor e olhou em volta da loja onde a vela continuava sempre ardendo ao lado do cadáver. Silêncio. Enquanto olhava para ela, os gestos e as idéias do velho antiquário afluíram-lhe na alma. E novamente a campainha retiniu, com impaciência.

Num instante estava frente a frente com a empregada. Tinha na face alguma coisa parecida com um sorriso. E disse a ela:

- É melhor a senhora chamar a polícia; eu matei o seu patrão.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

14. O MARUJO DE AMSTERDÃ

GUILLAUME APOLLINAIRE (1880-1918 | França)

Com lugar garantido na poesia francesa e universal, Apollinaire transitou por outras áreas, como o ensaio, o conto e até mesmo o romance erótico. Este O Marujo de Amsterdã já constou de outras antologias do gênero policial, entre elas da monumental Antologie de La Nouvelle Noire et Policière Française, de Lebrun e Mesplede.

O cargueiro holandês Alkmaar voltava de Java, carregado de especiarias e outros materiais preciosos.

Fez escala em Southampton e os marinheiros tiveram permissão para descer à terra.

Um deles, Hendrijk Wersteeg, levava um macaco no ombro direito, um papagaio no ombro esquerdo e, a tiracolo, um pacote de tecidos indianos que tinha a intenção de vender na cidade, assim como seus animais.

Era começo de primavera e a noite ainda caía cedo. Hendrijk Wersteeg caminhava a passos largos pelas ruas um pouco enevoadas que os lampiões a gás quase não iluminavam.

Na Above Bar Street, um senhor muito bem vestido o abordou perguntando se ele procurava um comprador para seu papagaio:

- Este pássaro - disse ele - resolveria meu problema. Eu vivo sozinho e preciso que falem comigo sem que eu tenha que responder.

Como a maioria dos marujos holandeses, Hendrijk Wersteeg falava inglês. Deu seu preço, que o desconhecido achou conveniente.

- Siga-me - disse este último. - Moro bastante longe. O senhor mesmo colocará o papagaio numa gaiola que tenho em casa.

Desembrulhará seus tecidos e talvez eles me agradem.

Todo feliz com sua boa sorte, Hendrijk Wersteeg se foi com o cavalheiro, a quem, na esperança de fazer outra venda, elogiou durante o caminho seu macaco, que era, dizia ele, de uma raça um tanto rara, uma daquelas cujos exemplares resistem melhor ao clima da Inglaterra e que mais se afeiçoam a seu dono.

Mas logo Hendrijk Wersteeg parou de falar. Gastava suas palavras inteiramente à toa, pois o desconhecido não lhe respondia e nem mesmo parecia escutá-lo.

Continuaram seu caminho em silêncio, um ao lado do outro. Solitários, saudosos de suas florestas natais nos trópicos, o macaco assustado na névoa dava às vezes um gritinho parecido com o choro de uma criança recém-nascida, e o papagaio batia as asas.

No fim de uma hora de caminhada, o desconhecido disse bruscamente:

- Estamos chegando à minha casa.

Haviam saído da cidade. A estrada era ladeada por grandes parques, fechados por grades. De vez em quando, as árvores, as janelas iluminadas de uma casa de campo, e ouvia-se, a intervalos, o grito sinistro de uma sirene ao mar.

O desconhecido parou diante de uma grade, tirou do bolso um molho de chaves e abriu a porta que voltou a fechar depois que Hendrijk a atravessou.

O marujo estava impressionado. Apenas entrevia, no fundo de um jardim, uma pequena mansão de aparência bastante boa, mas cujas persianas fechadas não deixavam passar luz alguma.

O desconhecido silencioso, a casa sem vida, tudo aquilo era bastante lúgubre. Mas Hendrijk lembrou-se de que o desconhecido vivia só.

"É um excêntrico", pensou, e, como um marujo holandês não é suficientemente rico para que alguém o atraia com a intenção de roubá-lo, teve vergonha de seu momento de ansiedade.

- Se tem fósforos, ilumine aqui para mim - disse o desconhecido introduzindo uma chave na fechadura que fechava a porta da casa de campo.

O marujo obedeceu e, assim que se encontraram no interior da casa, o desconhecido trouxe um lampião que logo iluminou um salão mobiliado com gosto.

Hendrijk Wersteeg sentia-se completamente tranqüilo. Já alimentava a esperança de que seu estranho companheiro lhe compraria uma boa parte de seus tecidos.

O desconhecido, que saíra do salão, voltou com uma gaiola.

- Coloque aqui seu papagaio - disse ele. - Só o colocarei num poleiro quando ele estiver domesticado e souber disser o que quero que ele diga.

Então, depois de ter fechado a gaiola, com a qual o pássaro estava pasmo, pediu ao marujo que apanhasse o lampião e passasse para o cômodo vizinho onde havia, dizia ele, uma mesa confortável para estender as fazendas. Hendrijk Wersteeg obedeceu e entrou no quarto que lhe foi indicado. Imediatamente, ouviu a porta se fechar atrás dele, a chave girou. Ele estava preso.

Perplexo, colocou o lampião sobre a mesa e quis atirar-se contra a porta para derrubá-la.

- Um passo e está morto, marujo!

Erguendo a cabeça, Hendrijk viu, por uma fresta na qual ainda não havia reparado, o cano de um revólver apontado para ele. Aterrorizado, parou.

Não tinha como lutar, sua faca não lhe poderia servir naquelas circunstâncias, mesmo um revólver teria sido inútil. O desconhecido que o tinha nas mãos abrigava-se atrás da parede, ao lado da fresta por onde observava o marujo e por onde passava apenas a mão que empunhava o revólver.

- Ouça bem - disse o desconhecido - e obedeça. O serviço forçado que vai me prestar será recompensado. Mas não tem escolha. É preciso me obedecer sem hesitar, senão eu o matarei como a um cão. Abra a gaveta da mesa... Há nela um revólver de seis tiros, carregado com cinco balas. .. Pegue-o.

O marujo holandês obedecia quase inconscientemente. O macaco, em seu ombro, dava gritos de terror e tremia. O desconhecido continuou:

- Há uma cortina no fundo do quarto. Abra-a.

Aberta a cortina, Hendrijk viu uma alcova, na qual, sobre uma cama, pés e mãos atados, amordaçada, uma mulher o olhava com olhos cheios de desespero.

- Solte as mãos e os pés desta mulher - disse o desconhecido -, e tire-lhe a mordaca.

Executada a ordem, a mulher, muito jovem e de uma beleza admirável, atirou-se de joelhos na direção da fenda, exclamando:

- Harry, esta é uma armadilha infame! Você me atraiu a esta mansão para me assassinar. Você dizia tê-la alugado para que passássemos aqui os primeiros tempos de nossa reconciliação. Eu acreditava tê-lo convencido. Pensava que você finalmente tivesse a certeza de que nunca fui culpada!... Harry! Pensava que você finalmente tinha a certeza de que nunca fui culpada!. .. Harry! Harry! Eu sou inocente!

- Não acredito - disse secamente o desconhecido.

- Harry! Eu sou inocente! - repetiu a jovem senhora com voz embargada.

- Estas são suas últimas palavras. Eu as registro com cuidado. Serão repetidas durante toda a minha vida.

E a voz do desconhecido tremeu um pouco, mas voltou imediatamente a ser firme.

- Pois eu ainda a amo - acrescentou ele. Se a amasse menos, eu mesmo a mataria. Mas isto me é impossível, pois eu a amo. .. Agora, marujo, se, antes que eu tenha contado até dez, você não

tiver posto uma bala na cabeça desta mulher, vai cair morto aos pés dela. Um, dois, três. ..

E antes que o desconhecido tivesse o tempo de contar até quatro, Hendrijk, desvairado, atirou na mulher, que, sempre de joelhos, o olhava fixamente. Ela caiu com o rosto contra o chão. A bala a havia atingido na testa. Imediatamente, um tiro partiu da fenda. Veio atingir o marujo na têmpora direita. Ele caiu de encontro à mesa enquanto o macaco, dando gritos agudos de terror, escondia-se em sua japonsa.

No dia seguinte, transeuntes que ouviram gritos estranhos vindos de uma casa de campo no subúrbio de Southampton avisaram a polícia que logo chegou para arrombar as portas.

Encontraram os cadáveres da jovem senhora e do marujo.

O macaco, saindo bruscamente da japonsa de seu dono, saltou no nariz de um dos policiais. Os policiais se assustaram a tal ponto que, dando alguns passos para trás, eles o abateram a tiros antes de ousarem se aproximar novamente.

A justiça informou. Pareceu claro que o marujo havia matado a senhora e se suicidara depois. As circunstâncias do drama, entretanto, pareciam misteriosas. Os dois cadáveres foram identificados sem dificuldade e a pergunta era como Lady Finngal, mulher de

um lorde da Inglaterra, se encontrava sozinha numa casa de campo isolada, com um marujo que chegara na véspera a Southampton.

O proprietário da mansão não soube dar qualquer informação adequada para esclarecer a justiça. A casa de campo fora alugada, oito dias antes do drama, a um assim chamado Collins, de Manchester, que, aliás, nunca foi encontrado. Esse Collins usava

óculos e tinha uma longa barba ruiva que poderia muito bem ser falsa.

O lorde chegou de Londres a toda pressa. Adorava sua mulher e sua dor dava pena. Como todos, nada compreendia daquele caso.

Após estes acontecimentos, ele se retirou do mundo. Vive na casa de Kensington, sem outra companhia além de um empregado e um papagaio que repete sem parar:

- Harry, eu sou inocente!

Tradução de Celina Portocarrero

15. O ARROMBADOR APOSENTADO

O. HENRY (1862-1910 | Estados Unidos)

William Sidney Porter, mais conhecido como O. Henry, é, até hoje, um dos contistas mais estimados do leitor americano. Terno e lírico, com suas Páginas da Vida (título de um filme baseado nas suas histórias), mas sobretudo humorista, Henry também escreveu contos sobre o submundo do Oeste e de Nova York de sua época. Tinha conhecimento de causa: chegou a ser preso por um desfalque, quando trabalhava num banco. Preso, depois de ter fugido, é claro. Experiência que o levou a muitos personagens e a muitas histórias. Como a deste arrombador aposentado e a do assassino "cheio de bazófia", que vamos em seguida conhecer.

Um guarda veio até a sapataria da prisão, onde Jimmy Valentine, como sempre assíduo ao trabalho, costurava sapatos, e o escoltou até a administração. Ali, o diretor entregou-lhe o indulto que o governador assinara naquela manhã. Ele cumprira quase dez meses de uma sentença de quatro anos. Não pensara em ficar ali mais três meses. Quando um homem, que tem do lado de fora tantos amigos como Jimmy Valentine, "entra em cana", quase não vale a pena cortar-lhe os cabelos.

- Bem, Valentine - disse o diretor -, você vai sair amanhã. Tome jeito e faça alguma coisa de sua vida. No fundo, você não é uma má pessoa. Pare de arrombar cofres e viva dentro da lei.

- Eu? - disse Jimmy surpreso. - Mas nunca arrombei um cofre em toda a minha vida.

- Ah, não! - o diretor riu. - Claro que não. Mas deixe ver, como é mesmo que você foi condenado por aquele trabalho em Springfield? Foi por que não conseguiu provar um álibi para não comprometer uma amiga da mais alta sociedade? Ou foi só o caso de um júri

preconceituoso e bitolado que não foi com a sua cara? É sempre uma coisa ou outra que acontece com vocês "inocentes".

- Eu, diretor? - disse Jimmy, no seu candor exemplar. - Como? Se nunca estive em Springfield?

- Escolte-o de volta, Cronin - sorriu o diretor -, e arranje roupas de rua para ele. Pode abrir a sua cela às sete da manhã e leve-o até o registro. Pense bem no meu conselho, Valentine.

P-s sete e um quarto da manhã seguinte, Jimmy estava de volta ao escritório do diretor. Vestia um terno malfeito, roupas prontas e uns sapatos que rangiam, fornecidos pelo Estado a seus hóspedes compulsórios na hora da dispensa.

Um funcionário entregou a ele um bilhete de trem e uma nota de cinco dólares, com o que a sociedade esperava que ele se reabilitasse, tornando-se um cidadão próspero e honesto. O diretor lhe deu um charuto e apertou sua mão. No livro de saídas foi anotado: "Valentine, 9762 - Indultado pelo governador." E Jimmy Valentine saiu para o sol.

Sem dar atenção aos pássaros que cantavam, às árvores verdes balançando seus ramos ao vento, nem ao perfume das flores, Jimmy foi direto para um restaurante. Ali provou a primeira das doces alegrias da liberdade na forma de uma galinha ensopada e uma garrafa de vinho branco, seguida por um charuto, um pouco melhor do que aquele que lhe dera o diretor. Dali andou com calma até a estação. Jogou uma moeda no chapéu de um cego que estava na porta e tomou seu trem. Três horas de viagem o levaram a uma cidadezinha perto dos limites do estado. Foi ao café de um certo Mike Dolan e apertou a mão de Mike, que estava sozinho atrás do balcão.

- Desculpe se não pôde ser antes, Jimmy, meu garoto - disse Mike. - Mas tivemos o contratempo daquele protesto de Springfield, e o governador quase volta atrás. Tudo bem?

- Tudo - disse Jimmy. - Você está com minha chave?

Pegou a chave e subiu para o andar de cima, onde abriu a porta do quarto dos fundos. Tudo permanecia como deixara. No chão

ainda estava um botão de Ben Price, que fora arrancado do colarinho do eminente detetive, quando subjugaram Jimmy para prendê-lo. Puxando uma cama de armar, Jimmy fez escorregar um painel da parede e tirou dali uma mala coberta de poeira. Abriu-a e contemplou com amor o mais perfeito jogo de ferramentas de arrombador de todo o Leste. Um jogo completo, feito de um aço especialmente temperado, o que havia de mais moderno em brocas, gazuas, tenazes, braçadeiras, pés-de-cabra e puas, mais duas ou três novidades inventadas pelo próprio Jimmy, e que eram o seu orgulho. Gastara mais de novecentos dólares para mandar fazê-las em. .. Bem, onde fazem estas coisas para a profissão.

Meia hora mais tarde, Jimmy desceu e passou pelo café. Vestia agora roupas elegantes e bem cortadas e levava na mão sua mala limpa e sem poeira.

- Alguma coisa em mira? - perguntou Mike Dolan, bem-humorado.

- Eu? - perguntou Jimmy com espanto. Não estou entendendo. Sou o representante comercial das "Indústrias Reunidas de Fechaduras & Dobradiças SA", de Nova York.

A declaração deliciou de tal modo a Mike, que Jimmy foi obrigado a tomar um milk-shake com ele. Nunca bebia "destilados".

Uma semana depois que "Valentine, 9762" fora posto em liberdade, arrombaram um cofre, com elegância e maestria, em Richmond, Indiana, sem nenhuma pista que indicasse o autor do trabalho. Míseros oitocentos dólares foi tudo o que levaram. Duas semanas depois disso, em Logansport, um cofre com um patenteado e avançado sistema antifurto fora aberto como se fosse um queijo, ao som de mil e quinhentos dólares em espécie; títulos e metais não foram tocados. Aquilo começou a despertar o interesse dos "pega-ladrões". Então, foi a vez de um velho cofre de banco, em Jefferson City, entrar em atividade e lançar pela cratera uma erupção de papel moeda no valor de cinco mil dólares. As perdas agora eram grandes o bastante para levar o problema a um profissional do nível de Ben Price. Comparando dados, encontrou-se

uma extraordinária semelhança nos métodos. Ben Price investigou os locais e foi ouvido dizendo:

- Têm a assinatura de "Dandy" Jimmy Valentine. Ele já voltou ao trabalho. Olhem para este cilindro de combinações, arrancado como se fosse um rabanete em terra fofa. Só ele tem ferramentas capazes de fazer isto. E vejam com que limpeza o trabalho foi feito. Jimmy nunca precisa de mais de um furo. Sim, acho que quero ter uma conversa com o Mr. Valentine. Da próxima vez, ele completará sua sentença, sem nenhuma história de indulto, nem liberdade condicional.

Ben Price conhecia os hábitos de Jimmy. Estudara-os quando trabalhara no caso de Springfield: distância entre os trabalhos, rapidez na fuga, nenhum cúmplice e um fraco pela boa sociedade - hábitos que o fizeram escapar com sucesso da retribuição devida. Espalhou-se que Ben Price estava no rastro do arrombador, e outros proprietários de cofres sentiram-se mais tranquilos.

Uma tarde, Jimmy Valentine e sua mala desceram da conexão postal, em Elmore, uma cidadezinha a oito quilômetros da estrada de ferro, no interior do Arkansas. Jimmy, parecendo um atlético universitário do último ano de volta ao lar, caminhou pela calçada até o hotel.

Uma jovem atravessou a rua e passou por ele na esquina, entrando por uma porta sobre a qual estava escrito "Banco de Elmore". Jimmy olhou em seus olhos, esqueceu quem era, e transformou-se em outro homem. Ela baixou os olhos e corou de leve. Jovens com a aparência e o estilo de Jimmy eram escassos em Elmore.

Jimmy encontrou um menino bem à vontade nos degraus do banco, como se fosse um dos acionistas, e começou a indagar sobre a cidade, alimentando a conversa com algumas moedas de dez centavos. Daí a pouco, a garota saiu do banco, ignorando com um ar de superioridade o rapaz com a mala, e seguiu seu caminho.

- Aquela moça não é a Srta. Polly Simson? - perguntou Jimmy, manipulando a resposta.

- Não! - disse o menino. - É Annabel Adams, o pai dela é o dono do banco. Que é que você veio fazer em Elmore? A corrente do seu relógio é de ouro? Quero comprar um buldogue. Vai me dar mais uma moeda?

Jimmy foi para o Hotel Planters e alugou um quarto como Ralph D. Spencer. Encostado no balcão da portaria, deu ao atendente alguns dados biográficos. Disse que estava em Elmore procurando um local para estabelecer um negócio. Quantas sapatarias havia na cidade? Pensava em abrir uma sapataria. Será que havia espaço para mais uma?

O rapaz estava impressionado com as roupas e com os modos de Jimmy. Considerava-se, ele mesmo, um modelo de elegância para a juventude local, mas agora, vendo Jimmy, percebia as próprias limitações. Enquanto tentava se instruir na forma em que Jimmy administrava suas cartas, concedia cordialmente as informações.

Sim, havia muito espaço no negócio de sapatos. Na verdade, não havia uma sapataria na cidade, o armazém local vendia alguns calçados. Esperava que o Sr. Spencer decidisse se estabelecer em Elmore. O comércio, em qualquer ramo, era bom, as pessoas em Elmore eram sociáveis, e a cidade, agradável de se viver.

O Sr. Spencer pensava em passar uns dias ali e estudar a situação. Não, não era necessário chamar o menino, levaria ele mesmo a mala até seu quarto, era muito pesada.

Ralph Spencer - fênix surgido das cinzas de Jimmy Valentine, cinzas resultantes de um súbito ataque de paixão - se fixou em Elmore. Abriu sua sapataria, conseguiu uma boa clientela, e prosperou.

Socialmente era também um sucesso. Fez vários amigos e realizou o que desejava seu coração. Conheceu Annabel Adams, cativado cada vez mais por seu charme.

Depois de um ano, a situação do Sr. Ralph Spencer era a seguinte: conseguira o respeito de toda a comunidade, sua sapataria florescia, e ele e Annabel estavam noivos e se casariam

em duas semanas. Adams, o típico banqueiro do interior, trabalhador e desconfiado, aprovava o casamento. O orgulho que inspirava em Annabel era quase tão grande quanto o amor que a moça sentia por ele. Era já como um membro da família, tanto na casa do Sr. Adams, quanto na casa da irmã casada de Annabel.

Um dia Jimmy sentou-se para escrever esta carta, que enviou ao endereço de confiança de um de seus velhos amigos em St. Louis:

Meu velho,

Queria encontrá-lo no local do Sullivan, em Little Rock, na próxima quarta-feira, às nove horas da noite. Preciso que você resolva algumas pequenas coisas para mim, e também quero dar-lhe de presente meu jogo de ferramentas. Sei que você as apreciará - não poderia fazer outras iguais nem com mil dólares. Billy, eu me aposentei do velho negócio, há um ano. Tenho uma boa loja, uma vida honesta, e vou me casar daqui a duas semanas com a melhor garota do mundo. Esta é a única vida, Billy - a vida honesta. Não tocaria no dinheiro de outra pessoa agora, nem por um milhão de dólares. Depois do casamento, penso vender meu negócio e ir para o Oeste, onde serão menores as chances de ver meu passado se levantar contra mim. Billy, ela acredita em mim e não a decepcionaria por nada no mundo. Não deixe de estar no Sully, quarta-feira, porque preciso vê-lo. Levarei as ferramentas.

Seu velho amigo, Jimmy

Na segunda-feira à noite, depois que Jimmy escrevera esta carta, Ben Price entrou sem chamar atenção em Elmore num carro alugado. Girou pela cidade e, na sua maneira discreta, descobriu o que queria saber. Da drogaria, em frente à Sapataria Spencer, Price pôde ver bem o rosto de Ralph D. Spencer.

- Vai se casar com a filha do banqueiro, não é mesmo, Jimmy? - disse Price a si mesmo. - Não sei não.

Na manhã seguinte, Jimmy tomou o café da manhã na casa dos Adams. Ia a Little Rock, naquela manhã, para encomendar seu terno de casamento e comprar um presente para Annabel. Seria a primeira vez que deixaria a cidade desde que viera para Elmore. Um ano já se passara desde seu último "trabalho", e achava que já podia se aventurar no mundo lá fora.

Depois do café, foram para o centro juntos, num grande grupo familiar - o Sr. Adams, Annabel, Jimmy e a irmã casada de Annabel com suas duas filhas pequenas, de cinco e nove anos. Foram até o hotel, onde Jimmy ainda vivia, e ele subiu a seu quarto para pegar sua mala. Depois foram para o banco. Lá estava a charrete com o cavalo de Jimmy e Dolph Gibson, que ia levá-lo até a estação de trem.

Entraram todos na sala do banco, de teto alto sustentado por vigas de carvalho -Jimmy inclusive, o futuro genro de Adams era bem-vindo em toda parte. Os funcionários se mostraram felizes em ver e cumprimentar o elegante e simpático jovem que ia se casar com a senhorita Annabel. Jimmy pousou sua mala no chão, e Annabel, transbordante de felicidade e alegria, brincando, colocou na cabeça o chapéu do noivo e pegou sua mala.

- Não fico bem de vendedor? - disse Annabel. - Meu Deus, Ralph, como isto pesa! Parece cheia de barras de ouro.

- Uma quantidade de ferros para sola, que vieram por engano - disse Jimmy com presença de espírito. - Vou devolvê-los, e levando comigo não gasto com o frete. Estou ficando econômico.

O Banco de Elmore havia colocado um cofre novo, e o Sr. Adams, que estava muito orgulhoso, quis mostrá-lo a todos. Não era grande, mas era a última palavra em segurança, com uma porta que se fechava com três trancas, acionadas simultaneamente por uma única maçaneta, e funcionava com um mecanismo de tempo. O Sr. Adams explicou seu funcionamento ao Sr. Spencer, que, embora não parecesse entender muito bem da coisa, mostrava um

gentil interesse. As duas meninas, May e Agatha, estavam encantadas com o metal polido, o relógio e os mecanismos engraçados.

Enquanto estavam nisto, Ben Price, que entrara no banco pouco depois deles, apoiara os cotovelos no balcão, e olhava a cena por entre as barras. Dissera ao caixa que não desejava nada, estava apenas esperando por um conhecido.

De repente as mulheres gritaram. Sem que os adultos percebessem, May, a menina de nove anos, de brincadeira, trancara Agatha no cofre. Depois disto, fechara a maçaneta e girara o cilindro de combinações, como vira seu avô fazer.

O velho banqueiro correu para a maçaneta e tentou mexê-la.

- A porta não pode ser aberta - gemeu. - O relógio ainda não foi ajustado, nem a combinação foi registrada.

A mãe de Agatha começou a gritar de novo, histérica.

- Quietos! - disse o Sr. Adams, levantando a mão tremula. - Fiquem todos quietos. Agatha! - gritou o mais alto que pôde. - Ouça o vovô - durante o silêncio que se seguiu, ouviram a menina se debatendo em pânico no escuro interior do cofre.

- Minha querida! - gritou a mãe. - Ela vai morrer de medo. Abram esta porta! Arrombem! Vocês, homens, não podem fazer nada?

- A pessoa capaz de abri-lo, mais próxima daqui, está em Little Rock - disse o Sr. Adams em voz trêmula. - Meu Deus, Spencer, que é que nós vamos fazer? A menina não pode esperar muito tempo, não existe ar suficiente lá dentro; além do mais, terá convulsões à medo.

A mãe de Agatha, desesperada, começou a esmurrar a porta; alguém sem pensar sugeriu dinamite. Annabel olhou para Jimmy com seus olhos grandes e cheios de angústia,

mas onde ainda não havia desespero. Uma mulher sempre acha que nada é impossível para o homem que adora.

- Você não pode fazer alguma coisa, Ralph? Por favor, tente.

Ele a olhou com um estranho sorriso nos lábios, um sorriso suave que estava também em seus olhos.

- Annabel, dê para mim a rosa que está usando.

Mal acreditando no que ouvira, Annabel soltou do alfinete o botão que levava no peito do vestido. Jimmy colocou a flor no bolso do colete, tirou o paletó e arregaçou as mangas. Naquele momento, morria Ralph D. Spencer, e Jimmy Valentine tomava seu lugar.

- Afastem-se da porta, todos vocês - ordenou curto.

Colocou sua mala na mesa e a abriu. Daquele momento em diante, parecia inconsciente da presença de qualquer outra pessoa. Alinhou com rapidez e ordem seus instrumentos, estranhos e brilhantes, enquanto assoviava para si mesmo como fazia sempre que trabalhava. Num profundo silêncio, os outros o observavam como enfeitiçados.

Em um minuto, sua broca comia o metal da porta. Em dez minutos - quebrando seu próprio recorde -, a porta estava aberta.

Agatha, quase desmaiando, mas salva, foi recolhida pelos braços da mãe.

Jimmy Valentine vestiu seu paletó e caminhou para a porta. Enquanto ia embora, pensou ouvir de longe uma voz que um dia conhecera chamar "Ralph!". Mas não hesitou.

Na porta, um homem grande apareceu no seu caminho.

- Olá, Ben! - disse Jimmy, ainda com seu estranho sorriso. - Finalmente me encontrou. Vamos embora, não acho que faça mais nenhuma diferença agora.

Mas aí, Ben Price teve uma atitude muito inesperada.

- Desculpe, mas acho que está enganado, senhor Spencer - disse ele. - Não creio que já nos conheçamos. Aquele parece que é seu carro que está lhe esperando.

E Ben Price deu-lhe as costas e caminhou devagar pela rua.

Tradução de Octávio Marcondes

16. CHAMADA DA PRIMEIRA PÁGINA

O.HENRY

Metade desta história se encontra nos arquivos do Departamento de Polícia; a outra metade faz parte da memória de uma redação de jornal.

Uma tarde, duas semanas depois que o milionário Norcross fora morto em seu apartamento durante um assalto, o assassino, passeando tranqüilamente pela Broadway, esbarrou com o detetive Barney Woods:

- É você, Johnny Kernan? - perguntou Woods, que era míope, há uns cinco anos.

- Eu mesmo - respondeu Kernan, caloroso. - Ora, se não é Barney Woods, meu velho conhecido de São Jô! Como é que é? O que é que você está fazendo aqui no Leste? Aquelas circulares agora trazem você tão longe?

- Estou em Nova York há alguns anos - disse Woods. - Sou detetive da polícia.

- Bem, bem! - disse Kernan, transpirando felicidade e sorrisos, enquanto apertava carinhosamente o braço do detetive.

- Vamos entrar no Muller's - disse Woods - e procurar uma mesa tranqüila. Precisamos conversar.

Faltavam alguns minutos para as quatro. A maré humana, que invadia tudo ao final do trabalho, ainda não fora liberada, e os dois encontraram um canto vazio no café. Kernan, bem vestido e um pouco espalhafatoso, cheio de autoconfiança, sentou-se em frente aos olhos vivos e ao bigode claro do pequeno detetive, vestido num terno pronto de lã grosseira.

- Que é que está fazendo agora? - perguntou Woods. - Você saiu de São Jô um ano antes de mim.

- Estou vendendo ações de uma mina de cobre - disse Kernan. - Talvez abra um escritório aqui. Bem, bem! Então o velho Woods é um detetive em Nova York. Você sempre teve uma inclinação para isso. Trabalhou para a polícia de São Jô, depois que saí de lá, não é mesmo?

- Seis meses - disse Woods. - Mas queria te fazer uma pergunta, Johnny. Tenho acompanhado sua carreira de perto, desde aquele trabalho que você fez no hotel, em Saratoga, mas nunca soube que usasse um revólver antes. Por que matou Norcross?

Kernan concentrou o olhar por alguns momentos na rodela de limão dentro de seu copo, então levantou os olhos para encarar o detetive com um sorriso radioso e malandro.

- Como foi que adivinhou, Barney? - perguntou com admiração. - Juro que pensava ter feito um trabalho limpo e liso como uma cebola descascada. Será que deixei algum fio desamarrado em algum lugar?

Woods colocou sobre a mesa um lápis de ouro, desses que se usam na corrente do relógio.

- É aquele que lhe dei de presente no último Natal que passamos em São Jô. Ainda tenho o pote para sabão de barbear que você me deu. Encontrei isso num canto debaixo do tapete no quarto de Norcross. Preciso avisá-lo, Johnny: muito cuidado com tudo que você diz. Fomos grandes amigos no passado, mas tenho que cumprir meu dever. Você vai para a cadeira elétrica por Norcross.

Kernan riu.

- Minha sorte ainda não me abandonou - disse ele. - Quem poderia pensar que o velho Barney estava na minha captura!

Sua mão escorregou para dentro do paletó. Num segundo, Woods tinha um revólver encostado em suas costelas.

- Guarde isso - disse Kernan franzindo o nariz. - Estou só investigando uma coisa. Aha! Um alfaiate pode mesmo arruinar um homem. O bolso do meu colete está furado. Naquele dia, tirei o lápis da corrente e coloquei no bolso, com medo que se arranhasse. Guarde sua arma, Barney. Vou lhe contar por que tive de atirar em Norcross. Aquele idiota veio atrás de mim no corredor apontando uma porcaria de um 22 para minhas costas. A senhora Norcross foi um amor. Ficou ali, deitada na cama, vendo seu colar de diamantes de doze mil dólares desaparecer, sem dizer um ai; e no final, implorou como um mendigo para que lhe devolvesse um anel que era um fio de ouro com uma pedrinha que não podia valer três dólares. Acho que ela se casou com o velho pelo dinheiro. Mas não é que, ainda assim, elas se agarram às pequenas lembranças do perdedor? Havia ainda seis anéis, dois broches e um relógio chateleine. Uns quinze mil dólares, devo conseguir pelo lote.

- Eu o avisei para que não falasse - disse Woods.

- Oh, tudo bem - disse Kernan. - Está em minha mala no hotel. Agora vou lhe dizer por que estou contando tudo isso. É porque não corro risco. Estou falando com um homem que conheço bem. Você me deve mil dólares, Barney Woods, e mesmo que quisesse me prender, suas mãos se recusariam fazê-lo.

- Não me esqueci - disse Woods. - Você contou vinte notas de cinqüenta sem dizer uma palavra. Ainda vou lhe pagar um dia. Aqueles mil dólares me salvaram. . . Bem, estavam colocando meus móveis na rua quando cheguei em casa.

- E assim - continuou Kernan - sendo você Barney Woods, de nascença reto como um trilho e obrigado, por isso, a jogar um jogo limpo, não pode levantar um dedo para prender um homem para quem está devendo. No meu ramo de negócios, conhecer as pessoas é tão importante quanto conhecer fechaduras "Yale" e trincos de janelas. Agora, fique quieto um instante, enquanto eu chamo o garçom. Nos últimos dois anos tenho andado com uma sede que começa a me preocupar. Se algum dia for preso, o sortudo do tira que me pegar vai ter que dividir o mérito com a velha biritá. Por isso, nunca bebo em serviço. Mas depois de terminar um

trabalho posso sentar-me com meu velho amigo Barney e me permitir um gole com a consciência tranqüila. Que é que você bebe?

O garçom trouxe as bebidas e os deixou de novo a sós.

- Você tem razão - disse Woods, pensativo, enquanto rolava nos dedos o pequeno lápis de ouro. - Vou ter de deixá-lo escapar. Não posso prendê-lo. Se tivesse pago minha dívida. .. mas não paguei, e isso resolve a questão. Fico numa situação complicada, Johnny, mas não há nada que possa fazer. Você me ajudou uma vez e sou obrigado a fazer o mesmo.

- Eu sabia disso - disse Kernan, levantando seu copo com um sorriso aberto de auto-satisfação; - sou bom de julgar o caráter dos outros. À saúde de Barney, porque. . . "o Barney é um bom companheiro".

- Acho - continuou Barney com calma, como se pensasse em voz alta - que se tivéssemos nossas contas acertadas, nem todo o dinheiro que existe nos bancos de Nova York seria o bastante para livrá-lo de minhas mãos esta noite.

- Tenho certeza - disse Kernan. - Por isso sabia que não corria perigo com você.

- A maioria das pessoas - continuou o detetive - tem um certo desprezo pelo trabalho que faço. Não o classificam entre as artes e ofícios nobres. Mas sempre senti um orgulho ingênuo por ele. E é isso que me pesa agora. Parece que antes de tudo sou um homem e só depois um policial. Tenho de deixá-lo ir, e depois terei que me demitir. Acho que posso conseguir outro trabalho. O pagamento de seus mil dólares vai atrasar ainda mais, Johnny.

- Não se preocupe com isso - disse Kernan, com um ar majestoso. - Por mim, esqueceria essa dívida se não soubesse que você jamais aceitaria tal coisa. Foi sorte minha aquele dia em que você precisou desse empréstimo. Mas vamos esquecer o assunto. Parto amanhã de manhã para o Oeste no primeiro trem. Conheço um lugar ali onde posso negociar as jóias do Norcross. Beba, Barney, e esqueça seus problemas. Vamos nos divertir enquanto a polícia quebra a cabeça tentando resolver o caso. Tenho uma sede

digna do Saara esta noite. Mas nas mãos, nas mãos extra-oficiais, do meu velho amigo Barney, não posso nem mesmo sonhar com um tira.

E então, enquanto o dedo rápido de Kernan continuava a apertar a campainha, mantendo ocupado o garçom, seus pontos fracos - uma vaidade tremenda e um egoísmo arrogante - começaram a se mostrar. Contou, história após história, o sucesso de suas rapinas, os planos engenhosos e os crimes infames, e mesmo Woods, com toda a família-ridade que tinha com delinqüentes, começou a sentir crescer dentro de si uma onda de frio desgosto e indignação contra aquele que um dia fora seu amigo e benfeitor.

- Estou fora do caso, é claro - disse Woods afinal. - Mas aconselho você a desaparecer por algum tempo. Os jornais podem se interessar pelo caso Norcross. A cidade vive uma epidemia de assaltos e assassinatos este verão.

Essas palavras provocaram em Kernan uma súbita explosão de raiva magoada e vingativa.

- Para o inferno com os jornais - rosnou. - O que é que se lê neles afinal além de se vangloriar e de fazer suborno em letras garrafais? Vamos supor que eles peguem o caso, que é que isso quer dizer? É fácil enganar a polícia; e os jornais, o que fazem? Eles mandam um monte de retardados mentais, que chamam de repórteres, à cena; e eles se apressam a ir para o bar mais próximo e, enquanto tomam umas cervejas, batem umas fotos da filha do dono do bar, em traje de noite, para imprimir no dia seguinte como a

noiva de um cara que mora no décimo andar, que acha que ouviu alguma coisa no andar de baixo na noite do assassinato. Isso é o mais próximo que os jornais conseguem chegar da identidade do criminoso.

- Bem, eu não sei - disse Woods, num tom de reflexão. - Alguns jornais fizeram bons trabalhos nesse sentido. Veja o Morning Mars, por exemplo. Levantaram duas ou três boas pistas e acabaram

descobrir os culpados, depois que a polícia já havia dado tais pistas como falsas.

- Vou lhe mostrar - disse Kernan, se levantando e enchendo o tórax. - Vou lhe mostrar o que penso dos jornais em geral, e do seu Morning Mars em particular.

A pouco mais de um metro da mesa onde estavam, havia uma cabine telefônica. Kernan entrou na cabine, sentou-se e pegou o telefone, deixando a porta aberta. Encontrou um número no catálogo e pediu a ligação à operadora. Woods continuou sentado, olhando para aquele rosto frio e vigilante colado ao fone; ouvindo as palavras que saíam daqueles lábios, finos e truculentos, torcidos por um sorriso de desprezo.

- É do Morning Mars?... Quero falar com o editor-chefe ... Bem, diga que é alguém com informações sobre o assassinato de Norcross.

"É o editor? .. Tudo bem... Aqui fala o assassino de Norcross... Espere! Não desligue; não sou o seu maluco de plantão. .. nenhum perigo disso. Estava aqui discutindo o crime com um detetive amigo meu. Matei o velho às 2h30 da manhã, duas semanas atrás. .. Tomar uma bebida com você? Necas, melhor deixar as piadas para seu humorista. Você não é capaz de distinguir um trote do maior furo de reportagem que já se ofereceu a essa chatice de pasquim que vocês editam? Sim, é isso aí, um superfuro... mas você não pode esperar que lhe dê pelo telefone meu nome e endereço... Por quê? Porque ouvi dizer que vocês são especialistas em resolver crimes misteriosos demais para a polícia. .. Necas, isso não é tudo, queria dizer também que acho esse seu jornaleco podre e mentiroso, tão capaz de descobrir um assassino ou assaltante inteligente quanto um vira-lata cego. .. Não, não é da redação de um jornal rival, você está falando com a realidade. Eu fiz aquele trabalho, e as jóias de Norcross estão em minha mala no - 'o nome do hotel não pode ser revelado no presente momento' - ... você reconhece a frase, não é mesmo? Achei que sim. É uma que vocês usam sempre. Deixa você um pouco inseguro, não é mesmo?, o misterioso assassino chamando no telefone o seu grande e todo-

poderoso órgão da imprensa livre, defensor da lei e da ordem, do bom governo e da justiça, para lhe dizer que, na verdade, seu jornal não é mais que um impotente saco de peidos? Corta essa... Você não é tão idiota assim ... Sabe que não sou uma comédia, posso dizer pelo seu tom de voz... Escute, vou lhe dar uma prova. O segundo botão da camisola da senhora Norcross estava quebrado. Notei isso enquanto tirava o anel de seu dedo. Pensei que era um rubi. .. Se os mongolóides de seus repórteres fizeram seu trabalho direito, você sabe que tenho razão. Pare com isso! Não vai funcionar."

Kernan virou-se para Woods e disse com um sorriso diabólico:

- O cara está uma fera. Agora acredita em mim. Não cobriu bem o fone com a mão e ouvi quando dizia a alguém que chamasse a operadora num outro aparelho para descobrir o número de onde estou chamando. Vou lhe dizer mais uma e depois escapamos.

"Alô!. .. Sim eu continuo aqui. Você não achou que eu iria fugir com medo desse trapo de jornal, subornado e vira-casaca, não é mesmo? Vai me ver na prisão dentro das próximas 48 horas? Quando é que você vai parar com essas piadas? Olhe, é melhor deixar gente grande em paz e ir cuidar de fofocas e acidentes de trânsito que são mais sua área, volte a escrever sobre sujeira e escândalos que é como você sabe ganhar a vida. Adeus, velho. . . Pena que não tenha tempo para fazer uma visita a seu sanctum asinorum, onde tenho certeza estaria bastante seguro. Tra-Iá!"

- Ele está tão louco de raiva quanto o gato que perdeu seu rato - disse Kernan, desligando o telefone e saindo da cabine.

"E agora, Barney, meu velho, vamos ver um show e nos divertir até que seja hora razoável de ir para a cama. Para mim, bastam quatro horas de sono, depois o trem para o Oeste."

Jantaram num restaurante da Broadway. Kernan estava feliz da vida. Gastou dinheiro como um príncipe de opereta. Mais tarde, foram ao teatro ver um fantástico musical e depois fizeram uma ceia com champanhe, e Kernan estava no auge de sua complacência. Às três e meia, a madrugada os encontrou numa

mesa de canto num café aberto a noite toda. Kernan continuava a se vangloriar, monótono e repetitivo; Woods, triste e pensativo, refletia sobre o fim de seus dias como agente da lei. Mas, enquanto refletia, em seus olhos de repente brilhou uma luz especulativa.

- Será que é possível? - disse para si mesmo. - Eu me pergunto, será que é possível?

E então, fora do café, o relativo silêncio do amanhecer começou a ser quebrado por gritos fracos e distantes, gritos que mais pareciam vagalumes de som, uns mais altos, outros mais baixos, aparecendo e desaparecendo entre o ruído dos carros de leite e dos poucos passantes. Gritos agudos eram, quando próximos, gritos conhecidos; levavam diversas mensagens aos ouvidos daqueles milhões de adormecidos da grande cidade, que acordava para ouvi-los.

Gritos que carregavam em seu pequeno volume o peso das lágrimas e dos risos do mundo, sua delícia e seu cansaço. Para alguns, escondidos sob a proteção efêmera do manto da noite, traziam os horrores da luz do dia; para outros, envoltos na felicidade do sonho, anunciavam um amanhecer que viria mais escuro que a noite. Para tantos daqueles ricos, trariam talvez a notícia de que não era mais deles o que lhes pertencera enquanto brilhavam as estrelas; para os pobres, traziam, como sempre, um outro dia.

Por toda a cidade, começavam os gritos, claros e sonoros, anunciando as mudanças provocadas pelo escorregar de uma engrenagem na maquinaria do tempo; dividindo entre os adormecidos à mercê do destino suas devidas porções de vingança, lucro, dor, recompensa e maldição que um novo número no calendário trouxera. Apesar de agudos, os gritos carregavam um lamento, como se aquelas jovens vozes sentissem pena de carregar em suas mãos irresponsáveis tanto mal e tão pouco bem.

Era assim que ecoava pelas ruas da cidade a transmissão dos últimos decretos dos deuses, o grito dos pequenos jornaleiros - a

chamada da primeira página. Woods jogou uma moeda ao garçom e disse:

- Compre o Morning Mars.

Quando o jornal chegou, ele olhou rapidamente a primeira página, e, então, rasgou uma folha de sua agenda e começou a escrever nela com o pequeno lápis de ouro.

- Quais são as novas? - bocejou Kernan. Woods passou a ele o pedaço de papel:

Ao The New York Morning Mars,

Favor pagar a John Kernan a quantia de mil dólares de recompensa que me é devida por sua prisão e condenação. Barnard Woods.

- Imaginei que eles poderiam fazer uma coisa assim -- disse Woods -- quando você fez a chamada para provocá-los daquele jeito. Agora, Johnny, você tem de vir comigo até o distrito.

Tradução de Octávio Marcondes

17. UM LOUCO

GUY DE MAUPASSANT (1850-1893 | França)

Um dos criadores do conto moderno, como o russo Tchecov, Maupassant ganhou reconhecimento instantâneo com a publicação de Boule de Suif, em 1880. Entre os inúmeros contos que publicou em vida são muitos os que têm a loucura como tema. (Como o escolhido para nossa antologia, que une loucura e crime.) Aos quarenta anos, Maupassant tem sua carreira praticamente encerrada, e três anos depois, em 1893, ele morre em circunstâncias dramáticas, em um... asilo de loucos. Sua importância como contista é universal: dificilmente encontraremos algum país do mundo em que alguns, ou uma geração inteira de contistas, não tenham sofrido sua influência.

Ele morreu como chefe de um tribunal de alta instância, magistrado íntegro cuja vida impecável era citada em todas as cortes da França. Advogados, jovens conselheiros e juízes o cumprimentavam inclinando-se profundamente, em sinal de enorme respeito, diante de sua figura alta, branca e magra, iluminada por dois olhos brilhantes e profundos.

Passara a vida perseguindo o crime e protegendo os fracos. Escroques e assassinos nunca haviam tido inimigo mais temível, pois ele parecia ler, no fundo de suas almas, seus pensamentos secretos, e desvendar, com um passar de olhos, todos os mistérios de suas intenções.

Morreu então, aos 82, cercado de homenagens e acompanhado pelo lamento de todo um povo. Soldados de calças vermelhas o escoltaram até seu túmulo e homens de gravatas brancas lançaram sobre seu caixão palavras tristes e lágrimas que pareciam verdadeiras.

Pois bem, eis o estranho papel que o escrivão, desnorteado, descobriu na escrivania onde ele costumava trancar os dossiês dos grandes criminosos. Seu título era:

POR QUÊ?

20 de junho de 7857 - Saio da sessão? Condeno Blondel à morte! Por que, afinal, havia aquele homem matado seus cinco filhos? Por quê? Muitas vezes encontramos pessoas para quem destruir a vida é uma volúpia. Sim, sim, deve ser uma volúpia, talvez a maior de todas, pois matar não é o que mais se assemelha a criar? Fazer e destruir. Estas duas palavras encerram a história dos universos, toda a história dos mundos, tudo o que existe, tudo! Por que matar é embriagador?

Pensar que ali está um ser que vive, que anda, que corre. .. Um ser? O que é um ser? Essa coisa animada, que traz em si o princípio do movimento e uma vontade que determina esse movimento! Essa coisa a nada se prende. Seus pés não se unem ao solo. É um grão devida que se mexe sobre a terra; e este grão devida, vindo não sei de onde, podemos destruir como quisermos. E então nada, mais nada. Apodrece, acaba.

26 de junho - Por que, então, é crime matar? É, por quê? Pelo contrário, é a lei da natureza. Todo ser tem como missão matar: ele mata para viver e mata por matar.

Matar está em nossa índole; é preciso matar! O animal mata sem parar, o dia todo, a todo instante de sua existência. O homem mata sem parar para se alimentar, mas como tem necessidade de matar também por volúpia, ele inventou a caça! A criança mata os insetos que encontra, os passarinhos, todos os pequenos animais que lhe caem nas mãos. Mas isto não bastava à irresistível necessidade de massacre que há em nós. Não é suficiente matar o animal, precisamos também matar o homem. Antigamente, satisfazia-se este desejo com os sacrifícios humanos. Hoje, a

necessidade de viver em sociedade fez do assassinato um crime. Condena-se e pune-se o assassino! Mas como não podemos nos entregar a este instinto natural e impiedoso da morte, aliviemo-nos de tempos em tempos por meio de guerras onde todo um povo destrói outro povo. Temos então uma orgia de sangue, uma orgia na qual se precipitam os exércitos e da qual continuam a se embebedar os burgueses, mulheres e crianças que lêm, à noite, sob a lamparina, a narrativa exaltada dos massacres.

E poder-se-ia dizer que desprezamos aqueles destinados a realizar essas carnificinas de homens! Não. Nós os cobrimos de honrarias! Nós os vestimos com ouro e tecidos brilhantes, eles usam plumas na cabeça, sobre o peito, e nós lhes damos cruces, recompensas, títulos de toda natureza. Eles são orgulhosos, respeitados, amados pelas mulheres, aclamados pela multidão, unicamente porque têm por missão espalhar o sangue humano! Eles arrastam pelas ruas seus instrumentos de morte que o passante vestido de negro olha com inveja. Porque matar é a grande lei lançada pela natureza no coração do ser! Nada há de mais belo e mais honorável do que matar!

30 de junho - Matar é a lei; porque a natureza ama a eterna juventude. Ela parece gritar em todos os seus atos inconscientes: "Depressa! Depressa! Depressa!" Mais ela destrói, mais se renova.

2 de julho - O ser, o que é o ser? Tudo e nada. Pelo pensamento, ele é o reflexo de tudo. Pela memória e a ciência, é um resumo do mundo, do qual traz em si a história. Espelho de coisas e espelho de fatos, cada ser humano torna-se um pequeno universo no universo!

Mas viaje, veja fervilharem as raças, e o homem nada mais é! Mais nada, nada! Suba num barco, afaste-se da margem coberta pela multidão e logo nada verá além da costa. O ser imperceptível desaparece, de tão pequeno e insignificante. Atravesse a Europa num trem veloz e olhe pela janela. Homens, homens, sempre

homens, inúmeros, desconhecidos, que fervilham nos campos, que fervilham nas ruas; camponeses estúpidos sabendo

apenas revirar a terra; mulheres horrendas sabendo apenas fazer a sopa do macho e engravidar. Vá às índias, vá à China, e continuará a ver agitarem-se milhares de seres que nascem, vivem e morrem sem deixar mais traços do que a formiga esmagada nas estradas. Vá ao país dos negros, refugiados em barracos de barro; ao país dos árabes brancos, abrigados sob uma barraca marrom que flutua ao vento, e compreenderá que o ser isolado, determinado, não é nada, nada. A raça é tudo! O que é o ser, o ser qualquer de uma tribo errante do deserto? E essas pessoas, que são sábias, não se inquietam com a morte. O homem não conta para eles. Mata-se seu inimigo: é a guerra. Isto já era feito outrora, de castelo em castelo, de província em província.

Sim, atravesse o mundo e veja fervilharem os humanos incontáveis e desconhecidos. Desconhecidos? Ah! Eis a palavra do problema! Matar é crime porque nós enumeramos os seres. Quando eles nascem, nós os inscrevemos, nomeamos, batizamos. A lei os captura! É claro! O ser que não é registrado não conta: mate-o na campina ou no deserto, mate-o na montanha ou na planície, dá na mesma! A natureza ama a morte; ela não pune!

O que é sagrado, por exemplo, é o estado civil! Claro! É ele quem defende o homem. O homem é sagrado porque está inscrito no estado civil! Respeito ao estado civil, o Deus legal! De joelhos!

O estado pode matar, porque ele tem o direito de modificar o estado civil. Quando ele fez decapitar duzentos mil homens numa guerra, ele os risca em seu estado civil, ele os suprime pela mão de seus escravos. Está feito. Mas nós, que não podemos alterar as escrituras dos cartórios, nós devemos respeitar a vida. Estado civil, gloriosa Divindade que reinas nos templos das municipalidades, eu te saúdo. És mais forte que a Natureza. Ah! Ah!

3 de julho - Matar deve ser um saboroso e estranho prazer, ter ali, diante de si, o ser vivo, pensante; fazer um pequeno furo,

apenas um pequeno furo, ver escorrer esta coisa vermelha que é o sangue, que faz a vida, e só ter diante de si um monte de carne mole, fria, inerte, vazia de pensamento!

5 de agosto - Eu, que passei minha vida julgando, condenando, matando pelas palavras pronunciadas, matando pela guilhotina aqueles que haviam matado pela faca, eu! eu! se eu fizesse como todos os assassinos que atingi, eu! eu! quem saberia?

Quem saberia? Desconfiariam de mim, de mim, sobretudo se escolhesse um ser que não tivesse qualquer interesse em suprimir?

15 de agosto - A tentação! A tentação entrou em mim como um verme que rasteja. Ela rasteja, ela vai; ela passeia por todo o meu corpo, por meu espírito, que só pensa nisto: matar; por meus olhos, que sentem necessidade de olhar para o sangue, de ver morrer; por meus ouvidos, pelos quais passa sem cessar alguma coisa desconhecida, horrível, dilacerante e aterradora, como o último grito de um ser; por minhas pernas, onde treme o desejo de ir, de ir ao local onde a coisa acontecerá; por minhas mãos que se agitam com a necessidade de matar. Como deve ser bom, raro, digno de um homem livre, acima dos outros, senhor de seu coração e que busca sensações refinadas!

22 de agosto - Eu não podia mais resistir. Matei um animalzinho para ensaiar, para começar.

Jean, meu empregado, tinha um canário numa gaiola suspensa à janela do escritório. Mandei-o fazer umas compras e peguei o passarinho em minha mão, em minha mão na qual eu sentia bater seu coração. Ele sentia calor. Subi para meu quarto. De vez em quando, eu o apertava com mais força; seu coração batia mais depressa, era atroz e delicioso. Quase o sufoquei. Mas eu veria o sangue.

Então peguei a tesoura, uma tesourinha de unhas, e cortei-lhe a garganta com três golpes, bem devagar. Ele abria o bico, tentava escapar de mim, mas eu o segurava, ah!, eu o segurava - eu teria segurado um buldogue enraivecido - e vi o sangue escorrer. Como é belo, vermelho, reluzente, claro, o sangue! Eu tinha vontade de bebê-lo. Molhei nele a ponta de minha língua! É bom. Mas tinha tão pouco sangue esse pobre passarinho! Não tive tempo de gozar daquela visão como gostaria. Deve ser fantástico ver sangrar um touro.

E depois fiz como os assassinos, como os de verdade. Lavei a tesoura, lavei minhas mãos; joguei fora a água e levei o corpo, o cadáver, para o jardim para enterrá-lo. Enfiei-o debaixo de um pé de morango. Nunca o encontrarão. Comerei todos os dias um morango daquele pé. Realmente, como se pode gozar a vida, quando se sabe!

Meu empregado chorou; ele acredita que seu pássaro fugiu. Como suspeitaria de mim? Ah! Ah!

25 de agosto - É preciso que eu mate um homem! É preciso. 30 de agosto - Está feito. Como é pouco!

Eu tinha ido passear no bosque de Vernes. Não pensava, não, em nada. Eis uma criança no caminho, um garotinho que comia um pão com manteiga. Ele pára ao me ver passar e diz:

- Bom dia, seu presidente.

E o pensamento me entra na cabeça: "E se eu o matasse?" Respondo:

- Está sozinho, meu menino?

- Estou sim, senhor.

- Sozinho no bosque?

- Estou sim, senhor.

A vontade de matá-lo me inebriava como álcool. Aproximei-me devagar, certo de que ele iria fugir. E eis que o pego pela garganta... eu o aperto, aperto-o com toda a minha força! Ele me

olhou com olhos de pavor! Que olhos! Redondos, profundos, límpidos, terríveis! Nunca senti uma emoção tão brutal.. . mas tão curta! Ele segurava meus punhos com suas mãozinhas, e seu corpo se retorcia como uma pluma ao fogo. Então não se mexeu mais.

Meu coração batia, ah! o coração do pássaro! Atirei o corpo no fosso, depois joguei mato por cima.

Voltei para casa, jantei bem. Como é pouco! À noite, eu estava muito alegre, leve, remoçado, estive na casa do prefeito. Acharam-me espiritual.

Mas não vi o sangue! Estou tranqüilo.

30 de agosto - Descobriram o cadáver. Procuram o assassino. Ah! Ah!

1 de setembro - Prenderam dois andarilhos. Faltam provas.

2 de setembro - Os pais vieram me ver. Choraram! Ah! Ah!

6 de outubro - Nada descobriram. Algum vagabundo errante teria feito aquilo. Ah! Ah! Se eu tivesse visto o sangue escorrer, acho que estaria tranqüilo agora.

10 de outubro - A vontade de matar me corre pelos ossos. É comparável aos males de amor que nos torturam aos vinte anos.

20 de outubro - Mais um. Eu ia pela margem do rio, depois do almoço. E vi, debaixo de um salgueiro, um pescador adormecido. Era meio-dia. Uma pá parecia estar, de propósito, plantada num campo de batatas ali perto.

Eu a apanhei, voltei; ergui-a como uma clava e, de um só golpe, com a lâmina, rachei a cabeça do pescador. Ah! ele sangrou! Um sangue rosado, cheio de miolos! Escorria para a água, bem devagar.

E eu parti num passo grave. Se me tivessem visto! Ah! Ah! Eu daria um excelente assassino.

25 de outubro - O caso do pescador provoca um grande tumulto. Acusam seu sobrinho, que pescava com ele.

26 de outubro - O promotor afirma que o sobrinho é culpado. Todos na cidade acreditam nisso. Ah! Ah!

27 de outubro - O sobrinho defende-se bem mal. Tinha ido à aldeia comprar pão e queijo, afirma. Jura que mataram seu tio durante sua ausência! Quem acreditaria nele?

28 de outubro - O sobrinho quase confessou, de tanto que o fizeram perder a cabeça! Ah! Ah! A justiça!

15 de novembro - Há provas arrasadoras contra o sobrinho, que herdaria os bens do tio. Eu presidirei o julgamento.

15 de janeiro - À morte! à morte! à morte! Fiz com que fosse condenado à morte. Ah! Ah! O advogado de acusação falou como um anjo! Ah! Ah! Mais um. Irei assistir à execução.

10 de março - Acabou. Ele foi guilhotinado esta manhã. Está muito bem morto! Muito bem! Aquilo me deu prazer! Como é bonito ver cortar a cabeça de um homem!

O sangue jorrou como uma corrente, como uma corrente! Oh! Se eu pudesse, gostaria de me banhar nela. Que vontade de me deitar ali embaixo, de receber aquilo em meus cabelos e em meu rosto, e de me levantar todo vermelho, todo vermelho! Ah! Se soubessem! Agora esperarei, posso esperar. Seria preciso tão pouco para me deixar apanhar.

O manuscrito continha ainda muitas páginas, mas sem relatar qualquer crime novo.

Os médicos alienistas, a quem ele foi confiado, afirmam existir no mundo muitos loucos ignorados, tão hábeis e tão temíveis quanto este monstruoso demente.

Tradução de Celina Portocarrero

18. A TISANA

LEON BLOY (1846-1917 | França)

Pintor que virou escritor por influência pessoal de Villiers Barbey d'Aurevilly (e literária a partir dos Contos Cruéis), Leon Bloy foi um católico intolerante, amargo, que em vida se incompatibilizou com todo mundo. Isso se reflete no mundo perverso e mesmo torpe de seus contos. Este A Tisana consta de algumas antologias de mistério, e é considerado um pioneiro do gênero, talvez porque mostre o lado negro e aparentemente inusitado dos normais seres humanos.

Jacques sentiu-se simplesmente ignóbil. Era um horror ficar ali, na obscuridade, como um espião sacrílego, enquanto aquela mulher, para ele uma total desconhecida, se confessava.

Mas então teria sido preciso partir imediatamente, assim que o padre de batina chegara com ela, ou, pelo menos, fazer algum ruído para que eles fossem advertidos da presença de um estranho. Agora, era tarde demais, e a terrível indiscrição só poderia se agravar.

Desocupado, procurando, como as centopéias, um lugar fresco no fim daquele dia canicular, ele tivera a fantasia, pouco de acordo com suas fantasias habituais, de entrar na velha igreja, e sentara-se naquele canto escuro, atrás do confessionário, para ali sonhar, com os olhos fixos na grande rosácea que, aos poucos, ia se extinguindo.

Depois de alguns minutos, sem saber como ou por quê, tornava-se a testemunha inteiramente involuntária de uma confissão.

É verdade que as palavras não lhe chegavam claras e que, afinal, ele só ouvia um murmúrio. Mas o colóquio, no final, parecia se animar.

Algumas sílabas, aqui e ali, destacavam-se, emergindo do rio opaco daquela conversa penitencial, e o jovem que, por milagre, era o oposto de um grosseirão, receou na verdade surpreender confissões que não lhe eram evidentemente destinadas.

De repente, esta previsão se realizou. Um violento redemoinho pareceu se criar. As ondas imóveis rugiram dividindo-se, como para deixar surgir um monstro, e o ouvinte, aterrorizado, ouviu estas palavras proferidas com impaciência.

- Estou lhe dizendo, meu pai, que botei veneno na tisana!

Mais nada. A mulher, cujo rosto estava invisível, ergueu-se do genuflexório e, silenciosamente, desapareceu no emaranhado das trevas.

Quanto ao padre, não se movia mais que um morto, e lentos minutos se escoaram antes que ele abrisse a porta e se fosse por sua vez, com o andar pesado de um homem assombrado.

Foi preciso o carrilhão persistente das chaves do sacristão e a ordem de sair, por muito tempo lançada na nave, para que o próprio Jacques se levantasse, tanto estava arrasado com aquela palavra que ecoava nele como um clamor.

Ele reconhecera perfeitamente a voz de sua mãe!

Ah! Impossível se enganar! Ele chegara até a reconhecer seu andar quando o vulto de mulher erguera-se a dois passos dele.

Mas então, céus! Tudo desmoronava, tudo sumia, tudo não passava de uma brincadeira monstruosa!

Ele vivia sozinho com aquela mãe, que não via quase ninguém e só saía para ir à missa. Ele se acostumara a venerá-la com toda a sua alma, como um exemplar único de retidão e bondade.

Até onde ele podia ver no passado, nenhuma perturbação, nada de oblíquo, nenhuma dobra, nem um só desvio. Uma bela estrada

branca a perder de vista, sob um céu pálido. Pois a existência da pobre mulher havia sido muito melancólica.

Desde o falecimento do marido, morto em Campigny, e de quem o jovem pouco se lembrava, ela não deixara de usar luto, ocupando-se exclusivamente da educação de seu filho, do qual não se afastava nem por um dia. Jamais quis mandá-lo para as escolas, temendo os contatos; ocupara-se por completo de sua instrução, construía-lhe a alma com pedaços da sua. Este regime provocou nele uma sensibilidade inquieta e nervos singularmente vibrantes que o expunham a dores ridículas, talvez também a verdadeiros perigos.

Quando chegou a adolescência, as traquinagens previstas, que não podia impedir, haviam-na tornado um pouco mais triste, sem alterar sua doçura. Nem censuras nem cenas mudas. Ela aceitara, como tantas outras, o que é inevitável.

Enfim, todos falavam dela com respeito, e somente ele em todo o mundo, seu filho bem-amado, se via hoje forçado a desprezá-la de joelhos e com lágrimas nos olhos, como os anjos desprezariam Deus se ele não mantivesse suas promessas! ..

Realmente, era de enlouquecer, era de berrar pelas ruas. Sua mãe! Uma envenenadora! Era insano, era um milhão de vezes absurdo, era absolutamente impossível e, no entanto, era verdade. Não tinha ela mesma acabado de declarar? Ele poderia arrancar os cabelos!

Mas, envenenadora de quem? Oh, Deus! Ele não conhecia uma única pessoa que tivesse morrido envenenada. Não era seu pai, que recebera uma rajada de metralhadora na barriga. Também não era ele que ela tinha tentado matar. Nunca tinha ficado doente, nunca precisara de tisanas e sabia-se adorado. A primeira vez que ele se atrasara à noite, e certamente não fora por coisas decentes, ela mesma adoecera de inquietação.

Seria algum fato anterior ao seu nascimento? Seu pai se casara com ela por sua beleza, quando ela tinha apenas vinte anos. Teria

esse casamento sido precedido por qualquer aventura que pudesse implicar num crime?

Não, nem assim. Aquele passado límpido lhe era familiar, havia sido contado cem vezes e os testemunhos eram por demais fiéis. Por que então aquela confissão terrível? Por que, principalmente, oh! por que ele precisara testemunhá-la?

Bêbado de horror e desespero, ele voltou para casa.

Sua mãe correu imediatamente para beijá-lo.

- Como você voltou tarde, meu filho querido! E como está pálido! Será que está doente?

- Não - respondeu ele -, não estou doente, mas este calor enorme me cansa e acho que não vou conseguir comer. E a senhora, mamãe, não está se sentindo mal? A senhora saiu, com certeza, em busca de um pouco de ar fresco. Achei que a tinha visto de longe no cais.

- Eu saí, sim, mas você não pode ter me visto no cais. Fui me confessar, o que você não faz mais, desconfio, há muito tempo, seu menino mau.

Jacques espantou-se de não ter sufocado, de não cair para trás, fulminado, como se vê nos bons romances que havia lido.

Então era verdade que ela tinha ido se confessar! Então ele não dormira na igreja e aquela catástrofe abominável não era um pesadelo, como ele, por um minuto, tinha loucamente imaginado.

Ele não caiu, mas ficou muito mais pálido, e sua mãe ficou assustada.

- Mas o que é que você tem, meu filhinho? - disse ela. - Você está mal, você está escondendo alguma coisa de sua mãe. Você deveria ter mais confiança nela, que só ama você e só tem você...

Está me olhando de um jeito! Meu tesouro querido. .. Mas o que você tem afinal? Você está me deixando com medo!...

Ela o tomou amorosamente nos braços.

- Escute bem, menino grande. Eu não sou curiosa, você sabe, e não quero ser seu juiz. Não me diga nada, se não quiser, mas deixe-me cuidar de você. Você vai imediatamente para a cama. Enquanto isto, vou preparar uma boa comidinha bem leve, que eu mesma trarei, não é? E, se você tiver febre esta noite, eu vou fazer uma TISANA...

Jacques, desta vez, caiu no chão.

- Até que enfim! - suspirou ela, um pouco cansada, estendendo a mão para uma campainha.

Jacques sofrera um aneurisma de último grau e sua mãe tinha um amante que não queria ser padrasto.

Este drama simples aconteceu, há três anos, nos arredores de Saint-Germain-des-Prés. A casa que lhe serviu de palco pertence a um empreiteiro de demolições.

Tradução de Celina Portocarrero

19. A HISTÓRIA DO HOMEM-LEOPARDO

JACK LONDON (1876-1916 | Estados Unidos)

Um dos escritores mais populares do mundo, o americano da Califórnia Jack London é bem conhecido por seus romances de aventura (Caninos Brancos, O Chamado do Vento e outros tantos) e por sua vida aventureira, desde os 15 anos, percorrendo os mares do planeta. Seus contos se justificam nesta antologia por pertencerem a esta irmã mais velha do romance policial, que é a tradicional literatura de aventura. Jack London está presente em várias antologias de mistério pelo mundo afora. Ele morreu aos quarenta anos.

Ele tinha um olhar sonhador e distante, e sua voz triste, insistente, cortês como a de uma criada, parecia a plácida personificação de alguma melancolia arraigada. Ele era o Homem Leopardo, embora não tivesse essa aparência. Sua ocupação, da qual vivia, era aparecer em uma jaula de leopardos que se exibiam diante de grandes platéias e audiências vastas e excitar essas platéias por certas demonstrações de nervos de aço pelas quais seus empregadores o recompensavam em escala proporcional à excitação produzida.

Como digo, ele não parecia um leopardo. Tinha quadris e ombros estreitos e era anêmico, embora não parecesse tão oprimido pelo desânimo quanto por uma doce e gentil tristeza, cujo peso era também dócil e gentilmente suportado. Durante uma hora eu tentara tirar dele uma história, mas parecia faltar-lhe imaginação. Para ele não havia qualquer romance em sua magnífica carreira, nenhuma ação de ousadia, nenhuma excitação - nada além de uma monotonia cinzenta e enfado infinito.

Leões? Oh, ele havia lutado com eles. Não era nada. Tudo o que você tinha que fazer era ficar sóbrio. Qualquer um poderia bater num leão com uma vareta comum para que ele ficasse parado. Havia lutado com um por quase meia hora. Era só bater-lhe no focinho a cada vez que ele avançasse e, quando ele ficava ardiloso e avançava com a cabeça baixa, a coisa a fazer era esticar a perna. Quando ele fosse agarrar a perna, você a puxava para trás e batia-lhe novamente no focinho.

Com seu olhar distante e fala tranqüila, mostrou-me suas cicatrizes. Havia muitas, e uma recente onde uma tigresa tentara arrancar-lhe o ombro e afundara os dentes até o osso. Eu podia ver os rasgões cuidadosamente remendados no paletó que ele usava. Seu braço direito, do cotovelo para baixo, parecia ter passado por uma debulhadora, tal o estrago feito por garras e caninos. Mas não era nada, disse ele, só as velhas feridas o incomodavam um pouco quando chegava a época das chuvas.

De repente, seu rosto iluminou-se com uma lembrança, porque ele estava realmente tão ansioso para me contar uma história quanto eu para ouvi-la.

- Suponho tenha ouvido falar do domador de leões que era odiado por outro homem... - disse ele.

Fez uma pausa e olhou pensativo para um leão doente na jaula em frente.

- Está com dor de dentes - explicou. - Bem, o grande número do domador de leões para a platéia era botar a cabeça dele na boca de um leão. O homem que o odiou assistia a todos os espetáculos na esperança de algum dia ver aquele leão fechar a boca. Ele seguiu o show por todo o país. Os anos passaram e ele envelheceu, e o domador de leões envelheceu, e o leão envelheceu. E afinal um dia, sentado na primeira fila, ele assistiu ao que vinha esperando. O leão fechou a boca, e não houve necessidade alguma de se chamar um médico.

O Homem Leopardo olhou despreocupadamente para suas unhas de um modo que teria sido decisivo se não fosse tão triste.

- Agora, isso é o que eu chamo de paciência - continuou ele -, é meu estilo. Mas não era o estilo de um sujeito que conheci. Ele era um engolidor de espadas e prestidigitador francês, baixinho, magro e mirrado. Chamava-se DeVille e tinha uma esposa bonita. Ela trabalhava no trapézio e costumava mergulhar do telhado numa rede, descendo rodopiando da maneira mais bonita que puder imaginar.

"DeVille tinha reações rápidas, tão rápidas quanto sua mão, e a mão dele era tão rápida quanto a pata de um tigre. Um dia, porque o diretor do circo chamou-o de comedor de rãs, ou algo assim e talvez um pouco pior, ele o empurrou contra a parede de pinho macio que usava em seu número de atirar facas, tão depressa que o diretor não teve tempo para pensar, e lá, diante da platéia, DeVille manteve o ar em fogo com suas facas, afundando-as na madeira em volta do diretor, tão perto que atravessaram suas roupas e a maioria beliscou-lhe a pele.

"Os palhaços tiveram que arrancar as facas para soltá-lo, porque ele estava firmemente pregado. Assim, correu a notícia para que se tomasse cuidado com DeVille, e ninguém ousou ser algo mais do que ligeiramente cortês com sua mulher. E ela era uma biscateira muito da sonsa, só que todas as mãos tinham medo de DeVille.

"Mas havia um homem, Wallace, que tinha medo de nada. Ele era o domador de leões e fazia o mesmo número de pôr a cabeça na boca do leão. Ele a punha na boca de qualquer um deles, embora preferisse Augustus, um animal grande e de boa índole, no qual sempre se podia confiar.

"Como eu estava dizendo, Wallace - nós o chamávamos "Rei" Wallace - não tinha medo de coisa alguma, viva ou morta. Ele era um rei e ninguém tinha dúvidas. Eu o vi, bêbado, numa aposta, entrar na jaula de um leão que tinha ficado perigoso e, sem uma vara, dar fim nele. Fez isso simplesmente dando-lhe um soco no focinho.

"A Sra. DeVille. .. "

Por causa de um alvoroço atrás de nós, o Homem Leopardo se virou. Era uma jaula dividida, e um macaco, metendo a mão pelas barras e ao redor da divisória, tivera sua pata presa por um grande lobo cinza que estava tentando arrancá-la com toda a força. O braço parecia ir-se esticando mais e mais, como um elástico grosso, e os companheiros do infeliz faziam uma algazarra terrível. Não havia um zelador por ali, então o Homem Leopardo deu alguns passos, bateu no lobo com um golpe certo no focinho com a pequena bengala que carregava e voltou com um sorriso tristemente apologético para completar sua frase inacabada como se não tivesse havido qualquer interrupção.

- ... olhou para o Rei Wallace e o Rei Wallace olhou para ela, enquanto DeVille os olhava feio. Nós prevenimos Wallace, mas foi em vão. Ele riu de nós, como riu de DeVille um dia quando enfiou a cabeça dele num balde de cola porque ele queria lutar.

"DeVille ficou num estado lamentável - eu ajudei a limpá-lo, mas ele estava frio como gelo e não fez qualquer tipo de ameaça. Mas eu vi em seus olhos um brilho que tinha visto muitas vezes nos olhos de animais selvagens, e saí de meus cuidados para dar a Wallace um último aviso... Ele riu, mas não olhou tanto na direção da Senhora DeVille depois disso.

"Vários meses se passaram. Nada havia acontecido e eu estava começando a pensar que tudo não passara de um susto. Estávamos no Oeste naquela época, apresentando-nos em Frisco. Era o espetáculo da tarde, e a grande tenda estava cheia de mulheres e crianças, quando fui atrás de Denny Vermelho, o encarregado-chefe que tinha saído com meu canivete.

"Passando por uma das barracas que serviam de camarim, dei uma olhada por um buraco na lona para ver se o localizava. Ele não estava lá, mas bem na minha frente estava o Rei Wallace, de ceroulas, esperando sua vez de ir para a jaula dos leões amestrados. Ele assistia e se divertia muito com uma discussão entre um casal de trapezistas. Todas as outras pessoas na barraca do camarim assistiam à mesma coisa, com a exceção de DeVille, que percebi estar encarando Wallace com indisfarçável ódio.

Wallace e os outros estavam ocupados demais para perceber isto ou o que se seguiu.

"Mas eu vi pelo buraco na lona. DeVille tirou o lenço do bolso, fez como se secasse com ele o suor do rosto (o dia estava quente) e, ao mesmo tempo, caminhou para trás de Wallace. Ele não parou, mas com um volteio do lenço deteve-se bem na soleira da porta, de onde virou a cabeça ao passar, e deu uma rápida olhada para trás. O olhar me perturbou na ocasião, porque não vi nele apenas ódio, vi também triunfo.

"DeVille vai ficar à espreita, eu disse a mim mesmo, e eu realmente respirei aliviado quando o vi sair pela entrada do circo e subir a bordo de um trem elétrico para o centro da cidade. Alguns minutos depois eu estava na grande lona, onde revistava o Denny Vermelho. O Rei Wallace fazia seu número e dominava a platéia enfeitada. Ele tinha um ar especialmente perverso e manteve os leões agitados até que estivessem todos rosnando, quer dizer, todos menos o velho Augustus, que era simplesmente gordo, preguiçoso e velho demais para ficar excitado com o que quer que fosse.

"Finalmente Wallace fez estalarem os joelhos do leão velho com seu chicote e colocou-o em posição. O velho Augustus, piscando com benevolência, abriu a boca e para lá foi a cabeça de Wallace. Então as mandíbulas se fecharam, nheco, bem assim."

O Homem Leopardo sorriu de um modo gentilmente melancólico e o olhar distante voltou a seus olhos.

- E este foi o fim do Rei Wallace - continuou ele em sua voz triste e baixa. - Depois que a excitação baixou, esperei minha oportunidade, abaixei-me e cheirei a cabeça de Wallace. Então espirrei.

- E... e era... ? - indaguei com uma avidez hesitante.

- Rapé - que DeVille derrubou no cabelo dele na barraca do camarim. O velho Augustus nunca pretendeu fazer aquilo. Ele só espirrou.

Tradução de Celina Portocarrero

20. A MATILHA DO DESTINO

SAKI (1870-1916 | Inglaterra)

*Este inglês nascido na Birmânia, Hector Hugh Munro, com o pseudônimo de Saki, foi o contista e jornalista mais conhecido da Inglaterra vitoriana. Humorista de costumes, ele também experimentou outros tipos de histórias curtas, como o fantástico e o policial, caso deste *The Hounds of Fate*, que saiu entre nós no número 4 da revista *Ficção*, e que mostra sua maestria com o conto, sempre rematado com um final inesperado ou irônico.*

À luz crepuscular de uma cinzenta tarde de outono Martin Stoner trambolhava ao longo de azinhas lamacentas e caminhos com profundas cicatrizes de rodas de carroças que o levavam não sabia exatamente para onde. Em algum lugar à sua frente, sonhava, estava o mar, e era em direção ao mar que seus passos pareciam dirigir-se com persistência; mal teria sido capaz de explicar por que se encarnicava pesadamente para esse alvo, a menos que estivesse possuído pelo mesmo instinto que orienta um veado acossado rumo ao penhasco no momento extremo.

Em seu caso, os sabujos do destino estavam por certo pressionando-o com indormida insistência; fome, fadiga e desesperado desalento tinham-lhe nublado o cérebro, e ele mal podia reunir energia suficiente para se indagar que impulso subjacente o impelia para diante. Stoner era um desses infelizes indivíduos que parecem haver tentado de tudo; uma indolência e improvidência naturais sempre intervinham para arruinar qualquer oportunidade de êxito mesmo moderado, e agora ele tinha esticado o cabresto até o fim, e não havia nada mais para tentar. O desespero não acordara nele qualquer reserva adormecida de energia; pelo contrário, um torpor mental cresceu acompanhando a crise de seu fado. Com a roupa do corpo, um tostão no bolso, e sem

um único amigo ou conhecido a quem recorrer, sem nenhum plano a não ser encontrar uma cama para a noite ou uma refeição para o amanhã, Martin Stoner arrastava-se apático, avançando por entre sebes úmidas e sob árvores gotejantes, sua mente quase um vazio, exceto a informação subconsciente de que à sua frente, num ponto qualquer, se estendia o mar. Outra consciência se introduzia de quando em quando - o conhecimento de que estava miseravelmente faminto. Após um certo tempo fez alto diante de um portão aberto que conduzia a um jardim espaçoso e um tanto abandonado; havia pouco sinal de vida em torno, e a casa da fazenda no extremo do jardim parecia fria e inóspita. Uma chuva fininha, no entanto, caía insistente, e Stoner calculou que talvez ali pudesse obter abrigo por alguns minutos e comprar um copo de leite com sua derradeira moeda. Penetrou lenta e pausadamente no jardim e seguiu um estreito caminho lajeado, até uma porta lateral. Antes que tivesse tempo de bater, a porta abriu-se, e um velho curvado e seco postava-se de lado à entrada como se para deixá-lo passar.

- Posso entrar por causa da chuva? - Stoner começou, mas o velho o interrompeu.

- Entre, Mestre Tom. Sabia que o senhor haveria de voltar um dia destes. Stoner ultrapassou aos trancos a soleira e ficou de pé, fixando o outro sem nada compreender.

- Sente-se enquanto lhe arranjo qualquer coisa para jantar - disse o velho com ânsia.

As pernas de Stoner cederam a um extremo esgotamento e ele tombou inerte numa poltrona que fora empurrada até ele. No minuto seguinte estava devorando carne fria, queijo e pão que tinham sido colocados a seu lado.

- O senhor mudou um pouco nesses quatro anos - prosseguiu o velho, numa voz que para Stoner soava como num sonho, muito longe e inseqüente -, mas vai nos encontrar um bocado mudados, vai. Não há mais ninguém por aqui, igual como quando foi embora: ninguém a não ser eu e sua velha tia. Vou lá contar

para ela que o senhor veio; ela não vai querer ver o senhor, mas vai deixar que fique aqui agora mesmo. Ela sempre disse que se o senhor voltasse poderia ficar, mas que nunca lhe poria os olhos em cima ou falaria com o senhor de novo.

O velho colocou uma caneca de cerveja na frente de Stoner e então se foi coxeando por um longo corredor. O chuvisco mudara para um furioso aguaceiro que açoitava violentamente a porta e as janelas. O vagabundo pensou, com um calafrio, em como estaria a praia debaixo desse dilúvio, com a noite avançando por todos os lados. Acabou a comida e a cerveja e ficou sentado calmamente, cabeceando e esperando o retorno de seu estranho hospedeiro. À medida que o pêndulo avoengo tiquetaqueava os minutos lá num canto, uma nova esperança começou a tremeluzir e crescer na mente do homem; era tão só a ânsia por comida e por um descanso de minutos que se expandira num anelo de encontrar abrigo noturno sob este teto aparentemente hospitaleiro. Um ruído de passos no corredor anunciou a volta do velho criado da fazenda.

- A velha Senhora não quer ver o senhor, mestre Tom, mas diz que pode ficar. Isso está certo, já que a fazenda vai ser sua quando ela for para debaixo da terra. Tratei de acender um fogo em seu quarto, Mestre Tom, e a criada pôs lençóis limpos na cama. Não vai encontrar mudanças lá em cima. Acho que está cansado, não quer ir pra lá agora?

Sem uma palavra Martin Stoner pôs-se de pé pesadamente e seguiu seu anjo da guarda pelo corredor, por uma escada rangente acima, através outro corredor, até um quarto espaçoso iluminado por uma lareira de alegre brilho. Não havia mais do que uns poucos móveis, simples, antigos e de boa qualidade; um esquilo empalhado numa redoma e um calendário de quatro anos atrás pendurado na parede eram os únicos sinais de decoração. Mas Stoner nada mais via senão a cama, e quase não aguentou arrancar as roupas antes de rolar numa exaustão deliciada em suas confortáveis profundezas. Os sabujos do destino pareciam ter-se refreado por um breve instante.

Na luz fria da manhã Stoner riu sem júbilo, ao perceber lentamente a posição em que se encontrava. Quem sabe pudesse agarrar- um pouco de comida apoiado em sua aparência com este outro vida-torta ausente, e escapulir-se antes de alguém descobrir a fraude que lhe fora imposta. Na sala do andar térreo encontrou o velho encurvado com um prato de bacon e ovos fritos preparados para o desjejum de "Mestre Tom", enquanto uma velha empregada de feições duras trazia um bule de chá e vertia o líquido numa chávena. Quando sentou-se à mesa um pequeno spaniel apareceu, fazendo-lhe avanços amistosos.

- É o filhote da velha Bowker - explicou o velho, a quem a criada de feições duras se dirigia como George. - Ela era louca pelo senhor. Nunca mais foi a mesma depois que o senhor partiu para a Austrália. Ela morreu há mais ou menos um ano. Esse é o filhote dela.

Stoner não conseguiu lamentar-lhe o passamento; não haveria quem sobrepujasse a cachorra como testemunha de identificação.

- Vai sair a cavalo, Mestre Tom? - foi a seguinte proposição surpreendente do velho. - Temos um belo ruão que aceita bem uma sela. O velho Bidy está ficando cansado, embora ainda dê, mas vou aprontar o ruãozinho e trazer aqui na porta.

- Não tenho roupa de montaria - gaguejou o pá ria, quase rindo ao contemplar suas roupas no último fio.

- Mestre Tom - retrucou com energia, quase ofendido, o velho -, todas as suas coisas estão como as deixou. É só arejá-Ias um pouco diante da lareira e estarão bem. Vai ser uma boa distração, galopar um pouco e caçar umas aves de quando em quando. O senhor vai sentir que a gente das redondezas o olha com cara de poucos amigos. Eles não esqueceram nem perdoaram. Ninguém virá procurá-lo, de modo que é melhor se distrair como puder com o cavalo e o cachorro. São boa companhia, também.

O velho George foi-se capengando dar ordens, e Stoner, sentindo-se cada vez mais como num sonho, subiu para inspecionar o guarda-roupa do "Mestre Tom". Cavalgar era um dos prazeres

mais caros a seu coração, e o pensamento de que nenhum dos companheiros progressos de Tom provavelmente o favoreceria com uma inspeção mais de perto representava alguma proteção contra a descoberta imediata. Enquanto o intruso se enfiava numas roupas de montaria que lhe caíam toleravelmente, seu cérebro se perguntava de maneira vaga que tipo de delito o Tom genuíno cometera para colocar contra ele toda a gente das redondezas. O som surdo de patadas rápidas e impacientes na terra lamacenta cortou cerce suas especulações. O cavalo ruão tinha sido trazido para a porta lateral.

- Conversa de mendigos a cavalo - pensou Stoner de si-para-si, enquanto trotava rápido pelas azinhagas lamacentas por onde trambolhara na véspera como um pária nas últimas; e então deixou de lado indolentemente as reflexões e entregou-se ao prazer de um elegante meio-galope ao longo do relvado que cobria a beira de um trecho de estrada. Junto a um portão aberto deteve a marcha para permitir que duas carroças entrassem num pasto. Os rapazes que conduziam as carroças acharam tempo para olhá-lo demoradamente, e quando passava ouviu uma voz excitada anunciar: "É o Tom Prike! Conheci logo; mostrando-se de novo por aqui, não é?"

Evidentemente a semelhança que se impusera em ambiente fechado a um velho senil era bastante boa para enganar olhos mais jovens a curta distância.

No curso do passeio pôde confirmar com ampla evidência a afirmação de que o povo não esquecerá nem perdoará o crime passado que lhe chegava como um legado do Tom ausente. Olhares rancorosos, murmúrios e cotoveladas no parceiro saudavam-no sempre que topava com seres humanos: o "filhote de Bowker", trotando tranqüilo a seu lado, parecia o único elemento de amistosidade num mundo hostil.

Ao desmontar frente à porta lateral viu de relance uma descarnada mulher idosa espiando-o por detrás de uma cortina no andar superior. Sem dúvida era sua tia por adoção.

Enquanto ingeria o farto almoço que esperava por ele, Stoner foi afinal capaz de passar em revista as possibilidades de sua extraordinária situação: o verdadeiro Tom, após quatro anos de ausência, aparecer de repente na fazenda, ou uma carta dele chegar a qualquer momento; ou ainda, na qualidade de herdeiro da fazenda, o falso Tom ser chamado a assinar documentos, o que seria uma exigência embaraçosa; ou a chegada de parente que não imitasse a atitude da tia. Tudo isso significaria desmascaramento ignominioso. Por outro lado, a alternativa era o céu aberto e os caminhos de lodo que levavam ao mar. A fazenda oferecia-lhe, de qualquer forma, um refúgio temporário contra o desamparo; trabalhar na terra era uma das muitas coisas que "tentara", e seria capaz de fazer algum trabalho em troca da hospitalidade a que tinha tão pouco direito.

- O senhor vai querer carne de porco fria para o jantar? - indagou a criada de rosto severo, tirando a mesa. - Ou quer que esquente?

- Quente, com cebolas - disse Stoner.

Foi a primeira vez na vida que tomou uma decisão rápida. E ao dar a ordem percebeu que pretendia ficar.

Stoner mantinha-se rigidamente naquelas partes da casa que pareciam a ele ter-lhe sido destinadas por um tratado tácito de delimitação. Quando tomava parte no trabalho rural era como alguém que recebe ordens, e nunca os iniciava. O velho George, o cavalo ruão e o filhote de Bowker eram seus únicos companheiros num mundo de outro modo geladamente silencioso e hostil. A dona da fazenda ele nunca via. Uma vez, ao saber que ela fora à igreja, fez uma incursão furtiva à sala de visitas da fazenda tentando obter algum conhecimento fragmentário sobre o jovem cujo lugar usurpara, e cuja má reputação pusera nos ombros. Havia muitas fotografias penduradas nas paredes, ou enfiadas em porta-retratos cheios de enfeites, mas a aparência buscada não estava entre eles. Por fim, num álbum meio escondido, encontrou o que queria. Havia uma série completa, rotulada "Tom", uma criança gorducha de três anos, num traje fantástico, um menino desajeitado de seus doze

anos empunhando uma raquete de cricket como se relutasse, um jovem muito bonito de dezoito, cabelos macios e bem repartidos, e finalmente um moço com uma expressão atrevida e um tanto brutal. Stoner olhou este último retrato com particular interesse, a semelhança com ele era irrecusável.

Tentou sem descanso saber dos lábios do velho George, que era bastante palrador sobre a maioria dos assuntos, alguma coisa da natureza da ofensa que o marcara como uma criatura a ser evitada e odiada por seus semelhantes.

- O que é que o pessoal daqui diz a meu respeito? - perguntou um dia ao se dirigirem para casa, tendo trabalhado num campo mais distante.

O velho abanou a cabeça.

- Estão contra o senhor, mortalmente contra. Ai, isto é um negócio muito triste, muito triste.

E nunca conseguiu que dissesse algo mais esclarecedor.

Numa tarde clara e gelada, poucos dias antes das festas de Natal, Stoner estava de pé a um canto do pomar, de onde alcançava uma vista ampla dos campos. Aqui e ali podia perceber os pontos faiscantes do brilho de um candeeiro ou vela que lhe falavam de lares humanos onde a boa vontade e o regozijo da época se faziam sentir. Através dele estava a casa da fazenda, severa e silente, onde ninguém jamais ria, onde mesmo uma discussão teria parecido alegre. Stoner ouviu seu nome adotado dito num tom de extrema ansiedade. Instintivamente soube que algo funesto acontecera, e numa rápida revulsão de ponto de vista, seu santuário tornou-se a seus olhos um lugar de paz e contentamento, do qual temia ser expulso.

- Mestre Tom - disse o velho num cochicho áspero -, o senhor tem de escapular quietinho daqui, por uns dias. Michael Ley está de novo na vila e jura que lhe dá um tiro se cruzar com o senhor. E dá mesmo, há morte em seu olhar. Desapareça acobertado pela noite, só por uma semana ou pouco mais, ele não vai ficar mais tempo aqui.

- Mas para onde é que vou? - gaguejou Stoner, que fora infectado pelo óbvio terror do velho.

- Siga pela costa até Punchford e fique escondido lá. Quando Michael se tiver ido na certa, vou montado no ruão para Punchford, ao Dragão Verde; quando o senhor vir o cavalo no estábulo do Dragão Verde, é sinal de que pode voltar.

- Mas... - começou Stoner hesitante.

- Dinheiro não é problema - disse o outro; - a velha Senhora concorda que é melhor fazer como eu digo, e me deu isto.

Stoner sentiu-se mais embusteiro do que nunca quando, naquela noite, esgueirou-se pelo portão dos fundos da fazenda tendo no bolso o dinheiro da velha. O velho George e o filhote de Bowker, de pé no portão, olhavam-no num silencioso adeus. Mal conseguiu sonhar com o retorno, e sentiu um nó na garganta ao pensar nos dois humildes amigos que esperariam ansiosos sua volta. Algum dia, quem sabe, o verdadeiro Tom voltaria, e haveria um terrível assombro entre aquela gente simples da roça buscando a identidade do hóspede nebuloso que tinham abrigado sob seu teto. Por seu próprio destino não sentia ansiedade imediata; três libras dão para pouca coisa nesse mundo, mas para um homem que contara seus haveres em tostões parecem um bom ponto de partida. A fortuna manhosa se alterara gentilmente quando de sua última caminhada por essas azinhagas como um aventureiro desesperado, e ainda podia haver oportunidade de encontrar trabalho e começar outra vez; à medida que se afastava da fazenda ia ficando mais animado. Havia uma sensação de alívio em reconquistar a identidade perdida e cessar de ser o fantasma inquieto de outro. Mal se deu ao trabalho de especular sobre o inimigo implacável que surgira de nenhures em sua vida; já que essa vida era agora atrás dele um item irreal, o resto pouca diferença fazia. Pela primeira vez em muitos meses começou a cantarolar um refrão descuidado e alegre. Então, eis que surge da sombra de um frondoso carvalho um homem com uma espingarda. Não houve necessidade de se perguntar quem poderia ser; o luar caindo-lhe sobre o rosto branco revelou um brilho de ódio humano

como Stoner, nos altos e baixos de suas andanças, nunca vira antes. Ele pulou para o lado num esforço desesperado de atravessar a cerca que bordeava o caminho, mas os galhos grossos o impediram. A matilha do destino esperara por ele naquelas azinhagas estreitas, e desta vez não seria em vão.

Tradução de Eglê Malheiros

CRIME E INSTITUIÇÃO
(Justiça e culpa)

21. O CUSTO DE JUSTIÇA

LEON TOLSTOI (1828-1910 | Rússia)

Gigante da literatura russa e universal (como classificar um autor de obras como Guerra e Paz e Ana Karenina ?), Tolstoi, criador de "grandes sinfonias" literárias, também soube compor peças curtas e sensíveis para um quarteto de cordas ou solo de piano ou um violino tocando em surdina, como esta (paródia? Sátira? libelo?) que descobrimos e resgatamos aqui, em homenagem a ele e para o prazer de nós todos, leitores.

Perto da fronteira da França e da Itália, às margens do Mediterrâneo, existe um minúsculo reinado chamado - bem, vamos batizá-lo de Monado. Inúmeras cidadezinhas do interior podem se orgulhar de possuírem mais habitantes do que esse reino, que tem apenas sete mil súditos ao todo, e se as terras do reino fossem divididas, não caberia a eles um acre por cabeça. Mas neste reino de brinquedo existe um reizinho de verdade, que tem um palácio, corte, ministros, generais e um exército.

O exército não é grande - apenas sessenta pessoas - mas, ainda assim, é um exército. Neste reino, como em toda a parte, cobram-se impostos sobre o tabaco, sobre o vinho e sobre o álcool. E embora as pessoas por lá fumem e bebam como acontece em qualquer país, são tão poucas que o Rei ver-se-ia em maus lençóis para alimentar seus cortesãos e oficiais, e a si mesmo se manter, caso não tivesse encontrado uma fonte de renda.

Esta renda especial provém de um cassino onde o povo se distrai com a roleta. O povo joga e, ganhe ou perca, sempre cabe à casa uma percentagem. E dessa percentagem é paga uma larga soma ao Rei. A razão de assim tanto pagarem, na ocasião de nossa história, é ser aquele o único estabelecimento de jogo que restava na Europa.

Alguns dos pequenos soberanos alemães costumavam manter casas de jogo, mas há poucos anos foram proibidos de o fazer. E isso porque tais cassinos fazem um mal enorme aos clientes. Perdendo tudo o que tinham, recorriam a dinheiro que não era seu e perdiam-no também; desesperados, afogavam-se ou metiam uma bala na cabeça. Por isso os alemães proibiram seus governantes de fazerem dinheiro desta forma; no entanto, ninguém se lembrou de proibir o rei de Monado, e ele ficou com o monopólio do negócio. De forma que, agora, quem deseja jogar, vai a Monado. Percam ou ganhem, o Rei tem sempre a sua parte. "Não se consegue palácio de pedra com trabalho honesto", diz o ditado; e o reizinho de Monado sabe que o negócio não é limpo, mas o que se há de fazer? É preciso viver; e tirar rendimento do tabaco e das bebidas também não é uma coisa bonita.

E assim reina ele, e vive, recolhe o dinheiro e mantém na sua corte o cerimonial de um verdadeiro rei. Tem a sua coroação, os seus duques; ele premia, condena e perdoa; e também seus conselheiros, leis e tribunais de justiça - como os outros reis, só que em menor escala.

Acontece que, há alguns anos, um crime de morte foi cometido nos domínios do Rei. O povo daquele reino é pacífico e tal fato jamais acontecera antes.

Os juízes se reuniram com grande cerimonial e julgaram o caso de forma judiciosa. Eram juízes e promotores, jurados e advogados de defesa. Discutiram, julgaram e finalmente, conforme a lei, condenaram o criminoso a ser decapitado. Até aí tudo bem. Submeteram a sentença ao Rei, que a confirmou: "Se o homem tem de ser executado, executem-no."

Havia apenas um ponto duvidoso em questão: Monado não possuía guilhotina nem carrasco para cortar cabeças.

Os ministros estudaram o assunto e resolveram endereçar uma petição ao governo francês, perguntando se não poderiam lhes emprestar uma guilhotina e um especialista em decapitar

criminosos; em caso afirmativo, que o governo francês respondesse dizendo quanto isto custaria. A carta foi remetida.

Uma semana depois chegou a resposta: uma guilhotina e um carrasco poderiam ser fornecidos pelo preço de dezesseis mil francos. Levaram o assunto ao Rei, que analisou a proposta. Dezesseis mil francos!

- Este infeliz não vale esse dinheiro todo - disse ele. - Não poderiam fazer por menos? Dezesseis mil francos é mais do que dois francos por cabeça, contando toda a nossa população. O povo não agüentará tanta despesa e pode haver até uma revolta contra isso!

Um Conselho, portanto, foi convocado para decidir o que fazer; e ficou resolvido que se enviasse petição idêntica ao rei da Itália. Carta escrita, a resposta não se fez esperar.

O governo italiano informou que forneceria com prazer a máquina e o carrasco pelo preço de doze mil francos, incluindo despesas de viagem. Era mais barato, mas ainda parecia alto. O infeliz realmente não merecia tanto dinheiro gasto. Continuava representando quase dois francos por cabeça no recolhimento de impostos.

Convocaram um outro Conselho. Discutiram e pensaram como baratear a execução. Um dos soldados, por exemplo, não poderia se encarregar da tarefa de uma maneira mais simples e crua? O General foi chamado e consultado:

- Consentiria o senhor em indicar um soldado que cortasse a cabeça do criminoso? O exército nunca se incomoda de matar durante uma guerra. Na verdade, para tal os soldados são preparados.

O General discutiu o assunto com seus homens para ver se algum deles se incumbiria do caso. Mas nenhum deles aceitou.

- Não - disseram eles. - Não sabemos como fazer isso; não é nada do que tenhamos aprendido.

Os ministros voltaram a pensar em repensar. Nomearam uma Comissão e um Comitê e um Subcomitê, e acabaram por concluir que o melhor seria transformar a sentença de morte em prisão perpétua. O que permitira ao Rei demonstrar a sua misericórdia, além de sair muito mais barato.

O Rei concordou e o problema ficou resolvido. O único inconveniente então era que não existia prisão apropriada para um homem condenado para o resto da vida. Havia um pequeno presídio onde as pessoas às vezes ficavam detidas temporariamente, mas não uma prisão forte e de uso permanente.

Apesar disso, conseguiram encontrar um lugar que servisse e lá colocaram o rapaz com um guarda de plantão. O guarda tinha de vigiar o criminoso e apanhar a comida na cozinha do palácio.

O prisioneiro lá ficou mês após mês até completar um ano. Mas quando o ano passou, o reizinho, verificando sua renda, reparou num novo item nas suas despesas. Era, claro, a manutenção do criminoso e não era pouca coisa.

Havia um guarda especial para dele cuidar e ainda havia a alimentação do homem. E o pior é que o sujeito era jovem e saudável, podendo viver uns cinqüenta anos ou mais. Pensou bem no assunto e concluiu que aquela solução não daria certo.

O Rei então mandou reunir seus ministros e disse-lhes:

- É preciso encontrar uma maneira mais barata de se lidar com esse infeliz. A maneira atual é cara demais.

Os ministros pensaram, até que um deles concluiu:

- Cavalheiros, na minha opinião precisamos despedir o guarda.
- Mas assim é lógico que o prisioneiro irá fugir - retorquiu um outro.

- Bem - disse o primeiro -, que fuja e que o diabo o carregue.

Levaram o resultado da deliberação ao reizinho, que com eles concordou. O guarda foi despedido e eles aguardaram para ver o que iria acontecer. Aconteceu apenas que, chegando a hora da refeição, o criminoso saiu à procura do guarda e, não o

encontrando, foi até a cozinha real buscar sua própria comida. Recebeu o que lhe deram, voltou à prisão, fechou a porta da cela e continuou lá dentro.

No dia seguinte aconteceu a mesma coisa: foi buscar a sua comida na hora indicada; mas quanto a fugir, não demonstrou ele a menor intenção.

Que fazer? Voltaram as autoridades a estudar o assunto.

- Precisamos dizer a ele claramente que não queremos mantê-lo na prisão -concluíram.

E o ministro da Justiça mandou que o trouxessem à sua presença.

- Por que você não foge? - perguntou o ministro. - Não há nenhum guarda a impedi-lo. Pode ir embora quando quiser que o Rei não se importa.

- O Rei talvez não se importe - disse o homem -, mas eu não tenho para onde ir. Vou fazer o quê? Os senhores arruinaram meu caráter com a sentença a que me condenaram e todos me darão as costas daqui em diante. Além do mais, perdi o hábito de trabalhar. Os senhores me trataram muito mal. Não é justo. Em primeiro lugar, quando me sentenciaram à morte, deviam ter me executado. Mas, não. Depois me condenaram à prisão perpétua e escalaram um guarda para me trazer a comida; algum tempo depois, tiraram o guarda e obrigaram que eu mesmo fosse buscar a comida. Mais uma vez não me queixei. Agora, porém, querem que eu fuja! Não posso concordar com isso. Façam o que bem quiserem; eu não fugirei!

Mais uma vez o Conselho se reuniu. Que atitude adotar? O homem se negava a sair. Refletiram e voltaram a refletir. O único meio de se livrarem dele era oferecer-lhe uma pensão. E foi isso que disseram ao Rei.

- Não há outra saída - falaram. - Precisamos nos desembaraçar dele de qualquer maneira.

Fixaram uma quantia e anunciaram a conclusão ao prisioneiro.

- Bem - concordou ele -, eu não me importo, desde que se comprometam a pagar sempre em dia. Sob esta condição, consinto em ir embora.

E assim o assunto foi encerrado.

Ele recebeu um terço da sua anuidade adiantado, deixou os domínios do Rei e instalou-se do outro lado da fronteira, onde comprou um pedacinho de terra, pôs-se a plantar legumes para vender no mercado e assim vivia ele confortavelmente.

Sempre na data exata, ele recebe a pensão. Assim que a recebe, corre para as mesas de jogo, aposta dois ou três francos, às vezes ganha, às vezes perde, e logo volta para casa. Vive tranqüilamente, e muito bem.

Por sorte, não cometeu ele seu crime num país no qual não se resmunga contra as despesas para cortar a cabeça de um homem, ou para mantê-lo na prisão pelo resto da vida.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

22. O SEGREDO DA GUILHOTINA

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM (1838-1889 | França)

Auguste Villiers de L'Isle-Adam se julgava pré-destinado a renovar a literatura de sua época. Poeta, contista, romancista e dramaturgo, ele em parte cumpriu a sua ambição, em obras como Contos Cruéis (1883), A Eva Futura (1886), Histórias Insólitas (1888), dentre outras. No conto escolhido, a guilhotina, símbolo cruel da justiça francesa da época, entra como uma espécie de personagem secundário, embora não menos importante. (Afim, o crime institucional, por ser institucional, pode ser considerado um crime?) Note-se a ênfase que o autor dá à ciência (no caso, a Medicina) e, portanto, ao raciocínio lógico, o que seria comum um pouco mais tarde, nos primeiras obras de ficção policial.

A Edmond de Goncourt

As recentes execuções me trazem à lembrança a extraordinária história que lhes conto:

- Naquela noite, em 5 de junho de 1864, por volta das sete horas, o médico Edmond-Désiré Couty de La Pommerais, recentemente transferido da Conciergerie para La Roquette, estava sentado, vestido com a camisa-de-força, na cela dos condenados à morte.

Taciturno, apoiava os cotovelos nas costas da cadeira, os olhos fixos. Sobre a mesa, uma vela iluminava a palidez de seu rosto frio. A dois passos, um guarda, de pé, encostado à parede, observava-o, de braços cruzados.

Quase sempre, os presos são obrigados a cumprir uma tarefa diária, por um salário do qual a administração recolhe, antes de

tudo, o preço de sua mortalha, que ela não fornece. - Somente os condenados à morte não têm qualquer tarefa a executar.

O prisioneiro era daqueles que não escondem o jogo: em seu olhar, nem medo nem desespero.

Trinta e quatro anos, moreno, de constituição média, na verdade bastante bem-apeçoado. Têmporas começando a ficar grisalhas, olhar nervoso, semicerrado. Testa de pensador, voz monótona e lacônica, mãos soturnas. A fisionomia dissimulada das pessoas malfalantes, maneiras de uma distinção estudada. Assim era sua aparência.

(Todos se lembram que, no tribunal do Sena, a defesa de Mestre Lachaud, embora muito austero naquela ocasião, não eliminara da consciência dos jurados o triplo efeito produzido pelos debates, pelas conclusões do Dr. Tardieu e pela acusação de Oscar de Vallée. Convencido de ter o Sr. de La Pommerais ministrado, com intenções cúpidas e premeditação, doses mortais de digitalina a uma senhora sua amiga - Madame de Pauw -, decidiu pronunciar contra ele, mediante a aplicação dos artigos 301 e 302 do Código Penal, a sentença capital.)

Naquela tarde, às 5 horas, ele ignorava ainda a rejeição do recurso ao Supremo, bem como a recusa de qualquer audiência de graça solicitada por seus afins. Quando muito, o seu defensor, mais feliz, foi distraidamente ouvido pelo Imperador. O venerável abade Crozes que, antes de cada execução, exauria-se em súplicas às Tulherias, voltara sem resposta. - Comutar a pena de morte, em tais circunstâncias, não seria, implicitamente, aboli-la? - O caso era exemplar. - No parecer do Ministério Público, a rejeição do recurso não apresentara dúvidas, devendo ser notificada a qualquer momento. O Sr. Hendreich acabara de ser convocado para providenciar a entrega do condenado no dia nove, pela manhã, às cinco horas.

De repente, um barulho de coronhas de fuzis ecoou no lajeado do corredor. A fechadura rangeu lentamente. A porta se abriu. As

baionetas brilharam na penumbra. O diretor de La Roquette, Sr. Beauquesne, apareceu na soleira, acompanhado de um visitante.

La Pommerais, tendo levantado a cabeça, reconheceu de imediato, no visitante, o ilustre cirurgião Armand Velpeau.

A um sinal de quem de direito, o guarda saiu. Tendo o Sr. Beauquesne, após uma muda apresentação, se retirado também, os dois colegas encontraram-se repentinamente a sós, de pé, um diante do outro, e olhos nos olhos.

La Pommerais, em silêncio, indicou ao médico sua própria cadeira e foi sentar-se sobre aquele catre de onde os adormecidos são, em sua maioria, despertados da vida num sobressalto. - Como ali se via mal, o grande clínico aproximou-se do .. doente, para observá-lo melhor e poder conversar em voz baixa.

Velpeau, naquele ano, entrava na casa dos sessenta. No apogeu de sua fama, herdeiro da cadeira de Larrey no Instituto, primeiro professor de clínica cirúrgica de Paris e, por suas obras, todas de um rigor de discussão tão claro e tão vivo, um dos luminares da ciência patológica atual, o emérito médico impunha-se já como uma das sumidades do século.

Após um frio momento de silêncio:

- Senhor, disse ele, entre médicos, devemos nos poupar de inúteis condolências. Aliás, um mal na próstata (do qual certamente devo morrer em dois anos, ou dois anos e meio) classifica-me também, com alguns meses de vencimento a mais, na categoria dos condenados à morte. Vamos então ao fato, sem preâmbulos.

- Então, a seu ver, doutor, minha situação judiciária é... desesperadora? interrompeu La Pommerais.

- Receia-se que sim, respondeu simplesmente Velpeau.

- Minha hora está marcada?

- Ignoro, mas, como nada ainda foi decidido a seu respeito, pode contar, sem qualquer dúvida, com alguns dias.

La Pommerais passou, sobre sua testa lívida, a manga de sua camisa-de-força.

- Que seja. Obrigado. Estarei pronto: eu já estava; - daqui em diante, quanto antes melhor!

- Seu recurso não tendo sido rejeitado, pelo menos até o momento, recomeçou Velpeau, a proposta que lhe vou fazer é apenas condicional. Se a salvação chegar, tanto melhor!... Senão. ..

O grande cirurgião parou.

- Senão? .. pergunta La Pommerais.

Velpeau, sem responder, pegou em seu bolso um pequeno estojo, abriu-o, tirou a lanceta e, abrindo a camisa com o pulso esquerdo, apoiou o dedo médio sobre o pulso do jovem condenado.

- Sr. de La Pommerais, disse ele, seu pulso me revela um sangue-frio e uma firmeza raros. A missão que venho cumprir junto ao senhor (e que deve ser mantida secreta) tem por objetivo uma espécie de oferta que, mesmo endereçada a um médico de sua energia, a um espírito temperado pelas convicções positivas de nossa Ciência e bem afastado de quaisquer pavores fantásticos da Morte, poderia parecer de uma extravagância ou de um escárnio cruéis.

- Sou todo ouvidos, respondeu La Pommerais.

- O senhor certamente sabe, recomeçou Velpeau, que uma das questões mais interessantes da fisiologia moderna é saber se algum vestígio de memória, de reflexão, de sensibilidade real persiste no cérebro do homem após a separação da cabeça.

Com esta introdução inesperada, o condenado estremeceu. Então, recompondo-se:

- Quando o senhor chegou, doutor, respondeu ele, eu estava exatamente muito preocupado com este problema, duplamente interessante para mim, aliás.

- O senhor tem conhecimento dos trabalhos escritos a propósito desta questão, desde os de Scemmering, Süe, Sedillot e Bichat até os dos modernos?

- E cheguei a assistir, no passado, a um de seus cursos de dissecação nos restos de um supliciado.

-Ah! Adiante, então. - O senhor tem noções exatas, do ponto de vista cirúrgico, sobre a guilhotina?

La Pommerais, olhando bem para Velpeau, respondeu friamente:

- Não, senhor.

- Eu estudei escrupulosamente o aparelho hoje mesmo, continuou, sem se emocionar, o Dr. Velpeau: - é, eu atesto, um instrumento perfeito. A lâmina agindo, simultaneamente, como cunha, foice e maça, secciona, em chanfro, o pescoço do paciente em um terço de segundo. O decapitado, sob o choque de tal golpe fulgurante, não pode então sentir mais dor do que a que um soldado sente, no campo de batalha, ao ter seu braço mandado para o ar por uma bala. A sensação, por falta de tempo, é nula e obscura.

- Talvez haja a dor remanescente; restam duas feridas em carne viva! - Não é Julia Fontenelle que, dando seus motivos, pergunta se a própria velocidade não tem conseqüências mais dolorosas do que a execução pelo aço ou pelo machado?

- Bastou Bérard para fazer justiça a este devaneio! respondeu Velpeau. "Quanto a mim, tenho a convicção, baseada em cem experiências e em minhas

observações particulares, de que a ablação instantânea da cabeça produz, no mesmo instante, no individuo degolado, o mais absoluto desfalecimento anestésico.

"A própria síncope, instantaneamente provocada pela perda de quatro ou cinco litros de sangue que irrompem dos vasos - (e, muitas vezes, com uma força de projeção circular de um metro de diâmetro) -, seria suficiente para tranqüilizar os mais medrosos a este respeito. Quanto aos sobressaltos inconscientes da máquina

carnal, interrompida subitamente demais em seu processo, também não constituem um índice de sofrimento maior do que. .. o palpar de uma perna cortada, por exemplo, cujos músculos e nervos se contraem, mas da qual não mais se sofre. Digo que a febre nervosa da incerteza, a solenidade dos preparativos fatais e o sobressalto do despertar matinal são, aqui, o que há de mais claro do pretense sofrimento. Não sendo a amputação senão imperceptível, a dor real é apenas imaginária. Ora! Tal golpe violento sobre a cabeça não somente não é sentido, mas não deixa consciência alguma de seu choque - uma simples lesão das vértebras provoca a insensibilidade atáxica -, e a total retirada da cabeça, a cisão da espinha dorsal, a interrupção das relações orgânicas entre o coração e o cérebro, não seriam suficientes para paralisar, no mais íntimo do ser humano, qualquer sensação, mesmo vaga, de dor? Impossível! Inadmissível! E o senhor sabe disto tanto quanto eu."

- Espero que, pelo menos, mais do que o senhor! respondeu La Pommerais. Portanto, não se trata, na realidade, de algum grande e rápido sofrimento físico (levemente percebido na angústia sensorial e muito rapidamente abafado pela invasora ascendência da Morte), não é absolutamente isto, digo, o que receio. É outra coisa.

- O senhor quer tentar explicar? disse Velpeau.

- Ouça, murmurou La Pommerais depois de um silêncio, definitivamente, os órgãos da memória e da vontade (se estão circunscritos, no Homem, nos mesmos lobos nos quais os constatamos. .. no cão, por exemplo), estes órgãos, quero dizer, são respeitados pela passagem da lâmina!

"Por vezes demais já corrigimos equívocos anteriores, tão inquietantes quanto incompreensíveis, para que eu me deixe facilmente persuadir da imediata inconsciência de um decapitado. Segundo as lendas, quantas cabeças, interpeladas, voltaram seu olhar para o inquiridor?"

"Lembre-se da cabeça daquele marujo que, na clínica de Brest, uma hora e quinze minutos depois da degola, partiu em dois, com um movimento dos maxilares - talvez voluntário -, um lápis

colocado entre eles!... Ficando apenas com este exemplo, entre mil, a questão real seria então saber, aqui, se foi, ou não, o eu desse homem que, após a cessação da hematose, sensibilizou os músculos de sua cabeça exangue."

- O eu não existe senão no conjunto, disse Velpeau.

- A medula espinhal prolonga o cerebelo, respondeu La Pommerais. Sendo assim, onde estaria o conjunto sensitivo? O que poderá revelá-lo? - Antes de oito dias, terei, sem dúvida, aprendido!... e esquecido.

- Talvez dependa do senhor que a Humanidade seja esclarecida, de uma vez por todas, respondeu lentamente Velpeau, olhos nos olhos de seu interlocutor. - E, falemos francamente, é por isto que estou aqui.

"Represento junto ao senhor uma comissão de nossos mais eminentes colegas da Faculdade de Paris e eis aqui meu salvo-conduto assinado pelo Imperador. Ele contém poderes suficientemente extensos para, se necessário, sustar com um sursis a própria ordem de sua execução."

- Explique-se... não o compreendo mais, respondeu La Pommerais, perplexo.

- Senhor de La Pommerais, em nome da ciência que nos é sempre cara e que perdeu a conta, entre nós, do número de seus mártires magnânimos, venho (na hipótese, para mim mais que duvidosa, de que qualquer experiência, acordada entre nós, seria praticável) solicitar de todo o seu ser a maior soma de energia e intrepidez que se possa esperar da espécie humana. Se seu recurso de graça for rejeitado, o senhor se encontra, sendo médico, na posição de alguém capacitado para realizar a suprema operação que deve sofrer. Sua ajuda seria, portanto, inestimável numa tentativa de... comunicação, neste caso. Sem dúvida, por maior boa vontade da qual o senhor poderia se propor a dar provas, tudo parece atestar de antemão o resultado mais negativo possível; - mas, enfim, com o senhor - (sempre na hipótese de que esta experiência não fosse, em princípio, absurda) -, ela oferece uma

oportunidade em dez mil de esclarecer miraculosamente, por assim dizer, a Fisiologia moderna. A ocasião deve ser, desde já, aproveitada e, no caso de um sinal de inteligência vitoriosamente manifestada após a execução, o senhor deixaria um nome do qual a glória científica apagaria para sempre a lembrança de sua falha social.

- Ah! murmurou La Pommerais, lívido mas com um sorriso resoluto - ah! - começo a compreender!... - Na verdade, os suplícios já nos revelaram o fenômeno da digestão, nos diz Michelot. E... de que natureza seria a sua experiência?... Choques galvânicos? Incitações do ciliar?... Injeções de sangue arterial?. .. Pouco concludente, tudo isto!

- Não é preciso dizer que, imediatamente após a triste cerimônia, seus restos irão repousar em paz na terra e que nenhum de nossos escalpelos o tocará, recomeçou Velpeau.

- Não. .. Mas ao cair da lâmina eu estarei lá, de pé, à sua frente, junto à máquina. O mais rapidamente possível, sua cabeça passará das mãos do executor para as minhas. E então - a experiência só podendo ser séria e concludente devido à sua própria simplicidade - eu gritarei, muito claramente, em sua orelha: "- Senhor Couty de La Pommerais, de acordo com o que combinamos, o senhor pode, neste momento, abaixar, três vezes seguidas, a pálpebra de seu olho direito, mantendo seu outro olho bem aberto?" - Se, nesse momento, sejam quais forem as outras contrações da fâcies, o senhor puder, por esta tripla piscadela, advertir-me de que ouviu e compreendeu e me provar, provocando assim, por um ato de memória e de vontade permanentes, seu músculo palpebral, seu nervo zigomático e sua conjuntiva - dominando todo o horror, todo o tumulto das outras impressões de seu ser -, este fato bastará para esclarecer a Ciência, revolucionar nossas convicções. E eu saberei, não tenha dúvidas, notificá-lo de tal forma que, no futuro, o senhor tenha deixado menos a marca de um criminoso do que a de um herói.

Diante destas insólitas palavras, La Pommerais pareceu atingido por uma comoção tão profunda que, pupilas dilatadas e fixas no

cirurgião, ele permaneceu, durante um minuto, silencioso e como que petrificado. - Depois, sem dizer palavra, levantou-se, deu alguns passos, muito pensativo e, logo, sacudindo tristemente a cabeça:

- A horrível violência do golpe me deixará fora de mim. Realizar isto me parece além de qualquer vontade, de qualquer esforço humano! disse ele. Aliás, dizem que as oportunidades de vitalidade não são as mesmas para todos os guilhotinados. Entretanto... volte, senhor, na manhã da execução. Eu lhe responderei se me presto, ou não, a essa tentativa ao mesmo tempo apavorante, revoltante e ilusória. - Se for não, conto com sua discrição, não é mesmo?, para deixar minha cabeça sangrar tranqüilamente suas ultimas vitalidades dentro do balde de estanho que a receberá.

- Até breve, então, Sr. de La Pommerais? disse Velpeau levantando-se também. Reflita.

Ambos se cumprimentaram.

No momento seguinte, o Dr. Velpeau deixava a cela: o guarda voltava e o condenado deitava-se, resignado, em seu catre para dormir ou pensar.

Quatro dias depois, por volta das cinco e meia da manhã, o Sr. Beaunesque, o abade Crozes, o Sr. Claude e o Sr. Potier, escrivão da Corte Imperial, entraram na cela. Acordado na nova hora fatal, o Sr. de La Pommerais sentou-se bastante pálido e vestiu-se rapidamente. Depois, conversou por dez minutos com o abade Crozes, cujas visitas já havia recebido bem: sabe-se que o santo padre era dotado daquela unção de inspirado que torna corajosa a hora final. A seguir, vendo chegar o Dr. Velpeau:

- Eu trabalhei, disse ele. Veja !

E, durante a leitura da sentença, manteve fechada sua pálpebra direita olhando fixamente para o cirurgião com seu olho esquerdo

bem aberto.

Velpeau inclinou-se profundamente e então, voltando para o Sr. Hendorich, que entrava com seus ajudantes, trocou, bem depressa, com o executor, um gesto de entendimento. Os preparativos foram rápidos: alguém observou que o fenômeno dos cabelos embranquecendo a olhos vistos sob a tesoura não ocorreu. Uma carta de adeus de sua mulher, lida em voz baixa pelo capelão, molhou seu olhos de lágrimas que o padre enxugou piedosamente com um pedaço puxado da gola da camisa. Uma vez de pé e sua sobrecasaca atirada sobre os ombros, foi preciso afrouxar os cordões de seus pulsos. Então ele recusou o copo de aguardente - e o cortejo se pôs em marcha pelo corredor. Ao chegar ao portal, encontrando, na soleira, seu colega:

- Até breve! disse-lhe ele bem baixo - e adeus.

Repentinamente, os grandes batentes de ferro se entreabriram e rolaram diante dele.

O vento da manhã entrou na prisão. Nascia o dia: estendia-se, ao longe, a grande praça, cercada por um duplo cordão de cavalaria. À frente, a dez passos, num semicírculo de guardas a cavalo, cujos sabres, desembainhados à sua aparição, retiniram, surgia o cadafalso. A alguma distância, entre os enviados da imprensa, cabeças se descobriam.

Adiante, atrás das árvores, ouviam-se os ruídos enfurecidos da multidão, enervada pela noite. Nos telhados das tabernas, às janelas, algumas moças maltratadas, lívidas, em sedas vistosas - umas segurando ainda uma garrafa de champanhe -, inclinavam-se na companhia de tristes ternos negros. - Ao ar matinal, sobre a praça, andorinhas voavam, daqui, dali.

Solitária, preenchendo o espaço e limitando o céu, a guilhotina parecia prolongar sobre o horizonte a sombra de seus dois braços erguidos, entre os quais, bem longe, lá no alto, onde a aurora azulava, via-se cintilar a última estrela.

Diante desse quadro fúnebre, o condenado estremeceu, depois caminhou resolutamente para a saída... Primeiro subiu os degraus. Agora

a lâmina triangular brilhava sobre o caixilho negro, ocultando a estrela. Diante do palco fatal, depois do crucifixo, beijou aquele pressagiador cacho de seus próprios cabelos, colhido durante os preparativos pelo abade Crozes, que lhe tocou com ele os lábios: "- Para ela !" ... disse ele.

Os cinco personagens destacavam-se, em silhuetas, sobre o cadafalso: o silêncio, naquele instante, se fez tão profundo que o ruído de um galho quebrado, ao longe, ao peso de um curioso, chegou, com o grito e alguns vagos e hediondos risos, até o grupo trágico. Então, quando soava a hora da qual ele não deveria ouvir a última badalada, La Pommerais avistou, em frente, do outro lado, seu estranho pesquisador que, uma das mãos sobre a plataforma, o observava!... Ele recolheu-se por um segundo e fechou os olhos.

Bruscamente, o báculo moveu-se, a canga abateu-se, a alavanca cedeu, o brilho da lâmina passou. Um choque terrível sacudiu a plataforma, os cavalos empinaram ao odor magnético do sangue e o eco do ruído vibrava ainda quando já a cabeça da vítima palpitava entre as mãos impassíveis do cirurgião de La Pitié, avermelhando-lhe em jatos os dedos, os punhos e as roupas.

Era um rosto sombrio, horrivelmente branco, de olhos reabertos e como que distraídos, sobrancelhas retorcidas, ricto crispado. Os dentes entrechocavam-se. O queixo, na extremidade do maxilar inferior, havia sido ferido.

Velpeau inclinou-se rápido sobre aquela cabeça e articulou, no ouvido direito, a pergunta combinada. Por mais inabalável que fosse aquele homem, o resultado o fez vibrar com uma espécie de pavor frio: a pálpebra do olho direito abaixou-se, o olho esquerdo, distendido, olhava para ele.

- Em nome do próprio Deus e de nosso ser, mais duas vezes este sinal! gritou ele um pouco desvairado.

Os cílios se separaram, como por um esforço interno, mas a pálpebra não mais se ergueu. O rosto, a cada segundo, tornava-se rígido, glacial, imóvel. Estava acabado.

O Dr. Velpeau entregou a cabeça morta ao Sr. Hendreich, que, reabrindo o cesto, colocou-o, conforme o hábito, entre as pernas do tronco já inerte.

O grande cirurgião banhou as mãos num dos baldes destinados à lavagem, já começada, da máquina. Ao seu redor a multidão escoava-se, pensativa, sem reconhecê-lo. Ele secou-se, sempre em silêncio.

Então, em passos lentos, ar absorto e grave! - voltou para seu carro estacionado na esquina da prisão. Ao subir nele, avistou o furgão de justiça que se afastava a trote para Montparnasse.

Tradução de Celina Portocarrero

23. A MORTE DO LIDADOR

ALEXANDRE HERCULANO (1810-1877 | Portugal)

Um dos três grandes nomes do Romantismo português (com Almeida Garret e Camilo Castelo Branco), Herculano é autor de pelo menos três clássicos, O Monge de Cister, Eurico, o Presbítero e Lendas e Narrativas, de onde foi extraído A Morte do Lidador. Aqui é a "instituição" que conta a História e seus crimes, isto é, guerras e batalhas ligadas a ela. Vale a pena o leitor de hoje vencer a possível dificuldade do português antigo e insistir em entrar no clima da narrativa que nos remete ao mundo de hoje: escrito no século XIX, o conto lida com a linguagem e os acontecimentos da Idade Média na Península Ibérica, a luta entre cruzados e mouros, ou cristãos e muçulmanos, que até hoje tem seus reflexos no mundo (fundamentalistas, Jihad, Bin Laden etc).

I

"Pajens! que arriem o meu ginete murzelo; e vós dai-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavaleiros, hoje contam-se noventa e cinco anos que recebi o batismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavaleiro, e quero celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da frontaria dos mouros."

Isto dizia na sala de armas do castelo de Beja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que pelejara e por seu valor indomável, chamavam o Lidador. Afonso Henriques, depois do infeliz sucesso de Badajoz, e feitas pazes com el-rei de Leão, o nomeara fronteiro da cidade de Beja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egas Moniz, estavam com ele, e outros muitos cavaleiros afamados, entre os quais dom Ligel de Flandres e Mem Moniz, tio dos quatro Viegas.

"A la fé - disse Mem Moniz - que a festa de vossos anos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de mancebo cavaleiro que de capitão encanecido e prudente. Deu-nos el-rei esta frontaria de Beja para bem a haverdes de guardar, e não sei eu se arriscado é sair hoje à campanha, que dizem os escutas, chegados ao romper de alva, que o famoso Almoleimar corre por estes arredores com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas."

"Voto a Cristo - atalhou o Lidador - que não cria eu que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Beja para estar assentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de quando em quando por uma seteira se cavaleiros mouros vinham correr até a barbacã, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os vilãos. Quem achar que são duros demais os arneses dos infiéis, pode ficar-se aqui."

"Bem dito! bem dito!" - exclamaram, dando grandes risadas, os cavaleiros mancebos.

"Por minha boa espada! - gritou Mem Moniz, atirando o guante ferrado às lájeas do pavimento - que mente pela gorja quem disser que eu ficarei aqui, haven Jo dentro de dez léguas em redor lide com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar em vosso ginete, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca."

"A cavalo! a cavalo!" - gritou outra vez a chusma, com grande alarida.

Dali a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavaleiros descendo os degraus de mármore da Torre de Beja, e, passados alguns instantes, soava só o tropear dos cavalos, atravessando a ponte levadiça das fortificações exteriores que davam para a banda da campanha por onde costumava aparecer a mourisma.

Era um dia do mês de julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silêncio dentro da cerca de Beja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam: ao longe, pelas imensas campinas que avizinham o teso sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agarenos para seus novos senhores cristãos. Regados por lágrimas de escravos tinham sido esses campos, quando em formoso dia de inverno os sulcou o ferro do arado; por lágrimas de servos seriam outra vez umedecidos, quando no mês de julho, a paveia, cerceada pela fouce, pendesse sobre a mão do ceifeiro; choro de amargura havia aí, como, cinco séculos antes, o houvera: então de cristãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A cruz hasteava-se outra vez sobre o crescente quebrado; os coruchéus das mesquitas convertiam-se em campanários de sés, e a voz do almuadem trocava-se por toada de sinos, que chamavam à oração entendida por Deus. Era esta a resposta dada pela raça goda aos filhos de África e do Oriente, que diziam, mostrando os alfanjes: - "é nossa a terra de Espanha". - O dito árabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito séculos a escrever-se. Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra dela nos cerros das Astúrias; a última gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros de suas bombardas, nos panos das muralhas da formosa Granada: e a esta escritura, estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portais e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castelos, acrescentou no fim a mão da Providência - "assim para todo o sempre!"

Nesta luta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alentejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horizonte, onde se enxergavam as serranias do Algarve: de lá esperava ele salvação, ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de cristãos estirados na veiga para pasto dos açores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lágrimas, embora os valentes de África houvessem de fugir vencidos; embora as aves de rapina tivessem, também, abundante ceva em

cadáveres de seus irmãos! E este ameno dia de julho devia ser um desses dias por que suspirava o servo ismaelita.

Almoleimar descera com os seus cavaleiros às campinas de Beja. Pelas horas mortas da noite, viam-se as almenaras das suas atalaias nos píncaros das serras remotas, seme-lhas ntes às luzinhas que em descampados e tremedais acendem as bruxas em noites de seus folguedos: bem longe estavam as almenaras, mas bem perto sentiam os escutas o resfolegar e o tropear de cavalos, e o ranger das folhas secas, e o tinir a espaços de alfanje batendo em ferro de caneleira ou de coxote. Ao romper de alva, os cavaleiros do Lidador saíam mais de dois tiros de besta além das muralhas de Beja; tudo porém estava em silêncio, e só, aqui e ali, as searas calcadas davam rebate de que por aqueles sítios tinham vagueado almogaures mouros, como o leão do deserto rodeia, pelo quarto de modorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho fronteiro de Beja, cumpria os noventa e cinco anos, ninguém saíra, pelo arrebol da manhã, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almoleimar; porque uma flecha fora pregada à mão em um grosso soveiro que sombreava uma fonte, a pouco mais de tiro de funda dos muros do castelo. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavaleiros cristãos: o Lidador pedira aos pajens o seu lorigão de malha de ferro e a sua boa toledana.

III

Trinta fidalgos, flor da cavalaria, corriam à rédea solta pelas campinas de Beja: trinta, não mais, eram eles; mas orçavam por trezentos os homens de armas, escudeiros e pajens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam, como frocos de neve, sobre o peitoral da cota de armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes de sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espetáculo o esvoaçar dos balsões e signas, fora de suas fundas e soltos ao vento, o cintilar

das cervilheiras, as cores variegadas das cotas, e as ondas de pó que se alevantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face de campina ressequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja vai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavalo murzelo. Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros, aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro: mas, no meio de tal lidar, apenas se ouvem o trote compassado dos ginetes e o grito monótono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já dos mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavaleiros portugueses soubessem olhar para trás, indo em som de guerra, os que para trás de si os volvessem a custo enxergariam Beja. Bastos pinhais começavam já a cobrir mais crespo território, cujos outeirinhos, aqui e ali, se alteavam suaves, como seio de virgem em viço de mocidade. Pelas faces tostadas dos cavaleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de espuma as redes de ferro acaireladas de ouro que os defendiam. A um sinal do Lidador, a cavalgada parou; era necessário repousar, que o sol ia no zênite e abrasava a terra: descavalgaram todos à sombra de um azinhal e, sem desenfrear os cavalos, deixaram-nos pascer alguma relva que crescia nas bordas de um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora: por mandado do velho fronteiro de Beja um almogávar montou a cavalo e aproximou-se à rédea solta de uma selva extensa que corria à mão direita: pouco, porém, correu; uma flecha despedida dos bosques sibilou no ar: o almogávar gritou por Jesus: a flecha tinha-se-Ihe embebido no lado: o cavalo parou de repente, e ele, erguendo os braços ao ar, com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o

ginete partiu desenfreado através das veigas e desapareceu na selva. O almogávar dormia o último sono dos valentes em terra de inimigos, e os cavaleiros da frontaria de Beja viram o seu transe do repousar eterno.

"A cavalo! a cavalo!" - bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou unísono, quando todos os cavaleiros cavalgaram de um pulo: e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha troou ao mesmo tempo, além do pinhal da direita. - "Alá! Almoleimar!" - era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros árabes saíram à rédea solta de trás da escura selva que os encobria: o seu número excedia cinco vezes o dos soldados da cruz: as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal: mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gótico-romana iam, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a perícia árabes.

IV

Como longa fita de muitas cores, recamada de fios de ouro e refletindo mil acidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavaleiros mouros sobressaía na veiga entre as searas pálidas que cobriam o campo. Defronte deles os trinta cavaleiros portugueses, com trezentos homens de armas, pajens e escudeiros, cobertos dos seus escuros envoltórios, e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos, diante da cópia de infiéis que os esperavam, diria que, não com brios de cavaleiros, mas com fervor de mártires, se ofereciam a desesperado transe. Porém, não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a tempera das espadas e lanças portuguesas e a rijeza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o

iminente combate; mas, se havia aí algum coração que batesse descompassado, algumas faces descoradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia ou que tais faces descoravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hostes tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavalos, como no tórculo se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradara Santiago, e o nome de Alá soara em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas mura lhas fronteiras, balouçadas por violento terremoto, desabando, não faziam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, do que este recontro de infieis e cristãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam deles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro

encontro muitos cavaleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança. Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto dele estava:

"Senhor Gonçalo Mendes, ali tendes, no peito daquele perro, aberta a seteira por onde eu, velha dona assentada à lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcatéia de vilãos, do cimo da torre de menagem."

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as últimas palavras, ele topara em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços, e o alfanje do mouro cruzou-se com a boa toledana do fronteiro de Beja.

Como duas torres de sete séculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavalos: as faces pálidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a imobilidade que dá, nos grandes perigos, o hábito de os afrontar: mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os sinais de um valor colérico e impetuoso. Cerrando os

dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversário: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfanje se embebeu inteiro, e procurou ferir Al moleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu, faiscando, pelo coto do mouro, que já desencravarara o alfanje. Tal foi a primeira saudação dos dois cavaleiros inimigos.

"Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnés. Veremos agora se na tua touca de ferro se embotam os fios deste alfanje."

Isto disse Al moleimar, dando uma risada, e a cimitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador, com a mesma violência com que bate no fundo do vale penedo desconforme desprendido do píncaro da montanha.

O fronteiro vacilou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-ia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavaleiro por uma cadeia de ferro. O ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si: uma forte sofreda avisou o ginete de que o senhor não morrera. À rédea solta, lá volta o fronteiro de Beja: escorre-lhe o sangue, envolto em espuma, pelos cantos da boca: traz os olhos torvos de ira: ai de Al moleimar!

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre os cristãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziram no ar, mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Al moleimar, que cedeu à violenta estocada; e o sangue, saindo às golfadas, cortou a última maldição do agareno.

Mas a espada deste também não errara o golpe: vibrada com ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho fronteiro e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue árabe.

"Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cerviir ra."

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido: um dos seus homens de armas voou a socorrê-lo; mas o último golpe de Almoleimar fora o brado da sepultura para o fronteiro de Beja: os ossos do ombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e para outro lado envoltas nas malhas descosidas do lorigão.

V

Entretanto os mouros iam de vencida: Mem Moniz, dom Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedeão e os outros cavaleiros daquela lustrosa companhia tinham praticado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se notável o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, coberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que o seu agigantado ginete caíra morto de muitos tiros de frechas e lançadas. De roda dele não se viam senão cadáveres e membros destroncados, por cima dos quais trepavam, para logo recuarem ou baquearem no chão, os mais ousados cavaleiros árabes. Como um promontório de escarpados alcantis, Lourenço Viegas estava imóvel e sobranceiro no meio do embate daquelas vagas de pelejadores, que vinham desfazer-se contra o terrível montante do filho de Egas Moniz.

Quando o fronteiro caiu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda à roda do seu capitão moribundo. O Lidador, esse tinha sido posto em cima de umas andas, feitas de troncos e franças de árvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que consigo trouxera, o haviam transportado para a saga da cavalgada. O tinir dos golpes era já muito frouxo e sumia-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensangüentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e dano, a vitória não saíra barata aos portugueses. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns

cavaleiros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pajens.

Foi neste ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rápida para o lugar da peleja. Mais perto, aquele turbilhão rareou, vomitando do seio um basto esquadrão de árabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram:

"Ali-Abu-Hassan! Só Deus é Deus, e Maomé o seu profeta!"

Era, com efeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tânger, que estava com seu exército sobre Mértola e que viera com mil cavaleiros em socorro de Almoleimar.

VI

Cansados do largo combater, reduzidos a menos de metade em número e cobertos de feridas, os cavaleiros de Cristo invocaram o seu nome e fizeram o sinal-da-cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pajem que estava ao pé das andas, que nova revolta era aquela.

"Os mouros foram socorridos por um grosso esquadrão - respondeu tristemente o pajem. - A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavaleiros parece recuarem já."

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão à cinta. Buscava a sua boa toledana.

"Pajem, quero um cavalo. Onde está a minha espada?" "Aqui a tenho, senhor. Mas estais tão quebrado de forças!... "

"Silêncio! A espada, e um bom ginete."

O pajem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com ele, o Lidador, pálido e coberto de sangue, estava em pé e dizia, falando consigo:

"Por Santiago, que não morrerei como vilão de beetria onde entrou cavalgada de mouros!"

E o pajem ajudou-o a montar a cavalo.

Ei-Io vai o velho fronteiro de Beja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de finados: debaixo dos muitos panos que lhe envolviam o braço e o ombro esquerdo levava a própria morte; nos fios da espada, que a mão direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

VII

Para onde mais travada e acesa andava a peleja se encaminhou o Lidador. Os cristãos afrouxavam diante daquela multidão de infiéis, entre os quais mal se enxergavam as cruzes vermelhas pintadas nas cimeiras dos portugueses. Dois cavaleiros, porém, com vulto feroz, os olhos turvados de cólera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha: eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o fronteiro assim os viu oferecidos a certa morte, algumas lágrimas lhe caíram pelas faces, e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre infiéis e cristãos e chegou aonde os dois, cada um com seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

"Bem-vindo, Gonçalo Mendes! - disse Mem Moniz. - Quiseste assistir conosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feito, que estivesse fazendo teu passamento, com todo o repouso, deitado lá na saga, enquanto eu, velha dona, espreito os mouros com meu sobrinho junto desta lareira ... "

"Implacáveis sois vós outros, cavaleiros de Riba-Douro - respondeu o Lidador em voz sumida - que não perdoais uma palavra sem malícia. Lembra-te, Mem Moniz, de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz."

"Velhos sois; bem o mostrais! - acudiu o Espadeiro. - Não cureis de vãs porfias, mas de morrer como valentes. Demos nestes perros, que não ousam chegar-se a nós. Avante, e Santiago!"

"Avante, e Santiago!" - responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os três cavaleiros deram rijamente nos mouros.

VIII

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mês de julho de 1170 se deram na veiga da frontaria de Beja, notá-Ios-á de fábulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e enfraquecidos por ócios e prazeres de vida afeminada, medimos por nosso ânimo e forças as forças e o ânimo dos bons cavaleiros portugueses do século XII; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crônicas, tanto cristãs como agarenas.

Depois de deixar assinadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela última vez a espada e abriu o elmo e o crânio de um cavaleiro árabe. O violento abalo que

experimentou fez-lhe rebentar em torrentes o sangue da ferida que recebera das mãos de Almoleimar e, cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Afonso Hermigues de Bayão, que com eles se ajuntara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta anos de combates!

Já a este tempo cristãos e mouros se haviam descido dos cavalos e pelejavam a pé. Traziam-se assim à vontade, e recrescia a crueza da batalha. Entre os cavaleiros de Beja espalhou-se logo a nova da morte do seu capitão, e não houve ali olhos que ficassem enxutos. O despeito do próprio Mem Moniz deu lugar à dor, e o velho de Riba-Douro exclamou entre soluços:

"Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quantos aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao menos, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!"

"Vingança!" - bradou o Espadeiro, com voz rouca, e rangendo os dentes. Deu alguns passos, e viu-se o seu montante reluzir, como uma centelha em céu proceloso.

Era Ali-Abu-Hassan: Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do morrião.

IX

Se já vivestes vida de combates em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto negro que em linha diagonal corta os ares, sussurrando e gemendo. Rápido, como um pensamento criminoso em alma honesta, ele chegou das nuvens à terra, antes que vos lembrásseis do seu nome. Se encontrou na passagem ângulo de torre secular, o mármore converte-se em pó; se atravessou, pelas ramas de árvore basta e frondosa, a folha mais virente e frágil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com cutelo sutilíssimo, mão de homem lhe houvera cerceado atentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro açacalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo dela, o chão achata-se, e a terra espadana aos ares; e, como agitada, despedaçada por cem mil demônios, aquela máquina do inferno estoura, e de roda dela há um zumbir sinistro: são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz-se um grande silêncio, e após o silêncio vêem-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal desceu o montante do Espadeiro, boto já dos milhares de golpes que o cavaleiro tinha descarregado. O elmo de Ali-Abu-Hassan fischou, voando em pedaços pelos ares, e o ferro cristão, esmigalhando o crânio do infiel, abriu-o até os dentes. Ali-Abu-Hassan caiu.

"Lidador! Lidador!" - disse Lourenço Viegas, com voz comprimida. As lágrimas mis-turavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou coberto. Não pôde dizer mais nada.

Tão espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seriam já apenas sessenta, entre cavaleiros e homens de armas: mas pelejavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os cristãos. A morte de Ali-Abu-Hassan foi o sinal da fuga.

Os portugueses, senhores do campo, celebravam com prantos a vitória. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhum que não tivesse as armas falsadas e rotas. O Lidador e os demais cavaleiros

de grande conta que naquela jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Beja. Após aquele tristíssimo préstito, iam os cavaleiros a passo lento, e um sacerdote templário, que fora na cavalgada, com a espada cheia de sangue metida na bainha salmeava em voz baixa aquelas palavras do livro da Sabedoria:

"Justorum autem animae in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis."

24. O GOLEM

I.L. PERETZ (1851-1915 | Polônia)

Foi há apenas um século e meio aproximadamente, durante o Império Russo, que os judeus mudaram do hebreu para o iídiche; a base da cultura judaica é a tradição religiosa. O pai da moderna literatura iídiche, este advogado polonês que viveu em Varsóvia, já esteve presente em Os Cem Melhores Contos de Humor. .. O massacre do gueto de Praga originou a lenda do Golem, que resultou num romance de Maurice Meyerling e neste curto e contundente conto de Peretz, em que o horror histórico e o sobrenatural místico se encontram.

Houve época em que grandes homens eram capazes de grandes milagres.

Quando o gueto de Praga estava sendo atacado, e estavam a ponto de estuprar as mulheres, queimar as crianças e cortar em pedaços quem encontrassem pela frente; quando parecia que o fim havia de fato chegado, o grande Rabi Loeb colocou seu Gemarsh de lado, foi para a rua, parou diante de um monte de lama na frente da casa do professor e moldou com ela uma imagem de barro. Ele soprou no nariz do golem -e pôs-se a massageá-lo; em seguida sussurrou o Nome nos seus ouvidos, e assim nosso golem saiu do gueto. O rabino voltou à Casa de Oração e o golem jogou-se sobre nossos inimigos, batendo neles como que a chicotadas. Homens caíam por todos os lados.

Praga estava coalhada de cadáveres. Isto durou, assim dizem, toda quarta e quinta-feira. Agora já estamos na sexta-feira, o relógio marca 12 horas, e o golem continua ocupado com seu trabalho.

"Rabi", gritou o líder do gueto, "o golem está transformando Praga numa grande carnificina! Não haverá um gentio vivo para acender as velas do Sabá ou para cuidar das lâmpadas do Sabá".

Uma vez mais o rabino deixou seus estudos de lado. Foi até o altar e começou a cantar o salmo "Uma canção do Sabá".

O golem cessou sua carnificina. Retornou ao gueto, entrou na Casa de Oração e pôs-se diante do rabino. E novamente o rabino soprou nos seus ouvidos. Os olhos do golem se fecharam, a alma que o habitara esvaiu-se e ele voltou a ser um golem de barro.

Deste dia em diante o golem permanece escondido no sótão da sinagoga, coberto por uma teia que vai de uma parede a outra. Nenhuma criatura viva pode olhar para ele, principalmente mulheres grávidas. Ninguém pode tocar na teia, pois quem quer que seja que a toque, morre. Nem mesmo os mais velhos se lembram sequer do golem, embora o sábio Zvi, neto do grande Rabi Loeb, tenha levantado o seguinte problema: pode tal golem ser considerado parte da congregação de fiéis, ou não?

O golem, vejam vocês, não foi esquecido. Ainda continua lá! Mas o Nome através do qual ele pode ser chamado à vida num dia que isto se fizer necessário, o Nome, este desapareceu. E a teia só faz crescer, e ninguém pode tocá-la.

O que podemos nós fazer?

Tradução de Flávio Moreira da Costa

25. UM EPISÓDIO EM PLENO TERROR

HONORÉ DE BALZAC

Novamente o autor da Comédia Humana. Aqui ele nos remete à Era do Terror da Revolução Francesa, e nos traz de volta esta velha pergunta incômoda: um crime, por ser do sistema (já que mesmo uma revolução, depois de instalada, ela necessariamente se institucionaliza), deixa de ser crime? Sobre a gênese do conto: em 1830, num dos "anos românticos" do autor, e aproveitando a onda de livros bem vendidos sobre a Revolução Francesa, o jovem escritor, e mais Lhéritier de l'Ain (autor verdadeiro das Memórias de Vidocq, o ex- bandido e chefe da Polícia Francesa), conseguiram um adiantamento de um editor (que teve de extrair o livro dos dois a fórceps, quase que página por página...) e escreveram as Memórias de Sanson, que vinha a ser esse Sanson o carrasco-chefe que executou Luís XVI. Fracasso de vendas, aliás. Mais tarde, a parte escrita por Balzac foi incluída nas suas obras completas. E agora, ei-Ia aqui.

A 22 de janeiro de 1793, por volta das oito da noite, uma senhora descia, em Paris, a rápida colina que termina defronte à Igreja Saint-Laurent, no subúrbio de Saint-Martin. Havia nevado tanto durante todo o dia que pouco se ouviam os passos. As ruas estavam desertas. O medo bastante natural que inspirava o silêncio tornava-se ainda maior com todo o terror que fazia então gemer a França; ademais a velha senhora ainda não havia encontrado pessoa alguma; sua visão enfraquecida de há muito não lhe permitia aliás enxergar ao longe, à luz dos lampiões, alguns passantes esparsos como sombras na imensidão daquele subúrbio. Ela seguia corajosamente por aquela solidão, como se sua idade

fosse um talismã capaz de preservá-la de todo o mal. Quando atravessou a rua dos Mortos, imaginou distinguir o passo firme e pesado de um homem que andava atrás dela. Achou que não era a primeira vez que ouvia aquele ruído; assustou-se por ter sido seguida e tentou ir ainda mais depressa a fim de chegar a uma loja suficientemente iluminada, esperando poder confirmar, na luz, as suspeitas que lhe assaltavam. Assim que se viu no raio de luz horizontal que partia da loja, virou bruscamente a cabeça e vislumbrou uma forma humana no nevoeiro, aquela visão indistinta foi o bastante, ela cambaleou por um momento sob o peso do terror do qual foi tomada, pois então não mais duvidava de que tivesse sido escoltada pelo desconhecido desde o primeiro passo que havia dado fora de casa, e o desejo de fugir de um espião lhe deu forças. Incapaz de raciocinar, dobrou o passo, como se pudesse se livrar de um homem necessariamente mais ágil que ela. Após ter corrido por alguns minutos, chegou à loja de um confeitiro e caiu, mais do que se sentou, numa cadeira colocada diante do balcão. No momento em que ela fez estalar o trinco da porta, uma moça ocupada em bordar ergueu os olhos, reconheceu, através dos quadrados da vidraça, a manta de forma antiga e de seda violeta na qual a velha senhora se envolvia, e apressou-se a abrir uma gaveta como para apanhar algo que deveria entregar-lhe. Não apenas o gesto e a fisionomia da moça exprimiram o desejo de se desembaraçar prontamente da desconhecida, como se se tratasse de uma dessas pessoas que não se vê com prazer, mas ainda deixou escapar uma expressão de impaciência ao encontrar a gaveta vazia. Então, sem olhar para a senhora, ela saiu precipitadamente do balcão, encaminhou-se para os fundos da loja e chamou seu marido, que apareceu de imediato.

- Mas onde foi que você botou...? - perguntou-lhe com ar de mistério, indicando-lhe a velha senhora com o olhar e sem acabar a frase.

Embora o confeitiro nada pudesse ver além do imenso gorro de seda negra envolvido por laços em seda violeta que servia de chapéu para a desconhecida, ele desapareceu depois de ter lançado

à sua mulher um olhar que parecia dizer: - Você acha que vou deixar aquilo em seu balcão?. .. Surpresa com o silêncio e a imobilidade da velha senhora, a comerciante voltou para perto dela. E, ao vê-la, sentiu-se tomada por um impulso de compaixão ou talvez também de curiosidade. Ainda que a tez daquela mulher fosse naturalmente lívida como a de uma pessoa devotada a austeridades secretas, era fácil reconhecer que uma emoção recente ali alastrara uma palidez extraordinária. Seu chapéu estava colocado de forma a esconder-lhe os cabelos, sem dúvida embranquecidos pela idade, pois a limpeza da gola de seu vestido anunciava que ela não usava pó. Esta falta de enfeites emprestava a seu rosto uma espécie de severidade religiosa. Seus traços eram graves e orgulhosos. Antigamente, as maneiras e os hábitos dos poderosos eram tão diferentes dos que tinham as pessoas pertencentes às outras classes, que se adivinhava facilmente quem era nobre. A moça estava portanto convencida de que a desconhecida era uma personalidade e que tinha pertencido à corte.

- Senhora? .. - disse-lhe ela involuntariamente e com respeito, esquecendo-se de que aquele tratamento estava proscrito.

A velha senhora não respondeu. Ela mantinha os olhos fixos na vitrina da loja, como se um objeto aterrador houvesse sido ali desenhado.

- O que tem, cidadã? - perguntou o dono do estabelecimento que reapareceu de imediato.

O cidadão confeito tirou a senhora de seu devaneio, estendendo-lhe uma pequena caixa de cartolina coberta de papel azul.

- Nada, nada, meus amigos - respondeu ela com voz suave.

Ela ergueu os olhos para o confeito como para lhe dar um olhar de agradecimento, mas ao vê-lo com uma boina vermelha na cabeça, deixou escapar um grito.

- Ah! Vocês me traíram?

A moça e seu marido responderam com um gesto de horror que fez corar a desconhecida, fosse por haver suspeitado deles, fosse por prazer.

- Desculpem-me - disse ela então com doçura infantil. Depois, tirando um luís de ouro de seu bolso, apresentou-o ao confeitoiro.

Há uma indigência que os indigentes sabem adivinhar. O confeitoiro e sua mulher se olharam e se apontaram à velha dama, comunicando-se um mesmo pensamento. Aquele luís de ouro devia ser o último. As mãos da senhora tremiam ao oferecer aquela moeda, que ela contemplava com dor e sem avareza; mas ela parecia conhecer toda a extensão do sacrifício. O jejum e a miséria estavam gravados naquele rosto em traços tão legíveis quanto os do medo e dos hábitos ascéticos. Havia em suas roupas vestígios de magnificência. Tratava-se de seda usada, uma manta limpa, embora envelhecida, rendas cuidadosamente remendadas, enfim, os farrapos da opulência! Os comerciantes, divididos entre a piedade e o interesse, começaram por aliviar sua consciência em palavras.

- Mas, cidadã, você parece bem fraca ...

- A senhora não precisaria tomar alguma coisa? - disse a mulher cortando a frase do marido.

- Temos um caldo muito bom - disse o confeitoiro.

- Está muito frio, a senhora talvez tenha se sentido mal ao andar, mas pode descansar aqui e esquentar-se um pouco.

- Não somos tão feios quanto o diabo - exclamou o confeitoiro.

Conquistada pelo tom de benevolência que animava as palavras dos caridosos comerciantes, a senhora confessou que fora seguida por um homem e que tinha medo de voltar sozinha para casa.

- É só isso? - disse o homem de boina vermelha. - Espere por mim, cidadã.

Ele deu o luís a sua mulher. Então, comovido por esta espécie de reconhecimento que se insinua na alma de um comerciante quando ele recebe um preço exorbitante por uma mercadoria de valor

mediocre, ele foi vestir seu uniforme de guarda nacional, apanhou seu chapéu, empunhou seu fuzil e reapareceu em armas. Mas sua mulher tivera tempo para refletir. Como em muitos outros corações, a Reflexão fecha a mão aberta da Benevolência. Inquieta e receando ver seu marido em algum mau negócio, a mulher do confeitiro tentou puxá-lo pela aba da roupa para detê-lo, mas, obedecendo a um sentimento de caridade, o corajoso homem ofereceu-se imediatamente à velha senhora para escoltá-la.

- Parece que o homem do qual a cidadã tem medo ainda está rondando a loja -disse precipitadamente a moça.

- Receio que sim - disse inocentemente a senhora.

- E se for um espião? Se for uma conspiração? Não vá, e toma de volta a caixa ... Estas palavras, sopradas no ouvido do confeitiro por sua mulher, gelaram a coragem súbita da qual ele estava possuído.

- Ah! Vou dizer a ele duas palavras e livrá-Ia dele em dois tempos - exclamou o confeitiro abrindo a porta e saindo com precipitação.

A velha senhora, passiva como uma criança e quase abobalhada, voltou a sentar-se na cadeira. O honesto comerciante não tardou a reaparecer; seu rosto, bastante vermelho ao natural e ainda mais colorido pelo fogo do forno, tornara-se repentinamente pálido. Um pavor tão grande o agitava que suas pernas tremiam e seus olhos pareciam os de um homem bêbado.

- Quer que nos cortem o pescoço, aristocrata miserável?. . . - exclamou ele com fúria. - Trate de desaparecer, nunca mais apareça por aqui e não conte comigo para colaborar com nenhuma conspiração!

Ao final destas palavras, o confeitiro tentou retomar da velha senhora a pequena caixa que ela havia posto num dos bolsos. Foi só as mãos audaciosas do confeitiro tocarem suas roupas e a desconhecida, preferindo entregar-se aos perigos do caminho sem outro defensor além de Deus a perder o que acabava de comprar, reencontrou a agilidade de sua juventude. Atirou-se para a porta,

abriu-a bruscamente e desapareceu diante dos olhos da mulher e do marido estupefatos e trêmulos. Assim que a desconhecida se viu do lado de fora, pôs-se a andar depressa; mas suas forças logo a traíram, pois ela ouviu o espião pelo qual era impiedosa mente seguida fazendo gritar a neve que esmagava com seu passo pesado. Foi obrigada a parar, ele parou. Ela não ousava falar-lhe, nem olhá-lo, fosse por conseqüência do medo pelo qual estava tomada, fosse por falta de inteligência. Ela continuou seu caminho seguindo lentamente, o homem diminuiu então o passo de modo a ficar a uma distância que lhe permitisse vigiá-la. O desconhecido parecia ser a própria sombra daquela velha senhora. Nove horas soaram quando o casal silencioso voltou a passar defronte à igreja de Saint-Laurent. Faz parte da natureza de todas as almas, mesmo da mais enferma, que um sentimento de calma suceda a uma agitação violenta, pois, se os sentimentos são infinitos, nossos órgãos são limitados. Assim, a desconhecida, não ressentindo qualquer mal de seu pretenso perseguidor, quis ver nele um amigo secreto desejoso de protegê-la. Reuniu todas as circunstâncias que acompanharam as aparições do estranho como para encontrar motivos plausíveis para esta opinião consoladora e teve então prazer em reconhecer nele mais boas do que más intenções. Esquecendo o pavor que aquele homem acabava de inspirar ao confeitiro, ela prosseguiu então com passo firme pelas regiões superiores do subúrbio Saint-Martin. Após meia hora de caminhada, chegou a uma casa situada junto ao entroncamento formado pela rua principal do bairro e aquela que leva à barreira de Pantin; esse local é ainda hoje um dos mais desertos de toda a Paris. O vento norte, passando sobre as colinas de Saint-Chaumont e Belleville, sibilava através das casas, ou melhor, das cabanas, dispersas naquele vale quase desabitado onde as cercas são muralhas feitas com terra e ossos. Aquele lugar desolado parecia ser o asilo natural da miséria e do desespero. O homem que se empenhava na perseguição da pobre criatura, ousada o bastante para atravessar à noite aquelas ruas silenciosas, pareceu chocado com o espetáculo que se oferecia a seus olhos. Ficou pensativo, de pé e numa atitude de hesitação, fracamente iluminado por um lampião cuja luz

indecisa mal rompia o nevoeiro. O medo deu olhos à velha senhora, que imaginou perceber algo sinistro nos traços do desconhecido. Ela sentiu seus terrores despertarem e aproveitou a espécie de incerteza que detinha o homem para esgueirar-se no escuro para a porta da casa solitária. Ela fez girar uma mola e desapareceu com uma rapidez fantasmagórica. O andarilho, imóvel, contemplava aquela casa, que de algum modo representava o tipo das miseráveis habitações daquele subúrbio. Aquela cambaleante choupa-na construída em alvenaria era revestida por uma camada de gesso amarelado, tão trincada que se temia vê-la cair ao menor esforço do vento; o telhado de telhas marrons e coberto de flocos curvava-se em diversos pontos, de modo a fazer crer que iria ceder ao peso da neve. Cada andar tinha três janelas cujos caixilhos, apodrecidos pela umidade e empena-dos pela ação do sol, anunciavam que o frio devia penetrar nos quartos. Aquela casa isolada parecia uma velha torre que o tempo esquecera de destruir. Uma luz fraca clareava as vidraças que cortavam irregularmente a mansarda pela qual terminava aquela pobre construção, enquanto o resto da casa se encontrava em completa escuridão. Não sem dificuldade a velha subiu a escadaria rude e grosseira, ao longo da qual havia como apoio uma corda à guisa de corrimão. Bateu misteriosamente à porta do cômodo que se encontrava na mansarda e sentou-se com precipitação sobre a cadeira que lhe foi indicada por um velhote.

- Esconda-se, esconda-se! - disse-lhe ela. - Embora só saíamos muito raramente, nossas andanças são conhecidas, nossos passos são seguidos.

- O que há de novo? - perguntou uma outra velha sentada junto ao fogo.

- O homem que ronda a casa desde ontem seguiu-me esta noite.

A estas palavras, os três habitantes daquela espelunca entreolharam-se deixando ver em seus rostos sinais de um profundo terror. O velhote foi o menos agitado dos três, talvez por ser ele quem corria maior perigo. Quando está sob o peso de uma grande infelicidade ou sob o jugo da perseguição, um homem

corajoso começa, por assim dizer, por fazer o sacrifício de si mesmo, ele não considera seus dias senão como vitórias conquistadas ao destino. Os olhares das duas mulheres, fixos no velhote, deixavam facilmente adivinhar que ele era o único objeto de sua intensa solicitude.

- Por que perder as esperanças em Deus, minhas irmãs? - disse ele com uma voz surda mas untuosa. - Nós o louvávamos em meio a gritos que davam os assassinos e os moribundos no convento dos Carmelitas. Se ele quis que eu fosse salvo daquela carnificina, foi sem dúvida para me reservar um destino que devo aceitar sem um murmúrio. Deus protege os seus, ele pode dispor deles a seu bel-prazer. É de vocês, e não de mim, que devemos cuidar.

- Não - disse uma das duas velhas -, o que é nossa vida em comparação à de um padre?

- Desde que me vi fora da abadia de Chelles, considerei-me morta - exclamou a religiosa que não saíra.

- Eis aqui - continuou aquela que chegava estendendo a pequena caixa ao padre -, eis as hóstias. Mas - exclamou ela -, ouço subirem os degraus.

A estas palavras, os três se puseram à escuta. O ruído cessou.

- Não tenham medo - disse o padre - se alguém tentar chegar até as senhoras. Uma pessoa de quem podemos contar com a fidelidade deve ter tomado todas as medidas para atravessar a fronteira e virá buscar as cartas que escrevi ao Duque de Langeais e ao Marquês de Beauséant, a fim de que eles possam estar atentos aos meios de lhes tirar deste terrível país, da morte ou da miséria que nele as esperam.

- E o senhor então não irá conosco? - exclamaram suavemente as duas religiosas, demonstrando uma espécie de desespero.

- Meu lugar é lá onde há vítimas - disse o padre com simplicidade.

Elas se calaram e olharam para seu hospedeiro com uma santa admiração.

- Irmã Martha - disse ele dirigindo-se à religiosa que havia ido buscar as hóstias -, esse enviado deverá responder Fiat voluntas à palavra Hosanna.

- Há alguém na escada! - exclamou a outra religiosa, abrindo um esconderijo criado sob o telhado.

Desta vez foi fácil ouvir, em meio ao mais profundo silêncio, os passos de um homem que faziam vibrar os degraus cobertos de calosidades produzidas pela lama endurecida. O padre se esgueirou penosamente para dentro de uma espécie de armário e a religiosa jogou alguns trapos sobre ele.

- Pode fechar, irmã Agatha - disse ele com voz abafada.

Tão logo o padre estava escondido, três pancadas na porta fizeram estremecer as duas santas mulheres, que se consultaram com os olhos sem ousar pronunciar uma só palavra. Elas pareciam ter ambas uns sessenta anos. Separadas do mundo há quarenta anos, eram como plantas habituadas ao ar de uma estufa e que morrem se retiradas dali. Habituadas à vida no convento, não podiam conceber outra. Uma manhã, suas grades tendo sido quebradas, elas haviam estremecido ao se verem livres. Pode-se facilmente imaginar a espécie de imbecilidade fictícia que os acontecimentos da Revolução produziram em suas almas inocentes. Incapazes de conciliar suas idéias claustrais com as dificuldades da vida e nem mesmo compreendendo sua situação, elas pareciam crianças que haviam sido até então cuidadas e que, abandonadas por sua providência materna, rezavam em vez de gritar. Assim, diante do perigo que previam naquele momento, permaneceram mudas e passivas, não conhecendo outra defesa além da resignação cristã. O homem era alto e grande, mas nada em sua postura, em seu aspecto ou em sua fisionomia indicava um homem mau. Ele imitou a imobilidade das religiosas e passou lentamente os olhos pelo quarto onde se encontrava. Dois forros de palha, colocados sobre tábuas, serviam de leito às duas religiosas. Uma única mesa estava no meio do quarto e havia sobre ela um candelabro de cobre, alguns pratos, três facas e um pão redondo. O fogo da lareira era modesto. Alguns pedaços de madeira,

empilhados num canto, atestavam a pobreza das duas reclusas. As paredes, cobertas por uma mão de tinta muito antiga, comprovavam o mau estado do teto, onde manchas, semelhantes a filetes marrons, indicavam as infiltrações das águas pluviais. Uma relíquia, sem dúvida salva da pilhagem da abadia de Chelles, enfeitava a lareira. Três cadeiras, dois cofres e uma cômoda de má qualidade completavam o mobiliário daquele cômodo. Uma porta junto à lareira levava a imaginar que existia um segundo quarto.

O inventário daquela cela foi logo feito pelo personagem que se apresentara sob tão terríveis auspícios diante daquelas pessoas. Um sentimento de comiseração estampou-se em seu rosto e ele lançou um olhar benevolente sobre as duas senhoras, pelo menos tão embaraçado quanto elas. O estranho silêncio no qual permaneceram todos três durou pouco, pois o desconhecido acabou adivinhando a fraqueza moral e a inexperiência das duas pobres criaturas e disse-lhes então numa voz que tentava suavizar: - Não venho absolutamente como inimigo, cidadãs.. .

Ele se interrompeu e recomeçou para dizer: - Irmãs, se vos acontecesse alguma infelicidade, creiam, eu não teria contribuído para isso. Tenho uma graça a pedir-lhes. ..

Elas continuaram em silêncio.

- Se eu as importunasse, se. .. as aborrecesse, falem livremente ... eu me retiraria. Mas saibam que lhes sou inteiramente devotado, que, se existe algum serviço que lhes possa prestar, podem pedir sem medo, e que só eu, talvez, estou acima da lei, já que não há mais rei. ..

Havia um tal tom de verdade naquelas palavras que a irmã Agatha, a religiosa que pertencia à casa de Langeais e cujas maneiras pareciam anunciar que ela havia outrora conhecido o esplendor das festas e respirado o ar da corte, apressou-se a indicar uma das cadeiras como se pedindo a seu hóspede que se sentasse. O desconhecido manifestou uma espécie de alegria mesclada de tristeza ao compreender este gesto e, para se acomodar, esperou que as duas respeitáveis senhoras estivessem sentadas.

- As senhoras deram asilo - recomeçou ele - a um venerável padre leigo, que escapou miraculosamente aos massacres nos Carmelitas.

- Hosanna!.. - disse a irmã Agatha interrompendo o estranho e olhando-o com inquieta curiosidade.

- Penso que não é este o seu nome - respondeu ele.

- Mas, senhor - disse rapidamente a irmã Martha -, não temos padre algum aqui e...

- Seria preciso então serem mais cuidadosas e previdentes - replicou suavemente o estranho, esticando o braço para a mesa e apanhando um breviário. - Não acredito que saibam latim e...

Ele não continuou, pois a extraordinária emoção que se refletiu nos rostos das duas pobres religiosas fê-lo recear ter ido longe demais; elas tremiam e seus olhos se encheram de lágrimas.

- Fiquem tranqüilas - disse-lhes com voz franca -, sei o nome de seu hóspede e os seus, e há três dias conheço sua angústia e sua devoção pelo venerável abade de...

- Psiu! - fez inocentemente a irmã Agatha, colocando um dedo sobre os lábios.

- As senhoras compreendem, irmãs, que se eu tivesse a horrível intenção de traí-las já poderia tê-lo feito mais de uma vez...

Ao ouvir estas palavras, o padre saiu de sua reclusão e reapareceu no meio do quarto.

- Não consigo acreditar - disse ele ao desconhecido - que o senhor seja um de nossos perseguidores e me coloque em suas mãos. O que deseja de mim?

A santa confiança do padre, a nobreza manifestada em todos os seus traços, teriam desarmado assassinos. O misterioso personagem que viera animar aquele cenário de miséria e resignação contemplou por um momento o grupo formado por aqueles três seres; depois assumiu um tom confidencial, dirigiu-se ao padre nestes termos: - Meu bom padre, eu vinha suplicar-lhe que celebrasse uma missa fúnebre pelo descanso da alma... de um.

.. de uma pessoa sagrada cujo corpo jamais repousará em terra santa ...

O padre estremeceu involuntariamente. As duas religiosas, ainda não compreendendo de quem o desconhecido queria falar, permaneceram com o pescoço esticado, o rosto voltado para os dois interlocutores numa atitude de curiosidade. O eclesiástico examinou o estranho: uma ansiedade inequívoca estava estampada em seu rosto e seu olhar expressava súplicas ardentes.

- Muito bem - respondeu o padre -, esta noite, à meia-noite, volte aqui e estarei pronto para celebrar o único serviço fúnebre que podemos oferecer em expiação do crime do qual o senhor está falando. ..

O desconhecido estremeceu, mas uma satisfação ao mesmo tempo doce e grave pareceu triunfar sobre uma dor secreta. Depois de ter saudado respeitosamente o padre e as duas santas senhoritas, desapareceu dando mostras de uma espécie de gratidão muda que foi compreendida por aquelas três almas generosas. Cerca de duas horas após esta cena, o desconhecido voltou, bateu discretamente na porta do celeiro e foi introduzido pela senhorita de Beauséant, que o conduziu ao segundo quarto daquele modesto reduto, onde tudo havia sido preparado para a cerimônia.

Um profundo silêncio, que teria permitido ouvir o mais leve grito proferido na estrada para a Alemanha, expandia uma espécie de majestade sombria sobre aquele cenário noturno. Enfim a grandeza do ato contrastava tão fortemente com a pobreza das coisas, que dali resultava um sentimento de temor religioso. De cada lado do altar, as duas velhas reclusas, ajoelhadas sobre as telhas do soalho sem se preocupar com sua umidade mortal, rezavam em harmonia com o padre, que, revestido de seus trajes pontificais, preparava um cálice de ouro ornado de pedras preciosas, vaso sagrado sem dúvida salvo da pilhagem da abadia de Chelles. Junto a esse cibório, monumento de real magnificência, a água e o vinho destinados ao santo sacrifício estavam em dois copos miseramente dignos do último dos cabarés. Na ausência do missal, o padre colocara seu breviário sobre um canto do altar. Um prato comum

estava preparado para a lavagem das mãos inocentes e puras de sangue. Tudo era imenso mas pequeno, pobre mas nobre, simultaneamente profano e santo. O desconhecido veio ajoelhar-se piedosamente entre as duas religiosas. Mas de repente, percebendo um fumo no cálice e no crucifixo, pois, nada tendo para anunciar o destino daquela missa fúnebre, o padre pusera o próprio Deus de luto, foi tomado por uma lembrança tão forte que gotas de suor se formaram sobre sua testa alta. Os quatro silenciosos atores daquela cena entreolharam-se então misteriosamente e suas almas, agindo incansavelmente umas sobre as outras, comunicaram-se assim seus sentimentos e se confundiram numa comiseração religiosa; parecia que seus pensamentos evocavam o mártir cujos restos tinham sido devorados pela cal viva e que sua sombra estava diante deles em toda a sua leal majestade. Eles celebravam um óbito sem o corpo do defunto. Sob aquelas telhas e aquelas latas desconexas, quatro cristãos iriam interceder junto a Deus por um rei da França e fazer seu funeral sem caixão. Era a mais pura de todas as devoções, um espantoso ato de fidelidade realizado sem segundas intenções. Foi sem dúvida, aos olhos de Deus, como o copo d'água que equilibra as maiores virtudes. Toda a Monarquia estava ali, nas orações de um padre e de duas pobres mulheres, mas talvez também a Revolução estivesse representada por aquele homem cujo rosto traía remorsos demais para que não se duvidasse de que ele proferia seus votos com imenso arrependimento.

Em vez de pronunciar as palavras latinas: "Introibo ad altare Dei etc.", o padre, por inspiração divina, olhou para os três assistentes que encarnavam a França cristã e lhes disse, para apagar as misérias daquela espelunca: - Vamos entrar no santuário de Deus!

A estas palavras lançadas com uma unção penetrante, um santo temor tomou de assalto o assistente e as duas religiosas. Sob as abóbadas de São Pedro em Roma, Deus não se teria mostrado mais majestoso do que o fez então naquele asilo da indigência aos olhos daqueles cristãos: tanto é verdade que entre o homem e Ele qualquer intermediário parece inútil e que Ele só obtém sua grandeza de si mesmo. O fervor do desconhecido era verdadeiro.

Era assim unânime o sentimento que unia as preces daqueles quatro servidores de Deus e do Rei. As palavras santas ecoavam como música celeste em meio ao silêncio.

Houve um momento em que o desconhecido não conteve as lágrimas; foi no Pater noster. O padre acrescentou esta oração latina, que foi sem dúvida compreendida pelo estranho: Et remitte scelus regicidis sicut Ludovicus eis remisit semetipse! (E perdoe aos regicidas como os perdoou o próprio Luís XVI.)

As duas religiosas viram duas grandes lágrimas traçando um caminho úmido e longo desde as faces masculinas do desconhecido e caindo no soalho. O ofício dos mortos foi recitado. O Domine salvum fac regem, rezado em voz baixa, enterneceu aquelas fiéis realistas que pensaram que o menino-rei, pelo qual suplicavam naquele momento ao Altíssimo, estava cativo entre as mãos de seus inimigos. O desconhecido tremeu pensando que ainda poderia ser cometido um novo crime do qual seria sem dúvida forçado a participar. Quando o serviço fúnebre terminou, o padre fez um sinal às duas religiosas, que se retiraram. Tão logo se viu sozinho com o desconhecido, foi até ele com ar doce e triste e lhe disse então com voz paternal: - Meu filho, se você mergulhou suas mãos no sangue do Rei Mártir, confie em mim. Não existe erro que, aos olhos de Deus, não seja apagado por um arrependimento tão tocante e tão sincero como parece ser o seu.

Às primeiras palavras pronunciadas pelo eclesiástico, o estranho deixou escapar um movimento de terror involuntário, mas retomou uma atitude calma e olhou com segurança o padre espantado:

- Meu bom padre - disse ele com a voz visivelmente alterada -, ninguém é mais inocente do que eu do sangue derramado. ..

- Eu acredito - disse o padre...

Ele fez uma pausa durante a qual examinou mais uma vez seu penitente. Então, persistindo em tomá-lo por um daqueles medrosos Convencionais que entregaram uma cabeça inviolável e sagrada a fim de conservar a sua, continuou com voz grave:

- Pense, meu filho, que não basta, para ser absolvido desse grande crime, o fato de com ele não ter cooperado. Aqueles que, podendo defender o rei, deixaram sua espada na bainha terão contas bem grandes a prestar diante do rei dos céus. . . Ah! É - acrescentou o velho padre sacudindo a cabeça da direita para a esquerda num movimento expressivo -, é, bem deveras!... pois, ao permanecer ociosos, tornaram-se cúmplices involuntários deste terrível delito...

- O senhor acha - perguntou o desconhecido estupefato - que uma participação indireta será punida. .. É então culpado o soldado que recebeu ordens de formar alas?

O padre ficou indeciso. Feliz com o embaraço no qual lançava aquele puritano da realeza colocando-o entre o dogma da obediência passiva que deve, segundo os partidários da monarquia, dominar os códigos militares e o dogma igualmente importante que consagra o respeito devido à pessoa dos reis, o estranho apressou-se em ver na hesitação do padre uma solução favorável para as dúvidas pelas quais parecia atormentado. Então, para não deixar o venerável jansenista refletir por mais tempo, ele disse: - Eu coraria ao pensamento de vos oferecer um pagamento qualquer pelo serviço funerário que o senhor acaba de celebrar pelo descanso da alma do rei e pela tranqüilidade de minha consciência. Só se pode pagar uma coisa inestimável com uma oferenda que também não tenha preço. Digne-se aceitar, senhor, o dom que lhe faço de uma santa relíquia... Virá talvez o dia em que compreenderá o seu valor.

Dizendo estas palavras, o estranho apresentou ao eclesiástico uma pequena caixa extremamente leve. O padre a segurou por assim dizer involuntariamente, pois a solenidade das palavras daquele homem, o tom em que as disse, o respeito com o qual segurava aquela caixa, haviam-no mergulhado em profunda surpresa. Eles voltaram então para o cômodo onde os aguardavam as duas religiosas.

- Os senhores estão - disse-lhes o desconhecido - numa casa cujo proprietário, Mucius Scevola, o gesseiro que mora no primeiro andar, é famoso na seção por seu patriotismo; mas ele está

secretamente ligado aos Bourbons. Ele era outrora o picador de Sua Alteza o príncipe de Conti e deve a ele sua fortuna. Não saindo de sua casa, os senhores estão mais seguros aqui do que em qualquer outro lugar da França. Fiquem aqui. Almas piedosas cuidarão de suas necessidades e os senhores poderão esperar sem perigo por tempos menos ruins. Em um ano, dia 21 de janeiro ... (ao pronunciar estas últimas palavras, não conseguiu dissimular um movimento involuntário), se adotarem este triste lugar como asilo, voltarei para celebrar consigo a missa expiatória. ..

Ele não terminou. Saudou os mudos habitantes do celeiro, lançou um último olhar aos sintomas que davam provas de sua indignação e desapareceu.

Para as duas inocentes religiosas, tal aventura tinha todo o interesse de um romance. Então, desde que o venerável abade lhes deu ciência do misterioso presente tão solenemente dado por aquele homem, a caixa foi por elas colocada sobre a mesa e as três figuras inquietas, fracamente iluminadas pela vela, traíram uma indescritível curiosidade. A senhorita de Langeais abriu a caixa, encontrou nela um lenço de linho muito fino, empapado de suor e, ao desdobrá-lo, reconheceram as manchas que nele havia.

- É sangue!. .. - disse o padre.

- Está marcado com a coroa real! - exclamou a outra irmã.

As duas irmãs deixaram cair com horror a preciosa relíquia. Para aquelas duas almas inocentes, o mistério do qual se envolvia o estranho tornou-se inexplicável. Quanto ao padre, desde aquele dia nem mesmo tentou buscar qualquer explicação.

Os três prisioneiros não tardaram a perceber, apesar do Terror, que uma mão poderosa se erguera sobre eles. Primeiro receberam lenha e provisões. Depois, as duas religiosas descobriram que uma mulher estava associada a seu protetor, quando lhes foi enviada roupa de cama e vestuário que foram forçadas a conservar. Enfim, Mucius Scevola lhes deu duas cartas cívicas. Freqüentemente lhes chegaram, por vias tortuosas, avisos necessários à segurança do padre. E ele reconheceu tal oportunidade naqueles conselhos que

não poderiam ter sido dados senão por uma pessoa iniciada nos segredos de Estado. Apesar da fome que pesava sobre Paris, os proscritos encontraram à porta de sua espelunca rações de pão branco que lhes eram levadas regularmente por mãos invisíveis. Entretanto, eles acreditaram reconhecer em Mucius Scevola o misterioso agente dessa caridade tão engenhosa quanto inteligente. Os nobres habitantes do celeiro não podiam deixar de achar que seu protetor fosse o personagem que viera mandar celebrar a missa expiatória na noite de 22 de janeiro de 1793. Assim, tornou-se ele o objeto de um culto todo especial para aqueles três seres que só tinham esperanças nele e só viviam por causa dele. Acrescentando em seu nome orações especiais em suas preces, à noite e pela manhã; aquelas almas piedosas formulavam votos por sua felicidade, por sua prosperidade, por sua saúde; suplicavam a Deus que afastasse dele todas as ciladas, que o livrasse de seus inimigos e lhe concedesse uma vida longa e em paz. Sendo sua gratidão, por assim dizer, renovada todos os dias, aliava-se necessariamente a um sentimento de curiosidade que se tornou mais intenso a cada dia. As circunstâncias que haviam acompanhado a aparição do estranho eram objeto de suas conversas, eles faziam mil conjecturas a seu respeito e era para eles uma graça adicional a nova distração que ele lhes proporcionava. Eles se prometiam não deixar de demonstrar ao estranho sua amizade na noite em que ele voltaria, conforme sua promessa, para celebrar o triste aniversário da morte de Luís XVI. Essa noite, tal impacientemente esperada, chegou enfim. À meia-noite, o ruído dos passos pesados do desconhecido ecoou na velha escadaria de madeira, o quarto fora preparado para recebê-lo, o altar estava montado. Dessa vez, as irmãs abriram a porta de antemão e ambas se apressaram para iluminar a escadaria. A senhorita de Langeais chegou a descer alguns degraus para ver melhor seu benfeitor.

- Venha - disse ela numa voz emocionada e afetuosa -, venha. .. estamos à sua espera.

O homem ergueu a cabeça, lançou um olhar sombrio à religiosa e não respondeu. Ela sentiu como se uma roupa de gelo caísse sobre seu corpo e ficou em silêncio. Por seu aspecto, a gratidão e a curiosidade expiraram em todos os corações. Ele talvez fosse menos frio, menos taciturno, menos terrível do que pareceu àquelas almas cuja exaltação de sentimentos predispunha às efusões de amizade. Os três pobres prisioneiros, que compreenderam que aquele homem queria permanecer para eles um estranho, resignaram-se. O padre pensou ter percebido nos lábios do desconhecido um sorriso prontamente reprimido no momento em que ele se deu conta dos preparativos feitos para recebê-lo. Ele ouviu a missa e rezou. Mas desapareceu após ter respondido com algumas palavras de polidez negativa ao convite que lhe fez a senhorita de Langeais para partilhar a pequena colação preparada.

Depois do dia 9 de termidor, as religiosas e o abade de Marolles puderam ir a Paris, sem correr o menor perigo. A primeira saída do velho padre foi para ir a uma loja de perfumes, de nome A Rainha das Flores, mantida pelo cidadão e cidadã Ragon, antigos perfumistas da corte que se mantiveram fieis à família real e dos quais os vendeiros se serviam para se corresponder com os príncipes e o comitê realista de Paris. O abade, vestido como queria a época, encontrava-se na soleira da porta dessa loja, situada entre Saint-Roche e a rua Des Frondeurs, quando uma multidão, que lotava a rua Saint-Honoré, o impediu de sair.

- O que há? - perguntou ele à Sra. Ragon.

- Nada - respondeu ela -, é a charrete com o carrasco que vai para a praça Luís XV. Ah! Nós a vimos muito durante o ano passado, mas hoje, quatro dias depois do aniversário do 21 de janeiro, podemos olhar sem sofrimento para este horrendo cortejo.

- Mas - disse o abade -, não é cristão o que a senhora está dizendo.

- Ora! É a execução dos cúmplices de Robespierre, eles se defenderam tanto quanto puderam, mas chegou a hora deles irem para onde mandaram tantos inocentes.

A multidão que lotava a rua Saint-Honoré passou como um rio. Acima das cabeças, o abade de Marolles, cedendo a um movimento de curiosidade, viu de pé, na charrete, aquele que, três dias antes, assistia sua missa.

- Quem é? ... - disse ele - aquele que. . .

- É o carrasco - respondeu o Sr. Ragon, chamando o executor da pena de morte por seu nome monárquico.

- Meu amigo! Meu amigo! - gritou a Sra. Ragon. - O senhor abade está morrendo. E a velha senhora apanhou um vidro de vinagre para fazer voltar a si o velho padre desmaiado.

- Não há dúvidas de que ele me deu - disse ele - o lenço com o qual o rei secou o rosto ao ir para o martírio. .. Pobre homem ! . .. A faca de aço teve coração, quando ele não existia em toda a França L..

Os perfumistas acharam que o pobre padre delirava.

Paris, janeiro de 1831.

Tradução de Celina Portocarrero

26. CRAINQUEBILLE

ANATOLE FRANCE (1844-1924 | França)

Houve época não muito distante que o mundo inteiro lia romances como A Ilha dos Pingüins, Le Crime de Silvester Bonnard, A Revolta dos Anjos e Os Deuses Têm Sede. Seu autor, o francês Jacques Anatole François Thibault, reconhecido pelo padrão estético de seu estilo e por sua ironia dita anatoliana, chegou a ganhar o Prêmio Nobel, em 1921. Hoje ele não é mais reeditado como antes. Mas seu conto Crainquebille merece ser lembrado, aqui em nova tradução: seu personagem popular é filho direto daquele famoso Jean Valjean, de Os Miseráveis, de Victor Hugo, e o conto é um libelo contra a formalidade e a burocratização da justiça dos homens. (Dizem que Anatole o escreveu sob impacto do rumoroso "Caso Dreyfus".)

A Alexandre Steinlein e Lucien Guitry, que souberam dar, um numa seqüência de admiráveis desenhos, o outro por uma bela criação de seu gênio dramático, um caráter de grandeza trágica à humilde figura de meu pobre vendedor de frutas e legumes.

A.F.

I

DA MAJESTADE DAS LEIS

A majestade da justiça reside toda ela em cada sentença proferida pelo juiz em nome do povo soberano. Jérôme Crainquebille, vendedor ambulante, soube como a lei é augusta quando precisou comparecer diante da polícia correcional por ultraje a um guarda da força pública. Tendo ocupado seu lugar, na sala magnífica e sombria, no banco dos réus, ele viu os juízes, os

escrivães, os advogados de toga, o meirinho carregando a corrente, os guardas e, atrás de uma divisória, as cabeças nuas dos espectadores silenciosos. E viu a si mesmo, sentado numa cadeira elevada, como se, por aparecer diante dos magistrados, o próprio acusado recebesse uma funesta honraria. No fundo da sala, entre os dois assessores, o Senhor Presidente Bourriche ostentava no peito as palmas de oficial da Academia. Um busto da República e um Cristo na cruz encimavam o pretório, de modo que todas as leis divinas e humanas estavam suspensas sobre a cabeça de Crainquebille. Isto gerou nele um justo terror. Não tendo absolutamente o espírito filosófico, ele não se perguntou o que queriam dizer aquele busto e aquele crucifixo e não pesquisou se Jesus e Marianne, no Palais, concordavam entre si. Esta é, contudo, matéria para reflexão, pois

enfim a doutrina pontificai e o direito canônico são opostos, em muitos pontos, na Constituição da República e no Código Civil. As Decretais, que se saiba, não foram abolidas. A Igreja do Cristo ensina como outrora que só são legítimos os poderes aos quais ela deu a investidura. Ora, a República francesa pretende ainda não depender do poder pontificai. Crainquebille poderia dizer com alguma razão:

"Senhores juízes, não sendo o presidente Loubet ungido, este Cristo, suspenso sobre vossas cabeças, vos rejeita pela voz dos concílios e dos papas. Ou ele está aqui para vos lembrar os direitos da Igreja, que contestam os vossos, ou sua presença não tem qualquer significado razoável."

Ao que o presidente Bourriche teria talvez respondido:

"Acusado Crainquebille, os reis de França sempre estiveram enredados com o papa. Guilherme de Nogaret foi excomungado e não se demitiu de seus encargos por tão pouco. O Cristo do pretório não é o Cristo de Gregório VII e de Bonifácio VIII. É, se quiser, o Cristo do Evangelho, que não sabia uma palavra de direito canônico e jamais tinha ouvido falar das benditas Decretais."

Teria então Crainquebille podido responder:

"O Cristo do Evangelho era um democrata. Ademais, sofreu uma condenação que, há mil e novecentos anos, todos os povos cristãos consideram grave erro judiciário. Eu o desafio, Sr. Presidente, a me condenar, em seu nome, a somente quarenta e oito horas de prisão."

Mas Crainquebille não se entregava a qualquer consideração histórica, política ou social. Permanecia no assombro. O sistema pelo qual estava rodeado fazia com que concebesse uma alta idéia da justiça. Impregnado de respeito, submerso de espanto, estava pronto para falar aos juízes a respeito de sua própria culpabilidade. Em sua consciência, não se considerava criminoso, mas sentia o quanto é pouco a consciência de um vendedor de legumes diante dos símbolos da lei e dos ministros da vindicta social. Já seu advogado o havia semipersuadido de que ele não era inocente.

Uma instrução sumária e rápida relacionara as acusações que pesavam contra ele.

II

A AVENTURA DE CRAINQUEBILLE

Jérôme Crainquebille, vendedor de frutas e legumes, ia pela cidade, empurrando seu carrinho e gritando: Repolhos, nabos, cenouras! E, quando tinha alho-poró, gritava: Molhos de aspargos!, porque os alhos-porós são os aspargos do pobre. Ora, em 20 de outubro, na hora do meio-dia, quando ele descia a rua Montmartre, a Sra. Bayard, da sapataria L'Ange Gardien, saiu de sua loja e se aproximou da carrocinha de verduras e, pegando desdenhosamente um molho de alhos-porós, disse:

- Os seus alhos-porós não estão com boa cara. Quanto o molho?
- Quinze tostões, dona. Não tem melhor.
- Quinze tostões, três talinhos murchos?

E ela jogou o molho de volta na carrocinha, com um gesto de nojo. Foi então que o guarda 64 apareceu e disse a Crainquebille:

- Circulando!

Crainquebille, há cinqüenta anos, circulava da manhã à noite. Aquela ordem pareceu-lhe legítima e de acordo com a natureza das coisas. Totalmente disposto a obedecer, ele apressou a dona para que pegasse o que quisesse.

- Preciso escolher a mercadoria, respondeu asperamente a sapateira.

E ela apalpou novamente todos os molhos de alhos-porós, depois ficou com aquele que lhe pareceu mais bonito e segurou-o de encontro ao seio como as santas, nos quadros das igrejas, apertam contra seu peito a palma triunfal.

- Vou lhe dar quatorze tostões. Está mais do que bom. E ainda tenho que ir buscá-los na loja, porque não tenho aqui comigo.

E, levando seus alhos-porós abraçados, ela entrou na sapataria onde uma cliente, carregando uma criança, a havia precedido.

Neste momento, o guarda 64 disse pela segunda vez a Crainquebille:

- Circulando!

- Estou esperando meu dinheiro, respondeu Crainquebille.

- Eu não estou dizendo para esperar seu dinheiro, estou dizendo para circular, disse o guarda com firmeza.

Entretanto, a sapateira, no interior da loja, experimentava sapatos azuis numa criança de 18 meses cuja mãe estava apressada. E as cabeças verdes dos alhos-porós repousavam sobre o balcão.

Depois de meio século empurrando seu carro pelas ruas, Crainquebille havia aprendido a obedecer aos representantes da lei. Mas encontrava-se, naquele momento, numa situação especial, entre um dever e um direito. Ele não tinha o espírito jurídico. Não compreendeu que a satisfação de um direito individual não o dispensava de cumprir um dever social. Considerou por demais seu direito que era receber 14 tostões e não se ocupou o suficiente de

seu dever que era o de empurrar seu carrinho e seguir em frente, sempre em frente. Ficou parado.

Pela terceira vez, o guarda 64, tranqüilo e sem raiva, deu-lhe ordem de circular. Contrariamente ao hábito do cabo Montauciel, que ameaça sem parar e nunca pune, o guarda 64 é sóbrio em advertências e ágil em suas notificações. Tal é o seu caráter. Embora um pouco dissimulado, é um excelente servidor e um soldado-leão. A coragem de um leão e a doçura de uma criança. Só se importa em cumprir suas obrigações.

- O senhor não entendeu que eu lhe mandei circular?

Crainquebille tinha para ficar naquele lugar uma razão por demais importante a seus olhos para que não a acreditasse justificada. Ele a expôs com simplicidade e sem tato:

- Mas que droga! Se eu já disse que estou esperando meu dinheiro. O guarda 64 contentou-se em responder:

- Quer que eu lhe sapeque uma multa? Se quiser é só dizer.

Ao ouvir estas palavras, Crainquebille levantou lentamente os ombros e derramou sobre o guarda um olhar doloroso que a seguir ergueu para o céu. E este olhar dizia:

"Que Deus me ajude! E eu sou um desrespeitador das leis? Será que fico rindo dos decretos e das ordens que regem meu estado ambulatório? Às cinco da manhã eu estava no mercado dos Halles. Desde as sete horas, queimo as mãos nos cabos do meu carrinho, gritando: Repolhos, nabos, cenouras! Tenho sessenta anos feitos. Estou cansado. E o senhor me pergunta se ergo a bandeira negra da revolta. O senhor caçoa e sua zombaria é cruel."

Seja porque a expressão desse olhar lhe tenha escapado, seja porque ele não encontrou nela uma desculpa para a desobediência, o guarda perguntou numa voz seca e rude se estava entendido.

Ora, naquele exato momento, a confusão de veículos era enorme na rua Montmartre. Os fiacres, burros-sem-rabo, carroças, ônibus, caminhões, apertados uns contra os outros, pareciam indissolúvelmente juntos e unidos. E sobre sua imobilidade

palpitante elevavam-se imprecações e gritos. Os cocheiros de fiacre trocavam injúrias, de longe e lentamente, com os rapazes açougueiros, e os motoristas de ônibus, considerando Crainquebille a causa da confusão, chamavam-no de "pepino sujo".

Entretanto, sobre a calçada, curiosos se espremiavam, atentos à discussão. E o guarda, vendo-se observado, não pensou senão em dar mostras de sua autoridade.

- Muito bem, disse ele.

E tirou do bolso um bloquinho imundo e um lápis muito curto.

Crainquebille seguia seu pensamento e obedecia a uma força interior. Aliás, era-lhe impossível agora avançar ou recuar. A roda de seu carrinho estava infelizmente presa na roda de um carro de leiteiro.

Ele exclamou arrancando os cabelos sob sua boina:

- Mas, se eu estou dizendo que estou esperando o meu dinheiro! Se não é um infeliz! Droga de azar! Porcaria de miséria!

Por estas palavras, que no entanto exprimiam menos a revolta do que o desespero, o guarda 64 acreditou-se insultado. E como, para ele, todo insulto revestia necessariamente a forma tradicional, regular, consagrada e por assim dizer litúrgica de "Abaixo os tiras!", foi sob esta forma que espontaneamente ele recolheu e solidificou em seus ouvidos as palavras do delinqüente.

- Ah ! O senhor disse "Abaixo os tiras!" Muito bem. Siga-me.

Crainquebille, no excesso do estupor e da angústia, olhava com seus grandes olhos queimados de sol o guarda 64 e, com sua voz cansada, que saía ora de cima de sua cabeça e ora de baixo de seus calcanhares, exclamou, braços cruzados sobre seu jaleco azul:

- Eu disse "Abaixo os tiras"? Eu?... Oh!

Esta prisão foi acolhida pelos risos dos empregados do comércio e dos garotos. Ela contentava o prazer que todas as multidões sentem pelos espetáculos ignóbeis e violentos. Mas, tendo forçado uma passagem por entre o círculo de populares, um velhote muito triste, vestido de preto e com um chapéu alto, aproximou-se do

guarda e lhe disse, com muita suavidade e muita firmeza, em voz baixa:

- O senhor se enganou. Este homem não o insultou.

- Cuide do que lhe diz respeito, respondeu-lhe o guarda, sem proferir ameaças, pois falava a um homem de boa aparência.

O velhote insistiu com muita calma e tenacidade. E o guarda deu-lhe ordem de se explicar com o comissário.

Entretanto, Crainquebille exclamava:

- Tá bom que eu disse "Abaixo os tiras"... Oh!...

Ele pronunciava estas palavras espantadas quando a Sra. Bayard, a sapateira, veio até ele, 14 tostões na mão. Mas já o guarda 64 o segurava pelo colarinho e a Sra. Bayard, pensando que nada se deve a um homem levado para a delegacia, colocou os 14 tostões no bolso de seu avental.

E, vendo de repente seu carrinho no depósito, sua liberdade perdida, o abismo sob seus pés e o sol apagado, Crainquebille murmurou:

- Mas que coisa!.. .

Diante do comissário, o velhote declarou que, parado em seu caminho por uma confusão de veículos, havia testemunhado a cena, que afirmava que o guarda não fora insultado e que se enganara por completo. Ele deu seu nome e qualificações: doutor David Matthieu, médico-chefe do hospital Ambroise-Paré, oficial da Legião de Honra. Em outros tempos, um testemunho destes teria esclarecido suficientemente o comissário. Mas naquele momento, na França, os intelectuais eram suspeitos.

Crainquebille, cuja detenção foi mantida, passou a noite no xadrez e foi transferido pela manhã, no camburão, para o Depósito de Presos.

A prisão não lhe pareceu nem dolorosa nem humilhante. Pareceu-lhe necessária. O que o impressionou ao entrar foi a limpeza das paredes e dos ladrilhos. Ele disse:

- Sem dúvida, este é um lugar limpo. De verdade! A gente pode comer no chão. Deixado sozinho, quis puxar o banquinho, mas descobriu que estava preso à parede. Expressou sua surpresa em voz alta:

- Mas que idéia! Taí uma coisa que eu não teria inventado, com certeza.

Sentando-se, girou os polegares e permaneceu em seu espanto. O silêncio e a solidão o arrasavam. Ele se aborrecia e pensava com inquietação em seu carrinho posto no depósito ainda todo carregado de repolhos, cenouras, aipo, erva-cidreira e dentes-de-Ieão. E se perguntava, ansioso:

- Onde será que eles me enfiaram meu carrinho?

No terceiro dia, recebeu a visita de seu advogado, mestre Lemerle, um dos mais jovens membros do foro de Paris, presidente de uma das seções da "Liga da Pátria Francesa".

Crainquebille tentou contar-lhe seu caso, o que não lhe era fácil, pois ele não tinha o hábito da palavra. Talvez, no entanto, ele tivesse conseguido, com um pouco de ajuda. Mas seu advogado, com ar desconfiado, sacudia a cabeça para tudo o que ele dizia e, folheando uns papéis, murmurava:

- Hum! Hum! Não vejo nada disto no dossiê ...

Depois, com um certo cansaço, ele disse, enrolando seu bigode louro:

- No seu interesse, talvez fosse preferível confessar. De minha parte, estimo que seu sistema de negações absolutas é de uma notável inabilidade.

E desde então Crainquebille teria feito confissões se soubesse o que era preciso confessar.

III

CRAINQUEBILLE ENFRENTA A JUSTIÇA

O presidente Bourriche consagrou seis minutos inteiros ao interrogatório de Crainquebille. Tal interrogatório teria trazido maiores esclarecimentos se o acusado tivesse respondido às perguntas que lhe eram feitas. Mas Crainquebille não tinha o hábito da discussão e, em tal companhia, o respeito e o terror lhe fechavam a boca. Então ele mantinha o silêncio e o presidente dava ele mesmo as respostas. Eram arrasadoras. Ele concluiu:

- Enfim, o senhor reconhece ter dito: "Abaixo os tiras!"

- Eu disse "Abaixo os tiras!" porque o seu guarda disse "Abaixo os tiras!" Então eu disse "Abaixo os tiras!"

Ele queria fazer entender que, pela imputação mais imprevista, ele havia, em seu estupor, repetido as palavras estranhas que lhe atribuíam falsamente e que ele com certeza não havia pronunciado. Ele dissera "Abaixo os tiras!" como se dissesse: "Eu?! Dizer coisas ofensivas? O senhor pode acreditar nisso?"

O Sr. Presidente Bourriche não interpretou assim.

- O senhor afirma, disse ele, que o guarda foi o primeiro a proferir esse grito? Crainquebille renunciou a se explicar. Era difícil demais.

- O senhor não insiste. O senhor faz bem, disse o presidente. E mandou chamar as testemunhas.

O guarda 64, de nome Bastien Matra, jurou dizer a verdade, somente a verdade, nada além da verdade. Então, depôs nestes termos:

- Estando de serviço no dia 20 de outubro, no horário de meio-dia, percebi, na rua Montmartre, um indivíduo que me pareceu ser um vendedor ambulante e que mantinha sua carrocinha indevidamente parada na altura do número 328, o que ocasionava um acúmulo de veículos. Eu lhe dei por três vezes ordem de circular, à qual ele se recusou obedecer. E, quando eu o adverti de que iria autuá-lo, ele me respondeu gritando: "Abaixo os tiras!", o que me pareceu ser ofensivo.

Este depoimento, firme e comedido, foi ouvido com evidente parcialidade pelo Tribunal. A defesa citara a Sra. Bayard, dona da sapataria, e o Sr. David Matthieu, médico-chefe do hospital Ambroise-Paré, oficial da Legião de Honra. A Sra. Bayard nada vira nem ouvira. O Dr. Matthieu encontrava-se na multidão reunida em torno do guarda que intimava o vendedor a circular. Seu depoimento trouxe um incidente.

- Fui testemunha da cena, disse ele. Percebi que o guarda se havia enganado: ele não fora insultado. Aproximei-me e lhe fiz esta observação. O guarda manteve o vendedor em estado de detenção e me convidou a segui-lo até o comissariado. O que fiz. Reiterei minha declaração perante o comissário.

- O senhor pode sentar-se, disse o presidente. Meirinho, chame novamente a testemunha Matra.

- Sr. Matra, quando o senhor procedeu à detenção do acusado, o Sr. Dr. Matthieu não lhe observou que o senhor se havia enganado?

- Quer dizer, senhor presidente, que ele me insultou.

- O que lhe disse ele?

- Ele me disse: "Abaixo os tiras!" Ruídos e risos elevaram-se do auditório.

- O senhor pode retirar-se, disse o presidente com precipitação.

E advertiu o público que, se tais manifestações indecentes se reproduzissem, ele mandaria evacuar a sala. Entretanto, a defesa agitava triunfalmente as mangas de sua toga e pensava-se naquele momento que Crainquebille seria inocentado.

Tendo sido restabelecida a calma, mestre Lemerle levantou-se. Ele começou seu arrazoado pelo elogio aos guardas da Prefeitura, "estes modestos servidores da sociedade que, mediante um salário irrisório, suportam o cansaço e enfrentam perigos incessantes e que praticam o heroísmo cotidiano. São antigos soldados, que permanecem soldados. Soldados, esta palavra diz tudo. .. "

E mestre Lemerle elevou-se, sem esforço, a altíssimas considerações sobre as virtudes militares. Era o caso daqueles,

disse ele, "que não permitem que se toque no exército, naquele exército nacional ao qual ele tinha o orgulho de pertencer".

O presidente inclinou a cabeça.

Mestre Lemerle, na verdade, era tenente da reserva. Era também candidato nacionalista no bairro de Vieilles-Haudriettes. Ele prosseguiu:

- Não, certamente não desconheço os serviços modestos e preciosos que prestam diariamente os guardiões da paz à valorosa população de Paris. E não teria consentido em lhes apresentar, senhores, a defesa de Crainquebille, se tivesse visto nele o insultador de um antigo soldado. Acusa-se meu cliente de ter dito "Abaixo os tiras!" O sentido desta frase não é duvidoso. Se os senhores folhearem o Dicionário da língua popular, ao lado de "tira", lerão ali: "Tirada, grande extensão de caminho, caminhada. - Caminho, direção, rumo, destino." Abaixo os tiras! é frase que se diz entre certo tipo de pessoas. Mas toda a questão é esta: Como Crainquebille a disse? E mesmo, terá ele dito? Permitam-me, senhores, duvidar.

"Não suspeito o guarda Matra de qualquer mau pensamento. Mas ele realiza, como dissemos, uma tarefa penosa. Às vezes, está cansado, esfalfado, extenuado. Nestas condições ele pode ter sido vítima de uma espécie de alucinação auditiva. E, quando ele vem lhes dizer, senhores, que o Dr. David Matthieu, oficial da Legião de Honra, médico-chefe do hospital Ambroise-Paré, um príncipe da ciência e um homem do mundo, gritou "Abaixo os tiras!", somos realmente forçados a reconhecer que Matra é vítima da moléstia da obsessão e, se o termo não for por demais forte, do delírio da perseguição.

"E mesmo que Crainquebille houvesse gritado 'Abaixo os tiras!', seria ainda preciso saber se esta expressão tem, em sua boca, o caráter de um delito. Crainquebille é filho natural de uma vendedora ambulante, arruinada pelo mau comportamento e pela bebida, ele nasceu alcoólatra. Os senhores o vêem aqui

embrutecido por sessenta anos de miséria. Meus senhores, os senhores dirão que ele é irresponsável."

Mestre Lemerle sentou-se e o Sr. Presidente Bourriche leu entre seus dentes uma sentença que condenava Jérôme Crainquebille a quinze dias de prisão e cinquenta francos de multa. O tribunal baseara sua convicção no testemunho do guarda Matra.

Levado pelos longos corredores sombrios do Falais, Crainquebille sentiu uma extrema necessidade de simpatia. Virou-se para o guarda de Paris que o conduzia e chamou-o três vezes:

- Guarda! ... Guarda! ... Hein? Guarda! ... E suspirou:

- Há uns quinze dias, se me tivessem dito que me aconteceria o que está me acontecendo!...

E então fez esta reflexão:

- Eles falam depressa demais, esses senhores. Eles falam bem, mas falam depressa demais. A gente não consegue se explicar com eles ... Guarda, o senhor não acha que eles falam depressa demais?

Mas o soldado caminhava sem responder ou virar a cabeça. Crainquebille perguntou-lhe:

- Por que o senhor não me responde?

E o soldado permaneceu em silêncio. E Crainquebille lhe disse com amargura:

- A gente fala até com cachorro. Por que o senhor não fala comigo? Não abre nunca a boca? Tem medo que dela saia mau cheiro?

IV

APOLOGIA PARA O SENHOR PRESIDENTE BOURRICHE

Alguns curiosos e dois ou três advogados deixaram a sala de audiência depois da leitura da sentença, quando o meirinho já anunciava uma outra causa. Os que saíam não faziam qualquer

reflexão a propósito do caso Crainquebille, que não os havia absolutamente interessado e no qual não mais pensavam. Apenas o Sr. Jean Lermite, gravador de água-forte, que viera por acaso ao Palais de Justice, meditava sobre o que acabava de ver e ouvir.

Passando seu braço no ombro do advogado Joseph Aubarrée, ele disse:

- O que se deve louvar no presidente Bourriche é ter sabido defender-se das vãs curiosidades do espírito e se resguardar desse orgulho intelectual que tudo quer conhecer. Opondo um ao outro os depoimentos contraditórios do guarda Matra e do Dr. David Matthieu, o juiz teria entrado num caminho onde não se encontra senão a dúvida e a incerteza. O método que consiste em examinar os fatos segundo as regras da crítica é inconciliável com a boa administração da justiça. Se o magistrado tivesse a imprudência de seguir este método, seus julgamentos dependeriam de sua sagacidade pessoal, que é com mais freqüência pequena, e da enfermidade humana, que é constante. Qual delas seria a autoridade? Não se pode negar que o método histórico é inteiramente inadequado a lhe trazer as certezas das quais necessita. Basta lembrar a aventura de Walter Raleigh.

"No dia em que Walter Raleigh, encerrado na Torre de Londres, trabalhava, como era de costume, na segunda parte de sua História do Mundo, uma rixa estourou sob sua janela. Ele foi olhar as pessoas que discutiam lá embaixo e, quando voltou a trabalhar, pensava tê-las observado muito bem. Mas no dia seguinte, tendo falado sobre o caso com um de seus amigos que lá estivera presente e que nele havia até mesmo tomado parte, foi contestado por este amigo em todos os pontos. Refletindo então sobre a dificuldade de conhecer a verdade a respeito de acontecimentos longínquos, quando tinha podido se enganar quanto ao que se passava sob seus olhos, atirou ao fogo o manuscrito de sua história.

"Se os juizes tivessem os mesmos escrúpulos que Sir Walter Raleigh, atirariam ao fogo todas as suas instruções. E eles não têm este direito. Seria da parte deles uma negação da justiça, um crime. É preciso renunciar a saber, mas não é preciso renunciar a

julgar. Os que desejam que as sentenças dos tribunais sejam baseadas na pesquisa metódica dos fatos são perigosos sofistas e inimigos pérfidos da justiça civil e da justiça militar. O presidente Bourriche tem o espírito demasiado jurídico para fazer depender suas sentenças da razão e da ciência, cujas conclusões estão sujeitas a eternas disputas. Ele as baseia nos dogmas e as assenta sobre a tradição, de tal forma que seus julgamentos igualam em autoridade os mandamentos da Igreja. Suas sentenças são canônicas. Entendo que ele as tira de um determinado número de cânones sagrados. Veja, por exemplo, que ele classifica os testemunhos não segundo as características incertas e enganadoras da verossimilhança e da humana verdade, mas segundo características intrínsecas, permanentes e manifestas. Ele os pesa ao peso das armas. Há algo simultaneamente mais simples e mais sábio? Ele considera irrefutável o depoimento de um guarda da paz concebido metafisicamente enquanto número de matrícula e segundo as categorias da polícia ideal. Não que Matra (Bastien), nascido em Cinto-Monte (Córsega), lhe pareça incapaz de erro. Ele jamais pensou que Bastien Matra fosse dotado de um grande espírito de observação, nem que aplicasse ao exame dos fatos um método exato e rigoroso. Para dizer a verdade, ele não considera Bastien Matra, mas o guarda 64. - Um homem é falível, pensa ele. Pedro e Paulo podem se enganar. Descartes e Gassendi, Leibnitz e Newton, Bichat e Claude Bernard puderam se enganar. Nós nos enganamos, todos e a todo instante. Nossas razões de erro são inúmeras. As percepções dos sentidos e os julgamentos do espírito são fontes de ilusão e causas de incerteza. Não é possível fiar-se no testemunho de um homem: Testis unus, testis nullus. Mas pode-se ter fé num número. Bastien Matra, de Cinto-Monte, é falível. Mas o guarda 64, abstração feita de sua humanidade, não se engana. É uma entidade. Uma entidade nada tem em si do que há nos homens e os perturba, os corrompe, os confunde. Ela é pura, inalterável e sem inquietações. Também o Tribunal não hesitou em desprezar o depoimento do Dr. David Matthieu, que é apenas um homem, para admitir o do guarda 64, que é uma idéia pura e como um raio de Deus caído sobre as barras da Justiça.

"Assim procedendo, o presidente Bourriche garante para si mesmo uma espécie de infalibilidade, a única que um juiz pode afirmar possuir. Quando o homem que testemunha está armado de um sabre, é o sabre, e não o homem, que deve ser ouvido. O homem é desprezível e pode estar errado. O sabre absolutamente não o é e tem sempre razão. O presidente Bourriche penetrou profundamente no espírito das leis. A sociedade repousa sobre a força e a força deve ser respeitada como o fundamento augusto das sociedades. A justiça é a administração da força. O presidente Bourriche sabe que o guarda 64 é uma parcela do Príncipe. O Príncipe reside em cada um de seus oficiais. Arruinar a autoridade do guarda 64 é enfraquecer o Estado. Comer uma das folhas da alcachofra é comer a alcachofra, como diz Bossuet em sua sublime linguagem. (Folítique Tirée de l'Écriture Sante, passim.)

"Todas as espadas de um Estado estão voltadas na mesma direção. Opondo-as umas às outras, subverte-se a República. Eis porque o acusado Crainquebille foi justamente condenado a quinze dias de prisão e cinquenta francos de multa, conforme o testemunho do guarda 64. Creio ouvir o presidente Bourriche explicar ele mesmo as razões nobres e belas que inspiraram sua sentença. Creio ouvi-lo dizer:

"- Julguei esse indivíduo em conformidade com o guarda 64, porque o guarda 64 é a emanção da força pública. E, para reconhecer minha sabedoria, basta imaginar que agi inversamente. Os senhores verão de imediato que teria sido absurdo. Pois se eu julgasse contra a força, meus julgamentos não seriam executados. Observem, senhores, que os juízes só são obedecidos desde que tenham a força com eles. Sem os guardas, o juiz seria apenas um pobre sonhador. Eu me prejudicaria se considerasse errado um guarda. Aliás, o gênio das leis se opõe a isto. Desarmar os fortes e armar os fracos seria mudar a ordem social que tenho a missão de conservar. A justiça é a sanção das injustiças estabelecidas. Foi ela alguma vez vista em oposição aos conquistadores e contrária aos usurpadores? Quando se eleva um poder ilegítimo, ela só precisa reconhecê-lo para torná-lo legítimo. Tudo está na forma e nada há,

entre o crime e a inocência, além da espessura de uma folha de papel timbrado. - Era seu dever, Crainquebille, ser o mais forte. Se, depois de ter gritado 'Abaixo os tiras!', você tivesse feito declarar imperador, ditador, presidente da República ou somente conselheiro municipal, garanto-lhe que não o teria condenado a quinze dias de prisão e cinquenta francos de multa. Eu o teria absolvido de qualquer pena. Pode acreditar em mim.

"Assim teria, sem dúvida, falado o presidente Bourriche, pois ele tem o espírito jurídico e sabe o que deve um magistrado à sociedade. Ele defende seus princípios com ordem e regularidade. A justiça é social. Apenas os maus espíritos a querem humana e sensível. Ela é administrada com regras fixas e não com os tremores da carne e as luzes da inteligência. Sobretudo não lhe peçam para ser justa, ela não necessita sê-lo uma vez que ela é justa. E dir-lhes-ei mesmo que a idéia de uma justiça justa só pode germinar na cabeça de um anarquista. O presidente Magnaud profere, é verdade, sentenças eqüitativas. Mas elas são cassadas, e isto é justiça.

"O verdadeiro juiz pesa os testemunhos ao peso das armas. Isto foi visto no caso Crainquebille e em tantas outras causas mais célebres."

Assim falou o Sr. Jean Lermite, percorrendo de um extremo a outro a Sala dos Passos Perdidos.

O advogado Joseph Aubarrée, que conhecia o Palácio, respondeu-lhe coçando a ponta do nariz:

- Se o senhor quer minha opinião, não creio que o presidente Bourriche se tenha elevado a tal alta metafísica. No meu ponto de vista, ao admitir o testemunho do guarda 64 como a expressão da verdade, ele fez simplesmente o que sempre viu ser feito. É na imitação que se deve buscar a razão da maioria das ações humanas. Ao se adequar aos costumes, passa-se sempre por um homem honesto. São chamados de pessoas de bem aqueles que fazem como os outros.

V

DA SUBMISSÃO DE CRAINQUEBILLE ÀS LEIS DA REPÚBLICA

Crainquebille, reconduzido à prisão, sentou-se em seu banquinho acorrentado, cheio de espanto e admiração. Ele mesmo não sabia bem que os juízes se haviam enganado. O Tribunal lhe tinha escondido suas fraquezas íntimas sob a majestade das formas. Ele não podia acreditar que tivesse razão contra magistrados cujas razões não havia compreendido: era-lhe impossível conceber que alguma coisa estivesse fora de esquadro em tão bela cerimônia. Pois, não indo nem à missa nem aos Elíseos, ele jamais em sua vida havia visto algo tão bonito quanto um julgamento na polícia correcional. Ele sabia bem que não tinha gritado "Abaixo os tiras!" E que tivesse sido condenado a quinze dias de prisão por tê-lo gritado era, em seu pensamento, um augusto mistério, um desses artigos de fé aos quais os crentes aderem sem compreender, uma revelação obscura, brilhante, adorável e terrível.

Aquele pobre velho reconhecia-se culpado de ter misticamente ofendido o guarda 64, como o garotinho que vai ao catecismo se reconhece culpado do pecado de Eva. Tinha lhe sido ensinado, por sua sentença, que ele havia gritado "Abaixo os tiras!" Então era porque ele tinha gritado "Abaixo os tiras!" de uma forma misteriosa, desconhecida dele mesmo. Fora transportado para um mundo sobrenatural. Seu julgamento era seu a pocalipse.

Se não fazia uma idéia clara do delito, não fazia uma idéia mais clara da pena. Sua condenação lhe havia parecido uma coisa solene, ritual e superiora, uma coisa fascinante que não se compreende, que não se discute, e da qual não se tem que se vangloriar nem se lamentar. Naquela hora, ele teria visto o presidente Bourriche, uma auréola na testa, descer, com asas brancas, pelo teto entreaberto, e não ficaria surpreso com esta nova manifestação da glória judiciária. Ele se teria dito: "Taí meu caso continuando!"

No dia seguinte, seu advogado veio vê-lo:

- Então, meu bom homem, não está de todo mal?.. . Coragem! Duas semanas passam depressa. Não temos muito do que reclamar.

- Ah, é! Pode-se dizer que aqueles senhores foram bem gentis, bem educados. Nem um palavrão. Eu não imaginava. E o guarda botou luvas brancas. O senhor não viu?

- Pensando bem, fizemos bem em confessar.

- É possível.

- Crainquebille, tenho uma boa notícia a lhe dar. Uma pessoa caridosa, que interessei a seu favor, entregou-me a quantia de cinqüenta francos, que será destinada ao pagamento da multa à qual você foi condenado.

- Então quando o senhor vai me dar os cinqüenta francos?

- Eles serão depositados em cartório. Não se preocupe.

- Dá na mesma. Agradeço assim mesmo a essa pessoa. E Crainquebille, meditativo, murmurou:

- Não é normal o que está acontecendo comigo.

- Não exagere, Crainquebille. Seu caso não é raro, longe disso.

- O senhor não poderia me dizer onde foi que eles me enfiaram o meu carrinho?

VI

CRAINQUEBILLE ENFRENTA O PÚBLICO

Crainquebille, tendo saído da prisão, empurrava seu carrinho pela rua Montmartre, gritando: Repolhos, nabos, cenouras! Não tinha nem orgulho nem vergonha de sua aventura. Não guardava dela uma recordação dolorosa. Aquilo tinha, em seu espírito, algo de teatro, de viagem e de sonho. Estava principalmente contente por andar no barro, sobre o chão da cidade, e de ver sobre sua cabeça o céu cheio d'água e sujo como a valeta, o bom céu de sua cidade. Parava em todas as esquinas para tomar um trago, e então,

livre e feliz, tendo cuspidado nas mãos para lubrificar-lhes a palma calejada, empunhava os braços de seu carrinho e o empurrava, enquanto diante dele os pardais, como ele matinais e pobres, que buscavam a vida nas calçadas, levantavam vôo em grupo com seu grito familiar: Repolhos, nabos, cenouras! Uma velha dona-de-casa, que tinha se aproximado, dizia-lhe apalpando os aipos:

- Mas o que aconteceu, senhor Crainquebille? Há três semanas que ninguém o via. O senhor esteve doente? Está um pouco pálido.

- Vou lhe contar, dona Mailloche, fiquei vivendo de rendas.

Nada mudou em sua vida, a não ser que ele ia à taberna com mais freqüência do que de costume, porque ficou com a idéia de que é festa e que conheceu pessoas caridosas. Ele volta um pouco alegre para seu quartinho. Deitado na cama, puxa sobre si os sacos que lhe emprestou o vendedor de castanhas da esquina e que lhe servem de cobertor, e pensa: "Na prisão ninguém tem do que se queixar, a gente tem tudo o que precisa. Mas de qualquer jeito a gente está melhor em casa."

Sua alegria durou pouco. Ele logo percebeu que as clientes lhe fechavam a cara.

- Aipos bonitos, dona Cointreau!

- Não preciso de nada.

- Como a senhora não precisa de nada? A senhora afinal não vive de brisa.

E a dona Cointreau, sem lhe dar resposta, voltara orgulhosamente para dentro da grande padaria na qual era a patroa. As comerciantes e as porteiras, antes assíduas ao redor de seu carro verdejante e florido, agora se desviavam dele. Chegando à sapataria do UAnge Gardien, que é o ponto onde começaram suas aventuras judiciárias, ele chamou:

- Dona Bayard, dona Bayard, a senhora me deve 15 tostões do outro dia. Mas a dona Bayard, que estava no balcão, não se dignou a virar a cabeça.

Toda a rua Montmartre sabia que o "pai" Crainquebille saía da prisão, e toda a rua Montmartre não o conhecia mais. O rumor de sua condenação tinha chegado até o subúrbio e à tumultuada esquina da rua Richer. Ali, cerca de meio-dia, ele viu a Sra. Laura, sua boa e fiel cliente, inclinada sobre o carrinho do garoto Martin. Ela apalpava um grande repolho. E o garoto Martin, um Zé-mané, um pedaço de asno, lhe jurava, a mão no coração, que não havia mercadoria mais bonita do que a sua. Diante deste espetáculo, o coração de Crainquebille se partiu. Ele empurrou sua carroça para cima da do garoto Martin e disse à Sra. Laura, numa voz chorosa e alquebrada:

- Não é bonito me trair desse jeito.

A Sra. Laura, como ela mesma reconhecia, não era uma duquesa. Não tinha sido na alta sociedade que ela ficara sabendo a respeito do camburão e do Depósito. Mas a gente pode ser honesta em todos os estados, não é? Cada um tem seu amor-próprio e pode-se não gostar de ter que lidar com um indivíduo que saiu da prisão. E ela então não respondeu a Crainquebille a não ser com um gesto de nojo. E o velho vendedor ambulante, magoado com a afronta, berrou:

- Vigarista! Vá ... !

A Sra. Laura deixou cair sua couve e exclamou:

- He! Vá você, cavalgadura velha! Isso aí sai da prisão e vem insultar as pessoas! Crainquebille, se tivesse sangue-frio, nunca teria censurado à Sra. Laura a sua

maneira de ser. Ele sabia bem demais que a gente não faz o que quer na vida, que a gente não escolhe sua profissão e que há gente boa em toda parte. Ele tinha o hábito de ignorar sabiamente o que faziam em casa as clientes e não desprezava quem quer que fosse. Mas estava fora de si. Chamou por três vezes a Sra. Laura de vigarista, de bisca e de rameira. Um círculo de curiosos formou-se ao redor da Sra. Laura e de Crainquebille, que trocaram ainda várias ofensas tão solenes quanto as primeiras e que teriam desfiado todo o seu rosário se um guarda subitamente aparecido

não os houvesse, por seu silêncio e sua imobilidade, tornado tão mudos e imóveis quanto ele. Separaram-se. Mas aquela cena acabou de arruinar Crainquebille no espírito do subúrbio de Montmartre e da rua Richer.

VII

AS CONSEQÜÊNCIAS

E o velho ia resmungando:

- Pois claro que é uma piranha. E não tem mesmo ninguém mais piranha do que essa mulher aí.

Mas no fundo de seu coração não era disto que ele a censurava. Não a desprezava por ser o que era. Ele até a estimava, sabendo-a econômica e organizada. Antigamente, os dois conversavam à vontade. Ela lhe falava de seus pais que moravam no campo. E formulavam ambos o mesmo desejo de cultivar um jardimzinho e criar galinhas. Era uma boa freguesa. Ao vê-la comprar repolhos com o garoto Martin, um pedaço de asno, um Zé-mané, ele tinha levado um soco no estômago. E, quando a viu fazendo cara de desprezo para ele, o sangue subiu à cabeça e ... Caramba!

O pior é que ela não era a única a tratá-lo como um leproso. Ninguém mais parecia conhecê-lo. Bem igual à Sra. Laura, a padeira Sra. Cointreau e a Sra. Bayard do L'Ange Gardien o desprezavam e o desconheciam. Toda a sociedade, ora.

Então! Porque se tinha sido posto no xadrez por quinze dias, então não se era bom nem mais para vender alhos-porós! Isso era justo? Fazia sentido deixar morrer de fome um homem direito porque ele tinha tido problemas com os tiras? Se ele não podia mais vender seus legumes, só faltava morrer.

Como o vinho maltratado, ele ficava azedo. Depois de ter "trocado umas palavras" com a Sra. Laura, agora ele as trocava com todo o mundo. Por um nada, ele dizia umas verdades às freguesas. E sem papas na língua, acreditem. Se elas apalpassem um pouco demais a mercadoria, ele as chamava simplesmente de

resmungonas e miseráveis. Do mesmo modo na taberna, ele xingava os camaradas. Seu amigo vendedor de castanhas, que não mais o reconhecia, declarava que aquele bendito "pai" Crainquebille era um verdadeiro porco-espinho. Não se pode negar: tornara-se inconveniente, de maus bofes, grosseirão, mal-humorado. É que, achando a sociedade imperfeita, ele tinha menos facilidade do que um professor da Escola de Ciências Morais e Políticas para expressar suas idéias a respeito dos vícios do sistema e das necessárias reformas, e que seus pensamentos não se desenrolavam em sua cabeça com ordem e medida.

A infelicidade o tornava injusto. Ele se vingava naqueles que não o queriam mal e às vezes nos mais fracos que ele. Uma vez, deu uma bofetada em Alphonse, o menino do vendedor de vinho, que lhe tinha perguntado se o xadrez era bom. Ele o esbofeteou e disse:

- Garoto nojento! Teu pai é que deveria estar no xadrez em vez de enriquecer vendendo veneno.

Ato e palavras que não eram dignos dele, pois, como justamente o fez ver o vendedor de castanhas, não se deve bater numa criança, nem lhe censurar o pai, que ela não havia escol hido.

Tinha começado a beber. Menos dinheiro ganhava, mais aguardente bebia. Outrora econômico e sóbrio, ele mesmo se maravilhava com aquela mudança.

- Nunca fui criador de casos, dizia. Dá pra acreditar que a gente fica menos razoável quando envelhece.

Às vezes, julgava severamente seus excessos e sua preguiça:

- Meu velho Crainquebille, você agora só serve mesmo para conversar com a garrafa.

Às vezes, enganava a si mesmo e se convencia de que bebia por necessidade:

- É preciso assim, de tempos em tempos, que eu tome um trago para me dar forças e para me refrescar. Claro que eu tenho alguma coisa queimada por dentro. E não tem nada como a bebida para esfriar.

Freqüentemente lhe acontecia perder a chamada matinal do mercado e ele só conseguia mercadoria avariada, que lhe vendiam a crédito. Um dia, sentindo as pernas moles e o coração cansado, deixou sua carriola na cocheira e passou todo o santo dia rondando o balcão da dona Rosa, a tripeira, e todos os bares dos Halles. À noite, sentado sobre um cesto, pensou e teve consciência de sua decadência. Lembrou-se de sua força antiga e de seus antigos trabalhos, suas longas fadigas e seus ganhos felizes, seus dias incontáveis, iguais e completos; a caminhada, à noite, no mercado dos Halles, esperando a chamada; os legumes apanhados a braçadas e arrumados com arte no carrinho, o café preto da mãe Teodora tomado quente num gole só, o pé na estrada, os braços da carriola solidamente empunhados. Seu grito, vigoroso como o canto do galo, cortando o ar matinal, sua ida pelas ruas populosas, toda a sua vida inocente e rude de cavalo humano que, durante meio século, levou, sobre seu balcão rolante, aos cidadãos murchos por vigílias e preocupações, a colheita fresca dos pomares e hortas. E, sacudindo a cabeça, ele suspirou:

- Não! Não tenho mais a coragem que tinha. Estou acabado. Tantas vezes vai o cântaro à fonte até que se quebra ... E depois, desde o meu caso na justiça, eu não tenho mais o mesmo espírito. Não sou mais o mesmo homem, ora!

Enfim, estava desmoralizado. Um homem nesse estado, vale dizer que é um homem no chão e incapaz de se reerguer. Todas as pessoas que passam pisam nele.

VIII

AS ÚLTIMAS CONSEQÜÊNCIAS

Veio a miséria, a negra miséria. O velho vendedor ambulante, que trazia outrora do subúrbio de Montmartre a bolsa cheia de moedas de cem tostões, agora não tinha mais um níquel. Era inverno. Expulso de seu quartinho, dormia sob as charretes, numa

cocheira. As chuvas tendo caído durante vinte e quatro dias, os esgotos transbordaram e a cocheira foi inundada.

De cócoras sobre seu carrinho, acima das águas envenenadas, na companhia das aranhas, dos ratos e dos gatos famintos, ele pensava no escuro. Nada tendo comido no dia e não tendo mais para se cobrir os sacos do vendedor de castanhas, ele se lembrou das duas semanas durante as quais o governo lhe dera do que viver e se cobrir. Invejou a sorte dos prisioneiros, que não sofrem frio ou fome, e teve uma idéia:

- Se eu conheço o truque, por que não me serviria dele?

Levantou-se e saiu para a rua. Passava pouco das onze horas. Fazia um tempo desagradável e sombrio. Caía uma bruma, mais fria e mais penetrante do que a chuva. Raros transeuntes se colavam aos muros.

Crainquebille caminhou ao longo da igreja de Santo Eustáquio e virou na rua Montmartre. Estava deserta. Um guardião da paz estava plantado sobre a calçada, defronte a igreja, sob um lampião a gás, e se podia ver, ao redor da chama, cair uma chuvinha gelada. O guarda a recebia sobre seu capuz, ele tinha o ar transido, mas seja porque preferia a luz à sombra, seja porque estivesse cansado de andar, continuava sob seu lampião e talvez fizesse dele um companheiro, um amigo. Aquela chama trêmula era seu único interlocutor na noite solitária. Sua imobilidade não parecia muito humana. O reflexo de suas botas na calçada molhada, que parecia um lago, prolongava-o interiormente e lhe dava, de longe, o aspecto de um monstro anfíbio, semi-saído das águas. De mais perto, encapuzado e armado, ele tinha o ar monacal e militar. Os traços duros, ainda mais endurecidos pela sombra do capuz, eram pacíficos e tristes. Ele tinha um bigode cerrado, curto e cinzento. Era um velho sargento, um homem de uns quarenta anos.

Crainquebille aproximou-se devagar dele e, com voz hesitante e fraca, lhe disse:

- Abaixo os tiras!

E então ele esperou o efeito desta frase consagrada. Mas ela não foi seguida por efeito algum. O sargento continuou imóvel e mudo, os braços cruzados sob seu casaco curto. Seus olhos, arregalados e que brilhavam no escuro, olhavam para Crainquebille com tristeza, vigilância e desprezo.

Crainquebille, espantado, mas mantendo ainda um resto de resolução, balbuciou:

- "Abaixo os tiras!", foi o que eu lhe disse.

Houve um longo silêncio durante o qual caía a chuva fina e gelada e reinava a escuridão glacial. Enfim, o sargento falou:

- Isto não se diz... Com certeza, isto não é coisa que se diga. Na sua idade, deveria saber melhor das coisas. . . Vá em frente.

- Por que o senhor não me prende?, perguntou Crainquebille. O sargento sacudiu a cabeça sob seu capuz úmido:

- Se fosse preciso prender todos os bêbados que dizem o que não se diz, haveria muito que fazer. .. E de que adiantaria?

Crainquebille, arrasado por este desdém magnânimo, ficou por muito tempo idiotizado e mudo, os pés na valeta. Antes de partir, ele tentou se explicar:

- Não foi para o senhor que eu disse "Abaixo os tiras!" Não foi mais para um do que para o outro que eu disse. Foi para uma idéia.

O sargento respondeu com austera doçura:

- Seja para uma idéia ou para outra coisa, não era para dizer, porque quando um homem cumpre seu dever e agüenta muito sofrimento, não se deve insultá-lo com palavras fúteis. Eu torno a lhe pedir que siga o seu caminho.

Crainquebille, cabeça baixa e braços pendentes, mergulhou na escuridão sob a chuva.

Tradução de Celina Portocarrero

27. DIANTE DA LEI

FRANZ KAFKA (1883-1924 | Checoslováquia)

Na dicotomia crime-e-castigo, a obra de Kafka, de América, passando por A Metamorfose, por seu Diário e por seus muitos contos e alegorias, se até ao item "castigo", ou seja, a ênfase fica na culpa e na predestinação do pecado original judaico-cristão que estaria presente nas nossas vidas desde o nosso nascimento: somos todos culpados. Poucos escritores, modernos ou não, se utilizaram da alegoria como Kafka. (Alegoria? "Metáfora continuada com significado diverso daquele diretamente enunciado" -segundo o Koogan-Houaiss.) Boa mostra disso é a sua famosa Diante da Lei, que ele desenvolveria numa de suas obras-primas: O Processo.

Diante da Lei vê-se um guardião. Chega um homem do campo e pede a ele para entrar na Lei. Mas o guardião diz-lhe que, por enquanto, não tem como autorizá-lo a entrar. O homem pensa um pouco e pergunta depois se poderá entrar mais tarde.

- É possível - responde o guardião. - Mas não agora.

O guardião afasta-se então da porta da Lei, aberta como sempre, e o homem curva-se para dar uma olhada lá para dentro. Ao vê-lo assim, o guardião ri e diz a ele:

- Se isso tanto lhe atrai, experimente entrar, apesar da minha proibição. Mas repare só: sou forte. E mesmo que eu seja o último dos guardiões. De sala para sala, guardas cada vez mais fortes estão de prontidão, de tal maneira que não consigo sequer agüentar o olhar do terceiro depois de mim.

O homem do campo não esperava tanta dificuldade assim; a Lei haveria de ser acessível a todos e sempre, pensou ele; mas ao olhar o guardião enrolado no seu casaco forrado de pele, o nariz agudo, a barba à maneira tártara, longa, fina e negra, preferiu

aguardar até que lhe fosse concedida licença para entrar. O guardião deu-lhe um banquinho e mandou que se sentasse ao pé da porta, um pouco de lado. Ali ficou ele dias e anos. Fez diversas diligências para entrar e com as suas súplicas acabou cansando o guardião. Que lhe fazia de vez em quando pequenos interrogatórios, perguntava-lhe pela pátria e por muitas outras coisas, mas eram perguntas lançadas com um tom de indiferença, como fazem os grandes senhores; no fim acabava sempre dizendo que ainda não podia deixá-lo entrar. O homem, que bem se provera para a viagem, empregava todos os meios custosos para subornar o guardião. Ele tudo aceitava, mas dizia sempre:

- Só aceito para que você se convença de que não deixou de fazer alguma coisa.

Durante anos seguidos, quase que sem interrupção, o homem observa o guardião. Esquece os demais e aquele só se lhe parece o único obstáculo à sua entrada na Lei. Nos primeiros anos maldiz a sua sorte em alto e bom som; depois, à medida que ia envelhecendo, limitava-se a resmungar com os seus botões. Tornase infantil, e como, depois de tanto examinar o guardião durante aqueles anos todos lhe conhece até as pulgas do casaco de pele que ele veste, pede também às pulgas que o ajudem a demover o guardião. Finalmente, se enfraquece-lhe a vista e acaba por não saber se está escuro à sua volta ou se são os olhos que o enganam. Mas ainda percebe no meio da escuridão um clarão que ternamente cintila por sobre a porta da Lei. Agora é a morte que se aproxima. Antes morrer - e acumulam-se na sua cabeça as experiências de tantos anos que vão culminar numa pergunta que ainda não fizera ao guardião. Acena-lhe num gesto de mão, pois não conseguia mais mover seu corpo já arrefecido. O guarda da porta precisa se inclinar bem baixo porque a diferença de alturas se acentuara ainda mais em detrimento do homenzi-nho do campo.

- Que deseja você saber ainda? - pergunta o guardião. - Você é mesmo insaciável.

- Se todos aspiram à Lei - disse o homem -, como é que, durante todos estes anos, ninguém mais, a não ser eu, pediu para entrar?

O guardião, notando que o homem está no fim, grita-lhe ao ouvido quase inerte:

- Aqui ninguém mais, senão você, podia entrar, porque só para você era feita esta porta. Agora vou-me embora e posso fechá-la.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

28. UM FRATRICÍDIO

FRANZ KAFKA

A leitura de qualquer texto deste que é um dos três ou quatro maiores escritores do século XX pede uma disposição de leitura aberta, tal a sua riqueza e complexidade, embora sua linguagem nada tenha de "vanguarda" e seja na realidade simples. Este Um Fratricídio, com seu ponto de partida bíblico, é um dos raríssimos textos de Kafka em que, mais do que o castigo, o crime é abordado: o crime de Caim e Abel revisitado.

As evidências mostram que o crime foi cometido da seguinte maneira:

Schmar, o assassino, tomou seu lugar perto das nove horas de uma noite de luar

na esquina onde Wese, sua vítima, ia virar da rua onde ficava seu escritório para a rua onde ele vivia.

O ar da noite espalhava o frio. Mesmo assim, Schmar vestia apenas uma roupa azul leve; a jaqueta estava desabotoada, ainda por cima. Ele não sentia frio; além disso, ele se movimentava o tempo todo. Sua arma, metade uma baioneta e metade uma faca de cozinha, restava firme na sua mão, quase nua. Ele olhou para a faca contra a luz da lua; a lâmina brilhou; não tanto para Schmar; ele pressionou-a contra o tijolo da parede e as faíscas brilharam; talvez tenha se arrependido disso; e para remendar seu gesto deslizou-a como um arco de violino contra a sola da bota, inclinando-se para frente, ficando numa perna só, e ouviu tanto o afiar da faca na sua bota quanto qualquer ruído vindo daquele lado da rua.

Por que Pa lias, o cidadão que estava olhando tudo da janela próxima do segundo andar, permitiu que aquilo acontecesse?

Enigmáticos são os mistérios do ser humano! Com seu colarinho fora de lugar, o cinto da camisola em volta do seu corpo arredondado, ficou olhando para baixo, balançando a cabeça.

E cinco casas além dali, no lado oposto da rua, a Sra. Wese, com um casaco de pele de raposa por sobre a roupa de dormir, espichou o pescoço para ver se seu marido chegava, pois ele estava atrasado naquela noite.

Finalmente soou o apito no escritório de Wese, alto demais para um apito, sobre a cidade e nos céus, e Wese, o dedicado trabalhador noturno, saiu do prédio, invisível ainda naquela rua, apenas anunciado pelo som do apito; de repente o andar registrou seus passos tranquilos.

Palias debruçou-se mais para fora; ele nem pensava em perder um movimento. A Sra. Wese, animada pelo apito, fechou sua janela com um estrondo. Mas Schmar se ajoelhou; por ter todo o resto do corpo coberto, pressionou apenas seu rosto e suas mãos contra a parede; enquanto tudo o mais ficava gelado, Schmar se acendia de calor.

Bem na esquina que dividia as duas ruas, Wese fazia uma pausa, apenas sua bengala parecia vir da outra rua, apoiando-o. Um frêmito súbito. O céu da noite convidava-o, com sua escuridão azul e dourada. Sem saber, ele fixou os olhos no céu, sem querer levantou o chapéu e mexeu nos cabelos; nada lá em cima uniu-se em algum padrão de sinalização que interpretasse o futuro para ele; tudo permanecia no seu lugar inescrutável e sem sentido. Em si mesmo, era uma ação razoável que Wese continuasse caminhando em direção à faca de Schmar.

"Wese!", gritou Schmar, ficando na ponta dos pés, seu braço se mexendo, a faca ríspidamente abaixada, "Wese! Você nunca mais vai ver Júlia!" E o braço direito na garganta e outra vez na garganta e uma terceira vez enfiando na barriga a faca de Schmar fez sua trajetória. Líquido jorrou, ferida aberta, originando o som emitindo por Wese.

"Feito", disse Schmar, e esfregou a faca, agora uma lâmina supérflua e pingando sangue, contra a parede mais próxima. "A felicidade do assassinato! O alívio, o êxtase que cresce do jorro do sangue alheio! Wese, velho pássaro noturno, amigo, colega de botequim, você está se desvanecendo no escuro do chão desta rua. Por que não é você apenas uma poça de sangue de modo que eu poderia pisar em você e fazer com que você desaparecesse no vazio? Nem tudo que queremos se transforma em realidade, nem todos os sonhos que florescem se transformam em frutos, sua solidez paira aqui já indiferente a um simples chute. Qual o sentido da tola pergunta que você me faz?"

Palias, chocado, abriu a porta dupla de sua casa e ali ficou à espera. "Schmar! Schmar! Eu vi tudo, não perdi nada." Palias e Schmar se examinaram mutuamente com os olhos. O resultado da sondagem deixou Palias satisfeito e Schmar não chegou a nenhuma conclusão.

A Sra. Wese, com um bando de gente à sua volta, apareceu correndo, seu rosto envelheceu consideravelmente com o choque. Seu casaco de pele aberto balançava, ela desmaiou em cima de Wese, o corpo jogado na noite que pertencia a Wese, o casaco de pele espalhado por cima do casal como as macias flores de uma tumba que pertence à multidão.

Schmar, lutando com dificuldade contra sua própria náusea, pressionou a boca contra o ombro do agente de polícia que, se desviando levemente dele, deixou-o escapar.

Tradução de Flávio Moreira da Costa

29. O ÚLTIMO JULGAMENTO

KAREL CAPEK (1890-1938 | Checoslováquia)

Escritor de histórias fantásticas, e pioneiro da ficção científica com A Guerra das Salamandras e a peça R.U.R. - que teve a força de incluir a palavra robô, inventada literariamente por ele, em todas as línguas do mundo -, Karel Capek também esteve (está) presente em Os Cem Melhores Contos de Humor... Aqui ele lida com a culpa judaico-cristã (tema central de outro tcheco, Kafka em tom de parábola/alegoria de fundo crime-e-castigo).

O notório multimatador Kugler, perseguido por vários mandatos e todo um exército de policiais e detetives, jurou que jamais seria pego. E não o foi por eles - pelo menos enquanto vivo. A última das suas nove façanhas assassinas foi atirar num policial que tentou prendê-lo. O policial na realidade morreu, porém não antes de enfiar um total de sete balas em Kugler. Dessas sete, três foram fatais. A morte de Kugler chegou tão rapidamente que ele não sentiu dor. E assim pareceu que Kugler escapara da justiça terrena.

Quando a sua alma abandonou o corpo, deveria se ter surpreendido com a visão do próximo mundo - um mundo além do espaço, cinza e infinitamente desolado - mas isso não aconteceu. Um homem que estivera preso em dois continentes olha para a próxima vida meramente com um novo ambiente. Kugler esperava lutar nele, equipado apenas com um pouco de coragem, como fizera no mundo anterior.

No seu tempo, o inevitável Último Julgamento acercou-se de Kugler.

Estando o céu eternamente em estado de emergência, Kugler foi levado diante de uma corte especial de três juízes, e não, como sua conduta prévia teria normalmente merecido, diante de um júri. A

sala da corte era mobiliada com simplicidade, quase como as salas de corte na Terra, com apenas uma exceção: não havia espaço para testemunhas juramentadas. No seu devido tempo, contudo, o motivo disso se tornará aparente.

Os juizes eram velhos e valorosos jurisconsultos, com faces austeras e enfatiadas. Kugler cumpriu com as usuais e tediosas formalidades: Ferdinand Kugler, desempregado, nascido em tal e tal data, morto... neste ponto ficou demonstrado que Kugler não sabia a data da sua própria morte. Imediatamente ele concluiu que esta parecia uma omissão prejudicial aos olhos dos juizes; seu espirito de cooperação esmoreceu.

- O senhor se declara culpado ou inocente? - perguntou o juiz-presidente.

- Inocente - disse Kugler obstinadamente.

- Tragam a primeira testemunha - suspirou o juiz.

Na direção oposta a Kugler apareceu um cavalheiro extraordinário, de porte majestoso, de barba, e vestido com um manto azul salpicado de estrelas douradas.

À sua entrada os juizes se ergueram. Até Kugler levantou-se, relutante mas fascinado. Apenas quando o velho cavalheiro sentou-se é que os juizes novamente se acomodaram.

- Testemunha - iniciou o juiz-presidente -, Deus Onisciente, esta corte O convocou a fim de ouvir o Seu testemunho no caso contra Kugler, Ferdinand. Como o Senhor é a Verdade Suprema, o Senhor não precisa prestar juramento. Contudo, no interesse do processo, nós Lhe pedimos que se atenha ao assunto em questão, mais do que dispersar-Se em detalhes - a não ser que tenham relação com o caso.

- E você, Kugler, não interrompa a Testemunha. Ela sabe tudo, portanto não adianta negar nada. E agora, Testemunha, por favor queira começar.

Dito isso, o juiz-presidente tirou os óculos e inclinou-se confortavelmente sobre o balcão à sua frente, evidentemente

preparando-se para um longo discurso da Testemunha. O mais velho dos três juízes aninhou-se, dormindo. O anjo escrivão abriu o Livro da Vida.

Deus, a Testemunha, tossiu levemente e iniciou:

- Sim. Kugler, Ferdinand. Ferdinand Kugler, filho de um operário de fábrica, foi uma criança má, intratável, desde os seus primeiros dias. Amava à sua mãe ternamente, mas era incapaz de demonstrá-lo; isto o tornou rebelde e hostil. Jovem, você brigava com todo mundo. Lembra-se de como você segurou seu pai na marra quando ele tentou espancá-lo? Você havia roubado uma rosa do jardim do tabelião.

- A rosa era para Irma, a filha do coletor de impostos - disse Kugler.

- Eu sei - disse Deus. - Irma tinha sete anos de idade naquela época. Soube alguma coisa do que aconteceu com ela?

- Não, não soube.

- Ela se casou com Oscar, o filho do dono da fábrica. Mas ela contraiu uma doença venérea dele e morreu de um aborto. Você se lembra de Rudy Zaruba?

- O que aconteceu com ele?

- Ora, ele entrou para a Marinha e morreu acidentalmente em Bombaim. Vocês dois eram os piores meninos de toda a cidade. Kugler, Ferdinand, tornou-se um ladrão antes dos seus dez anos de idade e um inveterado mentiroso. Andava em má companhia, também: o velho Gribble, por exemplo, um beberrão e um vadio, que vivia de esmolas. Entretanto, Kugler partilhou muitas de suas próprias refeições com Gribble.

O juiz-presidente acenou com a mão, como se muito daquilo fosse talvez desnecessário, mas o próprio Kugler perguntou, hesitantemente:

- E... o que aconteceu com a filha dele?

- Mary? - perguntou Deus. - Ela decaiu consideravelmente. Aos seus catorze anos, ela se casou. No seu vigésimo ano ela morreu,

lembrando-se de você na sua agonia. Por volta dos seus catorze anos, você mesmo era quase um beberrão e fugia freqüentemente de casa. A morte de seu pai veio por tristeza e preocupação; os olhos de sua mãe se esvaíram de tanto chorar. Você trouxe desonra para o seu lar e sua irmã, sua bonita irmã Martha, nunca se casou. Nenhum jovem iria chegar-se à casa de um ladrão. Ela ainda vive sozinha, na pobreza, costurando até tarde, toda a noite. A mesquinhez a exauriu, e os clientes condescendentes feriram o seu orgulho.

- O que ela está fazendo neste momento?

- Neste exato minuto ela está comprando linha no Wolfe. Lembra dessa loja? Certa vez, quando você tinha seis anos, você comprou lá uma bola de gude de vidro, colorida. Naquele mesmo dia você a perdeu e nunca, nunca a encontrou. Lembra como você chorou de raiva?

- O que aconteceu com ela? - Kugler perguntou com ansiedade.

- Bem, ela rolou pela vala e sob o bueiro. Na realidade, ela ainda está lá, após trinta anos. Neste momento está chovendo na terra e a sua bola de gude está estremecendo na corrente de água fria.

Kugler curvou a cabeça, surpreendido com esta revelação.

Mas o juiz-presidente ajustou os óculos no nariz e disse suavemente:

- Testemunha, somos obrigados a continuar com o caso. O acusado cometeu assassinato?

Aqui a Testemunha acenou que sim com a cabeça.

- Assassinou nove pessoas. A primeira ele matou numa briga, e foi durante o período de prisão por este crime que ele foi totalmente corrompido. A segunda vítima foi sua infiel namorada. Por isto ele foi sentenciado à morte, mas fugiu. A terceira foi um velho a quem roubou. A quarta foi um vigia noturno.

- Então ele morreu? - perguntou Kugler.

- Morreu após três dias em dores terríveis - disse Deus. - E deixou atrás dele seis crianças. A quinta e a sexta vítima foram um

velho casal. Ele os matou com um machado e achou apenas dezesseis dólares, embora eles tivessem vinte mil escondidos.

Kugler pulou.

- Aonde?

- No colchão de palha - disse Deus. - Em um saco de linho dentro do colchão. Foi lá que esconderam todo o dinheiro obtido da avarizia e da mesquinhez. O sétimo homem ele matou na América; um seu conterrâneo, um imigrante desnordeado e sem amigos.

- Então estava no colchão - sussurrou Kugler com espanto.

- Sim - continuou Deus. - O oitavo homem foi meramente um passante que calhou estar no caminho de Kugler quando este estava tentando escapar da polícia. Naquela época Kugler tinha inflamação óssea e andava em delírio por causa da dor. Jovem, você sofreu terrivelmente. O nono e último foi o policial que matou Kugler exatamente quando Kugler atirou nele.

- E por que o acusado cometeu assassinato? - perguntou o juiz-presidente.

- Pelas mesmas razões que outros o fizeram - responde Deus. - Por raiva ou por desejo de dinheiro; tanto deliberadamente quanto acidentalmente - alguns com prazer, outros por necessidade. Contudo, ele era generoso e freqüentemente ajudava. Era bom com as mulheres, gentil com os animais e mantinha a sua palavra. Devo Eu mencionar suas boas ações?

- Obrigado - disse o juiz-presidente -, mas não é necessário. O acusado tem algo a dizer em sua própria defesa?

- Não - replicou Kugler com honesta indiferença.

- Os juízes desta corte vão agora levar a questão à deliberação - declarou o juiz-presidente, e os três juízes se retiraram.

Apenas Deus e Kugler permaneceram na sala da corte.

- Quem são eles? - perguntou Kugler, indicando com a cabeça os homens que haviam saído.

- Gente como você - respondeu Deus. - Eles foram juízes na terra, então são juízes também aqui.

Kugler mordiscava as pontas dos dedos.

- Eu esperava... quero dizer, eu nunca realmente pensei sobre isto. Mas eu achava que o Senhor julgaria, uma vez que...

- Uma vez que sou Deus - completou o Imponente Cavalheiro. - Mas é exatamente isto, percebe? Como eu sei tudo, eu não posso julgar. Não resolveria de maneira nenhuma. A propósito, você sabe quem o entregou desta vez?

- Não, não sei - disse Kugler, surpreso.

- Lucky, a garçonete. Ela o fez por ciúme.

- Desculpe - ousou Kugler -, mas o Senhor esqueceu daquele imprestável do Teddy, que baleei em Chicago.

- De forma alguma - disse Deus. - Ele se recuperou e está vivo neste mesmo minuto. Eu sei que ele é um informante, mas não fosse isso ele seria um homem muito bom e que gosta muitíssimo de crianças. Você não deveria pensar que há alguma pessoa completamente sem valor.

- Mas eu ainda não entendo por que não é o Senhor o juiz - disse Kugler pensativamente.

- Porque o meu conhecimento é infinito. Se os juízes soubessem tudo, absolutamente tudo, então também compreenderiam tudo. Seus corações iriam doer. Não poderiam sentar para julgar - e nem poderia Eu. Assim como é, eles sabem apenas sobre os seus crimes. Eu sei tudo sobre você. O Kugler por inteiro. E é por isso que não posso julgar.

- Mas por que estão eles julgando. .. as mesmas pessoas que eram juízes na terra?

- Porque o homem pertence ao homem. Como vê, Eu sou apenas a testemunha. Mas o veredicto é determinado pelo homem, mesmo no céu. acredite-me, Kugler, esta é a maneira que deveria ser. O homem não é merecedor do julgamento divino. Ele merece ser julgado apenas por outros homens.

Naquele momento os três retornaram da sua deliberação. Num tom pesado o juiz-presidente anunciou:

- Por repetidos crimes de assassinato em primeiro grau, homicídio culposo, roubo, desrespeito à lei, porte ilegal de armas, e pelo roubo de uma rosa: Kugler, Ferdinand, é sentenciado à punição por toda a vida no inferno. A sentença começa imediatamente.

"Próximo caso, por favor: Torrance, Frank. O acusado está presente na corte?"

Tradução de Fani Baratz

MISTÉRIO E SOBRENATURAL

30. O SINALEIRO

CHARLES DICKENS (1812-1870 | Inglaterra)

"Cada época sepulta uns tantos autores. E a nossa enterrou Dickens." Foi o que escreveu Nelson Rodrigues numa crônica de 1968, lamentando o esquecimento do romancista de Oliver Twist, David Copperfield, o escritor inglês mais lido no mundo, com a exceção talvez de Sir Walter Scott - aliás, outro esquecido. O Sinaleiro pertence a uma zona nebulosa, ou intermediária, entre o conto de terror, ou sobrenatural, e o conto policial, que mal se iniciava na sua época. Aliás, é possível que Dickens tenha começado a se interessar pelo romance policial pela influência de seu amigo Wilkie Collins (vide conto seu nesta antologia). Tanto que, ao morrer, deixou sua primeira tentativa no gênero inacabada, O Mistério de Edwin Drood. (E a própria vida, talvez confirmando o autor, se encarregou de dar um ar sobrenatural ao futuro deste romance, que teve várias tentativas de finalização via psicografia (/); inclusive por parte de um operário inculto e espírita que teria recebido o "espírito "do próprio Dickens.)

PARTE I

- Olá! Você aí embaixo!

Quando ouviu a voz que o chamava, estava de pé junto à porta da guarita com sua bandeirola enrolada na mão. Parecia impossível, dada a natureza do terreno, que houvesse alguma dúvida quanto à origem da voz que o chamava, mas ao invés de olhar para cima, onde eu estava no alto do corte íngreme do barranco quase sobre sua cabeça, o homem olhou estrada abaixo pelos trilhos. Havia naquilo algo de inusitado que me chamou a atenção, embora não conseguisse, mesmo querendo, determinar o que era. Mas sei que alguma coisa havia, pois me chamou a atenção, apesar de sua

figura pouco visível e sombreada, lá embaixo no fundo do escavado, e da minha posição sobre ele, tão a pique no brilho forte do sol poente, que fui obrigado a fazer uma sombra sobre os olhos com a mão para conseguir vê-lo.

- Olá! Você aí embaixo!

Afinal, deixou de olhar para os trilhos, virou-se e, levantando os olhos, viu minha figura no alto sobre ele.

- Existe um caminho que eu possa descer para falar com você?

Olhou-me sem responder, e eu o olhei de volta, sem pressioná-lo com uma imediata repetição da pergunta. Naquele momento, senti uma vaga vibração no ar e na terra, que logo se transformou numa pulsação violenta, e senti um deslocamento de ar sob meus

pés, que me fez dar um passo atrás, quase com medo que tivesse força de me sugar. Quando a fumaça, que subira do trem expresso, se dissipava sobre minha cabeça e desaparecia no horizonte, olhei para baixo outra vez e vi o homem enrolando de novo a bandeirinha que acenara à passagem do trem.

Repeti minha pergunta. Depois de uma pausa, durante a qual parecia me examinar com atenção, fez um gesto com a bandeira enrolada mostrando um ponto no alto do barranco a uns duzentos ou trezentos metros de mim. Gritei para ele: "Tudo bem!"; e fui para o ponto indicado, onde, olhando de perto, encontrei a picada que descia em ziguezague.

A descida do barranco era muito íngreme, quase em precipício. Era um corte lamacento na pedra que se tornava cada vez mais molhado à medida que descia. Isto fez o percurso longo o bastante para que eu tivesse tempo de pensar no ar de relutância que o homem tivera ao apontar o caminho.

Quando já descera o bastante para tornar a vê-lo, notei que estava parado entre os trilhos, ali por onde o trem passara minutos atrás, numa posição de espera para me ver aparecer. Estava com a mão esquerda no queixo e o cotovelo apoiado no braço direito cruzado no peito. Sua atitude era de tal atenção e expectativa que me fez parar por um momento, pensativo com a cena.

Retomei minha descida até o nível dos trilhos e, me aproximando dele, percebi que era um homem magro e moreno com uma barba escura e sobrancelhas cerradas. Seu posto era no lugar mais deprimente e solitário que eu já vira. De cada lado, uma parede de pedra úmida e limosa eliminava a possibilidade de qualquer vista a não ser uma faixa estreita de céu acima; numa direção se via apenas a prolongação tortuosa deste grande calabouço, a perspectiva mais curta no outro sentido terminava numa mortiça luz vermelha e no escuro arco de entrada de um túnel negro, em cuja massiva arquitetura havia um ar bárbaro, de tristeza inóspita. Era tão pouco o sol que entrava ali, que o lugar cheirava a terra úmida e a coisa morta; e o vento frio, canalizado entre as paredes, provocou em mim um arrepio gélido e a sensação de haver abandonado o mundo real.

Não se moveu até que eu chegasse tão próximo que poderia tocá-lo com a mão. Sem tirar, nem mesmo então, seus olhos dos meus, deu um passo atrás e levantou o braço.

Aquele era um posto solitário para ocupar (eu disse), chamara minha atenção quando olhara lá de cima. Calculara que seria raro que o visitassem. E minha visita seria uma raridade não de todo mal vinda, eu esperava. Em mim, que ele visse apenas um homem que passara toda a vida limitado em seus movimentos e que, livre afinal, tinha seu interesse despertado para a novidade destes grandes trabalhos. Foi este o teor do que disse, mas não estou seguro dos termos que usei, porque além de minha dificuldade em iniciar uma conversação, havia alguma coisa no homem que me intimidava.

Lançou um estranho olhar na direção da luz vermelha diante da entrada do túnel e a examinou como se faltasse alguma coisa ali, depois olhou para mim.

Aquela luz era uma de suas responsabilidades? Não era assim?

- O senhor já não sabia que era? - respondeu em voz baixa.

Um pensamento monstruoso me veio à mente, enquanto examinava os olhos fixos naquele rosto saturnal, aquele era um

espírito e não um homem. Desde então, várias vezes especulei se não seria um doente mental.

Foi minha vez de dar um passo atrás, mas enquanto o fazia, detectei em seus olhos um medo latente de mim. Isto fez com que desaparecessem meus receios.

- O senhor me olha - eu disse, forçando um sorriso - como se tivesse medo de mim.

- Estava na dúvida - respondeu-me - se já o vi antes.

- Onde?

Apontou para a luz vermelha que olhara antes.

- Ali? - perguntei.

Intensamente atento a meus movimentos (sem um som), ele respondeu:

- Sim.

- Meu bom homem, o que eu estaria fazendo ali? Seja como for, posso assegurar-lhe que nunca estive ali. Pode estar certo disto.

- Acho que não - respondeu. - Estou certo que não.

Seus modos se aliviaram, assim como os meus. Respondia às minhas perguntas com mais facilidade e com palavras bem escolhidas. Tinha muito trabalho ali? Sim, quer dizer, tinha muita responsabilidade; mas precisão e atenção eram tudo que isto exigia. Em matéria de trabalho mesmo, trabalho com as mãos, não havia quase nenhum. A respeito daquelas horas, longas e solitárias, que pareciam me impressionar tanto, tudo que podia dizer era que a rotina de sua vida se amoldara a elas, e acabara se acostumando. Aproveitara o tempo para aprender uma outra língua, se é que podia dizer que a aprendera, já que apenas a lia, tendo formado suas próprias idéias de como se pronunciavam as palavras. Estudara frações e decimais, tentara também um pouco de álgebra, mas, desde garoto, nunca fora bom com números. Era sempre necessário que ficasse ali, naquela corrente de ar úmido. Não podia nas horas livres sair um pouco de entre aquelas paredes e subir lá em cima para pegar um pouco de sol? Bem, isto dependia da época

e das circunstâncias. Em certas ocasiões, havia menos tráfego na linha do que em outras, assim como em certas horas do dia ou da noite. Quando o tempo estava bom, às vezes, escolhia a ocasião para subir um pouco acima das sombras, mas como tinha de estar sempre atento à chamada da campainha elétrica, e nestas horas com redobrada atenção, o alívio não chegava a ser aquele que eu imaginava.

Levou-me até a sua guarita, onde havia um fogo, uma mesa para um livro oficial onde devia fazer certas entradas, um aparelho telegráfico, com seu mostrador e agulhas, e a pequena campainha elétrica de que falara. Quando pedi que me perdoasse notar que ele era um homem instruído e talvez (sem nenhuma ofensa implícita) mais instruído do que seria de se esperar de alguém com seu cargo, observou que casos assim de aparente incongruência não eram raros em grandes corporações, que ouvira dizer que era assim nas fábricas, na polícia, mesmo, naquilo que era para muitos um último e desesperado recurso, no exército; e que sabia ser assim também entre o pessoal de qualquer grande ferrovia. Fora quando jovem (Será que eu acreditaria? Era difícil para ele mesmo acreditar nisto, sentado naquela cabana.) estudante de filosofia e assistira às aulas, mas fora disperso, desperdiçara sua oportunidade, e caíra para não mais se levantar. Não tinha queixas, fizera sua própria cama, e agora se deitava nela. Era muito tarde para fazer outra.

Tudo isto que resumi aqui, ele me disse com seu jeito quieto, com os olhos escuros e graves divididos entre mim e o fogo. Vez ou outra usava a palavra "Senhor", especialmente enquanto falava de sua juventude, como para fazer-me entender que não pretendia ser mais do que aquilo que era. Várias vezes foi interrompido pela pequena campainha elétrica, e teve de ler mensagens e enviar respostas. Por uma vez teve que sair da guarita para acenar com a bandeira para um trem que passava e dizer alguma coisa ao maquinista. No cumprimento de seus deveres, observei que era muito atento e preciso, interrompendo seu discurso no meio de uma palavra e só voltando a falar depois de terminar o que tinha a fazer.

Em uma palavra, diria que este era o mais responsável e seguro dos homens para a função que exercia, não fosse pela circunstância de que duas vezes, enquanto falava comigo, empalideceu de repente olhando para a campainha que não tocara, abrindo a porta da cabana (fechada por causa da umidade) para olhar na direção da luz vermelha junto à entrada do túnel. Nas duas ocasiões, voltou para o fogo com aquele ar inexplicável que eu notara sem ser capaz de definir quando o vira de longe.

Quando me levantei para sair, disse a ele:

- O senhor quase me deixa com a impressão de haver encontrado um homem satisfeito da vida - confesso que disse isto para fazê-lo falar mais.

- Acredito que já fui - respondeu, naquela mesma voz baixa que usara no início -, mas estou confuso, senhor, estou confuso.

Engoliria as palavras se pudesse. Já as dissera, porém, e eu fui rápido em pegá-las.

- Com quê? Qual é seu problema?

- Não é fácil explicar. É muito difícil mesmo falar no assunto. Se o senhor me fizer outra visita, num outro dia, tentarei contar.

- Mas é claro que pretendo fazer outra visita. Quando poderei vir?

- Largo cedo, de manhã, e estarei de volta ao trabalho às dez da noite, amanhã.

- Virei às onze.

Ele me agradeceu e me acompanhou na saída.

- Vou iluminar-lhe o caminho com minha lâmpada - disse na sua voz baixa - até a ladeira no barranco. Quando encontrar o caminho não precisa gritar avisando. Quando chegar lá em cima não precisa gritar se despedindo.

Seus modos faziam que eu sentisse o lugar ainda mais frio, mas disse apenas:

- Tudo bem.

- E quando vier amanhã à noite, não precisa me chamar gritando. Deixe que lhe faça uma última pergunta. Por que gritou para mim: "Olá! Você aí embaixo!" esta noite?

- Sabe Deus por quê! - disse. - Gritei alguma coisa para chamar sua atenção.

- Não foi alguma coisa, senhor. Foram estas exatas palavras. Eu as conheço bem.

- Admitindo que foram estas as palavras que usei, eu as disse provavelmente porque o vi aqui embaixo.

- Por nenhuma outra razão?

- Que outra razão poderia haver?

- O senhor não tem a impressão que lhe foram ditadas de alguma forma sobrenatural?

- Não.

Desejou-me boa noite e iluminou o caminho com sua lâmpada.

Caminhei pelos trilhos com a sensação desagradável de um trem vindo por trás de mim, até encontrar a ladeira. Foi mais fácil subir do que descer, e voltei ao meu hotel sem qualquer aventura.

PARTE II

Pontual ao meu encontro, na noite seguinte, comecei a descer a ladeira enquanto nos relógios ao longe soavam as onze horas. Ele me esperava no fim da íngreme descida com sua lanterna.

- Não chamei por você, como pediu - disse, quando nos aproximamos. - Posso falar agora?

- Claro, senhor. Boa noite - disse, estendendo a mão.

- Boa noite, senhor - disse eu, e apertei-lhe a mão.

Caminhamos lado a lado até a sua guarita, entramos, fechamos a porta e nos sentamos junto ao fogo.

- Tomei uma decisão - começou quase num sussurro, quando nos sentamos - e o senhor não terá de perguntar outra vez o que é que

me perturba. Ontem à noite eu o confundi com outra pessoa e isto me incomoda.

- Este engano?

- Não, o que me perturba é esta outra pessoa com quem o confundi.

- Quem é ela?

- Não sei.

- Parece comigo?

- Não sei, nunca vi seu rosto. Tem o braço esquerdo cobrindo o rosto enquanto acena com o direito. Acena com força. Assim.

Meus olhos viram o movimento de seu braço e era o movimento de alguém gesticulando com veemência: "Pelo amor de Deus, saia do caminho."

- Numa noite de lua - disse o homem - estava sentado aqui quando ouvi uma voz gritar: "Olá! Você aí embaixo!" Levantei-me, olhei pela porta e vi esta pessoa de pé junto à luz vermelha, perto do túnel, gesticulando como lhe mostrei. Sua voz parecia rouca de gritar e dizia: "Cuidado! Cuidado!" E de novo: "Olá! Você aí embaixo! Cuidado! Cuidado!" Peguei minha lanterna, coloquei-a em vermelho e corri para a figura, gritando: "Qual é o problema? Que foi que aconteceu? Onde?" Continuou parado ali, junto à escuridão do túnel. Cheguei tão perto dele que estranhei que continuasse com o braço cobrindo os olhos. Corri direto para ele, e tinha a mão estendida para puxar sua manga, quando ele desapareceu.

- Para dentro do túnel - disse eu.

- Não. Corri para dentro do túnel, quinhentos metros. Parei e levantei a lâmpada acima de minha cabeça, e vi os números que marcavam a distância, e vi a umidade descendo pelas paredes e pingando do arco. Corri de volta ainda mais rápido do que quando entrara (porque sentia um pavor mortal naquele lugar), e procurei por toda parte, com minha própria lanterna vermelha, junto à outra luz vermelha. Subi depois pela escada de ferro até a galeria acima da luz, e corri até aqui para telegrafar para ambas as direções: "Foi

dado um alarme. Qual é o problema?" A resposta veio dos dois lados: "Tudo bem."

Resistindo ao toque de um dedo gelado que lentamente me corria a espinha, mostrei a ele como esta figura deveria ser apenas uma ilusão de ótica, pois se sabia que muitos casos semelhantes eram originados por enfermidades dos delicados nervos que comandam as funções dos olhos, havendo mesmo pessoas que chegaram a ter consciência do mal que as afetava, comprovado por experiências a que elas próprias se submetiam.

- Quanto ao grito imaginário - disse eu -, enquanto falamos baixo, ouça o vento tocando harpa nos fios do telégrafo, dentro deste vale artificial.

Estava tudo muito bem, respondeu, depois de ouvirmos o vento em silêncio por algum tempo, embora eu achasse que sabia alguma coisa sobre o ruído do vento nos fios depois de passar, com frequência, longas noites de inverno ali, sozinho e acordado. Mas gostaria de lembrar que não terminara ainda.

Pedi que me perdoasse. Lentamente continuou sua narrativa, tocando meu braço.

- Seis horas depois da "aparição", aconteceu o famoso acidente nesta linha, e dez horas depois, os mortos e feridos estavam sendo trazidos para o lugar exato onde a figura estivera.

Senti um desagradável arrepio passar por minha pele, mas esforcei-me o melhor que pude para lutar contra ele. Não se podia negar - eu respondi - que se tratava de uma extraordinária coincidência, quase feita de encomenda para impressioná-lo. Mas era um fato inegável que coincidências extraordinárias aconteciam continuamente, e isto devia ser levado em consideração, quando lidamos com casos assim. Embora deva admitir (porque percebi que ele se preparava para levantar este argumento contra minha linha de raciocínio) que pessoas de bom senso não costumam acreditar muito em coincidências.

Outra vez pediu licença para dizer que não havia terminado.

Outra vez me desculpei por interrompê-lo.

- Isto - disse ele, outra vez colocando a mão sobre meu braço, e olhando por sobre o ombro com seus olhos fundos - foi no ano passado. Passados seis ou sete meses, já me havia recuperado da surpresa e do choque, quando uma manhã, ao nascer do sol, olhando da porta na direção daquela luz vermelha, vi outra vez o espectro - disse isto com os olhos fixos em mim.

- Ele gritou?

- Não. Estava em silêncio.

- Acenava com o braço?

- Não, encostava-se no mastro da lâmpada, com as duas mãos sobre o rosto.

Assim.

Outra vez acompanhei a imitação que fazia. Era a postura de alguém chorando a morte de um ente querido. Já vi postura assim em imagens de pedra sobre sepulturas.

- Você foi até onde ele estava.

- Eu entrei e me sentei, em parte para organizar meus pensamentos, em parte porque a visão me deixara tonto. Quando voltei à porta, a luz do dia estava alta sobre mim e o fantasma desaparecera.

- E não aconteceu mais nada?

Tocou-me no braço com o indicador, duas ou três vezes, enquanto com a cabeça acenava que sim.

- Naquele mesmo dia, quando um trem saía do túnel, reparei, através da janela de um dos vagões, uma confusão de cabeças e de mãos, e alguma coisa acenava. Vi isto ainda em tempo de sinalizar para o maquinista: "Pare!" Ele desligou o vapor e freou violentamente, mas o trem arrastou-se por uns cento e cinquenta metros ou mais. Corri atrás dele, e, enquanto corria, ouvi gritos e choros horríveis. Uma linda jovem morrera em um dos compartimentos. Trouxeram-na para cá e a colocaram deitada neste chão entre nós.

Num gesto involuntário, afastei a cadeira enquanto olhava as tábuas do chão que ele apontava, como para si mesmo.

- É verdade, senhor. É verdade. Aconteceu exatamente como estou lhe contando. Não consegui pensar no que dizer, em qualquer sentido, e senti minha boca muito seca. A música do vento nos fios do telégrafo acompanhava a história, como um longo gemido de lamento.

- Agora - ele continuou - preste atenção nisto e julgue o senhor mesmo se tenho ou não razões para sentir-me assim perturbado. Há uma semana, o espectro voltou; e desde então, volta e meia aparece ali.

- Na luz?

- Na luz de perigo.

- Que é que ele faz?

- Parece repetir ainda com mais veemência (se isto fosse possível) a gesticulação com o braço de "Pelo amor de Deus, saia do caminho".

- Não tenho mais paz de espírito - continuou. - Ele me chama por minutos a fio: "Você aí embaixo! Cuidado! Cuidado!" Fica ali acenando para mim. Faz soar minha campainha elétrica.

- Ele tocou a campainha, ontem à noite, quando eu estava aqui, e você foi até à porta?

- Duas vezes.

- Bem, veja - disse eu - como sua imaginação pode enganá-lo. Eu tinha os olhos na campainha, e meus ouvidos estavam atentos a ela, e, tão certo quanto o fato de estar vivo, sei que a campainha não tocou naquelas vezes. Nem em nenhuma outra hora, exceto quando a estação chamou numa comunicação normal e sem nada de sobrenatural.

- Nunca cometi um engano assim - disse, sacudindo a cabeça. - Nunca confundi o toque do espectro na campainha com o toque humano. O toque do fantasma produz uma estranha vibração na campainha que não é provocada por nenhuma outra coisa, e nem

eu disse que podia ser visto por olhos humanos. Não me espanta que o senhor não o tenha ouvido. Mas eu ouvi.

- E o espectro estava lá quando você olhou?

- Sim, estava lá.

- Nas duas vezes?

- Nas duas vezes - repetiu com firmeza.

- Você viria comigo até a porta, para ver se está lá?

Mordeu seu lábio inferior, como se não quisesse ir, mas levantou-se e veio. Abri a porta e fiquei ali no degrau com ele a meu lado. Viam-se as duas paredes de pedra úmida. Viam-se as estrelas por sobre elas.

- Você o vê? - perguntei, observando com atenção seu rosto. Seus olhos estavam arregalados e assustados, mas não muito mais, talvez, que meus próprios olhos deviam estar quando olharam naquela direção.

- Não - respondeu. - Não está ali.

- Também não vejo nada - concordei.

Entramos de novo e retomamos nossos assentos. Foi enquanto pensava na melhor maneira de ampliar esta vantagem (se podemos chamar assim), considerando que não poderia haver dúvidas entre nós quanto aos fatos, que me senti na mais fraca das posições.

- Agora - disse ele - o senhor pode entender bem que a questão que me perturba mais profundamente é a de entender o que o espectro quer dizer.

Disse-lhe que não estava seguro de entender o que queria dizer com isto.

- O que ele estará querendo avisar? - disse, ruminando, com os olhos perdidos no fogo, e apenas às vezes os voltando para mim. - Qual é o perigo? Qual é o perigo? Algum perigo paira sobre a linha, e em algum lugar alguma terrível calamidade vai acontecer. Não há como duvidar depois do que já aconteceu. É a terceira vez. Mas é

cruel a dúvida que me assombra e persegue. Que é que eu posso fazer?

Tirou o lenço e limpou o suor da testa quente.

- Se telegrafar um aviso de perigo, para qualquer lado, não poderia justificá-lo -continuou, enxugando as palmas de suas mãos no lenço. - Só criaria problemas, e não seria de ajuda a ninguém. Pensariam que enlouqueci. Imagine como seria: Mensagem: "Perigo! Cuidado!" Resposta: "Que Perigo? Onde?" Mensagem: "Não sei. Mas, pelo amor de Deus, tomem cuidado!" Eu seria despedido. Que mais poderiam fazer?

Seu sofrimento mental fazia pena. Era uma tortura para alguém de consciência como aquele homem, oprimido pelo peso insuportável de uma responsabilidade absurda que envolvia a vida e a morte.

- Quando estive pela primeira sob a luz de perigo - continuou, tirando seu cabelo negro da testa e passando a mão na têmpora num desespero febril - por que não me avisou onde aconteceria o acidente? Por que não me disse como evitá-lo, se podia ser evitado? Quando, na segunda vez, escondeu seu rosto, por que não me contou: "Ela vai morrer, faça com que fique em casa?" Se veio, nas duas ocasiões, apenas para me provar que seus avisos eram verdadeiros e me preparar para o terceiro, por que não me explica agora o que vai acontecer? E depois, Deus do céu, sou apenas um pobre sinaleiro perdido neste posto solitário! Por que não ir até alguém em posição de ser acreditado, e com poder para agir?

Vendo-o neste estado, entendi que tanto para o bem do pobre homem, quanto para a segurança pública, o que tinha a fazer naquele momento era acalmar sua mente. Assim, deixando de lado qualquer questão entre nós, quanto à realidade ou não de tudo aquilo, tentei mostrar-lhe que quem quer que seja atento às suas responsabilidades não pode ter culpa; que ele era consciente das suas, ainda que fosse impossível entender as atormen-tadoras aparições. Neste sentido, tive melhores resultados do que antes na tentativa de convencê-lo a abandonar suas convicções. Acalmou-se,

as tarefas ocasionais de seu trabalho começaram a exigir mais de sua atenção, e eu o deixei às duas da manhã. Ofereci-me para ficar com ele por toda a noite, mas ele não quis aceitar.

Que por mais de uma vez voltei-me para olhar aquela luz vermelha enquanto subia a ladeira, que aquela luz não me agradava, e que na certa eu dormiria mal se tivesse que viver junto dela, são coisas que não vejo motivos para negar. Da mesma forma, não posso negar que a coincidência dos dois acidentes e da jovem morta não me agradava.

Mas o que mais ocupava meus pensamentos era a indagação de como deveria agir, depois daquela revelação. Confirmara com meus olhos que aquele homem era inteligente, vigilante, esforçado e preciso; mas por quanto tempo continuaria assim, com os nervos naquele estado? Embora numa posição subalterna, seu cargo era de extrema responsabilidade; será que eu mesmo seria capaz de apostar minha vida na probabilidade de que ele continuaria a exercê-lo com a precisão necessária?

Ao mesmo tempo não conseguia me livrar da idéia de que havia algo de traiçoeiro e desleal em levar a seus superiores na companhia o que ele me confidenciara, sem antes falar com ele mesmo e propor-lhe uma solução de meio-termo. Resolvi, assim, sugerir (mantendo enquanto isto em segredo o que me contara) que fôssemos juntos consultar o melhor médico que houvesse na região, para ouvir sua opinião. Uma mudança no seu horário de trabalho aconteceria na noite seguinte, e ele deixaria o serviço uma hora ou duas depois do amanhecer, para voltar só depois de o sol se pôr. Tinha marcado com ele de voltar a visitá-lo em função deste novo horário.

O anoitecer do dia seguinte foi lindo, e comecei minha caminhada cedo para aproveitá-lo ao máximo. O sol não caíra ainda totalmente, quando atravessei o prado perto do corte da linha. Alongaria meu passeio em uma hora, disse a mim mesmo, meia hora para ir e meia hora para voltar, e estaria ali pontual ao encontro na guarita do sinaleiro.

Antes de prosseguir a caminhada, cheguei junto à borda e mecanicamente olhei para baixo do ponto onde o vira pela primeira vez. Não posso descrever o terror de que fui tomado, quando vi, próxima à entrada do túnel, a aparição de um homem, com a manga do braço esquerdo cobrindo os olhos e acenando com energia o direito.

O inominável horror que me oprimia passou em um momento, porque, num instante, notei que esta aparição era na verdade um homem, e que havia um pequeno grupo de outros homens, não muito distante, para quem ele parecia estar ensaiando aquela gesticulação. A luz de perigo ainda não fora acesa. Contra seu poste havia uma pequena cabana baixa, completamente nova para mim, feita de suportes de madeira e lona. Não parecia maior que uma cama.

Com uma forte sensação de que algo estava errado, com um misto de medo e recriminação, imaginando que algum acidente fatal resultara de haver deixado aquele homem ali, sem ninguém para supervisionar e corrigir o que fizesse, desci a ladeira o mais rápido que pude.

- Que foi que aconteceu? - perguntei aos homens.

- Um sinaleiro foi morto esta manhã, senhor.

- Não o homem daquela guarita?

- Sim, senhor.

- Não o homem que conheci?

- O senhor o reconhecerá, se o conheceu - disse o homem que falava pelos outros, solene, descobrindo a cabeça e levantando uma ponta da lona. - Seu rosto está bastante decomposto.

- Como aconteceu? Oh! Como aconteceu? - perguntei, virando-me para um e para outro, enquanto a lona se fechava outra vez.

- Foi atropelado por uma locomotiva, senhor. Ninguém na Inglaterra conhecia seu trabalho melhor do que ele. Mas de algum jeito ele estava junto aos trilhos. Era dia claro. Atingira a lanterna e tinha a lâmpada na mão. Quando a locomotiva saiu do túnel, ele

estava de costas para ela. Aquele homem era o maquinista e estava mostrando como aconteceu. Mostre a este senhor, Tom.

O homem, vestido com uma roupa escura e grosseira, voltou para o lugar onde estava antes, na entrada do túnel.

- No fim da curva, dentro do túnel, eu o vi de longe como por uma luneta. Não havia tempo para diminuir a velocidade, e sabia que ele era um homem cuidadoso. Como ele parecia não ouvir o apito, quando já estávamos quase sobre ele, eu o deixei de tocar e gritei o mais alto que pude.

- Gritou o quê?

- Disse: "Você aí embaixo! Cuidado! Cuidado! Pelo amor de Deus, saia do caminho!" Eu estava mudo.

- Ah! Foi uma coisa horrível, senhor! Não parei de gritar com ele. Coloquei um braço diante dos olhos para não ver e com o outro acenei para ele até o final.

Sem prolongar a narrativa para lidar com uma de suas curiosas circunstâncias mais do que com qualquer outra, me permito apenas, ao terminá-la, notar que as coincidências no aviso do maquinista incluíam não apenas as palavras que assombravam o desafortunado sinaleiro como ele as repetiu para mim, mas também a expressão que apenas em minha mente eu associara àquele gesto de braço acenando que ele imitara.

Tradução de Octávio Marcondes

31. A COISA MALDITA

AMBROSE BIERCE (1842-1914 | Estados Unidos)

*Escritor e jornalista de vida aventureira - personagem de sua própria existência e da literatura (ele é o Gringo Velho, do romance de Carlos Fuentes) -, Ambrose Bierce lutou na Guerra de Secessão e mais tarde desapareceu como combatente da Revolução Mexicana. Famosíssimo em vida como autor do demolidor *The Devil's Dictionary*, com verbetes de sátiras culturais e políticas, ele foi sobretudo um contista marcante, escrevendo sobre a guerra, contos de humor (vide *Os Cem Melhores Contos de Humor. ..*) e de horror, como os dois que seguem..*

I - Nem sempre se come o que está na mesa

À luz de uma vela de sebo, colocada na extremidade da mesa tosca, um homem lia alguma coisa escrita num livro. Era um velho livro-caixa, bastante usado, e a caligrafia não parecia ser legível e, às vezes, ele aproximava o livro da vela para ler melhor. Nestes momentos, a sombra do livro jogava metade da sala na escuridão, apagando vários rostos e silhuetas, porque, além daquele que lia, havia mais oito homens na sala. Sete deles estavam sentados, em silêncio e imóveis, contra a tosca parede de troncos; como a sala era pequena, não estavam muito distantes da mesa. Estendendo o braço, qualquer um deles poderia tocar no oitavo homem que estava deitado na mesa, com o rosto para cima, em parte coberto por um lençol, com os braços ao lado do corpo. Estava morto.

O homem lia em silêncio, e ninguém falava; pareciam todos à espera de algum acontecimento. Só o morto não tinha expectativas. Vindos da escuridão lá fora, entravam pelo buraco que servia de janela os sons sempre estranhos da noite no mato: a nota longa e indescritível de um coiole ao longe; o pulsar vibrante e incansável

dos insetos nas árvores; os gritos de aves noturnas, tão diferentes dos pássaros do dia; o zumbido monótono e os choques de enormes besouros, e todo o misterioso coro de pequenos ruídos, que sempre parece não existir, até quando de repente silencia e nos deixa como que conscientes de que fomos indiscretos. Mas aquele grupo não notava nada de tudo isto, seus membros não eram pessoas inclinadas ao interesse ocioso por assuntos que não tivessem uma importância prática, mesmo sob a luz fraca da única vela, isto era óbvio, em cada vinco de seus rostos rudes.

A pessoa lendo era um pouco diferente; olhando para ela, podia-se dizer que era um homem do mundo, mundano, e ainda assim algo em suas roupas atestava uma certa

familiaridade com o ambiente. Seu casaco dificilmente seria aprovado numa inspeção em São Francisco, seus calçados não tinham uma origem urbana, e aquele chapéu, no chão, ao seu lado (ele era o único com a cabeça descoberta), era de tal sorte, que seria inexplicável para quem o avaliasse apenas como um elemento de adorno. Tinha um belo rosto, com apenas uma leve sugestão de severidade, embora isto pudesse ser uma pose cultivada, como traço necessário a uma autoridade. Porque ele era o legista. Era em função de seu cargo que estava de posse do livro que lia, que fora encontrado entre os haveres do morto, na cabana em que vivera, e onde agora se realizava o inquérito.

Quando terminou a leitura, guardou o livro, com cuidado, no bolso do peito. Naquele momento, a porta foi empurrada e entrou um homem. Era jovem e claramente não nascera, nem fora criado, naquelas montanhas. Suas roupas, de alguém que vivia numa cidade, estavam, no entanto, empoeiradas como após uma viagem. De fato, ele cavalgara muito para comparecer ao inquérito.

O legista acenou com a cabeça, mas ninguém mais o cumprimentou.

- Estávamos esperando o senhor - disse o legista. - Precisamos terminar com isto esta noite.

O jovem que acabara de entrar sorriu.

- Sinto muito tê-los feito esperar - disse -, mas se parti, não foi para evitar este inquérito, precisava despachar para meu jornal a história que creio ser a mesma que me chamaram de volta aqui para relatar.

O legista sorriu.

- A história que o senhor mandou para seu jornal provavelmente será diferente daquela que contará aqui, sob juramento.

- Assim é - disse o jovem, com bastante veemência e corando visivelmente no rosto - como o senhor gostaria que fosse. Usei carbono e tenho uma cópia do que enviei. Não escrevi como notícia, mas como uma peça de ficção, por ser inacreditável. Gostaria de incluir esta cópia como parte de meu testemunho sob juramento.

- Mas se o senhor mesmo diz que é inacreditável.

- Que importância tem isto para o senhor, se estou jurando que é a verdade?

O legista ficou em silêncio por algum tempo, olhando para o chão. Os homens perto da parede murmuraram alguma coisa entre eles, sem desviar o olhar do rosto do morto. Depois o legista levantou os olhos e disse:

- Vamos prosseguir com o inquérito.

Os homens tiraram o chapéu enquanto a testemunha prestava seu juramento.

- Qual é o seu nome? - perguntou o legista.

- William Harker.

- Idade?

- Vinte e sete anos.

- O senhor conhecia o falecido, Hugh Morgan?

- Sim.

- Estava com ele quando morreu?

- Perto dele.

- Como isto aconteceu, quero dizer, o fato de sua presença?

- Eu vim visitá-lo, para a gente caçar e pescar. Parte da minha intenção, no entanto, era estudá-lo e a seu estranho e solitário modo de vida. Ele me parecia um ótimo modelo para um personagem de ficção. Às vezes, escrevo contos.

- Já li alguns.

- Obrigado.

- Quero dizer contos em geral, não os seus.

Alguns jurados riram. Num ambiente sombrio, um pouco de humor é essencial. No intervalo das batalhas, os soldados costumam rir com facilidade, e uma tirada num velório conquista pela surpresa.

- Relate as circunstâncias da morte deste homem - disse o legista. - O senhor pode usar as anotações que desejar.

A testemunha entendeu. Tirando um manuscrito do bolso, levou-o para diante da vela; depois de virar algumas páginas, encontrou a passagem que procurava e começou a ler.

II - O que pode acontecer num campo de aveia silvestre

" ... O sol mal se levantara quando saímos da casa. Estávamos em busca de perdizes, cada um com uma espingarda, mas tínhamos apenas um cachorro. Morgan disse que o melhor lugar para perdizes era depois de uma ravina, que ele apontou com o dedo. Nós a atravessamos por uma trilha através do chaparral. Do outro lado, o terreno era plano e completamente coberto de aveia silvestre. Quando saímos do chaparral, Morgan estava alguns metros adiante de mim. De repente ouvimos, a uma pequena distância a nossa frente, um pouco para a direita, um ruído como de um animal se arrastando no meio dos arbustos, que podíamos ver agitados.

- Levantamos um veado - eu disse. - Queria ter trazido um rifle.

Morgan, que parara e observava atentamente o chaparral, não disse nada, mas engatilhou os dois canos de sua espingarda, pronto

para atirar. Eu o achei um pouco excitado, o que me surpreendeu, pois conhecia sua reputação de extremo sangue-frio, mesmo em situações de iminente e repentino perigo.

- Espere aí! - exclamei. - Não vai encher o couro de um veado com este chumbo de perdiz, vai?

Continuou sem responder, mas vi um pouco de seu rosto quando o moveu no sentido em que estava, e me espantou a intensidade em seu olhar. Naquele momento, entendi que tínhamos um problema sério nas mãos. O primeiro que me ocorreu foi que esbarráramos num urso. Avancei, para colocar-me ao lado de Morgan, enquanto engatilhava minha arma.

O mato se aquietara e o barulho cessara, mas Morgan olhava, atento como antes, para o lugar de onde viera.

- Que diabo é isto? - perguntei.

- A 'coisa maldita'! - respondeu sem voltar a cabeça. Sua voz era áspera, e soava pouco natural; podia vê-lo tremer.

Estava a ponto de dizer alguma coisa quando vi a aveia silvestre, perto de onde viera o barulho, movendo-se de forma tão inexplicável que é difícil descrever. Era como se um vento a tocasse e a fizesse não apenas se inclinar, mas a amassasse com tanta força contra o solo que as folhas não voltavam a levantar, e este movimento avançava lentamente na nossa direção.

Nada do que já vira antes me afetara tanto quanto este estranho e inexplicável fenômeno, ainda assim, não me lembro de sentir nenhum medo. Lembro-me de uma vez (e conto isto porque foi o que me passou pela mente, naquele momento) em que olhando pela janela por alguns segundos, confundi uma pequena árvore, próxima de mim, como parte de um grupo de árvores maiores, um pouco mais distantes, ao fundo. Dava a impressão de ser do mesmo tamanho das outras, mas, sendo mais bem definida em detalhes e cor, parecia em desarmonia com elas. Era apenas uma ilusão de ótica falsificando as leis naturais de perspectiva, mas me espantou e encheu de um quase terror. Confiamos tanto no funcionamento ordenado e familiar das leis da natureza, que

percebemos como uma ameaça à nossa segurança, um aviso de calamidade impensável, qualquer coisa que pareça ir contra elas. Assim, aquele movimento, aparentemente sem causa e avançando em nossa direção, era inquietante. Meu companheiro parecia mesmo amedrontado, e quase não pude acreditar quando o vi apertar a espingarda contra o ombro e descarregar os dois cartuchos contra aquela agitação nas folhas. Antes que a fumaça dos disparos desaparecesse, ouvi alto um grito selvagem - um grito como o de uma fera - e vi Morgan, que, largando a espingarda, escapava correndo do lugar. No mesmo instante, fui jogado violentamente ao chão pelo impacto de alguma coisa invisível na fumaça, alguma coisa pesada e macia que apenas me tocara de passagem com enorme força.

Antes que pudesse me levantar e recuperar minha arma, arrancada de minha mão pelo impacto, ouvi Morgan gritando em agonia, e, misturados a seus gritos, ouvi ruídos selvagens, como aqueles que se ouvem saindo das gargantas de cães em luta. Aterrorizado, consegui ficar de pé e olhei na direção para onde fugira Morgan. Que Deus me ajude, e que nunca mais eu veja coisa igual! A uma distância de menos de trinta metros, vi meu amigo, apoiado em um joelho, sem chapéu e com a cabeça atirada para trás num ângulo assustador, com os longos cabelos em desordem e o corpo sacudido por espasmos. Seu braço direito levantado parecia não ter a mão (ou eu não podia vê-la). O outro braço era invisível. Às vezes, quando me lembro agora desta cena incrível, podia ver apenas uma parte de seu corpo, como se sua imagem houvesse sido parcialmente apagada (é a única expressão que me ocorre), e então, um movimento o tornava visível outra vez.

Tudo isto se passou em poucos segundos. Ainda assim, naquele breve tempo, Morgan assumiu todas as posturas de um lutador derrotado por um oponente mais forte e mais pesado. Eu só via ele, e às vezes indistintamente. Durante todo tempo, seus gritos e imprecisões foram envolvidos por um rumor selvagem, e cheio de ódio e fúria, como jamais ouvi da garganta de homem ou de fera.

Por um momento fiquei indeciso, depois larguei a espingarda e corri para ajudar meu amigo. Achei que ele tivesse sido vítima de convulsões. Antes de chegar junto dele, já estava caído e quieto. O barulho terminara, mas, tomado de um terror maior que nunca, vi de novo o estranho movimento nas folhas, prolongando-se a partir de onde estava

Morgan, no sentido da beira da floresta. Só quando desapareceu entre as árvores é que consegui desviar meus olhos outra vez para meu companheiro. Ele estava morto."

III - Mesmo nu um homem pode estar em farrapos

o legista se levantou da cadeira e parou diante do morto. Levantando uma ponta, puxou o lençol até expor o corpo, completamente nu e, à luz da vela, com a pele de um amarelado cor de lama. Tinha, ainda assim, largas manchas azul-escuras, hematomas causados por contusões. O peito e as laterais pareciam ter sido esmagados por uma maçã. Havia lacerações horríveis, a pele fora feita em tiras e farrapos.

O legista se moveu para a extremidade da mesa e desatou um lenço que segurava a mandíbula do morto. Retirando o lenço, expôs o que fora a garganta do homem. Alguns jurados, que haviam se levantado para ver melhor, arrependem-se da própria curiosidade e desviaram o olhar. Harker foi para a janela aberta e se debruçou à procura de ar fresco, nauseado e tonto. Deixando o lenço cair sobre a garganta, o legista foi até um canto da sala e, tirando de uma pilha de roupas, expôs, uma a uma, para inspeção, as peças de vestuário do morto. Todas estavam rasgadas e duras de sangue. Os jurados não fizeram uma inspeção detalhada. Pareciam bastante desinteressados. Na verdade, já tinham visto tudo isto antes, a única coisa nova para eles era o testemunho de Harker.

- Senhores - disse o legista -, acho que não temos outras evidências. O que têm a fazer já foi explicado. Se não têm nenhuma

pergunta, podem retirar-se até lá fora, para considerar seu veredicto.

O representante dos jurados se levantou, era um homem alto, de barba, vestido grosseiramente, e de uns sessenta anos.

- Gostaria de fazer uma pergunta - disse ele. - De que hospício esta sua última testemunha fugiu?

- Sr. Harker - disse o legista, em tom grave e tranqüilo -, de que hospício o senhor fugiu?

Harker corou de novo, mas não disse nada; então, os sete jurados se levantaram solenes e saíram da cabana.

- Se o senhor já terminou de me insultar - disse Harker, logo que ele e o legista ficaram sozinhos com o morto -, acho que já posso ir.

- Sim.

Harker ia saindo, mas parou com a mão na maçaneta da porta. Os hábitos de sua profissão eram mais fortes do que ele, mais fortes do que seu senso de dignidade ofendida. Voltou-se e disse:

- Aquele livro em suas mãos, eu o reconheço, era o diário de Morgan. O senhor parecia muito interessado no que lia enquanto eu testemunhava. Poderia mostrar-me? O público se interessaria ...

- O livro não tem nada a ver com tudo isto - respondeu o legista, guardando-o outra vez em seu bolso. - Tudo nele é anterior à morte de seu autor.

Enquanto Harker saía, os jurados voltavam e se colocaram diante da mesa, onde o corpo novamente coberto aparecia bem definido sob o lençol. O legista, sentado junto à vela, tirou do bolso um lápis e um pedaço de papel onde escreveu a declaração que todos, com diferentes graus de dificuldade, assinaram:

"Nós, o júri, concluímos que os restos de Hugh Morgan encontraram a morte nas garras de um leão-da-montanha, embora alguns de nós achem possível que sejam convulsões."

IV - Uma explicação vinda do túmulo

No diário do falecido Hugh Morgan há algumas entradas interessantes que talvez tivessem, como sugestões, algum valor científico. No inquérito feito sobre seu corpo, o livro não foi usado como evidência, possivelmente porque o legista não acreditou que valesse a pena aumentar a confusão dos jurados. A data da primeira entrada não pôde ser determinada; a parte superior da folha fora rasgada e podia-se ler apenas o seguinte:

... corria em semicírculos, com a cabeça sempre voltada para o centro, às vezes parava e latia furiosamente; depois fugiu para o mais longe que pôde dentro do mato. No princípio, pensei que estivesse com raiva, mas quando voltou para casa não havia nenhuma alteração em seu comportamento, além do óbvio medo de ser punido. Será que os cães são capazes de ver com o nariz? Será que o odor é capaz de produzir em seus cérebros a imagem daquilo que o exala.

2 de setembro - Olhando as estrelas, na noite passada, quando surgiam no alto das montanhas, pelo lado leste da casa, observei que desapareciam sucessivamente, da esquerda para a direita. Cada uma se eclipsou por alguns instantes, e apenas poucas ao mesmo tempo; ao longo de toda a extensão dos picos, dentro de uma faixa de dois ou três graus, todas as coisas desapareceram. Era como se alguma coisa se movesse entre mim e elas, alguma coisa que não podia ver e que a luz das estrelas era fraca demais para definir os contornos. Não gosto disso!

Faltam as entradas de várias semanas e três páginas foram rasgadas do livro.

27 de setembro - Esteve aqui outra vez - encontro evidências de sua presença todos os dias. Estive vigiando de novo, durante toda a noite, no mesmo esconderijo e com a espingarda carregada de chumbo grosso. Pela manhã, as

pegadas frescas estavam lá, como das outras vezes, e, no entanto, estou seguro de que não dormi - na verdade quase não ten ho dorm ido. É insuportável! Se estas experiências assombrosas são verdadeiras, vou acabar ficando louco; se são pura fantasia, então já estou louco.

3 de outubro - Não partirei - esta coisa não vai me expulsar daqui. Não, é minha casa, minha terra. Deus não gosta de covardes.

5 de outubro - Não agüento mais! Convidei Harker para passar algumas semanas comigo - ele tem a cabeça no lugar. Serei capaz de saber, pelos seus modos, se acha que estou louco.

7 de outubro - Tenho a resposta para o mistério, me veio à mente ontem como uma revelação. Tão simples, tão terrivelmente simples!

Existem sons que não podemos ouvir. Nas duas pontas da escala, existem notas que não tocam nenhuma corda deste instrumento imperfeito que é o ouvido humano. São graves ou altas demais. Já observei bandos de pássaros ocupando todo o topo de uma árvore, ou o topo de várias árvores, todos cantando sem parar. De repente, num mesmo momento, todos voaram embora. Como? Não podiam todos ver uns aos outros - árvores inteiras, ramos entre eles. Seria impossível que um líder se posicionasse onde todos o pudessem ver. Deve ter havido um alerta, um sinal de aviso, alto e agudo, acima do ruído de seu canto, mas inaudível para mim. Já observei também que várias aves, como perdizes, por exemplo, voam em sincronia com obstáculos entre elas, às vezes montanhas, mesmo em silêncio e sem se ver.

Os marinheiros sabem que um grupo de baleias brincando ou viajando juntas, na superfície da água, com quilômetros entre elas, com a própria curva da terra impedindo a visão entre uma e outra, ainda assim são capazes de mergulhar todas ao mesmo tempo ao som de um aviso. Um som que os ouvidos dos marinheiros não

captam, mas que pode ser sentido em vibrações no navio, assim como o baixo profundo de um órgão faz vibrar as paredes de uma catedral.

Assim como acontece com os sons, acontece com as cores. Em cada ponta do espectro, um químico pode detectar a presença de raios luminosos invisíveis ao olho humano. Raios que representam cores - cores integrais na composição da luz - que nós somos incapazes de discernir. O olho humano é um instrumento imperfeito, alcança apenas algumas oitavas da escala cromática real. Não estou louco; existem cores que não podemos ver. E, Deus me livre, a "coisa maldita" é de uma cor assim.

Tradução de Octávio Marcondes

32. PRISÃO

AMBROSE BIERCE

Tendo assassinado o cunhado, Orrin Brower, de Kentucky, era um foragido da justiça. Escapara da prisão local, onde aguardava julgamento, batendo no vigia com uma barra de ferro e roubando-lhe as chaves, com as quais abrira a porta externa, desaparecendo na noite. Como o vigia estivesse desarmado, Brower fugira sem qualquer arma com a qual pudesse defender a recém-recuperada liberdade. Assim que se viu longe da cidade, cometeu a asneira de embrenhar-se por uma floresta. Isso aconteceu há muitos anos, quando aquela região era bem mais despovoada do que é hoje.

A noite estava escura, não havendo lua ou estrelas, e como Brower nunca andara por aquelas redondezas, desconhecendo a região, claro que logo estava perdido. Já não conseguiria dizer se estava caminhando para longe da cidade ou se retornava - o que era de suma importância para Orrin Brower. Sabia que, em qualquer uma das circunstâncias, um bando de homens com seus cães de caça logo estaria em seu encalço e suas chances de escapar seriam pequenas. Mas não ia facilitar as coisas. Por uma hora de liberdade que fosse, valeria a pena lutar.

De repente, saiu da floresta e deu numa velha estrada, na qual viu, indistintamente, a silhueta de um homem, imóvel na penumbra. Era tarde para tentar fugir. O fugitivo sabia que, ao primeiro movimento que fizesse tentando embrenhar-se de novo na floresta, seria, como diria depois, "crivado de balas". E assim os dois permaneceram ali parados como se fossem árvores, Brower quase sentindo-se sufocar com as batidas do próprio coração. O outro - bem, nada se sabe sobre as emoções do outro.

Um segundo depois - ou talvez tenha sido uma hora - a lua surgiu por entre as nuvens e o homem caçado viu nitidamente quando o policial ergueu o braço, apontando de forma significativa numa determinada direção. Compreendeu. Virando as costas para

seu captor, caminhou submisso na direção indicada, sem olhar para os lados, mal ousando respirar, a cabeça e as costas já sofrendo com a profecia de uma bala.

Brower era o mais corajoso dos bandidos que sobreviveram para ser enforcados. Isso ficara patente pela maneira com que se expusera ao perigo ao assassinar friamente o cunhado. Não vamos relatá-la aqui. Tudo isso veio à tona em seu julgamento e a revelação de sua calma diante da situação quase salvou-lhe o pescoço. Mas o que vocês querem? Quando um bravo é vencido, ele se submete.

E, assim, eles seguiram em direção à prisão pela velha estrada, através da floresta. Somente uma vez Brower teve coragem de olhar para trás. Só uma vez, quando estava imerso na sombra e sabia que o outro estava sob a luz do luar, virou-se e espiou. Seu captor era Burton Duff, o vigia, pálido como a morte, trazendo ainda na frente a marca vivida da barra de ferro. Orrin Brower não quis saber de mais nada.

Afinal, chegaram à cidade, onde tudo estava iluminado, embora deserto. Apenas mulheres e crianças tinham ficado na cidade, mas não estavam nas ruas. E o criminoso seguiu em frente, direto para a prisão. Dirigiu-se à entrada principal, tocou a maçaneta da pesada porta de ferro, empurrou-a sem que ninguém lhe mandasse, entrou e se viu na presença de meia dúzia de homens armados. Só então se virou. Ninguém mais entrou.

Sobre a mesa, no corredor, jazia o corpo morto de Burton Duff.

Tradução de Heloisa Seixas

33. A PATA DO MACACO

W.W. JACOBS (1863-1943 | Inglaterra)

*Este ex-funcionário dos Correios ingleses começou a ser conhecido como autor de contos de humor, na Inglaterra, e hoje, no mundo todo, como um mestre do conto de horror. Seu *The Monkey's Paw*, ou *A Pata do Macaco*, do livro *The Lady of the Barge*, está incluído em quase todas as antologias internacionais do gênero, inclusive no Brasil, onde sai agora em nova tradução. Esse conto, aliás, chegou a ser episódio independente de um antigo programa, chamado *Quarta-Nobre*, da *N Globo*.*

I

Lá fora, a noite era fria e úmida, mas, na pequena sala de Lakesnam Villa, as janelas estavam fechadas e na lareira brilhava o fogo. Pai e filho jogavam xadrez; o primeiro, com idéias pessoais sobre o jogo envolvendo inovações radicais, vivia colocando o rei em situações de sério e desnecessário perigo, a ponto de provocar comentários da senhora de cabelos brancos que placidamente tricotava junto ao fogo.

- Ouça o vento - disse o Sr. White, que percebera um erro fatal, quando já não podia mais corrigi-lo, e tentava desviar a atenção do filho.

- Estou ouvindo - disse ele, olhando concentrado para o tabuleiro, enquanto estendia a mão. - Xeque.

- Acho difícil acreditar que ele venha esta noite - disse o pai, movendo uma peça.

- Mate - respondeu o filho.

- Isto é o pior de viver tão longe - reclamou o Sr. White com uma violência repentina e fora de lugar. - De tantos atoleiros perdidos e

fora de mão que existem para se morar, esse é o pior de todos. O caminho no jardim é um pântano, a rua lá fora uma torrente. Parece que como só existem duas casas aqui eles acham que não importa.

- Não faz mal, querido - disse a mulher tentando conformá-lo -, talvez você ganhe a próxima.

O Sr. White levantou os olhos, irritado, bem a tempo de interceptar uma troca de olhares cúmplices entre mãe e filho. Ia dizer alguma coisa, mas as palavras lhe morreram nos lábios, e escondeu um sorriso culpado por trás da rala barba branca.

- Aí está ele - disse Herbert White, ouvindo o portão bater alto e passos pesados se aproximarem da porta.

O velho se levantou e foi rápido e hospitaleiro abrir a porta. Da sala, o ouviram condoer-se das condições da visita, com o que o recém-chegado concordava. A Sra. White

fez um muxoxo de simpatia e tossiu com gentileza enquanto o marido entrava na sala, seguido de um homem alto, com olhinhos brilhantes num rosto vermelho.

- Sargento-maior Morris - disse, apresentando o amigo.

O sargento os cumprimentou e foi sentar-se na melhor cadeira, junto ao fogo, olhando com satisfação enquanto o dono da casa trazia os copos e o uísque e colocava uma pequena chaleira no fogo.

Pelo terceiro copo, seus olhos ficaram ainda mais brilhantes e começou a falar. A pequena família em círculo ouvia com atento interesse o visitante falar de lugares distantes. Com os largos ombros encostados na cadeira, contava de cenas estranhas e feitos heróicos, de guerras, pragas e povos estrangeiros.

- Vinte e um anos assim - disse o Sr. White, acenando com a cabeça para a mulher e o filho. - Quando partiu era pouco mais que um rapaz, lá no depósito. Olhem para ele agora.

- Parece que essa vida não lhe fez mal - disse a Sra. White, educada.

- Gostaria de ter ido para a Índia - disse o velho -, apenas para conhecer um pouco do mundo.

- Você está melhor aqui - disse o sargento, balançando a cabeça. Colocou o copo vazio sobre a mesa, suspirou e balançou a cabeça outra vez.

- Gostaria de ver os velhos templos, os faquires e malabaristas - disse o velho. -O que é que você contava, outro dia, sobre uma pata de macaco, ou qualquer coisa assim?

- Nada - disse o soldado. - Pelo menos nada que valha a pena ouvir.

- Pata de macaco? - disse a Sra. White, curiosa.

- Bem, é uma daquelas coisas que se poderia chamar mágica - disse o sargento. Seus três ouvintes se inclinaram atentos para ele. O visitante, com o pensamento

perdido, levou o copo vazio à boca e voltou a colocá-lo na mesa. O dono da casa serviu-lhe mais uma dose.

- Só para mostrar - disse o sargento procurando alguma coisa no bolso - é apenas uma patinha mumificada.

Tirou-a do bolso e a exibiu. A Sra. White se afastou com uma careta, mas seu filho a pegou para examinar com curiosidade.

- E o que ela tem de especial? - perguntou o Sr. White, pegando-a da mão de seu filho e colocando-a na mesa, depois de examiná-la.

- Um feitiço, feito por um faquir - disse o sargento -, um homem santo. Queria provar que o destino comanda a vida das pessoas, e que aqueles que tentam interferir contra isso sempre se arrependem. Ele fez um feitiço de forma que a pata desse a três pessoas diferentes o direito a três desejos cada uma.

Falava com um jeito tão sério que seus ouvintes sentiram seus sorrisos, de alguma forma, fora de lugar.

- Bem, e por que o senhor não fez os seus pedidos? - perguntou irônico Herbert White.

O soldado o olhou com aquele jeito que os velhos têm de olhar a presunção nos jovens.

- Eu fiz - disse baixo, e seu rosto rosado empalideceu.

- E foram atendidos? - perguntou a Sra. White.

- Foram - disse o sargento, e a mão trêmula fez o copo bater em seus dentes fortes.

- E mais alguém fez algum pedido? - perguntou a velha senhora.

- Sim, o primeiro proprietário fez seus três pedidos - ele respondeu. - Não sei quais foram os dois primeiros desejos, mas o último foi a morte. Foi assim que fiquei com a pata.

O tom da conversa era tão sério que um arrepio percorreu o grupo.

- Se já fez seus três pedidos, não tem mais utilidade para você, Morris - disse o velho depois de algum tempo. - Por que continua com ela?

O soldado sacudiu a cabeça.

- Por um capricho, acho - respondeu com lentidão. - Cheguei a pensar em vendê-la, mas não creio que o faça. Já causou bastantes problemas. Além do mais, ninguém a compraria. A maioria não acredita, e aqueles capazes de dar algum crédito à história querem experimentar antes e me pagar depois.

- Se pudesse fazer outros três pedidos - perguntou o velho, olhando-o com atenção - você os faria?

- Não sei - disse o outro. - Não sei.

Pegou a pata, girando com ela entre o indicador e o polegar, então, num gesto repentino, atirou-a ao fogo. White, com uma queixa abafada, se precipitou a tirar a pata das chamas.

- É melhor deixar que ela se queime - disse o soldado numa voz solene.

- Se não a quer mais, Morris - disse o velho -, dê para mim.

- Não farei isso - disse seu amigo. - Eu a joguei no fogo, se quiser guardá-la não me culpe pelo que possa acontecer. Mostre

algum bom senso e jogue-a outra vez no fogo.

O outro sacudiu a cabeça e examinou de perto sua nova aquisição.

- Como se faz? - perguntou.

- Segure-a com a mão direita e faça seu pedido em voz alta - disse o sargento -, mas lembre que o avisei das conseqüências.

- Parece as Mil e uma Noites - disse a Sra. White enquanto se levantava para colocar o jantar. - Você bem que gostaria que eu tivesse quatro mãos.

Seu marido tirou do bolso o talismã e os três caíram na gargalhada, enquanto o sargento, com um ar alarmado no rosto, segurava seu braço.

- Se tiver que fazer um pedido - disse ríspido -, faça-o com bom senso.

O Sr. White recolocou a pata no bolso, arrumou as cadeiras e chamou o amigo para a mesa. Durante o jantar, o talismã foi em parte esquecido. Mais tarde, os três ouviram fascinados a continuação das aventuras do soldado na hdia.

- Se a história da pata do macaco não for mais verdadeira que essas outras todas que nos contou - disse Herbert, depois que o hóspede partira, apenas em tempo para pegar o último trem -, não vamos conseguir nada com ela.

- Você pagou alguma coisa por isso? - perguntou a Sra. White, observando atentamente o marido.

- Uma bobagem - disse ele, enrubescendo um pouco. - Ele não queria, mas fiz que aceitasse. E insistiu de novo comigo para que a jogasse fora.

- Imagine! - disse Herbert, com pretense horror. - Ficaremos ricos, famosos e felizes. Para começar, peça para ser imperador, pai; só assim mamãe não vai mais mandar no senhor.

E escapou, correndo em volta da mesa, perseguido por uma perigosa Sra. White armada com a almofada do sofá.

O Sr. White tirou do bolso a pata e olhou-a em dúvida.

- A verdade é que não sei o que pedir - disse devagar. - Acho que tenho tudo o que quero.

- Se liquidasse as prestações da casa, ficaria muito feliz, não é? - disse Herbert, com a mão em seu ombro. - Bem, então peça duzentas libras, é mais do que o suficiente.

Seu pai, sorrindo um pouco envergonhado da própria credulidade, segurou o talismã, enquanto o filho, cuja solenidade de expressão ficava um pouco comprometida pelo piscar de olhos que trocara com a mãe, se sentava ao piano e fazia soar uns acordes de efeito.

- Desejo duzentas libras - disse o velho em voz alta e clara.

Um belo acorde profundo do piano que acompanhava as palavras foi interrompido por um súbito grito nervoso do velho. Mãe e filho correram para ele.

- Essa coisa se mexeu - reclamou lançando um olhar de desagrado ao objeto caído no chão. - Quando fiz o pedido, se contorceu em minha mão como uma cobra.

- Bem, eu não vejo o dinheiro - disse o filho, pegando a pata e colocando-a sobre a mesa - e aposto que não verei nunca.

- Deve ter sido impressão sua, pai - disse a mulher, olhando ansiosa para ele. Ele sacudiu a cabeça.

- De qualquer forma, não importa; não foi nada sério, mas, ainda assim, me deu um choque.

Sentaram-se de novo junto ao fogo, enquanto os dois homens terminavam de fumar seus cachimbos. Do lado de fora, o vento soprava mais forte que nunca, e o velho, nervoso, tinha sobressaltos com uma porta batendo no andar de cima. Um silêncio incomum e deprimente se instalou entre os três e não os abandonou até a hora em que o casal foi dormir.

- Quem sabe as duzentas libras não estarão dentro de um saco no meio de sua cama - disse Herbert, enquanto lhes dava boa noite

-, e alguma coisa horrorosa, rastejando sobre o armário, observará o senhor guardando esse dinheiro mal ganho.

II

No dia seguinte, com a luz brilhante do sol de inverno iluminando a mesa do café da manhã, Herbert riu de seus receios. Havia na sala um ar de prosaica integridade que faltara na noite anterior, e a pequena pata enrugada e suja foi abandonada sobre a estante com um descaso que era a prova do descrédito em que caíra.

- Quero crer que todos os velhos soldados são iguais - disse a Sra. White. - Imagine só, nós prestando atenção àquela baboseira! Como se fosse possível, nos dias de hoje, ver seus desejos atendidos por um toque de magia. E se fosse possível, como é que duzentas libras podiam fazer mal a alguém?

- Caindo do céu em sua cabeça - disse o frívolo Herbert.

- Morris disse que as coisas aconteciam de forma natural - disse o pai. - Que, se você quisesse, poderia atribuí-las a simples coincidências.

- Bem, não gaste o dinheiro todo antes que eu volte - disse Herbert se levantando da mesa. - Temo que esse dinheiro todo tenha feito de você um avaro desalmado e que tenhamos de repudiá-lo.

Sua mãe o seguiu rindo até a porta e continuou rindo enquanto o via desaparecer na estrada; voltando à mesa, sentia-se alegre, ainda que seu riso fosse à custa da credulidade de seu marido. O que não a impediu de correr ansiosa para a porta quando o carteiro tocou, nem de tecer considerações sobre a quantidade de álcool ingerido por sargentos reformados quando descobriu que tudo que o correio trouxera fora uma conta do alfaiate.

- Herbert fará mais algumas de suas piadas, quando voltar para casa - disse ela, quando se sentaram para almoçar.

- É, eu acho que sim - disse o Sr. White, colocando cerveja em seu copo -, mas, apesar de tudo, posso jurar que aquela coisa se mexeu em minha mão.

- Você teve a impressão que se mexeu - disse a velha, conciliadora.

- Estou dizendo que se mexeu - replicou o outro. - Não foi uma impressão; eu estava... Mas o que está acontecendo?

Sua esposa não respondeu. Estava observando os movimentos misteriosos de um homem do lado de fora, que olhava indeciso para a casa e parecia estar decidindo se entrava ou não. Fazendo uma associação inconsciente com as duzentas libras, ela notou que o estranho estava muito bem vestido e usava uma cartola de seda brilhando de nova. Por três vezes ele parou no portão e desistiu, apenas para retornar pouco depois. Na quarta vez, colocou a mão no portão, e numa resolução súbita o abriu e caminhou para a porta. A Sra. White pôs imediatamente as mãos nas costas para desamarrar o avental que escondeu debaixo da almofada da cadeira.

Ela trouxe o estranho, que parecia pouco à vontade, para a sala. Olhando furtivamente para a Sra. White, ele ouviu com um ar preocupado suas desculpas pela desordem na casa e pelas roupas do Sr. White, que, segundo ela, o marido vestira para trabalhar no jardim. Depois disso, ela esperou, com a paciência que a curiosidade feminina lhe permitia, que o visitante explicasse a razão de sua vinda, mas ele custou a quebrar o silêncio.

- Eu. .. pediram-me que viesse... - disse finalmente, parando para tirar um fiapo de linha de suas calças. - Venho da parte de "Maw 8: Meggins".

A velha se levantou assustada.

- Que foi que houve? - perguntou sufocada. - Aconteceu alguma coisa com Herbert? O que foi que aconteceu? O que foi que aconteceu?

O marido entrevistou.

- Calma, calma, mãe - disse com severidade terna. - Sente-se, e não se precipite em suas conclusões. Estou certo de que não traz nenhuma notícia ruim. Não é mesmo, senhor? - e olhou esperançoso para o homem.

- Eu sinto muito ... - começou o outro.

- Ele se machucou? - perguntou a mãe. O visitante assentiu com a cabeça.

- Ele se machucou muito - disse em voz baixa. - Mas já não sente mais a dor.

- Oh, graças a Deus! - disse a velha juntando as mãos. - Graças a Deus. Graças. .. Parou de repente, quando finalmente entendeu o sentido sinistro do que o outro dissera, e viu a confirmação de seus temores expressa em seu rosto compungido. Virou-se para o marido, que mais lento ainda não compreendera, e colocou as mãos velhas e trêmulas sobre as suas. Houve um longo silêncio.

- Foi pego pelas engrenagens - disse o visitante, depois de algum tempo, em voz baixa.

- Pego pelas engrenagens? - disse o Sr. White numa voz perdida.

Ficou ali, sentado, olhando pela janela sem ver, com a mão da esposa entre as suas, apertando-a como costumava fazer nos tempos de namoro, quarenta anos atrás.

- Era o único filho que tínhamos - disse, virando-se gentilmente para o visitante. - É difícil.

O outro tossiu, e levantando-se foi lentamente até a janela.

- A firma pediu-me que expressasse as condolências e a simpatia de todos ao senhor e à senhora por sua enorme perda - falava sem se voltar. - Quero que entendam que trabalho para eles e estou apenas cumprindo ordens.

Não houve resposta. O rosto da velha estava pálido, com olhos enormes, e seu respirar era inaudível; no rosto do marido havia uma expressão como a que seu amigo sargento tivera em sua primeira batalha.

- Pediram-me que dissesse que "Maw & Meggins" não aceita qualquer responsabilidade - continuou o outro. - Não admitem nenhuma responsabilidade, mas em consideração aos serviços prestados por seu filho desejam compensá-los com uma quantia em dinheiro.

O Sr. White largou a mão da esposa e, levantando-se, olhou o visitante com uma expressão de horror. Seus lábios secos conseguiram formar a frase:

- Uma quantia em dinheiro... Quanto?
- Duzentas libras - foi a resposta.

Sem ouvir o grito da mulher, o velho teve um sorriso débil, estendeu o braço como se fosse um cego, e caiu sem sentidos.

III

O casal de velhos enterrou seu morto no enorme cemitério novo, a três quilômetros de distância, e voltaram para a casa mergulhada em sombras e silêncio. Fora tudo tão rápido que era difícil aceitar a idéia de que terminara, e ficaram num estado de expectativa como se ainda houvesse alguma coisa a acontecer - alguma coisa que aliviasse o peso, grande demais para aqueles corações velhos.

Mas os dias se passaram e a expectativa deu lugar à resignação; a resignação sem esperança dos velhos, algumas vezes confundida com a apatia. Às vezes mal trocavam palavra, porque agora não tinham mais do que falar, e seus dias eram longos e cansativos.

Foi, mais ou menos, uma semana depois disso que o velho acordou no meio da noite e estendendo o braço se achou sozinho. O quarto estava na escuridão, e o som do choro abafado vinha da janela. Sentou na cama e ouviu.

- Venha deitar - disse com ternura. - Você deve estar gelada.
- É mais frio onde está meu filho - disse a velha, e o choro recomeçou com mais força.

O som de seus soluços morria em seus ouvidos. A cama estava quente e seus olhos pesados de sono. Começou a cochilar e depois dormiu até que um grito repentino e selvagem da mulher o despertou assustado.

- A pata do macaco! - ela gritava histérica. - A pata do macaco! Leva ntou-se ala rmado.

- Onde? Onde ela está? O que foi que aconteceu? Ela veio em sua direção tropeçando no quarto escuro.

- Eu quero a pata - disse. - Você não a destruiu?

- Está na estante da sala - disse sem entender. - Por quê?

Ela chorava e ria ao mesmo tempo, e inclinando-se beijou seu rosto.

- Só pensei nisso agora - disse histérica. - Por que não pensei nisso antes? Por que você não pensou?

- Pensou em quê? - ele perguntou.

- Nos outros dois desejos - ela respondeu rápida. - Nós só fizemos um.

- E não foi o bastante? - perguntou enérgico.

- Não - gritou triunfante -, vamos fazer mais um. Rápido, vá lá embaixo pegá-la, e deseje nosso menino vivo outra vez.

O homem se sentou na cama sacudindo as cobertas para longe.

- Deus do céu, você ficou louca - gritou irritado.

- Pegue a pata - ela soluçou -, pegue e faça o pedido. Oh, meu menino! Meu menino!

O marido riscou um fósforo para acender a vela.

- Volte para cama - disse abalado. - Você não sabe o que está dizendo.

- O primeiro desejo foi atendido - disse a mulher, febril -, por que não o segundo?

- Foi uma coincidência - explodiu o velho.

- Vá pegá-Ia e faça o pedido - gritou a velha, empurrando-o para a porta. Desceu no escuro, tateando o caminho para a sala e até a estante. O talismã continuava no mesmo lugar, e o medo horrível de que aquele desejo ainda não expresso pudesse trazer de volta seu filho mutilado, antes que pudesse sair da sala escura, tomou conta de seus nervos. Na pressa, teve de acalmar a respiração quando notou que perdera a direção da porta. Com a testa banhada de suor frio, tateou em torno da mesa e acompanhou a parede até que se encontrou diante do corredor estreito, com aquela coisa asquerosa na mão.

Até o rosto de sua mulher parecia transfigurado, quando entrou no quarto. Pálido e expectante, tinha, para seu pavor, um aspecto sobrenatural. Teve medo dela.

- Faça o desejo - ordenou com energia na voz.
- É uma estupidez e um pecado - tentou ainda.
- Faça o desejo - ela repetiu. Ele levantou a mão e disse.
- Desejo meu filho vivo outra vez.

O talismã caiu no chão e ele o olhou com um arrepio. Então afundou em uma cadeira tremendo, enquanto, com os olhos em brasa, a velha ia para a janela e abria a cortina.

Ficou ali, enregelado do frio; de vez em quando lançava um olhar na direção da mulher, de guarda na janela, olhando lá fora. A vela que queimava, já no final e abaixo do nível de seu encaixe no castiçal de louça, lançando clarões e sombras nas paredes e no teto, depois de um último clarão mais intenso, afinal se apagou. Com uma indizível sensação de alívio diante do fracasso do talismã, o velho voltou para a cama e, um ou dois minutos depois, sua mulher veio deitar-se ao seu lado, apática.

Nenhum dos dois disse palavra, ficaram ali, deitados, ouvindo o tiquetaquear do relógio. A escada estalou e um rato correu junto à parede com rumor. A escuridão era opressiva e, depois de algum tempo deitado, o velho achou a coragem para pegar uma caixa de fósforos, acender um e descer atrás de uma vela.

No último degrau da escada, o fósforo se apagou e ele parou para riscar outro, e naquele exato momento ouviu a batida. Uma batida na porta da frente, tão leve e tão baixa que mal se ouvia,.

Os fósforos caíram de sua mão e ele ficou imóvel, com a respiração suspensa, até a batida se repetir. Então ele girou e fugiu rápido de volta para o quarto, trancando a porta atrás de si. Mas uma vez a batida soou pela casa.

- O que foi isso? - gritou a mulher se levantando.

- Um rato - disse o velho com a voz trêmula -, um rato. Passou por mim na escada.

A mulher se sentou na cama, escutando. Uma batida forte ressoou na casa.

- É Herbert! - ela gritou. - É Herbert!

Correu para a porta, mas o marido bloqueou seu caminho, pegou-a pelo braço e segurou-a firme.

- Que é que você vai fazer? - sussurrou rouco.

- É meu menino, é Herbert - gritou, tentando mecanicamente se livrar de suas mãos. - Esqueci que estava a três quilômetros daqui. Por que está me segurando? Me solte, preciso abrir a porta.

- Por Deus do céu, não o deixe entrar - disse o velho tremendo.

- Você está com medo de seu próprio filho - gritou, se debatendo. - Deixe-me ir. Já vou Herbert, já vou.

Houve outra batida, e mais outra. A velha, com um movimento rápido, conseguiu se livrar e escapou do quarto. O marido a seguiu até o patamar da escada e a chamava implorando, enquanto ela descia correndo para a porta. Ele ouviu a corrente abrindo e o ferrolho de baixo subindo lentamente, agarrado no encaixe. Então ouviu a mulher, aflita e sem fôlego.

- O ferrolho de cima - gritou. - Venha até aqui. Não consigo alcançar.

Mas o marido engatinhava, de joelhos no chão, procurando a pata do macaco. Se ao menos pudesse encontrá-la, antes que

aquela coisa lá fora entrasse na casa. As batidas, uma atrás da outra agora, reverberavam pela casa, e ouviu a mulher arrastando uma cadeira para colocar junto à porta. Ouviu o barulho do ferrolho descendo vagaroso e nesse momento encontrou o talismã; então, com a voz ofegante, fez seu terceiro e último desejo.

As batidas pararam imediatamente, embora continuassem ecoando pela casa. Ele ouviu a cadeira sendo afastada e a porta se abrindo. Um vento frio subiu pela escada, e o longo, doloroso e desapontado lamento de sua mulher deu-lhe a coragem para descer até ela e sair, depois, até o portão. A luz do poste do outro lado iluminava a rua quieta e deserta.

Tradução de Octávio Marcondes

34. CÚMPLICE

ALGERNON BLACKWOOD (1869-1951 | Inglaterra)

No começo do século XX ele foi quase tão famoso quanto Conan Doyle, Chesterton e Wells. Depois ficou décadas esquecido. Ressurgiu ainda em vida. Novamente esquecido. Relançado depois de morto. No Brasil, foi Heloisa Seixas quem se encarregou de relançá-lo, com A Casa do Passado (Ed. Record). Qual o mistério desta constante volta? Porque o horror ou o terror está sempre presente na história da literatura? Seixas tem uma boa explicação para isso: "Porque não há avanço tecnológico ou incremento do cinismo que nos impeça de sentir calafrios diante do que não pode ser 'explicado'." Talvez porque sejamos todos "cúmplices"- no medo e no crime.

No entroncamento de caminhos, em meio à charneca, Martin examinou as placas durante vários minutos, meio confuso. Os nomes nas quatro placas não eram o que ele esperava e não havia informação sobre distâncias. Impaciente, acabou concluindo que o mapa que levava devia estar desatualizado. Abriu-o de encontro ao poste, inclinando-se para examiná-lo melhor. O vento batia nas pontas, que chicoteavam seu rosto. As letras pequenas eram quase indecifráveis na luz que morria. Mas parecia - pelo pouco que podia ver - que, uns três quilômetros antes, ele havia tomado o caminho errado.

Lembrava-se daquela bifurcação. A trilha parecia convidativa. Martin hesitara por um instante, depois enveredara por ela, sucumbindo à conhecida tentação dos andarilhos de que "por ali cortaria caminho". A ilusão de cortar caminho é uma armadilha tão antiga quanto a natureza humana. Por algum tempo, Martin continuou ali, examinando o mapa e as placas da estrada, alternadamente. A tarde caía e ele sentia a mochila cada vez mais

pesada. Mas nada entre o mapa e a placa, o que o deixava cada vez mais inquieto. Sentia-se estranhamente confuso e frustrado. Não conseguia raciocinar direito. Era difícil tomar uma decisão. "Estou meio tonto", pensou. "Devo estar muito cansado." E acabou escolhendo o caminho que achou mais provável. "Mais cedo ou mais tarde, vou dar em alguma estalagem, mesmo que não seja a que procuro." Aceitou o jogo do acaso e partiu, com ímpeto. A placa escolhida trazia "Litacy Hill" escrito em letras miúdas, bem-feitas, que pareceram dançar e estremecer quando olhou para elas. Não tinha achado o nome no mapa. Mas era convidativo, como a idéia de "cortar caminho". Fora com um impulso semelhante que ele fizera a escolha. Só que, dessa vez, o impulso lhe parecera ainda mais urgente, como um chamado.

Só então Martin se deu conta da enorme solidão que o cercava. A estrada se estendia numa reta por centenas e centenas de metros e desaparecia numa curva, como um rio branco que se perdesse no espaço. O azul esverdeado das urzes ladeava a trilha, desaparecendo na penumbra. Um ou outro pinheiro se alteava, solitário e inexplicável. O estranho adjetivo, ao surgir em sua mente, assombrou Martin. Tantas coisas que naquela tarde pareciam também - inexplicáveis. A trilha para cortar caminho, o mapa confuso, os nomes nas placas, seus próprios impulsos erráticos e o curioso torpor que tomava conta de sua mente. Toda a paisagem ali parecia precisar de uma explicação, embora talvez a palavra mais adequada fosse "interpretação". E foram os pinheiros solitários que o fizeram ver isso. Por que motivo se perdera com tanta facilidade? Por que sentira estranhas influências que pareciam direcionar suas decisões? Por que estava ali - exatamente ali? E por que caminhava rumo a Litacy Hill?

Foi então que, num trecho verde do campo que brilhava como um pedaço de dia em meio à penumbra da charneca, viu uma pessoa deitada na grama. Era apenas uma mancha no chão, um amontoado de tiras sujas, embora com um certo toque incomum e horrível. Na mente de Martin - embora seu conhecimento de alemão fosse de nível escolar - as palavras que surgiram não foram em

inglês, mas em alemão. Lump e Lumpen foram as expressões que lhe vieram à cabeça. Pareceram-lhe naquele momento as palavras certas e tão expressivas, como se fossem onomatopéias, se era possível encará-las assim. Não lhe ocorreram palavras como "trapos" ou "vagabundo". A descrição adequada era em alemão.

Ali estava uma pista, dada pela parte irracional de sua mente. Mas parece que Martin não prestou atenção. E, no minuto seguinte, o mendigo levantou-se e perguntou-lhe as horas. Fez a pergunta em alemão. E Martin, sem hesitar nem por um segundo, respondeu, também em alemão: Halb sieben - seis e meia. Falara instintivamente, sem olhar. Mas estava certo. Espiou o relógio em seguida e viu que acertara.

Ouviu então o homem dizer, com a insolência disfarçada dos mendigos:

- 'Brigado. 'Brigado mesmo.

Martin não o deixara ver seu relógio, outra atitude inconsciente.

Apressou o passo pela estrada solitária, enquanto uma mistura singular de sentimentos e sensações se apossava dele. De certa forma, adivinhara a pergunta. E adivinhara também que viria em alemão. Mas aquilo o aturdira e amedrontara. Outra coisa também o aturdia e amedrontava: ele esperara por aquilo, da forma igualmente estranha. E estava certo. E quando aquela coisa escura e rasgada se erguera para fazer a pergunta, parte dele ficara deitada na grama - outra coisa escura e rasgada. É que havia dois mendigos. Martin vira seus rostos com clareza. Por trás das barbas descuidadas, por baixo dos chapéus derribados, percebera o olhar desagradável, os rostos espertos que o observavam enquanto passava. Os olhos o seguiram. Por um segundo, olhou direto dentro daqueles olhos, para poder depois reconhecê-los. E compreendeu, com horror, que os dois rostos eram por demais polidos, por demais finos e astutos para pertencer a mendigos comuns. Aqueles homens não eram mendigos coisa nenhuma. Estavam usando um disfarce.

"Eles me olharam de forma dissimulada", pensou, enquanto apressava o passo na estrada escura, num frêmito, agora

perfeitamente consciente de toda a desolação e solidão da terra à sua volta.

Inquieto e angustiado, apertou ainda mais o passo. E, enquanto notava o barulho excessivo que as traves de suas botas faziam no chão duro e branco da estrada, sentiu-se invadir pela presença de todas as coisas que ali o assombravam, por "inexplicáveis". Elas lhe transmitiram uma única e definitiva mensagem: tudo o que estava acontecendo não era dirigido para ele, daí sua perplexidade e confusão. Ele invadira um cenário que pertencia a outra pessoa, trespassando o limite e penetrando num mapa de vida que não era o seu. Ao escolher, por engano, um caminho subjetivo, imiscuíra-se num campo de energias estranhas, que operavam no pequeno mundo de um outro ser. Inconscientemente, em algum ponto, trespassara o umbral e agora estava dentro - como um intruso, um invasor, um voyeur. Ouvia, perscrutava. Escutava coisas que não tinha o direito de saber, porque eram para outra pessoa. Como um navio em alto-mar, captava mensagens tele-gráficas que não podia interpretar ao certo, porque seu receptor não estava de fato sintonizado para recebê-las. E, o que era pior - as mensagens eram de advertência.

O medo caiu sobre ele como a noite. Tinha sido apanhado em uma delicada rede de forças, mas forças profundas, que não podia dominar, e sem que conhecesse sua origem ou propósito. Penetrara numa gigantesca armadilha psicológica, uma isca bem planejada, embora preparada para outra pessoa que não ele. Alguma coisa o atraía, algo na paisagem, a hora do dia, ou mesmo seu estado de espírito. Cedendo a uma fraqueza que ele próprio desconhecia, deixara-se agarrar. E seu medo transformou-se em terror.

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que não pareceu durar mais do que um momento. Foi imediato e avassalador. E de certa forma inevitável. Surgiu na estrada branca um homem, vindo em sua direção e adernando de um lado para outro, como se estivesse bêbado, mas claramente fingindo - um mendigo. E enquanto Martin se afastava para deixá-lo passar, o homem deu uma guinada e atacou-o, atracando-se com ele. Foi uma pancada

repentina e terrível. Mas no exato segundo em que caía, Martin teve consciência de que, atrás de si, estava um segundo homem, que lhe agarrava as pernas, atirando-o com toda força no chão. Foram vários golpes, então. Viu qualquer coisa brilhar. Uma náusea imensa deixou-o subitamente fraco. Era impossível resistir. Algo queimava em sua garganta e de sua boca escorria qualquer coisa viscosa e doce que o chocou. E o mundo mergulhou na escuridão. Mas, através de todo o horror e tormento, dois pensamentos surgiram com clareza em sua mente: concluiu que o primeiro mendigo tinha corrido furtivamente através do campo, num rápido estratagema, para vir ter com ele. E que alguma coisa pesada soltava-se das presilhas junto a seu corpo, sob as roupas, colada à pele. ..

Mas de repente a escuridão desvaneceu-se, desapareceu. E Martin se viu novamente observando o mapa, de encontro ao poste com as placas. O vento balançava as pontas do papel contra seu rosto e ele agora enxergava os nomes muito bem. Acima, nas placas presas à estaca, estavam os nomes dos lugares que ele esperava encontrar, e que casavam perfeitamente com o que aparecia no mapa. Tudo estava claro outra vez, como devia ser. Martin leu o nome da cidade para onde pretendia ir - plenamente visível na penumbra. Ficava a cerca de três quilômetros dali. Confuso, chocado, sem conseguir raciocinar direito, enfiou o mapa no bolso sem dobrá-lo direito e saiu correndo, como se tivesse acabado de acordar de um horrível pesadelo, como se sentisse, condensados em apenas um segundo, todos os detalhes horrendos de uma prolongada e opressiva agonia.

Logo, caminhava numa marcha acelerada, que acabaria se transformando em desabalada corrida. Suava por todos os poros. Suas pernas estavam fracas, a respiração entrecortada. Tinha consciência apenas do desejo irrefreável de sair logo dali, daquela encruzilhada onde tivera a visão horrível. Porque Martin, que adorava caminhadas, jamais havia sequer pensado no sobrenatural. Tudo aquilo era para ele uma tortura. Pior do que receber um livro de contabilidade fraudado, resultado de uma conspiração de

diretores e escriturários interessados em acusá-lo. Corria como se o próprio campo o perseguisse. E, enquanto corria, trazia ainda consigo a curiosa convicção de que nada daquilo era para acontecer com ele. Apenas escutara os segredos de outra pessoa. Recebera a advertência que era para essa pessoa, desviando seu rumo. Com isso, impedira-a de captar a mensagem. Tudo aquilo o deixava tão chocado que mal podia falar. O mecanismo de sua alma, justo e preciso, tinha sido abalado. A advertência era para outra pessoa, que agora não poderia - e não iria - recebê-la.

Mas, à medida que avançava, o exercício físico lhe trouxe uma sensação mais confortável, e ele acabou se acalmando. Já tendo avistado as luzes da cidade, diminuiu a marcha e, quando chegou ao lugar, caminhava num passo normal. Foi até a estalagem, inspecionou o quarto, ficou com ele e, afinal, pediu o jantar, o que o reconfortou. Além disso, matou a sede que sentia, recuperando completamente o equilíbrio. As sensações estranhas tinham desaparecido, assim como a idéia incomum de que alguma coisa em seu mundinho simples e completo pudesse ser inexplicável. E, sentindo ainda uma vaga inquietação, embora já sem qualquer medo, foi até o bar fumar cachimbo e conversar um pouco com o pessoal do lugar, que era seu maior prazer nesses passeios. Foi quando viu dois homens debruçados sobre um dos cantos do balcão, de costas para ele. No mesmo instante, viu seus rostos refletidos no espelho - e o cachimbo quase lhe caiu de entre os dentes. Bem barbeados, a esperteza transparecendo nos rostos limpos, eles conversavam e - pelas palavras que Martin pôde entreouvir - conversavam em alemão. Estavam ambos bem-vestidos, sem que nada neles chamasse atenção. Com seus casacos de lã xadrez e suas botas, podiam muito bem ser confundidos com qualquer turista, como o próprio Martin. Após algum tempo, pagaram a bebida e foram embora. Martin nunca os tinha visto antes. Mas sentiu o suor porejar de sua pele, ondas sucessivas de frio e calor percorrendo seu corpo, num arrepio. Sem sombra de dúvida, ele havia reconhecido os dois mendigos, que agora não usavam os disfarces. Ainda não.

Martin continuou imóvel em seu canto do balcão, tragando com força o cachimbo apagado, irremediavelmente vencido pelo mesmo vil terror que sentira antes. Voltara a envolvê-lo com enorme clareza a sensação de que não era com ele que aqueles homens tinham alguma relação, assim como a certeza de que não tinha o direito de interferir. Faltava-lhe *loeus standi*. Seria imoral, mesmo que tivesse a oportunidade. E a oportunidade viria, ele podia sentir. Estivera ouvindo o que não devia e acabara conhecendo um segredo que não lhe pertencia, que não poderia usar, mesmo que fosse para o bem -mesmo que fosse para salvar uma vida. E em seu canto do balcão ficou, aterrorizado e silente, esperando pelos acontecimentos.

Mas a noite não trouxe qualquer explicação. Nada aconteceu. E Martin dormiu. O único outro hóspede da estalagem era um velho, aparentemente turista, como ele, e que usava óculos de aro de ouro. De manhã, Martin ouviu-o perguntar ao dono da estalagem qual era o caminho para Litacy Hill. Martin sentiu os dentes trincando, uma fraqueza nas pernas.

- Vire à esquerda no entroncamento - disse, antes que o senhorio tivesse tempo de responder. - Você vai ver o poste com as placas a cerca de três quilômetros daqui. Depois, é só seguir por mais uns sete quilômetros. - Como, diabos, sabia aquilo?, pensou. - Eu também estou indo para lá - ouviu-se dizer em seguida. - Vou seguir com você até um determinado trecho, se você não se importar.

As palavras tinham saído num impulso, sem que ele pudesse pensar no que dizia. Como se tivessem vida própria. O caminho de Martin era justamente o oposto. Mas ele não queria que o homem fosse sozinho. Só que o estranho, com toda polidez, recusou sua oferta de companhia. Agradeceu, dizendo que na verdade só sairia um pouco mais tarde. Os três estavam de pé, junto ao local onde se amarravam os cavalos, diante da estalagem. Nesse instante, um mendigo, passando pela estrada, virou-se e perguntou as horas. E foi o homem dos óculos de aro de ouro quem respondeu.

- 'Brigado. 'Brigado mesmo - disse o mendigo, seguindo em frente, com seu passo lento e relaxado, enquanto o dono da estalagem, sujeito falante, tagarelava sem parar sobre a quantidade de alemães vivendo na Inglaterra e sobre como estavam prontos para promover a invasão teutônica que, para ele, era iminente.

Mas Martin já não o ouvia. Pouco depois, quando não tinha caminhado sequer dois quilômetros, acabou penetrando na mata, pois precisava ficar um pouco sozinho. Para fazer um exame de consciência. Sua fraqueza e covardia tinham sido, com certeza, criminosas. A angústia tomava-lhe o peito. Dezenas de vezes pensou em voltar e dezenas de vezes desistiu, imobilizado por uma estranha força que parecia sussurrar-lhe que ele não tinha esse direito. Como poderia agir baseado em algo que entreouvira, um segredo que não era seu? Como envolver-se no assunto particular que pertencia à vida secreta de outra pessoa, apenas porque acontecera de ouvir seus mais obscuros perigos, como numa escuta telefônica? Sentia-se confuso, não conseguia raciocinar direito. O estranho, de qualquer forma, acharia que ele estava louco. Não tinha fatos concretos para lhe apresentar. Lutava, em meio aos mais contraditórios impulsos... até que acabou seguindo em frente em seu caminho, com o coração pesado e trêmulo.

Teve os dois últimos dias do feriado estragados por dúvidas, perguntas, inquietações - tudo depois justificado, quando leu a notícia sobre o assassinato de um turista em Litacy Hill. O homem usava óculos de aro de ouro e carregava, num cinto colado ao corpo, alta soma em dinheiro. Tinham-lhe cortado a garganta. E até então a única pista da polícia era uma misteriosa dupla de mendigos - alemães, ao que parecia.

Tradução de Heloisa Seixas

35. UM CASO ESTRANHO

PAULO CORRÊA LOPES (1898 -1957 I Brasil)

Este escritor gaúcho, desconhecido hoje mesmo em seu estado, e que teve um conto seu de pouco mais de meia página como um dos destaques (segundo a crítica) de Os Cem Melhores Contos de Humor da Literatura Universal, volta a nos surpreender agora com um outro miniconto da mesma dimensão. Se seu História de uma Traça (da antologia anterior) foi chamado de pós-kafkiano, este que vão ler pode ser considerado pré-borgiano: a idéia metafísica do Mesmo e do Outro (tão presente na obra do mestre argentino, e que na época certamente PCL desconhecia) está aqui em poucas e definitivas linhas. (O mais curioso é que Lopes, que foi sobretudo poeta, não escreveu mais de quatro ou cinco contos.)

Não sei se no momento eu contemplava as águas da enchente ou se pensava em outras épocas, quando uma boca com dentes de ouro me interrompeu:

- Tenho ordem de prendê-lo como envolvido no crime da mala.
- Que mala? indaguei ainda surpreso, como alguém que acabasse de descer de Marte ou de outra região qualquer.
- Siga-me que na delegacia tudo será esclarecido.

Diante do tom autoritário com que a boca com dentes de ouro me falava, resolvi seguir o investigador. Atravessamos uma rua deserta, cruzamos uma praça cheia de crianças brincando, desembocamos num largo e por fim entramos num prédio baixo com aspecto de casa de comércio.

Quando menos esperava, fui empurrado para dentro de uma sala escura onde o delegado de plantão me recebeu com ar teatral:

- Então! Custou mas caiu nas mãos da justiça! Ninguém escapa da lei! Confesse, que é a única coisa inteligente que tem a fazer!

A princípio achei graça em tudo aquilo. Pensei mesmo que estava sendo vítima de uma brincadeira de mau gosto. Depois, diante da insistência do delegado, comecei a suar frio. Que sabia eu do crime da mala? É bem possível que alguém, parecido comigo, tivesse cometido o crime pelo qual me acusavam. Há tanta gente parecida no mundo. Ainda há tempos encontrei no bonde um cidadão tão parecido com Henry Fonda que fiquei abismado. Tinha até o jeito de sorrir do simpático artista. Por um pouco não chamei a atenção do cavalheiro para o fato. O próprio delegado, que me interrogava, tinha qualquer coisa de semelhante com o investigador que me havia dado voz de prisão. O verdadeiro culpado talvez se parecesse comigo. Não encontrava outra explicação para tudo aquilo. De súbito fui despertado pela boca com dentes de ouro, que me disse:

- Acompanhe-me.

Segui como um autômato o investigador que me fechou numa sala tão baixa que tive que me curvar para não bater com a cabeça no teto. Justamente no momento em que me curvei, dei com um morto estendido dentro de uma mala meio aberta. Recuei e fiz um grande esforço para não gritar. O morto parece que me acusava com os seus olhos parados, com os seus olhos que vinham de um outro mundo. Tive a impressão de que estava sendo vítima de uma alucinação. Os olhos do morto parece que se dilatavam cada vez mais.

Dominei-me a custo e debrucei-me sobre o morto para examinar melhor a sua fisionomia e não pude conter um grito: o morto era eu. Era eu que estava dentro da mala meio aberta...

36. O NÚMERO TRÊS

PAULO CORRÊA LOPES

Ele entrou no quarto às duas horas da tarde. Estava com fome. Para iludir o estômago, deitou-se e começou a contar as tábuas do teto. Contou até dez. Depois verificou que havia se enganado. Pois do número dois tinha pulado para o número quatro. Recomeçou a contar mas não houve meio de se lembrar do número três.

Desiludido, levantou-se e dirigiu-se para a porta. E sobre a porta, em traços de fogo, viu o número três. Recuou espantado. E o número três começou a avançar sobre ele. Recuou mais e quanto mais recuava, mais o número três avançava. Vendo que era impossível a fuga, parou. O número três então lhe disse:

- Não te assustes. Sou o pai dos seres. Lao-Tsé tem razão. Sou teu pai. Tens fome e venho te salvar. Pede e terás o que quiseres.

Nem bem ele havia pensado num bife a cavalo, quando viu três bifés fumegando num prato de ouro.

Lançou-se sobre os bifés e os bifés desapareceram. Olhou desapontado para trás e não viu mais o número três. Então atirou-se sobre a cama, cobriu a cabeça com o lençol, e pensou:

- Positivamente o número três não pode ser o pai dos seres. Se fosse o número oito, vá lá. O número oito sempre me deu sorte.

Depois virou-se para a parede e morreu.

37. AS FORMIGAS

LYGIA FAGUNDES TELLES (1923- | Brasil)

Esta Primeira Dama do conto brasileiro (que tão bem poderia ter participado de Os Cem Melhores Contos de Humor... com o conto Seminário dos Ratos) consegue, neste surpreendente As Formigas, do livro Seminário dos Ratos (1977), compor um conto de suspense sobrenatural sem nenhuma marca (como sói acontecer) da sempre presente literatura gótica anglo-saxã. Pelo contrário, nada mais brasileiro do que estas duas jovens interioranas às voltas com nossas formigas tropicais. Ah, sim! existe também um caixote de ossos.

Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

- É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

- Pelo menos não vi sinal de barata - disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charuti nho.

- É você que estuda medicina? - perguntou soprando a fumaça na minha direção.

- Estudo direito. Medicina, é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

- Vou mostrar o quarto, fica no sótão - disse ela em meio de um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. - O inquilino antes de vocês também estudava medicina. Largou lá um caixotinho de ossos que ficou de vir buscar. Mas até agora não apareceu.

Minha prima voltou-se:

- Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários, uma mesa e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

- Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

- Ele disse que eram de adulto. De um anão.

- De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí - admirou-se ela. Trouxe nas pontas dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. - Tão perfeito, todos os dentinhos!

- Eu ia jogar tudo no lixo mas se você se interessa, pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com garrafa térmica, fechem bem a garrafa - recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: - Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Esvaziei a mala, dependurei minha blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoa ovos numa caixa.

- Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

- De onde vem esse cheiro? - perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. - Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

- É de bolor. A casa inteira cheira assim - ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei

antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

- Que é que você está fazendo aí? - perguntei

- Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei-me e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha compacta pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

- São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida - estranhei.

- Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

- Está debaixo dela - disse minha prima. E puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. - Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

- Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

- Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro, na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

- Esquisito. Muito esquisito.

- O quê?

- Me lembro que botei o crânio bem em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas pra não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

- Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha das formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente mas dessa vez foi o antigo pesadelo em torno dos exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, à procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei:

- E as formigas?

- Até agora, nenhuma.

- Você varreu as mortas? Ela ficou me olhando.

- Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

- Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas

então quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

- Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto mas estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia flor de maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse a pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho que competia nas repetições com o sonho da prova oral: nele, eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou no seu anzol. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

- Elas voltaram.

- Quem?

- As formigas. Só atacam de noite, pela madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, compacta seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

- E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

- Aí é que está. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa

mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão. .. estão se organizando.

- Como, organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

- Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e ... Venha ver!

- Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas, desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

- Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia - ela avisou. O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

- Estou com medo.

Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

- Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

- Voltaram - ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

- Estão aí?

Ela falava num tom miúdo como se uma formiguinha falasse com sua voz.

- Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

- Que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

- Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está quase inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

- Você está falando sério?

- Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

- Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

- Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta.

- E pra onde a gente vai?

- Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japonsa e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

CRIME À BRASILEIRA

38. A CARTOMANTE

MACHADO DE ASSIS (1839 -1908 I Brasil)

Chega a ser um lugar-comum dizer que ele é o maior contista (e romancista) brasileiro. Entre suas obras-primas no gênero, lembramos Noite de Almirante, onde um simples marinheiro por muito pouco não comete um crime por ciúmes. Já em A Cartomante, bem, que leia o leitor... imagine uma senhora dirigindo-se a uma cartomante (na rua do Ouvidor, mas poderia ser na Nossa Sra. de Copacabana de hoje). Ai então...

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa . .." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! interrompeu Camilo, rindo.

- Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria. ..

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era

ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois. ..

- Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

- Onde é a casa?

- Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

- Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muito coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

- É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femmina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; - ela mal, - ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as coisas. Agora a ação da pessoa, os

olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser

advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: - a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

- Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a ...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa?

Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas coisas com a notícia da véspera.

- Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora - repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e

em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então - o que era ainda pior -, eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

- Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim ...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as

superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

- Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já . . ." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se. ..?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as

baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

- Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

- E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não.. .

- A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

- As cartas dizem-me. ..

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

- A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

- Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

- Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

- Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

- Vejo bem que o senhor gosta muito dela ... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

- Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade. . . De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: - Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a

barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

- Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo, sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

39. AMOR E SANGUE

ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO (1901 – 1935 I Brasil)

O povo, personagens comuns da população paulistana em particular, é o grande personagem de Alcântara Machado, como em Gaetaninho, seu conto mais conhecido, e Apólogo Brasileiro sem Véu de Alegoria, um dos dez ou vinte destaques de Os Cem Melhores Contos de Humor da Literatura Universal. AAM morreu cedo, e só por isso sua obra não se transformou na mais importante do movimento de 22, passando assim a ser uma espécie de terceiro nome (depois de Mário e Oswald de Andrade) da nossa revolução modernista. Uma cena do crime urbano, que já atingia nossas cidades grandes (São Paulo) nos anos 30, é o que mostra o seguinte conto.

Sua impressão: a rua é que andava, não ele. Passou entre o verdureiro de grandes bigodes e a mulher de cabelo despenteado.

- Vá roubar no inferno, seu Corrado!

Vá sofrer no inferno, seu Nicolino! Foi o que ele ouviu de si mesmo.

- Pronto! Fica por quatrocentão.

- Mas é tomate podre, seu Corrado!

la indo na manhã. A professora pública estranhou aquele ar tão triste. As bananas na porta da QUITANDA TRÍPOLI ITALIANA eram de ouro por causa do sol. O Ford derrapou, maxixou, continuou bamboleando. E as chaminés das fábricas apitavam na rua Brigadeiro Machado.

Não adiantava nada que o céu estivesse azul porque a alma de Nicolino estava negra.

- Ei, Nicolino! NICOLINO!

- Que é?

- Você está ficando surdo, rapaz! A Grazia passou agorinha mesmo.

- Des-gra-ça-da!

- Deixa de fita. Você joga amanhã contra o Esmeralda?

- Não sei ainda.

- Não sabe? Deixa de fita, rapaz: Você...

- Ciao.

- Veja lá, hein! Não vá tirar o corpo na hora. Você é a garantia da defesa. A desgraçada já havia passado.

AO BARBEIRO SUBMARINO.

BARBA: 300 réis.

CABELO: 600 réis.

SERVIÇO GARANTIDO.

- Bom dia!

Nicolino Fior d'Amore nem deu resposta. Foi entrando, tirando o paletó, enfiando outro branco, se sentando no fundo à espera dos fregueses. Sem dar confiança. Também seu Salvador nem ligou.

A navalha ia e vinha no couro esticado.

- São Paulo corre hoje! É o cem contos!

O Temístocles da Prefeitura entrou sem colarinho.

- Vamos ver essa barba muito bem feita! Ai, ai! Calor pra burro. Você leu no ESTADO o crime de ontem, Salvador? Banditismo indecente.

- Mas parece que o moço tinha razão de matar a moça.

- Qual tinha razão nada, seu! Bandido! Drama de amor coisa nenhuma. E amanhã está solto. Privações de sentidos. Júri indecente, meu Deus do Céu! Salvador, Salvador... - cuidado aí que tem uma espinha - ... este país está perdido!

- Todos dizem.

Nicolino fingia que não estava escutando. E assobiava a SCUGNIZZA. As fábricas apitavam.

Quando Grazia deu com ele na calçada abaixou a cabeça e atravessou a rua.

- Espera aí, sua fingida.

- Não quero mais falar com você.

- Não faça mais assim pra mim, Grazia. Deixa que eu vá com você. Estou ficando louco, Grazia. Escuta. Olha, Grazia! Grazia! Se você não falar mais comigo eu me mato mesmo. Escuta. Fala alguma coisa por favor.

- Me deixa! Pensa que eu sou aquela fedida da rua Cruz Branca?

- O quê?

- É isso mesmo.

E foi almoçar correndo.

Nicolino apertou o fura-bolos entre os dentes.

As fábricas apitavam.

Grazia ria com a Rosa.

- Meu irmão foi e deu uma bruta surra na cara dele.

- Bem-feito! Você é uma danada, Rosa. Chi!... Nicolino deu um pulo monstro.

- Você não quer mesmo mais falar comigo, sua desgraçada?

- Desista!

- Mas você me paga, sua desgraçada!

- NÃ-Ã-O!

A punhalada derrubou-a.

- Pega! PEGA! PEGA!

- Eu matei ela porque estava louco, seu delegado!

Todos os jornais registraram essa frase que foi dita chorando.

Eu estava louco, Seu delegado!

Matei por isso, (bis)

Sou desgraçado!

O estribilho de ASSASSINO POR AMOR (Canção da atualidade para ser cantada com a música do "FUBÁ", letra de Spartaco Novais Panini) causou furor na zona.

40. DUELO DE FARRAPOS

J. SIMÕES LOPES NETO (1865 -1916 I Brasil)

Refletindo a linguagem e as tradições gaúchas, Simões Lopes Neto nos deixou, em apenas dois livros - Contos Gauchescos e Contos de Romualdo -, um marco na literatura brasileira. Duelo de Farrapos (selecionado por Graciliano Ramos para sua antologia Contos e Novelas) tem como pano de fundo a Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha, e lida com personagens históricos, como "meu general Bento Gonçalves", o coronel Onofre Pirese o barão (futuro duque) de Caxias, e, do lado do "Estado Oriental" (Uruguai), Oribe e Rivera.

Já um ror de vezes tenho dito - e provo - que fui ordenança do meu general Bento Gonçalves.

Este caso que vou contar pegou o começo no fim de 42, no Alegrete, e foi acabar num 27 de fevereiro, daí dois anos, nas pontas do Sarandi, pras bandas e já pertinho de Santana.

Foi assim. Tenho que contar pelo miúdo, pra se entender bem. Em agosto de 42, o general, que era o Presidente da República Rio-Grandense - vancê desculpe ... estou velho, mas inté hoje, quando falo na República dos Farrapos, tiro o meu chapéu ! ... - o general fez um papel, que chamavam-lhe decreto, mandando ordens pr'uma eleição grande, para deputados; estes tais é que iam combinar as leis novas e cuidar de outras coisas que andavam meio à matroca, por causa da guerra.

Em setembro houve a eleição; em outubro já se sabia quem eram os macotas votados, que eram quase todos os torenas que andavam na coxilha. O jornal do governo deu uma relação deles e dos votos que tiveram, que eu sabia, mas já esqueci.

Por sinal que esse jornal chamava-se - Americano - e tinha na frente um versinho que saía sempre escrito e publicado e que era assim, se bem me lembro:

*Pela Pátria viver, morrer por ela;
Guerra fazer ao despotismo insano;
A virtude seguir, calcar o vício;
Eis o dever de um livre Americano.*

Em novembro, os deputados, que eram trinta e seis, mas que só se apresentaram vinte e dois, juntaram-se em assembléia; em dezembro, logo no dia um, foi então a cerimônia principal.

O general foi em pessoa, como presidente, com a ministrada, os comandantes de corpos e outros topetudos, e aí fez uma - Fala - muito sisuda e compassada, que todos escuitaram quietos, só sacudindo a cabeça, como quem dizia que era mesmo como o general estava lendo no escrito.

Uêl. e que pensa vancê?. .. Estava tudo na estica, sim senhor: fardas novas, bainhas de espada, alumando; redingotes verdes ou azuis com botões amarelos, padres com suas batinas saidinhas; um estadão! E famílias, muita moçada fachuda, povaréu, e até uma música. Eu e o outro ordenança, os dois, mui anchos, de gandola colorada.

Por esse entrementes, no Estado Oriental, andava gangolina grossa entre Oribe e Rivera, que eram os dois que queriam o penacho de manda-tudo. Volta e meia as partidas deles se pechavam e sempre havia entrevero...

Ah! se vancê visse a indiada daquele tempo... cada gadelhudo. .. Ah! bom!...

Mas, como quero, onde se encontrasse, a nossa gente entropilhava-se bem com a deles. E mesmo era ordem dos sup'riores.

Quando íamos mal da vida, já pelas caronas, nos bandeávamos para o outro lado da linha; lá se churrasqueava, fazia-se uma volteada de potrada e voltávamos à carga, folheiritos no mais!

O barão Caxias, que era o maioral dos caramurus, mordia-se com estas gauchadas.

Mas tanto Oribe como Rivera nos codilhavam quando podiam, porquanto faziam também suas fosquinhas aos legais. . . apertavam o laço pra nós, mas afrouxavam a ilhapa pra eles...

Vancê entende?. .. Pau de dois bicos!...

- Mas, vá vancê escuitando.

Rabo-de-saia é sempre precipício pros homens. ..

Não vá vancê cuidar que no caso andou mulher botando fungu no coração de ninguém, não, senhor; a coisa foi muito outra, de alarifage.

Naquele novembro de 42, quando os deputados foram-se ajuntando, de um a um, vindos de todos os rumos da província da República, e havia na vila do Alegrete movimento de comitivas e piquetes, um dia, já à boquinha da noite, chegou uma carreta de campanha, mui bem toldada, com boiada gorda, e escoltada por um acompanhamento grande, de gente bem montada e armada.

Chegou o combói e parou em meio da praça; e logo o que vinha de vaqueano cortou-se e foi apresentar o passe e outros papéis; e foi dizendo que a pessoa que vinha na carreta era uma senhora dona viúva, que trazia ofício pra o governo e que era sobre uns gados que haviam sido arrebanhados, e cavalhadas, e prejuízos e tal, e mais uma conversa por este teor e com mais voltas que um laço grande enrodilhado. ..

Foi isso o que correu logo no redepente da curiosidade.

Papéis foram que a tal dona trazia, que logo o general mandou chamar os deputados e os ministros e depois se trancaram todos numa sala grande; e depois despachou um capitão para ir buscar a figurona.

E ela veio; e mal que chegou o general veio à porta, fez um rapapé e foi com ela pra tal sala onde estavam os outros.

Se era linda a beldade!... Sim, senhor, dum gaúcho de gosto alçar na garupa e depois jurar que era Deus na terra !...

E destorcida, e bem falante; e olhava pra gente, como o sol olha pra água: atravessando!

Dentro da sala, fechada, ia um vozerio dos homens; depois serenava; parece que eles estavam mussitando; e a voz da dona repenicava, hablando un castellano de mi flor!

Lá pelas tantas levantaram o ajuntamento; o mesmo capitão foi levar Cl dona. E de manhã, nem carreta, nem boiada nem comitiva apareceram mais.

Depois é que vim ao conhecimento que aquela figurona tinha vindo de emissária.

Rivera era mais valente; Oribe era mais sorro: mas, os dois, matreiraços!...

Agora, qual dos dois, pra disfarçar dos caramurus o chasque, mandou, em vez dum homem, aquela vivaracha, qual dos dois foi não pude sondar.

Era assunto encapotado...

Depois desse dia começou a haver um zunzum mui manhoso contra o general.

Não sei se era inveja, ou intrigas ou queixas ou ganas que alguns lhe tinham. As coisas foram-se parando embrulhadas na tal assembléia e uma feita, não sei por que ch!eos pleitos, o general e o coronel Onofre Pires tiveram um desaguisado; o general deu as costas, num pouco caso, e o coronel saiu, num rompante, batendo forte os saltos dos botins.

Em 43 houve outra arrancada braba, foi quando mataram um Paulino Fontoura, que era um pesado. Houve outro bate-barbas entre o general e o coronel Onofre, que era mui esquentado e cosquilhoso.

Mas logo os chefes todos se desparramaram, porque o barão Caxias andava na estrada, levantando polvadeira.

E brigou-se!

Em S. Gabriel, na Vacaria, em Ponche Verde, no Rincão dos Touros. O governo tinha saído do Alegrete e estava outra vez em Piratinim; aí por perto peleou-se, e no Arroio Grande, em Jaguarão, nas Missões, sobre o Quaraim, em Canguçu, em Pai Passo.

Que ano que bebeu sangue, esse!

E quando o exército se amontoou todo, pra lá do ibicuí, e depois foi estendendo marcha, houve um conselho grande de oficiais; e aí se falou outra vez na emissária, a fulana, aquela da carreta, no Alegrete. Aí, então, os dois galões-largos se contrapontearam outra vez.

A gente como eu é bicho bruto, e os graúdos não dão confiança de explicar as coisas; por isso é que eu não sei muitas delas; tenência não me faltava; mas como é que eu ia saber as de adentro dos segredos?...

Já sobre o Garupá - vancê não conhece? são os campos mais bonitos do mundo! - aí os homens se cartearam.

Então já era o ano 44.

O coronel escreveu barbaridades; o general respondeu com aquele jeito dele, sisudo.

E quando foi no dia 27 de fevereiro o general me chamou e mandou que eu fosse levando pela rédea, para a restinga, os dois cavalos que estavam atados debaixo dum espinilho; era um picaço grande e um colorado.

Fui andando; lá longe ia descendo um vulto, atrás de mim vinha outro. E devagarinho, como quem vai mui descansado da sua vida,

os dois. Ah! esqueci de dizer a vancê que, atravessada debaixo da sobrecincha de cada flete, vinha uma espada.

Reparando, vi que as duas eram iguais, de copo fechado e folha grande, das espadas de roca, que só mesmo pulso de homem podia florear.

E quando parei e os dois vultos se chegaram, conheci que eram o meu general e o coronel Onofre.

E desarmados, chê!...

Mas como chegaram, cada um despiu a farda, que botou em cima dos pelegos, e desembainhou a espada que vinha.

O colorado era do coronel; o picaço, do general. Então o general deu ordem:

- Espera aí, com os cavalos! E o coronel também:

- Bombeia; se chegar alguém, assobia!

E rodearam a restinga, para o outro lado.

Então é que entendi a marosca: eles iam tirar uma tora, dessas que não se tira duas vezes entre os mesmos ferros...

Maneei os mancarrões e com um olho no padre, outro na missa, por entre as ramas da restinga, fui espiar a peleia.

Estavam já, frente a frente, de corpo quadrado.

E sol dava a meio, para os dois.

O general Bento Gonçalves era sacudido no jogo da espada preta; meneava o ferro, que chispava na luz, como uma fita de espelho; o coronel Onofre parava os botes e respondia no tempo, mas com tanta força que a espada assobiava no coriscar.

Nisto o general pulou pra trás, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara.

O coronel encruzou os braços, e a espada dele ficou dependurada da mão, como dum prego.

Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual... aqueles não eram gente disso, não!

E cruzaram, de novo. Em cima da minha cabeça um sabiá pegou a cantar. .. e era tão desconchavado aquele canto que chora no coração da gente, com aqueles talhos que cortavam o ar, que eu, que já tinha lanhado muito cristão caramuru, eu mesmo, fiquei, sem saber como, com os olhos nos peleadores, os ouvidos no sabiá, mas o pensamento andejando. . . nos pagos, no meu padrinho, no Jesu-Cristo do oratório da minha mãe.. ..

Os ferros iam tinindo. E nisto, o coronel deu um -- ah! - furioso, caiu-lhe da mão a espada ... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, desarmado, entregue!...

Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual! aqueles não eram gente disso, não!

O general tornou a cravar a espada na terra e veio ao ferido com bom jeito.

Pegou o braço, viu o ferimento; e com um lenço grande que levantou do chão, do lado do chapéu, atilhou o talho, para estancar o sangue.

O outro, calado, nem gemia.

Depois o general tornou a pegar a espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou pra cá ...

Foi o quanto eu me atirei pra trás e me acoc'rei perto dos cavalos. Vestiu a farda, embainhou a espada e montou. Então me disse: - Agora vem gente, que eu vou mandar. Não te movas daí, antes. .. E deu de rédea, a galopito, para o acampamento.

E no silêncio que ficou, só ficou balançando no ar o canto do sabiá, na restinga: do outro lado, o sangue do coronel, pingando nos capins; deste lado, eu, sabendo, mas não podendo me intrometer...

Agora veja vancê se não foi mesmo o fungu daquela tal dona - emissária dum dos dois sorros castelhanos - que veio transtornar tanta amizade dos farrapos?. ..

Ela só não pôde foi mudar o preceito da honra deles: brigavam, de morte, mas como guascas de lei: leais, sempre!

Pois não viu, naquelas duas vezes?. .. Pra um que quisesse aproveitar...

E creia vancê que lhe rezei este rosário sem falha duma conta, apesar de já sentir a memória mais esburacada que poncho de calavera... Pois faz tanto ano!...

41. A SOMBRA

COELHO NETO (1864 -1934 I Brasil)

O Modernismo de 22 nos trouxe avanços indiscutíveis. Mas deixou seu rastro de injustiça, relegando ao esquecimento alguns "acadêmicos" anteriores a eles, como Olavo Bilac, Lima Barreto (menos), Adelino Magalhães e Coelho Neto. Que estão eles todos à espera de uma reavaliação. No caso do autor de A Conquista e de O Rei Negro, em especial, devido a seu estilo mais rebuscado, isso parece mais difícil ainda. Nos anos 70, uma crítica de Fausto Cunha já ensaiava esta reavaliação. Mas aqui vale lembrar que ele foi um contista bastante curioso, como veremos neste conto que apresenta a importância "científica" no nosso cotidiano, que vinha ganhando corpo desde o Naturalismo e que marcou o início das histórias policiais (vide Poe, Conan Doyle e Jacques Futrelle).

Ao ver-lhe o retrato ilustrando a trágica confissão do crime, amarfanhei o jornal, indignado. "Não! Não era possível! Só se ele houvesse enlouquecido. .." Imediatamente resolvi visitá-lo no Quartel da Brigada, onde o haviam recolhido em atenção ao seu título de médico.

Não era possível. Celuta sucumbira a uma septicemia aguda, segundo o diagnóstico dos médicos que a examinaram.

Ao entrar na sala em que se achava Avelar logo o avistei sentado à beira de estreita cama de ferro, em mangas de camisa, fumando, visivelmente acabrunhado.

Ao ver-me fez um gesto de contrariedade como se lhe desagradasse a minha visita. Atirou longe o cigarro e, baixando a cabeça, inclinou-se, com os cotovelos fincados nas coxas. Estendi-lhe a mão. Não respondeu ao meu gesto. Chamei-o. Deu de ombros, mal-humorado.

- Então, o que é isto, Avelar? Que história é essa?

- É isso... - Levantou a cabeça e encarou-me sobreceixo. A face refranzia-se-lhe em crispações fulgurantes. - Estás espantado, não? Pois é assim ...

Olhou-me de esguelha, sacudindo a perna. Acendeu outro cigarro e pôs-se a fumar. Insisti.

- Mas Avelar. .. que há de verdade nessa história?

- Não leste a minha confissão? Pois é aquilo. Matei-a.

- Tu!?

- Eu, sim! Eu! E então? Por que havia eu de denunciar-me se estivesse inocente? Por quê? Para quê? Matei-a.

- E por quê? Que razões tiveste para isso? ..

- Ah! razões. ..

Atirou a cabeça para trás e ficou a olhar perdidamente, com um estranho sorriso no rosto pálido. De repente, levantando-se, plantou-se diante de mim, impôs-me pesadamente as mãos aos ombros e disse-me em voz surda, rouca, voz que l he saía difícil, como arrancada:

- Suspeita, sabes? o tal micróbio do ciúme. Porque há também micróbios no mundo moral, oh! se os há! São as tais palavras vagas que nos entram n'alma e lá se desenvolvem e proliferam em desconfianças. Foi uma de tais palavras, entendes? e certos risinhos, certos olhares, cochichos. .. Um dia ... Sei lá!

- E como foi?

- Como foi? Pouco a pouco. - Retesando os braços, repeliu-me de si e, cravando-me o olhar que rebrilhava, disse: - A ciência. .. uma história! Tudo falha. Nada se pode afirmar, nada! E, queres que te diga? a mais culpada em tudo isso foi a Ciência. Foi ela que me levou ao crime, porque o ciúme. .. o ciúme... Não havia motivo para ciúme. Celuta era honesta.

- E então?

- Então. .. Eu te digo. Já sabes como a matei, não?

- Envenenada.

- Envenenada? Pois seja. Matei-a com bacilos de tuberculose, esses e outros germes letais. Propinando-Ihe as primeiras doses, inoculadas em frutos - (tratava-se, então, da vigância da minha honra ... Pobre Celuta!) esperei as manifestações do mal e... nada! Em vez do deperecimento, dos sinais característicos da ação destrutiva do bacilo de Koch, o que eu via, e todos os apregoavam em louvores, era o revigamento da vítima, mais robustez, aspecto magnífico, apetite, sono tranqüilo, hígidez absoluta. A própria enxaqueca que, de vez em quando, a atormentava, desapareceu. Tu mesmo a felicitaste, uma noite, no Municipal.

- É verdade.

- Pois aí tens o que me desvairou. Não foi o marido o assassino, foi o bacteriologista, o homem de ciência, o prático de laboratório, entendes? o profissional que não podia compreender que um organismo, frágil como o de Celuta, resistisse ao ataque insistente de tantos vibriões. Era um corpo inçado de elementos mortíferos; cada qual mais violento e nada! nada! O que então se deu foi horrível. Desanimado da ação dos bacilos de Koch, lancei mão de tudo o que tinha no meu arsenal e... aquele corpo sempre refratário, carne como de Aquiles. Era de enlouquecer! E o pior é que comecei a temê-Ia, a evitá-Ia, sabendo, como sabia, que toda ela era um depósito de vírus, que um pouco de sua saliva, do seu suor, do seu sangue, o mais leve contato com o seu corpo poderia transmitir-me a morte. Desconfiando do meu retraimento ela tornou-se mais meiga, mais assídua em carinhos. Horrível! Contemplando-a acordada à mesa, na sala, nos teatros, em festas ou adormecida, ao meu lado, no leito, eu não via, a ela, Celuta, não! o que eu via era uma incubadora de morte, uma figura sinistra que encarnava todas as pestes, não lhes sofrendo as conseqüências, como as serpentes não se envenenam com a peçonha que trazem.

"O marido desapareceu ficando apenas o observador apaixonado por uma experiência. E, encerrando-me no meu laboratório horas e horas, dias e dias, eu estudava aquele caso estranho, fenômeno,

sem dúvida, mais belo do que a fagocitose, porque era a luta tremenda de germes letais, uma batalha formidável de legiões pestíferas no organismo débil de uma mulher. Um dia, porém, uma de tais hostes venceu... a morte foi rápida. Arrependido, quis intervir, era tarde e a pobrezinha. .. Aí tens. Os médicos não atinaram, nem poderiam atinar com a causa mortis. Septicemia aguda... é um nome para a cova, posto no rótulo do cadáver. Ninguém poderia saber. Ninguém!"

- Se ninguém poderia saber por que te denunciaste? Por que não ficaste com o teu segredo terrível, tu só?

- Por quê? Por causa da sombra.

- Sombra?!

- Sim. A sombra de Celuta. No dia do enterro, ao voltar do cemitério, notei que, em vez de uma, duas sombras me acompanhavam. Onde quer que eu fosse tinha-as sempre comigo: uma, era a minha; outra, era a da morte. Fiz tudo para livrar-me dela, tudo! Nada consegui. Agora sim...

Adiantou-se para o meio do salão, onde o sol batia em cheio, e disse-me:

- Vês? Há aqui apenas uma sombra, a minha, a outra, a de Celuta, desapareceu ontem. Quando entrei na delegacia ela ainda me acompanhava. Subiu comigo, ficou a meu lado enquanto depus, logo, porém, que assinei a confissão, desapareceu. Não imaginas o horror que é ser um homem seguido por uma sombra que não é a sua, sombra de outro, de um morto. Preso, condenado, perdido para o mundo... que importa! mas estou só, a minha consciência já se não projeta diante de mim, a sombra da morta deixou-me em paz. Foi melhor assim. Confessei o crime, estou livre. Quantas sombras vês aqui ao sol?

- Uma apenas.

- É isso: uma apenas. A outra, tendo conseguido a minha confissão, recolheu-se ao túmulo, satisfeita. Por que me olhas assim? Julgas-me louco, com certeza. Não, meu amigo. O que te digo é a pura verdade. Os médicos, quando não acertam com as

enfermidades, escrevem um nome qualquer na certidão de óbito: septicemia, por exemplo. Assim certas verdades quando ultrapassam os limites do conhecimento são chamadas loucuras. Portas de evasão da inteligência humana. Viste apenas uma sombra ao sol, se me houves-ses encontrado ontem terias visto duas... ou talvez não visses porque, enfim, o perseguido era apenas eu. É isto...

Haverá juízes que condenem esse pobre louco?

42. FORÇA ESCONDIDA

VALDOMIRO SILVEIRA (1873 -1941 | Brasil)

O paulista Valdomiro Silveira foi um pioneiro do conto regional brasileiro - que teria em Afonso Arinos e J. Simões Lopes Neto os nomes de maior destaque. Autor de Os Caboclos, Nas Serras e nas Furnas e Mixuangos. Ele teve este Força Escondida selecionado por Graciliano Ramos na histórica antologia Contos e Novelas, editada em três volumes pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil em 1957, e relata a morte silenciosa e nunca noticiada de mulheres por seus maridos, em especial, no caso, ocorrida nas lonjuras do interior do país. Quem ama não mata?

Eu tuda a vida fui um home' quieto, como vassuncê bem sabe; nunca deixei de não trabucar a minha obrigação nas horas certas; respeitei sempre o alheio; cuidei da minha casa c'o maior carinho: e quis o quanto se pode querer à Ogusta e ao Belisário.

Ela verdade seja que não me deu o mais pequetito desgosto: revirava de sol a sol na labuta das donas, trazia tudo areadinho e tratava do filho com muito amor. Eu, se alguma queixa tive dela, foi só de ela trabalhar em desmariado, fazendo costuras pra uma e pra outra, e torrando suas farinhas de milho e de mandioca a mais não poder.

No dia do acontecido, ansim que acabei de correr a enxada naquele meu tirão de mata-fome, 'tava cansado: passei a manga da camisa na testa, enxuguei o suor e sentei num toco de folha-larga. O sol já ia, margulha-não-margulha, entre meio de duas cacundas de morro: e inté agora não sei por via de quê, naquele pedaço, eu 'garrei a ficar amagoado.

Diz que só deve de cair na tristeza quem 'tá sofrendo do corpo ou do coiração, não é? - e eu não tinha nada que me doesse; nada

não me amofinava por dentro, e razão de desespero, louvado Deus, foi coisa que eu inté naquele pedaço não tinha tido.

A Ogusta era uma mulher de patente, como vassuncê bem sabe; eu, pro lado dela, vivia feliz e vivia descansado; o Belisário não dava trabalho nem susto, porque, embora mal apena' beirasse os sete anos, era e inda é um menino abençoado, de bom; a lavourinha não me desajudava, e inda por riba de tudo eu justava meus empreitos por fora: antão o que é que me faltava?

Da saúde também eu não podia fazer lástima, que era um caipira seco na paçoca, sussegado sim na fala e no andar, mas porém escorador de serviço como nunca vi outro. Só o que me enfezou uns tempos foi uma impige' que me deu nesta perna, e que fez um patação meio esquisito, por escuro e farinhento: mas porém o Vira-bicho, aquele exp'riente que remexeu pr'estes centros (vassuncê não se alembra?), me deu uma pomada que foi

um porrete: a impige' sumiu como por encanto, e a própria comichão, que era um inferno, assussegou de repente e desapareceu pra nunca mais não me inquietar.

Tem gente que diz que eu viro e mexo de noite, que eu saio da cama, que eu falo e engrolo as palavras, que eu faço discursos velhos: mas contanto que pra mim tudo isso é poetage' pura, porque eu inté hoje inda não me vi caminhando fora das horas e nunca não acordei que não 'tivesse bem senhordão no meio das cobertas.

Ora, como eu ia dizendo: peguei a entristecer a troco de nada, e um nó muito acochado me apertou a garganta e me pôs o coiração num bate-bate esquipado, sem motivo nem quê pra quê. Olhei pros cocurutos dos morros, adonde o sol inda amarelava um tantinho, feito uma fitona desbotada, e pensei comigo mesmo:

- Agora, Venancinho, chegou a sua vez de dar a casca: 'ocê não tem por que ficar ansim agoniado, e 'tá ansim, 'tá morto!

Passei a mão na ferramenta, c'a pobre da minha cabeça a mó' que meio deleriada, e atorei pra casa. Botei o pé na soleira, e ia entrar, senão quando uma galinha já esporuda, que eu pissuí no

levantar aquele rancho, cantou que nem galo, alto e bom som. Virei pra trás de supetão, campeei um cacete, voei na dita galinha, mas a galinha derreteu-se que não houve maneiras de se descobrir. Pois vassuncê não conhece este mau agouro tão doído, da galinha cantar ver o galo? Diz que é anúncio de morrer o dono da casa.

Fui de vereda pro quarto, depois de ter apinchado a ferramenta num canto da sala: nem não quis saber da janta. A Ogusta, que nunca não me tinha visto de semelhante jeito, ficou meia otusa:

- Ué, Venancinho, o que é isso? Quem sabe lá se você não 'tá c'alguma febre das novas?

Arrespondi-lhe poucas palavras: que não, que era só lombeira pr'amor a calma do dia, e que sim 'tava pendendo de sono. Ela comeu lá pra cozinha mesmo, lavou os pés, tirou a roupa e deitou. Eu não tinha plancheado ainda, 'tava estudando numa pruca, daquele feitio que já lhe disse e que vassuncê bem sabe. A candeia ficou em riba duma caixa, e, como a luz 'tava escassa por de mais, espevitei a trocida: a luz espertou, foi-se espichando pra cama afora, e a Ogusta, que inda não tinha ferrado no sono, apertou os olhos e virou pro canto. Foi pouca demora, e ela se ponhou outra vez de cacunda, que é como drumia quáji que noite inteirinha.

Afrouxei a cinta, puxei a faca; guardei a faca por debaixo do trabisseiro; arrastei a gamela e me lavei os pés: mas nada de deitar! Não sei porque foi, ou porque não foi, sentei outra vez na pruca, e outra vez 'garrei a ficar banzativo. Não tinha nem um barulho na casa nem no terreiro, 'tava tudo numa grande paz: somente, de pedaço em pedaço, eu escuitava a suspiração mansica do Belisário, num catrinho do outro quarto.

Mas porém a trocida da candeia incendiou-se e acabou: fui na varanda, vigiei um pano rasgado, aprontei outra bonecra; vigiei a garrafa de azeite de mamona: e vortei. Carculei bem a candeia, molhei dereito a trocida, botei-lhe um pau de forfo: e ergueu-se um bruto fogaréu que deu uma luz e tanto. A luz esparramou-se pro quarto, que nem uma água de enxofre, e deu de tremer na cara e na testa e no peito da Ogusta; depois ficou mais pequena nos

outros lugares, mas 'tava sempre firme no corpo da companheira. Antão pus-lhe uma lata na frente, e daí por diante o que chegava na mulher não era mais craridade forte ansim, era uma sombra tremida.

Sentei na beirada da cama, e reparei na companheira: 'tava tão sussegada, c'um sono tão bonito! Eu, que lhe queria de devera, como vassuncê bem sabe, andei um és-não-és pra lhe dizer qualquer coisa, um pretexto que servisse de acordar e nada mais: não disse, tratei de me acomodar, e fui dar um último jeito no trabisseiro.

Aí, agora, é que não sei como é que aquilo foi: mas contanto que vi a faca, peguei a faca, tirei a faca da bainha e enterrei a faca no sangrador da Ogusta, com tuda a sustância. A mó' que era uma força escondida que me empurrava o meu braço, porque eu tive essa corage' e o braço teve essa força...

O galo já tinha cantado a segunda vez. A Ogusta saltou no chão, saiu correndo inté na porta da rua, mas porém vortou no mesmo sofragante, caiu nos pés da cama do filho, gemeu um pouco e morreu. Ele acordou aturduado e veio pra minha banda sem não saber 'o certo o que é que haverá assucedido: e ante' de levantar e de vir inda viu a mãe dizer que o pai é que tinha feito a morte.

Botei os dedos na espingarda, caminhei pra cozinha; enfiei o cano debaixo do queixo, e 'tava forcejando, c'o dedo grande do pé, pra fazer o cão desmunhecar e estrondar duma vez c'a minha vida, quando o Belisário empurrou a espingarda, e o tiro saíu desviado, grudando no jirau de toicinho: ele antão escondeu o saquitel das munições.

Agora é diz-que do Belisário, eu não me alembro: fiquei na beira do fogo, c'os olhos muito arregalados e pitando. Ansim 'tive um tempão, inté que ele mesmo me falou esta palavra:

- Suncê já matou mesmo a mãe, agora tire ela do escuro, coitada! - e ponha perto dela uma vela benta!

Eu fui no oratório, truxe a vela, acendi, pus a vela perto da Ogusta, e enveredei outra vez pro fogão. E mandei o Belisário que

fosse dizer pro padrinho aquilo, e chamar o padrinho com tuda a pressa. O Belisário, que sempre foi muito bem mandado, me desobedeceu:

- Como é, pai, que eu hei de deixar o corpo da mãe suzinho?

Aí saí eu mesmo, e fui apôs do meu compadre. Ele inorou muito de eu ir bater na sua porta àquelas horas:

- O que é isso, compadre? Hai alguma novidade? Eu disse isto, por antão:

- Foi uma loucura que eu fiz.

- Que loucura?

- Matei a Ogusta.

- Pro que foi que você matou aquela criatura tão boa?

- Foi uma loucura, compadre, eu não posso saber o que foi. Venho-me apresentar pra ser preso: você me faça o 'bséquio de ir avisar o sobdelegado.

Apareceram logo umas três pessoas mais, vortemo' pra casa, e tudas aquelas pessoas me arreceberam por preso. O que mais me doeu nos peitos, na horinha que 'távamos entrando, foi ver o Belisário suzinho naquela casa, abraçado c'a mãe e chorando.

Já passei por três jurados, vassuncê bem sabe: uma vez tive livração, as duas outras não tive. Agora o meu 'devogado apelou, porque o castigo diz que é duro de mais -dezesseis anos e meio: mas porém eu já falei pro meu 'devogado que não apelasse, que não pagava a pena, sendo eu um home' que não valo nada.

Aqui na prisão os outros já tenham medo de mim, e vevem pedindo mudança tudo o dia: afiançam que eu não paro na cama, e ando a noite inteira, e falo sem parada, e faço gesto em desmasia. Eu não sei de mim quáji nada, des que houve o acontecido: e só o que lhe posso dizer é o que eu já disse pro tal meu 'devogado, est'ro dia: é que eu sou um marvado, não presto pra coisa alguma, e quero acabar a minha triste vida aqui mesmo...

43. A AVENTURA DE ROSENDO MOURA

JOÃO DO RIO (1881 – 1921 | Brasil)

Ao contrário de muitos escritores famosos em vida e que caem no esquecimento assim que morrem, o prestígio de João do Rio (Paulo Barreto) vem aumentando lentamente nos últimos 30,40 anos, reavaliação que pode ser medida pela reedição, embora esporádica, de seus títulos, mas também por sua constante presença em diversas antologias e por várias coletâneas de suas crônicas e contos. Um desses contos "antológicos" é sem dúvida este que se vai ler aqui. Jornalista, dândi e homossexual, que tinha em Oscar Wilde uma espécie de modelo (e de quem traduziu a peça Salomé), o carioca Paulo Barreto entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1910. Mas só muitos anos depois entraria para a nossa literatura.

Na rua era um fragor. As casas pareciam abaladas pelo barulho dos tambores, das cornetas, dos bombos, da vozearia infernal. Rosendo Moura, muito maldisposto, estava a vestir-se. No seu encantador gabinete de laca branca com estofos cor-de-rosa e uma infinidade de objetos de cristal e marfim por sobre os móveis, nós insistíamos.

- Não me deixarão vocês?
- Rosendo! Uma terça-feira de carnaval!
- Mas chove...
- Tanto melhor. A Berta Worms espera-nos!
- Essa mulher desagrada-me...
- Não há mulheres desagradáveis. As mulheres contentam-se com ser, como dizia o dramaturgo - a razão e o impedimento de

todas as nossas obras...

- Pois eu julgo-as portadoras de fatalidade e nós, mesmo contra a vontade, as placas sensíveis dessas correntes de Mistério.

- A Berta dá então azar?

- A mim, pelo menos. Explico o meu caso. Pode dar sorte a outros. Comigo, há mulheres que, aproximadas, são motivo de prosperidade. Outras baralham-me a vida, por mais que me amem. Tenho de brigar a murros com desconhecidos, negócios quase realizados periclitam, a saúde fenece... Assim deve ser com vocês, com todos os homens. Infelizmente não sou excepcional. Há de resto uma espécie de mulheres pior - a que age sobre os homens como alucinação, fazendo-os participar da própria desgraça. Dessas, quem escapa uma vez, não toma...

- Fetiche!

- É que vocês nunca se lembram da mulher que os acompanha...

- A mulher fatal?

- Todas são fatais.

Houve uma pausa breve, enquanto Rosendo Moura dava o laço da gravata, diante do espelho.

- Ó Rosendo, já escapaste de alguma? indagou Jacques Ciro, um prodígio de cepticismo, porque tinha apenas vinte anos.

- Já. Olha. O carnaval faz-me lembrar a mais horrenda semana da minha vida, a semana em que eu participei integralmente da horrível fatalidade...

Nesse momento, o rumor vindo da rua tornou-se tão grande, que tivemos de ir à janela. Chovia a cântaros. Mas, embaixo, a multidão delirava. Eram gritos, uivos, gargalhadas, assobios, guinchos de cornetins, rufos de tambores, sacolejos de adufes, estalos de pratos. E os sons agoniantes dos bombos bombardeando as fachadas... Rosendo recolheu com desgosto, atirou-se no divan.

- Não, positivamente não vou!...

- Recordaste a semana horrível? tornou Jacques Ciro.

- Sim. E tanto mais atroz, quanto até hoje não compreendo como e por que agi nesses oito dias. Foi há cinco anos e por mais que pense, não explico. Macabro. Misterioso. Assustador. Recordasse você da Corina Gomes, uma rapariguita brasileira, que freqüentava os clubes?

- Há cinco anos, Rosendo? Não há memória que alcance uma rapariguita brasileira a cinco anos de distância. Depois eu estava na Europa...

- Felizardo!

- Infeliz, porque voltei...

- Pois a Corina era magra, lívida, tomava cocaína. Eu achava-a antipática. Nunca trocáramos senão monossílabos, o instinto dizia-me que essa mulher seria a desagradável aventura da minha vida. Como? Não sabia!

Ora, numa terça antes do carnaval, com a agitação da cidade, habitual em tais dias, sentia-me inquieto, indeciso, nervoso. Desejava voltar à casa e queria aborrecidamente beber champagne e ouvir gritos no club - onde se anunciava uma ululante redoute. À porta do club ainda hesitei. Ia acontecer-me qualquer coisa de desagradável. Com certeza. Sem ter inimigos, apalpei o revólver no bolso da calça. Há desses instantes de polarização nervosa em que vagamente sentimos o que está no ar e vem... Veio. Veio como os ciclones. Ainda no vestiário senti uma voz de agonia:

- Leve-me daqui já ou estou perdida! Pela sua honra... Volte-me. Era um dominó.

- Que brincadeira é essa?

- Por piedade! Não posso falar aqui. Escute, venha cá...

Frágil, a sua força nervosa era tão intensa, que quase me arrastava para a rua.

- Você está doida, mulher?

- Pelo amor de Deus! Só a sua companhia até mais abaixo, Rosendo...

- Conhece-me?

- Sim, sim. Salve-me de morrer!

- Mas quer comprometer-me?

- Não. Quero a sua presença contra um covarde! Na rua um táxi rodava vazio. Ela precipitou-se.

- Mande tocar já, já - para onde quiser. ..

Olhei em redor. Não havia ninguém suspeito. Tratava-se por conseqüência de uma aventura sem conseqüências. Ela entregava-se, indo onde eu quisesse... Curvei-me para o motorista e, quase em segredo, dei-lhe uma direção vaga. Por quê? Até hoje não sei. Quando me voltei, o automóvel em marcha, o dominó levantou a máscara. Era Corina Gomes, os beijos trêmulos, lívida...

- Você? bradei colérico.

- A desgraça da minha vida! Não gosta de mim, bem sei. Mas não se trata de amor, Rosendo! Só o sr. poderá salvar-me.

- Eu?

- Há três anos suporto as torturas de um monstro. Tudo quanto ganho é dele. Quando vou ao club toma-me o dinheiro. Depois fecha o quarto todo, abre vários frascos d'éter, põe-me inteiramente nua, prende-me os cabelos à gaveta da cômoda, e goza naquela atmosfera desvairante, gotejando sobre mim éter. Oh! não imagina! não imagina! Cada gota que cai dá-me um arrepio. Ao cabo de certo tempo é uma sensação de queimadura, queimadura de gelo até a insensibilidade... Ontem, não foi possível tolerá-lo mais. Protestei, gritei, contei tudo à gente da pensão. Dois homens que lá estavam puseram-no na rua a pontapés. Ele voltou. Não o recebi. Deu então para perseguir-me. Jurou que me matava. Ando a fugir. Vejo-o por todos os lados. É certo que me matará...

- E você incomodar-me por uma tolice dessas! Faça as pazes.

- É tarde. Não tenho coragem. Antes de ouvir-me, mata-me. Tenho a certeza. Os meus dias estão contados. Conheço-o.

Disse aquelas palavras com tal segurança que não hesitei um segundo. Também eu tinha a certeza da fatalidade que vence todos os obstáculos, também eu via aquela criatura morta...

- Mas que fazer?

- Se pudesse esconder-me uns dias, dar-me depois uma passagem? É inútil, porque ele acabará por encontrar-me. Mas eu tenho medo, muito medo. Falta-me a coragem de morrer, Rosendo!

Devia ter levado Corina à polícia, denunciado o monstro. E, livre de responsabilidade, ir dormir em seguida. Assim faria um homem de bem no uso das suas faculdades.

- Sabe onde está ele?

- Por aí. Procura-me...

De repente senti que tinha ódio a Corina, com vontade de defendê-la. Perdera a noção do real, sabendo que a perdera. Era desejo de aniquilar o desconhecido e o medo vago desse enorme e vago desconhecido. Não disse que a defenderia. Levei-a para um quarto d'hotel em rua escura com a resolução de embarcá-la no dia seguinte, ainda não sabia como. No hotel, Corina tremia tanto, quando tentei deixá-la, que fiquei. Dormimos um ao lado do outro, sem uma carícia - ela a delirar com medo; eu olhando a treva e maldizendo a aventura. E no dia seguinte verifiquei apenas o seguinte: perdera insensivelmente metade da energia. Como essas criaturas na iminência do desastre. Como os criminosos com medo à polícia. Andei dois dias assim, desconfiado, fraco, aterrado, sem agir. Corina não deixava o quarto, sem dizer palavra. Eu sentia que era preciso salvá-la, para salvar-me. Inexplicável estado d'alma! Na sexta resolvi terminar, vendo os anúncios dos vapores.

- Embarcas amanhã para a Europa!

Corina despregou-se das persianas, onde passava o dia a espreitar a rua.

- Não é possível! Ele já descobriu.

- Como?

- Vi-o ainda há pouco ali em frente.

- Mas estás louca!

- Não me deixe só, Rosendo! Ele mata-me.

Chamei o criado, com uma súbita intenção do perigo. Interroguei-o. Havia algum hóspede novo? Havia. Um homem louro, pálido, que alugara o quarto do outro corredor, e estivera a ler a lista dos hóspedes... Corina caíra sobre o leito. Os seus dentes batiam como se estivesse desabrigada, entre neves. Fiz um esforço:

- Esse homem já recolheu?
- Há pouco.

Era uma luta, devia ser uma luta, secreta e atroz, na sombra. Mandeí buscar um automóvel. Consegui dominar o terror de Corina para que ela ao menos caminhasse. Saímos naturalmente, como quem vai a passeio. No meio do caminho trocamos de automóvel. Eu tremia de raiva.

- A culpa é tua! Tu é que o fazes vir, sempre a pensar nele!
- É sim, Rosendo. Sinto que ele vem e não posso, não posso, não posso...

- Acabo com isso eu! Vamos dormir em qualquer hospedaria e amanhã dou queixa à polícia...

Assim fiz. O delegado prometeu tomar providências, mandando dois agentes para o hotel onde estávamos. Mas, ao sair da polícia, compreendi claramente que "ele" sabia da minha resolução. "Ele" sim, o homem que eu desconhecia, com o qual a fatalidade me punha em conflito, o homem de que a Corina devia ser vítima. Essa criatura já decerto sabia, e ria com desprezo. Eu não precisava tê-lo visto para ter a certeza do seu conhecimento... Foi um pensador melancólico que escreveu: "não é só no céu e na terra, é principalmente em nós mesmos que há mais coisas do que podem conter todas as filosofias." Não sei explicar o mistério daquelas correntes de sentimentos que chocavam. Tinha a certeza, porém. E era horrível, era angustioso! Tomei a mudar de hotel e não tive mais coragem de deixar só Corina. Fazia-me reflexo sensível daquela fatalidade feita mulher. Ela aos poucos desdobrava-se em mim. E como só pensava no seu algoz - naquele a quem o Destino lhe entregara a vida - eu também só pensava nele. Passávamos

horas a ouvir o rumor dos corredores. Onde estaria ele? Onde? Decerto perto. Talvez, à nossa porta, espreitando...

O meu delírio tinha entretanto intervalos de relativa lucidez. Domingo de carnaval perdi de súbito o medo.

- Corina, achei uma solução para o nosso caso.

- Qual? fez ela.

- Vamos aproveitar o carnaval! Não se pode contar com a polícia. "Ele" ainda não apanhou a nossa pista. O essencial é pôr-te a andar, antes que de novo a descubra! E encontrei-me a planejar alto: visto-me de qualquer coisa e saio. Vou até a casa, enfio o dominó e venho buscar-te. Sairemos pela porta dos fundos. Faço melhor. O meu criado tem uma rapariga mais ou menos com o teu corpo. Mando-os esperar em qualquer casa de máscaras. Lá eles enfiarão as nossas fantasias e virão para este quarto, enquanto nós estaremos livres para tomar o noturno de S. Paulo. Há quarta-feira em Santos um transatlântico para Buenos Aires e Valparaíso. Se o homem não estiver no vapor, estarás livre...

- Achas?

- É certo.

Saí a executar o plano. Executei-o exatamente. Na casa de máscaras, Corina pôs uma travesseirinha nas costas, armou uns seios muito grandes, amarrou com o lenço o rosto e colocou por cima uma espessa máscara de arame. Eu fiz um grande ventre sob o dominó e saí claudicando. Tudo isso, notem vocês, fazíamos sem ver nada anormal, sem a certeza senão vaga de que ele nos estivesse acompanhando...

Após, conseguimos um táxi. Estávamos prestes a dizer:

- Enfim, logrado!

Mas, curioso. Durante as duas horas em que rolamos por avenidas desertas nesse automóvel fechado a fazer horas para apanhar o comboio, não trocamos uma palavra. Era o grande momento decisivo. Corina apertava a minha mão, de vez em quando, tremendo. Apenas. Eu sentia que o seu medo voltava aos

poucos a desequilibrar-me. Passávamos pela cidade em delírio, sem dar por isso. O nosso delírio era maior.

Quando chegamos à Central a confusão urbana tocava o auge. O grande hall da estação cheio de luz elétrica, a turba, os "cordões" com archotes a zabumbar, as danças, os gritos, as lutas de lança-perfumes e dos confetti, o risco colorido das serpentinas... Metemo-nos por ali dentro para tomar o vagon E de repente, os dois, no mesmo instante, vimos que estávamos perdidos.

Como explicar essa impressão extralúcida?

Fora caía um temporal desabrido. A estação estava atulhada. Homens suados, bandos alagados, máscaras passavam numa alucinação como galvanizados pela luz elétrica. Ninguém reparava em nós, ninguém decerto, ninguém, ninguém. E entretanto sentíamos que o perigo se aproximava seguro, com o passo firme. Onde estava ele? Era o homem do éter, o homem cuja fisionomia eu nem mesmo conhecia, ele com a sua cara, ou com uma máscara. E olhava-nos, e estava ali, e reconhecera-nos. Sim.

Devia estar, devia ter reconhecido. Que fazer? Que fazer? A vertigem apoderava-se de nós. Aquela mulher era decerto o pólo negativo a chamar misteriosamente, a atrair o horrendo ser. Ele adivinhava por uma revelação telepática. Sei lá! Sei lá! O fato é que Corina apoiou o corpo no meu braço:

- É o fim!
- Anda para frente, estafermo! rouquejei furioso.
- Não partimos mais, Rosendo.
- Partimos sim!
- Ele está no apeadeiro, sinto-o!
- Prendemo-lo.
- Ele vai tomar o trem conosco. Ele mata-me em viagem!
- Miserável, caminha ou largo-te!
- Voltemos, Rosendo. Ainda é possível escapar, se apanharmos ali um automóvel...

- Agora?

- Sim! Sim!

- Agora? repetia eu correndo, como diante do inexorável Destino. E não havia máscara ou cara suspeita!

Na praça deserta - faltavam as conduções. Só, ao longe, rebrilhavam as lanternas de um carro. Ela deitou a correr. Segui-a, olhando para trás. Ao chegarmos à beira do carro, um landau fechado, estávamos completamente alagados. A chuva redobrava.

- Para onde?

- Ande!

- É vinte mil-réis a corrida.

- Seja cem! Depressa!

- Para onde?

- Para onde quiser!

O trem tomou o caminho do lado da Casa da Moeda.

- Vamos à delegacia, Rosendo?

- Queres?

- Se ainda for tempo!

Convencido de que não seria possível lutar só contra o horror invisível, gritei ao cocheiro:

- Polícia Central! A toda... O carro, porém, parara.

- Que há?

- Raios o partam ! Rebentaram as correias das bestas.

- Hein?

- Dos dois lados. Caiporismo!

- E agora?

- É esperar aqui, até que passe outro carro. Não posso guiar assim.

- Meu Deus!

Era no pedaço mais deserto da rua. Saltei para ver. As correias gastas tinham arreventado naturalmente. Estávamos nas mãos do Destino. Só havia um alvitre: correr até a esquina, onde passavam bondes, onde havia movimento... Era o meio de escapar, e eu escaparia para sempre, porque no dia seguinte não me meteria mais à guarda daquela criatura.

- Vamos?

- Rosendo. ..

- Anda...

- Se tem de ser? fez ela. Tens razão.

Desceu, corremos os dois sob o temporal pelo meio da rua escura uns cinco metros, uns dez metros. Sei que ouvi um psiu e voltei-me, enquanto ela estacava. Sei que vi um

sujeito que vinha para nós, talvez o cocheiro. Sei que o sujeito avançou para Corina com uma pequena máscara de chorão, ergueu o braço, e passou a mão pelos seios falsos da rapariga. Ia gritar. Deu-me um pescoção. Rolei na lama. Ele segurava-a, riscando-lhe o dominó com uma navalha.

De súbito ela deu um grito agudo. O único. Pareceu-me que desmaiara. Nas mãos do máscara lembrava um manequim. O homem em fúria continuava a brandir a navalha contra os enchimentos dos seios. Afinal atirou-se à máscara. Era de arame. O fio da arma rompeu-se no tecido espesso. Ouvi os triços gaspeados da lâmina no tecido d'aramé. Ergui-me de um pulo, saquei do revólver, detonei aos berros:

- Assassino! Assassino!

O tipo arrancava as roupas, a máscara da desgraçada. Eu continuava a detonar e a gritar. Gente corria. Vi cair o capuz à Corina, o assassino agarrá-Ia pelos cabelos, afundar-lhe a navalha no pescoço e deixá-Ia tombar num jato de sangue. A cena talvez tivesse durado dois minutos. Para mim foi longa como um século, rápida como um raio. De revólver em punho, fantasiado, meio estrangulado pelos cordões da máscara, eu delirava, presa de uma

febre cerebral... Estive entre a vida e a morte, dois meses... E quando os médicos me declararam fora de perigo, tive a sensação absoluta do desastre de que escapara. Ela agira como os ciclones, que, embora destinados a um certo sítio, desarvoram, matam, estragam o que se agita no limite da sua ação destruidora. Aquela criatura fora o ciclone. Longe dela ainda lhe sofrera a força fatal. Não morrera, mas estava desarvorado, como os barcos apanhados pela tromba terrível. E desde então, respeito muito essas coisas inexplicáveis que as mulheres representam. A semana de Corina fez-me compreender o horror do enigma dramático da vida...

Rosendo Moura reclinou-se inteiramente no divan. Tinha a fronte banhada em suor. Amigos desse excelente rapaz, nós ouvíamos a anedota e os comentários com paciência e sem prestar muita atenção. Jacques Ciro, o jovem céptico, estava ainda na idade em que se toma interesse pelas histórias alheias. Às divagações de Rosendo, insistiu:

- E a Corina, morreu?

- É verdade, a Fatalidade desapareceu? sorriu outro.

- Não, fez Rosendo. Não estaria no meu princípio de que as mulheres são agentes do Destino, contra ou a favor de certos indivíduos. Ela parecia a vítima do tal assassino. No fundo a vítima foi ele. Ele é que devia desaparecer para libertar-se...

- Rosendo!

- A própria opinião inconsciente dessa rapariga. Nem ele nem ela morreram. Ele foi condenado a vinte anos de prisão. O advogado tem apelado. Ela, com o pescoço costurado, a cara cheia de talhos, mais magra, mais lívida, vive numa hospedaria das proximidades da Detenção. Todo o dinheiro que arranja é para ele, para o seu antigo, para o seu assassino. Amam-se profundamente. Ela, porque sendo a expressão viva da fatalidade do pobre homem, não o deixará enquanto for possível fazer-lhe mal. Ele, porque ninguém foge à sua mulher, isto é, ao seu Destino... Outro dia encontrei Corina. Não a vira desde a noite trágica. Foi ela quem me falou. E, contando-me o seu amor, a sinceridade do "pobrezinho", exclamou:

"Tudo por sua causa, Rosendo. Se não fosse o seu medo e a mania de meter-se na vida dos outros, o meu Roberto não estaria desgraçado."

Decididamente, meus amigos, as mulheres!...

- Não valem o tempo que aqui perdemos, sentenciou grave Jacques Ciro.

- Vão vocês pois ao divertimento. Eu fico com medo à chuva e às rajadas do Destino, que são as inexoráveis mulheres...

E Rosendo Moura ergueu-se, foi até o espelho desmanchar o laço da gravata. Estava só. Todos nós já descíamos as escadas. Corríamos às aventuras prováveis do baile de máscaras. O carnaval, sob a chuva, sacudia as urtigas dos desejos. Não era por consequência momento de refletir sobre as filosofias talvez verdadeiras de Rosendo. O mundo não seria o mundo, se fosse possível a qualquer humano evitar o que tem de ser.. .

44. ELE ESTAVA TRISTE...

DYONÉLIO MACHADO (1895 -1986 | Brasil)

O gaúcho Dyonélio dividiu sua vida entre a literatura, a política (era membro do Partido Comunista Brasileiro; chegou a ser deputado, e cumpriu pena durante o Estado Novo) e a psiquiatria (foi diretor do Hospital São Pedro, de Porto Alegre). Autor de, no mínimo, dois romances marcantes da literatura moderna brasileira, Os Ratos e O Louco de Cati, ele estreou, em ficção, com um livro de contos, Um Pobre Homem, um livro que praticamente não teve distribuição, e de onde foi tirado o conto que se vai ler. Quem não ouviu falar em "pacto de amor" entre jovens amantes desesperados, como acontecia antigamente?

A Ernani Fornari

Ele estava triste: ele ia para a morte.

Tinha já o ar distante, extraterreno, com o seu quê de fantasmagórico, dos que vão morrer. Lia-se-Ihe sobretudo nos olhos, de uma profundidade sombria de sarcófago, o debate entre a morte e a vida, a penetração lenta da morte, da morte, que já deixara fundas raízes nos seus olhos tristes. E o olhar apagado que derramava para os lados vinha todo cheio de morte.

O tramway achava-se repleto. Um lugar apenas vazio, no último banco, atrás. Ocupou-o.

Ninguém pudera reparar no seu aspecto singular. Afora o seu companheiro de banco, ninguém mais o via, porque todos, dispondo-se disciplinarmente nos bancos orientados num mesmo sentido, tinham as costas voltadas para ele. Não era de propósito, bem sabia: apenas um fato normal, conforme a natureza das coisas e as boas regras da simetria. Mas, na vida, nessa vida que ele já

quase não sentia, tão prestes estava de deixá-la, também todos lhe voltavam o dorso, como naquele carro, que se diria o seu carro funerário, pois que o conduzia, numa rajada, entre guinchos e campainhas, para a morada eterna. Seria que também esse desprezo se achava conforme a natureza das coisas?

Perdoemos-lhe, porém, os seus pensamentos insanos: ele estava triste; ele ia para a morte.

À sua frente, não via mais do que cabeças, a parte posterior das cabeças, emergindo do espaldar dos bancos de palhinha, como que de outros tantos ombros rígidos e retos. Vinte e muitas cabeças, pelo menos. De velhos, de moços, de mulheres. Seria a primeira vez que ele via a cabeça humana pela sua parte traseira?

Não é de supor-se, certamente. Mas, se o vira, noutros tempos, não prestara maior atenção. Não ia morrer, então. Não tinha a necessidade de abraçar, no olhar agonizante e sôfrego, todos os aspectos, mesmo os mais triviais, do mundo, como quem se agarra a um tesouro adorável e cruel que foge.

Como era feia a cabeça humana vista de costas! Um pouco de couro cabeludo, hispido e esgrouvinhado nuns, lambido, estriado ou falho noutros. E despegando-se dos seus lados, como duas alças, as orelhas...

Havia-as de várias formas ou atitudes. As mais comuns eram as que abandonavam o crânio numa leve obliquidade para fora, onde desenhavam uma curva graciosa e doce. Algumas, todavia, carnudas, grossas, verticais, necessariamente moles ao tato, soldavam-se longitudinalmente às têmporas, como presas, no seu centro, por um fio, tal qual botões em roupas de vestir, rodinhas maciças num carrinho de bonecas. Eram as menos numerosas. Quase sempre pertenciam a indivíduos obesos, pouco cabelo, já velhos. Havia-as também destacando-se agressivamente da cabeça, à maneira de lanças, num ângulo mais ou menos aberto, orelhas duras, cartilagosas, hostis, prontas a espetarem qualquer coisa no ar, um dito, um inseto, uma ironia...

Uma que outra, o ar tranqüilo, trazia um aro de metal ou de tartaruga. O seu dono geralmente lia, abstraído do ambiente, a cabeça, sem governo, acompanhando, como um pêndulo, isocronamente, as oscilações do tram.

Mas havia igualmente orelhas pequeninas, inquietas, inquisitivas, dando fé a tudo quanto se passava em torno, embebidas agudamente no ar, como um estilete.

Todas, porém, qualquer que fosse a sua forma própria e o seu sistema particular de implantação no crânio, desenhavam a linha pilhérica de duas asas, duas alças, e o esferóide da cabeça, ladeado daquelas duas saliências grotescas, bem parecia um bule, um vaso, uma louça qualquer...

Ele estava triste, certamente: ele ia para a morte. Mas um pensamento jovial atravessou-lhe o crânio. É que aquelas cabeças redondas, com aquelas orelhas em alça, pareciam-lhe exatissimamente também a ele, uma leiteira, um bule de chá, uma xícara gigantesca ...

Fosse que a semelhança se lhe figurasse mesmo absoluta e irresistível, fosse que à aproximação da hora final o seu espírito perdia o melhor da sua estabilidade e se tornava ligeiro como o das crianças, o certo é que essa idéia não o abandonou mais até o fim da viagem. Já não podia olhar para nenhum dos passageiros sem que visse um bule ou uma chávena, no lugar onde eles deviam trazer simplesmente a cabeça. Os chapéus, na maioria de palha, pequenos, de abas retas e duras, como tampas, completavam o estranho símile, aumentando a vertigem do seu olhar moribundo.

Cerrava as pestanas, às vezes, como para fugir à alucinação. Os homens então transitavam, livremente, no seu espírito, trazendo com despreocupação burguesa, sobre os ombros vergados, enormes boiões reluzentes, numa louça esbranquiçada ou parda, suja de poeira e do sol, as alças recurvadas como garras.

Abria então os olhos, espantado!

À sua frente, bamboleando de um lado a outro, nas sacudidas rítmicas do tramway, as cabeças dos homens pendulavam como

grandes bilhas escuras. - E continuava, incessantemente, a alucinação...

O fim da linha, por fim saltou. Olhou molemente para uma estradinha sinuosa e branca que subia morro acima. Era ela. Era a que devia conduzi-lo até a morte.

Seguiu-a com passo triste. Depois de uma ou duas inflexões, o caminho ia ter a uma grande árvore, uma figueira do mato, que entristecia a paisagem clara com a sua vasta sombra muda.

Júlia já o esperava ali, Júlia, a sua noiva, a que devia morrer com ele, naquele fim trivial das tragédias do amor. Haviam escolhido aquele sítio pela sua esquisita melancolia. Agora, era só desfechar os dois tiros convencionados, e, zás! lá se ia toda a dor, toda a desdita num amor infeliz...

- Pronto? - fez a moça numa serenidade que só dão as grandes loucuras ou as grandes decisões, que não deixam também de ser outras tantas formas da loucura.

- Pronto...

- Vê como é lindo isso. .. - e o seu braço nu percorria, nostalgicamente, os morros e os vales circunjacentes.

Ele afundou as duas balas no tambor da arma e fechou-a, com um estalo.

- Reza a Deus e vem.

- Já estou preparada. Mas tu vais me fazer um grande favor! Eu não quero ver! Tu me darás o tiro pelas costas!

Júlia tomou posição a poucos passos na sua frente. Levou as mãos ao rosto, ocul-tando-o num gesto instintivo d'horror. Virou-lhe as costas e esperou, hirta, espectral, rígida, fantástica.

Ele estava triste, claro! pois que ele agora era a morte. Muito triste mesmo. Foi pois com imensa tristeza que apontou a arma. Visou a nuca, branca, raspada à navalha... Céus! O bule! Pior! muito pior! um outro vaso!... idêntico, com as duas alças!

E não se conteve! e estenceu-se! e se pôs a regougar, enquanto puxava o gatilho, um riso solução, espasmódico, áspero como um

ranger:

- Ah... ah!... ah!...

45. A MORTE DA PORTA-ESTANDARTE

ANÍBAL MACHADO (1894-1964 I Brasil)

"Um mágico não sindicalizado". Assim Drummond classificou este grande contista mineiro-carioca. Aliás, não deve existir nenhum outro conto na nossa literatura que capte tão bem e com tanta poesia e dramaticidade o espírito do povo do Rio de Janeiro do que este sempre destacado e destacável A Morte da Porta-Estandarte. Uma crise de ciúmes (mas não há nada de "psi" na história), um assassinato e um branco no salão, ou melhor, na avenida: "A dor da gente não sai no jornal", canta um samba de Zé Ketti.

Que adianta ao negro ficar olhando para as bandas do Mangue ou para os lados da Central?

Madureira é longe e a amada só pela madrugada entrará na praça, à frente do seu cordão.

O que o está torturando é a idéia de que a presença dela deixará a todos de cabeça virada, e será a hora culminante da noite.

Se o negro soubesse que luz sinistra estão destilando seus olhos e deixando escapar como as primeiras fumaças pelas frestas de uma casa onde o incêndio apenas começou!...

Todos percebem que ele está desassossegado, que uma paixão o está queimando por dentro. Mas só pelo olhar se pode ler na alma dele, porque, em tudo mais, o preto se conserva misterioso, fechado em sua própria pele, como numa caixa de ébano.

Por que não se incorporou ao seu bloco? E por que não está dançando? Há pouco não passou uma morena que o puxou pelo braço, convidando-o? Era a rapariga do momento, devia tê-la

seguido... Ah, negro, não deixes a alegria morrer... É a imagem da outra que não tira do pensamento, que não lhe deixa ver mais nada. Afinal, a outra não lhe pertence ainda, pertence ao seu cordão; não devia proibi-la de sair. Pois ela já não lhe dera todas as provas? Que tenha um pouco de paciência: aquele corpo já lhe foi prometido, será dele mais tarde...

Andar na praça assim, todos desconfiam... Quanto mais agora, que estão tocando o seu samba... Está sombrio, inquieto, sem ouvir a sua música, na obsessão de que a amada pode ser de outrem, se abraçar com outro... O negro não tem razão. Os navais não são mais fortes que ele, nem os estivadores... Nem há nenhum tão alinhado. E Rosinha gosta é dele, se reserva para ele. Será medo do vestido com que ela deve sair hoje, aquele vestido em que fica maravilhosa, "rainha da cabeça aos pés"? Sua agonia vem da certeza de que é impossível que alguém possa olhar para Rosinha sem se apaixonar. E nem de longe admite que ela queira repartir o amor. O negro fica triste.

E está até amedrontado com as ameaças da noite, com essa Praça Onze que cresce numa preamar louca.

A Praça transbordava. Dos afluentes que vinham enchê-la, eram os do Norte da cidade e os que vinham dos morros que traziam maior caudal de gente. O céu baixo absorvia as vozes dos cantos e o som em fusão de centenas de pandeiros, de cuícas gemendo e de tamborins metralhando. O negro, indiferente à alegria dos outros, estava com o coração batendo, à espera. Só depois que Rosinha chegasse, começaria o Carnaval. O grito dos clarins lhe produz um estremeamento nos músculos e um estado de nostalgia vaga, de heroísmo sem aplicação. Ó Praça Onze, ardente e tenebrosa, haverá ponto no Brasil em que, por esta noite sem fim, haja mais vida explodindo, mais movimento e tumulto humano, do que nesse aquário reboante e multicolor em que as casas, as pontes, as árvores, os postes parecem tremer e dançar em convivência com as criaturas, e a convite de um Deus obscuro que convocou a todos pela voz desse clarim de fim do mundo?...

A Praça inteira está cantando, tremendo. O corpo de Rosinha não tardaria a boiar sobre ela como uma pétala. O povo dá passagem aos blocos que abrem esteiras na multidão, entre apertos e gritos.

- Isso não é assim à beça, Jerônimo! Cuidado com essa aí! É virgem... Rompem novos cantos. Os "Destemidos de Quintino", os "Endiabrados de Ramos"

estão desfilando. Há correria do povo para ver. Os companheiros se separam, as filhas perdem-se das mães, as crianças se extraviam. Acima das vagas humanas os estandartes palpitam como velas. E é pela ondulação dessas flâmulas que os que não podem se aproximar deduzem os movimentos das porta-estandartes.

Não se vê o corpo delas, vê-se-Ihes o ritmo dos passos no pano alto. Mas era como se fossem vistas de corpo inteiro, tão fiel a imagem delas na agitação das bandeiras.

- Oh, aquela lá, que colosso!.. . É pena não se poder vê-Ia; mas é mulata, te garanto...

- Ih, como deve estar dançando aquela do outro lado!... Dezoito anos com certeza... Coxas firmes... Meio maluca...

- A que está empunhando o estandarte que vem vindo aí é que deve ser do outro mundo. Preta com certeza... Veja só como a bandeira se agita, como a bandeira samba com ela...

- Pelo frenesi, a gente conhece logo.

Dezenas de estandartes pareciam falar, transmitiam mensagens ardentes, sacudiam-se, giravam, paravam, desfalecendo, reclinavam-se para beijar, fugiam. ..

- Imagino como estão tremelicando os seios daquela, lá longe; aquela diaba deve estar suando... Êta gostosura de raça!

- Cala a boca, Jerônimo... Você acaba apanhando. ..

Os cordões se entrecruzam, baralham-se os cantos. Vem crescendo agora um baticum medonho de tambores. Um bloco formidável se anuncia. O negro amoroso interpreta os sinais

semafóricos do estandarte que está entrando pelo lado da Praça da República. O negro fura a massa, coloca a sua figura enorme em situação de poder ficar bem perto.

Apura o ouvido para saber se é o canto do seu cordão. A barulheira é grande. Algumas notas são do hino... Sente um arrepio. Ela virá com aquele vestido? Se entristece mais, à medida que a mulata se vem aproximando numa onda de glória, entre alas do povo.

Se quiser agora sair daquele lugar, já não poderá mais, se sente pregado ali. O gemido cavernoso de uma cuíca próxima ressoa-lhe fundo no coração. - Cuíca de mau agouro, vai roncar no inferno... Será ela, meu Deus!...

O negro está tremendo. Mas não pode ser ela. Rosinha, quando aparece, ninguém resiste, é um alvoroço, uma admiração geral... Não vê que é assim... Até o ar fica diferente. E o estandarte que vem vindo é de veludo azul, tem a imagem de São Miguel entre estrelas e as insígnias do cordão. Ainda não é o bloco de Madureira.

O preto se enganou. Sente-se desoprimido. Foi melhor assim. Pensa em ir embora, desistir de tudo. No dia seguinte, na oficina do Engenho de Dentro, se sentirá leve ouvindo o batido das bigornas e o farfalhar das polias. Se os companheiros perguntarem por que não apareceu, dirá que esteve doente, que foi ao enterro de algum parente, de uma tia, por exemplo. Está mesmo disposto a voltar para casa. Que o tomem por decadente se quiserem...

Se Rosinha desobedecer e vier à Praça, não faz mal. Está também disposto a não se importar. .. Nem indagará se ela fez sucesso, se alguém mais se apaixonou por ela, se o Geraldo continuou com aquelas atenções, aquele safado. Amanhã, no trabalho, recomeçará a vida, será livre novamente. Rosinha que venha procurá-lo depois. Ele é homem e é forte. O que vale no homem é a vontade. Além disso, uma noite corre depressa. Enfiará a cabeça debaixo do travesseiro e a desgraça passará. Apelará para o sono. Já está até com vontade de dormir. Entretanto, não seria mal que caísse uma tempestade. Ao menos assim, Rosinha deixaria

de vir à frente do cordão... Oh! como gostaria, como estava torcendo por um temporal que estragasse o vestido dela! Daqueles que inundam tudo, derrubam as casas, param os bondes e trazem uma desmoralização geral. No fundo está até com ódio do Carnaval...

Perto, estão tocando um samba de fazer dançar as pedras. Todos se mexem. Só quem está imóvel é ele, sob o peso de uma dor enorme. As mulatas passam rente, cheias de dengue; sorriem, dizem palavras. Hoje ele não topa. Se sente mesmo envergonhado de estar tão diferente. Nunca foi assim. No futebol, no trabalho, nas greves, nas festas, era sempre o mais animado. Foi de certo tempo para cá que uma coisa profunda e estranha começou a bulir e crescer dentro de seu peito, uma influência má que parecia nascer, que absurdo! do corpo de Rosinha, como se esta tivesse alguma culpa. Rosinha não tem culpa. Que culpa tem sua namorada? - essa é que é a verdade.

E está sofrendo, o preto. Os felizes estão se divertindo. Era preferível ser como os outros, qualquer dos outros a quem a morena poderá pertencer ainda, do que ser alguém como ele, de quem ela pode escapar. Uma rapariga como Rosinha, a felicidade de tê-la, por maior que seja, não é tão grande como o medo de perdê-la. O negro suspira e sente uma raiva surda do Geraldão, o safado. Era este, pelos seus cálculos, quem estaria mais próximo de arrebatá-la a noiva. O outro era o Armandinho, mas esse era direito; seu amigo, de fato, incapaz de traí-lo. Sentiu um reconhecimento inexplicável pelo Armandinho.

Suas pernas o vão levando agora sem direção. Não se acha a caminho de casa, nem se sente completamente na Praça. Alguns trechos de sambas e marchas lhe chegam aos ouvidos, pousam-lhe na alma:

O nosso amor

Foi uma chama...

Agora é cinza,

*Tudo acabado
E nada mais...*

Tudo acabado, tudo tristeza, caramba!... Cabrochas que fogem, leitões vazios, desgraças. Nunca viu tanta dor de corno. Não nasceu para isso, nem tem vocação para sofrer. Os sambas o incomodam. Por que não está dançando como os outros?

O negro está hesitante. As horas caminham e o bloco de Madureira é capaz de não vir mais. Os turistas ingleses contemplam o espetáculo a distância, e combinam o medo com a curiosidade. A inglesa recomenda de vez em quando: - "Não chegue muito perto, minha filha, que eles avançam..." - A mocinha loura pergunta então ao secretário da Legação se há perigo: - "Mas eles são ferozes?" - "Não, senhorita, pode aproximar-se à vontade, os negros são mansos." - A baiana dos acarajés se ofendeu e resmungou desaforos: - "Nóis é que temo medo de vancês, seu cara de não sei que diga; nóis não é bicho, é gente!..." "

Passa rente aos olhos da miss um torso magnífico de ébano. Ela se perturba, fica excitada, segreda aos ouvidos do secretário, tremendo na voz: - "Eu tinha vontade de dançar com um... posso?" - "You are crazy, AmyL." - exclama-lhe a velha, escandalizada. Mas os turistas agora se assustam. No fundo da Praça, uma correria e começo de pânico. Ouvem-se apitos. As portas de aço descem com fragor. As canções das Escolas de Samba prosseguem mais vivas, sinfonizando o espaço poeirento. A inglesa velha está afobada, puxa a família, entra por uma porta semicerrada.

- Mataram uma moça!

A notícia, que viera da esquina da Rua Santana, circulou depois em torno da Escola Benjamim Constant, corria agora por todos os lados alarmando as mães.

- Mataram uma moça! - comentava-se dentro dos bares. - Mataram, sim, mataram uma moça! ...

- Que maldade matarem uma moça assim, num dia de alegria! Será possível?...

- Mas mataram, sim senhora, garanto que mataram!...

- Como é o tipo dela? O senhor viu?

- Me disseram que é morena, de uns dezenove anos, por aí...

- Morena? Dezenove anos!... Ai, meus Deus! é capaz de ser a minha filha!... Diga depressa como é o resto do tipo dela...

Outra senhora cheia de pressentimentos se aproximou do informante:

- O homem que estava com ela era preto, era? Estava de branco?... E tinha uma cicatriz? Ai! se tinha, não me diga mais nada... não me diga mais nada! Meu Deus, mataram minha filha!... Nenucha! Nenucha! Cadê Nenucha?...

As mães todas se levantam e saem a campear as filhas. O clamor de umas vai despertando as outras. Cada qual tem uma filha que pode ser a assassinada. Rompem a multidão, varam os cordões, gritam por elas. Os noivos são ferozes, os namorados prometem sempre matá-las.

A animação da Praça é atravessada agora pelo grito das mães aflitas. A mãe de Nenucha, porém, a primeira desgrenhada que se levantou, já está de volta ao seu lugar. Voltou porque cruzara com uma que se rasgava toda em imprecações: - "Laurinha, eu bem te disse que não viesses, o malvado jurou que te matava. Virgem Mãe, mataram minha filha... Eu sei... Eu nem quero ver." A mãe de Nenucha transfere o seu desespero para a mãe de Laurinha e se acalma. Mas apareceu uma gorda a dizer por sua vez à mãe de Laurinha que a morta era outra, uma pequena de Bangu, operária de fábrica. A fera tinha sido presa.

Distante do tumulto mortífero, as outras mães que já haviam arrecadado as filhas seguram-nas bem, ao abrigo dos noivos fatais. Eram as que escaparam de morrer, as que tinham sido salvas. - "Mariazinha, que susto tua mãe passou! Não vai lá mais não, ouviu? É melhor irmos embora, teu namorado está rondando..."

Outras mães, cheias de maus presságios, partem ainda à procura das filhas.

Uma senhora que recebia a corte de um português debaixo do coreto, ao ouvir a notícia, larga-se aos berros, ainda toda embrulhada em serpentinas, à procura de sua Odete. Era Odete, com certeza... Nem tinha dúvidas... Dava encontros, punha a mão na cabeça, corria. O povo achava graça imaginando fosse alguma farsante bêbeda. Odete já devia estar numa poça de sangue, esvaindo-se. Foi o namorado! Nunca tirava os olhos dos seios dela, aquele monstro... Dizia sempre que ela havia de ser sua. E tinha uma cara malvada, o diabo do homem. .. Coitadinha de sua Odete. .. Aqueles seios!... Bem não queria, oh! que fossem tão grandes. Odete também não queria, já estava amedrontada. A mãe corria e soluçava, perguntando a todos onde se achava a filha morta. Era Odete, sim, tinha quase certeza! Caminhava como uma sonâmbula. Falava sozinha, soltando lamentações. Onde é que Odete estava caída? E não tirava do pensamento que a desgraça foi por causa dos seios da mocinha... Quem não estava vendo? Ela mesma, como mãe, reconhecia que aqueles seios chamavam demais a atenção. Tinha o pressentimento de que aquilo acabava mal. Até os passageiros dos bondes cheios se viravam para apreciá-los, quando Odete parava na calçada. Odete a princípio, coitada, tão inexperiente, se sentia faceira com eles... Depois, cresceram mais do que se esperava, e ela própria teve medo. Já produziam escândalo... Fora o demônio que tomara conta daquela parte do corpo de sua filha. Ultimamente, era um desespero: a pobrezinha mal podia atravessar a rua, sentia-se perseguida pelos homens. E não eram dois nem três que olhavam, não: da porta dos cafés, de dentro dos armarinhos, das sacadas, de todos os lados, todos queriam espiar, ficavam olhando... Ela passava depressa, envergonhada. Porque sempre foi muito seriazinha, a sua Odete... Que gente mal-educada... Deus nos livre dos homens. Que adiantou o soutien de arrocho?... Foi pior. "Ah, meu Deus, haverá mãe que possa dormir tranqüila vendo os seios da filha crescerem assim dessa maneira?... " Quando Odete caminhava é que eles adquiriam

a sua plenitude de vida e mistério. Daí o fato de todo mundo, quando pensa em Odete, pensar logo nos seios dela, que sempre apareciam primeiro e na frente, como a proa dos navios...

A mulher tremia e soluçava. Ah! Odete não tem culpa. Foram os seios, foram... Tanto desejava levá-la para longe desses brutos.

Agora, lá vai como louca, à procura do corpo da filha.

Caminha e vê crescendo uma rosa vermelha bem em cima do seio esquerdo de sua Odete. Dá um grito, cai sem sentidos. Dois pretos carregam-na para um bar. Já outras mães vinham de volta, trazendo as respectivas filhas bem seguras nas mãos. Deram-lhe éter a cheirar, abanaram-na. Quando voltou a si, parecia ter saído de um banho de resignação. Calma. Como se tivesse se conformado com tudo o que acontecera.

Começa então a declamar a história da filha com o criminoso: conheceram-se num banho à fantasia na praia de Ramos; ele parecia distinto a princípio, tinha emprego, dava presentes. Depois... o malvado começou a ameaçar a pobrezinha, a fazer-lhe exigências. Não queria que fosse aos bailes, que usasse blusa de malha. Dizia que ela remexia demais as cadeiras quando caminhava. Proibiu-lhe trazer flor na cabeça, conversar com os amiguinhos.

- Mas a senhora tem certeza de que foi sua filha? interrompeu um mascarado.

- Se já estou vendo o cadáver!... Ah, meu Deus, que dor! Não! Não! Eu quero é contar a história dela. Isso me consola...

Fez uma pausa. Recomeçou depois, mais patética:

- Ainda nem tinha dezoito anos. Uma menina... Bordava que era um gosto. Todos apreciavam ela... Me ajudava tanto.

Um sujeito, vestido de Hailé Selassié, escutava comovido. Pouco a pouco, a pobre senhora foi percebendo que estava sendo cercada de cavalos, bois e porcos prestimosos, além de um Mefistófeles e alguns Arlequins que vieram oferecer seus serviços. Essa fauna grotesca afigurava-se-lhe como aparições do reino do pesadelo.

Fixou-os de olhos esbu-galhados, deu um grito de horror. Eles compreenderam, tiraram as máscaras. De dentro das máscaras surgiram fisionomias cheias de compaixão, que se voltavam para ela, querendo consolá-la. Alguém disse que a vítima era outra, uma mulata de Madureira, porta-estandarte de um cordão. A mulher não acreditava. Era inútil iludi-la.

Lá fora, um coro de vozes perguntava ainda, insistentemente, por certa Maria Rosa:

Cadê Maria Rosa

Tipo acabado de mulher fatal?

E anunciava que ela tinha como sinal

Uma cicatriz,

Dois olhos muito grandes, Uma boca e um nariz.

A mulata tinha uma rosa no pixaim da cabeça. Um mascarado tirou a mantilha da companheira, dobrou-a, e fez um travesseiro para a morta. Mas o policial disse que não tocassem nela. Os olhos não estavam bem fechados. Pediram silêncio, como se fosse possível impor silêncio àquela Praça barulhenta. A última das mães aflitas chega atrasada, atravessa o cerco, espia bem o cadáver, solta um grito de alegria:

- Ah, eu pensava que fosse a Raimunda! Graças a Deus que não foi com minha filha! Escapaste, Raimunda.

Saiu satisfeita. Alguns malandros, de cavaquinho nas mãos, foram se afastando, meio desajeitados. Um deles dava opinião:

- Dor eu não topo, franqueza... Sou contra o sofrimento.

Tentaram pedir silêncio novamente. Uma rapariga comentava, enxugando as lágrimas:

- Só se você visse, Bentinha, quanto mais a faca enterrava, mais a mulher sorria... Morrer assim nunca se viu...

O crime do negro abriu uma clareira silenciosa no meio do povo. Ficaram todos estarecidos de espanto vendo Rosinha fechar os olhos. O preto ajoelhado bebia-lhe mudamente o último sorriso, e inclinava a cabeça de um lado para outro como se estivesse contemplando uma criança. Uma Escola de Samba repontava no Mangue. Ainda se ouviam aclamações à turma da Mangueira. Quando o canto foi se aproximando, a mulata parecia que ia levantar-se.

E estava sorrindo como se fosse viva, como se estivesse ouvindo as palavras que o assassino agora lhe sussurra baixinho aos ouvidos.

O negro não tira os olhos da vítima. Ela parecia sorrir; os curiosos é que queriam chorar. A qualquer momento ela poderia se erguer para dançar. Nunca se viu defunto tão vivo. Estavam esperando esse milagre. Ouvia-se uma canção que parece ter falado ao criminoso:

Quem quebrou meu violão de estimação?

Foi ela...

Ainda apareceram algumas mães retardatárias rondando de longe a morta. A morta não tinha mãe nem parentes, só tinha o próprio assassino para chorá-la. É ele quem lhe acaricia os cabelos, lhe faz uma confiança demorada, a chama pelo nome:

- Está na hora, Rosinha. .. Levanta, meu bem. .. É o "Lira do Amor" que vem chegando... Rosinha, você não me atende! Agora não é hora de dormir... Depressa, que nós estamos perdendo... O que é que foi? Você caiu? Como foi?. .. Fui eu? Eu?... Eu, não! Rosinha. ..

Ele dobra os joelhos para beijá-la. Os que não queriam se comover foram se retirando. O assassino já não sabe bem onde

está. Vai sendo levado agora para um destino que lhe é indiferente. É ainda a voz da mesma canção que lhe fala alguma coisa ao desespero:

Quem fez do meu coração seu barracão?

Foi ela...

Que ninguém o incomode agora. Larguem os seus braços. Rosinha está dormindo... Não acordem Rosinha. Não é preciso segurá-lo, que ele não está bêbedo... O céu baixou, se abriu... Esse temporal assim é bom, porque Rosinha não sai. Tenham paciência... Largar Rosinha ali, ele não larga não... Não! E esses tambores? Ui! que ventania. .. É guerra... ele vai se espalhar. .. Por que estão malhando em sua cabeça?. .. Na bigorna do Engenho de Dentro é assim... Se afastem que ele está lutando por ela... Ele é bamba... Não se massacra

um operário dessa maneira... Estão atrapalhando o seu caminho para Rosinha... Se apitam assim, acordam ela... Ela já não está mais presente... Deslizando no éter. .. Deixem ele passar. .. Os outros fiquem no chão... Fiquem por aí... Ele vai tirar Rosinha da cama... Ele está dormindo, Rosinha... Fugir com ela, para o fundo do país... Abraçá-Ia no alto de uma colina...

46. BOTÃO-DE-ROSA

MURILO RUBIÃO (1916-1991 | Brasil)

Este mineiro que inicia sempre todos os seus contos com uma epígrafe bíblica - e de quem já foi dito ser um pioneiro do fantástico latino-americano (seu O Ex-mágico é de 1947} - é uma unanimidade da crítica e de seus fiéis leitores: ou seja, trata-se de um dos melhores contista do país. Quem duvidar que leia, por exemplo, O Pirotécnico Zacarias. Mas pode começar com os seguintes contos, extraídos de O Convidado e A Casa do Girassol Vermelho.

"Aroma de mirra, de aloés e cássia exala de tuas vestes, desde as casas de marfim."

(Salmos, XLIV, 9)

Quando, numa segunda-feira de março, as mulheres da cidade amanheceram grávidas, Botão-de-rosa sentiu que era um homem liquidado. Entretanto não se preocupou, absorto em pentear os longos cabelos.

Concluído o penteado, passou a alisar a barba com uma escova especial umedecida em perfume. Nesse instante ouviu gritos vindos da rua. Não distinguia bem o que gritavam, mas de uma coisa estava certo: vinham pegá-lo. - Deu de ombros e buscou uma fita colorida para prender a cabeleira.

Antes de despir a camisola de seda, escolheu para o dia o seu melhor traje: uma túnica branca, bordada a ouro, e calças de um tecido azul com tachas prateadas, presente dos companheiros do conjunto de guitarras - Molinete, Zelote, Judô, Pedro Taguatinga, Simonete, Bacamarte, André-tripa-miúda, Ion, Mataqueus, Pisca, Filipeto e Bartô - com os quais acertara novo encontro no Festival. Até lá Taquira teria o filho. (Fora obrigado a separar-se da

companheira porque os pais recusaram a recebê-lo em casa, alegando que não eram casados. Teve, à época, vaga premonição de que jamais se reencontrariam.)

Separou as meias, o cinturão de fivela dourada e procurou uma sandália que combinasse com o vestuário. Sua escolha recaiu numa de solas grossas, apropriadas ao péssimo calçamento da cidade.

O clamor crescia lá fora, aumentava-lhe a impaciência: não podiam esperar que acabasse de se aprontar? Ou temiam pela sua fuga? Malta de ignorantes, como poderia fugir? Antes que apelassem para a força, procurou acalmá-los, mostrando-se na varanda.

A turba emudeceu à sua presença. Fez-se um silêncio hostil, os olhos enfurecidos cravados na sua figura tranqüila. Um moleque atirou-lhe uma pedra certa na testa e a multidão de novo se assanhou: Cabeludo! Estuprador! Piolhento!

Quando compreenderiam? - Retrocedeu até a sala. Não por covardia, apenas para estancar o sangue que começava a descer pela face e certamente lhe mancharia a roupa.

Medicava-se ainda e ouviu baterem na porta. Era o sargento, comandante do destacamento, acompanhado de seis soldados e um mandado de prisão. Nem leu o papel. Alçando a mão, num apelo mudo, para que o esperassem, voltou ao quarto. Após jogar suas coisas na maleta, colocar nos dedos os anéis e no pescoço os colares, seguiu os policiais.

A autoridade deles devia ser grande, pois cessaram as vaias, ouvindo-se somente o rosar de alguns populares. Das sacadas, em todo o percurso, mulheres com os rostos protegidos por máscaras, que ocultavam as deformações da gravidez, observavam ansiosas o cortejo. As únicas janelas fechadas pertenciam à residência dos pais de Taquira.

O delegado, um tenente reformado, recebeu-o com afetada cortesia, indiferente à hostilidade geral contra o prisioneiro:

- O senhor é acusado de estupro e de ter engravidado as... - Interrompeu a frase para atender ao telefone:

- Pronto. Às ordens, meritíssimo. Estou atento. Novas diligências? Quantas quiser. Encontraram drogas? Mudarei o rumo dos interrogatórios.

O telefonema perturbara-o. Menos empertigado e sem afetação, voltou-se para o detido:

- Houve um equívoco: você está preso sob suspeita de traficar heroína. - Fez uma pequena pausa e, embaraçado, prosseguiu:

- Pode depor sem constrangimento. O seu defensor, Dr. José Inácio - apontava para um rapaz que acabara de entrar na sala -, testemunhará a nossa isenção. Queremos a verdade.

A verdade. O que significaria? Tempos atrás lhe fizeram igual pergunta e nada respondera. Também agora, e nos dias subseqüentes, permaneceria calado.

Alheio às perguntas capciosas, Botão só se preocupava com a aflição do seu patrono, talvez a única pessoa a desconhecer que fora designado exclusivamente para dar aparência de legalidade ao processo.

O mutismo do indiciado não irritou o militar. Parecia até agradá-lo. Mandou que o recolhessem ao cárcere. (Antes de acareá-lo com as testemunhas, procederia a outras investigações, visando esclarecer certos pontos obscuros da denúncia.)

O advogado, que permanecera na sala, indagou:

- Por que acusam o meu cliente de traficante de drogas, se antes o incriminavam de estuprador e cúmplice de centenas de adultérios?

- Que ingenuidade, amigo. Você está há pouco tempo entre nós e ignora que aqui só prevalece a vontade do juiz, proprietário da maior parte das casas da cidade, inclusive dos prédios públicos, da companhia telefônica, do cinema, das duas farmácias, de cinco fazendas de gado, do matadouro e da empresa funerária. Se decidiu que esse palhaço cometeu outro delito, não nos cabe discutir e sim preparar as provas necessárias à sua condenação.

- Penso que o seu dever é agir com imparcialidade, conforme declarou anteriormente, e impedir o arbítrio dos poderosos.

Nesse instante, em frente à delegacia, a população começou a vociferar: Lincha! Mata! Enforca!

O oficial parecia se divertir com a situação:

- O seu constituinte não tem muitas chances de sobreviver. Alguém cuidará dele. A Justiça ou o povo.

José Inácio saiu preocupado com a sorte do prisioneiro. Além de ter contra si a animosidade de todos, nem ao menos se declarava inocente.

Sua preocupação se transformou em medo ao ver-se encarado pelos homens que se postavam na rua. Olhavam-no carrancudos e silenciosos.

No hotel a recepção não foi melhor. O hoteleiro e os hóspedes, que antes o tratavam com acentuada simpatia, passaram a evitá-lo.

A mudança de tratamento o magoava: se não procurara nem fora chamado pelo acusado na qualidade de advogado, e se acompanhava o processo como defensor dativo de um maníaco sexual, que posteriormente seria transformado em traficante de drogas, por que colocá-lo em situação idêntica à do réu?!

Durante a semana tentaram, sem êxito, arrancar uma confissão de Botão-de-rosa. Mudo e impassível, ouvia desatento o que lhe perguntavam repetidamente:

- Quer falar agora? Quem lhe fornecia os entorpecentes?

O interrogatório não se estendia muito e logo mandavam-no de volta à cela.

Ao chegar a vez das testemunhas, estas asseguraram que no momento da prisão o indiciado carregava heroína consigo.

A polícia deu-se por satisfeita com os depoimentos e considerou-os suficientes para caracterizar o delito.

Preenchidas as últimas formalidades, os autos foram remetidos à Justiça.

Se para o advogado o inquérito policial transbordava de irregularidades, algumas gritantes, como a ausência do auto de prisão em flagrante, maior escândalo lhe causaria o transcurso da instrução criminal, inteiramente fora das normas processuais.

Verificando que seu cliente seria julgado pelo tribunal do júri, procurou o promotor e lhe disse que iria argüir incompetência de juízo se o réu não fosse enquadrado no ritual da lei que tratava de entorpecentes.

- O senhor está pilheriando ou é um incompetente. Em que se baseia para usar tão esdrúxulo recurso?

Surpreso com a resposta intempestiva, pediu licença para consultar o Código de Processo Penal, que retirou de uma estante ao lado.

À medida que avançava na leitura, mais chocado ficava, pensando ter em suas mãos uma edição falsificada, ou então nada aprendera nos cursos da faculdade.

Numa pequena livraria comprou um exemplar da Constituição e todos os Códigos, porque talvez tivesse que reformular seu aprendizado jurídico.

Leu até de madrugada. A cada página lida, se abismava com a preocupação do legislador em cercear a defesa dos transgressores das leis penais. Principalmente no capítulo dos entorpecentes, onde não se permitia apresentar determinados recursos, requerer desaforamento. A violação de seus artigos era considerada crime gravíssimo contra a sociedade e punível por tribunal popular. As penas variavam entre dez anos de reclusão, prisão perpétua ou morte.

José Inácio ficou boquiaberto: Pena de morte! Ela fora abolida cem anos atrás! Ou teria estudado em outros livros?

Em compensação, ocorrendo a pena capital, admitia-se apelar para instância superior.

Desorientado, abandonou os compêndios.

Passou os dias seguintes a remoer o assunto, enquanto na porta do hotel um número crescente de indivíduos mal-encarados aguardava sua saída, para segui-lo impiedosamente pelas ruas da cidade. Também recebia constantes ameaças pelo telefone e cartas anônimas.

Aos poucos, se acovardava, perdia a esperança de conseguir absolver seu constituinte.

Na véspera do julgamento, atemorizado, resolveu abandonar a cidade. Tomara as providências para a viagem e só faltava pagar as contas, quando apareceu o delegado:

- Não vai me dizer que pretende escapar ao júri de amanhã? Sua fuga seria uma desconsideração ao juiz. Aliás, trago um recado dele. Pediu-me para lhe dizer que não gostou de sua displicência na instrução criminal. Espera, daqui para frente, o exato cumprimento de suas obrigações como defensor do réu.

E, dando fim à sua missão, ordenou ao rapaz que guardava as malas do hóspede:

- Leva tudo de volta para cima.

A escolta de Botão-de-rosa encontrou forte resistência para entrar no fórum. Uma pequena e exaltada multidão, que impedia a passagem, investiu sobre o prisioneiro a bofetadas e pontapés.

Os militares presenciaram, complacentes, o espancamento e só tomaram a decisão de intervir quando viram a vítima sangrar. Violentos, a golpes de sabres, afastaram da porta os desordeiros.

Dentro do edifício deram-se conta de que não podiam introduzir no recinto do tribunal o prisioneiro, tal o estado de suas roupas, rasgadas de cima a baixo.

Alguém, que assistira à agressão da janela de uma casa nas vizinhanças, mandou-lhes uma capa feminina para cobrir a nudez de Botão.

Sentado no banco dos réus, entre dois soldados, Botão-de-rosa mal conseguia mover as pálpebras, as pernas começavam a inchar. Levantou-se, arquejante, a uma ordem do juiz, que deu início ao

interrogatório de praxe. Nada respondeu e nem poderia fazê-lo caso desejasse. Os lábios estavam intumescidos, os dentes abalados doíam ao contato com a língua.

- Inocente ou culpado? - foi a última pergunta que lhe fizeram e a repetiu para si mesmo, deixando transparecer alguma turbacão no rosto.

O magistrado encerrou a inquirição com uma advertência:

- Embora não esteja obrigado a nos responder, o seu silêncio poderá ser interpretado em prejuízo da própria defesa.

O promotor falava há mais de duas horas. Repisava argumentos, insistia em detalhes insignificantes. Ao notar que ninguém lhe prestava atenção, tratou de terminar o enfadonho discurso com a leitura de uma carta sem assinatura, na qual denunciavam o acusado de traficante de heroína e maconha.

- Uma carta anônima! E essa maconha, não mencionada anteriormente? É um acinte ao tribunal apresentar uma prova desse tipo - aparteu o defensor.

- Ela merece fé. Posso exhibir o laudo da perícia, constante de minucioso estudo grafológico, que afirma ser de Judô, um dos componentes do conjunto musical do indiciado, a autoria da denúncia.

- Pobre companheiro - murmurou Botão - deve ter-se vendido por algumas doses de entorpecentes. Não conseguia viver sem a droga. Por que culpá-lo agora? Uma testemunha a menos não o absolveria. - Voltou-se para trás: a formação do grupo com músicos inexperientes, pouco dinheiro, idéia de malucos. As cidades do caminho, aplausos e vaias, a orquestra crescendo. O aparecimento de Taquirá. - Esquecera o corpo maltratado e obrigaram-no a retornar à realidade:

- Senhores jurados, a acusação do Ministério Público, além de inepta, é tendenciosa. O réu não cometeu o delito que lhe atribuem. Poderia, no máximo, ser processado como cúmplice de numerosos adultérios, mas isto não seria conveniente para a cidade, pois a transformaria num imenso antro de cornos. - Era o

advogado de defesa que discursava e pretendia com a última frase desmascarar os que aplicavam a justiça no lugar. Surpreendeu-o, entretanto, a repulsa instantânea da assistência e jurados, que avançaram, enraivecidos, em sua direção.

O juiz fez soar repetidamente a campainha, ameaçando evacuar o recinto. Por fim, com a colaboração dos soldados, conseguiu que todos voltassem a seus lugares.

José Inácio encolhera-se num canto e, convocado a retornar à tribuna, obedeceu amedrontado, disposto a abreviar suas considerações. Falava com cautela, pesando as palavras, algumas ambíguas, as idéias desconcatenadas e a negar crimes que a própria acusação não atribuía ao incriminado.

Havia total descompasso entre o que afirmava e os apertes do promotor:

- Como poderia engravidar meninas de oito e matronas de oitenta anos?

- Protesto! O delito em pauta se refere unicamente a estupefacientes!

- Os casos de gravidez em massa, ocorridos nesta localidade, não podem ser atribuídos ao denunciado.

- Antes da vinda desse marginal nosso povo tinha hábitos saudáveis, desconhecia os vícios das grandes metrópoles.

O presidente do tribunal leu a sentença que condenava Botão-de-rosa à pena de morte, a ser cumprida no dia seguinte, e exortou a todos que respeitassem a integridade física do condenado, deixando ao verdugo a tarefa de eliminá-lo.

A recomendação final do magistrado alarmou o defensor: a sua segurança, quem a garantiria?

O delegado percebeu, de longe, o temor que o afligia e veio ao seu encontro:

- Não precisa ter medo. Basta ser compreensivo. O sentenciado só escapará da forca se houver apelação, pois a Suprema Corte tem por norma transformar as penas máximas em prisão perpétua. Se

você não recorrer, lhe garantiremos uma rendosa banca de advocacia. A promessa é do juiz.

José Inácio reviu, mentalmente, as diversas fases do processo, o cerceamento da defesa do réu, permitido por uma legislação absurda. Sentiu-se na obrigação de apelar e impedir que cometessem terrível iniquidade. Não havia outra opção, contudo vacilava. O duro espancamento de seu constituinte deveria ser tomado como um aviso do que lhe poderia acontecer, caso apelasse. E por que trocar as possibilidades de sucesso na sua carreira profissional pela vida de um pobre-diabo que se negava a defender-se e nem se importava com sua própria condenação?

Desistiu do recurso.

Além da cama, Botão pouco encontrou na cela. Tinham levado as roupas, os objetos de uso pessoal, inclusive o dentifrício e a escova de dentes. Deitou-se nu e aguardou a noite.

Às seis da manhã vieram buscá-lo, porém teve dificuldade em levantar-se. Os membros, ressentidos da surra da véspera, não lhe obedeciam. Para erguer-se, foi necessária a ajuda do carcereiro.

Os soldados, à sua espera numa das salas da delegacia, conduziram-no ao local da execução. Caminhada áspera, na qual se empenhou em seguir firme, os ombros erguidos.

Do alto do patíbulo, na praça vazia, pela primeira vez lhe pesava a solidão. E os companheiros? E Taquira?

Abaixou a cabeça: esquecerão, sempre esquecemos.

Jogou longe a capa e, desnudo, ofereceu o pescoço ao carrasco.

47. OS TRÊS NOMES DE GODOFREDO

MURILO RUBIÃO

"As sombras cobrem a sua sombra, os salgueiros o rodearão."

(Jó 40, 17)

Ora, aconteceu que vislumbrei uma ruga na sua testa.

De uma data que não poderia precisar, todos os dias, ao almoço e ao jantar, ela sentava-se à minha frente na mesa onde por quinze anos seguidos fui o único ocupante.

Ao me certificar da sua constante presença, considerei o fato perfeitamente natural. O lugar não me pertencia por nenhum direito e além do mais minha vizinha nada fazia que me importunasse. Nem sequer me dirigia a palavra. Também o seu comportamento durante as refeições era discreto, alheio a qualquer ruído que chamasse a atenção.

Naquela noite, porém, sentia-me desinquieto, incomodado por desconhecer os motivos da sua preocupação. Já me dispusera a abandonar a mesa, convencido de que assim a minha companhia ficaria à vontade. Talvez estivesse atribulada e desejasse ficar só. Entretanto, percorrendo com os olhos o recinto, notei serem numerosos os lugares vagos, o que não deixava de ser comum no restaurante, cuja frequência era muito reduzida. Fiquei aborrecido e achei um desaforo ter que sair dali quando a moça poderia fazer o mesmo. E por que viera sentar-se justamente a meu lado?

Vencida a irritação e acreditando ser pouco educado alimentar semelhantes pensamentos, resolvi abandonar a mesa. Afinal, como eu, ela poderia preferir justamente aquela.

Virei-me para a jovem e lhe perguntei se não levaria a mal se eu mudasse de lugar.

A indiferença dela ante um gesto, que eu pensava ser o mais delicado possível, me decepcionou. Fiz-lhe um rápido cumprimento com a cabeça e me dirigi para a extremidade oposta da sala.

Tão logo me acomodei noutra cadeira, nova surpresa me aguardava: a mulher caminhava em minha direção, com o evidente propósito de voltar para perto de mim. Ao mesmo tempo, alegrei-me vendo que a ruga desaparecera de sua testa e me repreendi por não me ter ocorrido antes a idéia de escolher um lugar melhor, que fosse do agrado da minha companheira.

Passava-se, contudo, algo que eu ainda não conseguira entender: seria ela minha convidada naquela noite? E nos dias anteriores?

Insatisfeito com as dúvidas que me ocorriam, indaguei meio constrangido: - Eu a convidei para o jantar, não?

- Claro! E não havia necessidade de um convite formal para me trazer aqui.

- Como?

- Bolas, desde quando tornou-se obrigatório ao marido convidar a esposa para as refeições?

- Você é minha mulher?

- Sim, a segunda. E preciso lhe dizer que a primeira era loura e que você a matou num acesso de ciúmes?

- Não é necessário. (Já ficara bastante abalado em saber do meu casamento e não desejava que me criassem o remorso de um assassinato do qual não tinha a menor lembrança.) Gostaria somente de esclarecer se somos casados há muitos anos?

Um tanto forçada, querendo divertir-se comigo, retrucou:

- É uma história bem antiga. Nem me lembro mais.

- E temos dormido juntos? - insisti, à espera de que, a qualquer momento, se desfizesse o equívoco e, aliviado, verificasse que tudo decorria de uma farsa bem engendrada.

A resposta me desiludiu:

- Que bobagem! Sempre dormimos juntos. Não restava muito a perguntar, mas continuei:

- Você poderia me dizer quando nos conhecemos?

A minha insistência não a contrariou e acho que se sentiu bem-humorada com o meu crescente embaraço:

- Lembro-me apenas que não foi na primavera, época dos meus gerânios. Precisava saber tudo, apesar de estar capacitado da inutilidade de alongar o interrogatório:

- A minha primeira mulher não se enciumava com a nossa camaradagem?

- Absolutamente. (E não era simples camaradagem.) Você, sim, é que se ressentia por qualquer coisa, sabendo - como ninguém - da fidelidade dela. Deve tê-la matado por essa mesma razão.

- Não me fale do crime, pedi, agarrando-lhe o rosto, um rosto macio e fresco. Contemplei os seus olhos, castanhos e meigos. Achei-a linda. Cauteloso, temendo ser repelido, acariciei as suas pequeninas mãos:

- Pensei que fosse uma sombra.

- Tolice, João de Deus! Por que seria eu uma sombra?

- É que, ultimamente, não converso com ninguém nem reparo nas pessoas. Daí a razão da minha demora em aceitar a sua presença.

Parei um pouco. Olhei para os lados e vi que estávamos sós na sala. Mesmo sabendo que o restaurante fechava cedo, retomei o diálogo:

- O meu constante silêncio não a entediava?

- De maneira alguma, você nunca deixou de conversar comigo.

Tornei a fixar os olhos nela: diabólica era a sua beleza. Tão bela que me tirou a vontade de renovar as objeções.

Esperei que terminasse o jantar e indaguei para onde íamos.

- Para a nossa casa, creio.

Confesso que tive curiosidade de saber se a nossa casa seria diferente da minha. Não me recordava exatamente do seu aspecto e fiquei em dúvida se poderia localizá-la. Em frente ao prédio, que minha companheira assegurava ser o nosso, eu hesitava:

- Tem certeza de que é aqui, Geralda?

Ela balançou a cabeça afirmativamente, porém não dei importância ao gesto. Preocupava-me unicamente em descobrir como conseguira adivinhar-lhe o nome, pois estava certo de tê-lo pronunciado pela primeira vez naquele exato instante.

Aberta a porta de entrada, dissiparam-se as minhas dúvidas: o meu sobretudo de gola de peles encontrava-se em cima do sofá. Apenas me perturbavam certos detalhes que antes não observara. Os móveis, embora antigos, eram sóbrios, enquanto os quadros, mal distribuídos pelas paredes, destoavam pelo mau gosto. E havia flores por toda a parte.

Geralda, em silêncio, acompanhava sem estranheza as minhas sucessivas descobertas.

Esgotada a curiosidade, lembrei-me da minha esposa. Desajeitado e incerto se me comportava bem, estendi minhas mãos para trazê-la de encontro a mim. Pálida, os cabelos negros, os olhos grandes, ela permanecia sorridente no centro da sala, esperando que eu a abraçasse. A emoção, somada a um temor inexplicável, me conteve momentaneamente. Não me foi possível, entretanto, controlar o instinto a exigir a posse daquela mulher que se oferecia integral aos meus braços. Para ela avancei, procurando-lhe a boca. Beijei-a com sofreguidão, sentindo um sabor novo, como se fosse a primeira fêmea que beijava.

Somente quando entrevi um bocejo nos seus lábios, dei conta de que era tarde. E fomos dormir.

Por instantes, achei estranho que Geralda me acompanhasse em direção ao quarto. Logo percebi que me preocupava sem necessidade: a cama era de casal e tinha dois travesseiros. Na nossa frente estava uma penteadeira com diversos objetos de uso feminino.

Ela começou a despir-se e, encabulado, eu não sabia se me retirava ou se vestia o pijama ali mesmo. Por culpa da indecisão ou pela beleza das suas pernas, faltou-me a iniciativa e permaneci parado no meio do aposento.

Vendo-a acomodada no leito, assentei-me na beirada da cama e fui me desembaraçando das roupas.

Já deitado, sentindo o calor daquele corpo, veio-me intensa sensação de posse, de posse definitiva. Não mais podia duvidar de que ela fora sempre minha.

Baixinho, quase sussurrando, lhe falei longamente, os seus cabelos roçando no meu rosto.

Os meses se aligeiravam e evitávamos sair de casa. (Não desejava que outros presenciassem a nossa intimidade, os meus cuidados com ela.)

Loquaz, alegre, eu agora gostava de vê-la comer aos bocadinhos, mastigando demoradamente os alimentos. Às vezes me interrompia com uma observação ingênua:

- Se a terra roda, por que não ficamos tontos?

Longe de me impacientar, dizia-lhe, em resposta, uma porção de coisas graves, que Geralda ouvia com os olhos arregalados. No final, me lisonjeava com um descabido elogio aos meus conhecimentos.

Não tardaram a se acompridar os dias, tornando rotineiros os meus carinhos, criando o vácuo entre nós, até que me calei. Ela também emudeceu.

Restava-nos o restaurante. Para lá nos dirigimos, guardando um silêncio condenado a dolorosa permanência.

O rosto dela passou a aborrecer-me, bem como o reflexo do meu tédio no seu olhar. Enquanto isso, despontava em mim a necessidade de ficar só, sem que Geralda jamais me largasse, seguindo-me para onde eu fosse. Nervoso, a implorar piedade com os olhos, não tinha suficiente coragem de lhe declarar o que passava no meu íntimo.

Uma tarde, olhava para as paredes, sem nenhuma intenção aparente e enxerguei uma corda dependurada num prego. Agarrei-a e disse para Geralda, que se mantinha abstrata, distante:

- Ela lhe servirá de colar.

Nada objetou. Apresentou-me o pescoço, no qual, com delicadeza, passei a corda. Em seguida puxei as pontas. Minha mulher fechou os olhos como se estivesse recebendo uma carícia. Apertei com força o nó e a vi tombar no assoalho.

Como fosse hora de jantar, maquinalmente, rumei para o restaurante, onde procurei a mesa habitual. Sentei-me distraído, sem que nada me preocupasse. Pelo contrário, envolvia-me doce sensação de liberdade. Ainda não escolhera o prato e senti um calafrio: na cadeira, defronte à minha, acabava de assentar-se uma jovem senhora que, não fossem os cabelos louros, juraria ser minha esposa. A semelhança entre elas me assombrava. Os mesmos lábios, nariz, os olhos, o modo de franzir a testa.

Passada a perplexidade, resolvi esclarecer a desagradável situação:

- É você, Geralda? (Perguntei mais para puxar conversa do que para receber uma resposta afirmativa. Minha mulher tinha os cabelos negros e um dente de ouro.)

- Não. Sou a sua primeira esposa, a segunda você acaba de matar.

- Sim, já sei. Matei-a num acesso de ciúmes...

- E poderia ser de forma diferente, meu pobre Robério?

- Robério?! (Em tempo algum me conheceram por esse nome. Havia um erro, um tremendo engano em tudo aquilo.)

Procurei recuperar a calma, a fim de desfazer o mal-entendido:

- Tudo passou, Joana. Chamo-me Godofredo.

- Engana-se, Robério, não lhe virá o esquecimento.

- Quem disse que não virá? - retruquei, agressivo, impaciente com a teimosia dela. Ela ignorou a minha rispidez. Fria,

irritantemente tranqüila, me provocava:

- Pode gritar, o restaurante está vazio.

- E por que está vazio? - indaguei, áspero, elevando ainda mais a voz.

Joana sabia da inutilidade de explicar, mas respondeu, tentando disfarçar a piedade:

- Somente nós dois freqüentamos este restaurante que papai comprou para você.

- Nada pedi a seu pai, nem sabia da existência dele. Ao diabo com vocês dois! Entre a náusea e o medo, levantei-me apressado. Alcancei rápido o passeio e saí

correndo sem ter noção do que iria fazer.

Só me detive frente ao portão de casa. Fechei-o com o cadeado e tranquei, por dentro, a porta da entrada. Ainda não guardara as chaves no bolso, quando me lembrei do

cadáver de Geralda. Pensei em retroceder e me contive: diante de mim, parada no vestíbu-lo, encontrava-se uma mulher bastante parecida com as outras minhas esposas. Tinha os cabelos alourados de Joana e se distinguia das duas por ter, além das sobrancelhas arqueadas, um anel de ametista no dedo anular.

Envolveu-me uma aflição desesperante. Abri os braços para ela, que neles se aconchegou, colando o corpo bem rente ao meu. Levei as mãos ao seu pescoço e apertei-o.

Ficou estendida no tapete e prossegui até a copa. Mal penetrara na saleta, assustei-me: na cabeceira da mesa, posta para o jantar, uma jovem de rara semelhança com Joana e Geralda sorria.

- Naturalmente você é a minha quarta esposa?

- Não, João de Deus, somos apenas noivos - disse, indicando-me um lugar à sua esquerda.

- Minha noiva?! - Espantado, perguntei se vivíamos juntos há muito tempo.

- Moro sozinha desde a morte de meus pais. Você acaba de chegar e é meu hóspede. Após o casamento, iremos residir na sua cidade.

A fita de veludo, que prendia um medalhão antigo ao pescoço de Isabel, me fascinou por alguns segundos. Desviei os olhos para o prato, já servido, e percebi que perdera a fome. Ao levantar de novo a cabeça, ocorreu-me formular algumas perguntas, possivelmente as mesmas que fizera à minha segunda mulher, naquela noite, no restaurante. Desisti, preocupado em redescobrir uma cidade que se perdera na minha memória.

48. QUE OS MORTOS ENTERREM SEUS MORTOS

SAMUEL RAWET (1929 -1984 | Brasil)

Engenheiro-calculista, que participou da construção de Brasília e do Monumento ao Soldado Desconhecido, Samuel Rawet, um dos escritores mais marcadamente pessoais de sua geração, estreou com Contos do I migrante, em 1956. Eterno andarilho pelas ruas do Catete ou de Brasília (e algo misógino, morando em hotéis), este judeu polonês que veio para o Brasil ainda criança foi autor de livros como Diálogo, Abama, Sete Sonhos, Que os Mortos Enterrem seus Mortos e outros tantos, geralmente de contos; mas também escreveu ensaios e peças de teatro. Em vida, foi prejudicado pelo fato de ter seus livros lançados por editoras pequenas, de vida efêmera e distribuição quase inexistente. O pós-kafkiano Rawet está a merecer uma reedição de suas obras completas.

Como conciliar o sentimento de agora com o seu ódio? O que era o ódio realmente? Fora covarde? Tinha o seu gesto que era anulação de gesto? E o que lhe parecia uma fraqueza seria prenúncio de grandeza? Entre valor perdido e conquistado, o que sobrava de sua dor, imensa, de sua dor doída e redoída? E a dor da dor, quem lhe devolveria? Os dias perdidos foram realmente perdidos? Se em vez dos dias vividos como foram eles o fossem de outro modo? Comprimiu a arma no bolso da capa. Não chovia. Sentia frio apesar da camisa molhada e dos botões da gola. Tomou café na esquina de Catete e Machado de Assis. Não suportou o gracejo da mulata. Ela assustou-se quando lhe viu os olhos presentes e fixos. Abandonou a xícara. Os que entupiam as portas das Casas da Banha irritaram-no com a zoadas de irritações voluntárias. O que faria de seu ódio? O que faria com seu ódio? O

que faria por seu ódio? Precisava de seu ódio? Chegou à Praça José de Alencar, hesitou entre a Barão do Flamengo, a Senador Vergueiro, a Marquês de Abrantes, a Conde de Baependi. Vontade de pisar cascalho fino e areia molhada. Necessidade de opor pequenas resistências e irregularidades à solidez de idéias que se sucediam em blocos maciços. Pequenas resistências e irregularidades a despertarem uma noção de cotidiano incompatível com a irrupção solene de volições hieráticas. No banco molhado da Praça São Salvador reviveu o lugar-comum do homem tenso sob um céu cinzento em meio à vegetação úmida, do homem só, tenso, lugar-comum de uma literatura introspectiva de cordel de livrarias de luxo. Armadilha em que ele mesmo caía. Com a desvantagem de, agora, perceber a grandeza do lugar-comum. O desfecho de alguns anos de ódio não fora aquele lugar-comum de há pouco? Lugar-comum por lugar-comum, por que não o outro?

Rememorar. Ruminar. Os planos traçados, ou não traçados. A vingança necessária, sim, necessária, ou nem tanto? As sutilezas imaginadas para eliminar o outro de modo indireto, por motivos que nada tivessem a ver com os motivos reais. A espera. A longa espera de uma disposição que não pertencia à sua carne. Os detalhes preparados, a hesitação entre uma cadeia de acontecimentos que encaixassem a vingança quase como um elemento natural. Ou a simples e grosseira presença de um corpo evidente que não pede explicações, e nem dá. Quando se viram pela última vez? Em meio à conversa exaltada, o telefone tocara, e pelas respostas soube que a mulher do outro tivera um filho. Quando se aproximou do edifício, hoje, e se postou junto à entrada, à espera do homem, para matá-lo simplesmente, lembrou-se disso. Lembrou-se disso. O menino tinha a idade de seu ódio. Crescera à medida de seu ódio. E tudo desabou. Rumina agora os planos sagazes, as simetrias, os tipos de vingança adequada à sua dor. Fora despojado de tudo. Pior ainda. O outro fizera com que ele mesmo se despojasse de tudo, se aniquilasse. Chora agora, só, no banco. Chora porque ao repassar tudo o que arquitetara chegou à conclusão de que seu corpo exigia a vingança, como se exigisse alimento ou sexo. Imanência de sua

condição. Pensou ainda em coisas mais sutis: a não-vingança. Que seria a melhor. Permanecer sempre presente, mostrar-se em condições de executá-la e não fazer nada. Até que desistiu. Desistiu porque no fundo, da soma de seu sistema de valores, da noção de macheza que o cerca, só lhe restava um caminho: matá-lo. Mas houve um pequeno detalhe no momento em que o homem atravessou o portão do edifício e se aproximou da calçada. Trazia um menino pelo braço. A criança se soltou e na corrida se enrolou em seus joelhos. O outro estava no meio da calçada. Reconheceu-o. Os olhos de medo e ódio se encontraram. Ele tirou o dedo do gatilho, e a mão do bolso. Alisou a gola da capa enquanto o menino se erguia e o olhava surpreso. Por dentro ele já chorava. O menino era belo. Como seus anos de dor.

49. CABEÇAS DE SEGUNDA-FEIRA

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO (1936– | Brasil)

Ignácio de Loyola Brandão ganhou certa projeção nacional quando venceu o Prêmio Nacional do Paraná/Fundepar como contista, e depois, projeção internacional quando seu romance Zero, com dificuldades de sair no Brasil da ditadura, teve sua primeira edição publicada na Itália, em 1974. Jornalista, romancista e contista de Araraquara, porém paulistano, é autor de Bebei que a Cidade Comeu, Veia Bailarina, Não Verás País Nenhum, Cadeiras Proibidas, O Homem que Odiava a Segunda-feira, entre outros. O Anônimo Célebre foi publicado em 2002.

Para Luluza

Sem nenhum grito de horror, apenas com muito nojo, a faxineira encontrou o Doutor Joaquim curvado sobre sua mesa. Morto, evidente.

O senhor Lemos foi achado à porta do escritório, encolhido como se tivesse sentido muito frio à noite.

Diva estava apoiada ao PBX da recepção. E Moraes, descoberto às onze horas, quando todo o edifício fervia, estava de calças arriadas, sentado na privada. O zelador constatou duas coisas, antes de chamar a polícia. Era crime. Segundo, executado pela mesma pessoa. Os quatro cadáveres estavam decapitados. Conclusões de zelador.

Quatro pessoas decapitadas numa segunda-feira atraíram seis viaturas da polícia, investigadores, reportagem policial e não policial, curiosos. Impossível transitar. O prédio foi fechado. Ninguém saía, ninguém entrava. Os escritórios que não tinham nada a ver com os crimes reclamaram. Estavam sendo

prejudicados. Ninguém se importou. O zelador foi interrogado. Colocaram numa sala os funcionários do prédio. Os faxineiros, ascensoristas, eletricitas, homens da casa de máquinas, o síndico, o subsíndico. Um investigador experiente notou que as decapitações tinham sido violentas. Como se houvesse decapitação não violenta, disse um repórter policial.

Fala, conversa, interroga. Quem eram os mortos? Pessoas ligadas a eles? Um radialista esgoelava que era crime político. O Doutor Joaquim, angolano exilado, ex-dono de um grande banco, chegou ao Brasil com enorme fortuna, ao fugir da África. Em dois anos tinha multiplicado o dinheiro, era acionista de seguradoras, financiadoras, mantinha um jornal para a colônia exilada, recebia comendas cada seis meses. É só procurar entre os portugueses que apóiam o regime atual português, gritava o radialista. Então, vai procurar

você, disse o policial, com inesperada paciência. Pode ser até que tenha razão. Mas como ligar o Doutor Joaquim a Diva, secretária de uma assessoria de relações públicas, bonita, ex-miss Telefônica, vinte e cinco anos, feliz (segundo as amigas) depois de comemorar o noivado na quinta-feira anterior ao crime? E não havia nenhuma indicação de ligações extras, com o chefe, por exemplo, ou qualquer outro. "Bem", comentou um jornalista cético e experimentado, "os irrepreensíveis também morrem".

E mais, pontificava o policial. Havia o Moraes e o Lemos. Não se conheciam, não se relacionavam. Podiam se encontrar casualmente no elevador, ou no hall. Mas segundo o zelador, não consta que Lemos tenha subido ao oitavo onde Moraes administrava uma firma de transportes. E nem Moraes jamais teria descido ao quinto, onde Lemos representava azulejos, cerâmicas, pisos de luxo.

"Podemos supor", disse o repórter do mais importante jornal de São Paulo, matutino conservador cioso de sua posição de terceiro da América Latina: "Lemos representava azulejos e adjacentes. Moraes foi encontrado morto dentro de um banheiro. Ora, banheiro leva azulejos. Não haveria aqui uma pista inconscientemente fornecida pelo assassino?" Pode haver, mas é sutil demais para

minha cabeça, respondeu pacientemente o policial inesperado. "Muito científica, muito freudiana", acrescentou para espanto geral. "Minhas deduções são chãs, mais realistas. Daqui a pouco chego nesse filhodaputa sanguinário."

Já tem alguma pista?

Não, nenhuma.

O criminoso vai voltar ao lugar do crime? O criminoso continua no lugar do crime. Como sabe? Não sei.

Abriram gavetas. Olharam prateleiras, cantos das salas, armários, embaixo dos tapetes. Fotografaram de todos os ângulos. "Nunca vi a utilização dessas fotos, não sei para que servem, a não ser dar emprego para dois ou três e gastar material", disse o mal-humorado repórter do matutino conservador. Fizeram croquis, posição do corpo, tomaram notas, conversaram entre eles. O depoimento do zelador e dos funcionários do prédio não esclareceu. Ninguém tinha visto os quatro subirem. Cada um dos seis ascensoristas julgava que o Dr. Joaquim, Diva, Moraes e Lemos tivessem chegado no carro do outro. Geralmente prestavam atenção em quem chegava, mas não havia um modo de determinar hábitos. Às vezes, um ascensorista não via o Lemos dois ou três dias, porque não coincidia dele tomar o seu carro. O difícil é a pessoa que trabalha num andar tomar o carro em outro. As pessoas usam o térreo e o seu piso, nada mais. Um prédio, para seus usuários, se limita às fronteiras onde os homens trabalham, raramente são ultrapassadas. Quando são, nota-se.

Então o zelador fez uma pergunta:

- Onde estão as cabeças dos decapitados?

Espanto geral. O investigador que parecia o líder chamou o subordinado:

- As cabeças?

- Estamos procurando.

- Como identificaram os corpos?

- Todo mundo conhecia. A roupa do Dr. Joaquim, o físico magro. A mesa de Diva. A carteira de identidade do Lemos. O lenço sempre no bolso do paletó que o Moraes usava.

- Precisamos encontrar as cabeças.

Continuaram a revista. Por todo o prédio. Nas escadas, bocas de lixo, incineradores, cestos de papel, cofres fortes.

- O crime é misterioso, confessou um PM cansado.

- Como vocês agem em crimes misteriosos? perguntou o repórter novamente.

- Deixamos como está. O acaso resolve. Um dia destes a gente pega um cara por aí e ele dá o serviço.

- É o único jeito?

- Claro. Não temos gente, não temos verbas, não temos laboratório. Existem duzentos mil ladrões na cidade. Mais de quarenta mil mandados de prisão que não podem ser cumpridos. Vendem-se armas todos os dias. De cada dez desempregados, sete terminam assaltando. Até a polícia entra no jogo, porque com esse salário não dá. A gente vai esquentar a cabeça com quatro malandros mortos aí? Era gente de grana, e entraram numa fria. Vai ver, foram assaltados, reagiram, empacotaram. Isso aí é coisa de mixo, pé de chinelo.

- É... Mas as cabeças, onde estão?

- Vou te contar, meu chapa. Vai ver, levaram. Pra fazer sopa. Com a carne pelo preço que anda.

O investigador líder chamou o zelador e funcionários. Queria dar um repasse.

- Um de vocês matou essa gente toda. Não sei por quê. Se soubesse saberia quem foi.

Olhou todos, um por um. E todos olharam para ele, impassíveis e esfomeados. Não tinham nem mesmo deixado que comessem as marmittas trazidas de casa.

- Sei que foi um de vocês.

- Isso é uma acusação? indagou o zelador indignado.

- É. disse o investigador.

- Só para saber. Vai ver foi um de nós. Vamos descobrir e demitir o assassino.

- Estão dispensados. Quem não vier trabalhar amanhã estará automaticamente preso. Se for encontrado, claro.

O ascensorista do carro três, o primeiro à direita de quem entra, desce a Rua da Consolação, rádio de pilha ao ouvido. Ouve Francisco Petrônio cantando valsas e pensa que no domingo pode ser que não vá ao culto, tudo depende deles descobrirem. Num bar, ele toma caracu com ovo, come duas salsichas com molho de cebola, vê que o dinheiro ainda dá para uma asa de frango, soterrada numa cobertura de gordura marrom.

- Quer entrar no bolo, companheiro? Um nordestino estende uns pedaços de papel.

- Bolo de quê?

- Do jogo de hoje. Palmeiras contra o Santa Cruz.

- Não torço pra nenhum dos dois.

- Vai ver é corintiano?

- Não. Em futebol, só gosto do tricolor da Penha. Não torço para time grande. Não quero bolo, coisa nenhuma, vou para casa dormir, ainda tenho três conduções pela frente.

Bate com força sobre a asa de frango, mosquitos verdes se levantam, giram. Voltam, ele bate de novo, fica acompanhando o vôo, na prontidão.

- Se você resolver matar todos os mosquitos, não vai fazer outra coisa a vida inteira. Olha só, diz o garçom que serve café.

Dentro da estufa onde há bolinhos de bacalhau, ovos empanados, lingüiça frita, peixes à doré, coxinhas, empadas, camarão acinzentado, salsichas no molho de tomate, ovo cozido, um enxame de moscas, verdes e pretas.

- Se mosquito fizesse mal, não tinha sapo vivo. E estão todos vivos e gordos.

O ascensorista fecha a cara, não está para papos. Preocupado. A polícia procura as cabeças. Por causa da polícia teve que ficar duas horas além do expediente, e não vai ganhar extra. Quando chegar em casa, a mulher está dormindo, os filhos também. A briga será amanhã de manhã, ela não vai acreditar que houve um crime no prédio, que não deu para pedir o vale (e se desse, talvez não conseguisse, já retirou quase todo o salário e mais da metade do décimo terceiro). Nem o plano de roubar caderno no supermercado deu certo. O menino precisa do caderno, a professora disse que não dá mais para assistir aula assim, escrevendo em papel de pão, em pedaços de saquinho de armazém, o que ele pensa? Na hora do almoço, ele rondou pelo supermercado, chegou a apanhar os cadernos. Não tinha como enfiar debaixo da camisa, hora de almoço todo mundo dos escritórios vai para lá, fica comprando bolachinhas, iogurtes, chocolates, besteirinhas para enganar a fome durante o dia. Preferiu trocar o caderno por uma barra enorme de chocolate, estava com fome. Depois, descobriu que era chocolate amargo. Não sabia se velho, se com defeito. Pensou que quem levou na maciota uma barra de chocolate, bem podia ter levado um caderno também. Ficou com dor de cabeça. Acho que o meu fígado está apodrecendo, preciso tomar jurubeba.

Cochila no ônibus, a cabeça pende, ele cruza os braços fortemente, defendendo os bolsos. Já foi roubado enquanto dormia. Agora, só sai com os documentos e o dinheiro da condução. Faz três anos trabalha como ascensorista e cada vez que se deita tem a sensação de que está subindo, descendo, subindo. Se contar ao zelador do zumbido no ouvido, zumbido que não pára nunca, tem medo de ser mandado embora. Ficou uma vez quatro meses sem emprego, sabe o que é. O zumbido até que não incomoda, o pior de tudo era o Dr. Joaquim, sempre duro, seco como uma vara. Nunca cumprimentava. Nem mesmo dizia o andar. Nos primeiros dias, o chofer do Dr. Joaquim, um italiano convencido, determinava.

- Oitavo.

Um dia, o Dr. Joaquim entrou sozinho, não disse nada, ficou no fundo do elevador, bem às costas dele. O ascensorista sempre detestou gente às suas costas, sentiu-se incomodado. Talvez reflexo do bairro onde mora. As pessoas na rua, principalmente quando chegam nas conduções da noite, andam meio de lado, olhando para quem vem atrás. O ascensorista examinou o Dr. Joaquim.

- Que andar?

- Já era tempo de ter aprendido, moleque burro. Oitavo.

Moleque? Ele, um homem de trinta anos, pai de quatro filhos? Burro? Burro. Não, não era burro, talvez o Dr. Joaquim pensasse, mas ele não era burro. Sabia que era o oitavo. Perguntara por perguntar. Custava ao Dr. Joaquim cumprimentar? Dizer bom dia, oitavo por favor? Ou simplesmente bom dia. Tinha gente no prédio que até agradecia quando o elevador chegava. Porque sabia que ele é que conduzia o elevador para cima e para baixo com sua segurança. Então, naquele dia que estava no automático e o carro encrancara, não deu pânico nas moças? Foi preciso chamar a manutenção da fábrica de elevadores, porque ninguém dentro do carro sabia manobrá-lo, mesmo com o zelador dando instruções por telefone. Por que burro? Qual era a do Dr. Joaquim? Desde aquele dia, nunca mais perguntara nada. Também, quando o Dr. Joaquim entrava e se instalava atrás dele no canto, o ascensorista se virava e olhava fixamente para o homem seco e imperturbável que, por sua vez, parecia contemplar, indiferente, o teto.

De pé. Todos os dias de pé. Antigamente havia um banquinho de madeira. Mas o síndico, à pedido dos condôminos, mandara retirar. Não ficava bem com a estética do elevador, todo em aço escovado. O que é estética? Não responderam, retiraram o banco. Em pé, ocupando espaço mínimo. Atropelado se o elevador estava cheio. Apertado. Comprimido nas horas de rush mal tinha espaço para erguer os braços e apertar os botões dos andares.

Conhecia todo mundo do prédio. Sabia que o Sr. Silva desceria às 9,15 no décimo. Que o bem-vestido Domingues iria ao sétimo.

Valmir ao último. A perfumada Diva, secretária do catorze, ficava perto dele, muito perto, mesmo que o carro estivesse vazio. Ali, quase encostada. E fedendo. Fedendo esses perfumes de miss. Não é por isso que todo mundo corria atrás dela? Gente de outros andares toda hora estava no elevador.

- Catorze.

- Catorze.

- Catorze.

Iam ver Diva. Aquela mulher fedia muito, mulher não foi feita para usar essas coisas. O cheiro tem que ser natural, nada de colocar coisas debaixo dos braços, lavar cabelo com melecas coloridas, grudentas. Sabão de pedra, sabão de coco, no máximo, são coisas permitidas pela lei natural. Não é o que o Reverendo Matias diz todos os domingos? Nas manhãs de domingo o ascensorista também subia. Mas alto, muito alto, não nas proximidades de Deus, quem era para tanto? Chegava quase ao lugar que estaria destinado aos justos. Conhecia bem este lugar, ficava de olhos fechados, enquanto o Reverendo Matias gritava coisas sobre o paraíso, anjos, a recompensa, paz, conformismo, amor ao próximo. Não saberia repetir uma única frase inteira do reverendo, só sentia dentro do seu coração que um dia estaria na paz, com toda a família, os amigos.

- Catorze. Catorze. Catorze. Catorze.

Não podia ouvir o número do andar. Pediu para mudar de carro. Queria servir na ala do 18 ao 32. O zelador não ligou, disse "é impossível" e pronto, encerrou a conversa. Continuou servindo o Dr. Joaquim. A Diva que fedia cada vez mais. Um dia, teve acesso, o estômago virou, quase vomitou. Segurou tudo na boca, o carro estava cheio, se soltasse seria despedido. Ficou com aquela comida querendo explodir. Quando o último saiu, levou o carro ao dezenove, um andar vazio, soltou tudo e vomitou muito mais ao pensar que aquilo tinha ficado em sua boca. Por causa do fedor daquela mulher.

- Sete.

- Nove.
- Quinze.
- Dois.
- Quatro.

Uns faziam brincadeiras. "Chegou em São Paulo?" "Me deixe no aeroporto." "Garagem" (todos sabiam que o seu carro não servia garagem). "Este é o elevador que caiu ontem?" "Outro dia despregou o fundo." "Não, outro dia subiu como foguete, estourou o telhado, foi pra lua." O Lemos, do quinto, fazia uma brincadeira que ele odiava. Se não tinha ninguém no carro, Lemos apertava todos os botões, sorridente. Não dizia nada, apertava os botões e sorria. "Como é, tudo legal, meu chapa? Tudo joinha?" Chapa. Joinha. Só sabia dizer isso. Chapa. Chapa. O Lemos não sabia seu nome. Duvidava que alguém soubesse. Nunca, em três anos, alguém do prédio o chamara pelo nome. Ali, não tinha nome. Vai ver, até pensassem que não tinha sido batizado. Porque jamais alguém perguntara: "Como o senhor se chama?" Por que alguém não indagava como ele estava passando?

O Moraes, aquele senhor gordo do oitavo, não costumava entrar e apertar um imaginário botão às suas costas, rindo, rindo, depois? Como se ele não estivesse ali, fosse uma peça do elevador. Como podiam? Sua pele era amorenada, meio oleosa, diferente daquele aço cinza. Não dava para confundir. Pele é macia, aço é duro, brilha, não sente. Reclamou do Moraes ao zelador. "O que você quer que eu faça? Chamar a atenção do Doutor Moraes? É possível? Não se incomode com essas coisinhas, não. Ele é muito brincalhão."

Um domingo, estava sem o uniforme, encontrou o Lemos na rua. Ficou à frente dele, e o Lemos palitando o dente e consultando os palpites de cavalos. Rodeou o Lemos, não é possível que ele não me reconheça só porque estou sem uniforme. E o Lemos passou a mastigar o palito, cuspidos pequenos pedaços de madeira, um deles sobre o paletó azul enebado do ascensorista. E este apertou o missal fortemente contra o rosto e olhou para uma vitrine, vendo sua figura refletida. Eu existo e Deus me vê. Deus me vê e não me

importo com o resto. Não posso me importar. Na esquina, encostou-se ao coletor de lixo. Será que Deus me vê? Não sei, não.

Na segunda-feira, Lemos entrou e nem brincou com ele (tinha perdido nos cavalos, não queria conversa). Ninguém brincou com ele. Ninguém falou. Ninguém brinca com o ascensorista às segundas-feiras. As caras estavam amarradas, fechadas. Para que tinha servido o sábado e o domingo? Não eram como ele, cada domingo mais próximo do lugar dos justos. Não. Todos voltavam infelizes, amargurados, menos Diva que fedia, fedia insuportavelmente. A sua tortura diária era a subida e a descida desta moça.

- Catorze.

- Treze.

- Doze.

- Dez.

Abria, fechava, abria, fechava, subia, descia, subia. "O cigarro, não, por favor." Olhavam feio para ele. "Mais para o fundo, ainda cabe gente." Olhavam irritados para ele. Alguém sabe o meu nome aí?

Foi fácil com o Doutor Joaquim. O homem era muito fraco. Um empurrão violento contra a parede do elevador. "O que...?" O ascensorista tinha arrancado o fone da caixa, bateu na cabeça do angolano, ele desmaiou. De repente, o elevador subiu, a porta do catorze se abriu e Diva, que estava à espera, deu um grito. O ascensorista agarrou-a, deu com o telefone em sua cabeça, ela desviou, pegou na boca, ela gritou. Sábado. No sábado ninguém ouve gritos. Outro golpe do telefone, ela caiu. Quieta. Foi arrastada para dentro do elevador. Vou levá-los ao lugar dos justos. Vocês não entrarão imediatamente. Terão que purgar, no umbral. Depois sim, quando todo esse fedor do teu corpo, mulher, sumir, você entrará. E quando o Doutor Joaquim aprender humildade, também entrará. O carro subiu e desceu. Onde estava o Lemos? E o Morais? Ele tinha subido com os dois. Bateu na porta da transportadora, Morais atendeu. E caiu, sob os golpes. Como é fácil derrubar um

homem gordo. Por que não tinha experimentado antes? Eles caem sem barulho, como bolo fofo. Arrastou-o. Demorou meia hora para Lemos aparecer.

- Quer apertar todos os botões?

Lemos olhou, não disse nada. Um ar de desprezo, o jornal dobrado debaixo do braço, na página de cavalos. O ascensorista abriu a porta do elevador, Lemos olhou os corpos. Virou, recebeu, caiu. Então, ali mesmo no quinto andar, o ascensorista manobrou um pouco o carro de porta aberta. Ele subiu quarenta centímetros e parou, era o máximo. Ficou uma abertura para o poço. Os corpos foram arrastados para fora do carro, deitados no piso. Com as cabeças pra dentro do poço. Depois, o ascensorista manobrou outra vez o carro e as cabeças foram arrancadas maciçamente, caíram lá no fundo. Ele ouviu o barulho surdo, como sacos de lixo jogados pelo tubo. Aí começou a levar os corpos, cada um para seu lugar. Diva no PBX. Como sangrava. Precisou usar a toalha do banheiro do Lemos. O Moraes enfiou na privada, o nojento, sem calças. O Doutor Joaquim foi largado na mesa, o Lemos na porta do escritório. E toca a lavar, limpar, limpar.

Ainda no fundo do poço. Quando começarem a feder, vão descobrir. Até descobrir, o ascensorista do carro 3 vai subir e descer, apertar botões. Encolhido em seu canto, sem que lhe digam por favor, bom dia, obrigado. Peça de aço, escovado, brilhando.

50. LÁ NO MORRO

WANDER PIROLI (1931- I Brasil)

Jornalista e contista mineiro, Wander Pirolí é autor de uma obra pequena porém consistente, que inclui A Mãe e o Filho da Mãe, O Menino e o Pinto do Menino, Os Rios Morrem de Sede (Prêmio Jabuti em 1977), A Máquina de Fazer Amor. Com o conto Os Camaradas e este Lá no Morro - em que a violência da grande cidade e de suas autoridades policiais é vista pelos olhos de um garoto -, ele participou de Contos da Repressão (Ed. Record, 1987), a antologia da abertura política organizada por Fábio Lucas.

Avistei-o subindo o morro. Mamãe estava junto ao fogareiro. Corri alarmado para avisá-la: "Papai envém aí". Ela me espetou os olhos apagados e os lábios se moveram lentamente. Não disse nada.

Papai atravessou a porta em silêncio e ao invés de chutar o tamborete arredou-o de leve. Observou-me num relance. Depois olhou mamãe que estava de costas, e deixou-se cair no tamborete. A cabeça pendeu sobre o caixote como se se tivesse desprendido do corpo. Não exalava cachaça, desta vez. Surpreendi-me avançando na sua direção. Parei perto do caixote com as pernas trêmulas, e antes que eu percebesse meus dedos já tocavam o ombro de papai.

Mamãe permanecia imóvel junto ao fogareiro, como se esperasse que a mão pesada a atingisse a qualquer momento. Angustiava-me um sentimento doloroso por papai: era como se o estivesse descobrindo sob a camada de violência, e agora ali restasse não apenas meu pai, mas a própria criatura humana na sua dimensão essencial e indestrutível. Olhei para mamãe. E gritei-

lhe desesperadamente "Mamãe!" sem que ao menos tivesse necessidade de abrir a boca.

Afinal mamãe se voltou com o prato de comida e viu minha mão pousada no ombro de papai. Colocou o prato no caixote, perto da cabeça de papai. Ele continuou quieto, a respiração funda e descompassada. Mamãe acendeu a lamparina, e a claridade arredou as primeiras sombras da tarde para os cantos do cômodo. Em seguida, mamãe preparou a minha marmita e por último o seu prato e ambos nos sentamos, eu no chão e ela no outro tamborete.

O arfar intenso de papai doía no silêncio. Olhei mamãe. Mamãe me olhou e disse: - Come.

Depois fitou papai, de esquelha, e levou até a boca uma pequena porção de arroz. Mas teve logo que deixar o garfo de lado para conter o acesso de tosse com a mão. Papai então levantou a cabeça, encarou-a com os lábios abertos. Seu rosto estava molhado de suor. Abaixou os olhos para mim, fungando, e deixou a cabeça pender novamente sobre o caixote.

Ouvimos passos no quintal. Três homens saltaram dentro do barraco e um deles arrancou a cortina que dividia o cômodo. Antes que o coração me socasse o peito e mamãe imobilizasse o garfo e papai erguesse a cabeça, tiraram-no do tamborete, torcen-do-lhe os braços.

Papai não tentou reagir, sequer parecia surpreso. Era como se já estivesse esperando aquele momento. Nem ao menos olhou para os homens que o subjugavam. Fitava apenas mamãe, imóvel e fria do outro lado do caixote. Um dos homens levantou o punho e bateu-lhe seguidamente na cara. Com a boca ensangüentada, recebia as pancadas sem tirar os olhos de mamãe.

Levaram-no, os braços presos às costas. Os socos continuavam no quintal e eram mais nítidos quando pegavam na cara de papai. As batidas foram-se distanciando. Mamãe estava com a cabeça quase dentro do prato e as lágrimas escorrendo de seu rosto pingavam sobre o resto da comida. A marmita ainda tremia em minhas mãos e eu comecei a vomitar.

OS PRIMEIROS DETETIVES

51. OS ASSASSINATOS DA RUA MORGUE

EDGAR ALLAN POE (1809-1849 I Estados Unidos)

Quatro contos de Poe fizeram dele o pai da literatura policial, sendo que três deles introduzem o primeiro detetive do gênero, o cerebral C. Auguste Dupin: Os Assassinatos da Rua Morgue (que inaugura também um rico filão do "mistério do quarto fechado"), O Mistério de Maria Rogêt (o crime real transformado em ficção) e A Carta Furtada (com a prova em local evidente demais para ser percebida). O quarto conto, lembrado por Ernest Mendel, em Delícias do Crime, é Thou Art the Man (Tu és o Homem). Valorizado primeiramente pelos franceses, de Charles Baudelaire, que o traduziu, a Jacques Lacan, que estudou psicanaliticamente sua "carta furtada", Edgar Allan Poe, apesar de seu estilo marcadamente de época, é indiscutivelmente o escritor que levou adiante o "método" dedutivo já antevisto em Zadig, e deu origem a toda a literatura policial a partir dele, principalmente aquelas vertentes que se aponham na detecção - as histórias de detetives racionais, como o seriam Sherlock Holmes, Nero Wolfe e uma infinidade deles.

"Que canções cantava a Sereia, ou que nome assumiu Aquiles quando se escondeu entre mulheres, apesar de serem questões intrigantes, não estão além de toda conjectura."

Sir Thomas Browne

As características mentais descritas como analíticas são, em si, muito pouco susceptíveis de análise. Só as apreciamos nos efeitos que causam. Delas sabemos, entre outras coisas, que sempre são,

para quem as possui em excesso, motivo do mais intenso prazer. Como o homem forte exhibe sua capacidade física deliciando-se nos exercícios que lhe exigem os músculos, também se rejubila o analista com a atividade moral de destrinçar enredos. Tem prazer até mesmo com as ocupações mais triviais que ponham em jogo seus talentos. Gosta de enigmas, adivinhações, hieróglifos, exibindo nas soluções de cada um deles um grau de acume que parece sobrenatural à compreensão comum. Seus resultados, proporcionados pela alma e essência mesmas do método, têm na verdade toda a aparência da intuição.

É possível que o dom de solucionar muito se fortaleça com o estudo da matemática, sobretudo aquele ramo superior que injustamente, e apenas devido às suas operações retrógradas, se chama, par excellence, de análise. Contudo, cálculo não é em si análise. O jogador de xadrez, por exemplo, faz o primeiro sem exercitar a segunda. Segue-se que o jogo de xadrez, em seus efeitos sobre o caráter mental, é muitíssimo mal compreendido. Não estou escrevendo agora um tratado, mas apenas prefaciando uma narrativa um

tanto estranha com observações bastante casuais; aproveito pois a ocasião para afirmar que os mais altos poderes do intelecto reflexivo são empregados de maneira mais decisiva e útil pelo não ostentoso jogo de damas que por toda a complicada frivolidade do xadrez. Neste último, onde as peças têm movimentos diferentes e bizarros, com valores vários e variáveis, toma-se por profundo o que é apenas complexo (um erro não incomum). Entra em jogo poderosamente, aqui, a atenção. Se ela falha por um instante, se se comete um descuido, isso resulta em prejuízo ou derrota. Sendo os movimentos possíveis não apenas múltiplos, mas intrincados, multiplicam-se as possibilidades de tais descuidos; e em nove em cada dez casos, vence o jogador com maior capacidade de concentração, e não o mais perspicaz. Na dama, ao contrário, onde os movimentos são únicos e têm apenas pouca variação, diminuem-se as probabilidades de inadvertência, e como queda relativamente sem uso a mera atenção, as vantagens obtidas por cada parte o

são por um acume superior. Para sermos menos abstratos, suponhamos um jogo de damas onde as peças estejam reduzidas a quatro pedras, e onde, decerto, não se espera nenhum descuido. É óbvio que aqui a vitória só pode ser decidida (sendo os jogadores iguais) por um movimento *recherché*, resultado de algum poderoso trabalho do intelecto. Privado de recursos comuns, o analista lança-se no espírito do adversário, identifica-se com ele, e não raras vezes vê assim, numa olhada, os únicos meios (às vezes de fato absurdamente simples) pelos quais pode atraí-lo ao erro ou apressá-lo para que erre um cálculo.

O uíste (*whist*) há muito é conhecido por sua influência no que se chama de poder de cálculo; e sabe-se de homens do mais alto nível intelectual que sentem com ele um inexplicável prazer, enquanto se abstêm do xadrez como um jogo frívolo. Sem dúvida, nada de natureza semelhante onera tanto a faculdade de análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade só pode ser pouco mais que o melhor jogador de xadrez; mas a competência no uíste implica capacidade de sucesso em toda empresa mais importante que ponha uma mente contra outra. Quando digo competência, refiro-me àquela perfeição no jogo que inclui a compreensão de todas as fontes de onde se pode extrair vantagem legítima. Não são múltiplas, e muitas vezes estão em recessos de pensamento inteiramente inatingíveis pela compreensão normal. Observar com atenção é lembrar com clareza; e, até aí, o jogador de xadrez concentrado se dará muito bem no uíste; uma vez que as próprias regras de Hoyle (baseadas elas mesmas no simples mecanismo do jogo) bastam e são em geral compreensíveis. Assim, ter uma memória retentiva e seguir "o manual" são pontos geralmente encarados como a soma total do jogar bem. Mas é em questões além dos limites da simples regra que se evidencia a habilidade do analista. Ele faz em silêncio uma legião de observações e deduções. O mesmo fazem, também, seus companheiros; e a diferença no grau de informação obtida está não tanto na validade da dedução quanto na qualidade da observação. O conhecimento necessário é do que observar. Nosso jogador não se limita, em absoluto; nem,

uma vez que o objetivo é o jogo, rejeita deduções de coisas externas ao jogo. Examina o rosto do companheiro, comparando-o cuidadosamente com o de cada um dos adversários. Pensa na maneira de distribuir as cartas em cada mão; muitas vezes contando trunfo por trunfo, e honra por honra, pelos olhares dados por quem os tem a cada um deles. Observa a variação de cada rosto à medida que avança o jogo, recolhendo um fundo de idéias das diferenças na expressão de certeza, surpresa, triunfo ou pesar. Pela maneira de fazer uma vaza, julga se a pessoa que a faz pode fazer outra no naipe. Reconhece o que se joga como blefe pela maneira de lançar as cartas na mesa. Uma palavra inadvertida ou casual; a queda ou virada acidental de uma carta, com a ansiedade ou indiferença em relação a escondê-la; a contagem das vazas, com a ordem de sua arrumação; embaraço, hesitação, avidez ou trepidação - tudo oferece, à sua intuição visivelmente perceptiva, indícios do verdadeiro estado de coisas. Jogadas as primeiras duas ou três rodadas, ele está de plena posse do conteúdo de cada mão, e daí em diante joga as cartas com uma determinação tão absolutamente precisa quanto se os demais houvessem revelado as suas.

Não se deve confundir poder de análise com simples engenhosidade; pois enquanto o analista é necessariamente engenhoso, o homem de engenho muitas vezes se mostra visivelmente incapaz de análise. O poder de construção ou combinação, pelo qual em geral se manifesta a engenhosidade, e ao qual os frenologistas (a meu ver de forma errada) atribuíram um órgão separado, supondo-o uma faculdade primitiva, tem-se visto com tanta freqüência naqueles cujo intelecto fora isso beira a idiotia, que chamou a atenção geral dos autores de tratados morais. Há entre a engenhosidade e a capacidade de análise uma diferença muito maior, na verdade, que entre a fantasia e a imaginação, mas de caráter estritamente análogo. Ver-se-á, de fato, que o engenhoso é sempre fantasioso, e o verdadeiramente imaginativo nunca mais que analítico.

A narrativa seguinte parecerá ao leitor, de certa forma, um comentário sobre as proposições que acabei de apresentar.

Morando em Paris na primavera e parte do verão de 18**, conheci ali um certo Monsieur C. Auguste Dupin. Esse jovem cavalheiro era de uma excelente família, na verdade ilustre, mas, por uma variedade de acontecimentos infaustos, fora reduzido a tal pobreza que a energia de seu caráter sucumbira, e ele deixara de freqüentar o mundo, ou de cuidar da recuperação de sua fortuna. Por cortesia dos credores, ainda permanecia em seu poder um pequeno resíduo do patrimônio; e, com a renda resultante disso, ele conseguia, graças a uma rigorosa economia, satisfazer as necessidades da vida, sem perturbar-se com seus aspectos supérfluos. Os livros, na verdade, eram o seu único luxo, e em Paris pode-se obtê-los com facilidade.

Nosso primeiro encontro foi numa obscura livraria na Rue Montmartre, onde o acaso de estarmos os dois à procura do mesmo volume, muito raro e notável, nos pôs em mais estreita comunhão. Tornamos a ver-nos repetidas vezes. Eu estava profundamente interessado na pequena história familiar que ele me detalhou, com toda a franqueza que se permite o francês sempre que o tema é o simples eu. Fiquei espantado, também, com a vasta extensão de suas leituras; e, acima de tudo, senti minha alma atizada pelo desvairado fervor e o vivido frescor de sua imaginação. Buscando em Paris os objetos que então buscava, senti que a companhia de um homem daqueles seria para mim um inestimável tesouro; e confiei-lhe francamente essa sensação. Combinou-se por fim que devíamos morar juntos durante minha estada na cidade; e como minhas circunstâncias mundanas eram um pouco menos apertadas que as dele, coube-me arcar com a despesa necessária para alugar e remobiliar, num estilo apropriado à melancolia um tanto fantástica de nosso temperamento comum, uma mansão devastada pelo tempo e grotesca, há muito desabitada, devido a uma superstição que não investigamos, e a ponto de cair, numa parte isolada e triste do Faubourg St. Germain.

Fosse a rotina de nossa vida nessa casa conhecida pelo mundo, deveríamos ser encarados como loucos - embora, talvez, como loucos de natureza inofensiva. Nossa reclusão era total. Não recebíamos visitantes. Na verdade, a localização de nosso retiro fora cuidadosamente mantida em segredo até de meus próprios conhecidos anteriores; e fazia muitos anos que Dupin deixara de conhecer ou ser conhecido em Paris. Existíamos apenas dentro de nós mesmos.

Era um capricho da fantasia do meu amigo (pois que mais devo chamá-la?) estar enamorado da noite pela noite; e nessa bizarrerie, como em todas as suas outras, eu caí tranqüilamente; entregando-me aos seus loucos caprichos com perfeito abandon. A negra divindade não morava ela mesma conosco sempre; mas podíamos falsificar sua presença; à primeira luz da madrugada, fechávamos todas as muitas janelas de nosso prédio; acendíamos duas velas que, com forte perfume, lançavam apenas os mais lívidos e débeis raios. Com a sua ajuda, ocupávamos nossas almas em sonhos - lendo, escrevendo ou conversando, até o relógio avisar o advento da verdadeira Treva. Então saíamos para as ruas, de braço dado, continuando os assuntos do dia, ou vagando por lugares distantes até altas horas, à cata, entre as alucinadas luzes e sombras da populosa cidade, daquela infinidade de excitação mental que oferece a tranqüila observação.

Nessas ocasiões, eu não podia deixar de observar e admirar em Dupin (embora, pela sua riqueza de idéias, estivesse preparado para esperá-la) uma peculiar capacidade de análise. Também ele parecia sentir um ávido prazer em exercê-la - embora não exatamente exibí-la - e não hesitava em confessar o prazer que assim usufruía. Gabava-se comigo, dando uma baixa risadinha chocalhada, de que a maioria dos homens, para ele, trazia janelas no peito, e acompanhava tais afirmações com provas diretas e bastante espantosas do íntimo conhecimento que tinha do meu. Nesses momentos, exibia uns modos frígidos e abstratos; uma expressão vaga nos olhos; enquanto a voz, em geral um rico tenor, subia num agudo que teria soado petulante, não fosse a enunciação

deliberada e inteiramente distinta. Observando-o nesses estados de espírito, eu muitas vezes me lembrava, meditativo, da antiga filosofia da Alma Bipartida, e divertia-me com a fantasia de um duplo Dupin - o criativo e o solucionador.

Não se suponha, pelo que acabei de dizer, que estou expondo algum mistério, ou iniciando alguma história fantástica. O que descrevi no francês era apenas resultado de uma inteligência excitada, ou talvez doentia. Mas é melhor dar uma idéia do caráter de suas observações.

Descíamos certa noite uma longa rua de terra, nas vizinhanças do Palais Royal. Estando os dois aparentemente ocupados em pensamentos, nenhum de nós dissera uma sílaba havia pelo menos quinze minutos. De repente, Dupin rompeu o silêncio com as seguintes palavras:

- É um sujeitinho muito pequeno, deveras, e ficaria melhor no Théâtre des Variétés.

- Não há a menor dúvida - respondi, sem o perceber, e não observando a princípio (tão absorvido vinha em reflexões) a maneira extraordinária como ele entrara em minhas meditações.

Um instante depois, refiz-me, e meu espanto foi profundo.

- Dupin - disse, gravemente -, isto está além da minha compreensão. Não hesito em dizer que estou espantado, e dificilmente consigo acreditar em meus sentidos. Como foi possível você saber que eu estava pensando em... - Fiz então uma pausa, para assegurar além de qualquer dúvida que ele de fato sabia em que eu pensava.

- ...em Chantilly - ele disse. - Por que parou? Estava observando para si mesmo que o diminuto físico dele não lhe servia para a tragédia.

Era exatamente o que constituía o objeto de minhas reflexões. Chantilly era um sapateiro quondam da Rue St. Denis, que, ensandecido pelo palco, tentara fazer o papel de Xerxes, na tragédia do mesmo nome de Crébillon, e como recompensa fora notoriamente desancado nos pasquins.

- Diga-me, pelo amor de Deus - exclamei - o método... se método há... que lhe possibilitou sondar assim minha alma nesse assunto.

Na verdade, sentia-me mais espantado do que me dispunha a expressar.

- Foi o fruteiro - respondeu meu amigo - que o levou à conclusão de que o remendão de solas não tinha altura suficiente para Xerxes et id genus omne.

- Fruteiro!.. . você me deixa pasmo... eu não conheço fruteiro nenhum.

- O homem que lhe deu um encontrão quando entramos na rua. . . mais ou menos uns quinze minutos atrás.

Lembrei-me então que, de fato, um fruteiro, levando na cabeça um grande cesto de maçãs, quase me derrubara, por acidente, quando passamos da Rue C** para a avenida onde agora estávamos; mas o que isso tinha a ver com Chantilly, eu não entendia.

Não havia em Dupin uma só partícula de charlatônerie.

- Vou explicar - ele disse. - E para que você compreenda tudo claramente, refarei primeiro o curso de suas meditações, do momento em que falei com você até o rencontre com o fruteiro em questão. As maiores ligações de pensamento são as seguintes: Chantilly, Orion, Dr. Nichols, Epicuro, estereotomia, as pedras da rua, o fruteiro.

Poucas pessoas não se divertiram, num ou noutro período da vida, refazendo os passos pelos quais chegaram a determinadas conclusões em suas próprias mentes. A ocupação muitas vezes é de grande interesse; e quem a tenta pela primeira vez fica espantado com a distância e incoerência aparentemente ilimitáveis entre o ponto de partida e a chegada. Qual, pois, não deve ter sido o meu espanto quando ouvi o francês dizer o que acabara de dizer, e não pude deixar de reconhecer que dissera a verdade. Ele continuou:

- Nós vínhamos falando de cavalos, se me lembro bem, pouco antes de deixarmos a Rue C**. Foi o último assunto que discutimos. Quando atravessamos para entrar nesta rua, o fruteiro, com um grande cesto na cabeça, passou roçando rápido por nós, jogou você sobre um monte de paralelepípedos, num lugar onde a rua está em obras. Você tropeçou num grande pedaço solto, escorregou, torceu levemente o tornozelo, pareceu constrangido ou mal-humorado, murmurou algumas palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e continuou a andar em silêncio. Eu não prestava particular atenção ao que você fazia; mas comigo a observação se tornou, ultimamente, uma espécie de necessidade.

"Você manteve os olhos no chão - olhando, com expressão petulante, os buracos e calombos no calçamento (de modo que vi que ainda pensava nas pedras), até chegarmos ao pequeno beco chamado Lamartine, que foi calçado, à guisa de experiência, com blocos de madeira superpostos e pregados. Ali seu rosto se iluminou, e vendo seus lábios se moverem, não pude duvidar que você murmurou a palavra "estereotomia", um termo muito afetadamente empregado para essa espécie de calçamento. Sei que não poderia haver dito "estereotomia" para si mesmo sem ser levado a pensar em átomos, e portanto na teoria de Epicuro; e como, quando discutimos o assunto há não muito tempo, eu lhe disse como os vagos palpites desse nobre grego tiveram, de maneira singular, mas com pouca atenção, confirmação na última cosmogonia nebulosa, senti que você não deixaria de lançar o olhar para a grande nebulosa de Orion acima, e sem dúvida esperei que o fizesse. Você olhou para cima; e eu me assegurei então de que seguira corretamente seus passos. Mas naquela irritada tirade sobre Chantilly publicada no Musée, o satirista, fazendo algumas vergonhosas alusões à mudança de nome do remendão ao assumir a arte trágica, citou um verso latino sobre o qual conversamos muitas vezes depois. Refiro-me ao verso:

Perdidit antiquum litera prima sonum.

Eu lhe havia dito que se trata de uma referência a Orion, que antes se escrevia Urion; e, por certos sarcasmos ligados a essa explicação, sabia que você não podia havê-lo esquecido. Estava claro, pois, que não deixaria de combinar as idéias de Orion e Chantilly. Vi que você as tinha combinado pelo aspecto do sorriso que passou por seus lábios. Você se lembrou da imolação do coitado do remendão. Até então, ia andando curvado; mas então eu o vi empertigar-se em toda a sua altura. Tive então certeza de que pensara na figura diminuta de Chantilly. Nesse ponto, interrompi sua meditação com a observação de que, de fato, ele era um sujeitinho muito pequeno - que Chantilly ficaria melhor no Théâtre des Variétés"

Não muito depois disso, dávamos uma olhada numa edição vespertina da Gazette des Tribunaux, quando os seguintes parágrafos detiveram nossa atenção:

"EXTRAORDINÁRIOS ASSASSINATOS. - Hoje de manhã, por volta das três horas, os moradores do Quartier St. Roch foram despertados do sono por uma sucessão de gritos terríveis, vindos, aparentemente, do quarto andar de uma casa na Rue Morgue, ocupada apenas por Madame L'Espanaye e sua filha, Mademoiselle Camille L'Espanaye. Com certo atraso, ocasionado pelas infrutíferas tentativas de entrar na casa à maneira habitual, o portão foi arrombado com um pé-de-cabra, e entraram oito ou dez vizinhos, acompanhados de dois gendarmes. A essa altura, os gritos já haviam cessado; mas, quando o grupo se lançou pelo primeiro lance de escada acima, distinguiram-se duas ou mais vozes rudes, em furiosa disputa, que pareciam vir da parte superior da casa. Quando se alcançou o segundo lance, também esses ruídos já haviam cessado, e tudo ficara em total silêncio. O grupo espalhou-se, e correu de aposento em aposento. Ao chegarem a um grande quarto nos fundos do quarto andar (cuja porta, trancada, com a chave por dentro, foi forçada), apresentou-se um espetáculo que causou a todos presentes não menos horror que pasmo.

"O apartamento estava na mais completa desordem - os móveis quebrados e jogados para todos os lados. Só havia uma armação de cama; e dela o colchão e a roupa de cama haviam sido arrancados e jogados no meio do chão. Numa cadeira, via-se uma navalha, coberta de sangue. Na lareira, dois ou três toros e grossas tranças de cabelos humanos grisalhos, também encharcadas de sangue, e parecendo haver sido arrancadas pelas raízes. No chão, três napoleões, um brinco de topázio, três grandes colheres de prata, três menores de metal d'Alger e duas bolsas contendo quase quatro mil francos em ouro. As gavetas de um bureau, que ficava num canto, estavam abertas, e haviam sido, aparentemente, revistadas, embora permanecessem nelas muitos artigos. Descobriu-se um pequeno cofre de ferro sob o colchão e a roupa de cama (não sob a armação). Estava fechado, com a chave ainda na porta. Nada continha, além de algumas velhas cartas e outros papéis de pouca importância.

"Não se viam ali traços de Madame L'Espanaye; mas havendo-se observado uma quantidade incomum de fuligem na lareira, fez-se uma busca nas chaminés, e (horrível de contar!) o cadáver da filha, de cabeça para baixo, foi puxado dali para fora; haviam-no assim enfiado à força, a uma considerável distância, pela pequena abertura. O corpo estava bastante quente. Examinado, viram-se muitas escoriações, sem dúvida causadas pela violência com que fora empurrado para cima e puxado para baixo. Tinha muitos e severos arranhões no rosto, e, na garganta, manchas roxas e profundas marcas de unhas, como se a falecida houvesse sido morta por estrangulamento.

"Após uma completa investigação de cada parte da casa sem outras descobertas, o grupo saiu para um pequeno pátio calçado no fundo do prédio, onde se achava o cadáver da velha senhora, com a garganta tão inteiramente cortada que, ao tentarem erguê-la, a cabeça caiu. O corpo, como a cabeça, estava mutilado de uma forma pavorosa - a cabeça de tal

maneira que dificilmente retinha alguma semelhança de humanidade.

"Para esse horrível mistério, ainda não há, acreditamos, a mais leve pista."

O jornal do dia seguinte tinha as seguintes informações a mais:

"A Tragédia da Rue Morgue. Muitos indivíduos foram interrogados em relação a esse extraordinaríssimo e pavorosíssimo affaire" [a palavra affaire ainda não tinha, na França, o pouco peso que nos transmite a nós], "mas nada surgiu que lance alguma luz sobre ele. Damos abaixo o material dos depoimentos recolhidos:

"Pauline Dubourg, lavadeira, declara que conhecia as falecidas havia três anos, tendo lavado para elas nesse período. A velha senhora e sua filha pareciam viver em bons termos - muito carinhosas uma com a outra. Eram excelentes pagadoras. Não podia falar sobre seu modo ou meios de vida. Acredita que Madame L. lia a sorte para ganhar o sustento. Tinha fama de possuir dinheiro guardado. Nunca encontrou ninguém na casa quando ia buscar as roupas e as levava para casa. Tinha certeza de que elas não dispunham de criados a seu serviço. Parecia não haver móveis em qualquer parte da casa, além do quarto andar.

"Pierre Moreau, tabaqueiro, declara que vendeu pequenas quantidades de tabaco e rapé a Madame L'Espanaye durante quase quatro anos. Nasceu no bairro e sempre residiu ali. A falecida e sua filha ocupavam a casa em que os cadáveres foram encontrados havia mais de seis anos. Antes, era ocupada por um joalheiro, que sublocava os aposentos de cima a várias pessoas. A casa era propriedade de Madame L'Espanaye. Ela ficou insatisfeita com o abuso das instalações pelo locatário e mudou-se para lá, recusando-se a alugar qualquer parte. A velha senhora era caduca. Testemunhas

viram a filha umas cinco ou seis vezes em três anos. As duas viviam uma vida demasiado reclusa - tinham fama de ter dinheiro. Ouvira dizer entre os vizinhos que Madame L'Esplanade lia a sorte - não acreditava. Nunca viu ninguém entrar na casa, a não ser a velha senhora e a filha, um carregador, uma ou duas vezes, e um médico, umas oito ou dez vezes.

"Muitas outras pessoas, vizinhos, deram depoimentos no mesmo sentido. Não se falou de ninguém que frequentasse a casa. Não se sabia se havia algum parente vivo de Madame L. e sua filha. As janelas da frente raras vezes eram abertas. As do fundo viviam fechadas, com exceção da do grande quarto de trás do quarto andar. A casa era boa - não muito velha.

"Isidore Muset, gendarme, declara que foi chamado à casa por volta das três horas da manhã, e encontrou vinte ou trinta pessoas no portão, tentando entrar. Abriu-o à força, finalmente, com uma baioneta - não com um pé-de-cabra. Teve pouca dificuldade para abri-lo, por ser um portão duplo ou dobrável, e sem ferrolho embaixo ou em cima. Os gritos continuaram até o portão ser forçado - e então cessaram de repente. Pareciam gritos de uma pessoa (ou pessoas) em grande agonia - altos e prolongados, não curtos e rápidos. Uma testemunha subiu a escada na frente. Ao chegar ao primeiro andar, ouviu duas vozes em ruidosa e furiosa discussão - uma delas grossa, a outra muito mais aguda - uma voz muito estranha. Distinguiu algumas palavras da primeira, que era de um francês. Tinha certeza de que não era voz de mulher. Distinguiu as palavras 'sacré' e 'diable'. A voz aguda era de estrangeiro. Não tinha certeza se era voz de homem ou mulher. Não entendeu o que dizia, mas acreditava que a língua era a espanhola. O estado do quarto e dos corpos foi descrito por essa testemunha como o descrevemos ontem.

"Henry Duval, vizinho, artesão em prata de ofício, declara que foi o primeiro do grupo a entrar na casa. Corrobora em geral o depoimento de Muset. Assim que forçaram a entrada,

tornaram a fechar a porta, para manter fora a multidão que se formou muito depressa, apesar do tardio da hora. A voz aguda, pensa essa testemunha, era italiana. Tinha certeza de que não era francesa. Não tinha certeza se era voz de homem. Podia ser de mulher. Não conhecia a língua italiana. Não distinguiu as palavras, mas estava convencido pela entonação de que quem falava era italiano. Conhecia Madame L. e a filha. Conversara freqüentemente com as duas. Tinha certeza de que a voz aguda não era de nenhuma das falecidas.

Odenheimer, restaurateur. Essa testemunha apresentou-se espontaneamente para depor. Não falando francês, foi interrogado por meio de um intérprete. É nativo de Amsterdã. Passava pela casa na hora dos gritos. Duraram vários minutos - provavelmente dez. Eram longos e altos - muito terríveis e angustiantes. Foi um dos que entraram no prédio. Corroborou os depoimentos anteriores em todos os aspectos, menos um. Tinha certeza de que a voz aguda era de homem - um francês. Não podia distinguir as palavras. A voz era áspera - não tanto aguda como áspera. Não podia chamar de uma voz aguda. A voz grossa disse repetidas vezes 'sacré' e 'diable', e uma vez 'mon Dieu'.

"Jules Mignaud, banqueiro, da firma Mignaud et fils, Rue Deloraine. É o Mignaud pai. Madame L'Espanaye tinha algumas posses. Abrira uma conta em sua casa bancária na primavera do ano de *** (oito anos antes). Fazia freqüentes depósitos em pequenas somas. Não tirara nada até o terceiro dia antes da morte, quando sacou em pessoa a soma de quatro mil francos. Essa soma foi paga em ouro, e mandaram um funcionário à sua casa com o dinheiro.

"Adolphe Le Bon, funcionário da Mignaud et fils, declara que no dia em questão, por volta do meio-dia, acompanhou Madame L'Espanaye à sua residência com os quatro mil francos, em duas bolsas. Aberta a porta, apareceu Mademoiselle L'Espanaye, que tomou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a velha senhora o aliviava da outra. Ele

então fez uma medida e partiu. Não viu ninguém na rua no momento. É uma rua lateral - muito solitária.

"William Bird, alfaiate, declara que fez parte do grupo que entrou na casa. É inglês. Mora em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir a escada. Ouviu a discussão. A voz grossa era de um francês. Distinguiu várias palavras, mas não se lembra de todas. Ouviu claramente 'sacré' e 'mon Dieü. Havia um barulho no momento, como de pessoas lutando - um barulho de coisas arrastadas e passos. A voz aguda era muito alta - mais alta que a grossa. Tem certeza de que não era voz de inglês. Parecia de alemão. Podia ser de mulher. Não entende alemão.

"Quatro das testemunhas acima referidas, chamadas de novo, declararam que a porta do quarto no qual se encontrou o corpo de Mademoiselle L. estava trancada por dentro quando o grupo lá chegou. Tudo em completo silêncio - nenhum tipo de barulho ou gemido. Ao forçarem a porta, não se viu ninguém. Encontraram as janelas, dos quartos da frente e dos fundos, fechadas e aferrolhadas por dentro. Uma porta entre os dois quartos estava fechada, mas não trancada. Também fechada a porta que dava do quarto da frente para o corredor, com a chave por dentro. Um quartinho na frente da casa, no quarto andar, no fim do corredor, estava aberto, a porta entreaberta. Velhas camas, caixas e coisas assim amontoavam-se nesse quartinho. Foram cuidadosamente retiradas e revistadas. Nenhuma polegada de qualquer parte da casa deixou de ser cuidadosamente revistada. Fizeram-se varreduras, acima e abaixo, nas chaminés. A casa tem quatro andares, com águas-furtadas. Uma porta de alçapão no teto estava pregada firme - parecia não haver sido aberta em anos. O tempo transcorrido entre as vozes ouvidas em discussão e o arrombamento da porta do quarto foi diferente nas declarações das testemunhas. Algumas estimaram o tempo em, no mínimo, três minutos - outras, no máximo, em cinco. A porta foi aberta com dificuldade.

"Alfonso Garcio, agente funerário, declara que mora na Rue Morgue. É nativo da Espanha. Fez parte do grupo que entrou na casa. Não subiu a escada. É nervoso, e receou as conseqüências daquela agitação. Ouviu as vozes discutindo. A voz grossa era de um francês. Não distinguiu o que se dizia. A voz aguda era de um inglês - disso tem certeza. Não entende a língua inglesa, mas conclui pela entonação.

"Alberto Montani, confeitoiro, declara que estava entre os primeiros a subirem a escada. Ouviu as vozes em questão. A grossa era de um francês. Distinguiu várias palavras. Quem falava parecia estar repreendendo. Não distinguiu as palavras da voz aguda.

Falava rápido e desigual. Pensa que era a voz de um russo. Corroborava o testemunho geral. É italiano. Jamais conversou com um nativo da Rússia.

"Várias testemunhas, chamadas de novo a depor, atestaram que as chaminés de todos os quartos do quarto andar eram estreitas demais para admitir a passagem de um ser humano. Com 'varreduras', referiam-se a escovas cilíndricas, como as empregadas pelos limpadores de chaminés. Passaram-se essas escovas para cima e para baixo em cada fumeiro da casa. Não há passagem nos fundos pela qual alguém pudesse haver descido quando o grupo subia a escada. O corpo de Mademoiselle L'Españaye estava tão firmemente socado na chaminé que só pôde ser baixado depois que quatro ou cinco do grupo juntaram suas forças.

"Paul Dumas, médico, declara que foi chamado para ver os corpos por volta do amanhecer. Achavam-se os dois lá no colchão da cama, no quarto onde se encontrou Mademoiselle L. O cadáver da senhorita estava muito machucado e escoriado. O fato de haver sido enfiado pela chaminé acima bastaria para explicar essa aparência. A garganta fora muito esfolada. Havia vários arranhões fundos logo abaixo do queixo, junto com uma série de manchas lívidas, que eram evidentes marcas de dedos. Tinha o rosto pavorosamente

descolorado, e os globos oculares saltados. A língua fora em parte decepada com os dentes. Descobriu-se uma grande mancha na boca do estômago, produzida, ao que parecia, pela pressão de um joelho. Na opinião de M. Dumas, Mademoiselle L'Españay fora estrangulada até a morte por pessoa ou pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe achava-se horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e braço direitos haviam sido mais ou menos despedaçados. A tíbia esquerda muito rachada, assim como todas as costelas do lado direito. Todo o corpo pavorosamente machucado e descolorado. Não foi possível dizer como os ferimentos haviam sido infligidos. Um pesado porrete de madeira, ou uma larga barra de ferro - uma cadeira -, qualquer arma grande, pesada e contundente haveria produzido tais resultados, se brandida nas mãos de um homem muito forte. Nenhuma mulher poderia haver infligido os golpes, com qualquer arma. A cabeça da falecida, ao ser vista pelas testemunhas, achava-se inteiramente separada do corpo, e também muito despedaçada. A garganta fora evidentemente cortada com um instrumento muito afiado - provavelmente uma navalha.

"Alexandre Etienne, barbeiro, foi chamado com M. Dumas para examinar os corpos. Corroborou o depoimento e as opiniões de M. Dumas.

"Nada mais de importância veio à luz, embora se interrogassem várias outras pessoas. Um assassinato tão extraordinário, e tão intrigante em todos os aspectos, jamais foi cometido em Paris - se de fato se cometeu um assassinato afinal. A polícia está inteiramente perdida - uma ocorrência incomum em casos dessa natureza. Não se vê, no entanto, sombra de alguma pista."

A edição vespertina do jornal declarava que continuava a maior excitação no Quartier St. Roch - que a casa fora cuidadosamente revistada de novo, mas sem nenhum resultado. Um pós-escrito,

porém, dizia que Adolphe Le Bon fora detido e preso - embora nada parecesse incriminá-lo, além dos fatos detalhados.

Dupin pareceu singularmente interessado no andamento do caso - pelo menos, foi o que julguei pela maneira como não fez comentários. Só depois do anúncio de que Le Bon 'ora preso foi que ele pediu minha opinião sobre os assassinatos.

Eu só podia concordar com toda a Paris, considerando-os um mistério insolúvel. Não havia meios de identificar o assassino.

- Não devemos julgar os meios - disse Dupin - por essa casca de investigação. A polícia parisiense, tão gabada por seu acume, é astuta. Não há método em seus processos, além do método do momento. Eles fazem uma enorme ostentação de medidas; mas, não raro, são tão mal-adaptados aos objetivos propostos que nos lembram Monsieur Jourdain pedindo o seu robe-de-chambre - pour mieux entendre la musique. Os resultados atingidos por eles não raras vezes são surpreendentes, mas, na maioria, alcançados por simples diligência e atividade. Quando não se dispõe dessas qualidades, seus planos fracassam. Vidocq, por exemplo, tinha bons palpites, e era homem perseverante. Mas, sem pensamento educado, errou continuamente pela própria intensidade da investigação. Prejudicava sua visão segurando o objeto perto demais. Podia ver, talvez, um ou dois pontos com incomum clareza, mas ao fazer isso, necessariamente, perdia de vista a questão como um todo. Portanto, é possível sermos profundos demais. A verdade não está sempre num poço. De fato, no que se refere ao conhecimento mais importante, creio que está invariavelmente na superfície. A profundidade está nos vales onde a procuramos, não nos topos das montanhas onde ela se encontra. Os modos e origens desse tipo de erro estão bem exemplificados na contemplação dos corpos celestes. Olhar uma estrela em relances... vê-la de uma forma lateral, voltando para ela as partes exteriores da retina (mais susceptíveis a fracas impressões de luz que o interior), é ver distintamente a estrela ... é ter a melhor apreciação de seu brilho ... um brilho que enfraquece na mesma proporção em que voltamos nossa atenção em cheio para ela. No último caso, um maior número

de raios bate de fato no olho, mas no primeiro há uma capacidade mais refinada de compreensão. Com uma profundidade indevida, confundimos e debilitamos o pensamento; e é possível fazer a própria Vênus desaparecer do firmamento com um escrutínio demasiado permanente, demasiado concentrado ou demasiado direto.

"Quanto a esses assassinatos, façamos uma certa investigação nós mesmos, antes de formarmos uma opinião sobre eles. Vai nos proporcionar diversão. [Eu julguei esse um termo curioso, assim aplicado, mas nada disse.] E além do mais, Le Bon certa vez me prestou um serviço pelo qual não sou ingrato. Vamos ver a casa com nossos próprios olhos. Conheço G**, o Prefeito de Polícia, e não terei dificuldade para obter a permissão necessária."

Obtivemos a permissão e fomos logo à Rue Morgue. Trata-se de uma dessas vias públicas miseráveis, que liga a Rue Richelieu e a Rue St. Roch. Era tarde avançada quando lá chegamos, pois esse bairro fica muito longe daquele em que moramos. Encontramos logo a casa; ainda havia muitas pessoas olhando as janelas de cima fechadas, com uma curiosidade inútil, do lado oposto da rua. Era uma casa parisiense comum, com um portão, ao lado do qual havia uma casinha envidraçada, com uma portinhola corrediça na janela, indicando uma loge de concierge. Antes de entrarmos, percorremos a rua, descemos por um beco e depois, virando mais uma vez, passamos pelos fundos do prédio - Dupin examinando, enquanto isso, toda a vizinhança, além do casa, com minuciosa atenção, para a qual eu não via objetivo possível.

Refazendo nossos passos, chegamos de novo à frente da morada, tocamos e, após mostrarmos nossas credenciais, fomos admitidos pelo agente encarregado. Subimos a escada - e entramos no quarto onde fora encontrado o corpo de Mademoiselle L'Españay, e onde ainda jaziam as duas falecidas. Havia-se deixado, como sempre, permanecer a desordem do quarto. Nada vi além do que fora dito na Gazette des Tribunaux. Dupin escrutinizou cada coisa - não excetuando os corpos das vítimas. Passamos então aos outros quartos, e ao pátio; um gendarme nos acompanhando a

toda parte. A investigação nos ocupou até o anoitecer, quando partimos. A caminho de casa, meu companheiro entrou por um momento na redação de um dos jornais diários.

Eu disse que os caprichos de meu amigo eram múltiplos, e que je les ménagais^{9}. -para esta frase não há equivalente inglês. Deu-lhe na veneta, então, recusar toda conversa sobre o tema do assassinato, até o meio-dia do dia seguinte. Então me perguntou, de repente, se eu observara alguma coisa peculiar na cena da atrocidade.

Alguma coisa na maneira de ele enfatizar a palavra peculiar me causou um arrepio, sem saber por quê.

- Não, nada peculiar - eu disse; - nada mais, peio menos, do que eu e você vimos publicado no jornal.

- Receio que A Gazette - ele respondeu - não compreendeu o verdadeiro horror da coisa. Mas deixe para lá a ociosa opinião desse jornal. Parece-me que este mistério é considerado insolúvel pelo motivo mesmo que devia fazê-lo ser visto como de fácil solução... quer dizer, o caráter outré de suas características. A polícia foi confundida pela aparente ausência de motivo... não pelo próprio assassinato ... mas pela atrocidade do assassinato. Também estão intrigados pela aparente impossibilidade de conciliar as vozes ouvidas na discussão com o fato de que não se encontrou ninguém lá em cima, além da assassinada Mademoiselle L'Españaye, e de que não havia meios de saída sem que o grupo a subir visse. A louca desordem do quarto; a pavorosa mutilação do corpo da velha senhora; essa consideração, junto com as há pouco mencionadas, e outras que não preciso citar, bastou para paralisar as forças, fazendo falhar completamente seu louvado acume, dos agentes do governo. Caíram no erro grosseiro, mas comum, de confundir o incomum com o abstruso. Mas é por esses desvios do plano do comum que a razão tateia seu caminho, se o faz, na busca da verdade. Em investigações como a que agora fazemos, não se deve tanto perguntar "que aconteceu", mas "que aconteceu que nunca aconteceu antes" Na verdade, a facilidade com que vou chegar, ou

já cheguei, à solução do mistério está na proporção direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.

Eu o fitava mudo, pasmo.

- Estou agora à espera - ele continuou, olhando a porta de nosso aposento -, estou agora à espera de uma pessoa que, embora talvez não seja o autor da carnificina, deve ter estado em alguma medida implicado em sua perpetração. Da pior parte dos crimes cometidos, é provável que ele seja inocente. Espero estar certo nesta suposição; pois sobre ela construo minha expectativa de interpretar todo o enigma. Espero o homem aqui. .. nesta sala. .. a qualquer momento. É verdade que ele pode não vir; mas a probabilidade é de que venha. Se vier, será necessário detê-lo. Aqui estão as pistolas; e nós dois sabemos usá-las quando a ocasião o exige.

Peguei as pistolas, mal sabendo o que fazia ou acreditando no que ouvia, enquanto Dupin prosseguia, em grande parte como num solilóquio. Já falei de sua maneira abstrata nesses momentos. Dirigia seu discurso a mim; mas a voz, embora de jeito nenhum alta, tinha aquela entonação em geral empregada quando se fala a alguém muito distante. Os olhos, com um ar vazio, olhavam só a parede.

- Que as vozes ouvidas a discutir - ele disse - pelo grupo na escada não eram das próprias mulheres, foi plenamente provado pelos depoimentos. Isso nos livra de toda dúvida sobre a questão de saber se a velha senhora poderia primeiro haver destruído a filha e depois se suicidado. Toco neste ponto apenas por uma questão de método; pois a força de Madame L'Espanaye não estaria absolutamente à altura da tarefa de enfiar o cadáver da filha pela chaminé acima, como foi encontrado; e a natureza dos ferimentos em sua própria pessoa exclui inteiramente a autodestruição. O assassinato, pois, foi cometido por uma terceira parte; e as vozes dessa terceira parte foram as ouvidas na discussão. Deixe-me chamar sua atenção agora... não para todos os depoimentos sobre essas vozes... mas para o que havia de peculiar nesses depoimentos. Você observou alguma coisa peculiar neles?

Observei que, embora todas as testemunhas concordassem em supor que a voz grossa era de um francês, havia muito desacordo sobre a voz aguda, ou, como a qualificou um indivíduo, áspera.

- Esse era o próprio depoimento - disse Dupin -, não a peculiaridade do depoimento. Você não observou nada diferente. E no entanto, havia uma coisa a ser observada. As testemunhas, como você observa, concordaram sobre a voz grossa; nesse ponto, foram unânimes. Mas em relação à voz aguda, a peculiaridade é... não que hajam discordado. .. mas que, quando um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês tentaram descrevê-la, cada um falou dela como de um estrangeiro. Todos têm certeza de que não era a voz de um dos seus compatriotas. Todos a dizem parecida ... não com a voz de um indivíduo de algum país cuja língua ele fala... mas o inverso. O francês supõe que era a voz de um espanhol, e que "poderia haver distinguido algumas palavras se conhecesse espanhol". O holandês afirma que era de um francês; mas vemos declarado que, "não entendendo francês, essa testemunha foi interrogada por intermédio de um intérprete". O inglês acha que a voz era de um alemão, e "não entende alemão". O espanhol "tem certeza" de que era de um inglês, mas "julga pela entonação", inteiramente, "uma vez que não tem conhecimento de inglês". O italiano acredita que a voz era russa, mas "nunca conversou com um nativo da Rússia". Um segundo francês diverge, além disso, do primeiro, e tem certeza de que a voz era de um italiano; mas "não conhecendo essa língua", é, como o espanhol, convencido "pela entonação". Ora, como deve ter sido estranhamente não familiar essa língua, sobre a qual se pôde obter depoimentos desses!... em cujos tons, mesmo cidadãos de cinco grandes divisões da Europa não reconheceram nada familiar! Você dirá que podia ser a voz de um asiático... de um africano. Nem asiáticos nem africanos abundam em Paris; mas, sem negar a dedução, chamarei agora a sua atenção para três pontos. A voz é qualificada por uma das testemunhas como "mais áspera que aguda". É descrita por dois outros como "rápida e desigual".

Nenhuma das testemunhas mencionou palavra alguma. .. sons semelhantes a palavras... como distinguível.

"Eu não sei", continuou Dupin, "que impressão devo ter causado, até agora, em sua compreensão; mas não hesito em dizer que as deduções legítimas mesmo dessa parte dos depoimentos - a parte sobre as vozes grossa e aguda - são em si suficientes para engendrar uma suspeita que deve orientar todo progresso posterior na investigação do mistério. Eu disse 'deduções legítimas'; mas com isso não expressei tudo que quero dizer. Pretendia sugerir que as deduções são as únicas apropriadas, e que a suspeita surge inevitavelmente delas como resultado único. Qual é essa suspeita, porém, eu não vou dizer ainda. Quero apenas que você tenha em mente que, para mim, teve força suficiente para dar uma forma definitiva - uma certa tendência - às minhas investigações no quarto.

"Transportemo-nos agora, em imaginação, àquele quarto. Que procuraremos primeiro ali? Os meios de saída empregados pelos assassinos. Não é demasiado dizer que nenhum de nós acredita em fatos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L'Espanaye não foram destruídas por almas. Os autores do fato eram seres materiais e escaparam por meios materiais. Então como? Felizmente, só há um modo de raciocinar sobre esse ponto, e esse modo tem de levar-nos a uma decisão definitiva. Examinemos, um por um, os possíveis meios de fuga. Está claro que os assassinos se achavam no quarto onde Mademoiselle L'Espanaye foi encontrada, ou pelo menos no quarto vizinho, quando o grupo subiu a escada. É pois apenas nesses dois aposentos que temos de buscar saídas. A polícia desnudou o piso, o teto e a argamassa das paredes, em todas as direções. Nenhuma saída secreta haveria escapado à sua vigilância. Mas, não confiando nos olhos deles, eu examinei com os meus. Não havia, pois, saídas secretas. As duas portas dos quartos para o corredor estavam firmemente trancadas, com as chaves por dentro. Voltemo-nos para as chaminés. Estas, embora de largura normal por uns oito ou dez palmos acima do fogo, não admitem em toda a sua extensão o corpo de um gato grande. Sendo assim, absoluta a

impossibilidade de saída pelos meios já declarados, ficamos reduzidos às janelas. Por uma das da frente, ninguém poderia haver escapado sem chamar a atenção da multidão na rua. Os assassinos têm de haver passado, pois, pelas do quarto dos fundos. Ora, chegados a esta conclusão da maneira inequívoca que chegamos, não nos cabe, como raciocinadores, rejeitá-la pelas aparentes impossibilidades. Só nos resta provar que essas aparentes "impossibilidades", na verdade, não o são.

"Há duas janelas no quarto. Uma delas não está obstruída por móveis, e fica inteiramente à vista. A parte de baixo da outra é oculta pela cabeceira da armação da cama, empurrada contra ela. A vidraça da primeira foi encontrada firmemente trancada por dentro. Resistiu à máxima força daqueles que tentaram levantá-la. Haviam aberto um grande buraco, com uma pua no caixilho da esquerda, e enfiado quase até a cabeça um prego bastante forte. Ao examinar a outra janela, viu-se um prego semelhante, pregado de maneira semelhante; e uma vigorosa tentativa de erguer a vidraça também fracassou. A polícia convenceu-se então de que a saída não se dera por esse lado. E, portanto, julgou-se supérfluo retirar os pregos e abrir as janelas.

"Meu exame foi um pouco mais detalhado, e o foi pelo motivo que já apresentei -porque era ali, eu sabia, que se tinha de provar que todas as aparentes impossibilidades não o eram na realidade.

"Prosegui pensando assim - a posteriori. Os assassinos fugiram por uma daquelas janelas. Assim sendo, não podiam haver tornado a fechá-las por dentro, como foram encontradas; - consideração que deteve, por sua obviedade, o escrutínio da polícia neste ponto. Mas as vidraças estavam trancadas. Tinham, pois, de ter a possibilidade de trancar-se por si mesmas. Não havia como fugir a esta conclusão. Aproximei-me do caixilho não obstruído, retirei o prego com alguma dificuldade e tentei erguer a vidraça. Ela resistiu a todos os meus esforços, como eu previra. Eu sabia agora que devia haver uma mola oculta; e essa corroboração de minha idéia me convenceu de que minhas premissas, pelo menos, eram corretas, por mais misteriosas que ainda parecessem as circunstâncias em

torno dos pregos. Uma cuidadosa busca logo trouxe à luz a mola oculta. Apertei-a, e, satisfeito com a descoberta, abster-me de levantar a vidraça.

"Repus então o prego e examinei-o com atenção. Uma pessoa que passasse por aquela janela podia havê-la fechado de novo, e a mola haveria pegado - mas o prego não seria reposto. A conclusão era clara, e mais uma vez estreitava o campo de minhas investigações. Os assassinos tinham de haver fugido pela outra janela. Supondo, então, que as molas em cada vidraça fossem iguais, como era provável, tinha-se de descobrir uma diferença entre os pregos, ou pelo menos entre os modos de fixá-los. Subindo no estrado da cama, olhei minuciosamente, por cima da cabeceira, o segundo caixilho. Descendo a mão por trás da tábuca, logo descobri e apertei a mola, que era, como eu supunha, idêntica à da janela vizinha. Olhei então o prego. Era tão robusto quanto o outro, e aparentemente se encaixava da mesma maneira - enterrado quase até a cabeça.

"Você dirá que fiquei intrigado; mas, se assim pensa, deve haver entendido mal a natureza das deduções. Para usar uma expressão do esporte, eu não cometera nenhuma 'falta'. Jamais perdera, nem por um instante, o faro. Não havia falha em nenhum elo da cadeia. Eu rastreara o segredo até o seu resultado último - e esse resultado era o prego. Ele tinha, repito, em todos os aspectos a aparência do seu irmão na outra janela; mas esse fato era uma absoluta nulidade (por mais conclusivo que parecesse) quando comparado com a idéia de que ali, naquele ponto, terminava a pista. 'Tem de haver alguma coisa errada', eu disse, 'no prego'. Toquei-o; e a cabeça, com cerca de uma polegada da haste, saiu em meus dedos. O resto do prego ficou no buraco da pua, onde fora quebrado. A fratura era velha (tinha as bordas enferrujadas), e fora aparentemente feita por uma martelada, que enterrara um pouco, no pé da vidraça de baixo, a parte da cabeça do prego. Repus então com cuidado essa parte da cabeça no buraco de onde a tirara, e a semelhança de um prego completo era total. I -- não se via a fissura. Apertando a mola, ergui delicadamente a vidraça algumas

polegadas; a cabeça subiu com ela, permanecendo firme no buraco. Baixei a vidraça, e a semelhança do prego inteiro ficou outra vez perfeita.

"Decifrado, até ali, estava esse enigma. O assassino havia fugido pela janela atrás da cama. Caindo por si mesma após a saída dele (ou talvez deliberadamente fechada), a janela fora presa pela mola; e era a retenção dessa mola que a polícia tomara pelo prego - considerando assim desnecessário investigar mais.

"A questão seguinte era o modo da descida. Sobre este ponto, eu me satisfizera em meu passeio com você em torno da casa. A cerca de cinco pés e meio [1,67m] do caixilho passa um pára-raios. De sua haste, seria impossível alguém alcançar a própria janela, quanto mais entrar por ela. Observei, no entanto, que as janelas do quarto andar eram daquele tipo que os carpinteiros parisienses chamam de ferrades - um tipo raramente usado hoje, mas muitas vezes visto em velhas mansões de Lyons e Bordéus. Têm a forma de uma porta comum (inteiriça, não dupla), a não ser que a metade de baixo é em gelosia ou trabalhada em treliça - proporcionando assim excelentes pontos para alguém se agarrar. No caso presente, essas janelas têm uns bons três pés e meio [1,06m] de largura. Quando as vimos dos fundos da casa, estavam as duas meio abertas - quer dizer, em ângulo reto com a parede. É provável que a polícia, como eu, tenha examinado o fundo da casa; mas, se o fez, olhando as ferrades pela extensão da largura (como deve ter feito), não percebeu a grande largura em si, ou, de qualquer modo, não a levou na devida consideração. Na verdade, havendo-se convencido de que por ali não poderia ocorrer nenhuma fuga, faria naturalmente uma investigação muito superficial. Era claro para mim, porém, que a janela da cabeceira da cama, se aberta até encostar na parede, chegaria a dois palmos do pára-raios. Era também evidente que, com um extraordinário grau de atividade e coragem, podia-se assim efetuar a entrada na janela pelo pára-raios. Chegando à distância de dois pés e meio [76cm] (supomos agora a janela toda aberta), um ladrão poderia agarrar-se bem ao trabalho de treliça. Soltando então a haste do pára-raios, apoiando

o pé firmemente na parede e empurrando-a, poderia mover a janela de modo a fechá-la, e, se imaginamos a janela aberta nessa ocasião, projetar-se dentro do quarto.

"Desejo que você tenha sobretudo em mente que eu falei em um grau bastante extraordinário de atividade como requisito. para o sucesso num feito tão arriscado e difícil. Pretendo mostrar-lhe, primeiro, que se poderia realizar a coisa: - mas, segundo e principalmente, quero gravar em sua compreensão o caráter bastante extraordinário - quase sobrenatural dessa agilidade que poderia havê-lo conseguido.

"Você dirá, sem dúvida, usando a linguagem da lei, que, 'para montar minha argumentação, eu devia mais subestimar que insistir numa plena avaliação da atividade exigida neste caso: Talvez seja essa a prática na lei, mas não é o costume da razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a justapor essa atividade bastante extraordinária de que acabo de falar àquele grito bastante peculiar (ou áspero) e àquela voz desigual sobre cuja nacionalidade não se encontraram duas pessoas que concordassem, e em cuja fala não se detectou nenhuma silabação."

A essas palavras, passou por minha mente uma vaga e incompleta idéia do que Dupin queria dizer. Pareceu-me estar à beira da compreensão, sem chegar a compreender - como os homens, às vezes, se vêem à beira da lembrança, sem conseguir, no fim, lembrar. Meu amigo prosseguiu com seu discurso.

- Você verá - disse - que mudei a questão do modo de saída para o de entrada. Eu pretendia transmitir a idéia de que as duas foram feitas da mesma maneira, no mesmo ponto. Voltemos agora ao interior do quarto. Examinemos as aparências ali. As gavetas da cômoda, dizem, foram revistadas, embora muitos artigos de vestuário continuassem lá dentro. A conclusão aqui é absurda. É um mero palpite... e bastante tolo. .. e nada mais.

Como vamos saber que os artigos encontrados nas gavetas eram todos os que essas gavetas continham originalmente? Madame

L'Esplanade e sua filha viviam uma vida demasiado reclusa ... não viam ninguém ... raras vezes saíam ... não precisavam de muitas mudas de roupa. As encontradas eram de qualidade tão boa quanto as que se pode encontrar na posse dessas senhoras. Se um ladrão houvesse levado algumas, por que não levou as melhores... por que não levou todas? Numa palavra, por que abandonou quatro mil francos em ouro para estorvar-se com uma trouxa de roupa? O ouro foi abandonado. Quase toda a soma mencionada por Monsieur Mignaud, o banqueiro, foi descoberta, em bolsas, no chão. Quero que você afaste pois dos pensamentos a idéia errada de motivo, engendrada nos cérebros da polícia por aquela parte da investigação que fala do dinheiro entregue na porta da casa. Coincidências dez vezes mais dignas de nota que essa (entrega de dinheiro e assassinato cometido três dias depois de o receberem) nos acontecem a cada hora de nossas vidas, sem chamar sequer uma atenção passageira. As coincidências, em geral, são grandes obstáculos no caminho daquela classe de pensadores educados para nada conhecer da teoria das probabilidades - a teoria à qual os mais gloriosos objetos de pesquisa humana devem os mais gloriosos esclarecimentos. No caso presente, se o ouro houvesse desaparecido, o fato de sua entrega três dias antes constituiria mais que uma coincidência. Corroboraria essa idéia de motivo. Mas, nas circunstâncias reais do caso, se devemos supor o ouro como o motivo desse crime, temos também de imaginar o perpetrador como um idiota tão vacilante que abandonou, juntos, seu ouro e seu motivo.

'Tendo agora firmes na mente os pontos para os quais chamei sua atenção - a voz peculiar, a agilidade extraordinária e a espantosa ausência de motivo num assassinato tão singularmente atroz como este - olhemos agora a própria chacina. Aí está uma mulher estrangulada até a morte e enfiada por uma chaminé acima de cabeça para baixo. Os assassinos comuns não empregam um modo de assassinato desses. Menos ainda se livram do cadáver dessa forma. Na maneira de enfiar o cadáver na chaminé, você admitirá que há alguma coisa de demasiado outré - alguma coisa

inteiramente inconciliável com nossas idéias normais de ação humana, mesmo quando supomos que os atores sejam os homens mais depravados. Pense, também, como deve ter sido grande a força que poderia socar o corpo para cima numa tal abertura, com tanta força que, como se descobriu, o vigor de várias pessoas mal foi suficiente para arrastá-lo para baixo!

'Volte-se, agora, para outros indícios do emprego de um vigor espantoso. Na lareira, havia grossas tranças - muito grossas - de cabelos humanos grisalhos. Foram arrancadas pelas raízes. Você está ciente da força necessária para arrancar assim da cabeça mesmo vinte ou trinta fios juntos. Viu as madeixas em questão tão bem quanto eu. As raízes (uma visão hedionda!) tinham grudados fragmentos da carne do couro cabeludo - sinal seguro do poder prodigioso exercido para desenraizar talvez um milhão de fios de uma vez. A garganta da velha senhora não foi apenas cortada, mas a cabeça absolutamente decepada do corpo; o instrumento foi uma simples navalha. Quero que você veja também a brutal ferocidade desses atos. Não falo nada das manchas no corpo de Madame L'Esplanade. Monsieur Dumas e seu digno coadjutor Monsieur Etienne declararam que foram infligidas por um instrumento contundente; e até agora esses cavalheiros estão corretos. O instrumento contundente foi claramente os paralelepípedos do pátio no qual

a vítima caiu da janela atrás da cama. Essa idéia, por mais simples que pareça agora, escapou à polícia pelo mesmo motivo que a largura da janela - porque, devido ao caso dos pregos, a percepção dos policiais fora hermeticamente lacrada contra a possibilidade de as janelas terem sido sequer abertas.

"Se agora, além de tudo isso, você refletiu corretamente sobre a curiosa desordem do quarto, conseguimos até então combinar as idéias de agilidade espantosa, força sobre-humana, brutal ferocidade, carnificina sem motivo, horrorosa grotesquerie, absolutamente alheia à humanidade, e uma voz de tom estrangeiro para os ouvidos de homens de muitos países, e desprovida de toda

silabação distinta ou inteligível. Que resultado, assim, se seguiu? Que impressão causei em sua imaginação?'

Senti um arrepio na pele quando Dupin me fez a pergunta.

- Foi um louco - disse - que fez isso... algum maníaco varrido, fugido de uma Maison de Santé vizinha.

- Em alguns aspectos - ele respondeu - sua idéia não é irrelevante. Mas jamais se constatou que as vozes dos loucos, mesmo nos piores paroxismos, correspondam àquela voz peculiar ouvida das escadas. Os loucos são de algum país, e sua língua, por mais incoerentes que sejam as palavras, sempre tem a coerência da silabação. Além disso, o cabelo de um louco jamais é como este que tenho na mão. Desgrudei este pequeno tufo dos dedos rigidamente fechados de Madame L'Espanaye. Diga-me o que depreende disto.

- Dupin! - eu disse, inteiramente consternado; - esse cabelo é bastante extraordinário. .. isso não é cabelo humano!

- Eu não disse que é - ele disse; - mas, antes de decidirmos esse ponto, quero que você veja um desenho que fiz aqui neste papel. É uma descrição em fac-simile do que foi descrito numa parte do depoimento como "manchas roxas e profundas marcas de unhas" na garganta de Madame L'Espanaye, e em outra (pelos Monsieurs Dumas e Etienne) como uma "série de manchas lívidas, evidentes marcas de dedos".

- Você perceberá - continuou meu amigo, abrindo um papel sobre a mesa à nossa frente - que este desenho dá a idéia de um aperto firme e fixo. Não se vêem escorregos. Cada dedo reteve - possivelmente até a morte da vítima - o pavoroso aperto com que originalmente se cravou. Tente agora pôr todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas que vê.

Fiz em vão a tentativa.

- É possível que não estejamos dando a esta questão um julgamento justo - ele disse. - O papel está aberto sobre uma superfície plana; mas a garganta humana é cilíndrica. Eis aqui um

toro de madeira, de circunferência mais ou menos igual ao da garganta. Enrole o papel em torno dele e tente de novo.

Eu o fiz; mas a dificuldade foi ainda mais óbvia que antes.

- Isto - eu disse - não é marca de mão humana.

- Agora leia - ele disse - este trecho de Cuvier.

Era uma minuciosa explicação anatômica e descrição geral do grande orangotango ruço das ilhas das Índias Ocidentais. A estatura gigantesca, a força e atividade prodigiosas, a selvagem ferocidade e as tendências imitativas desses mamíferos são bastante conhecidas de todos. Entendi imediatamente todo o horror do assassinato.

- A descrição dos dedos - eu disse, ao acabar a leitura - está em exato acordo com esse desenho. Vejo que nenhum animal além do orangotango, da espécie aqui mencionada, poderia ter deixado as marcas que você desenhou. O tufo de pêlos vermelhos, também, é de aspecto idêntico ao da fera de Cuvier. Mas não compreendo os detalhes desse pavoroso mistério. Além disso, havia duas vozes na discussão, e uma delas era inquestionavelmente de um francês.

- É verdade; e você se lembrará de uma expressão atribuída quase unanimemente pelas testemunhas a essa voz: - a expressão "mon Dieu!" Isso, nas circunstâncias, foi exatamente caracterizado por uma das testemunhas (o confeitoiro Montani) como uma expressão de advertência ou repreensão. Sobre essas duas palavras, pois, construí sobretudo minhas esperanças de plena solução do enigma. Um francês conhecia o assassino. É possível.. . na verdade, muito mais que provável. .. que estivesse inocente de toda participação no que ocorria. O orangotango pode ter escapado dele. Ele pode tê-lo encontrado no quarto; mas, nas agitadas circunstâncias que se seguiram, jamais poderia havê-lo recapturado. Continua solto. Não continuarei com esses palpites. .. pois não tenho o direito de chamá-los mais que isso... uma vez que as tênues reflexões em que se baseiam mal têm profundidade suficiente para que meu próprio intelecto possa apreciá-los, e que não posso pretender torná-los inteligíveis à compreensão de

outrem. Chamemo-los de palpites, pois, e falemos deles como tais. Se o francês em questão está de fato, como suponho, inocente dessa atrocidade, este anúncio, que deixei ontem à noite, ao voltarmos para casa, na redação de Le Monde (um jornal dedicado a questões de navegação, e muito procurado por marinheiros) o trará à nossa residência.

Entregou-me um papel, que eu li:

*"CAPTURADO - No Bois de Boulogne, de manhã cedo no dia *** (a manhã do assassinato), um orangotango muito grande e ruço, da espécie de Bornéu. O dono (que se constatou ser marinheiro de um navio maltês) pode recuperar o animal, após identificá-lo satisfatoriamente e pagar algumas despesas resultantes de sua captura e manutenção. Procurar na Rue *** nº ***, Faubourg St. Germain - no terceiro andar."*

- Como foi possível - perguntei - você saber que o homem era marinheiro, e de um navio maltês?

- Eu não sei - disse Dupin. - Não tenho certeza disso. Aqui, no entanto, está um pequeno pedaço de fita, que pela forma e aparência gordurosa foi evidentemente usada para prender os cabelos de um desses rabichos dos quais os marinheiros tanto gostam. Além disso, este nó é daqueles que poucos marinheiros sabem dar, e peculiar aos malteses. Peguei a fita no pé do pára-raios. Não podia pertencer a nenhuma das falecidas. Ora, se afinal estou errado em minha dedução a partir desta fita, de que o francês era um marinheiro de um navio maltês, ainda assim não posso ter feito nenhum mal dizendo o que disse no anúncio. Se estiver errado, ele simplesmente suporá que fui desnortado por alguma circunstância sobre a qual não se dará o trabalho de perguntar. Mas se eu estiver certo, marcou-se um importante tento. Conhecedor, apesar de inocente, do assassinato, o francês naturalmente hesitará em responder ao anúncio. .. em reclamar o orangotango.

Raciocinará assim: "Eu sou inocente; sou pobre; meu orangotango tem grande valor. .. para alguém em minhas circunstâncias, uma fortuna em si. por que deveria eu perdê-lo por medo ocioso do perigo? Aí está ele, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne... a enorme distância da cena daquela carnificina. Como se pode jamais supor que um animal feroz foi o autor do feito? A polícia está perdida. .. não produziu a mais leve pista. Se algum dia rastreamos o animal, seria impossível provar que eu sei do assassinato. Acima de tudo, eu sou conhecido. O autor do anúncio me designa como dono do bicho. Não sei até onde vai o conhecimento dele. Se eu não reclamar uma propriedade de tão grande valor, que se sabe que possuo, tornarei o animal, pelo menos, sujeito à suspeita. Não é de meu proveito chamar a atenção para mim mesmo ou para o animal. Vou responder ao anúncio, pegar o orangotango e mantê-lo preso até passar essa história." Nesse momento, ouvimos um passo na escada.

- Esteja pronto - disse Dupin - com as pistolas, mas não as use nem mostre enquanto eu não der o sinal.

A porta da frente da casa fora deixada aberta, e o visitante entrara, sem tocar a campainha, e subira vários degraus da escada. Agora, porém, parecia hesitar. Acabamos por ouvi-lo descer. Dupin correu para a porta, quando mais uma vez o ouvimos subindo. Não voltou uma segunda vez, mas avançou decidido, e bateu na porta de nossa sala.

- Entre - disse Dupin, num tom alegre e caloroso.

Entrou um homem. Era um marinheiro, evidentemente - uma pessoa alta, robusta e de aparência musculosa, com uma certa expressão ousada, não inteiramente antipática. Tinha mais da metade do rosto, muito queimado de sol, oculta por suíças e o mustachio. Trazia consigo um cacete de carvalho, mas fora isso parecia desarmado. Fez uma mesura desajeitada, desejou-nos "boa noite" num francês que, embora um tanto de Neufchâtel, ainda indicava bastante origem parisiense.

- Sente-se, meu amigo - disse Dupin. - Creio que veio buscar o orangotango. Palavra de honra, eu lhe invejo a posse dele; um animal excelente, e sem dúvida muito valioso. Quantos anos supõe que tenha?

O marinheiro inspirou fundo, com o ar de um homem aliviado de um fardo insuportável, e respondeu, num tom seguro:

- Não tenho como saber ... mas não pode ter mais de quatro ou cinco anos. O senhor está com ele aqui?

- Oh, não; não temos instalações para mantê-lo aqui. Está numa estrebaria na Rue Dubourg, perto. O senhor pode pegá-lo pela manhã. Por certo está preparado para identificar a propriedade.

- Por certo que sim, senhor.

- Vou sentir separar-me dele - disse Dupin.

- Eu não pretendo que o senhor tenha tido todo esse trabalho por nada, senhor -disse o homem. - Não podia esperar isso. Estou inteiramente disposto a pagar uma recompensa por haver achado o animal ... quer dizer, qualquer coisa razoável.

- Bem - respondeu meu amigo -, isso é muito justo, decerto. Deixe-me pensar!.. . quanto pedirei? Oh! Já lhe digo. Minha recompensa será o seguinte. O senhor me dará toda informação de que dispõe sobre esses assassinatos na Rue Morgue.

Dupin disse as últimas palavras num tom muito baixo, e muito calmo. Com a mesma calma, também, dirigiu-se para a porta, trancou-a e pôs a chave no bolso. Depois tirou uma pistola do peito e colocou-a, sem o menor alvoroço, em cima da mesa.

O rosto do marinheiro enrubescceu como se ele lutasse com uma sufocação. O homem saltou de pé e pegou o cacete; mas no momento seguinte caiu de volta no assento, tremendo violentamente, e com o rosto da própria morte. Não disse uma palavra. Tive pena dele, do fundo do coração.

- Meu amigo - disse Dupin, num tom bondoso -, o senhor está se assustando sem necessidade. .. está mesmo. Não pretendemos fazer-lhe nenhum mal, eu lhe dou minha palavra de cavalheiro, e de

francês, de que não pretendemos machucá-lo. Sei perfeitamente bem que o senhor é inocente das atrocidades na Rue Morgue. Não adianta, porém, negar que está de algum modo implicado neles. Pelo que eu já disse, deve saber que tenho meios de informação sobre este assunto ... meios com os quais o senhor jamais poderia haver sonhado. Agora a coisa está no seguinte. O senhor nada fez que pudesse ter evitado. .. nada, certamente, que o torne culpado. Não foi culpado nem de roubo, quando poderia ter roubado impunemente. Por outro lado, é obrigado por todos os princípios de honra a confessar tudo que sabe. Um homem inocente está preso agora, acusado de um crime cujo culpado o senhor pode apontar.

O marinheiro recobrou em grande parte a presença de espírito, enquanto Dupin dizia essas palavras; mas desaparecera seu porte ousado original.

- Com a ajuda de Deus! - disse, após uma breve pausa. - Eu vou contar ao senhor tudo que sei desse caso; mas não espero que acredite na metade do que vou dizer ... eu seria um tolo deveras se esperasse. Contudo, sou inocente, e vou abrir o peito, mesmo que morra por isso.

Em resumo, o que declarou foi o seguinte. Fizera ultimamente uma viagem ao Arquipélago Índico. Um grupo do qual era membro desembarcou em Bornéu e foi ao interior numa excursão de diversão. Ele e um companheiro capturaram o orangotango. Havendo morrido esse companheiro, ele ficou com a posse exclusiva do animal. Após muito trabalho, causado pela intratável ferocidade do cativo durante a viagem de volta, conseguiu por fim alojá-lo em segurança em sua própria casa em Paris, onde, para não atrair para si a desagradável curiosidade dos vizinhos, mantinha-o cuidadosamente isolado, até o momento em que se recuperasse de um ferimento no pé, de um estrepe a bordo do navio. O objetivo último era vendê-lo.

Ao voltar para casa de uma farra de marinheiros na noite, ou melhor, manhã do assassinato, encontrou a fera em seu quarto, que arrombara vindo de um quatinho ao lado, onde estivera, segundo ele pensava, confinada em segurança. Navalha na mão, e com a

cara coberta de espuma, sentava-se diante de um espelho, tentando a operação de barbear-se, na qual sem dúvida vira antes o dono pelo buraco da fechadura do quartinho. Aterrorizado com a visão de uma arma tão perigosa na posse de um animal tão feroz, e tão bem habilitado a usá-la, o homem, por alguns instantes, não soube o que fazer. Acostumara-se, porém, a acalmar a criatura, mesmo nos estados mais ferozes, com o uso de um chicote, e a isso recorreu então. Ao ver o chicote, o orangotango saltou imediatamente pela porta do quarto, desceu a escada e dali, por uma janela, infelizmente aberta, ganhou a rua.

O francês seguiu-o desesperado; o macaco, ainda com a navalha na mão, parava de vez em quando, voltava-se e gesticulava para seu perseguidor, até que este quase o alcançava. Ele então partia de novo. Dessa maneira a caçada prosseguiu por muito tempo. As ruas estavam em profundo silêncio, pois eram quase três horas da manhã. Ao cruzarem um beco atrás da Rue Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída por uma luz que vinha da janela aberta do quarto de Madame L'Espanaye, no quarto andar de sua casa. Correndo para lá, o animal vira o pára-raios, subira com inconcebível agilidade, agarrara a folha da janela, inteiramente aberta contra a parede, e assim lançara-se diretamente na cabeceira da cama. Todo o ato não durou um minuto. A janela foi de novo aberta com o pé pelo orangotango ao entrar no quarto.

O marinheiro, enquanto isso, achava-se ao mesmo tempo eufórico e perplexo. Tinha agora fortes esperanças de recapturar a fera, que dificilmente escaparia da armadilha em que se aventurara, a não ser pelo pára-raios, onde poderia ser interceptada ao descer. Por outro lado, havia muito motivo para ansiedade sobre o que ela poderia fazer dentro da casa. Essa última reflexão levou o homem a seguir ainda o fugitivo. Sobe-se sem dificuldades num pára-raios, sobretudo um marinheiro; mas, quando ele chegou à altura da janela, que ficava muito à sua esquerda, teve a carreira detida; o máximo que podia fazer era esticar-se para ter um vislumbre do interior do quarto. Ao tê-lo, quase caiu pelo excesso de horror. Foi então que se ouviram

aqueles gritos hediondos na noite, que acordaram assustados os moradores da Rue Morgue. Madame L'Espanaye e sua filha, vestindo roupas de dormir, aparentemente haviam estado ocupadas em arrumar alguns papéis na arca de ferro já mencionada, que fora rolada para o meio do quarto. Estava aberta, o conteúdo ao lado, no chão. As vítimas deviam estar sentadas de costas para a janela; e, pelo tempo decorrido entre a entrada do animal e os gritos, parece provável que não o viram logo. O bater da janela naturalmente seria atribuído ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro, o gigantesco animal já havia agarrado Madame L'Espanaye pelos cabelos (soltos, pois ela os estivera penteando) e passava a navalha pelo seu rosto, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel; desmaiara. Os gritos e bracejos da velha senhora (durante os quais os cabelos lhe foram arrancados da cabeça) tiveram o efeito de transformar em ira as intenções aparentemente pacíficas do orangotango. Com uma vigorosa passada do braço musculoso, quase decepou a cabeça do corpo. A visão do sangue inflamou sua fúria num frenesi. Rangendo os dentes, e chispando fogo dos olhos, ele voou sobre o corpo da moça e enterrou-lhe as terríveis garras na garganta, mantendo o aperto até ela expirar. Seus olhares errantes e desvairados caíram nesse momento na cabeceira da cama, acima da qual mal se percebia o rosto de seu dono, rígido de horror. A fúria da fera, que sem dúvida ainda se lembrava do temido chicote, tornou-se medo na mesma hora. Consciente de haver merecido castigo, ele pareceu desejar ocultar seus pavorosos atos, e pôs-se a saltar pelo quarto, numa agonia de agitação nervosa; derrubando e quebrando os móveis ao passar por eles, e arrancando o colchão e lençóis da cama da armação. Para concluir, agarrou primeiro o cadáver da filha e enfiou-o pela chaminé acima, como foi encontrado; depois o da velha senhora, que se apressou a jogar de cabeça pela janela.

Quando o macaco se aproximou do caixilho com seu mutilado fardo, o marinheiro encolheu-se horrorizado na haste do pára-raios, e mais deslizando que descendo por ele, correu logo para casa -

temendo as conseqüências da carnificina, e satisfeito em abandonar, no seu terror, toda preocupação com o destino do orangotango. As palavras ouvidas pelo grupo na escada eram as exclamações de horror e pavor do francês, misturadas com os demoníacos balbucios do animal.

Difícilmente tenho mais alguma coisa a acrescentar. O orangotango deve ter escapado do quarto, pela haste do pára-raios, pouco antes do arrombamento da porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Foi depois capturado pelo próprio dono, que conseguiu por ele uma soma muito grande no Jardin des Plantes. Le Bon foi instantaneamente libertado após nossa narrativa das circunstâncias (com alguns comentários de Dupin) no bureau do Prefeito de Polícia. Esse funcionário, por mais boa vontade que tivesse para com meu amigo, não pôde esconder de todo sua frustração com o rumo que tomara o caso, e fez uma ou duas observações sarcásticas sobre o acerto de cada um cuidar de seus assuntos.

- Deixe que ele fale - disse Dupin, que não julgara necessário responder. - Que discurse; vai aplacar sua consciência. Estou convencido de que o derrotei em seu próprio castelo. Mesmo assim, o fato de haver falhado na solução do mistério não é de modo algum essa coisa surpreendente que ele supõe; pois, na verdade, nosso amigo Prefeito é de algum modo astuto demais para ser profundo. Não há estorpe em seu bom senso. Só tem cabeça, sem corpo, como os quadros da Deusa Laverna... ou, na melhor das hipóteses, só cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas não deixa de ser uma boa criatura. Gosto dele sobretudo pelo seu golpe magistral de hipocrisia, com o qual ganhou fama de engenhosidade. Refiro-me à sua maneira de "niercequiest, etdexpliquercequiestpas"^{10}.

Tradução de Marcos Santarrita

52. A CARTA FURTADA

EDGAR ALLAN POE

"Nil sapientiae odiosius acumine nimio" - Sêneca

Em Paris, pouco depois do escurecer, numa ventosa noite no outono de 18**, eu desfrutava o duplo luxo de uma meditação e um meerschaum, em companhia de meu amigo C Auguste Dupin, em sua pequena biblioteca, ou gabinete de leitura, nos fundos do troisieme do nº 33 da Rue Dunôt, Faubourg St.G ermain. Durante uma hora, pelo menos, vínhamos mantendo um profundo silêncio; e cada um, para qualquer observador casual, pareceria atenta e exclusivamente ocupado com as espirais de fumaça que tornavam opressiva a atmosfera do aposento. Quanto a mim, porém, discutia comigo mesmo alguns tópicos que tinham sido objeto de conversa entre nós num período anterior da tarde; refiro-me ao caso da Rue Morgue e ao mistério em torno do caso de Marie Rogêt. Achei pois algo assim como uma coincidência quando a porta do aposento se escancarou e admitiu nosso velho conhecido, M. G**, o Prefeito de Polícia parisiense.

Demos-lhe uma calorosa acolhida; pois o homem era quase tão divertido quanto desprezível, e não o víamos havia vários anos. Estávamos sentados no escuro, e Dupin se levantou então para acender uma lâmpada, mas sentou-se sem fazê-lo, quando G*** disse que viera consultar-nos, ou antes, pedir a opinião de meu amigo, sobre um caso oficial que causava muito problema.

- Se é alguma coisa que exige reflexão - observou Dupin, abstendo-se de acender o pavio -, nós a examinaremos melhor no escuro.

- Esta é mais uma de suas idéias estranhas - disse o Prefeito, que tinha a mania de chamar de "estranho" tudo que fugia à sua

compreensão, e portanto vivia numa absoluta legião de "estranhezas".

- É bem verdade - disse Dupin, oferecendo ao visitante um cachimbo e aproximando dele uma confortável cadeira.

- E qual é o problema? - perguntei. - Nada mais de assassinato, eu espero?

- Oh, não; nada disso. A verdade é que o caso é de fato muito simples, e não tenho dúvida de que podemos cuidar dele suficientemente bem sozinhos; mas depois pensei que Dupin iria gostar de saber os detalhes, porque é demasiado estranho.

- Simples e estranho - disse Dupin.

- Bem, sim: e não é bem assim, também. A verdade é que ficamos todos muito intrigados por ser o caso tão simples e ao mesmo tempo nos confundir completamente.

- Talvez seja a própria simplicidade da coisa que os desorienta - disse meu amigo.

- Que bobagem você está dizendo - respondeu o Prefeito, com um gostoso sorriso.

- Talvez o mistério seja um pouco simples demais - disse Dupin.

- Oh, bom Deus! Quem já ouviu falar de uma tal idéia?

- Um pouco evidente demais.

- Ha! ha! Ha! .. ha! ha! Ha! .. ho! ho! ho! - rugiu nosso visitante, profundamente divertido. - Oh, Dupin, você ainda me mata!

- E qual, afinal, é o caso em questão? - perguntei.

- Bem, eu vou-lhes contar - respondeu o Prefeito, dando um longo, constante e contemplativo suspiro, e instalando-se na cadeira. - Vou-lhes contar em poucas palavras; mas, antes de começar, devo adverti-los de que é um caso que exige o maior segredo, e que eu muito provavelmente perderia o cargo se se soubesse que o confiei a qualquer um.

- Continue - eu disse.

- Ou não - disse Dupin.

- Bem, então; eu recebi informação pessoal, do mais alto escalão, de que um certo documento da última importância foi furtado dos aposentos reais. O indivíduo que o roubou é conhecido; isso sem sombra de dúvida; viram-no pegá-lo. Sabe-se, também, que ainda está em sua posse.

- Como se sabe disso? - perguntou Dupin.

- Deduz-se claramente - respondeu o Prefeito - da natureza do documento, e do não-aparecimento de certos resultados que viriam imediatamente após sua saída da posse do ladrão. .. quer dizer, quando ele o usar como deve desejar fazê-lo no fim.

- Seja um pouco mais explícito - eu disse.

- Bem, eu posso me aventurar até a dizer que o documento dá a seu possuidor um certo poder, num certo setor onde esse poder é imensamente valioso.

O Prefeito gostava do jargão da diplomacia.

- Eu continuo não entendendo direito - disse Dupin.

- Não? Bem; a revelação do documento a uma terceira pessoa, que não será nomeada, poria em questão a honra de uma personagem da mais alta posição; e esse fato dá ao possuidor do documento uma ascendência sobre a ilustre personagem, cuja honra e paz correm grande risco.

- Mas essa ascendência - interrompi - dependeria do conhecimento, pelo ladrão, de que a vítima o conhece. Quem se atreveria...

- O ladrão - disse G. - é o ministro D***, que se atreve a tudo, tanto o que é indigno quanto o que é digno de um homem. O método do furto foi tão engenhoso quanto ousado. O documento em questão ... uma carta, para ser franco... fora recebido pela personagem roubada quando esta se achava sozinha no boudoir real. No momento em que o olhava, foi de repente interrompida pela entrada de outra alta personagem, da qual desejava, em especial, escondê-lo. Após uma apressada e vã tentativa de enfiá-la numa gaveta, ela foi obrigada a colocá-la, aberta, sobre a mesa. O

endereço, porém, ficou por cima, e com o conteúdo assim não exposto, a carta não chamou atenção. Nessa situação, entra o ministro D***. Seus olhos de lince percebem imediatamente o papel, reconhece a letra do endereço, observa a confusão da personagem endereçada e adivinha seu segredo. Após algumas consultas oficiais, feitas às pressas como sempre, ele tira uma carta mais ou menos semelhante àquela em questão e coloca-a sobre a outra. E volta a conversar, por cerca de quinze minutos, sobre os assuntos oficiais. Finalmente, ao despedir-se, leva também da mesa a carta à qual não tinha direito. A dona de direito viu, mas, por certo, não se atreveu a chamar a atenção para o ato na presença da terceira personagem, que estava a seu lado. O ministro se foi; deixando sua carta ... sem importância... sobre a mesa.

- Aí tem você, então - disse-me Dupin -, exatamente o que exige para tornar a ascendência completa ... o conhecimento, pelo ladrão, de que a vítima o conhece.

- Sim - respondeu o Prefeito; - e o poder assim adquirido está sendo usado, há alguns meses, para fins políticos, numa medida muito perigosa. A personagem roubada fica mais absolutamente convencida, a cada dia, da necessidade de recuperar sua carta. Mas isso, por certo, não se pode fazer abertamente. Em suma, levada ao desespero, ela me confiou o assunto.

- E - disse Dupin, no meio de um perfeito redemoinho de fumaça - nenhum agente mais sagaz, eu suponho, se poderia desejar, ou sequer imaginar.

- Você me lisonjeia - respondeu o Prefeito -, mas é possível que se possa ter tido uma opinião assim.

- Está claro - eu disse -, como você observa, que a carta continua de posse do ministro; como está claro que é essa posse, e não qualquer emprego dela, que confere o poder. Com o emprego, vai-se o poder.

- É verdade - disse G. - e, com base nessa suposição, eu agi. Minha primeira preocupação foi realizar uma busca completa no palacete do ministro; e aí meu principal embaraço estava na

necessidade de fazer a busca sem o conhecimento dele. Acima de tudo, fui advertido do perigo que poderia resultar em dar a ele motivo para desconfiar de nossa intenção.

- Mas - eu disse - você está inteiramente ou foit nessas investigações. A polícia parisiense fez isso muitas vezes antes.

- Oh, sim, e por esse motivo não perdi a esperança. Os hábitos do ministro me deram, também, uma grande vantagem. Ele se ausenta freqüentemente de casa a noite toda. Seus criados não são de modo algum numerosos. Dormem longe dos aposentos do amo, e, sendo sobretudo napolitanos, deixam-se embebedar com facilidade. Eu tenho chaves, como vocês sabem, com as quais posso abrir qualquer câmara ou gabinete em Paris. Durante três meses, não se passou uma noite cuja maior parte eu não tenha empregado pessoalmente em revirar o palacete de D**. Minha honra está envolvida, e, para mencionar um grande segredo, a recompensa é enorme. Assim, não abandonei a busca enquanto não fiquei plenamente convencido de que o ladrão é um homem mais astucioso que eu. Imagino ter investigado todo canto e recanto dos aposentos nos quais é possível haver-se escondido o documento.

- Mas não é possível - sugeri - que embora a carta possa estar na posse do ministro, como inquestionavelmente está, ele a tenha escondido em outro lugar que não seus próprios aposentos?

- Isso dificilmente é possível - disse Dupin. - A atual condição peculiar dos assuntos na corte, e sobretudo dessas intrigas nas quais se sabe que D** está envolvido, tornariam

a pronta disponibilidade do documento ... a susceptibilidade. de ser apresentado na hora ... uma questão quase tão importante quanto a posse.

- A susceptibilidade de ser apresentado - eu disse.

- Quer dizer, de ser destruído - disse Dupin.

- É verdade - observei; - o documento encontra-se claramente, pois, nos aposentos. Quanto a estar na pessoa do ministro, podemos considerar isso fora de questão.

- Inteiramente - disse o Prefeito. - Ele foi duas vezes emboscado, por falsos assaltantes, e sofreu rigorosa revista, sob minha inspeção pessoal.

- Você podia ter-se poupado esse trabalho - disse Dupin. - D**, eu presumo, não é inteiramente idiota, e, se não é, deve ter previsto essas emboscadas como coisa certa.

- Não é inteiramente idiota - disse G. - Mas também é poeta, o que para mim está a apenas um passo do idiota.

- É verdade - disse Dupin, após uma longa e pensativa baforada no meerscham - , embora eu mesmo tenha sido culpado de alguns versos capengas.

- Que tal detalhar - eu disse - os pormenores de sua busca?

- Bem, na verdade, não tivemos pressa, e vasculhamos tudo. Eu tenho longa experiência nessas coisas. Revistei o prédio todo, aposento por aposento; dedicando as noites de toda uma semana a cada um. Examinamos, primeiro, os móveis de cada aposento. Abrimos toda gaveta possível; e suponho que, para um agente da polícia corretamente treinado, é impossível haver gaveta "secreta". Qualquer homem que deixa escapar-lhe uma gaveta "secreta", numa busca desse tipo, não passa de um parvo. A coisa é muito clara. Há uma certa quantidade de volume ... de espaço em cada gabinete. Depois, temos regras precisas. Não nos escapa nem a quinta parte de uma linha. Depois dos gabinetes, pegamos as cadeiras. As almofadas foram sondadas com as finas e longas agulhas que vocês me viram usar. Tiramos os tampos das mesas.

- Por quê?

- Às vezes, o tampo de uma mesa, ou de outro móvel semelhante, é retirado pela pessoa que deseja esconder um objeto; depois, escava-se a perna, deposita-se o objeto na cavidade e repõe-se o tampo. Os pés e topos das colunas de camas são usados do mesmo jeito.

- Mas a cavidade não pode ser detectada batendo-se? - perguntei.

- De jeito nenhum, se, quando se deposita o objeto, coloca-se em torno dele uma camada suficiente de algodão. Além disso, em nosso caso, éramos obrigados a agir sem fazer barulho.

- Mas vocês não poderiam ter retirado... não podiam desmontar todos os móveis nos quais seria possível guardar alguma coisa do jeito que explicou. Pode-se comprimir uma carta num fino rolo em espiral, de forma e volume não muito diferentes de uma grande agulha de tricô, e assim ela pode ser enfiada na travessa de uma cadeira, por exemplo. Vocês não desmontaram todas as cadeiras?

- Certamente que não; mas fizemos melhor ainda. .. examinamos as travessas de todas as cadeiras do palacete, e, na verdade, as juntas de todos os tipos de móvel, com a ajuda de um potentíssimo microscópio. Se houvesse algum vestígio de interferência recente, não deixaríamos de detectar na mesma hora. Um único cisco de pó de verruma, por exemplo, seria tão óbvio quanto uma maçã. Qualquer desordem na cola... uma fenda incomum nas juntas. .. bastaria para assegurar detecção.

- Suponho que tenham olhado nos espelhos, entre as tábuas e as lâminas, e revistado as camas e roupas de cama, assim como as cortinas e tapetes.

- Por certo; e quando acabamos de verificar assim, absolutamente, cada partícula de móvel, examinamos a própria casa. Dividimos toda a superfície em compartimentos, que numeramos, para que nenhum ficasse de fora; depois investigamos cada polegada quadrada em todos os aposentos, incluindo as duas casas imediatamente vizinhas, com o microscópio, como antes.

- As duas casas vizinhas! - exclamei; - devem ter tido muito trabalho.

- Tivemos; mas a recompensa oferecida é prodigiosa.

- Você inclui os terrenos em volta das casas?

- Todos os terrenos são calçados com tijolos. Deram-nos relativamente pouco trabalho. Examinamos o musgo entre os tijolos, e o encontramos intocado.

- Olharam entre os papéis de D**, claro, e entre os livros da biblioteca?

- Certamente; abrimos cada pacote e embrulho; não apenas abrimos cada livro, mas passamos cada página de cada volume, não nos satisfazendo com uma mera sacudida, como é moda entre alguns de nossos policiais. Também medimos a grossura de cada capa de livro, com a mais rigorosa medição, e aplicamos a cada um o mais zeloso escrutínio do microscópio. Se houvessem mexido recentemente em qualquer uma das encadernações, seria absolutamente impossível o fato escapar à nossa observação. Examinamos cuidadosamente uns cinco ou seis volumes recém-saídos das mãos do encadernador, no sentido longitudinal, com as agulhas.

- Examinaram os pisos embaixo dos tapetes?

- Sim.

- Olharam nas adegas?

- Olhamos.

- Então - eu disse - cometeu um erro de cálculo, e a carta não está nos aposentos, como você supõe.

- Receio que você tenha razão nesse ponto - disse o Prefeito. - E agora, Dupin, que me aconselharia a fazer?

- Uma revista completa dos aposentos.

- Isso é absolutamente desnecessário - respondeu G**. - Estou tão certo de que a carta não está no palacete quanto estou de que respiro.

- Eu não tenho melhor conselho a dar-lhe -- disse Dupin. - Você tem, por certo, uma descrição precisa da carta?

-- Oh, sim!

E nesse ponto o Prefeito, pegando uma caderneta de notas, passou a ler em voz alta uma minuciosa descrição da aparência interna, e sobretudo externa, do documento desaparecido. Logo após acabar, despediu-se, de espírito mais inteiramente deprimido do que eu já vira antes o bom cavalheiro.

Cerca de um mês depois, ele nos fez outra visita, e encontrou-nos quase na mesmíssima ocupação de antes. Pegou um cachimbo e uma cadeira e iniciou uma conversa comum. Finalmente, eu disse:

- Bem, mas, G., e a carta furtada? Suponho que se haja finalmente convencido de que não se pode passar por cima do ministro.

- Maldito seja ele, é o que eu digo. .. sim; mas fiz o reexame, como sugeriu Dupin. .. e foi trabalho perdido, como eu sabia que seria.

- Quanto era mesmo a recompensa oferecida? - perguntou Dupin.

- Bem, muita coisa... uma recompensa bastante liberal ... não me agrada dizer quanto, exatamente; mas uma coisa eu digo: não me importaria dar um cheque pessoal de cinqüenta mil francos a qualquer um que conseguisse a carta. A verdade é que se torna cada vez mais importante, a cada dia que passa; e a recompensa foi há pouco dobrada. Mesmo que fosse triplicada, porém, eu não poderia fazer mais do que já fiz.

- Bem, sim - disse Dupin, a voz arrastada, entre as baforadas do meerschaum. -Eu na verdade penso, G., que você não se esforçou... ao máximo. Poderia... fazer um pouco mais, hem? - puf, puf, puf - Lembra-se da história que contam de Abernethy?

- Não; ao diabo com Abernethy!

- Por certo! Ao diabo com ele, e muito obrigado. Mas, um dia, um certo avarento rico concebeu o plano de conseguir de graça uma consulta médica desse tal Abernethy. Entrando, para esse fim, numa conversa comum, num grupo, insinuou seu caso ao médico, como se fosse de uma pessoa imaginária:

"Vamos supor" - disse o avarento - "que os sintomas dele sejam tais e tais; agora, doutor, o que você o orientaria a tomar?"

"Tomar!"- disse Abernethy. - "Ora, tomar uma consulta, por certo."

- Mas - disse o Prefeito, um tanto desconcertado - eu estou inteiramente disposto a fazer a consulta, e a pagar por ela. Daria realmente cinqüenta mil francos a qualquer um que me ajudasse nessa questão.

- Neste caso - respondeu Dupin, abrindo uma gaveta - é melhor me encher um cheque na quantia mencionada. Depois que assinar, eu lhe entrego a carta.

Eu fiquei pasmo. O Prefeito pareceu absolutamente fulminado. Durante alguns minutos, quedou-se sem fala e imóvel, olhando incrédulo o meu amigo, boquiaberto, os olhos a ponto de saltar das órbitas; depois, aparentemente recuperando-se, pegou uma caneta, e após várias pausas e olhares vagos, acabou por preencher e assinar um cheque de cinqüenta mil francos, e entregou-o a Dupin por cima da mesa. Este examinou-o cuidadosamente e guardou-o em sua carteira; então, abrindo um escritorio, de lá tirou uma carta e entregou-a ao Prefeito. O funcionário agarrou-a com uma alegria agoniada, abriu-a com mão trêmula, lançou uma rápida olhada ao seu conteúdo, e então, correndo às tontas para a porta, acabou por sair sem cerimônia da sala e da casa, sem ter dito uma única sílaba desde que Dupin lhe pedira para encher o cheque.

Depois que ele se foi, meu amigo deu algumas explicações.

- A polícia parisiense - disse - é muitíssimo capaz à sua maneira. Eles são perseverantes, engenhosos, astutos, e inteiramente versados no conhecimento que suas obrigações parecem exigir em especial. Assim, quando G*** nos detalhou seu modo de vasculhar os aposentos do palacete de D**, confiei inteiramente em que fizera uma investigação satisfatória... até onde alcançavam seus esforços.

- Até onde alcançavam seus esforços? - perguntei.

- Sim - disse Dupin. - As medidas adotadas eram não apenas as melhores do gênero, mas executadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse guardada ao alcance da busca, esses camaradas a haveriam, sem a menor dúvida, encontrado.

Eu simplesmente ri - mas ele parecia bastante sério em tudo que dizia.

- As medidas, pois - continuou -, foram boas no seu gênero, e bem executadas; a falha estava em serem inadaptáveis ao caso e ao homem. Um certo conjunto de recursos muitíssimo engenhosos é, para o Prefeito, uma espécie de leito de Procrusto, ao qual ele, à força, adapta seus planos. Mas erra perpetuamente por ser demasiado profundo ou demasiado raso para o caso em questão; e muito colegial raciocina melhor que ele. Eu conheço um, de cerca de oito anos, cujo sucesso no jogo de "par ou ímpar" atraiu atenção universal. Esse jogo é simples, e joga-se com bolas de gude. Um dos jogadores segura na mão fechada um certo número desses brinquedos e pergunta ao outro se esse número é par ou ímpar. Se o palpite estiver certo, o que responde ganha uma; se errado, perde uma. O menino a que me refiro ganhou todas as bolas de gude da escola. Por certo que tinha um princípio para adivinhar; e este estava na simples observação e medição da astúcia do adversário. Por exemplo, ele tem um gritante bobão como adversário, e este, estendendo a mão fechada, pergunta: "Par ou ímpar?" Nosso colegial responde: "Ímpar", e perde; mas na segunda tentativa ganha, pois então diz a si mesmo: "O bobão tinha par na primeira tentativa, e sua astúcia só lhe chega para fazê-lo ter ímpar na segunda; portanto, vou dizer ímpar"; diz ímpar, e ganha. Ora, com um bobão um grau acima do primeiro, ele haveria raciocinado da seguinte maneira: "Esse sujeito acha que no primeiro caso eu disse ímpar, e no segundo proporá para si mesmo, no primeiro impulso, uma simples variação de par para ímpar, como fez o primeiro bobão; mas então um segundo pensamento sugerirá que se trata de uma variação simples demais, e por fim ele decidirá pelo par como antes. Eu portanto vou dizer par"; diz par, e ganha. Ora, esse modo de raciocinar do colegial, que seus camaradas chamaram de "sorte"... que é, em última análise?

- É simplesmente - eu disse - uma identificação do intelecto do que raciocina com o do seu adversário.

- É - disse Dupin; - e, ao perguntar ao menino por quais meios fazia a completa identificação em que consistia seu sucesso, recebi a seguinte resposta: "Quando eu desejo descobrir até onde qualquer um é sábio, ou estúpido, ou bom, ou mau, ou quais são os pensamentos dele no momento, formo a expressão do meu rosto, com toda a precisão possível, de acordo com a dele, e então espero para ver que pensamentos ou sentimentos surgem em minha mente ou coração, combinando com a expressão ou correspondendo a ela." Essa resposta do colegial está no fundo de toda a espúria profundidade atribuída a Rochefocault, a La Bougive, a Maquiavel e a Campanella.

- E a identificação - eu disse - do intelecto do raciocinador com o do adversário depende, se o entendi direito, da precisão com que é medido o intelecto do adversário.

- Para seu valor prático, depende disso - respondeu Dupin; - e o Prefeito e sua corte falham com tanta freqüência, primeiro, por não terem essa identificação, e, segundo, por má medição, ou melhor, por não-medição, do intelecto com que estão a braços. Levam em conta apenas suas próprias idéias de engenhosidade; e, ao buscarem qualquer coisa escondida, percebem apenas os modos como eles a haveriam escondido. Têm razão até ai.. . em que sua engenhosidade é uma fiel representante daquela da massa; mas quando a astúcia do criminoso individual tem um caráter diferente da deles, o criminoso os frustra, por certo. Isso sempre acontece quando ela está acima da deles, e com muita freqüência quando está abaixo. Eles não variam de principio em sua investigação; na melhor das hipóteses, quando instigados por alguma emergência... uma recompensa extraordinária ... ampliam ou exageram os velhos modos de sua prática, sem tocar nos princípios. Que se fez, por exemplo, nesse caso de D**, para variar o principio de ação? Que significa todo esse furar, sondar e bater, e examinar com o microscópio, e dividir a superfície do prédio em polegadas quadradas numeradas. .. que significa todo esse exagero de aplicação de um princípio ou conjunto de princípios de busca, baseados no único conjunto de idéias sobre a engenhosidade

humana ao qual o Prefeito, na longa rotina de seu dever, se acostumou? Não vê você que ele tomou como certo que todos os homens escondem uma carta, se não exatamente num buraco feito por verruma numa perna de cadeira, pelo menos em algum buraco ou canto discreto sugerido pelo mesmo teor de pensamento que levaria um homem a esconder uma carta num buraco de verruma na perna de uma cadeira? E não vê também que tais recantos recherchés para se esconder alguma coisa se adaptam apenas a ocasiões comuns, e só seriam adotados por intelectos comuns; pois, em todos esses casos, a ocultação do objeto... a ocultação desse modo recherché... é, logo na primeira ocasião, presumível e presumida; e assim, sua descoberta não depende de modo algum de acume, mas inteiramente do simples cuidado, paciência e determinação de quem procura; e quando o caso é importante ... ou, o que equivale à mesma coisa a olhos políticos, quando a recompensa é grande. .. jamais se soube que as qualidades em questão falhassem. Você compreenderá agora o que eu quis dizer ao sugerir que, se a carta furtada estivesse escondida em qualquer lugar dentro dos limites da investigação do Prefeito. .. em outras palavras, se o principio da ocultação estivesse compreendido dentro dos principios do Prefeito ... sua descoberta teria sido uma questão inteiramente fora de dúvida. Esse funcionário, porém, foi inteiramente confundido; e o motivo remoto de sua derrota está na suposição de que o ministro é um idiota, porque adquiriu fama como poeta. Todos os idiotas são poetas; isso o Prefeito sente; e é culpado apenas de non distributio medii ao deduzir daí que todos os poetas são idiotas.

- Mas esse é mesmo o poeta? - perguntei. - São dois irmãos, eu sei; e os dois ganharam reputação nas letras. Creio que o ministro escreveu doura mente sobre Cálculo Diferencial. É matemático, não poeta.

- Você está enganado; eu o conheço bem; é as duas coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como simples matemático, não poderia ter raciocinado de forma alguma, e assim estaria à mercê do Prefeito.

- Você me surpreende - eu disse - com essas opiniões, que foram contraditas pela voz do mundo. Não pretende reduzir a nada a bem digerida idéia de séculos. O raciocínio matemático há muito é encarado como o raciocínio par excellence.

- "Il y a à parier" - respondeu Dupin, citando Chamfort - "que toute idée publique, toute convention reçoit, est une sottise, car elle a convenue ou plus grand nombre^{11}." Os matemáticos, eu lhe garanto, fizeram o melhor possível para promulgar o erro popular a que você alude, e que não é menos erro por ser promulgado como verdade. Com uma arte digna de melhor causa, por exemplo, eles insinuaram o termo "análise" aplicado à álgebra. Os franceses são os criadores desse logro em particular; mas se um termo tem alguma importância... se as palavras derivam algum valor da aplicabilidade. .. "análise" tem o sentido de "álgebra" mais ou menos como, em latim, "ambitus" sugere "ambição", "religio", "religião" ou "homines honesti", um grupo de "homens honrados".

- Vejo que você tem uma briga próxima - eu disse - com alguns dos algebristas de Paris; mas continue.

- Eu contesto a existência, e portanto o valor, desse raciocínio cultivado em qualquer forma especial que não a lógica abstrata. Contesto, em particular, o raciocínio desenvolvido pelo estudo matemático. As matemáticas são a ciência da forma e quantidade; o raciocínio matemático é apenas lógica aplicada à observação de forma e quantidade. O grande erro está em supor que mesmo as verdades do que se chama álgebra pura são verdades abstratas ou gerais. E esse erro é tão flagrante que me confunde a universalidade com a qual é recebido. Os axiomas matemáticos não são axiomas de verdade geral. O que é verdade sobre a relação... de forma e quantidade... é muitas vezes grosseiramente falso em moral, por exemplo. Nesta última ciência, muitas vezes não é verdade que as partes somadas sejam iguais ao todo. Também em química, falha o axioma. Falha na consideração de motivo; pois dois motivos, cada um de um determinado valor, não têm necessariamente, quando unidos, um valor igual à soma de seus valores separados. Muitas outras verdades matemáticas só são

verdades dentro dos limites da relação. Mas o matemático argumenta a partir dessas verdades finitas, por hábito, como se elas fossem de uma aplicabilidade absolutamente geral. .. como o mundo na verdade imagina que sejam. Bryant, em seu doutíssimo "Mitologia", fala de um motivo análogo de erro, quando diz que "embora não se acredite nas fábulas pagãs, esquecemos disso continuamente e fazemos deduções a partir delas como de realidades existentes". Com os algebristas, porém, eles próprios pagãos, as "fábulas pagãs" são acreditadas, e as deduções feitas, não tanto por lapso de memória quanto por uma inexplicável confusão do cérebro. Em suma, eu jamais encontrei o simples matemático em que se pudesse confiar fora das raízes quadradas, ou que não mantivesse à socapa, como questão de fé, que $x^2 + px$ era absolutamente e incondicionalmente igual a q . Diga a um desses cavalheiros, à guisa de experiência, por favor, que acredita em que podem ocorrer ocasiões em que $x^2 + px$ não é inteiramente igual a q , e, tendo-o feito entender o que você está dizendo, saia do alcance dele tão rápido quanto for conveniente, pois, sem sombra de dúvida, ele irá tentar mandá-lo ao chão.

- O que pretendo dizer - continuou Dupin, enquanto eu apenas ria de suas observações - é que se o ministro fosse apenas um matemático, o Prefeito não teria nenhuma necessidade de me dar esse cheque. Eu o conhecia, porém, como matemático e poeta, e adaptei minhas medidas à sua capacidade, com referência às circunstâncias que o cercavam. Conhecia-o como cortesão também, e como um ousado intrigant. Um homem desses, pensei, não podia deixar de saber dos modos de ação policiais comuns. Não podia deixar de prever - e os fatos provaram que ele não deixou de prever - as emboscadas às quais estava sujeito. Deve ter previsto, refleti, as investigações secretas de seus aposentos. Suas freqüentes ausências de casa à noite, saudadas pelo Prefeito como ajudas certas ao seu sucesso, eu as vi apenas como ruses, para dar oportunidade à busca completa pela policia, e assim impor-lhe mais cedo a convicção a que G., na verdade, finalmente chegou - a convicção de que a carta não estava nos aposentos. Senti, também,

que todo esse trem de pensamento, que acabei de ter algum trabalho para detalhar-lhe, sobre o invariável principio de ação policial em buscas de objetos escondidos - senti que todo esse trem de pensamento passaria por força pela mente do ministro. Levá-lo ia imperativamente a desprezar todos os recantos comuns de ocultação. Ele não podia, refleti, ser fraco a ponto de não ver que o lugar mais complexo e remoto de seu palacete seria tão exposto como seus mais comuns armários aos olhos, às sondagens, às verrumas e aos microscópios do Prefeito. Vi, em suma, que ele seria levado, de maneira natural, à simplicidade, se não deliberadamente induzido a ela por uma questão de escolha. Você se lembrará, talvez, como o Prefeito riu desesperado quando eu sugeri, em nossa primeira entrevista, a possibilidade de que esse mistério o perturbasse tanto por ser tão evidente.

- Sim - eu disse -, eu me lembro bem do riso dele. Na verdade, pensei que ia entrar em convulsões.

- O mundo material - continuou Dupin - abunda em analogias muito estritas com o imaterial; e assim, deu-se alguma cor de verdade ao dogma retórico de que se pode fazer com que a metáfora, ou simile, fortaleça um argumento, além de embelezar uma descrição. O principio da vis inertia, por exemplo, parece idêntico na fisica e na metafisica. Não é mais verdade, na primeira, que se põe em movimento com mais dificuldade um corpo maior que um menor, e que seu momentum posterior é proporcional a essa dificuldade, do que o é, na segunda, que os intellectos de maior capacidade, apesar de mais fortes, mais constantes e mais ricos em seus movimentos que os de grau inferior, movem-se, apesar disso, com menos presteza e muito hesitantes nos primeiros passos de seu avanço. Mais uma vez: já notou quais são os letreiros de rua, acima das portas das lojas, que mais chamam atenção?

- Nunca pensei no assunto - eu disse.

- Há um jogo de quebra-cabeça - ele retomou - que se joga sobre um mapa. Um grupo exige do outro que descubra uma determinada palavra... nome de cidade, rio, estado ou império. .. qualquer palavra, em suma, na variegada e complexa superficie do

mapa. O noviço no jogo em geral busca embaraçar os adversários dando-lhes os nomes de letras mais miúdas; mas os bons escolhem palavras que se estendem, em letras grandes, de uma ponta a outra do mapa. Estas, como os letreiros e tabuletas enormes da rua, escapam à observação por serem demasiado óbvias; e, nesse caso, o descuido físico é exatamente análogo à inapreensibilidade moral pela qual o intelecto deixa passar despercebidas as considerações demasiado intrusas e de uma evidência demasiado palpável. Mas esse parece ser um ponto um tanto acima da compreensão do Prefeito. Ele jamais julgou provável, ou possível, que o ministro houvesse guardado a carta imediatamente debaixo do nariz de todo o mundo, para melhor impedir que qualquer parte desse mundo a percebesse.

"Mas quanto mais eu refletia sobre essa ousada, impetuosa e atilada engenhosidade de D***; sobre o fato de que o documento devia estar sempre à mão, se ele pretendia dar-lhe bom emprego; e sobre a prova decisiva, obtida pelo Prefeito, de que não estava dentro dos limites da busca comum daquele dignitário - mais convencido fiquei de que, para esconder a carta, o ministro recorrera ao compreensivo e sagaz recurso de não escondê-la de modo algum.

"Cheio dessas idéias, preparei-me com uns óculos verdes e visitei uma bela manhã, inteiramente por acaso, o palacete ministerial. Encontrei D*** em casa, bocejando, se espreguiçando e mandriando como sempre, e fingindo achar-se no extremo do ennuí. Ele é, talvez, o ser humano mais ativo hoje vivo - mas isso quando ninguém o vê.

"Para me equiparar com ele, queixei-me dos olhos fracos, e lamentei a necessidade dos óculos, protegido pelos quais examinei cuidadosa e completamente todo o aposento, enquanto parecia atento apenas à conversa de meu anfitrião.

"Prestei especial atenção a uma grande escrivaninha perto da qual ele se sentava, e na qual se achava confusamente uma miscelânea de cartas e outros papéis, com um ou dois instrumentos

musicais e alguns livros. Ali, porém, após um exame demorado e muito deliberado, nada vi que despertasse particular suspeita.

"Finalmente meus olhos, fazendo o circuito da sala, caíram num escaninho de cartões de visita com filigranas vulgares, de papelão, pendurado a balançar, com uma fita azul suja, de uma pequena maçaneta de latão na parte inferior da pedra da lareira. Naquele escaninho, que tinha três ou quatro compartimentos, havia cinco ou seis cartões de visita e uma única carta, muito suja e amassada. Estava quase rasgada em duas, no meio - como se um desejo, num primeiro momento, de rasgá-la inteiramente como imprestável houvesse sido alterado, ou detido, no segundo. Tinha um grande lacre negro, com o sinete de D*** muito conspícuo, e era endereçada, numa diminuta letra feminina, a D***, o próprio ministro. Fora enfiada descuidadamente, e até mesmo, parecia, descuidadamente, numa das divisões de cima do escaninho.

"Tão logo vi essa carta, conclui que era a que eu buscava. Decerto, era, segundo todas as aparências, radicalmente diferente daquela da qual o Prefeito nos lera uma tão minuciosa descrição. Naquela, o lacre era grande e negro, com o sinete de D***; na outra, era pequena e vermelha, com as armas ducais da família S***. Naquela, o endereço do ministro era diminuto e feminino; na outra, o sobrescrito, para uma certa personagem real, era acentuadamente ousado e decidido; só o tamanho correspondia. Mas, então, a radicalidade dessas diferenças, que era excessiva; a sujeira; a condição emporcalhada e rasgada do papel, tão inconsistente com os verdadeiros hábitos metódicos de D***, e tão sugestiva da intenção de iludir quem olhasse, dando-lhe uma idéia da falta de valor do documento; - essas coisas, com a situação demasiado visível do documento, bem à vista de cada visitante, e assim exatamente de acordo com as conclusões a que eu chegara antes; essas coisas, digo, corroboravam com muita força a suspeita em alguém que ali fora com a intenção de suspeitar.

"Prolonguei a visita o máximo possível, e, quando tinha uma animadíssima discussão com o ministro, sobre um assunto que eu sabia jamais deixar de interessá-lo e excitá-lo, mantinha a atenção

grudada na carta. Nesse exame, memorizei sua aparência externa e posição no escaninho; e também acabei por fazer uma descoberta que tranqüilizou qualquer dúvida trivial que eu alimentasse. Ao examinar as bordas do papel, vi que estavam mais puídas do que parecia necessário. Apresentavam aquela aparência vincada que se vê quando um papel rígido, depois de dobrado e apertado com uma dobradeira, é redobrado no sentido contrário, nas mesmas arestas ou bordas que formavam a dobra original. Essa descoberta bastava. Estava claro para mim que a carta fora virada, como uma luva, pelo avesso, reendereçada e lacrada. Desejei bom dia ao ministro e parti logo, deixando uma tabaqueira de ouro sobre a mesa.

"Na manhã seguinte, passei para pegar a tabaqueira, e retomamos, muito a sério, a conversa do dia anterior. Enquanto fazíamos isso, porém, ouviu-se um alto estampido, como de uma pistola, embaixo das janelas do palacete, sucedido por uma série de berros pavorosos e dos gritos de uma multidão aterrorizada. D** correu à janela, abriu-a e olhou para fora. Nesse meio tempo, eu me encaminhei para o escaninho, peguei a carta, guardei-a no bolso e substituí-a por um fac-símile (no aspecto externo) que preparara com todo cuidado em meus aposentos - imitando o sinete de D**, com muita facilidade, com um sinete feito de pão.

"A perturbação na rua fora causada pelo frenético comportamento de um homem com um mosquete. Ele o disparara entre uma multidão de mulheres e crianças. Revelou-se, porém, que não tinha bala, e deixaram o sujeito seguir seu caminho, como um lunático ou um bêbedo. Quando ele se foi, D** veio da janela, aonde eu o seguira imediatamente após obter o objeto em vista. Logo depois, despedi-me dele. O suposto lunático estava a meu soldo."

- Mas que objetivo tinha você - perguntei - ao substituir a carta por um fac-símile? Não teria sido melhor, na primeira visita, tê-la pegado abertamente e partido?

- D** - respondeu Dupin - é um homem desesperado, um homem de coragem. Seu palacete, também, não deixa de ter criados dedicados ao interesse dele. Houvesse eu feito a louca

tentativa que você sugere, talvez jamais saísse vivo da presença do ministro. A boa gente de Paris talvez não mais ouvisse falar de mim. Mas eu tinha um objetivo além dessas considerações. Você conhece minhas simpatias políticas. Nesse caso, estou agindo como partidário da senhora interessada. Durante um ano e meio, o ministro a teve em seu poder. Agora ela o tem no dela. .. uma vez que, não sabendo que a carta não está em sua posse, ele continuará com as extorsões como se estivesse. Assim, irá inevitavelmente empenhar-se, de uma vez, em própria sua destruição política. Sua queda, também, será tão precipitada como inábil. Está muito bem falar do *facilis descensus Avernus*; mas em todo tipo de subida, como disse Catalani do canto, é muito mais fácil subir do que descer. No presente caso, eu não tenho simpatia... pelo menos, piedade... por aquele que desce. Ele é aquele *monstrum horrendum*, um homem de gênio sem princípios. Confesso, porém, que gostaria muito de conhecer o caráter exato de seus pensamentos, quando, ao ser desafiado por aquela que o Prefeito qualifica como "uma certa personagem", se vir reduzido a abrir a carta que eu lhe deixei no escaninho de cartões.

- Como? Você escreveu alguma coisa em particular nela?

- Bem... não parecia muito direito deixar o interior em branco ... isso teria sido insultante. D***, certa vez em Viena, me fez passar um mau bocado, que eu disse, com bom humor, que ia lembrar. Assim, como sabia que ele ia sentir alguma curiosidade sobre a identidade da pessoa que lhe passara a perna, julguei uma pena não lhe dar uma pista. Ele conhece bem a minha letra, e eu simplesmente copiei no meio da folha em branco as palavras:

"Un dessein si funeste,

S'il n est digne d'Atrée, est digne de Thyeste^{12}"

Estão em Atrée, de Crébillon.

Tradução de Marcos Santarrita

53. TU ÉS O HOMEM

EDGAR ALLAN POE

Vou desempenhar agora o papel de Édipo para o enigma de Guizoburgo. Vou contar a vocês, como somente eu poderia contar, o segredo do intrincado mecanismo que tornou possível o milagre de Guizoburgo - o único, o verdadeiro, o reconhecido, o inquestionado e inquestionável milagre, que pôs fim, de uma vez por todas, à deslealdade entre os guizoburgueses e converteu aos costumes rígidos das nossas avós todo e qualquer libertino que já tivesse se atrevido a ser cético.

Esse acontecimento - que não me agradaria discutir num tom de inoportuna leviandade - ocorreu no verão de 18**. O Sr. Aparício Penagrande, um dos mais ricos e respeitáveis cidadãos do burgo, havia desaparecido há vários dias, em circunstâncias que davam margem a fortes suspeitas de um crime. O Sr. Penagrande tinha partido de Guizoburgo bem cedo, numa manhã de sábado, a cavalo, com a declarada intenção de ir até a cidade de **, a uns vinte quilômetros de distância, e voltar ainda naquela mesma noite. Porém duas horas depois da sua partida, o cavalo voltou sem ele e sem os alforjes que, na saída, lhe tinham sido amarrados ao lombo. O animal estava ferido e coberto de lama. Essas circunstâncias naturalmente causaram grande preocupação entre os amigos do desaparecido; e, na manhã de domingo, quando se verificou que ele ainda não tinha voltado, todo o burgo decidiu sair em massa e procurar o corpo.

O primeiro e mais enérgico na organização dessa busca foi o melhor amigo do Sr. Penagrande - um certo Carlos Boaventura, ou, como era por todos chamado, Carlinhos Boaventura, ou "seu" Carlinhos Boaventura. Ora, se é apenas uma incrível coincidência ou se é esse nome que exerce um sutil efeito sobre o caráter da pessoa, até hoje nunca fui capaz de dizer ao certo, mas o fato é inegável: jamais conheci um homem chamado Carlos que não fosse

um sujeito franco, viril, honesto, de boa índole e de peito aberto, dono de uma voz clara e sonora, que agrada aos ouvidos, e de um olhar que fita sempre direto nos olhos, como se dissesse: "Minha consciência está completamente limpa, não temo ninguém, e sou totalmente incapaz de praticar qualquer ação indigna ou mesquinha." E é assim que todos os figurantes sinceros e desinteressados, cavalheiros que enfeitam o palco com sua presença, muito provavelmente atendem pelo nome de Carlos.

Ora, "seu" Carlinhos Boaventura, embora estivesse em Guizoburgo há não mais que uns seis meses, se tanto, e embora ninguém soubesse nada a seu respeito antes de mudar-se para lá, não tinha encontrado a menor dificuldade em travar conhecimento com todas as pessoas respeitáveis do burgo. Não havia um desses cidadãos que não preferisse acreditar numa única palavra sua contra mil palavras de outro homem, em qualquer situação; e, quanto às mulheres, não havia no mundo favor que elas não lhe fizessem. E tudo isso vinha do simples fato de ter recebido o nome de Carlos no batismo e de possuir, por isso mesmo, aquele rosto franco que é, proverbialmente, "a melhor carta de recomendação".

Já disse que o Sr. Aparício Penagrande era um dos homens mais respeitáveis e, sem dúvida, o mais rico de Guizoburgo, e "seu" Carlinhos Boaventura era tão íntimo dele como se fosse seu próprio irmão. Os dois velhos senhores eram vizinhos e, embora o Sr. Penagrande quase nunca ou nunca visitasse "seu" Carlinhos, e embora nunca se tenha ouvido falar que tivesse feito alguma refeição em casa do amigo, ainda assim, isso não impedia que os dois fossem extremamente íntimos, conforme já observei, pois "seu" Carlinhos nunca deixava passar um dia sequer sem ir umas três ou quatro vezes ver como ia passando o seu vizinho, e muitas vezes acabava ficando para o café da manhã ou para o chá, e quase sempre para o jantar: e, quanto à quantidade de vinho consumida pelos dois grandes amigos a cada reunião, isso é coisa realmente difícil de se dizer com exatidão. A bebida preferida de "seu" Carlinhos era o Château-Margaux, e parecia fazer bem ao coração do Sr. Penagrande ver seu grande amigo entornar, goela abaixo, um copo

atrás do outro; de modo que, certo dia, quando o vinho já estava dentro e o juízo, como consequência natural, um tanto fora, disse ele ao seu companheiro, dando-lhe uns tapinhas nas costas:

- Vou lhe dizer uma coisa, Carlinhos, meu velho; você é, sem sombra de dúvida, (hic) o sujeito mais cordial que eu já encontrei em toda a minha vida, (hic) desde que vim para esse mundo. . . E já que você gosta tanto de entornar esse vinho, assim, (hic) desse jeito, (hic) eu juro, por tudo quanto é sagrado, (hic) que vou te dar uma caixa grande de Château-Margaux. Bem grande. De presente. Se não, quero cair morto neste instante! -O Sr. Penagrande tinha o triste hábito de jurar e praguejar, se bem que era raro ir além do "Quero cair morto neste instante!", "Que os demônios me levem!" ou "Que um raio caia na minha cabeça!" - Quero cair morto - disse ele -, se eu não mandar um pedido para a cidade, ainda hoje, de uma caixa tamanho-família, do melhor que há na praça, (hic) e te dou de presente... juro que vou pedir! (hic) E não precisa dizer nada agora, não: vou pedir, (hic) já disse, (hic) e ponto final. Pode esperar: um dia desses, (hic) vai chegar às suas mãos, (hic) um belo dia, (hic) quando você menos estiver esperando! - Menciono essa pequena amostra de generosidade por parte do Sr. Penagrande apenas para mostrar a vocês a profunda intimidade e entendimento que existia entre os dois amigos.

Pois bem, na manhã do domingo em questão, quando se tornou evidente que alguma coisa muito séria tinha acontecido ao Sr. Aparício Penagrande, não vi ninguém mais profundamente abalado que "seu" Carlinhos Boaventura. Quando ficou sabendo que o cavalo tinha voltado para casa sem o dono e sem os alforjes do dono, todo ensangüentado com um tiro de pistola, que lhe varou o peito de lado a lado, quase matando o pobre animal; quando soube disso tudo, ficou tão pálido como se o desaparecido Aparício fosse seu próprio irmão ou mesmo seu querido e amado pai, e tremia e se agitava todo, como se estivesse com um acesso de malária.

A princípio, a dor que tomou conta do seu coração foi tão forte que se viu incapaz de fazer o que quer que fosse ou mesmo pensar em algum plano de ação; de forma que, por um bom tempo, ele

procurou de todas as formas dissuadir os outros amigos do Sr. Penagrande de fazer alarde sobre o caso, achando melhor esperar mais um pouco -digamos, uma ou duas semanas, quem sabe um ou dois meses - para ver se alguma coisa acabava acontecendo ou se o próprio Aparicio não acabava aparecendo por si mesmo e explicando as razões que o tinham levado a mandar o cavalo na frente. Creio que vocês muitas vezes já puderam observar essa disposição para ganhar tempo ou para adiar as coisas nas pessoas que estão atravessando algum sofrimento profundo e doloroso. Suas faculdades mentais ficam como que entorpecidas, de forma que a pessoa passa a ter horror de qualquer coisa que se pareça com ação, e não quer saber de mais nada a não ser ficar deitada na cama, quieta, "tratando da ferida", como dizem os mais velhos, ou seja, ficar ruminando seu sofrimento.

E, de fato, o povo de Guizoburgo tinha em tão alta conta a sabedoria e o discernimento de "seu" Carlinhos, que a maioria das pessoas preferiu concordar com ele e não mexer no caso até ver se "acontecia alguma coisa", conforme as palavras daquele honesto cidadão, e acredito que, no fim das contas, essa teria sido a determinação de todos, não fosse a interferência suspeita do sobrinho do Sr. Penagrande, um rapaz de hábitos bastante dissolutos e, além do mais, dotado de um certo mau-caráter. Esse sobrinho, cujo nome era Penásio Penin, não queria saber de ouvir a voz da razão que falava em "ficar quieto", e insistia em iniciar imediatamente uma busca pelo "corpo do homem assassinado". Foi essa a expressão que ele utilizou; e o Sr. Boaventura, com grande perspicácia, observou, na ocasião, que se tratava de "uma expressão muito curiosa, para não dizer outra coisa". Também essa observação de "seu" Carlinhos teve grande efeito sobre o grupo, e ouviu-se alguém perguntar, de maneira incisiva, "como é que o jovem Sr. Penásio Penin era tão profundo conhecedor de todas as circunstâncias ligadas ao desaparecimento do seu rico tio Aparicio a ponto de se sentir autorizado a afirmar, com toda a clareza e com tanta certeza, que o tio era 'um homem assassinado'". Nisto, ocorreram bate-bocas e troca de indiretas entre várias pessoas do

grupo, especialmente entre "seu" Carlinhos e o Sr. Penásio Penin - se bem que isso não fosse de forma alguma uma novidade, pois, nos últimos três ou quatro meses, já não havia nenhum bom sentimento entre os dois, e as coisas tinham, inclusive, chegado ao ponto de o Sr. Penásio Penin efetivamente derrubar o amigo do tio com um soco por conta de um suposto excesso de liberdade que este teria tomado na casa do tio Aparicio, onde o sobrinho morava. Conta-se que nessa ocasião "seu" Carlinhos portou-se com uma moderação e uma caridade cristã exemplares. Levantou-se, depois de receber o murro, ajeitou as roupas, e não fez a menor tentativa de reagir, murmurando apenas alguma coisa como "vingar-se sumariamente na primeira oportunidade" - uma explosão de raiva mais que natural e inteiramente justificável, que, entretanto, não queria dizer nada, e, sem dúvida, foi dita e esquecida no mesmo instante.

Fosse como fosse o caso (que aliás não diz respeito ao assunto agora em questão), o certo é que o povo de Guizoburgo, principalmente em virtude da persuasão do Sr. Penásio Penin, decidiu, afinal, dispersar-se por toda a região em busca do desaparecido Aparicio. Diria que chegaram a essa decisão logo de saída. Depois que ficou bem resolvido que a busca deveria ser feita, considerou-se como que natural que os batedores deveriam se dispersar - ou seja, dividir-se em grupos menores - para um exame mais cuidadoso de toda a região. Não me recordo, porém, qual o engenhoso raciocínio utilizado por "seu" Carlinhos para convencer o povo de que aquele era, na realidade, o mais disparatado plano que se poderia pôr em prática. Mas de fato convenceu a todos - todos, exceto o Sr. Penásio Penin; e, por fim, ficou combinado que se faria uma busca, cuidadosa e detalhada, com todos os habitantes do burgo juntos, e o próprio Carlinhos Boaventura à frente do grupo.

E, nesse ponto, não poderia haver um líder melhor do que "seu" Carlinhos, que todos sabiam ter olhos de lince; mas, muito embora ele os levasse a todos os recantos e barrancos possíveis e imagináveis, por caminhos que ninguém jamais havia sequer pensado que existissem naquela região, e embora a busca

prosseguisse dia e noite, sem cessar, por quase uma semana, ainda assim nenhuma pista do Sr. Penagrande pôde ser encontrada. Quando digo "nenhuma pista", porém, não se deve entender de forma literal, porque pista, até certo ponto, de fato existia. Tinham seguido o caminho feito pelo pobre homem através das marcas das ferraduras do seu cavalo (que eram características), até um determinado ponto situado a cerca de cinco quilômetros a leste do burgo, na estrada principal que levava à cidade. Ali, o rastro desviava para um atalho que atravessava um trecho da mata - caminho esse que dava novamente na estrada principal, diminuindo em cerca de oitocentos metros a distância normal. Seguindo o rastro das ferraduras o grupo chegou, finalmente, a uma grande poça de água estagnada, um charco meio oculto pela vegetação, à direita do atalho; do lado de lá do charco, qualquer vestígio de rastro sumia de vez. Parecia, porém, que uma luta ali havia sido travada, e que um corpo grande e pesado, muito maior e mais pesado que um homem, tinha sido arrastado do atalho para dentro do charco. Este foi cuidadosamente dragado, por duas vezes, mas não se encontrou nada. O grupo já estava a ponto de voltar para casa, desanimando de chegar a alguma coisa, quando a Providência Divina sugeriu ao Sr. Boaventura o expediente de drenar toda a água do charco por completo. O projeto foi recebido com muitos aplausos e altos elogios ao Sr. Boaventura por sua sagacidade e ponderação. Como muitos moradores tinham trazido pás, supondo que talvez pudessem ser chamados a desenterrar um cadáver, a drenagem foi fácil e rapidamente efetuada; e assim que o fundo se tornou visível, surgiu, bem em meio à lama que ainda restava, um colete preto de veludo que quase todos os presentes reconheceram de imediato como sendo de propriedade do Sr. Penásio Penin. Esse colete estava muito rasgado e manchado de sangue, e várias pessoas no grupo se lembravam muito bem de terem visto o dono usando o colete justamente naquela manhã em que o Sr. Aparício Penagrande partiu para a cidade enquanto outras havia que estavam prontas a testemunhar, sob juramento, se preciso fosse, que o Sr. P. P. não havia usado a peça em questão, em nenhum momento no restante daquele dia memorável; tampouco se pôde

achar alguém que afirmasse ter visto o colete na pessoa do Sr. P. P. em nenhum outro momento após o desaparecimento do Sr. Penagrande.

As coisas agora assumiam um aspecto muito sério para o Sr. Penásio Penin, e observou-se, como uma confirmação indubitável das suspeitas levantadas contra a sua pessoa, que ele ficou extremamente pálido e quando lhe perguntaram o que tinha a dizer em sua defesa, foi incapaz de proferir uma única palavra. Nisto, os poucos amigos que o seu modo de vida desregrado lhe havia deixado abandonaram-no no mesmo instante, todos, sem exceção, e mostraram-se até mesmo mais revoltados que os seus mais antigos e declarados inimigos, clamando por sua prisão imediata. Mas, por outro lado, a grandeza do Sr. Boaventura resplandeceu, ganhando, pelo contraste, o mais brilhante dos brilhos. Fez então uma defesa apaixonada e profundamente eloqüente do Sr. Penásio Penin, na qual aludiu mais de uma vez ao fato de já ter ele mesmo concedido o seu sincero perdão àquele jovem rebelde - "o herdeiro do grande Sr. Penagrande" - pelo insulto que ele (o rapaz) tinha, sem dúvida no calor do momento, julgado oportuno descarregar sobre ele (Sr. Boaventura). E o perdoava - dizia ele -, do fundo do coração; e, quanto a si mesmo (Sr. Boaventura), longe de levar a extremos as circunstâncias suspeitas, que, lamentava dizer, haviam realmente se levantado contra o Sr. Penásio Penin, ele (Sr. Boaventura) faria todo e qualquer esforço que estivesse ao seu alcance, usaria de toda a humilde eloqüência de que era dotado para ... para... para suavizar, tanto quanto lhe permitia a sua consciência, os piores aspectos desse caso tão desconcertante.

E assim o Sr. Boaventura prosseguiu, por mais uma meia hora, elevando ainda mais a reputação da sua cabeça e do seu coração. Mas as pessoas generosas raramente são coerentes em suas observações - elas tropeçam em toda sorte de enganos, contradições e despropósitos, na ânsia desenfreada de servir a um amigo em dificuldades -, de modo que, muitas vezes, com a melhor das intenções, acabam por prejudicá-lo muito mais do que ajudá-lo.

E foi o que sucedeu no presente caso, com toda a eloqüência de "seu" Carlinhos; pois embora se empenhasse ao máximo em defesa do suspeito, ainda assim o que aconteceu foi que, de uma forma ou de outra, cada sílaba por ele pronunciada, cujo objetivo direto não fosse o de exaltar o orador junto ao conceito do público, acabava tendo o efeito de intensificar ainda mais as suspeitas já ligadas ao indivíduo cuja causa ele advogava, e de despertar contra este a fúria da multidão.

Um dos erros mais inexplicáveis cometidos pelo orador foi aludir ao suspeito como sendo "o herdeiro do grande Sr. Penagrande". Realmente, o povo nunca tinha pensado nisso antes. Lembravam-se apenas de certas ameaças de deserdá-Ío, proferidas há um ou dois anos pelo tio (que não tinha nenhum parente vivo, exceto o sobrinho), e, portanto, sempre tinham encarado essa possibilidade como um assunto encerrado - tão pouco imaginativas eram as pessoas de Guizoburgo; mas a observação de "seu" Carlinhos levou-os imediatamente a considerar este ponto e perceber que talvez as ameaças tivessem sido nada mais que ameaças. E assim, no mesmo instante, ergueu-se a questão natural do cui bono? - questão que tendia, até mais do que o colete, a vincular o rapaz ao terrível crime.

E aqui, para evitar qualquer mal-entendido, permitam-me divagar por alguns instantes apenas para observar que essa expressão latina, tão breve e simples, que acabo de utilizar, é invariavelmente mal traduzida e mal interpretada. Cui bono?, em todos os romances de primeira grandeza, e em toda a parte - nos romances da Sra. Gore, por exemplo (autora de Cecift, uma dama capaz de fazer citações em todas as línguas, do caldaico ao chickasaw, e que é auxiliada em seu aprendizado, "sempre que necessário", por um plano sistemático de autoria do Sr. Beckford -, em todos os grandes romances, dizia eu, desde Bulwer e Dickens até Ainsworth e João da Silva, essas duas palavrinhas latinas, cui bono?, são traduzidas como "com que propósito?" ou (como se fosse quo bono?), "com que motivo?". Seu verdadeiro significado, no entanto, é "para benefício de quem?". Cui, de quem; bono,

benefício. É uma expressão puramente legal, aplicável precisamente a casos como este que temos agora em consideração, onde a probabilidade de alguém ser o autor do ato depende da probabilidade de que este ato beneficie este indivíduo ou aquele outro. Ora, no presente caso, a questão cui bono? implicava, com toda a clareza, o Sr. Penásio Penin. O tio o havia ameaçado, depois de fazer um testamento em seu favor, com a possibilidade de deserdá-lo. Mas a ameaça, na verdade, não foi cumprida; ao que tudo indicava, o testamento original não tinha sido alterado. Caso tivesse sido alterado, o único motivo provável para o crime, por parte do suspeito, teria sido o de sempre: desejo de vingança; e mesmo este acabaria neutralizado pela esperança de cair novamente nas boas graças do tio. Mas com o testamento inalterado, e a ameaça de alteração pairando sobre a cabeça do sobrinho, surgia, de imediato, o mais forte dos motivos para tal atrocidade; e foi essa a conclusão a que chegaram, com extrema sagacidade, os bravos cidadãos do burgo de Guizo.

E assim, como era de esperar, o Sr. Penásio Penin foi detido na mesma hora, e o grupo, depois de mais algumas buscas, pôs-se em direção ao burgo, levando-o prisioneiro. No caminho, porém, outra circunstância ocorreu que parecia confirmar as suspeitas já existentes. Viram o Sr. Boaventura, que com sua dedicação estava sempre um pouco à frente do grupo, dar, de repente, alguns passos apressados, agachar-se e apanhar na grama um pequeno objeto. Depois de examiná-lo rapidamente, fez como se tentasse mais ou menos esconder a coisa no bolso do paletó; mas esse gesto foi percebido, conforme já disse, e, conseqüentemente, evitado, ao mesmo tempo em que se verificava que o objeto apanhado no chão era um canivete espanhol que uma dúzia de pessoas imediatamente reconheceu como pertencendo ao Sr. Penásio Penin. Além do mais, as suas iniciais estavam gravadas no cabo. A lâmina do canivete estava aberta e toda ensangüentada.

Não restava a menor dúvida agora quanto à culpa do sobrinho, e assim que chegaram a Guizoburgo, Penásio Penin foi levado à presença do juiz para responder ao interrogatório.

Nesse ponto, as coisas, novamente, assumiram um aspecto extremamente desfavorável. Ao ser indagado quanto ao seu paradeiro na manhã do desaparecimento do Sr. Aparício Penagrande, o prisioneiro teve o desplante de confessar que, justamente naquela manhã, tinha saído com seu rifle para caçar veados, bem nos arredores do charco onde o colete manchado de sangue fora encontrado, graças à sagacidade do Sr. Boaventura.

Este, então, deu alguns passos à frente do grupo e, com lágrimas nos olhos, pediu permissão para depor. Disse que um profundo senso de dever para com o Criador, e não menos para com os seus semelhantes, não lhe permitia mais permanecer em silêncio. Até então, um afeto sincero por aquele rapaz (mesmo com todos os maus-tratos que este havia infligido a ele, Sr. Boaventura) o fizera levantar todas as hipóteses que a imaginação era capaz de sugerir para tentar explicar o que parecia suspeito nas circunstâncias que falavam tão alto contra o Sr. Penin; mas, agora, essas circunstâncias eram todas tão convincentes, tão condenatórias, que ele não hesitaria nem mais um segundo - iria contar tudo o que sabia, se bem que com esse esforço o seu coração (o do Sr. Boaventura) se partiria em mil pedaços. Pôs-se, então, a relatar que, na véspera da partida do Sr. Penagrande para a cidade, aquele ilustre cavalheiro havia mencionado ao sobrinho, na sua presença (dele, Sr. Boaventura), que o objetivo da sua ida à cidade na manhã seguinte era fazer um depósito de uma extraordinária soma em dinheiro no Banco da Lavoura e Comércio, e que, nessa mesma ocasião, o dito Sr. Penagrande comunicou claramente ao sobrinho a sua inapelável decisão de invalidar o testamento original e deixar o Sr. Penin depenado, sem um único tostão. Ele (a testemunha) fez, então, um apelo solene ao acusado para que este dissesse se aquilo que ele (testemunha) havia acabado de relatar era ou não a verdade, em todos os seus pormenores substanciais. Para grande espanto de todos os presentes, o Sr. Penásio Penin admitiu abertamente que aquilo tudo era verdade.

O juiz, então, achou que era de seu dever enviar dois policiais para dar uma busca nos aposentos do acusado, na casa de seu tio. E dessa busca voltaram, quase que imediatamente, com a conhecida carteira de couro vermelho com rebites de aço que o idoso cavalheiro levava consigo há anos. Os valores que continha, no entanto, tinham sido subtraídos, e o juiz tentou, em vão, arrancar do prisioneiro uma confissão dizendo que fim havia dado a esses valores ou onde estavam escondidos. Obstinadamente o rapaz negava saber qualquer coisa a esse respeito. Os policiais encontraram também, entre a cama e o saco de roupa suja do desafortunado jovem, uma camisa e um lenço de pescoço, bordados com suas iniciais, ambos horrendamente manchados com sangue da vítima.

Foi nesse momento crítico que alguém anunciou que o cavalo do morto tinha acabado de expirar na estrebaria, em consequência do ferimento que havia recebido, e foi proposto pelo Sr. Boaventura que se fizesse imediatamente uma autópsia do animal, com o objetivo, se possível, de encontrar a bala. E assim foi feito; e, como para demonstrar, acima de qualquer dúvida, a culpa do acusado, o Sr. Boaventura, depois de uma busca considerável na cavidade torácica do animal, conseguiu localizar e extrair um projétil de tamanho extraordinário, que, submetido a testes, provou ser exatamente ajustável ao rifle do Sr. Penásio Penin, e grande demais para a arma de qualquer outra pessoa do burgo ou dos arredores. Porém para tornar as coisas ainda mais certas, descobriu-se que aquela bala tinha uma ranhura em ângulo reto com a sutura normal, e, novamente examinada, essa ranhura correspondeu com total exatidão a uma aresta acidental, uma pequena elevação presente num par de moldes tirados de balas que o próprio acusado reconheceu como de sua propriedade. Com a descoberta daquela bala, o juiz recusou-se a ouvir qualquer outro testemunho e ordenou a prisão imediata do suspeito até o julgamento, negando-se termi-nantemente a aceitar qualquer fiança para o caso, muito embora o Sr. Boaventura, diante de tanta severidade, protestasse com a maior veemência e se oferecesse como fiador de qualquer

quantia que fosse estipulada. Toda essa generosidade por parte de "seu" Carlinhos Boaventura continuava de acordo com o teor geral da conduta bondosa e cavalheiresca que havia demonstrado durante todo o período de sua residência no burgo de Guizo. No caso presente, o bom homem foi de tal forma tomado pelo calor da sua compaixão, que parecia ter se esquecido por completo, quando se ofereceu como fiador do seu jovem amigo, de que ele próprio (Sr. Boaventura) não possuía um único centavo em propriedades na face da terra.

O resultado da ordem de prisão bem pode ser imaginado. O Sr. Penásio Penin, em meio a violentas execrações de todo Guizoburgo, foi levado a julgamento na primeira sessão de júri, quando o conjunto de provas circunstanciais (reforçado por alguns fatos condenatórios adicionais, que a sensível consciência do Sr. Boaventura proibiu que fossem ocultados do tribunal) foi considerado tão concreto e tão inteiramente conclusivo, que os membros do júri, sem sequer abandonar os assentos, deram de imediato o veredicto de "Culpado de assassinato em primeiro grau". Logo depois o pobre infeliz recebeu sentença de morte e foi devolvido à prisão local, para lá aguardar a inexorável vingança da Lei.

Nesse meio tempo, a nobre conduta de "seu" Carlinhos Boaventura o tinha feito duplamente estimado pelos honestos cidadãos do burgo. Tornou-se dez vezes mais o grande favorito de todos, e, como resultado natural da hospitalidade com que era tratado, relaxou, por força da situação, os hábitos extremamente parcimoniosos que a sua pobreza, até então, o tinha obrigado a observar, e, com muita freqüência, passou a oferecer pequenas reuniões em sua casa, onde a esportividade e a jovialidade reinavam supremas - esmorecendo um pouco, é claro, com a lembrança ocasional do desafortunado e melancólico destino que pairava ameaçador sobre o sobrinho do finado, o saudoso amigo do generoso anfitrião.

Um belo dia, esse pródigo cavalheiro viu-se agradavelmente surpreendido com o recebimento da seguinte carta:

*Cidade de —, 21 de junho de 18***

Excelentíssimo Sr. Carlos Boaventura:

*Prezado Senhor ***

Conforme pedido transmitido à nossa firma, há cerca de dois meses, por nosso estimado cliente, Sr. Aparício Penagrande, temos a honra de despachar esta manhã, para o seu endereço, uma caixa tamanho grande de Château-Margaux, marca antílope, selo violeta. Caixa numerada e marcada como indicado abaixo.

Sem mais. subscrevemo-nos, gratos pela preferência, lembrando a V.Sa. que nossos serviços encontram-se sempre ao seu inteiro dispor.

Atenciosamente.

BARROS, MATOS & CHARCOS Cia. Ltda.

P.S. - A caixa chegará de trem, um dia após o recebimento desta carta. Nossas lembranças ao Sr. Penagrande. BM&C Cia. Ltda.

Chat. Marg. A - N 1. -

6 dúz. gar. (1/2 Grossa)

De BM&C Cia. Ltda.

Para o Exmo. Sr. Carlos Boaventura. Guizoburgo.

O fato é que o Sr. Boaventura, desde a morte do Sr. Penagrande, havia perdido toda e qualquer esperança de algum dia vir a receber

o prometido Château-Margaux; e, por isso mesmo, encarou o fato que ocorria agora como uma espécie de dádiva especial da Providência Divina em seu favor. Ficou extremamente encantado, é claro, e, na exuberância de sua alegria, convidou um grande número de amigos para um "singelo jantar" no dia seguinte, com o propósito de abrir o presente do saudoso Aparício Penagrande. Não que dissesse alguma coisa a respeito do "saudoso Aparício Penagrande" ao fazer os convites. O fato é que ele pensou bastante e concluiu que era melhor não dizer absolutamente nada. Não mencionou nada a ninguém - se bem me recordo - quanto a ter recebido o Château-Margaux de presente. Apenas pediu a seus amigos que fossem a sua casa e o ajudassem a beber um vinho nobre, de excelente qualidade e agradável bouquet, que tinha mandado buscar na cidade há uns dois meses e que iria chegar no dia seguinte. Muitas vezes indaguei a mim mesmo por que foi que "seu" Carlinhos chegou à conclusão de que era melhor não revelar que tinha recebido o vinho de seu velho amigo, mas nunca pude entender exatamente a razão do seu silêncio, se bem que alguma razão, nobre e excelente, sem dúvida, ele deveria ter.

E o dia seguinte, enfim, chegou, e com ele um enorme grupo de pessoas, altamente respeitáveis, à casa do Sr. Boaventura. Na verdade, metade do burgo estava lá - eu mesmo entre os presentes -, mas, para grande embaraço do anfitrião, o Château-Margaux só chegou muito mais tarde, quando os convivas já tinham feito jus à suntuosa ceia oferecida por "seu" Carlinhos. Mas, finalmente, chegou - uma caixa imensa, diria até monstruosa -, e, como todo o grupo estivesse de muitíssimo bom humor, decidiu-se, por unanimidade, que a caixa seria colocada sobre a mesa e imediatamente destrinchada.

Dito e feito. Dei uma ajuda também, e em três tempos tínhamos a caixa sobre a mesa, em meio a todos os copos e garrafas, muitos dos quais acabaram se quebrando na confusão. "Seu" Carlinhos, já bastante embriagado, o rosto todo vermelho, sentou-se, então, num arremedo de dignidade, à cabeceira da mesa, e bateu

furiosamente sobre ela com uma garrafa vazia, convidando todos a manterem a ordem "durante a cerimônia do desenterro do tesouro".

Depois de algum tempo, o vozerio foi finalmente amainando, e, como quase sempre acontece nessas ocasiões, seguiu-se um silêncio profundo e extraordinário. Sendo então chamado a abrir a tampa, aceitei, é claro, "com imenso prazer". Inseti um formão e, dando-lhe algumas ligeiras marteladas, fiz a tampa da caixa saltar de repente e, no mesmo instante, junto com a tampa, levantar-se e ficar sentado, olhando direto para o anfitrião, o ferido, ensangüentado e quase apodrecido cadáver do Sr. Penagrande, o assassinado em carne e osso. Lá ficou ele por alguns segundos, com o olhar fixo e cheio de mágoa, os olhos mortos e sem brilho, fitando em cheio o rosto do Sr. Boaventura; e então pronunciou, devagar mas com grande clareza e sentimento, as palavras "Tu és o homem!" e, em seguida, caindo para o lado, como se estivesse inteiramente satisfeito, teve um estremecimento e ficou durinho, braços e pernas, esticado sobre a mesa.

Impossível descrever a cena que se seguiu. A correria para portas e janelas foi uma coisa do outro mundo, e muitos dos homens mais robustos da sala desmaiaram no mesmo instante, de puro pavor. Mas depois da primeira explosão de terror, com gritos e berros desenfreados, todos os olhares se voltaram para o Sr. Boaventura. Mesmo que viva mil anos, jamais esquecerei a mais que mortal agonia que se estampou naquele seu rosto fantasmagórico, antes tão rubro de vinho e de triunfo. Durante vários minutos permaneceu sentado, rígido como uma estátua de mármore; seus olhos, tão vago era o seu olhar, pareciam ter se voltado para dentro, absortos na contemplação da sua própria alma, miserável e assassina. Por fim sua expressão como que se acendeu subitamente para o mundo exterior quando, com um salto ágil, pulou da cadeira e, caindo pesadamente com a cabeça e os ombros sobre a mesa, encostado no cadáver, despejou uma confissão veemente e detalhada do horrendo crime pelo qual o Sr. Penásio Penin estava preso e condenado à morte.

O que ele narrou foi, em suma, o seguinte: seguiu sua vítima até as proximidades do charco; lá atirou no cavalo com uma pistola, despachou o cavaleiro com a coronha da arma; apossou-se de sua carteira; e, supondo que o cavalo estivesse morto, arrastou-o com grande esforço até os arbustos junto ao charco. Sobre seu próprio cavalo colocou o corpo do Sr. Penagrande e assim o levou até um esconderijo seguro, bem longe, mata adentro.

O colete, o canivete, a carteira e a bala tinham sido colocados por ele próprio nos lugares onde foram encontrados, com a intenção de vingar-se do Sr. Penásio Penin. Tinha também arquitetado a descoberta da camisa e do lenço manchados.

Já quase no fim daquele relato que fazia gelar o sangue, as palavras do miserável culpado começaram a falhar e tornaram-se gaguejantes e roucas. Quando a confissão finalmente se esgotou, ele se ergueu, cambaleou alguns passos para trás e caiu - morto.

Os meios pelos quais aquela confissão em boa hora pôde ser arrancada, embora eficazes, foram, na realidade, muito simples. A excessiva franqueza do Sr. Boaventura tinha me desagradado e despertou minhas suspeitas desde o princípio. Eu estava presente na ocasião em que o Sr. Penásio Penin o tinha esmurrado, e a expressão demoníaca que surgiu em seu rosto, embora momentânea, me fez ter a certeza de que sua ameaça de vingança seria, se possível, rigorosamente cumprida. Eu estava, pois, preparado para observar as manobras de "seu" Carlinhos sob um outro ângulo, bem diferente daquele com que os bons cidadãos de Guizoburgo encaravam os fatos. Percebi de imediato que todas as descobertas incriminadoras surgiam dele, direta ou indiretamente. Mas o fato que claramente abriu os meus olhos à verdadeira situação do caso foi a questão da bala, encontrada pelo Sr. Boaventura na carcaça do cavalo. Eu não tinha esquecido, embora os gui-zoburgueses o tivessem, que havia um buraco por onde a

bala tinha entrado no animal e outro por onde ela tinha saído. Se, então, foi encontrada no animal, depois de ter saído, vi claramente que só poderia ter sido ali colocada pela pessoa que a encontrou. A camisa e o lenço ensangüentados confirmavam a idéia sugerida pela bala; pois o sangue, ao ser examinado, provou ser nada mais que um bom vinho. Quando me pus a pensar sobre essas coisas, e também sobre o recente aumento da generosidade e das despesas por parte do Sr. Boaventura, desenvolvi uma suspeita que, embora forte, guardei só para mim.

Nesse meio tempo, iniciei uma busca rigorosa e solitária do cadáver do Sr. Penagrande e, com bons motivos, procurei em lugares os mais diferentes possíveis daqueles a que o Sr. Boaventura havia levado o seu grupo. O resultado foi que, depois de alguns dias, cheguei a um velho poço seco, cuja boca estava quase completamente escondida pela vegetação; e lá, no fundo do poço, descobri o que procurava.

Ora, ocorre que, casualmente, eu havia escutado a conversa entre os dois amigos, quando o Sr. Boaventura conseguira persuadir o seu anfitrião a lhe prometer uma caixa de Château-Margaux. Foi com base nessa idéia que passei a agir. Arranjei um pedaço de barbatana de baleia, bem duro, enfiei-o na garganta do cadáver e coloquei este último dentro de uma velha caixa de vinho - tendo o cuidado de dobrar o corpo em dois, assim como a barbatana. Para tanto, tive que fazer forte pressão sobre a tampa para mantê-la fechada enquanto batia os pregos; e previ, é claro, que assim que estes fossem retirados, a tampa saltaria para fora e o corpo para cima.

Tendo assim preparado a caixa, marquei, numerei e enderecei a mesma, conforme já foi dito; escrevi então uma carta em nome dos fornecedores habituais do Sr. Penagrande, e dei instruções ao meu criado para que levasse a caixa até a porta do Sr. Boaventura num carrinho de mão, a um dado sinal meu. Quanto às palavras que pretendi que fossem ditas pelo cadáver, confiei nas minhas habilidades de ventríloquo; e quanto ao efeito dessas palavras, contava com a consciência do miserável assassino.

Creio que não resta mais nada a ser explicado. O Sr. Penásio Penin foi solto no mesmo instante, herdou a fortuna do tio, aprendeu com as lições da experiência, virou uma nova página em sua vida e, desde então, viveu sua nova vida feliz para sempre.

Tradução de Luiza Helena Martins Correia

54. ESCÂNDALO NA BOÊMIA

ARTHUR CONAN DOYLE (1859 -1930 | Escócia)

Conan Doyle e Sherlock Holmes: quem, pelo menos, não ouviu falar nesta dupla de criador e criatura? É possível até que haja mais quem conheça o detetive e sequer saiba o nome do seu inventor. A então nova literatura policial teve em Conan Doyle (que bem aprendeu as lições de Poe) um atestado de maioria: poucos escritores (depois dele, só Simenon e Agatha Christie) fizeram tanto pela divulgação do gênero quanto o autor de O Cão dos Baskervilles e O Sinal dos Quatro. Popular em sua época, e sempre reeditado até hoje, poucos escritores tiveram e têm tantos leitores quanto ele. Escândalo na Boêmia é uma boa mostra deste romancista e contista, criador de Sherlock Holmes e do Dr. Watson, uma espécie de modelo para inúmeros escritores que surgiram depois.

I

Para Sherlock Holmes, ela será sempre a mulher. Raramente o ouviu chamá-la de outro modo. Aos seus olhos, ela obscurece todo o sexo feminino, e predomina sobre ele. Não que Sherlock Holmes sentisse por Irene Adler qualquer emoção parecida com amor. Todas as emoções, e essa em particular, eram detestáveis à sua mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada. Ele era, ao que me parece, a mais perfeita e observadora máquina de raciocinar já vista pelo mundo; como amante, porém, ele se teria colocado numa posição falsa. Nunca falou das paixões mais amenas a não ser com escárnio e desdém. Eram coisas admiráveis para o observador - excelentes para fazerem cair o véu que ocultava os motivos e ações dos homens. Mas, para quem tem o raciocínio treinado, admitir tais intrusões em seu próprio temperamento,

delicado e afinado com precisão, era introduzir um fator de agitação que poderia lançar dúvidas em todos os resultados mentais. Areia num instrumento sensível, ou um estalo numa de suas fortíssimas lentes, não seriam mais perturbadores do que uma forte emoção numa natureza como a sua. E, não obstante, para ele só havia uma mulher, e essa mulher era a falecida Irene Adler, de dúbia e questionável memória.

Eu tinha visto Holmes com pouca freqüência ultimamente. Meu casamento nos havia separado. Minha felicidade completa e os interesses voltados para o lar que envolvem o homem que pela primeira vez se vê dono de sua própria casa foram suficientes para absorver toda a minha atenção. Enquanto isso, Holmes, que detestava toda forma de sociedade, com sua alma totalmente boêmia, continuava em nossos aposentos em Baker Street, enterrado entre os velhos livros, e se alternando de semana a semana entre a cocaína e a ambição, a sonolência da droga e a grande energia de sua natureza aguçada. Continuava, como sempre, profundamente atraído pelo estudo do crime, e ocupava suas imensas faculdades e seus extraordinários poderes de observação acompanhando as pistas e desvendando os mistérios que haviam sido abandonados como insolúveis pela polícia oficial. De tempos em tempos eu ouvia vagas notícias de seus feitos: de seu chamado a Odessa no caso do assassinato Trepoff, da solução dada à singular tragédia dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, finalmente, da missão que havia realizado, de maneira tão delicada e com tanto sucesso, para a família real da Holanda. Além desses sinais de sua atividade, porém, que eu simplesmente partilhava com todos os leitores da imprensa diária, pouco sabia de meu antigo amigo e companheiro.

Certa noite - foi no dia 20 de março de 1888 - eu voltava de uma visita a um paciente (pois já então voltara a praticar a medicina), quando meu caminho me levou a Baker Street. Ao passar pela porta de que tanto me lembrava, e que estará para sempre associada em minha mente com o meu namoro e com os sombrios incidentes do Estudo em Vermelho, fui tomado de um intenso desejo de ver

Holmes novamente e de saber como andava empregando seus extraordinários poderes. Seus aposentos estavam brilhantemente iluminados e, ao olhar para cima, vi mesmo a sua figura alta e magra passar duas vezes, numa silhueta escura, pela cortina. Estava caminhando pela sala, com rapidez e impaciência, a cabeça inclinada sobre o peito e as mãos unidas às costas. Para mim, que conhecia todos os seus humores e hábitos, sua atitude e maneira tinham toda uma história a contar. Ele estava novamente em ação. Saíra dos sonhos criados pela droga e estava seguindo a pista de algum novo caso. Toquei a campainha e o criado me levou até a sala que outrora também fora minha.

Sherlock Holmes não foi efusivo; raramente o era, mas me pareceu estar satisfeito em me ver. Praticamente sem dizer palavra, mas com um brilho bondoso no olhar, indicou-me com um gesto uma cadeira de braços, jogou-me a caixa de charutos e apontou para um armário de bebidas e um sifão no canto. E, de pé ante a lareira, examinou-me com seu singular modo introspectivo.

- O casamento fez-lhe bem observou. - Creio, Watson, que você engordou três quilos e meio desde a última vez que o vi.

- Três - respondi.

- Realmente, eu devia ter pensado um pouco mais. Apenas um pouco mais, acho, Watson. E voltou à medicina, pelo que vejo. Você não me disse que pretendia trabalhar.

- Então, como é que você sabe?

- Eu vejo, eu deduzo. Como sei que você andou se molhando muito ultimamente e que tem uma empregada desajeitada e descuidada?

- Meu caro Holmes - disse eu -, é demais. Você certamente teria sido queimado se tivesse vivido há alguns séculos. É verdade que andei pelo campo na quinta-feira e voltei para casa muito sujo. Mas, como mudei de roupas, não posso imaginar como deduziu isso. Quanto a Mary Jane, ela é incorrigível, e minha mulher já a despediu. Mas também nesse caso não entendo como você percebeu.

Ele deu um risinho e esfregou as longas e nervosas mãos:

- É a própria simplicidade. Meus olhos me dizem que na parte interna do seu sapato esquerdo, exatamente onde bate a luz da lareira, o couro está marcado por seis cortes quase paralelos. Evidentemente foram causados por alguém que, com muito descuido, raspou a beirada das solas para remover barro seco. Dai, você bem vê, minha dupla dedução de que você enfrentara um tempo chuvoso e que tinha em sua casa um espécime particularmente daninho da fauna londrina dos empregados domésticos. Quanto ao exercício da medicina, se um cavalheiro entra em minha sala cheirando a iodofórmio, com uma marca negra de nitrato de prata no dedo indicador da mão direita e uma saliência no lado da cartola indicando onde escondeu o estetoscópio, eu teria de ser realmente embotado se não visse que se trata de um membro atuante da profissão médica.

Não pude deixar de rir da facilidade com que ele explicava seu processo de dedução.

- Quando o ouço explicar suas razões - observei -, as coisas sempre me parecem tão ridiculamente simples que eu próprio poderia deduzi-las, embora a cada exemplo sucessivo de seu raciocínio eu me intrigue até você explicar seu processo. E, ainda assim, acho que tenho olhos tão bons quanto os seus.

- Perfeitamente - replicou ele, acendendo um cigarro e sentando-se numa poltrona. - Você vê, mas não observa. A distinção é clara. Por exemplo, muitas vezes você viu os degraus que conduzem do vestíbulo a esta sala.

- Muitas vezes.

- Quantas?

- Ora, umas centenas de vezes.

- Então, quantos degraus há?

- Quantos? Não sei.

- É isso! Você não observou. E, não obstante, viu. É o que quero dizer. Ora, eu sei que há 17 degraus porque tanto vi quanto

observei. A propósito, já que gosta desses pequenos problemas, e como teve a bondade de ser o cronista de uma ou duas de minhas modestas experiências, talvez se interesse por isto.

Passou-me uma folha de papel de carta encorpado, de tom róseo, que estava sobre a mesa, aberta.

- Chegou pelo último correio. Leia em voz alta.

A carta não trazia data, assinatura ou endereço, e dizia:

"Hoje à noite, quando faltar um quarto para as oito, o senhor receberá a visita de um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre um assunto da maior seriedade. Seus recentes serviços a uma das Casas Reais da Europa mostraram que é digno de confiança em assuntos cuja importância dificilmente poderia ser exagerada. Essas informações a seu respeito de várias fontes recebemos. Esteja em seus aposentos, portanto, àquela hora, e não estranhe se seu visitante usar máscara."

- É realmente um mistério - observei. - Que acha que significa isso?

- Ainda não disponho de dados. É um erro capital teorizar antes de dispor de dados. Começamos a deformar insensivelmente os fatos para que se enquadrem nas teorias, em lugar de fazer teorias que se enquadrem nos fatos. Mas veja a carta em si. Que deduz dela?

Examinei cuidadosamente a letra e o papel em que estava escrita.

- O homem que a escreveu é presumivelmente rico - disse eu procurando imitar os processos de meu companheiro. - Esse papel não é barato. É peculiarmente forte e encorpado.

- Peculiarmente, é essa a palavra. Não é um papel inglês, absolutamente. Veja-o contra a luz.

Foi o que fiz, e vi um E grande, um g pequeno, um P e um G grandes com um t pequeno marcados na própria textura do papel.

- Que acha disso? - perguntou Holmes.

- O nome do fabricante, sem dúvida. Ou então seu monograma.

- Nada disso. O G com o t pequeno significam "Gesdlschaff, que é a palavra alemã para "companhia". É uma abreviatura usual, como o nosso "Cia.". O P, é claro, representa Papel. Agora, o Eg. Vamos ver o nosso dicionário geográfico europeu.

Tirou um pesado volume marrom de sua estante.

- Eglow, Eglonitz... cá estamos, Egria. É um país de língua alemã, na Boêmia, perto de Carlsbad. "Notável por ter sido o local da morte de Wallenstein e pelas numerosas fábricas de vidro e de papel." Aha, que lhe parece?

Seus olhos brilharam e ele soprou uma nuvem triunfal de fumaça do seu cigarro.

- O papel foi feito na Boêmia - disse eu.

- Precisamente. E o homem que escreveu a carta é alemão. Você notou a construção peculiar da frase "essas informações a seu respeito de várias fontes recebemos". Um francês ou um russo não poderia tê-la escrito. São os alemães que têm essa descortesia para com os seus verbos. Resta apenas, portanto, descobrir o que deseja esse alemão que escreve em papel da Boêmia e prefere usar máscara a mostrar o rosto. E eis que ele chega, se não estou enganado, para esclarecer todas as nossas dúvidas.

Enquanto falava, ouviu-se o som claro de cascos de cavalos e rodas de carruagem no calçamento da rua, seguido de um vigoroso toque da campainha. Holmes deu um assobio.

- Dois cavalos, pelo ruído - observou. - Sim - acrescentou, olhando pela janela. -Um carro fechado e dois belos animais. Cento e cinquenta libras cada. Trata-se pelo menos de um caso de gente rica, Watson.

- Acho melhor eu me retirar, Holmes.

- Nada disso, doutor. Fique onde está. Sinto-me perdido sem o meu Boswell. E isto promete ser interessante. Seria uma pena perder a cena.

- Mas o seu cliente...

- Não se importe com ele. Posso precisar de sua ajuda e, portanto, ele também. Eis que chega. Sente-se naquela cadeira de braços, doutor, e preste bastante atenção.

Passos pesados e lentos, que se fizeram ouvir nas escadas e no corredor, pararam imediatamente junto à porta. Houve uma batida forte e autoritária.

- Entre! - disse Holmes.

O homem que entrou dificilmente teria menos de 1,95 m de altura, com o peito e os braços de um Hércules. Suas roupas eram ricas, de uma riqueza que, na Inglaterra, teria sido considerada próxima do mau gosto. Grossas faixas de astracã enfeitavam as mangas e lapelas do jaquetão, e o manto azul-escuro que trazia sobre os ombros era forrado de seda amarela, preso ao pescoço com um broche feito de um único e flamejante berilo. As botas subiam até o meio das pernas e tinham no alto um arremate de boa pele marrom, o que completava a impressão de uma opulência bárbara, sugerida por toda a sua aparência. Trazia na mão um chapéu de abas largas e tinha na parte superior do rosto, cobrindo-o até abaixo das maçãs, uma máscara negra que parecia ter acabado de colocar, pois a mão ainda estava erguida quando entrou. Pela parte inferior do rosto, parecia um homem de vontade forte, com lábios grossos e salientes, queixo reto e longo, sugerindo decisão levada à teimosia.

- Recebeu minha carta? - perguntou numa voz profunda, áspera e com forte sotaque alemão. - Eu lhe disse que viria.

Olhou de Sherlock Holmes para mim, como se não tivesse certeza do seu interlocutor.

- Por favor, sente-se - disse Holmes. - Este é o meu amigo e colega Dr. Watson, que ocasionalmente tem a gentileza de me ajudar em meus casos. A quem tenho a honra de falar?

- Pode me chamar de conde von Kramm, um nobre da Boêmia. Suponho que este cavalheiro, seu amigo, é homem honrado e discreto, a quem posso confiar uma questão da maior importância. Se não for, preferiria falar a sós com o senhor.

Levantei-me para sair, mas Holmes me segurou pela manga e me puxou de volta para a minha cadeira.

- O senhor pode dizer na frente dele qualquer coisa que tenha a me dizer. Fale com os dois ou não falará com nenhum - disse Holmes.

O conde sacudiu os ombros largos:

- Então, devo começar pedindo a ambos segredo absoluto por dois anos, pois ao fim desse prazo o assunto deixará de ter importância. No momento, não será exagero dizer que ele é de tal peso que pode influir na história européia.

- Prometo - disse Holmes.

- E eu também - acrescentei.

- Os senhores desculparão a máscara - continuou nosso estranho visitante. - A augusta personagem que me emprega deseja que seu agente permaneça incógnito, e posso confessar desde logo que o título que me atribui não é exatamente o meu.

- Eu tinha consciência disso - disse Holmes secamente.

- As circunstâncias são muito delicadas e será necessário tomar todas as precauções para evitar o que poderia transformar-se num enorme escândalo e comprometer seriamente uma das famílias reinantes da Europa. Falando francamente, a questão implica a grande Casa de Ormstein, reis hereditários da Boêmia.

- Também sabia disso - murmurou Holmes, sentando-se em sua poltrona e fechando os olhos.

Nosso visitante olhou com certa surpresa para a figura lânguida e descontraída do homem que sem dúvida lhe fora descrito como o detetive mais enérgico e com maior poder de raciocínio de toda a Europa. Holmes reabriu os olhos, que se voltaram com impaciência para seu gigantesco cliente.

- Se Vossa Majestade condescender em expor o seu caso - disse ele -, estarei em melhores condições de opinar.

O homem saltou da cadeira e caminhou pela sala numa agitação incontrolável. Depois, com um gesto de desespero, arrancou a máscara do rosto, jogando-a no chão.

- O senhor tem razão - exclamou. - Eu sou o rei. Por que haveria de procurar ocultar isso?

- Por que, na verdade? - murmurou Holmes. - Vossa Majestade não havia falado ainda e eu já sabia que me estava dirigindo a Wilhelm Gottsreich Sigismund von Ormstein, grão-duque de Cassel-Falstein e soberano hereditário da Boêmia.

- Mas o senhor há de compreender - disse nosso estranho visitante, sentando-se novamente e passando a mão pela testa saliente e branca -, há de compreender que não estou habituado a fazer estas coisas pessoalmente. Mas a questão era tão delicada que não podia confiá-la a nenhum agente sem me colocar nas mãos dele. Vim incógnito de Praga com a finalidade de consultá-lo.

- Então, por favor, consulte-me - disse Holmes, voltando a fechar os olhos.

- Os fatos, em resumo, são os seguintes: há cinco anos, durante uma prolongada visita a Varsóvia, foi-me apresentada a conhecida aventureira Irene Adler. O nome não lhe é, sem dúvida, estranho.

- Por favor, procure-a no meu fichário, doutor - murmurou Holmes sem abrir os olhos.

Há muitos anos que ele havia adotado um sistema de anotar informações sobre todas as coisas e pessoas, de modo que era difícil mencionar um assunto ou alguém sobre o qual ele não dispusesse imediatamente de dados. Nesse caso, encontrei a biografia dela entre a de um rabino e a de um chefe de estado-maior, autor de uma monografia sobre peixes de águas profundas.

- Vejamos - disse Holmes. - Hum! Nasceu em Nova Jersey, 1858. Contralto... hum! La Scala, hum! Prima-dona da Ópera Imperial de Varsóvia ... Sim! Retirou-se do teatro. Ha! Mora em Londres. Então!

Vossa Majestade, pelo que percebo, envolveu-se com essa jovem, escreveu-lhe algumas cartas comprometedoras e agora deseja reavê-las.

- Exatamente isso. Mas como. ..

- Houve um casamento secreto?

- Não.

- Papéis ou certificados legais?

- Nenhum.

- Então não estou entendendo bem Vossa Majestade. Se essa jovem deseja usar suas cartas para chantagem ou outra finalidade, como poderá provar a sua autenticidade?

- A caligrafia.

- Ora, ora! Falsificada.

- Meu papel de cartas privado.

- Roubado.

- Meu próprio selo.

- Imitado.

- Minha fotografia.

- Comprada.

- Estamos os dois na foto.

- Ora essa! Isso é muito mau! Vossa Majestade cometeu na verdade uma indiscrição.

- Eu estava louco, insano.

- Vossa Majestade comprometeu-se seriamente.

- Eu era, na ocasião, apenas o príncipe herdeiro. Era jovem. E tenho apenas trinta anos agora.

- É preciso recuperá-la.

- Tentamos e fracassamos.

- Vossa Majestade tem de pagar. Ela deve ser comprada.

- Irene Adler não quer vender.

- Roupada, então.

- Fizem-se cinco tentativas. Duas vezes, ladrões a meu soldo vasculharam-lhe a casa. Uma vez desviamos a sua bagagem quando ela viajava. Duas vezes Irene foi seqüestrada. Não houve resultados.

- Nenhum indício da foto?

- Absolutamente nenhum.

- É um belo probleminha - disse Holmes, rindo.

- Mas muito sério para mim - retrucou o rei com ar de reprovação.

- Muito, mesmo. E que pretende ela fazer com a fotografia?

- Arruinar-me.

- Mas como?

- Estou na iminência de me casar.

- Ouvi dizer.

- Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, segunda filha do rei da Escandinávia. O senhor deve conhecer os rigorosos princípios de sua família. Ela mesma é a delicadeza em pessoa. Uma sombra de dúvida sobre a minha conduta poderia encerrar o assunto.

- E Irene Adler?

- Ameaça mandar-lhes a fotografia. E o fará. Sei que o fará. O senhor não a conhece, tem alma de aço. Tem o rosto de uma mulher extremamente bela e a mente do mais decidido dos homens. Para que eu não me case com outra mulher, não há nada que ela não faça... nada.

- Tem certeza de que ela ainda não mandou a foto?

- Tenho certeza.

- E por quê?

- Porque disse que a mandaria no dia em que o noivado fosse anunciado publicamente. Isso acontecerá na próxima segunda-feira.

- Ah, então ainda temos três dias - disse Holmes com um bocejo.
- Isso é muito bom, pois tenho uma ou duas questões importantes para examinar neste momento. Vossa Majestade ficará naturalmente em Londres, no momento?

- Decerto. O senhor me encontrará no Langham, sob o nome de conde von Kramm.

- Então eu lhe escreverei para informá-lo de nosso progresso.

- Por favor. Estarei ansioso.

- Bem, e quanto ao dinheiro?

- O senhor tem carta branca.

- Absoluta?

- Digo-lhe que daria uma das províncias do meu reino para ter de volta aquela fotografia.

- E quanto às despesas presentes?

O rei tirou uma pesada sacola de camurça de sob o manto e a colocou sobre a mesa.

- Há aqui trezentas libras em ouro e setecentas em dinheiro - disse ele. Holmes escreveu um recibo numa folha de seu caderno de notas e o entregou a ele.

- E o endereço da senhorita?

- É Briony Lodge, Serpentine Avenue, St. John's Wood. Holmes anotou-o e disse:

- Uma outra pergunta. Era uma foto grande?

- Era.

- Então, boa noite, Majestade. Espero ter boas notícias dentro em pouco. E boa-noite, Watson - acrescentou Holmes quando as rodas da carruagem real se perderam pela rua. - Se tiver a gentileza de me procurar amanhã à tarde, às 3h, gostaria de falar sobre esse assunto com você.

Às 3h precisamente eu estava em Baker Street, mas Holmes ainda não voltara. A senhoria informou-me de que ele havia saído pouco depois das 8h da manhã. Sentei-me ao lado da lareira, porém, com a intenção de esperá-lo, por mais que demorasse. Já estava profundamente interessado em seu caso, pois, embora não o cercasse qualquer das características sombrias e estranhas associadas aos dois crimes que narrei em outro lugar, ainda assim, a sua natureza e a elevada posição de seu cliente conferiam-lhe um caráter próprio. Na verdade, independentemente do tipo de investigação de que se ocupasse o meu amigo, havia, na forma magistral pela qual apreendia a situação, e no seu raciocínio agudo, incisivo, alguma coisa que tornava um prazer, para mim, estudar seu sistema e os métodos rápidos e sutis pelos quais resolvia os mais densos mistérios. Tão habituado estava eu ao seu invariável sucesso que a possibilidade de um fracasso havia deixado de passar pela minha cabeça.

Já eram quase 4h quando a porta se abriu e um laçao parecendo bêbedo, sujo e de suíças, com o rosto inflamado e roupas estranhas, entrou na sala. Habituado como eu estava à espantosa capacidade que tinha meu amigo de usar disfarces, tive de olhar três vezes antes de ter certeza de que era ele. Com um aceno de cabeça, desapareceu no quarto, de onde voltou em cinco minutos vestindo um terno de lã e com a aparência respeitável de sempre. Colocando as mãos nos bolsos, estendeu as longas pernas em frente da lareira e deu uma gostosa gargalhada que durou alguns minutos.

- Ora, veja! - exclamou, quase sufocado pelo riso.

Riu novamente até ser obrigado a se estender na poltrona, mole e impotente.

- Que foi?

- É engraçado demais. Tenho certeza de que você jamais poderia adivinhar como empreguei a manhã ou o que acabei fazendo.

- Não posso imaginar. Acho que você esteve vigiando os hábitos e, talvez, a casa da Srta. Irene Adler.

- Exatamente, mas a seqüência dos fatos foi bem estranha. Mas vou contar a você. Saí um pouco depois das 8h desta manhã, vestido de lacaio desempregado. Há uma maravilhosa simpatia e solidariedade entre os empregados das cavalariças. Se você for um deles, ficará sabendo de tudo que há para saber. Encontrei logo Briony Lodge. É uma pequena mansão, com um terreno nos fundos, mas construída junto da rua, e de dois andares. Fechadura especial na porta. Grande sala de estar do lado direito, bem mobiliada, com janelas altas quase até o chão, e aqueles horríveis trincos de janela ingleses que até uma criança consegue abrir. Atrás disso não havia nada digno de nota, exceto que uma janela do corredor podia ser alcançada do alto da cocheira. Dei a volta à casa e a examinei de todos os pontos de vista, mas sem notar nada mais de interessante. Depois descii a rua e descobri, como esperava, que havia uma estrebaria num beco, dando para um dos muros do quintal. Ajudei os cavalariços a escovar seus animais e recebi em troca dois pence, um copo de cerveja, dois punhados de tabaco e todas as informações que pude obter sobre a Srta. Adler, para não falar de meia dúzia de outras pessoas da vizinhança pelas quais não tinha o menor interesse, mas cujas biografias fui obrigado a ouvir.

- E Irene Adler? - perguntei.

- Ah, ela transtornou a cabeça de todos os homens das vizinhanças. É a coisa mais bonita sob o sol deste planeta. É o que dizem os cavalariços do bairro, com unanimidade. Vive tranqüilamente, canta em concertos, sai de carro todos os dias às 5h e volta às 7h em ponto para o jantar. Raramente sai em outras horas, exceto quando canta. Tem um único visitante do sexo masculino, mas o vê muito amiúde. É moreno, bonito, desembaraçado; nunca a visita menos de uma vez por dia e, com freqüência, duas vezes. É um certo Sr. Godfrey Norton, advogado. Veja as vantagens de ter um cocheiro como confidente. Eles o levaram para casa dezenas de vezes, a partir de Serpentine Mews, e sabem tudo a respeito desse senhor. Quando eu acabei de ouvir tudo o que tinham para contar, comecei a andar para cima e para

baixo perto de Briony Lodge, mais uma vez, e a arquitetar meu plano de campanha.

"Esse Godfrey Norton era, evidentemente, um fator importante na questão. O fato de ser advogado parecia um mau agouro. Qual a relação entre eles e qual o objetivo de suas repetidas visitas? Seria ela sua cliente, amiga ou amante? Na primeira hipótese, provavelmente já teria transferido a fotografia para sua guarda. Na segunda, isso era menos provável. Da solução dessa questão dependia a continuação de meu trabalho em Briony Lodge, ou eu teria de voltar minha atenção para os escritórios desse senhor. Era um problema delicado, e ampliava o campo de investigações. Temo estar cansando você com esses detalhes, mas tenho de lhe mostrar minhas pequenas dificuldades para que compreenda a situação."

- Estou prestando toda a atenção - respondi.

- Eu ainda estava pensando as coisas quando um cabriolé parou e um cavalheiro desceu. Era um homem notavelmente simpático, moreno, aquilino e de bigodes. .. evidentemente, o homem de quem eu tinha ouvido falar. Parecia ter muita pressa, gritou para o cocheiro que esperasse, passou rapidamente pela criada, que abriu a porta com o jeito de uma pessoa perfeitamente à vontade.

"Ele ficou na casa cerca de meia hora e pude vê-lo por momentos, pelas janelas da sala de estar, caminhando de um lado para outro, falando com animação e gesticulando. Dela, nada pude ver. Ele acabou saindo, parecendo mais perturbado do que antes. Ao subir no carro, tirou um relógio de ouro do bolso e o olhou, preocupado.

"- Vá como um louco - gritou -, primeiro para Gross 8: Hankey, em Regent Street, depois para a igreja de Sta. Mônica em Edgware Road. Meia libra se você o fizer em vinte minutos!

"E lá se foram, e enquanto eu estava pensando se faria bem ou não indo atrás deles, aparece na rua um carro elegante, o cocheiro com o casaco apenas meio abotoado e a gravata por atar, e todas as pontas das correias dos arreios fora das fivelas. E o carro ainda não havia parado quando ela saiu correndo da porta e embarcou.

Pude vê-la apenas ligeiramente, mas era uma linda mulher, com um desses rostos que podem levar um homem à morte.

"- Para a igreja de Sta. Mônica, John! - exclamou ela -, e meia libra se você conseguir chegar lá em vinte minutos.

"Era bom demais para perder, Watson. Eu estava imaginando se devia correr ou me pendurar no carro dela quando veio um carro de praça pela rua. O cocheiro olhou duas vezes para um freguês tão esmolambado, mas eu entrei antes que ele fizesse qualquer objeção.

"- Para a igreja de Sta. Mônica, e meia libra se chegar lá em vinte minutos - disse eu. Faltavam vinte e cinco minutos para as 12 e, naturalmente, era bastante claro o que se estava passando.

"Meu cocheiro andou depressa. Não creio ter corrido tanto, antes, mas os outros chegaram à nossa frente. Um carro de praça e o landau elegante estavam, com seus cavalos fumegantes, parados em frente à igreja quando cheguei. Paguei o cocheiro e entrei correndo no templo. Não havia ninguém, exceto os dois a quem eu tinha seguido, e um padre com sobrepeliz, que parecia estar fazendo um sermão para eles. Estavam os três de pé em frente do altar. Avancei pela nave lateral, como qualquer vagabundo que entra numa igreja. De repente, para minha surpresa, os três que estavam no altar voltaram-se para mim e Godfrey Norton correu o mais depressa que pôde na minha direção.

"- Graças a Deus! - exclamou ele. - Você serve! Venha! Venha!

"- Para onde? - perguntei.

"- Venha; homem, venha, apenas três minutos, ou não será legal.

"Fui quase arrastado para o altar e antes que soubesse onde estava, vi-me engolando respostas que me eram murmuradas ao ouvido, confirmando coisas de que eu nada sabia, e em geral servindo de testemunha ao casamento de Irene Adler, solteira, com Godfrey Norton, solteiro. Tudo foi num instante, e lá estava o cavalheiro agradecendo-me de lado e a dama de outro, enquanto o padre me sorria, em frente. Foi a posição mais absurda em que já

me encontrei em toda a minha vida, e foi isso que me fez rir ainda há pouco. Ao que parece, faltava alguma coisa na licença de casamento e o padre se recusou terminantemente a realizar a cerimônia sem uma testemunha; meu oportuno aparecimento salvou o noivo de ter de correr à rua em busca de um padrinho. A noiva deu-me uma libra, que pretendo usar na corrente do relógio como lembrança desta ocasião."

- Foi realmente uma coisa inesperada - disse eu. - E depois?

- Bem, eu vi os meus planos seriamente ameaçados. Parecia que o par poderia partir imediatamente, e por isso se tornavam necessárias medidas rápidas e enérgicas de minha parte. Na porta da igreja, porém, separaram-se, ele de volta ao Tribunal e ela para a sua casa. "Irei ao Parque às 5h, como de hábito", disse a Srta. Adler ao deixá-lo. Não ouvi nada mais. Afastaram-se em direções diferentes e eu fui tomar as minhas providências.

- Quais são?

- Um pouco de carne fria e um copo de cerveja - respondeu Holmes, tocando a campainha. - Andei muito ocupado para pensar em comer e provavelmente estarei ainda mais ocupado esta tarde. Por falar nisso, doutor, preciso da sua cooperação.

- Terei o maior prazer.

- Não se importa em infringir a lei?

- Nem um pouco.

- Nem correndo o risco de prisão?

- Não, se for por uma boa causa.

- Ah, a causa é excelente!

- Então estou à sua disposição.

- Tinha certeza de que poderia contar com você.

- Mas o que quer?

- Quando a Sra. Turner tiver trazido a bandeja, eu lhe explicarei claramente. Agora - disse ele, voltando-se com ar faminto para a refeição simples que a nossa senhoria lhe havia trazido -, terei de

falar enquanto como, pois não disponho de muito tempo. São quase 5h. Dentro de duas horas devemos estar em nossa cena de ação. A Srta. Irene, ou melhor, a Sra. Norton, volta de seu passeio às 7h. Devemos estar em Briony Lodge para recebê-la.

- E depois o quê?

- Você tem de deixar isso por minha conta. Já organizei o que deve acontecer. Há apenas um aspecto em que tenho de insistir. Você não deve interferir, aconteça o que acontecer. Compreende?

- Devo permanecer neutro?

- Não fazer absolutamente nada. Haverá, provavelmente, alguma coisa um pouco desagradável. Não entre na confusão. Tudo terminará quando eu for levado para dentro da casa. Quatro ou cinco minutos depois, a janela da sala de estar será aberta. Você deve ficar perto dessa janela aberta.

- Sim.

- Deve observar, pois eu poderei ser visto por você.

- Sim.

- E quando eu levantar a mão, assim, jogará dentro da sala o que eu lhe vou dar para isso, e ao mesmo tempo gritará "incêndio!". Está me entendendo?

- Perfeitamente.

- Não é nada complicado - disse ele, apanhando um rolo comprido em forma de charuto que estava no seu bolso. - É um foguete de fumaça comum de bombeiro, com uma tampa em cada uma das extremidades, para a auto-ignição. Sua tarefa limita-se a

isso. Quando der o grito de incêndio, ele será repetido por várias pessoas. Você então poderá caminhar até o fim da rua, onde irei alcançá-lo dentro de dez minutos. Espero ter sido claro.

- Eu devo permanecer neutro, aproximar-me da janela, observar você e, ao seu sinal, jogar este objeto, depois gritar "incêndio" e esperá-lo na esquina.

- Exatamente.

- Então pode confiar totalmente em mim.

- Muito bem. Parece-me que já é quase hora de eu me preparar para o novo papel que tenho de desempenhar.

Desapareceu no quarto e voltou poucos minutos depois, vestido como um padre não-conformista, amável e simples. O chapéu preto de abas largas, as calças largas, a gravata branca, o sorriso simpático e o ar geral de curiosidade penetrante e bondosa eram tais que apenas o Sr. John Hare o poderia ter igualado. Não era uma mudança de roupas que Sherlock Holmes havia feito. Sua expressão, seu jeito, sua alma mesma pareciam variar a cada novo papel que assumia. O teatro perdeu um bom ator, tal como a ciência perdeu um pesquisador arguto, quando ele se tornou especialista em crime.

Passavam 15 minutos das 6h quando deixamos Baker Street, e ainda faltavam 10 para as 7h quando chegamos à Serpentine Avenue. Já escurecia, e as lâmpadas estavam sendo acesas enquanto andávamos de um lado para outro em frente a Briony Lodge, esperando a chegada de sua ocupante. A casa era exatamente como eu imaginara pela descrição sucinta de Sherlock Holmes, mas o local parecia menos tranqüilo do que eu esperava. Pelo contrário, para uma rua pequena num bairro sossegado, estava notavelmente animada. Havia um grupo de homens mal vestidos, fumando e rindo numa esquina, um amolador de tesouras com sua roda, dois guardas que namoravam uma babá e vários rapazes bem-vestidos que andavam de um lado para outro, fumando charutos.

- Este casamento simplifica muito as coisas - disse Sherlock Holmes enquanto iam e vínhamos em frente da casa. - A fotografia torna-se agora uma arma de dois gumes. As possibilidades são deque Irene se mostre tão pouco desejosa de ser vista pelo Sr. Godfrey Norton quanto o nosso cliente de que a foto seja levada aos olhos da sua princesa. Agora, o problema é: onde encontraremos a foto?

- Onde, realmente?

- É pouco provável que ela a tenha consigo. É uma foto grande. Grande demais para ser escondida nas roupas de uma mulher. Ela sabe que o rei é capaz de seqüestrá-Ia e revistá-Ia. Duas tentativas desse gênero já foram feitas. Podemos admitir, portanto, que ela não leva consigo a fotografia.

- Onde, então?

- Seu banqueiro ou seu advogado. Há essas duas possibilidades. Inclino-me, porém, a não aceitar nenhuma delas. As mulheres são, por natureza, dadas a segredos, e gostam de esconder, elas mesmas, as coisas. Por que daria a fotografia para outra pessoa? Pode confiar na capacidade dessa pessoa em guardá-Ia, mas não poderia prever as influências indiretas ou políticas que poderiam ser exercidas sobre um homem de negócios. Além disso, lembre-se de que estava decidida a usar a foto dentro de poucos dias. Deve estar, portanto, num lugar de fácil acesso. Deve estar em sua casa.

- Mas a casa foi revistada duas vezes.

- Ora! Eles não sabiam como procurar.

- Mas como você vai procurar?

- Não procurando.

- Que fará então?

- Farei com que ela me mostre o lugar.

- Mas Irene se recusará.

- Não será capaz. Ouço, porém, o barulho de rodas. É a carruagem dela. Agora, siga minhas ordens fielmente.

Enquanto ele falava, o brilho das luzes laterais de uma carruagem surgiram na curva da avenida. Era um landau elegante, pequeno, que parou à porta de Briony Lodge. Nesse momento, um dos homens ociosos que estavam na esquina correu para abrir a porta na esperança de ganhar uma moeda, mas foi empurrado por outro vagabundo que também correria com a mesma intenção. Houve uma briga violenta, agravada pelos dois guardas, que tomaram partido de um dos arruaceiros, e pelo amolador de tesouras, que foi igualmente violento a favor do outro. Houve

socos, e num instante a dama, que descera de seu carro, estava no centro de um grupo de homens raivosos que lutavam e distribuíam golpes entre si com seus punhos e cassetetes. Holmes lançou-se ao meio da confusão para proteger a senhora; mas, exatamente ao chegar junto dela, deu um grito e caiu ao chão, com o sangue correndo abundantemente pelo rosto. Com isso, os guardas fugiram numa direção e os vagabundos na outra, enquanto várias pessoas de melhor aparência, que haviam observado a luta sem participar dela, acorreram para ajudar a moça e assistir o homem ferido. Irene Adler, como ainda a chamo, subira apressadamente os degraus da casa; mas parou no alto, com a sua soberba silhueta delineada contra as luzes do vestíbulo, olhando para trás, para a rua.

- É grave o ferimento desse pobre senhor? - perguntou.

- Está morto - gritaram várias vozes.

- Não, não, ainda está vivo - gritou outra. - Mas não dura até ser levado para um hospital.

- É um homem corajoso - disse uma mulher. - Eles teriam roubado a bolsa e o relógio da senhora se não fosse ele. Eram uma quadrilha, e das mais violentas. Ah, ele está respirando!

- Não pode ficar na rua. Podemos levá-lo lá para dentro, minha senhora?

- Sem dúvida. Levem-no para a sala de estar, onde há um sofá confortável. Por aqui, por favor.

Lenta e solenemente, Holmes foi levado para Briony Lodge e estendido na sala principal, enquanto eu ainda observava os acontecimentos do meu posto, junto da janela. As lâmpadas haviam sido acesas, mas não tinham fechado as cortinas, de modo que eu podia ver Holmes deitado no sofá. Não sei se ele foi tomado de arrependimento naquele instante, pelo papel que vinha desempenhando, mas sei que nunca me senti mais sinceramente envergonhado em toda a minha vida do que no momento em que vi a bela criatura contra a qual eu conspirava, e a graça e a bondade com que cuidou do homem ferido. Não obstante, seria a mais negra

traição a Holmes abandonar agora o papel que me havia confiado. Procurei endurecer a vontade e tirei o foguete de fumaça de sob a capa. Afinal de contas, pensei, não lhe estamos fazendo mal. Estamos apenas impedindo que faça mal a alguém.

Holmes se havia sentado no sofá, e eu o vi fazer um movimento como alguém que sente falta de ar. Uma criada correu e abriu a janela. Ao mesmo tempo, vi que sua mão se levantava, e a esse sinal atirei o foguete na sala e gritei:

- Incêndio!

Mal havia pronunciado essa palavra e toda a multidão de espectadores, bem e mal vestidos - cavalheiros, cavaleiros e criadas -, repetiu o grito de "incêndio". Espessas nuvens de fumaça espiralaram-se pela sala e saíram pela janela aberta. Percebi de relance figuras que corriam, e um momento depois a voz de Holmes, lá dentro, assegurando-lhes que era um alarme falso. Infiltrando-me pela multidão que gritava, dirigi-me até a esquina da rua, e dez minutos depois tinha a satisfação de ver o braço de meu amigo travar o meu, e nos afastamos da agitação. Ele caminhou rapidamente e em silêncio durante alguns minutos, até entrarmos numa das ruas silenciosas que levam a Edgware Road.

- Você se saiu muito bem, doutor - observou Sherlock Holmes. - Nada poderia ter sido melhor. Muito bem.

- Conseguiu a fotografia!

- Sei onde está.

- E como descobriu?

- Ela me mostrou, como eu disse que mostraria.

- Continuo sem entender.

- Não quero fazer mistério - disse ele, rindo. - A questão era perfeitamente simples. Você, é claro, viu que todos os que estavam na rua eram cúmplices. Estavam todos contratados.

- Foi o que imaginei.

- Quando ocorreu a briga, eu tinha um pouco de tinta vermelha, úmida, na palma da mão. Corri para a confusão, cai, passei a mão

no rosto e me transformei num espetáculo digno de pena. É um truque antigo.

- Também isso eu pude deduzir.

- Então eles me levaram. Ela não tinha saída, que mais poderia ter feito? E para a sala de estar, o local de que eu suspeitava. Era entre a sala e o quarto, e eu estava querendo ver qual seria. Deitaram-me no sofá, fiz um gesto pedindo ar, foram obrigados a abrir a janela e você teve a sua oportunidade.

- E em que isso o ajudou?

- Foi da maior importância. Quando uma mulher pensa que sua casa está em chamas, seu instinto é correr imediatamente para aquilo que tem de maior valor. É um impulso irresistível, e dele já me vali mais de uma vez. No caso do Escândalo da Substituição Darlington, isso me foi útil, e também na questão do Castelo de Arnsworth. A mulher casada corre para o filho. .. a solteira, para a sua caixa de jóias. Ora, era claro que a nossa dama de hoje não tinha na casa nada mais precioso do que aquilo que buscamos. Ela tinha de correr para proteger sua posse. O alarme de incêndio foi dado de maneira admirável. A fumaça e os gritos eram suficientes para abalar nervos de aço. Ela reagiu belamente. A fotografia está num recesso, atrás de um painel deslizante, logo acima da campainha de chamar a criada que fica à direita. Ela correu para lá, e pude ver brevemente a foto quando a retirou. Quando gritei que era um alarme falso, recolocou-a no lugar, olhou para o foguete, saiu correndo da sala e não a vi mais. Levantei-me e, pedindo desculpas, escapei da casa. Hesitei quanto a se devia tentar apanhar a foto imediatamente, mas o cocheiro tinha entrado e me observava com atenção. Pareceu-me mais seguro esperar, a precipitação podia arruinar tudo.

- E agora? - perguntei.

- Nossa busca está praticamente encerrada. Vou lutar com o rei amanhã, e com você, se nos quiser acompanhar. Seremos levados à sala para esperar a senhora, mas é provável que, ao chegar, ela

não nos encontre, nem a fotografia. Poderá ser uma satisfação para Sua Majestade recuperá-la com as próprias mãos.

- E quando será essa visita?

- Às 8h da manhã. Ela ainda não estará de pé, e portanto teremos campo livre. Além disso, devemos ser rápidos, pois esse casamento pode significar uma modificação completa na vida dela e em seus hábitos. Tenho de telegrafar ao rei sem demora.

Tínhamos chegado a Baker Street e parado à porta. Sherlock Holmes procurava as chaves no bolso quando alguém que passava disse:

- Boa noite, Sr. Sherlock Holmes.

Havia várias pessoas na calçada naquele momento, mas o cumprimento parecia ter sido feito por um jovem esguio, protegido por uma capa, que passara rapidamente por nós.

- Já ouvi essa voz - disse Holmes, olhando fixamente para a rua mal iluminada. - Ora, quem poderia ter sido?

III

Dormi em Baker Street aquela noite, e estávamos tomando nosso café com torradas quando o rei da Boêmia entrou apressadamente na sala.

- O senhor realmente conseguiu! - exclamou, agarrando Sherlock Holmes pelos ombros e o olhando ansiosamente no rosto.

- Ainda não.

- Mas tem esperanças?

- Tenho esperanças.

- Vamos, então. Estou impaciente de seguirmos.

- Devemos chamar um carro de praça.

- Não, o meu carro está esperando.

- Isso simplifica as coisas.

Descemos e partimos mais uma vez para Briony Lodge.

- Irene Adler casou-se - observou Sherlock Holmes.

- Casou-se! Quando?

- Ontem.

- Mas com quem?

- Com um advogado inglês chamado Norton.

- Mas ela não o podia amar!

- Espero que o ame.

- E por que espera?

- Porque isso pouparia a Vossa Majestade qualquer receio de futuros problemas. Se a senhora em questão ama o marido, não ama Vossa Majestade. Se não ama Vossa Majestade, não há razão para querer interferir nos seus planos.

- É certo. Não obstante!.. . Bem ... Gostaria que ela fosse do meu nível. Que rainha teria sido!

O rei voltou a um silêncio sombrio, que não foi interrompido até chegarmos à Serpentine Avenue. A porta de Briony Lodge estava aberta, e uma senhora idosa esperava nos degraus. Ela nos observou com um olhar sardônico ao descermos do carro.

- O Sr. Sherlock Holmes, suponho? - perguntou ela.

- Sou eu - respondeu meu companheiro, olhando-a de maneira interrogativa e bastante surpreso.

- Realmente! Minha ama disse-me que o senhor provavelmente viria. Ela partiu esta manhã com o marido, pelo trem das 5h15min, de Charing Cross, para o Continente.

- O quê? - Sherlock Holmes recuou, branco de pena e de surpresa. - Quer dizer que ela deixou a Inglaterra?

- Para sempre.

- E os papéis? - perguntou o rei com voz rouca. - Tudo perdido.

- Veremos.

Sherlock Holmes empurrou para o lado a criada e entrou rapidamente na sala de estar, seguido pelo rei e por mim. O

mobiliário estava espalhado por toda parte, com prateleiras desmontadas, gavetas abertas, como se tivessem sido esvaziadas apressadamente antes da fuga. Holmes correu para a campainha, abriu um pequeno painel deslizante e, enfiando a mão, tirou uma fotografia e uma carta. A fotografia era da própria Irene Adler em vestido de noite, e a carta estava endereçada ao "Sr. Sherlock Holmes. Virá procurar". Meu amigo a abriu e nós três a lemos juntos. Estava datada da meia-noite anterior, e dizia o seguinte:

MEU PREZADO SR. SHERLOCK HOLMES:

O senhor realmente fez tudo muito bem-feito. Enganou-me totalmente. Até o momento do alarme de incêndio, não desconfiei de nada. Mas então, quando percebi que me havia denunciado a mim mesma, comecei a pensar. Já me haviam advertido contra o senhor há vários meses. Disseram-me que, se o rei empregasse um detetive, certamente seria o senhor. E seu endereço me foi dado. Mesmo assim, com tudo isso, o senhor me fez revelar o que queria saber. E, mesmo depois de ter desconfiado, pareceu-me difícil fazer mal juízo de um padre tão velho e bondoso. Mas, como sabe, também sou atriz. As roupas masculinas não constituem novidade para mim. Aproveito com freqüência a liberdade que elas proporcionam. Mandeí John, o cocheiro, vigiá-lo, corri para cima, vesti minhas roupas de caminhar, como as chamo, e desci no momento em que o senhor partia.

Bem, eu o segui até a sua porta, e com isso me certifiquei de que eu era realmente objeto do interesse do famoso Sr. Sherlock Holmes! Depois, de maneira bastante prudente, desejei-lhe boa noite e me dirigi ao Tribunal para ver meu marido.

Ambos achamos que o melhor recurso era fugir, quando perseguidos por um antagonista tão formidável. Por isso, o senhor encontrará vazio o ninho quando me visitar amanhã.

Quanto à fotografia, seu cliente pode ficar tranqüilo. Amo e sou amada por um homem melhor do que ele. O rei pode fazer o que quer sem ser prejudicado por alguém a quem enganou cruelmente. Conservo-a apenas para me proteger e preservar uma arma que sempre me colocará ao abrigo de quaisquer medidas que ele possa tomar no futuro. Deixo para ele um retrato meu, que talvez queira ter.

Muito atenciosamente,

Irene Norton, nascida Adler.

- Que mulher, ah, que mulher! - exclamou o rei da Boêmia, quando todos os três havíamos lido a carta. - Não lhes disse que era rápida e decidida? Não teria sido uma rainha admirável? Não é uma pena que não tivesse o mesmo nível que eu?

- Pelo que vi dessa senhora, parece-me na verdade que ela está num nível diferente do de Vossa Majestade - disse Holmes friamente. - Sinto muito não ter conseguido levar a questão de Vossa Majestade a uma conclusão melhor.

- Pelo contrário, meu prezado senhor - exclamou o rei. - Nada poderia ter sido melhor. Sei que a palavra de Irene é sagrada. A fotografia está tão segura como se tivesse sido queimada.

- Fico satisfeito em ouvir Vossa Majestade dizer isso.

- Sou-lhe imensamente grato. Por favor, diga-me de que maneira poderei recompensá-lo. Este anel. ..

O rei tirou do dedo um anel de esmeralda, em forma de cobra, e o estendeu na palma da mão.

- Vossa Majestade tem uma coisa a que atribuo valor ainda maior - disse Holmes.

- Basta dizer qual é.

- Esta fotografia!

O rei olhou-o, espantado.

- O retrato de Irene! - exclamou. - Certamente, se assim deseja.

- Agradeço a Vossa Majestade. Então, não há mais nada a fazer. Tenho a honra de lhe desejar muito bom-dia.

Fez uma reverência e, afastando-se, sem tomar conhecimento da mão que o rei lhe estendia, saiu em minha companhia, de volta aos seus aposentos.

E foi assim que um grande escândalo ameaçou o Reino da Boêmia e que os melhores planos de Sr. Sherlock Holmes foram derrotados pela esperteza de uma mulher. Ele costumava gracejar com a inteligência das mulheres, mas desde então não o ouvi fazê-lo outra vez. E quando fala em Irene Adler, ou quando se refere ao retrato dela, é sempre com o honroso título de a mulher.

Tradução de Waltensir Dutra

55. A PARTE AMARGA

EXTRATO DA CORRESPONDÊNCIA INTERNA DA POLÍCIA DE LONDRES

WILKIE COLLINS (1824 -1889 | Inglaterra)

*Escritor profissional já em sua época, e companheiro de Dickens, com quem escreveu alguns livros e a quem chegou a influenciar, William Wilkie Collins é um pioneiro reconhecido do romance policial, com *The Woman in White* (1860) e *The Moonstone* (1868). Este *A Parte Amarga* que se vai ler, de estrutura acurada e linguagem ágil, mostra como o conto policial (no caso, com mais ênfase no aspecto investigativo do que no crime propriamente] já começava com o pé direito.*

DO INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE, DO DEPARTAMENTO DE DETETIVES, PARA O SARGENTO BULMER, DO MESMO DEPARTAMENTO

Londres, 4 de julho de 18. . .

Sargento Bulmer,

Esta é para informá-lo de que seus serviços são necessários na investigação de um caso importante, que requer atenção em tempo integral de um membro experiente do departamento. O caso de roubo, do qual agora se ocupa, deve ser transferido para o jovem portador desta carta. O senhor o informará de todas as circunstâncias do caso e o atualizará nos progressos que fez (se algum) no sentido de descobrir o culpado, ou culpados; passando a ele a responsabilidade total pelo caso, bem como todo crédito pelo sucesso, que porventura ele venha a ter na solução do mesmo.

Estas são as ordens que me pediram passasse ao senhor.

Agora, em confidência, algumas palavras sobre este novato que deve substituí-lo no caso. Seu nome é Matthew Sharpin e, por alguma razão, devemos dar-lhe a chance de entrar, saltando todas as etapas, diretamente em nosso departamento, se provar sua capacidade para tal. Naturalmente o senhor gostaria de saber por que lhe é dado este privilégio. Tudo que posso dizer é que ele conta com o forte interesse de algumas pessoas situadas no alto da hierarquia; pessoas cujos nomes é melhor que nem eu nem o senhor mencionemos em voz alta. Trabalhava num escritório de advocacia e, apesar de seu aspecto traiçoeiro e mesquinho, tem um ótimo conceito de si mesmo. Segundo ele, foi por sua livre e espontânea vontade que decidiu abandonar sua profissão anterior e juntar-se a nós. O senhor não precisa acreditar nisto, como eu tampouco acredito. Na minha opinião, ele teve acesso a alguma informação confidencial sobre um dos clientes de seus patrões, o que fez impossível sua permanência no escritório, mas, ao mesmo tempo, perigosa sua demissão sumária. Acho que esta chance, sem precedentes, dada a ele entre nós, tem todo o aspecto daquilo que vulgarmente chamam de um "cala boca". Seja como for, o Sr. Matthew Sharpin se ocupará do caso, até este momento em suas mãos, e, se conseguir resolvê-lo, teremos que suportar sua cara desagradável em nosso departamento, tão certo como dois e dois são quatro. Dou-lhe estas informações, sargento, para que possa agir de acordo com seu melhor interesse e não dar ao novato nenhuma razão para reclamações ao quartel-general.

Cordialmente,

FRANCIS THEAKSTONE

DE MATTHEW SHARPIN

PARA O INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE

Londres, 5 de julho de 18. . .

Prezado Senhor,

Já de posse das informações que o sargento Bulmer teve a gentileza de me fornecer, me permito lembrá-lo de minhas instruções em referência ao relatório que deverei preparar, para a apreciação do quartel-general.

Segundo entendi, a razão de submeter meus relatórios ao senhor, antes de serem enviados a autoridades mais altas, é para que eu, na minha inexperiência, possa contar com sua orientação, caso julgue necessária (o que, ousado dizer, não acontecerá), em qualquer etapa da investigação. Como as circunstâncias excepcionais deste caso tornam impossível minha ausência da cena do roubo, pelo menos até quando consiga uma pista que me leve ao culpado, vejo-me na impossibilidade de consultá-lo diretamente; assim sou obrigado a colocar no papel vários detalhes que seriam, talvez, melhor comunicados oralmente. Esta é, se não me engano, a posição em que nos encontramos agora. Escrevo sobre minha impressão da situação para que possamos entender com clareza um ao outro, desde o início.

Seu criado,

MATTHEW SHARPIN

DO INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE

PARA MATTHEW SHARPIN

Londres, 5 de julho de 18. . .

Prezado Senhor,

O senhor começa por desperdiçar tempo, tinta e papel. Nós dois conhecíamos bem nossas posições, em relação um ao outro, quando o mandei procurar o sargento Bulmer com minha carta. Não

havia nenhuma razão para uma descrição por escrito. Espero que no futuro restrinja o uso de sua pena à investigação que tem nas mãos.

O senhor tem, neste momento, três assuntos distintos para escrever-me a respeito. Primeiro, gostaria de receber uma declaração das instruções que lhe foram passadas pelo sargento Bulmer, de forma a mostrar-nos que nada escapou à sua memória e que o senhor está bem familiarizado com as circunstâncias do caso que lhe confiamos. Segundo, o senhor deve escrever me informando daquilo que se propõe a fazer. Terceiro, desejo receber relatórios diários, detalhados, de cada passo de seu progresso (se fizer algum). Esta é a sua obrigação. Quanto às minhas obrigações, se por acaso, algum dia, eu desejar ser recordado delas pelo senhor, escreverei avisando.

Enquanto isto não acontece, me despeço. Cordialmente,

FRANCIS THEAKSTONE

DE MATTHEW SHARPIN

PARA O INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE

Londres, 6 de julho de 18. . .

Senhor,

Sendo o senhor uma pessoa de mais idade, é, como tal, propenso a sentir uma certa inveja de pessoas como eu, na flor da juventude e em pleno gozo de todas as faculdades, físicas e mentais; nestas circunstâncias, é meu dever ter uma certa consideração para consigo, e não ser demasiado rigoroso com suas pequenas falhas. Assim sendo, declino de sentir-me, de alguma forma, ofendido com o tom de sua carta, oferecendo-lhe a total benevolência de minha natureza generosa, apagando completamente de minha memória sua comunicação áspera.

Resumindo, inspetor-chefe Theakstone, eu o perdôo e passo ao trabalho.

Meu primeiro dever é redigir uma declaração completa das instruções que recebi do sargento Bulmer. Aqui vai ela, segundo meu melhor entendimento, e a seu completo dispor:

No número 13 de Rutherford Street, no Soho, há uma pequena papelaria. É administrada pelo proprietário, um Sr. Yatman, casado e sem filhos. Além do Sr. e da Sra.

Yatman, vivem na casa um pensionista, jovem e solteiro, chamado Jay, que ocupa o quarto da frente no segundo andar, um caixeiro da loja, que dorme em um dos sótãos, e uma empregada doméstica, que faz sua cama na cozinha, no fundo. Uma vez por semana, uma faxineira vem ajudar a empregada. Estas são as pessoas que, em circunstâncias normais, têm acesso ao interior da casa. O Sr. Yatman está no comércio há vários anos, administrando seu negócio de forma próspera, alcançando uma independência admirável para alguém de sua posição. Desafortunadamente para ele, no entanto, o desejo de aumentar sua fortuna o levou a especular em investimentos pouco seguros. Um revés da sorte e, há menos de dois anos atrás, viu-se pobre outra vez. Tudo que pôde salvar de sua antiga fortuna foi a quantia de duzentas libras.

Embora o Sr. Yatman fizesse o possível para adaptar-se às novas circunstâncias, abandonando confortos e luxos a que ele e sua esposa se haviam acostumado, tornara-se impossível economizar qualquer coisa do que rendia a loja. O negócio declinara nos últimos anos devido à concorrência imposta pelas papelarias baratas e sua publicidade. Assim, até a semana passada, todas as economias do Sr. Yatman consistiam nessas du-zentas libras que restaram de sua antiga fortuna. Esta quantia estava depositada num banco da mais alta credibilidade.

Oito dias atrás, o Sr. Yatman e seu inquilino, o Sr. Jay, tiveram uma conversa sobre as dificuldades por que passavam, nos dias de hoje, todos os tipos de negócios. O Sr. Jay (que ganha a vida fornecendo pequenas notas aos jornais sobre acidentes, crimes e

qualquer outro fato de relevo) disse a seu senhorio que estivera naquela tarde no centro da cidade, onde ouvira rumores sobre a situação de quase falência em que se encontravam os bancos. O Sr. Yatman, que já ouvira os mesmos rumores de outras fontes, ao ouvi-los novamente de seu inquilino e predisposto ao alarme como era, devido a suas perdas anteriores, ficou em tal estado de espírito que resolveu ir imediatamente ao banco sacar seu dinheiro. Isto aconteceu no final da tarde, e o Sr. Yatman conseguiu retirar o dinheiro apenas alguns minutos antes que o banco fechasse.

Recebeu seu dinheiro em notas, da seguinte forma: uma nota de cinqüenta libras, três notas de vinte libras, seis notas de dez libras e seis notas de cinco libras. Seu objetivo em ter o dinheiro trocado assim era o de tê-lo pronto para usar, com garantias seguras, em pequenos empréstimos aos comerciantes da área, todos pressionados por dificuldades. Este tipo de investimento parecia ao Sr. Yatman ser o mais seguro e lucrativo nas circunstâncias em que se encontrava agora.

Trouxe o dinheiro para casa num envelope, guardado no bolso junto ao peito, e pediu a seu caixeiro, logo que chegou, que procurasse uma latinha achatada para guardar dinheiro, que não era usada havia já alguns anos, mas que, o Sr. Yatman se recordava, teria o tamanho exato das notas. Por algum tempo procuraram a caixa sem encontrá-la. O Sr. Yatman chamou sua esposa para perguntar-lhe se tinha alguma idéia de onde a tal lata estaria. A pergunta foi ouvida pela empregada, que levava a bandeja do chá naquele momento, e pelo Sr. Jay, que descia de seu quarto para ir ao teatro. No final, a latinha foi encontrada pelo caixeiro, e o Sr. Yatman guardou nela as notas e meteu-a no bolso do casaco, onde ela entrou apertada e ficou aparecendo um pouco. Passou o resto da noite em casa, sem receber visitas; às onze horas foi para a cama dormir e pôs a caixa debaixo de seu travesseiro.

Quando ele e a mulher acordaram, no dia seguinte, a caixa desaparecera. O pagamento das notas foi imediatamente sustado no Banco da Inglaterra, mas não se encontrou mais o dinheiro, desde então.

Até este ponto, as circunstâncias do caso são bem claras. Levam à conclusão de que o roubo foi executado por alguma das pessoas dentro da casa. As suspeitas recaíram então sobre a doméstica, sobre o empregado da loja e sobre o Sr. Jay. Os dois primeiros ouviram o Sr. Yatman procurando pela caixinha e, embora não soubessem para que ele a queria, não era difícil deduzir que seria para guardar dinheiro. Os dois tiveram oportunidade de ver a caixa no bolso do Sr. Yatman (a empregada quando fora retirar o chá, e o caixeiro quando fora levar as chaves da loja depois de fechá-la) e inferir que ele a levaria consigo para o quarto quando fosse dormir.

O Sr. Jay, por sua vez, soubera na conversa daquela tarde que seu senhorio tinha duzentas libras depositadas num banco e que o deixara para ir retirar este dinheiro; além disso ouvira, quando saía para o teatro, que o Sr. Yatman procurava pela caixinha, donde seria fácil concluir que o dinheiro já estava com ele. Não tinha, no entanto, nenhuma idéia de onde o Sr. Yatman pretendia guardá-lo durante a noite, pois a caixinha só fora encontrada depois que já saíra para o teatro, e ele só voltara depois que o Sr. Yatman já fora dormir. Logo, se fora ele o ladrão, entrara no quarto por pura intuição.

Falando no quarto, me lembro da necessidade de descrever sua situação na casa e da facilidade de entrar ali a qualquer hora da noite.

O quarto em questão se encontra nos fundos do primeiro andar. Devido a um particular medo de incêndios que tem a Sra. Yatman, e em especial à idéia de morrer queimada, ficando presa no fogo por uma porta trancada, seu marido nunca passa a chave na fechadura da porta. Ambos, segundo seus próprios relatos, têm o sono pesado; o que tornaria quase nenhum o risco de ser descoberto, para alguém mal-intencionado que entrasse no quarto à noite. Qualquer um poderia entrar no quarto apenas girando a maçaneta, e, movendo-se com um mínimo de cuidado, estaria seguro de que não despertaria nenhum dos dois. Este é um detalhe importante e que fortalece nossa opinião de que o roubo foi cometido por alguém da casa, mostrando que o crime poderia ser executado por

amadores inexperientes, por não requerer nenhuma das habilidades especiais de um ladrão profissional.

Estas são as circunstâncias, como foram relatadas ao sargento Bulmer, quando iniciou suas investigações depois de chamado ao local para tentar descobrir o culpado do roubo e se possível reaver o dinheiro desaparecido. O minucioso inquérito estabelecido pelo sargento não conseguiu estabelecer o menor fragmento de evidência contra nenhum dos suspeitos naturais. Suas respostas e comportamento, quando informados do roubo, eram consistentes com as respostas e comportamento de pessoas inocentes. O sargento Bulmer, em consequência disso, considerou desde o início que este seria um caso para ser resolvido por uma investigação secreta. Começou por recomendar ao Sr. e Sra. Yatman que tratassem a todos como se estivessem seguros da inocência de cada um deles, enquanto começava sua campanha seguindo as idas e vindas da empregada doméstica e descobrindo quem eram seus amigos, seus hábitos e seus segredos.

Depois de três dias e três noites de esforços, seus e de seus competentes auxiliares, chegou à conclusão de que não havia nada que depusesse contra a garota.

Em seguida, fez o mesmo em relação ao caixeiro da loja. Houve um pouco mais de dúvidas a serem esclarecidas, e um pouco mais de dificuldade em fazer isto em segredo, no caso desta pessoa, mas no final, embora sem a mesma certeza definitiva como no caso da garota, concluiu ser pouco provável que o caixeiro também tivesse alguma coisa a ver com o roubo.

Como consequência natural, a lista de suspeitos ficou reduzida assim ao inquilino, o Sr. Jay.

Quando levei sua carta de apresentação ao sargento Bulmer, ele já começara a investigar este jovem. Os resultados desta investigação, até o momento, não foram muito favoráveis a ele. Os hábitos do Sr. Jay são irregulares e ele é um freqüentador de bares; parece ter relações com vários personagens de vida dissoluta e tem dividas por toda parte. Não paga o aluguel ao Sr. Yatman há um

mês; ontem chegou em casa embriagado e, na semana passada, foi visto conversando com um lutador profissional; em suma, embora se intitule jornalista, em virtude das notas que vende por alguns trocados aos jornais, o Sr. Jay não passa de um jovem de maus hábitos, maneiras vulgares e gostos duvidosos. Até agora, nada do que foi descoberto sobre ele pode ser considerado, mesmo que de forma longínqua, favorável ao seu caráter.

Com isto, termino de relatar, até o último detalhe, todas as informações que me passou o sargento Bulmer. Não creio que o senhor seja capaz de encontrar nenhuma omissão, e acho que, mesmo com todos os preconceitos que tem contra mim, o senhor será obrigado a admitir que nunca lhe foi apresentado um relatório mais claro e preciso do que este. Minha segunda obrigação é a de relatar-lhe o que me proponho a fazer, agora que o caso está em minhas mãos.

Antes de tudo, me parece claro que meu dever me obriga a pegar este caso no ponto em que o sargento Bulmer o abandonou. Baseado no trabalho feito por ele, me parece justo assumir que não devo preocupar-me mais com a doméstica ou com o empregado da loja, cuja inocência sua investigação estabeleceu. Assim, o que resta a ser investigado em segredo é a questão da culpa ou inocência do Sr. Jay; e antes de darmos por perdido o dinheiro desaparecido, devemos nos certificar de que ele não tem nada a ver com o roubo.

Este é o plano adotado por mim, com a total aprovação do Sr. e da Sra. Yatman, para descobrir se o Sr. Jay é ou não é o ladrão:

Eu me apresentarei hoje na casa fazendo-me passar por alguém à procura de um quarto para alugar. A Sra. Yatman me mostrará o quarto dos fundos no segundo andar como sendo aquele a ser alugado e me estabelecerei ali, como um jovem do interior em Londres à procura de uma colocação num escritório ou numa loja respeitável.

Desta forma, ficarei ao lado do quarto ocupado pelo Sr. Jay. A parede divisória é apenas de argamassa e não será difícil fazer nela

um pequeno furo por onde possa observar o que faz o Sr. Jay em seu quarto e ouvir as conversas que porventura tenha com eventuais visitantes. Sempre que ele estiver em casa, estarei em meu posto de observação; quando sair, eu o seguirei. Acredito que desta forma descobrirei, com certeza, seu segredo, caso esteja envolvido com o roubo.

Não me sinto no direito de prever sua avaliação de meu plano, mas tenho para mim que ele une os incalculáveis méritos da ousadia com aqueles da simplicidade. Revigorado por esta convicção, encerro a presente, com sentimentos do maior otimismo em relação ao futuro.

Sempre seu obediente criado,

MATTHEW SHARPIN

DO MESMO REMETENTE
PARA O MESMO DESTINATÁRIO
7 de julho

Prezado Senhor,

Sem a honra de uma resposta à minha última comunicação, ouse presumir que esta, apesar de todos seus preconceitos contra mim, causou em sua mente uma impressão favorável. Gratificado e encorajado, além de qualquer medida, por esta aprovação que seu eloqüente silêncio me transmite, passo agora a relatar os progressos resultantes de meus esforços no decurso das últimas vinte e quatro horas.

Encontro-me, neste momento, confortavelmente instalado no quarto ao lado daquele do Sr. Jay, e é um prazer comunicar-lhe que, em vez de um buraco na parede, tenho dois à minha disposição. Meu senso de humor inato permitiu-me a desculpável extravagância

de batizá-los com nomes apropriados. Ao primeiro chamei de "luneta", e ao segundo de "corneta". O nome do primeiro é auto-explicativo; o do segundo se refere a um pequeno tubo de metal inserido e retorcido no buraco, de forma a chegar até meu ouvido, quando me encontro em meu posto de observação. Assim, ao mesmo tempo em que observo, pelo meu furo "luneta", tudo que se passa no quarto do Sr. Jay, pelo meu furo "corneta", posso ouvir qualquer coisa que for dita.

Minha total honestidade, virtude que cultivo desde a mais tenra infância, obriga-me a confessar, antes de poder prosseguir com meu relato, que a idéia de juntar um furo "corneta" ao meu furo "luneta" partiu da Sra. Yatman. Esta senhora inteligente e dotada, pessoa de modos refinados e ainda assim de simples trato, passou a colaborar em todos os meus planos com um entusiasmo e inteligência que nenhum elogio seria excessivo no descrever. O Sr. Yatman ficou tão deprimido com sua perda que tem sido incapaz de prestar-me qualquer assistência. A Sra. Yatman, cujo afeto por ele é evidente, sente mais pelo estado de espírito do marido que pela própria perda do dinheiro, e é estimulada a auxiliar-me pelo desejo e pela esperança de ajudá-lo a sair do miserável estado de prostração em que se encontra.

- O dinheiro, Sr. Sharpin - me disse ela, ainda ontem à noite, com lágrimas nos olhos -, o dinheiro pode ser recuperado com trabalho e economia. É o estado de espírito em que se encontra meu marido que me preocupa e me faz ansiosa por descobrir o ladrão. Talvez esteja enganada, mas foi a partir do momento em que o senhor entrou nesta casa que me sinto segura de sucesso. Se existe alguém no mundo capaz de descobrir o desgraçado que nos roubou, este alguém é o senhor - aceitei este gratificante elogio na sinceridade com que foi feito e creio que o tempo dirá se o mereci ou não.

Voltando ao assunto deste relatório, ou seja, minha "luneta" e minha "corneta".

Pude observar com calma, por algumas horas, o Sr. Jay. Embora normalmente passe muito pouco tempo em casa, como soube pela

Sra. Yatman, ele ontem permaneceu no quarto o dia inteiro. O que é, por si só, bastante suspeito. Devo ainda juntar que se levantou tarde esta manhã (o que é sempre um péssimo sinal numa pessoa jovem), e que passou a maior parte do tempo, depois de levantar-se, bocejando e reclamando em voz alta de uma dor de cabeça. Como é comum em pessoas de caráter dissoluto, comeu pouco, ou quase nada, no seu café da manhã. Sua próxima providência foi acender um cachimbo, um sujo cachimbo de barro que um cavalheiro, digno deste nome, jamais colocaria entre os lábios. Quando terminou de fumar, pegou papel, pena e tinteiro e sentou-se para escrever com um grunhido, que eu não saberia determinar se era de remorso por roubar o dinheiro ou se era de puro desagrado pela tarefa que tinha diante de si. Depois de escrever algumas linhas (muito distantes de minha "luneta" para que pudesse lê-las), se recostou na cadeira e começou a cantarolar algumas canções populares. Se estas canções eram ou não parte de um código secreto, com que se comunicava com outros cúmplices, é algo ainda a ser determinado. Depois de cantarolar por algum tempo, resolveu levantar-se e caminhar pelo quarto, parando de vez em quando para colocar mais uma frase no papel sobre sua mesa. Pouco tempo depois, foi a um armário fechado e o abriu. Forcei a vista na expectativa de descobrir algo. Vi que retirava com cuidado alguma coisa do armário, afinal virou-se para mim e pude ver, tratava-se apenas de meia garrafa de brandy. Depois de beber um pouco, este reprovável indolente deitou-se outra vez na cama e, em cinco minutos, voltou a dormir.

Ouvi seu ronco por pelo menos duas horas, até que uma batida em sua porta me chamou outra vez ao meu posto de observação. Ele acordou e abriu a porta com uma presteza bastante suspeita.

Um menino pequeno, com uma cara imunda, entrou no quarto.

- Por favor, estão esperando pelo senhor! - disse, sentando-se numa cadeira, onde em pouco tempo começou a dormir. O Sr. Jay disse um palavrão, enrolou uma toalha molhada em torno da testa e, voltando ao seu papel, começou a cobri-lo de frases, tão rapidamente quanto seus dedos eram capazes de mover a pena.

Continuou neste exercício durante umas três horas, com ocasionais interrupções para molhar e tornar a enrolar a toalha na testa. No final, dobrou as folhas escritas e, depois de acordar o menino, entregou-as a ele dizendo:

- Pronto, dorminhoco, ai estão. Pode levá-Ias. Rápido! Se estiver com o patrão diga que tenha meu dinheiro pronto para quando for vê-lo - o menino sorriu e desapareceu. Estive a ponto de seguir o tal "dorminhoco", mas acabei desistindo da idéia, considerando mais seguro manter o olho nos movimentos do Sr. Jay.

Meia hora depois, ele punha o chapéu na cabeça e saía. Eu, claro, também pus meu chapéu e saí. Quando descia, cruzei com a Sra. Yatman, que subia a escada. Por um prévio acordo entre nós, ela se prontificara a revistar o quarto do Sr. Jay quando este se ausentasse, estando eu ocupado, enquanto isto, na prazerosa tarefa de segui-lo. Na referida ocasião, ele caminhou direto para a taverna mais próxima e ordenou um par de costeletas de carneiro para seu jantar. Coloquei-me no compartimento próximo ao seu e pedi também duas costeletas de carneiro para o meu jantar. Menos de um minuto depois, um jovem de aspecto e modos bastante suspeitos, que se encontrava sentado numa mesa oposta, pegou seu copo de cerveja e juntou-se ao Sr. Jay. Fingindo ler um jornal, ouvi a conversa de ambos com a maior atenção.

- Jack esteve perguntando por você - disse o jovem.

- Ele deixou algum recado? - perguntou o Sr. Jay.

- Sim - disse o outro.- Pediu-me que, se o visse, dissesse que ele precisa muito vê-lo esta noite, e que passaria por Rutherford Street para procurá-lo, às 19h.

- Tudo bem - disse o Sr. Jay. - Já estarei de volta em casa a esta hora.

Depois disso, o jovem de ar suspeito terminou sua cerveja e, dizendo estar com pressa, despediu-se de seu amigo (talvez fosse mais apropriado dizer seu cúmplice?) e foi embora.

Entre 18h25 e 18h30 (em casos como este é importante ser preciso quanto à hora), o Sr. Jay terminou suas costeletas e pagou

sua conta. Entre 18h26 e 18h45, comi e paguei pelas minhas. Dez minutos mais tarde estava em casa, em Rutherford Street, e fui recebido pela Sra. Yatman no corredor. Entristeceu-me muito ver no rosto da encantadora senhora um ar de melancolia e desapontamento.

- Vejo, madame - disse eu -, que a senhora não descobriu nenhuma prova incriminadora no quarto do pensionista.

Ela balançou a cabeça e deu um suspiro. Um suspiro lânguido, macio e vibrante, que me comoveu. Por um momento esqueci-me do trabalho e senti apenas uma enorme inveja do Sr. Yatman.

- Não se desespere, madame - disse com uma insinuante doçura que pareceu tocá-Ia. - Acabo de ouvir, numa misteriosa conversa, sobre um encontro suspeito e tenho grandes esperanças em minha "luneta", e em minha "corneta". Não diga nada, mas creio que estamos prestes a fazer uma descoberta.

Então, o entusiasmo de minha devoção pelo trabalho tomou conta de mim; olhei-a nos olhos, pisquei com um aceno de cabeça e a deixei.

De volta ao meu observatório, encontrei o Sr. Jay digerindo suas costeletas numa poltrona, com seu cachimbo na boca. Na sua mesa havia dois copos, um jarro de água e a meia garrafa de brandy. Eram quase sete horas. \s sete em ponto, Jack entrou.

Ele parecia agitado, para felicidade minha, parecia muito agitado. A antecipação do sucesso tomou conta de mim da cabeça aos pés. Com a respiração suspensa pelo interesse, vi através de minha "luneta" o visitante sentar-se diante do Sr. Jay e de frente para mim. Descontando as diferenças de expressão no rosto de cada um, naquele momento os dois se pareciam tanto como se fossem irmãos.

- Que é que houve, Jack? - perguntou o Sr. Jay.

- Você não está vendo no meu rosto? - respondeu Jack. - Atrasos são perigosos, meu caro. Vamos acabar com os riscos e com o suspense depois de amanhã.

- Já? - disse o Sr. Jay com surpresa. - Bem, se você está pronto, eu também estou, mas será que a outra pessoa estará? Você tem certeza disto?

Falava com um sorriso nos lábios, um sorriso assustador, e colocou uma ênfase especial em sua voz quando falou da "outra pessoa". É evidente que existe um terceiro bandido envolvido no caso, um desesperado de quem ainda não sabemos o nome.

- Encontre-nos amanhã - disse Jack - e veja por você mesmo. Esteja em Regent's Park amanhã às onze, nós estaremos na curva que leva a Avenue Road.

- Eu estarei lá - disse o Sr. Jay. - Não quer um pouco de orondycom água? Por que é que está se levantando? Você já vai embora?

- Sim, já vou - disse Jack. - Na verdade estou tão nervoso que não consigo ficar mais de cinco minutos sentado no mesmo lugar. Pode parecer ridículo, mas tenho os nervos à flor da pele. Não consigo parar de pensar que podemos ser descobertos. Qualquer pessoa que olhe para mim na rua me parece um espião. ..

Quando ouvi estas palavras, tive medo que minhas pernas me traíssem e cedessem sob o peso de meu corpo. Apenas minha força de vontade, dou-lhe minha palavra de honra, me manteve ali, no meu posto de observação.

- Bobagem! - exclamou o Sr. Jay, com a ousadia de um veterano do crime. - Fizemos tudo em segredo até aqui, e continuaremos trabalhando bem até o final. Tome um trago e se sentirá tão confiante quanto eu.

Jack recusou a bebida e insistiu em partir.

- Não se esqueça, amanhã às onze, em Regent's Park, do lado de Avenue Road. Com estas palavras foi embora. Seu parente mais calejado riu com desespero e voltou ao seu cachimbo.

Sentei-me na cama tremendo de excitação.

Parece-me claro que não foi feita ainda nenhuma tentativa para trocar as notas roubadas, e devo mencionar que esta era também a

opinião do sargento Bulmer quando deixou o caso comigo. Qual seria então a conclusão natural a tirar da conversa que acabara de ouvir? Parece claro que o encontro de amanhã seria para dividir o dinheiro e decidir a melhor forma de trocá-lo no dia seguinte. O Sr. Jay deve ser o chefe do bando e é provável que assuma o risco maior, que será a troca da nota de cinqüenta libras. Assim sendo, continuarei a segui-lo, comparecendo ao encontro em Regent's Park amanhã, e fazendo o possível para ouvir o que disserem. Se um outro encontro for marcado para o mesmo dia, é claro que também irei. Enquanto isto, necessito da assistência de duas pessoas competentes para seguir os dois outros cúmplices (caso se separem depois do encontro). No caso de permanecerem todos juntos, manterei meus subordinados de reserva, pois, devido à minha natural ambição, pretendo ter todo o crédito pela descoberta dos bandidos.

8 de julho

Confirmo e agradeço a chegada de meus dois subordinados, que parecem ser homens de inteligência apenas mediana, mas que, afortunadamente, trabalharão sempre orientados por mim.

Minha primeira providência esta manhã, para prevenir qualquer mal-entendido, foi a de avisar o Sr. e a Sra. Yatman da presença de dois estranhos na casa. O Sr. Yatman (aqui entre nós, um pobre coitado fraco de vontade) apenas concordou com a cabeça e suspirou. A Sra. Yatman (uma mulher superior) favoreceu-me com um olhar inteligente e encantador.

- Oh, Sr. Sharpin! - disse-me ela. - Fico tão triste em ver estes dois homens. Este seu pedido de auxílio me parece uma quase admissão de desesperança.

Sem que o Sr. Yatman visse, pisquei para ela (coisa que ela me permite fazer sem ofender-se), e disse-lhe, na minha forma bem-humorada, que ela se enganava.

- Pelo contrário, madame, é justamente por estar seguro do sucesso que os chamei. Estou determinado a recuperar o dinheiro, não apenas por minha causa, mas pelo Sr. Yatman e pela senhora - disse, colocando uma ênfase especial nas duas últimas palavras.

- Oh, Sr. Sharpin! - disse, corando de um vermelho celestial e baixando o olhar para seu trabalho. Eu seria capaz de qualquer coisa por aquela mulher, se o marido, pelo menos, se resolvesse a morrer.

Mandei os dois agentes para que esperassem, até que tivesse necessidade deles, no portão de Avenue Road, do Regent's Park. Meia hora mais tarde, segui na mesma direção os passos do Sr. Jay.

Os dois cúmplices foram pontuais ao encontro. Fico vermelho de vergonha ao lembrar disso, mas é necessário dizer que o terceiro membro do bando (o desesperado ainda sem nome de meu último relatório, ou, se o senhor preferir, a "outra pessoa", referida na conversa dos dois irmãos) é uma mulher. E, o que é mais sério, uma mulher jovem e atraente. Por muitos anos tenho tentado erradicar de minha mente a convicção de que sempre que se comete algum malfeito, há uma mulher envolvida. Depois daquilo que vi esta manhã, não lutarei mais contra esta triste conclusão. Dou por perdido todo o sexo feminino; com a exceção da Sra. Yatman, é claro.

O homem chamado Jack ofereceu seu braço a ela, o Sr. Jay colocou-se do outro lado, e os três começaram a caminhar devagar entre as árvores. Eu os segui a uma respeitável distância, enquanto os dois agentes, também a uma respeitável distância, seguiam a mim.

Sinto profundamente dizer que foi impossível aproximar-me deles o bastante para que pudesse ouvir a conversação sem correr o risco de ser descoberto; pude apenas deduzir, de seus gestos e da expressão em seus rostos, que falavam todos com extraordinária franqueza de algum assunto que os interessava profundamente. Depois de passar assim conversando um bom quarto de hora, inverteram, de repente, o sentido da caminhada que faziam,

voltando sobre os próprios passos. Minha presença de espírito não me abandonou na emergência. Fiz um gesto aos meus subordinados para que seguissem descuidados no

mesmo sentido passando por eles, enquanto eu mesmo conseguia me esconder com habilidade atrás de uma árvore. Ao passarem por mim, pude ouvir a voz de Jack, que dirigia ao Sr. Jay as seguintes palavras:

- Digamos às 10h30 amanhã de manhã. E venha com um carro. É melhor não nos arriscarmos, pegando um aqui nesta área.

O Sr. Jay deu uma breve resposta que não pude ouvir. Despediram-se com apertos de mão cordiais, numa ousadia de dar náusea. Depois se separaram. Segui os passos do Sr. Jay, enquanto meus subordinados dedicavam a mesma atenção aos outros dois.

Em vez de levar-me de volta a Rutherford Street, o Sr. Jay fez-me segui-lo até o Strand, onde entrou em uma casa de ar suspeito e decadente, que, segundo a inscrição na fachada sobre a porta, seria um jornal, embora tivesse toda a aparência exterior de um local dedicado à receptação de furtos.

Depois de permanecer ali por alguns minutos, saiu com as mãos nos bolsos e assoviando. Uma outra pessoa talvez o prendesse ali mesmo. Lembrei-me da necessidade de pegar seus dois cúmplices, e da importância de não interferir com o encontro que tinham marcado para o dia seguinte. Imagino que meu sangue-frio, no calor das circunstâncias, não seja coisa comum num novato inexperiente e com uma reputação de detetive policial ainda não estabelecida.

Daquela casa de aparência suspeita, o Sr. Jay se dirigiu a uma tabacaria onde se sentou num sofá para ler o jornal, enquanto fumava um charuto. Da tabacaria foi para a taverna, onde comeu suas costeletas. Fui atrás dele até a taverna e comi minhas costeletas. Quando terminou, voltou ao seu quarto. Quando terminei, também voltei ao meu quarto. Cedo se sentiu sonolento, e foi para a cama. Logo que o ouvi roncando, também me senti sonolento, e fui para a cama.

Cedo pela manhã, meus dois subordinados vieram fazer seus relatórios.

Viram o homem chamado Jack acompanhar a mulher até o portão de uma residência de aspecto respeitável, não muito distante de Regent's Park. Depois de ficar só, virou à direita e, caminhando nesta direção, foi até uma rua de aparência suburbana, numa vizinhança habitada principalmente por comerciantes. Parou na porta de uma das casas, onde entrou usando sua própria chave, não sem antes olhar para os lados e fixar meus dois subordinados que passavam pelo outro lado da rua. Estes eram todos os particulares que tinham para comunicar-me. Mantive-os em meu quarto, caso fossem necessários, e fui para minha "luneta" observar o Sr. Jay.

Estava ocupado em vestir-se, tomando extremos cuidados na tentativa de esconder todos os traços de seu natural relaxamento. Era exatamente o que eu esperava. Um vagabundo como o Sr. Jay sabe a importância que tem um aspecto respeitável quando vai correr o risco de trocar notas de banco roubadas. Cinco minutos depois das dez, dera a última escovada em seu velho chapéu e a última esfregada com miolo de pão em suas luvas sujas. Dez minutos depois das dez, já estava na rua em direção ao ponto mais próximo de carros de aluguel. Meus subordinados e eu estávamos logo atrás dele.

Ele tomou um carro, e nós tomamos outro. Não ouvira deles o local do encontro, mas logo percebi que íamos na conhecida direção do portão de Avenue Road. O carro do Sr. Jay entrou no parque vagarosamente. Nós paramos do lado de fora, para evitar suspeitas. Saltei pensando em segui-lo a pé, mas naquele momento vi que parava, e detectei que os dois cúmplices se aproximavam vindo por entre as árvores. Entraram, e o carro fez o giro para voltar por onde entrara. Corri de volta para meu próprio carro e disse ao cocheiro que os deixasse passar, e os seguisse como antes.

O homem obedeceu às minhas instruções, mas de forma tão desajeitada a ponto de despertar suspeitas. Três minutos depois, nós os seguíamos pela estrada por onde viéramos, e decidi olhar

pela janela para ver a que distância estavam. Quando fiz isto, vi dois chapéus saindo das janelas do carro deles, e dois rostos que olhavam diretamente para mim. Sentei-me de volta com o sangue gelado.

- Fomos descobertos - disse num fio de voz a meus subordinados. Eles me olharam espantados. E naquele instante o desespero que sentia transformou-se em indignação.

- A culpa é do cocheiro. Um de vocês vá lá fora - disse com dignidade -, vá lá fora e dê um murro nele.

Em vez de fazer o que mandara (gostaria que este ato de indisciplina fosse denunciado ao quartel-general). ambos se debruçaram para olhar pela janela. Antes que pudesse puxá-los de volta, estavam sentados de novo. Antes que pudesse expressar minha indignação, os dois disseram:

- Por favor, olhe lá fora, senhor! Olhei. O carro havia parado. Onde?

Na porta de uma igreja!

Não sei o efeito que isto teria numa pessoa comum. Mas a mim, pessoa extremamente religiosa que sou, encheu de horror. Leio com freqüência sobre a esperteza sem principios dos criminosos, mas nunca ouvira de três ladrões que usassem uma igreja para despistar seus perseguidores. Esta audácia sacrilega me parece sem paralelos nos anais do crime.

Com o cenho franzido, fiz parar de sorrir meus subordinados. Era fácil imaginar o que passava por suas mentes superficiais. Não fosse eu capaz de enxergar além das aparências, poderia também, vendo aqueles dois homens e aquela mulher, todos bem-vestidos, entrarem numa igreja, antes das onze horas, num dia de semana, chegar à mesma conclusão apressada a que haviam chegado meus inferiores. Mas as aparências não tinham o poder de determinar as minhas conclusões. Desci e, seguido por um de meus homens, entrei na igreja. O outro, eu mandei que vigiasse a porta da sacristia, pois este seu humilde criado não vai ser pego dormindo.

Subimos as escadas para o balcão do órgão, de onde podíamos espiar por uma fresta na cortina. Lá estavam eles, todos três, sentados num banco! Sim! Por incrível que possa parecer, estavam ali, sentados num banco!

Antes que pudesse decidir o que fazer apareceu um sacerdote; vinha da sacristia, vestido com todos os seus paramentos e seguido de um auxiliar. Um turbilhão de pensamentos passou por minha mente e meus olhos se turvaram. Sombrias memórias de roubos cometidos em sacristias cruzaram meus pensamentos, e temi por aquele bom homem em vestes canônicas, temi até pelo sacristão.

O sacerdote parou diante do altar. Aqueles três desesperados se aproximaram dele. Ele abriu um livro e começou a ler em voz alta. O quê? Perguntará o senhor.

Respondo sem a menor hesitação: As primeiras linhas da cerimônia de casamento.

Meu subordinado teve a audácia de olhar para mim com um lenço na boca para sufocar o riso. Não me dignei a olhá-lo. Depois de descobrir que o homem chamado Jack era o noivo, e o Sr. Jay fazia a parte de padrinho, deixei a igreja, seguido por meu subordinado, e fui encontrar o outro homem na porta da sacristia. Outra pessoa em meu lugar teria sentido algum desânimo e talvez começasse mesmo a pensar que cometera um erro. Nenhum destes pensamentos derrotistas me ocorreu, nem me passou pela mente a idéia de reavaliar minhas opiniões. E mesmo agora, três horas depois do fato, me alegra dizer que continuo tranqüilo nas minhas convicções.

Tão logo nos reunimos, eu e meus associados, diante da porta da sacristia, evidenciei minha vontade de continuar seguindo os suspeitos, apesar do ocorrido. Minhas razões ficarão claras mais adiante. Meus homens pareceram espantados com a minha decisão. Um deles teve a impertinência de dizer:

- Desculpe, senhor, mas o que é que estamos investigando? O roubo do dinheiro, ou o roubo de uma noiva?

O outro o encorajou com seu riso. Ambos merecem uma severa reprimenda e espero que ambos a recebam.

Quando o casamento acabou, os três entraram no carro, e nosso veículo (mantido bem escondido na esquina) voltou a segui-los.

Nós os acompanhamos até a estação terminal da Southwestern Railway. Os re-cém-casados compraram bilhetes para Richmond, pagando com uma moeda de meio soberano, roubando-me o prazer de prendê-los, coisa que teria feito, caso houvessem pago com uma nota de banco. Despediram-se do Sr. Jay dizendo: "Não se esqueça do endereço - Babylon Terrace, número 14. Você janta conosco daqui a uma semana." O Sr. Jay aceitou o convite e disse brincando que ia direto para casa tirar aquelas roupas limpas e passar o resto do dia na sua confortável sujeira. Tenho que relatar ainda que o acompanhei até em casa, onde se encontra outra vez confortável e sujo (para usar sua própria expressão). neste exato momento.

Assim se encontra a investigação, que chegou ao que eu chamaria de sua primeira etapa.

Sei muito bem o que certas pessoas, apressadas em seus julgamentos, estariam inclinadas a pensar de meus atos. Diriam que venho me iludindo da forma mais absurda; diriam que a conversa suspeita de meu relatório fazia referência apenas às dificuldades e riscos de uma fuga para o altar; e usariam a cena da igreja como prova cabal da justeza de suas conclusões. Que seja. Não pretendo contestá-los. Mas gostaria de colocar uma questão, do mais profundo de minha sagacidade de homem do mundo que sou, uma questão que mesmo o mais ferrenho dos meus inimigos não achará fácil responder.

Aceitando-se o fato do casamento, que é que isto prova da inocência destas três pessoas, já envolvidas em uma transação clandestina? Nada! Pelo contrário, reforça minhas suspeitas contra o Sr. Jay e seus associados, porque sugere um motivo preciso para o roubo. Um cavalheiro que pretenda passar sua lua-de-mel em Richmond necessita de dinheiro; da mesma forma que um cavalheiro que deve a todos seus fornecedores necessita dinheiro.

Seria uma imputação injusta de motivos? Em nome da moralidade pública ultrajada, insisto que não. Estes dois homens conspiraram juntos para roubar uma mulher do lar paterno. Por que não conspirariam para roubar o dinheiro? Atenho-me à lógica da Virtude, e desafio todos os sofismas do Vício a me fazerem mover, um centímetro que seja, de minhas conclusões.

Falando em virtude, devo adicionar que expliquei meu ponto de vista no caso ao Sr. e a Sra. Yatman. No início, aquela brilhante dama teve alguma dificuldade em acompanhar de perto meu raciocínio. Devo confessar que ela também balançou a cabeça em dúvida, derramou lágrimas, e juntou-se ao marido em prematuras lamentações sobre a perda das duzentas libras. Mas uma cuidadosa explicação de minha parte, somada a sua mais sincera atenção, terminaram por fazê-la mudar de opinião. Ela agora concorda comigo que não existe nada nesta inesperada circunstância do casamento clandestino que nos leve a eliminar as suspeitas contra o Sr. Jay, ou contra Jack, ou contra a noiva fugitiva. "Mulherzinha audaciosa" - foi como minha querida amiga se referiu a ela; mas isto não vem ao caso. Mais importante é registrar que a Sra. Yatman não perdeu sua confiança em mim, e seu marido promete seguir seu exemplo e fazer todo o possível para olhar o futuro com otimismo e esperança.

Espero agora, devido ao rumo que tomaram os acontecimentos, por instruções suas. Faço uma pausa nas investigações, enquanto espero por novas ordens, com a tranqüilidade de um homem com duas balas na pistola. Quando segui os suspeitos até a estação, tive dois motivos para fazê-lo. Primeiro, eu os segui por motivos oficiais e ainda na crença de serem eles os culpados do roubo. Em segundo lugar, para satisfazer uma curiosidade particular, no intento de descobrir o esconderijo do casal de fugitivos e transformar esta informação em mercadoria rentável, oferecendo-a à família ou aos amigos da noiva. Assim, aconteça o que acontecer, posso congratular-me antecipadamente por não haver perdido meu tempo. Se o departamento aprovar minha conduta, tenho meus planos prontos para continuar com a investigação; caso seja

reprovado, sairei da força com algo para vender naquela residência próxima ao Regent's Park. Em qualquer caso, isto significa dinheiro em meu bolso e crédito para minha inteligência.

Tenho apenas uma palavra a mais para colocar aqui. Se qualquer pessoa afirmar que o Sr. Jay e seus assecas são inocentes, eu a desafio - seja ela quem for, até mesmo o inspetor-chefe Theakstone - a dizer-me quem roubou o dinheiro em Rutherford Street, Soho.

Na certeza de minhas convicções, tenho a honra de subscrever-me.

Seu criado,

MATTHEW SHARPIN

DO INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE
PARA O SARGENTO BULMER
Birmingham, 9 de julho

Sargento Bulmer,

A idiotice pretensiosa do Sr. Matthew Sharpin conseguiu confundir tudo no caso de Rutherford Street, exatamente como era de se esperar. O trabalho me prende aqui, e assim escrevo ao senhor para que resolva o problema. Anexo as páginas de subliteratura delirante que aquela criatura, Sharpin, batizou de relatório. Dê uma olhada, se conseguir atravessar todo o lixo; acho que o senhor concordará comigo que o imbecil olhou em todas as direções, menos na direção certa. O senhor pegará o ladrão em cinco minutos. Resolva o caso imediatamente e mande seu relatório para esta cidade. E diga ao Sr. Sharpin que ele está suspenso até segundo aviso.

Seu,

FRANCIS THEAKSTONE

DO SARGENTO BULMER

PARA O INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE

Londres, 10 de julho

Inspetor Theakstone,

Sua carta e anexo chegaram bem às minhas mãos. Dizem que um homem sábio é capaz de aprender alguma coisa até mesmo de um tolo. Quando terminei a leitura do relatório incoerente, que Sharpin fez da sua própria loucura, já tinha resolvido o caso de Rutherford Street, exatamente como o senhor previu. Em meia hora estava no local, e a primeira pessoa que encontrei foi o próprio Sharpin.

- O senhor veio me ajudar? - perguntou ele.

- Não é bem assim - disse eu. - Vim avisá-lo que o senhor está suspenso até segunda ordem.

- Muito bem - disse ele, nem um pouco diminuído em seu próprio conceito. - Sabia que despertaria ciúme no senhor. Entre e fique à vontade. Estou de saída para um pequeno trabalho por minha conta nas vizinhanças de Regent's Park. Ta-ta, sargento, ta-ta.

Com estas palavras, desapareceu, que era exatamente aquilo que eu desejava.

Tão logo a empregada fechou a porta, disse-lhe que fosse informar seu patrão que precisava vê-lo. Ela me levou a uma salinha atrás da loja, e ali estava o Sr. Yatman, sozinho, lendo o jornal.

- A respeito do roubo, senhor - disse eu.

Ele me interrompeu num tom bastante mal-humorado para um homenzinho fraco e afeminado.

- Sim, sim, eu sei - disse ele. - O senhor veio me dizer que aquela sua maravilha de sagacidade que fez aqueles furos na minha parede do segundo andar cometeu um engano e não tem nenhuma idéia de quem roubou meu dinheiro.

- Sim, senhor - disse eu. - Esta é uma das coisas que vim lhe dizer. Mas tenho outra coisa a lhe dizer.

- O senhor pode me dizer quem é o ladrão? - disse ele, mais mal-humorado que nunca.

- Sim, senhor - disse eu. - Acho que posso.

Ele largou o jornal e olhou para mim com um rosto ansioso e assustado.

- Não é o meu caixeiro? - disse. - Espero para seu próprio bem que não seja ele.

- Tente de novo - disse eu.

- Aquela puta preguiçosa da empregada? - perguntou ele.

- Ela é preguiçosa - disse eu - e pode-se dizer que também é uma puta; minhas investigações iniciais confirmaram isto. Mas ela não é a ladra.

- Mas então, em nome de Deus, quem foi?

- O senhor poderia, por favor, preparar-se para uma surpresa desagradável? -disse eu. - E caso o senhor resolva indignar-se, gostaria de lembrá-lo que sou o mais forte de nós dois, e que se o senhor tentar agredir-me, posso, sem querer, machucá-lo, em legítima defesa.

Ele empalideceu e empurrou sua cadeira para longe de mim.

- O senhor pediu para que lhe dissesse quem roubou o dinheiro - continuei. - Se o senhor insiste em ter esta resposta...

- Eu insisto - disse em voz fraca. - Quem foi?

- Sua mulher - disse eu de modo calmo, mas firme.

Saltou da cadeira como se eu o tivesse espetado com uma faca e deu um soco na mesa, tão forte que a madeira estalou.

- Calma, senhor - disse eu. - Perder o controle não vai ajudá-lo a descobrir a verdade.

- É mentira! - disse ele, com um outro soco na mesa. - Uma mentira baixa, vil e infame! Como ousa ...

Parou e caiu outra vez na cadeira, olhou-me com um olhar de incompreensão e começou a chorar.

- Quando o senhor se acalmar - disse eu - tenho certeza de que irá se desculpar pelas palavras que usou. Enquanto isso, tente ouvir minha explicação. O Sr. Sharpin enviou ao nosso Inspetor um relatório, se é possível chamar assim àquela coisa ridícula e absurda, no qual coloca não só todas as idiotices que disse e fez, mas também tudo que disse e fez sua esposa. Normalmente, o destino daquelas folhas seria a cesta de lixo, mas, neste caso, acontece que as tolices relatadas nos levam a certas conclusões. E destas conclusões, que o idiota que escreveu o relatório não chegou a suspeitar, estou tão seguro que apostaria meu posto na polícia como é certo que a Sra. Yatman vem se aproveitando da deficiência mental e da vaidade do Sr. Sharpin para proteger-se, encorajando-o a suspeitar das pessoas erradas. Digo tudo isto em confidência. E mais, estou disposto a mostrar-lhe as razões que a levaram a pegar o dinheiro, bem como onde ela o gastou, ou parte dele. Ninguém pode olhar para sua mulher sem notar o bom gosto e a beleza de seus vestidos.

Ouvindo estas palavras, o pobre homem pareceu ter encontrado a voz. De novo me interrompeu num tom que parecia mais o de um duque que o de um dono de papelaria.

- Tente outra forma de justificar sua vil calúnia - disse ele. - A conta, já paga, de sua costureira, pelo ano que passou, está arquivada na minha pasta de recibos.

- Desculpe-me, senhor - disse eu -, mas isto não prova nada. - Costureiras têm hábitos pouco recomendáveis, que na minha profissão se termina por conhecer. Uma senhora casada, se assim o desejar, pode manter duas contas com elas; uma é aquela que seu marido vê e paga; a outra é pessoal e contém todas aquelas

pequenas extravagâncias que a esposa paga em segredo, sempre que pode, em prestações, com o dinheiro que consegue subtrair das despesas com a casa. No seu caso, diria que há tempos sua esposa não faz um pagamento, talvez tenha havido a ameaça de uma cobrança; a Sra. Yatman, conhecendo sua situação econômica, sentiu-se contra a parede; e assim pagou a conta com o dinheiro que havia naquela caixa.

- Não acredito nisso - disse ele. - Cada uma de suas palavras é um abominável insulto, à minha mulher e a mim.

- O senhor seria suficientemente homem - cortei rápido para economizar tempo e palavras - para pegar aquele recibo que tem arquivado e vir comigo, agora mesmo, até a costureira de sua mulher?

O homem ficou vermelho e foi pegar o recibo, colocando-o no chapéu. Eu peguei na carteira a lista com o número das notas de banco roubadas e saímos juntos.

Chegando à costureira (uma das mais caras do West End, como esperava). pedi uma entrevista com a dona do estabelecimento. Não era a primeira vez que nos encontrávamos para conversar sobre o mesmo problema delicado. No momento em que me viu, mandou chamar seu marido. Expliquei quem era o Sr. Yatman, e aquilo que desejávamos.

- Isto é um assunto privado? - perguntou o marido. Confirmei com um aceno de cabeça.

- E confidencial? - perguntou a mulher. Novamente acenei que sim.

- Você tem alguma objeção, querida, a que o sargento dê uma olhada nos livros? - perguntou o marido.

-Nenhuma, meu amor, se você aprovar - disse a mulher.

Enquanto isto, o Sr. Yatman permanecia sentado com seu ar de desconsolo e espanto, completamente deslocado naquela conferência cordial. Vieram os livros e bastou um minuto para

olharmos a página com o nome da Sra. Yatman e confirmarmos a verdade de cada uma de minhas palavras.

Num livro estava a conta para o marido, que o Sr. Yatman pagara e tinha o recibo; no outro, a conta pessoal, também cancelada, com a data de pagamento coincidindo com o dia seguinte ao roubo. Era no valor de 175 libras e alguns centavos, e estendia-se por um período de três anos. Nem uma única prestação fora paga até a data da liquidação da conta. Abaixo da última linha havia uma anotação: "Cobrada pela terceira vez, 23 de junho." Perguntei à costureira se isto fora em junho deste ano. Sim, fora no último mês de junho; e agora ela lamentava muito lembrar, houvera uma ameaça de cobrança judicial.

- Pensei que bons clientes tivessem crédito por mais de três anos - disse eu.

A costureira olhou para o Sr. Yatman e me disse em voz baixa:

- Não quando o marido desta cliente se encontra em dificuldades.

Ela mostrava a conta enquanto falava. As despesas no último ano, depois das dificuldades econômicas do marido, eram tão extravagantes para alguém em sua situação quanto haviam sido antes de seus problemas. Se aquela senhora cortara despesas nos últimos tempos, não fora com seus vestidos.

Não havia mais nada a fazer além de examinar o pagamento, por pura formalidade. A conta fora paga em notas de banco com números que conferiam com os de minha lista.

Depois disso achei melhor tirar o Sr. Yatman dali o mais rápido possível. Estava em condições de ânimo tão deploráveis que resolvi chamar um carro para acompanhá-lo até sua casa. No início, chorava desesperado como uma criança, mas aos poucos consegui acalmá-lo; devo dizer a seu favor que durante o caminho ele se desculpou pelas coisas que me dissera; em troca, aconselhei-o na forma com que devia tratar sua esposa, pensando no futuro de seu casamento. Ele deu pouca atenção a meus conselhos, e entrou em casa falando em separação. Que a Sra. Yatman consiga sair de toda

esta história, sem arranhões em sua imagem, me parece duvidoso. Imagino que ela vá usar de um ataque histérico para apavorar o pobre homem e forçar seu perdão. Mas no que nos concerne o caso está encerrado e, com isto, aproveito para encerrar meu relatório também.

Permaneço, como de costume, às suas ordens,

THOMAS BULMER

P. S. - Devo adicionar que, quando deixava Rutherford Street, encontrei o Sr. Matthew Sharpin, que vinha fazer suas malas para partir.

- Pense só! - disse ele, esfregando as mãos de satisfação. - Estive naquela residência perto de Regent's Park, e mal mencionei a razão da minha visita, eles me jogaram na rua aos pontapés. Tenho duas testemunhas da agressão, e tirarei deles uma indenização de no mínimo cem libras.

- Desejo que o senhor faça o melhor proveito de sua sorte - disse eu.

- Obrigado - disse ele. - Quando poderei devolver, cumprimentando-o pela descoberta do ladrão?

- Quando quiser - disse eu. - O ladrão foi descoberto.

- Exatamente como pensei - disse ele. - Faço todo o trabalho e o senhor vem colher os créditos. O Sr. Jay, é claro.

- Não - disse eu.

- Quem foi então? - perguntou ele.

- Pergunte à Sra. Yatman - disse eu; - ela o está esperando para contar tudo.

- Muito bem! Prefiro ouvir daquela encantadora mulher - e entrou apressado na casa.

O que é que o senhor acha, inspetor Theakstone? O senhor gostaria de estar na pele do Sr. Matthew Sharpin? Não creio que eu gostaria.

DO INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE PARA O SR. MATTHEW SHARPIN.

12 de julho

Prezado Senhor,

O sargento Bulmer já havia comunicado ao senhor sua suspensão até segunda ordem. Tenho agora a autorização para informá-lo de que seus serviços como membro de nosso departamento não serão mais necessários. O senhor deve, por favor, considerar esta carta como uma notificação oficial de dispensa do departamento.

Posso informá-lo, no entanto, que esta rejeição não reflete nada de desabonador sobre seu caráter. Implica apenas que o senhor não é inteligente o bastante para nossos propósitos; e, se devêssemos precisar de um novo recruta, seria infinitamente preferível ter conosco a Sra. Yatman.

ANOTAÇÃO À CORRESPONDÊNCIA PRECEDENTE, FEITA PELO INSPETOR-CHEFE THEAKSTONE

Não estamos em posição de adicionar nenhuma explicação de importância à última carta. Soube-se que o Sr. Matthew Sharpin deixou a casa de Rutherford Street cinco minutos depois de sua conversa com o sargento Bulmer - suas maneiras denotavam um estado de profundo choque e atordoamento, tinha em sua face esquerda uma marca vermelha que parecia a impressão de uma mão aberta, e sugeria aquilo que é popularmente conhecido como "um poderoso bife na orelha". Um lojista de Rutherford Street o ouviu, quando usava uma expressão chocante em referência à Sra.

Yatman, e foi visto fazendo, com a mão fechada, um gesto de vingança enquanto dobrava correndo a esquina da rua. Nada mais se soube dele, conjectura-se que tenha deixado Londres, para oferecer seus serviços à polícia da província.

Do interessante assunto da vida doméstica do casal Yatman, menos ainda é conhecido. Sabe-se com certeza, no entanto, que o médico da família foi chamado com grande urgência no dia em que o Sr. Yatman voltou da costureira. O farmacêutico da área recebeu, pouco depois, uma receita de calmante para aviar. No dia seguinte, o Sr. Yatman comprou sais-de-cheiro para sua esposa, e mais tarde foi visto na biblioteca, procurando um romance sobre o mundo dos ricos com que distrair uma senhora inválida. É de deduzir-se destes fatos que não considerou mais desejável continuar com suas ameaças de separação, pelo menos nas presentes condições (presumíveis) do sensível sistema nervoso de sua sen hora.

Tradução de Octávio Marcondes

56. O ROUBO NA QUINTA DAS VINHAS

FERNANDO PESSOA (1888 -1935 | Portugal)

Este poeta maior do século XX deixou um (hoje famoso] baú de originais que até este começo do século XXI vem surpreendendo leitores e especialistas. Quando "descobri" o Pessoa poeta aos 75 anos, lá em Porto Alegre, nos divertíamos -eu e os poetas e boêmios mais velhos (quem não conhecia de cor pelo menos o começo de "Tabacaria"? - lendo poemas de seus três heterônimos (pseudônimos], Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Hoje já se conhecem mais de cinquenta (sim, 50!) heterônimos - autores criados por Pessoa, com biografia de cada um deles inclusive, e com seus mais diversos tipos de escrita, como o profundíssimo Bernardo Soares, do contundente e poético (embora prosa] O Livro do Desassossego, sem falar nos textos inacabados ou parciais de projetos também inacabados, sob o seu próprio nome. Caso de suas quatro novelas "Policiárias" (como ele chamava o policial) da série Quaresma, Decifrador. É uma delas que se vai ler: em O Roubo na Quinta das Vinhas, Pessoa privilegia o jogo lógico (e lúdico) do raciocínio-pelo-raciocínio, em detrimento da ação. Como acontecia com o romance policial ainda na fase de Poe e Conan Doyle, autores, aliás, que Pessoa já havia lido. (Para as lacunas do texto, que nunca foi preparado para publicação pelo autor, aproveitamos as inter-notas de Antônio Quadros.]

Sinopse do enredo, elaborada sobre as notas do autor

A ação passa-se numa noite de setembro de 1905, na Quinta das Vinhas, com a presença do proprietário, José Mendes Borba, e do seu filho, José Alves Borba, bem como da sua irmã Adelaide, sua sobrinha (filha desta), Maria Adelaide, de um primo, aspirante a oficial, Manuel Barata, e de uma amiga de Maria Adelaide, Maria Elisa. Também está com eles o Eng. Augusto Claro, a convite de José Mendes Borba, o dono da Quinta. É o narrador do caso.

Uma noite, pelas 24 horas, depois de uma explosão, foi encontrado arrombado o cofre da casa, de onde tinham desaparecido cem títulos da Dívida Externa Portuguesa, que aliás, dois dias depois, tinham entrado em circulação.

Depois das investigações a cargo do agente Lima, este desconfiou do filho do dono da casa, com dificuldades de dinheiro e que aliás tinha já maus precedentes, além de que era amigo de Manuel, passador de moeda falsa. Por outro lado, o roubo devia ser da responsabilidade de alguém da casa. Sabia-se que, à hora do crime, todas as pessoas citadas estavam na casa, já recolhidas aos seus quartos, com a exceção do proprietário e do Eng. Augusto Claro.

O agente Lima estranhava que o Engenheiro tivesse justamente subido ao 1º andar (onde se localizava o cofre) pouco antes da explosão. Convencido de que tudo fora obra de uma quadrilha com inteligências, não só com o filho do dono da casa, mas também com mais alguém, o agente prendeu o jardineiro José Algarvio.

É então que o Engenheiro pede ao Dr. Quaresma que procure resolver o enigma, tanto mais que está convicto da inocência do jardineiro. É por aqui que principia, no texto de Pessoa, a narrativa do Eng. Augusto Claro, em discurso direto.

Observe-se que, em apontamento datilografado, o poeta nos deixou uma síntese do livro, dividida em cinco partes:

I. Indicações sobre as pessoas, os locais, e o caso como se deu até ao princípio da investigação policial.

II. Narrativa das investigações policiais, incluindo o encontro de quatro títulos, o esbarrar das investigações (conduzidas sempre na hipótese de o culpado ser um estranho), até a saída do narrador da Quinta das Vinhas.

III. Narrativa de como o caso realmente se passou, até o narrador ficar aguardando com receio a vinda do princípio do ano.

IV. A segunda investigação policial, a visita ao Dr. Quaresma, até ao braço no ombro do narrador.

V. A explicação do Dr. Quaresma.

Eis os fragmentos da narrativa do Engenheiro, que o autor chegou a escrever:

1º fragmento

Apesar de me maçar, por antecipação, a idéia de ir contar ao Dr. Quaresma toda a história do roubo, não podia decentemente furtar-me a fazê-lo. Por isso, resignando-me com placidez, lhe expus, resumindo o mais possível, todos os fatos que vão expostos no decurso desta narrativa. Fiz, como é de supor, algumas supressões: não falei nas dívidas do José Alves, nem no caso dos quinhentos escudos, e muito menos da parte do discurso do Lima de que estas coisas tinham sido o assunto e a base. Não pude, porém, esquivar-me a falar da hipótese policial, de que havia uma quadrilha a trabalhar, e que a polícia suspeitava que o fizessem em ligação com alguém de dentro da Quinta das Vinhas. Se não explicasse isto, era incompreensível a prisão de José Algarvio; e, aliás, bastava que o Dr. Quaresma se interessasse ativamente por ele para o descobrir na polícia.

O Dr. Quaresma ouviu-me com grande atenção; mas, se assim posso dizer, com uma atenção dividida. Parecia, ao mesmo tempo que me ouvia com os olhos, estar escutando uma voz que não era a minha. Reconheço o absurdo deste modo de dizer, mas transcrevo a

minha impressão sensorial. Na realidade, o Dr. Quaresma parecia, sem deixar de me ouvir atentamente, estar todavia a seguir o decurso interior de uma outra coisa -raciocínio ou conjectura ligada - que não deixava de ter relação com o que eu ia narrando.

Acabei, por fim, a minha narrativa, e supunha-me livre do fardo dela. Mas o Dr. Quaresma, que não me interrompera enquanto eu contava, começou nesta altura a inter-

rogar-me. Pediu-me uma descrição minuciosa das pessoas que estavam na casa por ocasião do roubo; a minha descrição direta havia sido sumária. Interrogou-me sobre idades, profissões, estados financeiros, e tudo mais. Comecei a sentir-me menos à vontade, sobretudo quando o José Alves era o assunto do interrogatório. Eu não podia dizer toda a verdade sobre o José Alves, mas também, em simples justiça ao preso, não podia suprimir redondamente os fatos. Além disso, não estava muito seguro que o Dr. Quaresma, falando depois à polícia, não iria descobrir os fundamentos da outra hipótese do agente Lima. Decidi narrar o caso de certas atrapalhões financeiras do José Alves, não explicando o jogo que ele motivara, nem fazendo referência ao furto anterior.

A certa altura, porém, comecei a atrapalhar-me, pois o médico entrou no assunto por desvios. Perguntou-me se as relações entre pai e filho tinham sido sempre boas, ao que eu respondi que me parecia que sim, mas o próprio verbo "parecer" me soou cauteloso demais, e receei que levasse ao Dr. Quaresma mais informação do que eu queria dar. Com essas e outras perguntas me entreteve, sem me divertir, durante cerca de uma hora e meia, a contar do início da minha conversa.

Há aqui uma lacuna, a do pedido do Engenheiro ao Or. Quaresma, para que salve o jardineiro, a seu ver injustamente preso. A narrativa prossegue:

2º fragmento

- Só o posso fazer pondo a mão no verdadeiro criminoso.

- Então faça-o, Sr. Dr. Quaresma.

Quaresma desdobrou as mãos, estendeu a destra e tocou-me no ombro. Por fim, levantou-se da cadeira, e dirigiu-se para um cabide onde tinha o chapéu.

- Não se importa que saíssemos? - perguntou. - Queria passear um pouco para acabar uns certos raciocínios.

- Não me importo nada. - E saímos.

Descemos a Rua dos Fanqueiros. Estava uma tarde linda de Outono. Seguimos lado a lado, silenciosos ambos, e, no fim da rua, seguindo o movimento do Dr. Quaresma, viramos à direita, para o Terreiro do Paço. O Dr. Quaresma avançou lentamente, cabisbai-xo, as mãos sempre cruzadas atrás das costas, até à muralha da esquerda. Ali parou, e eu com ele, e contemplou vagamente o rio. Esteve assim um momento. Depois voltou-se para mim com uma expressão grave e direta nos olhos naturalmente um pouco febris.

- Eu salvo o José Algarvio - disse. - Mas, antes de o fazer, preciso estudar com muito cuidado como hei de proceder no assunto. Calhou muito bem que fosse o Sr. Claro que me procurasse, porque é consigo que eu tenho estudar a sério a resolução do assunto. Diga-me uma coisa: ocorreu-lhe alguma vez que o José Alves pudesse ser suspeito?

- Se me ocorreu? Não. Como sabe o Sr. Dr. Quaresma que ele é, ou pode ser suspeito?

- Concluí das palavras que o Sr. Claro me não disse. - Fez uma pausa. - Teria pena que o senhor tivesse pensado que o José Alves pudesse ser suspeito. Ele é o seu amigo, não é verdade?

Depreende-se que assim é. O diálogo continua:

3º fragmento

- Se eu salvar este José Algarvio, o José Alves será fatalmente preso.

- Talvez não - disse eu.

- É-o com certeza. Será preso e será condenado. Este José Algarvio salva-se com facilidade, nem era preciso o meu auxílio para nada. O José Alves é que se não salva. É pena. Quer dizer, não se salva, se o caso seguir o seu curso entregue só à polícia. Há só um processo de o salvar: é pôr a mão no criminoso. Ora a polícia não é capaz de o fazer, porque caiu, desde o princípio, num erro fundamental, naquele mesmo erro em que o criminoso quis que ele caísse.

- E o Sr. Dr. Quaresma sabe quem é criminoso?

- Sei. Quer que eu salve o José Alves?

- Quero - disse eu hesitantemente, sem perceber o que se seguiria.

No fragmento seguinte, também encontrado no espólio, quem fala agora é o Dr. Abílio Quaresma, médico e decifrador, expondo os raciocínios que o levaram à conclusão lógica do problema.

4º fragmento

O critério de investigação que adoto, porque o acho o mais racional de todos, é o dividir a investigação preliminar em três tempos. O primeiro tempo é determinar quais são os fatos incontestáveis, absolutamente incontestáveis, eliminando todos os elementos que não o sejam, ou porque não há certeza direta deles, ou porque sejam conclusões -talvez lógicas, talvez inevitáveis - tiradas desses fatos, mas, em todo o caso conclusões e não fatos. Citarei um exemplo para esclarecer inteiramente o que desejo significar com estas observações. Suponha que está um dia de chuva e que estou em casa. Aparece-me um indivíduo com o fato a escorrer em água. É natural que eu pense: "Este homem andou à chuva e assim ficou molhado." Mas pode bem ser que não andasse à chuva, que entornassem água sobre ele aqui dentro de casa. A maioria da gente consideraria um fato o ter andado esse homem à chuva. Afinal é uma conclusão - uma conclusão naturalíssima, mas uma conclusão, ou uma dedução. Se eu tivesse estado à janela,

tivesse visto esse indivíduo vir pela rua fora sob uma chuva pesada, poderia ainda, é certo, esse molhar da chuva ser suplementado por outra circunstância qualquer, mas alguma coisa da chuva teria molhado o homem, e eu poderia, em todo o caso, afirmar que o homem tinha andado à chuva. E então isso seria um fato.

Ora, neste caso do roubo na Quinta das Vinhas, há alguns fatos que parecem incontestáveis (digo "parecem", pois eles se baseiam em testemunhos que podem ser falsos, involuntária ou propositadamente). Esses fatos são: que cerca da meia-noite do dia ... de Setembro se deu uma explosão de dinamite na fechadura do cofre no escritório da Quinta das Vinhas; que esse escritório e a saleta anexa estavam fechados por dentro, aberta a janela da saleta, e dois cães mortos por envenenamento; que se verificou nessa altura não estarem no cofre dinamitado uns títulos (cem) da Dívida Externa Portuguesa, 1ª série, que haviam estado nesse cofre; que se não encontrou sinal de ninguém suspeito na busca que se passou imediatamente nas proximidades da casa; que todos os títulos roubados, verificados os seus números por uma lista que existia em poder do proprietário dos títulos, foram passados para a circulação bancária da praça sem que qualquer deles fosse apanhado no processo de passagem. Fatos, simplesmente fatos, há só estes. Quanto mais se queira passar por fato é simplesmente dedução.

Estabelecidos os fatos incontestáveis, chegamos ao segundo tempo da investigação. Este tempo consiste no seguinte: em descobrir qual é a hipótese que mais completamente liga e explica os fatos incontestáveis. Mas, descoberta esta hipótese, há que investigar que outras hipóteses haverá que também, embora com menos probabilidade aparente, se ajustem ao conjunto dos mesmos fatos. E essas hipóteses determinam-se por um processo simples: descoberta a hipótese mais provável, estabelece-se logo a hipótese contrária e verifica-se qual o grau de probabilidade que a essa hipótese contrária compete. Estabelecido isto, será possível partir para as outras hipóteses, isto é, aquelas que estejam intermédias,

entre a mais provável e a sua contrária, e ir verificando, a uma e uma, quais as probabilidades delas.

No caso de que se estamos tratando, a hipótese aparentemente mais provável é a que toda a gente aceitou desde logo, instintivamente, achando-a tão provável que a tomou, até, por fato e não por hipótese ou conclusão. Essa hipótese é de que o roubo houvesse sido praticado por um indivíduo ou indivíduos, estranhos à Quinta das Vinhas, que houvessem envenenado os cães, entrando em casa escondidos, posto a dinamite, roubado os títulos e fugindo depois, suficientemente depressa para não serem vistos. Conhecida esta hipótese, estabeleceremos a hipótese contrária. A hipótese contrária é que o roubo não tenha sido praticado por indivíduos estranhos, que não tenha havido nenhuma das circunstâncias aparentes já indicadas. É isso que constitui, como é de ver, a hipótese contrária.

Ora que probabilidade se pode ligar a esta hipótese contrária? Como a hipótese mais provável, a mais imediata para todos, é que o roubo fosse feito por estranhos, e nas circunstâncias indicadas, a hipótese contrária será realmente provável apenas num caso: se houve a intenção de simular esse roubo por estranhos. Nesse caso, a hipótese contrária é provável; tão provável como a primitiva é natural.

Estamos, pois, perante duas hipóteses prováveis, e que entre si se opõem. Qual das duas é a mais provável? Temos que considerar isto à luz do exame das circunstâncias diretas do roubo, ou seja, considerando (1º) o local do roubo, (2º) a hora em que o roubo foi praticado, (3º) a natureza do objeto roubado. São estes os três elementos materiais diretos do sucesso.

O local do roubo pode ser considerado sob dois aspectos - o local em si mesmo, e a escolha deste local para roubo; ou seja, o ser o roubo praticado no escritório da Quinta das Vinhas, e o ser a Quinta das Vinhas o local escolhido para o roubo. Quanto a dar-se o roubo no escritório da Quinta, nada há de extraordinário pois ali é que está o cofre, e o roubo havia forçosamente de ser ali. Mas quanto a escolher a Quinta das Vinhas para casa a roubar, o caso é diferente.

Que presunção havia de que o cofre da Quinta das Vinhas era mais proveitoso de roubar que qualquer outro cofre? Que presunção dessa ordem havia para estranhos? Quem tivesse a habilidade e os processos para roubar como se roubou neste caso, por que escolheria a Quinta das Vinhas, quando, sem desperdício de habilidade, nem maior risco, obteria melhores vantagens atacando outro ponto? A probabilidade neste caso é, pois, em favor de uma pessoa não estranha à casa; capaz de roubar esse cofre por não ter outro à mão - razão suficiente e clara - e sentindo-se na necessidade de simular o roubo dum estranho para desviar a atenção de alguém de dentro da casa, entre os quais ele estaria incluído.

Agora quanto à hora do roubo. Quanto à hora do roubo, é mais estranha se ele foi obra de estranhos do que se foi obra de alguém de dentro de casa. Entrado em casa, o gatuno estranho deixa passar o tempo necessário para ter a certeza, ou a probabilidade grande de estarem todos a dormir. Para que operar logo, ainda que não se soubesse que tinha ficado alguém cá em baixo? Para estranhos é a hora mais espantosa que se pode imaginar. Mas para alguém de dentro da casa, que quisesse simular um roubo por estranhos, a hora é exatamente a que seria escolhida. Estava quase toda a gente deitada, mas ainda estava alguém a pé. Não havia tanta gente a pé que se corresse o risco de cruzar com alguém ao dispor as coisas para a simulação; mas havia até o número bastante de pessoas para marcar a hora - neste caso a pretensa hora - do roubo e para dar sinal de que o roubo estava cometido.

A natureza do objeto roubado. .. Se o roubo foi praticado por estranhos, ou iam roubar os títulos ou não iam roubar senão o que encontrassem. Contra a hipótese de que iam ao acaso, milita a própria natureza do roubo, e a maneira como depois foi passada a matéria roubada parece indicar preparação para dispor dela.

Em toda a investigação de um fato, cuja natureza se desconhece e se quer saber ou cujo autor se ignora e se quer descobrir, o que importa, acima e antes de tudo, é isolar nele qualquer elemento que, sendo absolutamente indubitável, seja, ao mesmo tempo, inesperado ou estranho. Este roubo contém dois elementos que são inesperados ou estranhos -as circunstâncias do roubo, e o fato de que se conseguiu passar os títulos sem encontrar obstáculos. Por um destes dois fatos, portanto, convém que principiemos a investigação.

Mas, isolados que sejam os fatos de que se não possa duvidar que se deram, e que são estranhos (presumindo, é claro, que haja mais do que um), escolheremos, para verdadeiro princípio da investigação, aquele desses fatos que seja susceptível de menos interpretações, isto é, aquele que pareça mais misterioso. Ora a passagem dos títulos é susceptível de várias interpretações; pode haver um conluio com qualquer indivíduo num banco ou na bolsa; pode haver um erro qualquer na lista dos títulos; pode ter havido uma troca de títulos sem que se verificasse a troca, nem portanto se conferissem os números. Mas sobre as circunstâncias do próprio roubo não há várias hipóteses plausíveis. Há simples estranheza.

Sim. O roubo foi praticado, ao que se viu, por um processo ruidoso, e a hora não tão cedo que fosse dia, mas não tão tarde que houvesse a certeza de estarem todos deitados em casa, como efetivamente não estavam. Podendo o cofre ser aberto por vários processos que não envolviam ruído, foi escolhido um processo que precisamente o causava; e, ainda, um processo invulgar. Resultado: foi escolhido um processo invulgar porque era desnecessário e produzia alarme - exatamente as razões contrárias àquelas que levariam a escolher um processo invulgar. Que a intenção era roubar os títulos é evidente, primeiro porque o modo misterioso como se passaram os títulos deve, qualquer que fosse, ter sido objeto de preparação; segundo, porque, sendo o roubo praticado com gente dentro de casa, não haveria tempo para roubar mais que os títulos.

Ora estas circunstâncias levam-nos a uma conclusão: que o processo empregado para o roubo foi empregado precisamente para dar alarme. Ora não se dá alarme senão para um fim: para enganar sobre a hora do roubo. E, se considerarmos que o processo de roubo - uma deflagração por rastilho - é coisa que pode ser disposta por uma pessoa para produzir resultado quando essa pessoa não esteja presente, chegamos a outra e ulterior conclusão: que o roubo não foi praticado pela deflagração de dinamite. Se o não foi, é porque foi por chave falsa e se foi por chave falsa, quem roubou era uma pessoa da casa, que, pela deflagração, quis dar a idéia de que quem roubara era pessoa de fora. Mas, se essa pessoa queria dar a idéia de que o que roubava não era ele, haveria de completar o seu cenário com o cuidado de estar onde o vissem na ocasião da deflagração e assim assegurar a si mesmo um álibi suficiente. Na altura da deflagração estavam todos deitados menos duas pessoas - o pai Borba e V. Ex.a. E, como era ele o proprietário dos títulos, a primeira suspeita é sobre V. Ex.a que recai.

Para que a suspeita se confirme, ou se confirme mais, é preciso ver, primeiro, se, um pouco antes de se dar a deflagração, V. Ex.a saiu de casa de jantar sob um pretexto qualquer e se demorou bastante para dispor o cenário. Ora V. Ex.a saiu sob um pretexto direto - o ter deixado uma cigarreira no quarto do aspirante -, e demorou-se o bastante para dispor o cenário completo, aliás obra de minutos sobretudo para quem, tendo tudo estudado, procede rapidamente.

Agora é o Eng. Augusto Claro, apontado por Quaresma como autor do roubo, que volta a ser o narrador.

5º fragmento

O Dr. Quaresma desligou as mãos detrás das costas, olhou sem expressão e rapidamente para mim, e, estendendo a mão direita de repente, tocou-me no ombro. Depois tornou à posição em que

estava, as mãos outra vez atrás das costas, atadas, e os olhos perdidos sobre o Tejo.

Como uma bola de sabão, estourou-me a alma, sem ruído, dentro de mim. Fiquei suspenso de um vácuo interior, sem razão, sem fala, sem gesto. Se o Dr. Quaresma tivesse dito qualquer coisa, eu teria respondido qualquer coisa; teria tido a que adaptar a minha razão e a minha voz. Ao silêncio não pude responder nada. O seu gesto era guilhotinante. No longo espaço de curtos segundos tentei desesperadamente formar uma atitude, uma palavra, um gesto, qualquer coisa ... Não pude. .. e então compreendi violentamente quanto pode em nós, se sabem excitá-la, a consciência da culpabilidade. Fosse eu inocente, e alguma coisa diria, alguma coisa sucederia. Com cada fração de segundo do meu silêncio a minha culpabilidade enchia o espaço. Com cada fração da minha consciência desse silêncio aumentava a minha incapacidade de falar, de agir, de me defender. A minha derrota era completa. No fim do que deviam ser poucos segundos reconheci-o inteiramente.

O Dr. Quaresma desviou o olhar do Tejo, mas não o passou por mim. Voltou-se de costas para o rio, disse-me, com um tom de quem antes nada dissera que pesasse: "E se nós nos fôssemos embora?" E, avançando ele para o Arco da Rua Augusta, avancei, silencioso ao lado dele, soterrado em mim sob a acusação definitiva que não fora proferida.

A meio da Praça o Dr. Quaresma voltou para mim a face, mas não os olhos, e disse: "O que pensa fazer?"

Tive uma grande vontade de chorar, de lhe pedir perdão, a ele, a quem nada fizera. Durante um momento não pude falar. Depois encontrei a minha voz dizendo-lhe: "Não sei." E acrescentei, passado um momento: "O doutor dirá o que quiser."

O Dr. Quaresma olhou então em cheio para mim, e disse-me com grande simplicidade: "Eu não tenho nada a dizer. Como já compreendeu, decifrei - posso dizer-lhe que decifrei com muita facilidade - o seu caso. O resto é consigo."

57. A BRECHA

JACQUES FUTRELLE (1875 -1912 | Estados Unidos)

Primeiro americano, depois de Poe, a escrever contos policiais, Futrelle criou O Máquina Pensante, personagem que simboliza o protótipo da superioridade racional da época, fase marcante da literatura policial, como mostra este A Brecha. (Curiosidade: Futrelle morreu no naufrágio do Titanic.) O Máquina, de nome Augustus S.F.X. Van Dusen, é um personagem esnobe e orgulhoso, um velho professor de olhar severo, usando óculos grosseiros - enfim, "o mais inflexível lógico da sua época", segundo Ellery Queen, que selecionou o conto aqui traduzido para a sua antologia anual de 1964 (número 4), e que nunca foi publicado em vida do autor em forma de livro. E que é um caso raro, entre os textos policiais, de crime financeiro.

- Os grandes criminosos de verdade jamais são pegos, pela simples razão de que os grandes crimes, por eles cometidos, jamais são descobertos - observou com autoridade o Prof. Augustus S.F.X. Van Dusen. - Há uma faísca de gênio na perpetuação de um crime, Sr. Grayson, assim como deve haver uma faísca de gênio no raciocínio que vier a descobri-lo, a menos que se trate do trabalho superficial de um enganador. No último caso, tem havido crimes que até a própria polícia desvendou. Mas o criminoso experimentado, o homem de gênio, o profissional, por assim dizer, tem como perfeito só o crime que não aparece nem pode aparecer como crime, em absoluto; é portanto um crime que, em circunstância alguma, o ligue a ele ou a qualquer pessoa.

O financista J. Morgan Grayson fixou os olhos no mirrado homenzinho de ciência - o Máquina Pensante - através da fumaça do charuto.

- É um fato psicológico estranho que o criminoso ocasional cante vantagem do seu crime antecipadamente ou uns dez minutos depois de cometê-lo - continuou o Máquina Pensante. - Por exemplo, o homem que mata por vingança no fundo quer que o mundo todo saiba que o trabalho foi seu; mas dez minutos depois do crime, manifesta-se nele o temor, e aí, paradoxalmente, ele procura esconder o crime cometido e proteger-se a qualquer custo. Com o temor, vem o pânico, com o pânico, a irresponsabilidade, e é aí que ele vem a cometer um erro: acaba abrindo à força um caminho que uma mente bem treinada consegue seguir, partindo do motivo à prisão.

"Estes são os que terminam por ser descobertos. Mas existem homens de gênio, Sr. Grayson, profissionalmente dedicados ao crime. Nestes jamais se ouve falar, porque eles nunca são apanhados, e jamais suspeitamos deles porque nunca cometem um erro. Imagine os grandes cérebros da história voltados para o crime. Bem, hoje em dia existem inteligências tão poderosas quanto estas. E acontecem homicídios, pilhagens, ladroagens bem debaixo dos nossos narizes sem que a gente nem mesmo os suspeite. Se eu, por exemplo, me tornasse um criminoso ativo. .."

Máquina Pensante fez uma pausa.

Grayson, com uma expressão meio estranha, continuava arrancando baforadas do charuto.

- ...poderia matá-lo agora mesmo, aqui neste escritório - prosseguiu ele, com toda a calma -, e ninguém jamais o saberia, jamais suspeitaria de nada. E por quê? Porque eu não cometeria erro algum.

Do jeito que ele falou, não soou como uma fanfarronada. Era a simples enunciação de um fato. Grayson parecia meio assustado. Se antes manifestara apenas interesse mesclado de impaciência, agora mostrava-se fascinado com o que ouvia.

- Me mataria como, por exemplo? - inquiriu.

- Com um veneno, entre as dúzias que conheço, com germes poderosíssimos, ou mesmo com uma faca ou revólver - replicou

placidamente o cientista. - Sei usar um veneno muito bem; sei como inocular germes; sei como dar uma perfeita aparência de suicídio, seja com uma faca ou com um revólver. E jamais cometo erros, Sr. Grayson. Na ciência, é indispensável que sejamos exatos, nada de aproximações; só tem valor o que é absolutamente exato. É preciso saber. Não é como a carpintaria. Um carpinteiro pode cometer um engano qualquer na junta de uma peça sem enfraquecer a sua mesa; mas se o cientista comete um erro, toda a estrutura vai ao chão. É preciso saber. Conhecimento é progresso. E o conhecimento se adquire pela observação e pela lógica, a lógica inevitável. A lógica nos diz que dois e dois são quatro, não de vez em quando, mas sempre.

Grayson bateu a cinza do charuto com ar ausente, e pequenas rugas apareceram-lhe em volta dos olhos enquanto fixava o inescrutável rosto do cientista. A cabeçona coberta de um amarelo de palha se achava recostada contra a cadeira, os olhos estrábicos de um azul aguado, voltados para cima, e os dedos finos e muitos brancos apoiados ponta contra ponta. O financista respirou profundamente.

- Fui informado de que o senhor é um homem extraordinário - disse, por fim, lentamente. - Acredito. Quinton Frazer, o banqueiro que me forneceu a carta de apresentação para o senhor, me contou que lhe deve a solução de um estranho mistério no qual. . .

- Sim, sim - interrompeu o cientista, impaciente -, o roubo do Banco Ralston. Eu me lembro.

- Por isso, vim solicitar a sua ajuda para algo ainda mais inexplicável - prosseguiu Grayson, hesitante. - Bem sei que quaisquer que fossem os honorários que lhe oferecesse, isso não teria influência sobre o senhor; mas farei o pagamento à beira do cofre e ...

- Vamos ao caso - voltou a interrompê-lo o Máquina Pensante.

- Não se trata de um crime, isto é, um crime punível por lei - acrescentou Grayson apressadamente -, mas custou-me milhões e...

Por um momento, Máquina Pensante baixou o olhar estrábico para o do visitante, logo ergueu-o outra vez.

- Milhões! - exclamou. - Quantos?

- Seis, oito, talvez dez - respondeu Grayson. - Resumindo, meu negócio está fazendo água. Meus planos são conhecidos por outros, assim que consigo elaborá-los. E são planos grandes, tenho milhões em jogo; e o segredo para isso é absolutamente essencial. Durante anos consegui preservar o sigilo, mas por meia dúzia de vezes, nestas últimas semanas, meus planos chegaram ao conhecimento de terceiros e eu venho perdendo. .. A menos que conheça o mundo financeiro, não imagina a tremenda desvantagem de alguém adivinhar as nossas intenções; é a derrota a cada passo.

- Não, não conheço o mundo das finanças, Sr. Grayson - retrucou Máquina Pensante. - Me dê um exemplo.

- Veja este último caso - disse o financista, sério. - Sem maiores tecnicidades, eu havia planejado vender uma grande quantidade das ações da Estrada de Ferro P.Q.EtX., através dos corretores, e forçando o grosso do estoque a baixar de preço até um ponto em que outros corretores, agindo por mim, pudessem comprar muito abaixo do preço real. Desta forma, tinha a intenção de conseguir o controle completo das ações. Mas meus planos foram conhecidos e, assim que comecei a largar ações no mercado, tudo foi adquirido pelos concorrentes, e como resultado disso, em vez do controle da via férrea, acabei perdendo o grosso das ações que possuía. E a mesma coisa se tem dado, com variações, meia dúzia de vezes.

- Deduzo que esta tática seja essencialmente honesta - voltou Máquina Pensante, com um tom suave.

- Claro, são negócios.

- Não vou dizer que entendo disso tudo - continuou o cientista. - Mas, afinal, não vem ao caso. O senhor quer saber onde está o erro, a brecha nestas operações, não é mesmo?

- Exatamente.

- Muito bem, quem é que goza de sua confiança?

- Ninguém, a não ser a minha estenógrafa.

- Quem é ela?

- Uma moça que está comigo há seis anos; mais de cinco anos antes de haver o que o senhor chamou de brecha. Confio inteiramente nela.

- Nenhum homem está a par dos seus negócios?

- Não - retrucou o financista com uma carranca. - Aprendi, e não é de hoje, que ninguém melhor do que eu sabe guardar os meus segredos: as tentações são inúmeras. Além disso, não toco no assunto com quem quer que seja. Nunca ... com ninguém.

- Com exceção da sua estenógrafa - corrigiu o cientista.

- Fico dias, semanas, até meses desenvolvendo e aperfeiçoando um plano e trago tudo na cabeça. Nada no papel - explicou Grayson. - Quando afirmo que ela goza da minha confiança, quero dizer que ela só fica sabendo dos meus planos meia hora antes de a máquina entrar em ação. Por exemplo, planejei esse negócio da estrada de ferro. Meus corretores nada sabiam a esse respeito; a Sra. Winthrop jamais ouvira qualquer referência a este respeito, a não ser quinze minutos antes de a Bolsa de Valores abrir as portas para o expediente do dia. Aí então, como sempre faço, lhe ditei umas breves instruções para os meus corretores. E isso é tudo que ela sabe do negócio.

- Chegou a delinear o plano nestas cartas?

- Não. Dizia apenas aos meus corretores como agir.

- Mas uma pessoa inteligente, conhecendo o conteúdo das cartas, poderia perceber o que o senhor estava pretendendo fazer, não poderia?

- Sim, embora ninguém conhecesse o conteúdo das cartas. A Srta. Winthrop e eu éramos os únicos seres humanos que conheciam o que ia escrito nelas todas.

Máquina Pensante ficou em silêncio durante tanto tempo que Grayson começou a se remexer na cadeira.

- Quem estava na sala, além do senhor e da Srta. Winthrop, antes de as cartas serem enviadas? - perguntou, finalmente.

- Ninguém - retrucou o financista, enfático. - Uma hora antes de eu ditá-las e pelo menos uma hora mais tarde, depois de os meus planos terem ido por água abaixo, ninguém pisou naquela sala. Apenas nós dois estávamos lá trabalhando.

- Mas quando acabou as cartas, ela saiu? - insistiu Máquina Pensante.

- Não - respondeu Grayson -, nem mesmo se levantou da sua mesa.

- E não terá ela enviado alguma coisa para fora... cópias das cartas por exemplo?

- Não.

- Não se comunicou com algum amigo pelo telefone? - prosseguiu Máquina Pensante, tranqüilamente.

- Nem isso - respondeu Grayson.

- E não teria ela feito algum sinal pela janela?

- Não - voltou a dizer o financista. - Terminou as cartas e pôs-se a ler um livro. Mal se mexeu por umas duas horas.

Máquina Pensante baixou os olhos e fixou-os nos do financista.

- Alguém não poderia ter escutado tudo pela janela? - insistiu, depois de um instante.

- Não. Meu escritório fica no décimo quinto andar, dando para a rua, e não existe escada de incêndio naquele lado.

- Ou pela porta?

- Se conhecesse meu escritório, veria que isso seria impossível porque...

- Nada é impossível, Sr. Grayson - retrucou o cientista, em tom seco. - Pode ser improvável mas não impossível. Não diga isso, que isso me irrita particularmente - ficou em silêncio por uns instantes. Grayson o encarava, esperando. .. - Nem o senhor nem ela atenderam o telefone?

- Não, ninguém nos telefonou nem telefonamos para ninguém.

- Nenhuma fenda, buraco ou rachadura no assoalho, nas paredes ou no teto da sala? - insistia o cientista.

- Detetives particulares, contratados por mim para tratar desse caso, revistaram a sala e nada encontraram - respondeu Grayson.

De novo Máquina Pensante mergulhou nos próprios pensamentos. Grayson acendeu outro charuto e recostou-se pacientemente na cadeira. Finas linhas iam surgindo na fronte do cientista, e, aos poucos, os olhos estrábicos foram se entrecerrando.

- As cartas que o senhor escreveu não teriam sido interceptadas?
- sugeriu afinal.

- Não - Grayson não hesitou. - As cartas foram enviadas aos corretores por uma dúzia de métodos diferentes e cada uma delas foi entregue faltando cinco minutos para as dez, hora em que a Bolsa abre suas portas. A última, mandei quando faltavam dez para as dez.

Máquina Pensante levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

- O senhor não imagina as precauções que tomei, principalmente neste último negócio da estrada de ferro - continuou Grayson. - Usei de todos os meios possíveis para manter o sigilo. E a Srta. Winthrop, sei disso, é inocente de qualquer ligação com o caso. Os detetives particulares, a princípio, suspeitaram dela, assim como o senhor, e ela ficou sob vigilância dentro e fora do escritório durante semanas. Quando não se achava sob meus olhos, era seguida pelos homens a quem eu havia prometido uma quantia extravagante caso encontrassem a brecha. Ela então de nada sabia, e continua ignorando o caso até agora. Me sinto envergonhado de ter agido assim, porque a investigação provou a sua inteira lealdade para comigo. Neste último dia, ela ficou sob minha observação pessoal durante duas horas. E não fez um único movimento que eu não tivesse notado, porque a coisa significava milhões para mim. Isso

provou de uma forma cabal que a culpa não era dela. O que mais podia eu fazer?

Máquina Pensante não respondeu. Parou diante da janela e durante muito tempo ali permaneceu, imóvel, olhos apertados formando dois traços.

- Eu estava a ponto de despedir a Srta. Winthrop - continuou o financista -, mas neste último caso, a sua inocência ficou de tal modo provada que seria uma injustiça da minha parte, e assim ...

De repente, o cientista voltou-se para o visitante.

- O senhor fala dormindo? - perguntou.

- Não - foi a pronta resposta. - Também tinha pensado nisso. Não sei como explicar, professor, mas existe uma brecha neste caso que está me custando milhões.

- Tudo se resume no seguinte, Sr. Grayson - informou Máquina Pensante, de um modo impertinente. - Se apenas o senhor e a Srta. Winthrop conheciam seus planos e eles foram utilizados contra o senhor, sendo impossível descobrir por onde se deu isso, a conclusão é que ou o senhor ou ela informaram alguém, intencionalmente ou não. Isso é lógica tão pura quanto a que dois e dois fazem quatro. Não há como discuti-la.

- Bem, eu lhe garanto que não fui - disse Grayson.

- Então foi a Srta. Winthrop - declarou Máquina Pensante. - A menos que se delegue a seus rivais o poder da telepatia, coisa que não se tem até hoje conhecimento. A propósito, o senhor se referiu à parte contrária apenas como "oposição". Os mesmos homens aparecem sempre contra o senhor ou trata-se apenas de um homem?

- É um grupo - explicou o financista - com milhões a sustentá-lo, encabeçado por Ralph Matthews, um jovem que considero primordial em se opor a mim - e seus lábios se apertaram.

- Por quê? - insistiu o cientista.

- Porque toda vez que me encontra, sorri - foi a resposta. E de repente, Grayson pa recebeu desconcertado.

Máquina Pensante foi até a mesa, assinou um envelope, dobrou uma folha de papel, colocou-a dentro do envelope, depois selou-o. Finalmente, voltou-se para o visitante.

- A Srta. Winthrop encontra-se no seu escritório neste momento?

- Sim.

- Vamos até lá.

Minutos mais tarde, o eminente financista conduzia o eminente cientista à sua sala principal em Wall Street. A única pessoa ali presente era uma jovem de uns vinte e seis, vinte e oito anos - que virou a cabeça, avistou Grayson e voltou à sua leitura. O financista indicou uma cadeira. Mas em vez de sentar-se, Máquina Pensante dirigiu-se à Srta. Winthrop e lhe estendeu o envelope selado.

- O Sr. Ralph Matthews me pediu que lhe entregasse... - disse ele.

A jovem ergueu os olhos e olhou-o com franqueza, embora com uma certa timidez: pegou o envelope e virou-o na mão.

- Sr. Ralph Matthews - repetiu ela, como se o nome lhe fosse estranho. - Acho que não conheço. ..

Máquina Pensante continuou a encará-la ostensivamente, observando-a enquanto ela abria o envelope e retirava a folha de papel. A única expressão que lhe viu no rosto foi a de surpresa.

- Ora, mas a folha está em branco - exclamou, intrigada.

O cientista virou-se para Grayson, que olhava tudo aquilo com um autêntico assombro.

- Posso usar seu telefone, por favor? - pediu ele.

- Claro - respondeu Grayson.

- Obrigado - falou o cientista.

Inclinou-se para a mesa em que a Srta. Winthrop trabalhava e levantou o fone ao ouvido. Minutos depois, falava com o repórter Hutchinson Hatch.

- Queria apenas lhe pedir que me encontrasse no meu apartamento dentro de uma hora - falou. - Assunto importante.

Foi tudo. Desligou, parou admirando uma bela caixa de prata, uma espécie de estojo de maquiagem da Srta. Winthrop, ao lado do telefone, e pôs-se a discursar simpaticamente sobre as condições da meteorologia.

Grayson limitou-se a encará-lo, ainda espantado.

A Srta. Winthrop voltou à sua leitura.

O Prof. Augustus S.F.X. Van Dusen, eminente cientista, e Hutchinson Hatch, repórter, vasculhavam entre chaminés e outros obstáculos em cima de um telhado de um arranha-céu. Lá embaixo, a cidade adormecida se estendia como um panorama, as ruas pontilhadas de luz e telhados apenas entrevistos em meio ao nevoeiro noturno. Mais acima, a infinita escuridão se esparramava como um véu, estrelas brilhando aqui e ali.

- Achei os fios - disse Hatch, baixando o corpo.

Máquina Pensante ajoelhou-se no telhado ao lado dele e ficaram os dois na escuridão, apenas com a luz de uma lanterna a lhes denunciar a presença.

- É esse o fio que o senhor precisa, Sr. Hatch - disse. - O resto fica por sua conta.

- Está certo disso? - disse o repórter.

- Como sempre - foi a curta resposta.

Hatch abriu um pequeno saco e tirou dali diversas ferramentas de aparência estranha. E espalhou-as todas no telhado, ao seu lado. Depois, ajoelhando-se outra vez, pôs mãos à obra. Durante meia hora trabalhou com o auxílio da lanterna. Concluído, levantou-se.

- Está pronto - anunciou.

Máquina Pensante examinou a obra, grunhiu a sua satisfação, e juntos voltaram à clarabóia, deixando um fio fino e isolado a seguir-

Ihe os passos. Desceram do telhado para a escuridão do hall do último andar. Apagaram a luz do andar. Lá de baixo chegava o eco abafado dos passos do vigia, em meio ao silêncio do prédio deserto.

- Cuidado - preveniu Máquina Pensante.

Atravessaram o hall em direção ao quarto dos fundos, sempre com o fio a lhes acompanhar os passos. Pararam finalmente na última porta. Máquina Pensante remexeu numas chaves, depois abriu a porta. No interior da peça, uma luz acesa. Não se via um móvel e o único sinal de ocupação recente era um telefone na parede.

Máquina Pensante parou, examinando o rolo de fio que vinha soltando à medida que caminhava, e seu rosto expressava dúvida.

- Não acho prudente deixar o fio exposto assim - disse, finalmente. - Este andar está desocupado, é verdade, mas alguém pode passar por aqui e alterar a arrumação. Pegue este rolo, vá até o telhado enrolando o fio, depois balance o rolo pela beira do edifício que eu o apanho aqui pela janela. Será melhor assim, não irá chamar a atenção.

Por duas vezes no dia seguinte, Máquina Pensante falou com o financista por telefone. Grayson estava em seu escritório, a Srta. Winthrop na sua mesa, quando soou a primeira ligação.

- Cuidado ao responder às minhas perguntas - preveniu o cientista, assim que Grayson atendeu. - Sabe há quanto tempo a Srta. Winthrop tem a caixa prateada que ela deixa em cima da mesa, perto do telefone?

Grayson não conseguiu evitar uma olhada para o ponto em que a moça estava sentada, lendo um livro.

- Sim - respondeu -, há sete meses. Fui eu que lhe dei de presente no Natal passado.

- Ah! - exclamou o cientista. - Isso simplifica a questão. E onde foi que comprou o presente?

Grayson mencionou o nome de uma joalheria muito conhecida.

Mais tarde nesse mesmo dia, Máquina Pensante voltou a ligar para Grayson.

- Qual é a marca da máquina de escrever que ela usa? - perguntou sem mesmo dizer "alô".

Grayson respondeu.

Enquanto o financista continuava sentado, sempre perplexo com o professor Augustus, o cientista foi procurar Hutchinson no seu local de trabalho.

- Qual é a marca da sua máquina de escrever? - foi logo perguntando.

- Quatro ou cinco marcas diferentes - respondeu ele. - Temos uma meia dúzia delas.

Atravessaram a redação quase deserta naquela hora, até que os olhos azuis do cientista se fixaram numa máquina.

- É essa aí! - exclamou Máquina Pensante. - Escreva nela qualquer coisa - pediu ele a Hatch.

Hatch puxou a cadeira e bateu diversas linhas da velha passagem que começa assim: "É chegado o momento em que todos os homens de boa vontade.. ."

Máquina Pensante sentou-se ao lado dele, com um ar completamente abstrato, enquanto ouvia com a máxima atenção. Voltara a cabeça para o lado oposto em que se achava o repórter, mas mantinha o ouvido preso à máquina de escrever. Ficou assim algo como meio minuto, depois sacudiu a cabeça de leve.

- Bata nas vogais primeiro lentamente, depois com rapidez - quase que ordenou. Hatch continuou a obedecê-lo, enquanto o cientista apurava mais ainda o ouvido.

E mais uma vez sacudiu a cabeça. Depois, cada máquina da redação foi testada da mesma maneira. Por fim o cientista

levantou-se e despediu-se e partiu, com uma expressão de perplexidade estampada no rosto.

Naquela noite, Máquina Pensante deixou-se ficar por horas e horas no seu laboratório, olhando para cima e perdido numa absoluta concentração. Mudança alguma ocorria no seu rosto, ou na posição assumida enquanto os minutos passavam; tinha o cenho franzido e a linha fina dos lábios contraída. O minúsculo relógio da sala de espera bateu dez, onze, meia-noite e, finalmente, uma hora. À uma e meia, ele levantou-se de um pulo.

- Mas, sem dúvida nenhuma, acho que estou ficando burro! - exclamou à meia-voz. - Claro! Claro! Como é que eu não pensei nisso logo de saída? . . .

Aconteceu que, pela manhã, Grayson não apareceu no escritório na hora de costume. É que correra, ansioso, à casa do Máquina Pensante, em resposta a um bilhete recebido em casa pouco antes de sair para o escritório.

- Por enquanto, nada - disse o cientista, assim que ele entrou. - Mas você tem algo a fazer aqui, hoje. À uma hora, prepare ordem para uma transação de grande vulto; e deve agir exatamente como tem agido antes; nada de mudanças. Dite as cartas como de costume para a Srta. Winthrop, mas não as envie. Quando elas lhe forem entregues para assinar, guarde-as até falar comigo.

- Quer dizer que a transação será totalmente simulada? - perguntou o financista.

- Isso mesmo - foi a resposta. - Mas dê suas instruções detalhadas para torná-las lógicas e convincentes.

Grayson fez mais uma dúzia de perguntas, mas não obteve as respostas correspondentes. Assim, foi ele para seu escritório.

Máquina Pensante voltou a falar com Hatch pelo telefone.

- Descobri tudo - anunciou ele, em poucas palavras. - Quero o melhor telegrafista que você conheça. Traga-o consigo e me esperem na sala do último andar onde está o telefone, exatamente às doze e quarenta e cinco de hoje.

- Um telegrafista?

- Foi o que eu disse: um telegrafista, o melhor! - retrucou o cientista, irritado. -Até breve.

Hatch não deixou de sorrir quando ouviu o fone bater com força do outro lado do fio, sorriu porque conhecia os métodos daquele homem singular, cuja mente resolvia todos os problemas que lhe eram propostos, e com tamanha exatidão! Depois foi até a sala de telégrafo da redação e requisitou o principal operador. Quinze para a uma, precisamente, estavam os dois no quatinho do último andar.

O telegrafista olhou em volta, atônito. A peça continuava vazia de móveis e utensílios, com exceção da caixa do telefone colocada na parede.

- O que é que eu faço? - perguntou ele ao Máquina Pensante.

- Eu lhe direi quando chegar o momento - respondeu o cientista, olhando para o relógio.

Quando faltavam três minutos para a uma hora, estendeu uma folha em branco para o telegrafista e deu-lhe as instruções finais.

O homem olhou-o, espantado. Apesar disso, obedeceu às ordens recebidas, sorrindo para Hatch enquanto mudava a posição do cigarro na boca para fugir da fumaça que lhe ardia os olhos. Máquina Pensante ficou a postos, cheio de impaciência, relógio na mão. Hatch não sabia o que estava acontecendo, mas nem por isso deixava de se sentir extremamente interessado naquilo.

Finalmente, o telegrafista ouviu alguma coisa. Seu rosto pôs-se em estado de alerta na hora. Escutou durante alguns instantes e logo um sorriso se lhe iluminou o rosto.

Menos de dez minutos depois de a Srta. Winthrop ter passado por cima da máquina as cartas de instruções para Grayson assinar, e enquanto ele punha-se a examiná-las em silêncio, a porta se abriu e Máquina Pensante entrava na sala.

Atirou uma folha de papel em cima da mesa de Grayson e foi diretamente até a Srta. Winthrop.

- Quer dizer que, no fim das contas, a senhorita conhecia Ralph Matthews? -disse-Ihe ele.

A moça levantou-se e a sombra de uma emoção alterou-lhe o rosto.

- O que o senhor quer dizer com isso? - perguntou.

- Pode afastar a caixinha de prata dali - continuou Máquina Pensante, sem perdão ou pena. - Não há mais necessidade de manter a ligação.

A Srta. Winthrop olhou para a extensão do telefone na sua mesa e estendeu a mão até ela. O estojo de maquiagem se encontrava bem debaixo do fone, amparando-o de modo que o peso ficava removido do gancho, deixando a linha aberta. Afastou a caixa, e o fone voltou ao lugar com um leve estalido. Máquina Pensante voltou-se para Grayson.

- Era a Srta. Winthrop! - exclamou Grayson, levantando-se. - Não consigo acreditar!

- Leia o papel que lhe dei, Sr. Grayson - reagiu Máquina pensante, com voz fria. Talvez isso lhe traga alguma luz.

O financista abriu a folha de papel e correu os olhos pelo que nela estava escrito; leu lentamente em voz alta: "Peabody: venda dez mil ações da L.EtW. por 97. McCracken e Cia: venda dez mil ações da L.8:W. por 97." - E assim continuou até o fim da lista, espantado. Gradualmente, ao perceber a importância do que lia, seus lábios foram ficando severos, linhas duras em volta da boca.

- Compreendo, Srta. Winthrop - disse, por fim. - Aqui está a substância das ordens que lhe ditei; e de uma maneira por mim

ignorada, a senhora as transmitiu a terceiros, não autorizados a recebê-las. Embora desconheça como conseguiu isso, compreendo que serviu de intermediária ... - deu um passo até a porta e abriu-a com uma grave cortesia. - Pode ir, por favor.

A Srta. Winthrop sequer se desculpou - limitou-se a curvar a cabeça e saiu sem dizer palavra. Grayson seguiu-a com o olhar, depois voltou-se para o Máquina Pensante e indicou-lhe uma cadeira.

- O que foi que aconteceu? - perguntou, bastante curioso.

- A Srta. Winthrop é uma mulher muito inteligente - disse o cientista. - Esqueceu-se, no entanto, de lhe dizer que, além de datilógrafa e estenógrafa, é também uma exímia telegrafista. É tão experiente em todas essas profissões, que combinou todas elas, por assim dizer. Em outras palavras, ao bater uma ordem sua à máquina, sabia dar a cada letra que batia o clique do código Morse, de modo que outro telegrafista, do outro lado do fio, ia escutando e traduzindo em letras os sinais emitidos.

Incrédulo, Grayson apenas olhava para o cientista.

- Continuo sem entender - murmurou.

Máquina Pensante levantou-se e foi até a mesa da Srta. Winthrop.

- Aqui tem uma extensão do telefone com o fone no aparelho. Acontece que a caixa de prata que o senhor lhe deu de presente é bastante alta para afastar o fone do gancho, e quando isso acontece, a linha continua funcionando. Quando o senhor se encontrava na sua mesa e a Srta. Winthrop na dela, o senhor simplesmente não enxergava o telefone. Ora, com o aparelho fora do seu campo de visão, nada mais simples para ela do que levantar o receptor com o auxílio da caixa de prata e manter assim a linha em funcionamento. Desta forma, o bater das teclas da máquina era transmitido pelo fio a quem quer que se achasse à escuta na outra ponta. E se, ao datilografar uma carta se observasse um código telegráfico simultaneamente com a cópia da referida carta, um operador preparado para isso receberia a mensagem da sua

correspondência no mesmo momento que ela a batia aqui nesta sala. Simples. Só era preciso uma grande concentração da parte dela para conseguir datilografar dentro de um ritmo de código Morse.

- Entendi - exclamou Grayson.

- Assim que percebi que a brecha no seu escritório não se definia pelos moldes usuais, procurei pelo o que seria fora do comum - continuou Máquina Pensante. - Nada parece agora muito misterioso: apenas um expediente mais inteligente, nada além disso.

- Inteligente! - repetiu Grayson, furioso da vida. - É mais do que isso, é criminoso! Eu vou processá-la!

- Não lhe aconselho, Sr. Grayson - falou o cientista, de cabeça fria. - Se considera honesto, uma simples questão de negócios, jogar na Bolsa como o senhor faz, isso não se pode chamar de desonesto. E não deve esquecer que a Srta. Winthrop tem o apoio das pessoas que fizeram fortuna nas suas costas. Quer dizer, no seu caso eu não processaria ninguém. É um abuso de confiança, não há dúvida, mas. .. - Levantou-se como se tivesse dito tudo e encaminhou-se para a porta. - No entanto, aconselho-o a demitir a pessoa encarregada da central telefônica deste prédio.

- Ela também participou do plano? - perguntou Grayson. Depois correu para a sala ao lado, mas esbarrou na porta com um empregado que entrava.

- Onde está a Srta. Mitchell? - perguntou furioso o Sr. Grayson.

- Pois eu estou vindo aqui exatamente para lhe dizer que ela acabou de sair com a Srta. Winthrop sem dar a menor explicação - explicou o rapaz.

- Até outra hora, Sr. Grayson - disse Máquina Pensante. O financista agradeceu e retornou à sua sala.

Dias mais tarde, Máquina Pensante recebeu um cheque no valor de dez mil dólares assinado por J. Morgan Grayson. Olhou o cheque por alguns segundos e em seguida endossou-o com sua letra grande e mal desenhada: "Pague-se à Casa das Crianças Deficientes", e mandou que sua governanta o despachasse pelo correio.

Tradução de Alves Moreira

58. CÓDIGO 2

EDGAR WALLACE (1875 -1932 | Inglaterra)

Pioneiro na profissionalização como autor de policiais, Wallace, um dos escritores mais populares da sua época, deixou uma obra numerosa, da qual cerca de 50 romances continuam sendo reeditados. Seu centenário, em 10 de abril de 1975, foi comemorado com artigos e reedições no mundo todo. A BBC fez programas especiais sobre sua vida. Ele tem um estilo leve, uma economia na caracterização dos personagens e em geral sabe contar uma história; nunca pretendeu fazer a Grande Literatura; pelo contrário, foi um dos primeiros a aceitar o desafio de escrever ficção dentro do que se chama literatura de massa.

O Serviço Secreto nunca usa para si mesmo esse nome tão melodramático. Se chegam a usar algum nome, é o nome vago de "Departamento" - nem mesmo "Departamento de Inteligência" -, como vocês vão notar. Mas é um departamento fantástico e um de seus funcionários não menos notáveis - apesar do cargo menor, isso lá é verdade – era Schiller.

Era um criativo jovem suíço, apaixonado por línguas estrangeiras. Conhecia todos os bandidos de Londres - bandidos do ponto de vista da violência política - e era muito útil para o secretário-chefe (da Inteligência), apesar de que Bland e os figurões... bom, eles não desgostavam dele, mas meio que... não sei como dizer. ..

Observe quando um cavalo arisco passa perto de um pedaço de papel branco na rua. Não chega a recuar, mas fica olhando o papel esvoaçante com muita ansiedade.

Ele nunca fez parte do Primeiro Time, mas se esforçava muito para chegar lá. Só que os homens do Primeiro Time "já mastigavam

códigos desde o berço", como dizia Bland.

De alguma forma misteriosa, Schiller ficou sabendo que Reggie Batten tinha sido morto com um tiro, quando estava roubando de um cofre as ordens de mobilização do 14º Batalhão Bávaro, em Munique - isso foi em 1911, e o triste incidente foi catalogado como um "acidente de aviação".

As autoridades militares de Munique levaram o corpo de Reggie de avião e o jogaram lá de cima. . . e os jornais de Munique deram belos anúncios fúnebres sobre o Reggie, dizendo que o funeral ia ser às duas horas e que se esperava que todos os seus dedicados amigos comparecessem. Os menos desconfiados, que realmente compareceram, foram detidos e revistados, suas casas e bagagens reviradas e devidamente expulsos do país o mais depressa possível.

Bland, que estava em Munique, não foi ao funeral; na verdade, ele foi embora da Cidade da Cerveja sem nenhuma demora desnecessária.

Fazia apenas um dia que estava de volta à cidade quando Schiller pediu uma entrevista.

Bland, com seu queixo quadrado, bem barbeado e absolutamente impassível, ouviu todos os detalhes do pedido de Schiller e riu.

- Você está inteiramente errado a respeito do senhor Batten - disse. - Ele não tinha nenhuma ligação com este departamento e a sua morte foi provocada por um lamentável acidente. Portanto, não posso dar o lugar dele para você.

Schiller ouviu e baixou a cabeça.

- Então fui mal informado, sir - disse, educadamente.

Começou a imaginar um outro caminho e planejou cuidadosamente um ataque contra o secretário-chefe. Este tinha chegado naquele estágio delicado da carreira de um homem, representado pelo interregno entre o encerramento da sua vida útil e a consciência desse fato.

Sir John Grandor tinha sido, na sua época, o homem mais importante da Inteligência na Europa, mas agora ... ele ainda falava do telégrafo sem fio como "uma invenção maravilhosa".

Mas Sir John era o chefe, e um chefe bastante duro. O seu encargo secreto era o Código 2, que nenhum olho mortal jamais tinha visto, a não ser o dele. Ficava na prateleira debaixo do cofre, entre duas capas com bordas de aço. Eram folhas e mais folhas na sua própria caligrafia, miúda e limpa.

O Código 2 era muito secreto. Era o código empregado pelos grandes agentes. Nunca tinha sido impresso, nem tinha cópias escritas em circulação: só era aprendido de cor, sob a supervisão do próprio chefe. Os homens que conheciam o Código 2 não contavam que o conheciam, pois suas vidas estavam por um fio - mesmo em tempos de paz.

Schiller nunca seria um grande agente. De um lado, porque era estrangeiro naturalizado e os figurões tinham de ser nativos do país, treinados para o Primeiro Time desde o dia que entravam para o Departamento. Eram homens instruídos, condenados por toda a vida a se desligar de sua terra natal; só três homens sabiam quem eles eram e onde moravam, sendo que dois deles não tinham existência oficial.

Sir John gostava de Schiller e fazia muitas coisas por ele. Contava histórias de suas aventuras passadas, que Schiller ouvia com atenção. Numa dessas conversas de depois do jantar (ele era um jovem tão apresentável que Sir John muitas vezes o levava para jantar em casa), Schiller mencionou casualmente o Código 2. Falou a respeito com bastante familiaridade e Sir John discutiu o Código em termos gerais. Contou ao convidado que estava guardado no cofre especial, que tinha sido feito no sistema de folhas soltas e que isso era um transtorno porque estava sempre fora de ordem, uma vez que ele tinha de consultá-lo todos os dias e, invariavelmente, recolocava as folhas que tinha usado em cima das outras, desrespeitando o direito alfabético de elas ocuparem essa posição.

O jovem sugeriu, inocentemente, que podia ir para o gabinete de Sir John toda noite e organizar as folhas, mas o velho sorriu, benevolente, e disse que achava melhor não.

Bland chamou Grigsby na sua sala um dia e esse jovem afetado compareceu na mesma hora.

- Esse tal de Schiller está me incomodando - disse Bland na voz baixa que era quase uma segunda natureza no Departamento. - É um sujeito esperto e muito útil, mas eu não confio nele.

- Tem uma folha de serviços perfeita - disse o outro, olhando pela janela -, e sabe pouco sobre as coisas importantes. Sir John é muito nervoso. Mas já está quase se aposentando. Por que é que você está preocupado?

Bland andou pela sala.

- Ele está inventando um novo receptor sem fio - disse. - E conseguiu interessar o velho. Trabalha nisso o dia inteiro na sala dele, e de noite leva para a sala de Sir John, onde a coisa é religiosamente trancada no cofre. Claro que é um absurdo imaginar que aquela caixa - do tamanho dum lata de biscoitos - possa conter algo com inteligência humana, capaz de escapar de um cofre hermeticamente fechado e sair por aí, ou então xeretear o código, mas não sei por quê, não estou gostando.

Grigsby deu uma risada.

- Essa é nova para mim - confessou. - Não nego que o Schiller é esperto: ele desenhou um quebra-vento para a minha sala que é muito engenhoso, mas não consigo imaginar um receptor sem fio que seja capaz de ler e transmitir um código do interior de um cofre de aço.

Mas Bland não se convenceu.

Mandou chamar May Prince. Ela estava de férias em Devonshire, mas voltou imediatamente para a cidade: uma mocinha - parecia dezoito anos, mas na verdade era dez anos mais velha - com o sorriso mais adorável do mundo, olhos cinzentos e atentos e uma boca que, quando quieta, pendia um pouco para baixo.

- Desculpe atrapalhar suas férias - disse Bland -, mas quero manter Schiller sob observação. Na semana que vem você vai ser despedida do Departamento, por negligência ao dever. Vai sair magoada e contar para Schiller, que vai continuar encontrando depois, que eu sou uma besta e que perco montes de dinheiro em cavalos de corrida. Vou mandar preparar uns relatórios de apostas do Jóquei Clube que você vai mostrar a ele discretamente.

- É para ele fazer chantagem com o senhor? - ela perguntou. Bland abanou a cabeça:

- Se ele é o que eu estou pensando, não vai fazer isso. Não, o que ele pode fazer é trocar uma confiança por outra. Até logo.

May despediu-se e saiu.

A invenção de Schiller levou um tempo absurdo para ficar pronta. Mas ele estava entusiasmado com as possibilidades e transmitiu ao chefe parte do seu entusiasmo. Todo o seu tempo livre trabalhava na máquina e, regularmente, todas as tardes, às cinco para as seis, levava a pesada caixa para a sala do chefe, depositava solenemente na grade de ferro que servia de prateleira do cofre e assistia, com olhos ciumentos, sua máquina ser tra ncada no cofre.

E May Prince não tinha nada a relatar. Três dias depois daquele fatal 1º de agosto que trouxe tanta miséria e destruição para a Europa, Bland, que estava trabalhando noite e dia no interesse do seu Departamento, foi até a sala de Schiller para fazer algumas perguntas sobre os antecedentes de um certo Antônio Malatesta, suspeito de ser agente das Potências Centrais. Bland muito raramente visitava as salas dos seus subordinados, mas dessa vez o seu telefone estava quebrado.

A porta estava trancada e ele bateu, impaciente. Schiller logo abriu, sorridente. A mesa estava coberta com um monte de fios, baterias elétricas, ferramentas e parafusos, mas nem sinal do grande receptor sem fio.

- Está querendo ver minha caixa-surpresa? - perguntou Schiller. - Está no meu cofre. Logo, logo vou poder dar ao senhor uma bela

demonstração! Ainda hoje captei um sinal do Almirantado. E com a janela fechada.

Bland não estava escutando.

Ereto, com o nariz empinado, farejava o ar.

Havia um cheiro fraco, adocicado, cheiro de cânfora e mais alguma coisa. Schiller apertou os olhos, olhando para ele.

- Hum - fez Bland e girou nos calcanhares, saindo da sala. Sobre a sua mesa estava um telegrama, entregue durante a sua breve ausência:

"Schiller é agente pago pelos Poderes Centrais. Chefe do departamento de criptografia. Tenho prova. - May."

Bland abriu a gaveta da mesa, tirou uma pistola automática, saiu correndo e desceu a escada de dois em dois degraus.

A porta de Schiller estava aberta, mas ele tinha sumido.

Não tinha passado pelo vestíbulo, nem saído pela porta da frente do prédio, mas um porteiro de serviço na entrada lateral disse que tinha visto ele passar e tomar um táxi.

Bland voltou para a sua sala e telefonou para a Polícia: "Vigiem todas as estações e portos. Detenham e prendam Augustus Schiller."

Deu uma descrição dele, breve mas certa.

- É lamentável - disse Sir John, realmente perturbado. - Mas não acredito que ele tenha conseguido pegar nada de importância. Ele levou o aparelho?

- Está comigo, Sir John - disse Bland, sombrio. - E hoje à noite, com a sua permissão, quero ver o que acontece.

- Mas você, com toda certeza, não acha que... Bland fez que sim:

- Ainda não mexi com ele, mas ouvi com bastante cuidado, usando um microfone, e não há dúvida que lá dentro tem um mecanismo de relógio. É quase silencioso, mas detectei o som. O que eu sugiro é que se coloque a caixa onde ela normalmente fica guardada, deixando a porta do cofre aberta para observar.

Sir John franziu a testa. Isso tudo parecia comprometer o seu critério de julgamento e, como tal, era ofensivo, mas ele era leal demais ao Departamento, ao qual tinha dedicado 45 anos da vida, para permitir que sua vaidade ferida passasse na frente do dever público.

Às seis horas a caixa foi colocada no cofre.

- É aí que ela sempre fica? - Bland perguntou.

- Geralmente... na verdade, invariavelmente... eu coloco a caixa em cima da grade de ferro.

- Bem acima do Código 2, pelo que estou vendo, s/r.

O secretário-chefe franziu a testa outra vez, mas dessa vez num esforço de reflexão.

- É verdade - falou devagar. - Me lembro que uma vez a caixa ficou um pouco de lado e Schiller puxou mais para o centro, o que eu achei um tanto impertinente da parte dele.

Os dois homens puxaram duas cadeiras e se sentaram diante do cofre. A vigília prometia ser longa.

Oito, nove, dez horas soaram no relógio e nada aconteceu.

- Estou achando isso tudo muito ridículo, não acha? - Sir John perguntou, irritado, quando o relógio soou as quinze para as onze.

- Parece que sim - disse Bland, teimoso -, mas eu quero ver... Meu Deus! Olhe! Sir John ficou boquiaberto.

Exatamente embaixo da caixa estava o Código 2, dentro de uma pasta de couro cujas bordas, por questão de durabilidade, eram reforçadas com uma fita de aço.

Lentamente, a capa do livro estava subindo. Tremeu um pouco no ar, depois caiu, subiu de novo e tornou a cair, como se alguma coisa dentro estivesse lutando para se libertar. Então, de repente, a capa se abriu e ficou em pé, formando uma letra L em relação ao conteúdo, sendo a capa o traço vertical.

Ouviram-se um clique e o interior do cofre iluminou-se com uma suave radiação esverdeada. A página superior do código ficou

iluminada por quase um minuto. Depois, a luz se apagou e a capa do livro caiu.

- Ufa! - soltou Bland.

Tirou a caixa preta do cofre cuidadosamente e levou para a mesa de Sir John. Examinou longa e pacientemente a parte da baixo da caixa, depois tornou a colocar na mesa.

- O Código 2 está nas mãos do inimigo - disse.

Já era dia quando terminaram as investigações. Metade da caixa era ocupada por acumuladores. Elas forneciam a corrente que, passando por um poderoso ímã, levantava a capa do livro do código. A corrente também passava para as maravilhosas lampadinhas de vapor de mercúrio, que forneciam a uma máquina fotográfica oculta uma luz apenas suficiente para uma foto.

- O mecanismo de relógio é simples, claro - disse Bland. - Ele marca o tempo para a máquina começar a funcionar e liga e desliga a corrente. Provavelmente esse mecanismo abre e fecha as placas que escondem a lente, a luz e o ímã. Desconfiei que havia uma câmara quando senti cheiro de filme fotográfico na sala dele.

Sir John, pálido e esgotado, fez que sim com a cabeça.

- Me tire disso do jeito que você conseguir, Bland - disse, rouco. - Vou me aposentar no fim do ano. Sou velho e estou acabado.

Foi até a porta e parou, com a mão na maçaneta:

- Schiller tem nas mãos a vida de trinta homens. Seus nomes e endereços estão nesse livro. Acho que ele já conseguiu tudo. Sou tão descuidado que troco a ordem das páginas quase todos os dias, e esse demônio está trabalhando há nove meses. Ele já deve ter pegado o livro todo agora, pois todo dia havia uma folha diferente por cima.

- Vou fazer todo o possível, sir - disse Bland.

Schiller desapareceu, com toda a segurança, antes de a guerra ser declarada. Foi visto na Holanda e seguido até Colônia, na Alemanha. Não havia possibilidade de se mudar o código, e as mensagens dos agentes já estavam chegando.

Bland deu um passo ousado. Por intermédio de um agente na Dinamarca, entrou em contato com Schiller e se ofereceu para fazer um trato. Mas Schiller não queria vender. Como dizia o telegrama do emissário de Bland:

"Schiller está recebendo uma quantia enorme do governo inimigo para decodificar as mensagens dos agentes Aliados. Só ele sabe o código."

Sem desanimar, Bland entrou em contato com o traidor outra vez, oferecendo a ele uma enorme quantia, se concordasse em passar para um país neutro e guardar o segredo.

A mensagem terminava dizendo:

Encontre-me na Holanda e eu cuido de tudo.

Mas recebeu uma resposta bem típica do engenhoso espião:

Venha para a Bélgica e eu cuido de tudo.

Uma sugestão louca, pois a Bélgica era, agora, território inimigo, mas Bland tomou a própria vida nas mãos, pôs uma fina adaga de vidro na mala e partiu na mesma noite para o continente.

Bland entrou na Bélgica pela porta dos fundos e fez um intrincado itinerário até Bruxelas. Não seria do interesse nacional explicar os meios e métodos que empregou para conseguir entrar naquele país cuidadosamente guardado, mas basta dizer que encontrou com

Schiller, que parecia muito próspero, no café Leão Dourado, em Hazbruille, uma pequena cidade na estrada Ghent- Lille.

- O senhor é um homem muito corajoso, Mister Bland - elogiou Schiller. - E gostaria de poder atender o seu pedido. Infelizmente, não posso.

- Então por que me fez vir até aqui? O outro olhou para ele, curioso.

- Eu possuo um certo código - disse, tranqüilo. - Completo, com algumas exceções: faltam três páginas. Quanto o senhor quer por elas?

Seria um choque para alguém com menos gabarito do que Bland.

- É uma bela oferta - respondeu, a calma em pessoa. - Mas qual é exatamente o código que você quer comprar?

- O Código 2. Pensei que... Bland interrompeu.

- Código 27 - disse, dando um gole na cerveja (estava disfarçado de camponês belga). - Mas isso é bobagem. Nem você nem eu conhecemos o Código 2. O código que você roubou foi o 3.

Schiller sorriu, superior.

- Quando voltar para Londres - disse -, pergunte ao seu chefe se "Agate" não quer dizer "Carregar transportes em Borkum".

- Você pode ter encontrado essa palavra por acaso - disse Bland, desdenhoso.

- Pergunte se "Optique" não quer dizer "Imperador foi para Dresden" - insistiu o calmo Schiller.

Bland olhou em volta do salão, pensativo.

- Você sabe bastante, meu amigo.

A garçonete do bar entrou logo depois e encontrou Bland fumando devagar um charuto fedorento, os cotovelos na mesa, uma cerveja pela metade à sua frente. A mulher deu um pequeno sorriso na direção de Schiller.

- Ele está cansado - disse Bland, esvaziando o copo. - Deixe ele dormir. E espante as moscas para elas não perturbarem - acrescentou brincando.

Schiller estava deitado de lado no mesmo banco onde Bland estava sentado, de cara para a parede, um lenço azul de pano grosseiro cobrindo a cabeça.

- Não vai ser incomodado - disse a madame, embolsando a gorjeta que Bland lhe deu, com uma piscada de gratidão.

- Quando ele acordar - disse Bland, já na porta -, diga que fui para Ghent. Três horas depois, um soldado da infantaria alemã, que tinha vindo tomar o seu

café da noite, puxou o lenço que cobria a cara do dorminhoco e quase caiu para trás:

- Mein Gott!

Pois Schiller estava morto, e morto já há três horas. Até mesmo o médico levou um longo tempo para descobrir a lâmina de vidro enterrada no seu coração.

Uma semana depois, Bland estava no seu apartamento do West End, em Londres, se vestindo para jantar, naquele momento de paciência que exige o nó na gravata, quando o criado informou que Grigsby havia chegado.

- Eu disse que o senhor estava se vestindo - informou Taylor -, mas Mister Grigsby está tão orgulhoso porque o cavalo dele ganhou a corrida de Gatwick que não quer aceitar um "Não" como resposta.

Taylor era uma pessoa privilegiada e tinha licença para criticar até os amigos de Bland. Taylor era o criado ideal, no entender do seu patrão: simples e falante. Para um homem na profissão de Bland, a tagarelice num criado era virtude, porque deixava o patrão sempre na defensiva, nunca lhe permitindo a ilusão da segurança ou o luxo da indiscrição. Além disso, sempre se sabe o que um

criado falador está pensando e, por meio de agentes secretos, tudo o que ele anda dizendo.

- Mande ele subir - disse Bland, depois de um momento.

Mister Grigsby entrou ruidosamente no quarto de vestir, apesar de cumprimentar Bland com uma certa frieza:

- Tenho um problema para acertar com você, Bland. Que diabo você andou dizendo de mim para Lady Greenholm? Você sabe o que eu sinto pela Alice ...

- Espere um pouco, por favor - Bland disse, duro, se virando para o criado. - Taylor, pode ir até o Correio levar a carta que eu deixei na mesinha da entrada.

Mister Grigsby esperou até ouvir a porta do apartamento se fechar, depois foi até o corredor e girou a chave da entrada. Voltou até Bland, que estava de costas para a lareira, mãos enfiadas nos bolsos.

- Tem certeza que ele tinha o 2? - perguntou Grigsby. Bland fez que sim.

Grigsby mordeu o lábio, pensativo.

- Agora não vale mais a pena ficar pensando como foi que ele conseguiu o código. A questão é saber quem é que vai ser o próximo a conseguir.

Bland abriu uma caixa de charutos, mordeu a ponta de um e acendeu, antes de responder.

- Quais são as notícias do lado de cá? - perguntou. - Eu já tinha atravessado a fronteira quando descobriram a morte dele. Naturalmente, não sei de nada, a não ser o que o nosso homem de Amsterdã me contou.

- O código está em Londres - disse Grigsby, seco. - Assim que ele morreu as autoridades de Bruxelas mandaram um telegrama para Valparaíso. Estava endereçado a um homem chamado Van Hooch, provavelmente um substituto. Aqui está...

Tirou da carteira uma folha de papel e a colocou na mesa. A mensagem era breve e estava em espanhol:

"Residência de Schiller em Londres."

- É bem misterioso - disse Bland. - Schiller não ia deixar o código por escrito, era esperto demais pra isso. Mas mesmo assim, deve ter dado às autoridades alguma garantia de que o segredo não ia se perder com a sua morte. Devem ter combinado que ele ia contar a alguém escolhido, neste caso um homem na América do Sul, onde o código estava escondido. O local exato ele deve ter guardado entre os seus papéis particulares, até a sua morte.

- É uma hipótese bem sólida - disse Grigsby. - Ele não disse mais nada?. ..

- Eu tive de matá-lo, claro - respondeu com um tom de pesar. - Foi uma coisa bestial, mas trinta homens dos bons estavam com a vida nas mãos dele. Provavelmente ele sabia a localização de todos.

- E o homem que vem depois dele deve saber também - disse o outro, sombrio. -Hoje à noite vamos começar uma busca bem científica na casa dele.

Mas o apartamento em Soho Square não rendeu nada.

Durante quase quinze dias, três dos melhores homens da Inteligência (inclusive Lecomte, do departamento francês) vasculharam e examinaram, rasgando móveis, arrancando o assoalho e desmontando armários.

E o resultado foi negativo.

- Posso jurar que está lá - disse Bland, desanimado. - Estamos deixando passar alguma coisa. Onde está May Prince?

- No Departamento de Censura. Está trabalhando lá - explicou Grigsby.

- Peça para ela vir até aqui.

May entrou triunfante.

- Sabia que você ia mandar me chamar - disse ela. - Eu podia ter te evitado tanto trabalho!

Bland desmanchou-se em desculpas:

- Fui muito desatencioso com você, May. Sabe, desde que você me mandou aquele telegrama sobre Schiller, não nos vimos mais.

Ela concordou.

- Eu soube que Schiller. .. morreu, não é?

- Como soube?

Ela encolheu os ombros:

- A gente lê coisas lá na Censura. Cartas inocentes da Holanda, com mensagens escritas nas entrelinhas com ácido fórmico ou com leite e que só ficam visíveis se a gente usar a fórmula certa. Mister Schiller era um homem notável. E o pai dele foi um dos intelectuais mais importantes da Suíça, apesar de ser cego. O que é que você quer de mim agora?

Bland explicou rapidamente. A moça sabia do Código 2 e do segredo todo em torno dele, e compreendeu a urgência da situação.

- Por falar nisso, como é que você descobriu que ele era agente inimigo? - Bland perguntou.

- Descobri o código de/e -ela respondeu, misteriosa.

Acompanhada pelos dois homens, foi até o apartamento em Soho Square. O assoalho tinha sido recolocado e os cômodos estavam de novo habitáveis. May passeou por todo o apartamento e voltou para a grande sala de jantar.

- É nesta sala que está o código - disse, decidida.

Era um apartamento alegre, com um papel de parede de um belo marrom. Um friso largo, de desenho simples, arrematava os lambris que tinham sido pintados de cor de chocolate para combinar com o papel de parede. Do teto, pendia um lustre e May olhou para ele.

- Já tiramos isso tudo - disse Bland - e os painéis também, mas não encontramos nada.

- Podem me deixar aqui sozinha uns minutos? - pediu a moça.

Os dois homens foram saindo, mas mal passaram a porta da sala e ela já estava ao lado deles, os olhos brilhando com a alegria da descoberta.

- Já sei! - ela riu. - Ah, eu sabia! Eu sabia!

- Onde está? - perguntou Bland, perplexo.

- Espere - disse ela, ansiosa. - Quando é que vocês estão esperando a visita do latino-americano?

- Amanhã. É claro que a sala vai estar sendo vigiada e ele não vai ter chance de procurar.

Os olhos dela ainda estavam dançando quando ela concordou:

- Veremos... amanhã. Acho que vocês vão receber um visitante muito franco, de Valparaíso, no Chile, e quando ele chegar quero que mandem me chamar.

- Mas como é que ...

- Espere, espere, por favor. O que é que ele vai dizer? - Ela fechou os olhos e franziu a testa. - Posso revelar a vocês o nome dele: é Raymond Viztelli. ..

- Você sabia disso esse tempo todo? - Grigsby perguntou, surpreso, mas ela sacudiu a cabeça:

- Sabia quando entrei na sala, mas agora estou só chutando. Acho que ele vai se oferecer para ajudar vocês a descobrir o código. Vai dizer que existe um painel secreto na parede e que precisa de dias e dias para descobrir. E acho que vai pedir para vocês estarem presentes quando ele der a busca.

- Isso ele nem precisa pedir - disse Bland, mal-humorado. - Acho que você está muito misteriosa, May, mas tenho a sensação de que você está certa.

Ela tinha de fazer algumas perguntas ao zelador do prédio antes de ir embora.

- Mister Schiller fez toda a decoração sozinho, não? Na sala de jantar?

- Fez, sim, dona - respondeu o homem. - Ele era danado de bom com o balde de cola e o pincel.

- E ele pagou o aluguel adiantado?

- Isso mesmo.

- E mandou ninguém mexer em nada até ele voltar para o apartamento?

- Falou assim mesmo! - disse o zelador.

- Eu sabia - disse May.

Às dez horas, na manhã seguinte, trouxeram um cartão de visitas para Bland. Tinha escrito:

"Senor J. Bertrano Silva"

E num canto,

"de Valparaíso".

Bland tocou uma campainha e, logo em seguida, entraram Grigsby e a moça.

- Ele chegou - Bland comunicou, seco, mostrando a ela o cartão.

O visitante entrou na sala. Era baixinho e agitado, com barba pontuda, e falava excelente inglês. Depois das conversas preliminares, foi direto ao cerne da questão.

- Vou ser muito franco com o senhor, Mister Bland.

Bland deu uma olhada rápida para a moça e percebeu o riso que brincava nos seus olhos.

- Durante algum tempo, fui agente dos Poderes Centrais - o homenzinho continuou. - Estou lhe contando isso porque quero que entenda claramente a minha posição. Eu estava a sa'vo ' América

do Sul, e pensei que meus serviços nunca seriam solicitados. No entanto, alguns dias atrás recebi um telegrama que foi interceptado pelas autoridades britânicas. Eu já sabia, evidentemente, que em certas circunstâncias poderia ser obrigado a vir à Inglaterra, para procurar determinados documentos, e que o local onde estavam escondidos me seria comunicado por telegrama. O telegrama chegou, eu estou aqui!

Abriu os braços, dramático:

- Vim direto para cá ao chegar. Falando francamente, eu vim porque decidi, na noite em que cheguei a Plymouth, que esse jogo não valia a pena. Vou ajudar vocês, o máximo que eu puder, a descobrir os documentos, e depois, se me permitirem, volto para a América do Sul.

Bland estava muito admirado. O homem tinha dito quase tudo o que May tinha previsto que ele diria. Tornou a olhar para a moça e ela deu um sinal de cabeça.

- O senhor compreende que a sua busca... - Bland começou a dizer.

- Será feita sob os olhos da Polícia? - interrompeu o homem de Valparaíso. - Eu preferia que sim.

- Acredito que gostaria de começar imediatamente? - Bland perguntou.

- Quanto mais cedo melhor - respondeu o outro, animado.

- Um momento.

Foi a moça quem falou.

- Tem boa memória, senhor? - ela perguntou.

Por uma fração de segundo, o sorriso se apagou dos olhos do homem.

- Tenho excelente memória, madame - ele respondeu, seco.

Partiram todos juntos para o apartamento de Schiller e ali foram recebidos pelo policial de plantão.

- Já tem alguma hipótese? - Bland perguntou quando entraram no hall.

- Tenho - o outro respondeu depressa. - Acho que os documentos estão escondidos num nicho na parede, atrás de um paiel secreto. Pode levar até uma semana para encontrar o painel. Esta casa é muito antiga e pode ter sido escolhida por Mister Schiller por causa de algum detalhe da construção.

Mais uma vez, Bland pensou depressa: a franqueza do homem, sua vontade de ajudar, a história de painéis secretos, tudo conforme a fantástica profecia da moça.

Ele viu o brilho alegre dos olhos dela, se divertindo com o deslumbramento do chefe. Virou-se então para o homenzinho.

- Pode começar - disse.

O Senhor Silva inclinou a cabeça:

- Vou examinar primeiro esta parede para ver se encontro o painel. Os meus dedos são, talvez, mais sensíveis que os seus. ..

A mão dele já estava estendida na direção do friso decorativo quando:

- Pare!

A ordem direta da moça fez o Senhor Silva se virar.

- Antes de o senhor começar - ela disse -, quero perguntar se dá valor à sua vida. O chileno encolheu os ombros e abriu os braços.

- Naturalmente, madame.

A moça voltou-se para Bland:

- Se esse homem descobrir o Código 2, o que é que acontece com ele?

- Com toda certeza vai morrer - Bland respondeu simplesmente. Ela concordou.

- Pode continuar se quiser, mas está começando muito para a direita.

- Para a direita ... ! - ele gaguejou, o rosto ficando de um terrível tom cinzento.

- A mensagem para o senhor começa na porta, seflor Viztelli - disse ela, calma. -O código só começa mesmo quando chegar na janela. Quer continuar?

Ele abanou a cabeça, sem palavras.

Bland chamou os seus homens e eles jogaram o chileno num táxi.

- E agora explique - disse Bland.

A moça foi até a parede perto da porta e tocou o friso decorativo com a mão.

- Sinta - disse.

Os dedos de Bland tocaram o papel de parede, incertos. Ele sentiu pequenos pontos em relevo, deslizou a mão para a direita e sentiu outros mais. Então compreendeu a verdade.

- Braille! - sussurrou. A moça concordou:

- O pai de Schiller era cego. E Schiller, evidentemente, estudou o alfabeto que os cegos usam para ler. Silva foi informado sobre a maneira como o código tinha sido escrito e aprendeu o mais depressa possível, para quando precisasse substituir Schiller.

Ela deslizou os dedos pelo friso.

- São sete linhas de texto, em torno da sala toda - ela disse. - Schiller colou o friso ele mesmo, um pedaço de cada vez, à medida que ia conseguindo fotografar o Código 2. A primeira linha começa assim: Para Raymond Viztelli. Mantenha as aparências de que vai ajudar a Polícia, seja franco, como eu lhe disse. Assim começa o código: "Abraham" quer dizer "Novas armas preparadas. .. "

Bland pegou a mão dela:

- Se quer continuar uma moça bonita e bem viva para jantar comigo hoje à noite, não prossiga nessa investigação.

Tradução de José Rubens Siqueira

59. O COLAR DA RAINHA

MAURICE LEBLANC (1864 -1941 | França)

Ele fez na França o que Conan Doyle fez na Inglaterra: popularizou mundialmente o então novo gênero policial. Basta dizer que é o criador de Arsene Lupin, "O ladrão de casaca" (Título em português de seu primeiro livro, de 1907/Arsène Lupin, Gentleman-Cambrioleur.) Bastante superior às dezenas de seus imitadores (Raffles etc), ele deixou uma obra numerosa, até hoje em catálogo em editoras do mundo todo.

Duas ou três vezes por ano, por ocasião de solenidades importantes, como os bailes da embaixada da Áustria ou os saraus de Lady Billingsstone, a condessa de Dreux-Soubise colocava sobre seus alvos ombros "O Colar da Rainha". Tratava-se realmente do famoso colar, o lendário colar que Bohmer e Bassenge, joalheiros da coroa, destinaram à Du Barry, que o cardeal de Rohan-Soubise imaginou oferecer a Maria Antonieta, rainha da França, e que a aventureira Jeanne de Valois, condessa de La Motte, desmembrou numa noite de fevereiro de 1785, com a ajuda de seu marido e cúmplice Rétaux de Villette.

Para dizer a verdade, só o engaste era autêntico. Rétaux de Villette o tinha conservado, enquanto o Sr. de La Motte e sua mulher dispersavam aos quatro ventos as pedras brutalmente descoladas, as admiráveis pedras tão cuidadosamente escolhidas por Bohmer. Mais tarde, na Itália, ele o vendeu a Gaston de Dreux-Soubise, sobrinho e herdeiro do cardeal, salvo por ele da ruína quando da escandalosa bancarrota de Rohan-Guéménée e que, em memória de seu tio, comprou os poucos diamantes que restavam em posse do joalheiro inglês Jefferys, completou-os com outros de valor muito menor, mas de igual tamanho, e conseguiu reconstituir o maravilhoso "Colar em Grilhões", tal como havia saído das mãos de Bohmer e Bassenge. Dessa jóia histórica orgulharam-se por mais

de um século os Dreux-Soubise. Embora diversas circunstâncias houvessem diminuído consideravelmente a sua fortuna, eles preferiram reduzir seu padrão de vida a alienar a real e preciosa relíquia. O conde atual, em particular, era ligado a ela como se está ligado à casa de seus pais. Por prudência, havia alugado, no Crédit Lyonnais, um cofre para guardá-lo. Ia pessoalmente apanhá-lo na tarde do dia em que sua mulher desejasse usá-lo e levava-o pessoalmente de volta no dia seguinte.

Naquela noite, na recepção do Palácio de Castille - a aventura remonta ao início do século -, a condessa fez um verdadeiro sucesso e o rei Christian, em honra de quem era dada a festa, observou sua magnífica beleza. As pedras resplandeciam em torno do gracioso pescoço. As mil facetas dos diamantes brilhavam e cintilavam como chamas sob as

luzes. Nenhuma outra além dela, parecia, poderia suportar com tanta graça e nobreza o fardo de tal adorno.

Foi um duplo triunfo, que o conde de Dreux apreciou profundamente e do qual se felicitou quando voltaram para o quarto da sua velha mansão em Saint-Germain. Ele estava orgulhoso de sua mulher e talvez igualmente da jóia que há quatro gerações fazia a glória de sua família. E sua mulher tirava dali uma vaidade um pouco pueril, mas que era bem a marca de seu temperamento altivo.

Não sem pesar, ela retirou o colar de seus ombros e entregou-o ao marido, que o examinou com admiração, como se absolutamente não o conhecesse. Depois, tendo recolocado a jóia em seu estojo de couro vermelho com as armas do cardeal, passou para um compartimento contíguo, mais uma espécie de alcova, que havia sido completamente isolada do quarto e cuja única entrada se encontrava aos pés de sua cama. Como das outras vezes, ocultou-o numa prateleira bastante alta, entre caixas de chapéu e pilhas de roupa de cama. Fechou a porta e mudou de roupa.

Pela manhã, levantou-se por volta das nove horas, com a intenção de, antes do almoço, ir até o Crédit Lyonnais. Vestiu-se,

tomou uma xícara de café e desceu à estrebaria. Lá, deu suas ordens. Um de seus cavalos o preocupava. Ele o fez marchar e trotar pelo pátio. Voltou então para junto de sua mulher.

Ela não havia saído do quarto e se penteava, ajudada por sua criada. Disse a ele:

- Vai sair?
- Vou ... para aquele compromisso.. .
- Ah! É verdade.. . é mais prudente .. .

Ele entrou no compartimento. Mas, alguns segundos depois, perguntou, aliás sem a menor surpresa:

- Pegou o colar, minha querida? Ela retrucou:
- Como? Não, não peguei coisa alguma.
- Você mudou-o de lugar.
- Absolutamente... Nem abri essa porta.

Ele apareceu, descomposto, e balbuciou, a voz quase inaudível:

- Você não... Não foi você? .. Então...

Ela correu até ele e os dois procuraram febrilmente, jogando as caixas no chão e demolindo as pilhas de lençóis. E o conde repetia:

- Inútil ... Tudo o que fazemos é inútil ... Foi aqui, nesta prateleira, que eu o coloquei.

- Pode ter-se enganado.
- Foi aqui, aqui, nesta prateleira e não em outra.

Acenderam uma vela, pois a peça era um tanto escura, e tiraram toda a roupa de cama e todos os objetos que a atravancavam. E, quando nada mais havia no comparti-mento, foram obrigados a admitir com desespero que o famoso colar, "o Colar em Grilhões da Rainha", havia desaparecido.

De natureza decidida, a condessa, sem perder tempo em vãs lamentações, mandou prevenir o comissário, o Sr. Valorbe, cujo espírito sagaz e clarividência já haviam tido a oportunidade de

apreciar. Colocaram-no a par em detalhes e ele imediatamente perguntou:

- Tem certeza, Sr. conde, de que ninguém atravessou seu quarto durante a noite?

- Certeza absoluta. Tenho o sono muito leve. Mais ainda: a porta deste quarto estava fechada com o ferrolho. Precisei abri-lo esta manhã quando minha mulher chamou a criada.

- E não existe outra passagem que permita a entrada no compartimento?

- Nenhuma.

- Nem janela?

- Há, mas está bloqueada.

- Eu gostaria de verificar. ..

Velas foram acesas e imediatamente o Sr. Valorbe mostrou que a janela só estava bloqueada até a metade, por um baú que, ademais, não se encaixava exatamente na esquadria.

- Está suficientemente encaixado - retrucou o Sr. de Dreux - para que seja impossível empurrá-lo sem fazer muito barulho.

- E para onde dá esta janela?

- Para um poço de ventilação.

- E há ainda um andar acima deste?

- Dois, mas à altura do andar dos criados, o poço é protegido por uma grade de malhas pequenas. Por isto temos tão pouca luz.

Aliás, quando o baú foi afastado, constatou-se que a janela estava fechada, o que não estaria se alguém houvesse penetrado por ali.

- A menos - observou o conde - que esse alguém tenha saído pelo nosso quarto.

- Caso em que o senhor não teria encontrado o ferrolho fechado.

O comissário refletiu por um instante e, voltando-se para a condessa:

- Alguém de suas relações sabia que a senhora usaria este colar ontem à noite?

- Com certeza, não ocultei o fato. Mas ninguém sabia que nós o escondêssemos neste compartimento.

- Ninguém?

- Ninguém. .. A menos que. ..

- Por favor, senhora, seja objetiva. Este é um ponto dos mais importantes. Ela disse a seu marido:

- Eu estava pensando em Henriette.

- Henriette? Ela ignora este detalhe, como as outras.

- Tem certeza?

- De quem se trata? - interrogou o Sr. Valorbe.

- Uma amiga do convento, que brigou com sua família por se casar com uma espécie de operário. Com a morte de seu marido, eu a recolhi com seu filho e mobiliei para eles um apartamento nesta mansão.

E ela acrescentou com embaraço:

- Ela me presta alguns serviços. É muito hábil com as mãos.

- Em que andar ela vive?

- No nosso, não distante do resto... No fim deste corredor... E... estou pensando. .. a janela de sua cozinha. ..

- Abre para este poço, não é?

- É ... bem defronte à nossa.

Um leve silêncio seguiu-se a esta declaração. O Sr. Valorbe pediu então para ser conduzido até Henriette. Encontraram-na costurando, enquanto seu filho Raul, um menino de seis a sete anos, lia a seu lado.

Bastante espantado de ver o miserável apartamento que havia sido mobiliado para ela e que se compunha no total de um cômodo sem lareira e de um puxado servindo de cozinha, o comissário interrogou-a. Ela pareceu perturbada ao tomar conhecimento do

roubo. Na véspera, à noite, ela própria havia vestido a condessa e fechado o colar em volta de seu pescoço.

- Deus do céu! - exclamou. - Quem diria?

- E a senhora tem alguma idéia? Nenhuma suspeita? É possível que o culpado tenha passado pelo seu quarto.

Ela riu com gosto, sem ao menos imaginar que pudesse ser vítima de uma suspeita.

- Mas eu não saí do meu quarto! Nunca saio. E depois, o senhor não viu? Ela abriu a janela do puxado.

- Veja, há uns três metros até o lado oposto.

- Quem lhe disse que admitíamos a hipótese de um roubo efetuado por aí?

- Mas. .. o colar não estava no compartimento?

- Como a senhora sabe?

- Céus! Eu sempre soube que ele era posto ali à noite... Falaram disso na minha frente ...

Seu rosto, ainda jovem, mas que havia sido marcado pelas mágoas, trazia uma grande doçura e resignação. De repente, entretanto, teve em silêncio uma expressão de angústia, como se um perigo a tivesse ameaçado. Ela puxou seu filho para perto de si. Ele segurou-lhe a mão e abraçou-a com ternura.

- Não acredito - disse a Sra. de Dreux ao comissário, quando ficaram a sós -, não acredito que o senhor desconfie dela. Eu respondo por ela. É a honestidade em pessoa.

- Oh! Concordo inteiramente com a senhora - afirmou o Sr. Valorbe. - No máximo pensei numa cumplicidade inconsciente. Mas reconheço que esta explicação deve ser abandonada, ainda mais porque ela absolutamente não resolve o problema com o qual nos defrontamos.

O comissário não levou adiante aquele inquérito, que a promotoria retomou e completou nos dias subseqüentes. Os criados foram interrogados, o ferrolho foi examinado, foram feitas

experiências com a fechadura e a abertura da janela do compartimento, o poço foi explorado de cima a baixo,.. Tudo inútil. O ferrolho estava intacto. A janela não podia ser aberta ou fechada pelo lado de fora.

Mais especialmente, as buscas visaram Henriette, pois, apesar de tudo, retornava-se sempre a este lado.

Sua vida foi minuciosamente revistada e constatou-se que, em três anos, ela só saíra da mansão quatro vezes, e as quatro vezes, para compras que puderam ser determinadas. Na verdade, ela servia de criada de quarto e de costureira para a Sra. de Dreux, que a tratava com um rigor do qual todos os criados deram testemunhos confidenciais.

- Aliás - dizia a promotoria, que, ao fim de uma semana, chegou às mesmas conclusões que o comissário -, admitindo que conhecêssemos o culpado, o que não é o caso, não saberíamos mais do que sabemos sobre como o roubo foi cometido. Estamos bloqueados à direita e à esquerda por dois obstáculos: uma porta e uma janela fechadas. O mistério é duplo! Como alguém conseguiu entrar e como, o que seria ainda mais difícil, conseguiu escapar deixando atrás de si uma porta trancada por um ferrolho e uma janela fechada?

Ao fim de quatro meses de investigações, a idéia secreta da promotoria era esta: o Sr. e a Sra. de Dreux, premidos por necessidades financeiras, haviam vendido o Colar da Rainha. O caso foi arquivado.

O roubo da preciosa jóia foi para os Dreux-Soubise um golpe cuja marca eles conservaram por muito tempo. Seu crédito não sendo mais garantido pela espécie de reserva que constituía tal tesouro, eles se viram diante de credores mais exigentes e banqueiros menos benevolentes. Precisaram apertar os cintos, alienar, hipotecar. Enfim, teria sido a ruína se duas volumosas heranças de parentes distantes não os tivessem salvo.

Eles sofreram também em seu orgulho, como se houvessem perdido um pedaço de nobreza. E, coisa estranha, foi contra sua

antiga servidora que a condessa se voltou. Sentia contra ela um verdadeiro rancor e a acusava abertamente. Relegaram-na primeiro ao andar dos criados, depois despediram-na da noite para o dia.

E a vida passou, sem acontecimentos notáveis. Eles viajaram muito.

Um único fato deve ser mencionado no decorrer dessa época. Alguns meses após a partida de Henriette, a condessa recebeu dela uma carta que a encheu de espanto.

"Senhora,

Não sei como agradecer-lhe. Pois foi a senhora, não é mesmo, que me enviou aquilo? Só pode ter sido a senhora. Ninguém mais conhece meu esconderijo no fundo desta pequena aldeia. Se eu estiver enganada, desculpe-me e receba ao menos a manifestação de meu reconhecimento por suas boas ações do passado. .. "

O que ela queria dizer? As boas ações presentes ou passadas da condessa para com ela reduziam-se a muitas injustiças. O que significavam aqueles agradecimentos? Instada a se explicar, ela respondeu que havia recebido pelo correio, num envelope não-registrado, duas notas de mil francos. O envelope, que anexava à sua resposta, trazia o carimbo de Paris e trazia apenas seu endereço, escrito com uma letra visivelmente disfarçada.

De onde vinham aqueles dois mil francos? Quem os havia enviado? A justiça foi informada. Mas que pista poderia ser seguida em meio àquelas trevas?

E o mesmo fato se repetiu doze meses depois. E uma terceira vez, uma quarta vez, e a cada ano durante seis anos, com a diferença de que, no quinto e no sexto ano, o valor dobrou, o que permitiu a Henriette, subitamente doente, tratar-se como convinha.

Outra diferença: tendo a administração do correio apreendido uma das cartas com o pretexto de não estar a mesma registrada,

as duas últimas cartas foram enviadas conforme o regulamento, a primeira datada de Saint-Germain e a outra de Suresnes. O expedidor assinou primeiro Anquety, depois Péchard. Os endereços fornecidos eram falsos.

Ao final de seis anos, Henriette morreu. O enigma continuou total.

Todos estes acontecimentos são conhecidos pelo público. O caso foi daqueles que apaixonaram a opinião e foi um destino estranho o daquele colar que, depois de perturbar a França no final do século XVIII, provocou ainda tanta emoção cento e vinte anos depois. Mas o que vou dizer é ignorado por todos, salvo pelos principais interessados e algumas pessoas às quais o conde pediu segredo absoluto. Como é provável que um dia ou outro elas quebrem sua promessa, não tenho, pessoalmente, qualquer escrúpulo em rasgar o véu, e será então revelada, simultaneamente à chave do enigma, a explicação da carta publicada pelos jornais na manhã de anteontem, carta extraordinária que acrescentava ainda, se isto é possível, ainda mais sombra e mistério às obscuridades desse drama.

Tudo aconteceu há cinco dias. Entre os convidados que almoçavam na casa do Sr. de Dreux-Soubise, encontravam-se suas duas sobrinhas e sua prima e, de homens, o presidente d'Essaville, o deputado Bochas, o cavalheiro Floriani, que o conde conhecera na Sicília, e o general marquês de Rouzieres, um velho companheiro.

Após a refeição, as senhoras serviram o café e os senhores tiveram a autorização para um cigarro, com a condição de não desertarem do salão. Conversou-se. Uma das jovens divertiu-se pondo cartas e fazendo previsões. Depois veio-se a falar de crimes célebres. E foi neste contexto que o Sr. de Rouzieres, que jamais perdia a ocasião de implicar com o conde, lembrou a aventura do colar, tema de conversa do qual o Sr. de Dreux tinha horror.

Imediatamente cada um deu seu palpite. Cada um começou o inquérito à sua maneira. E, é claro, todas as hipóteses se contradiziam, todas igualmente inadmissíveis.

- E o senhor? - perguntou a condessa ao cavalheiro Floriani. - Qual a sua opinião?

- Oh, eu não tenho opinião, minha senhora.

Todos protestaram. Pois exatamente o cavalheiro acabava de contar com brilhantismo diversas aventuras nas quais estivera envolvido com seu pai, magistrado em Palermo, e nas quais ficaram claros seu julgamento e seu gosto por estas questões.

- Confesso - disse ele - que me aconteceu ter sucesso onde os mais hábeis haviam renunciado. Mas daí a me considerar um Sherlock Holmes. .. E, ademais, praticamente não sei do que se trata.

Voltaram-se todos para o dono da casa. A contragosto, ele precisou resumir os fatos. O cavalheiro ouviu, refletiu, fez algumas perguntas e murmurou:

- Engraçado. .. à primeira vista não me parece que a coisa seja tão difícil de adivinhar.

O conde deu de ombros. Mas as outras pessoas se entusiasmaram em torno do cavalheiro e ele recomeçou num tom um pouco dogmático:

- Em geral, para chegar ao autor de um crime ou de um roubo, é preciso determinar como tal crime ou roubo foram cometidos. No caso atual, nada mais simples, na minha opinião, pois estamos diante não de diversas hipóteses, mas de uma certeza, uma certeza única, absoluta, e que se enuncia assim: o indivíduo não poderia entrar senão pela porta do quarto ou pela janela do compartimento. Ora, não se abre, de fora, uma porta aferrolhada. Então ele entrou pela janela.

- Ela estava fechada e nós a encontramos fechada - declarou o Sr. de Dreux.

- Para tanto - continuou Floriani, sem considerar a interrupção - ele só precisou criar uma ponte, prancha ou escada entre o balcão da cozinha e a esquadria da janela e, assim que o estojo. ..

- Mas eu lhe repito que a janela estava fechada! - exclamou o conde com impaciência. Desta vez, Floriani teve que responder. Ele o fez com a maior tranqüilidade, como

um homem a quem uma objeção tão insignificante não perturba.

- Acredito que estivesse, mas não havia uma clarabóia?

- Como sabe?

- Primeiro, porque é quase uma regra, em mansões daquela época. E depois, é preciso que assim seja, pois de outro modo o roubo seria inexplicável.

- Na verdade existe uma, mas estava fechada, como a janela. Sequer demos atenção a ela.

- Foi um erro. Pois, se lhe tivessem prestado atenção, teria sido evidentemente visto que havia sido aberta.

- E como?

- Suponho que, como todas as outras, ela se abre por meio de um arame trançado, munido de um aro em sua extremidade inferior?

- É.

- E tal aro ficava pendurado entre a esquadria e o baú?

- Sim, mas não compreendo. ..

- Veja bem. Por uma abertura feita no vidro foi possível, com a ajuda de um instrumento qualquer, digamos uma varinha de ferro munida de um gancho, alcançar o aro, puxar e abrir.

O conde riu:

- Perfeito: puxar e abrir! Perfeito! O senhor resolve tudo com perfeição, mas se esquece de uma coisa, meu caro, é que não havia abertura no vidro.

- Havia uma abertura.

- Ora, vamos, teríamos visto.

- Para ver é preciso olhar, e ninguém olhou. A abertura existe, é materialmente impossível que ela não exista, ao longo do vidro,

encostada ao caixilho... no sentido vertical, é claro.

O conde levantou-se. Parecia muito excitado. Cruzou duas ou três vezes o salão num passo nervoso e, aproximando-se de Floriani:

- Nada mudou lá em cima desde aquele dia.. . Ninguém pôs os pés no compartimento.

- Neste caso, meu senhor, é possível que o senhor se certifique de que minha explicação está de acordo com a realidade.

- Ela não está de acordo com quaisquer fatos que a justiça tenha constatado. O senhor nada viu, nada sabe e vai de encontro a tudo o que vimos e a tudo o que sabemos.

Floriani não pareceu absolutamente perceber a irritação do conde e disse sorrindo:

- Meu Deus, senhor, procuro ver claramente, eis tudo. Se eu estiver enganado, prove-me meu erro.

- Sem mais tardar. .. Confesso que sua segurança ...

O Sr. de Dreux resmungou ainda algumas palavras e então, subitamente, dirigiu-se para a porta e saiu.

Nem uma palavra foi dita. Esperava-se ansiosamente, como se, de fato, uma parcela da verdade fosse aparecer. E o silêncio tinha uma extrema gravidade. Finalmente, o conde apareceu na soleira da porta. Estava pálido e singularmente agitado. Disse a seus amigos, com a voz trêmula:

- Eu lhes peço desculpas. .. as revelações do cavalheiro são tão imprevistas... eu jamais teria pensado. ..

Sua mulher o interrogou avidamente:

- Fale. .. Eu lhe suplico... O que há? Ele balbuciou:

- A fenda existe... exatamente no local indicado.. . ao longo do vidro ...

Ele agarrou bruscamente o braço do cavalheiro e disse-lhe num tom imperioso:

- E agora, senhor, continue. .. Reconheço que o senhor tem razão até aqui. Mas agora, não acabou. .. responda. .. O que aconteceu, na sua opinião?

Floriani soltou-se suavemente e, depois de um instante, pronunciou:

- Pois bem, na minha opinião, eis o que se passou. O indivíduo, sabendo que a Sra. de Dreux iria ao baile com o colar, providenciou sua passarela durante a sua ausência. Através da janela, ele o observou e o viu esconder a jóia. Assim que o senhor saiu, ele cortou o vidro e puxou o aro.

- Seja, mas a distância é grande demais para que ele pudesse, pela clarabóia, alcançar a fechadura da janela.

- Se ele não conseguiu abri-la foi porque entrou pela própria clarabóia.

- Impossível! Não existe um homem magro o suficiente para entrar por ali.

- Então não se trata de um homem.

- Como?

- Claro. Se a passagem era estreita demais para um homem, tem que ter sido uma criança.

- Uma criança?

- O senhor não me disse que sua amiga Henriette tinha um filho?

- Com efeito... um filho que se chamava Raul.

- É infinitamente provável que tenha sido Raul quem cometeu o roubo.

- Que provas o senhor tem?

- Que provas? Provas não faltam.. . Vejamos, por exemplo.. . Ele se calou e refletiu por alguns segundos. Então continuou:

- Vejamos por exemplo, aquela passarela; não se pode acreditar que o menino a tenha trazido de fora e levado até lá sem que fosse notado. Ele deve ter utilizado o que havia à sua disposição. No

puxado onde Henriette cozinhava havia, não é mesmo?, umas prateleiras presas na parede onde se colocavam as panelas.

- Duas prateleiras, ao que me lembro.

- Seria preciso verificar se tais tábuas estão realmente fixas nos suportes de madeira em que se apóiam. Caso contrário, estaríamos autorizados a pensar que o menino as despregou, depois juntou uma à outra. Talvez também, já que havia um forno, encontraríamos um gancho para forno, que ele deve ter usado para abrir a clarabóia.

Sem dizer uma palavra, o conde saiu, e desta vez os ouvintes nem mesmo sentiram a pequena ansiedade do desconhecido da qual se viram presos da primeira vez. Eles sabiam, sabiam com certeza absoluta, que as previsões de Floriani estavam certas. Emanava daquele homem uma impressão de certeza tão firme que todos o escutavam não como se ele deduzisse os fatos uns dos outros, mas como se contasse acontecimentos cuja autenticidade era fácil de verificar à medida que eram narrados.

E ninguém se espantou quando o conde declarou:

- Foi mesmo o menino, foi mesmo ele, tudo o comprova.

- O senhor viu as tábuas. .. o gancho?

- Vi, .. as tábuas foram despregadas, .. o gancho ainda está lá. A Sra. de Dreux-Soubise exclamou:

- Foi ele. .. O senhor quer dizer que foi sua mãe. Henriette é a única culpada. Ela deve ter obrigado seu filho...

- Não - afirmou o cavalheiro. - A mãe nada ter a ver com tudo isto.

- Ora vamos! Eles viviam no mesmo quarto, a criança não teria podido agir sem o conhecimento de Henriette.

- Eles viviam no mesmo quarto, mas tudo aconteceu no cômodo ao lado, à noite, enquanto a mãe dormia.

- E o colar? - disse o conde. - Nós o teríamos encontrado nas coisas do menino.

- Perdão! Ele saía. Na manhã mesmo em que os senhores o surpreenderam diante de sua mesa de trabalho, ele vinha da escola; e talvez a justiça, em vez de esgotar seus recursos contra a mãe inocente, teria sido melhor inspirada se procurasse por lá, na mesa do menino, entre seus livros de estudo.

- Que seja, mas e os dois mil francos que Henriette recebia todos os anos não são o melhor sinal de sua cumplicidade?

- Cúmplice, teria ela lhe agradecido por esse dinheiro? E mais, ela não era vigiada? Enquanto a criança estava livre, com toda a facilidade para correr até a cidade vizinha para se entender com um revendedor qualquer e ceder-lhe por um preço irrisório um diamante, dois diamantes, conforme o caso. .. com a única condição de que a remessa do dinheiro fosse efetuada de Paris, mediante o que tudo se repetiria no ano seguinte.

Um mal-estar indefinível oprimia os Dreux-Soubise e seus convidados. Na verdade, havia no tom, na atitude de Floriani, algo além daquela certeza que, desde o início, havia tão vivamente irritado o conde. Havia ironia, e uma ironia que mais parecia hostil do que simpática e amistosa como conviria.

O conde fingiu rir.

- Tudo isto é de uma engenhosidade que me encanta! Meus cumprimentos! Que imaginação brilhante!

- Mas não, não - exclamou Floriani ainda mais seriamente -, não estou imaginando, estou evocando circunstâncias que foram inevitavelmente tais como as exponho.

- O que o senhor sabe a respeito?

- O que o senhor mesmo me disse. Imagino a vida da mãe e da criança, lá longe, enterrados no interior, a mãe que cai doente, as astúcias e invenções do menino para vender as pedrarias e salvar sua mãe ou pelo menos suavizar seus últimos momentos. A moléstia a leva. Ela morre. Os anos passam. A criança cresce, torna-se um homem. E então - e desta vez sou obrigado a admitir que minha imaginação segue seu livre curso - suponhamos que esse homem sinta a necessidade de voltar aos locais onde viveu sua

infância, que ele os reveja, que reencontre aqueles que suspeitaram, acusaram sua mãe. .. Pensem no interesse pungente de tal encontro na velha mansão onde se desenrolaram as peripécias do drama. ..

Suas palavras ecoaram por alguns segundos no silêncio inquieto, e no rosto do Sr. e da Sra. de Dreux lia-se um esforço desesperado para compreender, ao mesmo tempo que o medo e a angústia de compreender. O conde murmurou:

- Quem é o senhor, afinal?

- Eu? Mas o cavalheiro Floriani, que o senhor encontrou em Palermo e que foi amável o bastante para convidar à sua casa por diversas vezes.

- Então o que significa esta história?

- Ora! Mas absolutamente nada! É um simples jogo que faço! Tento imaginar a alegria que teria o filho de Henriette, se é que ele ainda existe, em lhes dizer que foi o único culpado e que o foi porque sua mãe estava infeliz, a ponto de perder o lugar de. .. criada do qual vivia e porque o menino sofria ao ver sua mãe infeliz.

Ele se expressava com uma emoção contida, meio de pé e virado para a condessa. Nenhuma dúvida podia subsistir. O cavalheiro Floriani não era outro senão o filho de Henriette. Tudo, em sua atitude, em suas palavras, o proclamava. Aliás, não era sua intenção evidente, sua vontade mesmo, ser reconhecido como tal? O conde hesitou. Que conduta assumiria para com o audacioso personagem? Chamar alguém? Provocar um escândalo? Desmascarar aquele que o havia roubado outrora? Mas fazia tanto tempo! E quem queria admitir aquela absurda história de criança culpada? Não, era melhor aceitar a situação, fazendo de conta que não compreendia o verdadeiro sentido de tudo aquilo. E o conde, aproximando-se de Floriani, exclamou com jovialidade:

- Muito divertido, muito curioso o seu romance. Juro que me apaixona. Mas, na sua opinião, que fim levou esse rapazinho, esse modelo de filho? Espero que não tenha interrompido um caminho tão promissor.

- Oh! Claro que não.

- Não é mesmo? Depois de tal início! Pegar o Colar da Rainha com seis anos, o famoso colar cobiçado por Maria Antonieta!

- E pegá-lo - observou Floriani, prestando-se ao jogo do conde - sem que lhe custasse o menor embaraço, sem que ninguém tivesse a idéia de examinar o estado dos

vidros, ou perceber que o parapeito da janela estava limpo demais, aquele parapeito que ele havia esfregado para apagar as marcas de sua passagem sobre a espessa poeira... Confesse que era coisa demais para a cabeça de um garoto de sua idade. Então é tão fácil? Basta querer e estender a mão?. .. Minha nossa, ele quis...

- E ele estendeu a mão.

- As duas mãos - continuou o cavalheiro, rindo.

Houve um estremecimento. Que mistério escondia a vida daquele que se chamava Floriani? Quão extraordinária deveria ser a existência desse aventureiro, ladrão genial aos seis anos e que, hoje, por um refinamento de diletante em busca de emoção, ou no máximo para satisfazer um sentimento de rancor, vinha enfrentar sua vítima em sua própria casa, audaciosamente, loucamente e, no entanto, com toda a correção de um homem galante fazendo uma visita! Ele se levantou e se aproximou da condessa para se despedir. Ela reprimiu um movimento de recuo. Ele sorriu.

- Oh! Minha senhora, a senhora está com medo! Terei então levado longe demais minha pequena comédia de mágico de salão?

Ela se controlou e respondeu com a mesma desenvoltura um pouco provocativa.

- Absolutamente, senhor. Pelo contrário, a lenda desse bom filho me interessou muitíssimo e estou feliz que meu colar tenha tido a oportunidade de um destino tão brilhante. Mas o senhor não acredita que o filho dessa ... mulher, dessa Henriette, obedecia principalmente a uma vocação?

Ele teve um sobressalto, sentindo a agulhada, e retrucou:

- Estou convencido que sim, e era mesmo necessário que tal vocação fosse séria para que a criança não desistisse.

- E como isto aconteceria?

- Mas é claro, a senhora sabe, a maioria das pedras era falsa. De verdadeiros só havia alguns diamantes recomprados ao joalheiro inglês, os outros tendo sido vendidos um a um conforme as duras necessidades da vida.

- Continuava sendo o Colar da Rainha, senhor - disse a condessa com altivez. -E eis o que, parece-me, o filho de Henriette não poderia compreender.

- Ele deve ter compreendido, senhora, que, falso ou verdadeiro, o colar era acima de tudo um objeto de exibição, um emblema.

O Sr. de Dreux fez um gesto. Sua mulher imediatamente se antecipou.

- Meu senhor - disse ela -, se o homem ao qual o senhor faz alusão tivesse o mínimo pudor...

Ela se interrompeu, intimidada pelo olhar calmo de Floriani. Ele repetiu:

- Se esse homem tivesse o mínimo pudor?...

Ela sentiu que nada ganharia falando com ele daquela maneira e, a contragosto, apesar de sua cólera e de sua indignação palpitante de orgulho humilhado, disse-lhe quase com polidez:

- Senhor, diz a lenda que Rétaux de Villette, quando teve nas mãos o Colar da Rainha e retirou os diamantes com Jeanne de Valois, não ousou tocar no engaste. Ele compreendeu que os diamantes eram senão o ornamento, o acessório, mas que o engaste era a obra essencial, a própria criação do artista, e ele a respeitou. O senhor acredita que esse homem também tenha compreendido isto?

- Não tenho dúvidas de que o engaste existe. A criança respeitou-o.

- Pois muito bem, senhor, se lhe acontecer encontrá-lo, o senhor lhe dirá que ele conserva injustamente uma dessas relíquias que

são a propriedade e a glória de certas famílias e que ele pode ter arrancado as pedras sem que o colar tenha deixado de pertencer à casa de Dreux-Soubise. Ele nos pertence como nosso nome, como nossa honra.

O cavaleiro respondeu simplesmente:

- Direi a ele, minha senhora.

Inclinou-se diante dela, cumprimentou o conde, cumprimentou todos os presentes, um a um, e saiu.

Quatro dias depois, a Sra. de Dreux encontrou sobre a mesa de seu quarto um estojo vermelho com as armas do cardeal. Ela o abriu. Era o Colar em Grilhões da Rainha.

Mas como todas as coisas, na vida de um homem preocupado com a unidade e a lógica, devem concorrer para um mesmo objetivo - e como um pouco de propaganda nunca é prejudicial -, na manhã seguinte o Eco da França publicava estas linhas sensacionais:

"O Colar da Rainha, a famosa jóia outrora roubada da família de Dreux-Soubise, foi encontrado por Arsene Lupin. Arsene Lupin apressou-se em entregá-lo a seus legítimos donos. Só se pode aplaudir esta atenção delicada e cavalheiresca."

Tradução de Celina Portocarrero

60. O HOMEM NA GALERIA

G.K. CHESTERTON (1874 -1936 | Inglaterra)

Poucos escritores de sua época foram tão grandes quanto ele (e não só por ter sido gordo e muito alto). Polêmico e brilhante, ele escreveu todos os gêneros, num total de 70 títulos. Foi crítico, jornalista, poeta, ensaísta brilhante (O Homem Eterno, entre outros), romancista (O Homem que foi Quinta-feira, um dos seus poucos livros disponíveis em português), contista (the Club of Queer Fellows, seu primeiro trabalho no campo do mistério, The Man who Knew Too Much etc.) Pensou em voz alta a história (da Inglaterra), as questões sociais, a filosofia e sobretudo a religião de sua época. (Num país de católicos anglicanos, ele se converteu ao catolicismo romano.) Seus três livros de contos com o genial detetive que também era padre (A Inocência do Padre Brown, O Segredo do Padre Brown e A Incredulidade do Padre Brown) deram ó narrativa policial uma dimensão e seriedade até então negadas ao gênero.

Os dois homens apareceram simultaneamente nos dois extremos daquela espécie de galeria que corre ao lado do Teatro Apolo no Adelphi. A luz do entardecer nas ruas era forte e luminosa, opalescente e vazia. A galeria, em comparação, era longa e sombria, e cada um deles podia ver o outro apenas como uma silhueta obscura na outra extremidade da passagem. Mesmo assim, os dois se reconheceram, naquelas sombras recortadas, porque eram ambos homens de aparência inconfundível e se odiavam mutuamente.

A passagem coberta dava em uma extremidade para uma das ruas que subia do Adelphi e, na outra, terminava num terraço sobre o rio colorido pela luz do poente. Um lado da galeria era a parede lisa do que fora um restaurante de teatro de pouco sucesso, agora

fechado. Do outro lado havia duas portas, uma em cada extremidade. Nenhuma das duas portas era como normalmente se imagina uma porta de camarim. Eram portas de camarim, mas de um tipo particular e para uso privativo de atores muito especiais, e naquele momento eram usadas pelo astro e pela estrela do espetáculo de Shakespeare em cartaz. Pessoas famosas, em geral, precisam de entradas e saídas assim para receber amigos, ou para evitá-los.

Os dois homens em questão eram sem dúvida esse tipo de amigos; era evidente que conheciam as portas e não tinham dúvidas de que se abriam para eles, pois ambos se aproximaram daquela na extremidade superior com a mesma tranqüilidade e confiança. Não com a mesma velocidade, mas o homem que vinha do extremo oposto da galeria era o que andava mais rápido, de forma que chegaram quase ao mesmo tempo àquela porta secreta de camarim. Cumprimentaram-se com civilidade e esperaram um momento antes que o mais rápido, aquele que parecia ser o menos paciente dos dois, se decidisse a bater na porta.

Nisso, como em tudo mais, um era o oposto do outro, embora nenhum deles pudesse ser considerado inferior. Em suas vidas privadas, eram pessoas encantadoras, capazes e queridas. Como pessoas públicas, ambos eram bem-sucedidos e famosos. Mas tudo a respeito deles, da fama à bela aparência, era de natureza diversa e sem termo de comparação. Sir Wilson Seymour era o tipo de homem cuja importância era do conhecimento de todos aqueles que sabiam das coisas que importavam. Quanto mais alguém penetrasse nos círculos interiores do poder, em qualquer área, política ou profissional, mais esbarraria em Sir Wilson Seymour. Era o único membro brilhante em vinte comissões idiotas -com uma variedade de interesses que ia da reforma da Academia Real ao projeto de atar o sistema monetário da Grã-Bretanha às cotações de ouro e prata. Nas Artes, em especial, era onipotente. Era uma figura tão singular que ninguém conseguira determinar se se tratava de um grande aristocrata que adotara a Arte ou de um grande artista adotado pela aristocracia. Mas seria impossível estar

com ele por cinco minutos sem perceber qual dos dois realmente regulava a vida de todos nós.

Sua aparência era "distinta" no sentido literal da palavra: ao mesmo tempo convencional e única. As regras da moda não encontrariam nada de errado com sua cartola de seda, que, no entanto, era diferente da cartola de seda de qualquer outra pessoa -talvez um pouco mais alta e somando alguns centímetros à sua altura natural. Sua figura magra e alta era ligeiramente curvada e, ainda assim, dava a impressão oposta à de fragilidade. Os cabelos eram prateados, mas não pareciam envelhecidos, apenas um pouco mais longos do que o comum, mas não parecia afeminado; tinha ondas, sem parecer que fora ondulado. A barba, cuidadosamente cortada em ponta, dava-lhe uma aparência mais viril e masculina do que se fosse descuidada, como a barba daqueles velhos almirantes de Velásquez cujos retratos escuros cobriam as paredes de sua casa. Usava luvas cinzentas com uma tonalidade predominante de azul, e sua bengala era ligeiramente mais longa que as centenas de outras, que floresciam e se exibiam em teatros e restaurantes.

O outro homem não era tão alto, embora ninguém pudesse descrevê-lo como baixo e, tanto quanto o primeiro, era belo e forte. Cabelos também ondulados, mas claros e cortados curtos sobre a cabeça maciça e forte - uma cabeça com a qual se poderia arrombar uma porta, como disse Chaucer a respeito da cabeça de seu moleiro. O bigode militar e a postura dos ombros faziam-no parecer um soldado, mas tinha um par de olhos azuis, atentos e francos, que são mais comuns em marinheiros. O rosto tinha algo de quadrado, o queixo era quadrado, os ombros eram quadrados, até mesmo o corte de seu paletó era quadrado. Na verdade, no estilo impiedoso então em voga, o caricaturista Max Beerbohm o representara como uma proposição no quarto livro de Euclides.

Porque, embora devido a outro tipo de sucesso, ele também era uma figura pública. Não era necessário pertencer à alta sociedade para ter ouvido falar do capitão Cutler, do cerco de Hong Kong e da grande marcha através da China. Impossível não ouvir falar dele

onde quer que se estivesse; sua fotografia estava em toda parte; seus mapas e batalhas ilustravam as revistas; cantavam-se canções em sua homenagem nos teatros e nos bares. Sua fama, embora provavelmente menos consistente, era dez vezes mais difundida, popular e espontânea do que a do outro. Em milhares de lares ingleses ele pairava enorme sobre o país, como Nelson. No entanto possuía infinitamente menos poder na Inglaterra do que Sir Wilson Seymour.

A porta foi aberta para eles por um velho criado, ou "roupeiro", cujo rosto cansado e roupas humildes e sem cor contrastavam estranhamente com o brilhante interior do camarim da grande atriz. Havia espelhos em toda parte e cobrindo todos os ângulos de refração, de forma que pareciam as centenas de faces de um enorme diamante - se fosse possível penetrar o interior de um diamante. Os outros elementos de luxo, algumas flores, algumas almofadas coloridas, algumas roupas de palco, eram multiplicados pelos espelhos, numa loucura das "Mil e uma Noites", e dançavam e mudavam de lugar sem parar enquanto o roupeiro mudava a posição de um espelho ou empurrava outro contra a parede.

Os dois homens se dirigiram a ele, chamando-o de Parkinson, e perguntaram pela senhora a quem chamaram de Srta. Aurora Rome. Parkinson disse que ela estava no outro quarto, mas que iria avisá-la. Uma sombra cruzou o rosto dos dois homens, pois o outro quarto era o camarim do grande ator com quem Aurora Rome contracenava, e ela era do tipo que não despertava admirações sem despertar ciúmes. Em meio minuto, no entanto, a porta se abriu, e ela entrou, como entrava sempre, mesmo na vida real, de um modo que até mesmo o silêncio parecia uma explosão de aplausos, e aplausos bem merecidos. Vestia um estranho robe de cetim colorido em verde e azul metálicos que lembrava as cores de um pavão, o tipo da coisa que deliciava crianças e estetas, e seu pesado cabelo, de um castanho profundo, emoldurava um daqueles rostos mágicos que são perigosos para todos os homens, mas especialmente perigosos para os meninos e os homens ficando grisalhos. Com seu colega, o grande ator americano Isidore Bruno,

ela vinha interpretando uma versão especialmente poética e fantástica de Sonhos de uma Noite de Verão, centrada nas personagens de Oberon e Titânia ou, em outras palavras, em Bruno e nela mesma. Movendo-se numa dança mística, dentro do belo cenário de sonho, o costume verde, como as asas de um escaravelho, realçava a individualidade fugidia da rainha dos elfos. Mas diante dela e à luz do dia, um homem via apenas o rosto da mulher.

Recebeu os dois visitantes com aquele sorriso misterioso e radiante que mantinha tantos homens orbitando à mesma perigosa distância em torno dela. Aceitou as flores de Cutler, que eram tropicais e caras como suas vitórias, e um presente de outro tipo, dado mais tarde, com displicência, por Sir Wilson Seymour, porque não era de seu feitio demonstrar ansiedade ou ser convencional a ponto de oferecer um presente óbvio como flores. Comprara por quase nada - dissera ele - uma antiguidade, uma adaga grega do período micênico, que poderia ter sido usada na época de Teseu e Hipólita. Era feita de bronze como todas as armas da época heróica, mas ainda era bastante afiada. O que o atraía, na verdade, fora a forma da lâmina, como uma folha, e sua perfeição, como a de vaso grego. Se pudesse interessar à Srta. Rome, ou talvez ser usada no palco em alguma peça, esperava que ela aceitasse...

A porta de comunicação interna se abriu para um vulto enorme que conseguia contrastar com Seymour mais ainda que o capitão Cutler. Com quase dois metros de altura, um físico e músculos mais que teatrais e vestido no fantástico costume de Oberon, em pele de leopardo e dourados, Isidore Bruno parecia um deus bárbaro. Apoiava-se numa espécie de bastão pontudo, que, visto da platéia, dava a impressão de uma fina vara prateada, mas que no pequeno e congestionado espaço do camarim tomava a aparência ameaçadora de uma lança de caçador. Com os olhos negros e vívidos rolando nas órbitas, seu rosto bronzeado, apesar de belo, mostrava naquele momento uma combinação de maçãs altas e dentes muito brancos que parecia confirmar certas conjecturas americanas sobre sua origem nas plantações su I istas.

- Aurora - ele começou a falar, naquela voz profunda, como um tambor da paixão que emocionara tantas platéias -, você poderia...

Parou indeciso porque uma sexta figura aparecera na porta - uma figura tão incongruente naquela cena a ponto de parecer cômica. Era um homem extremamente pequeno, vestido com a batina negra do clero secular da igreja romana, que parecia (especialmente na presença de Bruno e Aurora) mais fora de propósito ali do que Noé desembarcando da arca. Ele, no entanto, não parecia consciente de nenhum contraste e disse, com uma voz polida e inexpressiva:

- A Srta. Rome pediu que eu viesse.

Um observador atento poderia perceber um aumento na temperatura emocional dos presentes, em resposta a uma interrupção tão completamente destituída de emoção. O distanciamento de um celibatário profissional parecia revelar aos outros o fato de estarem todos em volta da mulher como um círculo de rivais amorosos; da mesma forma que a chegada de alguém com neve na roupa revelaria que o local estava quente como uma fornalha. A presença de um único homem não interessado nela fez crescer em Aurora Rome a sensação de que todos os outros a amavam, cada um perigosamente a seu modo: o ator com todo o apetite de um selvagem e as exigências de uma criança mimada; o soldado com o egoísmo simples de um homem com uma força de vontade maior que seu intelecto; Sir Wilson com a tenaz e cotidiana concentração com que os velhos hedonistas se entregam ao culto do prazer; até mesmo o abjeto Parkinson, que a conhecera antes de seu triunfo e que a seguia com olhos e solicitude pelo camarim, a amava com o idiota fascínio de um cão.

Um observador atento perceberia algo ainda mais estranho; algo que o inexpressivo homenzinho de negro (que não era um observador completamente desatento) percebeu com um contido divertimento. Era evidente que a grande Aurora Rome, embora não fosse de nenhuma forma indiferente à admiração do sexo oposto, naquele momento preferia livrar-se de seus admiradores para ficar a sós com o único homem presente que não a admirava - não a

admirava naquele senso específico; porque, na verdade, o padre teve de admirar a firme diplomacia feminina com que ela conseguiu seu intento. Talvez fosse a única coisa de que ela realmente entendia, mas era metade da humanidade - a metade masculina. O pequeno padre pôde observar a rápida eficiência, como numa campanha napoleônica, com que ela despachou a todos sem banir ninguém. Bruno, o grande ator, era tão infantil que foi fácil fazê-lo partir, magoado e batendo a porta. Cutler, o oficial britânico, era lento na percepção de idéias, mas perfeitamente escrupuloso quanto ao comportamento. Poderia não perceber indiretas, mas seria incapaz de não atender ao desejo explícito de uma senhora. Quanto ao velho Seymour, esse foi tratado de forma diferente e deixado por último. A única maneira de fazê-lo ir era tratá-lo como um velho amigo e torná-lo cúmplice da manobra. O padre foi obrigado a admirar a habilidade com que as três coisas foram conseguidas com alguns movimentos concatenados em uma única ação.

Ela dirigiu-se ao capitão Cutler com sua voz mais doce:

- É claro que adorei estas flores, porque sei que devem ser as que você mais gosta. Mas não estarão completas sem as minhas favoritas. Vá, por favor, até a flora na esquina e consiga-me alguns lírios-do-vale para que esse buquê fique realmente adorável.

Falando assim com Cutler, conseguiu o primeiro objetivo de sua investida diplomática, que era irritar Bruno. Ele logo entregará sua lança, como um cetro, ao pobre Parkinson, e se preparava para sentar em uma poltrona, como num trono; mas, ao ouvi-la falar assim com seu rival, em seu olhar brilhou a sensibilidade insolente do escravo; por um instante, fechou os enormes punhos, e então se dirigiu para a porta e desapareceu em seu camarim. Enquanto isso, a tentativa da Srta. Rome de mobilizar o exército britânico não funcionou com a facilidade esperada. Cutler, é verdade, se levantara e partira para a porta imediatamente, sem seu chapéu, como obedecendo a um comando. Mas talvez houvesse alguma coisa ostensivamente elegante na figura lânguida de Seymour, encostado num dos espelhos, que provocou nele um repensamento

e o fez parar na porta olhando de um lado para o outro como um buldogue confuso.

- Tenho de mostrar a este idiota aonde deve ir - ela disse em voz baixa a Seymour e foi até a porta apressar a partida do outro.

Seymour ouviu com uma aparente displicência a conversa dos dois, como era seu jeito, e pareceu aliviado quando ouviu a dama dar suas últimas instruções ao capitão e depois se voltar rápida e correr rindo para o outro extremo da galeria, que dava para o terraço sobre o Tâmis. No entanto, um ou dois segundos depois, o semblante de Seymour voltou a anuviar-se. Um homem na sua posição tinha tantos rivais, e lembrou-se que na outra extremidade da galeria se encontrava a porta para o camarim de Bruno. Não se esqueceu de sua dignidade, trocou algumas palavras civilizadas com o padre Brown sobre a influência da arquitetura bizantina na catedral de Westminster, e então, com naturalidade, saiu e foi na direção do outro lado da galeria. Padre Brown e Parkinson ficaram a sós e nenhum dos dois tinha gosto pela conversação supérflua. O roupeiro girou pelo camarim puxando espelhos e os empurrando de volta contra as paredes; suas roupas surradas pareciam ainda mais velhas em contraste com a lança festiva do Rei Oberon, que continuava segurando. Cada vez que movia um espelho, aparecia uma nova imagem em negro do padre. A absurda câmara de espelhos se encheu de padres Brown, de cabeça para baixo no teto, como anjos dando saltos mortais, como acrobatas, como indivíduos mal-educados dando as costas às pessoas.

Padre Brown parecia inconsciente dessa nuvem de testemunhas, mas seus olhos atentos seguiram Parkinson até que este desapareceu no camarim de Bruno, levando consigo a absurda lança. Então, ele se entregou àquelas meditações abstratas que sempre o divertiam - calculando todos os ângulos dos espelhos, os ângulos de cada refração, o ângulo em que cada espelho deveria ser colocado nas paredes. ..

Então ouviu o grito - sufocado, mas bastante alto.

Ficou de pé em um salto e parou, ouvindo. No mesmo instante Sir Wilson Seymour entrou de volta no quarto, branco como gesso.

- Quem era aquele homem na galeria? - gritou. - Onde está meu punhal? Antes que o padre Brown pudesse girar em seus sapatos, Seymour corria pelo quarto procurando a arma. E antes que pudesse achar aquela arma ou outra qualquer coisa, ouviu-se o ruído rápido de pés correndo no pavimento lá fora, e a cara quadrada de Cutler apareceu na porta. Ele ainda tinha grotescamente na mão um buquê de lírios-do-vale.

- O que é isso? - gritou. - Quem é aquela criatura na galeria? É um de seus truques?

- Meus truques? - sibilou seu rival, e partiu em sua direção.

Enquanto tudo isso acontecia, padre Brown saiu para o topo da galeria, olhou através dela e imediatamente correu para o que viu.

Os outros dois abandonaram a discussão e correram atrás dele, com Cutler perguntando:

- O que está fazendo? Quem é o senhor?

- Meu nome é Brown - disse o padre com tristeza, erguendo-se de sobre alguma coisa que chamara sua atenção. - A Srta. Rome me pediu que viesse e vim o mais rápido que pude. Mas cheguei tarde demais.

Os três homens olharam para o chão, e no rosto de pelo menos um deles a vida desapareceu na luz fraca do fim de entardecer. Ela filtrava pelo meio da galeria como uma trilha dourada e em sua claridade difusa estava caída Aurora Rome, brilhante em seu vestido verde e ouro, com o rosto morto virado para cima. Sua roupa estava rasgada, provavelmente devido a uma tentativa de se defender do ataque, seu ombro direito estava nu, mas a ferida de onde o sangue corria era do outro lado. O punhal de bronze brilhava a pouco mais de um metro de distância.

Houve um perceptível hiato de silêncio durante o qual puderam ouvir o riso de uma florista lá fora, em Charing Cross, e alguém assoviando com fúria, tentando chamar a atenção de um táxi em

uma das ruas que saem do Strand. Então, o capitão, com um movimento rápido, que poderia ser tanto um gesto instintivo quanto uma encenação, pegou Sir Wilson pela garganta.

Seymour olhou para ele com calma, sem reação ou medo.

- Não precisa me matar - disse em voz fria. - Eu mesmo me encarregarei disso. A mão do capitão hesitou e caiu; enquanto o outro continuava com fria sinceridade:

- Se me faltar a coragem para fazer isso com o punhal, eu o farei em um mês com a bebida.

- Bebida não será o bastante para mim - respondeu Cutler. - Eu quero o sangue de alguém em troca disso. Não o seu, mas creio que sei de quem.

E, antes que os outros pudessem perceber suas intenções, ele pegou punhal e correu para a porta no outro extremo da galeria, que arrombou com fechadura e corrente para confrontar Bruno em seu camarim. Enquanto fazia isso, o velho Parkinson apareceu na porta; com seu caminhar hesitante, veio até o corpo caído na galeria, olhou para ele com uma face cansada e então voltou trêmulo para o camarim e foi sentar-se em uma das luxuosas cadeiras acolchoadas. Padre Brown correu imediatamente para ele sem dar atenção a Cutler e ao colossal ator, embora pudesse ouvir o ruído dos golpes entre os dois, que começavam a lutar pelo punhal. Enquanto isso, Seymour, que conseguira manter algum senso prático, fora para a saída da galeria sinalizar para a polícia.

Quando a polícia chegou, foi apenas em tempo para separar os dois homens, presos num simiesco abraço de ódio; e para, depois de algumas perguntas, prender Isidore Bruno sob a acusação de homicídio feita contra ele por seu furioso oponente. A idéia de que o grande herói nacional do momento prendera um criminoso com as próprias mãos parecia, sem nenhuma dúvida, ter um apelo especial para a mente dos policiais, a quem não falta um senso jornalístico. Cutler foi tratado com uma certa reverência, e chamaram sua atenção para um pequeno corte na mão. Enquanto Cutler o atacava, entre mesas e cadeiras tombadas, Bruno conseguira torcer

o punhal e o ferira com um pequeno corte abaixo do pulso. O ferimento era leve, mas, até a hora em que foi retirado do local pela polícia, o prisioneiro olhava como um selvagem para o sangue correndo, e tinha um sorriso fixo nos lábios.

- Parece uma espécie de canibal esse sujeito, não é mesmo? - confidenciou o policial a Cutler.

Ele não respondeu, mas um momento mais tarde disse, incisivo:

- Temos de cuidar da ... da morta . . . - e sua voz se desarticulou.

- Dos dois mortos - era a voz do padre vinda do outro extremo da sala. - Este pobre homem já estava morto quando cheguei perto dele. - Estava de pé, olhando para o velho Parkinson, um vulto negro encolhido na bela cadeira. Ele também pagara um tributo eloqüente à mulher morta ...

O primeiro a quebrar o silêncio foi Cutler, numa demonstração de que mesmo sua aridez era capaz de ternura.

- Gostaria que fosse eu - disse com sentimento. - Lembro a forma que costumava olhá-la onde quer que ela fosse, gostava dela mais que qualquer outra pessoa. Era o ar que respirava; e sem esse ar, morreu.

- Estamos todos mortos - disse Seymour, numa estranha voz, com o olhar perdido na rua.

Despediram-se do padre Brown na esquina, com algumas desculpas por qualquer indelicadeza que houvessem demonstrado. Os rostos de ambos eram trágicos, mas também eram enigmáticos.

A cabeça do pequeno padre era como uma toca de lebres, cheia de pensamentos saltando rápidos demais para que pudesse agarrá-los. Como o rabo de um coelho branco, cruzou por sua mente a idéia de que estava seguro da tristeza que ambos sentiam, mas não que fossem inocentes.

- É melhor nos despedirmos - disse Seymour com uma voz pesada. - Fizemos tudo o que podíamos para ajudar.

- Será que entenderiam meus motivos - perguntou o padre Brown com calma -se dissesse que fizeram tudo para prejudicar?

Ambos olharam para ele como culpados. Cutler foi incisivo:

- Prejudicar a quem?

- Aos senhores mesmos - respondeu o padre. - Não gostaria de trazer-lhes mais um problema se não achasse ser minha obrigação alertá-los. Caso esse ator seja inocentado, os senhores fizeram praticamente tudo que era possível para colocar o pescoço na forca. Seguramente serei chamado a testemunhar, e terei de contar que, logo após ouvir o grito, vi quando os senhores entraram no camarim, transtornados, e começaram uma discussão a respeito do punhal. Pelo que testemunharei, qualquer um dos senhores poderia ter cometido o crime. Isso os prejudica muito, e depois o capitão Cutler conseguiu um problema com aquele punhal.

- O ferimento? - perguntou Cutler com desprezo. - É um corte idiota.

- Que tirou sangue - respondeu o padre sacudindo a cabeça. - Sabemos que há sangue no punhal agora, e por isso não saberemos nunca se havia sangue antes.

Ficaram em silêncio até que Seymour disse, com uma ênfase que não era normal nele:

- Mas eu vi um homem na galeria.

- Sei que o senhor viu - respondeu o padre com um rosto impassível -; o capitão Cutler também viu. E é isto que faz a coisa improvável.

Antes que qualquer um dos dois pudesse atinar com uma resposta ou mesmo com o significado do que ele dizia, o padre Brown já se despedira e fora embora, com seu andar pesado, apoiado em seu guarda-chuva velho.

Da forma que são administrados os jornais modernos, as notícias mais importantes e as mais honestas são as policiais. Assim, se nesse século vinte há mais espaço para o assassinato do que para a política, é porque assassinato é um assunto tratado com mais seriedade. Mas nem isso seria capaz de explicar a onipresença nem a riqueza de detalhes que "O Caso Bruno" ou "O Mistério da

Galeria" ganhou na imprensa londrina e da província. Foi tão grande a excitação provocada pelo caso que por algumas semanas a imprensa realmente noticiou a verdade; e as reportagens, com os depoimentos e contradepoimentos, ainda que intermináveis e, às vezes, insuportáveis, eram pelo menos confiáveis. A verdadeira razão de tudo isso era, sem dúvida, a coincidência de envolver tantas pessoas importantes. A vítima era uma atriz popular; o acusado era um ator popular; e o réu fora preso, quase em flagrante, pelo soldado mais popular daquela temporada patriótica. Em tão extraordinárias circunstâncias, a imprensa fora paralisada pela camisa-de-força do compromisso com a verdade. Dessa forma o resto desse caso singular pode ser resgatado das reportagens sobre o julgamento de Bruno.

O julgamento foi presidido pelo juiz Monkhouse, que era um daqueles juízes acusados de ter senso de humor, e que na verdade costumam ser muito mais sérios que os juízes sérios; porque seu senso de humor se origina numa vivida impaciência com a solenidade profissional, enquanto os juízes sérios são na verdade poços de frivolidade porque repletos de vaidade. Sendo todos os protagonistas personalidades públicas, os advogados não ficavam atrás. O procurador da Coroa era Sir Walter Cowdray, um homem pesado, mas que também era um jurista de peso, do tipo que sabia como parecer inglês e digno de confiança, e como ser retórico com uma aparente relutância. Pela defesa o Sr. Patrick Butler, que dava uma impressão de superficialidade àqueles que não entendiam o caráter irlandês - e àqueles que nunca haviam sido interrogados por ele.

A evidência médica era incontestável; o médico, chamado por Seymour na mesma hora ao local do crime, concordava completamente com o laudo do eminente cirurgião que mais tarde examinara o corpo. Aurora Rome fora ferida de morte por um instrumento agudo e cortante, tal como uma faca ou punhal, com uma lâmina curta. O ferimento fora no coração e ela morrera instantaneamente. Quando o médico a vira pela primeira vez, ela estaria morta, no máximo, há vinte minutos. O que significava que,

quando o padre Brown a encontrara, não poderia estar morta há mais de três.

A isso seguiu um depoimento da polícia com evidências colhidas na cena, na tentativa de determinar se a vítima oferecera, ou não, resistência ao ataque. A única coisa que poderia sugerir isso era o vestido rasgado no ombro, o que também não parecia combinar com a direção e finalidade da punhalada. Depois de fornecidos esses detalhes, ainda que sem uma explicação satisfatória, foi chamada a primeira testemunha importante.

O depoimento de Sir Wilson Seymour, como qualquer outra coisa feita por ele, não foi apenas bom, foi perfeito. Embora fosse figura pública mais importante do que o juiz, apresentou uma solicitude gentil diante da justiça do rei; e ainda que todos o olhassem como se fosse o primeiro-ministro ou o arcebispo de Canterbury, era impossível fazer qualquer reparo a seu comportamento no caso, além da constatação de que era o comportamento de um cavalheiro bem nascido. Mostrou também uma inteligência lúcida, como fazia nas comissões. Fazia uma visita à Srta. Rome no teatro, onde encontrara o capitão Cutler; tiveram, por um pequeno espaço de tempo, a companhia do réu, que voltara depois a seu camarim; enquanto estavam ali, juntou-se a eles um padre católico, que vinha à procura da vítima e dissera chamar-se Brown. A Srta. Rome fora então até o lado de fora, para mostrar ao capitão Cutler a flora onde deveria comprar outras flores para ela; a testemunha ficara no camarim, e trocara algumas palavras com o padre. Ouvira claramente quando a Srta. Rome, depois de orientar o capitão, voltou-se e correu rindo para o outro extremo da passagem, onde ficava o camarim do réu. Curioso com os movimentos de sua amiga, saíra até a passagem e olhara na direção da porta do acusado. Vira alguma coisa na galeria? Sim, ele vira alguma coisa.

Sir Walter Cowdray se permitiu uma pausa de efeito, durante a qual a testemunha manteve os olhos baixos e, apesar de sua natural compostura, parecia mais pálido que de costume. Então o promotor perguntou num tom mais baixo, que misturava simpatia e algo de macabro:

- Chegou a ver com clareza?

Sir Wilson Seymour, embora emocionado, continuava com as idéias claras.

- Vi claramente o contorno da figura sem poder determinar sua fisionomia ou detalhes. A galeria tem um comprimento que faz qualquer um dentro dela aparecer como uma sombra contra a claridade no fundo.

A testemunha outra vez baixou seu olhar calmo e continuou:

- Já reparara nisso antes, quando vi o capitão Cutler chegar.

Houve outra pausa, e o juiz se inclinou para anotar algo em uma folha de papel.

- Bem - disse Sir Walter, paciente -, como era esse contorno? Seria talvez a figura da vítima?

- A mim me pareceu - respondeu a testemunha - um homem alto.

Os olhos de todos na corte se mantiveram fixos em alguma coisa - na caneta, no livro, num cabo de guarda-chuva, no bico dos sapatos -, qualquer coisa para a qual estivessem olhando, que pudesse prender seus olhos e evitar que olhassem para o homem no banco dos réus, que sabiam gigantesco. Bruno, alto como era, ficava ainda mais alto quando não o olhavam.

Cowdray voltava para a cadeira, alisando a toga negra com suas costeletas brancas e uma face solene; Sir Wilson se preparava para deixar o banco das testemunhas, quando o advogado da defesa se levantou e o interrompeu.

- Vou retê-lo apenas por mais alguns minutos - disse o Sr. Butler, que era um homem de aspecto rústico, com sobrancelhas ruivas e uma expressão sonolenta. - O senhor explicaria a essa corte como soube tratar-se de um homem?

Um sorriso refinado e distante recebeu cruzado o semblante de Seymour.

- Acho que foram as calças - disse ele. - Quando vi a luz que passava entre as pernas longas, convenci-me afinal que se tratava

de um homem.

Os olhos sonolentos de Butler se arregalaram repentinamente como numa explosão silenciosa.

- "Convenci-me afinal!" - repetiu devagar. - Então antes o senhor pensara que era uma mulher?

Pela primeira vez, Seymour pareceu confuso.

- Não estamos falando de fatos, mas de impressões - disse ele. - Mas se quer saber de minha impressão, havia algo naquela figura que não era feminino, e ainda assim não era exatamente como um homem, as curvas eram diferentes, e parecia ter cabelos longos.

- Obrigado - disse o Sr. Butler, e sentou-se como se houvesse conseguido o que queria.

O capitão Cutler era uma testemunha muito menos composta e plausível que Sir Wilson, mas seu relato dos fatos iniciais era exatamente o mesmo. Descreveu o retorno de Bruno a seu camarim, sua própria saída para comprar os lírios, seu retorno pelo lado de cima, o vulto que vira na galeria, sua suspeita de Seymour e a luta com Bruno. Mas não foi capaz de muitos detalhes sobre a figura que ele e Seymour haviam visto. Indagado sobre o contorno do vulto escuro, disse que não era um crítico de arte, numa óbvia indireta a Seymour. Perguntado se era um vulto de homem ou de mulher, disse que parecia mais o vulto de um animal, numa óbvia indireta ao réu. Mas estava claramente abalado pela dor e tomado de uma raiva sincera. Cowdray em pouco tempo o liberou, não vendo a necessidade de confirmar fatos já esclarecidos.

Como já fizera antes, o advogado de defesa também foi rápido em suas perguntas, embora (como era seu hábito) mesmo sendo rápido, ele parecia perder um tempo enorme.

- O senhor usou uma expressão muito interessante - disse olhando para Cutler com ar sonolento. - O que quer dizer quando afirma que se parecia mais com um animal do que com uma mulher, ou um homem?

Cutler parecia muito agitado.

- Talvez não devesse ter dito isso - disse -, mas quando se trata de alguém com os ombros arqueados de um chimpanzé e o cabelo duro como o de um porco. ..

- Esqueça se seu cabelo parecia o de um porco - Butler o interrompeu, impaciente de curiosidade; - era como o de uma mulher?

- Como o de uma mulher! - exclamou o soldado. - Meu Deus, não!

- A última testemunha disse que sim - retorquiu o advogado com inescrupulosa rapidez. - E seu corpo tinha as curvas sinuosas e semifemininas a que se referiu? Não? Não tinha curvas femininas? Era um vulto, se estou entendendo bem, mais para o corpulento e pesado?

- Talvez estivesse curvado para frente - disse Cutler em voz fraca e rouca.

- E talvez não estivesse - disse o Sr. Butler, e pela segunda vez foi sentar-se terminando abruptamente com a testemunha.

A terceira testemunha chamada por Sir Walter Cowdray foi o pequeno padre católico, tão pequeno em relação aos outros que sua cabeça mal se via no banco das testemunhas, de forma a parecer que interrogavam uma criança. Por infortúnio, Sir Walter metera na cabeça (em boa parte devido a certos preconceitos religiosos) que o padre Brown estava do lado do réu, já que o réu era um ímpio, um estrangeiro e até meio negro. Por isso, tratou-o de modo ríspido todas as vezes que o sacerdote tentava explicar qualquer coisa, dizendo a ele que respondesse com um sim ou não, e relatasse os fatos sem sofismas e jesuitismos.

- Uma figura negra foi vista na galeria. E o senhor diz ter visto essa figura. Bem, que forma tinha essa figura?

Os olhos do padre piscaram diante do tom agressivo, mas ele tinha anos de treino em obediência.

- A figura - ele disse - era pequena e corpulenta. Tinha duas projeções agudas na lateral da cabeça, ou do chapéu, curvadas

para cima, que se pareciam muito com chifres, e...

- Oh! Com chifres? Era o diabo, sem dúvida! - exclamou Cowdray, sentando-se com um riso de triunfo. - O diabo que veio para comer os protestantes.

- Não, não era o diabo - disse o padre sem se alterar. - Eu sei quem era.

A audiência fora tomada pela idéia irracional de uma realidade monstruosa. Havia esquecido o homem no banco dos réus e pensava apenas naquele vulto da galeria. E o vulto, descrito por três testemunhas oculares, capazes e respeitáveis, era um pesadelo mutante - uma testemunha o descrevera como uma mulher, a outra como uma besta, e a terceira como o demônio...

O juiz olhava para o padre Brown com olhos atentos e avaliadores.

- Seu testemunho é dos mais fantásticos - disse -, mas alguma coisa nele me faz pensar que o senhor está tentando dizer a verdade. Bem, quem era o homem que viu na galeria?

- Era eu mesmo - disse o padre Brown.

Butler levantou-se e quebrou o extraordinário silêncio na sala com a voz calma:

- Meritíssimo, permita que eu interroge a testemunha.

E então, sem esperar, fez uma pergunta aparentemente desconexa a Brown:

- O senhor ouviu os depoimentos sobre esse punhal; sabe que os peritos dizem que o crime foi cometido com uma lâmina curta?

- Uma lâmina curta - concordou Brown, balançando a cabeça como uma coruja - mas com uma longa empunhadura.

Antes que a audiência pudesse descartar completamente a idéia de que o padre vira a ele mesmo cometendo o crime com um punhal curto e de longa empunhadura (o que de alguma forma parecia aumentar o horror da coisa), ele se apressou a explicar.

- O que quero dizer é que punhais não são as únicas armas com lâminas curtas. Lanças têm lâminas curtas. As pontas das lanças são muito parecidas com punhais, especialmente essas lanças estilizadas para o teatro. Como aquela que o pobre Parkinson usou para matar sua esposa; e logo no dia em que ela me chamara para tentar resolver seus problemas conjugais. Cheguei tarde demais. Deus me perdoe! Mas ele morreu arrependido, na verdade morreu de arrependimento. Não conseguiu suportar o que fizera.

A impressão da audiência, ouvindo o interminável fluxo verborrágico do pequeno padre, era a de que ele enlouquecera no banco das testemunhas. Mas o juiz continuava olhando para ele com olhos que brilhavam de interesse, e o advogado de defesa continuou imperturbável com suas perguntas.

- Se Parkinson cometeu o crime com a lança de pantomima - disse Butler -, fez isso a alguma distância da vítima. Como o senhor explicaria os sinais de resistência e luta, como o vestido rasgado no ombro? - Ele começara a tratar a testemunha como se fosse um perito, mas naquele momento ninguém deu atenção a isso.

- O vestido da pobre senhora se rasgou - disse a testemunha - porque ficou preso num painel que deslizou da parede ao lado dela. Estava tentando soltar o vestido quando Parkinson saiu do camarim do acusado e a matou com a lança.

- Um painel? - perguntou o advogado.

- Pelo lado de dentro era um espelho - explicou o padre Brown. - Quando estive no camarim, notei que alguns espelhos podiam deslizar para o lado de fora, quero dizer, para a galeria.

Outra vez houve um grande silêncio na sala, e desta vez foi o juiz quem falou.

- Então quando o senhor olhou na galeria o que viu foi ao senhor mesmo, refletido num espelho?

- Sim, meritíssimo; era o que estava tentando dizer, me pediram que descrevesse o contorno do vulto; e nossos chapéus têm abas que se parecem chifres, assim eu ...

O juiz se inclinou para frente, seus olhos estavam ainda mais brilhantes, e ele disse numa voz com um traço de ironia:

- O que o senhor realmente está dizendo é que quando Sir Wilson Seymour viu aquela coisa estranha com curvas e cabelos de mulher, mas vestindo calças de homem, o que viu na verdade foi Sir Wilson Seymour?

- Sim, senhor - disse o padre Brown.

- E quando o capitão Cutler viu um chipanzé, com ombros arqueados e cabelos de porco, simplesmente olhava para ele mesmo?

- Sim, senhor.

O juiz se recostou na cadeira com um ar de satisfação, no qual era difícil separar o cinismo irônico da admiração.

- E o senhor tem alguma idéia da razão - ele perguntou - de ter reconhecido seu reflexo, quando dois homens tão brilhantes não conseguiram fazer o mesmo?

Os olhos do padre Brown piscaram mais ainda do que antes, e ele balbuciou:

- Realmente não sei, senhor, a menos que seja porque não me olho no espelho com tanta freqüência.

Tradução de Octávio Marcondes

61. O ÁLIBI

TRISTAN BERNARD (1866 -1947 I França)

Comediógrafo com peças encenadas no mundo todo em sua época, e um dos humoristas mais conhecidos da França (ele marca presença em Os Cem Melhores Contos de Humor.. .], Tristan Bernard, também romancista, é tido como um dos pioneiros do policial francês, como bem mostra este O Álibi. Já A Casa do Crime representa aqui a presença da paródia às histórias de detetive, que têm sido inúmeras ao longo dos tempos, de O. Henry e Dickens a Woody Allen e Luis Fernando Verissimo, com o seu Ed. Mort

Ao mestre Le Gévaudan, advogado no Tribunal de Paris.

Nouméa, 7 de fevereiro de 1897

Mestre,

Eis a narrativa completa dos acontecimentos sobre os quais lhe falei em minha última carta. O senhor encontrará aqui todas as informações necessárias para seu dossiê.

Observe inicialmente que me chamo Pierre-Louis Brond, que tenho trinta e nove anos desde 1º de dezembro e que nasci em Lyon. Perdi minha mãe quando era criança. Meu pai, que possuía um pequeno armazém em minha cidade natal, morreu há cerca de dezoito meses. Tenho uma irmã que se casou em Lyon.

Desde os dezenove anos de idade não me entendo com minha família. Trabalhei na contabilidade de diversas empresas, mau funcionário, pois era preguiçoso e chegava tarde ao escritório.

Assim, de 1880 a 1885, me vi desempregado. Vivi de expedientes, de apostas nas corridas. Vendi jornais e distribuí prospectos. Mas as agências de publicidade me davam pouco trabalho, porque minhas roupas eram realmente deploráveis.

Nas corridas, eu conhecera dois trapaceiros, Henri e Jules, e sua amiga, uma menina de dezoito anos, que chamavam de Pêra. Henri e Jules agiam no subúrbio. Eles me associaram a duas de suas expedições, eles roubaram duas mansões, uma em Billancourt e uma em Auteuil. Eu bancava o vigia diante da grade. A Pêra ficava a cem metros dali, na esquina de uma rua. Ela andava de um lado para outro, aparentemente para abordar os passantes. Ela também vigiava e atrasava, com brincadeiras, os guardas.

Como paga pelos meus serviços, Henri e Jules me deram quantias irrisórias, uma vez 30 tostões e noutra 48 tostões. Assim me veio a idéia de trabalhar por conta própria.

Eu vivia, desde julho de 1884, na rua Bédex, perto da Porta de Aubervilliers, num hotel de aparência miserável que se chamava, não sei por quê, Hotel dos Fundadores. Só iam lá garotas e estivadores.

O mês de março de 1885 foi quente e sem chuvas. Depois do almoço eu saía para explorar a periferia, do lado oeste, depois de Saint-Germain. Às vezes, ficava cansado demais para voltar a Paris: ficava dormindo no campo, numa garagem ou numa cabana.

Entrava nas mansões para pedir caridade e, principalmente, para fazer uma pesquisa sobre o número de moradores. Na maior parte das vezes, era mandado embora. Mas, visitando uma boa quantidade de casas durante o dia, tinha sempre no fim uns dez tostões de esmolas e muito pão dormido. Comia o máximo que conseguia, distribuía o supérfluo entre vagabundos, oferecia as cascas aos cães errantes e esmigalhava o miolo para os pássaros.

Às vezes, a criada da casa cometia a imprudência de me deixar sozinho na cozinha. Mas era raro que um objeto fácil de esconder se encontrasse ao meu alcance. Só um dia peguei uma tigelinha de cerâmica, que vendi por um tostão a um outro mendigo.

Numa tarde, enfim, em Écueil, perto de Poissy, uma velha senhora me recebeu com boa vontade. Ela era baixa, muito gorda e quase não tinha cabelos. Ocupava-se de obras de caridade e conversou longamente comigo: aconselhou-me procurar, em seu nome, uma firma em Paris que conseguia trabalho. Ela falava comigo na cozinha, onde uma empregada, gorda como sua patroa e ainda mais baixa, descascava legumes. Durante todo o discurso da senhora, enquanto sacudia a cabeça em concordância, eu olhava ao meu redor. Não havia tranca de segurança na porta de entrada. A grade do jardim era baixa. As casas vizinhas estavam desabitadas. Com os cem tostões que me deu a senhora, comprei um canivete.

Decidi agir sem demora. Eram três horas (era dia 21 de março) quando saí da casa em Écueil. Tomei em Poissy o trem para Paris e cheguei em meu hotel por volta das sete horas da noite. Pedi ostensivamente um castiçal à dona do hotel e disse-lhe que iria me deitar.

Fiquei em meu quarto até oito e meia. Eu tinha, numa gaveta, um pé-de-cabra enferrujado e um gancho comprido. Henri, o trapaceiro, me dera de presente aqueles dois instrumentos e, uma noite, na fechadura de meu quarto, me mostrara o modo de usá-los.

Desci então às oito e meia: eu sabia que naquela hora o rapaz do hotel e a dona estavam jantando e que estaria vazia a pequena cabine que dava para o corredor.

Tive a idéia de ir a Poissy a pé, para evitar possíveis testemunhos dos empregados da estação. Mas eu já não me criara um álibi suficiente? E, aliás, eu preferia correr aquele risco do que enfrentar as quatro horas de estrada que me seriam necessárias para chegar a Poissy.

Tomei então o trem de nove e quarenta na estação Saint-Lazare. Às dez e trinta e cinco, desci em Poissy. Tinha quinze minutos de caminho para chegar até a casa de Écueil. Quando cheguei lá, vi que uma janela estava iluminada no térreo e que uma persiana, no primeiro andar, tinha listras de luz. A empregada ainda estava na

cozinha e a patroa estava em seu quarto. Afastei-me durante alguns minutos. Quando voltei, a janela do primeiro andar continuava iluminada, bem como uma pequena clarabóia no segundo. A empregada estava indo dormir. Quando um relógio tocou as onze e meia, vi, passando defronte a casa, que a clarabóia da empregada não brilhava mais. Mas a persiana do primeiro andar continuava listrada de luz: a velha senhora devia estar lendo na cama. Meia-noite soou, depois meia-noite e meia, sem que desaparecesse a luz protetora. Eu não saía mais da grade e espiava a janela. Iria ela ler a noite toda, seria eu forçado - e na verdade talvez eu desejasse - a voltar sobre meus passos para minha vida miserável e tranqüila?

Eu não podia mais acreditar que a janela se apagaria. Nada mais espreitava no silêncio além do próximo aviso do campanário, que iria soar uma hora. Meus olhos, entretanto, continuavam fixos na fachada. De repente, senti-me estremecer. A janela se apagara bruscamente como um olho que se fecha, em sinal de concordância.

Esperei ainda uns dez minutos: era preciso que a velha senhora adormecesse de fato. Finalmente, escalei a grade e pulei para o jardim.

O solo discreto não gritava sob as solas furadas e adelgaçadas de minhas botinas. Cheguei à porta de entrada. Introduzi na fechadura meu comprido gancho enferrujado. A fechadura funcionou muito bem, a porta se abriu e penetrei no pequeno vestíbulo, de onde uma escada em caracol subia ao primeiro andar.

Tirei então meu paletó e meu colete de modo a que o sangue jorrasse apenas sobre minha camisa. Depois acendi um toco de vela que trouxera em meu bolso. Eu o mantinha seguro na mão esquerda entre o polegar e o indicador. Na outra mão, levava meu canivete, inteiramente aberto.

Quando chegava em silêncio ao alto da escada, alguém na casa falou. Imaginei que fosse a voz da velha senhora. Ela perguntou:

- É você, Jeanne? Respondi à meia-voz:

- Sou.

Eu esperava que ela, tranqüilizada, voltasse a dormir. Mas teria ela ficado inquieta ao ouvir sua empregada descer naquela hora tardia? Eu apagara minha vela e fiquei de pé encostado ao corrimão, prendendo a respiração. De repente, a luz invadiu o patamar. A porta à minha frente se abriu e a velha senhora, em roupas de dormir, aparecera, um castiçal na mão, na soleira. Dei um passo adiante e golpeei quase ao acaso. A gorda mulher caiu no chão ao longo da porta.

O castiçal que ela trazia na mão apagou-se rolando. Eu procurava na escuridão o meu toco de vela quando ouvi ranger uma porta, no andar superior. A escada iluminou-se fracamente na parte de cima. Um passo pesado desceu os degraus. Encostado na parede, vi chegar até mim a empregada da velha senhora. Ela usava um camisão branco e uma saia vermelha. Trazia na mão um pequeno lampião cuja luz fez sair das sombras o meu rosto, que eu sentia todo vermelho e empapado de suor.

A empregada fez um movimento de recuo. Ela me tinha certamente reconhecido. Vejo muito bem seu gordo rosto suave. Ela colocou o lampião no chão e juntou as mãos. Eu a golpeei no ombro com o canivete. Ela caiu, sem gritar, sobre os degraus.

Apanhei então o lampião e entrei no quarto da velha senhora, passando sobre o corpo.

Arrombada a porta de uma pequena escrivaninha, descobri numa gaveta duas notas de cem francos e cento e dez francos em moedas de ouro. Vi algumas jóias sem valor, um colar de coral, uma velha aliança gasta. Aqueles objetos poderiam me comprometer: peguei o dinheiro e deixei as jóias.

Naquele momento, a velha senhora deu um gemido, um lamento suave. Onde eu pusera meu canivete? Passando os olhos ao meu redor, vi, sobre uma mesinha redonda, um punhal de lâmina curta e larga. O cabo era em metal muito pesado, ricamente incrustado de pedras brilhantes. Segurei aquele punhal, enterrei-o no pescoço da velha senhora. Depois, após haver enxugado a lâmina no tapete, coloquei a arma, que me parecia preciosa, em meu bolso.

Desci a escada com precaução. Embaixo, soprei o lampião, recoloquei meu colete e meu paletó, que tinha pendurado na esfera do corrimão. Deixei então a casa, depois de ter fechado a porta com cuidado.

Soprava um ventinho fresco. A rua continuava deserta. Escalei a grade e dirigi-me para os lados da estação. Faltavam vinte minutos para as três horas, no relógio. Li o horário dos trens num painel: o primeiro trem para Paris passava às cinco e vinte, decidi ir tomá-lo na estação anterior, há quatro quilômetros dali. Desviaria as suspeitas.

Antes de me pôr a caminho, parei por um instante na beira da estrada. Abri meu colete e meu paletó e constatei que minha camisa estava ensangüentada. Eu tinha também uma pequena mancha escura em minha calça, mas não dava para reparar.

Nada, na minha opinião, poderia me tornar suspeito. A dona do hotel me tinha visto subir para meu quarto na véspera, para me deitar. Eu voltaria para o hotel às nove horas. Ninguém me veria naquela hora, a patroa estava nas compras, os estivadores tinham partido desde o amanhecer e as moças ainda estavam deitadas.

A propósito de nada, comecei a bater os dentes. Sem dúvida, era o frio. Então, ao enfiar as mãos nos bolsos, senti o cabo incrustado do punhal que me tinha servido para acabar com a velha senhora. Lá estava um objeto comprometedor e pelo qual eu não conseguiria, apesar de seu valor, obter um bom preço: era melhor jogá-lo em algum lugar. Avistei, não longe da estação, um poço abandonado. Deixei-o cair ali e me afastei.

Caminhando, eu calculava o que me havia rendido meu crime: exatamente trezentos e dez francos. Depois dos míseros resultados de minha associação com os trapaceiros, aquela soma me parecia satisfatória. Eu havia, contudo, feito um trabalho duro, com grandes riscos, perigos sérios. Refleti então muito sobre isto e acredito que o melhor freio para deter os criminosos e desviá-los do crime é ainda o acaso e o pouco lucro deste tipo de negócio.

Assim que subi no trem, adormeci. E quase de imediato acordei na estação Saint-Lazare, no dia desagradável, a boca pastosa, moído de cansaço. Eram seis horas e meia. Eu ia comer alguma coisa numa leiteria. Subi bem lentamente na direção da rua Bédex. Numa camisaria da avenida, fiz a compra de uma camisa de cretone, para substituir aquela que vestia e que estava manchada de sangue. Lembro-me também que comprei os fascículos de um romance ilustrado cujas dezesseis primeiras páginas haviam sido distribuídas gratuitamente.

Eu tinha resolvido passar o dia em minha cama, descansando e lendo. Fora sobretudo com esta idéia que eu havia roubado e matado: para não ter mais coisa alguma a fazer, para ficar deitado o dia inteiro. Mas naquele momento, possuidor de um pequeno pé-de-meia, tinha veleidades de economia, não queria esbanjar demais: no dia seguinte, eu procuraria trabalho.

Em meio a estas reflexões, cheguei à esquina das ruas Bédex e Aubervilliers. Meu albergue ficava a quatro ou cinco casas dali. Mas então apresentou-se um espetáculo muito inquietante.

Uma aglomeração se havia formado diante do Hotel dos Fundadores, havia bem umas cinqüenta pessoas. Vi um carro e muitos guardas. Todo tipo de idéias me passou pela cabeça em alguns segundos. Havia, sem dúvida, entrado lá na casa da velha senhora. Eu talvez tivesse deixado cair, ao tirar o paletó, um envelope. Alguém acionou o telégrafo ... Enfim, eu tinha sido descoberto. Estava claro.

Dei instintivamente um passo para trás e me apressei a dar marcha a ré. Um pequeno homem de barbicha preta, usando um chapéu de feltro e sobretudo marrom, postou-se diante de mim.

- O senhor é Pierre Brond? Não respondi.

- O senhor está preso.

Ele fez sinal para dois guardas, que me seguraram cada um por um braço.

Levaram-me até a porta do hotel. Os guardas que lá se encontravam afastaram a multidão. Em meio a um grande vozerio, entrei no prédio.

O inspetor que me havia prendido dirigiu-se então a um senhor que se encontrava na cabine da proprietária.

- Ele está comigo. O outro respondeu:

- Faça-o subir.

Eu não dissera uma palavra desde minha prisão. Fizeram-me subir ao primeiro andar e me empurraram para um quarto. O corpo de uma moça estava estendido sobre a cama.

Não posso dizer exatamente o que senti com aquela visão. Eu tinha as idéias embaralhadas como num sonho. Aquele cadáver não era o cadáver da minha vítima. Aquele crime não era o meu. Acho que me comportei bem. Fiquei perplexo e calmo, talvez mais calmo do que deveria. Fiz, depois de alguns instantes, esta pergunta simples e um pouco tardia:

- Por que estão me prendendo? E acrescentei:

- Quem é esta mulher?

Um senhor de barba grisalha e chapéu alto estava lá.

- Levem-no para o lado, disse o senhor de barba grisalha. Revistem-no e dispam-no.

Ao me revistar, encontraram em meus bolsos quase trezentos francos e perceberam grandes manchas de sangue em minha camisa. Levaram estes fatos ao comissário. Então me conduziram à delegacia.

Durante a instrução judicial eu fiquei sabendo, detalhe por detalhe, do crime do qual me acusavam ser o autor. Por volta de meia-noite, a proprietária tinha ouvido, sobre sua cabeça, um barulho de móveis arrastados. Pouco depois, alguém havia descido e pedido que abrissem a porta. Então lamentações e gemidos se

fizeram ouvir lá em cima. O empregado do hotel se levantara. Uma porta no primeiro andar estava entreaberta: o corpo de uma moça que morava no hotel jazia por terra. As gavetas da cômoda estavam abertas. O colchão, rasgado.

Entre os locatários do hotel, que acorreram todos aos gritos do rapaz, como perceberam minha ausência? A proprietária tinha certeza de que eu voltara ao hotel na véspera. Por outro lado, ela não soube dizer se a moça morta havia, na noite anterior, entrado sozinha, ou acompanhada. Foram bater à porta do meu quarto e ninguém respondeu. Abriram minha porta com uma chave-mestra: meu quarto estava vazio. Ora, mesmo naquela casa suspeita, minhas más companhias não tinham passado despercebidas. Henri, o trapaceiro, restabelecera a sua reputação no bairro. Quando o comissário chegou, todos tinham formado sua opinião: o assassino era Pierre Brond e minha descrição foi dada aos guardas.

Acontece com freqüência, sabe-se, que uma espécie de curiosidade perversa leva os assassinos de volta ao local do crime: era com o que contava o inspetor mandando vigiar os arredores do hotel.

Diante do juiz, neguei obstinadamente, mas o dinheiro que haviam encontrado comigo, mas as manchas de sangue de minha camisa constituíam indícios agravantes. E, quando o magistrado me perguntava "Onde o senhor estava na noite de 21 para 22 de março, já que não estava no Hotel dos Fundadores?", eu não podia afinal responder-lhe que, no exato momento em que matavam minha vizinha de hotel, eu assassinava duas outras mulheres a oito léguas de Paris, entre Poissy e Orgeval.

Meu suposto crime não teve repercussão na imprensa. O assassinato de uma garota num hotel suspeito, o pouco mistério que circundara o caso, nada havia ali que pudesse manter a atenção do público. Em compensação, eu soube que meu verdadeiro crime, aquele do qual eu era o autor anônimo, havia provocado muita emoção. Soube que minha vítima era a viúva de um escultor famoso. Soube ainda que a empregada sobrevivera ao seu ferimento. Voltando a si, ela dera de minha agressão um relato

muito detalhado e muito exato. Ela me havia perfeitamente reconhecido como o vagabundo que, naquela mesma tarde, viera pedir caridade. Ela forneceu minha descrição completa e fui procurado por toda parte, menos na Conciergerie. Eu soube também - atente para este detalhe -que haviam notado o desaparecimento do punhal de cabo incrustado e lâmina larga e curta com o qual eu exterminara a vítima e que jogara no fundo do poço.

Compareci perante o tribunal do júri. Por não poder fornecer um álibi, minha condenação parecia certa. Estive a ponto de confessar meu verdadeiro crime. Mas decidi só falar em caso de condenação à morte. Minhas negações impressionaram os jurados: eles me concederam circunstâncias atenuantes e fui condenado à prisão perpétua com trabalhos forçados.

Escrevo-lhe então da Nova Caledônia, onde estou há onze anos. Minha conduta não foi má. Trabalho na contabilidade, na despensa da penitenciária. Não estou muito infeliz. Mas tenho um grande desejo de voltar à França. A lei me dá este direito e quero me valer dele.

Explico-me: o último ato judiciário relativo ao crime de Écueil traz a data de 10 de agosto de 1886. (Um de meus companheiros, empregado no tribunal de Paris, forneceu-me esta informação muito segura.) A prescrição me é portanto devida, nos termos da lei, e faço valer hoje o álibi que não podia invocar outrora. Demonstrarei que não poderia ser o autor do crime da rua Bédex porque, naquela mesma noite de 21 para 22 de março de 1885, eu estava a oito léguas de lá, cometendo o crime de Écueil. A empregada que feriu-me reconheceu e me reconhecerá ainda, pois mudei muito pouco. Ela é hoje porteira em Neuilly, eu lhe darei seu endereço. Será certamente encontrado, no fundo do poço abandonado, perto da

estação, o punhal de cabo incrustado, que ali joguei há quase doze anos.

Posso então obter a revisão de meu processo, fornecendo ao mesmo tempo a prova de minha inocência no crime que expio injustamente e a de minha culpa no crime impune. Confio, senhor advogado, que o senhor aceitará encarregar-se de meu caso e me dará a resposta pelo próximo correio.

Pierre-Louis BROND, empregado na despensa da penitenciária em Nouméa (Nova Caledônia).

Tradução de Celina Portocarrero

62. A CASA DO CRIME

TRISTAN BERNARD

Um tal Samuel, que vivia de rendas no quartier de Saint-Simeon, foi encontrado por marinheiros à beira do canal. Vestia. .. um saco e estava cortado em cinco pedaços. Encontraram sua cabeça, seu tronco, sua perna direita, sua perna esquerda e seu braço esquerdo. Só não encontraram seu braço direito. Circunstância que se explica pelo fato de que ele havia perdido esse braço com a idade de cinco anos. Samuel morava numa casa de veraneio, número 29 do Faubourg Cugnat. O procurador da República achou conveniente dirigir-se para esse endereço em companhia de algumas pessoas, magistrados e jornalistas, a fim de dar início às investigações. Era um velho procurador de faro sempre reputado como infalível. Chegaram todos diante de uma cerca de grades bem fechada. O serralheiro da expedição retirou da valise seus instrumentos e forçou a fechadura.

- Observem - disse o procurador - que o assassino tinha uma chave da casa, pois o gradeado estava trancado. Trata-se, portanto, de alguém que gozava a intimidade do morador.

- Mas ele não poderia ter entrado por outro lugar? - arriscou alguém.

- E o que diz o senhor destas pegadas? - respondeu o velho magistrado, friamente. Olhamos todos para o chão. Havia uma ligeira marca na areia da alameda, bem ao lado do portão. Por mais leve que fosse, não escapara ao olhar arguto do procurador.

- São marcas de passos leves e que tentaram desmanchar - disse ele.

Eis-nos perto da casa, ao fim de uma alameda sob a sombra das árvores. Tudo estava calmo, após a tragédia. As cortinas tinham sido hermeticamente fechadas. O serralheiro forçou uma segunda porta, numa espécie de plataforma. Um a um, entramos na

antecâmara escura, que se foi iluminando pouco a pouco. A emoção nos dera um nó na garganta. Só o velho procurador permanecia impávido, enquanto o serralheiro forçava uma terceira porta. As cadeiras estavam cobertas com panos. Com um dedo certo, o velho cão de caça indicou um armário, onde devia estar a prataria. O armário estava vazio. O roubo, portanto, fora o móvel do crime. O chão da cozinha, onde sem dúvida acontecera o esquartejamento, devia ter sido lavado. Depois disso, o assassino, juntando uma parte da poeira existente nos móveis, a distribuía em camadas iguais sobre o piso dos azulejos, tão bem distribuídas que nada revelavam da lavagem e todos os olhos se angariaram, menos, é claro, os olhos experientes e alertas do velho juiz. E eis que, embaixo da escada de pedra, o dedo do procurador, apontando para o chão, dava a impressão de ter feito surgir um botão de calça. Um providencial botão de calça, marcado com o nome do alfaiate e que, indefectivelmente, desde a morte de Abel, cada assassino esquece no local do crime: "Audibert, alfaiate".

- Quem conhece esse alfaiate? O guarda municipal do quarteirão deve conhecê-lo. Onde está o guarda do quarteirão?

Justamente naquele momento, chegava o guarda, resfolegante:

- Senhor procurador! Não é no 27 Bis, é no 29 que morava o talde Samuel. Faz quase uma hora que estamos lá em cima à sua espera...

Tradução de Flávio Moreira da Costa

O CRIME PELO MUNDO

63. O ASSASSINO

ARTHUR SCHNITZLER (1861 – 1931 | Áustria)

Admirado por Freud (que via nos seus romances uma descoberta e um mergulho no lado escuro da mente humana, que o pai da psicanálise mal começava a descobrir e sistematizar), Schnitzler já tinha seu lugar assegurado na literatura europeia, embora estivesse um pouco esquecido. Foi lembrado, inclusive pelas editoras internacionais, muito recentemente, depois que Stanley Kubrick adaptou um romance seu e filmou-o como título de De Olhos Bem Fechados, com Tom Cruise e Nicole Kidman. No Brasil, os livros de Schnitzler estão sendo lançados pela Companhia das Letras, inclusive seu livro de contos.

Um jovem, doutor em direito canônico e romano, sem exercer sua profissão, órfão de pai e mãe, vivendo em circunstâncias confortáveis, benquisto por sua agradável companhia, estabelecera havia mais de um ano uma relação com uma moça de origem humilde, que, sem parentes como ele, não tinha necessidade de levar em consideração a opinião alheia. Logo no início do relacionamento, menos por bondade ou paixão do que pela necessidade de gozar sua felicidade da forma mais tranqüila possível, Alfred levava a amante a deixar seu emprego como correspondente numa respeitada loja vienense. Mas, depois que, durante longo tempo, embalado pela grata ternura da amante e pelo mais confortável gozo da liberdade comum, se sentira melhor do que durante qualquer relacionamento amoroso anterior, começou a sentir paulatinamente aquela inquietude promissora, sua velha conhecida, que, em outros casos, lhe prenunciava o fim iminente da relação amorosa, um fim que, neste caso, parecia não ser ainda previsível. Já estava se vendo, em sua mente, como companheiro de sina de um amigo de juventude que, envolto fazia

anos num relacionamento similar, era obrigado a levar agora uma vida retirada e limitada, como enfadado pai de família; e algumas horas, que sem intuições dessa espécie lhe teriam oferecido o mais puro dos prazeres, ao lado de um ser tão gracioso e suave como Elise o era, começaram a lhe causar enfado e sofrimento. Embora tivesse a capacidade e, fato ao qual gostava de atribuir maior valor ainda, a deferência de não deixar Elise nada notar desses estados de alma, eles possuíam, todavia, o poder de fazê-lo procurar novamente com maior freqüência os círculos da alta burguesia, dos quais havia se afastado quase que por completo no decorrer do último ano. E quando, por ocasião de uma festa dançante, uma dama muito cortejada, filha de um próspero industrial, veio a seu encontro com surpreendente amabilidade, fazendo-o ver muito subitamente uma possibilidade fácil de estabelecer uma relação que fosse mais adequada à sua posição social e à sua fortuna, começou a sentir aquela outra, que havia começado como uma aventura alegre e desembaraçada, como um incômodo grilhão de que um jovem de seus méritos poderia se des-vencilhar sem escrúpulos. Contudo, a sorridente calma com que Elise sempre tornava a recebê-lo, sua entrega sempre igual nas horas em que estavam juntos e que agora iam se tornando mais escassas, a ingênua segurança com que ela o deixava partir de seus braços para um mundo que lhe era desconhecido, tudo isso não apenas afastava de seus lábios, todas as vezes, as palavras de despedida, antes sempre prestes a serem proferidas, mas também o enchia de uma espécie de torturante compaixão, cujas manifestações quase inconscientes só poderiam parecer, a uma mulher tão crédula como Elise, novos e mais intensos sinais de sua inclinação. E assim a coisa chegou a um ponto em que Elise acreditava ser adorada por ele, de forma mais cálida do que nunca, justamente nas ocasiões em que ele voltava de um encontro com Adele; quando ele, agitado pela lembrança de olhares doces e interrogativos, apertos de mão cheios de promessas e, finalmente, em meio à embriaguez dos primeiros beijos escondidos, voltava para aquela casa dedicada só a ele e a seu amor; e em lugar de despedir-se com um adeus, como

se dispusera a fazer ainda no limiar da porta, Alfred deixava a amante todas as manhãs com novas juras de eterna fidelidade.

Assim passaram-se os dias entre as duas aventuras, finalmente só restou a decisão sobre qual anoitecer seria mais apropriado para a inevitável explicação a Elise; a saber, se seria a noite anterior ao noivado com Adele, ou a seguinte; e na primeira dessas duas noites, como ainda ficara um prazo pela frente, Alfred compareceu à casa da amante num estado de espírito quase tranqüilizado pelo hábito desse seu jogo duplo.

Encontrou-a pálida, como nunca a vira antes, recostada num canto do divã; ela também não se ergueu como de costume quando de sua entrada, para oferecer-lhe testa e lábios aos beijos de boas-vindas, mas mostrou um sorriso cansado, um pouco forçado, de tal forma que, simultaneamente com uma sensação de alívio, cresceu em Alfred a conjectura de que a notícia de seu iminente noivado tivesse chegado até ela, não obstante todas as precauções, seguindo o caminho enigmático de todos os boatos. Mas, apesar de suas precipitadas perguntas, nada ficou sabendo a não ser que Elise, de tempos em tempos, sofria de espasmos no coração, fato que ela ocultara até então, e que desses espasmos em geral ela rapidamente se restabelecia; só que, dessa vez, seus efeitos ameaçavam ser mais duradouros do que nunca. Alfred, consciente de suas intenções culposas, ficou tão tocado com estas revelações que exagerou em suas manifestações de compaixão e bondade; e, antes da meia-noite, sem compreender como poderia ter chegado tão longe, havia desenvolvido com Elise o plano de uma viagem em comum, durante a qual ela encontraria com certeza a cura para aqueles desagradáveis ataques.

Sentindo-se mais ternamente amado, mas também imbuído da própria ternura do que nunca, ele se despediu de Elise aquela noite com tal estado de espírito que, no caminho de casa, cogitou seriamente em enviar uma carta de renúncia a Adele, na qual pensava em desculpar sua fuga do noivado e do matrimônio como um decreto de sua errática natureza, que não fora criada para uma felicidade perene e tranqüila. As artísticas volutas de suas frases

perseguiram-no até o sono: mas já as luzes da manhã, através das frestas da veneziana sobre seu cobertor, fizeram-lhe parecer todo o esforço despendido como tãõ

tolo quanto supérfluo. Sim, ele não teve capacidade de se surpreender com o fato de que a amante, vítima, agora, do sofrimento, e com quem passara a noite anterior, lhe desse agora a impressão de estar incrivelmente longe, como alguém que fora abandonado, enquanto Adele pairava diante de seu espírito, florescendo no odor de incomensurável nostalgia. Perto do meio-dia, apresentou ao pai de Adele seu pedido de casamento, que foi recebido com muita amabilidade, embora sem inteiro consentimento. Fazendo alusões simpaticamente zombeteiras a sua juventude, com tanta freqüência sujeita a tentações, o pai exigiu que Alfred fizesse, antes de mais nada, uma viagem de um ano, para pôr à prova em terras longínquas a força e a resistênciã de seus sentimentos; e até se opôs à proposta de uma troca de correspondência entre os jovens, para poder ficar seguro de ter eliminado a possibilidade de ambos criarem falsas ilusões. Quando Alfred voltasse com as mesmas intenções, e se encontrasse os mesmos sentimentos por parte de Adele, dos quais agora ela estava convencida, ele próprio não interporia o menor empecilho ao matrimônio do jovem casal. Alfred, que parecia submeter-se a estas condições apenas com muita resistênciã, tomou-as, em verdade, como um novo adiamento do prazo de seu destino; respirando aliviado, e após breve reflexão, declarou que, sob tais circunstâncias, preferia se despedir já àquela hora, ainda que fosse apenas para trazer para mais perto o fim do tempo de separação exigido. De início Adele pareceu ficar ferida por essa inesperada docilidade, mas, após uma breve conversa entre os dois, permitida pelo pai, Alfred convencera a noiva até o ponto de fazê-la admirá-lo pela prudência de seu amor, deixando-o partir, com juras de fidelidade e até lágrimas nos olhos, para a perigosa separação.

Nem bem tinha chegado à rua, Alfred começou a pensar em todas as possibilidades que trariam uma solução para seu relacionamento com Elise, no decurso do ano que ora estava à sua

disposição. E sua ânsia de liquidar as questões mais difíceis da vida sem a intervenção ativa de Elise foi tão onipotente que acabou por vencer não apenas sua vaidade, mas também se mostrou favorável ao surgimento de sombrias premonições, perante as quais, normalmente, seu espírito dolente preferia recuar. A obrigação de uma convivência mais estreita, à qual não estaria acostumada, e que surgiria durante a viagem, assim pensava ele, poderia muito bem trazer como conseqüência que Elise esfriasse seus sentimentos e se afastasse dele pouco a pouco; e também a doença cardíaca da amante permitia pensar na perspectiva de uma outra forma de libertação, evidentemente mais indesejável. Logo, porém, Alfred afastou de si ambas as idéias, a esperança e o temor, com um movimento tão impetuoso, que no fim não havia nele nada mais do que uma expectativa alegre e infantil de uma colorida viagem de prazer para terras distantes, em companhia de um ser amável e a ele afeiçoado; e na mesma noite ainda tagarelou com a cândida amante, no mais alegre dos humores, sobre as agradáveis perspectivas da viagem iminente.

Visto que a primavera estava se aproximando, Alfred e Elise foram inicialmente à procura das suaves margens do lago de Genebra. Mais tarde subiram para altitudes mais frias, passaram o fim de verão num balneário inglês, visitaram no outono cidades holandesas e alemãs, para finalmente fugirem ao tempo mais sombrio que se aproximava, buscando o consolo do sol meridional. Até ali não apenas Elise, que antes não fora além dos arredores de Viena, flutuara pelo ano todo como alguém que tem sonhos preciosos, dando a mão a seu amado cicerone; também Alfred, por mais que estivesse consciente o tempo todo do futuro e de suas dificuldades apenas adiadas, tinha se entregue sem reservas ao precioso presente, como se a felicidade de Elise o aprisionasse. E enquanto, no início da viagem, tentara cuidadosamente fugir de encontros com pessoas conhecidas, evitando, na medida do possível, mostrar-se com Elise em passeios mais concorridos ou nos restaurantes de grandes hotéis, mais tarde desafiava o destino com uma certa pre-meditação, e estava preparado, com gosto, para

receber um despacho de sua noiva, em que ela o acusava de quebra de fidelidade e, dessa forma, se ver livre de uma posse que ainda ansiava calidamente, mas também de todo dilema, de toda inquietação, de toda responsabilidade. Contudo, nenhum telegrama, nenhuma notícia de sua pátria veio até ele, pois Adele, contra a vã expectativa de Alfred, atinha-se tão estritamente quanto ele ao acordo exigido pelo pai.

Mas chegou a hora em que, pelo menos para Alfred, aquele ano de maravilhas teve um fim abrupto, parecendo se deter no tempo subitamente, sem mágica e mais vazio do que qualquer outro ano já por ele vivido. Isso ocorreu no Jardim Botânico de Palermo, num claro dia de outono, quando Elise, que até então se mostrara saudável, vivaz e florescente, de repente levou as duas mãos ao coração, olhou para o amante angustiada e voltou logo a sorrir, como se estivesse consciente de um dever, o de não lhe causar qualquer incômodo. Isso, porém, em vez de comovê-lo, encheu-o de amargura, que ele, é claro, soube disfarçar de imediato sob a expressão da preocupação. Censurou-a, sem que ele próprio acreditasse no que dizia, por ter-lhe certamente ocultado ocorrências semelhantes por diversas vezes; deu expressão a sua mágoa, pois ela evidentemente considerava que ele não tinha coração; exortou-a a procurar naquele dia ainda um médico e ficou bastante sossegado quando ela, devido a sua reduzida confiança nas artes terapêuticas dos médicos locais, recusou. Contudo, quando ela, repentinamente, parecendo esfuziante de gratidão e amor, ali, a céu aberto, no banco diante do qual passavam as pessoas, apertou a mão de Alfred contra os lábios, este sentiu, como uma onda fugaz, o ódio disparar por suas veias; a presença desse sentimento o surpreendeu de início, mas logo ele conseguiu se desculpar com a lembrança das muitas horas de enfado e de vazio que haviam sido, como de repente acreditava descobrir, demasiado freqüentes durante a viagem. Simultaneamente inflamou-se nele um desejo tão ardente por Adele que, apesar de todos os acordos, enviou-lhe no mesmo dia uma carta, na qual

implorava por uma palavra a ser enviada para Gênova, e assinou: Eternamente seu.

Poucos dias depois encontrou em Gênova sua resposta, que dizia: E eu, sua pelo mesmo tempo. Com o telegrama amarrotado junto ao peito, e que agora, não obstante o tom dubiamente jocoso, parecia-lhe a quintessência da esperança, iniciou com Elise uma viagem para o Ceilão, a qual, como a parte presumivelmente mais bela de todas, fora deixada para o fim. Elise precisaria ter sido dona de um espírito mais ardiloso do que lhe era próprio para poder intuir, durante essa viagem, que só o audaz jogo da imaginação de Alfred lhe estava a conferir maiores deleites de amor do que nunca; para poder saber que não era mais ela mesma quem se deitava em seu colo nas silenciosas e escuras noites marítimas, mas sim a noiva distante, magicamente trazida para perto, em toda sua força vital, pela saudade de Alfred. Mas na tórrida ilha, à qual por fim chegaram, na pesada uniformidade da última estada, quando ele percebeu que a fantasia, violentamente exigida, lhe negava seus préstimos, começou a se manter afastado de Elise e foi suficientemente pérfido para indicar como motivo de sua reserva uma nova e leve advertência da doença do coração, que sobreviera logo ao pôr o pé em terra firme. Ela o aceitou, como tudo o que dele viesse, como sinal de um amor que agora lhe significava todo o sentido e toda a bem-aventurança da vida. E quando ela, sob o brilho selvagem de um céu azul-dourado, fortemente abraçado a ele, viajava pelas sombras sussurrantes das florestas, ignorava que seu acompanhante só ansiava pela hora solitária em que, sem ser incomodado por Elise, teria a oportunidade de colocar no papel, com a pena esvoaçante, cálidas palavras dirigidas à outra, de cuja existência no mundo Elise, até então, nada sabia e nunca iria saber. Em tais horas de solidão, seu desejo pela outra, distante, crescia com tal intensidade que a próxima, aquela que lhe pertencia, aquela com a qual estava viajando pelo mundo durante já quase um ano, era por ele inteiramente esquecida, até nos traços de seu rosto, até nas nuances de sua voz. E quando, na noite anterior ao início da viagem de retorno, vindo do escritório, encontrou Elise

prostrada sobre o leito, quase inconsciente, vítima de um novo e intenso ataque, reconheceu, com uma sensação leve e quase doce de horror, que aquilo que em outras oportunidades ele acreditara sentir em si como uma espécie de silencioso temor era a nunca apagada, a obscuramente incandescente esperança de sua alma. Apesar disso, sem demora e com uma emoção realmente dolorosa ele mandou chamar um médico, que apareceu rapidamente e mitigou o sofrimento da enferma com uma injeção de morfina. Ao pretense marido, que declarava por motivos de força maior não poder adiar a viagem, que agora parecia arriscada, o médico entregou um bilhete em que recomendava à doente os cuidados especiais do médico de bordo.

Logo nos primeiros dias, o ar marítimo pareceu ter efeito benigno sobre Elise. Sua palidez sumiu, sua fisionomia tornou-se mais alegre, e ela mostrou-se mais espontânea do que Alfred jamais tinha percebido. E enquanto antes Elise se mantivera indiferente e até hostil a qualquer aproximação de estranhos, por mais inofensivos que fossem, agora ela não fugia às conversas em comum, do tipo que a vida a bordo trazia, e recebia com satisfação as respeitadas homenagens de alguns passageiros do sexo masculino. Sobretudo um barão alemão, que esperava encontrar no mar a cura de uma enfermidade crônica dos pulmões, ficava tão freqüentemente próximo de Elise como seria possível sem chegar a ser importuno; e Alfred teria até se convencido de que o comportamento encorajador que Elise dispensava a este, o mais amável de seus admiradores, era o sinal bem-vindo do florescimento de uma nova inclinação. Mas quando, certa vez, fingindo irritação com sua chocante amabilidade, Alfred tentou pedir uma explicação a Elise, ela lhe declarou sorridente que toda sua recente espontaneidade diante de outros não tinha tido nenhuma outra finalidade senão despertar os ciúmes do amante, e que ela se alegrava de forma indizível pelo êxito de seu ardil. Dessa vez, Alfred não conseguiu mais esconder sua impaciência, sua decepção. Replicou à sua confissão, mediante a qual Elise pensava tê-lo tranqüilizado e alegrado, com palavras de uma dureza

desconhecida para ela; em meio a uma sombria perplexidade, ela resistiu àquelas palavras durante um certo tempo, até que subitamente desmaiou e caiu sobre o piso da coberta, onde estava ocorrendo o diálogo, tendo de ser carregada para a cabine. O médico de bordo, já advertido pelo bilhete de seu colega, não considerou necessário examiná-la mais detidamente e trouxe ao coração torturado um alívio passageiro, através do medicamento já uma vez aplicado. Contudo, não pôde evitar que os ataques se repetissem no dia seguinte e no terceiro dia, sem qualquer motivo externo, e, mesmo que a morfina nunca deixasse de fazer efeito, ele não pôde esconder o temor de que a doença pudesse levar a um fim trágico; assim, advertiu Alfred, de forma comedida porém incisiva, que poupasse sua bela esposa em todos os sentidos.

Alfred, em meio a seu obscuro e surdo rancor contra Elise, teria facilmente se inclinado a obedecer ao médico, sobretudo naquele ponto, em que suas palavras pareciam uma severa proibição. Mas Elise, ansiosa, conseguiu numa hora de solidão noturna arrastar o amante contrariado para dentro de seu coração, como se desejasse reconciliá-lo através da ternura. Porém, enquanto ela estava abandonada em seus braços, com os olhos semicerrados, e ele via sobre sua testa úmida refletir-se o brilho azulado das ondas que entrava pela escotilha do camarote, Alfred sentiu, como que provindo das maiores profundezas de sua alma, um sorriso lhe subir aos lábios, um sorriso que ele mesmo só lentamente entendeu ser desprezo, até de triunfo. E enquanto ainda se tornava consciente, estremeando, de sua obscura esperança, teve de dizer a si mesmo que sua satisfação não consistiria apenas na salvação e na fuga de toda aquela confusão; como também Elise, tão logo reconhecesse que seu fim era inelutável, se lhe fosse dada uma possibilidade de escolha, não desejaria outro fim que o de falecer em meio a seus beijos. E enquanto ela, agora, ciente do perigo, parecia disposta, em entregas cada vez mais apaixonadas, a partir por amor e através do amor, ele próprio se acreditava suficientemente forte para aceitar um sacrifício por meio do qual, por mais monstruoso

que fosse, no entrelaçamento de circunstâncias do destino, a sorte de três seres humanos poderia ser alterada de forma propícia.

Mas enquanto, noite após noite, observava o fraco brilho de seus olhos, o desfalecido exalar de sua respiração, com horror esperançoso passou a sentir-se como que enganado sempre que, um minuto mais tarde, seus olhares despertados reluziam gratos nos dele, o hálito quente de seus lábios bebia com novo desejo o dele, e assim, todo o aparato de sua mortal perfídia não tinha servido a outro fim senão infundir mais vida nos pulsos de Elise. E ela estava tão segura de seu amor que, de dia, quando ele a deixava durante horas sozinha ou na companhia de outras pessoas, para entregar na coberta superior sua testa febril ao frescor do vento marítimo, Elise ficava despreocupada e recebia o sorriso perplexo e desvairado com o qual ele voltava como se fosse uma carinhosa saudação, que ela retribuía.

Em Nápoles, onde o barco ia atracar para um descanso de um dia, para depois zarpar sem escalas para Hamburgo, Alfred esperava encontrar uma carta de Adele, a qual implorara com palavras ardentes, pela última vez, do Ceilão. O tempo tempestuoso obviou-lhe o esforço de encontrar uma desculpa para, sem a companhia de Elise, deixar-se levar até terra firme num dos barcos que estavam à disposição, juntamente com outros passageiros. Foi até o correio, adiantou-se até o guichê, deu seu nome e teve de retirar-se com as mãos vazias. Embora tentasse acalmar-se com a idéia de que a carta de Adele poderia não ter sido enviada a tempo, ou ter se perdido, a sensação de aniquilação que lhe sobreveio após essa decepção o fez reconhecer que, para ele, uma vida futura sem Adele era impensável. Chegado ao fim de sua capacidade de simulação, pensou de início em contar impiedosamente toda a verdade a Elise, tão logo retornasse ao navio. Logo raciocinou, porém, que as conseqüências de tal confissão não seriam previsíveis, que poderiam atingir Elise, mortal e instantaneamente, ou poderiam levá-la à loucura ou ao suicídio; além do mais, tal acontecimento dificilmente ficaria oculto em suas causas e, com isso, seu relacionamento com Adele poderia se

tornar funesto. Temia que o mesmo aconteceria se ele adiasse a confissão para o último momento, até o desembarque em Hamburgo, ou mesmo até a chegada em Viena. Em meio a tão desesperados pensamentos e quase que inconsciente já de sua perfídia, Alfred vagava pela praia, perto do meio-dia, sob o sol incandescente, quando subitamente sentiu tonturas e pensou estar próximo de um desmaio. Cheio de medo, deixou-se cair sentado sobre um banco e assim ficou, até que o espasmo cedeu e as névoas diante de seus olhos sumiram. Depois respirou fundo, como que despertando. Sabia, de repente, que no instante inconcebível em que seus sentidos ameaçaram abandoná-lo, uma decisão tinha amadurecido até o fim, terrível e clara, uma decisão que há muito havia se preparado nas profundezas de sua alma. O desejo ardente e cruel, cuja satisfação tentara incentivar durante todos aqueles dias como que a partir de um covarde esconderijo, ele precisava agora, sem mais delongas, transformar em ação com sua própria vontade, com suas próprias mãos. E como resultado de uma longa reflexão interior, surgiu em sua mente um plano pronto.

Levantou-se e foi, antes de mais nada, para um hotel, para lá almoçar com o melhor dos apetites. Depois procurou três médicos, a todos os quais se apresentou como um doente que sofria de dores insuportáveis, e que, acostumado há anos à morfina, tivesse chegado ao fim sem suprimento; recebeu as receitas, fez com que fossem aviadas em diferentes farmácias e se encontrou, ao voltar a bordo com o sol poente, na posse de uma dose que podia considerar mais do que suficiente para seu intento. À mesa do jantar contou com palavras do mais elevado encantamento sobre um passeio por Pompéia, para o qual teria aproveitado o dia transcorrido, e, com ardente prazer na mentira, como se devesse superlativar seu próprio ser para o que há de mais diabólico, alongou-se na descrição de um quarto de hora que teria passado no jardim de Appius Claudius, diante de uma estatueta, que em verdade nunca vira e a respeito da qual lera casualmente num guia de viagens. Elise estava sentada a seu lado; em frente a ela, o barão; os olhares dos dois se encontraram e Alfred não conseguiu

repelir a impressão de que ali dois fantasmas se fitavam com suas órbitas vazias.

Mais tarde, como em tantas outras ocasiões, passeou com Elise pela coberta superior, ao luar, enquanto ao longe desaparecia o brilho das luzes da costa. Como durante um segundo se sentiu fraquejar, reacendeu sua decisão imaginando que era o braço de Adele aquele que apertava contra o seu, e, pela onda de ardor que disparou por suas veias, reconheceu que a felicidade que o esperava não teria sido comprada a um preço alto demais nem pela mais terrível das culpas. Ao mesmo tempo, porém, começou a surgir nele, misteriosamente, algo semelhante à inveja pela jovem criatura a seu lado, que estava destinada a encontrar a saída salvadora de todas as confusões da vida sem sofrimento nem apreensão.

Quando na cabine, abraçou Elise pela última vez com uma clareza incrementada até quase o insuportável, mas também com desesperado prazer, sentiu-se como o executor de um destino do qual sua vontade não mais participava. Só um gesto de seus dedos teria bastado para entornar o copo, que rebrilhava azul na mesinha, e as gotas de veneno teriam embebido, como umidade inofensiva, o chão indiferente do camarote. Mas Alfred ficou imóvel, esperando. Esperou até perceber, finalmente, com o coração aos saltos, um movimento de Elise que lhe era conhecido, pelo qual ela estendeu a mão, com os olhos semicerrados, em direção ao copo, para, como sempre o fazia antes de adormecer, mitigar sua última sede. Viu com as pálpebras desmesuradamente abertas, sem se mexer, como ela se erguia um pouco, colocava o copo nos lábios e bebia seu conteúdo de uma vez. Depois ela voltou a se deitar com um leve suspiro, aninhando a cabeça, como de hábito, no peito de Alfred, até adormecer. Alfred sentia em sua fronte um martelar lento e surdo, ouvia a respiração calma de Elise e ouvia as ondas batendo como uma queixa na proa do navio, que flutuava através de um tempo que se havia detido.

De repente sentiu um intenso estremecimento percorrer o corpo de Elise. Suas duas mãos agarraram o pescoço dele, seus dedos

pareciam querer penetrar em sua pele e só depois, com um longo gemido, ela abriu os olhos. Alfred se soltou de seu abraço, saltou da cama, viu como ela tentava se levantar, debatia-se com os braços no vazio, deixou vagar um olhar tresloucado pela penumbra, para, de repente, tornar a cair deitada totalmente imóvel, respirando de forma curta e fraca. Alfred logo percebeu que ela perdera a consciência, e se perguntou, friamente, quanto tempo duraria esse estado, antes do fim. Ao mesmo tempo pensou que, no presente estado, ela talvez ainda pudesse ser salva; e, com o obscuro sentimento de, dessa forma, tentar uma última vez o destino, quer aniquilando ele próprio os frutos de sua ação, quer, correndo audazmente um risco, expiando sua culpa, saiu à procura do médico. Se este descobrisse o que ali se passara, o jogo deveria estar definitivamente perdido para ele; caso contrário, ele próprio se absolveria para todo o futuro de qualquer culpa ou arrependimento.

Quando Alfred entrou no camarote com o médico, Elise jazia pálida, com os olhos semicerrados e vítreos, os dedos cravados no cobertor e gotas brilhantes sobre a testa e as faces. O médico se inclinou, pôs seu ouvido sobre o peito dela, ouviu longamente, sacudiu a cabeça preocupado, separou as pálpebras de Elise, colocou a própria mão diante dos lábios, ouviu novamente; depois voltou-se para Alfred e lhe comunicou que a luta com a morte havia chegado ao fim. Com um olhar tresloucado, que não era fingido, Alfred juntou as mãos sobre a cabeça, caiu diante da cama e ficou com a testa apertada contra o joelho de Elise, durante um tempo. Depois girou o corpo e fitou o médico com o olhar perdido; este lhe ofereceu a mão num gesto de compaixão; Alfred não a aceitou, sacudiu a cabeça e, em posse plena de sua clareza interior, como que numa demasiadamente tardia auto-recriminação, murmurou para si:

- Se tivéssemos seguido seus conselhos... - Depois escondeu, aflito, o rosto entre as mãos.

- Eu deveria ter imaginado - ele ouviu o médico responder, em suave tom de censura; e num sentimento onipotente de triunfo

sentiu o brilho e a luz de seus olhos, por trás de suas pálpebras fechadas.

Já no dia seguinte, como o prescrevem os regulamentos, o cadáver de Elise foi deitado ao mar e Alfred, como viúvo, sentiu-se rodeado pela compaixão geral, silenciosamente discreta. Ninguém se atrevia a incomodá-lo, quando caminhava pela coberta durante horas, olhando para uma distância que, para ele, o que ninguém podia pressupor, estava permeada do odor da mais doce esperança. Só o barão juntava-se a ele às vezes, durante curtos minutos, evitando, com evidente intenção, mencionar o triste acontecimento, sequer com uma palavra. Alfred sabia bem que a única coisa que levava o barão a acompanhá-lo nestes passeios era a vontade de se sentir, durante alguns instantes, envolvido novamente pela atmosfera da amada morta. Para Alfred, esses momentos eram os únicos em que se sentia tocado pelo passado; fora isso, ele tinha se elevado para além do seu ato e do que este poderia significar para os homens. Numa presença viva, a imagem daquela que ele ansiava com ardor, daquela que ele tinha obtido através da culpa, estava diante dele; e quando olhava da proa para baixo, em direção à água, era como se a visse correr pacificamente por sobre mundos enterrados, para os quais era indiferente, nas profundezas de seu sono, ter submergido no dia anterior ou há mil anos.

Só quando a costa alemã se tornou visível, seu pulso acelerou. Sua intenção era não permanecer em Hamburgo mais do que o necessário; retirar a carta que ali deveria esperar por ele e viajar com o primeiro trem para casa. A lentidão do desembarque lhe produziu uma impaciência aflitiva; e respirou como que libertado quando sua bagagem foi enfim colocada na carruagem e ele dirigiu-se ao correio pelas ruas da cidade, sobre as quais pendia, com pequenas nuvens cor-de-rosa, o fim da tarde de primavera. Entregou seu cartão ao funcionário dos correios, olhou ansioso como ele folheava a correspondência, estendeu a mão, pronto para receber sua carta, e recebeu a resposta de que não havia nada para ele, nenhuma carta, nenhum cartão, nenhum telegrama. Tentou um sorriso incrédulo e pediu ao funcionário, num tom quase humilde,

do qual imediatamente se envergonhou, que verificasse de novo. E agora Alfred tentava decifrar o que estava escrito nas bordas dos envelopes; acreditou repetidamente reconhecer seu nome na letra de Adele, voltou a estender esperançoso várias vezes a mão - e teve de ouvir mais uma vez que havia se enganado. Por fim, o funcionário voltou a colocar o montinho de envelopes no escaninho, sacudiu a cabeça e se afastou. Alfred despediu-se com exagerada cortesia e se encontrou no minuto seguinte em frente ao portão, semi-atordado. A única coisa clara para ele era que estava preso na cidade e que não poderia ir a Viena de maneira alguma sem antes ter em mãos alguma notícia de Adele. Foi para um hotel, pegou um quarto e, antes de mais nada, jogou as seguintes palavras num formulário de telegrama: "Nenhuma palavra sua. Inconcebível. Desconcertado. Estarei depois de amanhã em casa. Quando posso vê-la? Responda imediatamente." Colocou seu endereço e entregou o despacho com resposta paga. Quando entrou no saguão, já iluminado para a noite, sentiu um par de olhos fixos nele; de uma poltrona, com um jornal sobre os joelhos, sério, sem se levantar, o barão, de quem se havia despedido superficialmente no navio, o cumprimentava. Alfred mostrou-se contente com o encontro inesperado, e de fato acreditava-se contente, e comunicou ao barão sua intenção de ficar na cidade até o dia seguinte. O barão, que apesar de suas faces pálidas e de sua tossinha contínua afirmava sentir-se muito bem, propôs durante o jantar que os dois fossem a um vaudevillee, diante da resistência de Alfred, observou, com as pálpebras semicerradas e em voz baixa, que a tristeza nunca tinha ressuscitado ninguém. Alfred riu, assustou-se com o próprio riso, achou que seu embaraço fora percebido pelo barão e sentiu imediatamente que não poderia fazer nada mais inteligente do que se reunir a ele. Logo após, sentado a seu lado num camarote, bebia champanhe, via através da fumaça e da névoa, ao som de uma orquestra vulgar, ginastas e palhaços em suas artes e brincadeiras, ouviu mulheres seminuas cantarem canções indecentes e dirigiu a atenção de seu silencioso companheiro, como sob uma irada compulsão, para pernas bem-feitas e seios generosos que se mostravam no palco. Depois

gracejou com uma vendedora de flores, jogou uma rosa amarela em direção a uma bailarina, que agitava sedutoramente os cachos negros, e riu quando viu os lábios finos do barão estremecerem num ricto de amargura e nojo. Mais tarde sentiu como se, da sala embaixo, centenas de olhares o fitassem com maldosa curiosidade e como se todos os cochichos e sussurros se referissem apenas a ele. Um calafrio de angústia correu por suas costas; depois lembrou-se de que havia bebido muito depressa um par de taças de champanhe, e ficou novamente calmo. Observou com satisfação que, enquanto estivera inclinado sobre o parapeito, duas mulheres maquiadas haviam começado uma conversa com o barão; respirou fundo, como se tivesse escapado de um perigo, levantou-se, acenou com a cabeça para o companheiro, encorajando-o e saudando-o pela aventura; e logo partiu, sozinho, pelas ruas que nunca vira antes nem jamais iria ver, assobiando para si uma melodia qualquer e com a sensação de estar vagueando através de uma cidade de sonho, em direção ao hotel.

Quando acordou de manhã, após um sono pesado, precisou primeiro tomar consciência de que não estava mais viajando no navio e de que o brilho branco, diante dele, não era o roupão de Elise, mas uma cortina. Com um portentoso esforço de vontade repeliu uma lembrança que ameaçava surgir e tocou a campainha. Com o café da manhã trouxeram-lhe um telegrama. Deixou-o na bandeja enquanto o garçom ficou no quarto; e sentiu como se essa espera merecesse um prêmio. Imediatamente depois que a porta foi fechada, abriu o telegrama com dedos trêmulos; as letras primeiro dançavam diante de seus olhos, mas, de repente, ficaram paradas, estáticas e imensamente grandes: "Amanhã, às 11 horas da manhã. Adele". Correu de um lado para o outro, riu por entre os dentes e não se deixou abalar pelo tom curto e frio da mensagem. Esse era seu jeito. E mesmo se em casa ele não encontrasse tudo como até há pouco imaginara, mesmo se algumas novidades desagradáveis estivessem a sua espera, o que tinha de mais? Voltaria a se defrontar com ela, a ficar ao alcance da luz de seus

olhos, do odor de seu hálito e, portanto, aquela monstruosidade não tinha sido em vão.

Não ficou por mais tempo no hotel; durante o pouco tempo que faltava até a partida do trem ele perambulou pela cidade, com os olhos exageradamente abertos, mas sem ver pessoas e coisas. Ao meio-dia partiu de Hamburgo: fitou durante horas e horas, através da janela do vagão, a paisagem que passava veloz; reprimindo com a bem treinada força de sua vontade tudo o que nele queria se mover enquanto pensamentos, esperanças e temores; e quando, para não chamar demasiadamente a atenção dos outros passageiros, ele pegava num livro ou jornal, contava, sem ler, várias vezes até cem, quinhentos, mil. Quando se fez noite, uma saudade extenuante rompeu com todos os seus esforços de manter a compostura. Repreendia-se por ter interpretado mal a falta de notícias e o tom do último telegrama e não conhecia nenhuma outra censura contra Adele, a não ser a de que ela se ativera mais cabalmente ao acordo do que ele. Mas mesmo que ela, de alguma forma, tivesse sabido que viajara em companhia de uma mulher, ele se sentia suficientemente forte em seu amor para ganhar de volta a ofendida, contra todo ciúme e toda amargura. E chegou a se fazer senhor dessas fantasias a um ponto tal que nessa noite infinita conseguiu ouvir a melodia de sua voz, ver o contorno de sua figura e seus traços, sim, e até sentir seu beijo, tão ardentemente doce, como na realidade nunca lhe fora dado receber de seus lábios.

Havia chegado em casa. Com amável conforto, sua residência o recebeu. O desjejum, cuidadosamente preparado, foi de seu total agrado e, pela primeira vez depois de muitos dias, novamente, segundo queria lhe parecer, pensava com toda calma na outra que, livre para todos os tempos das aflições deste mundo, dormia no mar silencioso. Por um instante sentiu como se aquela seqüência de horas, antes do desembarque em Nápoles até a morte de Elise, também pudesse ser uma quimera de seus nervos abalados, e o triste fim teria chegado, como os médicos haviam previsto, profetizado até, apenas como resultado do desenvolvimento

previsto para a doença. Sim, o homem que, numa cidade estranha que brilhava ao sol, corraera perfidamente de um médico para outro, de uma farmácia para outra e que havia preparado o veneno mortal com cruel premeditação, o homem que abraçara a amante, com infame prazer, uma hora antes de mandá-la para o além, parecia-lhe totalmente diferente daquele que ali, entre paredes familiares, bebia seu chá num ambiente calmo, burguês e confortável; parecia-lhe ser um homem que era muito mais do que ele, alguém que ele mesmo devia admirar com arrepios. Mas quando mais tarde, ao sair do banho, o espelho lhe devolveu sua imagem nua e esbelta e, de repente, se tornou consciente de que ele mesmo fizera o inconcebível, viu seus olhos luzirem num brilho duro, sentiu-se mais digno do que nunca de apertar contra o peito a noiva que esperava e, com uma sarcástica superioridade nos lábios, seguro de seu amor como nunca antes estivera.

Na hora marcada entrou no salão amarelo que deixara um ano atrás, quase na mesma data, e no minuto seguinte Adele estava diante dele; despreocupada, como se tivesse se despedido dele no dia anterior, estendeu-lhe a mão, para um prolongado beijo. O que me impede de abraçá-la? perguntou-se. Mas aí ele já a ouviu falar, com a voz escura que ouvira à noite, apenas em sonhos, e percebeu que ele mesmo não tinha dito ainda nenhuma palavra, que só havia sussurrado o nome dela, no momento em que ela aparecera. Que ele não levasse a mal, começou ela, o fato de não haver respondido a suas belas cartas; mas a situação era simples, havia coisas que era melhor dizer cara a cara do que por escrito. Seu silêncio já devia tê-lo preparado, no sentido de que muita coisa tinha mudado, e o tom frio de seu telegrama fora totalmente proposital. Pois fazia seis meses mais ou menos que ela estava noiva de outro homem. E ela mencionou um nome que Alfred conhecia. Era o de um de seus muitos bons amigos de tempos passados, em quem ao longo daquele ano pensara tão pouco, como de resto ocorrera com quase todas as outras pessoas com quem antes se relacionava. Ouviu Adele com calma, fitou enfeitiçado sua testa lisa; depois, como que através dela, fitou o vazio e em seus

ouvidos soava um ruído de ondas longínquas, que corriam sobre mundos submersos. De repente viu irromper nos olhos de Adele algo semelhante a um brilho de medo, sabia que estava frente a ela, pálido como um morto e com um olhar terrível e disse, imprevisivelmente até para si mesmo, num tom duro quase inaudível:

- Não é possível, Adele, você está enganada, você não pode. ..

O fato de finalmente ter encontrado palavras acalmava-o, ao que tudo indicava. Ela tornou a sorrir de maneira cortês e lhe explicou que não era ela que se enganava, mas ele. Porque ela podia, sim, podia tudo que quisesse. Ela nem ficara noiva dele, mas eles haviam se separado como pessoas livres, sem qualquer compromisso, tanto ela quanto ele. E como ela não mais o amava, mas a um outro, a coisa estava simplesmente liquidada. Ele precisava compreender e aceitar esse fato; caso contrário, ela sentiria muito não ter seguido o conselho que o pai lhe dera de manhã, de não receber Alfred em sua casa. E ela estava sentada diante dele, as mãos finas cruzadas sobre os joelhos, com olhos claros e distantes.

Alfred sentiu que necessitava de todo o seu domínio para não fazer algo ridículo ou horrível. O que queria, na verdade, não estava claro para ele. Agarrá-Ia pelo pescoço e estrangulá-Ia, ou jogar-se no chão e chorar como uma criança? Mas de que adiantava pensar a respeito? Não tinha escolha; ele jazia lá, como que derrubado, e ainda teve a presença de espírito de pegar as mãos de Adele, que queria se afastar depressa, e de implorar roucamente para que ficasse. Só mais um quarto de hora! Que o ouvisse! Isso ele ainda podia pedir-lhe, depois de tudo o que antes houvera entre os dois. Tinha tanta coisa para lhe contar, mais do que ela podia pressupor, e ela tinha o dever de ouvi-lo. Pois quando ela soubesse de tudo, então também saberia que lhe pertencia, que não poderia pertencer a nenhum outro, que ele a tinha conquistado com culpa e tormentos, que diante de seus imensos direitos todos os outros cairiam no pó, no mais profundo pó, que ela estava unida a ele, indissolivelmente, para todo o sempre, assim como ele a ela. E de

joelhos diante da moça, cravando suas mãos nas dela, olhando-a fixamente, deixou voar suas palavras, expôs todo o conteúdo do ano transcorrido; contou de como amara, antes dela, uma outra, e de como junto com essa outra, que fora doente e não tivera ninguém no mundo a não ser ele, empreendera uma viagem, de como se consumira nos tormentos da saudade, mas como a outra se agarrara a ele, indefesa e aprisionadora; e de como no fim de seu sofrimento, por amor a e/a, a e/a, cujas mãos ele tinha entre as suas, por causa de um amor como o mundo nunca antes vira, como ele tirara deste mundo aquela outra, que não poderia nem querer ter vivido sem ele, como ele a envenenara, compassiva e perfidamente; de como agora, sob as ondas distantes, a pobre criatura descansava, vítima de um sacrifício feito em prol de uma felicidade que também seria sem igual, tal como o preço com o qual havia sido conquistada.

Adele se livrara de suas mãos e não levantara o rosto para encará-lo. Ouvia o que ele contava e não sabia bem de que maneira interpretar tudo aquilo, se como um conto fantástico, sobre seres estranhos e distantes, ou como uma notícia de jornal referente a pessoas que em nada lhe interessavam. Talvez nem acreditasse no que ele estava contando. Mas de qualquer forma lhe era indiferente saber se era verdade ou mentira o que saía daqueles lábios. Ele sentiu mais e mais sua impotência. Viu todas as suas palavras escorrendo por ela, vazias e frias; e no final, quando quis ler seu destino de seus lábios, o qual ele já conhecia, ela apenas abanou a cabeça. Ele a olhava com angústia, sabendo, mas também sem saber, com uma pergunta desvairada nos olhos bruxuleantes.

- Não - disse ela duramente. - Acabou.

E ele soube que com este não tudo havia acabado para sempre. A expressão de Adele ficou totalmente impassível. Nem a menor lembrança da ternura desaparecida, nem mesmo horror havia nela, só uma expressão aniquiladora de indiferença e enfado.

Alfred inclinou a cabeça, sorrindo vazio como que a consentir. Não mais pegou suas mãos, que ela deixou pender, alheias; virou-

se e partiu. A porta ficou aberta atrás dele e ele sentiu um sopro frio na nuca. Ao descer a escada, sabia que não lhe restava a fazer mais nada a não ser encontrar um fim para tudo aquilo. Isso estava decidido tão firmemente para além de toda dúvida, que ele caminhou vagarosamente até sua casa no lisonjeiro dia primaveril, como quem procura o ansiado sono após uma noite devassa.

Mas em seu quarto havia alguém esperando por ele. Era o barão. Sem pegar na mão que Alfred lhe oferecia, declarou desejar uma breve conversa com ele, e após um rápido e cortês aceno de cabeça de Alfred, continuou:

- É para mim uma necessidade comunicar-lhe que o considero um patife. "Muito bem", pensou Alfred, "também contra este fim não há o que dizer"; e replicou, calmo:

- Estou à sua disposição. Amanhã cedo, se lhe aprover.

O barão sacudiu brevemente a cabeça. Ficou claro que tudo já estava preparado, evidentemente desde durante a viagem. Dois jovens da embaixada alemã só esperavam suas instruções; e ele falou na sua esperança de que seu antagonista, que se encontrava agora em casa, poderia facilmente tomar as providências necessárias para que a coisa se concretizasse antes do anoitecer. Alfred acreditou poder prometê-lo. Durante um instante veio-lhe a idéia de confessar toda a verdade ao barão; mas, diante do imenso ódio que irradiava daquela testa fria, temia que o outro, que talvez intuísse a verdade, o entregasse à justiça; por isso preferiu calar.

Alfred encontrou os cavalheiros de que precisava sem esforço. Um deles era o noivo de Adele, o outro um jovem oficial, com quem gozara em tempos passados mais de uma jornada prazerosa. Antes do pôr-do-sol, nas várzeas do Danúbio, num lugar freqüentemente escolhido para tais encontros, ele estava em frente ao barão. Uma calma, que após as confusões dos dias passados ele sentiu como se fosse a felicidade, o recebeu. Quando viu o cano da pistola apontado em sua direção, durante os três segundos que, contados por uma voz distante, caíram como três gotas frias do céu noturno, ressoando sobre o chão, ele pensou naquela que fora inefavelmente

amada, sobre cujo corpo em decomposição corriam as ondas do mar. E quando jazia no chão e algo escuro se inclinou sobre ele, o abraçou e não mais queria soltá-lo, sentiu-se bem-aventurado, porque ele, que expiara sua culpa, desaparecia por causa dela, em direção a ela, no nada, pelo qual ansiava há tanto tempo.

Tradução de George Bernard Sperber

64. UMA ROSA PARA EMILY

WILLIAM FAULKNER (1897 – 1962 | Estados Unidos)

Prêmio Nobel, autor de alguns dos melhores romances do século XX - Enquanto Eu Agonizo, Palmeiras Selvagens, O Som e a Fúria — Faulkner criou um mundo ficcional de uma profundidade ancestral, com personagens e situações próximos das tragédias gregas, além de grande leitor da Bíblia que ele era. Com esta proximidade do sofrimento humano, da "anormalidade" e da capacidade que o homem tem de matar o seu semelhante, às vezes chegava a se aproximar da essência da literatura policial (Seu romance Intruder in the Dust, em alguns países, consta de coleções do gênero.) Dos seus contos, A Rose for Emily, uma de suas obras-primas, aqui em nova tradução, é uma presença imprescindível numa antologia como esta.

Quando a Srta. Emily Grierson morreu, nossa cidade toda foi ao funeral: os homens devido àquela espécie de afeto respeitoso que sentimos por um monumento caído; as mulheres, em sua maioria, movidas pela curiosidade de ver o interior da casa, que ninguém, com a exceção de um velho criado - uma combinação de cozinheiro e jardineiro -, vira nos últimos dez anos.

Era uma casa grande de madeira que um dia fora branca, decorada com cúpulas, sacadas e torres com teto cônico, naquele estilo pesadamente leve dos anos setenta ; ficava onde, uma vez, fora nossa rua mais elegante. Mas as garagens e as descaroadoras de algodão haviam invadido a área, apagando os nomes mais ilustres do bairro. Só a casa de Emily Grierson ficara ali, alçando sua decadência coquete e teimosa por sobre as carroças de algodão e as bombas de gasolina - excrescência entre excrescências. E agora, a Srta. Emily fora se juntar àqueles nomes ilustres, lá onde repousavam, no cemitério assombrado de pinheiros, entre túmulos

famosos e anônimos dos soldados confederados e nortistas, mortos na Bata I ha de Jefferson.

Quando viva, Emily Grierson fora uma tradição e um dever, uma responsabilidade hereditária sobre os ombros da cidade, desde aquele dia em 1894, quando o prefeito, Coronel Sartoris - autor de uma lei municipal que proibia qualquer mulher negra de aparecer nas ruas sem um avental -, a eximiu de todos os impostos, sendo a dispensa retroativa à morte de seu pai, e perpétua. Não que a Srta. Emily fosse uma mulher capaz de aceitar caridade, o coronel Sartoris teve de inventar uma complicada história de como seu pai emprestara algum dinheiro ao município e que a prefeitura, por uma questão de conveniência, preferia pagar desta forma. Só um homem com a mentalidade da geração do coronel Sartoris poderia inventar alguma coisa assim, na qual só mesmo uma mulher poderia acreditar.

Quando os homens da geração seguinte, com idéias mais modernas, se tornaram prefeitos e membros do conselho, esse arranjo criou um pouco de insatisfação. No primeiro dia do ano mandaram a ela um aviso de cobrança pelos impostos atrasados. Veio fevereiro e nenhuma resposta. Escreveram então uma carta formal, pedindo que, à sua conveniência, comparecesse ao escritório do xerife. Uma semana depois, o próprio xerife lhe escreveu, oferecendo-se para ir vê-la ou então mandar o carro para buscá-la, e recebeu em resposta, numa folha de papel de um tamanho arcaico, uma nota escrita em caligrafia fina e fluente com tinta desbotada onde ela informava que não saía mais de casa, nunca. O aviso de cobrança vinha devolvido anexo, sem nenhum comentário.

Convocaram uma reunião especial do Conselho Municipal. Uma delegação foi visitá-la, eles bateram naquela porta por onde não passara ninguém desde oito ou dez anos antes, quando ela deixara de dar aulas de pintura em porcelana. O velho negro os introduziu num vestíbulo mal-iluminado, de onde uma escada conduzia a sombras ainda mais escuras. Cheirava a poeira e desuso - um cheiro abafado e úmido. O negro levou-os à sala de visitas,

mobiliada com móveis pesados e forrados de couro; quando abriu as persianas de uma das janelas, puderam ver que o couro estava rachado e, quando se sentaram, uma nuvem de pó subiu de entre seus joelhos, com suas pequenas partículas dançando à luz do raio de sol. Num velho cavalete, junto à lareira, havia um retrato em creiom do pai de Emily Grierson.

Levantaram-se quando ela entrou - uma mulher pequenina e gorda, vestida de preto, com uma corrente fina de ouro descendo até a cintura e desaparecendo em seu cinto, apoiada numa bengala de ébano com um gasto castão de ouro. Seu esqueleto era pequeno e leve; talvez por essa razão, o que em outra pessoa seria apenas corpulência, nela era obesidade. Parecia inchada como um corpo submerso há muito tempo em água parada. Os olhos perdidos nas dobras de gordura do rosto, como dois pedaços de carvão enterrados em massa crua de pão, se moviam de um rosto para outro, enquanto a delegação explicava o motivo da visita.

Ela não os convidou a sentar. Ficou de pé, na entrada da sala, ouvindo em silêncio, até que o porta-voz do grupo terminou de gaguejar seu discurso. Então puderam ouvir o mecanismo daquele relógio invisível, preso à corrente de ouro.

A voz dela era fria e seca.

- Não tenho impostos a pagar em Jefferson. O coronel Sartoris me explicou a coisa. Basta que um de vocês verifique nos arquivos do município.

- Mas já fizemos isso. Nós representamos o município. A senhora não recebeu um aviso do xerife, assinado por ele?

- Sim, eu recebi um papel - disse ela. - Talvez ele se considere o xerife... mas eu não tenho impostos a pagar em Jefferson.

- Mas, veja a senhora, não existe nada nos livros que prove isso. Temos que nos guiar pelos. ..

- Falem com o coronel Sartoris. Não tenho nenhum imposto a pagar em Jefferson.

- Mas, Srta. Emily. ..

- Falem com o coronel Sartoris. - (O coronel Sartoris morrera havia quase dez anos.) - Não tenho impostos a pagar em Jefferson. Tobe! - o negro apareceu. - Acompanhe estes senhores até a porta.

E ela os venceu, a cavalo e a pé, assim como vencera seus pais, trinta anos antes, a respeito do mau cheiro pelo ar. Isso fora dois anos depois da morte de seu pai e pouco tempo depois que seu namorado - aquele que acreditávamos se casaria com ela - a abandonara. Depois da morte do pai ela saía muito pouco; depois do sumiço de seu namorado, praticamente ninguém mais a via. Algumas das senhoras cometeram a temeridade de ir visitá-la, mas não foram recebidas. O único sinal de vida na casa era o negro - ainda jovem na época - que entrava e saía com a cesta de compras.

- Como se um homem, qualquer homem, pudesse cuidar de uma cozinha - diziam as mulheres; e assim não foi uma surpresa quando o mau cheiro começou. Era apenas mais uma coisa em comum entre a grosseira realidade do mundo e os altivos e poderosos Grierson.

Uma vizinha reclamou com o prefeito, o juiz Stevens, com oitenta anos na época.

- Mas o que é que a senhora quer que eu faça a esse respeito? - perguntou ele.

- Como? Mande dizer a ela que pare com o mau cheiro - disse a mulher. - Não existe nenhuma lei que proíba isso?

- Estou certo de que não será necessário - disse o juiz. - Provavelmente é só uma cobra ou um rato que aquele negro dela matou no jardim. Falarei com ele.

No dia seguinte, houve mais duas reclamações. Uma delas de um homem indignado.

- Realmente, Sr. juiz, temos que fazer alguma coisa. Eu seria a última pessoa do mundo a incomodar a Srta. Emily, mas precisamos fazer alguma coisa.

Naquela noite o Conselho Municipal se reuniu - três membros eram senhores grisalhos, um era um jovem da geração ascendente.

- É muito simples - disse ele. - Mandaremos um aviso para que ela limpe a casa, lhe daremos algum tempo, e se ela não limpar. ..

- Maldição! - disse o juiz Stevens. - O senhor acusaria diretamente uma senhora de cheirar mal?

Assim, na noite seguinte, quatro homens cruzaram o jardim de Emily Grierson e andaram em volta da casa como ladrões cheirando o ar em torno dos alicerces e nas frestas do celeiro, enquanto um deles fazia movimentos como se estivesse semeando alguma coisa de uma saca pendurada do ombro. Arrombaram a porta do celeiro e espalharam cal virgem lá dentro, e em toda parte em volta da construção. Quando atravessavam de volta o jardim, viram numa janela, antes apagada, a figura da Srta. Emily sentada, iluminada por uma lâmpada atrás dela, como o busto de um ídolo. Eles se esgueiraram em silêncio para a sombra das árvores alinhando a rua. Uma ou duas semanas depois o mau cheiro desapareceu.

Quando seu pai morrera, dizia-se que a casa fora tudo que lhe restara; e de certa forma, isto deixou as pessoas satisfeitas. Finalmente podiam se apiedar dela. Ficando só e na miséria, se humanizaria. Agora ela também conheceria a velha alegria, e o velho desespero, de um centavo a mais, ou a menos.

No dia seguinte à sua morte, todas as senhoras foram visitá-Ia para oferecer condolências e ajuda, como é nosso costume. A Srta. Emily as recebeu na porta vestida como sempre e sem nenhum traço de luto no rosto. Disse a elas que seu pai não morrera. Continuou fazendo a mesma coisa por três dias, com os pastores indo conversar com ela, enquanto os médicos tentavam persuadi-Ia a deixar sepultar o corpo. Quando já estavam a ponto de recorrer à lei, finalmente ela teve uma crise de choro, e rapidamente enterraram seu pai.

Na época, não achamos que estivesse louca. Pensamos que era natural que agisse assim. Lembramos de todos os jovens pretendentes que seu pai mandara embora, e então, como não lhe sobrara nada, se agarrava a quem a roubara de tudo, como as pessoas sempre fazem.

Esteve doente por muito tempo. Quando a vimos de novo, tinha o cabelo cortado curto, o que a fazia parecer uma menina - vagamente trágica e serena, como aqueles anjos em vitrais de igrejas.

A cidade acabara de fazer o contrato para a pavimentação das calçadas, e no verão seguinte à morte de seu pai, começaram os trabalhos. A companhia construtora veio com operários, mulas e maquinaria. O encarregado era um ianque chamado Homer Barron - um homem habilidoso, moreno e grande, com uma voz possante e olhos mais claros que seu rosto. Os meninos o seguiam em grupos para ouvi-lo xingar os operários que cantavam ao ritmo de picaretas subindo e descendo. Em pouco tempo ele conhecia todo mundo na cidade. Sempre que você ouvia muitas gargalhadas, em qualquer lugar da praça, podia estar certo que Homer Barron estava no centro do grupo. E logo começamos a vê-lo com a Srta. Emily, nas tardes de domingo, passeando na charrete amarela, com a parelha de baios combinando, alugada no estábulo.

No princípio ficamos felizes que a Srta. Emily houvesse encontrado um interesse na vida, porque as senhoras todas diziam:

- É claro que uma Grierson não pensaria seriamente num nortista, um trabalhador diarista.

Mas havia outras, as mais velhas, que diziam que nem mesmo a dor do luto faria uma verdadeira senhora esquecer noblesse oblige - e, é claro, sem dizer noblesse oblige. Diziam apenas:

- Pobre Emily. Suas primas deviam vê-la.

Tinha parentes no Alabama, mas anos antes seu pai brigara com eles por causa do inventário da velha senhora Wyatt, a louca, e não havia mais relações entre as duas famílias. Nenhum deles viera para o funeral.

E logo que as velhas disseram "Pobre Emily", começaram os comentários.

- Você acha que ela realmente...?

- Claro que sim! O que mais poderia...?

Tudo isso, escondendo a boca com a mão, e o ruído de cetim e seda amarfanhados por atrás de ciúmes e invejas enclausuradas, sob o sol de domingo à tarde, enquanto o clop-clop-clop leve e ligeiro da parelha de baios passava. "Pobre Emily."

Ela carregava a cabeça bem alta - mesmo quando achávamos que caíra. Era como se mais do que nunca ela exigisse o reconhecimento de sua dignidade como a última dos Grierson; como se usasse este toque de vulgaridade para confirmar sua posição intocável.

Como quando comprou o veneno para ratos, o arsênico. Isso foi um ano depois de começarem a dizer "Pobre Emily", e enquanto as duas primas a visitavam.

- Quero um pouco de veneno - disse ao farmacêutico.

Já passara dos trinta, na época, mas ainda era uma mulher magra, talvez mais magra que o normal, com olhos negros e altivos num rosto em que a pele se esticava sobre a testa e em torno das cavidades oculares, um rosto como se imagina que o rosto de um encarregado de farol deve ser.

- Quero um pouco de veneno - disse.

- Sim, Srta Emily, de que tipo? Para ratos e coisas assim? Acho que ...

- Quero o melhor que tiver. Não me importa o tipo. O farmacêutico enumerou vários produtos.

- Podem matar qualquer coisa, até mesmo um elefante. Mas o que a senhorita quer é...

- Arsênico - disse ela. - Não é bom?

- É... Arsênico? Sim, madame, é muito bom. Mas o que a senhorita quer.. .

- Quero arsênico.

O farmacêutico a olhou de cima a baixo. Ela devolveu o olhar, ereta, seu rosto como uma bandeira desfraldada ao vento.

- Bem, claro - disse o farmacêutico. - Se é o que a senhorita deseja. Mas a lei exige que me diga para que pretende usá-lo.

A Srta. Emily olhou para ele fixamente, com a cabeça inclinada para trás de modo a olhá-lo diretamente nos olhos, até que os olhos dele se desviaram, e ele foi buscar e embrulhar o arsênico. O garoto negro que fazia as entregas trouxe o pacote ao balcão, o farmacêutico não voltou mais. Quando ela abriu o embrulho em casa, estava escrito na caixa, bem embaixo do crânio e das duas tíbias cruzadas: "Para ratos."

Assim, no dia seguinte, todos dissemos "Ela vai se matar", e dissemos que seria melhor assim. No início, quando ela começara a ver Homer Barron, disséramos "Vai se casar com ele". Depois dizíamos "Ainda o convencerá", porque o próprio Homer - ele gostava da companhia dos homens e costumava beber com os mais jovens no clube El k's - dissera que não era do tipo de se casar. Mais tarde dissemos "Pobre Emily", por trás de ciúmes e invejas, quando passavam, nas tardes de domingo, na reluzente charrete. A Srta. Emily com a cabeça alta, e Homer Barron com o chapéu de banda, um charuto entre os dentes e as rédeas e o chicote numa luva amarela.

Então algumas senhoras começaram a dizer que era uma vergonha para a cidade e um péssimo exemplo para os jovens. Os homens não queriam se meter, mas afinal as senhoras conseguiram convencer o pastor batista - embora a família Grierson fosse episcopal - a ir visitá-Ia. Ele nunca contou o que acontecera durante a conversa que tiveram, mas recusou-se a voltar lá. No próximo domingo, passearam outra vez pelas ruas na charrete e, assim, no dia seguinte, a esposa do pastor escreveu uma carta para os parentes da Srta. Emily, no Alabama.

Com isso ela recebeu visitas outra vez em casa, e nós nos sentamos para ver como se desenvolviam os acontecimentos. No início não aconteceu nada. Depois nos convencemos de que se casariam. Soubemos que a Srta. Emily estivera na joalheria e encomendara um jogo de toailete masculino em prata, com as letras H. B. gravadas em cada peça. Dois dias mais tarde, soubemos que

comprara um enxoval completo para homem, incluindo roupa de dormir, e dissemos "Eles já se casaram", e ficamos muito satisfeitos. Satisfeitos porque nos vingávamos assim das duas primas do Alabama, que conseguiam ser mais Grierson que a Srta. Emily.

Por isso não foi uma surpresa - o trabalho nas ruas já terminara - quando Homer Barron partiu. Ficamos um pouco desapontados por não terem feito um anúncio público, mas imaginamos que fora preparar a casa para receber a Srta. Emily ou partira para dar-lhe uma chance de livrar-se das primas. (Na época era uma conspiração pública, que nos fazia todos aliados para ajudá-la a livrar-se das primas.) Como esperado, em mais uma semana elas partiram, e em três dias Homer Barron estava de volta à cidade. Um vizinho viu o criado negro abrir a porta da cozinha para ele entrar, ao anoitecer.

Foi a última vez que o viram. A Srta. Emily também não foi vista por algum tempo depois disso. O negro saía e entrava com a cesta de compras, mas a porta da frente se mantinha fechada. Uma vez ou outra nós a víamos na janela, como quando os homens foram espalhar cal em seu terreno, mas por quase seis meses ela não apareceu nas ruas. Mas isso também, nós sabíamos então, era de se esperar; como se aquela qualidade de seu pai, que tantas vezes frustrara sua vida de mulher, fosse algo furioso e virulento demais para ter morrido com ele.

Quando vimos a Srta. Emily de novo, ela havia engordado e seu cabelo estava ficando grisalho. Durante os anos seguintes, se tornou cada vez mais grisalho até chegar a uma tonalidade sal-e-pimenta toda por igual. Até o dia de sua morte, com setenta e quatro anos, conservou aquele vigoroso cinza metálico, como o cabelo de um homem ativo.

Desde aquela época sua porta se manteve fechada, com a exceção de um período de seis ou sete anos, quando ela estava com uns quarenta anos, em que deu aulas de pintura em porcelana. Arrumou um estúdio, num dos quartos do andar de baixo, onde as filhas e netas dos contemporâneos do coronel Sartoris eram enviadas, no mesmo espírito em que eram enviadas à igreja nos

domingos, com uma moeda de vinte e cinco centavos para o prato da coleta. Enquanto isso, o prefeito a isentara de impostos.

Então uma nova geração se tornou a espinha dorsal e o espírito da cidade, as alunas de pintura cresceram e se dispersaram e não mandaram suas filhas para ela, com caixas de tintas e tediosos pincéis e motivos recortados de revistas femininas. Quando sua porta se fechou para a última aluna, se fechou para sempre. Quando a cidade se organizou para a entrega postal, a Srta. Emily foi a única pessoa a não permitir que colocassem uma caixa de correio, ou a placa de metal com o número, em sua porta. Não queria nem ouvir falar nisso.

Cada dia, cada mês, cada ano, víamos o negro, mais velho e com seu cabelo mais branco, sair e entrar com a cesta de compras. Cada mês de dezembro, nós mandávamos a ela um aviso de cobrança de impostos, que voltava do correio sem ter sido aberto. De vez em quando a víamos numa das janelas do andar de baixo - era óbvio que fechara o andar de cima - como o busto esculpido de um ídolo em seu altar, olhando, ou não olhando (nunca pudemos determinar), para nós. Dessa forma, ela passou de geração em geração - querida, inevitável, tranqüila, impermeável e perversa.

E assim morreu. Adoeceu naquela casa cheia de pó e de sombras, com apenas o negro velho e trêmulo para cuidar dela. Nem mesmo soubemos que estava doente, há muito tempo desistíamos de conseguir qualquer informação do negro. Ele não falava com ninguém, é provável que não falasse nem mesmo com ela, pois sua voz se tornara áspera e enferrujada, como se por falta de uso.

Morreu num dos quartos de baixo, numa pesada cama de nogueira com dossel cortinado; a cabeça encostada num travesseiro amarelo e mofado pelo tempo e pela falta de sol.

O negro recebeu as primeiras senhoras na porta da frente. Ele as deixou entrar, com suas vozes murmuradas e sibilantes, seus olhares rápidos e curiosos, e depois desapareceu. Atravessou a casa, saiu pela porta dos fundos, e nunca mais foi visto.

As duas primas vieram imediatamente. Fizeram o funeral no segundo dia, com toda a cidade comparecendo para ver a Srta. Emily coberta por uma massa de flores, com o rosto de seu pai no retrato em creiom olhando desconsolado para o caixão e para as senhoras sibilantes e macabras; e com os já muito velhos - alguns em seus uniformes confederados - no alpendre e no jardim, falando da Srta. Emily como se fosse contemporânea deles, acreditando que haviam dançado com ela ou talvez a cortejado, confundindo o tempo e sua progressão geométrica como fazem os velhos, para quem o passado não é uma estrada que se estreita, mas sim uma vasta campina nunca realmente tocada por nenhum inverno, separada do agora pelo estreito gargalo das últimas décadas.

Já sabíamos então que havia um quarto no andar de cima, trancado há mais de quarenta anos, que teria de ser arrombado. Esperaram que a Srta. Emily fosse colocada decentemente em sua sepultura antes de abri-lo.

A violência do arrombamento levantou no quarto uma poeira que prevalecera a tudo. Uma névoa fina e ácida que parecia vir de uma tumba se espalhava sobre tudo nesse quarto, arrumado para uma noite de núpcias: sobre as cortinas de um rosa desbotado, sobre o abajur rosa das lâmpadas, sobre a penteadeira, sobre o delicado arranjo dos cristais e sobre o jogo de toailete masculino feito de prata, uma prata tão tomada de azinhavre, que já mal se viam os monogramas. Entre esses objetos, um colar e uma gravata como se houvessem acabado de ser retirados, que levantados deixavam uma marca no pó, como uma lua crescente. Sobre uma cadeira estava o terno, dobrado cuidadosamente, debaixo dele os sapatos e as meias.

O homem estava na cama.

Ficamos um bom tempo olhando aquele sorriso descarnado e profundo. O corpo parecia ter em algum momento permanecido numa posição de abraço, mas agora, o longo sono, que sobrevive ao amor, que vence até mesmo ao sorriso do amor, o enganara e lhe colocara chifres. O que sobrara dele apodrecera dentro do que sobrara de um camisolão de dormir, e se tornara inseparável, se

confundindo com a cama onde estava; e sobre ele e sobre o travesseiro a seu lado se espalhava a coberta paciente e tolerante do pó.

Então notamos que no segundo travesseiro havia a marca de uma cabeça. Um de nós achou alguma coisa ali e, inclinando-nos para frente, com aquela poeira ácida e seca em nossos narizes, vimos o cabelo - um longo fio cinza metálico.

Tradução de Octávio Marcondes

65. A COROA DE LATA

MAHMOUD TEYMOUR (1894 – ? I Egito)

De pouca repercussão fora do seu país, principalmente antes do Prêmio Nobel recentemente dado a Naguid Mahfouz, a literatura egípcia teve nos irmãos Tevmour, Muhammad e Mahmoud, manipulando o árabe dialetal e o árabe clássico, dois dos criadores do moderno romance do seu país. Foram também dramaturgos, o que explica a familiaridade deste conto com o mundo teatral, desenhando ao mesmo tempo uma paródia satírica da sociedade do Cairo. (São poucos os dados disponíveis sobre o autor e sua obra.)

Senhor Procurador-Geral, por que Vossa Excelência insiste tanto em saber do motivo que me teria levado a matar o Sr. Zahir? Eu não o matei e jamais pensei em praticar um ato de tal sorte. Sem dúvida, alguém mentiu a V.Ex.a afirmando semelhante coisa, embora eu ache que não tenho inimigos que desejem me prejudicar de maneira tão daninha. Por que razões formularam tais acusações contra mim, inculpando-me equivocadamente desse delito, quando todos conhecem os sentimentos de amizade que eu nutria pelo Sr. Zahir, diretor do teatro onde representei por mais de vinte anos?

Eu o estimava muito, respeitava-o muitíssimo. Era-lhe reconhecido por todos os favores e delicadezas que sempre teve para comigo. O Sr. Zahir, por outro lado, demonstrava afeto por mim, e sempre que tinha a oportunidade, me elogiava, exaltando a minha capacidade artística. Será que haverá um só ator da companhia disposto a me desmentir? Caso houver, faça que ele seja conduzido até aqui, Excelência. Interrogai-o sem maiores pressas e ele deverá admitir que mentiu, ou que foi levado ao erro.

Por quais motivos haveria eu de assassinar o Sr. Zahir?

Justamente a mim é que V.Ex.a dirige uma pergunta de tal ordem? A um homem que, caminhando pelas ruas, tem todo o cuidado em não esmagar uma formiga, em não pisar num escaravelho? Nada me dá tanto horror como o sangue, mesmo que seja de um bichinho. Detesto as cenas de crime e de combates mesmo no palco, a tal ponto que meus companheiros me apelidaram de Rei-Amante-da-Paz, e sempre me confiaram esse papel. Eu o interpretava maravilhosamente; toda a minha vida profissional demonstra isso: representando, não tinha necessidade de fingir, pois aquele era o personagem que eu encarnava diariamente, na minha existência real. Acredite, Excelência, não fui eu quem assassinou o Sr. Zahir: mas, já que deseja me interrogar sobre esse assunto, vou lhe

contar alguns fatos relativos ao meu passado e às relações que tive, seja com o Sr. Zahir, seja com a companhia que ele dirigia. Estou convencido que será do seu interesse.

Ao longo de vinte anos representei o papel de Rei-Amante-da-Paz. Ao longo de vinte anos vivi em suntuosos palácios, por entre colunas de ouro, sentando-me em esplêndidos tronos; trazia à cabeça uma coroa de pedras preciosas, vestia riquíssimas vestes cuja cauda era segurada por jovens escravos. Durante vinte anos, participei de suntuosos banquetes, saboreei pratos de imenso requinte e bebi em taças esplêndidas, enquanto meus súditos se debatiam para apanhar o ouro que eu lhes atirava a mancheias.

Suplico, V.Ex!, que não venha a me dizer que aqueles palácios, aqueles ouros, aqueles ornamentos, eram apenas papelão e lata pintada de ouro! Não, pode ter certeza; eram palácios de verdade e nenhum monarca ou sultão teve mais razões para exultar nas suas magníficas pousadas do que eu exultava nas minhas. Os sentimentos do homem, por ventura, não são revelados e provados precisamente pelo prazer que ele aufere de semelhantes alegrias e de sua capacidade de desfrutá-las plenamente? Suponhamos por um momento, Excelência, que, depois de haver presenteado com dez toneladas de ouro puro, um tirano desconhecido lhe enviasse ao deserto para lá viver, numa região onde a civilização fosse

desconhecida e não habitada por nenhum ser humano. Para que lhe serviria, num caso assim, essa enorme quantidade de metal precioso, esse tesouro pelo qual nações inteiras, e não apenas indivíduos isolados, estariam dispostas a desencadear uma luta impiedosa? Que prazer vos adviria de tão cobiçada posse? O papelão e a lata dos meus fictícios palácios me eram bem mais úteis: proporcionavam-me maiores prazeres do que as toneladas de ouro puro e verdadeiro do deserto. Graças a eles, sentia a importância da realeza, a pompa da soberania! Sinceramente, aceite, Excelência, minhas razões. Juro que, quando me levantava de meus suntuosos banquetes, estava saciado como poderia estar qualquer homem que tivesse enchido o estômago destas iguarias de um esplêndido fes-tim. Conservo ainda nas narinas o perfume das carnes opíparas que então comia, e o meu paladar continua impregnado do sabor do raro vinho que me era servido em taças incrustadas de gemas. Neste momento, posso até saborear de novo a felicidade que me enchia o coração quando perdoava um criminoso arrastado diante de mim pelo carrasco, para que lhe decretasse o castigo. Na verdade, Excelência, a lembrança daquele infeliz que fixava seus olhos súplices em mim e me agradecia por ter sentido piedade por ele faz ainda que meu coração bata mais rápido e meus olhos se encham de lágrimas.

Que me perdoe, Excelência, este pranto, mas eu lhe suplico, pelo amor de Deus, não riei de mim.

Na verdade, Excelência, eu gozei de todo o luxo, a comodidade e a beleza que tornam agradável a vida dos soberanos. Poderei por acaso esquecer aquelas longas filas de nobres e de militares que, desfilando à minha frente, dobravam o joelho no chão, com a mais humilde dignidade? Poderei esquecer as deliciosas festas que me eram oferecidas, com belas bailarinas, cantoras de voz melodiosa, as jovens virgens que acionavam o ritmo dos pandeiros? Aquelas festas onde cada homem podia livrar-se das vestimentas para envergar os hábitos do Monarca Louco? Não esquecerei jamais as radiosas donzelas que me circundavam, jogando-me olhares sedutores; quando uma delas conseguia fazer jus a um dos meus

fugitivos sorrisos, considerava-o na medida de um tesouro sem preço.

Por vinte anos, Excelência, vivi como um grande monarca, com súditos, soldados, príncipes, servos e um número infinito de escravos. Por vinte anos, saboreei as sensações do poder; uma simples palavra de meus lábios tornava-se lei, um só olhar de meus olhos era uma ordem sagrada. Passei os meus dias nessa atmosfera, sem um lar onde me refugiasse depois do espetáculo. O palco era meu único asilo; como não me agradasse sentar-me no café para deixar o tempo passar em frívolas fofocas com meus colegas, gastava todas as minhas horas livres no teatro, naquele ambiente estranho, entre personagens interessantes e faustosos palácios. À minha volta, havia sempre bastidores, trajes e praticáveis.

Assim se encaminharam as coisas, até o dia em que o Sr. Zahir, chamando-me ao seu escritório, acolheu-me com um belo sorriso, ofereceu-me um cigarro e me o acendeu. Depois começou a falar em termos elogiosos da minha arte:

- Com certeza você sabe - disse - quanto é grande o afeto que lhe consagro e a estima em que o tenho, senhor Mahfouz. Mas quero dar-lhe uma prova concreta disso.

- Senhor - respondi em tom alegre -, não posso desejar melhor recompensa do que a declaração que me acaba de fazer.

- A vida de um ator é fatigante - prosseguiu ele. - Há mais de vinte anos que você trabalha na minha companhia, partilhando de incertezas e vicissitudes de toda a sorte. Você nos deu os melhores anos de sua vida, mas agora é a hora de descansar. Não lhe pedimos mais para representar e, no entanto, como no passado, continuaremos a lhe pagar salário.

Fiquei pálido.

- O senhor quer que eu. .. me retire do palco?

- Sim, mas conservando o salário integral.

Abaixei a cabeça, sem lhe dar resposta. Tinha aqui dentro de mim todo o tipo de pensamento e não sabia de que lado começar ou acabar; entre um confuso sobrepor-se de cenas dramáticas, me via rodeado de uma multidão de amigos, de príncipes, de ministros, da corte habitual de militares e escravos. Tinham vindo para me dizer adeus, ao saberem que eu ia deixá-los. Ouvia os alaridos das trompas anunciarem minha partida com tristes notas amargas e, enquanto descia a escada de mármore do palácio real, via os súditos mais fiéis se apertarem à minha volta para espargir copiosas lágrimas sobre o farrapo do meu manto...

Depois chegou até mim a voz do Sr. Zahir. Pusera a mão sobre meu ombro e me sacudia com força.

- Que aconteceu? - perguntou. - Você está se sentindo mal? Acorde, meu caro Mahfouz!

Fixei-o com os olhos brilhantes de lágrimas.

- Que coisa mais inconcebível! - disse ele. - Não ficou satisfeito?

- Senhor. .. senhor. .. - consegui responder. - Não quero receber o salário integral. Não quero nada. .. Mas me deixe continuar trabalhando no seu teatro. .. Não me aposente, por favor!

- O que você está dizendo? Eu não estou te aposentando, ao contrário, quero lhe dar uma prova da estima que lhe dedico. Reflita comigo: talvez você esteja cansado; vá

descansar e depois examine a proposta e volte a me procurar de modo que possamos falar sobre ela com mais calma.

O pedido que fiz ao Sr. Zahir não foi levado em consideração: pelo contrário, me pareceu que todos criticavam a minha atitude e admiravam a ele pela generosidade com que me havia tratado. Realmente, seria difícil encontrar uma pessoa mais magnânima do que ele. Conseqüentemente, me convenci de que eu estava errado e, abandonando o trabalho, decidi me retirar e fui viver num bairro da periferia. Aluguei um quarto com a intenção de me afastar para sempre e por completo do teatro, de modo a não ver mais coisa alguma que pudesse reavivar a minha dor, o meu sofrimento. Meus esforços de aceitar o julgamento do destino, sem acrimônia ou

azedume, com a mesma resignação filosófica que representara tantas vezes no palco, quando o meu papel me havia constrangido a suportar os fatos diante dos quais até um rei devia inclinar-se em silêncio. Tentei me ligar por amizade a alguns vizinhos do prédio, pensando que poderiam aliviar um pouco a minha dor e que ao lado deles a minha alma se sentiria consolada e propensa ao esquecimento.

Os primeiros três meses na nova moradia, Excelência, foram serenos. Sentia-me bem com os amigos e à noite procurava o café para passar as horas em agradáveis conversas. Quando me interrogavam a respeito do passado, eu contava algum episódio interessante da vida que levara à luz da ribalta, vestindo trajes imperiais. E de que outra coisa poderia eu falar? De repente, depois do primeiro gole, apenas sentado à mesinha do café, me sentia novamente possuído pela personalidade do "Monarca". Revia a imponente sala dos banquetes, com suas altas colunas, mesas cobertas de preciosos pratos, as taças incrustadas de gemas, as delicadas iguarias; revia as multidões apertadas contra mim, os postulantes que se ajoelhavam para formular suas súplicas, os súditos que abriam alas para eu passar e me aplaudiam. Depois, ouvia as claras vozes de "Hosana", a música arrebatadora, o rufar dos tambores, o chocar das espadas.

Assim passava eu as horas em companhia dos meus novos amigos. Em seguida, voltando para casa, eu me deixava vencer pelo sono, e uma vez mais vivia em magníficos palácios, em pleno fausto do meu régio poder.

Sim, Excelência, nada tenho contra o fato de admitir que atravessei aqueles meses em paz e serenidade. Certa noite, no entanto, enquanto eu estava sozinho no café, me caiu sob os olhos uma filipeta do teatro. Por uns tempos segurei-a entre as mãos, brincando com ela distraidamente, sem intenção de lê-la. Estava admirado que uma publicidade daquele tipo, tendo chegado até o subúrbio, caísse justamente nas minhas mãos. Seria aquilo uma simples coincidência? Ou quem sabe uma brincadeira do predisposto Destino? O coração me batia forte quando, finalmente,

abrindo o papelucho em cima da mesinha, me inclinei para observá-lo. Naquela noite, justamente aquela noite, o grupo dirigido pelo Sr. Zahir levaria "O Rei dos Reis", a minha peça, aquela que me havia dado glória e renome - e o Sr. Zahir em pessoa iria encarnar o personagem.

Saindo rapidamente do café, me percebi correndo loucamente pela rua. As pessoas se viravam para ver, estupefatas, perguntando-se que loucura havia me dado: mas continuei a correr sem prestar maior atenção aos transeuntes. Chegando ao teatro num estado de completo esgotamento, atirei-me no chão num canto escuro, junto à porta de saída dos fundos. Só quando consegui me recuperar um pouco, me levantei e deslizei rápido pela porta sem ser visto por ninguém.

Provavelmente, Excelência, vós não conheceis o espírito que impera nos teatros; não tendo jamais subido num palco, ignorais aquela atmosfera palpitante de pura comoção. Não podeis, portanto, ter sequer uma idéia dos sentimentos que me animavam, enquanto, depois de longa ausência, eu girava por entre as caixas de cenários e mobílias dispersas por toda a parte.

Como em sonho, assim que encontrei a porta do camarim que fora meu, procurei no armário o cetro, a coroa, as vestes do "Rei dos Reis". Vestida a roupa, comecei a me caracterizar, e só quando terminei a função, ergui os olhos para o espelho.

Que o céu me proteja! Eis-me de novo o "Rei dos Reis", como se tivesse ressurgido da morte para voltar ao mundo depois de uma interminável ausência. Não me lembrava sequer que sobre esta terra existia um homem chamado "Hahfouz". Por que motivo deveria eu saber de sua existência? Aquele personagem satisfeito com sua esquálida vida não podia contar nada, era um ser insignificante, um pobre freqüentador dos cafés de bairro que nada tinha em comum comigo.

Com um passo lento e solene, depois de colocar no rosto a barba do rei, saí do camarim. Todos me aguardavam: na frente, os portadores de tochas, atrás deles, os portadores de estandartes.

Enquanto soavam as trompas a sua altissonante saudação, os soldados levantavam as lanças para me prestar homenagens; ao entrar na grande sala, olhei-a com os olhos de sempre: ela com suas paredes cobertas de afrescos, belas colunas de ouro e, ao centro, o trono encimado por um balanquim de veludo vermelho. Ao redor, tudo eram príncipes e ministros agrupados. Finalmente, eu estava de volta ao meu reino, tinha reconquistado a minha soberania.

Devagar e majestosamente, aproximei-me do trono, saudando com um furtivo sorriso os fiéis servidores que me rodeavam. Mas naquele momento me surgiu pela frente uma estranha figura: um personagem desconhecido, vestido de "Rei dos Reis". Apesar de cheio de indignação, pedi-lhe que se afastasse e que abdicasse, pois era ele um usurpador. Ele me respondeu com uma arrogância difícil de agüentar. Em vão tentei dominar a raiva que me invadia, nem mesmo o mais paciente dos homens pode suportar o desdém quando a ofensa alcança e supera todos os nossos limites.

Levantei então o cetro numa atitude de ameaça e defesa; depois tudo escureceu à minha volta e perdi a consciência ... Foi aí que acabaram me trazendo diante de vós.

Eis, pois, Excelência, a minha história. Contei-vos tudo. Agora digame: estais ou não persuadido de que eu tenha alguma culpa da morte do Sr. Zahir?

Tradução de Afonso Schmidt

66. A FILHA DO BARBA-AZUL

LOUIS COUPERUS (1863 -1923 | Holanda)

E a história continua. Cerca de dois séculos depois do conto "infantil" de Perrault (vide no começo desta antologia), o holandês Couperus resolveu contar a história de uma suposta filha de Barba-Azul. Natural de Hague, e com a infância passada na Ilha de Java, este autor de projeção talvez apenas nacional - com romances como Fate, Metamorfose e The Book of Small Souls - foi também um bom contista, como prova esta história de Fatma, a filha do serial-killer dos contos para... crianças.

O seu nome era Fatma e ela vivia numa das suas mansões perto de Bagdá. Ela era a filha do Barba-Azul, do primeiro casamento, e era uma mulher de beleza maravilhosa; ao redor de seu rosto branco enluarado ondulava o cabelo azul, caindo como um manto sobre os seus ombros frágeis. ..

Não é sabido, em geral, que o Barba-Azul tinha uma filha. A maioria das pessoas acredita que ele foi assassinado, sem filhos, pelos irmãos da última mulher, que teriam herdado toda a sua fortuna. Se as pessoas tivessem, como eu, perpassado os arquivos secretos da história, teriam descoberto, sem grandes dificuldades, que o Barba-Azul morreu, o crânio fendido em dois, nos braços da filha, e deixando-lhe todos os seus bens.

A jovem órfã, a encantadora Fatma, amara muito ao pai, assim como ele fora muito afeiçoado a ela, ainda que ela nunca tivesse conseguido aceitar a maneira pela qual ele se livrava de suas muitas esposas desobedientes. Achava que o método não era gentil, não era nobre, e ainda psicologicamente monótono. Ela compreendia perfeitamente que cada nova madrasta não podia mais do que ceder à tentação da curiosidade. Não perdoava a

conduta do pai, e a encarava como um ato indesculpável de sadismo.

A Fatma cacheada de azul permaneceu uma solitária jovem órfã, em meio a sua incalculável riqueza e a todos os seus criados e escravos, que a cercavam qual uma corte real. As famílias de destaque de Bagdá, na corte do califa, falavam freqüentemente sobre a menina de cabelo azul, rica, jovem, que, apesar de seus incontáveis tesouros, ninguém a queria como noiva de um filho ou sobrinho. Seus cachos muito lembravam casos de horror. Permanecia então sozinha a bela Fatma, nos seus terraços de ônix, que submergiam dentre pomares de tamareiras e jardins de rosas, até lagos de cristal ... E ela vagava sozinha entre as colunas de ônix das arcadas, em retorno ao seu palácio de verão, que, pavimentado de lajes de prata e ouro, era também encimado por telhas de ouro e prata.

Até que ela não agüentou mais a solidão, e tomou-se de um amor puro pelo capataz do seu jardineiro. Era um rapaz muito bonito, vindo do interior, e a rusticidade de seu trabalho lhe dava, aos olhos de Fatma, um tanto cansada de excesso de refinamento, um charme irresistível. Tanto que ela o esposou, sem se preocupar com o que falariam dela na corte do califa, ou nos distintos círculos de Bagdá.

Fatma parecia muito feliz. Mostrava-se com o marido com toda a magnificência e elegante esplendor na cidade e no campo, nas gôndolas atapetadas nos lagos, em liteiras acolchoadas nas ruas, com um séquito de escravos nos bazares e até nas festividades da corte, nas quais a sua riqueza e posição permitiam-lhe acesso. Ela e seu amado Emin formavam um casal magicamente belo; ele, forte e jovem, na glória da sua nova riqueza -o tipo emergente ainda não existia naqueles dias -, ela, irradiante de amor e do brilho de jóias de inestimável valor, que cintilavam no seu turbante de gaze e nas bordas do seu manto, enquanto pérolas maravilhosamente grandes brilhavam nas suas madeixas azuis. E as famílias distintas de Bagdá começaram a sentir pena de não terem se esforçado para ganhar a filha do Barba-Azul para um filho ou sobrinho. ..

De repente, contudo, espalhou-se a notícia de que Emin havia morrido. .. Logo no dia anterior, todos os habitantes de Bagdá o haviam visto na mesquita, e olhem, agora ouviam. . . que ele tinha morrido! Um arrepio atravessou a cidade, mas o grão-vizir e o lorde-chefe de Justiça não viram razão para tomar pé da questão, uma vez que o boato bastante plausível que corria era que Emin teria, naquele dia muito quente, comido melancia demais, e havia morrido depois de violenta cólica.

Mas o povo de Bagdá espantou-se quando, três meses após, soube que a jovem viúva de cabelo azulado estava novamente para casar, dessa vez com o tenente de sua própria guarda de segurança. Dentre tantos serviçais e atendentes, parecia que Fatma tinha uma escolha muito mais ampla a considerar que os filhos e sobrinhos das distintas famílias de Bagdá. O casamento ocorreu com fantástico esplendor, e o novo marido de Fatma encheu-se de glória, assim como ocorrera com Emin, agora que se via tão repentinamente elevado de uma posição humilde para ser o marido daquela mulher transcendentalmente linda e rica.

O jovem tenente, porém - Fatma o havia feito general da sua guarda -, morreu subitamente, como foi divulgado, de uma queda de cavalo. Foi uma notícia meio vaga, além do que ninguém vira o jovem tenente-general da guarda de Fatma nem no seu cavalo, nem caindo dele, nem ninguém o havia visto no dia da sua morte, e uma violenta comoção espalhou-se pelas famílias de Bagdá e na corte do califa, porque muito bem era lembrado que Fatma tinha os cabelos azuis, assim como seu pai um dia tivera a barba azul.

A pesarosa viúva Fatma, nos seus negros véus de luto, resplandecente em diamantes negros, parecia uma Rainha da Noite, especialmente quando seus cabelos eram vislumbrados através dos véus de luto com uns tons tão sugestivamente noturnos que poderia, sem qualquer disfarce, aparecer na Flauta Mágica, de Mozart.

Contudo, ela não cantou a pesada e difícil coloratura, preferindo assumir um novo marido; desta vez, simplesmente um dos carregadores do seu palanquim. Que o jovem Ali era um sujeito

magnífico, que sabia, como terceiro marido, mostrar-se no samaar ada-mascado como um jovem sultão, não poderia ser negado, porém, o que foi questionado pelas ilustres famílias de Bagdá na corte do califa foi se, após três meses de vida de casado, teria ele morrido de morte natural. O quê! Um sujeito tão forte, de boa saúde como o marido carregador de palanquim de Fatma, morrer de malária - era o que se dizia - e ser enterrado assim, tão reservadamente! Cabeças balançavam umas às outras, olhos abertos de horror, bocas se retorciam em suposições secretas, e o grão-vizir consultou-se com o lorde-chefe de Justiça se não deveriam intervir no caso de Fatma; caso em que um marido após o outro morrera e desaparecera depois de três meses de matrimônio.

Contudo, consultaram-se tão longamente que Fatma casou-se uma quarta, uma quinta e sexta vez. A quarta vez foi com um mercador persa, de Teerã, para quem uma longa vida havia sido vislumbrada das linhas da mão; a quinta vez, um dosseus gondoleiros; a sexta vez, um humilde escravo que trabalhava na mina de esmeraldas de Fatma. A cada vez, após três meses, morria o desgraçado marido, e a pesarosa viúva percorria Bagdá como a Rainha da Noite.

Então o cálice pareceu transbordar. O grão-vizir e o lorde-chefe de Justiça rumaram para a casa-de-prazeres de Fatma, mas parece que ela se retirara para outra residência. Pois ela tinha muitas: a de terraços de ônix, a com o salão de baile de madrepérola, a com torres douradas, para não falar daquela com o banheiro de ágata, a com a fonte de mercúrio, e aquela com as bibliotecas secretas, cheias de conhecimentos ocultos. .. De forma que o grão-vizir e o lorde-chefe de Justiça, depois de se arrastarem de uma casa-de-prazer a outra, sem melhor sorte, finalmente encontraram Fatma em casa, na casa-de-prazer do conhecimento ...

Ela os recebeu ligeiramente aborrecida. Não estava como a Rainha da Noite; a viúva de cabeleira azulada de seis maridos, linda, mais parecia uma Ave do Paraíso, nos seus brancos véus transparentes, mas, no caso, uma ave ligeiramente aborrecida.

- O que desejam? - perguntou com altivez.

- Saber a causa da morte dos seus seis maridos.

- Vão começar suas investigações - perguntou Fatma - pelo meu sexto marido?

- Ascenderemos ao seu primeiro! - ameaçaram os dignitários.

- Por que não chegar ao meu último? - disse Fatma - e eu tenho apenas isso a dizer aos senhores - que eu não tenho muito a dizer. Meu sexto marido morreu. .. de febre terçã...

Os dignitários já estavam para replicar zangadamente, mas nesse momento apareceu de repente o próprio homem das minas de esmeraldas, o sexto marido de Fatma. Parecia saudável, forte e cordial, e carregava alguns papéis debaixo do braço.

- O que é isto? - exclamaram os nobres cavalheiros. Fatma encolheu os frágeis ombros.

- Significa apenas - condescendeu explicar - que o querido menino não está morto. Ele é apenas um tanto ignorante e, assim, para melhorar seus poderes de linguagem, eu o trouxe a esta Biblioteca Secreta, onde ele pode ler à vontade. . .

- Mas - os olhos do grão-vizir repentinamente se abriram - e os seus outros cinco maridos, então, ó Fatma barba-azulada, digo, cabeleira-azulada?

- Estão vivos - admitiu ela - assim como o meu marido-mineiro. Porém, eu enclausurei o meu marido-gondoleiro na casa-de-prazer das fontes de mercúrio para ensiná-lo a ser um tanto mais rápido na sua ocupação de marido-gondoleiro, pois ele freqüentemente era muito lerdo ao remar o barco matrimonial no lago do amor; e mercúrio, administrado em pequenas doses, faz o sangue fluir nas veias; o meu mercador persa ainda prolonga a sua vida, que será muito longa, na minha vil/a com o banheiro de ágata, porque às vezes ele cheira desagradavelmente como os seus camelos; o meu esposo-palanquim, eu o tranquei na minha torre dourada, porque o patife flertava com as mulheres, e eu queria mantê-lo só para mim. Há ainda o meu tenente-general; com ele, senhores, valso todas as noites no meu salão de baile de madrepérola; ele dança gloriosamente e não seria certo que tão íntimo prazer fosse

consumado na frente de todo mundo; de forma que o meu querido aguarda quietamente no salão de baile madrepérola, até que eu o destranque. . . E, para falar a verdade, meu primeiro menino é o meu mais querido; os senhores sabem, o jardineiro, e, honestamente, ele também ainda está vivo, e mora perto dos terraços de ônix, de modo que eu possa facilmente alcançá-lo, sempre que sinto sua falta. Os senhores parecem surpresos, cavalheiros, mas assim é. Sabem, eu sou filha do Barba-Azul e puxei a ele, na alma e nas tranças. Ele sentia desejo por muitas esposas, eu sinto desejo por muitos maridos. Mas ele matava as esposas, sob o pretexto de que o desobedeciam. Eu nunca matei meus maridos. Eu preferi trancá-los, para civilizá-los e ter poder sobre eles. Se sou histérica, tenho também muito de feminista; e sou uma mulher sob todos os aspectos. Que mais querem saber?

E a orgulhosa Fatma manteve-se altivamente ante os dois dignitários do Califa. Porém estes, inesperadamente, chamaram seus servos e ordenaram:

- Prendam esta mulher ruim e levem-na ante o Conselho dos Mais Elevados.

E assim aconteceu. Fatma, a filha do Barba-Azul, foi arrastada por todas as ruas e por todas as praças de Bagdá até o conselho do Califa, que a condenou a colocar sua cabeça cacheada de azul na guilhotina.

É estranho - pensou Fatma, quando foi entregue às mãos dos carrascos -, meu pai assassinou suas esposas e foi muito censurado por isso. Eu mesma opus-me à sua conduta ... Eu, sua filha, nunca assassinei meus maridos: cuidei deles amorosamente, alimentei-os, civilizei-os, desenvolvi seus talentos, verdade seja dita que de uma maneira meio segregada, em meio a jardins de ônix, torres douradas, salões de baile de madrepérola e tudo o mais, e essa concepção de casamento, por mais que bem elaborada, também enfrenta desa provação.

É estranho - continuaram seus pensamentos - mas eu acredito, eu tenho quase certeza, que não é possível satisfazer a opinião

pública em questões de amor e casamento. .. quando se tem cabelos azuis ou barba azul ...

E um tanto entristecida por esta irrefutável constatação filosófica, ela abaixou a cabeça cacheada de azul para a guilhotina

...

Tentou resolver o problema no último segundo.

Mas falhou, pois suas últimas idéias fluíram, numa corrente púrpura, pela fenda do seu pescoço.

E a cabeça de cabeleira azul da filha do Barba-Azul ficou em sangue, no chão do salão de justiça.

Após o que, os seis maridos herdaram sua fortuna.

Tradução de Fani Baratz

67. A DANÇA

F. SCOTT FITZGERALD (1896 -1940 | Estados Unidos)

Não são poucos os volumes de contos de publicação póstuma do autor de O Grande Gatsby. Por alguma estranha razão (um mistério adicional à nossa antologia), este A Dança, escrito em 1926, ficaria perdido para sempre nas páginas envelhecidas de alguma revista. Graças a Peter Haining, que foi "pinchá-lo" em suas pesquisas e lançou-o na antologia The Lucifer Society (1972), é que foi possível sua tradução e inclusão neste livro. Basta lê-lo para ver a grata surpresa que ele é, com plot e personagens típicos do autor, adicionando-se a isso um...crime com uma boa articulação de... mistério.

A minha vida inteira sempre tive um estranho pavor das cidades pequenas: não os subúrbios, que são completamente diferentes, mas pequenas cidades perdidas em New Hampshire, na Geórgia, Kansas ou no estado de Nova York. Nasci na cidade de Nova York e mesmo no meu tempo de menina não me assustava com as ruas cheias de estrangeiros. A única vez que me senti acuada, com a estranha sensação de que existia uma vida submersa, um feixe de implicações, significados e terrores secretos depositados praticamente na superfície da terra, foi quando estive numa dessas cidadezinhas do interior. Nas metrópoles tudo o que é positivo ou negativo acaba vindo à tona, aflorando ou sendo dito pelas pessoas; a vida sempre está em movimento ou em extinção. Nas cidades pequenas, destas que possuem entre 5 mil ou 25 mil habitantes, os velhos ódios, os casos antigos ou esquecidos, os escândalos das tragédias fantasmagóricas parecem não morrer, e continuam, portanto, embaralhados num fluxo e refluxo da cotidiana vida.

Em nenhum outro lugar esta sensação se tornou tão insistente para mim do que no sul dos Estados Unidos. Assim que eu cruzo

Atlanta ou Birmingham ou New Orleans, geralmente tenho a sensação de que não posso mais me comunicar com as pessoas. Homens e mulheres falam um dialeto em que o cavalheirismo e a cortesia vêm ligados à violência, ao fanatismo moral e à embriaguez, numa forma coesa que não consigo entender. No seu livro *Huckleberry Finn*, Mark Twain descreveu algumas destas cidades debruçadas sobre o Mississípi, cheias de antigas rivalidades, exacerbados sentimentos religiosos, e a verdade é que, a despeito do rádio e do progresso, permanecem iguais na sua essência. São profundamente anticivilizadas até hoje.

Refiro-me ao Sul, pois foi numa pequena cidade deste tipo, ao sudeste dos Estados Unidos, onde eu senti a superfície se rachar durante um instante e vi, então, o aparecimento de uma coisa monstruosa e selvagem que deveria estar enterrada há anos. Logo em seguida, a superfície fechou-se novamente, e das outras vezes que lá voltei, fiquei surpresa ao encontrar o mesmo charme das magnólias floridas, dos negros cantando nas ruas e das sensuais noites de verão. Fiquei encantada com a generosa hospitalidade, a vida prazerosa ao ar livre e a quase universal boa educação da população. No entanto, volta e meia sou vítima de um pesadelo que lembra a experiência que há cinco anos eu vivi nesta cidadezinha.

Davis (nome suposto) tem uma população de 20 mil habitantes, um terço dela de negros. É uma cidade algodoeira, e os trabalhadores deste setor, centenas de "brancos" ignorantes e enfraquecidos, vivem em cortiços misturados com os pretos num bairro conhecido como "Buraco do Algodão". A população de Davis vem mudando nos últimos setenta e cinco anos. Houve tempo em que ela foi considerada como provável capital do Estado, e uma pequena casta com seus parentes próximos formaram uma aristocracia local, o que significava que as pessoas não tinham dinheiro "mas eram de ótima família".

No inverno de 1921, eu estava cansada da agitação festeira de Nova York e, assim que chegou abril, resolvi não aceitar mais convites para coisa alguma. Queria ir para a Europa, mas como os

negócios de papai tinham sido afetados por uma crise da Bolsa, fui aconselhada a visitar minha tia Musidore Hale, em Davis.

Sem maiores preocupações a esse respeito, parti para o Sul, e confesso que fiquei surpresa quando vi um velho retrato meu na coluna social do jornal de Davis, ilustrando uma reportagem hilariante a meu respeito. Lá ia eu começar outra série de compromissos sociais, é bem verdade que em menor escala: danças sábado à noite, no clube; alguns jantares informais e dezenas de rapazes bem-apegoados e atenciosos para me fazer companhia. Não tive um minuto de folga, e quando resolvi voltar para casa, depois de três semanas, não foi porque estivesse me sentido entediada, mas sim porque estava interessada num jovem chamado Charley Kincaid, sem saber que ele estava noivo de uma outra moça.

Acabamos nos aproximando porque ele era o único rapaz da cidadezinha que freqüentara uma universidade do Norte, e eu era ainda bastante tola para achar que os Estados Unidos se concentravam em três universidades: Princeton, Yale e Harvard. Ele também gostou de mim, achei eu, mas quando soube que seis meses antes ele tinha noivado com uma moça chamada Marie Bannerman, não tive outra escolha senão ir embora. A cidade era pequena demais para mudarmos de grupo, e embora ninguém ainda comentasse o fato, eu tinha certeza de que nossa aproximação, mais cedo ou mais tarde, iria dar margem a fofocas desagradáveis. Além de tudo, não sou do tipo que gosta de tirar namorado das outras.

Marie Bannerman parecia uma beleza grega. Soubesse ela se vestir, talvez fosse perfeita ; se não usasse tanto ruge, tanto pó no nariz e no queixo, deixando o rosto com uma palidez cadavérica. Os cabelos eram pretos, brilhantes; seus traços, belíssimos, e um probleminha qualquer no olho direito fazia ela manter os olhos semifechados, dando à sua expressão um ar irresistível de faceirice.

Na segunda-feira, eu estava para embarcar de volta; no sábado me ofereceram um jantar no clube, antes do baile. Estavam presentes Joe Gable, filho do antigo governador,

um rapaz meio embriagado, mas bonito e encantador; Catherine Jones, uma garota bonita, dona de um corpo maravilhoso e que, pintada, parecia uma mulher de dezoito, vinte anos; Marie Bannerman; Charley Kincaid; e dois ou três outros rapazes.

Eu adorava escutar as histórias locais, contadas com graça e malícia. Uma das convidadas, só para dar um exemplo, contou como havia passado a tarde com sua família tentando evitar que fossem despejados da casa por não pagarem aluguel. Ela contou a história sem nenhum pudor, como se fosse uma situação incômoda mas ao mesmo tempo engraçada. Eu adorava também o comportamento implícito das pessoas, que presumia que todas as mulheres fossem lindas e atraentes, e que todos os homens, desde o dia em que as conhecessem, estariam apaixonados por elas.

Era uma noite quente de maio, noite silenciosa, céu recheado de estrelas. A densa fragrância noturna penetrava pelo salão onde nos reuníamos, e os únicos sons de fora eram os carros entrando no clube. Naquele momento, detestei ter de ir embora de Davis, como nunca antes sentira em relação a abandonar cidade alguma; senti que desejaria passar o resto da minha vida naquela cidadezinha, passeando e dançando, eternamente envolta pelas noites quentes e românticas.

Mas ao mesmo tempo o horror já pairava sobre a festa, aguardando o momento de se instalar para valer como um convidado indesejável que preferiria aguardar algumas horas para, finalmente, revelar seu rosto horripilante. Algo acontecia por trás das conversas e risadas, algo secreto e obscuro que eu não conseguia ver nem entender.

A orquestra de negros chegou um pouco depois, e os primeiros pares se formaram no salão. Um gigante avermelhado, vestindo botas cheias de lama e com um revólver na cintura, aproximou-se da nossa mesa, conversou um instante e logo subiu para o vestiário. Era Bill Abercrombie, filho do deputado Abercrombie. Alguns rapazes sussurraram algumas perguntas e ele respondeu numa inútil tentativa de falar baixo:

- Sim. .. ele está no pântano; um fazendeiro o viu numa loja da estradai .. gostaria de dar um tiro no cara...

Perguntei ao rapaz do lado o que estava acontecendo.

- É um negócio com um negro, lá pelas bandas de Kisco, a alguns quilômetros daqui. Está escondido no pântano, amanhã o pessoal vai à sua caça.

- O que vão fazer com ele?

- Enforcá-lo, com certeza.

A idéia de um pobre negro escondido num pântano à espera da chegada de seus perseguidores me deixou deprimida. Mas logo já pensava em outra coisa.

Depois do jantar, Charley Kincaid e eu fomos até a varanda. Ele soubera há pouco que eu me preparava para deixar Davis, portanto achei prudente ficar próxima do grupo, respondendo a suas perguntas com palavras e não com meus olhos. Uma coisa dentro de mim se insurgia e relutava em abandoná-lo de uma maneira tão formal. A tentação de acender uma centelha era grande, mais ainda naquele momento em que eu ia partir, queria que ele me beijasse, e meu coração prometia que se ele me beijasse naquele momento eu aceitaria muito satisfeita o fato de não vê-lo nunca mais; como sabia também que isso não era verdade.

As garotas passaram a subir e descer escadas, visitando o vestiário para retocarem a maquilagem; resolvi fazer o mesmo, ainda acompanhada de Charley. Naquela hora, tive vontade de chorar. .. Talvez meus olhos já estivessem embaçados, ou quem sabe eu temesse demonstrar minha emoção em frente dele, o fato é que abri a porta de uma saleta de jogo por engano, e assim acabei ativando o trágico mecanismo daquela noite. Na saleta, a uns três metros de nós, estavam Marie Bannerman, a noiva de Charley, e Joe Gable, abraçados e esquecidos do resto do mundo, absorvidos enfim num intenso beijo.

Fechei a porta rapidamente e, sem olhar para Charley, abri a porta certa e corri para o andar de cima.

Minutos depois, Marie Bannerman apareceu no banheiro. Veio direto falar comigo, sorrindo com seu ar de eterno deboche, e quase sem fôlego.

- Você não vai contar nada a ninguém, não é, meu bem?

- Claro que não - respondi, pensando que importância isso teria, uma vez que Charley já sabia de tudo.

- Quem mais estava com você?

- Só Charley Kincaid.

- Humm! - Marie pareceu um pouco espantada. - Ele nem esperou para falar comigo, meu bem. Quando saímos da saleta, ele já estava longe. Pensei que ele fosse dar uma surra no Joe.

- Quem sabe ele não preferiria dar uma surra em você? - não me contive e falei.

- Pode deixar que isso ele vai fazer, não tenha dúvida! - riu Marie, secamente. - Mas eu sei como acalmá-lo. Só tenho medo quando ele tem um rompante inicial... Nessa hora seu gênio é terrível. - Marie deu um assobio. - Eu sei, porque já aconteceu antes.

Senti vontade de esbofeteá-la. Dei-lhe as costas e afastei-me, sob o pretexto de pedir um alfinete a Katie, a empregada de cor que cuidava do vestiário feminino. Ela estava ocupada com Catherine Jones, cuja bainha da anágua tinha se soltado.

- O que aconteceu? - perguntei.

- Meu vestido de dança - respondeu, com a boca cheia de alfinetes. - Está a ponto de se desmanchar. Também já o usei tanto.

..

- Você vai dançar hoje, aqui?

- Vou tentar.

Tinham me dito que ela queria ser bailarina profissional, que havia estudado em Nova York.

- Posso ajudar? - perguntei.

- Não, obrigado, a não ser que saiba costurar. Katie fica tão aflita com estas dancinhas de sábado à noite que não presta para nada, a não ser catar alfinetes. Mesmo assim, muito obrigada, meu bem.

Como eu não estava querendo descer, sentei-me ao lado de Katie e fiquei ajudando na montagem do vestido, que durou bastante. Fiquei me perguntando se Charley teria ido para casa; se eu ainda o encontraria; se o fato de ele ter visto o que eu vi o libertaria de qualquer compromisso ético. Finalmente, quando resolvi descer, ele não estava mais no clube.

Salão de dança apinhado; as mesas tinham sido retiradas e todos dançavam animadamente. Naquela época, logo após a guerra, todos os rapazes sulistas tinham a mania de dançar jogando os calcanhares para os lados, a rodopiar pelo salão, sempre dentro do ritmo. Levei horas treinando em casa para aprender esse passo; em geral havia vários garotos sem namorada, cheirando a gim feito em casa e prontos para bailar; sistematicamente eu recusava a bebida que eles me ofereciam, mas aceitava todos os convites de dança. Garotas como Catherine Jones, no entanto, continuavam aceitando um trago aqui um trago ali, escondida na parte escura da varanda.

Eu gostava de Catherine Jones; ela parecia ter mais energia do que as outras garotas da cidade, embora tia Musidore torcesse o nariz sempre que ela aparecia em casa de carro para me levar ao cinema ou a uma festa. Os comentários da minha tia eram sempre os mesmos, que "hoje em dia basta ter um pouco de dinheiro para entrar em qualquer lugar". A família dela tinha enriquecido há pouco tempo, mas o fato de ter sido considerada emergente dava a Catherine uma vantagem em relação às outras. Exemplo típico era o fato de todas elas quererem ir para Nova York para estudar ou trabalhar, mas a única que tinha realmente ido, e estudado dança, era Catherine. Fosse um número clássico, fosse alguma dança popular, ela sempre era convidada para dançar nas festas de sábado à noite. Certa vez chegou a escandalizar a direção do clube, fazendo uma exibição de shimmy, mas foi perdoada porque todos concordaram que ela estava tão bêbada "que não sabia o que

estava fazendo". Eu admirava seu espírito combativo e estava curiosa para ver o que ela iria dançar para nós naquela noite.

À meia-noite em ponto a orquestra parava, pois era proibido dançar no domingo; portanto, às onze e meia um fraseado fantasioso de pistons e baterias anunciaram a próxima atração. Todos foram para o salão, vindos da varanda, dos jardins ou das salas de jogo. Uns trouxeram cadeiras, outros ficaram de pé, procurando o melhor lugar perto do estrado improvisado para a ocasião. A orquestra tomou posição num plano mais baixo e assim que as luzes iluminaram o palco, ouviram todos uma música estranha acompanhada pelo som monótono de um atabaque. Logo em seguida, Catherine Jones surgiu no palco, de vestido curto e com um enorme chapéu de sol amarelo; a dança consistia em rodar os olhos e rebolar, imitando a malemolência dos negros. Eu nunca tinha visto nada igual (aliás, só fui ver uns cinco anos depois); era uma espécie de charleston ritmado por "hei! hei" e pelas batidas dobradas da bateria, enquanto ela jogava os braços para o alto e as pernas para o lado. Vai-se saber onde tinha ela aprendido aquela dança.

Aqueles que conheciam os ritmos africanos aplaudiam freneticamente, e marcavam o ritmo com os pés. A empolgação tomou conta do salão, e a bailarina, incansável, marcava o som com sapateado, e a orquestra aumentava o ritmo cada vez mais, os garçons se entreolhavam a sorrir e a música parecia invadir os jardins levando aquele som através da noite quente até os pântanos. Não sei em que momento uma certa tensão começou a tomar conta de mim. A dança não durou mais de dez minutos, mas quando terminou, eu ainda estava no mesmo lugar, rígida e ansiosa, procurando naqueles rostos estranhos uma segurança que não sabia como havia perdido.

Não sou uma mulher nervosa, muito menos de ficar em pânico, mas naquele momento senti que se a música não parasse eu ia ter um ataque histérico. Alguma coisa estava acontecendo comigo, tinha certeza disso, como sabia que algo estava acontecendo no ar,

querendo nos pegar, quase nos pegando. Quando uma mão, sem querer, passou raspando pelas minhas costas, quase gritei.

A música finalmente cessou. Aplausos, gritos de bis, recusado por Catherine, agradecendo ao chefe da orquestra e à platéia. Os pedidos continuavam mas ela sacudia a cabeça, fingindo-se zangada. Naquele momento, um fato estranho aconteceu. Atendendo ao público, a orquestra tocou novamente a mesma melodia, como se quisesse tentar Catherine a repetir o número.

- Não ouviram eu dizer que não? - falou ela, zangada, dando um tapa na cara do maestro. A música parou, seguiu-se um murmúrio geral de espanto, que foi interrompido pelo som inconfundível de um tiro.

Todos se levantaram pois o som indicava que o tiro fora dado a pouca distância. Uma senhora deu um grito e uma engraçadinha qualquer gritou:

- Vai ver o Horácio voltou para o galinheiro! - desarmando o pânico com uma gargalhada geral. O diretor do clube, com alguns curiosos atrás, deu uma volta pelo jardim, mas outros pares já se ocupavam em dançar a Valsa da despedida, se preparando para voltar para casa.

Suspirei aliviada, louca para ir embora. Enquanto um dos meus acompanhantes foi buscar o carro, pedi ao garçom que apanhasse meus tacos de golfe lá no vestiário. Fiquei esperando na varanda, me perguntando se de fato Charley Kincaid tinha ido para casa.

De repente, notei uma estranha agitação pelo clube. Algumas garotas gritavam: "Oh, meu Deus!" por todos os lados, e o som surdo de passos subindo e descendo as escadas, saindo e entrando pelas portas. Uma garota surgiu não sei de onde e desmaiou na minha frente; quase em seguida uma outra também desmaiava, enquanto eu ouvia um homem berrar ao telefone. Um rapaz pálido e descabelado apareceu na varanda e segurou no meu braço.

- O que aconteceu? - gritei. - Um incêndio? O que aconteceu?

- Marie Bannerman está morta lá em cima no vestiário. Levou um tiro na garganta. O resto da noite foi uma série de visões que

não pareciam ter relações entre si, mas que se sucediam como cenas de um filme mal montado. Um grupo discutia, ora em voz baixa, ora excitado, falando das providências que precisavam ser tomadas em relação a todos os garçons negros, "até ao velho Moses", oscilando a pena entre a prisão perpétua e a forca. Que um "crioulo" tivesse assassinado Marie Bannerman era uma verdade tida por eles como indiscutível, e quem dissesse o contrário seria considerado suspeito. A maior suspeita era Katie Goldstein, a servente negra que tinha descoberto o corpo e em seguida desmaiado. Achavam também que talvez fosse "aquele crioulo que anda fugido lá por Kisco". Enfim, qualquer preto que estivesse à mão.

Em meia hora, todos começaram a se retirar, cada qual dando sua contribuição criminológica sobre o acontecido. O crime deu-se com o revólver do xerife Abercrombie, que pendurara a cartucheira e a arma no vestiário, depois de trocar de roupa à vista de todos, antes de descer para o baile. A arma havia desaparecido - aliás alguns voluntários procuravam por ela. O veredicto do médico foi "morte instantânea", pois a bala fora acionada a pouca distância da vítima.

Minutos mais tarde, um garoto subiu na plataforma e anunciou num tom grave que Charley Kincaid acabara de ser preso.

- Prenderam Charley Kincaid!
- Charley Kincaid!
- Que absurdo, logo um rapaz branquinho como ele!
- É a maior loucura que eu ouvi na vida!

Outro jovem concordou, abalado como todo mundo com aquela notícia.

- Ele não estava aqui embaixo quando Catherine Jones dançava no palco, aliás, ele disse que estava no vestiário masculino. Marie Bannerman havia comentado que eles tinham brigado e que ela estava com medo.

Outro silêncio mortal.

- Mas é a coisa mais absurda que eu já ouvi na vida! - repetiu uma voz.

- Charley Kincaid!

O jovem narrador ficou em silêncio por um instante.

- Ele flagrou Marie beijando Joe Gable - acrescentou o informante. Não consegui me conter:

- Eu estava com ele na hora. O que é que tem isso? Ele não ficou com raiva.

Todos olharam para mim, espantados, confusos e tristes. Ouvi passos e virei a cabeça em direção à escada. Charley Kincaid, branco como cera, vinha acompanhado do xerife e de outros homens. Atravessaram a varanda e desapareceram na escuridão da noite. Logo, o barulho de um carro arrancando.

Ao ouvir a sirene da ambulância, chamei meu acompanhante, do grupo da varanda.

- Vamos embora - disse. - Não consigo suportar mais essa história. Ou você me leva pra casa ou eu arranjo uma carona com outra pessoa.

Mesmo sem muita vontade, ele apanhou meus tacos de golfe e foi comigo em direção ao carro, enquanto a escura ambulância entrava pelo portão principal, desenhando uma sombra dentro da noite estrelada.

Depois daqueles primeiros dias de confusão, protestos em favor de Charley Kincaid. O jornalzinho de Davis e outros jornais do estado publicaram suas reportagens: Marie Bannerman morreu no vestiário feminino do Clube Davis, vítima de um tiro à queima-roupa, às 11h45 de sábado à noite. Várias pessoas ouviram os tiros que saíram do revólver do xerife Abercrombie. Na hora do crime, o xerife estava no salão de dança, como podiam testemunhar muitos dos presentes. A única pessoa no andar de cima, na hora do crime, era Charley Kincaid, noivo da Srta. Bannerman, com quem havia brigado naquela mesma noite, segundo várias testemunhas. A própria Srta. Bannerman comentou a briga que teve com o noivo,

dizendo que estava com medo dele e só se encontraria com ele quando estivesse mais calmo. Charley Kincaid declarou que estava no vestiário masculino quando ouviu o tiro, onde realmente ele foi encontrado. O acusado negou que tivesse discutido com a vítima, e acrescentou que, ao ouvir o tiro, pensou que fosse alguém tentando matar "um gato ou uma raposa".

Qual a razão de Charley Kincaid ter ficado no vestiário? Nenhuma, simplesmente estava cansado e resolveu esperar a hora em que a Srta. Bannerman resolvesse ir embora.

O corpo foi descoberto por Katie Goldstein, empregada negra, que desmaiou em seguida. Ao voltar da cozinha onde fizera um lanche, Katie encontrou a Srta. Bannerman encharcada de sangue no chão do vestiário, já morta.

A polícia, assim como os jornais, deram a maior ênfase à topografia do segundo andar do clube. Eram três peças seguidas, uma para homens, outra para mulheres e, entre as duas, um pequeno depósito para tacos de golfe e material de limpeza. A entrada e saída para os vestiários eram feitas por esse quarto, que também era ligado por duas escadas, uma para a cozinha e a outra para o salão. Segundo testemunho dos três cozinheiros negros e um servente branco, ninguém tinha usado a escada da cozinha, a não ser Katie Goldstein.

Este é o resumo das reportagens, segundo minhas lembranças; sei também que Charley Kincaid foi acusado do crime e preso. Outros suspeitos, negros na maioria, foram detidos por instigação dos amigos de Charley, mas como nada conseguiu ser provado contra estes infelizes, acabaram sendo soltos. Algumas pessoas levantaram rumores de que Marie teria se suicidado e sugeriram várias e engenhosas soluções a respeito do desaparecimento da arma.

Hoje, depois que Marie Bannerman foi tão selvagem e violentamente assassinada, seria muito fácil para mim dizer que sempre acreditei na inocência de Charley Kincaid. Infelizmente, isso não é verdade. Apaixonada por ele na época, mesmo assim

acreditei então que ele a tivesse matado. O fato de eu ter descoberto a primeira prova que eventualmente o libertou não foi devido à fé inabalável que eu depositara na sua inocência, mas a uma estranha vivência que, nos momentos de grande excitação, deixam certas cenas marcadas na memória, particularmente o detalhe que mais me chamou a atenção na época.

Numa tarde de julho, quando o julgamento de Charley estava na ordem do dia e todas as provas pareciam incriminá-lo, pus-me a divagar e a pensar nos outros incidentes que ocorreram na noite fatídica. Alguma coisa que Marie Bannerman havia me dito no vestiário voltava à minha cabeça de tempos em tempos, me perturbando; não que achasse o fato em si importante, mas o que mais me intrigava era o fato de não conseguir me lembrar do que ela tinha dito. Era como se, durante alguns instantes, ela tivesse aberto uma cortina e depois fechado-a rapidamente, dando uma visão fantasmática dos horrores que aconteciam na cidade: velhas brigas, escândalos, crimes sem solução etc.

Perturbava-me também um outro incidente, embora de menor importância. Depois da tragédia, a confusão reinante fez com que esquecessem a estranha atitude de Catherine Jones, ao se recusar a bisar a dança e chegando ao cúmulo de dar um tapa no regente da orquestra. Havia uma discrepância entre a boa vontade do maestro e a fúria da recusa de Catherine que persistia na minha cabeça. Não teria sido um ato espontâneo, ou melhor, não me pareceu um ato espontâneo. Apesar de Catherine ter bebido, e das pessoas terem considerado aquele tapa como uma mera manifestação etílica, a cena não me saía da cabeça. Resolvi fazer umas investigações por conta própria; consegui que um dos meus amigos me levasse até o maestro.

O nome dele era Thomas, negro bem escuro, muito franco, bastante musical, e não levou mais de dez minutos para que eu descobrisse que ele também tinha ficado espantado com o tapa. Ele a conhecia há anos, desde que Catherine era menina; ensaiaram juntos várias vezes. Verdade é que dias depois ela viera lhe pedir desculpas.

- Aliás, eu sabia que ela viria se desculpar; é uma menina de ouro. Minha irmã Katie foi babá dela, desde que ela nasceu.

- Sua irmã?

- Katie, que hoje é servente do clube, Katie Goldstein. A senhorita deve ter lido sobre ela nos jornais, no caso Kincaid. .. Foi ela quem descobriu o corpo de Marie Bannerman.

- Quer dizer que Katie foi babá de Catherine?

- Foi, sim, senhora.

Ao voltar para casa, estimulada pelas perguntas, mas não muito satisfeita com as respostas, virei-me para meu companheiro:

- Catherine e Marie eram boas amigas?

- Eram, sim - respondeu ele, sem hesitar. - Todas as garotas de Davis se dão bem entre si, a menos que uma esteja querendo tirar o namorado da outra... aí, sim, sai briga na certa.

- Por que será que Catherine não se casou até hoje? Ela deve ter muitos pretendentes.

- Tem e não tem. Ela só gosta de alguém por uns dias, logo enjoa. O único cara que ela gosta mesmo é Joe Gable.

E então uma cena se formou diante dos meus olhos com a rapidez de um raio. Trêmula pelo impacto, me lembrei das palavras que Marie Bannerman trocara comigo: "Quem mais estava com você?" Em seguida tive a impressão de ter visto, num átimo de segundos, um vulto que sequer consegui identificar quem fosse. Como destas imagens que a gente vê pelas ruas e mais tarde reconhece ser de um amigo. Pelo canto dos olhos, achei ter visto uma figura que poderia ter sido Catherine Jones.

O estranho é que, na hora do tiro, ela estava lá embaixo diante da platéia. Seria possível que Katie Goldstein, uma senhora de mais de cinquenta anos, conhecida e admirada como babá por três gerações, conseguiria matar uma garota a sangue-frio, somente para obedecer as ordens de Catherine Jones?

"O estranho é que na hora do tiro, ela estava lá embaixo diante da platéia." Esta frase ecoou na minha cabeça a noite inteira,

tomando formas e variações das mais incríveis, dividindo-se em períodos, segmentos ou palavras. "O estranho é que, na hora do tiro, ela estava lá embaixo diante da platéia." Que tiro? O tiro que todos nós ouvimos. .. Quando se deu esse tiro?

Às nove horas da manhã do dia seguinte, coberta de maquilagem para encobrir minhas olheiras e minha palidez devido à insônia da noite anterior, fui até o escritório do xerife.

Entretido com sua papelada, Abercrombie ficou surpreso quando me viu.

- Foi Catherine Jones que cometeu o crime - disse eu, tentando dominar meu estado de nervos. - Ela matou Marie Bannerman quando o tiro não podia ser ouvido, quer dizer, quando a orquestra estava tocando e as pessoas arrastavam as cadeiras para assistir o show. O tiro que a gente escutou foi disparado por Katie quando a música parou, a fim de fornecer um bom álibi para Catherine!

Eu tinha razão - hoje em dia todos sabem que eu tinha razão -, mas naquela semana, até conseguirem arrancar a confissão de Katie Goldstein, ninguém acreditava em mim. Nem Charley Kincaid ousou acreditar que isso pudesse ser verdade.

Quais as ligações entre Catherine Jones e Joe Gable ninguém conseguiu até hoje precisar, mas o fato é que ela havia decidido acabar com o relacionamento clandestino de Marie e Joe. Naquela noite, Marie entrou por acaso no vestiário e encontrou Catherine se preparando para a dança ; mais uma vez a história não ficou bem clara, mas parece, segundo Catherine, que Marie sacou um revólver e a ameaçou, e quando as duas se atracaram, o revólver disparou. No entanto, apesar de eu gostar de Catherine, devo dizer que só um júri muito burro e venal poderia condená-la a apenas cinco anos. Por isso, hoje em dia, sempre que eu e meu marido vamos a um show de música, ficamos procurando por Catherine por entre as coristas.

Depois do tiro, ela provavelmente agiu com grande rapidez. Mandou que Katie esperasse o final da sua performance para só então dar o tiro e em seguida esconder o revólver; na pressa,

Catherine com certeza esqueceu de especificar onde escondê-lo. Katie, enlouquecida de preocupação, obedeceu às instruções cegamente, mas até hoje não conseguiu se lembrar onde colocou o revólver. Um ano depois, quando eu e Charley estávamos em lua-de-mel em Hot Springs, é que descobrimos a arma dentro do saco de tacos de golfe. O saco devia estar perto da porta do vestiário e Katie deve ter enfiado o revólver na primeira coisa que viu pela frente.

Hoje, moramos em Nova York. Detestamos cidades do interior, e apesar de diariamente lermos sobre as ondas de crimes nas cidades grandes, achamos que uma onda é alguma coisa de tangível que pode ser dominada. O que eu tenho medo são das correntes subterrâneas, o secreto fluxo e refluxo das marés, as formas secretas das coisas que nadam pela escuridão opaca, submersas nas profundezas do oceano.

Tradução de Alves Moreira

68. NUM BOSQUE

RYUNOSUKE AKUTAGAWA (1892 -1927 | Japão)

Autor de seis volumes de contos, além de alguns livros de ensaios (um deles sobre a loucura, estudando o caso de sua própria mãe), dois dos contos de Akutagawa, Rashomon e Num Bosque, foram suficientes para trazer-lhe reconhecimento mundial, depois de adaptados para o cinema e dirigidos por Akira Kurosawa. Mas foi um prestígio pós-morte, na realidade: este autor culto e melancólico, e que foi o iniciador da literatura japonesa moderna, suicidou-se aos 35 anos, vítima "da incompreensão da sociedade e de uma crise de cultura", segundo Howard Hibber, que introduz a edição americana de Rashomon and Other Stories, de 1952. Sem ser um policial, este notável conto de crime tem na diversidade de pontos de vista seu grande trunfo. Será que existe uma verdade objetiva, ou ela depende de quem a vê e a relata?

I. O Testemunho de um Lenhador Interrogado por um Alto Comissário de Polícia

Sim, senhor. Certamente, fui eu quem descobriu o corpo. Esta manhã, como sempre, fui cortar a minha cota diária de cedros, quando encontrei o corpo em um bosque, num vale nas montanhas. O local exato? A cerca de 150 metros fora da estrada de Yamashina. É um bosque de bambu e cedros, fora de mão.

O corpo estava deitado, estendido de costas, vestido num quimono de seda azulado e um adorno de cabeça amarfanhado, no estilo de Kioto. Um único golpe de espada havia lhe trespassado o peito. As lâminas de bambu caídas em torno estavam manchadas de brotos ensangüentados. Não, o sangue não escorria mais. O ferimento havia secado, acho. E também, um moscão estava atracado ali, sem nem notar minhas passadas.

O senhor me pergunta se vi uma espada ou qualquer coisa assim?

Não, nada, senhor. Encontrei apenas uma corda junto à raiz de um cedro próximo. E... bem, além da corda, encontrei um pente. Foi tudo. Aparentemente, ele deve ter lutado antes de ser assassinado, pois a grama e as lâminas caídas de bambu estavam pisoteadas por todo lado.

Um cavalo estava próximo?

Não, senhor. Já é bastante difícil para um homem entrar ali, ainda mais um cavalo sozinho.

II. O Testemunho de um Sacerdote Budista Viajante Interrogado por um Alto Comissário de Polícia

A hora? Certamente foi em torno do meio-dia, ontem, senhor. O desafortunado homem estava na estrada de Sekiyama para Yamashina. Estava caminhando em direção a Sekiyama com uma mulher que o acompanhava a cavalo, que vim a saber que era sua esposa. Um lenço que cobria sua cabeça escondia-lhe o rosto da vista. Tudo que vi foi a cor de suas roupas, uma veste cor lilás. Seu cavalo era um alazão com uma bela crina. A altura da senhora? Oh, cerca de um metro e quarenta e três centímetros. Como sou um sacerdote budista, prestei pouca atenção nos seus detalhes. Bem, o homem estava armado com uma espada, bem como com um arco e flechas. E eu me lembro que levava umas vinte flechas estranhas na sua aljava.

Não poderia esperar que ele encontrasse tal destino. Verdadeiramente, a vida humana é tão evanescente quanto o orvalho da manhã ou um raio de luz. Minhas palavras são inadequadas para expressar a minha compaixão por ele.

III. O Testemunho de um Policial Interrogado por um Alto Comissário de Polícia

O homem que prendi? É um notório assaltante chamado Tajoomaru.

Quando o prendi, ele havia caído do cavalo. Estava gemendo na ponte, em Awadaguchi. A hora? Foi nas primeiras horas da noite de ontem. Para registro, posso dizer que tentei prendê-lo outro dia, mas infelizmente ele fugiu. Estava usando um quimono de seda azul-escuro e uma grande espada simples. E, como vê, em algum lugar ele tinha um arco e flechas. O senhor diz que este arco e estas flechas se parecem com os que pertenciam ao homem morto? Então Tajoomaru deve ser o assassino. O arco curvado com tiras de couro, a aljava laqueada de preto, as dezessete flechas com penas de falcão - tudo estava em sua posse, creio. Sim, senhor, o cavalo é, como diz o senhor, um alazão com uma bela crina. Um pouco adiante da ponte de pedra eu encontrei o cavalo pastando pela beira da estrada, com seu longo arreio balançando. Certamente foi uma certa sorte providencial ele ter sido arremessado pelo cavalo.

De todos os ladrões que perambulam por Kioto, este Tajoomaru é quem tem dado a maior tristeza às mulheres da cidade. No último outono, uma esposa que voltava do Templo de Toriba em direção à montanha de Pindora, possivelmente para fazer uma visita, foi assassinada junto com uma menina. Suspeitou-se de que era ação dele. Se foi este o criminoso que assassinou o homem, não se pode saber o que ele possa ter feito com a esposa do homem. Pode ser que sua senhoria queira também olhar para este problema.

IV. O Testemunho de uma Velha Interrogada por um Alto Comissário de Polícia

Sim, senhor, aquele cadáver é o homem que casou com a minha filha. Ele não é de Kioto. Ele era um samurai da cidade de Kokufu, na província de Wakasa. Seu nome era

Kanazawa-no-Takehiro, e sua idade era 26. Ele tinha um humor agradável, por isso tenho certeza de que ele não fez nada para provocar a raiva de outros.

Minha filha? Seu nome é Massago, e sua idade é 19. Ela é uma menina alegre, vivaz, mas tenho certeza que nunca conheceu outro homem além de Takehiro. Ela tem um pequeno rosto oval, moreno, com um sinal no canto do olho esquerdo.

Ontem Takehiro foi embora para Wakasa com a minha filha. Que má sorte essa que as coisas chegassem a um fim tão triste. O que aconteceu com minha filha? Estou resignada a dar meu genro como perdido, mas a preocupação com a sorte da minha filha me deixa doente. Por todos os céus, não deixe de revirar cada pedra para encontrá-la. Odeio aquele ladrão Tajoomaru ou qualquer que seja o seu nome. Não apenas o meu genro, mas a minha filha ... (Suas últimas palavras afogam-se em lágrimas.)

V. A Confissão de Tajoomaru

Eu o matei, mas não a ela. Onde ela está? Não sei dizer. Ah, esperem um minuto. Nenhuma tortura pode me fazer confessar o que eu não sei. Agora as coisas chegaram a tal seriedade que eu não vou esconder nada dos senhores.

Ontem, um pouquinho depois do meio-dia, eu encontrei o casal. Naquele momento bateu um sopro de vento, e levantou o lenço que a cobria, de tal maneira que peguei um relance do seu rosto. Imediatamente ele foi novamente encoberto da minha vista. Isto pode ter tido uma razão: ela parecia uma Bodisatva^{13}. Naquele momento eu tomei a decisão de capturá-la, mesmo que tivesse que matar o seu homem.

Por quê? Para mim, matar não é algo de tão grande consequência como os senhores podem achar. Quando uma mulher é capturada, de qualquer forma o seu homem tem que ser morto. Para matar eu uso a espada que levo ao lado. Sou eu o único que mata pessoas? Vocês, vocês não usam as suas espadas. Vocês

matam pessoas com o seu poder, com o seu dinheiro. Às vezes vocês matam-nas sob o pretexto de que estão fazendo o bem delas. É verdade que não sangram. Estão gozando da sua melhor saúde, mas, de qualquer forma, vocês as mataram. É difícil dizer quem é o pecador maior, vocês ou eu. (Um sorriso irônico.)

Mas seria bom se eu pudesse capturar uma mulher sem matar o homem dela. Então, eu me decidi a capturá-la e fazer o possível para não matá-lo. Mas isso está fora de questão na estrada de Yamashina. Então eu consegui atrair o casal para as montanhas.

Foi bastante fácil. Tornei-me seu companheiro de viagem, e contei-lhes que havia um antigo monte lá na montanha, e que eu havia cavado e encontrado muitos espelhos e espadas. Continuei contando que havia enterrado as coisas num bosque atrás da montanha e que gostaria de vendê-los a preço baixo a qualquer um que quisesse tê-los. Então. .. vejam, a ganância é terrível, não? Ele já estava começando a se interessar pela minha conversa antes mesmo de perceber. Em menos de meia hora, eles estavam conduzindo o cavalo na direção da montanha, comigo.

Quando chegamos na entrada do bosque, eu lhes disse que os tesouros estavam enterrados nele, e convidei-os para entrar e ver. O homem não objetou - estava cego de cobiça. A mulher disse que aguardaria a cavalo. Era natural que dissesse isso, à vista de um bosque cerrado. Para dizer a verdade, o meu plano funcionou exatamente como eu queria, e então entrei no bosque com ele, deixando-a atrás, sozinha.

O bosque é só de bambus, até uma certa distância. Cerca de 15 j ardas à frente existe um grupo de cedros. Era um ponto conveniente para o meu objetivo. Abrindo meu caminho através do bosque, disse a ele de maneira plausível que os tesouros estavam enterrados debaixo dos cedros. Quando lhe disse isso, ele abriu caminho com afinco em direção aos delgados cedros visíveis pelo bosque. Depois de algum tempo o bambu escasseou e chegamos onde alguns cedros cresciam enfileirados. Assim que chegamos ali, eu o agarrei por trás. Ele era um samurai. Pareceu-me bem forte; mas foi pego de surpresa, de forma que não havia saída para ele.

Logo o amarrei na raiz de um cedro. Onde arranjei uma corda? Graças aos céus, sendo um ladrão, eu tenho uma corda comigo, uma vez que posso ter que escalar um muro a qualquer momento. Claro que foi fácil impedi-lo de gritar, enchendo sua boca de folhas caídas de bambu.

Depois de dar um j eito nele, fui até a mulher e pedi a ela que fosse vê-lo, porque ele parecia ter ficado subitamente doente. Desnecessário dizer que este plano também deu certo. A mulher, sem seu chapéu de palha, entrou nas profundezas do bosque, onde eu a levei pela mão. No instante que ela vislumbrou o marido, ela sacou do peito um pequeno punhal. Nunca vi uma mulher com um temperamento tão violento. Se eu não estivesse em guarda, teria levado uma facada no ventre. Eu me esquivei, mas ela continuava me golpeando. Ela poderia ter me ferido seriamente ou me matado. Mas eu sou Tajoomaru. Consegui jogar no chão o punhal, sem ter que sacar a espada. A mulher mais esperta torna-se indefesa sem uma arma. Finalmente consegui satisfazer meu desejo por ela sem tirar a vida do seu marido.

Sim ... sem tirar-lhe a vida. Não tinha vontade de matá-lo. Eu estava quase fugindo do bosque, deixando a mulher atrás, em lágrimas, quando ela freneticamente agarrou-se no meu braço. Com palavras fragmentadas, ela pediu que seu marido ou eu morresse. Disse que era mais aterrador do que a morte ter sua vergonha conhecida por dois homens. Ofegante, disse que queria ser a esposa de qualquer que fosse o sobrevivente. Então um desejo furioso de matá-lo tomou conta de mim. (Excitação tristonha.)

Contando aos senhores desta maneira, pareço sem dúvida um homem mais cruel que os senhores. Mas isso é porque os senhores não viram o rosto dela. Especialmente os seus olhos ardentes naquele momento. Quando eu a olhei, olho no olho, quis fazê-la minha esposa mesmo que tivesse de ser atingido por um raio. Queria fazê-la minha esposa... Este único desejo encheu a minha cabeça. Não era apenas luxúria, como os senhores podem pensar. Naquela hora, se eu tivesse apenas o desejo da luxúria, eu certamente não me incomodaria em derrubá-la ao chão e fugir

correndo. Eu não teria então manchado a minha espada com o sangue dele. Mas no momento em que olhei para o rosto dela no bosque escuro, decidi não ir embora sem matá-lo.

Mas eu não queria me escorar em meios desleais para matá-lo. Eu o desamarrei e lhe disse que se batesse comigo de espada. (A corda que foi encontrada na raiz do cedro é a corda que foi abandonada naquele momento.) Enfurecido de raiva, ele sacou sua grossa espada. E rápido como um pensamento, ele atirou-se ferozmente em mim, sem dizer uma palavra. Não preciso lhes dizer como acabou a nossa luta. O vigésimo terceiro golpe... por favor, lembrem-se disso. Ainda estou impressionado com este fato. Ninguém sob o sol jamais resistiu a mais de vinte de meus golpes. (Um sorriso animado.)

Quando ele caiu, virei-me para ela, abaixando a minha espada manchada de sangue. Mas para o meu grande espanto ela fora embora. Fiquei pensando para onde ela teria fugido. Procurei por ela no meio dos cedros. Apurei o ouvido, mas escutei apenas um som gorgolejante da garganta do moribundo.

Assim que começamos a cruzar as espadas, ela podia ter fugido através do bosque para pedir ajuda. Quando pensei nisso, decidi que era assunto de vida ou morte para mim. Então, roubando dele a espada, e arco e flechas, corri para a estrada da montanha. Ali encontrei o cavalo dela ainda pastando tranqüilamente. Seria gastar palavras à toa dizer aos senhores os detalhes finais, mas antes de entrar na cidade eu já havia me livrado da espada. Esta é toda a minha confissão. Eu sei que a minha cabeça vai ser pendurada nas correntes de qualquer jeito, portanto me condenem à pena máxima. (Uma atitude desafiadora.)

VI. A Confissão de uma Mulher que Chegou ao Templo Kiyomizu

Aquele homem de quimono azul de seda, depois de me fazer ceder a ele, ria zombando ao olhar para o meu marido amarrado. O

quanto meu marido devia estar horrorizado! Mas de nada adiantava a força com que ele lutava em agonia, pois a corda apertada o cortava cada vez mais. Apesar das minhas condições, eu corri tropeçando para o seu lado. Ou melhor, tentei correr para ele, mas o homem imediatamente me bateu, jogando-me no chão. Exatamente naquele momento eu vi uma luz indescritível nos olhos do meu marido. Algo além da palavra ... Seus olhos me fazem estremecer até agora. Aquele instante de olhar do meu marido, que não podia falar uma palavra, me disse tudo que ia no seu coração. O clarão nos seus olhos não era nem de raiva, nem de tristeza... Apenas uma luz fria, um olhar de repugnância. Mais chocada pelo olhar nos seus olhos do que pelos golpes do ladrão, eu gritei apesar de mim mesma e caí inconsciente.

Decorrido tempo eu voltei a mim, e descobri que o homem em seda azul fora embora. Vi apenas o meu marido ainda amarrado à raiz do cedro. Levantei-me de sobre as lâminas de bambu com dificuldade, e olhei para o seu rosto; mas a expressão nos seus olhos era apenas a mesma que antes.

Sob o frio desprezo em seus olhos, havia ódio. Vergonha, pesar e raiva ... Não sei como expressar o meu coração naquela hora. Arrastando-me com os pés, fui até o meu marido.

- Takehiro - eu lhe disse -, uma vez que as coisas chegaram a este ponto, não posso viver com você. Estou determinada a morrer.. . mas você também deve morrer. Você viu minha vergonha. Não posso deixá-lo vivo da maneira que está.

Isso foi tudo o que pude dizer. Ele ainda continuou me olhando com repugnância e desprezo. Com meu coração partido, procurei sua espada. Deve ter sido levada pelo ladrão. Nem sua espada ou seu arco e as flechas podiam ser vistos no bosque. Mas, felizmente, meu punhal jazia aos meus pés. Erguendo-o sobre minha cabeça, mais uma vez eu disse:

- Agora me dê sua vida. Eu o seguirei logo depois.

Quando ouviu estas palavras, ele moveu os lábios com dificuldade. Como sua boca estava cheia de folhas, é claro que não

se podia ouvir a sua voz de maneira nenhuma. Mas num olhar eu entendi suas palavras. Desdenhando-me, seu olhar apenas me dizia: "Mate-me." Nem consciente, nem inconsciente, enterrei o punhal dentro do seu peito.

Novamente, nessa hora, devo ter desmaiado. Quando consegui abrir os olhos, ele já havia dado o último suspiro - ainda nas amarras. Uma faixa de luz do sol poente serpenteava através do grupo de cedros e bambus, e iluminava o seu rosto pálido. Engolindo os meus soluços, desamarrei a corda do seu corpo. E... e o que aconteceu comigo desde então, não tenho mais forças para lhes contar. De qualquer forma, não tive forças para morrer. Esfaqueei minha própria garganta com o punhal, joguei-me num lago ao pé da montanha, tentei me matar de várias maneiras. Incapaz de acabar com a minha vida, ainda vivo na desonra. (Um sorriso desolado.) Indigna como sou, devo ter sido esquecida até pelo mais caridoso Kwannon^{14}. Matei meu próprio marido. Fui violada por um ladrão. O que eu posso fazer? O que eu posso... eu ... (Gradualmente, soluços violentos.)

VII. A História do Homem Assassinado, como Contada Através de uma Médium

Após violar minha esposa, o ladrão, sentado ali mesmo, começou a dizer-lhe palavras de conforto. É claro que eu não podia falar. Todo o meu corpo estava amarrado, apertado à raiz de um cedro. Mas enquanto isso, eu piscava muitas vezes para ela, como para dizer-lhe "Não acredite no ladrão". Queria transmitir-lhe algo neste sentido. Minha mulher, porém, sentada desanimadamente nas folhas de bambu, olhava fixamente o seu colo. Pela aparência, ela estava ouvindo as palavras dele. Eu estava agoniado de ciúmes. Enquanto isso, o ladrão continuava com sua esperta conversa, de um assunto para outro. O ladrão finalmente fez sua descarada e atrevida proposta: "Uma vez que sua virtude está manchada, que você não vai mais se dar bem com seu marido, por que então você

não se torna minha mulher? É o meu amor que me fez ser violento com você."

Enquanto o meliante falava, minha esposa levantou o rosto como se em transe. Nunca estivera tão linda quanto naquele momento. O que disse minha bela esposa a ele em resposta, enquanto eu estava ali, amarrado? Estou perdido no espaço, mas nunca deixei de pensar na resposta dela sem arder de raiva e ciúmes. Na verdade, ela disse claramente: "Então me leve com você, seja para onde for."

Este não é todo o seu pecado. Se isto fosse tudo, eu não estaria tão atormentado no escuro. Quando ela estava saindo do bosque, como num sonho, sua mão na do ladrão, subitamente empalideceu e apontou para mim, amarrado à raiz do cedro, e disse: "Mate-o. Não posso casar com você enquanto ele viver. Mate-o!", gritou ela várias vezes, como se tivesse enlouquecido. Até agora essas palavras ameaçam me explodir abruptamente no abismo sem fim da escuridão. Teria algo tão odioso assim saído alguma vez de uma boca humana? Tais palavras amaldiçoadas teriam alguma vez atingido um ouvido humano, pelo menos uma vez? Pelo menos uma vez, tal ... (Um súbito grito de escárnio.) Diante destas palavras, o próprio ladrão empalideceu. "Mate-o", gritou ela, pegando os seus braços. Olhando duramente para ela, ele não respondeu nem sim, nem não.. . mas eu nem tinha pensado na resposta dele quando ela foi atirada ao chão, nas folhas de bambu. (Novamente um grito de escárnio.) Calmamente, cruzando os braços, ele me olhou e disse: "O que vai fazer com ela? Matá-la, ou salvá-la? Você tem apenas que balançar a cabeça. Matá-la?" Só por essas palavras eu gostaria de perdoar o seu crime.

Enquanto eu hesitava, ela gritou e correu para as profundezas do bosque. O ladrão imediatamente foi atrás dela, mas falhou até mesmo em agarrar sua manga.

Depois que ela fugiu, ele pegou minha espada, meu arco e as flechas. Com um único golpe, cortou uma das minhas amarras. Lembro-me dos seus resmungos. "Meu destino está próximo." Então ele desapareceu no bosque. Depois disso, tudo estava em silêncio.

Não, eu ouvi alguém chorando. Desamarrando o resto de minhas amarras, ouvi cuidadosamente, e notei que era o meu próprio choro. (Longo silêncio.)

Levantei meu corpo exausto do pé do cedro. À minha frente estava brilhando o punhal que minha esposa deixara cair. Peguei-o e o enterrei no meu peito. Um fluxo sanguinolento subiu-me à boca, porém não senti nenhuma dor. Enquanto meu peito esfriava, tudo estava silencioso como os mortos nos seus túmulos. Que silêncio profundo! Nem um único som de passarinho era ouvido no céu sobre este túmulo no vale das montanhas. Apenas uma luz solitária estendia-se sobre os cedros e montanhas. Pouco a pouco a luz tornou-se gradualmente mais fraca, até que a visão dos cedros e bambus se perdeu. Caído ali, fui envolvido em profundo silêncio.

Então alguém arrastou-se para junto de mim. Tentei ver quem era. Mas a escuridão já vinha me acercando. Alguém... alguém que tirou suavemente o punhal do meu peito com sua mão invisível. Ao mesmo tempo, mais uma vez o sangue fluiu para a minha boca. E de uma vez para sempre afundei na escuridão do espaço.

Tradução de Fani Baratz

69. CÃES NA BROADWAY

DAMON RUNYON (1880 -1946 | Estados Unidos)

*Escritor, sim, mas sui generis: não era de freqüentar literatos e intelectuais, e sentia-se à vontade nas rodas da malandragem de Manhattan da época da Lei Seca, principalmente na Broadway e arredores. Era amigo de Al Capone e do campeão de boxe Jack Dempsey. Publicou vinte títulos, todos esgotados no original, com exceção de seu livro de contos mais conhecido, *Guys and Dolls*. Que foi adaptado para a Broadway. Cerca de 16 histórias suas viraram filmes de Hollywood, entre elas, *Guys and Dolls* (direção de Joseph L. Mankiewicz, com Marlon Brando), *Lemmon Drops Kid*, de Sidney Lanfield (no Brasil, *No Mato sem Cachorro*, uma comédia rasgada com Bob Hope) e *Lady for a Day*, de Frank Capra, a quem teria influenciado assim como a vários escritores dos anos 30, Chandler entre eles. Foi correspondente de guerra no México e na 2ª Guerra. Até hoje não teve livro seu editado em português. *Os Cem Melhores Contos de Humor...* e esta antologia trazem contos de *Guys and Dolls*, que o leitor brasileiro merece conhecer seu rico e pessoal mundo ficcional, elaborado com uma linguagem viva e singular (e portanto de difícil tradução), que a crítica já chamou de "runyonismo".*

Uma dessas madrugadas, aí pela hora dos quatro apitos, eu estou parado na frente do restaurante do Mindy, na Broadway, com um cara chamado Remorso, que parece ter esse nome porque ganhou uma pule alta no ano em que a inscrição de Whitney, Remorso, faturou o Derby de Kentucky; ele nunca mais esqueceu isso, talvez por ter sido a única vez na vida em que ganhou alguma coisa.

O verdadeiro nome do cara é uma coisa que eu nunca soube, e de todo jeito, não me importa muito o nome das pessoas, especialmente na Broadway, onde, qualquer que seja o nome que um cara use, na maioria das vezes, não é o seu. Assim, no que me diz respeito, Remorso é um nome tão bom quanto outro qualquer para chamar esse cara de quem estou falando; no mais, é um cara gordo e falante, ainda que só fale de cavalos e de como perdeu ontem, por uma porcaria de nariz, em Belmont, ou seja lá onde for que os cavalos estejam correndo.

Em todos esses anos, desde que conheço Remorso, o cara já perdeu por uns dez mil narizes; e, acreditando no que ele conta, é sempre uma porcaria de nariz. Nunca acontece perder para um nariz limpo, mas é claro que é só o jeito de falar dos caras viciados em corridas. O que Remorso faz, além de jogar nos cavalos, é uma coisa que não tenho idéia, mas, seja lá o que for, deve fazer bem, porque o cara está sempre montado e circulando, bem-vestido e com montes de grandes charutos aparecendo no bolso.

Em geral, às quatro da madrugada, a Broadway é um lugar bastante tranqüilo, porque a maioria dos cidadãos a essa hora está nos bares clandestinos e nos clubes noturnos; e, nesse dia que estou falando, está tudo quieto, exceto por um cara de nome Marvin Clay, que está argumentando alto com uma gatinha porque ela não quer entrar no táxi e ir para o apartamento dele. Não dou muita atenção à cena, exceto que Remorso comenta de como a gatinha tem mais bom senso do que seria de se esperar numa gata solta na Broadway, às quatro da manhã. Porque é bem conhecido de todos que as gatas que vão ao apartamento de Marvin ou são muito burras ou estão procurando.

Esse Marvin Clay é um cara da alta sociedade, da maior competência como desocupado e freqüentador de clubes noturnos. O cara é cheio da grana, que consegue diretamente do pai, que faz dinheiro com ferrovias e outros investimentos aqui e ali. Mas Marvin é um tipo dos mais desagradáveis. Acha que seu dinheiro lhe dá o direito de ser deselegante e barulhento, e é sempre grosseiro e

abusivo com as gatinhas que trabalham nos clubes, que tem de aturar tudo porque o cara é um bom cliente.

É raro ver a figura na área durante o dia, quase sempre está vestido para a noite, de smoking; tem uns cinquenta anos e uma cara horrível, coberta de manchas vermelhas e espinhas, mas é claro que um cara como Marvin Clay, com toda aquela grana, não tem nenhuma obrigação de ser bonito, e ele é muito bem-vindo em todas as rodas da Broadway. Pessoalmente, não quero nada com um tipo assim, mas, com todos os meus anos por aqui, acho que já devo ter visto uns mil outros como ele, e sempre haverá caras como Marvin na Broadway enquanto houver pais, fazendo montes de grana nas ferrovias, para bancá-los.

Bem, depois de algum tempo, Marvin Clay consegue colocar a gata no táxi, eles partem, e continua tudo em paz na Broadway. Eu e Remorso ficamos por ali falando disso e daquilo, e de coisa e loisa, quando surge um cara muito estranho com dois cachorros mais estranhos ainda. O cara é tão magro que eu acho que ele pesa dois quilos a menos que um saco de algodão. Tem um nariz comprido e uma cara triste e vem com um chapéu de feltro velho e desabado, camisa de flanela, umas calças largas de veludo e uma jaqueta "v-mais", que é uma jaqueta onde você vê mais bolsos que jaqueta.

Pessoalmente, nunca vi um cara mais estranho na Broadway; e diria que, em todos esses anos, já vi caras muito estranhos por aqui. Mas, se o cara é estranho, os cachorros são mais estranhos ainda, com cabeças enormes, as bochechas caídas como as dos crupiês de antigamente e orelhas despencadas do tamanho de um lençol. Além disso, têm o rosto todo enrugado e uns olhos grandes e tão tristes que parecem prestes a explodir em lágrimas.

Os dois cachorros têm o pelo negro com manchas amareladas, rabo comprido e estão tão magros que você pode contar as costelas de cada um. Dá para perceber com um olhar que tanto o cara quanto os cachorros saberiam o que fazer com alguns hambúrgueres, mas isso é uma coisa que, nos tempos que correm, se pode

dizer de várias outras pessoas na Broadway, sem falar em cachorros.

Bem, Remorso fica imediatamente interessado nos cães, porque é um cara que gosta muito de todo tipo de animais, e tem de parar o cara e perguntar que raça de cachorros é aquela, e eu também quero saber, porque, embora já tenha visto muitos vira-latas na vida, nunca vi nada parecido com aqueles cães.

- A raça são sabujo - diz o cara de ar tristonho, numa voz tristíssima e com aquele sotaque, que esses caras do sul sempre têm. - São farejador de home's, lá da Geórgia.

É claro que Remorso e eu sabemos o que são sabujos, porque vimos a perseguição de Elisa no gelo, na Cabana de Pai Tomás, quando nós éramos guris, mas nem eu nem ele nunca conhecemos um sabujo em pessoa, ainda mais na Broadway. Assim, ficamos conversando um bocado com o cara e ouvimos sua história, que era tão triste quanto sua cara, e nos fez sentir muita pena dele.

Na verdade, dali a pouco, estamos com ele e os sabujos no restaurante do Mindy, alimentando a todos com bifés enormes, apesar das reclamações de Mindy por termos trazido os cachorros, perguntando o que é que nós achamos que o restaurante dele é. Mas quando Remorso começa a dizer o que ele acha do lugar, Mindy diz que não se importa e para de qualquer forma não trazermos nunca mais aqueles cavalos para a sua espelunca.

Bem, parece que o nome do cara é John e ele é de uma pequena cidade na Geórgia, onde seu tio é xerife, e o nome de um cachorro é Nip, e do outro é Tuck, e os dois são treinados desde filhotinhos para perseguir os vagabundos que escapam do xadrez local e os negros ruins. Uma coisa depois da outra, e logo que John Wangle sossega as pontadas em seu estômago com os bifés do Mindy, começa a destravar a língua e ficar falante. Ouvindo o cara falar, das duas uma, ou ele é um mentiroso de primeira, ou seus cachorros são os melhores farejadores que o mundo já viu.

Agora, olhando os cachorros depois de comerem seis bifés grandes de alcatra cada um, e uma quantidade de matzohts.que

Mindy guardara da última festa judaica, e uma panela de goulash do menu do jantar, além de outras sobras, migalhas e restos, tudo que posso dizer deles é que comem com vontade; porque agora estão dormindo com a cara escondida debaixo das orelhas e roncando tão forte que mal se podem ouvir as próprias idéias.

Como John Wangle terminou em Nova York com esses cachorros é, de fato, uma longa história. Parece que um cara de Nova York apareceu na cidade de John Wangle, na Geórgia, justo quando os sabujos estavam perseguindo um negro ruim. Daí o cara imaginou que seria um bom negócio trazer os cachorros para a cidade e alugá-los para o cinema, para perseguir os bandidos dos filmes. Mas parece que quando chegaram a Nova York, os caras do cinema já tinham outros métodos para perseguir seus vilões nos filmes. Resumindo, o cara ficou sem dinheiro e deu o fora, deixando John Wangle e os cachorros no desvio.

Assim John Wangle ficou em Nova York, e estava vivendo, com Nip e Tuck, todos juntos, num quartinho alugado, lá na rua 49 Oeste, e as coisas ficaram complicadas para eles, porque John não sabe como fazer para voltar para a Geórgia, a menos que seja a pé, e alguém lhe disse que o caminho a pé fica difícil ao sul de Roanoke. Quando perguntei por que não escrevia para seu tio, o xerife, John Wangle respondeu que tinha duas boas razões; a primeira é que não sabia escrever, e a segunda é que seu tio não sabia ler.

Quando pergunto a ele por que não vende os cães, diz que o mercado de sabujos anda meio parado em Nova York, além do que, se voltar para casa sem eles, corre o risco de ter as orelhas arrancadas pelo tio. De qualquer jeito, ele diz que ama profundamente os cachorros e que somente esse vínculo de afeição o impediu de comer um ou outro, ou quem sabe os dois, na última semana, quando a fome apertou.

Bem, nunca vi Remorso tão interessado antes por nenhuma situação como pela de John Wangle e seus sabujos, mas eu, pessoalmente, estou começando a ficar de saco cheio deles, porque o que se chama Nip afinal acorda e resolve roer minha perna, talvez

pensando em encontrar mais carne; e quando eu lhe dou um chute no focinho, John Wangle fica aborrecido comigo e Remorso me diz que só caras sem nenhum sentimento são capazes de crueldade com animais inocentes.

Mas, para mostrar que nem John Wangle nem seus sabujos são tão inocentes, eles começam a passar todas as madrugadas, à mesma hora, diante do restaurante do Mindy, e Remorso está sempre ali, pronto para alimentá-los, ainda que agora tenha de trazer a comida até a calçada, já que Mindy não permite mais a entrada de sabujos em sua espelunca. Naturalmente, Nip e Tuck ficam muito amigos de Remorso, mas nem de perto tão amigos quanto John Wangle, que está começando a engordar, e, enquanto isso, os cachorros também ganham peso.

Bem, então acontece que Remorso não aparece mais na frente do Mindy por várias madrugadas seguidas, porque, parece que finalmente chegou o dia, Remorso acerta uma bolada nos cavalos e compra um smoking novo, e começa a passar mais tempo nos clubes noturnos, especialmente no Clube Trezentos, da Srta. Missouri Martin, onde existem várias gatinhas lindas que dançam ali vestidas com pano suficiente para fazer um lenço, e é bem conhecido de todos o fascínio que Remorso sente por essas coisas.

Além do que, escuto comentários, aqui e ali, sobre o fato de Remorso demonstrar uma grande atração por uma gatinha, conhecida pelo nome de Lovey Lou, que trabalha no Clube Trezentos, da Srta. Missouri Martin, e de ter aprontado algum tipo de confusão com Marvin Clay, por causa dessa gata. Parece que Remorso enfiou um punho na boca de Marvin, o que me faz pensar que Remorso está ficando meio bobo, como acontece de vez em quando com caras que passam muito tempo na Broadway. Então, agora, quando John Wangle passa de madrugada, com Nip e Tuck, sonhando com uma refeição, não consegue muita coisa, já que ninguém na área do Mindy se interessa nem um pouco por sabujos, especialmente com aquele tipo de interesse que pudesse levá-los a comprar bifes; e em pouco tempo Nip e Tuck começam a parecer

muito tristes outra vez; e John Wangle tem um aspecto mais que desanimado.

É cedo de manhã outra vez, e faz calor; um grupo de cidadãos está ali na rua em frente ao restaurante do Mindy, respirando o ar fresco, quando aparece um inspetor de polícia chamado McNamara, e que é meu amigo, acompanhado de um grupo de policiais à paisana, e o inspetor McNamara me conta que está a caminho de um apartamento, a três quarteirões de distância, na rua 54, onde parece que um cara foi baleado. Na falta de outra coisa para fazer, resolvo ir com eles. Ainda que não tenha por hábito me associar com a polícia, porque é o tipo de coisa que poderia provocar a crítica de outros cidadãos.

Bem, quem vocês acham que é o cara baleado, senão Marvin Clay? E está esticado ali, no chão da sala de seu apartamento, metido num smoking e com a frente da camisa ensopada de sangue. Depois de olhar de mais perto, o inspetor McNamara constata que

Marvin tem um furo de bala no meio do peito, e o aspecto de alguém bastante morto. Para completar, parece não haver nenhum traço de pista para elucidar a autoria do sucedido, e o inspetor McNamara comenta que sem dúvida trata-se de um grande mistério, e que vai ser a sopa no mel para a imprensa, especialmente agora, quando já faz alguns dias que não tem nenhuma morte misteriosa para se explorar.

Bem, é claro que nada disso é problema meu, mas de repente acontece de me lembrar de John Wangle e seus sabujos, e me ocorre que seria uma grande oportunidade para eles, então eu digo para o inspetor:

- Ouça Mac - lhe digo -, existe um cara aqui com um par de sabujos da Geórgia, especializados em caçar criminosos em situações assim, e - vou dizendo - talvez eles possam encontrar o delinqüente que baleou Marvin - Clay, agora, enquanto o rastro ainda está mais quente do que mostarda.

Bem, mais tarde tomo conhecimento que algumas pessoas ficaram muito indignadas com minha sugestão, porque muitos cidadãos acreditam que quem quer que seja que tenha atirado em Marvin Clay merece mais consideração do que ser caçado com cães. Na verdade, há muitos que pensam que este alguém merece uma medalha. Mas essa discussão só começou mais tarde.

De qualquer forma, no início, o inspetor não bota muita fé na minha idéia e os outros tiras são mais céticos ainda, e propõe que a melhor coisa a fazer é prender todo mundo na área, e guardar os presos por um mês ou dois como testemunhas do fato. O problema é que não há ninguém na área para prender, exceto, quem sabe, eu. Mas o inspetor é um cara de mente arejada, e no final acaba dizendo que tudo bem, e que é para trazer os cachorros.

Então, corro de volta até o Mindy, e, como esperava, lá estão John Wangle, Nip e Tuck na calçada, olhando no rosto de cada um dos caras que passam, na esperança que talvez um desses rostos seja o de Remorso. É uma coisa realmente patética de se ver, mas John Wangle se anima quando explico a ele do caso de Marvin Clay e parte comigo para o apartamento, tão rápido que a pele do pescoço de Nip vem toda esticada para frente na coleira, e Tuck se arrastando na barriga.

Chegando ao apartamento, John Wangle leva Nip e Tuck até onde está Marvin Clay, e os cães farejam o cara por todo lado, porque parece que esses sabujos são muito acostumados com caras mortos. Então John Wangle solta os cachorros e grita alguma coisa para eles. Os sabujos começam a cheirar tudo em volta pelo apartamento, com o inspetor McNamara e os outros tiras observando com grande interesse. De repente, Nip e Tuck partem correndo do apartamento para a rua, com John Wangle atrás deles, e o resto de nós atrás de John Wangle. Entram pela rua 54 de volta na direção da Broadway, e logo estão farejando tudo naquela área, na frente e nos arredores do restaurante do Mindy.

Um pouco depois, começam a subir a Broadway, com os focinhos colados na calçada, e nós seguimos atrás, excitados, porque agora até mesmo os tiras estão convencidos de que os cães estão

quentes, na pista do indivíduo que baleou Marvin Clay. No princípio, Nip e Tuck vão andando, mas logo começam um trote apressado, e nós, John Wangle, o inspetor, eu e o resto dos tiras, temos de correr atrás deles.

É natural que uma cena assim atraia um bocado de atenção, e à medida que vamos passando pelos cidadãos, já nas ruas a essa hora, o leiteiro desce de seu carro, e os entregadores deixam os caminhões onde estavam, o garoto larga todos os jornais no chão, e todos eles se juntam à perseguição, e assim quando chegamos à altura da rua 56 já é uma enorme delegação correndo atrás dos cães, com John Wangle na frente, gritando.

- Naum perde a pista, menins!

Na rua 56, os cães entram no sentido leste e vão parar diante da porta fechada, do que parece ser uma garagem. Parece que os cachorros querem entrar ali; assim, o inspetor e os tiras põem a porta abaixo; e lá estão vários cidadãos proeminentes, bem no meio de um tranqüilo jogo de dados. Naturalmente, esses cidadãos ficam muito espantados com a chegada dos sabujos e de todos nós, e especialmente com a chegada dos tiras, e a primeira reação que têm é a de escapar dali, cada um para um lado, porque o jogo de dados ainda é bastante ilegal por esses lados.

Mas o inspetor diz apenas "Ah-ha!", e começa a anotar nomes em seu caderninho, como para agir nisso mais tarde. Nip e Tuck, do jeito que entraram, saíram, e continuam cheirando a calçada pela rua 56. No caminho pararam em quatro portas, que depois de derrubadas pelos tiras revelaram não ser mais que quatro bares clandestinos, embora um deles fosse também uma boca, e os cidadãos em lugares assim são mais sensíveis à excitação e ficam superparanóicos, especialmente porque o inspetor McNamara continua fazendo anotações em seu caderninho.

No final, o inspetor começa a olhar estranho para os outros tiras, e você pode ver que ele está muito descontente em encontrar tanta ilegalidade na área do distrito; e os tiras estão começando a odiar Nip e Tuck, sem nenhum disfarce. Um tira chega mesmo a dizer:

- Cara, esses vira-latas não passam de dedos-duros!

Bem, o barulho de John Wangle gritando com os cachorros e a massa de populares correndo atrás provoca a maior comoção e acorda a maioria das pessoas nos apartamentos e hotéis da vizinhança, especialmente agora no verão, quando quase todas as janelas estão abertas.

Várias cabeças aparecem nas janelas, e ouvimos a voz de caras e gatas perguntando:

- Que é que está acontecendo?

Parece que, quando circula o rumor de que os cães estão perseguindo um delinqüente, uma sensação de forte mal-estar correu toda aquela área das ruas 50; na verdade, ouvi mais tarde que três pessoas foram levadas para a Policlínica com fraturas na perna e escoriações generalizadas por terem saltado das janelas de apartamentos e hotéis nas ruas onde passávamos, ou por cair da escada de incêndio.

Bem, de repente Nip e Tuck voltam para a Sétima Avenida e começam a subir as escadas de um pequeno edifício de apartamentos, até o primeiro andar, e quando chegamos lá, os sabujos estão latindo e arranhando a porta do apartamento B-2, e ficamos todos excitados, mas afinal a porta se abre e quem está ali é senão uma gata que atende pelo nome de Maud Milligan, que é bem conhecida de todos, por ser a gata de Big Nig, o jogador de dados, que no momento está em Hot Springs, fazendo uma estação de águas, ou seja lá o que for que fazem em Hot Springs.

Agora, Maud Milligan, geniosa como são todas as ruivas, não é uma gata com quem eu queira ter algum problema, e fico satisfeito que Nip e Tuck decidam ir embora logo depois de fazer um giro pelo apartamento indo do sofá para a cama, porque Maud já começa olhar atravessado para aqueles de nós que ela conhece. Mas Nip e Tuck entram e saem rápido do apartamento, que só tem duas peças, e antes que alguém tenha tempo de piscar um olho, estamos descendo a escada outra vez, atrás dos sabujos, e de novo

na Sétima Avenida, enquanto o inspetor McNamara continua escrevendo em seu caderninho.

E finalmente, para onde é que esses cachorros nos levam, com quase quatrocentos cidadãos atrás, senão para a porta do Clube Trezentos, da Srta. Missouri Martin? O porteiro, um cara conhecido por Soldado Sweeney, tenta enxotá-los, mas Nip passa no meio de suas pernas e o derruba, enquanto Tuck, passando por cima dele, pisa em seu olho, e boa parte dos populares, correndo atrás, acaba de achatar o velho soldado.

Nip e Tuck agora estão mais excitados que nunca, latindo forte quando irrompem no Clube, seguidos por John Wangle, a lei e os cidadãos. Há um mundo de gente presente, e a Srta. Missouri Martin está sentada nas costas de uma cadeira no meio da pista de dança e pronta para começar o seu número, quando vê a multidão que surge. No início, isso a faz ficar muito feliz, porque pensa que são novos clientes, e se existe algo que a Srta. Missouri Martin realmente gosta é de novos clientes.

Mas antes que possa dizer "Olá, otário!", ou qualquer outra coisa, Nip, correndo, decide passar por baixo da cadeira e derruba a Srta. Missouri Martin na pista de dança, que fica ali gemendo bastante, enquanto a próxima coisa que acontece é que Nip e Tuck estão fazendo o maior alarido num canto e pulando para baixo e para cima de um cara gordo, que não é outro senão meu amigo Remorso!

Bem, quando Nip e Tuck correram para Remorso, ele naturalmente se levantou da mesa tentando se proteger, mas os dois pularam juntos sobre ele, que caiu sobre a gata a seu lado, que não era outra senão a Srta. Lovey Lou. Ela vai sendo esmagada, com o peso de Remorso espalhado em cima dela, e grita apavorada, especialmente quando Nip estica quase meio metro de língua e limpa toda a maquiagem de seu rosto procurando Remorso. Na verdade, a Srta. Lovey Lou parece ter mais medo dos cachorros do que de ser esmagada, porque quando eu e John Wangle conseguimos tirá-la debaixo de Remorso ela diz gaguejando:

- Oh, não deixem que eles me devorem! Eu confesso.

Como ninguém, a não ser eu e John Wangle, ouviu o que ela disse, devido à confusão que todos estão fazendo, e como John Wangle não parece ter compreendido a coisa, eu a empurro para o meio da multidão e a levo para a cozinha, que está completamente deserta, enquanto estão todos lá fora vendo a confusão, e então digo a ela:

- O que é que você quer confessar? - pergunto. - Tem alguma coisa a ver com Marvin Clay?

- Sim - ela responde. - É a respeito dele. O cara era um porco. Atirei nele e não me arrependo. Não satisfeito com o que fez comigo há dois anos, queria fazer a mesma porcaria com minha irmãzinha. Ela estava no apartamento dele, e quando descobri fui lá buscar ela. Ele me disse que não ia deixar ela sair e eu atirei nele com a pistola de meu irmão; peguei minha irmãzinha e espero que o cara esteja morto e no inferno, que é o lugar dele.

- Bem - eu lhe disse -, não vou argumentar com você a respeito do lugar para onde Marvin deve ir, mas você vai sair daqui - continuei - e ir para casa; e vai ficar quieta lá até que a gente possa resolver essa situação. Vou voltar lá para dentro e dar uma mão a Remorso, que me parece estar num aperto.

- Oh, não deixe que aqueles cachorros horríveis jantem o Remorso - e, dizendo isso, ela desaparece e eu volto para o salão, onde a confusão não terminou.

Agora parece que Remorso está muito indignado com Nip e Tuck, especialmente porque um deles deixou a marca de uma pata em sua camisa branca, e enquanto se levanta, ele distribui punhos para todos os lados e com as duas mãos, e isso é uma coisa que não se pode dizer que ele faça mal, especialmente em se tratando de um cara que raramente solta punhos. Na verdade, ele apaga as luzes de Nip com um direito no maxilar, e derruba Tuck limpo com um gancho de esquerda, jogando o cachorro do outro lado da sala.

Bem, o pobre Tuck escorrega na pista de dança para cima da Srta. Missouri Martin bem quando ela começa a se levantar e a

derruba de novo, mas desta vez a Srta. Missouri Martin também está cheia de indignação e se levanta para chutar Tuck, de forma muito pouco feminina. É claro que Tuck não tem idéia do que passa pela cabeça da Srta. Missouri Martin, mas quanto ao seu amigo Remorso, ele tem certeza de que se trata de uma brincadeira e assim ele volta a pular sobre Remorso, com a língua de fora e o rabo abanando. Não se sabe quanto tempo isso ainda poderia durar se John Wangle não interferisse, segurando os dois sabujos enquanto o inspetor McNamara aponta uma arma para Remorso e diz que ele está preso pelo assassinato de Marvin Clay.

Aí, é claro, todo mundo está vendo que Remorso deve ser mesmo o assassino, especialmente quando se lembram do problema que já teve com Marvin Clay, da outra vez, e todos olham para ele chocados, e começam a dizer que você pode ver em seu rosto que ele é mesmo um tipo degenerado.

Para completar, o inspetor McNamara faz um discurso para os clientes da Srta. Missouri Martin, no qual se congratula com John Wangle, Nip e Tuck por seu magnífico trabalho de rastrear esse perigoso assassino, ao mesmo tempo fazendo elogios ao trabalho do Departamento de Polícia, enquanto Remorso fica ali prestando pouca atenção a tudo isso e tentando chegar perto de Tuck e Nip na tentativa de um último pontapé.

Bem, os clientes aplaudem as palavras do inspetor McNamara, e a Srta. Missouri Martin faz uma coleta de mais de duzentos dólares para John Wangle, sem falar no dinheiro que ela embolsa. Além do que, o chefe leva John Wangle para a cozinha, junto com Nip e Tuck, e os entope de comida, o que é muito bom, embora eu pessoalmente prefira evitar a comida que servem no Clube Trezentos.

Levam Remorso para a cadeia e ele não parece ter entendido ainda o motivo de sua prisão, tudo que sabe é que tem alguma coisa a ver com Nip e Tuck e tenta subornar um guarda para que coloque os sabujos na mesma cela que ele, mas é claro que o guarda não chega a considerar a proposta. Enquanto Remorso está sendo identificado, chega notícia à prisão de que Marvin Clay não só

não está morto, mas provavelmente vai ficar bom, que é o que ocorre, afinal.

Mais ainda, ele mesmo paga a fiança de Remorso, e não só insiste em não fazer queixa como abandona o país imediatamente. Remorso, de qualquer forma, passa algumas semanas em cana, sem abrir a boca para se defender, nem mesmo depois que fica sabendo o que aconteceu de verdade, não deixa escapar que não foi ele quem baleou Marvin Clay. A Srta. Lovey Lou, naturalmente, fica muito agradecida a Remorso por esse magnífico gesto de sacrifício e, sem dúvida, se tornará sua amantíssima esposa, no momento em que ele pedir, mas parece que Remorso começa a pensar bem a coisa, e acaba concluindo que talvez não seja uma boa idéia ter uma esposa tão rápida no gatilho; e afinal não faz o pedido.

Enquanto isso, John Wangle, com Nip e Tuck, volta para a Geórgia com o dinheiro da coleta da Srta. Missouri Martin, e com uma enorme reputação de caçador de criminosos. E essa é toda a história, exceto que uma dessas noites eu esbarro com Remorso, com uma mala na mão e transpirando muito. Pergunto se está saindo da cidade, e ele responde que é isso mais ou menos o que tem em mente. Ele ainda me informa que pretende ir o mais longe possível daqui. Naturalmente eu pergunto por quê. Remorso me responde:

- Bem - diz ele -, desde quando Big Nig, o jogador de dados, voltou de Hot Springs e ouviu contar como os sabujos seguiram a pista de quem baleou Marvin Clay, ele vem me olhando com o canto do olho. Na verdade - continuou - posso imaginar o que é que Big Nig está revolvendo em sua mente; e, embora Big Nig não seja um cara capaz de pensar rápido, acho que com o tempo ele vai chegar a uma péssima conclusão.

- Tenho medo - diz Remorso - que Big Nig comece a imaginar que Nip e Tuck estavam seguindo meus passos, e não os da pessoa que atirou em Marvin Clay, que é o que muitas mentes maliciosas vêm espalhando por aí, e que talvez Big Nig comece a ter idéias

erradas sobre o porquê de a pista passar pela porta de Maud Mulligan.

Tradução de Octávio Marcondes

70. EMMA ZUNZ

JORGE LUIS BORGES (1899 -1986 | Argentino)

Este bruxo argentino que conquistou meio mundo - leitores comuns e principalmente scholars, escritores (só para citar um deles, Garcia Márquez, que quando jovem admirava sua clareza e sua estética no manejo do espanhol), cineastas (Bernardo Bertolucci filmou A Estratégia da Aranha, baseado no conto Tema do Traidor), filósofos (Foucault, para escrever les Mots et les Choses, diz na introdução que se inspirou num curto texto borgiano) - é uma presença que engrandece qualquer antologia. Borges, apesar de sua erudição, ou por isso mesmo, era um admirador da literatura policial, tendo dirigido uma coleção noir, e ele mesmo chegou a tentar a mão em Um Nome para Morrer (junto com seu amigo Bioy Casares) e em outros textos curtos, como La Espera, de El Aleph, presente em Menaces/Anthologie da la Nouvelle Noire et Policière Latino-Americaine, de Olver Gilberto de León (Ed. CAtalante). Ao contrário de seu lado metafísico, literário e metaliterário que o tornou mais conhecido devido aos textos intelectualmente sofisticados de O Aleph, Inquisiciones e Nova Antologia Pessoal, entre outros, nesta pequena obra-prima do conto criminal que é Emma Zunz, Borges, com uma linguagem simples e admirável clareza narrativa (características fáceis só na aparência), consegue traçar um retrato da injustiça social e da capacidade de vingança mortal que todo ser humano no fundo possui.

No dia 14 de janeiro de 1922, Emma Zunz, ao voltar da fábrica de tecidos Tarbuch e Loewenthal, encontrou no fundo do vestíbulo uma carta, datada do Brasil, pela qual soube que seu pai tinha morrido. Enganaram-na, à primeira vista, o selo e o envelope; depois, inquietou-a a letra desconhecida. Nove ou dez linhas mal

traçadas quase enchiam a folha; Emma leu que o senhor Maier tinha ingerido por engano uma forte dose de veronal e tinha falecido a 3 do corrente no hospital de Bagé. Um companheiro de pensão de seu pai assinava a notícia, um tal Fein ou Fain, de Rio Grande, que não podia saber que se dirigia à filha do morto.

Emma deixou cair o papel. A primeira sensação foi de mal-estar no ventre e nos joelhos; depois, de cega culpa, de irreabilidade, de frio, de temor; depois, quis já estar no dia seguinte. imediatamente, compreendeu que essa vontade era inútil, porque a morte de seu pai era a única coisa que tinha sucedido no mundo e que continuaria sucedendo para sempre. Pegou o papel e foi para o quarto. Furtivamente, guardou-o na gaveta, como se, de alguma forma, já conhecesse os fatos ulteriores. Talvez já começasse a vislumbrá-los; já era a que seria.

Na crescente escuridão, Emma chorou até o fim daquele dia o suicídio de Manuel Maier, que nos velhos dias felizes fora Emanuel Zunz. Recordou veraneios numa chácara, perto de Gualeguay, recordou (procurou recordar) sua mãe, recordou a casinha de Lanús que lhes arremataram, recordou os amarelos losangos de uma janela, recordou o auto de prisão, o opróbrio, recordou as cartas anônimas com o comentário sobre "o desfalque do caixa", recordou (mas isso ela nunca esquecia) que seu pai, na última noite, jurara que o ladrão era Loewenthal. Loewenthal, Aaron Loewenthal, antes gerente da fábrica e agora um dos donos. Emma, desde 1916, guardava o segredo. A ninguém o revelara, nem sequer a sua melhor amiga, Elsa Urstein. Talvez evitasse a profana incredulidade; talvez acreditasse que o segredo fosse um vínculo entre ela e o ausente. Loewenthal não sabia que ela sabia; Emma Zunz tirava desse fato ínfimo um sentimento de poder.

Não dormiu àquela noite, e, quando a primeira luz definiu o retângulo da janela, já estava perfeito seu plano. Procurou fazer com que esse dia, que lhe pareceu interminável, fosse como os outros. Havia na fábrica rumores de greve; Emma, como sempre, declarou-se contra qualquer violência. Às seis, concluído o trabalho, foi com Elsa a um clube para mulheres, com ginásio e piscina.

Inscreveram-se; teve de repetir e soletrar seu nome e sobrenome, teve de achar graça das brincadeiras vulgares com que é comentado o exame médico. Com Elsa e com a mais moça das Kronfuss discutiu a que cinema iriam no domingo à tarde. Depois, falou-se de namorados e ninguém esperou que Emma falasse. Completaria dezenove anos em abril, mas os homens lhe inspiravam ainda um temor quase patológico. .. Na volta, preparou uma sopa de tapioca e uns legumes, comeu cedo, deitou-se e obrigou-se a dormir. Assim, laboriosa e trivial, passou a sexta-feira, dia 15, a véspera.

No sábado, a impaciência despertou-a. A impaciência, não a inquietude, e o singular alívio de estar finalmente naquele dia. Já não tinha que tramar e imaginar; dentro de algumas horas, atingiria a simplicidade dos fatos. Leu em La Prensa que o Nordstjarnan, de Malmö, zarparia nessa noite do cais 3; telefonou para Loewenthal, insinuou que desejava comunicar, sem que as outras soubessem, algo sobre a greve e prometeu passar pelo escritório, ao anoitecer. Tremia-lhe a voz; o tremor convinha a uma delatora. Nenhum outro fato memorável ocorreu nessa manhã. Emma trabalhou até as doze e marcou com Elsa e com Perla Kronfuss os pormenores do passeio de domingo. Deitou-se depois de almoçar e recapitulou, de olhos fechados, o plano que tramara. Pensou que a etapa final seria menos horrível que a primeira e que lhe proporcionaria, sem dúvida, o sabor da vitória e da justiça. De repente, alarmada, levantou-se e correu à gaveta da cômoda. Abriu-a; debaixo do retrato de Milton Sills, onde a deixara na noite anterior, estava a carta de Fain. Ninguém podia tê-la visto; começou a ler e rasgou-a.

Narrar com alguma realidade os fatos dessa tarde seria difícil e talvez im procedente. Um atributo do infernal é a irrealidade, um atributo que parece diminuir seus terrores e que talvez os agrave. Como tornar verossímil uma ação na qual quase não acreditou quem a executava, como recuperar esse breve caos que hoje a memória de Emma repudia e confunde? Emma vivia em Almagro, na rua Liniers; consta-nos que nessa tarde foi ao porto. Talvez no infame Paseo de Julio se tenha visto multiplicada em espelhos,

anunciada por luzes e despida pelos olhos famintos, porém mais razoável é conjecturar que a princípio errou, inadvertida, pela indiferente galeria. .. Entrou em dois ou três bares, viu a rotina ou os modos de outras mulheres. Por fim, deu com homens do Nordstjarnan. Temeu que um deles, muito jovem, lhe inspirasse alguma ternura e optou por outro, talvez mais baixo que ela e grosseiro, a fim de que a pureza do horror não fosse diminuída. O homem conduziu-a a uma porta e depois a um turvo saguão e depois a uma escada tortuosa e depois a um vestíbulo (em que havia uma vidraça com losangos idênticos aos da casa em Lanús) e depois a um corredor e depois a uma porta que se fechou. Os fatos graves estão fora do tempo, seja porque neles o passado imediato fica como que separado do futuro, seja porque não parecem consecutivas as partes que os formam.

Naquele tempo fora do tempo, naquela desordem caótica de sensações inconexas e atrozes, Emma Zunz pensou uma única vez no morto que motivava o sacrifício? Tenho para mim que pensou uma vez e que nesse momento correu perigo seu desesperado propósito. Pensou (não pôde deixar de pensar) que seu pai tinha feito à sua mãe a coisa horrível que lhe faziam agora. Pensou com débil assombro e se refugiou, em seguida, na vertigem. O homem, sueco ou finlandês, não falava espanhol; foi um instrumento para Emma como esta o foi para ele, mas ela serviu para o gozo e ele para a justiça.

Quando ficou sozinha, Emma não abriu em seguida os olhos. Na mesa-de-cabecei-ra estava o dinheiro deixado pelo homem. Emma sentou-se e o rasgou como antes rasgara a carta. Rasgar dinheiro é uma impiedade, como jogar fora o pão; Emma arrependeu-se, tão logo o fez. Um ato de soberba, e naquele dia. .. O medo perdeu-se na tristeza de seu corpo, no asco. O asco e a tristeza prendiam-na, mas Emma lentamente se levantou e começou a vestir-se. No quarto não restavam cores vivas; o último crepúsculo se adensava. Ela pôde sair sem que a percebessem; na esquina, pegou um Lacroze que ia para o oeste. Escolheu, conforme seu plano, o banco mais da frente para que não lhe vissem o rosto. Talvez a tenha

consolidado verificar, no insípido movimento das ruas, que o acontecido não contaminara as coisas. Passou por bairros decrescentes e opacos, vendo-os e esquecendo-os no ato, e desceu numa das esquinas de Warnes. Paradoxalmente, seu cansaço vinha a ser uma força, pois a obrigava a concentrar-se nos pormenores da aventura e lhe ocultava o fundo e o fim.

Aaron Loewenthal era, para todos, um homem sério; para seus poucos íntimos, um avarento. Vivia nos altos da fábrica, sozinho. Estabelecido no desmantelado arrabalde, temia os ladrões; no pátio da fábrica havia um grande cachorro e na gaveta do escritório, ninguém o ignorava, um revólver. Chorara com decoro, no ano anterior, a inesperada morte da mulher - uma Gauss, que lhe trouxe um bom dote! -, mas o dinheiro era sua verdadeira paixão. Com íntima vergonha, sabia ser menos apto para ganhá-lo que para conservá-lo. Era muito religioso; acreditava ter com o Senhor um pacto secreto, que o eximia de agir bem a troco de orações e devoções. Calvo, corpulento, enlutado, de óculos escuros e barba ruiva, esperava de pé, junto à janela, a informação confidencial da operária Zunz.

Viu-a empurrar a grade (que ele deixara entreaberta, de propósito) e cruzar o pátio sombrio. Viu-a dar uma pequena volta quando o cachorro amarrado latiu. Os lábios de Emma se atarefavam como os de quem reza em voz baixa; cansados, repetiam a sentença que o senhor Loewenthal ouviria antes de morrer.

As coisas não ocorreram como previra Emma Zunz. Desde a madrugada anterior, sonhara, muitas vezes, apontando o firme revólver, forçando o miserável a confessar a miserável culpa e expondo o corajoso estratagema que permitiria à Justiça de Deus triunfar sobre a justiça humana. (Não por medo, mas por ser um instrumento da justiça, ela não queria ser castigada.) Depois, um só balaço no meio do peito rubricaria a sorte de Loewenthal. Mas as coisas não ocorreram assim.

Diante de Aaron Loewenthal, mais que a urgência de vingar o pai, Emma sentiu a de castigar o ultraje sofrido por isso. Não podia

deixar de matá-lo, depois dessa minuciosa desonra. Tampouco tinha tempo a perder com teatralidades. Sentada, tímida, pediu desculpas a Loewenthal, invocou (à maneira de delatora) as obrigações da lealdade, pronunciou alguns nomes, deu a entender outros e calou-se como se o medo a vencesse. Conseguiu que Loewenthal saísse para buscar um copo d'água. Quando ele, incrédulo de tal agitação, mas indulgente, voltou da sala de jantar, Emma já tinha tirado da gaveta o pesado revólver. Apertou o gatilho duas vezes. O considerável corpo caiu como se os estampidos e a fumaça o tivessem rompido, o copo se partiu, o rosto olhou-a com assombro e cólera, a boca injuriou-a em espanhol e em iídiche. Os palavrões não cessavam; Emma teve de fazer fogo outra vez. No pátio, o cachorro acorrentado pôs-se a ladrar, e uma efusão de sangue repentino brotou dos lábios obscenos e manchou a barba e a roupa. Emma iniciou a acusação que tinha preparada ("Vinguei meu pai e não me poderão castigar. ."). mas não a concluiu, porque o senhor Loewenthal já estava morto. Não soube nunca se ele chegou a compreender.

Os tensos latidos lembraram que ela não podia, ainda, descansar. Desordenou o divã, desabotoou o paletó do cadáver, tirou-lhe os óculos salpicados e deixou-os sobre o fichário. Em seguida, pegou o telefone e repetiu o que tantas vezes repetiria, com essas e com outras palavras: "Aconteceu uma coisa inacreditável. .. O senhor Loewenthal me fez vir com o pretexto da greve... Abusou de mim, eu o matei. .."

A história era inacreditável, de fato, mas se impôs a todos, pois substancialmente era certa. Verdadeiro era o tom de Emma Zunz, verdadeiro o pudor, verdadeiro o ódio. Verdadeiro também era o ultraje que padecera; só eram falsas as circunstâncias, a hora e um ou dois nomes próprios.

Tradução de Flávio José Cardozo

71. DIGA ÀS MULHERES QUE A GENTE JÁ VAI

RAYMOND CARVER (1938 -1988 | Estados Unidos)

O olhar de Carver sobre o ser humano é peculiar, contundente e acurado. Talvez seja isso que tenha atraído Robert Altman a adaptar seus contos e realizar um de seus melhores filmes: Short Cuts - Cenas da Vida. Na sua introdução à edição brasileira do livro com o mesmo título do filme, Rubens Figueiredo, sobre este herdeiro de Tchecov e Hemingway, escreveu: "... uma obra que recupera, para a literatura moderna, a melhor tradição do conto realista." O segredo do estilo do autor? ";4 força da emoção nos contos de Carver deriva não do que ele acrescenta à história e ao texto, mas do que suprime. Seu foco recorta da vida uma pequena faixa, assim como suas frases concentram-se no essencial. A emoção se torna mais profunda justamente porque é contida." Traduzindo: Raymond Carver é um grande contista.

Bill Jamison sempre se deu muito bem com Jerry Roberts. Os dois cresceram na zona sul, perto do velho parque de exposições, freqüentaram juntos o primeiro e o segundo grau no colégio, e depois também na Eisenhower, onde sempre que possível escolhiam os mesmos professores, usavam as camisas, os suéteres e as calças surradas um do outro, namoravam e paqueravam as mesmas garotas - na verdade, qualquer uma que aparecesse pela frente.

Nos verões trabalhavam juntos - podando os pessegueiros, colhendo cerejas, amarrando feixes de lúpulo, qualquer coisa que pudessem fazer para ganhar um dinheirinho e não tivesse um chefe por perto enchendo o saco. E então compraram um carro juntos. No

verão anterior ao seu último ano, juntaram o dinheiro que tinham e compraram um Plymouth 54, vermelho, por 325 dólares.

Dividiram o carro. Deu certo.

Mas Jerry se casou antes do final do primeiro semestre e abandonou a faculdade para trabalhar a sério na Loja Robby.

Quanto a Bill, ele também tinha namorado a moça. Ela se chamava Carol e se dava muito bem com Jerry, e Bill ia visitá-los sempre que podia. Ter amigos casados fazia com que se sentisse mais velho. Ia lá almoçar ou jantar, e ouviam discos de Elvis ou de Bill Haley e seus Cometas.

Mas às vezes Carol e Jerry começavam a se agarrar com Bill ainda lá, e ele tinha que se levantar, pedir desculpas e sair para dar uma chegada no posto de gasolina Derzon e tomar uma Coca-Cola, porque só havia uma cama no apartamento, uma cama embutida que descia da parede da sala de estar. Ou então às vezes Carol e Jerry iam juntos para o banheiro, e Bill tinha que ir para a cozinha e fingir que estava interessado no guarda-louças e na geladeira e tentava não ouvir nada.

Assim ele foi parando de ir lá com a mesma freqüência; e em junho se formou, arrumou um emprego na fábrica Darigold e alistou-se na Guarda Nacional. Em um ano, Bill seguiu pelo mesmo caminho de seus amigos, e estava de namoro firme com Linda. Desse modo, Bill e Linda iam visitar Jerry e Carol, tomavam cerveja e ouviam discos.

Carol e Linda se davam bem, e Bill ficou orgulhoso quando Carol lhe disse, de modo confidencial, que Linda era "uma pessoa fora do comum".

Jerry também gostava de Linda.

- Ela é ótima - dizia Jerry.

Quando Bill e Linda se casaram, Jerry foi o padrinho. A recepção, é claro, foi no Hotel Donnelly, Jerry e Bill fizeram palhaçadas juntos, dançando de braços dados, bebendo copos de ponche reforçado com álcool. Mas uma vez, no meio de toda essa felicidade, Bill

olhou para Jerry e pensou como Jerry parecia velho, bem mais velho do que vinte e um anos. Mas Jerry já tinha tido dois filhos, havia sido promovido para auxiliar de gerente, e Carol já tinha mais um filho no forno.

Eles se encontravam todo sábado e domingo, às vezes com um intervalo menor, se houvesse um feriado. Caso o tempo estivesse bom, iam até a casa de Jerry fazer cachor-ros-quentes na churrasqueira e deixar as crianças brincando na piscina de encher que Jerry tinha comprado quase de graça, como tantas coisas que comprava na loja onde trabalhava.

Jerry tinha uma boa casa. Ficava no alto de um morro que dava para o Naches. Havia outras casas nas redondezas, mas não ficavam coladas. Jerry estava bem de vida. Quando Bill, Linda, Jerry e Carol se encontravam, era sempre na casa de Jerry porque lá tinha a churrasqueira, os discos e muitas crianças fazendo bagunça.

Era um domingo, na casa de Jerry, quando aconteceu.

As mulheres estavam na cozinha pondo as coisas em ordem. As garotas de Jerry estavam no quintal, brincando na piscina com uma bola de plástico, gritando, e espirrando água para os lados.

Jerry e Bill estavam sentados nas cadeiras reclináveis no pátio, tomando cerveja e relaxando.

Era Bill quem falava mais - coisas sobre pessoas que tinham conhecido, sobre Darigold, sobre o Pontiac Catalina de quatro portas que estava pensando em comprar.

Jerry estava olhando para a corda de secar roupa, ou para o cupê Chevy 68 que estava na garagem. Bill pensava em como Jerry andava pensativo, no jeito que ficava olhando muito tempo para as coisas e quase sem dizer nada.

Bill se virou na cadeira e acendeu um cigarro.

- Alguma coisa errada? - perguntou. - Quero dizer, você entende, não é? Jerry terminou sua cerveja e depois amassou a lata. Encolheu os ombros.

- Sabe como é - disse.

Bill fez que sim com a cabeça. Então Jerry falou:

- Que tal a gente dar uma volta?

- Para mim, está ótimo - respondeu Bill. - Vou avisar às mulheres que a gente vai dar uma saída.

Seguiram a estrada do rio Naches até Glead, Jerry ia dirigindo. O dia estava ensolarado e quente, e o vento corria por dentro do carro.

- Para onde a gente vai? - perguntou Bill.

- Vamos jogar uma sinuca.

- Por mim, tudo bem - disse Bill. Sentia-se muito melhor assim, vendo Jerry mais alegre.

- Um homem precisa dar umas saídas de vez em quando - comentou Jerry. Olhou para Bill. - Você entende o que estou dizendo, não é?

Bill entendia. Gostava de sair com os colegas da fábrica na sexta-feira à noite para jogar boliche. Gostava de ir duas vezes por semana, depois do trabalho, tomar umas cervejas com Jack Broderick. Sabia que um homem precisa dar umas saídas de vez em quando.

- Ainda estamos na ativa - disse Jerry, quando o carro rodou sobre o cascalho, em frente ao Rec Center.

Entraram. Bill segurando a porta para Jerry, Jerry dando um soco de leve na barriga de Bill, quando passou por ele.

- Ei!

Era Riley.

- Ei, como é que vão vocês?

Era Riley vindo de trás do balcão, sorrindo. Era um sujeito pesado. Vestia uma camisa havaiana de manga curta, solta, por fora da calça jeans. Riley falou:

- E aí, o que é que vocês contam?

- Ah, chega de conversa e vê se arranja para a gente dois copos bem cheios - disse Jerry, piscando o olho para Bill. - E aí, como é

que você vai, Riley?

- Mas e vocês, o que é que contam, hem? - perguntou Riley. - Onde é que se meteram? Será que estão preparando mais uma cria? A última vez que vi você, Jerry, sua esposa estava grávida de seis meses.

Jerry ficou parado um instante e piscou os olhos.

- E as nossas bebidas, vêm ou não vêm? Ocuparam bancos perto da janela. Jerry disse:

- Que tipo de lugar é este, Riley, que não tem uma só garota numa tarde de domingo?

Riley riu. E disse:

- Acho que estão todas na igreja rezando para vir logo para cá.

Cada um tomou cinco latas de cerveja, e levaram duas horas para terminarem duas partidas de bilhar e duas de sinuca, Riley sentado num banco, vendo os dois jogarem, Bill sempre olhando para o relógio e depois olhando para Jerry.

Bill disse:

- E então, o que você acha, Jerry? Quer dizer, o que você acha, hem?

Jerry esvaziou sua lata, amassou-a, depois ficou de pé um tempo, virando a lata na mão.

De volta à estrada, Jerry acelerou - pequenas arrancadas de cento e vinte e cento e trinta quilômetros por hora. Tinham acabado de ultrapassar uma caminhonete cheia de mobília quando viram as duas garotas.

- Olhe só! - disse Jerry, reduzindo. - Eu até que podia pegar uma delas. Jerry avançou por mais dois quilômetros e depois encostou ao lado da estrada.

- Vamos voltar - propôs Jerry. - Vamos fazer uma tentativa.

- Meu Deus - exclamou Bill. - Não sei.

- Eu até que podia pegar uma delas.

- É sim - respondeu Bill. - Mas eu não sei.

- Ah, meu Deus - exclamou Jerry.

Bill olhou seu relógio e depois deu uma olhada em volta. Respondeu:

- Você fala com elas. Eu estou enferrujado.

Jerry soltou um urro enquanto fazia o carro dar a volta na estrada.

Reduziu a velocidade quando passou ao lado das garotas. Pôs o Chevy atravessado no acostamento da estrada. As garotas passaram direto nas suas bicicletas, mas olharam uma para a outra e riram. A que ia por dentro era morena e esguia. A outra tinha cabelo claro e era mais baixa. As duas usavam calção e blusas que deixavam as costas de fora.

- Piranhas - resmungou Jerry. Esperou que os carros passassem para que pudesse fazer a curva em U.

- Vou pegar a moreninha - disse ele. - A miúda fica para você.

Bill se remexeu no banco e tocou os dedos na haste dos óculos escuros.

- Elas não vão querer nada com a gente.

- Elas agora vão ficar aí do seu lado da janela - disse Jerry. Deu a volta para o lado da estrada e foi em frente.

- Prepare-se - disse Jerry.

- Oi - falou Bill, quando as garotas passaram de bicicleta. - Meu nome é Bill.

- Bonito nome - disse a morena.

- Para onde vocês estão indo? - Bill perguntou.

As garotas não responderam. A menor deu uma risadinha. Continuaram a pedalar e Jerry continuou a dirigir o carro para adiante.

- Ah, deixem disso, para onde estão indo? - insistiu Bill.

- Lugar nenhum - respondeu a menor.

- Onde fica lugar nenhum? - brincou Bill.

- Você não ia gostar de saber - respondeu a menor.

- Eu disse o meu nome. Qual é o nome de vocês? Meu amigo se chama Jerry. As garotas olharam uma para a outra e riram.

Um carro veio por trás. O motorista tocou a buzina.

- Passa por cima! - gritou Jerry.

Encostou um pouco o carro e deixou o outro passar. Depois voltou para o lado das garotas. Bill falou:

- A gente vai dar uma carona para vocês. Vamos levar vocês aonde quiserem ir. É uma promessa. Devem estar cansadas de pedalar essas bicicletas. Parecem cansadas. Exercício demais não é bom para a saúde. Sobretudo para moças.

As garotas riram.

- Está vendo? - disse Bill. - Agora digam para a gente como vocês se chamam.

- Eu sou Barbara, ela é Sharon - respondeu a menor.

- Muito bem! - festejou Jerry. - Agora descubra para onde estão indo.

- E aonde estão indo vocês duas? Hem, Barb? - perguntou Bill. Ela riu.

- Lugar nenhum - respondeu. - Estamos só andando pela estrada.

- Andando para onde?

- Você quer contar a eles? - ela perguntou à outra garota.

- Para mim tanto faz - a outra respondeu. - Não faz diferença alguma. Eu não vou mesmo com ninguém para lugar nenhum - disse a moça chamada Sharon.

- Aonde estão indo? - perguntou Bill. - Vão para Picture Rock? As garotas riram.

- É para lá que estão indo, sim - disse Jerry.

Acelerou o Chevy e foi parar mais à frente, no acostamento, de tal modo que as garotas tinham que passar pela janela do seu lado.

- Não sejam assim - disse Jerry. - Vamos lá. Já fomos apresentados. As garotas apenas passaram pedalando.

- Não vou morder vocês! - gritou Jerry.

A morena olhou para trás. Jerry achou que ela estava olhando do jeito certo. Mas com essas garotas nunca dá para saber direito.

Jerry disparou de volta para estrada, poeira e pedrinhas voando debaixo dos pneus.

- A gente se vê! - acenou Bill quando passaram correndo por elas.

- Está no papo - disse Jerry. - Viu o jeito da sem-vergonha olhar para mim?

- Não sei - respondeu Bill. - Talvez a gente devesse ir logo para casa.

- A gente já fez a cama, agora é só deitar! - disse Jerry.

Encostou o carro ao lado da estrada, sob algumas árvores. A estrada principal ali em Picture Rock se bifurcava, uma estrada seguia para Yakima, a outra para Naches, Enumclaw, Chinook Pass, Seattle.

A noventa metros da estrada havia uma pedreira alta, escarpada, preta, que fazia parte de uma serra baixa, esburacada por trilhas e pequenas cavernas, com pinturas indígenas aqui e ali nas paredes das cavernas. A face escarpada da pedreira dava para a estrada e em toda sua superfície se viam coisas como: NACHES 67 - FERAS DE GLEED - JESUS SALVA - SELVAGENS DE YAKIMA - ARREPENDAM-SE HOJE.

Ficaram sentados no carro, fumando cigarros. Vieram uns mosquitos e tentaram picar suas mãos.

- Quem dera a gente tivesse uma cervejinha agora - disse Jerry.
- Dava tudo por uma cerveja.

- Eu também - disse Bill, e olhou para o relógio.

Quando avistaram as garotas, Jerry e Bill saíram do carro. Recostaram-se no pára-choque da frente.

- Lembre-se - disse Jerry, afastando-se do carro -, a morena é minha. Você fica com a outra.

As garotas saltaram das bicicletas e seguiram por uma das trilhas. Sumiram por trás de uma curva e reapareceram, um pouco mais acima. Ficaram ali de pé, olhando para baixo.

- Por que vocês estão seguindo a gente? - gritou a morena. Jerry seguiu pela mesma trilha.

As garotas deram a volta e sumiram de novo, correndo.

Jerry e Bill continuaram a subir em passos normais. Bill fumava um cigarro, parando toda hora para dar uma boa tragada. Quando o caminho fez uma curva, ele olhou para trás e viu o carro lá embaixo.

- Vamos! - disse Jerry.

- Estou indo - respondeu Bill.

Continuaram a subir. Mas depois Bill teve que tomar fôlego. Agora já não podia ver o carro. Também não dava para ver a estrada. Do lado esquerdo e para baixo, podia ver um trecho do rio Naches como uma folha de alumínio.

- Você vai para a direita e eu vou em frente - disse Jerry. - Vamos cortar o caminho das duas piranhazinhas.

Bill fez que sim com a cabeça. Estava tão sem fôlego que não dava para falar.

Subiu um pouco mais e depois o caminho começou a descer, virando na direção do vale. Ele olhou e viu as garotas. Viu que estavam de cócoras atrás de um mato. Talvez estivessem sorrindo.

Bill pegou um cigarro. Mas não conseguiu acender. Em seguida Jerry apareceu. Agora o cigarro não tinha mais importância.

Bill só queria dar uma trepada. Ou pelo menos ver as garotas nuas. Por outro lado, estaria tudo bem se não desse certo.

Ele nunca ficou sabendo o que Jerry queria. Mas começou e terminou com uma pedra. Jerry usou a mesma pedra em ambas as

garotas, primeiro na que se chamava Sharon, e depois na outra, que era para ser a do Bill.

Tradução de Rubens Figueiredo

MESTRES E DAMAS DO CRIME

72. O ÁS DO AZAR

C. HEDLEY BARKER (1894 – ? I Inglaterra)

Sabe-se muito pouco sobre este aventureiro, que deixou sua York natal aos 12 anos para correr o mundo pelos mares. Acabou servindo na Marinha Britânica, na I Guerra Mundial. Teve seu primeiro de vinte romances editado em 1922. Foi autor de cerca de quinhentos contos publicados em revistas do gênero. The Ace of Trouble tem um início que se nega ao suspense e um final simples e surpreendente..

Devia ser insuportável para Herbert Dawlish o fato de que, se a garçonne não tivesse sido tão lenta em servi-lo, certamente ele não teria cometido aquele assassinato.

Dawlish dispunha apenas de dez minutos e estava realmente com fome. Por isso, entrou apressado numa lanchonete e pediu uma xícara de chá e um pastel. E lá se foi a garçonne despreocupada e sem o mínimo de pressa transmitir o pedido enquanto Herbert Dawlish remexia-se no banco, nervoso e impaciente. Deve ter consultado o relógio pelo menos umas dez vezes no período de cinco minutos. Quando finalmente foi servido, tinha só dois minutos para engolir o lanche e apanhar o trem para Herne Bay.

Chegou esbaforido à plataforma da estação, com o trem começando a partir. Com os lábios apertados, sinal de sua contrariedade, pois logo compreendeu que não mais poderia subir, como sempre fazia, diretamente para o vagão-restaurant, ainda mais que aquele trem não tinha corredor. . . Isso significava que ia perder a costumeira partida de baralho.

O trem logo ganhava velocidade. Dawlish segurou a maleta com força e saiu em desabalada carreira, já achando que se deveria dar por feliz, agora, se conseguisse entrar no trem, em qualquer vagão

que fosse. Com um salto espetacular, alcançou o estribo do último vagão, em meio aos gritos dos funcionários da estrada de ferro. Ficou então uns segundos se equilibrando, ofegante, os pés juntos, para logo em seguida abrir a porta do carro e deixar-se cair no banco com um profundo suspiro de alívio.

No banco em frente ao seu, viajava um homem de aparência vulgar, rebuscado no vestir, com uma pequena ferradura de ouro pregada na gravata e sapatos de ponta abruptamente quadrada. Falou o que as pessoas geralmente falam nestas ocasiões: "... por um triz. ... correr tão rápido na sua idade não é nada fácil. . .", e assim por diante. Começou ainda a lembrar uma outra situação semelhante, mas na qual o protagonista, um tal Sam Briggs, não teve a mesma felicidade do que ele, Dawlish, e caiu entre o trem e a plataforma. E para completar, acrescentou um macabro pós-escrito:

- Foi uma coisa horrível! Nunca mais quero ver coisa igual!

Herbert Dawlish, naquele momento tão distante quanto Júpiter da idéia de poder vir a cometer um crime, encarou o homem que, no entanto, ele iria matar. Não poderia suportar por muito tempo pessoas falastronas e tolas, e aquele sujeitinho parecia-lhe agora o exemplo mais bem-acabado deste gênero de gente. No entanto, quando o homem sugeriu um jogo de cartas, Dawlish esqueceu-se de tudo e imediatamente ficou entusiasmado. Tinha verdadeira paixão pelo carteadado.

- Tenho um maço comigo - disse, enfiando a mão no bolso. Seus dedos porém tocaram em algo frio e áspero, que ele tirou para fora com um sorriso embaraçado. Colocando sobre a mesa uma pistola automática, disse em tom de brincadeira:

- Não se assuste. Não sou um pistoleiro. Comprei a pistola hoje na cidade. O senhor entende, pertença ao clube de tiro de Herne Bay e eles acabaram de criar o departamento do revólver. Um esporte fascinante.

O outro concordou com a cabeça.

- Dá licença? - e pegou a arma, examinando-a com olhos de especialista. - Muito bonitinha - foi o comentário. - Bastante pesada, puxa vida!

- Ah! Sim. .. Comprei também algumas balas. É muito segura essa arma. Está travada. Vamos jogar? Conhece o Soixante-dix? É o jogo ideal para duas pessoas.

- Suá. .. ?

- Setenta, em outras palavras. É uma espécie de. ..

- Ótimo, chefe! Vamos a ele. Setenta! Sim, é um jogo muito comum na França ... Eu me lembro durante a guerra ...

- Quer cortar? Dawlish deu as cartas.

- Quanto, a rodada? - falou baixo, envolvendo o outro num rápido olhar de análise.

- Bem, cinco xelins... Que tal?

Dawlish se surpreendeu. Era bem mais do que costumava apostar, mas calculou que bem poderia ganhar e, então, não seria nada mau. .. Deu as cartas de três em três e de duas em duas. E o jogo começou.

Não demorou muito para Herbert Dawlish perceber que aquele sujeito com ferradura na gravata não era um iniciante em matéria de baralho. Tinha o mesmo método elegante de embaralhar e dar as cartas dos jogadores profissionais. Lambia rapidamente os polegares, e as cartas escorregavam entre os dedos ágeis como se estivessem lubrificadas.

Dawlish começou a perder, mas não desanimou: queria ganhar.

Cinco. .. dez... quinze. .. trinta e cinco .. cinqüenta ... Acabou perdendo seis libras. Um rubor de tristeza surgiu nas maçãs do rosto. Procurou se animar bebendo um grande gole de uísque, da garrafa-de-bolso que sempre trazia consigo. Estalou a língua e concentrou-se novamente, com uma expressão sombria.

Quando o trem chegou a Chatham, as seis libras tinham se transformado em quarenta e seis. Dawlish se ferrara de vez, mas continuava tentando recuperar o que perdera. Um temor ia lhe

apertando o coração. Perdera demais. .. Muito mais do que podia se permitir... Era dia quatro, o aluguel ainda estava por ser pago, e tinha ainda outros compromissos que precisavam ser saldados com o dinheiro que acabara de perder. ..

Quando chegou a setenta libras, Herbert Dawlish jogou o corpo para trás e enxugou com a mão trêmula o suor que lhe escorria pelo rosto. Estava perdido e mal pago, e já não controlava os reflexos do canto da boca. Sua aparência, na verdade, não era das mais agradáveis.

- Acho que não posso mais continuar. . . - murmurou. - Perdi até o último centavo que tinha. ..

O adversário, que assobiava baixinho uma canção da moda, parou bruscamente, encarando Dawlish com uma expressão facial dura.

- Verdade? - perguntou. - Azar seu, companheiro. Mas foi um bom joguinho, não foi? Pois é... são os ossos do ofício!

- Escute - disse Dawlish, completamente humilhado -, sei que isso não se faz, que é pedir demais, mas. . . será que você poderia me dar esse dinheiro de volta? Só por pouco tempo; quero dizer, mais tarde eu irei lhe restituir. . . Agora, porém. .. hoje. . . eu. . . eu. . .

O homem de aspecto vulgar encarava Dawlish com um olhar de muita surpresa. De repente, deu uma sonora gargalhada.

- Ora, muito bem, cá estou eu rico! - disse. - Vou falar para a patroa quando chegar em casa. Ela vai escancarar os olhos. Não, companheiro. Nada feito. Não sou do Exército da Sa Ivação.

- Mas. . . me deixe explicar - suplicou Dawlish, aflito. - O senhor não está compreendendo. .. É como se. ..

- Ora, ora! Vamos colocar um ponto final nesta história, meu velho. Você não devia ter fugido da saia da babá, isso sim! Hei! que ...

- Levante os braços! - disse Dawlish, encarando-o com uma expressão feroz, e apontando a arma para ele. - Mãos ao alto!

Até aquele momento, Dawlish não tinha a intenção de cometer crime algum. Apenas queria assustar o sujeito e fazer com que ele concordasse em lhe devolver pelo menos parte do dinheiro... Estava sem controle. Decididamente ele não podia voltar para casa, encarar a esposa e contar a ela a história das setenta libras perdidas. Mas armas de fogo são coisas perigosas para se brincar com elas.

O homem contraiu as sobrancelhas, semicerrando os olhos, e deu um rápido e inesperado pulo para o lado, ao mesmo tempo em que Dawlish, surpreso ou assustado, fechou os olhos e apertou o gatilho.

A morte às vezes é chocantemente rápida e inesperada. Em poucos segundos, Dawlish tinha a seu lado um cadáver, que se despencou no chão como um saco vazio. Bem no meio da testa, um horrível buraco azulado. . .

Fazendo um enorme esforço em relação a si mesmo, Dawlish obrigou-se a reagir imediatamente e pensar em como sair daquela situação.

Resolveu então jogar o corpo para fora do trem, mas ao perceber o relógio de pulso da vítima teve uma idéia. Atrasou os ponteiros para as cinco e vinte e cinco. Achou que assim poderiam pensar que o relógio tivesse parado com o baque do corpo na estrada. E um relógio marcando cinco e vinte e cinco (a menos que encontrassem o cadáver imediatamente) poderia sugerir que tivesse caído de um trem anterior àquele.

Assim sendo, abriu a porta do vagão, olhou com cuidado para ambos os lados e, com o trem numa velocidade de mais de quarenta milhas por hora, atirou para fora os restos do homem de aparência vulgar e rebuscado no vestir.

No dia seguinte, Venner, o homem da Scotland Yard, estava no trem das oito e quarenta, em direção à cidade. Ele e mais dois outros receberam Dawlish, gritando os gracejos de sempre. Havia dez anos, os quatro jogavam cartas durante o trajeto, todos os dias menos nos fins de semana e feriados.

- Venha logo pra cá, seu tratante... Onde está o baralho? - gritaram para Dawlish. - E onde é que você se meteu ontem à noite, na volta?

- Acabei me atrasando - disse Dawlish. - Precisei correr para alcançar o trem. Vocês leram nos jornais? O assassinato no trem das cinco e dez?

Smith, que já embaralhava as cartas de Dawlish, concordou com a cabeça.

- O pobre coitado estava todo arrebetado - disse ele. - O rosto completamente desfigurado, dizem. Imagino que nem teve tempo de sentir nada. Você soube alguma coisa a mais sobre o caso, Venner, além do que saiu nos jornais?

Venner esboçou um breve sorriso.

- Ouvi o suficiente - disse ele -, mas não posso falar. E vi o corpo, cerca de duas ou três horas depois do crime. Eles o trouxeram de carro, de Herne Bay.

- Escute aqui, velho Dawlish - falou Smith -, este baralho não está completo. Está faltando o ás do azar.

Smith costumava chamar o ás de espadas de ás do azar porque espadas sempre significavam aborrecimento, na linguagem das cartomantes.

- Acho que ficou no meu bolso - disse Dawlish.

Mas sentiu seu corpo todo gelar quando viu o olhar repentinamente sério do policial que acompanhava sua inútil busca, mais ainda quando Venner tirou uma carta do próprio bolso e disse:

- Não. Aqui está ele, a menos que eu esteja enganado.

Pousou o ás de espadas em cima da mesinha. .. e era o ás que faltava no baralho de Dawlish.

- É mesmo, por Júpiter! Aqui está ele - disse Smith. - Com os diabos, como conseguiu tirá-lo, seu velho trapaceiro?

Venner olhou firmemente para Dawlish, e levantou-se. Em seguida, segurou-o pelo braço.

- Dawlish - disse ele -, isso me dói como ferro em brasa, mas preciso fazê-lo. Você está preso. Este ás de espadas foi encontrado na manga do paletó do sujeito assassinado.

Tradução de Alves Moreira

73. MARJORIE DAW

THOMAS BAILEY ALDRICH (1835 -1907 | ESTADOS UNIDOS)

Hoje praticamente desconhecido, este ex-editor americano do Atlantic Magazine, autor de vários volumes de poesia, como ficcionista publicou The Story of a Bad Boy (1870) e Marjorie Daw (1873). Não precisou mais do que isso: sobre o último, até exigentes críticos ingleses referiram-se a ele como "excepcional" e "definitivo quanto ao tema". É tal a engenhosidade ficcional de Marjorie Daw, com sua sutil atmosfera de suspense com surpresa no final, e sem nenhum derramamento de sangue, que, a julgar certa a afirmação de um crítico holandês, o conto já teria participado até hoje de 416 antologias pelo mundo afora. Ou 417, com a nossa. Esquecido o autor, ficou o conto.

I

DE: Dr. Dillon

PARA: Sr. Edward Delaney

Sítio The Pines - perto de Rye, New Hampshire

8 de agosto de 1872

Meu prezado senhor,

É um prazer poder assegurar-lhe que sua ansiedade não se justifica. Flemming ficará confinado ao sofá por três ou quatro semanas. E, no princípio, deverá usar as pernas com cautela. Uma fratura como a dele é sempre um caso de recuperação lenta. Por sorte, o osso foi recolocado no lugar com muita habilidade por um cirurgião fortuitamente presente na farmácia para onde o levaram depois da queda, e não prevejo nenhuma seqüela permanente.

Fisicamente, vai muito bem, mas devo confessar que o estado de espírito irritável e mórbido em que se encontra tem me preocupado bastante. Flemming é o menos preparado de todos os homens para uma fratura na perna. Sabemos o quanto é impetuoso nosso amigo, qual espírito de incansável energia o seu, que nunca está contente a menos que esteja perseguindo alguma meta, como um touro na arena, investindo contra um pano vermelho, mas, de qualquer forma, sempre afável. Bem, ele não está mais afável. Seu mau gênio é assustador. A senhorita Fanny Flemming veio de Newport, onde a família passa o verão, para cuidar dele, mas nosso amigo a fez partir na manhã seguinte em lágrimas. Colocou as obras completas de Balzac, algo assim como vinte e sete volumes, empilhados ao lado do sofá para atirá-los em Watkins, sempre que aquele servente exemplar entra com suas refeições. Inocentemente, ontem levei para ele uma pequena cesta de limões, esquecido de que fora uma casca de limão no meio-fio a causa de sua queda. Bem, tão logo botou os olhos naqueles limões, foi tomado por um acesso de fúria que não sou competente para descrever. Este é um de seus estados de espírito, e talvez o menos preocupante. Em outros momentos ele se senta com a cabeça baixa, olhando a perna quebrada, em silêncio, amargo e desesperado. Quando está assim - e, às vezes, pode ficar assim um dia inteiro -, nada consegue distraí-lo de sua melancolia. Não come e nem mesmo lê os jornais; os livros, só o interessam como projéteis contra Watkins. Seu estado é de fato deplorável.

Se fosse um pobre homem, de quem a família dependesse do trabalho diário, seria compreensível essa irritabilidade e desespero; mas num jovem de vinte e quatro anos, com tanto dinheiro e, aparentemente, nenhuma preocupação na vida, chega a ser monstruoso. Se continuar a reagir desta forma, terminará por conseguir uma inflamação do perônio, que foi o osso fraturado. Não tenho idéia do que possa receitar-lhe. Tenho anestésicos e poções, para fazer dormir e minorar a dor, mas não tenho nenhum remédio que seja capaz de restaurar o bom senso em alguém. Ultrapassa minha competência, mas talvez esteja no âmbito da sua. O senhor

é seu amigo mais íntimo, seu fidus Achates^{15}. Escreva a ele, escreva com freqüência, distraia sua mente e levante seu espírito; impeça que se torne um caso de depressão crônica. Talvez tivesse algum plano arruinado por seu presente estado de confinamento. Se for este o caso, o senhor saberá; e saberá como aconselhá-lo judiciosamente.

Espero que a mudança de ares tenha sido benéfica à saúde de seu pai. Despeço-me, prezado senhor, respeitosamente, etc.

II

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

West 38th Street, Nova York

9 de agosto de 1872

Caro Jack,

Recebi, esta manhã, carta de Dillon e fiquei feliz em saber que seu problema não fora tão sério quanto haviam dito. Como um certo personagem, seu caso não é tão feio quanto pintaram. Dillon o colocará outra vez em forma, em duas ou três semanas, basta que tenha paciência e siga seus conselhos. Você recebeu meu bilhete da última quarta-feira? Fiquei muito preocupado quando soube do acidente.

Posso imaginar sua calma e tranqüilidade com uma perna imobilizada! Na verdade, um inconveniente dos infernos, e logo quando nos prometíamos um mês glorioso, juntos na praia, mas temos de fazer o melhor de tudo isso. É uma falta de sorte também que o estado de saúde de meu pai me impossibilite deixá-lo. Acho que ele melhorou bastante -a beira do mar é seu elemento natural -, mas ainda necessita de meu braço para se apoiar em suas caminhadas e de alguém mais cuidadoso que um empregado para tomar conta dele. Não posso ir vê-lo, caro Jack, mas tenho horas de

tempo ocioso e escreverei cartas suficientes para encher todo um depósito dos correios, se isto fizer você se sentir melhor. Deus sabe que não tenho muito sobre o que escrever, não é a mesma coisa como se estivéssemos em uma das casas na praia, aí sim, poderia fazer alguns estudos de personalidade e encher sua imaginação com inteiros grupos de deusas marinhas, com jubas louras (delas ou de outra pessoa) caindo pelos ombros. Você teria Afrodite em roupas matinais, nos seus vestidos de noite e nos mais belos trajes de banho. Mas estamos longe de tudo isso, aqui. Alugamos quartos em uma casa de fazenda, numa encruzilhada a três quilômetros dos hotéis, e levamos a mais sossegada das vidas.

Queria ser um romancista. Esta casa com seu chão escovado, suas paredes altas e janelas estreitas, com vista para os pinheiros que se transformam em harpas eólicas quando tocados pelo vento, seria o lugar ideal para escrever um romance de verão. Seria uma história com os odores da floresta e a brisa do mar. Como uma novela daquele escritor russo - como é mesmo seu nome? - Tourguenieff, Turguenef, Turgenif, Toorguniff, Turgenjew - ninguém sabe como soletrá-lo. Ainda assim me pergunto, se mesmo uma Liza, ou uma Alexandra Paulovna, seria capaz de mover o coração de um homem com constantes fisgadas na perna. Será que uma de nossas próprias meninas ianques, do melhor tipo, altiva e espiritual, serviria de algum conforto em sua deplorável condição atual? Se achasse que sim, correria até a praia para capturar uma para você; ou, melhor ainda, faria isso no caminho para a praia.

Imagine você, uma casa do outro lado da estrada, quase em frente à nossa. Não é uma casa qualquer, mas uma mansão, construída, talvez, no período colonial, com vastos espaços, um telhado envolvente e um largo terraço tomando três lados - uma peça de arquitetura de alta linhagem, composta, segura de si e com o nariz levantado no ar. Ela se ergue afastada da estrada, com olmos, carvalhos e chorões, alinhados como fileiras de criados obsequiosos. Às vezes pela manhã, mais freqüentemente à tarde, quando o sol já se retirou daquela parte dos domínios, uma jovem aparece no terraço com um livro ou, qual misteriosa Penélope, com

uma teia de bordado na mão. Há uma rede no terraço que, de onde estou, parece feita de fibra de ananás. Uma rede se transforma numa moldura para alguém com 18 anos, cabelos dourados e olhos escuros, num vestido cor de esmeral-da-ilusão, talhado à moda das pastoras que aparecem nas porcelanas de Dresden e chaussée como as belas da época de Luís XIV. Todo esse esplendor vai para aquela rede e fica se embalando ali como um lírio do lago, na tarde dourada. A janela de meu quarto se abre para a vista daquele terraço - assim como meus olhos.

Mas basta com todo esse nonsense, que não combina com um sério jovem advogado, em férias com um pai inválido. Mande-me notícias, caro Jack, contando como você está realmente. Exponha seu caso. Escreva-me uma carta longa e tranqüila. Se for violento ou abusivo, jogarei o peso da lei sobre você.

III

DE: John Flemming

PARA: Edward Delaney

11 de agosto de 1872

Sua carta, caro Ned, caiu do céu. Imagine a situação em que estou - eu que nunca estive doente, nem mesmo por um dia, desde que nasci. Minha perna esquerda pesa três toneladas. Está embalsamada em especiarias e enrolada em várias camadas de linho fino, como uma múmia. Não posso me mover. Não me movo há cinco mil anos, desde o tempo do Faraó.

Passo deitado da manhã à noite num divã, de frente para o calor da rua. Estão todos fora da cidade, se divertindo. Os prédios de tijolo, vistos do outro lado, parecem caixões especialmente feitos, postos e alinhados de pé. Uma camada de azinhavre começa a cobrir os nomes dos mortos, gravados em placas de prata nas portas. Aranhas sardôni-cas costuraram de teias os buracos das fechaduras. Tudo é silêncio, poeira e desolação -interrompo um

momento para tentar acertar Watkins com o segundo volume de César Birotteau. Errei! Acho que poderia derrubá-lo com uma cópia de Sainte-Beuve ou com o Oictionnaire Universel, se os tivesse. Esses volumes pequenos de Balzac se perdem em minha mão; mas ainda vou pegá-lo. Tenho a impressão de que Watkins está secando as garrafas de "Chateau Yquem" do velho senhor. Deve haver uma duplicata da chave da adega. O jovem Queóps envolto em sua mortalha, no andar de cima, enquanto o irlandês se esbanja no porão. Watkins entra escorregadio em meu quarto com sua cara, hipócrita e sem expressão, comprida como um acordeão aberto; mas sei que sorri sem parar quando sai daqui e está feliz por me ver com a perna quebrada. Os astros que conjuram a má sorte deviam estar todos em seus zênites quando saí de casa para ir àquele jantar no Delmonico's. Mas não era apenas o jantar. Em parte, o que me levava ali era a compra de Margot, a égua tordilha de Frank Livingstone. E agora não poderei sentar em uma sela pelos próximos dois meses. Mandarei a égua para você em The Pines - é assim que se chama o lugar?

O velho Dillon acredita que tenho algum problema mental. Ele me enlouquece com limões. Limões para uma mente enferma! É absurdo. Estou apenas nervoso como o diabo nesta prisão - uma coisa à qual nunca fui habituado. Imagine alguém que jamais teve uma dor de dente em toda sua vida, nem mesmo uma dor de cabeça; amarre sua perna a um pedaço de cano e o mantenha preso por semanas num quarto na cidade, com o calor do verão ligado, e espere que ele sorria, ronrone e seja feliz! É querer demais! Não posso estar alegre nem calmo.

Sua carta é o primeiro consolo que tenho desde o acidente, dez dias atrás. Fiquei verdadeiramente animado por meia hora. Mande-me longas cartas, Ned, sempre que puder, se sente algum amor por mim. Fale de qualquer coisa. Escreva mais a respeito da menina na rede. Aquilo foi lindo, toda aquela coisa sobre pastoras em louça de Dresden e lírios do lago; um imaginário um pouco misturado talvez, mas muito lindo. Não imaginava que você tivesse um mobiliário tão sentimental no andar de cima. Mostra como é possível conhecer por

anos a sala de visitas do vizinho, sem suspeitar daquilo que guarda na mansarda. Sempre acreditei que seu sótão estivesse cheio de documentos legais, procurações e contratos; você desce com uma papelada - e de repente a revelação! - versos líricos, sonetos, canzonettas. Você realmente tem um dom para a descrição gráfica, Edward Delaney, e suspeito que anonimamente escreva histórias de amor para as revistas.

Serei um urso no meu isolamento até ouvir outra vez de você. Conte-me tudo sobre a bela desconhecida do outro lado da rua. Como se chama? Quem é ela? Quem é seu pai? Quem é sua mãe? Quem é seu amado? Não pode imaginar o quanto isto me terá ocupado. Quanto mais banal, melhor. Esta prisão me enfraqueceu intelectualmente a ponto de achar seus dons epistolares fantásticos. Estou entrando na segunda infância. Um copo de prata com uma inscrição gravada seria uma lembrança delicada da sua parte. Enquanto isso, escreva !

IV

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

12 de agosto de 1872

O pachá enfermo será divertido. É o seu desejo! Assim será! Se o contador de histórias se tornar prolixo e cansativo - uma corda e um saco, e dois escravos núbios para jogá-lo no Piscataqua! Mas sério, Jack, minha tarefa é difícil. Não existe literalmente nada por aqui - exceto a menina do outro lado. Neste momento, ela se balança na rede. Para mim, é compensação bastante para os muitos males da vida poder vê-la de vez em quando usar a pequena bota de pelica, que calça como uma luva, para impulsionar o movimento da rede. Quem é ela e qual o seu nome? Seu nome é Daw. Única filha de Richard W. Daw, ex-coronel e banqueiro. Mãe falecida. Um irmão em Harvard, um irmão mais velho morto na

Batalha de Fair Oaks, dez anos atrás. Uma família rica e antiga a dos Daw. Este é o domicílio fixo, onde pai e filha passam oito dos doze meses do ano, o resto do tempo em Baltimore e Washington. O inverno da Nova Inglaterra é frio demais para o velho cavalheiro. O nome da filha é Marjorie - Marjorie Daw. A princípio soa estranho, não é? Mas depois de repeti-lo meia dúzia de vezes para si mesmo, você gosta dele. Há uma tranqüilidade agradável no som, alguma coisa precisa e primordial como uma violeta. Só uma boa menina se chamaria Marjorie Daw.

Na noite passada, coloquei o proprietário de The Pines no banco das testemunhas e extorqui dele essas informações. Toma conta da horta dos Daw e conhece a família há trinta anos. É claro que conhecerei meus vizinhos em alguns dias. Seria quase impossível não esbarrar com o senhor ou a senhorita Daw numa de minhas caminhadas. A jovem tem uma trilha preferida para chegar à praia. Cruzarei com ela, uma dessas manhãs, e tocarei meu chapéu para cumprimentá-la. A princesa inclinará sua cabeça loura olhando para mim com um misto de cortesia, surpresa e uma boa dose de soberba. Ela me esnoberará, em suma. Tudo isso por sua causa, ó poderoso pachá! Como as coisas acontecem de forma curiosa! Dez minutos atrás fui chamado à sala de visitas - sabe como são essas salas de visitas anfíbias, das casas de fazenda perto do mar, com conchas adornando a prateleira da lareira e algas secas queimando no fogo - onde encontrei meu pai e o Sr. Daw exercitando, um com o outro, aquela polidez antiga. Veio fazer uma visita aos novos vizinhos. É um cavalheiro alto e magro, de uns 55 anos, com uma face florida onde crescem costeletas e bigodes brancos como a neve. Parece com o Sr. Dombay, ou como o Sr. Dombay pareceria se houvesse passado alguns anos no exército britânico. Serviu como coronel durante a guerra passada, comandando o regimento onde seu filho era tenente. Um velho sólido, espinha dorsal feita do granito de New Hampshire. Antes de partir, o Coronel se desincumbiu de um convite, como se estivesse ditando a ordem do dia. A Srta. Daw receberia alguns amigos, às 16h, para um jogo de croquet no jardim (formatura no pátio) e serviria um chá (ração

fria) no terraço. Poderia contar com a honra de nossa companhia? (Ou seríamos recolhidos ao xadrez.) Meu pai declina por motivos de saúde. O filho de meu pai se inclina, o mais suavemente que sabe, e aceita.

Na próxima vez terei algo para contar. Terei visto nossa pequena beldade face a face. Tenho um pressentimento, Jack, que esta Daw é uma avis rara! Mantenha o ânimo elevado, meu rapaz, até minha próxima carta - e mande notícias de como vai a perna.

V

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

13 de agosto de 1872

A festa, caro Jack, não poderia ser mais deprimente. Um tenente da Marinha, o reverendo da Igreja Episcopal de Stillwater e um elegante da alta-sociedade de Nahant. O tenente parece que engolira dois botões do seu uniforme e achara a comida indigesta; o reverendo era um jovem pensativo do tipo tolo-maravilhado; e o elegante de Nahant era fraquíssimo. As mulheres eram bem melhores, como sempre são; as duas senhoritas Kingsbury, da Filadélfia, hóspedes do Seashell House, eram brilhantes e cativantes. Ah, mas Marjorie Daw!

O grupo se despediu pouco depois do chá e fiquei mais um pouco no terraço, para fumar um charuto com o Coronel. Era como olhar para uma pintura, ver a senhorita Marjorie flanando em torno do velho soldado, e fazendo com graça uma centena de pequenas coisas por ele. Trouxe os charutos e acendeu o lume com seus próprios dedos

delicados, do modo mais encantador. Enquanto ficamos sentados ali, ela ia e vinha no lusco-fusco de verão, e parecia, com seu vestido branco e aqueles cabelos de um pálido dourado, um adorável fantasma que brotara para a existência dos anéis de fumo.

Se houvesse se dissolvido no ar, como a estátua de Galatea na peça de teatro, eu ficaria mais triste que surpreso.

Era fácil perceber que o velho coronel a adorava, e ela a ele. Acho que a relação entre um pai mais velho e uma filha desabrochando como mulher é a mais bela que pode haver. Existe nela um sentimento sutil que é impossível entre mãe e filha, ou entre um filho e a mãe. Mas isso começa a entrar em águas profundas.

Sentei-me com eles até as dez e meia da noite, e vi a lua surgir no mar. O oceano que se estendia imóvel e negro contra o horizonte transformou-se, num passe de mágica, num campo quebrado de gelo brilhante, entrecortado por maravilhosos fiordes de prata. Ao longe, as ilhas Shoals tomavam a forma de um grupo de enormes icebergs deslizando para nós. Uma paisagem polar com uma temperatura de verão! Era bom demais. Sobre o que conversamos? Falamos do tempo - e de você! O tempo tem estado bastante desagradável nos últimos dias - e você também. Assim passei de um assunto ao outro como coisa natural. Contei a meus amigos de seu acidente, e de como isso frustrara nossos planos de verão. Contei quais haviam sido esses planos. Toquei um verdadeiro solo na flauta de seu perônio. Então fiz uma descrição sua; ou melhor, não fiz uma descrição sua. Falei de sua amabilidade, de sua extrema paciência diante desta pesada provação, de sua tocante gratidão quando Dillon vem com seus pequenos presentes de frutas, da ternura que sente por sua irmã Fanny, a quem não deixou que ficasse na cidade para cuidá-lo, e de como heroicamente a mandou de volta a Newport, preferindo ficar só com a cozinheira Mary e seu criado Watkins, a quem você é tão ligado. Se você estivesse lá, Jack, não teria se reconhecido. Eu seria um ótimo advogado de defesa, se não tivesse voltado minha atenção para outro ramo da jurisprudência.

A senhorita Marjorie fez uma série de perguntas a seu respeito. Não percebi na hora, mas me ocorreu mais tarde que ela demonstrara um interesse especial pela conversa. Quando voltei para o quarto, me lembrei de como se inclinara para a frente, com

o pescoço branco iluminado pelo forte luar, ouvindo com avidez o que eu dizia. Acho que a fiz gostar de você!

Posso garantir que a Srta. Daw é uma moça de quem você gostaria imensamente. Uma beleza sem afetação, uma natureza ativa e terna - se é possível conhecer a alma pelo rosto. E o velho coronel tem um caráter nobre também.

Estou feliz de que os Daw sejam pessoas tão agradáveis. The Pines é um lugar isolado e meus recursos são poucos. Temia que a vida se tornasse um tanto quanto monótona em pouco tempo, sem outra companhia além daquela de meu excelente pai. É verdade que poderia fazer como você e transformar o pobre inválido indefeso num alvo, mas não desenvolvi um gosto pela artilharia, moi.

VI

DE: John Flemming

PARA: Edward Delaney

17 de agosto de 1872

Para um homem que não gosta de artilharia, me parece que você vem mantendo um fogo bastante cerrado contra este seu amigo. Mas continue. Cinismo é um pequeno canhão de bronze que cedo ou tarde explode, matando o artilheiro.

Pode me insultar o quanto quiser, que eu não reclamarei. Não saberia o que fazer sem suas cartas. Elas estão me curando. Não jogo nada em Watkins desde domingo passado, em parte porque me tornei mais amável sob a influência dos seus ensinamentos, e em parte porque Watkins capturou minha munição uma noite, e a levou de volta para a biblioteca. Ele está rapidamente perdendo o hábito de abaixar-se cada vez que eu coço a orelha ou faço um gesto brusco com o braço direito. Continua, no entanto, com alguma coisa que sugere a adega. Você pode quebrá-lo, pode

estilhaçar Watkins, se quiser, mas o cheiro de "Roederer" continuará a envolvê-lo.

Ned, a tal Srta. Daw deve ser uma pessoa encantadora. Eu certamente gostaria dela. Já gosto. Quando falou em sua primeira carta numa menina balançando-se numa rede sob sua janela, senti-me estranhamente atraído por ela. Não poderia explicar o porquê. O que escreveu depois só fez reforçar essa sensação. Você parece estar descrevendo uma mulher que conheci num estado de existência anterior, ou alguém que sonhei. Palavra, se você me mandasse uma fotografia dela, acredito que a reconheceria de imediato. Suas maneiras, aquela postura de ouvinte, seus traços de caráter, o modo como você os descreve, os cabelos claros e os olhos escuros - são todas coisas familiares para mim. Fez muitas perguntas? Curiosa a meu respeito? Isso é estranho.

Você riria de mim, velho cínico, se soubesse como fico acordado na cama à noite, com o gás da lâmpada abaixado a um ponto de luz, como uma estrela na escuridão, pensando em The Pines, e na casa do outro lado da estrada. Como deve ser fresco a noite! Sinto falta do cheiro de sal no ar. Imagino o Coronel fumando seu charuto na varanda; e faço você e a Srta. Daw caminharem pela praia ao entardecer. Às vezes deixo que passeie com ela sob os olmos ao luar, porque imagino, vocês agora já são grandes amigos e se vêem todos os dias. Conheço seu jeito e suas maneiras! Então me torno agressivo e tenho vontade de destruir alguém. Você notou alguma coisa na forma de um apaixonado rondando os domínios do Coronel? Aquele tenente da cavalaria naval, ou o pastor de Stillwater, alguém visita muito a casa? Não é que esteja desejoso de notícias deles, mas qualquer comentário nesse sentido seria pertinente. Espero, Ned, que você não se apaixone por ela. Estou a ponto de fazer isso, eu mesmo. Falando em fotografias, não poderia surrupiar uma de seu álbum - você sabe que ela deve ter um álbum - e mandá-la para mim? Eu a devolveria antes que pudesse notar. Sabia que podia contar com você! A égua chegou bem? Aquele animal será importantíssimo neste outono em Central Park. Oh - minha perna? -, me esqueci da perna. Está melhor.

VII

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

20 de agosto de 1872

Você acertou, tornei-me amigo de nossos vizinhos. O Coronel e meu pai fumam juntos, à tarde, em nossa sala de visitas ou na varanda em frente, e passo com a filha uma ou duas horas, todos os dias. Cada vez me encanta mais a beleza, o recato e a inteligência da Srta. Daw.

Você pergunta por que não me apaixono por ela. Serei franco, Jack; a idéia me ocorreu. Ela é jovem, rica e cheia de encantos; reúne em si mais atrativos, espirituais e físicos, que qualquer outra moça que conheça. Mas não houve entre nós o que seria necessário para inspirar em mim este tipo de interesse. Aquela coisa mágica e sem nome, que existindo, me jogaria aos pés de outra mulher, menos bela, jovem, ou rica. Mas não a Srta. Daw. Se naufragássemos numa ilha deserta - deixe-me sugerir uma ilha nos trópicos, não custa nada ser pitoresco -, construiria para ela uma cabana de bambu, colheria cocos e fruta-pão, fritaria inhames, capturaria tartarugas e lhe faria sopas, mas não faria amor com ela, pelo menos durante o primeiro ano e meio. Gostaria que fosse minha irmã, para protegê-la e lhe dar conselhos, gastaria metade do meu dinheiro em renda antiga e xales de lã de camelo (já não estamos mais na ilha). Mas mesmo que não fosse assim, haveria uma outra razão; acredito que nada de pior poderia me acontecer que me apaixonar por ela. Flemming, o que vou lhe revelar vai deixá-lo atônito. Talvez esteja errado em minhas premissas e conseqüentemente em minhas conclusões, mas você pode julgar.

Naquela noite, quando voltei da casa dos Daw, depois da festa no jardim, e repassava em meu quarto os acontecimentos do dia, me impressionou a atenção com que a Srta. Daw acompanhara o

relato do seu acidente. Acho que mencionei o fato. Bem, na manhã seguinte, quando ia levando a carta para o correio, encontrei a Srta. Daw na estrada indo para Rye, onde fica o correio, e fomos juntos. Entre a ida e a volta, caminhamos por uma hora. Nossa conversa, outra vez, foi sobre você, e outra vez eu notei aquela inexplicável expressão de interesse, a mesma que iluminara seu rosto na noite anterior. Desde então, eu a vi umas dez vezes, talvez mais, e em todas essas ocasiões remarquei que quando não falava sobre você ou sua irmã, ou alguma pessoa ou lugar associado a você, não prendia a atenção dela. Parecia distraída e distante, com os olhos perdidos no mar, ou no horizonte, seus dedos brincando com as páginas do livro, de modo a convencer-me de que não escutava. Em momentos assim, se subitamente eu mudasse de assunto - fiz várias vezes essa experiência - e deixasse escapar algum comentário sobre meu amigo Flemming, imediatamente aqueles olhos voltavam para mim.

Agora me diga, não é uma coisa estranha e única? Não, não é única. Você escreveu que a menção casual que fiz de uma menina desconhecida balançando-se numa rede provocou em você algo tão estranho quanto isso. Assim, você pode imaginar como aquela passagem em sua carta de sexta-feira me assombrou. Será possível, então, que duas pessoas desconhecidas e a quilômetros de distância possam exercer uma tal influência magnética uma sobre a outra? Já li a respeito de coisas assim, mas nunca teria acreditado nelas. Deixo para você a solução do problema. Quanto a mim, mesmo que tudo mais fosse favorável, não seria nunca capaz de me apaixonar por uma mulher que só me dá atenção quando falo de meu amigo!

Não me consta que ninguém esteja dando marcada atenção a minha bela vizinha. O tenente da Marinha - ele serve na base de Rivermouth - às vezes aparece à noite, e o reverendo de Stillwater também; o tenente com mais freqüência. Ontem à noite ele esteve lá. Não me surpreenderia se ele estivesse de olho na herdeira, mas não creio que tenha chances. A senhorinha Daw carrega um pequeno punhal de ironia e nosso tenente parece ter uma facilidade

especial em se espetar nele. Acho que ele não é perigoso, embora saiba do caso de uma mulher que satirizou alguém por anos a fio, e no final casou-se com ele. O reverendo não é um perigo mesmo, ainda assim, quem é que não ouviu falar de um azarão ganhar um páreo onde o favorito ficou em último lugar?

Quanto à fotografia, há uma belíssima Marjorie em marfim num passe-partout sobre a lareira da sala de visitas. Mas notariam imediatamente seu desaparecimento. Faria qualquer coisa razoável por você, Jack, mas não tenho nenhum desejo de ser levado ao tribunal local acusado de pequeno furto.

P.S. - Incluso vai um raminho de flores que aconselho você trate com ternura. Sim, falamos de você ontem à noite, como sempre. Começa a ficar meio cansativo.

VIII

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

22 de agosto de 1872

Sua carta em resposta a minha última me deixou pensativo a manhã inteira. Não sei o que devo achar de tudo isso. Você quer dizer que está realmente meio apaixonado por uma mulher que nunca viu, por uma sombra, uma quimera? Porque o que mais a Srta. Daw pode ser para você? Não consigo entender nada. Não entendo você nem ela. São dois seres etéreos que se movem em ar mais fino do que podem respirar meus prosaicos pulmões. Tal delicadeza de sentimentos é algo que aprecio sem entender. Acho assombroso.

Sou um homem terreno e com os pés na terra. Vocês me colocam na incongruente posição de ter de lidar com a pura espiritualidade de naturezas tão finas que corro o risco de quebrá-las na minha falta de jeito. Sou como Caliban entre os espíritos.

Refletindo sobre a carta, me pergunto se seria ajuizado continuar esta correspondência. Mas não, Jack, não posso colocar em dúvida o bom senso que é a base de seu caráter. Você está profundamente interessado na Srta. Daw, pressentindo ser uma pessoa que admirará muito quando conhecer; ao mesmo tempo, não se esquece de que, quando finalmente a encontrar, há grande chance de que ela fique aquém das expectativas idealizadas, e que seu interesse desapareça. Se olhar a coisa assim, sob a luz do bom senso, prometo não esconder nada de você.

Ontem à tarde, eu e meu pai fomos com os Daw até Rivermouth. Uma chuva pesada durante a manhã refrescara o ar e assentara a poeira. Até Rivermouth é um passeio de quinze quilômetros pelas curvas de uma estrada alinhada de amoreiras selvagens. Nunca vi nada tão brilhante quanto esses arbustos; o verde da folhagem e o vermelho das frutinhas mais acentuados pela água da chuva. O Coronel e meu pai iam na frente e eu a Srta. Daw sentados atrás. Resolvera que, pelos primeiros oito quilômetros, seu nome não passaria por meus lábios. Foram divertidas as hábeis tentativas feitas por ela, no início, para quebrar minha reticência. Então ficou silenciosa por algum tempo, e de repente parecia alegre outra vez. A mordacidade irônica que me agradava tanto, quando dirigida contra o tenente, não parecia tão divertida, usada contra mim. Apesar de sua enorme docilidade, a senhorita Daw podia também ser desagradável. Ela é como a jovem na rima, com um cacho de cabelo na testa:

*"Quando ela é boa,
ela é muito, muito boa.
Mas quando é má, é horrível!"*

De qualquer forma, mantive minha resolução, mas na volta permiti-me falar de sua égua. A Srta. Daw pretende experimentar um silhão em Margot uma dessas manhãs. O animal me parece leve demais para meu peso. Com tudo isso, quase me esquecia de

contar que a Srta. Daw se fez retratar ontem por um fotógrafo de Rivermouth. Se o negativo ficar bom, ganharei uma cópia. Assim poderei satisfazer seu desejo sem cometer um crime. Embora meu desejo fosse que você pudesse ver aquela da moldura na sala; foi muito bem colorida, e daria a você uma idéia da cor de seu cabelo e olhos, o que, é claro, a outra não dará.

Não, Jack, o raminho de flores não foi mandado por mim. Um homem de 28 anos não manda flores a outro homem, em suas cartas. Mas não dê uma importância exagerada à coisa. Ela dá raminhos de flores ao reitor, ao tenente. Chegou mesmo a dar uma rosa que trazia no peito a este seu criado. É a sua forma alegre de espalhar flores, como a primavera.

Se minhas cartas parecem desconjuntadas, você deve entender que nunca as escrevo de uma só vez, mas faço intervalos, e escrevo quando me dá vontade. Por ora a vontade acabou.

IX

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

23 de agosto de 1872

Acabo de voltar da mais estranha de minhas conversas com Marjorie. Só faltou confessar com todas as letras seu amor por você. Mas com que dignidade e recato falava! Suas palavras, quando tento colocá-las no papel, escapam às possibilidades de minha pena; e, ainda assim, era mais sua maneira do que aquilo que disse realmente; e isto é algo impossível de reproduzir. Talvez esteja de acordo com a estranheza de toda essa história, que ela quisesse contar a uma terceira pessoa sobre o amor que sente por alguém que nunca viu! Mas eu perdi, graças a você, a capacidade de me surpreender. Aceito as coisas como se estivesse num sonho. Agora, de volta a meu quarto, tudo parece uma ilusão - a massa negra de sombras sob as árvores, como num Rembrandt, os vaga-

lumes dançando entre os arbustos, o mar no fundo e Marjorie sentada na rede.

Passa da meia-noite e tenho sono demais para continuar escrevendo.

Quinta-feira de manhã:

Meu pai decidiu de repente passar alguns dias nas ilhas Shoals. Enquanto isso, você ficará sem notícias minhas. Vejo Marjorie caminhando no jardim com o Coronel. Gostaria de poder falar com ela a sós, mas provavelmente não terei a oportunidade antes de partirmos.

X

DE : Edward Delaney

PARA: John Flemming

28 de agosto de 1872

Você estava ficando gagá e entrando na segunda infância, não é mesmo? Seu intelecto estava tão reduzido que meus dons epistolares pareciam fantásticos, não era assim? Sinto-me acima do sarcasmo, quando percebo que apenas cinco dias de silêncio da minha parte foram suficientes para atirá-lo na mais profunda das crises.

Voltamos só esta manhã de Appledore, aquela ilha encantada - a quatro dólares por dia. Encontro em minha mesa três cartas suas! Evidentemente não existe nenhuma dúvida em seu espírito quanto ao prazer que derivo de sua correspondência. Estas cartas não foram datadas, mas naquela que presumo ser a última existem duas passagens que exigem a minha consideração. Você perdoará minha franqueza, caro Flemming, mas sinto a obrigação de dizer que à proporção que sua perna fica mais forte, sua cabeça enfraquece. Você pede meu conselho sobre um certo ponto. Eu o darei. Na minha opinião, você não poderia fazer nada menos

aconselhável que escrever diretamente à Srta. Daw, agradecendo pelas flores. Ofenderia sua delicadeza, posso assegurar, passando além do perdoável. Ela o conhece apenas através de mim; para ela você não é mais do que uma abstração, o personagem de um sonho - sonho do qual o menor choque a despertaria. É claro que se você incluísse uma nota em sua próxima carta, e insistisse que eu a entregasse, seria obrigado a entregá-la, mas meu conselho é que não faça isso.

Você diz que com o auxílio de uma bengala consegue mover-se pelo quarto, e que pretende vir até aqui, tão logo Dillon o declare forte o bastante para isso. Outra vez devo desaconselhá-lo. Não vê que cada hora que você passa longe de Marjorie aprofunda seu afeto e faz crescer sua influência sobre ela? Você terminará por arruinar tudo com sua precipitação. Espere até estar completamente recuperado e, de qualquer forma, não venha sem avisar-me com antecedência. Temo pelo efeito de uma sua chegada intempestiva aqui - nas atuais circunstâncias.

A Srta. Daw deixou que eu percebesse como ficou contente com nosso retorno, estendeu-me as duas mãos da forma mais calorosa. Parou por um momento sua carruagem à nossa porta, hoje à tarde; havia ido a Rivermouth buscar seus retratos. Infelizmente o fotógrafo deixara cair algum ácido na chapa, e ela tivera que posar novamente. Tenho a intuição de que alguma coisa preocupa Marjorie, estava com um ar abstrato e ausente que não é normal. Mas pode ser apenas minha imaginação. Termino por aqui, deixando várias coisas por dizer, pois tenho de acompanhar meu pai numa de suas longas caminhadas, que agora são seu principal tratamento - e meu também.

XI

DE: Edward Delaney

PARA: John Flemming

29 de agosto de 1872

Escrevo com pressa para contar as coisas que aconteceram aqui desde minha carta ontem à noite. Estou tomado de perplexidade. Só uma coisa está bem clara - você não deve nem sonhar em vir a The Pines. Marjorie contou tudo ao pai! Eu a vi por alguns minutos, uma hora atrás, no jardim; e pelo que consegui entender de seu confuso relato dos fatos, as coisas estão assim: O tenente Bradley - é este o seu nome - vem lhe fazendo a corte há algum tempo, uma corte que lhe agrada pouco, mas que agrada ao Coronel, que parece ser um velho amigo do pai do jovem cavalheiro. Ontem (eu percebi que tinha um problema quando parou em nossa porta), o Coronel falou com Marjorie sobre Bradley e de suas pretensões. Marjorie externou seu descontentamento com a idéia com sua característica franqueza, e finalmente confessou ao pai ... - bem, eu na verdade não sei o que foi que confessou. Deve ter sido a mais vaga das confissões e ter espantado bastante o Coronel. De qualquer forma a coisa o exasperou. Suponho que eu também esteja implicado, e que o Coronel esteja amargamente sentido comigo. Não vejo por quê. Não fui intermediário de nenhuma comunicação entre você e a Srta. Daw, e procedi sempre com a maior correção. Não consigo pensar em nenhuma falta em meu comportamento. Aliás não consigo ver falta no comportamento de ninguém - a não ser no do Coronel.

É provável, de qualquer forma, que as relações cordiais entre nossas famílias tenham terminado. "Que se danem ambas as famílias", dirá você. Eu o manterei informado, nos limites do que puder, sobre o que acontecer. Devemos permanecer aqui até a segunda semana de setembro. Fique onde está, ou pelo menos não pense em vir se unir a mim. O coronel Daw está sentado na varanda com uma cara ameaçadora. Não vejo Marjorie desde que me despedi dela no jardim.

XII

DE: Edward Delaney

PARA: Dr. Thomas Dillon
Madison Square - Nova York
30 de agosto de 1872

Prezado Doutor,

Se o senhor tem alguma influência sobre Flemming, imploro que a use para impedir sua vinda até aqui onde estou, ao menos por enquanto. Certas circunstâncias, que lhe explicarei em pouco tempo, tornam imperativo mantê-lo afastado dessa área. Sua vinda, sei do que estou falando, seria desastrosa para ele. Fazendo com que fique em Nova York, ou que vá para algum balneário no interior, longe daqui, o senhor estará prestando um enorme serviço a ele, e a mim. É claro que não deve mencionar meu nome em conexão com isso. O senhor me conhece bem o bastante, caro doutor, para ficar tranqüilo de que, pedindo sua cooperação secreta, tenho motivos que serão totalmente aprovados pelo senhor, quando eu os revelar. Devemos voltar para a cidade no dia 15 do próximo mês, e a primeira coisa que farei será procurá-lo em sua casa hospitaleira para satisfazer sua curiosidade. Meu pai, fico feliz em relatar, se encontra tão melhor que não pode mais ser considerado um inválido. Com grande estima, me despeço, etc., etc.

XIII

DE: Edward Delaney
PARA: John Flemming
31 de agosto de 1872

A carta com o anúncio de sua louca determinação de vir até aqui acabou de chegar. Imploro que você reflita um pouco. Este passo será fatal para seus interesses e os dela. Fornecerá justa causa para a irritação de R. W. D.; e ainda que ame Marjorie devotadamente, é um pai capaz de qualquer atitude, se

confrontado. Estou convencido de que você não gostaria de ser o motivo para que ele a trate com severidade. Este será o resultado de sua presença em The Pines, neste momento. Para mim é doloroso ser obrigado a lhe mostrar essas coisas. Estamos pisando em terreno muito delicado, Jack, a situação é crítica e qualquer movimento errado pode nos custar o jogo. Se você considera importante vencer, seja paciente. Confie um pouco em minha astúcia. Espere para ver o que acontece. Além do mais, fui informado por Dillon que você não se encontra em condições de empreender uma viagem tão longa. Ele acha que o ar do mar seria a pior coisa para sua saúde; acredita que se você tem que forçosamente ir para algum lugar, deveria ir para o interior. Escute o que estou lhe dizendo. Dê ouvidos a Dillon.

XIV

TELEGRAMAS

1º de setembro de 1872

1. PARA: Edward Delaney

Carta recebida. Dane-se Dillon. Acho que devo estar presente.

J. F.

2. PARA: John Flemming

Fique onde está. Você apenas complicaria as coisas. Não saia daí até que lhe diga.

E. D.

3. PARA: Edward Delaney

Minha estadia em The Pines pode ser mantida em segredo. Tenho que vê-la.

J. F.

4. PARA: John Flemming

Não pense nisso. Não adiantaria nada. R. W. D. trancou M. no quarto. Você não conseguiria falar com ela.

E. D.

5. PARA: Edward Delaney

Trancada no quarto. Meu Deus. Isto decide a questão. Parto no expresso das 12h 15.

J. F.

XV

A CHEGADA

No dia 2 de setembro de 1872, quando o expresso vindo do sul, com horário para às 3h40, deixava a estação de Hampton, um jovem, se apoiando no ombro de um criado a quem chamava Watkins, desceu da plataforma no meio dos carros de aluguel e pediu para ser levado a The Pines. Chegando no portão da modesta casa de fazenda, a alguns quilômetros da estação, o jovem desceu do carro com dificuldade e, lançando um rápido olhar para o outro lado da estrada, pareceu muito impressionado com algum detalhe da paisagem. Ainda apoiado no ombro do tal Watkins, caminhou para a porta da casa e perguntou pelo Sr. Edward Delaney. Foi informado por um homem idoso que atendeu à porta que o Sr. Edward Delaney partira para Boston no dia anterior, mas que o Sr. Jonas Delaney ainda estava na casa. Esta informação não pareceu ser satisfatória para o estranho, que perguntou se o Sr. Edward Delaney deixara alguma comunicação para o Sr. John Flemming. Havia uma carta para o Sr. Flemming, se era ele tal pessoa. Depois de alguns minutos, o homem idoso voltou com a carta.

XVI

DE : Edward Delaney

PARA: John Flemming

1º de setembro de 1872

Estou horrorizado com o que fiz! Quando comecei esta correspondência foi sem outro intuito que aquele de minorar o tédio de seu quarto de enfermo. Dillon pediu-me que o animasse. Foi o que tentei. Pensei que você houvesse entrado no espírito da coisa. Não tinha idéia, até alguns dias atrás, que tomara a história ou grand serieux.

Que é que posso dizer? Estou em penitência, com cinzas na cabeça. Sou um refugo, um pária, um cão. Tentei fazer um pequeno romance que despertasse seu interesse, algo suave e idílico e - por Deus! - acabei fazendo-o bem demais! Meu pai não sabe nada de tudo isso, então não o incomode mais do que for necessário. Fugi da ira que cairia sobre mim - você chegando. Porque oh, meu caro Jack, não existe nenhum terraço, nenhuma rede - nenhuma Marjorie Daw.

Tradução de Octávio Marcondes

74. O HOMEM INVISÍVEL

G.K. CHESTERTON

Além de ser pioneiro (vide introdução a outro conto seu incluído nesta antologia), Chesterton se destaca também por ter criado, ainda na fase de ouro do gênero, este padre Brown, com seu low profile e com sua mente analítica e aguda, como convém a um bom detetive de ficção.

No lusco-fusco do crepúsculo nas duas ruas íngremes de Camden Town, a vitrine da confeitaria da esquina brilhava como a ponta acesa de um charuto, ou melhor dito, de fogos de artifício, porque a luz era de mil cores e tonalidades, refletida por um sem-número de pequenos espelhos cujos raios dançavam alegremente em meio aos bolos e doces coloridos. Contra estes ígneos vidros da vitrine grudavam-se os narizes de muitos moleques, que com os olhos devoravam aqueles saborosos chocolates embrulhados em papéis metálicos vermelhos, verdes e dourados, quase mais atraentes que o próprio chocolate; e o grande bolo branco de casamento no centro da vitrine era ao mesmo tempo inacessível e apetitoso, exatamente como se o Pólo Norte inteirinho fosse bom para comer. Esse verdadeiro arco-íris de cores e de açúcar era uma tentação para a criançada de dez a doze anos da redondeza. Mas a esquina tinha também atrações para jovens de mais idade; assim como para aquele jovem de não menos de vinte e quatro anos que estava parado diante da imantada vitrine. Também para ele a confeitaria era de um encanto ígneo, porém de caráter todo especial, pois ia além dos chocolates sem que, nem por isso, chegasse a desprezá-los.

Era um rapaz alto, corpulento e ruivo, de fisionomia resoluto, porém de modos descuidados. Levava debaixo do braço uma pasta cinza com esboços de desenhos em preto e branco, que vendia com relativo sucesso a editores, desde que seu tio (que era um

almirante) o deserdou por causa de um artigo que ele escrevera sobre a teoria econômica socialista. Seu nome era John Turnbull Angus.

Entrando finalmente, ele caminhou até a parte dos fundos da confeitaria, que era uma espécie de lanchonete, apenas levantando o chapéu para a jovem que ali servia. Ela era uma garota viva, morena, elegante, vestida de preto, corada e com olhos escuros, muito ágeis; e depois do costumeiro intervalo de tempo, ela se aproximou para anotar o seu pedido.

Ela sabia que o seu pedido era o de sempre.

- Quero, por favor - disse, preciso -, um pão doce de meio penny e uma xícara de café pequena.

Antes que a garota se afastasse, ele continuou:

- Também quero que você se case comigo.

A jovem da loja retesou-se subitamente e disse:

- Piadas deste tipo eu não admito.

O jovem ruivo levantou os olhos cinzentos, impregnados de uma inesperada seriedade, e disse:

- Nada mais verdadeiro. Estou falando sério, tão sério quanto o pedido que fiz de um pãozinho redondo de meio penny. É igualmente caro, como o pãozinho; paga-se por ele. É difícil de se digerir, como o pão em questão. E dói.

A moça não tirava os olhos escuros dele, mas parecia estudá-lo com uma precisão quase trágica. Ao final do acurado exame, ela estava quase que com a sombra de um sorriso a iluminar-lhe a expressão; e então ela sentou-se na cadeira em frente à dele.

- Mas não pense - observou Angus, distraidamente - que seja pior do que comer estes pães de meio penny. Eles podem inchar até virar pães de um penny inteiro. Mas prometo que vou abrir mão deste esporte violento quando nos casarmos.

A moça levantou-se e andou até a janela, claramente pensativa, mas sem parecer chateada. Quando finalmente se virou outra vez para o rapaz, seu rosto tinha um ar decidido, que, no entanto, se

transformara em pura perplexidade, ao ver o que Angus estava fazendo: com todo o cuidado, ele retirava da vitrine vários pratos de doces coloridos, de sanduíches, as duas misteriosas garrafas de vinho do Porto e de xerez tão peculiares aos doceiros. No centro deste cuidadoso arranjo, ele havia cuidadosamente colocado o enorme bolo branco que constituía o principal ornamento da vitrine.

- O que você pensa que está fazendo? - perguntou ela.

- O que se deve fazer numa ocasião como esta, minha querida Laura - começou ele.

- Oh, pelo amor de Deus, pare com isso! - gritou ela. - E não me fale desse jeito. Quero saber, o que significa isso?

- Uma mesa segundo o cerimonial, Srta. Hope.

- E o que é aqui? - perguntou ela impacientemente, apontando para a montanha de doce.

- O bolo de casamento, Sra. Angus - disse ele, calmamente.

A moça dirigiu-se rápida até a mesa, apanhou os pratos e a travessa com certo alarde e recolocou-os de volta na vitrine; então veio sentar-se novamente em frente do rapaz, apoiou os cotovelos, bonitos, aliás, na mesa, e encarou Angus não com animosidade, mas com considerável exasperação.

- Você não me dá nenhum tempo para pensar - disse.

- Não sou tão louco assim - ele respondeu. - Tenho esta humildade cristã.

Ela ainda estava olhando para ele; porém, por detrás do sorriso, se tornara consideravelmente mais séria.

- Sr. Angus - disse firmemente -, antes que haja um minuto a mais desta tolice, tenho que lhe contar algo sobre mim o mais rápido que eu possa.

- Com prazer - respondeu Angus gravemente. - Pode também dizer alguma coisa a meu respeito, já que está com a palavra .

- Ah, veja se segura a sua língua e me escuta - disse ela. - Não é nada de que me envergonhe, e não é nem mesmo algo sobre o que

me arrependa especialmente. Mas o que você diria se houvesse algo que não é da minha conta e que contudo é o meu pesadelo?

- Neste caso - disse o homem seriamente -, eu sugeriria que você trouxesse o bolo de volta.

- Bom, você vai ter que ouvir primeiro a história - disse Laura, persistente. - Para começar, devo lhe dizer que meu pai era dono da hospedaria Red Fish, em Ludbury, e eu costumava servir as pessoas no bar.

- Muitas vezes me perguntei - disse ele - por que haveria um certo ar cristão nesta confeitaria.

- Ludbury é um pequeno e verde recanto nos Condados do Leste, e o único tipo de gente que chegava até Red Fish eram eventuais caixeiros viajantes e, de resto, o pior tipo de gente que você pode ver, só que você nunca os vê. Quero dizer, gente ociosa, que tem apenas o suficiente para viver e mais nada que fazer além de se encostar em bares e apostar em cavalos, vestidos com roupas baratas, embora mais do que boas para eles. Até que esses pobres jovens imprestáveis não eram muito comuns na nossa casa; mas havia dois deles que eram comuns demais - comuns de todas as maneiras. Ambos viviam de dinheiro próprio e eram irritantemente desocupados e exagerados no vestir. Mesmo assim eu sentia um pouco de pena deles, porque meio que acreditava que eles davam a luz da sua graça no nosso barzinho vazio porque cada um deles tinha uma leve deformidade; o tipo de coisa que faz rir a alguns caipiras. Também não era exatamente uma deformidade; era mais uma esquisitice. Um deles era um homem pequeno demais, assim como um anão, ou pelo menos como um jóquei. Mas ele não era nada engraçado de se olhar; tinha uma cabeleira negra redonda e uma barba negra bem torneada, olhos brilhantes como os de um pássaro; fazia tinir moedas nos bolsos; balançava uma grande corrente de relógio de ouro; e se aparecia vestido como um cavalheiro, era por ser efetivamente um. Mas nada bobo, apesar de um fútil imprestável; curiosamente, era esperto para todo o tipo de coisas que não servem para nada; uma espécie de mágico improvisado; fazendo quinze fósforos se acenderem um ao outro

como fogos de artifício; ou transformando uma banana ou coisa que o valha numa boneca dançarina. Seu nome era Isidore Smythe; e parece que eu ainda o estou vendo, com seu rostinho moreno, junto ao balcão, fazendo de cinco charutos um canguru saltitante.

"O outro sujeito era mais quieto e mais comum; mas de certa forma ele me assustava mais que o pobrezinho do Smythe. Era muito alto e frágil, e tinha cabelo claro; o nariz bastante aquilino, e poderia ser quase bonito, com ar de fantasma; mas ele tinha um dos mais terríveis estrabismos que já vi na vida. Quando ele nos olhava diretamente, a gente não conseguia saber nem onde mesmo estava, muito menos para o que ele estaria olhando. Eu imagino que esta espécie de desfiguração tornava o pobre tipo um pouco amargurado; pois enquanto Smythe estava pronto para exhibir suas macaquices em qualquer lugar, James Welkin (era esse o nome do homem vesgo) nunca fez mais nada do que encher a cara na nossa sala de bar e sair para grandes caminhadas a sós por toda aquela área plana e cinzenta nas redondezas. Da mesma forma, acho que o Smythe também era meio sensível por ser tão pequeno, embora levasse a coisa com mais facilidade. E foi assim que fiquei realmente sem ação, um tanto quanto perplexa, e muito triste, quando na mesma semana ambos me pediram em casamento.

"Bem, eu fiz o que desde então considero uma besteira. Mas, afinal de contas, aqueles caras esquisitos eram de certa forma meus amigos; e eu tinha horror que eles pensassem que eu os recusara pelo motivo real, que era por eles serem tão incrivelmente feios. Eu inventei então uma conversa fiada de outro tipo, que nunca iria me casar com alguém que não tivesse encontrado seu rumo no mundo. Disse que era um ponto de honra para mim não viver de dinheiro que tivesse sido apenas herdado, como o deles. Dois dias depois que eu falei desta maneira bem-intencionada, começou todo o problema. A primeira coisa que ouvi foi que os dois partiram em busca de suas fortunas, como se estivessem em algum tolo conto de fadas.

"Bem, nunca mais vi qualquer um deles, até hoje. Mas recebi duas cartas do homenzinho chamado Smythe, e elas eram

realmente bem interessantes."

- Teve alguma notícia do outro homem? - perguntou Angus.

- Não, ele nunca escreveu - disse a moça, depois de um instante de hesitação. -A primeira carta do Smythe era apenas para dizer que ele começara andando com o Welkin para Londres; mas Welkin era tão andarilho que o homenzinho desistiu e parou para um descanso ao lado da estrada. Acabou por ser levado por um show itinerante, e, em parte porque ele era quase um anão e em parte porque ele era realmente esperto, deu-se muito bem no negócio de espetáculos e logo ascendeu ao Aquarium, para fazer alguns truques que eu não me lembro. Esta foi a sua primeira carta. A segunda foi de um espanto ainda maior, e só a recebi na semana passada.

O homem chamado Angus esvaziou sua xícara de café e olhava-a com olhos ternos e pacientes. A boca da moça deu uma ligeira torcida de riso, enquanto ela prosseguia:

- Imagino que você já viu nos cartazes tudo sobre este "Serviço Silencioso do Smythe"? Senão, você é a única pessoa que não viu. Ah, eu não sei muita coisa sobre o assunto, é uma invenção com uma espécie de mecanismo de corda para fazer todo o trabalho doméstico. Sabe essa espécie de coisa: "Aperte um Botão -- Um Mordomo que Nunca Bebe." "Gire a Manivela - Dez Empregadas que Nunca Namoram." Você deve ter visto os anúncios. Bem, seja lá o que for, estas máquinas estão fazendo rios de dinheiro; e estão fazendo tudo isso para aquele duendezinho que conheci lá em Ludbury. Não posso deixar de me sentir contente com a sorte que o pobre sujeitinho teve; mas o caso em si é que estou apavorada que ele apareça a qualquer minuto, me dizendo que já conseguiu vencer na vida, como eu tinha exigido.

- E o outro homem?- repetiu Angus com uma espécie de calma obstinada. Laura Hope levantou-se de repente.

- Meu amigo - disse ela -, acho que você é meio adivinho. Sim, você está certo. Eu não vi uma única linha escrita de Welkin; e não sei se está vivo ou morto ou onde possa estar. Mas é dele que eu

tenho medo. É ele que está sempre no meu caminho e me deixa meio louca. Na verdade, eu acho que ele está querendo me enlouquecer; porque eu sinto ele por perto embora não o possa ver, e ouço sua voz sem entender como.

- Bem, minha querida - disse o jovem carinhosamente -, se ele for o próprio Satanás em pessoa, agora que você já contou para alguém, eie está definitivamente perdido. A gente só fica louco quando está completamente sozinho, minha querida. Mas quando foi que você imaginou ter sentido ou ouvido a voz do seu amigo vesgo?

- Eu ouvi tão nitidamente James Welkin rindo quanto estou escutando você falar - disse a moça com firmeza. - Não havia ninguém por perto, pois eu estava lá fora, bem na esquina, e podia ver as duas ruas ao mesmo tempo. Eu tinha esquecido como ele ria, apesar de o riso dele ser tão esquisito quanto o seu estrabismo. Sequer tinha pensado nele durante quase um ano. Mas a verdade é que isso aconteceu segundos depois que terminei de ler a primeira carta de Smythe.

- Alguma coisa provocou o riso, a fala ou qualquer ruído do fantasma? - perguntou Angus com certo interesse.

Laura de repente estremeceu, e em seguida falou, com uma voz firme:

- Sim. Assim que acabei de ler a segunda carta de Isidore Smythe, anunciando o seu sucesso, exatamente nesse momento, escutei Welkin dizer: "Ainda assim, ele não a terá." Ouvi isso muito claro, como se ele estivesse na sala. Foi horrível, pensei que estivesse louca.

- Se você estivesse realmente louca - disse o jovem - você se acharia normal. Mas o que me parece é que há algo um pouco estranho em relação a este cavalheiro que não se vê. Duas cabeças são melhores que uma (pouco-a de alusões a outros órgãos), e, se você me permitir, como um homem resolutivo e prático, vou tirar novamente o bolo de noivado da vitrine...

Enquanto falava, houve uma espécie de um chiado de freios do lado de fora, e um pequeno veículo, que vinha em velocidade vertiginosa, parou na porta da confeitaria e ali ficou. No mesmo instante, um pequeno homem com uma cartola alta e brilhante apareceu na sala de entrada da confeitaria.

Angus, que até então mantivera um ar divertido, por questões de higiene mental, revelou a tensão que lhe ia na alma ao levantar-se bruscamente e se confrontar com o recém-chegado. Um rápido olhar foi o suficiente para confirmar as conjecturas de um homem apaixonado. Aquela figura ao mesmo tempo elegante e nanica, com a ponta da barba negra insolentemente empinada, e os vivos e inquietos olhos, os dedos limpos mas muito nervosos, não poderia ser nenhuma outra pessoa que o homem que acabara de lhe ser descrito: Isidore Smythe, que fazia bonecas de cascas de banana e fogos de caixas de fósforos; Isidore Smythe, que ganhava milhões com mordomos que não bebiam e empregadas que não perdiam tempo namorando. Por um momento, os dois homens, compreendendo instintivamente o ar superior de cada um, olharam-se com aquela curiosa e fria generosidade que é a alma de toda rivalidade.

Mas o Sr. Smythe não fez nenhuma alusão ao derradeiro motivo do antagonismo entre eles, rnas disse apenas, enfático:

- Srta. Hope, viu aquilo lá na vitrine?
- Na vitrine? -- repetiu o espantado Angus.
- Não há tempo para maiores explicações --- disse o pequeno milionário, secamente.
- É uma estupidez que precisa ser investigada.

Apontou a bengala reluzente para a vitrine, recentemente desarrumada pelos preparativos de noivado do próprio Sr. Angus; e este cavalheiro ficou espantado de ver por

toda a frente da vitrine uma longa faixa de papel grudado, que com certeza não estava lá alguns segundos antes. Seguindo o enérgico Smythe até a rua, pôde ler numa faixa de papel colada no

lado de fora do vidro, escrita numa caligrafia bastante inclinada: "Se você se casar com Smythe, ele morrerá."

- Laura - gritou Angus, pondo a cabeça grande e vermelha pela porta da loja -, você não está louca, não.

- É a letra daquele sujeito, Welkin - disse Smythe asperamente. - Eu não o vejo há um ano, mas ele está sempre me perturbando de alguma maneira. Por cinco vezes nesses últimos quinze dias ele tem me ameaçado com cartas que alguém põe debaixo da minha porta, sem que eu saiba quem, a não ser que seja o próprio Welkin. .. O porteiro do prédio jura que nenhum tipo suspeito foi visto, e aqui na rua ele acaba de fazer uma decoração especial na vitrine, enquanto as pessoas dentro da loja tomavam chá...

- É isso mesmo - disse Angus humildemente. - Enquanto as pessoas dentro da loja tomavam chá. Bem, senhor, posso assegurar-lhe que aprecio o seu bom senso em lidar com este assunto. Podemos falar sobre outras coisas mais tarde. O sujeito não pode estar ainda muito longe, pois eu juro que não havia nenhum papel ali quando me dirigi pela última vez à vitrine, cerca de dez ou quinze minutos atrás. Por outro lado, ele está muito distante para ser perseguido, uma vez que nem sabemos que direção tomou. Se quiser seguir o meu conselho, Sr. Smythe, o senhor deverá colocar imediatamente o caso nas mãos de um detetive eficiente, resoluto e particular, que é melhor do que um detetive oficial. Conheço um sujeito extremamente inteligente, que tem escritório a cinco minutos de carro daqui. O nome dele é Flambeau, e embora sua juventude tenha sido meio tempestuosa, ele agora é um homem rigorosamente honesto e seu cérebro vale ouro. Ele mora em Lucknow Mansions, Hampstead.

- Ótimo - disse o homenzinho, arqueando as sobrancelhas negras. - Eu mesmo moro em Himylaya Mansions, virando a esquina. Talvez o senhor queira me acompanhar; posso ir à minha casa e separar as cartas que este excêntrico tem me escrito, enquanto o senhor vai buscar o seu amigo detetive.

- Tem razão - disse Angus polidamente. - E o quanto antes agirmos, melhor. Os dois homens, cordialmente, se despediram da dama, e ambos pularam dentro do

rápido carro. Enquanto Smythe manobrava e viravam a esquina, Angus divertia-se ao ver o gigantesco cartaz do "Serviço Silencioso Smythe", com o retrato de uma enorme boneca de ferro sem cabeça, segurando uma panela, com a legenda "A Cozinheira que Nunca fica Mal-Humorada".

- Eu mesmo uso estas invenções na minha casa - disse o barbudinho, rindo -, em parte pela propaganda e em parte por uma real conveniência. Honestamente, e acima de tudo, essas minhas grandes bonecas mecânicas fazem sua cama e mesa e seus horários com mais rapidez que quaisquer empregados vivos que eu conheça, se você souber apertar o botão certo. Porém, nunca vou negar, aqui entre nós, que tais empregados também têm as suas desvantagens.

- É mesmo? - disse Angus. - Existe alguma coisa que eles não saibam fazer?

- Sim - respondeu Smythe friamente; - eles não podem me dizer quem deixou aquelas cartas ameaçadoras no meu apartamento.

O veículo do homem era pequeno e rápido como ele mesmo; de fato, assim como o serviço doméstico, era uma invenção sua. Se ele era um charlatão da publicidade, pelo menos acreditava nos seus próprios produtos. A sensação de estar em algo pequeno e voador foi se acentuando enquanto eles deslizavam pelas longas curvas brancas da estrada, nas luzes acesas porém mortíferas do entardecer. Logo as curvas brancas ficaram mais acentuadas e de cá usa r mais tontura; pareciam ascender em espiral, como dizem nas religiões modernas. Porque, de fato, estavam alçando um canto de Londres que é quase tão escarpado quanto Edimburgo, e tão pitoresco quanto. Plataformas após plataformas de casas se sucediam, e a torre de apartamentos que procuravam se erguia acima de todos, quase como um monumento egípcio, dourada pelo pôr-do-sol. A mutação, quando viraram a esquina e entraram na curva perigosa

de Himylaya Mansions, foi tão abrupta quanto a abertura repentina de uma janela; porque viram aqueles apartamentos empilhados, instalados sobre Londres como sobre um mar verde de ardósia. Do lado oposto, do outro lado da curva perigosa de cascalho, havia um amontoado de arbustos, mais parecendo uma íngreme cerca viva ou um dique do que um jardim, e em algum lugar abaixo corria uma linha de água artificial, uma espécie de canal como o fosso das fortalezas em arcos. Enquanto o carro corria pela curva, eles passaram pela solitária banca de um homem vendendo castanhas; e logo adiante, no outro final da curva, Angus podia ver um policial de azul-escuro andando vagarosamente. Eram as únicas formas humanas naquela solidão do alto subúrbio; mas ele teve um sentimento irracional de que eles expressavam a muda poesia de Londres. Sentia como se fossem personagens de um conto.

O carrinho freou como uma bala na casa certa, e despejou seu proprietário como uma bomba. Imediatamente, ele começou a inquirir um funcionário alto uniformizado com galões brilhantes e um porteiro baixo em mangas de camisa se alguém ou alguma coisa havia procurado pelo seu apartamento. Foi-lhe assegurado que ninguém e nada havia passado por estes funcionários desde que ele perguntara pela última vez; donde ele e o ligeiramente desnorteado Angus foram despachados de elevador, como num foguete, até que chegaram ao último andar.

- Entre por um minuto - disse um Smythe sem-fôlego. - Quero lhe mostrar aquelas cartas do Welkin. Depois você poderá ir até a esquina e buscar o seu amigo. - Ele apertou um botão escondido na parede e a porta se abriu sozinha.

Abriu-se para uma longa e aconchegante ante-sala, cujo único aspecto que chamava a atenção, por assim dizer, eram as fileiras de altas figuras mecânicas meio humanas que estavam de pé de ambos os lados, como manequins de alfaiate. Como manequins, não tinham cabeça; e como manequins, tinham uma generosa e desnecessária corcova nos ombros e uma protuberância peito-de-pomba como peitoral; mas fora isso, não eram muito mais parecidas com a figura humana do que qualquer máquina

automática de posto de estrada que tivesse a altura humana. Tinham como braços dois grandes ganchos, para carregar bandejas; e eram pintados de verde-ervilha, ou vermelho-alaranjado, ou preto, pela conveniência de diferenciá-los; de qualquer modo, eram apenas máquinas automáticas e ninguém lhes daria muita atenção. Naquela ocasião, pelo menos, ninguém o fez. Porque entre as duas fileiras desses manequins domésticos jazia algo mais interessante do que a maioria dos mecanismos do mundo. Era um pedaço de papel branco rasgado, rabiscado em tinta vermelha; e o ágil inventor o havia apanhado assim que a porta se abriu. Ele o entregou a Angus sem uma palavra. A tinta vermelha na verdade ainda não estava seca, e a mensagem dizia: "Se você foi vê-Ia hoje, eu o matarei." Houve um breve silêncio e então Isidore Smythe falou mansamente:

- Você gostaria de um uisquezinho? Eu realmente gostaria...

- Obrigado; eu prefiro ir logo ver Flambeau - disse Angus, soturnamente. - Este negócio me parece estar se tornando bem grave. Vou sair logo para buscá-lo.

- Certo - disse o outro, com admirável animação. - Traga-o aqui o mais rápido que puder.

Enquanto Angus fechava a porta da frente, ele viu Smythe empurrar um botão, e uma das figuras de corda deslocou-se do lugar e deslizou sobre um trilho embutido no chão, carregando uma bandeja com sifão e a bebida. Parecia haver algo realmente meio fatídico em deixar o homenzinho a sós com os serviçais mortos que iam despertando para a vida enquanto a porta se fechava.

Seis degraus abaixo do andar de Smythe, o homem em mangas de camisa fazia alguma coisa com um balde. Angus parou para extrair uma promessa, reforçada por uma perspectiva de gorjeta, de que ele permaneceria naquele lugar até o seu retorno com o detetive e daria conta de qualquer tipo estranho que subisse aqueles degraus. Precipitan-do-se para a portaria principal, ele deu a mesma tarefa ao encarregado da portaria, de quem soube que a situação se simplificava, uma vez que não havia porta de fundos.

Não satisfeito com isso, parou o policial de rua e convenceu-o a permanecer do outro lado da entrada, vigiando-a; e finalmente parou um instante para comprar uns trocados de castanha, e fez uma pergunta sobre quanto tempo o vendedor iria permanecer por ali.

O vendedor de castanha, subindo a gola do casaco, disse-lhe que provavelmente sairia dali em breve, já que achava que ia nevar. De fato, a noite estava se tornando cinza e amarga, porém Angus, com toda a sua eloqüência, empenhou-se em segurar o homem da castanha no seu posto.

- Mantenha-se aquecido com as suas castanhas - disse com determinação. - Coma todo o seu estoque; eu compensarei sua permanência. Vou lhe dar um bom trocado se esperar aqui até eu voltar, e então me contar se qualquer homem, mulher ou criança entrou naquele prédio onde se encontra o porteiro.

Ele então se afastou rápido, dando um último olhar para a torre sitiada.

- De qualquer forma, fiz um anel de proteção no local - disse. - Não é possível que todos os quatro sejam cúmplices do Sr. Welkin.

Lucknow Mansions estava, por assim dizer, num patamar mais baixo daquela colina de casas, das quais a Himylaya Mansions poderia ser chamada de o topo. O apartamento meio escritório do Sr. Flambeau ficava no térreo e apresentava sob todos os aspectos um marcante contraste com a maquinaria americana e fria do apartamento tipo hotel de luxo do Serviço Silencioso. Flambeau, que era amigo de Angus, recebeu-o num recanto rococó atrás de seu escritório, onde os ornamentos eram sabres, arcabuzes, curiosidades orientais, garrafas de vinho italiano, panelas de cozinha primitivas, um gato persa cor de ameixa, e um pequeno padre católico-romano de aparência empoeirada, que parecia ali especialmente deslocado.

- Este é o meu amigo padre Brown - disse Flambeau. - Muitas vezes quis que você o conhecesse. Ótimo este tempo meio gelado para um pobre sulista como eu, não é mesmo?

- É, acho que vai se manter limpo - disse Angus, sentando-se num sofá oriental de listras violetas.

- Não - disse o padre mansamente -, já começou a nevar.

E, realmente, os primeiros flocos de neve batiam na vidraça, como previra o vendedor de castanhas.

- Bem - disse Angus pesadamente. - Lamento, mas vim aqui a negócio, e um negócio um tanto preocupante. O fato, Flambeau, é que a um passo da sua casa há um sujeito que precisa urgentemente da sua ajuda; ele está sendo continuamente perseguido e ameaçado por um inimigo invisível - um patife que ninguém nunca viu.

Enquanto Angus prosseguia contando a trajetória de Smythe e Welkin, começando com a história de Laura e passando pela sua própria, pelo riso sobrenatural na esquina de duas ruas vazias, as palavras estranhas claramente ditas numa sala vazia, Flambeau ficava cada vez mais preocupado, e o pequeno padre parecia deixado de lado, como uma peça de mobília. Quando chegou na parte do papel timbrado colado na vitrine, Flambeau levantou-se, parecendo encher a sala com seus amplos ombros.

- Se você não se incomodar - disse -, acho melhor você me contar o resto no caminho para a casa desse homem. Estou sentindo que não há tempo a perder.

- Com prazer - disse Angus, também se levantando -, embora ele esteja bem a salvo no momento, já que deixei quatro homens vigiando a única entrada da sua toca.

Foram para a rua, o pequeno padre andando atrás deles com a docilidade de um cachorrinho. Apenas disse, de maneira animadora, como alguém tentando entabular uma conversa:

- Com que rapidez a neve se adensa no chão.

Enquanto passavam com dificuldade pelas calçadas íngremes já empoadas de neve, Angus terminou a história; e quando chegaram à curva com as torres de apartamentos, teve tempo de voltar a atenção aos quatro sentinelas. O vendedor de castanha, tanto

antes como depois de receber os trocados, jurou de pé junto que ele havia vigiado a portaria e não tinha visto nenhum visitante entrar. O policial foi ainda mais enfático. Disse que tinha experiência com "meliantes" de todo o tipo, cartolas ou "pés-de-chinelo"; não era tão inexperiente para achar que os tipos suspeitos se mostrassem suspeitos; ele estava alerta para qualquer um e, verdade seja dita, não havia passado ninguém. E quando os três homens rodearam o vistoso encarregado, que ainda permanecia sorrindo atravessado à entrada, o veredicto foi ainda mais conclusivo.

- Tenho o direito de perguntar a qualquer um, lorde ou lixeiro, o que ele quer aqui - disse o cordial e engalanado gigante -, e juro que não houve ninguém a quem perguntar desde que este cavalheiro saiu.

O insignificante padre Brown, que permanecia atrás, olhando timidamente a calçada, neste momento aventurou-se humildemente a dizer:

- Ninguém então subiu e desceu os degraus, desde que a neve começou a cair? Começou a nevar quando estávamos na casa de Flambeau.

- Ninguém esteve aqui, senhor, pode me acreditar - disse o encarregado com sorridente autoridade.

- Então me pergunto o que é isso? - disse o padre olhando para o chão já completa mente coberto de neve.

Os outros todos olharam também para o chão; e Flambeau soltou uma furiosa exclamação inglesa e um gesto francês. Pois era verdade inquestionável que pelo meio da entrada vigiada pelo homem de galões dourados, na verdade entre as arrogantes, extensas pernas daquele colosso, estendia-se uma viscosa série de pegadas cinzas sobre a neve branca.

- Meu Deus! - gritou Angus involuntariamente. - O Homem Invisível!

Sem qualquer outra palavra ele se voltou e precipitou-se escadas acima, com Flambeau atrás; mas o padre Brown ficou

ainda olhando a rua vestida de neve a sua volta, como se tivesse perdido o interesse na investigação.

Flambeau estava claramente disposto a arrombar a porta com os seus grandes ombros; mas o escocês, mais pela razão do que pela intuição, apalpou desajeitadamente a moldura da porta até encontrar o botão invisível; e a porta girou, abrindo-se lentamente.

Apareceu, em essência, o mesmo interior carregado; a entrada estava mais escura, embora ainda fosse tocada aqui e ali pelos últimos feixes de luz avermelhada do pôr-do-sol, e uma ou duas das máquinas sem cabeça haviam, por um motivo ou outro, mudado de lugar, e permaneciam aqui e ali pelo sombrio local. O verde e o vermelho das suas roupas escureceram-se com o crepúsculo; e sua semelhança a formas humanas aumentara pela própria falta de forma. Porém, no meio delas todas, exatamente onde o papel com tinta vermelha estivera, jazia alguma coisa que parecia tinta vermelha espirrada do tinteiro. Mas não era tinta vermelha.

Com uma combinação francesa de raciocínio e violência, Flambeau simplesmente disse "Assassinato!", e, irrompendo apartamento adentro, em cinco minutos explorou cada canto e armário. Mas se esperava encontrar algum cadáver, não encontrou nenhum. Isidore Smythe não estava lá, nem morto nem vivo. Após busca mais minuciosa, os dois homens se encontraram no corredor externo, com gotas de suor deslizando nos rostos e os olhos de espanto.

- Meu amigo - disse Flambeau, falando em francês na sua excitação -, não apenas o seu assassino é invisível, como ele também torna invisível o homem assassinado.

Angus olhou em torno do cômodo escurecido cheio de manequins e em algum canto celta da sua alma escocesa sentiu temor. Um dos bonecos de tamanho real estava imediatamente sombreando a mancha de sangue, chamado, talvez, pelo homem assassinado um instante após ele ter caído. Um dos ganchos do ombro alto do boneco, utilizado como braço, estava ligeiramente levantado, e Angus, de repente, criou a terrível fantasia de que o

próprio filho de ferro do pobre Smythe o teria abatido. A matéria teria se rebelado e essas máquinas teriam assassinado o seu criador. Porém, mesmo assim, o que teriam feito dele?

- Devorado? - disse o pesadelo no seu ouvido; e ele enojou-se por um instante com a idéia de dilacerados restos humanos, esmagados e absorvidos por todos aqueles mecanismos acéfalos.

Recuperou sua saúde mental com um significativo esforço e disse a Flambeau:

- Bem, a história é esta: o pobre sujeito evaporou-se como uma nuvem e deixou um rastro vermelho no chão. Esta história não pertence a este mundo.

- Só há uma coisa a fazer - disse Flambeau -, pertença a este mundo ou ao outro. Tenho que descer e falar com meu amigo.

Desceram, passando pelo homem com um balde, que novamente confirmou que não havia deixado passar nenhum intruso, chegando até o encarregado e o homem das castanhas estacionado, que firmemente reafirmaram ter estado vigilantes. Mas quando Angus procurou pela quarta confirmação, não a pôde ver, e gritou com certo nervosismo:

- Onde está o policial?

- Peço-lhe perdão - disse o padre Brown -; é minha culpa. Acabo de mandá-lo rua abaixo para investigar algo que apenas pensei que valeria a pena investigar.

- Bem, ele precisa voltar logo - disse Angus ríspidamente -, pois o desgraçado lá de cima não apenas foi assassinado, como deram sumiço com ele.

- Como? - perguntou o religioso.

- Padre - disse Flambeau depois de uma pausa -, do fundo da minha alma acredito que o assunto seja mais do seu departamento do que do meu. Nenhum amigo nem inimigo entrou no prédio, porém Smythe foi-se, como que raptado por duendes. Se isto não é sobrenatural, eu ...

Enquanto ele falava, foram todos surpreendidos por uma visão incomum; o grande policial azul virou a esquina da rua em curva abrupta, correndo. Veio direto para Brown.

- O senhor tinha razão - ele ofegou -; acabaram de encontrar o corpo do pobre Sr. Smythe no canal lá de baixo.

Angus pôs a mão na cabeça, em desespero.

- Será que ele correu para lá e se afogou? - perguntou.

- Ele não desceu, posso jurar - disse o policial -, e também não se afogou, pois morreu de uma grande facada no coração.

- E ainda diz que não viu ninguém entrar? - disse Flambeau com uma voz tumular.

- Vamos andar um pouco pela rua - disse o padre.

Quando alcançaram o outro lado da curva, ele observou subitamente:

- Como sou estúpido! Esqueci de perguntar ao policia1 uma coisa. Queria saber se encontraram um saco marrom-claro.

- Por que um saco marrom-claro? - perguntou Angus, espa" t--do.

- Porque se for qualquer outra cor, devo começar tudo novamente ?"-e o padre Brown -; porém se for um saco marrom-claro, bem, o caso está encerrado.

- Fico satisfeito em saber disso - disse Angus, com fina ironia. - No que me tange, ainda não começou.

- Você tem que nos contar tudo - disse Flambeau com uma estranha porém sincera simplicidade na voz.

Inconscientemente estavam andando com passos que se aceleravam rua abaixo na longa inclinação do outro lado da curva abrupta, sob a liderança animada, embora silenciosa, do padre Brown. Finalmente ele falou com uma delicadeza quase tocante:

- Bem, temo que vocês achem tudo isto muito prosaico. Sempre começamos no lado abstrato das coisas, e não se pode começar esta história por nenhum outro.

"Vocês já repararam que as pessoas nunca respondem ao que se lhes pergunta? Respondem ao que se quer dizer com a pergunta que se faz - ou pelo menos aquilo que acham que você pretende saber. Suponhamos uma dama perguntando à outra, numa casa de campo, "Alguém está aqui com você?", a dama não responderia "Sim; o mordomo, os três serviçais de libré, a copeira", e assim por diante, embora a copeira pudesse estar presente na sala, ou o mordomo atrás de uma cadeira. Ela diria "Não, não há ninguém aqui conosco", querendo dizer ninguém daqueles que você pretende saber. Mas suponha um médico querendo saber sobre uma epidemia, perguntando: "Quem está na casa?", então a senhora se lembraria do mordomo, da empregada, e de todo o resto. Qualquer língua é usada assim; você nunca conseguirá ter uma questão literalmente respondida, mesmo quando obtiver a resposta honesta. Quando aqueles quatro homens bastante honestos disseram que nenhum homem havia entrado no prédio, não significava realmente que nenhum homem passara por eles. Queriam dizer nenhum homem de quem eles poderiam suspeitar que fosse o nosso homem. Um homem realmente entrou no prédio, e saiu dele, porém eles nem o notaram."

- Um homem invisível? - questionou Angus, levantando suas sobrancelhas ruivas.

- Um homem mentalmente invisível - disse o padre Brown.

Um ou dois minutos depois ele voltou a falar no mesmo tom de voz desprezioso, como alguém pensando em voz alta.

- Claro que você não pode pensar numa tal pessoa, até que você pense nela. É daí que vem sua esperteza. Mas eu vim a pensar nele através de duas ou três coisas na história que o Sr. Angus nos contou. Primeiro, foi o fato de que o Sr. Welkin era dado a longas caminhadas. E então havia a vasta quantidade de papel timbrado na vidraça. E então, acima de tudo, havia duas coisas que a jovem dissera - coisas que não poderiam ser verdadeiras. Não fique aborrecido - ele ajuntou rapidamente, notando um súbito movimento de cabeça do escocês -; ela pensava que era verdade. Uma pessoa não pode estar absolutamente sozinha na rua um

segundo antes de receber uma carta. Não pode estar absolutamente sozinha numa rua quando começa a ler a carta que acaba de receber. Deve haver alguém bem próximo a ela; ele deve ser mentalmente invisível.

- Por que deveria haver alguém perto dela? - perguntou Angus.

- Porque - disse o padre Brown -, tirando os pombos-correio, alguém teria que lhe ter trazido a carta.

- Você quer realmente dizer -- perguntou Flambeau, com firmeza - que Welkin levou as cartas do rival para sua amada?

- Sim - disse o padre. - Welkin levou as cartas do rival para a amada. Veja, só ele poderia fazê-lo.

- Ah, não agüento mais isso - explodiu Flambeau. - Quem é este sujeito? Qual é a sua aparência? Qual é o traje habitual de um homem mentalmente invisível?

- Ele se veste bem vistosa mente de vermelho, azul e ouro - respondeu o padre prontamente e com precisão -, e neste traje de chamar atenção, até espalhafatoso, ele adentrou em Himylaya Mansions debaixo de oito olhos humanos; ele matou Smythe a sangue-frio, e saiu para a rua outra vez carregando o corpo morto em seus braços...

- Reverendo - exclamou Angus, exaltado -, o senhor está totalmente louco ou o louco serei eu?

- O senhor não está louco - disse Brown -, apenas desatento. Não notou um tipo como este, por exemplo.

Deu três rápidos passos largos adiante e colocou a mão no ombro de um carteiro comum, que havia passado apressado por eles sem ser notado, sob a sombra das árvores.

- De alguma forma, ninguém nota os carteiros - disse pensativamente -; contudo, eles têm paixões como os outros homens, e até carregam sacolas grandes onde um pequeno cadáver pode ser escondido bem facilmente.

O carteiro, em vez de se virar naturalmente, abaixou a cabeça e se atirou de encontro a cerca do jardim. Era um homem magro,

bem-barbeado, com uma aparência bastante comum, porém quando ele virou o rosto alarmado sobre o ombro, todos os três homens foram cravados por um olhar estrábico quase diabólico.

Flambeau retornou aos seus sabres, tapetes púrpuros e a seu gato persa, e mil e outras coisas que tinha para fazer. John Turnbull Angus retornou à dama da confeitaria, com quem aquele imprudente jovem conseguia sentir-se extremamente à vontade.

Enquanto o padre Brown continuou andando a esmo por aquelas colinas cobertas de neve, sob as estrelas, ao lado de um criminoso, por muitas horas, e o que disseram um ao outro ninguém saberá jamais.

Tradução de Fani Baratz

75. AS MÃOS DO SR. OTTERMOLE

THOMAS BURKE (1886 -1945 | Inglaterra)

*Este inglês, fascinado pela vida noturna dos bairros pobres de Londres, começou escrevendo poesia; seu primeiro livro de ficção foi *Nights in Town*. O livro que lhe deu renome foi o conjunto de histórias de *Limehouse Nights*, passadas no bairro chinês londrino. Mas famoso mesmo no meio de autores e leitores policiais ele ficou a partir deste conto, *As Mãos do Sr. Ottermole*, vencedor de um então prestigiado concurso da *Ellery Queen's Magazine*. A partir daí, seu conto foi publicado em inúmeras antologias. Entre o suspense e o mistério (mais do que na tradição de histórias de detetive), ele ilustra, na prática, e como poucos, uma idéia de Walter Benjamim, de que a literatura policial nasceu com a urbanização das grandes cidades. As ruelas e os becos, aqui, representam um labirinto, como veremos.*

Às seis horas de uma tarde de janeiro, o Sr. Whybrow retornava para casa pelos labirintos de becos do East End londrino. Acabara de deixar os rumores dourados da grande High Street, a que o bonde o conduzira do rio e do trabalho cotidiano, e enveredara pelo emaranhado de atalhos que se chama Mallon End. Nada da agitação e dos brilhos da High Street nesses atalhos. Poucos passos ao sul - uma verdadeira onda de vida, espumando e pulsando. Aqui, apenas figuras tardias e pulsos agasalhados. O Sr. Whybrow penetrara nos buracos de Londres, último refúgio dos marginais da Europa.

Em harmonia com o espírito da rua, ele andava devagar e cabisbaixo. Talvez ruminasse alguns problemas. Andava devagar porque ficara em pé o dia todo, e curvava-se, absorto, porque ia pensando se a mulher lhe havia preparado arenque ou bacalhau para a ceia; e procurava pensar no que seria mais apetitoso numa

noite como aquela. Uma noite horrível, úmida e nevoenta, a neblina lhe penetrando garganta e olhos adentro, a umidade, na calçada e na rua, devolvendo, onde incidia os raros lampiões, uns reflexos gordurosos que lhe causavam calafrios. O próprio contraste, no entanto, tornava suas especulações mais agradáveis, preparando-o para o chá - com arenque ou bacalhau. Desviou-se-lhe a vista dos sujos tijolos que formavam o horizonte e pousou-a meio quilômetro mais a frente. Viu uma cozinha iluminada a gás, um fogo crepitante e a mesa posta para o chá. Havia torradas no fogão e, ao lado, uma chaleira que cantava e uma profusão de arenques picantes, ou talvez de bacalhau, ou quem sabe de salsichas. A visão emprestou-lhe aos pés, que doíam, uma nova energia. Sacudiu os ombros afastando a umidade imperceptível e apressou o passo na direção de sua própria realidade.

Mas o Sr. Whybrow não iria tomar chá naquela noite - nem em qualquer outra noite. O Sr. Whybrow iria morrer. Atrás dele, a uns cem metros, caminhava outro homem:

um homem muito parecido com o Sr. Whybrow ou com qualquer outro, mas sem a única qualidade que permite aos pertencentes do gênero humano viver pacificamente em sociedade e não como dementes numa selva. Um homem com o coração morto, que se devorava a si mesmo, segregando os imundos organismos que nascem da morte e da corrupção. E essa coisa com forma humana, impelida por um capricho ou por uma idéia fixa - quem saberia? -, dissera a si mesmo que o Sr. Whybrow nunca mais provaria arenque ou bacalhau. Não que o Sr. Whybrow lhe tivesse ofendido. Não que ele tivesse alguma antipatia pelo Sr. Whybrow. Na verdade, dele só sabia que era uma figura familiar por aquelas ruas. Mas movido por uma força que se apossara de suas células vazias, escolhera o Sr. Whybrow ao acaso, como se prefere uma mesa de restaurante sem que ela seja diferente de quatro ou cinco outras mesas, ou se opta por uma das maçãs de um prato com meia dúzia de maçãs perfeitamente iguais; ou como manda a natureza um ciclone a um canto qualquer deste planeta, para destruir quinhentas vidas e deixar outras tantas vivas no mesmo lugar, sem um arranhão.

Desta forma, o homem escolhera o Sr. Whybrow como poderia ter escolhido a nós, a mim ou ao leitor, se nos encontrássemos sob a sua observação diária; e naquele momento, arrastava-se pelas ruas de tonalidades azuis, acariciando as enormes mãos, muito brancas, e aproximando-se cada vez mais da mesa de chá do Sr. Whybrow e mais exatamente do próprio Sr. Whybrow.

E aquele homem não era um mau homem. Possuía, em verdade, muitas qualidades sociais e pessoais, e passava por ser um cidadão respeitável, como acontece com a maioria dos criminosos bem-sucedidos (que os há). Mas incrustara-se na sua mente, que desmoronava-se aos poucos, a idéia de que gostaria de matar alguém, e como não tinha temor a Deus nem a ninguém, faria a experiência e voltaria depois para casa para tomar o seu chá. Não digo isso brincando; enuncio-o tão-somente como a um fato. Por estranho que pareça aos humanos, os assassinos, depois de praticar um assassinato, precisam comer, e comem. Não há razão para que deixem de comer, e muitas para que o façam. Uma delas é que têm a necessidade de conservar em perfeitas condições a vitalidade física e mental para poder esconder o crime. Outra é que o próprio esforço lhes provoca fome, e a satisfação que proporciona a realização de uma coisa desejada produz um relaxamento propício aos prazeres humanos. É opinião generalizada entre os não-assassinos que o assassino vive dominado pelo medo de ser preso e pelo horror que cometeu; mas esse tipo é raro. Está claro que a própria vaidade é uma das qualidades mais acentuadas da maioria dos assassinos e, aliada à emoção da vitória, dá-lhe a segurança de consegui-la; por isso, depois de haver restaurado as forças comendo, dedica-se a assegurá-la, como uma jovem dona de casa se dedica aos preparativos de seu primeiro jantar de cerimônia - com algum grau de ansiedade e nada mais. Criminologistas e detetives afirmam que todo assassino, por mais inteligente ou astuto que seja, comete sempre um erro tático - um pequeno erro que nos leva ao descobrimento do crime. Mas isso nem sempre é verdade. Só é verdade em relação aos assassinos que são capturados. Muitos não são descobertos: conseqüentemente,

muitos não cometem erro algum. Nosso homem não cometeu erro algum.

No que diz respeito ao horror e ao remorso, capelães de prisão, médicos e advogados dizem que, dentre os assassinos condenados à morte e entrevistados nas vésperas de morrer, só um ou outro mostrou arrependimento do ato que cometera e revelou indícios de algum tipo de angústia. Muitos demonstram apenas exasperação, por terem sido presos quando tantos outros continuam ignorados, ou indignação, por serem condenados em consequência de um ato perfeitamente razoável. Por mais normais e humanos que possam ter sido antes do crime, revelam-se inteiramente inconscientes depois dele. Mas o que é a consciência? Apenas um apelido gentil da superstição, que é por sua vez um gentil apelido do medo. Os que associam o remorso ao crime baseiam-se naturalmente na lenda universal do remorso de Caim, ou projetam suas frágeis mentes na mente do assassino, o que acaba resultando em falsas reações. Mas pessoas pacíficas não conseguem estabelecer contato com essa mente, pois além de terem um tipo mental completamente diferente da do criminoso, dele diferem também na química e na construção pessoais. Alguns homens podem matar e matam, não um homem, mas dois ou três, voltando calmamente à sua vida cotidiana. Outros homens são incapazes, mesmo sob as mais angustiosas provocações, de sequer ferir o seu semelhante. São homens deste último tipo que imaginam o assassino atormentado pelo remorso e pelo medo da lei, quando ele, na verdade, está apenas tomando chá.

O homem de enormes mãos brancas estava pronto para o seu chá, como o próprio Sr. Whybrow, mas antes disso precisava fazer uma coisa. Depois de fazê-la sem nenhum deslize, estaria mais pronto ainda e iria para o chá tão confortavelmente como fora na véspera, quando tinha as mãos ainda limpas.

Continue andando, Sr. Whybrow, continue andando; e enquanto anda, contemple pela derradeira vez as imagens familiares de sua jornada noturna. Persiga a visão da sua mesa de chá. Olhe bastante para o calor, para o colorido e para a generosidade dela; alimente

com ela os seus olhos e o nariz com os delicados odores domésticos; pois o senhor nunca mais terá uma ceia. A dez minutos de distância, um fantasma, que o persegue neste momento, condenou-o irremediavelmente em seu coração. Lá vão vocês, o senhor e o fantasma - dois nebulosos pedacinhos de mortalidade que se movem pelo ar esverdeado sobre paralelepípedos azulados, um para matar, outro para ser morto. Continue andando. Não castigue os pés doloridos apertando o passo, pois quanto mais se demorar, por mais tempo irá respirar o ar verde do lusco-fusco de janeiro, e verá o lampião quase irreal, e as lojinhas, e ouvirá o agradável comércio das multidões londrinas e a ternura presente no realejo de rua. O senhor não o percebe neste momento, mas daqui a 15 minutos terá dois segundos para compreender quão indescritivelmente caras lhe são elas.

Continue andando por esse insano emaranhado conjunto de atalhos. Está agora em Lagos Street, entre as tendas dos vagabundos da Europa Oriental. Mais um minuto e estará em Royal Lane, entre pardieiros que abrigam os parasitas inúteis e derrotados de Londres. A viela retém-lhes o odor, e a sua sombra mansa parece carregar os lamentos dos marginalizados. Mas o senhor não é sensível às coisas impalpáveis, e por elas caminha pachorrentamente, sem nada ver, como é de seu costume, e chega a Blend Street, e por ela também caminha. Todas as noites erguem-se, do porão aos céus, os moradores de uma colônia estrangeira. Suas janelas mancham-se de verde, e de negrume, as paredes. Atrás das janelas movimenta-se uma vida estranha, com formas que não são de Londres nem da Inglaterra, mas que em sua essência representam a mesma vida agradável que o senhor viveu até este momento e que não viverá mais esta noite. Lá de cima vem uma voz entoando a "Canção de Katta". Através de uma janela o senhor pode avistar uma família em pleno ritual religioso. Através de outra, enxerga uma mulher servindo chá ao marido; um homem remendando um par de botas; uma mãe dando banho no filho pequeno. O senhor já tem visto essas cenas, nunca reparou nelas. Nem agora repara, mas se soubesse que não as voltará a ver,

haveria, sim, de reparar. Nunca mais as verá, não porque sua vida tenha chegado ao fim de seu curso natural, mas porque um homem, e por ele o senhor passou muitas vezes pela rua, decidiu a seu bel e solitário prazer usurpar a tremenda autoridade da natureza e destruí-lo. Por isso, talvez seja melhor que o senhor não repare nelas, pois a parte que nelas desempenha chegou ao fim. Nunca mais conhecerá esses suaves momentos de nossa labuta na Terra: a penas um instante de terror e depois as trevas.

A sombra da destruição aproxima-se mais e mais e está agora a apenas uns vinte metros atrás. O senhor pode escutar-lhe os passos, mas não irá virar a cabeça. Está familiarizado com os passos. Está em Londres, na fácil segurança de seu próprio território diário e, passos atrás, é o seu instinto que fala: são apenas uma mensagem da companhia humana.

Mas será que o senhor não percebe alguma coisa nesses passos - alguma coisa que soa como uma batida adversa? Alguma coisa que diz: "Atenção, atenção!" "Cuidado, cuidado!" Não escuta, escondidas, as sílabas que dizem: "as-sas-si-no, as-sas-si-no?" Não; nada existe naqueles passos. São neutros. Os passos do vilão têm o mesmo barulho tranqüilo dos passos de um homem de bem. Mas aqueles passos, Sr. Whybrow, aproximam um par de mãos do senhor, e há qualquer coisa naquelas mãos. Atrás do senhor um par de mãos já agora contraindo os músculos, preparando-se para o seu fim. O senhor tem visto mãos humanas em todos os minutos de sua vida. Mas já reparou no puro horror das mãos - esses apêndices que são um símbolo para os nossos momentos de confiança, de afeto e de saudação aos outros? Já pensou nas téticas potencialidades que residem na esfera de ação destes membros tentaculares? Não, nunca pensou; pois todas as mãos humanas que tem visto foram-lhe estendidas em impulsos de bondade ou de camaradagem. No entanto, se bem que os olhos possam odiar e os lábios possam ferir, só esse membro pendente pode reunir a essência acumulada do mal e energizá-la em correntes de destruição. Satanás pode penetrar no homem por muitas portas, mas só nas mãos encontra ele o servidor de sua vontade.

Mais um minuto, Sr. Whybrow, e o senhor irá conhecer todo o horror das mãos humanas.

Está quase chegando em casa. Já entrou na sua Gaspar Street - e alcançou o centro da teia emaranhada. Já pode avistar a janela da frente de sua casinha de quatro cômodos. A rua está às escuras e os três lampiões projetam apenas um borrão de luz que confunde mais do que a própria sombra. Ei-Ia escura - e vazia também. Não se vê viva alma; não há luzes nas salas da frente das casas, pois as famílias estão tomando chá nas cozinhas; e só um brilho fortuito em alguns dos cômodos superiores ocupados por inquilinos. Não há ninguém, senão o senhor e o seu companheiro que o segue, mas em quem o senhor sequer repara. Vê-o tão raramente que na verdade ele nunca é visto. Ainda que virasse a cabeça e desse de cara com ele, dir-lhe-ia apenas "boa noite" e continuaria andando. A insinuação de que era um possível assassino sequer lhe provocaria uma risada, tão idiota seria.

E eis que o senhor acaba de chegar à sua porta. E encontrou a chave na fechadura. E entrou, e pendurou no cabide o chapéu e sobretudo. A mulher acaba de saudá-lo lá da cozinha, cujo cheiro também é um eco da saudação (arenque!), e o senhor responde a ela, quando a porta é sacudida por uma enérgica pancada.

Vá-se embora, Sr. Whybrow. Afaste-se desta porta. Não toque nela. Afaste-se imediatamente. Saia de casa. Pegue sua mulher e corra com ela para o jardim - e pule a cerca. Ou grite pelos vizinhos. Mas não toque nesta porta. Não, Sr. Whybrow, não abra ...

O Sr. Whybrow abriu a porta.

Foi esse o princípio do que passou a ser conhecido como "Os Horrorosos Estrangulamentos de Londres". Chamaram-nos horrorosos porque era algo mais do que assassínio: não havia motivo e foram cercados de um ar de magia negra. Todo crime era cometido numa ocasião em que a rua na qual se encontravam os cadáveres estava limpa de qualquer assassino perceptível ou possível. Haveria um beco deserto. Haveria um policial numa das extremidades que daria as costas para o beco deserto por menos

de um minuto. Depois olharia à sua volta e se poria a correr pela noite adentro com a notícia do novo estrangulamento. E em qualquer direção que olhasse, não veria ninguém e ninguém saberia lhe dizer que vira quem quer que fosse. Ou estaria de serviço numa longa e sossegada rua e de repente seria chamado a uma casa de mortos que, segundos antes, vira com vida. E novamente, para onde quer que olhasse, não veria ninguém; e se bem que os apitos dos guardas pusessem imediatamente um cordão de isolamento em volta da área, e todas as casas fossem revistadas, não, não se encontraria nenhum possível criminoso.

As primeiras notícias da morte do Sr. e Sra. Whybrow partiram do sargento de serviço. Ele caminhava pela Gaspar Street, já no fim do expediente, quando notou a porta do número 98 aberta. Espiou lá dentro e viu, à luz de lampião de gás do corredor, um corpo imóvel no chão. Um segundo depois, assoprou o apito, e quando os primeiros guardas responderam, levou consigo um deles para revistar a casa, e mandou que outros vigiassem a rua vizinha e interrogassem os moradores das casas contíguas. Mas nem na casa nem nas ruas foram encontrados vestígios do assassino. Os vizinhos dos lados e da frente não tinham visto ninguém, nem nada ouviram. Um deles escutara o Sr. Whybrow voltando para casa - o barulho da chave na fechadura era um ruído tão regular àquela hora da noite, disse, que a gente podia até acertar o relógio por ele: seis e meia - mas não ouvira outra coisa que não o rumor da porta que se abria e, logo depois, o guarda apitando. Ninguém fora visto entrando ou saindo da casa, pela frente ou pelos fundos, e as gargantas das vítimas não mostravam impressões digitais nem outro sinal qualquer. Um sobrinho foi chamado para examinar a casa, mas ele não deu falta de coisa alguma; o tio, aliás, nada possuía que valesse a pena roubar. Um pouco de dinheiro guardado em casa continuava intacto, e não havia indícios de qualquer alteração nos cômodos, nem de luta ou resistência. Não havia sinais de coisa alguma, a não ser de um crime inútil e brutal.

O Sr. Whybrow era conhecido dos vizinhos e dos colegas de trabalho como um homem tranquilo, simpático, que gostava de

casa; desses homens que nem poderiam ter um inimigo. Mas o fato é que as pessoas assassinadas raramente os têm. Um inimigo implacável, que odeia uma pessoa a ponto de querer machucá-la, raramente deseja tirar-lhe a vida, já que a morte dela a impedirá de continuar sofrendo. Assim sendo, viu-se a polícia diante de uma situação impossível: nenhuma pista deixada pelo criminoso e nenhum motivo para os crimes - a não ser o fato de que tinham sido praticados.

As primeiras notícias causaram um calafrio generalizado em toda Londres, e um verdadeiro choque elétrico em Mailon End. Duas criaturas inofensivas foram assassinadas e o móvel do crime não fora nem o roubo nem a vingança; o assassino, para quem aparentemente matar era um impulso gratuito, continuava solto. Não deixara vestígios e, se tivesse agido sozinho, seria pouco provável que não continuasse em liberdade. Qualquer homem inteligente e solitário, sem temer a Deus nem aos homens, poderia, se quisesse, submeter uma cidade e até uma nação ao estado de medo; mas o criminoso comum raramente é inteligente, além de abominar a solidão. Precisa, quando não do apoio de todos, pelo menos de alguém com quem falar; a sua vaidade exige a satisfação de se constatar logo o efeito de sua obra. Por isso frequenta bares, cafés e outros lugares públicos. Depois, mais cedo ou mais tarde, num assomo de camaradagem, pronuncia a palavra reveladora; e a tarefa da polícia, que está em todos os lugares, é fácil.

Mas, ainda que todos os albergues, bares e outros locais fossem postos de quarentena e atulhados de investigadores, embora se propalasse à boca pequena que a polícia daria bom dinheiro e segura proteção a quem fornecesse informações, nada se descobriu sobre o caso Whybrow. Parecia evidente que o assassino não tinha amigos e trabalhava sozinho. Homens conhecidos que faziam esse perfil foram interrogados, mas todos puderam explicar direitinho o que estavam fazendo na hora do crime; e poucos dias depois, a polícia se encontrava num beco sem saída. Diante da constante ironia popular de que o crime se dera quase que sob as barbas da

polícia, os policiais estavam irrequietos e todos trabalharam sob pressão durante quatro dias. No quinto dia, a agitação aumentou.

Chegara a época dos chás e comemorações anuais para as crianças das escolas dominicais e, numa noite de neblina, quando Londres transforma-se em um mundo de fantasmas a andar vacilantes, uma menininha, vestindo sua melhor roupa e sapatos de domingo, rosto brilhante e cabelos bem escovados, saiu de Logan Passage em direção a St. Michael's Paris Hall. Mas quem disse que ela chegou a seu destino? Morreu às seis e meia; era porém como se estivesse morta desde o momento em que transpusera a porta da casa de sua mãe. Um vulto de homem que passava pela rua que desembocava em Logan Passage viu quando ela saía; e, a partir daquele momento, ela estava morta. Através do nevoeiro, as enormes mãos brancas de alguém saíram atrás dela e, quinze minutos depois, lhe apertavam a garganta.

Às seis e meia um apito se ouviu, e aqueles que acorreram encontraram o cadáver da pequena Nellie Vrinoff na entrada do armazém de Minnow Street. O sargento foi o primeiro a chegar e distribuiu os homens pelos pontos estratégicos, dando ordens aqui e ali em tons ácidos de raiva contida, recriminando o guarda que deveria ter vigiado a rua.

- Eu vi você, Magson, lá no final do beco. O que é que você estava fazendo lá? Levou dez minutos para dar a volta.

Magson começou a se explicar, dizendo que estivera de olho num suspeito, mas o sargento interrompeu-o, dizendo:

- Os suspeitos que vão para o inferno. Você não tem nada que andar atrás de assassinos, perdendo tempo... e isso acontece justamente onde você deveria estar. Imagino só o que o povo vai dizer.

Com a rapidez das más notícias, esta chegou logo à população, pálida e perturbada; e ao ouvirem a história de que o monstro desconhecido voltara a agir, e desta vez com uma criança, seus rostos como que pintaram o nevoeiro com manchas de ódio e horror. Mas logo chegaram a ambulância e mais policiais; e à

medida que eles se espalhavam, a reflexão do sargento condensou-se em palavras e de todos os lados surgiram os comentários.

- Bem nas barbas da polícia!

Investigações subseqüentes demonstraram que quatro pessoas do bairro, acima de qualquer suspeita, tinham passado por aquela rua minutos ou segundos antes do crime e nada tinham visto ou ouvido. Nenhum deles passara pela criança ainda viva, nem a vira morta. Nenhum deles avistara quem quer que fosse na rua, a não ser eles mesmos. E a polícia novamente se encontrava sem o móvel do crime e sem pista alguma.

A partir daí, como se lembrará o leitor, entregou-se o bairro todo, não ao pânico, que os habitantes de Londres jamais se entregam a ele, mas à apreensão e ao desalento. Se as coisas assim aconteciam nas ruas familiares, tudo poderia acontecer. Onde quer que duas pessoas se encontrassem - nas vielas, nos mercados, nas lojas -, conversavam sempre sobre o mesmo assunto. As mulheres puseram-se a passar ferrolho nas portas e janelas assim que começava a anoitecer. Mantinham os filhos sempre sob suas vistas. Faziam as compras antes de escurecer, e espreitavam ansiosas, embora fingissem não fazê-lo, a chegada dos maridos que vinham do trabalho. Sob a quase acachapante resignação do povo pobre diante do desastre, escondiam um permanente pressentimento. Por causa do capricho de um homem e suas duas mãos, abalaram-se a estrutura e o tipo de vida cotidianos, como podem elas ser sempre abaladas por qualquer homem que desdenhe da humanidade e não tema as suas leis. Compreenderam então que os pilares que sustentavam a pacífica sociedade em que viviam eram de barro e estavam à mercê do primeiro que se propusesse a desmanchá-los; que as leis só eram poderosas quando obedecidas; que a polícia só tinha poder quando temida. Pela força de suas mãos, aquele homem, sozinho, obrigara a todos a pensar, deixando-os boquiabertos diante do que parecia tão óbvio.

E enquanto a população ainda estava boquiaberta com os dois primeiros golpes, ele vem e desfere o terceiro. Cômico do horror

que suas mãos haviam criado, e faminto como um ator que já conheceu a emoção eletrizante da platéia, voltou ele a se anunciar; e na quarta-feira de manhã, três dias após a morte da criança, os jornais levavam às mesas de almoço o relato de um crime ainda mais impressionante.

Às 9h30 da noite de terça-feira, estava um policial de serviço em Jarnigan Road falando com um colega chamado Peterson no alto de Clemming Street. Vira o colega descer a rua. Podia jurar que a rua estava deserta naquela hora, a não ser por um engraxate coxo que conhecia de vista e que, passando por seu colega, continuava caminhando.

Tinha o hábito, como todos os policiais nessa época, de olhar constantemente para trás e para os lados, fosse qual fosse a direção que tomava, e podia jurar que a rua estava vazia. Passou pelo sargento às 9h33, saudou-o e, respondendo à pergunta do superior, falou que não vira nada. E continuou andando. O trecho que lhe cumpria patrulhar terminava a pequena distância de Clemming Street e, tendo ali chegado, voltou-se para estar outra vez, às 9h34, no alto da rua. Apenas lá chegando, ouviu a voz rouca do sargento:

- Gregory! Você está aí? Depressa, depressa. Misericórdia! É Peterson! Esganado. Depressa, depressa, chame a turma!

Foi esse o terceiro dos Estrangulamentos Horrorosos, ao qual se seguiram ainda um quarto e um quinto; e os cinco horrores passariam para o terreno do desconhecido e do incognoscível. Isto é, desconhecido no que dizia respeito às autoridades e ao público. A identidade do assassino era conhecida; mas apenas de dois homens. Um, o próprio; o outro, um jovem jornalista.

Esse jovem, encarregado do caso pelo jornal Daily Torch, não era mais esperto do que outros zelosos jornalistas que vagaram por aqueles atalhos na esperança de encontrarem alguma história para contar. Mas era paciente, e aproximou-se do caso um pouco mais do que seus colegas, e de tanto dar tratos à bola, extraiu a figura

do assassino como um duende atrás das pedras em que este se escondia para perpetrar os crimes.

Passados os primeiros dias, os repórteres tinham desistido de obter histórias exclusivas, porque simplesmente não as havia. Encontravam-se regularmente no posto policial e partilhavam irmanamente as poucas informações distribuídas. Os policiais mostravam-se amáveis, não mais do que isso. O sargento discutia os pormenores de cada assassinio; sugeria possíveis explicações sobre os métodos do homem; lembrava casos do passado que apresentavam algumas semelhanças com aqueles, e não havia motivo do crime; e aludia ao trabalho que estava sendo feito e que logo, logo desvendaria aquele mistério; mas sobre o próprio trabalho nada dizia. O inspetor também se mostrava agradavelmente loquaz sobre a tese do assassinato, mas toda vez que alguém do grupo desviava o assunto para as providências que estariam sendo tomadas naquele caso, fazia ouvidos de mercador. Se sabiam de alguma coisa, os policiais não revelavam aos jornalistas. O caso pesava-lhes muito, e só com uma captura efetuada com seus próprios esforços conseguiriam se reabilitar na estima oficial e pública. A Scotland Yard naturalmente trabalhava no caso, e tinha todo o material do posto; mas a esperança dos policiais era resolver o assunto com os próprios meios.

Por isso mesmo, o sargento falava à vontade, e propunha uma teoria interessante atrás da outra, todas elas já aventadas pelos jornalistas. O jovem logo se cansou dessas conferências matutinas sobre a Filosofia do Crime e pôs-se a divagar pelas ruas e a escrever brilhantes reportagens sobre os efeitos dos crimes na vida normal das pessoas. Melancólico trabalho que o bairro tornava mais melancólico ainda. A desordem nas calçadas, nas janelas sujas - em tudo pairava um ar de miséria amarga; a miséria do poeta frustrado. Obra dos estrangeiros que viviam daquela maneira provisória porque não tinham lares estabelecidos, e não queriam dar-se ao trabalho de construir um lar onde se estabelecer, sem continuar na pura vagabundagem.

Havia pouca coisa a colher. A única coisa que ele viu e ouviu foram rostos indignados e fantásticas conjeturas sobre a identidade do criminoso e o segredo do seu truque de aparecer e desaparecer sem ser visto por ninguém. Desde que até um policial lhe caíra nas garras, as acusações contra a força pública tinham cessado e o desconhecido ganhara um manto lendário na imaginação popular. Homens se entreolhavam como se pensassem: "Pode ser ele. Pode ser ele."

Já não se procurava alguém que tivesse um estereótipo de assassino; procuravam um homem, ou talvez uma megera, responsável por aqueles assassinatos específicos. Os pensamentos se dirigiam sobretudo para a colônia estrangeira. Tamanha atrocidade não poderia provir da Inglaterra, como não poderia ser inglesa a espantosa astúcia do assassino. Por isso se voltaram para o ciganos romenos e para os turcos vendedores de tapetes. Entre eles, estaria a chave do caso. Entre os orientais - que conheciam todos os ardis e não tinham uma religião de verdade - nada havia que impusesse limites aos seus atos. Marinheiros regressando desses países contavam histórias de bruxos que se tornavam invisíveis; e comentava-se sobre poções egípcias e árabes para os usos mais estranhos. Talvez aquilo, para eles, fosse possível; nunca se sabia. Eram tão suaves e tão cheios de manhas! Inglês nenhum poderia eclipsar-se como aquela gente. Era quase certo que, no fim das contas, se descobriria ser o criminoso um deles - dono de algum negro feitiço próprio -, e exatamente porque tinham a certeza de que era um feiticeiro, achavam inútil procurá-lo. Era uma energia capaz de mantê-los sujeitos e de manterem-se intangíveis. A superstição, que tão fácil rompe o frágil invólucro da razão, planejara-os. Poderia fazer o que quisesse; jamais seria descoberto. Estabelecidos esses dois pontos, andavam pelas ruas sob o domínio de um fatalismo irritado.

Expunham suas idéias aos jornalistas em voz baixa, olhando em volta como se ELE pudesse ouvi-los e visitá-los. E embora todo o bairro só pensasse nele e estivesse pronto para recebê-lo, era tão poderoso o efeito que produzia sobre aquele povo que, se qualquer

homem da rua - digamos, um sujeitinho de traços e formas comuns - houvesse gritado "Eu sou o Monstro!", eles seriam tomados por uma torrente de fúria represada que os derrubaria. Ou então veriam algo de sobrenatural nos costumeiros sapatos, algo de sobrenatural no chapéu, alguma coisa que o assinalasse como invulnerável a todas as armas deles? E não recuariam diante daquele diabo, como o diabo recuou diante da cruz formada pela espada de Fausto? Não sei; mas tão firme era a crença deles na sua invencibilidade que é pelo menos provável que tivessem hesitado, se surgisse a ocasião. Mas ela nunca surgiu. Atualmente esse sujeito comum, saciada a sua fome de morte, é ainda visto e observado entre eles, como sempre; mas porque ninguém então imaginou, nem imaginara agora, que ele fosse o que era, observou-o então e continua a observá-lo como as pessoas observam um poste de luz.

Quase que essa crença deles na sua invencibilidade se justifica; cinco dias após o assassinato do guarda Peterson, quando a experiência e a inspiração de todo o departamento de detetives de Londres dirigiam-se no sentido de sua identificação e da sua captura, ele desferiu o quarto e o quinto golpes.

Às 9h daquela noite, o jovem jornalista que lá passara a noite até a saída do jornal, percorria a Richards Lane. Richards Lane é uma rua estreita, metade feira e metade residencial. O jovem se encontrava na parte residencial, que apresenta vilas operárias de um lado e, do outro, projetava um manto de sombra sobre o beco, e a sombra e os cadavéricos contornos das barracas da feira, então desertas, davam-lhe o aspecto de uma viela viva e congelada no momento entre o hálito e a morte. Os próprios lampiões, que em outros lugares são auréolas de ouro, tinham aqui a rigidez das gemas. Sentindo essa mensagem de uma eternidade de gelo, dizia a si mesmo o jornalista, já cansado de tudo aquilo, quando de repente o gelo se quebrou. No intervalo entre um passo e outro, o silêncio e as trevas foram rasgados por um grito agudo, depois do qual se ouviu uma voz:

- Socorro! Socorro! Aqui, ele está aqui!

Antes de pensar no movimento que devia fazer, o beco ressuscitou. Como se a sua população invisível estivesse apenas à espera daquele grito, as portas das casas se escancararam e todas elas e todos os becos passaram a enviar figuras imprecisas, curvadas como pontos de interrogação. Por um segundo, ou menos ainda, ficaram rígidos como lampiões; mas logo o apito de um guarda lhes indicou a direção, e o rebanho de sombras dirigiu-se para o alto da rua. O jornalista e outros tantos seguiram o apito. Vinham da via principal e das ruelas transversais, alguns tirados de um jantar inacabado, outros perturbados no seu descanso de chinelos e mangas de camisa, e outros ainda eretos, armados de alguns instrumentos de trabalho. Cá e lá, sobre a nuvem ondulante de cabeças, moviam-se afoitos capacetes de polícia. Precipitaram-se numa massa confusa sobre uma casa cuja porta estava assinalada pelo sargento e dois guardas; e atrás das sombras, vozes provocativas:

- Entrem! Descubram ele! Dêem a volta por trás! Saltem o muro! Ao passo que, da frente, as sombras gritavam:

- Para trás! Para trás!

E estourou a fúria de uma malta estimulada pelo perigo desconhecido. Ele estava lá - naquele lugar. Desta vez, com certeza, não havia como escapar. Todos se voltavam para a casa; todas as energias se dirigiam para as suas portas, para as suas janelas, para o seu telhado; todos os pensamentos se concentravam num homem desconhecido e no seu fim. De maneiras que nenhum homem enxergava outro homem. Nenhum homem via o beco estreito, entulhado, e a massa de sombras que se agitava, e todos se esqueceram de procurar entre os vizinhos o monstro que nunca demorava ao lado das vítimas. Todos realmente se esqueceram de que a sua cruzada de vingança em massa lhe propiciava um perfeito esconderijo. Viram apenas a casa e apenas ouviram o gemer da madeira quebrada e o tinir dos vidros partidos, na frente e nos fundos, e a polícia dando ordens ou instigando a perseguição; e assim continuaram.

Mas não encontraram criminoso algum. Só a notícia de outro crime e vislumbraram a ambulância chegando. E para a fúria deles, só restou a própria polícia procurando removê-los como embaraços que eram para o seu trabalho.

O jornalista conseguiu, à força dos braços, chegar à porta da casa e ouvir a história da boca do guarda que lá estava. Na casa moravam um marinheiro aposentado, mulher e filha. Estavam jantando, e a princípio se pensou que algum gás venenoso houvesse liquidado os três no meio da refeição. A filha jazia morta no tapete da lareira, com um pedaço de pão com manteiga na mão. O pai caíra da cadeira para o lado, deixando uma colher cheia de arroz-doce no prato. A mãe tinha metade do corpo debaixo da mesa, com cacos de uma xícara e manchas de chocolate no regaço. Três segundos depois, a idéia de gás foi afastada. Um simples olhar para a garganta dos três mostrava que aquilo era obra do Estrangulador; e os policiais ficaram olhando aquilo, partilhando do fatalismo do povo. Impotentes.

Era a quarta visita dele, num total de sete mortos. Ainda iria realizar mais uma -como haverá de saber o leitor - naquela mesma noite; e depois passaria à História como o Horror Desconhecido de Londres, e voltaria à vida decente que sempre levara, pouco se lembrando do que fizera e nada preocupado com suas lembranças. Por que parou ele? Impossível dizer. Por que começou? Impossível também. Aconteceu, simplesmente; e se ele hoje chega a pensar naquelas noites e naqueles dias, imagino que pense como nós pensamos dos pecadilhos tolos ou feios que cometemos na infância. Dizemos que não éramos conscientes: não tínhamos chegado à compreensão das coisas; e olhamos para a boba criaturinha que já fomos, e a perdoamos porque ela não sabia. Acredito que a mesma coisa ocorra com esse homem.

Existe muita gente como ele.

Mas ele escapou por pouco e talvez tenha sido por isso que ele resolveu parar. Sua salvação deu-se por um erro de julgamento do jornalista. Assim que obteve um relato completo do caso, passou o jornalista uns quinze minutos ao telefone transmitindo a matéria -

em seguida sentiu-se exausto. E resolveu entrar num bar para comer alguma coisa.

Foi aí então, depois de afastar da cabeça aquela história toda, quando examinava o bar e admirava o bom gosto do proprietário na decoração cheia de correntes de relógios, que sua mente recebeu, sabe-se lá de onde, uma centelha de luz. Não estava nem pensando nos Horrorosos Estrangulamentos; estava pensando no sanduíche. O pão fora cortado fininho, besuntado de manteiga e o presunto fresco. A sua cabeça lembrou-se do inventor do lanche que estava comendo, o Conde Sandwich, e depois de George IV, e depois de. .. Levantou-se para pedir um outro sanduíche e, naquele momento, um canti-nho ativo da sua cabeça resolveu o caso todo. Se havia presunto no sanduíche é que alguém o pusera lá. Se sete pessoas tinham sido assassinadas, é que alguém devia estar lá para assassiná-las. Não existiam aeroplanos nem automóveis de bolso; conseqüentemente, esse alguém só poderia ter escapado fugindo ou ficando no mesmo lugar; conseqüentemente...

Imaginou então a reportagem de primeira página que o jornal estamparia se fosse certa a hipótese, e de que - era uma questão de conjectura - o editor tivesse coragem suficiente para dar um golpe atrevido, quando ouviu o grito:

- Está na hora, cavalheiros, por favor! Saiam todos, vamos fechar!

Lembrou-se do tempo. Levantou-se e saiu para um mundo de névoa, interrompido pelos círculos rotos de poças nas calçadas e pelos jorros de luz lançados pelos ônibus. Tinha a certeza de ter destrinchado a história, mas, ainda que a provasse, duvidava que a política do jornal lhe permitisse publicá-la. Tinha um grande defeito. Era verdade, mas era uma verdade inverossímil. Abalava os alicerces de tudo aquilo que os leitores de jornais acreditavam e que os diretores de jornais os ajudavam a acreditar. Acreditariam que os turcos vendedores de tapetes possuíam o dom de se tornarem invisíveis. Mas não acreditariam no que estava pensando.

Na verdade, ninguém lhes pediu que acreditassem pois a história nunca seria escrita. Como o jornal, àquela hora, já houvesse saído e como ele se sentisse recuperado pelo sanduíche e estimulado pela teoria, achou que poderia perder meia hora verificando a veracidade de sua teoria. Começou assim a procurar o homem em que pensava - um homem de cabelos brancos e mãos brancas e enormes; quanto ao resto, uma figura bastante comum para a qual ninguém olharia duas vezes. Pretendia apresentar-lhe sua idéia de chofre e iria colocar-se ao alcance de um personagem blindado de lendas de terror e pavor. Isso poderia parecer um gesto de extrema coragem - colocar-se diante de um homem assim, sem esperança de nenhum auxílio externo, à mercê do outro que aterrorizava um bairro inteiro. Mas não era. Nem pensou no risco. Nem pensou na obrigação para com os editores, nem na lealdade para com o jornal. Movia-o simplesmente o instinto; o instinto que mandava seguir uma história até o fim.

Saiu do bar lentamente e cruzou a Fingal Street, em direção à Deever Narketm, onde esperava encontrar o homem. Mas sua caminhada foi abreviada. Na esquina da Lotus Street deu com ele - ou com um homem parecido. A rua estava mal-iluminada e pouca coisa se via do homem: mas viu-lhe as mãos brancas. Durante uns vinte passos seguiu-o; depois alcançou-o; e no ponto em que o viaduto cruza a rua, percebeu que o homem era aquele mesmo. Aproximou-se com a frase com que todas as conversas começavam no bairro:

- E então? Descobriu alguma coisa sobre o assassino?

O homem parou e fitou seus olhos diretos no jornalista; depois, como que concluísse que o jornalista não era o assassino, respondeu:

- Não. Nem ninguém descobriu. E duvido que descubram.

- Não sei. Estive pensando sobre isso e cheguei a uma conclusão.

- Não diga!

- Cheguei, sim. Me surgiu de repente. E compreendi logo que todos nós temos sido cegos. A solução está na frente dos nossos narizes.

O homem voltou-se outra vez para encará-lo, num movimento em que transparecia uma vaga desconfiança por quem parecia saber tanto.

- Ah, sim? E por que não me faz o favor de contá-la?

- É o que eu vou fazer.

Caminhavam juntos e chegavam no fim da ruazinha, quando o jornalista se voltou casualmente para o homem, tocando o dedo no braço dele.

- E agora o caso me parece simplíssimo. No entanto, ainda existe um ponto que eu não compreendo. Um pontinho à toa, que eu gostaria de esclarecer. Me refiro ao motivo dos crimes. De homem para homem, diga-me, sargento Ottermole, por que matou toda aquela gente pobre e inofensiva?

O sargento parou e o jornalista também. Vinha do céu a luz exatamente suficiente, sustendo a luz refletida de Londres, para dar-lhe uma visão do rosto do sargento; e o rosto do sargento estava voltado para ele com um largo sorriso de tanta urbanidade e tamanho encanto que os olhos do jornalista gelaram ao vê-lo. O sorriso durou alguns segundos. Depois, o sargento disse:

- Bem, para lhe ser franco, Sr. jornalista, não sei. Realmente, não sei. Na verdade, eu mesmo tenho me preocupado com isso. Mas tenho uma idéia... como o senhor tem. Todos sabem que não podemos controlar as atividades da alma. É ou não é? As idéias nos invadem sem pedir licença. Mas suponhamos que a gente seja capaz de controlar o corpo. Por quê? Hein? Recebemos a mente sabe Deus de onde - de gente que morreu centenas de anos antes de nascermos. Não poderíamos receber o corpo da mesma maneira? O nosso rosto... as nossas pernas... a nossa cabeça ... não são completamente nossos. Não os fazemos nós. Só os recebemos. E não poderiam idéias penetrar o nosso corpo como invadem o nosso espírito? Hein? As idéias não podem viver no nervo e no

músculo como vivem no cérebro? Não pode se dar que as partes do nosso corpo não sejam realmente nossas, e não poderiam idéias invadir essas partes de repente, como as idéias invadem. .. as. .. as. .. - e estendeu os braços mostrando as mãos enormes calçadas de luvas brancas e com os punhos peludos; estendeu-os tão rapidamente em direção à garganta do jornalista, que ele sequer chegou a vê-los - ...invadem as minhas mãos!

Tradução de Flávio Moreira da Costa

76. NA BIBLIOTECA

W.W. JACOBS

*Já em *The Lady of the Barge*, livro de contos de 1897, e que inclui o famoso *A Pata do Macaco*, Jacobs flertava como conto policial ou de mistério. Mas foi em 1926 que ele publica *Sea Whispers*, volume que traz seus melhores contos de mistério, como *His Brother's Keeper* e *The Interruption*. Além deste *Na Biblioteca*, que sai aqui pela primeira vez em português.*

O fogo queimara debilmente na biblioteca, pois a noite estava úmida e morna. Era agora pouco mais que uma concha acinzentada e parecia desolado. Trayton Burleigh, ainda aquecido, ergueu-se de sua poltrona e, fechando um dos bicos do lampião, apanhou um charuto de uma caixa numa mesa lateral e voltou a sentar-se.

O cômodo, que ficava no terceiro andar, nos fundos da casa, era uma combinação de biblioteca, estúdio e sala de fumar, e era o desespero diário da velha governanta que, com a ajuda de um criado, administrava a casa. Era um apartamento de solteiro e havia sido deixado para Trayton Burleigh e James Fletcher por um conhecido comum dos dois homens, uns dez anos antes.

Trayton Burleigh sentou-se de volta em sua cadeira observando a fumaça de seu charuto com os olhos semicerrados. Ocasionalmente, abria-os um pouco mais e girava-os pela sala confortável e bem-mobiliada, ou fixava-os com um brilho frio de ódio em Fletcher, sentado e fumando impassível seu cachimbo. Era uma sala confortável e uma casa valiosa, metade da qual pertencia a Trayton Burleigh, e mesmo assim ele deveria deixá-la pela manhã e se tornar um vagabundo e um nômade sobre a face da terra. James Fletcher assim tinha dito. James Fletcher, com o cachimbo

ainda entre os dentes e falando pelo canto da boca, tinha pronunciado sua sentença.

- Talvez não lhe tenha ocorrido, creio eu - disse Burleigh, de repente -, que eu poderia recusar seus termos.

- Não - disse simplesmente Fletcher.

Burleigh deu uma grande baforada e deixou a fumaça rolar lentamente de sua boca.

- Eu vou sair e deixar você como proprietário? - continuou. - Você ficará aqui como o único dono da casa; você ficará como o único dono do escritório e representante da firma? Você é muito bom em acordos, James Fletcher.

- Eu sou um homem honesto - disse Fletcher -, e levantar dinheiro suficiente para fazer frente a seus desfalques não me deixará de modo algum como vencedor, como você sabe muito bem.

- Não há necessidade de empréstimos - começou Burleigh, impaciente. - Podemos pagar facilmente os juros e, no devido tempo, integralizar o capital sem que ninguém perceba.

- Isto você sugeriu antes - disse Fletcher - e minha resposta é a mesma. Eu não serei cúmplice da desonestidade de homem algum; levantarei cada centavo a qualquer custo e salvarei o nome da firma - e o seu -, mas nunca mais vou vê-lo pisar novamente no escritório, ou sentar-se nesta casa depois desta noite.

- Você não vai - gritou Burleigh, levantando-se num frenesi de ódio.

- Eu não vou - respondeu Fletcher. - Você pode escolher a alternativa: desgraça e trabalhos forçados. Não cresça para cima de mim, você não vai me assustar, posso garantir. Sente-se.

- Você decidiu tantas coisas em sua generosidade - disse Burleigh, lentamente, voltando a sentar-se. - Decidiu como vou viver?

- Você tem duas mãos fortes e saúde - respondeu Fletcher. - Eu lhe darei as duzentas libras que mencionei e depois disso você terá

que cuidar de si mesmo. Pode levá-las agora.

Ele apanhou uma carteira de couro do bolso da camisa e tirou um rolo de notas. Burleigh, observando-o calmamente, esticou a mão e apanhou-as da mesa. Então, deu vazão a um súbito acesso de ódio e, amassando as notas em sua mão, lançou-as num canto da sala. Fletcher continuou a fumar.

- A Sra. Marl saiu? - disse Burleigh, de repente. Fletcher concordou com a cabeça.

- Ela vai passar a noite fora - disse, lentamente - e Jane também; foram juntas a algum lugar, mas estarão de volta às oito e meia da manhã.

- Então você vai me deixar tomar mais um café da manhã na velha casa - disse Burleigh. - Oito e meia, oito e ...

Levantou-se novamente da poltrona. Desta vez Fletcher tirou o cachimbo da boca e observou-o atentamente. Burleigh inclinou-se e, apanhando as notas, colocou-as no bolso.

- Se eu vou ser lançado à deriva, não vai ser para deixá-lo aqui - disse ele, numa voz rouca.

Atravessou a sala e fechou a porta; quando voltou, Fletcher levantou-se da poltrona e enfrentou-o. Burleigh pôs a mão na parede e, tirando uma pequena espada japonesa de seu estojo de marfim esculpido, andou lentamente em sua direção.

- Eu lhe dou uma chance, Fletcher - disse, implacável. - Você é um homem de palavra. Acabe com isto. Deixe as coisas serem como antes e você estará salvo.

- Largue isto - disse Fletcher, estridente.

- Por... eu falei sério! - gritou o outro.

- Eu falei sério! - respondeu Fletcher.

Ele olhou em volta no último instante em busca de uma arma. Então voltou-se de repente com uma súbita dor aguda e viu o punho fechado de Burleigh quase tocando seu esterno. A mão afastou-se novamente de seu peito e algo mais com ela. Demorou

muito para se afastar. Trayton Burleigh foi repentinamente para muito longe e a sala escureceu.

Ficou muito escuro e Fletcher fez uma tentativa de erguer as mãos. Em vez disso, deixou-as cair e desabou no chão.

Ele estava tão imóvel que Burleigh mal percebeu que tudo estava acabado e ficou estupidamente à espera de que se erguesse novamente. Então ele tirou o lenço como se fosse limpar a espada, mas, pensando melhor, recolocou-o no bolso e jogou a arma no chão.

O corpo de Fletcher ficou onde tinha caído, o rosto branco voltado para o lampião de gás. Em vida, ele havia sido um homem de aparência comum, para não dizer vulgar, agora ... Burleigh, com um sentimento de náusea, retrocedeu até a porta, até que o corpo ficou escondido pela mesa e, poupado da visão, foi capaz de pensar com mais clareza. Olhou cuidadosamente para baixo e examinou suas roupas e suas botas. Então atravessou novamente a sala e, desviando o rosto, apagou o gás. Algo parecia mover-se na escuridão e, com um grito baixo, ele se precipitou para a porta antes de perceber que era o relógio. Ele soou doze vezes.

Burleigh ficou na beira da escada tentando se recuperar, tentando pensar. O lampião no piso inferior, a escada e a mobília, tudo parecia tão prosaico e familiar que ele poderia não perceber o que havia acontecido. Caminhou lentamente e apagou a luz. A escuridão da parte superior da casa estava agora quase aterradora, e, num pânico súbito, ele correu escada abaixo para o hall iluminado e, arrancando um chapéu do cabide, foi até a porta e caminhou para o portão.

Com exceção de uma janela, as casas vizinhas estavam às escuras e as lamparinas resplandeciam numa rua silenciosa. Havia um pouco de chuva no ar e a estrada barrenta estava cheia de seixos. Ele parou no portão tentando criar coragem para entrar na casa novamente. Então, avistou uma figura surgindo lentamente da estrada e mantendo-se junto às cercas.

A total compreensão do que havia feito atingiu-o quando ele se viu virando para correr da aproximação do guarda. A capa molhada brilhando à luz do lampião, o passo lento e pesado, fizeram-no tremer. Imagine se a coisa lá em cima não estivesse suficientemente morta e gritasse? Imagine se o guarda achasse estranho ele estar ali parado e o seguisse para dentro da casa? Ele assumiu um ar descuidado que não parecia descuidado e, quando o homem passou, desejou-lhe boa-noite e fez uma observação sobre o tempo.

Antes que o som dos passos do outro estivesse totalmente fora de seu alcance, ele se virou e entrou novamente na casa sem que a sensação de ter companhia houvesse desaparecido por completo. O primeiro lance de degraus era iluminado pelo lampião de gás no saguão e ele subiu lentamente. Então, riscou um fósforo e subiu resolutamente, passou pela porta da biblioteca e, com dedos firmes, ligou o lampião em seu quarto e iluminou-o. Abriu um pouco a janela e, sentando-se em sua cama, tentou pensar.

Ele tinha oito horas. Oito horas e duzentas libras em notas pequenas. Abriu seu cofre e tirou todo o dinheiro solto que encontrou e, caminhando pelo quarto, recolheu e colocou nos bolsos todos os artigos de valor que possuía.

O primeiro horror tinha agora passado até certo ponto e foi seguido pelo medo da morte. Com este medo, ele se sentou novamente e tentou considerar os primeiros passos daquele jogo de habilidade do qual sua vida dependia. Ele tinha muitas vezes lido a respeito

de pessoas de temperamento impetuoso que iludiram a polícia por algum tempo e eventualmente caíram em suas mãos por falta do mais elementar bom senso. Tinha ouvido dizer que elas sempre fizeram alguma asneira estúpida, deixaram para trás alguma maldita pista. Apanhou seu revólver numa gaveta e viu que estava carregado. Se acontecesse o pior, ele morreria depressa.

Primeiras oito horas, duzentas libras a mais. No início, alugaria um quarto em algum distrito populoso e deixaria crescer a barba.

Quando a poeira abaixasse, iria para o exterior e começaria vida nova. Ele sairia à noite e remeteria cartas para si mesmo ou, melhor ainda, cartões-postais que sua locadora leria. Cartões-postais de amigos entusiasmados, de uma irmã, de um irmão. Durante o dia, ficaria em casa e escreveria, tornando-se um homem que se diria jornalista.

Ou, quem sabe iria para o litoral? Quem o procuraria de ceroulas, tomando banhos de mar e andando de bote com felizes mortais comuns? Ele se sentou e ponderou. Uma decisão poderia significar a vida e a outra a morte. Qual?

Seu rosto queimou quando ele pensou na responsabilidade da escolha. Tanta gente ia para o litoral naquela época do ano que ele certamente passaria despercebido. Mas na praia podem-se encontrar conhecidos. Ele se levantou e nervosamente andou outra vez de um lado para o outro. Agora que significava tanto, não era tão simples quanto parecera.

O pequeno relógio estridente sobre a lareira soou uma vez, imediatamente seguido pela nota mais grave do da biblioteca. Ele pensou no relógio, parecia a única coisa viva naquela sala, e estremeceu. Ficou pensando se a coisa deitada ao lado da mesa o ouvira. Ficou pensando. ..

Ele prendeu a respiração com medo. Em algum lugar lá embaixo uma tábua rangeu alto, depois outra. Ele foi até a porta e abriu-a um pouco, mas sem olhar para fora, ficou à escuta. A casa estava tão quieta que ele podia ouvir o tique-taque do velho relógio da cozinha lá embaixo. Abriu um pouco mais a porta e espiou. Quando o fez, houve uma súbita gritaria estridente na escada e ele recuou e ficou parado tremendo antes que pudesse perceber que o barulho tinha sido feito pelo gato. O grito era inconfundível; mas o que o teria perturbado?

Estava tudo novamente em silêncio e ele foi outra vez para perto da porta. Teve a certeza de que algo se movia furtivamente pelos degraus. Ouviu as tábuas rangerem novamente e mais uma vez o corrimão rangeu. O silêncio e a expectativa eram horrorosos.

Imagine se a coisa que havia sido Fletcher estivesse esperando por ele na escuridão?

Ele enfrentou seus medos e, abrindo a porta, decidiu ver o que havia. A luz do quarto fluiu para o patamar e ele espiou assustado. Era imaginação, ou a porta do quarto de Fletcher, em frente, fechou-se quando ele olhou? Era isto imaginação, ou a maçaneta da porta realmente girou?

Em absoluto silêncio e observando a porta enquanto se movia, para ver se nada saía e o seguia, continuou lentamente pelos escuros degraus abaixo. Então seu queixo caiu e ele se sentiu outra vez fraco e enjoado. A porta da biblioteca, que ele se lembrava perfeitamente de ter fechado e que, além disso, ele havia visto fechada quando subiu a escada para seu quarto, estava agora uns dez ou doze centímetros aberta. Imaginou haver um sussurro lá dentro, mas seu cérebro se recusava a ter certeza. Então, clara e inequivocamente, ouviu uma cadeira ser empurrada de encontro à parede.

Rastejou até a porta, esperando passar por ela antes que a coisa lá dentro se desse conta de sua presença. Algo rastejou furtivamente pela sala. Num impulso repentino, ele pegou a maçaneta da porta e, fechando-a violentamente, virou a chave na fechadura e correu como louco escada abaixo.

Um grito pavoroso veio da sala e uma mão pesada bateu nos painéis da porta. A casa rangeu com os golpes, mas acima deles soaram os gritos, altos e roucos, de medo humano. Burleigh, a meio-caminho em direção ao vestíbulo, parou com a mão no corrimão e ficou à escuta. A batida cessou e uma voz de homem implorou alto para que pelo amor de Deus o deixassem sair.

Burleigh viu imediatamente o que havia acontecido e o que aquilo poderia significar para ele. Tinha deixado a porta do vestíbulo aberta depois de sua ida à rua e algum pássaro noturno errante tinha entrado na casa. Nenhuma necessidade de sair agora. Nenhuma necessidade de se esconder da corda do carrasco ou da cela do criminoso. O bobo lá em cima o salvara. Virou-se e correu

novamente escada acima exatamente quando o prisioneiro, em seus furiosos esforços para escapar, arrancou a maçaneta da porta.

- Quem está aí? - gritou alto.

- Deixe-me sair! - gritou uma voz frenética. - Pelo amor de Deus, abra a porta! Tem uma coisa aqui dentro.

- Fique onde está! - berrou Burleigh rispidamente. - Fique onde está! Se você sair, atirarei como num cão!

A única resposta foi um violento soco na fechadura da porta. Burleigh ergueu sua pistola e, mirando na altura do tórax de um homem, atirou através do painel.

O tiro e a madeira estilhaçada fizeram um único ruído, seguido de um silêncio sobrenatural, e então o barulho de uma janela apressadamente aberta. Burleigh fugiu apressadamente escada abaixo e, abrindo com violência a porta do vestíbulo, pediu ajuda aos gritos.

Acontece que o sargento e o guarda de ronda tinham acabado de se encontrar no caminho. Correram para a casa. Burleigh, com explicações incoerentes, lançou-se pela escada antes deles e parou defronte à porta de biblioteca. O prisioneiro ainda estava lá dentro, ainda tentando arrebentar a fechadura da sólida porta de carvalho. Burleigh tentou virar a chave, mas a fechadura estava por demais danificada para permitir qualquer movimento. O sargento recuou e, ombros à frente, atirou-se à porta e arrombou-a.

Ele entrou na sala aos tropeções, seguido pelo guarda, e dois raios de luz das lanternas em seus cintos dançaram pela sala. Um homem escondido atrás da porta correu para ela e no instante seguinte os três homens estavam embolados.

Burleigh, parado na soleira, olhava friamente para dentro, guardando-se para a cena seguinte. Com exceção do esbarrão dos homens e da respiração ofegante do prisioneiro, não havia ruído. Um capacete caiu, quicou e rolou pelo chão. Os homens caíram, houve um grunhido soluçado e um estalo estridente. Um vulto alto ergueu-se do chão. O outro, de joelhos, ainda segurava o homem.

O vulto de pé vasculhou o bolso e, riscando um fósforo, acendeu o lampião de gás.

A luz caiu no rosto corado e na barba loura do sargento. Sua cabeça estava descoberta e seu cabelo desgrenhado. Burleigh entrou na sala e contemplou avidamente o homem meio-desmaiado no chão - um camarada baixo e gorducho com um rosto branco

e sujo e bigode preto. Seu lábio estava cortado e o sangue escorria pelo seu pescoço. Burleigh olhou furtivamente para a mesa. A toalha tinha caído com a luta e estava agora no lugar onde ele deixara Fletcher.

- Bom trabalho, senhor - disse o sargento, com um sorriso. - Foi sorte estarmos por perto.

O prisioneiro ergueu uma cabeça pesada e examinou-os com um inconfundível terror no olhar.

- Muito bem, senhor - disse ele, trêmulo, enquanto o guarda aumentava a pressão do joelho. - Não cheguei a ficar nem dez minutos na casa. Por... não fui eu.

O sargento olhou-o com curiosidade.

- Isto não quer dizer nada - disse, lentamente. - Dez minutos ou dez segundos não farão diferença alguma.

O homem tremeu e começou a choramingar.

- Ele já estava aqui quando cheguei - disse, ansiosamente. - Anote isso, senhor. Eu tinha acabado de chegar e aquilo já era. Então tentei escapar, mas fui preso.

- O que é que já era? - perguntou o sargento. - Aquilo - disse ele, desesperadamente.

O sargento, seguindo a direção dos olhos pretos aterrorizados, inclinou-se para a mesa. Então, com uma exclamação aguda, puxou a toalha. Burleigh, com um grito agudo de horror, cambaleou até a parede às suas costas.

- Tudo certo, senhor - disse o sargento segurando-o. - Tudo certo. Incline a cabeça.

Ele o empurrou até uma cadeira e, cruzando a sala, encheu um copo de uísque e o trouxe para ele. O copo chacoalhou contra seus dentes, mas ele o bebeu com avidez e então gemeu fracamente. O sargento esperou com paciência. Não havia pressa.

- Quem é, senhor? - perguntou afinal.

- Meu amigo Fletcher - disse Burleigh, com um esforço. - Morávamos juntos. - Ele se virou para o prisioneiro:

- Seu maldito!

- Ele estava morto quando eu entrei na sala, cavalheiros - disse o prisioneiro, energicamente. - Ele estava morto no chão e, quando o vi, tentei cair fora. Deus me ajude que ele já era. O senhor me ouviu chamar, senhor. Eu não chamaria se eu o tivesse matado.

- Tudo certo - disse o sargento, rispidamente. - É melhor segurar a língua, sabia?

- Você fique quieto - advertiu o guarda.

O sargento se ajoelhou e levantou a cabeça do homem morto.

- Eu não tenho nada a ver com isso - insistiu o homem no chão. - Eu não tenho nada a ver com isso. Eu nunca pensei numa coisa dessas. Eu só fiquei dez minutos nesse lugar; abaixe isso, senhor.

O sargento tateou com a mão esquerda e, pegando a espada japonesa, sacudiu-a para ele.

- Eu nunca vi isso antes - disse o prisioneiro, debatendo-se.

- Ficava pendurada na parede, disse Burleigh. - Ele deve tê-la arrancado de lá. Estava na parede quando deixei Fletcher pouco tempo atrás.

- Quanto tempo? - inquiriu o sargento.

- Talvez uma hora, talvez meia hora - foi a resposta. - Eu fui para o meu quarto. O homem no chão torceu a cabeça e olhou-o impaciente.

- Foi você quem fez isto! - gritou ele, furioso. - Você fez isto e quer que eu leve a culpa.

- Já chega - disse o guarda indignado.

O sargento repôs gentilmente sua carga no chão.

- Você segura a língua, seu diabo! - disse, ameaçador.

Atravessou a sala até a mesa, colocou um pouco de bebida num copo e segurou-o. Então abaixou-o novamente e foi até Burleigh.

- Sentindo-se melhor, senhor? - perguntou. O outro sacudiu debilmente a cabeça.

- O senhor não vai mais querer isto aqui - disse o sargento.

Apontou para a pistola que o outro ainda segurava e, tirando-a gentilmente de suas mãos, colocou-a no bolso.

- Machucou seu pulso, senhor - disse ele, ansiosamente. Burleigh ergueu rapidamente uma das mãos, depois a outra.

- Este aqui, eu acho - disse o sargento. - Acabei de ver.

Pegou os pulsos do outro em suas mãos e, apertando-os de repente com a força de um alicate, sacou algo do bolso - alguma coisa dura e fria que estalou de repente nos pulsos de Burleigh e os manteve juntos.

- Está tudo bem - disse o sargento. - Fique quieto.

O guarda deu meia-volta assombrado. Burleigh saltou furiosamente sobre ele.

- Tire estas coisas! - arquejou. - Ficou louco? Tire-as!

- Tudo no seu devido tempo - disse o sargento.

- Tire-as! - gritou novamente Burleigh.

Em resposta, o sargento segurou-o num aperto poderoso e, encarando seu rosto pálido e seus olhos brilhantes, levou-o à força para o outro lado da sala e empurrou-o para uma cadeira.

- Collins - disse ele, severamente.

- Senhor? - disse o subordinado perplexo.

- Corra ao médico aí da esquina o mais depressa que puder! - disse o outro. - Este homem não está morto!

Quando o homem deixou a sala, o sargento apanhou o copo de bebida que tinha enchido e, ajoelhando novamente junto a Fletcher,

levantou sua cabeça e tentou derramar um pouco em sua garganta. Burleigh, sentado em seu canto, assistiu como se estivesse em transe. Ele viu o guarda voltar com o cirurgião ofegante, viu os três homens se debruçarem sobre Fletcher e então viu os olhos do homem agonizante se abrirem e os lábios do homem agonizante se moverem. Ele tinha consciência de que o sargento tomava algumas notas num bloco e de que os três homens o olhavam diretamente. O sargento andou até ele e colocou a mão em seu ombro, e, obedecendo ao toque, ergueu-se e saiu com ele para a noite.

Tradução de Celina Portocarrero

77. A CASA DE TURK STREET

DASHIELL HAMMETT (1894 -1961 | Estados Unidos)

Mestre e renovador do gênero - ele criou uma nova vertente do policial, o hard-boiled, em que o detetive-cabeça de escritório, inaugurado por Conan Doyle, dá lugar ao homem de ação que usa cabeça e punhos, correndo perigo por entre ruas e becos escuros. Fez escola até hoje: de Raymond Chandler a Ross Macdonald, James Ellroy e Joe Gores, que sobre ele escreveu o romance Hammett (Ed. Graal, Coleção O Local do Crime). Dashiell Hammett (companheiro de Lillian Hellman, e por ela retratado em Pentimento), ex-detetive particular na vida real, e perseguido pelo macartismo, foi autor de poucos livros, entre eles a obra-prima O Falcão Maltês, filmado por John Huston, com Humphrey Bogart no papel de Sam Spade, um dos maiores detetives do gênero. Em português há três boas coletâneas de seus contos: O Grande Golpe, Continental Op e Tiros na Noite.

Eu fora informado de que o homem que procurava residia em certo quarteirão de Turk Street. Meu informante, porém, não sabia o número. Assim, aconteceu que, no fim de uma tarde chuvosa, eu andava de casa em casa pelo quarteirão, tocando campainhas e contando uma história mais ou menos assim: "Sou do escritório de advocacia de Wellington e Berkeley. Uma de nossas clientes, uma senhora idosa, caiu da traseira de um bonde na semana passada e ficou muito machucada. Entre os que presenciaram o acidente havia um rapaz, cujo nome desconhecemos. Mas sabemos que ele mora por aqui." Em seguida, descrevia o homem que queria e arrematava: "A senhora conhece alguém assim?"

De um lado inteiro do quarteirão eu só havia recebido uma resposta: "Não", "Não",

"Não".

Cruzei a rua e recomecei na outra calçada. A primeira casa: "Não". A segunda: "Não". A terceira. A quarta. A quinta...

Ninguém apareceu à porta quando toquei pela primeira vez. Após algum tempo, voltei a tocar. Havia justamente chegado à conclusão de que não havia ninguém em casa, quando a maçaneta girou devagar e uma velhinha apareceu à porta. Era uma velhinha baixa e muito frágil, de olhos desbotados que brilhavam agradavelmente por trás de óculos de aros de ouro e que trazia numa das mãos um trabalho de tricô. Usava um avental duro de goma sobre o vestido preto.

- Boa noite - disse ela em voz sumida e gentil. - Espero que não se tenha importado em esperar. Tenho sempre que olhar antes de abrir a porta... É a timidez das velhas.

- Sinto muito incomodá-Ia - desculpei-me. - Mas. ..

- Entre, por favor.

- Não, obrigado. Eu queria apenas uma pequena informação. Não demorará muito.

- Eu gostaria que o senhor entrasse - disse ela, e acrescentou, com fingida severidade: - Tenho certeza de que meu chá está esfriando.

Tomou-me o chapéu e o sobretudo molhados. Segui-a por um estreito corredor até uma sala mal-iluminada, onde um homem levantou-se quando entramos. Ele também era velho, corpulento, e possuía uma rala barba branca, que lhe caía sobre um colete branco tão duro de goma como o avental da mulher.

- Thomas - disse a pequena e frágil mulher -, este cavalheiro é o senhor...

- Tracy - disse eu, porque era o nome que tinha dado a outros moradores do quarteirão. Mas, pela primeira vez em quinze anos, quase enrubesci ao pronunciar o nome. Aquela gente não era do tipo a quem se podia contar mentiras.

Soube que se chamavam Quarre; constituíam um idoso e afetuoso casal. Ela chamava-o de "Thomas" todas as vezes em que se dirigia a ele, rolando o nome na boca como se gostasse de seu sabor. Ele a chamava de "minha querida" com a mesma freqüência, e duas vezes levantou-se para ajustar com maior conforto uma almofada por trás das frágeis costas da esposa.

Fui obrigado a tomar uma xícara de chá com eles e comer uns docinhos antes que lhes pudesse fazer a pergunta. A Sra. Quarre emitiu pequenos sons estalados de simpatia com a língua e os dentes quando lhes contei sobre a senhora idosa que havia caído do bonde. O velho rosnou dentro da barba que aquilo era "uma grande vergonha", e ofereceu-me um gordo charuto.

Finalmente, acabei de contar o acidente e descrevi o homem que queria.

- Thomas - disse a Sra. Quarre -, não é aquele moço que mora na casa com a cerca ... aquele que parece sempre tão preocupado?

O velho alisou a barba branca e pensou durante um momento.

- Mas, minha querida - ribombou finalmente -, ele não tem cabelo escuro? Ela olhou, radiante, para o marido.

- Thomas é tão observador! - disse, orgulhosa. - Eu havia esquecido. O jovem de quem falei tem cabelos escuros, e, assim, não pode ser o que o senhor quer.

O velho sugeriu então que o rapaz que residia no outro quarteirão podia ser a pessoa procurada. Discutiram o assunto durante algum tempo antes de concluírem que ele era demasiado alto e velho. A Sra. Quarre sugeriu outro. Discutiram esse outro, e votaram contra. Thomas ofereceu um candidato, que foi analisado e afastado. Continuaram a conversar.

Caiu a noite. O velho acendeu um alto abajur, que lançava um suave círculo amarelo sobre nós e deixava na penumbra o resto da sala, que era ampla, com cortinas pesadas e avantajada mobília de uma geração anterior. Eu não esperava obter informação alguma ali, mas me sentia confortável, e o charuto era bom. Haveria tempo suficiente para sair na garoa quando tivesse terminado de fumar.

Algo frio tocou-me a nuca.

- Levante-se!

Eu não me levantei; não podia. Estava paralisado. Continuei sentado e olhei, piscando, para os Quarre.

E, olhando para eles, tive certeza de que algo frio não podia estar colado à minha nuca; uma voz áspera não podia ter-me ordenado que me levantasse. Não era possível!

A Sra. Quarre continuava ainda espigada, encostada nas almofadas que o marido lhe ajustara às costas; seus olhos ainda brilhavam cordiais por trás dos óculos. O velho ainda alisava a barba branca e soltava sem pressa fumaça pelas narinas.

Eles continuariam a falar sobre o jovem morador das vizinhanças, que talvez fosse o homem que eu queria. Coisa alguma havia acontecido. Eu cochilava.

- Levante-se! - a coisa fria penetrou um pouco mais em minha carne. Levantei-me.

- Reviste-o - disse atrás de mim a áspera voz.

O velho pôs com todo o cuidado o charuto de lado, aproximou-se de mim e passou as mãos sobre meu corpo. Convencido de que eu estava desarmado, esvaziou meus bolsos, colocando o conteúdo sobre a cadeira que eu acabara de deixar vaga.

- Isso é tudo - disse ele ao homem às minhas costas, e voltou para a sua cadeira.

- Vire-se! - ordenou a voz áspera.

Virei-me e vi um homem alto, magro, ossudo, de mais ou menos a minha idade, uns trinta e cinco. Tinha um rosto feio, encovado, ossudo e coberto por grandes sardas pálidas. Os olhos eram de um azul úmido, e o nariz e o queixo projetavam-se bastante.

- Você me conhece? - perguntou ele.

- Não.

- Você é um mentiroso!

Não discuti. Ele tinha uma arma na grande mão sardenta.

- Você vai me conhecer muito bem antes que eu acabe com você
- ameaçou o homem feio. - Você vai ...

- Hook! - chamou uma voz por detrás do reposteiro, através do qual o homem feio havia, sem dúvida, se aproximado furtivamente de mim. - Hook, venha até aqui! - A voz era feminina, jovem, clara e musical.

- O que você quer? - perguntou o homem feio por cima do ombro.

- Ele está aqui.

- Muito bem! - Voltou-se para Thomas Quarre. - Mantenha este palhaço sob vigilância.

De algum lugar por trás das suíças, paletó e colete branco engomado, o velho tirou um grande revólver preto, que empunhou sem nenhum sinal de que fosse coisa estranha para ele.

O homem feio reuniu as coisas retiradas dos meus bolsos e levou-as quando atravessou o reposteiro.

A Sra. Quarre sorriu para mim.

- Sente-se, Sr. Tracy - disse. Sentei-me.

Através do reposteiro, ouvi no outro cômodo uma nova voz, uma voz arrastada de barítono, cujo sotaque era incontestavelmente britânico, britânico culto.

- O que há, Hook? - perguntou a voz. A voz áspera do feioso começou:

- Muita coisa, é isso o que digo! Eles estão atrás de nós! Eu ia sair há pouco e, logo que botei o pé na rua, vi do outro lado um cara que conheço. Ele me foi apontado em Philly há cerca de seis anos. Não sei o nome dele, mas lembro-me das suas fuças. .. é um detetive da Agência Continental. Voltei imediatamente, e eu e Elvira o ficamos vigiando pela janela. Ele foi de casa em casa do outro lado da rua, fazendo perguntas, ou coisa assim. Atravessou a rua e começou a trabalhar do lado de cá. Depois de algum tempo, tocou a campainha. Eu disse à velha e ao marido que o fizessem entrar, ganhassem tempo e descobrissem o que ele tinha a dizer.

Ele contou uma história besta sobre um cara que viu uma velha cair de um bonde. .. mas isso é lorota! Ele anda atrás de nós. Entrei e agarrei-o. Eu queria esperar sua volta, mas fiquei com medo de que ele ficasse nervoso e fosse embora.

- Você não devia ter-se mostrado. Os outros dois podiam ter cuidado dele - disse a voz britânica.

- Qual é a diferença? - perguntou Hook. - A possibilidade é de que ele conheça todos nós. Mas, supondo que não conheça, que diferença faz?

- Pode fazer uma grande diferença - continuou a arrastada voz britânica. - Foi estúpido.

- Estúpido, hein? - explodiu Hook. - Você está sempre enchendo os outros com essa história de que são estúpidos. O diabo o leve, é isso o que digo! Quem é que faz todo o trabalho? Quem é o cara que dá um jeito em todos os trabalhos? Hum? Onde. ..

- Agora, Hook, pelo amor de Deus, não comece com esse discurso outra vez -interrompeu-o a jovem voz feminina. - Já o ouvi tantas vezes que o conheço de cor.

Um farfalhar de papéis, e a voz britânica:

- Ei, Hook, você tem razão. Ele é detetive. Aqui está o cartão de identificação. A voz feminina no outro cômodo:

- Bom, o que vamos fazer? Qual é a jogada?

- Isso é fácil de responder - disse Hook. - Vamos acabar com esse tira. A voz feminina:

- E enfiar nossos pescoços na corda?

- Como se eles não fossem para lá, se não acabarmos com ele! - respondeu Hook, desdenhoso. - Você não pensa que aquele cara não está atrás de nós por causa daquele trabalho em Los Angeles, pensa?

- Você é um jumento, Hook, e inteiramente sem remédio - disse a voz britânica. -Suponhamos que esse cara esteja interessado no caso de Los Angeles, como é provável. E daí? Ele é um detetive da Continental. Acha provável que a agência não saiba onde ele está?

Você não acha que eles sabem que ele vinha para cá? E, com todas as probabilidades, não sabem tanto sobre nós quanto ele? Não adianta matá-lo. Isso somente agravaria a situação. A coisa a fazer é amarrá-lo e deixá-lo aqui. Os colegas dele dificilmente virão buscá-lo antes de amanhã.

Fiquei inteiramente grato àquela voz britânica! Alguém estava do meu lado, pelo menos em relação ao fato de me deixar viver. Eu não estivera me sentindo feliz nos últimos minutos. De alguma maneira, o fato de eu não poder ver aquelas pessoas enquanto decidiam se eu sobreviveria ou não tornara minha situação ainda mais desesperada. Senti-me melhor nesse momento, embora muito longe de estar alegre. Tinha confiança na arrastada voz britânica. Era a voz de um homem que habitualmente faz prevalecer seus argumentos.

- Vou lhe dizer uma coisa, irmão: aquele cara vai morrer! - exclamou Hook, mugindo. - Está decidido! Não vou me arriscar. Pode dizer o que quiser, mas estou pensando em meu pescoço, e ele ficará muito mais seguro se aquele cara não puder falar. Está decidido.

- Ora, Hook, seja razoável! - interrompeu a voz feminina, enojada.

- Não adianta discutir com você, Hook - disse a voz britânica, ainda arrastada, mas mortalmente fria. - Você tem os instintos e a inteligência de um troglodita. Só há uma forma de linguagem que você entende, e vou usá-la com você, filho. Se sentir tentação de fazer alguma besteira entre este momento e a ocasião em que formos embora, simplesmente diga a si mesmo duas ou três vezes: "Se ele morrer, eu morro também." Diga isso como se fosse uma passagem tirada da Bíblia. .. porque essa é a verdade.

Seguiu-se um longo silêncio, e senti no ar uma tensão que fez meu couro cabeludo, que não é especialmente sensível, arrepiar-se todo.

Quando, finalmente, uma voz cortou o silêncio, saltei como se uma arma houvesse sido disparada, embora a voz falasse baixo e

com grande suavidade. Era a voz britânica, confiante, vitoriosa. Respirei de novo.

- Em primeiro lugar, mandaremos embora os velhos - dizia a voz.
- Cuide de nosso convidado, Hook, amarre-o enquanto vou apanhar os títulos, e sairemos em menos de uma hora.

O reposteiro abriu-se e Hook voltou à sala. .. um Hook carrancudo, cujas sardas haviam adquirido uma tonalidade esverdeada na face encovada. Apontou o revólver para mim e disse, áspero e conciso, aos Quarre:

- Ele quer falar com vocês. - O casal ergueu-se e passou à outra sala.

Hook, entretantes, recuara para a porta, ainda ameaçando-me com a arma. Arrancou as cordas das grossas cortinas de veludo. Aproximou-se por trás e amarrou-me fortemente à cadeira de espaldar alto: meus braços aos braços da cadeira, as pernas às pernas, o corpo ao assento e ao encosto, e terminou pondo-me uma mordaca com uma ponta de almofada, grossa demais.

Quando terminou de me amarrar e recuou, de cara feia, olhando para mim, ouvi a porta da rua fechar-se de mansinho e passos leves caminhando de um lado para o outro por sobre minha cabeça.

Hook olhou na direção dos passos, e seus pequenos olhos úmidos tornaram-se matreiros.

- Elvira! - chamou baixinho.

O reposteiro enfunou-se como se alguém o houvesse tocado, e a voz feminina respondeu:

- O quê?

- Venha até aqui.

- Acho melhor não ir. Ele não...

- O diabo o leve! - irritou-se Hook. - Venha até aqui!

Ela entrou na sala e caiu sob o círculo de luz do alto abajur: era uma moça no começo dos vinte, esguia e flexível, vestida para sair, a não ser pelo chapéu que trazia numa das mãos. Tinha o rosto

alvo sob uma massa alta de cabelos ruivos e olhos cor de fumaça cinzenta, separados demais para inspirar confiança (embora isso não lhe prejudicasse a beleza), que zombavam de mim; a boca vermelha zombava também, expondo as bordas de pequenos dentes afiados de animal. Ela era bela como o demônio, e duas vezes mais perigosa.

Ela riu de mim: um homem gordo, parecendo uma trouxa, amarrado com uma corda de veludo vermelho e com a ponta de uma almofada verde na boca. E voltou-se para o homem feio:

- O que você quer?

Ela falou em voz baixa, com um olhar furtivo para o teto de onde vinha o som abafado de passos que iam de um lado para o outro.

- Que tal nos livrarmos dele?

Os olhos cor de fumaça cinzenta da moça perderam o ar de divertimento e tornaram-se calculistas.

- Ele está guardando cem mil ... e um terço disso é meu. Você não acha que vou ser passada para trás nisso, acha?

- Claro que não! Que tal ficarmos com os cem mil?

- Como?

- Deixe isso comigo, garota; deixe isso comigo! Se eu conseguir, você fica comigo? Você sabe que eu serei bom para você.

Achei que ela sorriu com desdém, mas ele pareceu gostar.

- Você faz muito bem em querer ser bom para mim - disse ela. - Mas escute aqui, Hook: não nos poderíamos safar... não, a menos que você o matasse. Eu o conheço! Não vou fugir com coisa alguma que lhe pertença, a menos que seja dado um jeito nele, para que não venha depois buscar o que é seu.

Hook umedeceu os lábios e olhou vagamente em volta da sala. Aparentemente, não lhe agradava a idéia de um choque com o dono daquele arrastado sotaque britânico. O desejo de possuir a moça, porém, foi mais forte do que o medo.

- Eu o farei - disse, impulsivo. - Eu o matarei! Você está falando sério, menina? Se eu o matar, você fica comigo?

Ela estendeu a mão.

- Está feito - disse, e ele acreditou.

O rosto feio tornou-se ardente, vermelho e totalmente feliz. Ele respirou profundamente e endireitou os ombros. No lugar dele, eu também teria acreditado nela... todos nós caímos nesse tipo de coisa uma vez ou outra... mas, estando sentado e amarrado nos bastidores, eu sabia que, para ele, seria melhor brincar com um galão de nitroglicerina do que com aquela pequena. Ela era perigosa! Tempos difíceis aguardavam Hook!

- O plano é este... - começou Hook, mas parou, a língua presa. Um passo soara na sala ao lado.

Imediatamente, a voz britânica chegou-nos através do reposteiro, e havia exasperação na fala arrastada:

- Isso é realmente demais! Não posso afastar-me por um momento sem que tudo saia errado. Agora o que foi que deu em você, Elvira, para ir até aí e mostrar-se ao nosso detetive?

O medo apareceu e desapareceu dos olhos cor de fumaça cinzenta, e ela falou, descuidada:

- Não fique tão amarelo de medo - disse. - Seu precioso pescoço pode continuar sadio sem toda essa cautela.

O reposteiro abriu-se, e virei a cabeça tanto quanto podia, para minha primeira impressão daquele homem responsável pelo fato de eu estar vivo até aquele momento. Vi um homem baixo e gordo, de chapéu e sobretudo, com uma mala de viagem marrom na mão.

Nesse momento, sua face entrou no círculo amarelo de luz, e vi que era uma face chinesa. Um chinês gorducho e baixo, imaculadamente vestido com roupas tão britânicas como seu sotaque.

- Não é uma questão de cor - disse ele à moça... e compreendi nesse momento a plena força da zombaria. - Mas simplesmente uma questão de prudência costumeira.

A face era uma máscara amarela e redonda, e a voz conservava o mesmo tom arrastado, sem emoção, que eu ouvira antes. Mas eu sabia que ele estava tão apaixonado pela moça como o feioso... ou não teria deixado que a zombaria dela o atraísse para a sala. Contudo, duvidei que ela conseguisse lidar com aquele oriental anglicizado com a mesma facilidade com que o fazia com Hook.

- Não havia nenhuma necessidade especial - continuou o chinês - de que esse indivíduo nos visse. - Olhou para mim, pela primeira vez, com pequenos olhos opacos que pareciam duas pequenas sementes pretas. - É muito possível que ele não nos conhecesse mesmo por descrição. Mostrar-se a ele constituiu uma rematada tolice.

- Ah, diabo, Tai! - explodiu Hook. - Deixe dessa chateação, sim? Qual é a diferença? Eu acabo com ele, e isso resolve a coisa.

O chinês pôs no chão a maleta e sacudiu a cabeça.

- Não haverá morte - disse, com voz arrastada. - Ou haverá um bocado delas. Você não tem dúvidas a respeito do que estou dizendo, tem, Hook?

Hook não tinha. Seu pomo-de-adão subiu e desceu com o esforço que fez para engolir, e, por trás da almofada que me sufocava, agradei novamente ao amarelo. Mas nesse momento a diaba ruiva meteu a colher no molho.

- Hook está sempre se oferecendo para fazer coisas que não tem a menor intenção de fazer - disse.

O rosto feio de Hook afogueou-se com esse lembrete de sua promessa de matar o chinês. Ele engoliu em seco outra vez, e seus olhos deram a impressão de que coisa alguma lhe teria agradado mais do que uma oportunidade de rastejar para baixo de alguma coisa. Mas a moça dominava-o; a influência dela era mais forte do que sua covardia.

De repente, aproximou-se do chinês e, de sua altura, uma cabeça acima do outro, olhou carrancudo para a face redonda e amarela.

- Tai - rosnou o homem feio -, você está acabado. Estou farto, cheio desse seu ar de superioridade... de você bancar o rei, ou coisa parecida. Vou...

Hesitou, e suas palavras morreram no silêncio. Tai ergueu para ele olhos duros, escuros, desumanos, que pareciam dois pedaços de carvão. Os lábios de Hook tremeram, e ele recuou um pouco.

Deixei de suar. O amarelo vencera outra vez. Mas eu esquecera a demônia ruiva. Ela desatou na gargalhada... uma gargalhada zombeteira que deve ter doído como uma pu-nhalada no homem feio.

Um mugido ecoou, profundo, em seu peito, e ele lançou um grande punho contra a face inexpressiva e redonda do amarelo.

A força do golpe lançou Tai até o outro extremo da sala, e atirou-o de lado, a um canto.

Mas o chinês torceu o corpo para voltar-se para o feioso mesmo enquanto voava pela sala... uma arma apareceu em sua mão antes que ele caísse... e ele falou antes que seus pés tocassem o chão. A voz continuava arrastada e britânica.

- Mais tarde - disse - nós dois resolveremos isto. Mas, agora, você simplesmente vai soltar essa arma e ficar absolutamente imóvel enquanto eu me levanto.

O revólver de Hook, apenas pela metade fora do bolso quando o oriental o cobriu, caiu com um baque surdo no chão. Ele permaneceu absolutamente imóvel enquanto Tai se levantava. Hook respirava forte, e cada sarda destacava-se, lívida, contra o branco sujo e apavorado de seu rosto.

Olhei para a moça e vi desprezo nos olhos que fitavam Hook, mas nenhum desapontamento.

Nesse instante, fiz uma descoberta: alguma coisa mudara ali na sala, perto dela.

Fechei os olhos e tentei lembrar-me de como era a sala antes do choque entre os dois homens. Abrindo-os de súbito, soube da resposta.

Na mesa ao lado da moça eu vi antes um livro e algumas revistas, que não estavam mais ali. A não mais de sessenta centímetros dela, notei a valise preta trazida por Tai. Suponhamos que nela estivessem os títulos do mencionado trabalho em Los Angeles. O que houvesse, então? Com toda a probabilidade, a valise continha naquele instante o livro e as revistas anteriormente depositados na mesa. A moça provocara o choque entre os dois para distrair a atenção deles enquanto fazia a troca. Onde estaria o produto da pilhagem, então? Eu não sabia, mas desconfiei que seria volumoso demais para que ela pudesse tê-lo escondido no seu corpo esguio.

Bem perto da mesa havia um divã, coberto por uma larga colcha vermelha que roçava o chão. Olhei do divã para a moça. Ela me observava, e seus olhos brilharam de divertimento quando encontraram os meus, que nesse momento voltavam da inspeção do divã. Estava no divã!

Nesse instante, porém, o chinês já colocara no bolso o revólver de Hook e falava com ele:

- Se não antipatizasse com assassinatos e não pensasse que você talvez tenha algum valor para Elvira e para mim em nossa fuga, eu certamente nos aliviaria agora do peso de sua estupidez. Mas vou dar-lhe mais uma chance. Sugiro, no entanto, que pense duas vezes antes de dar vazão a seus impulsos mais violentos. - Voltou-se para a moça. - Você andou, por acaso, pondo idéias malucas na cabeça do nosso Hook?

Ela riu.

- Ninguém poderia pôr coisa alguma na cabeça dele.

- Talvez você tenha razão - concordou o chinês, e aproximou-se para verificar as cordas que me prendiam.

Julgando-as satisfatórias, apanhou a mala marrom e estendeu ao feioso a arma que lhe tomara minutos antes.

- Tome seu revólver, Hook, e procure ser sensato. Podemos ir agora. O velho e a esposa farão o que lhes mandei. Estão a caminho de uma cidade, cujo nome não preciso mencionar na

frente de nosso amigo aqui, a nossa espera, e da parte deles nos títulos. Não é preciso dizer que vão esperar durante muito tempo... pois agora estão fora do trato. Mas, aqui entre nós, não deve haver mais traição. Para que possamos safar-nos, precisamos de ajuda mútua.

De acordo com as melhores regras dramáticas, essas pessoas deviam ter-me dirigido sarcásticas palavras antes de saírem, mas não fizeram nada disso. Passaram por mim sem um olhar de despedida sequer e mergulharam na escuridão do corredor.

Inesperadamente, o chinês voltou à sala, correndo na ponta dos pés... com um canivete aberto numa das mãos e uma arma na outra. E aquele era o homem a quem eu agradecera por ter-me salvo a vida! Ele curvou-se sobre mim.

O canivete moveu-se a minha direita, e a corda que me prendia o braço afrouxou. Respirei novamente, e meu coração voltou a bater.

- Hook voltará - murmurou Tai, e desapareceu.

No tapete, a uns noventa centímetros de mim, vi um revólver.

A porta da rua foi fechada, e fiquei sozinho na casa durante algum tempo.

Podem acreditar que passei esse tempo todo lutando com as cordas de veludo vermelho que ainda me prendiam. Tai cortara um pedaço delas, afrouxando de certa forma meu braço direito e dando mais liberdade ao corpo, mas eu estava longe de me sentir livre. E o seu murmurado "Hook voltará" era tudo de que eu precisava para lançar todas as forças contra as cordas.

Compreendi nesse instante por que o chinês insistira tanto em que minha vida fosse poupada. Eu era a arma com que Hook devia ser eliminado! O chinês calculara que Hook daria alguma desculpa logo que chegasse à rua, voltaria furtivamente a casa, liqui-dar-me-ia e regressaria para junto de seus aliados. Se não o fizesse por iniciativa própria, acho que o chinês lhe sugeriria isso.

Assim, colocara uma arma ao meu alcance e soltara as cordas o suficiente para que eu não me libertasse antes de ele fugir.

Esse raciocínio, porém, era um fato secundário. Não deixei que atrasasse o esforço que fazia para me soitar. O porquê não era importante para mim naquele instante; o importante era ter aquele revólver na mão quando o feioso voltasse.

Exatamente no momento em que a porta se abria, soltei inteiramente o braço direito e tirei da boca a sufocante almofada. O resto de meu corpo continuava preso pelas cordas... frouxamente, mas ainda preso.

Lancei-me para a frente, com cadeira e tudo, amparando a queda com o braço livre. O tapete era grosso. Caí de bruços, com a pesada cadeira por cima, dobrado em dois, mas o braço direito estava livre das laçadas. Agarrei a arma. A luz mortiça iluminou um homem que entrava apressado na sala... e havia um brilho de metal em sua mão. Atirei.

Ele levou ambas as mãos ao ventre, dobrou-se em dois e tombou no tapete.

Aquilo estava acabado. Mas não era, em absoluto, tudo. Arranquei as cordas vermelhas enquanto tentava mentalmente adivinhar o que estava para acontecer.

A moça trocara os títulos, escondendo-os sob o divã... não havia dúvida a esse respeito. Tencionava voltar para buscá-los depois, antes que eu tivesse tempo de me soltar. Hook, porém, voltara antes, e ela teria que mudar seu plano. O mais provável era que dissesse ao chinês que Hook fizera a troca. O que aconteceria, então? Havia apenas uma resposta: Tai viria buscar os papéis... ambos voltariam. Tai sabia que naquele momento eu me encontrava armado, mas ambos haviam dito que os títulos valiam cem mil dólares. Isso seria suficiente para trazê-los de volta!

Soltei com um pontapé a última laçada e, apressado, cheguei ao divã. Os títulos encontravam-se debaixo dele: quatro grossos maços, amarrados com elásticos. Coloquei-os sob o braço e aproximei-me do homem que agonizava junto à porta. Soltei a

arma de baixo de uma de suas pernas, passei por cima dele e entrei no corredor escuro. Parei, porém, para pensar.

A moça e o chinês se dividiriam para atacar. Um deles entraria pela porta da frente, e o outro, pela dos fundos. Seria a maneira mais segura de me atacarem. Minha jogada obviamente consistiria em esperar por eles dentro de casa. Seria tolice sair. Isso seria exatamente o que esperariam, em primeiro lugar... e estariam de emboscada.

Decididamente, o que devia fazer era esconder-me, cobrindo a porta da frente, e esperar até que um deles entrasse, como certamente faria quando se cansasse de me esperar à saída.

Perto da porta, o corredor era iluminado pelo brilho das luzes da rua que entrava pelas vidraças. A escada para o segundo andar lançava uma sombra triangular sobre parte do corredor, uma sombra suficientemente escura para minhas finalidades. Agachei-me nessa fatia triangular de escuridão e esperei.

Possuía duas armas: a que o chinês me dera e a que eu tirara de Hook. Disparara um tiro, e isso me deixava ainda onze, a menos que uma das armas houvesse sido usada depois de carregada. Abri a arma que Tai me dera e, na escuridão, passei os dedos sobre as costas do cilindro. Toquei em um único cartucho... sob o percussor. Tai não se arriscara; dera-me uma única bala... a bala com que eu derrubara Hook.

Coloquei a arma no chão e examinei a que tirara de Hook. Estava vazia. O chinês não se arriscara, em absoluto! Esvaziara a arma antes de devolvê-la após a briga.

Eu estava numa enrascada! Sozinho, desarmado, em uma casa estranha, que em breve seria invadida por duas pessoas a minha procura... e que uma fosse mulher não me tranquilizava em coisa alguma, pois ela não era menos fatal por esse motivo.

Durante um momento, senti-me tentado a correr para fora; o pensamento de voltar à rua pareceu-me agradável durante um momento, mas afastei a idéia. Isso seria tolice, e das grandes.

Lembrei-me, então, dos títulos sob o braço. Eles teriam que ser minha arma, mas, para que me servissem, precisaria escondê-los.

Esgueirei-me para fora da sombra triangular e subi as escadas. Graças às luzes da rua, os cômodos em cima não estavam muito escuros, e eu podia mover-me por eles. Passei de um cômodo a outro, procurando um local onde esconder os papéis. Mas, quando uma janela subitamente chocalhou, como se por efeito de uma corrente de ar causada pela abertura de uma porta externa em algum lugar, eu ainda continuava com o produto do saque nas mãos.

Não havia coisa alguma a fazer naquele momento senão jogar os títulos pela janela e confiar na sorte. Apanhei um travesseiro numa cama, tirei a fronha e enfiei nela os papéis. Inclinei-me sobre uma janela aberta e olhei para a noite, à procura de um bom local onde lançar o pacote. Não queria que caísse sobre alguma coisa que produzisse barulho.

Olhando pela janela, encontrei um esconderijo melhor. A janela abria-se para um pátio estreito, do outro lado do qual havia uma casa do mesmo tipo daquela em que eu me encontrava. Era da mesma altura, e seu telhado de zinco inclinava-se para o outro lado. O telhado não estava longe, não tão longe que me impedisse de lançar nele a fronha com os títulos. Lancei-a. A trouxa desapareceu sobre a borda do telhado, produzindo um pequeno som.

Depois disso, liguei as luzes do quarto, acendi um cigarro (não gostamos todos nós de fazer pose de vez em quando?) e sentei-me na cama, à espera da captura. Poderia ter seguido os inimigos pela casa, e talvez os tivesse agarrado, mas, com toda a probabilidade, teria simplesmente levado um tiro. E não gosto de servir de alvo.

Foi a moça quem me encontrou.

Seguiu furtivamente pelo corredor, com uma automática em cada mão, hesitou por um momento do lado de fora e entrou com um salto. Quando me viu sentado, tranqüilo, num dos lados da cama, seus olhos piscaram, desdenhosos, para mim, como se eu

houvesse feito algo feio. Acho que ela pensava que eu lhe daria oportunidade de atirar.

- Peguei-o, Tai - gritou, e o chinês reuniu-se a nós.

- O que foi que Hook fez com os títulos? - perguntou ele, sem perda de tempo. Sorri para a face amarela e joguei meu ás.

- Por que não pergunta à moça?

A face dele permaneceu impassível, mas acho que aquele corpo gorducho endureceu-se um pouco dentro das elegantes roupas britânicas. Isso me encorajou, e continuei com minha pequena mentira, destinada a agitar um pouco as coisas.

- Você não desconfiou ainda - perguntei - que eles combinaram passar você para trás?

- Seu mentiroso sujo! - gritou a moça, e deu um passo em minha direção.

Tai a deteve com um gesto imperioso. Olhou através dela com seus pretos e opacos olhos, e, enquanto o fazia, todo o sangue deixou-lhe o rosto. Tinha aquele gorducho amarelo sob seu domínio, certo, mas ele não era exatamente um brinquedo inofensivo.

- Então foi assim? - disse ele devagar, sem se dirigir a pessoa alguma em particular. Depois, para mim: - Onde foi que eles esconderam os títulos?

A moça aproximou-se dele, e suas palavras se atropelaram umas às outras, enquanto falava:

- A verdade é a seguinte, Tai, juro por Deus! Eu mesma fiz a troca. Hook não se meteu nisso. Eu ia fugir de vocês dois. Coloquei-os sob o divã lá embaixo, mas não estão mais lá. Juro por Deus que esta é a verdade!

Ele estava ansioso por acreditar, e as palavras dela tinham um som de verdade. E eu sabia que, apaixonado como estava, ele lhe perdoaria com mais facilidade a traição com os títulos do que o plano de fugir com Hook. Assim, apressei-me em agitar um pouco mais as coisas.

- Parte do que ela disse é realmente verdade - confirmei. - Ela escondeu os títulos sob o divã... mas Hook estava na jogada. Resolveram isso enquanto você estava aqui em cima. Ele devia procurar uma briga com você, e, enquanto brigavam, ela fazia a troca. E foi exatamente isso o que fizeram.

Consegui convencê-lo! Quando a moça se voltou selvagemmente para mim, ele enfiou o cano da automática em seu quadril: uma pancada seca que interrompeu as furiosas palavras que ela me dirigia nesse momento.

- Ficarei com suas armas, Elvira - disse, tomando-as. - Agora, onde estão os títulos? - perguntou-me.

- Não estou de seu lado, Tai. - Sorri. - Estou do outro.

- Não gosto de violência - disse ele, devagar. - E acredito que o senhor seja uma pessoa sensata. Vamos fazer negócio, meu amigo.

- Diga o que quer - sugeri.

- Com prazer! Como base de nossa negociação, estipularemos que o senhor escondeu os títulos onde não podem ser encontrados por nenhuma outra pessoa, e que eu o tenho inteiramente em meu poder, como se costumava dizer nos romances baratos.

- Bastante razoável - concordei. - Continue.

- A situação, então, é aquela que jogadores chamam de um empate. Nenhum de nós dois tem vantagem. Como detetive, o senhor nos quer; mas nós o temos. Como ladrões, queremos os títulos; mas o senhor os tem. Ofereço-lhe a moça em troca dos títulos, e isso me parece uma oferta justa. Ela me dará os títulos e a possibilidade de fugir. E lhe dará um pequeno grau de sucesso em seu trabalho como detetive. Hook está morto. O senhor terá a moça. Tudo o que lhe restará a fazer será encontrar-me, e aos títulos... o que não é tarefa irrealizável. O senhor transformará uma derrota em meia vitória, com uma excelente chance de torná-la completa.

- Como posso saber que você me entregará mesmo a moça?

- Naturalmente, não pode haver garantia - disse ele, encolhendo os ombros. - Mas, sabendo que ela pensou em me abandonar pelo suíno que está morto lá embaixo, o senhor certamente não imaginará que meus sentimentos por ela sejam muito afetuosos. Além disso, se a levar comigo, ela quererá parte dos títulos.

Pensei seriamente no caso.

- Encaro a coisa desta maneira - falei, finalmente. - Você não é um assassino. Sairei vivo, não importa o que acontecer. Muito bem, por que então fazer a troca? Será mais fácil reencontrá-lo, e à moça, do que os títulos, e eles são, de qualquer maneira, a parte mais importante deste trabalho. Ficarei com eles e arriscarei minha chance de encontrá-los novamente. Isso mesmo. Estou jogando na certa.

- Não, não sou assassino - disse ele, bem baixinho, e sorriu pela primeira vez desde que eu o conhecera. Não foi um sorriso agradável, e havia nele alguma coisa que provocava calafrios. - Mas sou também outras coisas em que o senhor não pensou. Mas isto é falar inutilmente. Elvira!

Obedientemente, ela deu um passo à frente.

- Há lençóis em uma das gavetas da cômoda - disse-lhe. - Rasgue um ou dois deles em tiras suficientemente fortes para amarrar bem o nosso amigo.

A moça dirigiu-se à cômoda. Franzi a testa, procurando evitar uma resposta desagradável demais para a questão que se formava em minha mente. A primeira que me ocorreu não foi boa: tortura.

Nesse momento, ouvimos um som baixo, e todos nós ficamos tensos, imóveis.

O quarto onde nos encontrávamos tinha duas portas: uma que dava para o corredor e outra que conduzia ao cômodo contíguo. E era do corredor que vinha o som baixo... de passos cautelosos.

Rápida e silenciosamente, Tai recuou para uma posição da qual podia vigiar a porta do corredor sem perder de vista a moça e eu; e

a arma equilibrada como uma coisa viva na mão gorducha era todo sinal de que precisávamos para não fazer barulho algum.

O som baixo outra vez, do outro lado da porta.

A arma na mão de Tai parecia tremer de ansiedade. Pela outra porta, a que dava para o quarto contíguo, entrou inesperadamente a Sra. Quarre com um enorme revólver engatilhado na mão esquelética.

- Solte a arma, seu pagão nojento - guinchou ela. Tai deixou cair a pistola antes de se virar para ela e ergueu alto as mãos... todos gestos muito prudentes.

Nesse momento, Thomas Quarre entrou pela porta do corredor, também com um revólver engatilhado que era a réplica da arma da esposa, embora, diante de seu corpo volumoso, não parecesse tão enorme assim.

Olhei outra vez para a velhinha e pouco vi da pessoa cordial e frágil que me servira chá e proseara sobre os vizinhos. Aquela mulher era uma bruxa, se é que eu já vira alguma... uma bruxa do tipo mais negro e mais maligno. Os pequenos olhos desbotados brilhavam de ferocidade, os lábios murchos estavam tensos num rosnado vulpino, e o corpo magro tremia de ódio.

- Eu sabia - disse ela em voz aguda. - Eu disse a Tom, logo que nos afastamos o suficiente para poder pensar nas coisas. Sabia que era uma armadilha! Sabia que esse falso detetive era aliado seu! Sabia que era apenas um plano para surrupiar a parte de Thomas e a minha! Eu lhe mostrarei uma coisa, seu macaco amarelo! Onde é que estão os títulos? Onde estão eles?

O chinês recuperara a calma, se é que a havia perdido.

- Nosso entroncado amigo pode dizer-lhe, talvez - respondeu ele.
- Eu estava prestes a extrair dele a informação quando a senhora... bem... chegou tão dramaticamente.

- Thomas, pelo amor de Deus, não fique aí sonhando - disse ela, seca, ao marido, que, para todos os fins, continuava a ser o manso velho que me oferecera aquele excelente charuto. - Amarre esse

china! Não confio nem um pouco nele e só me sentirei à vontade quando ele estiver amarrado.

Levantei-me de meu lugar na cama e dirigi-me, cauteloso, para o local em que julgava ficaria fora da linha de fogo, se acontecesse o que eu esperava.

Tai deixara cair a arma, mas não fora revistado. Os chineses são um povo metuculoso; se um deles leva uma arma, geralmente pode-se esperar que traga duas, três, ou mais. Uma arma fora tomada de Tai, e, se tentassem amarrá-lo sem o revistar, provavelmente haveria fogos de artifício. Em vista disso, afastei-me para um lado.

O gordo Thomas Quarre dirigiu-se fleumaticamente para o chinês a fim de cumprir as ordens da esposa... e pôs tudo a perder.

Colocou o corpanzil entre Tai e a arma da velha.

As mãos de Tai moveram-se, e uma automática surgiu em cada uma delas.

Mais uma vez, Tai agiu de acordo com o molde racial. Quando um chinês atira, continua até esvaziar a arma.

Quando o puxei pelo pescoço gordo e o lancei ao chão, suas armas vomitavam metal e acabaram acertando no vazio, quando preendi com o joelho um de seus braços. Eu não ia me arriscar. Trabalhei-lhe a garganta até que seus olhos e língua disseram-me que ele estava fora de combate por algum tempo. Em seguida, olhei em volta.

Vi Thomas Quarre encostado na cama, visivelmente morto, com três buracos redondos no colete branco engomado. Do outro lado do quarto, a Sra. Quarre estava caída de costas. O vestido havia, de alguma maneira, assentado em torno do seu corpo magro, e a morte lhe restituíra a aparência frágil e cordial que tinha quando a conheci.

A ruiva Elvira desaparecera.

Logo depois, Tai se mexeu. Depois de extrair outra arma de dentro de sua roupa, ajudei-o a sentar-se. Ele alisou a garganta ferida com uma das mãos gordas e olhou, friamente, em volta.

- Onde está Elvira? - perguntou.

- Foi embora... por algum tempo.

- Ele encolheu os ombros.

- Bem, o senhor pode chamar a isso de uma operação realmente bem-sucedida. Os Quarre e Hook mortos, e os títulos e eu em suas mãos.

- Nada mau - reconheci. - Mas poderia fazer-me um favor?

- Se puder.

- Diga-me o que, afinal, está acontecendo!

- O que está acontecendo? - perguntou ele.

- Exatamente! Pelo que pude ouvir, vocês fizeram algum trabalho em Los Angeles que lhes rendeu cem mil dólares em títulos. Mas não consigo lembrar-me de nenhum trabalho recente desse valor naquela cidade.

- Ora, isso é absurdo! - exclamou, com o que para ele era quase um esbugalhado espanto. - Absurdo! Naturalmente o senhor sabe de tudo a esse respeito!

- Não, não sei! Eu estava tentando encontrar um jovem chamado Fisher, que abandonou furioso a casa paterna em Tacoma há uma ou duas semanas. O pai quer que ele seja localizado sem estardalhaço, para que possa vir aqui convencê-lo a voltar para casa. Fui informado de que poderia encontrar Fisher neste quarteirão de Turk Street, e foi isso o que me trouxe aqui.

Ele não acreditou. Jamais acreditou. Foi para a força julgando-me mentiroso.

Quando saí novamente para a rua (e Turk Street pareceu-me uma rua encantadora quando pisei nela, livre, após a noite naquela casa), comprei um jornal, que me contou a maior parte do que queria saber.

Um rapaz de vinte anos, um mensageiro de uma corretora de Los Angeles, desaparecera dois dias antes a caminho de um banco onde ia depositar um pacote de títulos. Naquela mesma noite, o

rapaz e uma moça esbelta de cabelos ruivos ondulados se haviam registrado em um hotel em Fresno como J. M. Riordan e esposa. Na manhã seguinte, o rapaz fora encontrado no quarto... morto. A moça desaparecera. Os títulos, também.

Isso era o que me contava o jornal. Nos dias seguintes, juntando informações aqui e ali, consegui reconstituir a maior parte da história.

O chinês, cujo nome completo era Tai Chun Tau, fora o cérebro da quadrilha. O jogo fora uma variação do sempre seguro golpe da amofinação. Tai escolhia um jovem mensageiro, despachante de banco ou corretora... indivíduo que transportava grande volume de dinheiro ou de títulos negociáveis.

A moça, Elvira, trabalhava então o rapaz, fazia-o apaixonar-se por ela... o que não devia ser muito difícil... e convencia-o suavemente a fugir com ela e com o que quer que ele conseguisse agarrar em títulos ou dinheiro do empregador.

Em todos os lugares onde passavam a primeira noite da fuga, aparecia Hook, espumando de raiva e disposto a matar. A moça suplicava, arrancava os cabelos, e assim por diante, procurando impedir que Hook, no papel de marido ultrajado e furioso, liquidasse o rapaz. Finalmente, ela conseguia, e, no fim, o jovem acabava sem a mulher e os frutos do roubo.

Algumas vezes o rapaz entregava-se à polícia. Descobrimos que dois deles haviam cometido suicídio. O de Los Angeles fora de um material mais duro do que os demais. Resistira, e Hook fora obrigado a matá-lo. Pode-se avaliar a habilidade da moça em sua parte na tramóia pelo fato de que nem um único da meia dúzia de jovens que ela depenara dissera coisa alguma para implicá-la; e alguns deles haviam-se dado a grande trabalho para evitar que ela fosse envolvida.

A casa de Turk Street fora o esconderijo da quadrilha, e para que continuasse sempre segura não haviam tentado golpe algum em San Francisco. Hook e a moça passavam para os vizinhos como filho e filha dos Quarre... e Tai como o cozinheiro chinês. A aparência

benigna e respeitável dos Quarre era útil também quando a quadrilha queria vender títulos.

O chinês subiu à forca. Lançamos a mais vasta e a mais fina das redes em busca da moça ruiva. Encontramos ruivas de cabelo ondulado às dezenas. Mas não Elvira. Mas prometi a mim mesmo que, algum dia...

Tradução de Ruy Jungman

78. VOU ESTAR ESPERANDO

RAYMOND CHANDLER (1888 -1959 | Estados Unidos)

Para os apreciadores do gênero, não precisa nem dizer. Chandler junto com seu mestre Hammett, é o responsável por um upgrade do romance policial, reinventando-o com roupagens americanas, ainda na primeira metade do século Xx. Ambos substituíram o detetive racional ó la Sherlock Holmes pelo detetive durão, que usa tanto o cinismo quanto os punhos, e criaram um filão do gênero: o romance hard-boiled. Chandler, um sofisticado americano que estudou em Londres, é notável sobretudo (aliás, como Hammett) por seus romances, principalmente O Longo Adeus; mas não só: também A Da ma do Lago, Adeus Minha Adorada e outros. Seus contos, na maioria extensos demais para uma antologia como esta, são uma boa introdução ao mundo sórdido e lírico do criador de Philip Marlowe.

Uma hora da madrugada, e Carl, o carregador da noite, diminui a intensidade do último de três abajures no saguão principal do Hotel Windermere. O carpete azul escureceu um ou dois tons e as paredes retraíram-se para um espaço mais remoto, dentro da penumbra. As cadeiras foram ocupadas por hóspedes sombrios. Nos cantos, recordações que mais pareciam teias de aranha.

Tony Reseck bocejou. Inclinou a cabeça para o lado e escutou a música fraca que lhe chegava em gorjeios da sala do rádio, que ficava além de uma arcada sombria do outro lado do saguão. Ele franziu a testa. A sala do rádio deveria ser só sua depois da uma da madrugada. Ninguém devia estar lá. Aquela garota ruiva estava estragando as suas noites.

A testa desanuviou-se, e uma miniatura de sorriso mostrou-se, marota, nos cantos de sua boca. Ele encontrava-se sentado,

relaxando, um homem pálido de meia-idade, baixinho e barrigudo, de dedos compridos e delicados fechados ao redor de um dente de alce em seu relógio de bolso; eram os dedos compridos e delicados de um artista da pres-tidigitação, dedos de unhas lustrosas e moldadas, as primeiras articulações afiladas, dedos em forma de espátula nas extremidades. Dedos bonitos. Tony Reseck esfregou-os uns nos outros delicadamente, e havia paz em seus olhos cinzentos e sossegados.

A testa voltou a franzir-se. A música o incomodava. Levantou-se com uma flexibilidade curiosa, de uma vez só, sem mover suas mãos fechadas no relógio de bolso. Em um momento ele estava recostado, relaxado, e no outro estava de pé, bem equilibrado sobre os pés, perfeitamente imóvel, de modo que o movimento de levantar-se pareceu ser uma coisa perfeitamente percebida, um erro de visão...

Ele caminhou, com seus sapatos pequenos e lustrosos, em passos delicados sobre o carpete azul e sob a arcada. A música ficou mais alta. Continha frases musicais rápidas, nervosas, frenéticas e a intensidade, o brilho ácido e quente de uma improvisação jazzística. O volume estava alto demais. A ruiva estava ali, sentada, quieta, o olhar fixo na parte ornamentada em baixo-relevo do móvel do enorme rádio, como se pudesse enxergar o conjunto musical apresentando-se com seu sorriso profissional engomado, com o suor escorrendo nas costas de cada um. Ela estava encolhidinha, os pés sob o corpo, num sofá que parecia estar com quase todas as almofadas da sala. E ela estava cuidadosamente posicionada no meio de todas aquelas almofadas, como um buquê no meio dos papéis de seda da floricultura.

Ela não ergueu o rosto. Ficou ali, recostada, uma mão diminuta fechada sobre seu joelho cor-de-pêssego. Usava um conjunto informal de túnica e calça larga, todo em nervuras, de seda, bordado com negros botões de lótus.

- Gosta de Goodman, Srta. Cressy? - perguntou Tony Reseck.

A garota moveu os olhos lentamente. A sala estava fracamente iluminada, mas o violeta de seus olhos quase doía. Eram olhos grandes, profundos, sem o menor vestígio de capacidade pensante. Seu rosto era de uma beleza clássica e sem expressão.

Ela não respondeu.

Tony sorriu e movimentou os dedos ao lado do corpo, um por um, sentindo que se mexiam.

- Gosta de Goodman, Srta. Cressy? - repetiu ele, sempre cordial.

- Não morro de amores - disse a garota num tom monocórdio.

Tony balançou-se nos calcanhares e olhou nos olhos dela. Grandes, profundos, vazios. Ou será que não? Ele estendeu o braço e fez o rádio emudecer.

- Não me leve a mal - disse a garota. - Goodman ganha dinheiro com sua música, e um homem que ganha dinheiro honesto hoje em dia é alguém que merece o nosso respeito. Mas essa música muito louca, do tipo que americano gosta de dançar, não faz o meu estilo. Eu gosto é de alguma coisa com rosas.

- Talvez você goste de Mozart - disse Tony.

- Tudo bem, pode gozar da minha cara - disse a garota.

- Eu não estava gozando de você, Srta. Cressy. Acho que Mozart foi o maior homem que já viveu... e Toscanini é o seu profeta.

- Pensei que você fosse o detetive do hotel. - Ela recostou a cabeça numa almofada e olhou para ele através dos cílios. - Me arranje um Mozart desses - ela acrescentou.

- Está muito tarde - Tony suspirou. - Não pode conseguir um agora. Ela fixou nele mais um longo e lúcido olhar.

- Está de olho em mim, não é, tira? - Ela riu um pouco, quase num sussurro. - O que foi que eu fiz de errado?

Tony deu um sorriso de quem está flertando.

- Nada, Miss Cressy. Nada mesmo. Mas precisa de um pouco de ar fresco. Está há cinco dias dentro deste hotel, sem sair. E seu quarto é na torre.

Ela riu de novo.

- Me conte uma história sobre isso. Estou morrendo de tédio.

- Teve uma garota uma vez que ficava na sua suíte. Ficou no hotel uma semana inteira, exatamente como a senhorita. Quer dizer, sem nunca sair. Ela mal e mal falava com alguém. O que pensa que ela fez então? A garota encarou-o com um olhar grave.

- Ela não pagou a conta.

Ele estendeu a mão comprida e delicada e girou-a lentamente, fazendo tremular os dedos, na imitação quase perfeita de uma onda quebrando na praia.

- Não. Ela pediu a conta e pagou. Então pediu ao carregador que voltasse dali a meia hora para buscar as malas. Daí ela saiu para a sacada.

A garota inclinou-se um pouco para a frente, os olhos ainda graves, uma mão encobrendo seu joelho cor-de-pêssego.

- Você disse que seu nome era...

- Tony Reseck.

- Parece húngaro.

- Quase - disse Tony. - Polonês.

- Continue, Tony.

- Todas as suítes da torre têm sua própria sacada, Srta. Cressy. As muretas das sacadas são muito baixas para um décimo quarto andar. Era uma noite escura aquela, com nuvens que prenunciavam chuva. - Ele deixou cair a mão com um gesto final, um gesto de adeus. - Ninguém a viu pular. Mas quando ela bateu na calçada, foi como se um tiro tivesse sido disparado de uma arma grande.

- Você está inventando, Tony. - A voz dela tinha um som claro, seco, sussurrado. Ele mais uma vez deu um sorriso de quem está flertando. Seus olhos tranquilos e

acinzentados pareciam estar quase alisando o suave ondulado do cabelo dela.

- Eve Cressy - disse ele pensativamente. - Um nome que só está esperando ser iluminado pelos holofotes.

- Esperando por um cara moreno e alto que não presta, Tony. Você não ia se interessar por essa história. Já fui casada com ele. Pode ser que case com ele de novo. Pode-se fazer uma porção de burradas numa só vida. - A mão sobre o joelho abriu-se devagar, até que os dedos ficaram estirados para trás ao máximo. Então eles se fecharam rapidamente, com força, e mesmo na luz fraca as juntas brilharam como os seus ossinhos lustrosos. - Uma vez eu dei-lhe uma rasteira. Sem querer, ele ficou em maus lençóis, por minha causa. Mas você também não ia se interessar por essa história. É só que eu fiquei em dívida com ele.

Tony inclinou-se suavemente para a frente e fez girar o dial do rádio. Uma valsa foi se formando no ar morno da sala. Uma valsa muito da chinfim, mas ainda assim uma valsa. Ele aumentou o volume. A música jorrou do alto-falante, num redemoinho de penumbrosa melodia. Desde que Viena morreu, todas as valsas são penumbrosas.

A garota ergueu a mão lateralmente e entoou, de lábios fechados, três ou quatro compassos e parou com um súbito apertar da boca.

- Eve Cressy - disse ela. - Um nome que já esteve iluminado pelos holofotes. Num cabaré freqüentado por bêbados e vagabundos. Uma espelunca. A polícia deu uma batida e os holofotes se apagaram.

Ele sorriu para ela quase em ar de zombaria.

- Não era espelunca quando você estava lá, Srta. Cressy... Esta é a valsa que a orquestra sempre tocava quando o antigo carregador andava para lá e para cá na frente da entrada do hotel, peito enfundado, cheio de medalhas. The Last Laugh, "quem ri por último". Emil Jannings. Não vai se lembrar, porque não é do seu tempo, Srta. Cressy.

- "Primavera, linda primavera" - ela disse. - Não, nunca vi. Ele distanciou-se três passos dela e voltou-se.

- Tenho que ir lá em cima e checar uns quartos. Espero não lhe ter chateado. Deveria ir dormir agora. É tarde.

A valsinha chinfrim terminou e uma voz começou a falar. A garota falou mais alto que a voz:

- Você realmente pensou uma coisa assim... sobre a sacada? Ele fez que sim com a cabeça.

- Devo ter pensado - disse ele, suavemente. - Não penso mais.

- Não acredito, Tony. - O sorriso dela era uma folha solta na penumbra. - Venha cá e me conte mais. As ruivas não pulam, Tony. Elas se agüentam... e fenecem.

Ele a encarou com ar grave por um momento e então foi embora, seus passos abafados pelo carpete. O carregador estava parado bem na arcada que dava para o saguão principal. Tony ainda não havia olhado naquela direção, mas sabia que havia alguém ali. Ele sempre sabia se alguém estava perto dele. Ele conseguia ouvir a grama crescendo, como o asno em O Pássaro Azul.

O carregador fez-lhe um sinal urgente com o queixo. Seu rosto largo acima do colarinho do uniforme parecia suado, agitado. Tony chegou-se perto dele e os dois seguiram juntos pela arcada até o meio do saguão escurecido.

- Algum problema? - Tony perguntou, num tom enfadonho.

- Tem um cara lá fora querendo falar com você, Tony. Não quis entrar. Lá estou eu, dando uma limpada no vidro da porta da frente e ele chega do meu lado, um cara alto. "Me chama o Tony", foi o que ele disse, falando assim com o canto da boca.

Tony disse:

- Arrã - e encarou os olhos azuis claros do carregador. - E quem é ele?

- AI, foi o que ele me pediu para dizer.

O rosto de Tony ficou tão sem expressão como uma tábua.

- Tudo bem. - Começou a se mexer para sair. O carregador segurou-o pela manga.

- Espere aí, Tony. Você tem algum inimigo?

Tony riu, cordial, seu rosto ainda parecendo uma tábua.

- Olhe, Tony - o carregador ainda segurava-lhe a manga com força-, tem um carrão preto um pouco mais adiante na rua. Do outro lado do ponto de táxi. Tem um cara do lado do carro, esperando, com um pé no estribo. Esse outro cara, o que falou comigo, ele está usando um casacão escuro, largo, amarrado na cintura, e a gola larga ele levantou para tapar as orelhas. O chapéu está enterrado na cabeça, escondendo os olhos. Não dá nem para enxergar o rosto dele. Então ele vem e me diz "Me chama o Tony", falando assim com o canto da boca. Tem certeza que você não tem inimigos, Tony?

- Só os credores - disse Tony. - Agora se manda.

Tony caminhou devagar e um pouco rígido no carpete azul, subiu os três degraus baixos até o saguão de entrada, onde estavam, de um lado, os três elevadores e, de outro, o balcão da recepção. Só um elevador estava funcionando. Ao lado das portas abertas do elevador, braços cruzados, o ascensorista da noite estava de pé, parado, quieto em seu impecável uniforme azul com paramentos prateados. Um mexicano ele, magro, moreno, chamado Gomez. Funcionário novo, estreando no turno da noite.

Do outro lado, a recepção, um balcão de mármore rosa, o funcionário da noite gentilmente apoiado nele. Era um homenzinho pequeno e asseado, com um bigode ruivo e ralinho e bochechas tão rosadas e esticadas que pareciam duras. Ele olhou para Tony e, com uma unha, ajeitou o bigode de um lado.

Tony apontou-lhe o dedo indicador, dobrou os outros três dedos bem apertados contra a palma da mão, levantou o polegar esticado para logo em seguida dobrá-lo sobre o indicador. O funcionário ajeitou o outro lado do bigode e fez um ar de tédio.

Tony passou na frente da revistaria, àquela hora fechada e no escuro, passou pela porta lateral da drugstoree foi em direção à

porta de duas folhas de vidro laminado com quadro de bronze. Parou do lado de dentro e respirou fundo e com força. Endireitou os ombros, abriu a porta e saiu para o ar frio e úmido da noite.

A rua estava escura, silenciosa. O barulho distante do trânsito na Wilshire, a duas quadras dali, não era concreto, não significava nada. Para a esquerda, havia dois táxis. Os motoristas, encostados num pára-lama, um do lado do outro, estavam fumando. Tony caminhou para o outro lado. O carrão escuro estava a um terço de quadra da entrada do hotel. As sinaleiras estavam ligadas, e foi somente quando já estava chegando no carro que Tony escutou o ruído suave do motor funcionando.

Uma figura alta destacou-se do corpo do carro e foi ao seu encontro, as mãos nos bolsos do casacão escuro com a gola levantada. A ponta de um cigarro brilhou bem fraquinho, uma pérola enferrujada na boca do homem.

Pararam a pouco mais de meio metro um do outro.

O homem alto disse:

- Oi, Tony. Há quanto tempo!

- Oi, Al. Como é que você vai?

- Não posso me queixar. - O homem alto começou a tirar a mão direita do bolso do casacão, depois parou e riu de modo inaudível. - Quase esqueci. Acho que você não vai querer um aperto de mão.

- Isso não quer dizer nada - disse Tony. - Um aperto de mãos. Macacos podem se apertar as mãos. O que é que você tem em mente, Al?

- Sempre o mesmo cara baixinho, gordinho e engraçado, hein, Tony?

- Acho que sim - Tony piscou devagar e com força. Sua garganta parecia sufocar.

- Você gosta deste seu emprego aí?

- É um emprego.

Al riu daquele jeito inaudível mais uma vez.

- Vá com calma, Tony. Quem tem pressa aqui sou eu. Pois então é um emprego, e você quer continuar nele. Está muito bem. Tem uma garota chamada Eve Cressy que se enterrou aí nesse seu hotelzinho discreto. Faça ela sair. Rápido e agora.

- Qual é o problema?

O homem alto olhou para um lado e outro da rua. Um homem no assento traseiro do carro tossiu de leve.

- Ela se amarrou na figura errada. Nada contra ela, ela mesmo, mas ela quer dizer encrenca pros outros. Faça ela sair, Tony. Você tem, vamos dizer, uma hora.

- Claro - Tony disse de modo vago, sem intenção.

AI tirou a mão do bolso e espalmou-a no peito de Tony. Deu-lhe um empurrãozinho de leve.

- Eu não ia ficar te contando isso só por contar, seu tampinha. Tire ela de lá de dentro.

- Tudo bem - disse Tony, sem qualquer inflexão na voz.

O homem alto desencostou a mão do peito de Tony e levou-a à porta do carro. Abriu-a e começou a entrar no carro, deslizando como uma sombra negra e esguia.

Então parou e disse algo aos homens que estavam dentro do carro e desembarcou de novo. Foi de volta até onde Tony permanecia parado, em silêncio, seus olhos claros refletindo a luz pequena e pouca de uma lâmpada da rua.

- Escute aqui, Tony. Você nunca meteu o nariz onde não era chamado. Você é um bom camarada, Tony.

Tony não retrucou.

AI inclinou-se em sua direção, uma sombra comprida e premente, a gola levantada tocando-lhe as orelhas.

- Esse negócio é encrenca, Tony. Meus camaradinhas não vão gostar disto, mas vou te contar assim mesmo. Essa garota Cressy foi casada com um cara chamado Johnny Ralls. Pois esse Ralls, faz uns dois ou três dias, quem sabe uma semana, saiu de Quentin.

Cumpriu três anos por homicídio culposo. E foi essa garota que o colocou na prisão. Numa noite que estava bêbado, ele atropelou um velho, e ela estava com ele. Ele não parou. Ela disse para ele que se entregasse, senão ela ia até a polícia contar a história. Ele não se entregou. E os tiras vieram atrás dele.

Tony disse:

- Isso é péssimo.

- Isso é a lei, garoto. Esse é o meu negócio. Esse Ralls, quando estava em cana, costumava abrir a matraca e se vangloriar de como essa garota estaria esperando por ele quando ele saísse, todo pronto para perdoar e esquecer, e ele ia direto para os braços dela.

Tony perguntou:

- E o que ele significa para você? - O som de sua voz carregava uma certa crepi-tação, seca, rígida, como os sons de uma folha de cartolina.

AI riu.

- Meus camaradinhas querem se encontrar com esse cara. Ele tinha uma mesa num lugar do Strip e bolou um plano. Ele e um outro cara ficaram donos da casa por cinquenta mil. O outro acabou entregando a parte dele, mas a gente ainda precisa dos vinte e cinco do Johnny. Esses meus camaradinhas não são pagos para esquecer.

Tony olhou para um lado e outro da rua. Um dos motoristas de táxi deu um pipa-rote numa ponta de cigarro, que desenhou um amplo arco sobre o capô de um dos táxis. Tony observou-a cair e brilhar no calçamento da rua. Ficou escutando o ruído discreto do motor do carrão escuro.

- Não quero me envolver com nada disso - disse ele. - Eu faço ela sair.

AI deu uns passos para trás, fazendo com a cabeça um gesto de anuência.

- Garoto esperto. E como é que vai a sua mãe?

- Bem - disse Tony.

- Lembre-se de contar a ela que pedi notícias.
- Pedir notícias não significa nada - disse Tony.

AI virou-se, rápido, e entrou no carro. O carro fez uma curva preguiçosa no meio da quadra, deslizou em ré em direção à esquina. Acenderam-se os faróis, e a luz jorrou sobre uma parede. O carro dobrou numa esquina e sumiu. O cheiro que ainda sobrou do escapa-mento insinuou-se nas narinas de Tony. Ele virou-se, voltou até o hotel e entrou. Dirigiu-se à sala do rádio.

O rádio ainda sussurrava qualquer coisa, mas a garota não se encontrava mais no sofá em frente. As almofadas pressionadas guardavam contornos de seu corpo. Tony estendeu o braço e as tocou. Achou que ainda estavam mornas. Desligou o rádio e deixou-se ficar ali parado, girando um polegar lentamente, a mão espalmada na barriga. Então voltou, pelo saguão, até os elevadores e parou ao lado de um vaso de maiólica cheio de areia branca. O funcionário da recepção ocupava-se com alguma coisa atrás da divisória de vidro martelado que havia em uma ponta do balcão. O ar estava totalmente parado.

O poço do elevador que estava funcionando estava no escuro. Tony olhou para o indicador do elevador do meio e viu que estava parado no décimo quarto andar.

- Foi dormir - murmurou para si mesmo.

A porta da sala do carregador, ao lado dos elevadores, abriu-se, e o ascensorista da noite, o mexicano baixinho, apareceu em roupas comuns. Dirigiu a Tony um olhar de lado, silencioso, seus olhos da cor de castanhas ressequidas.

- Boa noite, chefe.
- Noite - disse Tony, distraído.

Tirou um charuto fino e mosqueado do bolso de seu colete e cheirou-o. Examinou-o com vagar, girando-o entre os dedos bem-cuidados. Havia um pequeno rasgão no sentido longitudinal. Ele franziu a testa ante aquilo e descartou o charuto.

Ouviram-se um som distante, e o ponteiro do indicador começou a mover-se ao longo do mostrador de bronze. Uma luz começou a brilhar dentro do poço, e a linha reta do piso do elevador dissolveu a escuridão logo abaixo. O elevador parou e as portas se abriram, e Carl saiu dali.

Seu olhar cruzou com o de Tony numa espécie de sobressalto, e Carl chegou-se para perto de Tony, a cabeça ladeada, um brilho fininho acompanhando a borda de seu rosado lábio superior.

- Escute, Tony.

Tony pegou o braço dele com sua mão dura e ágil e obrigou-o a dar meia-volta. Empurrou-o com rapidez, e no entanto de um certo modo casual, escada abaixo, até o penumbroso saguão principal e conduziu-o para um canto. Largou o braço do outro. Sua garganta apertou-se de novo, sem que ele pudesse atinar com o motivo.

- E então? - falou, ameaçador. - Escute o quê?

O carregador levou a mão ao bolso e dali tirou uma nota de um dólar.

- Ele me deu isto - disse, vacilante. Seus olhos cintilantes olharam por cima do ombro de Tony, fixando-se em coisa nenhuma. Piscavam sem parar. - Gelo e gingerale.

- Não me enrola - Tony rosnou.

- Um cara no 14-B - disse o carregador.

- Quero sentir o teu hálito.

O carregador inclinou-se para Tony, obediente.

- Álcool - disse Tony, ríspido.

- Ele me deu uma bebida.

Tony olhou para a nota de um dólar.

- Não tem ninguém no 14-B. Não na minha lista - disse ele.

- Mas sim, tem sim. - O carregador passou a língua pelos lábios, e seus olhos abriam e fechavam sem parar. - Um cara alto, moreno.

- Tudo bem - disse Tony, contrariado. - Tudo bem. Tem um cara alto moreno no 14- B e ele te deu um dólar e uma bebida. E

depois?

- Ele tem um revólver debaixo do braço - Carl disse, e piscou.

Tony sorriu, mas seus olhos tinham adquirido o brilho opaco de uma camada espessa de gelo. - Você levou Miss Cressy até o quarto dela? Carl abanou a cabeça.

- Gomez. Eu vi ela subindo.

- Sai de perto de mim - Tony disse com raiva. - E nunca mais me aceite bebidas dos hóspedes.

Ele não se moveu até Carl ter voltado para o seu cubículo ao lado dos elevadores e fechado a porta. Então, sem fazer o menor ruído, subiu os três degraus e parou na frente do balcão da recepção, olhando para o mármore rosa rajado, o conjunto de canetas em ônix, o cartão de registro, em branco, em sua moldura de couro. Ele ergueu uma mão no ar e baixou-a com toda a força contra o mármore. O funcionário pulou de detrás da divisória de vidro como se fosse um esquilo saindo da toca.

Tony tirou um papel fininho de seu bolso superior e abriu-o sobre o balcão.

- Ninguém no 14-B de acordo com isto aqui - disse ele num tom ácido. O funcionário torceu cordialmente o seu bigode.

- Mil desculpas. O senhor devia estar fora, jantando, quando ele se registrou.

- Quem?

- Pois se registrou como James Watterson, San Diego. - O funcionário bocejou.

- Perguntou por alguém?

O funcionário interrompeu o bocejo e olhou para o alto da cabeça de Tony.

- Puxa! Perguntou, sim. Por um conjunto de swing. Por quê?

- Esperto, rápido e metido a engraçadinho - disse Tony. - Se é que você gosta do tipo. - Escreveu alguma coisa no papel fininho e enfiou-o de volta no bolso. - Estou subindo para checar uns quartos.

Tem quatro apartamentos na cobertura que continuam vagos. Mexa-se, filho. Você está decaindo.

- Eu estive com uma garota - o funcionário disse numa fala arrastada, para depois finalizar seu bocejo. - Ande logo, papai. Não sei como vou conseguir cumprir o meu horário.

- Você podia barbear essa penugem cor-de-rosa da cara - disse Tony, e atravessou o saguão rumo aos elevadores.

Abriu um elevador escuro e acendeu a luz do teto e acionou o elevador até o décimo quarto andar. Escureceu-o de novo, saiu e fechou as portas. Este saguão era menor que qualquer outro, à exceção do saguão do décimo terceiro andar. Tinha uma porta de uma folha e almofadas azuis em cada uma das paredes que não a dos elevadores. Em cada porta havia um número e uma letra dourados, em volta dos quais via-se uma grinalda dourada. Tony foi até o 14-A e colou o ouvido à almofada da porta. Não escutou nada. Eve Cressy podia estar na cama, dormindo, ou no banheiro, ou mesmo na sacada. Ou podia estar simplesmente sentada dentro do quarto, a poucos passos da porta, olhando para as paredes. Bem, ele não podia esperar ser capaz de ouvi-la sentar e olhar para as paredes. Foi até o 14-B e colou o ouvido à almofada da porta. Agora foi diferente. Havia barulho lá dentro. Um homem tossiu. Parecia, de algum modo, uma tosse solitária. Não havia vozes. Tony apertou o botão pequeno e nacarado que havia ao lado da porta.

Ouviram-se passos sem pressa. Uma voz grossa falou, do outro lado da porta. Tony não deu resposta, não fez barulho. A voz grossa repetiu a pergunta. De leve, com malícia, Tony apertou a campainha de novo.

O Sr. James Watterson, ou San Diego, deveria agora abrir a porta e ficar bravo. Não foi o que aconteceu. Produziu-se um silêncio do outro lado da porta que era como o silêncio de uma geleira. Mais uma vez Tony colou o ouvido à madeira. Silêncio total.

Pegou uma chave mestra, presa a uma corrente, e enfiou-a delicadamente na abertura da maçaneta da porta. Girou a

maçaneta, empurrou a porta pouco mais de cinco centímetros e retirou a chave. Então esperou.

- Muito bem - disse a voz, ríspida. - Entre e venha me pegar.

Tony abriu de vez a porta e ficou ali parado, emoldurado pela luz do saguão. O homem era alto, cabelos negros, rosto angular e muito branco. Segurava uma arma. Segurava-a como se entendesse de armas.

- Entre - disse ele, com uma fala arrastada.

Tony entrou e fechou a porta empurrando-a com o ombro. Mantinha as mãos um pouco afastadas do corpo, os dedos astutos curvados e relaxados. Deu o seu sorriso tímido e silencioso.

- Sr. Watterson?

- E daí?

- Sou o investigador do hotel.

- Quer me matar do coração?

O homem alto, pálido, de algum modo bonito e, por outro lado, nada bonito, deu umas passadas lentas para trás. Aquele era um quarto amplo, com uma sacada baixa acompanhando duas paredes. Portas de vidro abriam-se para a pequena sacada particular, ao ar livre, como em todos os quartos da cobertura. Na sacada havia uma lareira, já pronta com lenha, atrás de um guarda-fogo em forma de biombo, em frente a um sofá estampado em cores vivas. Um copo alto e suado encontrava-se sobre uma bandeja do hotel ao lado de uma poltrona funda, aconchegante. O homem foi caminhando para trás

até esta poltrona e parou-se à frente dela. A arma, grande e cintilante, foi baixada e passou a apontar para o chão.

- Quer me matar do coração? - disse ele. - Não posso nem me entregar a uma farrinha que passa uma hora e o detetive da casa já quer me botar pra fora. Pois bem, meu lindo, pode olhar no armário e no banheiro. Mas ela já saiu.

- Você ainda nem a viu - disse Tony.

O rosto lívido do homem encheu-se de linhas inesperadas. A voz grossa agora ficou mais perto de um rosnado:

- É mesmo? E quem foi que eu ainda nem vi?
- Uma garota chamada Eve Cressy.

O homem engoliu em seco. Depositou a arma sobre a mesa, ao lado da bandeja. Deixou-se cair na poltrona, o corpo muito retesado, como um homem que sofresse de lumbago. Então inclinou-se para a frente e pôs as mãos nos joelhos e sorriu de modo esperto, mostrando os dentes.

- Então ela veio pra cá, hein? Eu ainda não tinha perguntado sobre ela. Sou um cara cuidadoso. Ainda não tinha perguntado.

- Ela está aqui há cinco dias - disse Tony. - Esperando por você. Não deixou o hotel nem por um minuto.

A boca do homem movimentou-se um pouco. Seu sorriso tinha um quê de perspicácia.

- Pois eu me atrasei. Fiquei mais tempo do que devia um pouco mais ao norte daqui - ele disse, com fluência. - Sabe como é. Visitando velhos amigos. Parece que você sabe um monte sobre a minha vida, meu chapa.

- Parece que sim, Sr. Ralls.

O homem saltou da poltrona, e sua mão foi para a arma mais do que rápido. Ele ficou inclinado para a mesa, segurando a arma sobre a mesa, encarando Tony.

- As mulheres falam demais - disse ele, com um som abafado na voz, como se, ao falar, segurasse algo macio preso entre os dentes.

- Não foi uma mulher, Ralls.

- Como assim? - A arma resvalou na madeira nobre da mesa. - Desembucha, meu chapa. Meu leitor de mentes parou de funcionar.

- Não foi uma mulher, foram homens. Homens armados.

O silêncio de geleira abateu-se sobre os dois mais uma vez. O homem endireitou o corpo aos poucos. Seu rosto não demonstrava emoção nenhuma, mas os olhos estavam apavorados. Tony

inclinou-se à frente dele, um homenzinho baixo e rechonchudo, dono de um rosto sossegado, pálido, afável e olhos límpidos como a água de uma nascente.

- Eles não se cansam, esses caras - disse Johnny Ralls, e passou a língua pelos lábios. - De madrugada, tarde da noite, e eles trabalham. A velha firma não dorme jamais.

- Você sabe quem são? - Tony perguntou suavemente.

- Eu podia chutar uns doze nomes. E todos os doze estariam certos.

- Os camaradinhas - disse Tony, e esboçou um sorriso frágil.

- Onde está ela? - perguntou Johnny Ralls com rispidez.

- No quarto ao lado.

O homem foi até a mureta e deixou a arma sobre a mesa. Ficou ali, parado em frente à mureta, examinando-a. Ergueu os braços e agarrou a grade de ferro trabalhado da mureta da sacada. Quando ele soltou a grade e se virou, algumas rugas de seu rosto tinham desaparecido. Seus olhos exibiam um brilho mais sossegado. Ele chegou-se perto de Tony e olhou-o de cima.

- Eu tenho aí uma grana em jogo - disse ele. - Eve me mandou uma grana e eu engordei esse dinheiro com uns negócios que fiz aí mais para o norte. Uma boa quantidade de verdinhas. Os camaradinhas falam de vinte e cinco mil. - Ele deu um sorriso torto. - Quinhentos eu sei que tenho. E me daria muito prazer fazer com que eles acreditassem nisso também.

- O que você fez com o dinheiro? - perguntou Tony, indiferente.

- Nunca tive esse dinheiro, meu chapa. Mas deixe estar. Sou a única pessoa no mundo que acredita nisto. O que aconteceu foi que houve aí um pequeno golpe e me passaram para trás.

- Eu acredito - disse Tony.

- É raro eles matarem. Mas podem ser um bocado durões.

- Ratos - Tony disse com súbito e amargo desprezo. - Homens armados. Nada mais que ratos.

Johnny Ralls pegou o copo e enxugou-o de um gole. As pedras de gelo tilintaram suavemente quando ele depositou o copo sobre a mesa. Ele então pegou a arma, brincou com ela na palma da mão, depois enfiou-a, cano para baixo, num bolso superior interno do casaco. Ficou olhando para o carpete.

- Por que está me contando tudo isso, meu chapa?

- Pensei que talvez você fosse querer deixá-la fora disso.

- E se eu não quiser?

- Eu acho que você quer - disse Tony. Johnny Ralls assentiu com um gesto de cabeça.

- Como é que eu posso sair daqui?

- Você pode pegar o elevador de serviço e ir até a garagem. Pode alugar um carro. Posso lhe dar um cartão meu para você apresentar ao homem da garagem.

- Você é um carinha engraçado - disse Johnny Ralls.

Tony tirou do bolso uma carteira de pele de avestruz, gasta, e rascunhou algo num cartão impresso. Johnny Ralls leu aquilo e continuou parado, segurando o cartão, batendo o cartão na unha do polegar.

- Eu podia levar ela comigo - disse ele, os olhos apertados.

- E também podia dar um passeio num cesto de roupa suja - disse Tony. - Ela está aqui há cinco dias, lembra? Eles já sabem onde ela está. Um cara que eu conheço me chamou para uma conversinha e me disse para tirar ela daqui de dentro. Me contou por quê. Então eu estou tirando você daqui de dentro, em vez dela.

- Eles vão adorar isso - disse Johnny Ralls. - Vão te mandar um buquê de violetas.

- Vou chorar no meu dia de folga.

Johnny Ralls virou a mão para cima e olhou para sua palma.

- De qualquer modo, eu poderia vê-la. Antes de me apagarem. No quarto ao lado, foi o que você disse?

Tony girou nos calcanhares e começou a andar em direção à porta. Disse sobre o ombro:

- Não perca muito tempo, bonito. Posso mudar de idéia. O homem disse, quase afável:

- Isto tudo pode ser uma armação sua para cima de mim, se é por isso. Tony não voltou a cabeça em sua direção.

- Aí está um risco que você vai ter que correr.

Foi até a porta e saiu do quarto. Fechou a porta com todo o cuidado, sem fazer barulho, olhou mais uma vez para a porta do 14-A e entrou no seu elevador escuro. Levou-o até o andar da rouparia e desceu para retirar o cesto que segurava aberta a porta do elevador de serviço naquele andar. A porta deslizou até se fechar suavemente, com Tony segurando-a para que não fizesse barulho. Mais adiante no corredor, uma luz acesa deixava-se ver pela porta aberta do escritório da governanta. Tony voltou ao seu elevador e continuou descendo até o saguão.

O funcionário baixinho encontrava-se escondido atrás de sua divisória de vidro martelado, fazendo o balanço da contabilidade. Tony atravessou o saguão principal e entrou na sala de rádio. O rádio estava mais uma vez ligado, num volume suave. Lá estava ela, novamente enroscada no sofá. O alto-falante cantava para ela, um som vago, tão baixinho e tão falto de palavras quanto o farfalhar das árvores. Ela virou a cabeça devagar e sorriu para ele.

- Já terminou de checar os quartos? Não consegui pregar o olho. Então desci de novo. Tudo bem?

Ele sorriu e disse que sim com um gesto de cabeça. Sentou-se numa poltrona verde e deu uns tapinhas nos braços fofos de brocado.

- Claro, Srta. Cressy.

- Esperar é o pior tipo de ocupação, não é? Eu queria que a gente pudesse falar com esse rádio. Mais parece um palitinho de queijo se quebrando ao meio.

Tony mexeu no rádio, não achou nada de que gostasse, sintonizou de novo onde estava.

- Todos os ouvintes a esta hora são bêbados de bar. Ela sorriu para ele mais uma vez.

- Não a incomodo ficando aqui, Srta. Cressy?

- Eu gosto. Você é um cara doce, Tony.

Ele olhou rígido para o chão, e uma onda de calor percorreu-lhe a espinha. Ele esperou que aquilo passasse. O calor passou devagar. Então ele se recostou, de novo relaxado, seus dedos elegantes fechados ao redor do dente de alce. Ele estava escutando. Não o rádio, mas coisas vagas, longínquas - coisas ameaçadoras. E talvez estivesse escutando apenas o zunido seguro de rodas afastando-se numa noite estranha.

- Ninguém é totalmente mau - disse ele em voz alta. A garota olhou para ele com preguiça.

- Então eu conheci umas duas ou três pessoas sobre as quais me enganei. Ele assentiu com a cabeça.

- Está certo - admitiu ele, de modo ponderado. - Imagino que algumas pessoas sejam assim.

A garota bocejou e seus olhos de um violeta profundo semicerraram-se. Ela se enrodilhou de novo nas almofadas.

- Fique sentado aí um pouquinho, Tony. Talvez eu consiga dar uma cochilada.

- Claro. Não faz parte das minhas obrigações. Mas também não sei por que estão me pagando.

Ela logo pegou no sono, totalmente imóvel, como uma criança. Tony passou dez minutos em que mal pôde respirar. A boca entreaberta, ficou só olhando Eve Cressy. Havia em seus olhos límpidos uma fascinação tranqüila, como se ele estivesse contemplando um altar.

Então ele se levantou com infinito cuidado e, com passos leves, afastou-se, passando pela arcada, chegando ao saguão de entrada e à recepção. Parou em frente ao balcão, ouvidos atentos por

alguns instantes. Podia ouvir uma caneta roçando no papel, mas quem escrevia não estava à vista. Ele andou até o fim do balcão, virou em direção à série de cabines telefônicas, na verdade pequenas jaulas de vidro. Entrou em uma, levantou o fone do gancho e pediu à telefonista da noite uma ligação para a garagem.

O telefone bateu três ou quatro vezes e então um voz de menino atendeu:

- Garagem do Hotel Windermere.

- Aqui é Tony Reseck. Aquele cara, Watterson, que tinha um cartão meu. Já saiu?

- Claro, Tony. Faz quase meia hora. É para pôr na tua conta?

- Isto - disse Tony. - Meu convidado. Obrigado. A gente se vê.

Desligou o telefone e coçou o pescoço. Voltou até a recepção e bateu com a mão no balcão. O funcionário ergueu-se de detrás da divisória, passos leves, seu sorriso de boas-vindas bem ensaiado no rosto. O sorriso desmoronou-se quando viu Tony.

- Será que uma pessoa não pode pôr o seu trabalho em dia? - rosnou.

- Qual é o preço executivo no quarto 14-B? O funcionário encarou-o, mal-humorado.

- Não tem preço executivo para a cobertura.

- Invente um. O camarada já saiu. Ficou no quarto só uma hora.

- Bem, bem - disse o funcionário com uma expressão aérea. - Então a personalidade não teve sucesso esta noite. Temos um caloteiro que deu no pé.

- Cinco dólares, está bom?

- Amigo seu?

- Não. Só um bêbado com delírios de grandeza e zero de grana.

- Acho que vamos ter que deixar correr, Tony. Como foi que ele saiu?

- Tirei ele pelo elevador de serviço. Você estava cochilando. Cinco dólares, está bom?

- Por quê?

A carteira gasta, de pele de avestruz, fez-se ver sobre o balcão, e uma nota de cinco escorregou pelo mármore.

- Tudo que consegui arrancar dele - disse Tony, sem muita ênfase. O funcionário pegou a nota e pareceu intrigado.

- Você é quem manda - disse ele, e deu de ombros. O telefonou esganiçou-se no balcão e ele atendeu. Escutou e depois empurrou o aparelho para Tony.

- Para você.

Tony pegou o aparelho e ajeitou-o no peito. Baixou o rosto e sua boca ficou próxima ao transmissor. A voz lhe era estranha. Tinha um som metálico. As sílabas eram meticulosamente anônimas.

- Tony? Tony Reseck?

- Ele mesmo.

- Um recado de AI. Posso falar?

Tony olhou para o funcionário da recepção.

- Seja simpático - disse ele por cima do bocal. O funcionário esboçou um sorriso fraco e rápido e retirou-se. - Pode falar - Tony disse no fone.

- Fizemos um pequeno negócio com um cara no seu endereço. Pegamos ele saindo de fininho. AI achava mesmo que você ia acabar expulsando ele. Seguimos o cara e encostamos ele no meio-fio. Não foi nada bom. Tiro saiu pela culatra.

Tony segurava o telefone bem apertado, e suas têmporas gelaram, sua pele perdeu toda a umidade.

- Continue - disse ele. - Acho que tem mais.

- Mais um pouquinho. O cara abateu o grandão. Morto. AI... AI mandou um tchau para você.

Tony apoiou-se com força contra o balcão. Sua boca produziu um som que não era fala.

- Entendeu? - A voz metálica parecia impaciente, um pouco entediada. - Esse cara tinha um revólver com ele. E usou. AI não vai

telefonar pra ninguém nunca mais.

Tony cambaleou com o telefone, e a base do aparelho bateu no mármore rosa. A boca de Tony era um nó duro e seco. A voz disse:

- Isso é tudo, irmãozinho. Banoite. - O fone produziu um clique seco, como uma pedrinha que bate contra um muro.

Tony pôs o fone no gancho com todo o cuidado, de modo a não fazer o menor barulho. Olhou para o punho cerrado de sua mão esquerda. Tirou um lenço do bolso e esfregou a palma da mão suavemente e usou a outra mão para esticar os dedos. Então enxugou a testa. O funcionário apareceu de novo, vindo de trás da divisória, e dirigiu-lhe um olhar cintilante.

- Estou de folga na sexta. Que tal se-você me passasse aquele número de telefone? Tony fez um gesto de cabeça positivo para o funcionário e deu um sorriso frágil,

diminuto. Guardou o lenço e deu uns tapinhas sobre o bolso. Virou-se e foi se afastando do balcão, atravessou o saguão de entrada, desceu os três degraus baixos, andou toda a extensão penumbrosa do saguão principal, passou pela arcada e, mais uma vez, chegou à sala do rádio. Andou com passos suaves, como um homem que se movimentasse num quarto onde havia alguém muito doente. Chegou à poltrona onde sentara-se antes e foi baixando o corpo, centímetro por centímetro, até estar sentado. A garota continuava dormindo, imóvel, naquele relaxamento enrodilhado que só algumas mulheres e todos os gatos conseguem. A respiração dela não produzia o menor som contra o vago murmúrio do rádio.

Tony Reseck recostou-se na poltrona e fechou as mãos sobre o dente de alce e, no maior silêncio, fechou os olhos.

Tradução de Beatriz Viégas-Faria

79. EIS O SEU FUNERAL

CORNELL WOOLRICH (1903-1968 | Estados Unidos)

Mestre do suspense do cotidiano, Woolrich estreou em 1934. Nova-iorquino formado na Columbia, e valorizado sobretudo pelos franceses (dele François Truffaut filmou A Noiva Estava de Preto), vencedor do Prêmio Edgar Allan Poe em 1948, publicou dezenas de romances, tanto com o seu nome quanto com os pseudônimos de William Irish (vários) e de George Hopley (apenas dois). Escreveu 250 contos de mistério, dos quais este Eis o seu Funeral é uma boa amostra.

Pequenina e séria, a moça entrou na mercearia, descansou seu grande pacote no chão e esperou para ser atendida. Fora, um homem que passava precisamente naquela ocasião olhou para dentro de relance, distraído, através da frente envidraçada da loja. Apenas um rápido volver de cabeça, um ligeiro olhar de passagem, nada mais do que isso. A única circunstância fora do comum era que os transeuntes homens, em regra, costumam olhar para os armarinhos, tabacarias, mesmo para barbearias, mas raramente para mercearias.

A senhora era miúda e bonita, e fez seu pedido com uma voz agradável e baixa, quase tímida, de olhos presos na lista que tinha na mão. Parecia estranhamente uma criança recitando sua lição com muita seriedade. Mas havia uma aliança na sua mão sem luva. Devia ter pelo menos dezoito anos.

- Deseja que mande levar na sua casa? - perguntou o empregado. - Está meio pesado...

- Não, obrigada. Eu mesma levo - murmurou ela. - Não se incomode.

Saiu com os braços carregados e seguiu o seu caminho. Vestia um casaquinho de pele de foca. Que balançava à medida que ela

andava; seu vestido era modesto, singelo.

O homem que passara pela mercearia, quando ela ali entrara, não fora muito longe. Estava parado na banca de jornal da esquina, para comprar um diário; depois, se afastara para um lado, ficando de costas para os edifícios a fim de dar uma olhada no noticiário antes de ir para casa. As mãos que seguravam o jornal usavam luvas de pele de porco tingidas.

A senhora dos pacotes passou por ele logo depois. Nenhum deles olhou para o outro; não havia razão para isso. Ele estava perdido nos resultados das partidas de baseball relacionados no alto da página; ela olhara para o lado oposto, em diagonal, a fim de se certificar de que podia atravessar com o sinal vermelho. Na metade da quadra seguinte, entrou noutra loja, desta vez uma padaria.

Momentos depois, por uma dessas coincidências que não raro acontecem, Luvas-de-Pele-de-Porco passou pela frente da padaria. Levava agora o jornal no bolso. Uma vez mais seus olhos se desviaram com indiferença para o interior da loja, depois voltaram-se para fora. Mas o transeunte médio também não se interessa particularmente por interiores de padaria. Ele talvez estivesse pensando no jantar que o aguardava em casa, para onde se dirigia... tão despreocupadamente.

Ela recebeu o troco, meteu-o na bolsa e saiu mais carregada do que nunca. Luvas-de-Pele-de-Porco, que, visivelmente, não tinha pressa para chegar em casa, detivera-se finalmente diante de um tipo apropriado de vitrine, a de uma loja de artigos masculinos, algumas portas adiante, e contemplava a atraente mostra de camisas elegantes. O vidro da vitrine fora lavado recentemente, ao contrário da maioria dos vidros vizinhos; embora lhe faltasse uma placa de mercúrio por trás, era tão bom quanto um espelho.

A ativa e pequenina dona de casa seguia com seus pacotes; e seu fugaz reflexo seguia lá no vidro da vitrine. Mas justamente quando ela emparelhou com Luvas-de-Pele-de-Porco, parado de

costas para ela, as pupilas dos seus olhos volveram-se rápidas para o lado dele, depois afastaram-se de novo.

Ela deu ainda alguns passos para a frente. Mas havia agora uma mudança em seus olhos. Ou melhor, na pele que os cercava, que se contraíra minimamente. No mesmo instante, como se a própria moça não o percebesse, relaxou a pele e tudo ficou tão suave como antes. Mas parece que se lembrou de uma compra que havia esquecido. Parou, voltou-se subitamente e começou a percorrer em sentido inverso por onde viera.

Luvras-de-Pele-de-Porco continuava ociosamente olhando camisas e gravatas, quando ela passou por ele no tempo de um segundo. Mas desta vez os olhos dela nem sequer o perceberam; não houve pupilas se agitando; e por parte dele, as costas voltadas para ela expressavam igual indiferença.

Na esquina do sinal de trânsito, ela não atravessou a rua pela segunda vez, mas meteu-se pela rua lateral, desaparecendo com seus pacotes e sua seriedade.

No mesmo instante, surgindo do nada, materializou-se um segundo homem ao lado de Luvras-de-Pele-de-Porco que lhe deu uma cotovelada leve, quase imperceptível, como se o instigasse a seguir - e logo ambos se separaram. Ninguém notaria aquele detalhe; não foi mais do que um gesto de reconhecimento entre dois conhecidos que passam um pelo outro. O segundo homem, que vestia casacão e chapéu cinzento, chegou à esquina e dobrou-a, tomando a mesma direção da pequenina dona de casa. O primeiro, Luvras-de-Pele-de-Porco, apertava o passo em direção à esquina seguinte; perdera agora todo o vagar. Entrou na segunda rua lateral, paralela àquela.

Na rua onde entrara a pequenina dona de casa, Chapéu Cinzento também caminhava. Um saco de papel cheio de compras, abandonado no começo da entrada de um subsolo, chamou sua atenção. Um pão inteiro enrolado em papel encerado saltara do saco. Não parou para examiná-lo; ao contrário, os seus passos já rápidos tomaram um ritmo de trote. Mais adiante, um segundo saco

de compras. Que rolara em direção à rua, desmantelando-se por sobre o meio-fio. O trote dele transformou-se em corrida; o casacão cinzento desabotoado enchia-se atrás do homem como um pára-quadras. A rua estava vazia à sua frente.

Para sermos mais exatos, não estava totalmente vazia; mas não havia nenhuma pequenina dona de casa. E isso era tudo o que interessava a Chapéu Cinzento. Na esquina seguinte, desfeito sobre um hidrante, jazia o terceiro e último saco de papel pardo. Duas brilhantes latas de conserva haviam rolado de dentro dele; dois garotos atravessando a rua foram na direção do saco, instigados por uma roliça figura maternal postada à janela de um andar superior.

Quando Chapéu Cinzento, por uma dessas coincidências que agora se estavam tornando comuns, alcançou a esquina, Luvas-de-Pele-de-Porco avançava correndo na sua direção, depois de ter contornado o quarteirão pelo outro lado. Juntaram-se e seguiram a mesma direção.

Foram em frente mais uma quadra na direção leste, depois outra para o sul. Era incrível como a moça conseguira ir tão longe em tão pouco tempo. Precisamente além da esquina seguinte, a pequenina e arisca dona de casa, já sem pacotes e sem chapéu, velejava a toda, apertando os braços no corpo como em geral fazem as mulheres quando correm. Que ela pudesse ir a alguma parte com saltos daquela altura, e a distância a que chegara, e na andadura em que marchava, bem mostrava a que limites a mecânica do homem pode se obrigar.

Na metade da quadra, uma porta pareceu engoli-la de repente; ela desapareceu. As fitas de crepe branco e roxo que assinalavam a porta flutuaram à sua passagem. Depois que ela desaparecera, a porta de vidro ainda balançava lentamente nos gonzos relutantes.

No justo momento em que era tarde demais para vê-la, Luvas-de-Pele-de-Porco e Chapéu Cinzento dobraram a esquina e correram para a próxima. Mas não dobraram nela. Parado ali, um homem idoso aproximou-se a um sinal deles e disse-lhes algo.

Como se fosse apontar, fez um gesto abortivo com o braço, que um deles fez com que abaixasse com uma palmada. Mais uma vez, como já tinham feito antes, separaram-se. Chapéu Cinzento ficou onde estava, torcendo a aba do chapéu mais para cima dos olhos. Luvras-de-Pele-de-Porco dirigiu-se com rapidez em direção a um detalhe, um detalhe quase imperceptível que havia localizado segundos antes. Um disco esmaltado azul e branco fixado ao lado de uma vitrine e que dizia "Telefone Público".

O crepúsculo se transformava em noite; os combustores da rua estenderam subitamente fileiras serradas de luzes a perder de vista...

No segundo pavimento do prédio em cujo vestíbulo desaparecera, a moça de jeito arisco encostava-se contra uma porta, esbaforida, mole como uma boneca de pano, evitando qualquer barulho, o rosto colado à madeira para melhor abafar a respiração. Suas mãos vagavam para cima e para baixo em cada um dos seus lados, sem bater, apenas empurrando a porta, incoerentemente procurando acesso. Voltou-se apenas uma vez para olhar assustada em direção à escada, depois voltou a se comprimir desesperadamente contra a porta. Que se abriu em ruído. Ela então desapareceu como uma sombra; a porta voltou a fechar-se.

Do outro lado da porta, na meia-luz cor de laranja de uma única lâmpada no extremo do longo corredor, ela falou. Um sussurrar, sem nenhum som da laringe.

- Polícia federal, Champ! FBI, Champ! Bem em cima de mim, antes que eu percebesse! - e passou a palma da mão pela testa, cambaleando de tão cansada.

O homem de camisa azul acabara de guardar a pistola automática e de passar a corrente na porta, como se não estivesse ouvindo. Depois percorreram juntos o longo corredor, afastando-se da porta. Na peça nos fundos do corredor, ele dobrou o braço apenas uma vez e fez com que ela se vergasse até o chão.

- E você fez a burrice de voltar pra cá! Diretamente pra cá, como numa perseguição digna de notícia de jornal! - ele estendeu o braço e apagou a luz. Dirigiu-se à parede do lado oposto, sem aberturas, e dali, em diagonal, até as janelas. Como uma teia de aranha, as divisões da cortina riscavam a luz prateada das lâmpadas da rua. Não tocou na cortina, não permitiu nem mesmo que a sua respiração mexesse com elas quando encostou o rosto no pano. Champ Lane, assim na penumbra, muito se assemelhava a um menino. Seu rosto duro, cheio de manchas, estava obscurecido; seu corpo, em silhueta, parecia pequeno, quase enfezado; seus movimentos, tensos, nervosos.

- Eu consegui me safar, Champ. Deixei os caras confusos. - A voz da moça chegou abafada de algum lugar da escuridão da peça, atrás dele. - Precisei despistá-los nuns quarteirões vazios, não sabia o que fazer, que rumo tomar. Se tivesse ficado na rua, eles teriam me pegado com toda a certeza...

- Por que não se jogou no rio, então? - disse ele, irritado, olhos lampejando atrás das interseções do estreito retículo da cortina.

Ela se levantou, abriu a porta de um armário, escondeu-se entre a porta e o interior do armário, longe da vista das janelas. Um papel de lixa rangeu, houve um fugaz clarão de um fósforo, depois a escuridão novamente. Ela saiu do esconderijo com a mão voltada para baixo e dentro dela um cigarro.

- Perdi as compras todas. Não sei o que a gente vai fazer, não posso mostrar a minha cara de novo naquelas lojas. Esse casaquinho de pele de foca é quente demais, e é a única coisa que tenho aqui para sair na rua...

A luz do cigarro dançava inquieta para trás e para diante na escuridão de veludo da peça. No silêncio, quando ela parou de sussurrar, ecoou francamente pelo teto um som macabro e sibilante. Ela estremeceu.

- Ainda estão com aquele defunto lá em cima? - disse, em tom lamentoso, empi-nando a cabeça para o teto. - Por que não levam o cadáver de uma vez? É de enlouquecer qualquer um.

O homem na janela, Champ Lane, centro de interesse de quase todo o país naquelas últimas semanas, não se mexera, não retirara os olhos das duas malhas da cortina que serviam de moldura a cada pupila. Durante todo aquele tempo, ele parecia não ter respirado. Por fim, voltou a falar:

- Você conseguiu despistar os caras! - foi tudo o que disse, voz abafada porém áspera.

De um pulo, sem barulho, ela estava colada às suas costas, espiando a rua por cima do ombro dele. A luz do cigarro no côncavo da mão, escondendo-a da rua. Desta vez ele apenas tocou-a com o cotovelo, bruscamente. Ela se afastou e voltou sem o cigarro.

Do lado oposto da rua, três homens haviam se fundido em um grupo; não olhavam para eles. Separaram-se, cada um deles subiu uma escada diferente de pedras pardas. Um deles vestia capa impermeável. Outro levava uma caixa de violino quase na altura do sôco. Nenhuma porta se abriu para recebê-los no patamar das escadas externas; eles apenas sumiram na sombra. Havia também alguns guardas-civis.

- O tempo vai esquentar - disse Champ, sombrio. Ela puxou-o pela manga.

- Vamos sair. Talvez a gente ainda possa escapar. Isso aqui é um curral, um beco sem saída e sem volta!

- É tarde demais, sua boba, tarde demais. Toda a polícia está atrás de nós.

Um garoto e sua namorada de braços dados haviam dobrado a esquina e seguiam rua adiante. Um homem de repente saiu do vão de uma porta e os abordou; em seguida voltou a se esconder. O casal deu meia-volta e começou a percorrer rápido o caminho por onde viera; o garoto e a garota viraram a cabeça diversas vezes para olhar para trás por cima dos ombros.

- Estão nos isolando...

- Podemos escapar pelos fundos, Champ.

- Se eles estão nesta rua aí, estarão também na outra lá atrás.

Ele afastou-se da janela e vestiu um casaco. No mesmo instante, o azul espectral da camisa fundiu-se num preto invisível. Mais uma vez tirou a arma de sob a roupa.

- Não vão me pegar vivo - disse, calmo.

O vago balido que se filtrava pelo teto soou mais fúnebre do que nunca, na sufocante tensão do silêncio; era como a monótona toada de flauta dos encantadores de serpente, ou o assobio de um vendedor de amendoins na esquina de uma rua erma.

Champ Lane tinha lá seu senso de humor; pervertido, mas tinha. Seus olhos se dirigiram ao teto.

- Vamos, paciência, vocês aí - falou, com um risinho surdo - que ainda vão subir mais dois.

Sua acompanhante pestanejou, sobressaltada, como se tivesse recebido um golpe.

Lá fora, na rua, um táxi parou, dando a volta com dificuldade. Um agente saltou do estribo quando ele pôs-se a percorrer a rua em sentido contrário, na contramão. Quase simultaneamente as luzes iam se acendendo nas casas do outro lado. Casas que iam ficando vazias, mortas. Uma mulher, guiada por um policial, saiu de uma delas atarantadamente, com uma gaiola na mão. O policial tocou-a no cotovelo e ela seguiu, rua afora, bamboleando-se toda, em busca de segurança.

- Agora vai chegar a hora - disse Champ Lane, mostrando os dentes no que poderia ser um riso cínico.

De repente o lamento que vinha do velório lá em cima parou como se cortado a navalha. O zumbido irritante de uma bateria de campainha, claramente audível através do forro fino, tomou o seu lugar: "z-z-z-z". Envolta com o zumbido vinha o ruído de passos precipitados e em tumulto, como se alguém estivesse sendo coagido a sair.

Depois, era incrível, soou no próprio apartamento deles; mais alto, tão irritante ou irritado como um ninho de vespas assustadas no outro extremo do corredor.

- O que será que eles esperam que eu faça? - disse ele. - Que apareça na porta com as mãos para o alto? Vai até lá atender - ordenou, laconicamente - senão eles terão certeza que o apartamento é esse...

Ela seguiu pelo corredor sem fazer barulho.

- Quem é? - disse através do olho mágico.

- Saiam todos! Desçam todos para a rua! É uma ordem do Departamento de Justiça! Ela voltou.

- Eles estão evacuando o prédio.

- Isso significa... gás - interpretou ele.

- Champ - rogou ela com voz rouca -, não fique aqui para morrer de costas para a parede! Não se fie no arsenal que você deixou lá na cozinha, você tem todo o governo contra você. Os minutos estão passando; assim que eles evacuarem os outros apartamentos será tarde demais...

Um barulho incessante de tropa chegava da armação de ferro galvanizado da escada, na portaria do prédio; todos os passos seguiam numa direção, todos os passos desciam. Era mais vibração do que som. O zumbido vinha de mais longe e novas portas se abriam. Embaixo, em cima, em outro ponto do mesmo andar. O som fino e penetrante de repente atingiu volume máximo, mas já não era em cima das cabeças dele; descia e contornava o vão da escada, saía na rua, lá embaixo.

Champ avançou com agilidade, como se flutuasse.

Novamente junto à janela. Uma figura, relutante e curvada, de luto de viúva, estava sendo conduzida para o outro lado da rua, um policial ao lado, o zelador do prédio do outro lado, ambos a ampará-la.

A mulher de Champ devia estar lá na porta, sem que ele soubesse; provavelmente Champ daria um tiro nela, sem querer. E ela veio correndo para junto dele.

- Terraço, Champ, o terraço...

- Quem pensa você que eles são? Uns idiotas? - foi tudo o que ele disse, sem virar a cabeça.

- Então vá morrer no quarto pelo menos, lá é aberto, e não trancado aqui como numa lata de sardinhas! Deste andar pra cima, a escada está livre. Vamos tentar, pelo menos. A gente pode voltar, se não der certo... - e ela puxava-o com todas as mãos pelo braço esquerdo.

- Muito bem - disse ele, de repente. - Lá embaixo estão todos preparados. Vou começar. Vai acontecer de qualquer maneira... e em toda a minha vida sempre fui o primeiro a atirar. Pode se despedir do seu amigo de capa impermeável.

Ela mal podia divisar o vulto por cima do ombro dele, através das cortinas e da vidraça, lá no alto de uma das escadas externas, do outro lado, fazendo sinal para alguém que não se via dali.

Ele não tocou nem na cortina nem na vidraça. "Cuidado com os olhos!" Ela desviou a cabeça, como defensiva. Soou como um canhão. O relâmpago iluminou os rostos dos dois enquanto estilhaços de vidro saltavam em volta dele como gotas de chuva. A cortina estremeceu: tinha agora um buraco chamuscado. O vulto que estava lá na escada mergulhou sobre os vinte degraus de pedra parda, rolou pela calçada e caiu no meio-fio.

Na mesma hora todo um mundo insuspeitado de insetos ganhou vida. Bandos de borboletas amarelas voaram alvoraçadas de cada vão de acesso ao subsolo, de cada escada externa. Enxames inteiros de irritadas abelhas pareciam atraídas pelas duas janelas e se agitavam no interior do apartamento, como os feijões saltitantes do México. Num instante, não restou um único fragmento de vidro em nenhum dos caixilhos. Champ pulou para trás, praguejando, e jogou-se ao chão, arrastando com ele a mulher. As cortinas dançavam. Línguas de fumaça saíram da linha dos tetos opostos e flutuavam no céu noturno. O raio de um holofote se projetou para baixo e encaixou a zona das janelas, lançando no seu interior um branco de talco.

Ambos estavam de barriga coladas no chão, arrastando-se como cobras em busca da proteção na entrada do edifício, a moça na frente. Champ balançava o corpo na esteira de sua arma, como um leme de um barco em dificuldade. Mergulhou o queixo no tapete e, tomando como ponto de referência uma cornija do outro lado da rua, atirou por aproximação no holofote. O vidro emitiu um doloroso som de flauta, a espiral que centralizava o fecho de luz ficou amarela, depois vermelha e finalmente apagou-se. O próprio fecho desapareceu como uma linha branca que alguém raspasse. Durante um minuto eles mesmos nada puderam ver, e muito menos os outros que os cercavam lá de fora.

Ele seguia atrás da mulher, tateando o salto de sapato dela; depois os dois se levantaram atrás da parede do vestíbulo.

- Vamos - disse ele. - Temos dez minutos de vantagem. Eles devem achar que Frankie ou alguém mais está aqui comigo.

A vidraça de uma janela que dava para uma área, nos fundos, fez-se em pedaços logo depois que passaram diante dela; seus vultos esquivos deviam recortar-se contra a parede clara, atrás deles.

- Os tiras estão lá nos fundos também - resmungou ele. Jogou a arma na cozinha, apanhou outra cheia de balas, de um armário onde elas pendiam no lugar das louças. Era um local completo de munições. À porta do apartamento, passou para diante da mulher, deslizou para a volta da escada, espiou a entrada do andar de baixo. A mulher, ao contrário, dispunha-se a subir.

- Champ, não! - sussurrou. - Já estamos suficientemente enrascados!

A arma dele vomitou fogo mais uma vez e a espessa vidraça de uma porta caiu em cacos lá embaixo. Um enxame de abelhas voou em direção ao segundo andar, fazendo um barulho semelhante ao de um moinho de café e a parede lisa ficou toda pontilhada. Mas ele já se preparava para pegar o terceiro andar, atrás dela.

- Metralhadora de mão - disse. - Só está faltando capacete e bandeira! Cruzaram correndo o terceiro andar, passaram em frente

da porta com a grinalda de crepe e seguiram para o quarto andar. Eram os donos do prédio. Lá embaixo parecia a parada de Dia da Independência. No quarto andar, alguém deixou cair o guardanapo do jantar na pressa de sair. Um rádio esquecido continuava a tagarrelar: "... e então Pedrinho Coelho disse ao Grande Lobo mau..."

Acima do quarto andar, a escada perdia sua aparência de mármore e empinava-se mais ainda. Pararam diante da porta que levava ao terraço. "Apague aquela lâmpada!", ordenou ele, com a mão no ferrolho. A mulher deu um pulo mas não a alcançou.

- Está bem, deixe. - Apontou a arma para a lâmpada quase sem mirar e a lâmpada estourou como um balão.

Esperou que a mulher se aproximasse, correu o ferrolho e empurrou a porta do terraço com os ombros. Assim que ela abriu, como se fosse meio-dia e não noite plena, jorrou pelo vão um jato de luz. Varando o fecho do holofote, as abelhas cantavam ao lado da porta de metal. Uma delas ricocheteou de leve nos pés da mulher, num dos degraus. Ela afastou-a com um pontapé.

- Só falta terem mobilizado a Guarda Nacional - disse ele, sarcástico. Desceram de novo, colando-se à parede, do lado contrário do corrimão. Na rua, um inútil bombardeio seguia seu curso, dirigido contra coisa alguma. Alcançaram o terceiro andar sem problemas. A mulher de Champ apanhou o guardanapo abandonado e conservava-o apertado na mão. Tornaram a passar pela porta com a grinalda que os desesperados oradores do apartamento haviam apenas encostado, deixando um fresta de poucos centímetros.

Vacilante, ele parou. Ela colocou a mão no seu braço:

- Ai... você está ferido... sangrando...

- Não é nada - disse ele, simplesmente. - Foi aquela primeira rajada. Me empresta este guardanapo... - E tomou-o da mão dela, enrolou-o no braço embaixo do bíceps e deu-lhes as pontas para que ela o amarrasse.

- Não vou te deixar, Champ...

- Você vai fazer o que eu disser. Estou bem. Deixe de choramingar por minha causa. É só um pouco de sangue. - Empurrou-a, subiu os primeiros degraus e logo parou.

- Você sabe o que eu vou fazer, não sabe?

Ela parecia assustada... de um modo diferente. Os olhos dele traziam uma expressão dura, determinante.

- Então me escute direitinho... Não se preocupe. Logo que puder eu telefono para Eddie. Deixo um recado com ele, está me escutando?. .. Nada de fazer bobagens. Vá, ande...

- empurrou-a.

Ela se esgueirou, medrosa, para baixo, mais um lance de escada, em direção ao segundo andar. Lá em cima, Champ punha fogo em pedaços de madeira. Os estampidos da pistola dele se afogavam diante do pipocar das bombas de gás que agora entravam pela janela do apartamento do segundo andar.

Ela foi descendo, cambaleando através da fumaça do gás, a mão apertando os olhos ardentes. Foi conduzida para a rua, e a barragem contra as janelas desfez-se como que envergonhada. Em cada lado do cordão de isolamento havia massas humanas; espectadores diante da faixa de calçada onde se diria haver a encenação de uma peça.

Ela entrou no centro do palco cercada por um grupo de homens. Parecia tão frágil e juvenil para se tornar o centro de tanto barulho e emoção... Talvez não estivesse chorando, mas o gás dava esta impressão.

- Onde está ele? - lhe perguntaram.

- Saiu logo no começo - disse ela simplesmente. - Deve ter passado pelo meio dos senhores, misturado com os moradores. Não consegui fazer a mesma coisa porque já tinham me visto hoje à tarde... - E esboçou um sorriso triste.

Os policiais invadiram o apartamento e apreenderam o variado arsenal depositado na cozinha.

O edifício foi vasculhado de alto a baixo. Parecia que a moça tinha falado a verdade. Mais uma vez, como em outras tantas, Champ Lane escapara por um triz. Precisariam jogar a rede de novo. Pelo menos tinham a mulher.

Os outros moradores tiveram permissão para voltar a seus respectivos apartamentos e ela foi levada à sede local do FBI para ser interrogada. Um interrogatório que continuou implacavelmente pelo resto da noite, até a manhã do dia seguinte. Ela conseguiu convencê-los de que não sabia quem era Champ, pelo menos de que não sabia que se tratava de um criminoso procurado pela polícia quando se casou com ele, há apenas três semanas. A semelhança de nome entre seu marido e o gângster, achara na ocasião que se tratava de simples coincidência. Lane, afinal, não era um sobrenome raro. Mesmo quanto ao apelido, Champ ("Campeão"), ela pensara que lhe deram por pura alusão ao gângster. Champ Lane não cometera (eles sabiam tanto quanto ela) nenhum ato criminoso durante aquelas três últimas semanas; estava foragido.

- Mas se não sabia, como explica que tenha fugido de dois dos nossos agentes hoje à tarde?

Àquela altura, já sabia, confessou; deduzira nesse meio-tempo pela coleção de armas na cozinha; pela sua semelhança com fotografias do Lane real. Pensara em abandoná-lo na primeira oportunidade mas ele a vigiava o tempo todo. Quis evitar a prisão hoje à tarde por temer ser obrigada a revelar o esconderijo dele. Pelo que ficaria em perigo pelo resto da vida, pois conhecia que tipo de homem ele era.

Tudo isso pareceu convincente quando ela falou. Estava calma e nas suas respostas havia a compostura de quem tem a consciência limpa. Era apenas uma moça que se enredara naquela história pelo coração, eis tudo; não parecia criminosa. Mas se os policiais tinham percebido a única e evidente discrepância entre seu depoimento e os fatos -ou seja, dois tiros, um da janela e outro da escada, depois de o edifício ter sido evacuado -, não deram disso nenhuma demonstração. Talvez não fosse do interesse deles. Mesmo que o

agente de capa impermeável não tivesse sido morto, ela sabia da pena contra quem empunhasse armas contra um agente do governo. E se Champ tivesse mesmo fugido como ela dizia, teria sido ela quem dera aqueles dois tiros.

Mas quando o dia se aproximava ia se operando nela uma mudança. Às seis e trinta estava inquieta; às sete e trinta visivelmente nervosa e impaciente; às oito e trinta atormentada, e tumultuada. Mandaram buscar uma xícara de café para ela, sem nenhum efeito. Já em pleno dia, ela começou a estar à beira de um ataque de nervos:

- Ah, por favor, me deixem ir embora! Não estou agüentando! Eu não fiz nada, estou dizendo pra vocês que não sei para onde ele foi! - ela não conseguia nem ficar quieta na cadeira; suas mãos puxavam o lenço a ponto de rasgá-lo. Se não a soltassem, eles teriam um caso de histeria nas mãos.

Depois de uma conferência num compartimento contíguo que lhe pareceu interminável, disseram-lhe que ela seria libertada sob palavra. Deveria ficar à disposição deles para um novo interrogatório a qualquer momento. Se tentasse abandonar a cidade, seria presa.

Dez minutos depois das nove, ela descia precipitadamente a escada. Devia ter pressentido que o objetivo deles, liberando-a assim, de repente, era a esperança de que ela acabaria levando-os ao paradeiro de Champ Lane. Mesmo na sua pressa frenética, ela tomou-se de cautela, muita cautela. Vagou aparentemente sem rumo pela torrente de pedestres; entrou precipitadamente numa loja de departamentos; desceu para o subsolo e

deixou a loja pela saída que dava para uma rua lateral. Atravessou a rua e entrou num hotelzinho sujo mas de aparência respeitável.

Precisava telefonar para Eddie imediatamente. Se recorresse ao telefone público do hall, alguém poderia escutar a conversa. Não tinha certeza se havia conseguido despistar realmente quem quer

que fosse que a estivesse seguindo. Entrou no banheiro das senhoras e pegou o telefone que lá havia.

Em um minuto a voz sussurrada de Eddie lhe chegava pelo fio. Ela identificou-se e perguntou logo se havia notícias de Champ. Ele não sabia:

- Não apareceu. Mas não venha para cá. Me telefone mais tarde. Eu me comunico com você assim que souber de alguma coisa.

- Mas, Eddie, é preciso fazer alguma coisa. - O receptor tilintou no seu ouvido e ela falou, para ninguém em particular, a voz aguda: - Seu braço... o ferimento... ah, meu Deus!

Novamente na rua, era uma mulher desesperada. Seu rosto estava alterado: a boca aberta, os olhos esgazeados. Esqueceu-se completamente que alguém poderia estar lhe seguindo, esqueceu-se de tudo menos de Champ, do ferimento sangrando. . . e de onde estaria ele, deitado, talvez morto... Morto?

Chamou um táxi e deu ao motorista o endereço da véspera.

A grinalda de crepe continuava dependurada na porta da frente, e a não ser pelas duas janelas escancaradas do segundo andar e a vidraça partida, nada havia que testemunhasse a batalha da noite anterior. O zelador varria cacos de vidro da calçada quando ela desceu do táxi e o abordou, o rosto pálido e aflito:

- Voltei para levar minhas coisas. Ele olhou-a por cima dos ombros.

- Quanto mais depressa, melhor.

Ela parecia não conseguir sair dali. Continuou olhando o homem, depois a grinalda, depois o homem, e seus olhos finalmente desviaram-se para a fachada cheia de orifícios de bala.

- A que hora vai sair o enterro? - perguntou ela, com tanta indiferença quanto pôde.

- E é você quem pergunta! Bonito enterro você e aquele vagabundo deram ao finado! Ele já deve estar debaixo da terra lá no Cemitério de Evergreen, o coitado, que descanse em paz.

Ela puxou a porta do táxi e jogou-se sobre o assento. O motorista ouviu um som abafado que ele traduziu para "Cemitério de Evergreen", e para lá se dirigiu. Mas na primeira esquina, havia um outro táxi encostado ao meio-fio com três passageiros. Ela ficou de joelhos assim que seu táxi passou por eles e gritou, através da janela aberta:

- Vamos, podem me seguir... se vocês são da polícia!

- Pare com isso, senhora! - advertiu o motorista, assim que ela segurou seus ombros com ambas as mãos para forçá-lo a acelerar a velocidade. - Senão eu a entrego para o primeiro guarda que aparecer.

Um guarda alcançou-os com sua motocicleta, mas em vez de detê-los passou à sua frente, retendo o tráfego nas ruas transversais para que eles tivessem a passagem livre. Nenhum carro chegou tão rápido ao cemitério como aquele táxi.

Tão rápido que ela já estava atravessando, quase que aos tombos, o portal ornamental e entrando pelo domínio tranqüilo dos arbustos bem-cuidados, por meio aos caminhos tortuosos de chão batido. De repente ela parou, pôs as duas mãos nos lados da cabeça, como se não soubesse que rumo tomar. Um barulho distante, abafado, de uma espoleta alvejando a terra resolveu o dilema por ela. Lançou-se naquela direção como uma flecha jogada de um arco.

A meio caminho, deu de encontro com uma pequena multidão que corria na sua direção; na verdade, espalhavam-se por todos os lados. Gente aterrorizada, aos gritos, emitindo palavras soltas, mais de uma pessoa invadindo o mesmo gramado na pressa frenética de alcançar os portões. Ela teve de lutar para abrir caminho por entre aquela gente até chegar ao ponto onde ocorrera o estouro humano da boiada. Um pastor, igualmente assustado, porém mais corajoso do que os outros, mantinha-se em atitude defensiva sobre um pequeno monte de terra fresca, um livro de reza apontado como que em exorcismo na direção de um caixão que se equilibrava precariamente na borda da sepultura. E enquanto o caixão

praticamente balançava, os lábios brancos do reverendo moviam-se numa exortação acelerada, embora nenhum som saísse de sua boca.

A viúva estava parada junto dele, tremendo.

Logo que a moça chegou, soou um segundo tiro, surdo, dentro do esquife, e sopros de fumaça se filtraram pelos buracos de bala que o caixão devia ter recebido na noite anterior. A mulher de Champ Lane jogou-se ao lado do caixão, apertou-o fortemente num abraço total como se quisesse impedi-lo de rolar para dentro da cova. Percebeu que três homens corriam na sua direção, vindos lá da entrada do cemitério. Reconheceu um deles, que a havia interrogado.

- Por favor, me ajude - soluçou ela. - O senhor me seguiu porque estava atrás de Champ Lane. .. ele está aqui. .. ajudem-me a tirá-lo do caixão...

O rosto do homem adquiriu uma expressão de pura incredulidade.

- Aí, como?!

- Ele ia ficar escondido no caixão. . . até que passasse o cerco... Junto com. . . com um morto. É tão pequeno que podia caber. .. Ia sair assim que os senhores se fossem... mas seu braço ... deve ter sangrado muito. .. Champ deve ter desmaiado e agora... me ajude a tirá-lo daí. .. Uma alavanca, um formão. .. qualquer ferro....

Uma máscara deformada que o terror acinzentara e que tinha uma remota semelhança com as feições vastamente reproduzidas nas fotografias do gângster Champ Lane encarou-os minutos depois, com uma expressão muda e canina de gratidão. Seus inimigos jurados de morte, naquele momento, lhe pareciam como anjos - anjos com algemas.

Entregou-lhes a arma que, na sua vivência de horror, havia descarregado toda quando voltou a si e viu que estava deitado num caixão ao lado de um corpo frio de defunto.

- Eu fiquei. .. debaixo dele ... durante horas... toda a noite ...

Quando os policiais o levaram e quando um deles estendeu a mão com uma algema aberta na direção do seu pulso, o homem durão de pequena estatura, e que fora o terror de quarenta e oito estados, de repente caiu de joelhos. O detetive puxou as algemas antes que Champ Lane pudesse tocá-las com a boca.

- Podem me levar para Atlanta... até para Alcatraz... Podem me levar para qualquer penitenciária, que eu vou me sentir legal em qualquer uma delas!

A manchete de um jornal do dia seguinte foi, de certo modo, o epitáfio de Champ Lane:

ENCURRALADO, O GÂNGSTER BEIJOU AS MÃOS DA POLÍCIA

Tradução de Alves Moreira

80. UM CRIME QUASE PERFEITO

ROBERTO ARLT (1900-1942 | Argentino)

"Buenos Ayres, igualito a los tiempos de Robert Arlt", canta um rock de Fito Paz, em pleno 2002. Uma reavaliação crítica que vem ocorrendo nas últimas décadas mostra que a obra deste maldito dos anos 20,30-principalmente por seu romance Os Sete Loucos, lançado em português na Coleção Latino-América, da antiga Francisco Alves, em 1979; com edição recente da Iluminuras - veio para ficar. E que Buenos Aires, ou a Argentina, da primeira metade do século XX, não se representa só pela voz de Carlos Gardelou por meia dúzia de escritores "oficiais". Já na época, e antes de Borges e Bioy Casares, como se vê com este conto, Arlt lia e escrevia este tipo de "literatura de massa".

As alegações dos três irmãos da suicida foram checadas. Não tinham mentido. O mais velho, Juan, permanecera das cinco da tarde até a meia-noite (a senhora Stevens se suicidou entre sete e dez da noite) detido numa delegacia, por sua imprudente participação num acidente de trânsito. O segundo irmão, Esteban, estivera no povoado de Lister desde as seis da tarde daquele dia até as nove do seguinte. Quanto ao terceiro, doutor Pablo, ele não se afastara em nenhum momento do laboratório de análise de leite da Cia. Erpa, mais exatamente do setor de doseamento da gordura.

O curioso é que, naquele dia, os três irmãos tinham almoçado com a suicida, comemorando seu aniversário, e ela, por sua vez, em nenhum momento deixara entrever uma intenção funesta. Todos comeram alegremente e, às duas da tarde, os homens se retiraram.

Suas declarações coincidiram em tudo com as da criada que, desde muitos anos, trabalhava para a senhora Stevens. Essa

mulher, que não dormia no emprego, às sete da noite foi para casa. A última ordem que recebeu foi a de dizer ao porteiro que trouxesse o jornal da tarde. Às sete e dez o porteiro entregou o jornal à senhora Stevens, e o que fez esta antes de matar-se pode ser presumido logicamente. Revisou os últimos lançamentos da contabilidade doméstica, pois a livreta estava na mesa da copa, com os gastos do dia sublinhados. Serviu-se de uísque com água e nessa mistura deixou cair, aproximadamente, meio garrafa de cianureto de potássio. Pôs-se a ler o jornal, depois bebeu o veneno e, ao sentir que ia morrer, levantou-se, para logo tombar no chão atapetado. O jornal foi achado entre seus dedos contraídos.

Tal foi a primeira hipótese, construída a partir de um conjunto de coisas pacificamente ordenadas no interior da residência, mas esse suicídio estava carregado de absurdos psicológicos e não queríamos aceitá-lo. No entanto, só a senhora Stevens podia ter

posto o veneno no copo. O uísque da garrafa não continha veneno. A água misturada também era pura. O veneno, claro, podia estar no fundo ou nas paredes do copo, mas esse copo tinha sido retirado de uma prateleira onde havia uma dúzia de outros iguais: o eventual assassino não havia de saber qual copo a senhora Stevens escolheria. De resto, o laboratório da polícia nos informou que nenhum copo tinha veneno em suas paredes.

A investigação não era fácil. As primeiras provas - provas mecânicas, como eu as chamava - sugeriam que a viúva morrera por suas próprias mãos, mas a evidência de que, ao ser surpreendida pela morte, estava distraída na leitura do jornal, tornava disparatada a idéia do suicídio.

Essa era a situação quando fui designado por meus superiores para continuar a investigação. A informação de nosso laboratório era categórica: havia veneno no copo que a senhora Stevens usara, mas a água e o uísque da garrafa eram inofensivos. O depoimento do porteiro era igualmente seguro: ninguém visitara a senhora Stevens depois que lhe entregara o jornal. Se após as diligências iniciais eu tivesse concluído o inquérito optando pelo suicídio, meus superiores nada teriam objetado. Porém, concluir o inquérito nesses

termos era a confissão de um fracasso. A senhora Stevens tinha sido assassinada e havia certo indício: onde estava o envoltório do veneno? Por mais que revistássemos a casa, não encontramos a caixa, o envelope ou o frasco do tóxico. Aquilo era eloqüente.

E havia outra questão: os irmãos da morta eram três malandros. Os três, em menos de dez anos, tinham posto fora os bens herdados dos pais, e seus atuais rendimentos não eram satisfatórios: Juan trabalhava como ajudante de um advogado especializado em divórcios. Mais de uma vez sua conduta anterior se mostrara suspeita, dando margem à presunção de chantagem. Esteban era corretor de seguros e havia feito um seguro para sua irmã, sendo ele mesmo o beneficiário. Quanto a Pablo: era veterinário, mas tivera seu registro profissional cancelado pela justiça, após ser condenado por dopar cavalos. Para não morrer de fome empregara-se na indústria leiteira, no setor de análises.

Assim eram os irmãos.

Já a senhora Stevens tinha enviuvado três vezes. No dia de seu "suicídio" estava completando 68 anos, mas era uma mulher extraordinariamente conservada, corpulenta, forte, enérgica, de cabelos viçosos, e tinha condições de pretender novo casamento. Dirigia a casa com alegria e pulso firme. Adepta dos prazeres da mesa, sua despensa estava magnificamente provida de vinhos e comestíveis, e não há dúvida de que, sem aquele "acidente", teria vivido cem anos. Supor que uma mulher como ela seria capaz de suicidar-se era desconhecer a natureza humana. Sua morte beneficiaria cada um dos três irmãos com duzentos e trinta mil pesos.

O cadáver foi descoberto pelo porteiro e pela criada às sete da manhã, quando esta, não conseguindo abrir a porta, que estava trancada por dentro, chamou o homem para ajudá-la. Às onze da manhã, como creio ter dito anteriormente, estava em nosso poder a informação do laboratório. Às três da tarde, eu deixava o quarto em que estava detida a empregada, em sua própria casa, com uma idéia na cabeça: o assassino arrancara um vidro da janela para entrar na casa, e após deitar veneno ao copo recolocara o vidro no

lugar. Era uma fantasia de romance policial, mas convinha verificar a hipótese.

Saí da residência da senhora Stevens decepcionado. Minha especulação era falsa. A massa dos vidros não tinha sido removida.

Decidi caminhar e pensar um pouco, o "suicídio" da senhora Stevens me preocupava bastante. Não policialmente, mas, diria, esportivamente. Estava diante de um assassino sagaz, possivelmente um dos três irmãos, que se valera de um expediente simples e ao mesmo tempo misterioso, impossível de ser detectado na nitidez daquele vazio.

Absorvido em minhas conjeturas, entrei num café, tão ausente do mundo que, embora detestasse bebidas alcoólicas, pedi um uísque. Quanto tempo esteve a bebida, sem ser tocada, diante dos meus olhos? Não sei. De repente, vi o copo de uísque, a garrafa d'água, o pratinho com gelo. Atônito, fiquei olhando aquilo. Uma hipótese dava grandes saltos em meu cérebro.

Chamei o garçom, paguei a bebida que não tomara, embarquei num táxi e fui à casa da criada. No quarto, me sentei à frente dela.

- Olhe-me nos olhos - disse-lhe -, e veja bem o que vai responder: a senhora Stevens tomava uísque com gelo ou sem gelo?

- Com gelo, senhor.

- Onde comprava o gelo?

- Não comprava, senhor. Em casa há uma geladeira pequena que faz gelo em cubinhos - e a criada, como acordando, prosseguiu: - Agora me lembro, a geladeira estava estragada. Ontem, o senhor Pablo a consertou num instante.

Uma hora depois nos encontrávamos na residência da senhora Stevens: o químico de nosso laboratório, o técnico da fábrica que vendera a geladeira, o juiz de instrução e eu. O técnico retirou a água do depósito do congelador e vários cubinhos de gelo. O químico iniciou seu trabalho e, minutos depois, disse:

- A água está envenenada, os cubos também. Olhamo-nos, contentes. O mistério tinha terminado.

Agora era um mero jogo a reconstituição do crime. O doutor Pablo, ao trocar o fusível da geladeira (era este o defeito, segundo o técnico). lançara no congelador certa quantidade de veneno dissolvido em água. Sem suspeitar, a senhora Stevens preparara seu uísque. Retirara um cubinho do congelador (o que explicava o prato com gelo derretido, encontrado na mesa) e o colocara no copo. Sem imaginar que a morte a esperava em seu vício, passara a ler o jornal, até que, julgando o uísque suficientemente gelado, tomara um gole. Os efeitos não tardaram.

Faltava prender o veterinário. Em vão o esperamos em sua casa. Ignoravam onde estava. No laboratório da indústria leiteira nos informaram que lá chegaria só às dez da noite.

Às onze, o juiz, meu superior e eu nos apresentamos no laboratório da Erpa. O doutor Pablo, quando nos viu em grupo, levantou o braço, como se quisesse anatematizar nossas conclusões. Abriu a boca e despencou ao lado de uma mesa de mármore. Um infarto o matara. Em seu armário estava o frasco do veneno. Foi o assassino mais engenhoso que conheci.

Tradução de Sergio Faraco

81. O LADRÃO DESCUIDADO

JOHN DICKSON CARR (1906 -1977 | Estados Unidos)

Este americano de vivência e tradição inglesas – desde 1932 viveu na Inglaterra -, e que também assinou livros como Carter Dickson e Carr Dickson, é autor de mais de cinquenta títulos, romances na maioria. Tem pelo menos um livro de contos, The Third Bullet and Other Stories (1954). Foi leitor, ainda jovem, de Conan Doyle (sobre quem escreveu uma biografia, The Life of Sir Arthur Conan Doyle, 1949), Gaston Leroux e G.K. Chesterton, sua maior influência. O criador do detetive-padre Brown, aliás, um homem gordo e enorme, foi o modelo para o detetive de Carr, esse Dr. Gideon Fell que interfere no final do conto que vamos ler. Um conto na melhor tradição inglesa de mistério dentro de um cômodo, fechado, com vários suspeitos presentes na casa, e resolvido por uma detecção, o que não impede Carr de conseguir surpreender o leitor quase que a cada duas páginas.

Dois convidados, que não iam passar a noite em Cranlegh Court, despediram-se pouco depois das onze horas. Marcus Hunt acompanhou-os até a porta e depois voltou à sala de jantar, onde as fichas de pôquer estavam então empilhadas em montes brancos, vermelhos e azuis.

- Outra partida? - sugeriu Rolfe.

- Não vale a pena - respondeu Derek Henderson. Seu tom, como sempre, era de tédio. - Somos só três.

O dono da casa parou próximo ao bufê e ficou observando-os. O prédio todo, dando para a região de Kent, se achava tão silencioso que as vozes de ambos se elevaram num tom acima da média. A ampla sala de jantar era iluminada suavemente por velas elétricas presas à parede, o que destacava as cores sombrias do quartos.

Não é com freqüência que se vêem na sala comum de uma casa de campo dois Rembrandt e um Van Dyck. Havia uma espécie de desafio naqueles quadros.

Para Arthur Rolfe, o vendedor de antigüidades, os quadros representavam dinheiro suficiente para deixá-lo inquieto. Para Derek Henderson, o crítico de arte, eles eram um problema. O que as obras representavam para Marcus Hunt era difícil de dizer.

Hunt continuou parado ao lado do bufê, os punhos apoiando as ancas, a sorrir. Era um homem atarracado, do tipo mediano, rosto cheio e pele clara. Se alguém o enfeitasse com um par de costeletas, ele lembraria um holandês ideal para um pincel holandês. A frente de sua camisa se enfunava, mal-ajambrada. Ficou observando a cena com irônica alegria enquanto Henderson pegava um baralho; com as pontas dos dedos muito longos, separava-o em dois montes e embaralhava-os com um movimento rápido do polegar, fazendo as cartas entrarem uma dentro da outra, como um truque de prestidigitador. Henderson bocejou.

- Você me surpreende, meu rapaz - disse Hunt.

- Pois é essa mesmo a minha intenção - respondeu Henderson, sempre entediado. Levantou os olhos. - Mas qual o motivo desta sua observação?

Henderson era jovem, alto, magro e sempre de aparência limpa; também usava barba. Uma barba ruiva que despertava a gozação de alguns. Mas ele a usava com absoluta naturalidade.

- Fico surpreso - continuou Hunt - por gostar de uma coisa tão burguesa, tão. .. plebéia quanto o pôquer.

- Gosto de descobrir o caráter das pessoas - disse Henderson - e o pôquer é o melhor meio de se fazer isso, como deve saber.

Os olhos de Hunt se apertaram.

- Ah, sim? E pode descrever o meu caráter, por exemplo?

- Com prazer - respondeu Henderson. Ar distraído, serviu-se de uma mão de cartas, todas viradas para cima. Tinha um par de cinco

e a última carta era um ás de espadas. Henderson fixou os olhos nela durante alguns segundos.

- Consigo perceber - prosseguiu - que você é que me surpreende. Posso ser franco? Sempre o tive na conta de um colosso dos negócios; o sujeito de alta visão, o arrojado, o que joga em grande escala. Mas você não é nada disso.

Marcus Hunt deu uma risada, mas Henderson continuou imperturbável.

- Você é sabido, porém muito cauteloso. Duvido que tenha corrido um risco sério em toda a sua vida. Outra surpresa - serviu-se de mais um lote de cartas - é o Sr. Rolfe, aí presente. Ele é o homem que, dentro das devidas circunstâncias, é capaz de arriscar tudo.

Arthur Rolfe ficou pensando sobre o que acabara de escutar. Parecia um tanto surpreendido, mas bastante lisonjeado. Embora em tipo físico se assemelhasse a Hunt, nada havia de descuidado em sua figura. Tinha um rosto moreno e quadrado, usava óculos e trazia a testa quase sempre vincada.

- Duvido - declarou, muito sério. Depois sorriu. - Uma pessoa que corresse grandes riscos num negócio como o meu em pouco tempo estaria na miséria - lançou um olhar pela sala. - Pelo menos, seria precavido demais para ter três telas que representam mais de cinqüenta mil libras penduradas numa sala desprotegida, com janelas francesas dando para um terraço. - Um tom um pouco mais alto lhe foi notado na voz: - Meu Deus! Suponhamos que um ladrão

. . .

- Mas que diabo! - exclamou Henderson, inesperadamente. Até Hunt se mexeu.

Desde o final do jogo uma atmosfera de inquietação ia se infiltrando entre eles. Hunt apanhara uma maçã de uma fruteira em cima do bufê. E começava a descascar a fruta com uma faca de lâmina fininha e aguçada que brilhava à luz das lâmpadas da parede.

- Você quase me fez decepar o polegar - exclamou ele, largando a faca. - Que foi que aconteceu?

- É o ás de espadas - respondeu Henderson no mesmo tom lânguido de sempre. -É a segunda vez que me aparece nos últimos cinco minutos.

- Sim, e daí? - Arthur Rolfe foi meio brusco.

- Acho que seu jovem amigo está saindo do sério - observou Hunt, novamente de posse de seu bom humor. - Afinal de contas vai descrever caracteres ou ler a sorte da gente?

Henderson hesitou. Seus olhos se voltaram para Hunt e depois passaram para a parede em cima do bufê onde "A velha de touca" de Rembrandt o encarava com a imobilidade e o colorido de uma pele-vermelha. Depois Henderson olhou para as janelas francesas que davam para o terraço.

- Não é da minha conta - murmurou, dando de ombros. - A casa é sua e suas são também a coleção e a responsabilidade. Mas o que acha de Cutler? O que sabe a seu respeito?

Marcus Hunt pareceu se divertir.

- Cutler? É um amigo da minha sobrinha. Harriet conheceu-o em Londres e pediu que eu o convidasse a vir aqui. Bobagem! Cutler é uma pessoa direita. O que é que você anda imaginando, afinal de contas?

- Escutem só! - murmurou Rolfe, com a mão erguida.

O barulho que ouviam vinha do terraço, porém não se repetiu. E não se repetiu porque a pessoa que o provocou, uma agitada e inquieta criaturinha, correu para o fundo do terraço, onde se debruçou no muro.

Lew Cutler hesitou antes de sair atrás dela. O luar estava tão claro que se podia ver a argamassa que ligava as lajotas que

pavimentavam o terraço e traçar um desenho das urnas de pedra, ao longo do muro. Harriet Davis vestia um vestido de noite todo branco. Saias longas e transparentes que arrastavam-se pelo chão enquanto ela corria.

Depois, ela lhe fez um sinal.

Estava meio sentada meio inclinada no corrimão. Seus braços muitos brancos estendidos, os dedos agarrados à pedra. Os cabelos e os olhos escuros tornaram-se ainda mais vivos à luz do luar. Ele vislumbrava o arfar dos seios dela; podia até mesmo acompanhar a sombra dos seus cílios.

- De qualquer maneira, o que ele disse foi uma mentira - falou ela.

- Ele quem?

- O tio Marcus, o que ele disse. Você escutou. - Os dedos de Harriet Davis se apertavam ainda mais na balaustrada. Mas ela sacudiu a cabeça com veemência. - Que eu o conhecia e que o convidei a vir aqui. Eu nunca o tinha visto na vida antes deste fim de semana. Ou o tio Marcus perdeu o juízo ou então. . . Concorda em responder a uma só pergunta?

- Se puder.

- Pois bem. Você por acaso é um escroque?

Ela lhe falou com a simplicidade de que se serviria para lhe perguntar se era médico ou advogado. Lew Cutler não era bobo para rir. Ela se encontrava naquele estado de espírito em que, para qualquer mulher, uma risada é o mesmo que sal numa ferida aberta; com toda a probabilidade, o teria esbofeteado.

- Para ser absolutamente franco, não. Quer me dizer por que a pergunta?

- Esta casa - respondeu Harriet, voltando os olhos para a lua - costumava ser protegida por alarmes contra ladrões. Bastava tocar numa vidraça para que a casa toda badalasse como um Corpo de Bombeiros. Até semana passada - ela tirou a mão da amurada e apertou-as uma contra a outra - os quadros costumavam ficar lá em

cima, num quarto trancado, ao lado dos aposentos dele. Agora ele mandou-os colocar aqui embaixo. .. Dá a impressão de que meu tio está querendo que sua casa seja roubada.

Cutler percebeu que precisava usar o máximo de cautela.

- Talvez queira mesmo - e ia levantar os olhos para ela, mas não fez nenhum comentário. - Por exemplo, suponhamos que um dos Rembrandt não passe de uma imitação. Seria um alívio não ter de expô-lo aos olhos experientes dos seus amigos, ótimos conhecedores de arte.

- A moça sacudiu a cabeça.

- Não, todos os quadros são autênticos. Também tinha me ocorrido essa idéia. Ali estava a ocasião para pegá-lo numa armadilha. Para Lew Cutler, na sua inocência, não parecia haver nenhum problema especial. Tirou sua cigareira do bolso e a abriu.

- Escute, miss Davis, creio que não vai gostar do que eu vou dizer, mas acredite que muita gente desejaria ver esta propriedade roubada. Se um quadro está segurado acima do seu valor, e é misteriosamente "roubado" certa noite...

- Esta teoria também seria aceitável - retrucou Harriet, muito calma -, mas acontece que nenhum dos quadros está no seguro.

A cigareira de metal polido escapou dos dedos de Cutler e foi bater na lajota do chão. Os cigarros se espalharam, tal como havia acontecido com suas confusas teorias. Ao se curvar para apanhá-los, ouviu o relógio de uma torre na vizinhança marcar a badalada das onze e meia.

- Tem certeza disso?

- Certeza absoluta. Ele jamais segurou nenhum dos seus quadros por um só tostão que fosse. Considera seguro um desperdício de dinheiro.

- Mas. ..

- Ah, eu sei! O que não sei é por que estou aqui falando com você destas coisas. O senhor é um estranho, não é? - ela cruzou os braços e encolheu os ombros como se sentisse frio. A incerteza, o

medo e um toque de nervos lhe adejavam nas pálpebras. -Mas acontece que tio Marcus também é um estranho. Sabe o que eu penso? .. Que ele caminha a passos lentos para a loucura...

- Ah, não chega a tanto assim ...

- Sim, é fácil dizer isso. Mas o senhor não o observa quando seus olhos parecem ir diminuindo e todo aquele ar divertido e bonachão vai desaparecendo do seu rosto. Ele não está fingindo. Detesta falsidades e sai do seu caminho para desmascará-las onde as encontra. Mas se não é verdade que esteja ficando louco, o que então estará planejando?

No final de mais ou menos três horas, eles acabaram descobrindo isso.

O ladrão só assaltou a casa lá pelas duas e meia da madrugada. Primeiro, fumou vários cigarros próximo aos arbustos ao pé da terraço. Quando ouviu o relógio da torre dar as horas, esperou mais alguns minutos, subindo logo em seguida os degraus que levavam às janelas francesas da sala de jantar.

Um vento frio soprava naquela hora. Hora dos suicídios e dos pesadelos, sacudindo a grama e a copa das árvores com um leve sussurrar. Quando o homem olhou por cima do ombro, um raio de lua lhe iluminou o rosto, deixando à mostra menos uma face do que o pano negro de uma máscara sob a aba descida de um boné que o cobria até as orelhas.

Pôs-se então a trabalhar na janela central, com um conjunto de ferramentas um pouco menor do que aquele usado por motoristas. Colou dois pedacinhos de esparadrapo no vidro, bem junto do trinco. Depois, com uma ponta de diamante, cortou um semicírculo dentro do adesivo.

A operação não aconteceu sem ruído: a ponta arranhava como uma broca de dentista num dente, e o homem parou para escutar a sua volta. Não percebeu o menor ruído em resposta. Nenhum cão latiu. Com o esparadrapo segurando o vidro, e impedindo assim que caísse e se estilhaçasse, enfiou a mão com luva pela abertura e

torceu a maçaneta. O peso de seu corpo amorteceu o estalar da porta quando a empurrou e a abriu.

Sabia exatamente o que estava querendo. Guardou as ferramentas no bolso e dali tirou uma lanterna. O facho de luz correu para o bufê tocando na prataria brilhante, numa bandeja com frutas e numa faquinha perigosa enterrada numa maçã, como se fosse no corpo de alguém; finalmente subiu pela parede, chegando ao rosto da velha do retrato.

Não era um quadro muito grande e o ladrão soltou-o da parede com facilidade. Tirou fora a moldura e o vidro. Ao tentar enrolar a tela com todo o cuidado, a tinta quebradiça ia largando pedaços minúsculos que feriam o rosto do modelo. O ladrão, tão absorvido pela operação, nem percebeu a presença de outra pessoa na sala.

Era um ladrão descuidado: faltava-lhe o sexto sentido para preveni-lo do assassinato.

Lá em cima, no segundo andar, Lew Cutler acordou com um ruído abafado, produzido pela queda de um objeto de metal. Não chegara a dormir profundamente. Sabia perfeitamente o que devia estar acontecendo, embora não tivesse a menor idéia do porquê, nem do como, nem de quem.

Cutler saltou da cama e enfiou os chinelos assim que ouviu o primeiro barulho lá em baixo. Seu roupão, como sempre que tinha pressa, estava enrolado como um guarda-chuva, desafiando todas as tentativas para encontrar as mangas. Mas a lanterna estava a postos num dos bolsos.

O tal barulho não parecia ter despertado mais ninguém. Com certas possibilidades em mente, jamais em sua vida se movera com tamanha rapidez, assim que saiu do quarto. Sem usar a luz, desceu rapidamente os dois lances de escada coberta de espessos tapetes.

No hall de baixo, sentiu uma corrente de ar que indicava que uma janela ou uma porta fora aberta em alguma parte. Dirigiu-se logo para a sala de jantar. Chegou, no entanto, tarde demais.

Depois de rodear o aposento com a lanterna acesa, torceu a chave de luz. O ladrão continuava ali, nenhuma dúvida. Mas estava estendido completamente imóvel na frente do bufê. E a julgar pela quantidade de sangue que lhe empapava o suéter e as calças, jamais voltaria a se mover.

- Bem ... Aconteceu - observou Cutler em voz baixa.

Um serviço de prata, incluindo o bule de chá, fora derrubado em cima do bufê. Onde caíra o prato de frutas, a vítima jazia de costas, rodeada de laranjas, maçãs e um amassado cacho de uvas. A máscara ainda lhe cobria o rosto; seu boné ensebado estava mais enterrado nas orelhas e tinha as mãos enluvadas bem abertas.

A sua volta, viam-se fragmentos de vidro, juntos com a moldura vazia, e o quadro de Rembrandt estava meio amassado debaixo do corpo. Pela posição das manchas de sangue mais em evidência, Cutler concluiu que o intruso fora apunhalado no peito com a facinória de fruta manchada que estava ao lado dele.

- O que aconteceu? - perguntou uma voz bem junto perto.

Ele não teria ficado mais assustado se a facinória de fruta lhe tivesse tocado nas costelas. Não vira ninguém acender as luzes do hall nem escutara a chegada de Harriet Davis. Ela estava bem atrás dele, enrolada num quimono japonês, com o cabelo bem escuro a lhe rodear os ombros. Mas quando ele lhe explicou o que acontecera, ela não quis olhar para a sala de jantar; recuou sacudindo a cabeça com violência, como uma criança pronta para fugir.

- É melhor ir lá em cima e acordar o seu tio - falou Cutler com energia, revelando uma confiança que não existia. - E os criados. Preciso usar o telefone - depois encarou-a bem dentro dos olhos. - Sim, você tem razão. Acho que você já tinha adivinhado. Sou da polícia.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

- Sim, adivinhei. Quem é você? Seu nome é Cutler mesmo?

- Sou sargento do Departamento de Investigação Criminal. E o meu nome é mesmo Cutler. Foi o seu tio quem me trouxe para este fim de semana.

- Por quê?

- Não sei. Não quis me falar tudo.

A inteligência da moça, embora embotada pelo medo, era direta e desconcertante.

- Mas se ele se negou a dizer por que precisava da presença de um representante da polícia, como foi que o mandaram? Ele tinha de lhes dizer a verdade, não é mesmo?

- Preciso me encontrar com o seu tio - Cutler mudou de assunto.

- Quer ir lá em cima e acordá-lo, por favor.

- Não posso - respondeu Harriet. - Bati na porta do tio Marcus quando desci e ele não estava lá.

Cutler galgou a escada de dois em dois degraus. Harriet acendera todas as luzes ao descer, porém nada se mexia nos corredores superdecorados.

O quarto de Marcus Hunt estava vazio. Sua dinner-jacket estava dobrada e colocada cuidadosamente no encosto da cadeira, a camisa estendida no assento com o colarinho e a gravata em cima dela. O relógio de Hunt tiquetaqueava audivelmente na mesinha de cabeceira. Seu dinheiro e suas chaves também lá estavam. Mas ele não chegara a se deitar, pois as cobertas da cama estavam incólumes.

A suspeita que se levantou na cabeça de Lew Cutler, ali parado ouvindo o tique-taque do relógio àquela hora mágica, pouco antes do amanhecer, era tão fantástica que ele mal podia lhe dar crédito.

Desceu de novo a escada e no caminho esbarrou em Arthur Rolfe, que saía de seu quarto no fundo do hall. O negociante de antigüidades vestia o corpo atarracado com um roupão de flanela. Não usava os óculos, o que dava ao rosto um aspecto turvo e

emba-ciado. Pôs-se à frente de Cutler e recusou-se a se afastar dali.

- Sim - murmurou Cutler -, nem é preciso perguntar. É um ladrão.

- Eu sabia - retrucou Rolfe, calmamente. - Levou alguma coisa?

- Não. Foi assassinado.

Por um instante Rolfe nada disse, mas levou a mão ao peito do roupão como se sentisse uma dor repentina.

- Assassinado? O senhor está querendo dizer que o ladrão foi assassinado?

- Sim.

- Mas por quê? Por um cúmplice, é o que quer insinuar? Quem é o ladrão?

- É exatamente isso que eu pretendo descobrir.

No hall de baixo encontrou Harriet Davis, agora parada à porta da sala de jantar olhando fixamente para a vítima. Embora sem mover um só músculo do rosto, seus olhos estavam rasos d'água.

Pisando com cuidado para evitar as frutas e os cacos de vidro pelo chão, Cutler inclinou-se para o morto. Empurrou a ponta do boné sujo e levantou a máscara preta segura por uma tira de elástico, encontrando assim o que esperava encontrar.

O ladrão era Marcus Hunt, apunhalado no coração quando tentava roubar sua própria casa.

- Como o senhor está vendo - explicou Cutler ao Dr. Gideon Fell na tarde seguinte -, aí é que mora a dificuldade. Por qualquer lado que se encare, esse caso simplesmente não faz sentido.

Mais uma vez ele repassou os fatos.

- Por que razão o homem assaltaria a sua própria casa, roubando coisas que lhe pertenciam? Cada um dos quadros tem um

grande valor e nenhum deles tinha seguro. Conseqüentemente, por quê? O homem seria um lunático, simplesmente? O que imaginava estar ele fazendo?

A vila de Sutton Valence, espalhada como uma branca cidadezinha italiana no ponto mais alto de Weald, estava aquecida e iluminada pelo sol. No pomar das macieiras, atrás da estalagem muito branca, o Dr. Gideon Fell sentou-se numa das mesinhas do

jardim, com um canecão ao lado do cotovelo. O corpanzil do Dr. Fell estava vestido de linho branco. O seu rosto avermelhado fumegava de calor e a preocupação que lhe causavam as vespas dava-lhe uma aparência estrábica enquanto meditava.

- O superintendente Hadley sugeriu que eu desse uma olhada por lá - disse ele. -A polícia local está tratando do caso, não é?

- Sim. Fiquei de mero espectador.

- As palavras exatas de Hadley foram: "O caso é tão maluco que só o senhor mesmo poderá resolvê-lo." Lisonjeador demais, acredito eu - o Dr. Fell franziu o cenho. -Me diga, não reparou em nada de especial nesta história?

- Ora, muito simples: por que motivo alguém iria roubar a sua própria casa?

- Não, não! - grunhiu o Dr. Fell. - Você está se deixando obcecar por este ponto. Vai acabar hipnotizado por ele. Por exemplo, a moça parece ter levantado uma questão bastante interessante. Se Marcus Hunt se negava a dizer por qual motivo desejava a presença de um detetive em sua casa, como é que o Departamento consentiu em mandá-lo para lá?

Cutler deu de ombros.

- Porque o inspetor-chefe Ames pensou que Hunt estivesse planejando algum golpe e queria ver se conseguia impedi-lo.

- Que espécie de golpe?

- Um suposto roubo que lhe desse direito ao dinheiro do seguro dos quadros. É um velho truque recorrer antes à polícia a fim de desviar as suspeitas. Em outras palavras, senhor, exatamente o que

parecia ser, até eu ficar sabendo, e hoje deixar provado, que nenhuma destas malditas telas foi segurada por dinheiro algum - Cutler hesitou. Mas logo prosseguiu: - Não pode ter sido uma simples brincadeira. Olhe para os cuidados que tomou em relação a tudo. Hunt vestiu roupas velhas das quais todas as marcas de fábrica ou de lavanderia foram removidas. Vestiu luvas e máscara. Carregava uma lanterna e um -moderno conjunto de peças que fariam a alegria de um ladrão. Saiu da casa pela porta dos fundos, que encontramos aberta. Fumou vários cigarros ao lado dos arbustos junto ao terraço - encontramos suas pegadas na terra. Cortou um pedaço de vidro ... mas já lhe contei tudo isso.

- E aí - concluiu o Dr. Fell - alguém o matou.

- Sim, esse é o último e o pior dos "porquês". Por que motivo alguém o mataria?

- Hum. .. algum indício?

- Indícios negativos - Cutler tirou a caderneta do bolso. - De acordo com o cirurgião da polícia, ele morreu de uma punhalada direta no coração feita por uma lâmina tão fina que foi difícil encontrar o ferimento, provavelmente provocado pela tal faquinha de frutas. Havia uma série de impressões digitais, todas dele e de mais ninguém. Encontramos ainda alguma coisa bem esquisita. Peças do serviço de chá que estavam em cima do bufê estavam arranhadas, como se, ao invés de serem atiradas ao chão na hora da luta, elas tivessem sido empilhadas umas sobre as outras como uma torre e depois empurradas. ..

Cutler fez uma pausa, pois o Dr. Fell sacudia a cabeça com uma expressão clownesca de lástima.

- Bem, bem, bem - murmurou ele. - Bem, bem, bem. E o senhor chama isso de prova negativa?

- E não é? Não explica por que motivo um homem vai roubar a sua própria casa.

- Escute - falou o Dr. Fell com suavidade. - Gostaria de lhe fazer apenas uma pergunta. Qual é o ponto mais importante desta história? Um momento! Não disse um dos mais importantes, e sim o

mais importante de todos. Sem dúvida nenhuma é o fato de um homem ter sido assassinado.

- Sim, naturalmente.

- Menciono isso - o doutor parecia contrito - porque me parece um tanto esquecido. Mal lhe despertou a atenção, por exemplo. O senhor se preocupa apenas com a tola encenação de Hunt. Pouco se lhe dá que uma garganta tenha sido cortada; o que não admite é que lhe preguem uma peça. Por que motivo não experimenta a outra face do problema e pergunta logo quem matou Hunt?

Cutler ficou em silêncio durante algum tempo.

- Os criados estão excluídos - respondeu finalmente. - Dormem numa outra ala, no último andar. E por alguma razão alguém os trancou à chave na noite passada. Foi preciso rebentar a porta quando a casa entrou em polvorosa. Mas, é claro, o assassino pode ser um estranho.

- O senhor sabe que isso não é verdade - falou Dr. Fell. - Quer fazer o favor de me levar até Cranlegh Court?

Saíram para o terraço na hora mais quente da tarde.

O Dr. Fell sentou-se numa cadeira de vime, a abatida Harriet ao seu lado. Derek Henderson, de flanela branca, apoiava o corpo comprido no muro baixo. Só Arthur Rolfe vestia um terno escuro e parecia deslocado ali. Porque as terras da propriedade, em tons verde e marrom, os quais raramente tomavam um colorido mais intenso, agora ardiam abrasadas pelo sol. Não soprava nenhuma brisa, nenhuma folha se movia naquele brilhante e concentrado calor. E lá embaixo no jardim, à esquerda deles, a água da piscina cintilava sob a luz do sol. Cutler sentia tudo aquilo como um peso nas pálpebras.

A barba de Derek Henderson parecia ao mesmo tempo lânguida e agressiva, quando ele falou:

- Não adianta estar aí a me perguntar por que motivo Hunt pensaria em roubar a própria casa. Mas talvez possa lhe dar uma sugestão.

- Qual? - indagou Dr. Fell.

- Qualquer que tenha sido a razão dele, foi uma boa razão. Hunt era esperto e cauteloso demais para fazer alguma coisa sem uma boa razão a sustentá-la. Foi o que eu lhe disse ontem à noite.

- Cauteloso? Por que afirma isso? - observou Dr. Fell, vivamente.

- Ora, veja só: peço três cartas numa rodada. Hunt pede uma. Eu pago para ver as cartas, ele me observa e aumenta a aposta. Cubro o seu lance e aposto mais ainda. Hunt desiste. Em outras palavras, é mais do que certo que ele estava com a mão cheia, mas não tem certeza se tenho mais do que um par. E mesmo assim entrega os pontos. Ganho de um straight no blefe, com meus três setes. Ele jogou várias rodadas assim ontem à noite.

Henderson pôs-se a rir. Mas ao perceber a expressão triste de Harriet, controlou-se e tornou-se solene.

- A verdade é que ele tinha muitas outras coisas na cabeça ontem, quando estava jogando - acrescentou Henderson, todos percebendo sua mudança de tom.

- Sim, e o que tinha ele na cabeça?

- Desmascarar alguém em quem ele sempre confiara - respondeu Henderson, num tom frio. - Foi por isso que não me agradou virar o ás de espadas tantas vezes durante o jogo.

- É melhor o senhor explicar isso - disse Harriet, após uma pausa. - Não sei o que é que o senhor está insinuando. Ele lhe falou que tinha a intenção de desmascarar alguém em quem sempre confiara?

- Não. Tal como eu, apenas sugeri...

Foi o impassível Rolfe quem entrou na conversa para valer nessa hora. Tinha o ar de alguém resolvido a se ater apenas à lógica, mas com dificuldades de consegui-lo.

- Escutem - exclamou ele -, sempre ouvi falar a respeito da satisfação com que Hunt desmascarava este ou aquele. Muito bem! Mas em nome da sanidade mental, onde vamos chegar com isso? Ele desejava arrancar a máscara de alguém. E para fazê-lo, enfia umas roupas velhas e se fantasia de ladrão. Isso por acaso é sensato? Para mim, o homem estava louco. Não existe outra explicação.

- Existem outras cinco explicações - retrucou o Dr. Fell.

Derek Henderson levantou-se lentamente do muro baixo, mas voltou a sentar-se ante um gesto meio brusco de Rolfe.

- Mas não pretendo tomar o tempo de vocês citando as quatro explicações restantes - continuou o Dr. Fell. - A nós interessa apenas uma explicação: a verdadeira.

- E o senhor conhece essa explicação? E desde quando? - perguntou Henderson, meio exaltado.

- Creio que sim. Desde que tive a oportunidade de ver todos vocês - respondeu o Dr. Fell.

Recostou-se com todo o seu peso na cadeira de vime, fazendo com que ela estalasse como a carcaça de um navio em mar tempestuoso. Seu vasto queixo avançou e ele sacudiu a cabeça como se acentuasse um detalhe qualquer que tinha muito claro na cabeça.

- Já que troquei duas palavras com o inspetor local - prosseguiu de repente -, sei que ele deve chegar aqui dentro de alguns instantes. E seguindo uma sugestão minha, fará um pedido a cada um dos senhores. Espero que ninguém se recuse a atendê-lo.

- Pedido? - disse Henderson. - Que tipo de pedido?

- Hoje está muito quente - disse o Dr. Fell, piscando os olhos, ao apontá-los para a piscina. - Ele vai sugerir que vocês nadem um pouco.

Harriet, impaciente, parecia apelar com os olhos para Lew Cutler.

- Isso será o meio mais delicado - prosseguiu Dr. Fell - de concentrarmos a atenção no assassino. Mas, no momento, permitam que eu chame a atenção de vocês para um ponto nas provas que parece ter sido completamente ignorado. Sr. Henderson, o senhor sabe alguma coisa a respeito de ferimentos no coração feitos por uma lâmina fina como um fio?

- Como no ferimento de Hunt? Não.

- Praticamente não houve hemorragia externa - respondeu o Dr. Fell.

- Mas!.. . - ia dizer Harriet, quando Cutler a interrompeu.

- Na verdade, o médico da polícia se referiu à particularidade do ferimento, "tão difícil de se encontrar". A vítima morre quase que imediatamente e os entornos da ferida se comprimem.

- Mas nesse caso - insistiu Henderson - como é que Hunt tinha tanto sangue no suéter e manchas espalhadas nas calças?

- É simples - respondeu o Dr. Fell, com toda a calma. - O sangue do Sr. Hunt lhe empapou as roupas.

- Não agüento mais - e Harriet levantou-se de um pulo. - Desculpe, mas o senhor acha que todos nós somos um bando de malucos? Por acaso não vimos todos nós o corpo caído, ao lado do bufê, coberto de sangue?

- Sim, claro que viram.

- Nesse caso, podem deixar eu delirar à vontade - exclamou um pálido Derek Henderson.

- Eis aí um bom ponto de vista - disse o Dr. Fell. - Mas com isso fica respondida a sua pergunta, quanto ao motivo de o homem eminentemente sensato que foi o Sr. Hunt ter pensado em se disfarçar de ladrão. E a resposta é curta e simples: não foi isso o que ele fez.

- Deve ser mais do que claro para todos vocês - continuou o Dr. Fell, arregalando os olhos - que o Sr. Hunt estava armando uma cilada para alguém, isto é, para o verdadeiro ladrão. Acreditava que uma certa pessoa tentaria lhe roubar um ou mais dos seus quadros. Provavelmente, sabia que essa pessoa já tentara a mesma coisa outras vezes antes, em outras casas de campo; isto é, um trabalho feito dentro da casa que deixasse a impressão de ter sido realizado por alguém de fora. Por isso, procurou facilitar as coisas para esse ladrão a fim de apanhá-lo com um representante da polícia dentro de casa.

"O ladrão, pobre coitado, caiu na esparrela. Na qualidade de convidado, esperou até às duas e tanto da madrugada. Depois vestiu as roupas velhas, máscara e luvas e saiu pela porta dos fundos. Percorreu todo o itinerário que erroneamente atribuímos a Marcus Hunt. Mas aí a armadilha funcionou. No momento em que enrolava a tela de Rembrandt, ele escutou um barulho. Passou a luz da lanterna em volta e deu com Marcus Hunt de pijama e roupão a encará-lo.

"Sim, houve luta. Hunt atirou-se em cima dele. O ladrão conseguiu se apossar de uma faquinha de frutas e lutou para defender a sua pele. Durante a luta, Marcus Hunt

dobrou o braço do ladrão, segurando-o com força. A faca raspou no peito do ladrão infligindo-lhe um ferimento superficial mas que sangrou em profusão. Isso levou o assaltante à beira da loucura. Apertou o pulso de Marcus Hunt e conseguiu tirar-lhe a faca e o apunhalou no coração.

"Depois, no silêncio da casa que dormia, à luz da lanterna em cima do bufê, o assassino percebe algo que o levará à forca. O sangue do seu ferimento superficial lhe empapara a roupa. Como se livrar dela? Não tinha tempo para destruí-la nem de levá-la para longe da casa. É claro que o prédio seria revistado e não deixariam de encontrá-la. Sem as manchas, passariam por velharias penduradas num guarda-roupa. Mas assim. ..

Só havia uma saída para ele. .."

Harriet Davis, parada atrás da cadeira de vime e protegendo os olhos contra a luz excessiva do sol, não se conteve e falou:

- E aí ele trocou de roupa com meu tio.

- Isso mesmo! - grunhiu Dr. Fell. - Eis aí a triste história. O assassino vestiu a vítima com suas próprias roupas, fazendo um corte no suéter, na camisa e na camiseta. Depois enfiou o pijama do Sr. Hunt e o roupão, que, num momento de aperto, poderia dizer que eram seus. O ferimento de Hunt sangrara apenas de leve. Seu roupão provavelmente se abriu durante a luta, de modo que tudo o que poderia preocupar o ladrão eram apenas uns pingos no casaco do pijama.

"Mas tendo conseguido isso, era preciso fazer crer a todos que não houvera tempo para uma troca de roupa. Era preciso fazê-los acreditar que a luta se dera naquele preciso momento. Portanto, o remédio era acordar a casa toda. Fez barulho, atirando no chão uma pilha de objetos de prata, correndo para cima logo em seguida."

Dr. Fell fez uma pausa. Depois, acrescentou:

- O ladrão jamais poderia ter sido Marcus Hunt. Encontraram as impressões de Hunt por toda a parte, e no entanto a vítima usava luvas.

Ouviu-se um arrastar de pés lá embaixo e logo um par de pesadas botas começaram a subir os degraus de pedra para o terraço. O inspetor da polícia local, abotoado até o pescoço e suando em bicas dentro do uniforme, vinha seguido de dois guardas.

- Ah! - disse o Dr. Fell, satisfeito. - Vieram para a brincadeira da piscina, com certeza. É fácil estancar um ferimento superficial com algodão e esparadrapo ou pano. Mas a coisa fica bastante visível numa pessoa de calção de banho, não é mesmo?

- Mas não é possível que. .. - os olhos de Harriet correram em volta e seus dedos se apertaram no braço de Lew Cutler, num gesto instintivo, que mais tarde ele iria recordar quando a conhecesse melhor.

- Sim - concordou Dr. Fell -, não pode ter sido um sujeito alto e magro como o Sr. Henderson. Tampouco uma moça baixa e esbelta como a senhora. Só existe uma pessoa, segundo sabemos, que regula com Marcus Hunt, podendo assim ter enfiado suas roupas sem despertar suspeitas. É a mesma pessoa que, embora tenha conseguido tratar o ferimento que traz no peito, leva constantemente a mão ao bolso interno do casaco a fim de se certificar de que a atadura continua no lugar. Assim como o Sr. Rolfe acabou de fazer agora.

Arthur Rolfe estava imóvel na cadeira, com a mão enfiada no interior do casaco. Tinha o rosto afogueado pelo calor e pela situação, mas os olhos por detrás das lentes dos óculos continuavam imperceptíveis. E Rolfe, apesar dos lábios muito secos, falou apenas uma vez:

- Eu devia ter escutado o que me disse o jovem Henderson. Foi ele quem me disse que eu iria me jogar numa empreitada arriscada.

Tradução de Alves Moreira

82. A FESTA DE NATAL

REX STOUT (1886 -1975 I Estados Unidos)

Ao longo dos últimos cinquenta anos, Rex Stout mantém seus leitores cativos. Este quaker que faleceu com mais de noventa anos, herdeiro de pelo menos um expediente técnico utilizado com sucesso por Conan Doyle (o personagem central é, claro, Sherlock Holmes, mas a história é narrada por seu auxiliar, o Dr. Watson; no caso, Nero Wolfe é empre "contado" por Archie Goodwin), não escreveu propriamente contos. Só romances e novelas. Como a que se vai ler, com o gordo, gourmet e criador de orquídeas mais famoso da literatura.

I

- Sinto muito - disse, tentando parecer realmente sentido. - Mas eu lhe disse dois dias atrás, na segunda-feira, que tinha um compromisso para sexta à tarde e você concordou. Posso levá-lo a Long Island no sábado ou no domingo.

Nero Wolfe sacudiu a cabeça.

- Impossível. O navio do Sr. Thompson atraca na sexta-feira pela manhã e ele estará na casa do Sr. Hewitt só até sábado ao meio-dia, quando partirá para New Orleans. Você sabe que se trata do maior criador de orquídeas híbridas da Inglaterra, e sou muito grato ao Sr. Hewitt por ter me convidado para passar algumas horas com ele. Se me lembro bem, a viagem levará uma hora e meia, donde deveremos partir às doze e trinta.

Decidi contar até dez, e girei a cadeira de frente para minha mesa de forma a ter um pouco de privacidade. Como sempre, quando não tínhamos um caso importante nas mãos, havia uma semana que nos irritávamos mutuamente. Admito que estava um

pouco sensível, mas o fato de que ele achasse natural mudar meus planos assim era demais. Quando terminei de contar até dez, voltei-me para onde ele estava, espalhado em seu trono, atrás da mesa, e, para aumentar minha irritação, ele retornara ao livro, para me mostrar de forma clara que considerava o assunto encerrado. O que ultrapassava todos os limites: girei minha cadeira, pronto para confrontá-lo.

- Eu realmente sinto muito - disse, tentando não parecer nem um pouco sentido -, mas tenho um compromisso no sábado à tarde. É uma festa de Natal, no escritório de Kurt Bottweill, você deve se lembrar do nome, fizemos um trabalho para ele há alguns meses, o caso das tapeçarias roubadas. Não creio que se lembre de Margot Dickey, uma de suas funcionárias, mas eu me lembro. Tenho saído com ela algumas vezes e lhe prometi

que iria à festa. Nunca fazemos festas de Natal aqui no escritório. Quanto à ida a Long Island, sua idéia de que um carro dirigido por qualquer um menos eu é uma armadilha mortal não tem nenhum fundamento. Você pode ir de táxi, contratar um homem da Baxter ou pedir a Saul Panzer para levá-lo. Wolfe baixou o livro:

- Espero conseguir algumas informações úteis, e preciso de você para fazer anotações.

- O que vai ser impossível, porque não vou estar lá. O secretário de Hewitt conhece tanto de orquídeas quanto eu. Você também.

Talvez as últimas palavras fossem fortes demais, mas ele não deveria ter voltado ao livro. Seus lábios se apertaram:

- Archie, quantas vezes no último ano pedi a você que me levasse de carro a algum lugar?

- Se chama a isto de pedir, eu diria que umas dezoito ou vinte vezes.

- Não me parece muito. Se minha sensação de que você é a única pessoa confiável atrás de um volante é uma idiossincrasia - bem, neste caso, é uma idiossincrasia que eu tenho. Partiremos para a casa do Sr. Hewitt na sexta-feira, ao meio-dia e meia.

Então era assim. Respirei fundo, mas desta vez não tive necessidade de contar até dez. Se era para lhe dar uma lição (e ele realmente estava precisando). eu por sorte tinha comigo um documento que vinha bem a calhar. Do bolso interno de meu paletó tirei um papel dobrado.

- Não era minha intenção lhe mostrar isto hoje, só mais tarde - disse a ele -, mas creio que terá de ser agora. Na verdade, é melhor assim.

Levantei-me, desdobrei o papel e o entreguei. Ele abandonou o livro para pegar o documento, olhou-o, depois olhou para mim, e outra vez para o papel, e deixou-o cair sobre a mesa.

- Pfiu! - bufou com desprezo. - Que bobagem é esta?

- Não é nenhuma bobagem. Como você pode ver, trata-se de uma licença de casamento, para Archie Goodwin e Margot Dickey. Custou-me dois dólares. Eu poderia derramar meus sentimentos, mas vou poupá-lo; tudo que direi é que se afinal fui fisgado, foi por uma especialista. Ela pretende espalhar a notícia na festa de Natal da firma e, é claro, minha presença é necessária. Quando você anuncia que pescou um peixe, é bom tê-lo consigo, para mostrar. Falando francamente, preferiria dirigir com você até Long Island, mas não é possível.

O efeito foi tudo aquilo que eu podia esperar. Olhou-me através de olhos apertados, tempo bastante para contar até onze, pegou e olhou outra vez o documento, que finalmente colocou na beira da mesa, o mais distante possível de si, como se o papel estivesse cheio de germes e temesse algum contágio. Depois me olhou de novo.

- Você está louco - disse clara e pausadamente. - Sente-se.

- Acho - concordei, acenando com a cabeça - que é mesmo como uma loucura, mas e daí? É como nos versos que Margot lia para mim, outro dia, de algum poeta grego, eu acho: "Ó amor, irresistível em seu poder, triunfas mesmo. .."

- Sente-se e cale a boca!

- Sim, senhor - disse sem me mover. - Mas não estamos apressando as coisas. Ainda não decidimos a data e temos muito tempo para acertarmos tudo. Talvez não me queira mais aqui, é uma decisão sua. Por mim, gostaria de continuar. Nossa longa associação teve seus problemas, mas odiaria ter que terminá-la. O salário é bom, especialmente se receber um aumento no primeiro dia do ano, que será na segunda-feira, sem ser esta, a outra. Para mim, esta velha casa é meu lar, embora ela pertença a você, e embora haja duas tábuas que rangem no chão do meu quarto. Gosto de trabalhar para o detetive mais famoso do Ocidente, apesar de suas excentricidades. Gosto de poder subir até a estufa, sempre que tenho vontade, e poder olhar para dez mil orquídeas, em especial para as odontoglossum. Sei apreciar. ..

- Sente-se!

- Estou agitado demais para me sentar. Sei apreciar a cozinha do Fritz. Gosto da mesa de bilhar no porão. Gosto da rua 35. Gosto do painel de vidro espelhado na porta da frente que me permite ver sem ser visto. Gosto do tapete debaixo dos meus pés. Gosto de sua cor favorita, o amarelo. Disse todas estas coisas à Margaret, falei inclusive de sua alergia a mulheres. Discutimos o assunto e chegamos à conclusão de que vale a pena tentar, por um mês ao menos, quando voltarmos da lua-de-mel. Poderíamos dormir em meu quarto e fazer do outro quarto, naquele andar, nossa sala de estar. Existem bastantes armários. Poderíamos comer com você, como eu faço, ou comer lá em cima, se você preferir. Se a experiência funcionar, nos encarregaríamos de comprar os móveis e da decoração. Ela continuaria trabalhando para Kurt Bottweill e não estaria em casa durante o dia, e como ele é decorador de interior, conseguiríamos arranjar tudo por um bom preço. É claro que são apenas sugestões, para sua consideração. Afinal a casa é sua.

Peguei a licença de casamento, dobrei e guardei-a outra vez no bolso. Seus olhos continuavam estreitos, lábios apertados.

- Não consigo acreditar - grunhiu. - E o que vai fazer em relação à Srta. Rowan?

- Vamos deixar a Srta. Rowan fora disto - disse ríspido.

- E as outras milhares de mulheres que você paquera?

- Vou ter de procurar no dicionário o significado de "paquera". Não são milhares, nem mesmo mil. Elas conquistarão alguém, como Margot conseguiu. Como você pode ver, estou louco só até certo ponto. Eu percebo. ..

- Sente-se!

- Não, senhor. Sei que teremos de discutir tudo isto, mas neste momento está irritado demais e seria melhor esperar um dia, dois, ou talvez mais. Sábado à tarde pode ser que a idéia de uma mulher em casa tenha se tornado ainda mais insuportável, ou quem sabe tenha sido digerida e você esteja mais calmo. No primeiro caso, nenhuma discussão será necessária; no segundo, talvez considere a possibilidade de fazer uma experiência; espero que seja assim.

Virei-me e fui embora.

No corredor eu hesitei; poderia subir e telefonar de meu quarto, mas, em seu estado de espírito, ele poderia ouvir a conversa pela extensão, e o telefonema que queria fazer era pessoal. Assim, peguei meu sobretudo e o chapéu para sair, e descendo os degraus de pedra, me dirigi à drogaria da Nona Avenida, encontrei uma cabine vazia e disquei o número. Num momento, uma voz musical - mais um gorjeio que uma voz - estava em meu ouvido.

- Estúdio Kurt Bottweill, bom dia.

- Aqui é Archie Goodwin, Cherry. Posso falar com Margot?

- Claro, só um momento.

Depois de um longo momento, ouvi a outra voz:

- Archie, querido!

- Sim, meu amor. Consegui o papel.

- Sabia que você conseguiria!

- Claro, sou capaz de qualquer coisa. E não é só isto, você falou em cem dólares e eu pensei que teria de gastar no mínimo vinte, mas saiu por cinco. E melhor ainda, fica por minha conta, porque o

que já me diverti com ele vale muito mais que cinco dólares. Quando a gente se ver, conto os detalhes. Devo mandá-lo por mensageiro?

- Não, acho melhor não. Prefiro passar para pegá-lo. Onde você está?

- Numa cabine telefônica. Acho melhor não voltar agora ao escritório porque o Sr. Wolfe está tendo um ataque de raiva e prefere ficar sozinho. Assim, que é que você acha da gente se encontrar no Tulip Bar, na rua Churchill, em vinte minutos? Tenho vontade de te pagar uma bebida.

Ela aceitou, afinal estava lhe oferecendo uma licença de casamento.

II

Às três horas da tarde de sexta-feira, quando o táxi me deixou na calçada, diante do prédio de quatro andares, no East Side, na altura das ruas 60, estava nevando. Se continuasse a nevar assim, teríamos um White Christmas.

Durante os dois últimos dias, desde quando aquela licença de casamento justificara o investimento que eu fizera nela, a atmosfera na casa de Wolfe não fora exatamente festiva. Se tivéssemos uma investigação em andamento, seria inevitável que nos comunicássemos amiúde, mas como não era este o caso, não havia absolutamente nada a dizer, e isto era tudo que dizíamos. A forma como nos comportamos naquele período dava uma idéia fiel de nossas verdadeiras naturezas. Na mesa, por exemplo, eu era reservado e polido, e quando precisava dizer alguma coisa, falava em tom baixo e bem-educado. Quando Wolfe abria a boca era para morder ou latir. Nenhum de nós dois voltou a falar da abençoada condição de homem casado para a qual eu caminhava, nem dos ajustes que teríamos que fazer para isto, ou de meu encontro na sexta-feira com minha noiva, ou de sua viagem para Long Island. Mas, de alguma forma, ele fez os arranjos necessários, pois, às

doze e trinta exatas da sexta-feira, uma limusine negra parou em nossa porta, e Wolfe, com a aba do velho chapéu negro caída sobre os olhos e a gola do novo sobretudo cinza levantada por causa da neve, desceu a escada e parou no último degrau, imenso como uma montanha, até que o motorista uniformizado abrisse a porta - e então ele cruzou a calçada e entrou no carro. Observei a cena do alto, pela janela de meu quarto.

Devo confessar que me senti aliviado e melhor. Sem dúvida, ele merecia uma lição, e não me arrependia, mas se por causa disto houvesse perdido a oportunidade de conversar sobre orquídeas, com o maior criador de híbridos da Inglaterra, suas reclamações não acabariam nunca. Desci até a cozinha e almocei com Fritz, que fora tão perturbado pelo clima da casa nos últimos dois dias a ponto de se esquecer de colocar o suco de limão no suflê. Quis consolá-lo, dizendo que tudo seriam rosas no Natal, o que, é claro, eu não consegui.

Cheguei a pensar em jogar cara-ou-coroa para decidir se passaria a tarde no Museu de História Natural, a fim de contemplar a última exposição de dinossauros, ou se iria à festa no escritório de Bottweill, mas estava curioso em saber o que Margot conseguira com a licença de casamento, e como iam as relações com o pessoal da firma. Seria uma surpresa para mim se ainda estivessem se relacionando de alguma forma. Cherry Quon tinha uma posição aparentemente menor dentro da organização, já que funcionava apenas atendendo ao telefone, ou como recepcionista, mas eu havia visto seus olhos negros enviando dardos envenenados na direção de Margot Dickey, que obviamente estava fora de seu alcance. Pelo que consegui entender, a função de Margot era a de pastorear clientes prospectivos até o curral onde seriam enfeitados pelo próprio Kurt Bottweill, e que a parte de Alfred Kiernan era assegurar-se de que, antes que o feitiço acabasse, o cliente assinasse uma encomenda, na linha pontilhada.

Claro que isto não era tudo; o trabalho devia ser realizado, o que era feito na oficina por Emil Hatch, sob a supervisão de Bottweill. Também era necessário comprar os ingredientes para a

confeccão das encomendas, e os fundos para isto eram administrados e liberados pela Sra. Perry Porter Jerome. Margot me dissera que a Sra. Jerome estaria na festa, acompanhada do filho Leo, o qual eu não conhecia. Segundo Margot, Leo, que não tinha nenhuma conexão com a firma, nem com qualquer outro tipo de trabalho, devotava seu tempo a duas importantes atividades: conseguir com sua mãe o dinheiro necessário para manter uma vida de playboy e interromper o fluxo de caixa da Bottweill, ou pelo menos retardá-lo.

Era um incrível emaranhado, uma interessante mostra de primatas bípedes, vivos e cheios de malícia, que prometiam mais diversão que os ossos de dinossauros mortos. Assim pensando, tomei um táxi para o East Side.

O andar térreo do prédio de quatro pavimentos, que fora antes uma luxuosa residência dupla, era ocupado por um salão de beleza. No segundo andar, havia o escritório de uma imobiliária. No terceiro, ficava a oficina de Kurt Bottweill, e no quarto, seu estúdio. No vestíbulo tomei o elevador automático para o último andar, e abri a porta para a elegância de paredes cobertas com folhas de ouro, que vira pela primeira vez alguns meses antes, quando Bottweill contratara Wolfe para descobrir quem roubara alguns de seus tapetes. Naquela primeira visita, descobrira que a única diferença entre o moderno croma-do e o dourado moderno de Bottweill era a cor. A espessura não passava de um milionési-mo de centímetro, mas nos painéis que cobriam as paredes, na madeira dos móveis e estantes, o dourado dava ao estúdio de amplas janelas um toque especial, ao qual se juntava o moderno dos tapetes, cortinas e quadros. O conjunto faria o perfeito hábitat de um milionário cego.

- Archie! - chamou uma voz. - Venha nos ajudar.

Era Margot Dickey. No canto do outro lado, havia um bar dourado de mais de dois metros, e lá estava ela sentada num banco dourado. Cherry Quon e Alfred Kiernan estavam com ela, e atrás do bar estava Papai Noel servindo uma garrafa de champanhe. Era um toque moderno, a idéia de colocar Papai Noel

servindo no bar, mas não havia nada de moderno em suas roupas, era um Papai Noel tradicional em todos os aspectos, tamanho, roupas, máscara, tudo enfim, não fosse pelo detalhe das mãos enluvadas de branco com que servia o champanhe. Enquanto atravessava a sala, pisando no tapete alto, pensava que as luvas eram mais um toque Bottweill de elegância. Só mais tarde descobri o quanto me enganava.

Papai Noel me serviu uma taça borbulhante, enquanto me desejavam boas festas. A taça não era dourada. Estava feliz de ter vindo à festa. Beber champanhe com uma loura de um lado e uma morena do outro dá a um homem uma sensação de poder, e aquelas duas eram belíssimos exemplares - a loura, alta e elegante Margot relaxando suas curvas no banco alto, e a pequena Cherry Quon com seus olhos negros e amendoados, a postura perfeita da coluna e dos ombros, sem dar nenhuma mostra de rigidez ou tensão. Cherry me chamava a atenção não só por ser como uma estatueta, mas por possibilitar uma nova visão sobre o resultado das relações humanas. Margot me dissera que seu pai era metade chinês e metade indiano, e sua mãe holandesa.

Parecia que eu chegara cedo demais, mas Alfred Kiernan disse que não, os outros estavam por ali e não tardariam a se unir a nós. Disse também que fora uma agradável surpresa a minha vinda, era apenas uma reunião para a pequena família dos empregados da firma e não sabia que haveria outros convidados. Kiernan, cujo título era gerente comercial, ficara sentido com alguma coisa que eu fizera durante a investigação das tapeçarias, e continuava sentido, mas numa festa de Natal um irlandês gosta de todo mundo. Minha impressão era que estava realmente contente de me ver, e assim também fiquei contente em vê-lo. Margot disse que me convidara, e Kiernan deu-lhe um tapinha no braço, dizendo que se ela não o tivesse feito, ele o faria. Da minha idade, e tão bem-apegoado como eu mesmo, era do tipo que podia dar tapinhas no braço de uma rainha ou primeira dama sem causar constrangimentos.

Disse que precisávamos continuar provando champanhe e, virando-se para o bartender:

- Sr. Noel, vamos provar o Veuve Clicquot - e para nós: - É a cara de Kurt providenciar diversas marcas de champanhe. Com Kurt não há monotonia - e de novo para o bartender: - Posso chamá-lo pelo primeiro nome, Papi?

- Claro que sim, senhor - disse Papai Noel, por trás da máscara, numa voz fina que não combinava com seu tamanho.

Enquanto vinha com a nova garrafa, uma porta à esquerda se abriu, e dois homens entraram. Um deles, Emil Hatch, eu já conhecia. Quando nos informara, a mim e Wolfe, sobre as tapeçarias e sobre seu pessoal, Bottweill chamara Margot Dickey de "contato", Cherry Quon de "faz-tudo" e Emil Hatch de seu "bruxo de estimação"; quando conheci Hatch, descobri que não só funcionava como bruxo, mas tinha também o aspecto de bruxo. Não era muito mais alto que Cherry Quon, magro, e alguma coisa empurrava seu ombro esquerdo para baixo, ou puxava o direito para cima, de modo que ele parecia des-conjuntado. Tinha um rosto azedo, uma voz azeda, e deixava você com um gosto azedo na boca.

Quando o estranho foi apresentado como Leo Jerome, entendi quem era. Já conhecia sua mãe, a Sra. Perry Porter Jerome. Era uma viúva, e era um anjo - quero dizer, o anjo de Kurt Bottweill, fora assim que ele a definira. Durante as investigações, falara das tapeçarias como se fossem suas, mas poderiam ser apenas seus modos, era uma mulher de modos. Eu poderia intuir alguma coisa sobre suas relações pessoais com Bottweill, mas não me dera a esse trabalho. Já tenho muito o que fazer com minhas próprias relações pessoais para preocupar-me com as dos outros. Quanto a seu filho, Leo, devia ter herdado seus traços físicos do pai - alto, ossudo, com grandes orelhas e braços longos. Teria uns trinta anos, mais moço que Kiernan, mais velho que Margot e Cherry.

Quando ele se meteu entre mim e Cherry, dando-me as costas, e Emil Hatch começou a dizer alguma coisa, aparentemente azeda, a Kiernan, dei um toque no ombro de Margot, que escorregou com

graça de seu banco e deixou-se guiar por mim até um sofá coberto de desenhos de Euclides em seis ou sete cores. Ficamos ali olhando os desenhos.

- Belíssimo - disse eu -, mas nem de longe tão belo quanto você. Se ao menos aquela licença de casamento não fosse falsa. Poderia tirar uma autêntica por dois dólares. Que é que você diz?

- Você? - disse rindo. - Você não se casaria nem se Miss Universo viesse, com um dote de um bilhão de dólares, e lhe pedisse de joelhos.

- Ela que me tente com uma coisa assim. Funcionou?

- Perfeito, simplesmente perfeito.

- Então estou dispensado?

- Sim, Archie querido. Mas serei como uma irmã para você.

- Já tenho uma irmã. Quero aquela licença de volta como lembrança, de qualquer forma não a quero circulando por aí. Posso ser preso por falsificação. Pode mandá-la pelo correio, meu ex-amor.

- Não, não posso. Ele a rasgou.

- Não acredito. Onde estão os pedaços?

- Ele as jogou na cesta de lixo. Você virá ao casamento?

- Qual cesta de lixo?

- Uma dourada, junto à mesa em seu escritório. Você virá para o casamento?

- Não, não virei. Você partiu meu coração, e o do Sr. Wolfe também ficará partido, quando ele souber. E falando nisso, acho melhor ir embora. Não vou ficar arrastando minha tristeza por aqui.

- Você não tem que parecer triste. Ele não saberá que já lhe contei, de qualquer forma você não terá... Ele está chegando!

Ela partiu rápida para o bar e eu também fui naquela direção. Através da porta à esquerda entrava a Sra. Perry Porter Jerome, toda ela, mais várias voltas de vison que tentavam acompanhar seus movimentos. À sua aproximação, aqueles que estavam

sentados no bar abandonaram seus bancos e ficaram de pé, mas a cortesia poderia ser tanto para ela quanto para seu acompanhante. Ela era um anjo, mas Kurt Bottweill era o patrão. Ele parou a dois metros do bar, estendeu seus dois braços até onde eles alcançavam, e disse alto:

- Feliz Natal a todos, com minhas bênçãos! Feliz, feliz, feliz Natal!

Ainda não conseguira defini-lo. Minha primeira impressão, meses atrás, fora a de que era um daqueles tipos comuns no negócio de decoração, mas eu estava errado, ele era bastante homem. A questão a saber era: que tipo de homem? De estatura mediana, um pouco acima do peso sem ser gordo, quarenta e dois anos, talvez quarenta e três, o cabelo escuro, fino e penteado para trás, e de tal forma colado à cabeça que parecia mais calvo do que era. Não parecia um modelo de beleza, mas havia alguma coisa nele que agradava às mulheres, e aos homens também. Wolfe o convidara uma vez para jantar e tiveram uma longa conversa sobre os manuscritos do mar Morto. Por duas vezes o encontrara em jogos de baseball. Um rótulo para ele não era fácil.

Quando me uni a eles, no bar, Papai Noel estava servindo Mumms Cordon Rouge. Bottweill me olhou com espanto e depois sorriu:

- Goodwin! O que é que você faz aqui? Bom vê-lo. Edith, olhe quem está aqui, seu detetive de estimação.

A Sra. Perry Porter Jerome interrompeu o gesto de pegar uma taça para me olhar:

- Quem o convidou? - perguntou, e continuou sem dar tempo para uma resposta. - Cherry, é claro, ela é um amor e pensa em tudo. Leo, pare de me incomodar. Oh, está bem, pode tirá-lo, está quente aqui - deixou que seu filho tirasse seu casaco, e então pegou a taça. Quando Leo voltou, depois de deixar o vison no sofá, todos nós já estávamos com taças nas mãos, e quando ele pegou a sua, levantamos as taças e nossos olhos se voltaram para Bottweill.

- Existem momentos - disse, olhando para nós - quando o amor nos toma. Existem momentos. ..

- Espere um pouco - interrompeu Alfred Kiernan. - Você também gosta disto. Champanhe nunca foi sua bebida.

- Para um brinde, eu posso suportar um gole, AI.

- Mas não será um prazer. Espere - Kiernan colocou sua taça no bar e saiu pela porta da esquerda. Em cinco segundos, estava de volta com uma garrafa nas mãos; pediu a Papai Noel uma taça enquanto tirava a rolha da garrafa que já fora aberta. Encheu a taça e pude ver o rótulo de Pernod. - Aqui está. Agora estamos prontos.

- Obrigado, AI - disse Bottweill, aceitando a taça cheia. - Meu conhecido vício secreto. - Levantou-a. - Eu repito, existem momentos quando o amor nos toma. (Papai Noel, onde está sua taça? Se é que você pode beber com essa máscara.) Existem momentos quando nossos demônios nos abandonam, quando mesmo o feio fica bonito, quando os ângulos mais escuros de nossa alma são invadidos pela luz, quando o mais frio dos corações se aquece, quando a chamada das trombetas da boa vontade e do espírito de fraternidade consegue calar o ruído insensato da Babel dos homens. Este é um desses momentos. Feliz Natal!

Eu estava pronto para um brinde tradicional, tocando taças, mas o patrão e o "anjo" levaram as suas diretamente à boca, e todos nós fizemos o mesmo. Achei que a eloqüência de Bottweill merecia mais que uma simples prova do champanhe, e com o canto do olho vi que ele também bebia um bom gole de seu Pernod. Enquanto baixava minha taça, meus olhos acompanhavam a Sra. Jerome enquanto ela falava.

- Adorável - declarou. - Simplesmente adorável. Tenho que anotar tudo, para mandar imprimir. Aquela parte sobre a chamada das trombetas... Kurt! O que foi? Kurt!

Deixara cair o copo e tinha as duas mãos na garganta. Quando comecei a me mover, ele largou a garganta e deu um grito, estendendo os braços. Pensei tê-lo ouvido gritar "Feliz!" - mas não

estava ouvindo bem. Outras pessoas também se moviam, mas meus reflexos para emergências eram mais bem treinados que os de qualquer um deles, por isso cheguei primeiro. Acabara de colocar meus braços em torno dele, sufocava, e sua garganta fazia um ruído como de gargarejo, quando um espasmo correu todo seu corpo, da cabeça aos pés, com tanta força que quase não consegui segurá-lo. As pessoas faziam barulho, mas ninguém estava gritando. Alguém me puxava pelo braço enquanto eu tentava dizer-lhes que se afastassem, e de repente o corpo de Bottweill virou um peso morto, e eu caí com ele, se Kiernan não me ajudasse.

Gritei que chamassem um médico, e Cherry correu até a mesa onde havia um telefone dourado. Kiernan e eu deitamos Bottweill no tapete. Estava desmaiado, respirava mal e sua boca espumava. A voz da Sra. Jerome comandava:

- Façam alguma coisa, façam alguma coisa!

Não havia nada a fazer e eu sabia disso. Enquanto eu o segurava sentira seu hálito, e agora, ajoelhado a seu lado, com o nariz a poucos centímetros do seu, reconheci aquele cheiro, devia ter sido uma dose enorme para fazer aquele efeito em tão pouco tempo. Kiernan estava afrouxando sua gravata e colarinho. Cherry Quon gritou-nos que não conseguira encontrar um médico, mas que agora estava tentando outro. Margot se aco-cora a seus pés e tirava-lhe os sapatos - poderia ter dito a ela que o deixasse morrer calçado, mas não o fiz. Eu tinha dois dedos em seu pulso e a outra mão dentro de sua camisa, e podia senti-lo indo embora.

Quando não senti mais nada, abandonei seu peito e pulso, peguei sua mão fechada em punho, endireitei um de seus dedos, e com meu polegar apertei sua unha até que ficasse branca; quando removi a pressão, nenhum sangue voltou e a unha continuava branca. Largando sua mão, tirei alguns fios da fibra do tapete e os coloquei em seu nariz. Disse a Kiernan que não se movesse e, com os olhos fixos nos fios, contei trinta segundos. Os fios não se moveram.

Levantei-me e disse:

- Seu coração parou e ele não respira. Se um médico chegasse agora e lavasse seu estômago com produtos químicos, o que é difícil de acontecer, talvez houvesse uma chance em um milhão. Como as coisas estão...

- Você não pode fazer nada? - cacarejou a Sra. Jerome.

- Não, não posso fazer mais nada. Mas apesar de não ser policial, tenho uma licença de detetive, e há certas coisas que é meu dever fazer nestas circunstâncias. Posso ter problemas se deixar de fazê-lo. É claro. ..

- Faça alguma coisa! - o cacarejo me interrompeu outra vez. Ouvi a voz de Kiernan vindo de trás de mim.

- Ele está morto.

Não olhei para trás, nem lhe perguntei que teste havia feito.

- É claro -- continuei - que sua bebida estava envenenada. Até a chegada da polícia ninguém tocará em nada, especialmente na garrafa de Pernod. E ninguém sairá desta sala. Vocês terão que. ..

De repente eu gelei, e perguntei:

- Onde está o Papai Noel?

Os olhos se voltaram todos para o bar. Ele não estava lá. Na possibilidade de que tudo aquilo fora muito para ele, passei entre Leo Jerome e Emil Hatch para olhar atrás do bar, mas ele também não havia desmaiado.

- Alguém o viu? - perguntei. Ninguém o vira.

- Ele não usou o elevador - disse Hatch. - Tenho certeza. Deve ter. .. - e dirigiu-se para a porta.

- Não, não saia daqui - disse, bloqueando sua passagem. - Eu vejo. Kiernan, telefone para a polícia. Spring, sete-três-cem.

Fui até a porta e, fechando-a atrás de mim, entrei no escritório de Bottweill, que já conhecia de antes. Tinha um quarto do tamanho do estúdio e era muito mais simples, embora fosse, ainda assim, bastante luxuoso. Fui até o fundo e vi pelo painel de vidro que o elevador privativo de Bottweill não estava lá. Apertei o botão,

ouvi o barulho do motor e o som do cabo na roldana, ele estava vindo. Depois que parou, abri a porta, e ali, no chão, estavam as roupas, a peruca, e a máscara de Papai Noel. Não cheguei a verificar se estava tudo ali, porque tinha uma outra coisa a fazer, e não havia mais tempo a perder.

Deixei a porta do elevador aberta com uma cadeira, dei a volta na mesa dourada de Bottweill e encontrei a cesta de lixo dourada. Não estava cheia nem até a metade. Despejei o conteúdo no chão e examinei item por item antes de devolvê-los à cesta. Havia pedaços de papel rasgado, mas nada que viesse de uma licença de casamento. Quando terminei, fiquei por um momento sem saber o que fazer, imaginando se não fizera tudo rápido demais e deixara o papel passar sem vê-lo. Estava quase começando meu exame outra vez quando ouvi um ruído fraco vindo do estúdio que parecia ser da porta do elevador. Fui até a porta e entrei no estúdio. Dois policiais uniformizados decidiam se davam atenção primeiro aos vivos ou ao morto.

III

Três horas mais tarde, estávamos sentados, mais ou menos em grupo, e de pé diante de nós o meu velho amigo e inimigo, sargento Purley Stebbins, da Homicídios, nos examinava, seu queixo quadrado projetado para frente, o corpo grande e musculoso, ereto.

- O Sr. Kiernan e o Sr. Hatch - disse ele - serão levados ao escritório do procurador distrital para serem interrogados. Os outros estão liberados, por ora, mas devem ficar à disposição da justiça nos endereços que forneceram. Antes de irem, no entanto, gostaria de perguntar-lhes de novo, enquanto estão aqui todos juntos, sobre o Papai Noel. Todos declararam não saber nada sobre ele. Ninguém quer mudar esta declaração?

Eram vinte para as sete. Duas dúzias de funcionários municipais - médico legista, fotógrafo, datiloscopistas, o pessoal do rabeção, o circo inteiro - haviam terminado o trabalho de rotina na cena do

crime, inclusive o interrogatório individual das testemunhas oculares. Eu fui o que marquei mais pontos, entrevistado várias vezes, por Stebbins, por um homem do Distrito daquela área e pelo inspetor Cramer, que foi embora por volta das cinco, para organizar a caça ao Papai Noel.

- Não estou me recusando - Kiernan disse a Stebbins - a ir ao escritório do procurador. Não estou me recusando a nada. Mas já lhe dissemos tudo que sabíamos, tenho certeza de que eu disse. Acho que o trabalho de vocês devia ser encontrá-lo.

- Quer dizer - a Sra. Jerome perguntou - que ninguém sabe nada sobre ele?

- É o que dizem - respondeu Purley. - Ninguém nem mesmo sabia que haveria um Papai Noel, segundo seus testemunhos. Bottweill o trouxe aqui, uns quinze minutos antes das três, diretamente de seu escritório. A idéia é que o próprio Bottweill o contratou, que subiu pelo elevador privativo e vestiu a fantasia no escritório. Até certo ponto, a história se confirma. Descobrimos de onde veio a fantasia: da Burleson's, na rua 46. Bottweill telefonou para lá ontem à tarde e pediu que fosse entregue aqui, como encomenda pessoal, em seu nome. A Srta. Quon admite ter recebido o pacote e tê-lo levado a Bottweill, em seu escritório.

Para um tira, você nunca conta, relata ou declara um fato. Você admite.

- Estamos também - admitiu Purley - investigando as agências que podem ter contratado alguém para trabalhar como Papai Noel. Mas isto é um longo trabalho. Se Bottweill conseguiu o homem através de uma agência, é difícil dizer que tipo de pessoa seria. Caso fosse alguém com uma ficha na polícia, seria lógico que escapasse, vendo o problema surgir. Com a atenção de todos voltada para Bottweill, ele saiu da sala sem ser visto, pegou suas roupas onde as deixara, no escritório de Bottweill, e desceu pelo mesmo elevador em que viera. Trocou de roupa descendo ou lá embaixo e deixou a fantasia no elevador. Se aconteceu assim, se era apenas alguém contratado por Bottweill em uma agência, não

teria nenhuma razão para matá-lo. Sem falar no fato de que não saberia do gosto de Bottweill por Pernod, nem onde encontrar o veneno.

- E seria também - disse Hatch, mais azedo que nunca - um completo idiota, para fugir se comprometendo, se fosse apenas alguém contratado por Bottweill. Não seria difícil adivinhar que a polícia acabaria descobrindo quem era. Assim, não seria apenas alguém contratado. Era alguém que conhecia Bottweill e sabia que ele só bebia Pernod, como sabia sobre o veneno, além de ter uma razão para querer matá-lo. Vocês estão perdendo tempo procurando entre as agências.

Stebbins levantou seus ombros largos e pesados e os deixou cair.

- Perdemos a maior parte de nosso tempo, senhor Hatch. Talvez ele estivesse assustado demais para pensar. Quero apenas que entendam que se o encontrarmos, e caso tenha sido contratado desta forma, será difícil acreditar que envenenou aquela garrafa. Mas alguém o fez. Quero que entendam isto, porque assim entenderão o motivo e a importância de estarem disponíveis nos endereços que forneceram. Não se enganem a respeito disto.

- O senhor quer dizer que nós somos suspeitos? - perguntou a Sra. Jerome. - Que eu e meu filho somos suspeitos?

Purley abriu a boca para dizer alguma coisa, mas desistiu. Com pessoas assim, tinha sempre que controlar seus impulsos. Sua vontade era dizer "Não tenha a menor dúvida que sim".

- O que quero dizer - respondeu afinal - é que encontraremos aquele Papai Noel, e quando o encontrarmos, então veremos. Se não foi ele, teremos que procurar em outra parte, e contamos com a ajuda de todos vocês. Assumindo que todos queiram ajudar. A senhora quer nos ajudar, não?

- Ajudaria se pudesse, mas não sei de nada. Sei apenas que um amigo muito querido está morto, e que não pretendo ser ofendida nem ameaçada. E a respeito do veneno?

- A senhora sabe sobre o veneno. Nós a interrogamos sobre ele.

- Sei que me interrogaram, mas e daí?

- Não era difícil deduzir das perguntas. O legista acha que foi cianureto e espera que a autópsia comprove isto. Emil Hatch usa cianureto de potássio em seu trabalho com metais e guarda um vidro com uma boa quantidade dele numa prateleira de armário, na oficina do andar de baixo, e existe uma escada do escritório de Bottweill para a oficina. Qualquer um que soubesse disto e soubesse também que Bottweill tinha uma caixa de Pernod em seu escritório, e uma garrafa aberta na gaveta de sua mesa, não poderia pedir um arranjo melhor. Quatro de vocês admitem que sabiam das duas coisas. As outras três, a Sra. Jerome, Leo Jerome e Archie Goodwin, admitem que sabiam do Pernod, mas negam que soubessem do cianureto de potássio. Isto faz...

- Isto não é verdade! Ela sabia do veneno.

A mão da Sra. Perry Porter Jerome voou por sobre os joelhos de seu filho e acertou um tapa no rosto, ou na boca, de Cherry Quon. Leo segurou seu braço. Alfred Kiernan levantou-se e, por um momento, pensei que fosse esmurrar a Sra. Jerome, e era o que pretendia e provavelmente faria se Margot Dickey não o segurasse pelo paletó. Cherry colocou a mão no rosto, mas não se moveu.

- Sente-se - Stebbins disse a Kiernan - e fique calmo. Srta. Quon, a senhorita diz que a Sra. Jerome sabia sobre o cianureto?

- Claro que sabia - o gorjeio de Cherry era um pouco mais grave, mas era sempre um gorjeio. - Um dia no escritório, ouvi o Sr. Hatch explicando a ela como o usava, e os cuidados que tomava.

- Sr. Hatch? O senhor confirma ...

- Absurdo - interrompeu a Sra. Jerome. - E se assim foi? Talvez ele tenha me dito. Eu esqueci a coisa toda. Já lhe disse que não vou tolerar abusos nem ofensas.

Purley fixou os olhos nela.

- Veja bem, Sra. Jerome. Quando encontrarmos aquele Papai Noel e se for alguém que conhecia Bottweill e tivesse um motivo, pode ser que isto resolva o caso. Senão, não ajudará a ninguém

sentir-se ofendido ou falar em abuso, e isto inclui a senhora. Até onde eu sei, só um de vocês contou uma mentira. E foi a senhora. Isto vai para meu relatório. Estou lhe avisando, e a todos os demais, que mentiras só dificultarão as coisas para vocês, embora às vezes facilite para nós. Vou deixar as coisas como estão, por ora. Sr. Kiernan e Sr. Hatch, estes homens - apontou com o polegar por cima do ombro a dois policiais atrás dele - vão levá-los até à Central. Os outros podem ir, mas lembrem-se do que disse. Goodwin, eu gostaria de falar com você.

Ele já falara comigo, mas eu não ia criar problema. Kiernan, no entanto, tinha uma coisa a resolver, e disse a ele: teria que ser o último a sair para poder trancar o estúdio. As coisas foram arranjadas. As três mulheres, Leo Jerome, Stebbins e eu tomamos o elevador juntos, deixando os dois detetives com Kiernan e Hatch. Na calçada, as pessoas tomaram direções diferentes, e não vi nenhum sinal de que fossem seguidas. Continuava nevando, o que era uma bela perspectiva para o Natal, e para os empregados na limpeza urbana. Havia dois carros de polícia junto ao meio-fio. Purley abriu a porta de um deles e me fez sinal para entrar.

Eu recusei.

- Se também tenho de ir até a Central, não tem problema, mas quero comer antes. Uma vez vocês quase me mataram de fome.

- Você não vai à Central, pelo menos não agora. Entre no carro e sai da neve. Entrei no carro pelo lado do motorista e escorreguei no banco para o outro lado,

dando espaço para ele entrar, e Stebbins precisa de bastante espaço. Ele entrou e fechou a porta.

- Se vamos conversar no carro - eu disse - podíamos ao menos rodar. Não precisa cruzar a cidade, mas poderia deixar-me na rua 35.

Ele se opôs.

- Não gosto de dirigir e falar. Ou ouvir. Que é que você estava fazendo lá?

- Já disse, me divertindo. Três marcas diferentes de champanhe. A Srta. Dickey me convidou.

- Vou lhe dar mais uma chance. Você era a única pessoa de fora ali. Por quê? Você não é ninguém especial para a Srta. Dickey. Ela ia se casar com Bottweill. Por quê?

- Pergunte a ela.

- Nós perguntamos. Ela disse que não havia um motivo especial, sabia que Bottweill gostava de você, e o consideravam de casa desde que você encontrou umas tapeçarias para eles. Não foi muito convincente. E o que quero dizer é que, sempre que encontro você na cena de um crime, quero saber por quê. Estou lhe dando mais uma chance.

Então ela não dissera nada sobre a licença de casamento. Melhor assim, eu preferia comer toda a neve que caíra desde o meio-dia do que ter de explicar ao sargento Stebbins, ou ao inspetor Cramer, a história daquela licença. Por isto, me dera ao trabalho de procurar na cesta de lixo.

- Obrigado pela chance - disse a ele - mas não vou poder usá-la. Já lhe contei tudo que vi e ouvi hoje - isto me colocava na mesma classe da Sra. Jerome, porque não contara da conversa que tivera com Margot. - Disse tudo que sabia destas pessoas, deixe-me em paz e vá procurar seu assassino.

- Conheço você, Goodwin.

- E houve tempo em que você me chamava Archie. Saudosa lembrança.

- Conheço você - sua cabeça estava virada naquele pescoço de touro e seus olhos encontravam os meus. - Espera que eu acredite que o cara saiu da sala sem que você percebesse?

- Isto é loucura. Estava ajoelhado no chão, vendo um homem morrer com os outros em torno de nós. De qualquer forma, você está falando apenas para ouvir a própria voz. Não acredita que eu tenha colaborado, nem com o crime, nem com a fuga do criminoso.

- Não foi isso o que eu disse. Ainda que ele estivesse usando luvas (e por que usá-las, senão para não deixar impressões digitais?), não disse que era o assassino. Mas talvez você soubesse quem ele era, e não quisesse vê-lo envolvido com isto, e assim o deixasse ir, e agora estivesse deixando que gastássemos as solas de nossos sapatos procurando por ele, o que é que me diz disso?

- Seria malfeito. Se eu pedisse meu próprio conselho, seria contra isto.

- Maldição - ele gritou. - Você sabe quem é ele?

- Não.

- Você ou Wolfe têm alguma coisa a ver com sua presença ali?

- Não.

- Está bem, caia fora. Vão precisar de você na Central.

- Espero que não seja hoje, estou cansado - abri a porta. - Você tem meu endereço - saí do carro para a neve, e ele partiu.

Devia ser uma hora boa para conseguir um táxi, mas numa tempestade de neve, na semana de Natal, tive de esperar mais de dez minutos. Quando cheguei na calçada em frente à velha casa da rua 35-0este, já eram oito para as oito.

Como sempre na minha ausência, a porta estava trancada por dentro, e tive que chamar Fritz para abri-la. Perguntei se Wolfe estava de volta, e ele disse que sim, que estava jantando. Enquanto pendurava meu chapéu e meu casaco, perguntei se sobrara algo para comer. Respondeu-me que havia mais do que o suficiente, e deixou que eu passasse e o precedesse no corredor que levava à sala de jantar. Fritz tinha boas maneiras.

Wolfe sentado em sua enorme cadeira, na cabeceira da mesa, deu-me boa-noite sem nenhum traço de agressividade. Devolvi o boa noite, sentei em meu lugar, peguei meu guardanapo e me desculpei pelo atraso. Fritz veio da cozinha com o guisado de pato num prato quente, acompanhava batatas assadas com cogumelos e queijo. Eu me servi uma boa porção. Wolfe perguntou se continuava nevando. Respondi que sim. Depois de começar a comer, eu disse:

- Você sabe que aprecio muito sua regra de não falar de trabalho durante as refeições, mas tenho um peso no peito e não é trabalho, é pessoal.

- Ouvi no rádio, às sete horas, sobre a morte do Sr. Bottweill - ele disse. - Você estava lá.

- Sim. Eu estava lá. Estava ajoelhado ao seu lado quando morreu - coloquei outra garfada na boca. Maldito rádio. Não pretendia falar do assassinato antes de lidar com um assunto que, do meu ponto de vista, era mais importante. Depois de mastigar o bastante para poder falar, continuei: - Farei um relatório completo, se você desejar. Mas duvido que exista trabalho para nós no caso. A Sra. Perry Porter Jerome é a única suspeita com meios para pagar seus honorários, e já avisou a Purley Stebbins que não aceitará abusos nem ofensas. Além do que, quando encontrarem Papai Noel o caso pode se resolver. Quero falar de algo que aconteceu antes da morte de Bottweill. Aquela licença de casamento que lhe mostrei não será usada. A Srta. Dickey desistiu da idéia, e eu perdi dois dólares com a coisa. Ela me disse que decidira casar-se com Bottweill.

Ele passava um pedaço de pão no molho em seu prato.

- Vejam só - ele disse.

- Sim, senhor. Foi um golpe, mas eu me recuperaria com o tempo. Então, dez minutos depois, Bottweill estava morto. Onde isto me deixa? Sentado ali, durante a rotina policial, considerei a situação. Talvez pudesse reconquistá-la, mas não, obrigado. A licença fora rasgada. Tiro outra licença, gasto mais dois dólares, e ela me diz que resolveu se casar com Fulano da Silva. Acho melhor esquecê-la. Vou apagá-la de meu caderninho.

Voltei para o meu pato. Wolfe estava ocupado mastigando. Quando conseguiu falar, disse:

- Para mim, é claro, é uma satisfação saber disso.

- Eu sei que é. Você quer ouvir sobre Bottweill?

- Depois do jantar.

- Bem. Como foi com Thompson?

Mas o assunto não o empolgou. Na verdade nada parecia interessá-lo. Normalmente, ele gosta de conversar na mesa, sobre qualquer coisa, de republicanos a refrigeradores, mas parecia que a viagem de ida e volta a Long Island, com todos seus perigos, o cansara. Para mim estava bom. Também tivera uma tarde cansativa, e um pouco de silêncio caía bem. Quando terminamos com o pato e as batatas, com a salada e as pêras ao forno, com o queijo e com o café, ele empurrou sua cadeira.

- Há um livro - ele disse - que gostaria de ver. Está em seu quarto, chama-se Aqui e Agora, de Herbert Block. Você se importaria em trazê-lo para mim?

Tratava-se de subir dois lances de escada com o estômago cheio, mas sentia-me grato por sua calma aceitação do despedaçar de minhas esperanças matrimoniais. Ele sabia vocalizar, quando queria. Assim, subi para meu quarto feliz, e fui até a estante onde tinha alguns livros. Não havia mais de duas dúzias de livros, e eu sabia bem onde estava cada um deles, mas AquieAgora não estava lá. Onde estaria era um mistério. Procurei em volta e vi um livro sobre a cômoda. Era Aqui e Agora. E sobre ele havia um par de luvas brancas.

Engasguei.

IV

Gostaria de dizer que entendi imediatamente tudo, assim que vi as luvas, mas não foi assim. Tive que pegá-Ias e examiná-Ias, vestir uma delas e tirá-Ia, antes de compreender que havia apenas uma única explicação possível para o fato. Quando entendi, na mesma hora houve um nó de trânsito em meus neurônios, com buzinas estridentes, ruído de freios e colisões. Para lidar com a idéia, precisei me sentar, e levei pelo menos um minuto para chegar à minha primeira e clara conclusão.

Ele usara esse método em vez de me dizer diretamente que era ele o Papai Noel, porque queria que eu refletisse um pouco longe dele, antes de conversarmos sobre o assunto.

Por que queria que eu pensasse no assunto longe dele? Isso seria um pouco mais demorado, mas com o trânsito em minha mente pouco a pouco sob controle, consegui chegar à única resposta possível. Ele decidira desistir da viagem para ver Thompson e, em vez disso, arranjava com Bottweill para comparecer à festa, disfarçado de Papai Noel, porque a idéia de uma mulher vivendo em sua casa ou a alternativa de me despedir o tinha levado ao desespero absoluto, e ele precisava ver com os próprios olhos. Precisava nos ver juntos e se possível falar com Margot. Se descobrisse que a licença de casamento era um golpe, ele me teria nas mãos. Poderia dizer que adoraria nos ver, eu e minha esposa, vivendo em sua casa e observar minha reação. Caso descobrisse que eu realmente pretendia me casar, saberia com que deveria lidar e poderia tomar uma decisão. Mas o principal era a demonstração de quanto eu era importante para ele. Que, em vez de me deixar ir, fora capaz de fazer algo que não faria por um cliente, por dinheiro algum. Ele preferiria passar uma semana sem cerveja a confessar isso, mas agora era um fugitivo da justiça num caso de assassinato, e precisava de mim. Assim, tinha que me fazer saber, mas queria deixar claro que nunca falaríamos sobre seus motivos. Eu deveria assumir que ele fora para o escritório de Bottweill, em vez de a Long Island, pelo prazer de se vestir de Papai Noel e servir no bar.

Considerando esse desenvolvimento, um de meus neurônios tentou apresentar uma questão de ordem: qual seria o tamanho de meu aumento depois do Ano Novo? Mas ordenei que se calasse.

Pensei em outros aspectos do caso. Ele usara luvas para que eu não reconhecesse suas mãos. Onde as conseguira? A que horas chegara no escritório de Bottweill, e quem o vira? Será que Fritz sabia aonde ele fora? Como voltara para casa? Mas logo percebi que não me mandara até meu quarto para tentar adivinhar respostas que ele poderia me dar. Assim voltei a considerar se

havia mais alguma coisa que ele quisesse me fazer pensar sozinho. Depois de um exame detalhado, decidi que não havia. Então peguei o livro e as luvas, desci as escadas e fui encontrá-lo no escritório.

De trás da mesa, seu olhar me acompanhou entrar.

- Aqui está - disse dando-lhe o livro. - E muito obrigado pelas luvas - suspensas pelas pontas dos dedos, eu as sacudi diante dele.

- Não é o momento para brincadeiras - disse irritado.

- Tem razão, não é mesmo - larguei as luvas sobre minha mesa e sentei-me. - Por onde começamos? Gostaria de saber o que aconteceu depois de sua partida?

- Os detalhes podem esperar. Primeiro, qual é nossa situação? Cramer esteve lá?

- Sim, com certeza.

- Ele descobriu alguma coisa?

- Não, e provavelmente não descobrirá, até encontrar Papai Noel. Enquanto Papai Noel não for encontrado, não começarão a olhar em outras direções. Quanto mais tempo demorarem a encontrá-lo, mais convencidos ficarão de que foi ele o assassino. Três coisas sobre ele: ninguém sabe quem era, fugiu, e usava luvas. Deve haver uns mil homens

procurando por ele. Você fez bem em usar luvas, eu teria reconhecido suas mãos. Onde as conseguiu?

- Numa loja da Nona Avenida. Maldição! Não sabia que alguém seria assassinado.

- Claro que não. Posso fazer-lhe algumas perguntas? Fez um muxoxo, que eu resolvi entender como um sim.

- Quando telefonou a Bottweill para arranjar as coisas?

- Ontem às duas e meia da tarde, enquanto você foi ao banco.

- Alguma razão para crer que ele tenha contado a alguém?

- Não. Disse que não contaria.

- Sei que foi ele quem conseguiu a fantasia, isto é bom. Hoje, quando você saiu de casa, ao meio-dia, foi direto para Bottweill?

- Não, saí àquela hora porque era o que você e Fritz esperavam. Parei para comprar as luvas e o encontrei no restaurante Rusterman's, onde almoçamos. Dali, tomamos um táxi até o local, onde chegamos pouco depois das duas, e subimos por seu elevador privativo. Logo que entramos em seu escritório, ele pegou uma garrafa de Pernod, disse que sempre tomava uma dose depois do almoço, e me convidou a beber com ele. Recusei, agradecendo. Serviu-se de uma boa dose, bebeu em dois goles, e colocou a garrafa outra vez na gaveta.

- Meu Deus - disse e dei um assobio. - Os tiras adorariam saber disso.

- Sem dúvida. A fantasia estava lá em uma caixa. Existe um quarto de vestir com um banheiro, no fundo do escritório. ..

- Eu sei. Já o usei.

- Levei a fantasia para me trocar. Ele encomendara o maior tamanho, mas mesmo assim ficou um pouco apertada e eu custei a vesti-la. Creio que fiquei ali meia hora ou mais. Quando voltei, o escritório estava vazio, mas logo depois Bottweill estava de volta, vinha da oficina pela escada, e ajudou-me a colocar a máscara e a peruca. Estava terminando de colocá-las quando entraram Emil Hatch, a Sra. Jerome e seu filho, também vinham da oficina pela escada. Deixei-os e entrei no estúdio, onde já estavam o Sr. Kiernan e as Srtas. Quon e Dickey.

- E logo depois eu chegava. Então ninguém viu você sem máscara. Quando foi que você colocou as luvas?

- Foi a última coisa que fiz antes de entrar no estúdio.

- Então talvez tenha deixado impressões digitais no escritório, mas você não podia saber que haveria um assassinato. Suas roupas ficaram no quarto de vestir? Tem certeza de haver trazido tudo, não ficou nada para trás?

- Claro. Não sou um completo idiota.

- Por que não deixou as luvas no elevador, com a fantasia?

- Porque não vieram com a fantasia, achei melhor levá-Ias comigo.

- O elevador privativo sai no fundo do saguão do térreo. Alguém viu você sair?

- Não, o saguão estava vazio.

- Como voltou para casa? Táxi?

- Não. Fritz não me esperava antes das seis. Caminhei até a biblioteca pública, esperei umas duas horas e então tomei um táxi.

Apertei os lábios e acenei com a cabeça para demonstrar simpatia. Era a caminhada mais longa que fazia desde Montenegro. Quase dois quilômetros, no meio de uma tempestade de neve, e aterrorizado com a lei atrás dele. Mas toda resposta que minha simpatia conseguiu foi um muxoxo de desprezo. Então, não resisti e soltei uma gargalhada. Joguei a cabeça para trás e deixei o riso vir. Estava com vontade de rir, desde que soubera que era ele o Papai Noel, mas estivera ocupado demais pensando. Deixei todo o riso que vinha controlando sair solto. Então ele explodiu:

- Porcaria! - disse irritado. - Case e dane-se!

Isso era perigoso. Era o tipo de atitude que poderia facilmente trazer para a conversa aqueles aspectos do caso que ele achara melhor que eu pensasse sozinho em meu quarto. Se começássemos com aquilo, qualquer coisa podia acontecer. Era preciso tato.

- Desculpe - eu disse. - Alguma coisa agarrada em minha garganta me fez engasgar. Você quer sumarizar a situação, ou quer que eu o faça?

- Gostaria de vê-lo tentar - disse ele sombrio.

- Sim, senhor. Acho que a única coisa a fazer é telefonar agora mesmo para o inspetor Cramer, convidá-lo a vir até aqui e abrir o jogo. Isto será...

- Não, não vou fazer isso.

- A segunda opção seria que eu fosse até ele e contasse tudo. É claro que. ..

- Não! - ele realmente não pretendia fazer nada no gênero.

- Tudo bem! Vou pintar-lhe um quadro. Vão marcar tempo com os outros, até descobrir o Papai Noel. Precisam encontrá-lo. Se ficaram impressões digitais no escritório, elas serão comparadas com tudo que têm nos arquivos; cedo ou tarde chegarão a você. Vão investigar todas as lojas que vendem luvas brancas de algodão para homens. Levantarão os movimentos de Bottweill e descobrirão que almoçou com você no Rusterman's, que saíram juntos, e foram para o escritório dele. Claro que sua ida até lá não prova que você era Papai Noel, talvez você consiga se safar com alguma história, que explicaria também as impressões digitais. Mas e as luvas? Vão descobrir aquela venda, e com uma descrição do comprador, chegarão à identidade de Papai Noel. Você está perdido.

Nunca o vira com uma face mais sombria.

- Se esperar sem fazer nada até o descobrirem - argumentei - vai ser um problema. Há anos que Cramer deseja uma oportunidade assim, e qualquer juiz mandaria prendê-lo por escapar depois de testemunhar um crime. Se, no entanto, você chamar Cramer agora, e eu quero dizer agora mesmo, e convidá-lo para tomar uma cerveja, antes que a coisa se torne realmente séria, ainda seria suportável. Claro que ele vai querer saber que é que você fazia lá vestido de Papai Noel, mas pode contar-lhe qualquer coisa. Diga que apostou cem dólares, ou por que não dizer mil, como passaria dez minutos comigo na mesma sala sem que eu o reconhecesse. Pode contar comigo para confirmar.

- Outra coisa - inclinei-me para falar mais próximo. - Se você esperar até que o encontrem, não poderá mais contar a eles que Bottweill bebeu daquela garrafa de Pernod, pouco depois das duas da tarde, sem se envenenar. Se contar isto para eles, será acusado de esconder evidência, e será difícil se livrar do processo. Se contar agora, Cramer naturalmente não dirá nada, mas ficará feliz com a informação. Ele deve estar no escritório. Devo chamá-lo agora?

- Não, não vou contar nada a Cramer. Não pretendo abrir o jornal de amanhã e ter de ler o relato desta palhaçada.

- Então sente aí e fique lendo Aquie Agora até que venham prendê-lo.

- Não, isso seria estúpido - inspirou lenta e profundamente e então soltou todo o ar. - Vou descobrir o assassino e entregá-lo ao Sr. Cramer. Não há mais nada a fazer.

- É?

- É.

- Você podia dizer isso antes, em vez de me deixar ficar rouco argumentando.

- Queria ver se sua avaliação do caso coincidia com a minha. Coincide.

- Tudo bem. Mas você sabe que podemos ter duas semanas para fazer isto, ou apenas dois minutos. Neste exato momento, um perito pode estar telefonando para a Homicídios para dizer que algumas das impressões digitais coincidem com a ficha de um Nero Wolfe...

O telefone tocou neste momento e a campainha me assustou como se houvesse sido picado por uma agulha. Talvez não tivéssemos nem mesmo dois minutos. Minha mão não tremia quando peguei o fone, pelo menos esperava que fosse assim. Wolfe normalmente não pega seu telefone até que eu descubra quem está chamando, mas desta vez levantamos os fones juntos.

- Escritório de Nero Wolfe, Archie Goodwin falando.

- Aqui fala do escritório do procurador distrital, Sr. Goodwin. Trata-se do assassinato de Kurt Bottweill. Gostaríamos que estivesse aqui amanhã, às dez horas da manhã.

- Claro, tudo bem.

- Às dez em ponto, por favor.

- Estarei aí.

Desligamos. Wolfe deu um suspiro. Eu também.

- Bem - disse eu -, já disse a eles seis vezes que não sabia nada sobre aquele Papai Noel, talvez não voltem a perguntar. Se

perguntarem, será interessante comparar o som de minha voz quando estou mentindo com aquele de quando digo a verdade.

- Agora - ele disse - quero um relato completo de tudo que aconteceu depois que saí, mas antes preciso de pormenores. Em sua íntima associação com a Srta. Dickey, você deve haver descoberto coisas sobre aquelas pessoas, o quê?

- Não muito - limpei a garganta. - Acho que vou ter de explicar uma coisa. Minha associação com Margot Dickey não era tão íntima. - Parei. Não ia ser fácil.

- Escolha seus próprios adjetivos. Não quis sugerir nada.

- Não é uma questão de adjetivos. A Srta. Dickey dança muito bem, muito bem mesmo, e nos últimos dois meses saí com ela para dançar, umas seis ou oito vezes. Segunda-feira à noite, no Clube Flamingo, pediu-me que lhe fizesse um favor. Disse que Bottweill a estava enrolando, havia mais de um ano, com uma história de que se casaria com ela, mas sempre adiando. Queria fazer alguma coisa. Disse que Cherry Quon estava dando em cima dele, e que não pretendia deixar que Cherry o tomasse dela. Pediu-me que conseguisse uma licença de casamento com nossos nomes. Ela mostraria a licença a Bottweill como um ultimato, agora ou nunca. Na hora, me pareceu estar fazendo uma boa ação, não achei que houvesse riscos. Assim, consegui um formulário em branco e falsifiquei a licença, à noite em meu quarto.

Ouvi um ruído, vindo da garganta de Wolfe.

- Isso é tudo - disse. - Mas quero deixar claro que não era minha intenção mostrar aquela licença a você. Só o fiz porque fiquei irritado quando você voltou à leitura de seu livro. Sua memória é tão boa quanto a minha. Para completar, queria lembrar que, hoje à tarde, você deve ter percebido quando me afastei do bar com ela para conversar, pouco antes da entrada da Sra. Jerome e Bottweill. Margot me contou que o truque funcionara. Suas palavras foram: "Perfeito, simplesmente perfeito." Disse que na noite passada, em seu escritório, ele rasgara a licença e jogara os pedaços na cesta de

papel. A polícia não encontrou nada. Eu já procurara na cesta de papel, antes que chegassem, e não estava lá.

Sua boca se movia, mas as palavras não saíam, porque ele a manteve fechada. Não se arriscou a dizer nada. A tentação de envolver-me era grande, adoraria dizer que minha idiotice insuportável era responsável por seus apuros, mas isto traria à tona aqueles aspectos do caso que não queria mencionados. Percebeu isso a tempo, percebeu que eu percebera e se controlou. Finalmente disse:

- Então, você não é íntimo da Srta. Dickey.

- Não, senhor.

- Ainda assim, ela deve haver dito alguma coisa sobre a firma e sobre aquelas pessoas.

- Alguma coisa, sim.

- E um deles matou Bottweill. O veneno foi colocado na garrafa entre as duas e dez, quando o vi beber, e três e meia, quando Kierman foi buscar a garrafa. Ninguém subiu pelo elevador privativo enquanto eu estava trocando de roupa. Talvez não ouvisse alguém entrando no escritório ou abrindo uma gaveta, mas o elevador é ao lado do quarto de vestir e eu certamente o ouviria. É pouco provável que o veneno fosse colocado depois, quando havia três pessoas no escritório com Bottweill. Assim, um dos três, ou um dos três que estava no estúdio, fez isto mais cedo, enquanto eu me vestia. Fale-me deles.

- Não há muita coisa. A maioria vem dos comentários de Margot, feitos na segunda-feira, quando me falou de Bottweill. Estou apenas repetindo o que ela disse. Edith Jerome investiu mais de meio milhão de dólares (talvez a metade disso seja mais realista) na firma dele e pensa que o possui. Ou pensava. Tinha ciúmes de Margot e de Cherry. Quanto a Leo, se sua mãe resolvera dar o dinheiro que ele pretendia herdar para alguém, tentando monopolizar o negócio do folheado a ouro, e talvez até se casar com ele, sabendo do vidro de cianureto, poderia ficar tentado. Kiernan, não sei, mas julgando por um dos comentários de Margot,

e pela forma em que olhava para Cherry Quon esta tarde, eu suspeito que queira misturar um pouco de sangue irlandês com o chinês, indiano e holandês da moça. Se acreditasse que Bottweill ia levá-la dele, talvez também ficasse tentado. Isto foi o que ouvi dizer.

- O Sr. Hatch?

- Não ouvi nada de Margot, mas, lidando com ele durante o caso das tapeçarias, não me surpreenderia se pretendesse acabar com todo mundo por uma questão de princípio. No lugar de sangue, seu coração bombeia ácido. É um artista criativo, segundo sua própria opinião. Pelo que me disse, ele era o responsável pelo sucesso da firma sem receber

nenhum crédito por isso. Não chegou a dizer que considerava Bottweill uma fraude e um blefe, mas sei que pensava assim. Talvez se lembre quando lhe disse que Hatch tinha um complexo de perseguição e você me disse que eu devia parar de usar o jargão de outras pessoas.

- Com ele são quatro, e a Srta. Dickey?

- Dei a ela uma licença para casar, não para matar - disse, levantando a sobrancelha. - Se estava mentindo quando disse que funcionara, ela mente tão bem quanto dança. Talvez seja o caso. Se não funcionou, ela poderia ficar tentada também.

- E a Srta. Quon?

- Ela é meio oriental. Não sou especialista em orientais, mas ouvi dizer que têm os olhos apertados para manter o mistério. É o que os faz inescrutáveis. Se eu tivesse de ser envenenado por algum deles, gostaria que fosse por ela. Exceto pelo que me disse Margot...

A campainha da porta tocou. Aquilo era ainda pior que o telefone. Se tivessem encontrado a pista de Papai Noel, e esta os trouxesse até Nero Wolfe, era muito mais certo que Cramer viesse diretamente do que telefonasse. Wolfe e eu trocamos um olhar. Olhei para meu relógio e vi que eram 22h08. Fui até o saguão e acendi a luz de fora, e olhei pelo vidro espelhado da porta. Meus

olhos são bons, mas a figura estava embrulhada num capote com capuz, então me aproximei mais da porta para ter certeza. Depois voltei ao escritório e disse a Wolfe:

- É Cherry Quon. Sozinha.

- Queria. .. - começou a dizer, mas cortou curto. - Faça a entrar.

V

Como já disse antes, Cherry era bastante decorativa, e ficou muito bem sentada na enorme poltrona de couro vermelha junto à mesa de Wolfe. Deixara que eu guardasse seu casaco, e ainda usava o mesmo vestido de lã que usara na festa. Não era exatamente amarelo, mas de alguma forma amarelado, ou um quase dourado. O vestido, contra o vermelho da poltrona, mais a tonalidade chá da pele de seu rosto escultural, faria uma bela foto.

Sentou-se na beira da poltrona com a coluna reta e as duas mãos no colo.

- Fiquei com medo de telefonar - ela disse - porque o senhor podia dizer que eu não viesse. Assim, vim direto. O senhor vai me perdoar?

Wolfe fez um som que podia significar qualquer coisa. Ela sorriu um sorriso amigável, ou pelo menos foi o que me pareceu. Afinal, era meio oriental.

- Preciso me controlar - disse com sua voz de pássaro. - É tão excitante estar aqui - girou os olhos em torno de si. - Aqui estão as estantes e a luva e o cofre e o sofá e, é claro, Archie Goodwin. E o senhor. O senhor em sua enorme cadeira, atrás de sua mesa! Oh, conheço este lugar! Li tanto sobre o senhor, creio que li tudo que foi publicado. É realmente excitante estar aqui, sentada nesta cadeira, e vê-lo em pessoa. É claro que o vi esta tarde, mas não era a mesma coisa, poderia ser qualquer um dentro daquela fantasia de Papai Noel. Tive vontade de puxar sua barba.

Ela riu uma pequena gargalhada com o som de um sino.

Pensei que o espanto devia ser visível em meu rosto. Foi o que passou em minha mente, depois que a ficha caiu. Estava ocupado demais tentando controlar a expressão em meu rosto para olhar para Wolfe, mas ele deveria estar tão ocupado quanto eu, ou mais, já que ela olhava-o diretamente. Movi meus olhos para ele, quando começou a falar.

- Se a entendi bem, Srta. Quon, não sei o que dizer. Se pensa que me viu esta tarde, vestido de Papai Noel, está enganada.

- Oh, me desculpe! - ela exclamou. - Então ainda não contou a eles?

- Minha querida senhora - sua voz ficou mais áspera. - Se pretende falar por charadas, fale com o Sr. Goodwin. Ele gosta de charadas.

- Eu realmente sinto muito, Sr. Wolfe. Deveria ter explicado antes como soube. Hoje pela manhã, Kurt me contou como o senhor havia telefonado a ele e combinado aparecer na festa como Papai Noel, e esta tarde, quando perguntei se o senhor viria, me disse que já chegara e estava vestindo a fantasia. Foi assim que soube. Mas o senhor não disse nada à polícia? Então foi bom que eu também não dissesse, não é mesmo?

- Muito interessante - disse Wolfe friamente. - Mas o que pretende a senhora com esta história fantástica?

Ela sacudiu a linda cabecinha.

- Logo o senhor, um homem de tanto bom senso? Deve entender que não adianta. Se contar a eles, mesmo que não queiram acreditar, terão que investigar. Sei que não são tão bons investigadores quanto o senhor, mas alguma coisa descobrirão.

Ele fechou os olhos, estreitou os lábios e se recostou na cadeira. Eu mantive meus olhos abertos e fixos nela. Ela devia pesar uns quarenta e seis quilos. Poderia carregá-la debaixo de um braço, com a outra mão em sua boca. Colocá-la no quarto de hóspedes lá em cima não funcionaria, ela poderia abrir a janela e gritar, mas havia um quatinho sem janela no porão, ao lado do quarto de Fritz, com um velho sofá. Ou, como alternativa, poderia pegar meu

revólver na gaveta e matá-Ia. Provavelmente ninguém sabia de sua vinda.

Wolfe abriu os olhos e se endireitou na cadeira.

- Muito bem, é apenas uma história fantástica, mas devo admitir que criaria algum embaraço se fosse levada à polícia. Não acredito que tenha vindo até aqui só para dizer que pretende fazer isso. Que é que a senhora pretende?

- Acho que começamos a nos entender.

- Tudo que entendo é que a senhora quer alguma coisa de mim. O quê?

- O senhor tem uma maneira tão direta - ela reclamou -, tão abrupta, que parece que eu disse alguma coisa errada. Mas é verdade, eu quero alguma coisa. Veja bem, como a polícia acredita que o assassino seja o homem vestido de Papai Noel, não começará a procurar na direção certa antes de encontrá-lo, e aí talvez seja tarde demais. O senhor não gostaria que isto acontecesse, não?

Nenhuma resposta.

- Eu não gostaria! - continuou ela, e as mãos em seu colo se fecharam em pequenos punhos. - Não gostaria que, quem quer que fosse o assassino de Kurt, ele escapasse à

justiça, ainda que não soubesse quem era, mas sei quem o matou. Conte à polícia, mas não me dão atenção até encontrarem Papai Noel. Ou talvez não seja um problema de atenção, mas pensem que sou apenas uma mulher ciumenta, além do mais sou oriental, e a idéia que têm de orientais é muito primitiva. Pensei em fazê-los me ouvir contando quem era Papai Noel, mas sei dos sentimentos que nutrem pelo senhor e imaginei que tentariam provar sua culpa, e certamente poderia ter sido o senhor, e na verdade o senhor fugiu, e no final acabariam por não me ouvir quando dissesse a eles quem foi que matou Kurt.

Ela parou para respirar e Wolfe perguntou:

- Quem o matou?

- Já lhe direi - disse sacudindo a cabeça. - Margot Dickey e Kurt estavam tendo um caso. Alguns meses atrás, Kurt começou comigo, e foi muito difícil para mim, porque eu ... Eu ... - parou como procurando uma palavra. - Eu sentia algo por ele, algo muito forte. Mas, veja, sou virgem, e não cedi a ele. Não sei o que faria se não soubesse do caso dele com Margot, mas eu sabia e disse a ele que o primeiro homem que me levaria para a cama seria meu marido. Ele me disse que deixaria Margot, mas não podia se casar comigo por causa da Sra. Jerome; porque ela pararia de bancar seu negócio. Não sei o que ele significava para a Sra. Jerome, mas sei o que ela era para Kurt.

Suas mãos se abriram, e novamente se fecharam em pequenos punhos.

- Isso se prolongou por bastante tempo, mas Kurt também sentia uma coisa muito forte por mim. Ontem bem tarde, já depois da meia-noite, ele me ligou. Disse que terminara com Margot, e estava disposto a se casar comigo. Queria que fosse até seu apartamento para me ver. Disse-lhe que já estava deitada e que nos veríamos pela manhã. Ele disse que de manhã haveria outras pessoas no estúdio, e finalmente concordei em ir ao seu apartamento pela manhã para tomar o café com ele. E fui, esta manhã. Mas continuo virgem, Sr. Wolfe.

Ele a olhava com olhos semicerrados.

- É um direito que lhe assiste.

- Oh - ela disse. - É só isso, um direito que me assiste? Bem, foi lá em seu apartamento, na hora do café, que me contou a seu respeito, e do arranjo para vir à festa como Papai Noel. Quando cheguei ao estúdio fiquei surpresa de ver Margot lá, e em como parecia feliz e amigável com todos. Ela disse à polícia que ela e Kurt iam se casar na próxima semana. Na semana de Natal. Eu sou cristã.

Wolfe se ajeitou na cadeira.

- Será que já chegamos no ponto? Foi a Srta. Dickey quem matou o Sr. Bottweill?

- Sim. É claro que foi ela.

- A senhora disse isso à polícia?

- Sim. Não com todos os detalhes que contei ao senhor, mas o suficiente....

- Com alguma prova?

- Não, não tenho provas.

- Então a senhora pode ser processada por calúnia. Ela abriu as mãos e colocou as palmas para cima.

- E isso tem importância? Quando sei que estou com a razão? Quando sei que foi ela? Mas ela foi muito esperta, da forma como agiu não existe prova. Todos sabiam do veneno, e todos tiveram uma chance de colocá-lo na garrafa. Nunca conseguirão provar que foi ela. Não conseguirão nem mesmo provar que está mentindo quando diz que Kurt ia se casar com ela, porque ele está morto. Se comportou hoje como se comportaria se isso fosse verdade. Mas de alguma forma deve ser provado. Deve aparecer alguma evidência que prove isto.

- E a senhora quer que eu a descubra?

- O que estava pensando, senhor Wolfe, era que o senhor também é vulnerável. Há sempre o risco de que a polícia descubra quem era Papai Noel, e se descobrem que era o senhor, e que não lhes contou nada. ..

- Não admiti isto - devolveu Wolfe.

- Então digamos que há sempre o risco de que eu conte o que ouvi de Kurt, e o senhor admitiu que isto criaria um grande embaraço para o senhor. Seria ótimo se aparecesse alguma evidência que não só provasse quem matou Kurt, mas também que não era o senhor vestido de Papai Noel. Não é verdade?

- Continue.

- Pensei em como seria fácil para o senhor conseguir esta evidência. Existem homens que fariam essas coisas para o senhor, que fariam qualquer coisa pelo senhor. Um deles poderia dizer que o senhor pediu-lhe que fosse à festa, vestido como Papai Noel.

Claro que não poderia ser o Sr. Goodwin, porque ele estava na festa, teria que ser alguém que não pudessem provar ter estado em outra parte naquelas horas. Ele poderia dizer que enquanto estava trocando de roupa ouvira um ruído no escritório e olhara da porta e vira Margot Dickey pegar a garrafa na gaveta, colocar alguma coisa dentro dela e depois sair. Deve ter sido quando colocou o veneno, porque Kurt sempre bebia quando voltava do almoço.

Wolfe esfregava o lábio com a ponta do dedo.

- Entendo - murmurou. Ela não terminara.

- Poderia dizer - continuou - que ficara com medo e por isso fugira. Que queria contar ao senhor o que acontecera antes de falar com a polícia. Não acho que fariam nada com ele se amanhã de manhã ele fosse à polícia com esta história, o senhor acha que fariam? Como no meu caso. Não acho que fizessem nada comigo se amanhã lhes dissesse que me lembrara que Kurt contara que o senhor seria Papai Noel, e que à tarde dissera que o senhor estava no quarto de vestir colocando a fantasia. Seria o mesmo tipo de coisa, não é mesmo?

Sua boca pequena se dilatou num sorriso.

- Isto é o que eu quero. Será que me expliquei bem?

- Sem dúvida nenhuma - Wolfe a assegurou. - A senhora colocou tudo de forma admirável.

- Talvez fosse melhor, em vez de seu homem ir à polícia, convidar o inspetor Cramer para vir até aqui, e o senhor mesmo lhe explicar? Seu homem poderia estar presente. O senhor vê, com tudo o que li, eu sei como faz as coisas.

- Talvez assim fosse melhor - admitiu. Sua voz era seca, mas sem hostilidade. Um músculo se retorcia debaixo de sua orelha direita, mas ela não podia vê-lo. - Suponho, Srta. Quon, que seja inútil avançar a possibilidade de que um dos outros seja o assassino. Seria uma lástima. ..

- Desculpe-me interromper - a voz ainda era um gorjeio, mas havia a dureza do aço nela. - Eu sei que ela o matou.

- Eu não. E mesmo que cedesse diante de sua convicção, antes de poder realizar o que me pede, teria de estar seguro de não existir nenhum fato que pudesse contradizê-lo. Não tomará muito tempo. Amanhã lhe darei uma resposta. Quero. ..

Ela o interrompeu outra vez.

- Não posso esperar além de amanhã pela manhã para dizer-lhes o que ouvi de Kurt.

- Você pode, e vai esperar. No momento que falar com a polícia, perderá a única forma de pressão que tem sobre mim. Amanhã lhe darei uma resposta. Agora preciso pensar. Archie?

Levantei-me da cadeira. Ela olhou para mim e de novo para Wolfe. Por alguns segundos, continuou sentada considerando a situação, inescrutável como sempre, depois se levantou.

- Foi muito emocionante estar aqui - disse, já sem nenhum aço na voz - e vê-lo. O senhor deve me desculpar por não ter telefonado. Espero que seja amanhã cedo. -Virou-se e se dirigiu para a porta, eu a segui.

Depois de tê-la ajudado a vestir seu casaco e levá-la até a porta, observei-a descer os sete degraus, fechei a porta e tranquei com a corrente, voltei ao escritório e disse a Wolfe:

- Parou de nevar. Quem você acha que devemos chamar para esse serviço, Saul ou Fred ou Orrie ou Bill?

- Sente-se - ele grunhiu. - Bem, você, para quem as mulheres são transparentes, que achou?

- Não aquela. Eu passo. Não apostaria um centavo nela, nem num sentido nem noutro. Você a postaria?

- Não, ela provavelmente está mentindo e talvez seja uma assassina. Agora sente. Tenho que saber tudo o que se passou hoje, depois que fui embora, cada palavra e cada gesto.

Sentei-me e fiz um relato completo. Incluindo o período das perguntas, levou uma hora e trinta e cinco minutos. Passava da uma da manhã quando finalmente se levantou, me disse boa noite e foi para a cama.

VI

Na tarde seguinte, sábado, às duas e trinta, eu estava sentado, num prédio da Leonard Street, na mesma sala onde uma vez filara o almoço de um procurador distrital assistente. Não haveria necessidade de repetir a façanha, já que acabara de voltar do almoço no restaurante Ost, onde comera um prato de Joelho de Porco com Chucrute.

Até onde eu sabia, nada fora feito para incriminar Margot Dickey pelo assassinato de Bottweill; nada fora feito em qualquer sentido. Como Wolfe passa todas as manhãs, das nove às onze, na estufa com suas plantas, e toma seu café na cama, e como me esperavam às dez horas no escritório do procurador distrital, chamei-o pelo telefone interno, pouco antes das nove, para receber instruções, e ser informado de que não havia nenhuma. Na central, o procurador distrital assistente Farrell, depois de me deixar uma hora na sala de espera, passou duas horas comigo, junto com um estenógrafo e um detetive que estivera presente na cena do crime, na sexta à tarde. Fomos e voltamos, várias vezes, repassando as mesmas perguntas, não apenas sobre o que já declarara, mas também sobre minhas relações com o pessoal de Bottweill. Perguntou-me apenas uma vez sobre Papai Noel, assim só tive que mentir uma vez, se não contarmos que omiti qualquer menção à licença de casamento. Quando declarou um recesso até as duas e meia, telefonei a Wolfe, no caminho do restaurante, para dizer-lhe que não sabia quando seria liberado; de novo, ele não tinha nenhuma instrução para mim. Disse a ele que duvidava que Cherry Quon esperasse até depois do Ano Novo para contar à polícia o que sabia; ele disse que tinha a mesma opinião, e desligou.

Quando fui levado outra vez à sala de Farrell, às duas e meia, ele me esperava sozinho, sem estenógrafo ou detetive. Perguntou-me se almoçara bem, e até esperou minha resposta, passou-me algumas páginas datilografadas e se recostou na cadeira.

- Leia com calma - ele disse - e veja se quer assinar isto.

Seu tom sugeria que talvez eu não quisesse assinar, assim, li com cuidado as cinco páginas. Não encontrando nada para objetar, coloquei o papel sobre a mesa e tirei minha caneta do bolso.

- Espere um pouco - disse Farrell. - Você, apesar de um pouco abusado, não é má pessoa. Por que não lhe dar outra chance? Aí diz especificamente que contou tudo o que aconteceu ontem à tarde.

- Sim, eu li isso. E daí?

- Então quem colocou suas impressões digitais em alguns pedaços de papel na cesta de lixo de Bottweill?

- Oh, meu Deus! - disse. - Esqueci de colocar as luvas.

- Tudo bem, você é um cara abusado, mas eu já sabia disso - seus olhos estavam fixos em mim. - Deve ter examinado a cesta de papel, quando aparentemente foi procurar Papai Noel, e não é alguma coisa que esqueceu de contar. Você não é o tipo de esquecer coisas assim. Então, deliberadamente, omitiu esta informação. Quero saber por quê. E quero saber também o que você tirou da cesta, e o que fez com o que tirou de lá.

Sorri para ele.

- É incrível, eu pensei que sabia o quanto são minuciosos, e na verdade não sabia. Não imaginei que chegassem até o lixo, especialmente quando não havia nenhuma conexão com o crime. Mas, odeio ter que dizer, eu estava errado - encolhi os ombros. - Bem, todo dia se aprende alguma coisa nova - ajeitei o papel, assinei no final da última página, empurrei a declaração para ele e guardei a cópia de carbono no bolso.

- Se você insistir, posso escrever isto - disse a ele -, mas duvido que valha a pena. Papai Noel fugira, Kiernan estava telefonando para a polícia, e eu estava um pouco confuso. Devo haver olhado em volta, procurando alguma coisa que me desse uma pista de Papai Noel, meus olhos caíram na cesta de papel e a examinei. Não disse nada porque não fora uma idéia brilhante, e gosto de parecer brilhante, especialmente para os tiras. Isso responde a seu porquê. Quanto ao que teria encontrado na cesta, a resposta é nada.

Derramei o conteúdo no tapete e coloquei, um a um, de volta na cesta, sem levar nada. Quer que eu escreva isso?

- Não. Quero é discutir isso. Sei que você é brilhante. E não estava confuso. Você não fica confuso. Quero saber a verdadeira razão que o fez examinar a cesta, o que estava buscando, se chegou a encontrar, e o que fez com isto.

Perdi mais de uma hora, vinte minutos da qual foram gastos na sala do próprio procurador distrital, com Farrell e um outro assistente. Houve um momento em que pensei que seria preso, mas para isso necessitariam de um mandato, o fim de semana de Natal já começara e não havia nada que provasse que eu havia tocado alguma coisa que pudesse ser uma evidência. Afinal me deixaram ir, depois de corrigir à mão minha declaração. Fiz com que aqueles ocupados funcionários da justiça esperassem, enquanto passava para a cópia de carbono tudo que escrevera na declaração. Que é que eu posso fazer? Sou uma pessoa que gosta de tudo direitinho.

Quando cheguei em casa, já eram quatro e dez e, é claro, Wolfe não estava na sala, já que sua sessão da tarde na estufa era das quatro às seis. Não havia nenhuma nota para mim sobre a mesa, aparentemente ainda não havia instruções, mas havia uma informação sobre ela. Meu cinzeiro, uma peça de decoração, já que quase nunca fumo (um trabalho em jade, presente feito a mim, e não a Wolfe, por um cliente), continha pontas de cigarro "Pharaoh".

Saul Panzer fuma cigarros egípcios. Acho que algumas outras pessoas também fumam, mas as chances de que uma delas estivesse fumando em minha mesa eram por demais remotas; para serem consideradas. E não era só o fato de que Saul Panzer estivesse ali, mas também que Wolfe queria que eu soubesse disso, porque uma das inúmeras coisas que não tolera no escritório é um cinzeiro sujo. Se necessário, ele mesmo vai até o banheiro para limpá-lo.

Então, no final das contas, alguma coisa estava sendo feita. Mas o quê? Saul era um freelancer, e o melhor que existia. Cobrava

sessenta dólares por dia e valia, no mínimo, duas vezes isso. Wolfe não o chamara para um serviço rotineiro, e, é claro, a idéia de que fora chamado para assumir o papel de Papai Noel não passava por minha cabeça, e forjar provas contra uma mulher, ainda se fosse culpada, não era o tipo de coisa que ele faria. Peguei o telefone interno e liguei para a estufa; depois de alguma espera, ouvi a voz de Wolfe:

- Sim, Fritz?

- Não é Fritz. Sou eu. Estou de volta. Nada de urgente a relatar. Encontraram minhas digitais nos papéis da cesta de lixo, mas escapei ileso. Tudo bem se eu limpar o cinzeiro?

- Sim. Pode limpar, por favor.

- E faço o que depois?

- Direi a você às seis horas, talvez antes.

E desligou. Fui até o cofre e olhei a gaveta onde guardávamos o dinheiro em espécie, para ver se Saul levava uma quantia substancial, mas o dinheiro estava como o vira da última vez, e não havia nenhuma entrada de despesa no livro. Limpei o cinzeiro e fui até a cozinha, onde encontrei Fritz colocando molho num lombo de porco. Perguntei a ele se Saul apreciara a comida. Respondeu que Saul não ficara para o almoço. Então começara a trabalhar, no que quer que estivesse trabalhando, logo depois que eu saíra. Voltei para o escritório, reli o carbono de minha declaração antes de arquivá-la e fiquei matando o tempo, tentando imaginar o que fazia Saul, sem muito sucesso. Pouco depois das cinco, o telefone tocou e eu atendi. Era Saul. Disse que ficava feliz sabendo que eu já estava em casa e a salvo. Eu disse que eu também ficava.

- Só uma mensagem para o Sr. Wolfe. Diga a ele que está tudo arranjado, nenhum problema.

- Só isso?

- Certo. Nos veremos.

Desliguei, e fiquei sentado por um momento considerando se devia subir até a estufa ou usar o telefone. Me decidi pelo telefone.

Peguei o fone e apertei o botão da estufa. Quando Wolfe atendeu, tinha a voz irritada, odiava ser interrompido quando estava com suas plantas.

- Sim?

- Saul ligou dizendo que está tudo arranjado, nenhum problema. Congratulações. Estou atrapalhando?

- Não, estranhamente não está. Coloque algumas cadeiras para as visitas, creio que dez bastarão. Quatro ou cinco chegarão pouco depois das seis, espero. Os outros virão mais tarde.

- Vamos servir alguma coisa?

- Só bebidas, nada mais.

- Precisa de mais alguma coisa?

- Não.

Já desligara. Antes de ir até a sala da frente para buscar as cadeiras e à cozinha pedir a Fritz que providenciasse o necessário, perdi algum tempo tentando imaginar que tipo de charada ele estava preparando desta vez. Não me ocorreu nenhuma idéia.

VII

Eram quatro. Chegaram todos entre as seis e quinze e as seis e vinte. Primeiro a Sra. Perry Porter Jerome e seu filho Leo, depois Cherry Quon e, por último, Emil Hatch. A Sra. Jerome escolheu a poltrona de couro vermelha, mas, quando Cherry chegou, eu a removi, com vison e tudo, para uma das cadeiras amarelas. Poderia admitir que Cherry estivesse a caminho de outro tipo de cadeira, ligada na corrente elétrica, mas mesmo assim, era ela quem merecia aquela moldura, e não a Sra. Jerome. Às seis e trinta, quando os deixei para ir até a sala de jantar, ainda não haviam trocado nenhuma palavra.

Na sala de jantar, Wolfe acabara de terminar uma garrafa de cerveja.

- São seis e meia - disse a ele. - Apenas quatro. Kiernan e Margot Dickey não apareceram.

- Satisfatório - ele se levantou. - Alguém perguntou alguma coisa?

- Dois deles, Hatch e a Sra. Jerome - respondi. - Disse a eles que você explicaria tudo, como combinado. Não foi difícil, já que não tenho nenhuma explicação.

Dirigiu-se para o escritório e eu o segui. Embora eles não soubessem, com a exceção de Cherry, que ele estivera na festa servindo o champanhe, não foram necessárias apresentações, porque todos já o conheciam da época do caso das tapeçarias. Circulou a grande poltrona de Cherry, para chegar atrás de sua mesa, de onde perguntou a todos como estavam, antes de sentar-se.

- Não vou agradecer por terem vindo - disse - porque vieram em seus próprios interesses, não no meu. Mandei. ..

- Eu vim - interrompeu Hatch, azedo como sempre - para descobrir o que é que o senhor pretende.

- O senhor vai saber logo - assegurou Wolfe. - Mandei a todos a mesma mensagem, dizendo que o Sr. Goodwin tinha informações que deveriam ser levadas à polícia imediatamente, mas eu o convencera a esperar até hoje à noite, para poder discuti-las com os senhores. Antes de. ..

- Não sabia que haveria outras pessoas aqui - disse a Sra. Jerome olhando para Cherry.

- Nem eu - disse Hatch, olhando para a Sra. Jerome. Wolfe ignorou os comentários.

- A mensagem que mandei à Srta. Quon era um pouco diferente, mas isto não é nada que diga respeito a vocês. Antes de dizer a vocês qual é a informação do Sr. Goodwin, preciso que me dêem alguns fatos. Por exemplo, segundo entendi, qualquer um de vocês, inclusive a Srta. Dickey e o Sr. Kiernan, que virão mais tarde, poderiam ter envenenado a garrafa. Não é assim?

Cherry, a Sra. Jerome e Leo começaram a falar ao mesmo tempo. Hatch apenas continuou com seu ar azedo.

Wolfe mostrou a palma da mão aberta.

- Por favor. Não estou acusando ninguém. Digo apenas que nenhum de vocês, inclusive a Srta. Dickey e o Sr. Kiernan, pode provar que não teve a oportunidade. .. Ou pode?

- Loucura! - Leo Jerome estava indignado. - Foi o homem vestido de Papai Noel. Estive com Bottweill e minha mãe todo o tempo, primeiro na oficina e depois no escritório dele. Isto eu posso provar.

- Mas Bottweill está morto - Wolfe recordou a ele - e sua mãe é sua mãe. Talvez você subisse um pouco antes deles, da oficina para o escritório, ou sua mãe um pouco antes que você e Bottweill subissem. Os outros todos têm o mesmo problema. Srta. Quon?

Não havia risco de que Cherry estragasse tudo. Wolfe lhe dissera ao telefone que tinha armado algo que acreditava ser satisfatório para ela, e caso chegasse às seis e quinze, veria seu plano funcionar. Desde que chegara, ela mantinha os olhos fixos em Wolfe.

- Se quer saber se sou capaz de provar que não estive só no escritório dele ontem, a resposta é não.

- Sr. Hatch? - perguntou Wolfe.

- Não vim aqui para provar nada. Já lhe disse por que vim. Que informação tem o Sr. Goodwin?

- Chegaremos lá. Mais alguns fatos antes. Sra. Jerome, quando foi que soube que o Sr. Bottweill pretendia casar-se com a Srta. Quon?

Leo gritou: "Não!" Mas ela estava muito ocupada na sua indignação com Wolfe para ouvi-lo.

- Como? - ela disse. - Kurt casar-se com ela? Com aquela rameira? Cherry não moveu um músculo, seus olhos fixos em Wolfe.

- Isto é fantástico! - disse Leo. - É uma maravilha!

- Não é tão maravilhoso assim - Emil Hatch declarou. - Estou percebendo, Wolfe. Nem Goodwin nem você têm nenhuma informação. Por que razão você quer atirar-nos uns contra os outros, ainda não descobri, mas talvez, se lhe der uma mão, acabe descobrindo. Este grupo de pessoas destilou mais veneno do que é possível imaginar. Talvez tenhamos todos envenenado aquela garrafa, talvez por isso houvesse tanto veneno nela. Se for verdade que Kurt decidira casar-se com Cherry, e AI Kiernan soubesse disto, seria razão suficiente para ele. AI mataria Kurt cem vezes por Cherry. Se a Sra. Jerome soubesse disso, creio que mataria Cherry, mas talvez imaginasse que depois de Cherry haveria outras e decidisse cortar o mal pela raiz. Quanto a Leo, tenho a impressão de que ele gostava de Kurt, mas o que é que se pode esperar? Kurt estava ordenhando mamãe e esgotando as reservas que contava um dia herdar. Embora ache que essas reservas não sejam exatamente o que se pensa. Na verdade. ..

Ele parou, e eu já estava de pé. Leo levantara-se e dirigia-se a ele com a aparente intenção de aceitar aquele artista criativo. Ao mesmo tempo que o empurrava, sua mãe o puxava pelo casaco. E não só conseguiu detê-lo, como quase o derrubou. Com a outra mão, o ajudei a recuperar o equilíbrio e a sentar-se outra vez. Depois disso, fiquei ao seu lado.

- Posso continuar? - perguntou Hatch.

- Por favor - respondeu Wolfe.

- No entanto, Cherry seria, na verdade, a pessoa mais provável. Tem, de longe, a melhor cabeça do grupo e a mais determinada também. Mas parece que, enquanto ela diz que Kurt pretendia casar-se com ela, Margot afirma que era com ela que ele ia se casar. O que, é claro, complica um pouco as coisas. De qualquer forma, Margot seria minha segunda opção. Também tem uma grande dose do mesmo tipo de orgulho, mas nela é superficial, e talvez agüentasse um arranhão. Se Kurt decidiu se casar com uma, e contou à outra, era ainda mais idiota do que eu pensava. O que nos traz a mim. O meu é um caso à parte. Desprezo a todos eles. Se decidisse usar veneno, eu o colocaria na garrafa de Pernod e nas

garrafas de champanhe. E beberia vodka, que prefiro. E falando em vodka, naquela mesa estou vendo uma garrafa de vodka Korbeloff. Faz quinze anos que não provo uma Korbeloff. É autêntica?

- Sim, é. Archie você poderia?

Servir bebidas a seus convidados pode ser um tarefa agradável, mas ali não era o caso. Quando perguntei à Sra. Jerome o que preferia, ela apenas me olhou, mas depois de servir o scotch com soda de Cherry, uma boa porção de vodka não diluída em água a Hatch, quando Leo escolheu bourbon com água, sua mãe disse que queria o mesmo. Enquanto servia o bourbon, me indagava qual seria o próximo passo. Parecia que chegara o momento de dar-lhes a informação que eu não via a hora de levar à polícia. O complicador era que eu não tinha essa informação. Acho que Wolfe seria capaz de segurá-los ainda um pouco, mas não foi necessário. Havia pedido sua cerveja, e Fritz estava colocando a bandeja em sua mesa, quando a campainha da porta tocou. Dei a Leo seu bourbon e água e fui atender. Em frente à porta, com sua grande cara redonda quase tocando o vidro, estava o inspetor Cramer, da Homicídios.

Wolfe me dera, antes da chegada dos convidados, uma idéia geral do programa. Assim, a visão de Cramer, de Cramer sozinho, foi uma decepção. Mas, pouco a pouco, os outros foram aparecendo, nenhum estranho, e a coisa pareceu melhor. Na verdade, parecia ótima. Abri a porta e foram entrando - Cramer, depois Saul Panzer, depois Margot Dickey, depois Alfred Kiernan e, por último, o sargento Purley Stebbins. Quando terminei de trancar a porta, todos já tinham tirado seus casacos, inclusive Cramer, o que era também um bom sinal ver que pretendia se demorar por algum tempo. Normalmente, depois de entrar, ele vai direto para o escritório sem cerimônia, mas desta vez deixou que os outros passassem na frente, eu inclusive, e veio com Stebbins, fechando a retaguarda. Passada a porta, dei um passo de lado para ter o prazer de ver a cara que faria ao entrar, vendo o grupo que já estava ali. Sem dúvida, esperava encontrar Wolfe sozinho, lendo

um livro. Deu dois passos na sala, olhou em volta, fixou o olhar em Wolfe e disse:

- O que é tudo isso?

- Eu estava esperando por você - disse Wolfe, polido. - Srta. Quon, se não se importar, gostaria que cedesse seu lugar ao inspetor Cramer, ele gosta dessa cadeira. Boa noite, Srta. Dickey, Sr. Kiernan, Sr. Stebbins. Se todos estiverem sentados. ..

- Panzer! - gritou Cramer. Saul, que se dirigia para uma cadeira no fundo, virou-se e parou.

- Estou no comando aqui - declarou Cramer. - Panzer, você está preso, ficará junto a Stebbins e calado. Não quero...

- Não - a voz de Wolfe era incisiva. - Se ele está preso, leve-o daqui. O senhor não está comandando, não em minha casa. Se tem uma ordem de prisão, ou acha que pode prender qualquer um dos presentes, faça isso e saia desta casa. Não tente usar de pressão comigo. O senhor devia me conhecer melhor.

Era este o problema, Cramer o conhecia. Como num palco, tudo estava arrumado. Lá estavam a Sra. Jerome e Leo, e Cherry, e Emil Hatch, e as cadeiras vazias, e mais importante que tudo, o fato de que ele era esperado. A simples afirmação de Wolfe não o convenceria disso; uma simples afirmação de Wolfe não o convenceria de coisa alguma, mas sempre que aparecia sem ser esperado, eu o deixava esperando com a porta trancada até que declarasse a razão da visita e eu fosse avisar Wolfe de sua presença. E se era esperado, seria impossível adivinhar o que Wolfe tinha em reserva para ele. Assim, Cramer controlou o tom de sua voz e apenas disse:

- Quero falar com você.

- Claro - Wolfe indicou a poltrona de couro vermelho que Cherry vagara. - Sente-se.

- Não aqui. Em particular. Wolfe sacudiu a cabeça.

- Seria uma perda de tempo. Assim é melhor e mais rápido. O senhor sabe muito bem que foi um erro entrar aqui gritando que

estava no comando dentro de minha casa. Então escolha entre retirar-se agora com quem puder prender ou sentar-se e deixar que lhe conte quem matou Kurt Bottweill - Wolfe apontou com o dedo. - Sua cadeira.

O rosto de Cramer, que já estava vermelho do frio lá fora, ficou ainda mais vermelho. Olhou em volta, comprimiu seus lábios até quase desaparecerem, dirigiu-se para a poltrona vermelha e sentou-se.

VIII

Wolfe passou seus olhos pela sala, enquanto eu voltava à minha mesa. Saul acabara sentando-se em uma das cadeiras do fundo, mas Stebbins sentara-se ao seu lado. Margot passara na frente dos Jerome e de Emil Hatch para sentar-se no final, perto de mim. E Cherry e Al Kiernan ficaram na outra extremidade, um pouco atrás dos outros. Hatch terminara sua Korbelloff e colocara o copo no chão, mas Cherry e os Jerome ainda estavam bebendo.

Os olhos de Wolfe se detiveram em Cramer, e ele disse.

- Confesso que exagerei um pouco. Não posso ainda lhe dizer quem matou Bottweill; tudo, por enquanto, é suposição. Mas daqui a pouco poderei e o farei. Antes, alguns fatos para o senhor. Penso que saiba que, nos últimos dois meses, o Sr. Goodwin saiu algumas vezes com a Srta. Dickey. Segundo ele, é uma ótima dançarina.

- Sim - a voz de Cramer era áspera como uma lixa grossa. - Podemos deixar isto para mais tarde. O que quero saber é se mandou Saul Panzer encontrar. ..

Wolfe o interrompeu.

- Sim, chegaremos lá, mas talvez prefira saber disso em primeira mão. Archie, conte-nos, por favor, o que foi que a Srta. Dickey pediu que fizesse, na segunda-feira passada, e o que aconteceu depois.

Limpei a garganta.

- Estávamos dançando no Clube Flamingo. Disse-me que havia um ano que Bottweill vinha prometendo que se casaria com ela na próxima semana, mas a próxima semana não chegava nunca e teria que lhe dar um ultimato. Pedi-me que conseguisse uma licença de casamento com nossos nomes, ela mostraria a licença a Bottweill e diria agora ou nunca. Consegui a licença na terça-feira e entreguei a ela na quarta.

Parei, mas Wolfe queria o resto.

- E ontem à tarde?

- Ela me disse que o truque da licença funcionara à perfeição. Isto foi um minuto antes que Bottweill entrasse no estúdio. Conte ao procurador distrital que ela me dissera que Bottweill ia se casar com ela, mas não mencionei a história da licença porque era imaterial para o caso.

- Ela lhe disse o que fizera da licença?

Era para contar tudo. Concordei com a cabeça.

- Disse que Bottweill rasgara o papel e jogara na cesta de lixo, na noite anterior. Quinta-feira à noite.

- E o que fez quando estive no escritório de Bottweill depois de sua morte?

- Esvaziei a cesta no tapete, e recoloquei tudo de volta, peça por peça. Não havia ali nenhum pedaço da licença de casamento.

- Você está seguro?

- Sim - Wolfe me deixou e voltou-se para Cramer.

- Alguma pergunta?

- Não. Ele mentiu em suas declarações, cuidaremos disso mais tarde. Mas o que eu quero ...

Margot Dickey explodiu.

- Então, só pode ter sido Cherry quem tirou dali - girou o pescoço, procurando por trás dos outros. - Você pegou os pedaços, sua rameira.

- Não, não peguei - havia aço de novo no gorjeio de Cherry. Seus olhos estavam fixos em Wolfe e disse a ele: - Não vou esperar mais. ..

- Srta. Quon - ele devolveu -, eu estou fazendo isto - e virou-se para Cramer. -Agora um outro fato. Ontem eu tinha um encontro para o almoço com o Sr. Bottweill no restaurante Rusterman's. Eu o convidara uma vez, e ele desejava retribuir. Pouco antes que saísse de casa para encontrá-lo, telefonou para me pedir um favor. Disse que estava extremamente ocupado e que se atrasaria um pouco, disse que precisava de um par de luvas brancas de algodão, tamanho médio para homem, e se eu poderia, no caminho, parar em algum lugar e comprá-las. Achei o pedido peculiar, mas ele era um homem peculiar. Como o Sr. Goodwin estaria ocupado e eu não uso táxis, chamei uma limusine da Baxter, e o motorista me aconselhou uma loja no caminho, na Oitava Avenida, entre as ruas 39 e 40. Paramos ali e comprei a luva.

Os olhos de Cramer estavam tão apertados que não se via seu azul. Não acreditava em nada do que ouvia, o que era injusto, porque pelo menos parte da história era verdadeira.

Wolfe continuou.

- Na mesa de almoço, dei a ele as luvas e explicou-me vagamente para o que as queria. Segundo entendi, ficara penalizado com algum vagabundo que vira num banco de parque e o contratara para servir as bebidas na festa do escritório, vestido de Papai Noel, e decidira que a única forma de fazer suas mãos ficarem apresentáveis era cobrindo-as com luvas. Mas o senhor sacode a cabeça como se duvidasse, inspetor Cramer?

- Claro que sim, o senhor já teria contado isto. Nenhuma razão para que não o fizesse. Mas termine.

- Antes vou terminar com sua dúvida. Não contei isto antes porque pensei que encontraria o assassino sem esta informação. Era bastante claro que o vagabundo escapara apenas por medo, já que não poderia saber da jarra de veneno na oficina, para não entrar em outras considerações. Além do mais, como o senhor bem

sabe, tenho aversão a me envolver com assuntos que não me dizem respeito. De qualquer forma, o senhor poderá verificar a história com o pessoal do Rusterman's, minha presença e o almoço com Bottweill, e com o motorista da limusine, confirmar a conversa que tivemos sobre as luvas e a parada que fizemos para comprá-las.

- Mas o senhor está contando agora.

- De fato - Wolfe continuava imperturbável. - Porque soube pelo Sr. Goodwin que a polícia estava intensificando a busca por aquele Papai Noel, e com o seu pessoal e recursos, não levaria muito tempo para descobrir onde as luvas foram compradas e conseguir uma descrição do comprador. Meu físico não é único, mas é pouco comum, e então seria apenas uma questão de quanto tempo o senhor levaria para chegar a mim, e então eu seria sujeito a uma inquisição. Assim, é claro, eu teria de relatar o fato ao senhor e suportar suas recriminações por não o ter feito antes, mas eu queria fazer a coisa o mais tolerável possível. Eu tinha uma grande vantagem: sabia, quase com absoluta certeza, que o homem vestido de Papai Noel não era o assassino, e decidi usar esta vantagem. Precisava apenas falar antes com uma dessas pessoas, o que fiz com a Srta. Quon, que veio até aqui ontem à noite.

- Por que a Srta. Quon?

- Quando eu terminar, o senhor poderá decidir se este detalhe tem alguma importância. Com ela, discuti sobre seus associados no trabalho e as relações que havia entre eles; terminei convencido de que Bottweill realmente se decidira a casar com ela. Isto é tudo sobre esse encontro. O senhor poderá decidir mais tarde também se é o caso de confirmar com ela o que estou lhe dizendo. Não tenho dúvida de que ela confirmará.

Wolfe tinha os olhos em Cherry, procurando algum sinal de perigo. Ela quase estragara tudo antes, talvez fizesse de novo. Mas, olhando em seus olhos, ela não moveu um músculo. Wolfe voltou a Cramer.

- Esta manhã eu agi. O Sr. Goodwin estava ausente, depondo no escritório do procurador distrital. Assim chamei o Sr. Panzer. Depois de conversarmos por uma hora, ele saiu daqui para cumprir algumas tarefas. A primeira era descobrir se a cesta de papéis de Bottweill fora esvaziada depois de sua conversa com a Srta. Dickey, na noite de quinta-feira. Como o senhor sabe, Panzer é muito competente. Através da Srta. Quon, conseguiu o nome e endereço da mulher que faz a limpeza, encontrou-a, conversou com ela, e ficou sabendo que a cesta fora limpa, pela última vez, às seis horas da tarde, na quinta-feira. Enquanto isso...

- Cherry pegou os pedaços - disse Margot. Wolfe a ignorou.

- Enquanto isso, telefonei a todos os interessados: à Sra. Jerome e seu filho, à Srta. Dickey, à Srta. Quon, ao Sr. Hatch e ao Sr. Kiernan, convidando a todos a virem aqui à tarde, para uma conferência, às seis e quinze. Disse que o Sr. Goodwin tinha algumas informações que tencionava levar à polícia, o que não era verdade, e que eu acreditava fosse melhor discutir com eles antes.

- Como eu disse - resmungou Hatch. Wolfe o ignorou também.

- A segunda tarefa, ou série de tarefas, do Sr. Panzer era a entrega de algumas mensagens. Ele as havia escrito à mão, como eu havia ditado, em folhas comuns de papel, e endereçado envelopes brancos. A mensagem era a mesma para todos e dizia o seguinte:

'Ontem, quando vestia a fantasia, vi você por uma fenda na porta, e vi o que você fez. Quer que eu conte à polícia? Esteja hoje, às 18h30, no balcão de informações do segundo andar, na estação Grand Central. Eu me aproximarei e direi 'Saint Nick'.'

- Por Deus - disse Cramer -, você admite.

- Admito não, proclamo - disse Wolfe. - As mensagens estavam assinadas "Papai Noel". O Sr. Panzer acompanhou o mensageiro que as levou, para certificar-se que todas foram entregues. Não eram um tiro no escuro, como pode parecer. Se uma daquelas pessoas matara Bottweill, o mais provável é que o veneno tenha sido posto na garrafa enquanto o vagabundo vestia a fantasia. A Srta. Quon

me disse, como deve ter dito ao senhor também, que Bottweill invariavelmente tomava uma dose de Pernod quando voltava do almoço; e como a presença de Papai Noel na festa fora uma surpresa para todos, e ninguém sabia quem era ele, havia uma forte probabilidade de que o assassino acreditasse que fora observado e se sentisse compelido a encontrar o autor da mensagem. Donde seria razoável concluir que uma das mensagens atingiria o alvo. A questão era saber qual delas.

Wolfe parou para encher seu copo de cerveja. Quer dizer, ele realmente encheu seu copo com cerveja, mas suspeito que a razão por que parou foi para oferecer uma brecha para comentários ou protestos. Ninguém tinha um , nem mesmo Cramer. Estavam todos ali, apenas sentados e olhando para ele. Eu pensei então que Wolfe havia elegantemente deixado passar um detalhe: não mandara uma mensagem para Cherry Quon. Ela sabia demais sobre ele.

Wolfe colocou a garrafa sobre a mesa e voltou-se para Cramer, continuando:

- Havia a possibilidade, é claro, de que mais de um deles resolvesse procurar a polícia e fosse até o senhor com a mensagem, mas mesmo que concluísse que era uma impostura, vendo que a mensagem fora enviada para mais de uma pessoa, o senhor gostaria de saber quem estava por trás da coisa e mandaria uma das pessoas ao encontro sob vigilância policial. Qualquer um ou nenhum, com a exceção do assassino, poderia ir à polícia; e seguramente só o assassino iria ao encontro sem antes consultar a polícia. Donde se um daqueles seis era culpado, e se fora possível para Papai Noel observá-lo quando colocava o veneno na garrafa, era quase certo que seria desmascarado. Saul, agora pode fazer seu relatório. Que foi que aconteceu? Você estava na vizinhança do balcão de informações, pouco antes das seis e meia?

Várias cabeças se voltaram para ter uma visão de Saul Panzer.

- Sim, senhor - ele sacudiu a cabeça afirmativamente. - Às seis e vinte. Três minutos depois de chegar, eu já havia reconhecido três homens da Homicídios, espalhados em locais diferentes. Não sei se

me reconheceram. Às seis e vinte e oito, vi Alfred Kiernan caminhar para o balcão de informações e parar a uns três metros de distância. Estava prestes a ir falar com ele, quando vi a Srta. Dickey chegando pelo lado da rua 42. Ela chegou a uns dez metros do balcão e parou olhando em volta. Seguindo suas instruções, para o caso de mais de uma pessoa comparecer ao encontro e a Srta. Dickey ser uma delas, fui primeiro até ela e disse 'Saint Nick'. Ela disse 'Quem é você e o que quer?' Eu disse 'Desculpe, mas volto em um minuto' , e fui até onde estava Alfred Kiernan e disse

"Saint Nick". Logo que disse isto, ele levantou a mão e tocou a orelha, e imediatamente vieram os três homens que havia reconhecido e mais dois. Logo depois, chegaram o inspetor Cramer e o sargento Stebbins. Tive medo que a Srta. Dickey escapasse, e ela chegou a tentar, mas viram quando eu falara com ela, e dois deles a pararam e prenderam.

Saul parou devido a uma interrupção. Purley Stebbins, sentado ao lado dele, se levantou e foi colocar-se perto de Margot Dickey, o que não era necessário, pois eu estava sentado a menos de um metro dela e poderia impedir que tentasse qualquer coisa. Mas Purley não tem consideração pelos sentimentos dos outros, especialmente pelos meus. Saul continuou:

- Naturalmente era na Srta. Dickey que eu estava interessado, pois eles se moveram a um sinal de Kiernan. Mas eles a prenderam e ficou tudo bem. Nos levaram para uma sala atrás do depósito de encomendas e começaram a trabalhar em mim. Seguindo suas instruções, disse-lhes que só falaria na presença de Nero Wolfe, porque agia no cumprimento de ordens suas. Quando entenderam que eu falava sério, levaram-nos até dois carros de polícia e nos trouxeram até aqui. Mais alguma coisa que queira saber, senhor?

- Não - disse Wolfe. - Estou satisfeito - e virando-se para Cramer: - Acredito que o Sr. Panzer esteja certo ao presumir que o Sr. Kiernan deu um sinal a seus homens. Assim , o Sr. Kiernan levou a mensagem para mostrar ao senhor?

- Sim - Cramer tirara do bolso um charuto que estava espremendo na mão. Ele faz isso às vezes, quando tem vontade de espremer a garganta de Wolfe -, ele nos levou a mensagem. Assim como três outros: Sra. Jerome, seu filho Leo e o Sr. Hatch.

- Mas a Srta. Dickey não levou?

- Não, nem a Srta. Quon.

- A Srta. Quon deve ter relutado, o que é compreensível. Ela nos disse ontem que a idéia que a policia tem de orientais é muito primitiva. Quanto à Srta. Dickey, não me surpreende. Diria até que, por razões que não concernem ao senhor, estou feliz. Disse-lhe que ela contara ao Sr. Goodwin que Bottweill rasgara a licença de casamento e jogara os pedaços na cesta de papel. Mas os pedaços não estavam ali quando o Sr. Goodwin os procurou, e a cesta não fora limpa desde a tarde de quinta-feira. É difícil imaginar uma razão para alguém pescar no lixo e remover aqueles pedaços de papel, donde podemos concluir que a Srta. Dickey mentiu, e se mentiu sobre isso, tudo mais que disse ao Sr. Goodwin é suspeito.

Wolfe mostrou a palma da mão levantada.

- Por que contaria a ele que Bottweill ia casar-se com ela, se não era verdade? Claramente uma coisa estúpida, já que era inevitável que descobrisse a verdade. Mas deixava de ser estúpida se soubesse que Bottweill não tardaria a morrer. Na verdade, a coisa não teria nada de estúpida se ela já houvesse colocado o veneno na garrafa; eliminava o motivo, ou pelo menos seria uma ajuda nesse sentido. Seria justo supor que quinta-feira no escritório, quando se encontraram, Bottweill disse que não se casaria com ela, mas que decidira desposar a Srta Quon; naquele momento ela decidira matá-lo e começara a agir. É justo admitir que provavelmente ela não seria descoberta nunca, não fossem as complicações injetadas por Papai Noel e minha conseqüente intervenção. Tem algum comentário a fazer, Srta. Dickey?

Cramer deixou sua cadeira e ordenou.

- Não responda! A partir de agora, sou eu quem comanda este show - mas ela falou.

- Cherry tirou os pedaços de papel da cesta. Foi ela. Foi ela quem o matou -começou a levantar-se, mas Purley estava segurando seu braço, e Cramer, caminhando para ela, disse:

- Ela não foi ao encontro de um chantagista, você sim. Reviste sua bolsa, Purley. Eu cuido dela.

IX

Cherry Quon estava de volta à poltrona vermelha. Os outros já haviam partido, e ela, Wolfe e eu estávamos sós. Não colocaram algemas em Margot Dickey, mas Purley continuava segurando seu braço quando saíram, com Cramer logo atrás. Saul Panzer fora com eles, já não mais preso, mas convidado a prestar esclarecimentos. A Sra. Jerome e Leo foram os primeiros a partir, Kiernan perguntara a Cherry se podia acompanhá-la até sua casa, mas Wolfe disse que não. Queria falar com ela em particular, assim Kiernan e Hatch partiram juntos, o que era uma bela demonstração de espírito natalino, já que Hatch não poupava ninguém quando dissesse que desprezava a todos.

Cherry estava sentada na ponta da cadeira, com a coluna reta e as mãos no colo.

- O senhor não fez como eu disse - seu gorjeio não tinha nenhuma ponta de aço.

- Não - concordou Wolfe. - Mas fiz. A senhorita podia ignorar uma complicação, a possibilidade de que fosse a senhorita a assassina. Eu não. Não podia mandar-lhe uma daquelas mensagens; mas caso ninguém mordesse a isca, se nenhum deles fosse ao encontro sem antes notificar a polícia, concluiria que a senhorita era culpada e agiria para desmascará-la. Como faria isto, ainda não sei; mas agora que a Srta. Dickey se traiu e foi descoberta, já não importa mais.

Os olhos dela se alargaram.

- O senhor realmente pensou que eu poderia ter matado Kurt?

- Com certeza. Uma mulher capaz de usar chantagem para forçar-me a fabricar provas para incriminar alguém por assassinato seria capaz de qualquer coisa. E falando em provas, é muito difícil prever o comportamento de um júri, num caso de assassinato, quando a acusada é jovem e bonita. Agora que a Srta. Dickey é claramente culpada, pode estar certa de que o inspetor Cramer vai juntar o máximo possível de fatos, e deve haver o bastante, para condená-la. O que me traz ao assunto do qual queria falar. Nesta busca por evidência, todos vocês serão exaustiva e repetidamente questionados. Será...

- Não seria assim se o senhor fizesse como eu disse. Haveria a prova.

- Prefiro ao meu modo - Wolfe, tentando completar seu raciocínio, teve que se controlar. - Será cansativo para todos vocês, e ele a questionará longamente a respeito de sua conversa, ontem pela manhã na hora do café, com Bottweill, querendo saber tudo que ele disse. E sob pressão no interrogatório, a senhorita poderia, inadvertidamente, deixar escapar alguma coisa do que ele disse sobre Papai Noel. Se fizer isso, eles investigarão até o fim. Eu a aconselho a não cometer tal deslize. Mesmo que acreditem em você, a identidade de Papai Noel não é mais importante, já que sabem quem é a assassina. E se vierem até a mim com essa história, não terei dificuldade em desmenti-la. Wolfe continuou:

- No final, é provável que não acreditem em você. Pensarão que inventou tudo por alguma obscura razão, afinal você é oriental, e tudo que conseguirá com isto serão mais perguntas. Talvez até suspeitem que de alguma forma esteja envolvida com o crime. Sugiro que considere com cuidado o que estou dizendo, não apenas por minha causa, mas principalmente para seu próprio bem. Acho que seria sábio esquecer Papai Noel.

Ela olhava diretamente para ele.

- Gosto de ser sábia - disse afinal.

- Estou certo que sim.

- Ainda acho que devia ter feito do meu jeito. Mas agora já está feito. Isto é tudo? Ele assentiu com a cabeça e disse:

- Isto é tudo.

Ela me olhou, e levei alguns segundos para perceber que sorria para mim. Achei que não havia mal nenhum em sorrir de volta, e sorri para ela. Levantou-se da cadeira e veio em minha direção com a mão estendida. Levantei-me e apertei sua mão.

- Gostaria de apertar a mão do Sr. Wolfe, mas sei que não gosta de apertos de mão. Sabe, Sr. Goodwin, deve ser um enorme prazer trabalhar para alguém tão inteligente quanto o Sr. Wolfe. Tão extremamente inteligente. Foi muito excitante estar aqui. Agora eu me despeço.

Virou-se e partiu.

Tradução de Octávio Marcondes

83. STAN O MATADOR

GEORGES SIMENON (1903 -1989 | Bélgica)

Como outros (poucos) autores policiais, Simenon tem uma legião de admiradores. É o criador de um dos mais conhecidos e bem realizados detetives do gênero: o inspetor Maigret. Autor de cerca de duzentos livros, este belga que se transformou em um romancista parisiense como poucos, embora mais conhecido por seus romances, como Cais de Bruma, O Assassino, O Cão Amarelo, O Homem que Via o Trem Passar e outros tantos (vários deles lançados no Brasil nos anos 80), deixou algumas centenas de contos e novelas. Vários poderiam ser o conto escolhido, mas optamos por esta antiga investigação do senhor inspetor Maigret.

1

Maigret, mãos nas costas, cachimbo entre os dentes, caminhava lentamente, empurrando com dificuldade seu corpo pesado pela multidão da rua Saint-Antoine, que vivia sua vida de todas as manhãs, com o sol que escoava de um céu claro sobre as pequenas charretes carregadas de frutas e legumes e sobre os tabuleiros que atulhavam quase toda a largura da calçada.

Era a hora das donas-de-casa, das alcachofras que se sopesam e das cerejas que se provam, dos escalopes e contra-filés sucedendo-se nas balanças.

- Aqui , aspargos lindos por cinco francos a caixa grande!
- Peixes frescos!... Aproveite! Acabaram de chegar!...

Caixeiros de avental branco, açougueiros sob toldos finamente quadriculados, aromas de queijo diante de uma leiteria e, mais ao longe, odores de café torrado; todo o agitado pequeno comércio da

alimentação e o desfile das donas-de-casa desconfiadas, o sino das caixas registradoras e a passagem pesada dos ônibus.

Ninguém desconfiava que era o comissário Maigret quem andava por ali, nem que se tratava de um dos casos mais angustiantes que se pudesse imaginar.

Quase em frente à rua de Birague, havia um pequeno café, o Tonnelet Bourguignon, cuja pequena varanda só comportava três mesas. Foi lá que Maigret se sentou, com toda a aparência de um transeunte cansado. Ele sequer ergueu os olhos para o garçom alto e magro que se aproximava e anotava o pedido.

- Um vinho branco pequeno... - resmungou o comissário.

E quem teria adivinhado que o garçom do Tonnelet Bourguignon, com seus gestos às vezes desajeitados, não era outro senão o inspetor Janvier?

Ele voltou com o copo de vinho em equilíbrio instável sobre uma bandeja. Com um guardanapo meio duvidoso, secou a mesa, e caiu no chão um papelzinho, que Maigret apanhou pouco depois.

A mulher saiu para fazer compras. Não vi o Caolho. O Barbudo saiu cedo. Os três outros devem ter ficado no hotel.

O tumulto, às dez da manhã, só fazia aumentar. Ao lado do Tonnelet, uma confeitaria fazia uma promoção e os vendedores paravam os transeuntes para lhes dar para provar biscoitos de dois francos a caixa grande.

Bem na esquina da rua de Birague via-se a fachada de um hotel de quinta categoria, um desses hotéis onde as pessoas se hospedam 'por mês, por semana ou por dia', não sem "pagamento adiantado", e esse hotel, sem dúvida por ironia, tinha escolhido o nome de 'Boaestada'.

Maigret saboreava seu copinho de vinho branco seco e seu olhar não parecia pri-maveril. Ainda assim, aquele olhar não tardou a se deter numa janela, no primeiro andar de uma casa da rua de Birague, quase em frente ao hotel. Naquela janela, um velhinho estava sentado junto à gaiola de um canário e não parecia ter outra

preocupação a não ser aquecer-se ao sol enquanto Deus ainda se dignasse deixá-lo viver.

Era Lucas, o brigadeiro Lucas, que habilmente se envelhecera uns vinte anos, e que, embora tivesse percebido Maigret em sua varanda, evitava dirigir-lhe o menor sinal de reconhecimento.

Tudo aquilo constituía o que, em linguagem policial, chama-se vulgarmente de à campana. Já durava dez dias e pelo menos duas vezes por dia o comissário vinha saber das novidades, enquanto, à noite, seus homens eram revezados por um guarda que na verdade não era guarda, pois era inspetor da Polícia Judiciária, e por uma garota que fazia a vida por ali evitando ser importunada por clientes.

Maigret teria notícias de Lucas dentro de pouco tempo, quando seria chamado ao telefone no Tonnelet Bourguignon. E sem dúvida elas não seriam mais sensacionais do que as de Janvier.

A multidão passava tão perto da minúscula varanda que o comissário era toda vez obrigado a esconder os pés sob sua cadeira.

Pois, de repente, sem que ele notasse, um homem sentou-se a seu lado, em sua própria mesa, um homem magro e ruivo, de olhos tristes, cujo rosto lúgubre tinha alguma coisa do rosto de um palhaço.

- Você de novo? - rosnou o comissário.

- Peço desculpas, Sr. Maigret, mas insisto que o senhor acabará me entendendo e aceitando o que lhe proponho.

E para Janvier que se aproximava com os gestos de um perfeito garçom:

- A mesma coisa que meu amigo.

Ele tinha um sotaque polonês muito pronunciado. Devia ter a garganta irritada, pois mastigava sem parar um charuto de alcatrão que acentuava ainda mais o que havia de burlesco em sua aparência.

- Você está começando a me dar nos nervos! - disse Maigret sem simpatia. - Quer me dizer como sabia que eu viria aqui hoje de manhã?

- Eu não sabia.

- Então por que foi que veio? Ou vai querer me dizer que me viu por acaso?

- Não!

Os reflexos do homem eram lentos como os dos ginastas de musicais que se intitulam acrobatas fleumáticos. Ele olhou para frente, com seus olhos amarelos, ou melhor, ele parecia olhar para o vazio. E falava com uma voz monocórdia e triste, como se recitasse intermináveis condolências.

- O senhor é mau comigo, Sr. Maigret.

- Isto não responde à minha pergunta. Como é que pode você estar aqui esta manhã?

- Eu o segui.

- Desde a Polícia Judiciária?

- Bem antes... Desde a sua casa...

- Então você confessa que está me espionando.

- Não o estou espionando, Sr. Maigret. Tenho respeito e admiração demais pelo senhor! Eu lhe disse que seria um dia seu colaborador...

E ele suspirou nostalgicamente, contemplando seu charuto de alcatrão terminado por uma cinza artificial em madeira pintada.

Os jornais nada haviam publicado, exceto um. E esse jornal, aliás, que recebera a pista sabe Deus como, complicara bastante a tarefa do comissário.

A polícia teria todos os motivos para acreditar que os bandidos poloneses, inclusive Stan o Matador, estão neste momento em Paris.

Era verdade, mas teria sido melhor nada dizer. Em quatro anos, um bando de poloneses, a respeito dos quais quase nada se sabia,

havia atacado cinco fazendas, sempre no Norte e sempre com métodos idênticos.

No princípio, eram sempre fazendas isoladas, cuidadas por velhos. Além disto, o atentado acontecia invariavelmente numa tarde de feira e em casas cujos donos, tendo vendido um bom número de animais, tinham consigo uma grande quantidade de dinheiro líquido.

Nada de científico no método. O atentado brutal, como o que acontecia no tempo dos ladrões de estrada. Um absoluto desprezo pela vida humana.

Os poloneses matavam! Matavam todos os que encontravam na fazenda, mesmo se lá houvesse crianças, sabendo que esta era a única maneira de evitar serem um dia reconhecidos.

Eles eram dois, cinco ou oito?

Em todos os casos, pessoas haviam notado uma caminhonete. Um garoto de uns doze anos pretendia ter visto um homem caolho.

Alguns afirmavam que os bandidos, para operar, serviam-se de máscaras negras.

A verdade era que sempre, todas as vezes, os fazendeiros eram mortos a golpes de faca, ou mais exatamente degolados na exata acepção da palavra.

O caso não dizia respeito a Paris. As diversas brigadas móveis da França se ocuparam dele.

Durante dois anos, o mistério permanecera total, o que não ajudava a tranquilizar os camponeses.

Viera então uma informação dos arredores de Lille, onde as aldeias são verdadeiros enclaves poloneses em terras francesas. A informação era vaga. Era mesmo impossível encontrar a verdadeira fonte.

- Os poloneses acreditam que se trata do bando de Stan o Matador. ..

Mas, quando se interrogava um a um os homens da região, que em sua maioria não falavam francês, eles de nada sabiam, ou

então gaguejavam:

- Disseram...
- Quem disse?
- Não sei... Esqueci...

Por ocasião de um crime na região de Reims, entretanto, uma empregada da fazenda, cuja existência os bandidos deviam ignorar e que dormia num socavão, havia sido poupada. Ouvira os assassinos falar numa língua que ela acreditava ser polonês. Ela tinha visto os rostos mascarados com panos pretos, mas reparara que um dos homens era caolho e que um outro, um colosso de mais de um metro e oitenta de altura, era extraordinariamente peludo.

Assim começou-se a dizer nos meios policiais:

- Stan o Matador... O Barbudo... O Caolho...

Durante meses nada mais se soube, até o dia em que um pequeno inspetor da brigada fez uma descoberta. Ele era responsável pelo bairro Saint-Antoine, onde os poloneses pululam. Tinha reparado, num hotel da rua de Birague, um grupo estranho no qual havia, simultaneamente, um caolho e um colosso com o rosto literalmente coberto de pêlos.

Na aparência, era gente pobre. O colosso peludo ocupava um quarto pago por semana, com sua mulher, mas quase todas as noites ele dava asilo a vários compatriotas, às vezes dois, às vezes cinco. Também freqüentemente outros poloneses alugavam o quarto vizinho.

- Quer se ocupar disso, Maigret? -- propusera o diretor da Polícia Judiciária.

Pois no dia seguinte, embora o caso tivesse sido mantido secreto, um jornal publicava a informação.

No outro dia, em sua correspondência, Maigret encontrou uma carta mal-escrita, com uma letra quase infantil, com inúmeros erros de ortografia, num papel de má qualidade como os que se vendem nos armazéns:

"Stan não se deixará apanhar. Tome cuidado. Antes que o senhor o tenha reduzido à impotência, ele terá tido tempo de abater meio mundo ao seu redor."

Claro, não se sabia ainda quem era Stan o Matador, mas havia boas razões para acreditar que a pista da rua de Birague estava certa, já que o assassino se dava ao trabalho de enviar uma carta de ameaças.

E aquela carta não era brincadeira, Maigret tinha certeza. Ela "cheirava" a verdade, como ele dizia. Tinha um gostinho de canalhice.

- Seja prudente, cara! - recomendara o chefe. - Nada de prisões bruscas. O homem que degolou dezesseis pessoas em quatro anos não hesitará em esvaziar o tambor do revólver quando perceber que está a ponto de ser apanhado...

Eis por que Janvier se tornara garçom do café em frente ao Hotel Boaestada, enquanto Lucas se transformara em velho impotente passando os dias farejando o sol de sua janela.

O bairro continuava sua vida barulhenta, sem desconfiar que de um minuto para outro um homem desesperado poderia abrir fogo em todos os sentidos ao seu redor...

- Senhor Maigret, eu vim dizer... E surgira Michel Ozep.

Seu primeiro encontro com Maigret datava de quatro dias. Ele se apresentara à P.J. e insistira para ser recebido pelo comissário em pessoa. Este o fizera esperar mais de duas horas, o que não havia desconcertado o homenzinho.

Uma vez no escritório, batera os calcanhares e curvara-se estendendo a mão.

- Michel Ozep, antigo oficial polonês, professor de ginástica em Paris...

- Sente-se, estou às suas ordens.

O polonês falava com um sotaque pronunciado e de maneira tão eloqüente que nem sempre se podia acompanhar o que dizia. Ele explicou que pertencia a uma família muito boa, que deixara a

Polônia depois de desgostos íntimos - ele deu a entender que estava apaixonado pela mulher de seu coronel! - e que estava mais desesperado do que nunca porque não conseguia se acostumar com uma vida medíocre.

- O senhor compreende, Senhor Maigret... Ele pronunciava "Maigrette".

- ...Eu sou um cavalheiro... Aqui, eu dou aulas a gente sem cultura e sem educação... Eu sou pobre... Eu decidi me suicidar...

No começo, Maigret pensara: "Um louco!"

Pois no Quoi des Orfèvres são comuns as visitas deste tipo e um bom número de malucos sente necessidade de ir lá fazer confidências.

- Tentei há três semanas... Atirei-me no Sena... ponte de Austerlitz, mas os guardas da brigada fluvial me viram e me tiraram da água...

Com um pretexto, Maigret foi para a sala ao lado, telefonou à brigada fluvial e constatou que era verdade.

- Seis dias depois, eu quis me matar com o gás dos lampiões, mas o carteiro chegou com uma carta e abriu a porta. ..

Telefonema à delegacia do bairro. Também era verdade.

- Eu quero realmente me matar, o senhor compreende? Minha existência não tem mais valor. Um cavalheiro não pode aceitar viver assim na miséria ou na mediocridade. Então, pensei que o senhor talvez precisasse de um homem como eu...

- Para quê?

- Para ajudá-lo a prender Stan o Matador. Maigret franzira as sobrancelhas.

- O senhor o conhece?

- Não... eu só ouvi falar dele... Como polonês, estou indignado que um homem de meu país viole assim as leis da hospitalidade... Desejo que Stan e seu bando sejam presos... Eu sei que ele resolveu defender-se com selvageria... Então, entre aqueles que

quiserem prendê-lo, haverá certamente mortos... Não vale mais a pena que seja eu, já que quero mesmo morrer?... Diga-me onde está Stan... Eu irei e o desarmarei... Se for preciso, eu o machucarei, para que ele não ofereça mais perigo...

Maigret não teve outra saída senão empregar a fórmula tradicional.

- Deixe-me seu endereço... Eu escreverei...

Michel Ozep morava num apartamento mobiliado, na rua das Tournelles, não muito longe, exatamente, da rua de Birague. Um inspetor cuidara dele. O relatório lhe era bastante favorável. Realmente havia sido subtenente no exército polonês quando este se constituía. Depois, perdia-se seu rastro. Era reencontrado em Paris, onde tentava dar aulas de ginástica aos filhos e filhas de pequenos comerciantes.

Suas tentativas de suicídio não eram invenção.

O que não impediu que Maigret, de acordo com o chefe da P.J., lhe enviasse uma carta oficial que terminava com

...não posso, lamentavelmente, fazer uso de sua generosa proposta, que agradeço...

Duas vezes, desde então, Ozep se apresentara no Quai des Orfèvres e insistira para ver o comissário. Da segunda vez, chegara a recusar-se a ir embora, afirmando que esperaria ali o tempo que fosse preciso e ocupando quase à força, durante horas, uma das poltronas de veludo da sala de espera.

Agora, Ozep lá estava, na mesa de Maigret, na varanda do Tonnelet Bourguignon.

-Quero provar-lhe, Sr. Maigrette, que sou bom para qualquer coisa e que o senhor pode aceitar meus favores. Já são três dias que o sigo e sou capaz de lhe dizer tudo o que o senhor fez durante esse tempo. Sei também que o garçom que acaba de me servir é um de seus inspetores e que há outro numa janela em frente a nós, perto de uma gaiola de canário...

Maigret apertou furiosamente o cabo do cachimbo entre os dentes, evitando olhar para seu interlocutor, que continuava a falar com voz monocórdica.

- Eu compreendo que, quando um desconhecido vem declarar: 'Sou um antigo oficial do exército polonês e quero me suicidar' .. Compreendo que o senhor pense: 'Isto talvez não seja verdade...' Mas o senhor verificou tudo o que eu lhe disse... O senhor viu que não me rebaixo a mentir...

Era um moinho de palavras, um moinho de fluxo rápido, aos arrancos, cansativo de escutar, ainda mais que o sotaque deformava as sílabas a tal ponto que era preciso uma contínua atenção para compreender tudo.

-O senhor não é polonês, Sr. Maigrette. O senhor não compreende a mentalidade... O senhor não fala a língua... Eu quero ajudá-lo seriamente, porque não é possível que a fama de meu país continue a ser maculada por...

O comissário começava a espumar de raiva. E o outro, que, afinal de contas, devia estar percebendo, não deixava por menos:

- Se o senhor tentar prender Stan, o que ele vai fazer? Ele tem talvez dois, talvez três revólveres nos bolsos... Ele atira em todo mundo... Quem sabe se criancinhas não serão mortas, mulheres feridas?... Então, vão dizer que a polícia...

- O senhor não quer se calar?

- Eu, eu quero morrer... Ninguém chorará o pobre Ozep. O senhor me diz "Eis Stan!" E eu o sigo como seguiu o senhor... Espero o momento em que não haja gente... Digo a ele: 'Você é Stan o Matador!'. .. Então ele atira em mim e eu atiro em suas pernas... Pelo fato dele ter atirado em mim, o senhor tem a prova de que é mesmo Stan e não faz uma bobagem... E como ele está ferido...

Nada o fazia parar! Ele teria continuado sua lengalenga apesar de todo o universo.

- E se eu o mandasse engaiolar? - interrompeu-o rudemente Maigret.

- Por quê?

- Para ter paz.

- O que o senhor diria? O que foi que o pobre Ozep fez contra as leis francesas que, pelo contrário, ele quer defender e pelas quais dá sua vida?

- Bico calado!

- O quê? O senhor aceita?

- Nada disso!

Nesse momento uma mulher passou, uma mulher de cabelos louros, pele muito clara, que todo mundo no bairro era capaz de dizer que era estrangeira. Ela levava uma sacola de compras e se dirigia a um açougue.

Maigret, que a seguia com os olhos, observou que seu companheiro sentiu a súbita necessidade de se assoar ruidosamente, cobrindo quase todo o rosto com o seu lenço.

- É a amante de Stan, não é? - disse ele quando a mulher desapareceu.

- Será que o senhor vai me deixar em paz, afinal?

- O senhor tem certeza de que ela é a amante de Stan, mas o senhor não sabe qual deles é Stan L.. O senhor acha que é o barbudo... Ora, o barbudo se chama Boris... E o caolho se chama Sacha... Não é um polonês, é um russo... Se o senhor mesmo for pesquisar, não descobrirá coisa alguma, porque no hotel só há poloneses que se recusarão a responder, ou que lhe mentirão... Enquanto eu...

Nenhuma dona-de-casa, na agitação da rua Saint-Antoine, desconfiava dos assuntos discutidos naquela minúscula varanda do Tonnelet Bourguignon. A mulher de cabelos louros e pele clara pechinchava umas costeletas no balcão de um açougue ali perto e havia em seu olhar um pouco daquele cansaço que se podia ler no de Michel Ozep.

- Talvez o senhor esteja aborrecido porque receia, se eu for morto, que lhe sejam pedidas explicações? Em primeiro lugar, não

tenho família... Depois, eu escrevi uma carta na qual digo que fui eu, sozinho e por mim mesmo, que procurei a morte.

Na porta, o pobre Janvier não sabia o que fazer para explicar a Maigret que havia uma chamada telefônica para ele. Maigret havia percebido, mas continuava a observar seu polonês, tirando pequenas baforadas de seu cachimbo.

- Escute, Ozep...

- Sim, senhor Maigrette...

- Se o senhor for novamente visto nos arredores da rua Saint-Antoine, mando prendê-lo!

- Mas eu moro...

- Só precisa ir morar em outro lugar!

- O senhor recusa a oferta que... ?

- Saia daqui!

- Mas...

- Saia ou eu o prendo!

O homem se levantou, cumprimentou batendo os calcanhares e, se dobrando em dois, afastou-se num passo digno. Maigret, que tinha avistado um de seus inspetores, fez-lhe sinal para que seguisse o estranho professor de ginástica.

Janvier podia finalmente se aproximar.

Lucas acaba de telefonar... Ele viu armas no quarto e cinco poloneses dormiram esta noite no quarto vizinho, alguns no chão, deixando a porta de comunicação entreaberta... O que queria, esse fulano?

- Nada... Eu lhe devo? ..

E Janvier, retomando seu papel, indicou o copo de Ozep.

- O senhor paga a conta daquele senhor?... Um franco e vinte e um franco e vinte, dois e quarenta...

Maigret tomou um táxi e se fez conduzir à P.J.

Na porta de sua sala, encontrou o inspetor que havia encarregado de seguir Ozep.

- Você perdeu o rastro dele? - berrou ele. - Você não tem vergonha? Eu te encarrego de uma perseguição infantil e...

- Eu não o perdi - murmurou humildemente o inspetor, que era um novato.

- Onde está ele?

- Aqui.

- Foi você quem o trouxe?

- Foi ele.

Porque, com efeito, Ozep se encaminhara diretamente para a PJ. e se instalara calmamente na sala de espera, com um sanduíche, depois de ter anunciado que tinha hora marcada com o comissário "Maigrette".

2

Trabalho menos atraente, sem dúvida, mas não menos útil: Maigret, com sua letra grande, parecendo querer esmagar a pena sobre o papel, resumia num relatório as diversas informações obtidas em quinze dias de diversas vigilâncias do bando dos poloneses.

Era alinhando-as desta forma que se podia constatar o quanto tais informações eram frágeis, pois não se podia sequer fixar ao certo o número de indivíduos fazendo parte do bando.

De acordo com as informações anteriores, ou seja, de acordo com as pessoas que, por ocasião dos atentados, haviam visto, ou acreditavam ter visto os bandidos, estes eram às vezes quatro, às vezes cinco, mas era provável que outros cúmplices descobrissem anteriormente as fazendas e freqüentassem as feiras.

Aquilo dava mais ou menos umas seis ou sete pessoas e parecia mesmo ser este o número de indivíduos que giravam em torno da rua de Birague.

Locatários fixos, só havia três, que tinham, aliás, preenchido regularmente suas fichas e apresentado passaportes em ordem.

1. Boris Saft, a quem os investigadores chamavam Barbudo e que parecia viver maritalmente com a mulher loura e chamada

2. Olga Tzérewski, 28 anos, originária de Vilna, e

3. Sacha Vorontzow, apelidado de Caolho.

Este era o trio que servia de base para a investigação, assim como servia, tudo indicava, de base para o bando.

Boris o Barbudo e Olga ocupavam um quarto.

Sacha o Caolho ocupava o quarto vizinho, e a porta de comunicação entre os dois ficava sempre aberta.

Todas as manhãs, a moça fazia suas compras e preparava a refeição sobre um fogareiro a álcool.

O Barbudo saía pouco, passava a maior parte de seus dias deitado na cama de ferro, lendo os jornais poloneses que iam comprar para ele num quiosque da praça da Bastilha.

O Caolho tinha saído algumas vezes e em todas elas fora seguido por um inspetor. Será que o homem desconfiava? A verdade é que ele ficava sempre contente de fazê-los passear por Paris e parar em diversos cafés para beber, sem dirigir a palavra a quem quer que fosse.

O resto era o que Lucas chamava de "clientela volante". Pessoas entravam e saíam, sempre as mesmas, quatro ou cinco, a quem Olga dava de comer e que, às vezes, dormiam num dos dois quartos, no chão, para partir pela manhã.

O fato nada tinha de extraordinário, pois o mesmo acontecia em quase todos os hotéis ocupados por gente pobre, exilados que se juntavam para pagar um quarto ou que hospedavam compatriotas encontrados pela rua.

A respeito da "clientela volante", Maigret possuía algumas anotações.

1. O Químico, que era chamado assim porque se apresentara duas vezes na Bolsa de Empregos para pedir uma vaga numa fábrica de produtos químicos. Suas roupas eram muito usadas, mas de bom corte. Durante horas, ele percorria as ruas de Paris com a atitude de quem procura ganhar algum dinheiro e, durante todo um dia, empregara-se como homem-sanduíche.

2. Espinafre, assim chamado porque usava um inacreditável chapéu verde-espina-fre que se fazia notar ainda mais porque a camisa era de um rosa desbotado. Espinafre saía sobretudo à noite e era visto abrindo as portas de qualquer boate em Montmartre.

3. O Inchado, um baixinho gordo, ofegante, mais bem-vestido que os outros, embora seus dois pés de sapato não fossem do mesmo par.

Dois outros vinham menos regularmente à rua de Birague e era difícil dizer se faziam parte ao bando.

Maigret anotou embaixo desta lista:

Essa gente dá a impressão de estrangeiros sem dinheiro, em busca de um trabalho qualquer. No entanto, há sempre vodka nos quartos e ali se fazem, às vezes, verdadeiros banquetes.

É impossível saber se o bando se sente vigiado e só toma essa atitude para enganar a polícia.

Por outro lado, se é verdade que um desses indivíduos é Stan o Matador, seria mais provável que fosse o Caolho ou o Barbudo. Mas isto é apenas uma suposição. Foi sem o menor entusiasmo que ele levou seu relatório ao chefe.

- Nada de novo?

- Nada de concreto. Juraria que os valentões perceberam todos os nossos homens e que se divertem a multiplicar suas idas e vindas mais inocentes. Eles acham que não podemos mobilizar eternamente uma parte da P.J. para vigiá-los o tempo todo. Eles têm tempo ...

- O senhor tem um plano?

- O senhor sabe, chefe, que as idéias e eu nos embaralhamos há muito tempo. Eu vou, eu volto, eu farejo. Alguns acreditam que busco inspiração, mas dão com os burros n'água. O que espero é o fato significativo que nunca deixa de se produzir. O que importa é estar lá quando ele acontecer e se aproveitar. ..

- O senhor então espera um acontecimentozinho? - murmurou o chefe sorrindo, pois conhecia seu homem.

- Minha convicção é esta: nós realmente estamos diante do bando de poloneses. Por causa desse jornalista idiota, que está sempre rondando pelos corredores e que deve ter surpreendido alguma conversa, nossos valentões foram alertados. ..

"Agora, o que me pergunto é por que Stan escreveu. Talvez porque saiba que a polícia hesita sempre em realizar uma prisão à força? Talvez por bravata. Os matadores têm seu orgulho, eu ia dizendo orgulho profissional ...

"Qual deles é Stan?

"Por que esse diminutivo, que é mais americano do que polonês?

"O senhor sabe que levo algum tempo para formar uma opinião. .. Pois bem, ela começa a aparecer... Há dois ou três dias, parece que sinto a psicologia de meus valentões bem diferente da dos assassinos franceses...

"E les precisam de dinheiro, não para se aposentar no campo, ou para fazer a festa nas casas noturnas, ou ainda para fugir para o exterior, mas simplesmente para viver como querem, ou seja, sem fazer coisa alguma, comer, beber e dormir, passar os dias deitados numa cama, mesmo que a cama esteja imunda, fumando e esvaziando garrafas de vodca.

"Sentem também vontade de estar juntos, de sonhar juntos, de conversar juntos e, algumas noites, de cantar juntos..."

"Na minha opinião, tendo realizado seu primeiro crime, eles viveram de rendas até que o dinheiro se esgotasse, depois prepararam um novo golpe. Quando os fundos estão baixos, eles recomeçam, friamente, sem remorsos, sem a menor piedade para com os velhos que degolam e cujas economias comem em algumas semanas ou em alguns meses..."

"Agora que entendi isto, espero..."

- Eu sei... o acontecimentozinho. .. - brincou o diretor da P.J.

- Ironize o quanto quiser. O que não impede que o acontecimentozinho já esteja aí...

- Onde?

- Na sala de espera ... o homenzinho que me chama de Maigrette e que quer de qualquer modo me ajudar na prisão, mesmo deixando sua pele. .. Ele afirma que é um modo como qualquer outro de se suicidar.

- Um louco?

- Talvez! Ou um cúmplice de Stan que houvesse descoberto uma maneira de conhecer nossas intenções. Todas as suposições são permitidas e é exatamente isto o que torna o fulano fascinante. O que impede, por exemplo, que ele seja Stan em pessoa?

E Maigret esvaziou seu cachimbo dando pequenos golpes no parapeito da janela, embora as cinzas caíssem em algum lugar no cais, talvez sobre o chapéu de um transeunte.

- O senhor vai usar esse homem?

- Acho que sim.

Aí o comissário andou até a porta, evitando dizer mais.

- O senhor verá, chefe! Eu ficarei espantado se a tocaia for necessária depois do fim desta semana.

Ora, era tarde de quinta-feira!

- Sente-se aí! Não é enervante ficar todo o dia chupando essa porcaria de charuto de alcatrão?

- Não, Sr. Maigrette.

- Você está começando a me irritar com seu Maigrette ... Mas enfim! Falemos seriamente. Você continua decidido a morrer?

- Estou, Sr. Maigrette.

- E continua querendo que lhe seja confiada uma missão perigosa?

- Eu quero ajudá-lo a prender Stan o Matador.

- Então, se eu dissesse para você se aproximar do Caolho e lhe dar um tiro de revólver na perna, você o faria?

- Faria, Sr. Maigrette. Mas seria preciso que o senhor me desse um revólver. Eu sou muito pobre e...

- Suponha agora que eu peça para você ir dizer ao Barbudo, ou ao Caolho, que você tem informações seguras de que a polícia irá prendê-los...

- Estou disposto, Sr. Maigrette. Eu esperaria o Caolho passar na rua e lhe daria o recado.

O olhar pesado do comissário continuava fixo no pequeno polonês e este não se mostrava incomodado, nem inquieto. Poucas vezes Maigret havia visto num homem tanta segurança junto com tanta calma.

Michel Ozep falava de se matar ou de ir até o bando de poloneses como de uma coisa muito simples, muito natural. Estava tão à vontade na varanda da rua Saint-Antoine como no ambiente da Polícia Judiciária.

- Você não conhece nem um nem outro?

- Não, Sr. Maigrette.

- Pois muito bem, vou encarregá-lo de uma missão. Azar o seu se tiver confusão. Desta vez, Maigret abaixou as pálpebras para esconder o que havia de demasiado tenso em seu olhar.

- Daqui a pouco, iremos juntos à rua Saint-Antoine. Eu esperarei do lado de fora. Você subirá até o quarto, escolhendo um momento em que a mulher estiver sozinha. Você lhe dirá que é um compatriota e que, por acaso, soube que a polícia daria esta noite uma busca no hote l ...

Silêncio de Ozep.

- Você entendeu?

- Entendi.

- Combinado?

- Vou confessar-lhe uma coisa, Sr. Maigrette.

- Vai correr da raia?

- Não vou fazer o que o senhor diz... "correr da raia"... Não! Só gostaria de arrumar as coisas de outro jeito... O senhor talvez ache, assim, que eu seja muito ousado. .. É assim que se diz? Mas com as mulheres eu sou um homem tímido. .. E as mulheres são inteligentes, muito mais inteligentes do que os homens... Então, ela verá que estarei mentindo. .. E porque eu sei que ela verá que minto, ficarei vermelho. .. E quando eu ficar vermelho.. .

Maigret não se movia, deixando-o enrolar-se numa explicação tão detalhada quanto ruim.

- Prefiro falar com um homem. .. com o Barbudo, se o senhor quiser, ou com aquele a quem chamam o Caolho, ou a qualquer um...

Talvez porque um raio de sol penetrasse obliquamente no escritório e caísse em pleno rosto de Maigret, este parecia cochilar, como um homem a quem um almoço farto demais obriga a fazer a sesta em sua poltrona.

- É exatamente a mesma coisa, Sr. Maigrette...

Mas o Sr. Maigrette não respondia e o único sinal de vitalidade que dava era um fino filete azul que se erguia em espiral da boquilha de seu cachimbo.

- É uma pena... O senhor pode me pedir qualquer coisa, mas o senhor me pede exatamente a única coisa ...

- Bico calado!

- Como?

- Eu disse "bico calado!" Em francês, isto quer dizer que pode parar de falar... Onde você conheceu a mulher, Olga Tzéréwski?

- Eu?

- Responde.

- Eu não entendo o que o senhor quer dizer. ..

- Responde.

- Eu não conheço essa mulher. .. Se eu a conhecesse, eu confessaria... Sou um antigo oficial do exército polonês e se não tivesse tido problemas. ..

- Onde a conheceu?

- Eu juro, Sr. Maigrette, pela alma de minha pobre mãe e de meu pobre pai ...

- Onde a conheceu?

- Eu me pergunto por que o senhor ficou tão mau comigo. O senhor fala com brutalidade! Eu, que vim aqui lhe fazer um favor, para evitar que franceses sejam mortos por um compatriota...

- Canta, Fifi!

- Como?

- Canta, Fifi! Entre nós isto quer dizer "continua com a lengalenga, mas ela não vai funcionar. .. "

- Peça-me qualquer coisa ...

- É o que estou fazendo.

- Peça-me outra coisa, me atirar debaixo do trem, pular pela janela. ..

- Estou pedindo para ir ver aquela mulher e dizer-lhe que vamos efetuar esta noite a prisão do bando...

- O senhor faz absoluta questão?

- Você pode aceitar ou recusar.
- E se eu recusar?
- Você vai se enforçar em outro lugar.
- Por que me enforçar?
- Maneira de falar... Enfim, você tratará de nunca mais aparecer no meu caminho. . .
- O senhor vai mesmo prender o bando esta noite?
- É provável.
- E o senhor vai permitir que eu o ajude?
- É possível ... Veremos quando você tiver completado sua primeira missão.
- A que horas?
- Sua missão?
- Não! A que horas o senhor prenderá?
- Digamos uma hora da manhã.
- Eu vou ...
- Onde?
- Ver a mulher.
- Espere aí! Nós vamos juntos.
- É melhor que eu vá sozinho.. . Se nos virem, saberão que eu ajudo a polícia...

É claro, o polonês acabava de sair do escritório quando o comissário botou um inspetor no seu encalço.

- Devo me esconder? - perguntou esse inspetor.
- Não vale a pena... Ele é mais esperto do que você e sabe muito bem que vou mandar segui-lo. ..

E, sem perder um instante, Maigret desceu e pulou num táxi.

- A toda velocidade para a esquina da rua de Birague com Saint-Antoine. ..

A tarde estava radiosa e toldos estampados davam uma nota de cor sobre as lojas. Na sombra, cães se esticavam e a vida se escoava em câmera-lenta; tinha-se a impressão de que até mesmo os ônibus tinham alguma dificuldade para se pôr em marcha no ar espesso, suas grandes rodas deixando marcas no asfalto aquecido.

Maigret saltou do táxi para a casa que fazia ângulo entre as duas ruas e, no segundo andar, abriu uma porta, sem se dar ao trabalho de bater, e encontrou o brigadeiro Lucas sentado diante de uma janela, sempre sob o disfarce de um velhinho pacato e curioso.

O quarto era pobre, não muito limpo. Sobre a mesa viam-se os restos de uma refeição fria que Lucas pedira de uma salsicharia.

- Novidades, comissário?

- Tem gente aí na frente?

O quarto havia sido escolhido por sua posição estratégica, pois permitia a visão dos dois cômodos do Hotel Boaestada que eram ocupados pelos poloneses.

Ora, com aquela temperatura, todas as janelas estavam abertas, inclusive a de um outro quarto onde se via uma jovem adormecida, em trajes bastante leves.

- Ora vejam, parece que você não está se aborrecendo...

Sobre uma cadeira, um par de binóculos provava que Lucas cumpria seu dever com consciência e procurava obter detalhes.

- No momento - respondeu o brigadeiro - são dois no apartamento, mas logo só haverá uma pessoa. O homem, aliás, está tratando de se vestir. Ele ficou deitado a manhã inteira, como de hábito.

- É o Barbudo?

- É... Almoçaram os três: o Barbudo, a mulher e o Caolho... Então o Caolho saiu logo depois... O Barbudo se levantou e começou a se arrumar. .. Veja! Ele acabou de botar uma camisa limpa, o que não acontece muito.

Maigret aproximara-se da janela e olhava por sua vez. O colosso hirsuto dava um laço na gravata, sobre uma camisa cuja brancura

fazia no quarto cinzento uma mancha imprevista e ainda mais brilhante.

Viam-se mover seus lábios, enquanto ele se olhava no espelho. E, atrás dele, a mulher de cabelos claros arrumava, apanhava papéis engordurados que amassava em bolas, apagava finalmente um fogareiro a álcool.

- Se pelo menos eu soubesse o que eles dizem! - suspirou Lucas.
- Há momentos em que fico realmente furioso! Eu os vejo falar, falar sem parar... Às vezes eles gesticulam e eu não consigo adivinhar de que se trata... Começo a me dar conta que ser surdo deve ser um suplício e entendo por que os que sofrem dessa enfermidade passam por gente má...

- Enquanto isso, não fale tanto! Você acha que a mulher vai ficar lá?

- Não é absolutamente a sua hora de sair... Se devesse fazê-lo, teria posto seu costume cinza...

Olga realmente usava o vestidinho de malha que pusera de manhã para fazer compras. Aprimorando seu disfarce de boêmia, ela fumava um cigarro sem jamais retirá-lo dos lábios, à moda dos verdadeiros fumantes que precisam do tabaco da manhã à noite.

- Ela quase não fala! - observou Maigret.

- Também não é hora disso... É principalmente à noite que ela fala, quando todos estão à sua volta... Ou ainda algumas vezes quando está sozinha com aquele que eu chamo de Espinafre, o que raramente acontece... Ou muito me engano, ou ela tem um fraco pelo Espinafre, que é o rapaz mais bonito de todos...

Era uma sensação estranha estar assim num quarto desconhecido, olhando a vida de pessoas das quais se acabava por conhecer os mínimos fatos e gestos.

- Você está se tornando um porteiro e tanto, meu pobre Lucas...

- Estou aqui para isto, não é mesmo? Veja! Posso até contar-lhe que a garota do lado, aquela que dorme tão bem, fez amor, esta noite, até três horas da manhã, com um

rapazinho que usava uma gravata à Lavalliere e que saiu ao amanhecer, sem dúvida para voltar para a casa dos pais sem fazer barulho... Veja! Olhe o Barbudo indo embora!

- Ora vejam! Ele está quase elegante...

- Modo de dizer... Ele tem mais o ar de um lutador de feira do que de um homem do mundo.

- Digamos de um lutador de feira que faria bons negócios! - concedeu Maigret. Defronte, nenhum beijo de despedida. O homem saía, simplesmente, quer dizer,

desaparecia na parte do cômodo que se podia ver do observatório dos policiais. Pouco depois, ele surgia na calçada e se dirigia para a praça da Bastilha.

- Derain vai segui-lo. .. - anunciou Lucas, que parecia uma grande aranha no meio de sua teia. - Mas o outro sabe que é seguido. Vai se contentar em passear e talvez tomar alguma coisa numa varanda...

Quanto à mulher, apanhava um mapa rodoviário numa gaveta e o desdobrava sobre a mesa. Maigret calculava que Ozep não viera de táxi, e sim de metrô, e que, nessas condições, só chegaria dentro de alguns minutos.

- Se vier! - retificou. E ele veio.

Viram-no chegar, hesitante, ir e vir na calçada, enquanto o inspetor que o seguia fingia, na rua Saint-Antoine, interessar-se pelas prateleiras de uma peixaria.

Visto assim, do alto, o pequeno polonês parecia ainda mais magro e mais insignificante, e Maigret, por um instante, sentiu remorsos.

Ele imaginava ouvir a voz do pobre rapaz repetir cem vezes, em explicações difíceis, seu famoso "Sr. Maigrette".

Ele hesitava, estava claro. Poder-se-ia até mesmo jurar que ele tinha medo e olhava em torno de si mesmo com visível angústia.

- Você sabe o que ele está procurando? - disse o comissário a Lucas.

- O homenzinho pálido? Não! Talvez dinheiro para entrar no hotel?

- Ele está me procurando. .. ele se diz que com certeza estou por aqui e que, se eu por milagre tivesse mudado de idéia...

Tarde demais! Michel Ozep acabava de mergulhar no sombrio corredor do hotel. Podia-se segui-lo em pensamento. Ele subia a escada, chegava ao segundo andar.

- Ele ainda hesita ... - anunciou Maigret. Porque a porta já deveria se abrir.

- Ele está no andar. .. Vai bater. .. Bateu... Olhe!

Realmente, a moça loura estremeceu, guardava, com um movimento instintivo, seu mapa rodoviário no armário e se dirigia para a porta.

Por um instante, nada se via. Os dois personagens mantinham-se na parte invisível do quarto.

Então de repente a mulher apareceu e havia algo diferente nela. Seu andar era determinado, rápido. Ela ia até a janela, fechava-a e depois puxava as cortinas escuras. Lucas virou-se para o comissário esboçando uma careta estranha.

- Vejam só! ...

Mas parou de brincar ao constatar que Maigret estava muito mais sério do que ele previa.

- Que horas são, Lucas?

- Três e dez. ..

- Na sua opinião, há alguma chance de um de nossos valentões voltar daqui a pouco?

- Acho que não. .. A não ser, como eu lhe disse, Espinafre, se souber que o Barbudo não está... O senhor não está com um ar tranqüilo. ..

- Não gosto do modo como aquela janela foi fechada...

- O senhor teme pelo seu polonês? Maigret não respondeu e Lucas continuou:

- O senhor pensou que nada prova que ele esteja no quarto? Nós o vimos entrar no hotel, é verdade. .. Mas ele pode muito bem ter ido para um outro quarto... E talvez seja alguma outra pessoa que...

Maigret deu de ombros e suspirou.

- Cale-se! Você me cansa ...

3

- Que horas são, Lucas?

- Três e vinte...

- Você sabe o que vai acontecer?

- O senhor vai ver o que está acontecendo lá em frente?

- Ainda não. Mas muito provavelmente vou me cobrir de ridículo. De onde se pode telefonar?

- Do quarto ao lado. É um alfaiate que trabalha em casa para uma grande loja e esta o obrigou a ter telefone. ..

- Neste caso, vá ao quarto do alfaiate. Veja se ele não escuta a conversa. Telefone ao chefe, em meu nome. Diga-lhe para me mandar, com a maior urgência, uns vinte homens armados. Que eles se distribuam em torno do Hotel Boaestada e que esperem meu sinal. ..

A expressão de Lucas mostrava bastante bem a seriedade desta ordem, além do mais tão pouco dentro dos hábitos de Maigret, que adorava rir das mobilizações policiais.

- O senhor acha que a coisa vai ficar feia?

- A não ser que já esteja feito...

Ele não tirava os olhos daquela janela de vidros sujos, de cortina de veludo carmesim que datava dos tempos de Luís-Felipe.

Quando Lucas voltou do telefonema, encontrou o comissário no mesmo lugar, o rosto sempre preocupado.

- O chefe recomenda que o senhor seja prudente. Ele já teve um inspetor morto na semana passada e, se um outro acidente tiver que acontecer...

- Calado, está bem?

- O senhor acha que Stan o Matador. ..

- Não acho nada, cara! Já refleti bastante desde hoje de manhã, a ponto de estar com dor de cabeça. Agora, contento-me em captar impressões e, se você quiser saber de tudo, tenho infelizmente a impressão de que estão acontecendo ou vão acontecer coisas desagradáveis. Que horas?

- Vinte e três...

Como por ironia, no quarto vizinho, a mocinha continuava a dormir, boca entreaberta, pernas dobradas. Mais acima, lá pelo quinto ou sexto andar, alguém tentava tocar acordeão, repetindo sem parar, com notas desafinadas, o mesmo refrão.

- O senhor quer que eu vá lá? - propôs Lucas.

Maigret olhou-o duramente, como se seu subordinado houvesse censurado sua falta de bravura.

- O que é que isto quer dizer?

- Nada! Estou vendo que o senhor está inquieto com o que está acontecendo lá e propus ir ver. ..

- E você acha que eu hesitaria em ir eu mesmo? Você se esquece de uma coisa: uma vez que se está lá, é tarde demais. .. Se vamos lá e não descobrimos nada, nunca mais descobriremos coisa alguma sobre o bando. .. Eis por que eu hesito. .. Se ao menos essa infeliz não tivesse fechado a janela!...

Ele franziu de repente as sobrancelhas.

- Espere aí! Das outras vezes, nunca aconteceu de ela fechar a janela, não é?

- Nunca.

- Onde ela não desconfiava da sua presença aqui. ..

- Ela com certeza achava que eu fosse um velho babão...

- Se bem que não foi ela quem teve a idéia de fechar a janela, mas o fulano que entrou...

- Ozep?

- Ele ou algum outro... Quem entrou foi quem, antes de se mostrar, disse à mulher para fechar a janela. ..

Ele pegou seu chapéu sobre a cadeira onde o tinha deixado, esvaziou o cachimbo, encheu-o com um indicador esmagador.

- Onde o senhor vai, chefe?

- Estou ouvindo que nossos homens chegaram. . . Veja! Olha dois deles lá perto do ponto de ônibus. .. e no táxi parado, reconheço gente da casa... Se eu ficar cinco minutos lá dentro sem abrir a janela, você entra com homens...

- O senhor está levando a arma?

Alguns instantes mais tarde, Maigret atravessava a rua, enquanto o inspetor Janvier, que o tinha visto, parava de enxugar as mesinhas de sua varanda.

Lucas, febril, tinha o relógio na mão, mas como acontece quando se quer fazer as coisas bem demais, havia esquecido de anotar o momento da entrada de Maigret no hotel e seria incapaz de dizer quando se passariam os cinco minutos.

Não teve, aliás, que se morder de raiva por isto porque, depois de um tempo que lhe pareceu miraculosamente curto, a janela da frente se abriu. Um Maigret mais carrancudo do que nunca fazia a seu brigadeiro sinal para ordenar que viesse se juntar a ele.

A impressão de Lucas tinha sido que, exceto pelo comissário, o quarto estava vazio, mas, quando entrou, depois de ter ofegado numa escada sombria que cheirava a comida malfeita e a banheiro, deu um pulo ao descobrir um corpo de mulher estendido a seus pés.

Um rápido olhar a Maigret, que respondeu:

- Morta, é claro.

Dava para acreditar que queriam assinar o crime, pois a vítima fora degolada como todas as vítimas de Stan. Havia sangue por

toda parte, na cama e no assoalho, e o assassino enxugara as mãos na toalha de rosto que estava manchada de vermelho escuro.

- Era ele?

Maigret deu de ombros, sempre imóvel no meio do cômodo.

- Vou dar sua descrição a nossos homens, que não o deixem sair do hotel?

- Se você quiser. ..

- Estou com vontade de botar um inspetor no telhado, para o caso...

- Tudo bem...

- Aviso o chefe?

- Daqui a pouco...

Não era fácil conversar com Maigret quando ele fazia aquela cara! Além disso, Lucas se punha no lugar do chefe, que anunciara ele mesmo que iriam rir dele.

Agora, seria pior que o ridículo. Na verdade, ele havia mobilizado importantes forças policiais, mas o fizera quando era tarde demais, enquanto um crime se cometia sob os próprios olhos de Maigret, quase com seu consentimento, já que fora ele mesmo quem enviara Ozep ao Hotel Boaestada!

- Se os do bando voltarem? Eu os prendo?

Sinal afirmativo da cabeça. Ou talvez um gesto indiferente. E Lucas finalmente saiu. Maigret ficou sozinho no meio daquele quarto no qual a janela aberta deixava penetrar uma luz crua.

Ele enxugou a testa, reacendeu maquinalmente o cachimbo que deixara se apagar.

- Que horas são...

Só aí se lembrou que estava só e tirou seu relógio do bolso. Eram três e trinta e cinco, e o acordeão, lá em cima, continuava a maltratar os ouvidos, não impedindo a jovem vizinha de dormir como um animal despreocupado.

- Onde está Maigret? - perguntou o chefe da P.J. descendo do carro e se colocando diante de Lucas.

- No quarto... É o número 19, no segundo andar. .. As pessoas do hotel ainda não sabem...

Alguns instantes depois, o diretor da Polícia Judiciária encontrava Maigret sentado numa cadeira, no meio do quarto, a dois passos do cadáver. O comissário fumava, com ar obstinado. Quase não percebeu a chegada do chefe.

- Diga lá, meu velho! Parece que estamos num belo dum abacaxi... Tudo o que ele conseguiu foi um rosnar que nada queria dizer.

- Então o famoso matador não era outro senão o homenzinho que vinha lhe oferecer seus favores!. .. Confesse, Maigret, que você poderia ter desconfiado. .. e que a atitude de Ozep era no mínimo equívoca ...

A testa de Maigret estava marcada por uma grande dobra vertical e seus maxilares se projetavam, dando a toda a fisionomia um marcante aspecto de potência.

- Acha que ele não conseguiu sair do hotel?

- Tenho certeza... - retrucou o comissário, com ar de não dar importância ao fato.

- Não o procurou?

- Ainda não.

- Acha que ele vai se deixar pegar facilmente?

O olhar de Maigret desviou-se então lentamente da janela, dirigiu-se para seu diretor, deteve-se nele pesadamente. Havia uma solenidade naquela lentidão, naquela hesitação, na ambigüidade de frases do comissário.

- Se eu estiver enganado, o homem tentará abater algumas pessoas antes de se deixar apanhar. Se eu não estiver enganado, as coisas deverão funcionar por si mesmas. ..

- Não compreendo, Maigret. Você ainda duvida que Stan e o seu Ozep sejam uma só pessoa?

- Estou convencido de que, ainda agora, havia duas pessoas neste quarto e, entre elas, Stan o Matador. ..

- Então ...?

- Eu repito, chefe: posso me enganar, como todo mundo. Neste caso, peço-lhe desculpas, pois o papel será feio. O jeito pelo qual esta história parece se desenrolar não me satisfaz. Há alguma coisa que não combina, posso sentir. Se Ozep era Stan, não há razão para...

Estou ouvindo!

- Seria longo demais. .. Que horas são, chefe?

- Quatro e quinze... Por quê?

- Por nada. ..

- Vai ficar aqui, Maigret?

- Até segunda ordem, vou...

- Enquanto isso, vou ver lá fora o que estão fazendo os nossos homens...

Eles tinham prendido Espinafre, que, como Lucas previra, vinha fazer sua visitinha à moça. Haviam dito ao polonês que sua compatriota fora morta e ele ficara lívido, mas não se abalara quando lhe falaram de Ozep.

- Não é possível que ela esteja morta! - contentara-se ele em repetir várias vezes, enquanto era levado ao posto.

Quando anunciaram esta captura a Maigret, ele se contentara em resmungar:

- Que se dane!...

E retomou sua estranha conversa particular com a morta. Meia hora mais tarde, era a vez do Caolho entrar e ser preso tão logo atravessasse a soleira. Ele também se deixou apanhar sem piscar, mas, quando lhe falaram da morte da moça, tentou se livrar das algemas e correr para o andar.

- Quem fez isso? - gritou. - Quem a matou? Foram vocês, não é?
- Foi Ozep, também chamado Stan o Matador. ..

Aí, o homem acalmou-se como que por encanto e repetiu franzindo as sobrancelhas:

- Ozep?

- Vai querer que a gente acredite que você não conhece seu patrão?

Era o chefe em pessoa quem fazia este apressado interrogatório, num corredor, e ele teve a impressão de que um leve sorriso passava pelos lábios de seu prisioneiro.

Seguiu-se um dos comparsas, aquele a quem chamavam o Químico e que se contentou em responder a todas as perguntas com um ar totalmente idiota, como se nunca tivesse ouvido falar da moça, nem de Ozep, nem de Stan...

Maigret continuava lá em cima, repassando o mesmo problema, procurando a chave que o faria, finalmente, compreender os acontecimentos.

- Tá bom!... - murmurou quando lhe falaram da prisão do Barbudo, que, depois de se debater como um doido, começara a chorar como um bezerro.

De repente, ele ergueu a cabeça para Lucas, que trazia a notícia.

- Você não reparou em nada? - disse. - Com este são quatro que prendemos, um depois do outro, e nenhum opôs qualquer resistência, enquanto um homem como Stan ...

- Mas se Stan é Ozep ...

- Você o encontrou?

- Ainda não. Era preciso deixar entrar todos os seus cúmplices antes de virar o hotel de cima abaixo, senão eles teriam farejado de longe alguma coisa e não teriam entrado na ratoeira. Agora que estão quase todos aqui, o chefe começou a botar os lugares em

estado de sítio. Os homens estão em baixo e vão revistar tudo minuciosamente, do porão ao sótão, se é que existe...

- Escute Lucas...

E este, que ia sair, ficou mais um instante, tendo em relação a Maigret um sentimento parecido com piedade.

- Estou escutando, chefe.

- O Caolho não é Stan. Espinafre não é Stan. O Barbudo não é Stan. Ora, eu estou convencido de que Stan morava neste hotel e era o centro em torno do qual os outros vinham se agrupar!

Lucas preferia nada dizer, deixando o comissário com sua mania.

- Se Ozep era Stan, não havia razão alguma para vir aqui matar uma cúmplice. Se não era Stan ...

E de repente, erguendo-se num movimento tão brusco que o brigadeiro teve um sobressalto:

- Veja o ombro desta mulher, por acaso... É, o esquerdo ...

Ele mesmo se inclinou. Lucas afastava o vestido, descobria uma carne muito branca e, nessa carne, a marca com a qual os americanos identificam as mulheres criminosas.

- Você viu , Lucas?

- Mas chefe ...

- Você não está entendendo? Stan era ela!... Eu tinha lido alguma coisa nesse sentido, mas não estava ligando as coisas, de tão convencido que estava de que nosso Stan era um homem... Há uns quatro ou cinco anos, uma moça, na América, no comando de um bando de criminosos, atacava as fazendas isoladas, exatamente como aconteceu

aqui... exatamente como aqui, as vítimas eram degoladas, pela mão dessa mulher cuja crueldade os jornais americanos descreveram com vontade. ..

- É ela?

- Tenho praticamente certeza de que é ela... Mas saberei em uma hora, se encontrar os documentos em questão. .. Um dia eu

arranquei as páginas numa revista... Você vem, Lucas?

Maigret empurrava seu subordinado pela escada. No térreo, chocou-se com o chefe.

- Aonde vai, Maigret?

- Ao Quai des Orfèvres, chefe... Acho que encontrei... Em todo caso, levo Lucas que virá lhe dizer. ..

E Maigret procurava um táxi, sem perceber que era olhado de um modo estranho, onde havia raiva e piedade.

- Mas Ozep...

- É exatamente ele que vou procurar. .. Quero dizer, espero achar informações sobre ele. .. Se ele matou essa mulher, é porque tinha motivo... Ouça, Lucas, quando eu quis mandá-lo falar com os outros, ele aceitou imediatamente... E ao contrário, quando lhe pedi para ir dar um recado à mulher, ele recusou e fui obrigado a exigir, quase ameaçar... Ou seja, os outros não o conheciam, mas a mulher conhecia...

Como se podia imaginar, foi preciso mais do que meia hora para botar a mão nos documentos, pois a ordem não era a qualidade dominante de Maigret, apesar de seu jeito plácido.

- Leia!... Preste atenção no exagero dos americanos que querem dar ao público o valor do seu dinheiro... "A mulher-vampiro"... "A polonesa fatal".. . "Uma chefe de bando de 23 anos"...

As aventuras da polonesa eram contadas com detalhes, e as fotografias eram muitas.

Stephanie Polintskaia, aos 18 anos, já era conhecida pela polícia de Varsóvia. Naquela época, encontrou um homem que fez dela sua mulher e se esforçou para refrear seus maus instintos. Ela teve um filho dele, mas, um dia, voltando do trabalho, esse homem encontrara o bebê degolado. Quanto à mulher, fugira com o dinheiro e alguns objetos preciosos que havia na casa...

- Você sabe quem é esse homem? - perguntou Maigret.

- Ozep?

- Eis aqui seu retrato, perfeitamente parecido! O que prova que deveríamos saber de cor os arquivos criminais de todos os países do mundo. .. Você entende agora? Stephanie, a quem a família chamava de Stan, foi presa na América. Como ela escapou à prisão daquele país, não sei... E eis que ela se refugia na França onde retoma o curso de suas aventuras, sem mudar sua maneira de agir, depois de se cercar, como lá, de alguns brutos...

"O marido sabe pela imprensa que ela está em Paris, que a polícia está na pista .. seu desejo seria salvá-la mais uma vez? Não acredito... Estou mais inclinado a acreditar que ele queria ter certeza de que a odiosa assassina de seu filho não escaparia ao castigo. . . É por isto que se oferece para me fazer um favor...

"Ele não tem coragem de agir sozinho... É um fraco, um faroleiro...

"Quer que a polícia aja com a sua ajuda e fui eu quem, hoje à tarde, o obrigou a, de alguma forma, fazer o gesto...

"Cara a cara com sua antiga mulher, na verdade, o que poderia ele fazer? Matar ou ser morto, pois vendo-se descoberta, essa mulher certamente não teria hesitado em suprimir o único homem capaz de denunciá-la.

"Então ele a matou! E quer que eu diga uma coisa? Aposto que vão encontrá-lo em algum canto do hotel, mais ou menos ferido. Depois de ter tentado se suicidar duas vezes e falhar nas duas vezes, eu me espantaria se não falhasse numa terceira. Agora, você pode voltar lá e dizer ao chefe ..."

- Não precisa! - disse a voz deste. - Stan o Matador enforcou-se num quarto do sexto andar cuja porta encontrou aberta... Boa solução!. ..

- Pobre coitado! - suspirou Maigret.

- Está com pena dele. ..

- Ora, pois estou ... Ainda mais porque sou um pouco responsável pela morte dele... não sei se estou ficando velho, mas levei muito tempo para achar a resposta...

- Que resposta? - perguntou o diretor da P.J. com um olhar de suspeita.

- A resposta para todo o problema! - afirmou Lucas, todo feliz por interferir. - O comissário acaba de reconstituir a história em todos os detalhes e, quando o senhor chegou, ele dizia que encontrariam Ozep em algum canto onde ele teria tentado se matar. ..

- É verdade, Maigret?

- É verdade. .. O senhor sabe, de tanto pensar num mesmo problema. .. Acho que nunca fiquei com tanta raiva na minha vida... Eu sabia que a resposta estava ali, bem perto, que só faltava uma coisinha de nada. .. Vocês todos zumbindo ao meu redor como grandes moscas e me falando de comparsas que não me interessavam ... Enfim!...

Ele respirou fundo, encheu seu cachimbo, pediu fósforos a Lucas, pois tinha gastado todos os seus durante a tarde.

- Diga lá, chefe! São sete horas. E se nós fossemos os três tomar um vinho bem gelado?. .. Com a condição de que Lucas tire sua peruca e volte a ter um aspecto apresentável ...

E eles estavam sentados na Brasserie Dauphine quando de repente o comissário bateu na testa. Acabara de olhar mecanicamente para o garçom.

- E Janvier? - perguntou.

- O quê?

- Ninguém o liberou de seu disfarce?... Coitado!. .. Quando penso que, enquanto nós tomamos vinho, ele ainda está condenado a servi-lo!

Tradução de Celina Portocarrero

84. UM CASO PARA A DEFESA

GRAHAM GREENE (1904 -1991 | Inglaterra)

Ele era o primeiro a dividir seus livros entre literatura "séria" e o que ele chamava de entertainment - e graças a essa dualidade, ele sempre teve a admiração da crítica e o entusiasmo do leitor comum. Tampouco gostava de ser chamado de um romancista católico: dizia-se um escritor que acontecia de ser católico. Desde os seus primeiros livros, Brighton Rock e A Gun for Sale, Graham Greene namorou com o romance policial e com seu primo-irmão, o romance de espionagem, garantindo seu lugar na história do gênero: O Americano Tranqüilo, O Agente Confidencial, Nosso Homem em Havana, O Terceiro Homem e outros. Sem falar nos seus "seriíssimos" romances, como O Poder e a Glória, The End of the Affair e outros tantos - a maioria transformada em filmes. Greene foi também um humorista, em Viagens com a minha Tia, Monsenhor Quixote. (Vide sua participação em Os Cem Melhores Contos de Humor...) No conto que se vai ler, o autor consegue unir a justiça dos homens com a justiça divina.

Foi o mais estranho julgamento de assassinato a que já assisti. Chamavam-no de "O Assassinato Peckham" nas manchetes, ainda que a rua Northwood, onde a velha senhora foi encontrada espancada até a morte, não ficasse exatamente em Peckham. Não se tratava de um daqueles casos de prova circunstancial nos quais se sente a ansiedade dos jurados - porque erros foram cometidos - emudecendo o tribunal como cúpulas de silêncio. Não, aquele assassino só não tinha sido encontrado com o corpo; nenhum dos presentes, quando o advogado da Coroa esboçou o caso, acreditou que o homem no banco dos réus tivesse qualquer chance.

Ele era um homem robusto e pesado, de olhos esbugalhados e injetados. Todos os seus músculos pareciam estar em suas coxas. É,

um cliente feio, daqueles que não se esquece depressa - e este era um ponto importante porque a Coroa propôs chamar quatro testemunhas que não o tinham esquecido, que o tinham visto correndo para longe da pequena casa vermelha na rua Northwood. O relógio acabara de bater duas da manhã.

A Sra. Salmon, no número 15 da rua Northwood, não tinha conseguido dormir; ela ouviu uma porta bater e pensou que fosse seu próprio portão. Foi então até a janela e viu Adams (era este o seu nome) nos degraus da casa da Sra. Parker. Ele saíra havia pouco e usava luvas. Trazia na mão um martelo e ela o viu deixá-lo cair nos loureiros junto ao portão da frente. Mas, antes de ir embora, tinha olhado para cima - para a janela dela. O instinto fatal que avisa um homem quando é observado o expôs ao olhar dela à luz de um poste - seus olhos repletos de horror e medo brutal, como os de um animal quando se brande um chicote. Falei mais tarde com a Sra. Salmon, que naturalmente, depois do surpreendente veredicto, ficou com medo. Como, imagino, ficaram todas as testemunhas - Henry MacDougall, que vinha dirigindo de Benileet para casa tarde da noite e quase atropelou Adams na esquina da rua Northwood. Adams andava pelo meio da estrada, parecendo atordoado. E o velho Sr. Wheeler, que era vizinho da Sra. Parker no número 12 e foi acordado por um ruído - como uma cadeira caindo - através da parede da casa, fina como papel, e se levantou e olhou fora da janela, da mesma maneira que a Sra. Salmon tinha feito, viu as costas de Adams e, quando ele se virou, aqueles olhos esbugalhados. Na Avenida Laurel ele tinha sido ainda visto por uma outra testemunha - sua sorte estava mesmo péssima; ele poderia perfeitamente ter cometido o crime em pleno dia.

- Eu entendo - disse o promotor - que a defesa propõe pleitear erro de identidade. A esposa de Adams lhes dirá que ele estava com ela às duas da manhã de 14 de fevereiro, mas depois que os senhores ouvirem as testemunhas da Coroa e examinarem cuidadosamente as feições do prisioneiro, não acredito que estejam propensos a admitir a possibilidade de um engano.

Estava tudo feito, você diria, menos o enforcamento.

Depois que a prova formal foi fornecida pelo policial que encontrou o corpo e o cirurgião que o examinou, foi chamada a Sra. Salmon. Ela era a testemunha ideal, com seu leve sotaque escocês e sua expressão de honestidade, preocupação e bondade.

O promotor da Coroa extraiu suavemente a história. Ela falou com muita segurança. Não havia nela qualquer malícia nem qualquer sensação de importância por estar ali de pé no Tribunal Criminal Central, com um juiz de vermelho à espera de suas palavras e os repórteres que as escreviam. Sim, disse ela, e então havia descido e telefonado para a delegacia de polícia.

- E a senhora vê o homem aqui no tribunal?

Ela olhou diretamente para o homenzarrão no banco dos réus que a encarou duro com seus olhos de pequinês sem emoção.

- Sim - disse ela -, lá está ele.

- A senhora tem certeza?

Ela disse simplesmente: - Eu não poderia estar enganada, senhor. Era tudo simples assim.

- Obrigado, Sra. Salmon.

O advogado de defesa subiu para reinquirir. Se a senhora tivesse coberto tantos julgamentos por assassinato quanto eu, saberia de antemão que linha ele adotaria. E eu estava certo, até certo ponto.

- Agora, Sra. Salmon, a senhora precisa se lembrar de que a vida de um homem pode depender de seu testemunho.

- Eu me lembro disto, senhor.

- Sua visão é boa?

- Eu nunca tive que usar óculos, senhor.

- A senhora é uma mulher de cinqüenta e cinco anos?

- Cinqüenta e seis, senhor.

- E o homem que a senhora viu estava do outro lado da rua?

- Sim, senhor.

- E eram duas horas da manhã. A senhora deve ter olhos excepcionais, Sra. Salmon.

- Não, senhor. Havia luar e, quando o homem olhou para cima, a luz do poste batia no seu rosto.

- E a senhora não tem dúvida alguma de que o homem que a senhora viu é o prisioneiro?

Não consegui entender o que ele pretendia. Ele não poderia ter esperado qualquer outra resposta senão a que obteve.

- Absolutamente nenhuma, senhor. Não é um rosto que se esqueça.

O advogado correu os olhos pelo tribunal por um momento. Então ele disse:

- A senhora se importa, Sra. Salmon, de examinar novamente as pessoas presentes ao tribunal? Não, não o prisioneiro. Levante-se, por favor, Sr. Adams - e lá no fundo do tribunal, com o corpo robusto e pesado e pernas musculosas e um par de olhos esbugalhados, estava a imagem exata do homem no banco dos réus. Até mesmo a roupa era igual - terno azul apertado e gravata listrada.

- Agora pense com muito cuidado, Sra. Salmon. A senhora ainda pode jurar que o homem que a senhora viu deixar cair o martelo no jardim da Sra. Parker era o prisioneiro - e não este homem, que é seu irmão gêmeo?

Claro que ela não pôde. Ela olhou de um para o outro e não disse uma palavra.

Lá estava o brutamontes sentado no banco dos réus com as pernas cruzadas e lá estava ele também de pé no fundo do tribunal, e ambos encaravam a Sra. Salmon. Ela sacudiu a cabeça.

O que vimos então foi o fim do caso. Não havia uma testemunha pronta para jurar que aquele era o prisioneiro que havia visto. E o irmão? Ele tinha seu álibi, também; estava com sua esposa.

E assim o homem foi absolvido por falta de provas. Mas se - caso tenha cometido o assassinato e não seu irmão - ele foi castigado ou não, eu não sei. Aquele dia extraordinário teve um final

extraordinário. Eu segui a Sra. Salmon para fora do tribunal e nós ficamos presos na multidão que esperava, claro, pelos gêmeos. A polícia tentou afugentar a multidão, mas tudo o que conseguiram fazer foi manter a pista livre para o tráfego. Soube depois que eles tentaram fazer com que os gêmeos saíssem pela porta dos fundos, mas não conseguiram. Um deles - ninguém soube o qual - disse: - Eu fui absolvido, não fui? - e eles saíram com estrondo pela porta da frente. Então aconteceu. Não sei como, e no entanto eu estava a apenas um metro e pouco de distância. A multidão se moveu e de algum modo um dos gêmeos foi empurrado para a rua bem na frente de um ônibus.

Ele guinchou como um coelho e isso foi tudo: estava morto, seu crânio esmagado da mesma maneira que o da Sra. Parker havia sido. Vingança divina? Eu gostaria de saber. Lá estava o outro Adams de pé ao lado do corpo e olhando diretamente para a Sra. Salmon. Ele estava chorando, mas se ele era o assassino ou o homem inocente ninguém jamais poderá dizer. Mas, se você fosse a Sra. Salmon, conseguiria dormir à noite?

Tradução de Celina Portocarrero

85. KAREN TIRA A PROVA

ELMORE LEONARD (1925- | Estados Unidos)

Ele é um daqueles autores de policiais que, de tempos em tempos, consegue elevar o nível literário do gênero. Um dos mais respeitados da atual geração (chegou a ser capa da Time, o que parece significativo), Leonard constrói enredos engenhosos (e por isso muitos de seus romances viraram filmes), usando uma linguagem sofisticada, mesmo que recheada de gírias típicas do submundo de New Orleans, por exemplo (o que por isso mesmo nem sempre consegue ser bem traduzido entre nós). Bandidos, Get Shorty, Split Images, Fifty-Two Pick-up, City Primeval e Unknown Man nº.89 são alguns de seus romances - puros thrillers. entre seus poucos contos, escolhemos este aqui, por ser representativo de seu estilo - e muito ágil, como verão.

Dançaram até que Karen dissesse que precisava se levantar cedo no dia seguinte. Sem discutir, ele a acompanhou através da multidão postada do lado de fora do Mônaco, depois ao longo da Ocean Drive, no escuro, até o carro dela.

- Moça, você me deixou exausto - disse ele.

Estava na casa dos quarenta, era experiente, mas agia como um jovem, espontâneo, e não veio com aquele papo furado de bares para solteiros, não quis lhe pagar uma bebida, nem fez nenhum comentário quando ela disse que queria Jim Beam on the rocks. Esfriaram durante o trajeto até o Honda, e ele tomou-a pela mão e beijou-lhe a bochecha, dizendo que esperava vê-la novamente. Sem pressa, não forçava nada. Estava ótimo para Karen. Ele disse "ciao" e foi embora.

Duas noites depois eles saíram do Mônaco, do barulho constante para o sossego de um café na calçada, e ele tornou-se Carl Tillman,

comandante de um barco pesqueiro da marina Bahia Mar. Já havia sido solteiro, casado durante sete anos e divorciado; não tinha filhos; morava num apartamento térreo na região norte de Miami - um dos quartos vivia atulhado de equipamento de pesca que ele não sabia mais onde guardar. Carl disse que seu barco estava fora da água e que logo seria removido para Haulover Dock, mais perto de onde morava.

Karen gostava de sua aparência tisonada de sol, meio surrada, e dos pés-de-galinha que surgiam quando ele sorria. Gostava dos olhos castanhos e doces que a fitavam diretamente quando falava de sua vida no mar, dos furacões, do ambiente da moda ali em South Beach, de filmes. Ele ia ao cinema toda semana, e disse a Karen - levantando as sobrancelhas de uma forma vaga - que seu ator favorito era Jack Nicholson. Karen perguntou se aquela era sua representação de Nicholson ou se ele estava imitando Christian Slater fazendo Nicholson. Ele lhe disse que ela tinha um olho clínico; mas não podia entender por que achava Dennis Quaid um panaca. Tudo bem.

- Você é assistente social - ele disse.
- Assistente social ... - repetiu Karen.
- Professora.
- Que tipo de professora?
- Você ensina psicologia. Na universidade. Ela balançou a cabeça.
- Literatura inglesa.
- Não sou professora.
- Então por que perguntou de que tipo seria?
- Quer que lhe diga o que faço?
- Você é advogada. Espere. O Honda ... Não me diga. Quero adivinhar, mesmo que leve algum tempo - pediu. - Se concordar.

Ela concordava. Alguns caras, quando ela dizia o que fazia, ficavam ligados. Ou ficavam surpresos, depois afetados e faziam

perguntas estúpidas: "Mas como uma garota pode fazer isso?"
Idiotas.

Naquela noite, no banheiro, escovando os dentes, Karen examinou seu reflexo. Gostava de observar o corpo em espelhos: tocar o cabelo loiro e curto, verificar o perfil de suas nádegas, das longas pernas cobertas pela saia reta; com quase trinta anos, Karen ainda usava tamanho 42. Ela não achava que parecia assistente social nem professora, mesmo que fosse universitária. Advogada, talvez, mas não defensora pública. Karen era a classe média em alto estilo. Podia usar o tailleur Calvin Klein preto que comprara numa liquidação, com o Sig Sauer .38 enfiado na curva das costas, e ninguém seria capaz de perceber que estava armada.

Seu novo namorado telefonou e parou em sua casa em Coral Gables na sexta-feira à noite, num BMW branco conversível. Foram a um cinema, jantaram, e quando ele a acompanhou de volta, beijaram-se na soleira da porta; os braços acariciaram-se, os corpos se aproximaram e Karen agradeceu a Deus por ele beijar bem, ficou à vontade com ele, mas não pronta para tirar a roupa. Quando ela se voltou ele disse:

- Posso esperar. Acha que vai demorar muito?
- O que vai fazer neste domingo? - respondeu Karen.

Beijaram-se no instante em que ele chegou e fizeram amor à tarde, com o sol batendo nas persianas, a cama coberta apenas com um lençol branco e limpo. Fizeram amor com pressa porque não conseguiam esperar, possuíram um ao outro e depois ficaram transpirando lado a lado. Quando fizeram amor outra vez, Karen segurou seu corpo esguio entre as pernas, sem querer largá-lo. Ficaram olhando um para o outro, sorrindo e exclamando coisas como "Meu Deus!" e "Uau!" Foi muito bom, um trabalho sério, mas gostoso. Saíram por algum tempo, e voltaram ao bangalô amarelo de argamassa em Coral Gables e fizeram amor no assoalho da sala de estar.

- Podíamos experimentar outra vez pela manhã - sugeriu Car!.
- Preciso me vestir e sair até as seis horas.

- Você é comissária de bordo.
- Continue tentando - incentivou ela.

Na segunda-feira de manhã Karen Sisco estava do lado de fora do tribunal federal de Miami com uma espingarda de ação rápida apoiada ao quadril. Com a mão direita segurava a coronha, e o cano estendia-se acima de sua cabeça. Vários outros delegados encontravam-se com ela; no interior do prédio, três colombianos eram indiciados pela Corte pela posse de quinhentos quilos de cocaína. Um dos colegas disse que esperava que os caras gostassem de Atlanta, já que ficariam ali pelo menos trinta anos. Depois acrescentou:

- Ei, Karen. Quer vir comigo e largar tudo? Conheço um hotel muito bom perto daqui, onde podemos ficar.

Ela correu os olhos pelos bons rapazes, que sorriam e arrastavam os pés, esperando pela resposta.

- Gary, eu iria com você agora mesmo. .. se isso não fosse um pecado mortal -Karen respondeu.

Eles gostaram. Engraçado, durante toda a vida, fora para a cama com apenas quatro namorados: um Eric, em Florida Atlantic, um Bill logo depois de se formar, depois um Greg - três anos de cama com Greg -, e agora um Carl. Apenas quatro durante a vida, e ainda assim dois a mais do que a média feminina nacional, segundo uma recente pesquisa sobre sexo publicada na revista Time. A mulher média tinha dois companheiros durante a vida, enquanto o homem médio tinha seis. Karen achava que a conta estava errada.

Viu o patrão, Milt Dancey, um delegado da velha guarda, experiente em apoio judicial, que saiu do prédio para olhar ao redor, com um maço de cigarros na mão. Milt olhou em sua direção e acenou, mas fez uma pausa para acender o cigarro antes de aproximar-se. Um sujeito do escritório do FBI em Miami estava com ele.

- Karen, conhece Daniel Burdon? - indagou Milt.

Não disse Dan, nem Danny, mas Daniel. Karen o conhecia, um dos negros mais jovens de lá, alto e bem-apanhado, confiante, conhecido por vangloriar-se da quantidade de mulheres que tivera, de todos os tipos e cores. Ele sorria certa vez para Karen, fazendo sua aproximação. Karen recusou-o dizendo:

- Você tem dois motivos para querer sair comigo.

Daniel, sorrindo, afirmara conhecer apenas um. Qual seria o outro?

- Para você poder contar aos seus colegas que dormiu com uma agente.

- Sim, mas você pode fazer a mesma coisa, garota. Se gabar por ter me colocado na sua lista - respondeu ele.

Esse o tipo de homem que ele era.

- Ele quer saber sobre um tal de Carl Tillman - disse Milt.

Sem o sorriso de conquistador, Daniel Burdon apresentava uma expressão séria e inocente.

- Conhece o elemento, Karen? Um sujeito quarentão, com cabelo cor de areia, por volta de um e oitenta, setenta e cinco quilos?

- O que é isso? Um teste? Como assim, se eu conheço o cara? Milt esticou a mão para a espingarda.

- Me dê aqui, Karen. Eu seguro enquanto você conversa. Ela se voltou.

- Pode deixar. Não pretendo atirar nele - declarou Karen, segurando firmemente a arma. Virou-se para Daniel: - Vocês estão vigiando Carl?

- Desde segunda-feira passada.

- Já nos viram juntos. Que merda é essa de se-eu-conheço-o-cara? Está querendo fazer algum jogo comigo?

- O que eu quis perguntar, Karen, é quando conheceu o cara?

- Semana passada, na terça-feira.

- E você se encontrou com ele na quinta-feira, na sexta, passou o domingo com ele, foi à praia, voltou para o seu apartamento... O

que ele pensa do fato de você ser agente de polícia?

- Ainda não contei.

- Como assim?

- Ele quer adivinhar o que eu faço.

- Ainda está tentando, é? O que você acha dele, é um cara legal? Ele tem um carro esporte, tem dinheiro? É um gastador?

- Escute aqui. Por que não pára de dar voltas e me diz o que está acontecendo?

- Sabe o que acontece, Karen? É uma situação fora do comum - prosseguiu Daniel, ainda com expressão inocente. - Não sei como colocar este assunto de forma delicada. Uma agente dos Estados Unidos trepando com um assaltante de bancos.

Milt Dancey pensou que Karen fosse atingir Daniel com a coronha da espingarda. Por via das dúvidas, tirou-a das mãos dela e avisou ao agente federal que se comportasse e tivesse cuidado com a boca se pretendia obter colaboração por ali. Que se limitasse aos fatos. Esse Carl Tillman era suspeito num caso de assalto a banco, um possível suspeito em meia dúzia mais, e todos, a julgar pelos vídeos dos assaltos, pareciam ter sido cometidos pelo mesmo sujeito. O FBI, acostumado a inventar apelidos para todos os meliantes, referia-se a ele como "Enguia". Tinham impressões num dos balcões que poderiam ser as dele, mas não havia identificação nos arquivos, nem provas suficientes contra Carl Tillman - o nome escrito na carteira de motorista e na de identidade - para prendê-lo. Ele parecia ter acabado de iniciar sua carreira criminosa. Sua motivação: a irritação contra os bancos, porque o Florida Southern vendera seu barco, Hatteras, por falta de pagamento.

Aquilo fez Karen pensar um instante. Ele poderia ter mentido sobre o barco, dizendo a ela que iria para o estaleiro, mas isso não fazia dele um assaltante de bancos.

- O que vocês têm? Uma imagem de vídeo, um caixa que fez identificação positiva, o quê?

- Já que quer saber. .. - disse Daniel, retirando um envelope do interior do paletó. Abriu-o sem demora, e Karen ficou olhando para as quatro fotografias feitas a

partir das imagens gravadas em vídeo no decorrer dos assaltos. Os assaltantes estavam emoldurados pela janela do caixa, três homens negros, um branco.

- Qual deles? - indagou Karen.

Daniel olhou para ela por um instante, antes de responder. Apontou o homem branco: um homem com o cabelo penteado para trás, brinco na orelha, bigode cheio e óculos escuros.

- Esse não é Carl Tillman - afirmou, sentindo-se aliviada ao constatar que não havia a menor semelhança.

- Olhe bem para a foto.

- O que quer que eu diga? Não é ele.

- Repare no nariz.

- Está falando sério?

- É o nariz do seu amigo Carl.

Era. O nariz elegante e fino de Carl. Ou um idêntico.

- Pretende continuar com uma identificação nasal? É tudo o que têm?

- Temos uma testemunha - informou Daniel. - Ele acredita ter visto este homem, logo depois do primeiro assalto, correr para um shopping ali perto e sair num BMW branco conversível. A testemunha lembrava parte da placa do carro. Foi isso o que nos trouxe até seu amigo Carl.

- Vocês descobriram o nome e a data de nascimento...

- Procuramos em todo lugar, mas não conseguimos nada sobre ele. Por isso acho que ele tem algo a esconder. Deu alguns golpes e descobriu uma nova profissão.

- O que quer que eu faça? Que consiga as impressões digitais dele numa lata de cerveja? - perguntou Karen.

Daniel levantou a sobrancelha.

- Seria um começo. Pode até ser tudo de que precisemos. O que eu gostaria que você fizesse, Karen, é que bisbilhotasse o homem e descobrisse os segredos dele. Sabe a que me refiro... coisas íntimas, como outros nomes que ele já tenha usado. . .

- Faça você o papel de bisbilhoteiro - aconselhou Karen, ciente de que cometera um erro assim que as palavras saíram de sua boca.

Diante daquilo, Daniel ergueu novamente as sobrancelhas.

- É assim que pensa? Pensei que fosse uma agente federal, Karen. Talvez esteja perto demais dele. .. é isso? Não quer que ele pense mal de você.

- Chega desse papo - interveio Milt, defendendo Karen como faria com qualquer dos seus e não porque fosse mulher.

Aprendera a não facilitar as coisas para ela. Atirava melhor do que qualquer delegado do sul da Flórida.

- Mas eu preciso da garota. Ela está ou não do nosso lado? - continuou Daniel. Milt devolveu a espingarda a Karen.

- Se quiser atirar nele, pode ir em frente.

- Escute aqui - argumentou Daniel. - Só Karen pode conseguir informações íntimas do sujeito. Onde ele já morou, se já usou outros nomes, se tem alguma marca peculiar no corpo que possa identificá-lo, uma cicatriz, talvez um ferimento de bala, tatuagens, coisas que apenas a adorável Karen vê quando ele tira as roupas.

Karen pensou por um instante.

- Reparei uma coisa nele.

- O quê?

- Ele tem as letras FFBI tatuadas no pênis. Daniel franziu a testa.

- FFBI?

- Quer dizer, quando está... por assim dizer, flácido. Quando ele tem uma ereção, dá para ler "Foda-se o FBI".

Daniel Burdon sorriu para Karen.

- Menina, você e eu precisamos marcar um encontro. De verdade.

Karen conseguia lidar com aquele "menina". De um jeito ou de outro. Menina, olhando-se no espelho e passando blush. Mulher, bem, é o que ela era. Entretanto, até poucos anos atrás, ao pensar na palavra, vinha-lhe à mente a imagem de alguém da idade de sua mãe. Mulheres que se juntavam para formar organizações e diziam "Vejam, somos diferentes dos homens". Mulheres que se isolavam nesses grupos em vez de vencer os homens em seu próprio jogo. Em geral, os homens eram fisicamente mais fortes do que as mulheres. Alguns eram mais fortes do que os outros, e Karen era mais forte do que alguns deles também; o que isso provava? Se ela precisasse derrubar um homem, ela o faria, fosse qual fosse seu tamanho. De uma forma ou de outra. De cara no chão. O que ela não se enxergava fazendo era esse papel de alcagüete. Não se via tentando obter informações sobre Carl, um sujeito do qual gostava muito, no qual pensava com carinho, com quem tinha vontade de ficar. Merda. .. tudo bem, faria o jogo deles, mas não encoberta. Primeiro deixaria que ele soubesse que era uma agente federal. Para saber o que ele achava disso.

Será que Carl era mesmo um ladrão de bancos?

Era melhor aguardar. Presumir que quase todos podem falhar uma vez ou outra e partir daí.

Karen voltou para casa, colocou um assado no forno e deixou a bolsa sobre a mesa da cozinha, aberta, com a coronha de uma Beretta nove milímetros à vista.

Carl chegou e beijou-a. Karen não olhou para ele. Quando ele sentiu o cheiro do assado, Karen disse:

- Vamos, você pode preparar as bebidas enquanto eu coloco as batatas.

Na cozinha, ela ficou em pé na frente da porta da geladeira, com as costas voltadas para Carl, dando a ele tempo para que reparasse na arma. Por fim, ele se manifestou:

- Meu Deus, você é da polícia!

Ela ensaiara esse momento. A idéia: voltar-se e dizer "Você adivinhou" com ar de surpresa; depois olhar para a arma e dizer algo como "estraguei tudo". Mas não foi o que fez.

- Federal. Sou agente federal.

- Eu nunca teria adivinhado. Nem em um milhão de anos - admitiu Carl. Pensando sobre os acontecimentos anteriores, ela não sabia se ele estava brincando ou não. Observando-o, decidiu que parecia natural e deu um breve sorriso.

- Mas ... por quê? - ele quis saber.

- Por que o quê?

- Por que trabalha na polícia?

- Bem, em primeiro lugar, meu pai tem uma empresa, a Marshall Sisco Investigações. ..

- E daí?

- Logo que aprendi a dirigir comecei a fazer trabalhos de vigilância para ele. Como seguir algum sujeito que estivesse tentando sacanear a companhia de seguros forjando acidentes. Então tive a idéia de entrar para a força policial. Depois de dois anos em Miami eu me transferi para Florida Atlantic e entrei no programa de Justiça Criminal.

- Quero dizer, por que não o FBI ou o DEA^{16}?

- Bem, para começar, gostava de fumar maconha quando era mais nova, portanto o DEA não servia. Os caras do serviço secreto que conheci eram muito atraentes; quando você fazia uma pergunta, eles diziam "Você precisa verificar com Washington". Sabe, alguns agentes federais vinham até a escola fazer palestras. Cheguei a conhecer alguns delegados. .. saíamos depois, tomávamos algumas cervejas e eu gostava deles. Eram caras legais, condescendentes a princípio; mas depois de alguns anos eles conseguem superar isso.

Carl preparava as bebidas, Early Times para Karen e uma dose de Dewars em seu copo, ambas com um pouco de soda. Ao lado da pia, deixando correr a torneira, perguntou:

- O que você faz?

- Estou na segurança da Corte esta semana. Meu trabalho habitual é com violação de mandatos. Perseguimos os fugitivos, a maioria violadores da condicional.

Carl passou a bebida para ela.

- Assassinos?

- Se estiverem envolvidos em crime federal quando mataram. Geralmente é relativo a drogas.

- Assalto a bancos é um crime federal, não é?

- É. Alguns caras saem das casas de detenção e voltam direto para o trabalho.

- Você pega muitos?

- Assaltantes de bancos? Nove em cada dez - respondeu Karen, olhando fixo para ele. Carl levantou o copo.

- Saúde.

Enquanto jantavam, na mesa da cozinha, ele comentou:

- Você está muito quieta esta noite.

- Estou cansada, estive em pé o dia inteiro com uma espingarda na mão.

- Não consigo imaginar essa cena - declarou Carl. - Você não parece agente federal, nem qualquer outro tipo de policial.

- O que pareço?

- Você é um avião. É a garota mais bonita de quem já me aproximei. Uma vez cheguei perto de Mary Elizabeth Mastrantonio, quando estavam filmando Scarface. Mas você é mais bonita. Gosto de suas sardas.

- Eu tinha muito mais.

- Tem um pouco de molho no seu queixo. Bem aqui. Karen passou o guardanapo no local indicado.

- Gostaria de conhecer seu barco.

Ele estava mastigando uma batata cozida e acabou antes de responder.

- Eu disse que estava fora da água?

- Sim.

- Na verdade, não tenho mais o barco. Foi desapropriado quando atrasei os pagamentos.

- O banco vendeu seu barco?

- Sim, o Florida Southern. Não quis contar quando nos conhecemos. Achei que não seria um bom começo.

- Mas agora que já pode me dizer quando tenho molho no queixo...

- Eu não queria que você pensasse que eu era um perdedor.

- O que tem feito desde então?

- Trabalho como contramestre, em Haulover.

- Ainda tem seu apartamento?

- Tenho. Ainda posso pagar, sem problema.

- Tenho um amigo que mora na região norte de Miami, em Alamanda.

- Não é muito longe de minha casa.

- Quer sair?

- Achei que estava cansada.

- Estou.

- Então por que não ficamos aqui? - sorriu Carl. - O que acha?

- Ótimo.

Fizeram amor no escuro. Ele queria ligar as luzes, mas Karen preferiu deixar como estava.

Geraldine Regai, a primeira caixa do banco Sun Federal, em Kendall Drive, observou um homem de cabelo negro e liso enfiar a mão no casaco ao aproximar-se do balcão. Eram vinte para as dez de uma manhã de terça-feira. Primeiro ela pensou que o sujeito fosse hispânico. Era atraente, mas quando se olhava mais de perto,

o cabelo parecia duro, quase metálico. Ela teve vontade de perguntar se doía. Ele retirou alguns papéis, fichas de depósito e um cheque em branco do bolso.

- Vou sacar quatro mil - anunciou ele, começando a preencher o cheque. - Conhece a história da trapezista que estava se divorciando do marido?

Geraldine disse que não, sorrindo, porque achou estranho que um cliente que nunca a vira antes lhe contasse uma piada.

- Os dois estão no tribunal. O advogado do marido pergunta: "Não é verdade que na segunda-feira, 5 de março, você fez amor com o mestre-de-cerimônias, com o doma-dor, com dois palhaços e com o anão, sempre de cabeça para baixo no trapézio, sem rede?"

Geraldine esperou. O homem fez uma pausa, mantendo a cabeça baixa enquanto terminava de escrever. Olhou para cima.

- A trapezista pensou, pensou e perguntou: "Que data mesmo o senhor disse?" Geraldine ainda estava rindo quando ele passou o cheque, no qual havia escrito em letra de fôrma:

ISTO NÃO É PIADA:

É UM ASSALTO!

QUERO \$ 4.000,00 AGORA!

Geraldine parou de sorrir. O sujeito de cabelo metálico estava esclarecendo como queria o dinheiro: em notas de cem, cinquenta e vinte, soltas, sem elástico, marcação ou tinta de qualquer tipo. Também não queria pacotes do fundo da gaveta. Queria também o bilhete de volta. Imediatamente.

- A caixa não tinha quatro mil na gaveta - contou Daniel Burdon.
- Então o sujeito aceitou dois mil e oitocentos e saiu. A Enguia mudou de estilo. .. sabemos que é o mesmo indivíduo, com o cabelo emplastrado. Só que agora ele é o Curinga. O problema é que eu não sou Batman.

Daniel e Karen Sisco estavam no corredor contíguo ao tribunal central, no segundo andar. Ele se apoiava contra a balaustrada, de onde podia examinar o átrio lá embaixo, com a fonte e as palmeiras em vasos.

- Dessa vez nenhuma testemunha viu o BMW branco. O sujeito percebeu que não era muito inteligente usar o próprio carro.

- Ou não é Carl Tillman - lembrou Karen.

- Você se encontrou com ele ontem à noite?

- Ele apareceu.

- E como foi?

Karen olhou para a expressão de Daniel.

- Eu disse a ele que era agente federal e ele nem piscou.

- Um cara frio, hein?

- Ele é um cara legal.

- É muito cordial. Conta piadas enquanto assalta bancos. Conversei com o pessoal do Florida Southern, que tomou o barco por falta de pagamento. Descobri que ele estava saindo com uma das caixas. Não do escritório principal, mas de uma das agências, uma garota chamada Kathy López. Olhos castanhos grandes, bonitinha como um cachorrinho novo, começou a trabalhar há pouco tempo lá. Ela saiu com Tillman e contou a ele sobre o emprego, o que ela fazia, como contava dinheiro o dia inteiro. Perguntei a ela se Tillman era uma pessoa interessada, e se queria saber alguma coisa em particular. Claro, ele queria saber o que ela devia fazer em caso de assalto. Ela contou sobre os pacotes preparados, como eles funcionavam, e como ela ganhava um bônus de duzentos dólares se fosse assaltada e conseguisse enfiar alguma das pilhas no produto do roubo. Quando ele foi ao banco outra vez, a bela Kathy López mostrou um pacote e explicou como o assaltante saía com um maço de notas de vinte falsas no meio do dinheiro. Meio minuto depois explodiria o gás lacrimogêneo, e uma tinta vermelha se espalharia no ladrão e no dinheiro. Verifiquei

os relatórios dos outros assaltos, e em todos eles o bandido mencionou o pacote preparado e o dinheiro marcado.

- Estava puxando conversa - respondeu Karen, lutando para manter a compostura. - As pessoas gostam de falar sobre o que fazem.

Daniel sorriu.

- Ele não é o seu criminoso - ela insistiu.

- Por que tem tanta certeza assim?

- Conheço ele. É um bom sujeito.

- Karen, consegue escutar a si mesma? Você está me dizendo como se sente, não o que sabe. Me fale sobre ele... gosta do jeito como ele dança?

Karen não respondeu. Gostaria que Daniel a deixasse em paz. Ele insistiu.

- Muito bem. Quer apostar que Tillman é inocente? - ele continuou. Aquilo teve o poder de trazê-la de volta.

- Quanto?

- Se você perder, vai ter de sair comigo para dançar.

- Ótimo. E se eu estiver certa, o que ganho?

- Meu respeito para sempre - respondeu Daniel.

Assim que Karen chegou em casa, ligou para a Marshall Sisco Investigações e contou ao pai sobre Carl Tillman, o suspeito de assaltar bancos que entrara em sua vida, e sobre a atitude confiante, irritante, convencida e condescendente de Daniel Burdon.

- Esse sujeito é negro? - indagou o pai.

- Daniel?

- Sei que Daniel é negro. Meus amigos em Metro-Dade o chamam de Burdon branco, por estar sempre do lado dos brancos. Eu estava falando desse Tillman. Parece que vi alguma coisa sobre ele, na NFL. Esqueci qual era o assunto.

- Assim o senhor não está ajudando muito.

- O Tillman do qual estou falando é negro... por isso perguntei. Acho que ele é de Chicago.

- Carl é branco.

- Muito bem. Você disse que está apaixonada por ele?

- Gosto bastante dele.

- Só que não tem certeza que não é ele que está roubando os bancos.

- Disse que não acredito que esteja roubando bancos.

- Por que não pergunta a ele?

- Está brincando? Se for ele mesmo, não vai dizer nada.

- Como vai saber se não perguntar?

Ela não respondeu, e depois de alguns instantes o pai perguntou se ela ainda estava na linha.

- Ele vem hoje à noite - disse Karen.

- Quer que eu converse com ele?

- O senhor não está falando sério!

- Então por que telefonou?

- Não sei o que fazer.

- Deixe que o FBI faça.

- Eu devia ajudá-los.

- Certo, mas você é boa o suficiente? Quer acreditar que o cara está limpo. Minha querida, a única forma de descobrir se está mesmo é presumir que não está. Entende o que estou dizendo? Por que uma pessoa assalta bancos? Pelo dinheiro, é claro. Mas é preciso ser meio burro também, considerando-se os riscos envolvidos, os sistemas de segurança, as câmeras de vídeo. .. Portanto, outro motivo poderia ser o próprio risco envolvido, algo que o deixa ligado. O mesmo motivo pelo qual está brincando com você. ..

- Ele não está brincando comigo.

- Estou contente por não ter dito "absorvendo informações". Se entende o que eu digo.

- Ele nunca falou de bancos - disse Karen. - Bem, uma vez só, para falar a verdade.

- Você poderia tocar no assunto para ver como ele reage. Se as coisas ficarem ruins, ligue pedindo ajuda. Veja bem, quer ele esteja se distraíndo com você, quer a ame de verdade, está arriscando vinte anos. Ele não sabe se você está atrás dele ou não, e isso aumenta o risco. É como se ele pensasse que é Cary Grant roubando jóias da casa da mulher onde está jantando, vestido a rigor. Mas seu cara é estúpido, se rouba bancos. Você sabe disso. Só não quer aceitar.

- Acha que eu devia denunciá-lo? Ou preparar uma armadilha para ele?

- Na verdade, acho que devia procurar outro namorado.

Karen se lembrou de Christopher Walken em Cães de guerra. Ele coloca a arma numa mesa do saguão, a campainha toca e ele ajeita um jornal sobre a arma antes de abrir a porta. Lembrou desse trecho porque na época estava apaixonada por Christopher Walken e nem ligava por ele usar calças tão altas.

Em alguns aspectos Carl a fazia lembrar Christopher Walken, talvez a forma como sorria com os olhos. Chegou pouco depois das sete. Karen usava calções cáqui, camiseta e tênis sem meias.

- Pensei que íamos sair.

Beijaram-se e ela tocou-lhe o rosto, movendo a mão de leve por sua pele, sentindo o perfume da loção pós-barba e percebendo o local onde faltava um pedaço do lóbulo da orelha.

- Estou preparando as bebidas. Vamos tomar uma e logo estarei pronta - disse Karen, rumando para a cozinha.

- Posso ajudar?

- Você trabalhou o dia inteiro. Sente-se um pouco e relaxe.

Demorou alguns minutos. Karen voltou à sala com uma bebida em cada mão, a bolsa de couro pendendo do ombro.

- Esta é a sua.

Carl apanhou o copo e ela baixou o ombro para que a bolsa escorregasse e caísse sobre a mesa de café. Ele sorriu.

- O que você carrega aí dentro? Uma arma?

- Quase um quilo de metal. Como foi seu dia?

Sentaram-se no sofá e ele contou como demorara quase quatro horas para embarcar um marlim de dois metros e meio. Contou que arrebentara as costas trazendo o peixe para bordo, e aí o sujeito resolveu que não queria mais.

- Tudo isso depois que você voltou de Kendall? Ele fez uma pausa.

- Por que você acha que eu estive em Kendall?

Carl precisou esperar até que ela terminasse a bebida.

- Você não parou no Florida Southern e sacou dois mil e oitocentos dólares?

Ele a encarou sem expressão definida. Karen torcia para que ele dissesse que estava em outro lugar qualquer e que podia provar.

Mas não foi o que ele fez. Continuou fitando-a.

- Sem elásticos nem pacotes preparados. Ainda está saindo com Kathy López? Carl inclinou-se para colocar o copo sobre a mesa e sentou-se como ela, apoiado nas coxas, sem encará-la. Ela olhou para o copo dele, cheio de impressões, e sentiu pena.

- Carl, você estragou tudo.

Ele virou a cabeça e olhou para ela por sobre o ombro.

- Estou saindo - anunciou, levantando-se. - Se é isso o que pensa de mim. ..

- Pare com isso, Carl - pediu Karen, colocando de lado a bebida.

Se ele apanhasse sua bolsa, isso eliminaria as dúvidas restantes. Ela o observou. Ele pegou a bolsa e retirou a Beretta.

- Carl, sente-se. Por favor.

- Vou embora. Estou saindo daqui e você jamais vai me ver outra vez. Mas primeiro... Ele fez com que ela apanhasse uma faca na cozinha e cortasse a linha telefônica

na sala e no quarto.

Era estúpido mesmo. De volta à sala de estar, ele disse:

- Sabe de uma coisa? A gente podia ter conseguido.

Meu Deus. E ele parecia um sujeito tão legal! Karen observou-o dirigindo-se para a porta da frente e voltando-se uma última vez.

- Que tal me dar cinco minutos? Pelos velhos tempos. .. Era uma cena triste, embaraçosa.

- Não está entendendo, Carl? Está preso.

- Não quero machucar você, Karen, portanto não tente me impedir - disse ele, saindo.

Karen caminhou para o baú onde deixara as chaves do carro e a correspondência ao entrar no apartamento. Ao lado da porta aberta. Abaixou-se e afastou o exemplar do Herald que ela deixara sobre sua automática Sig Sauer .38; apanhou a pistola e saiu para o degrau da frente, sob a luz amarelada do pórtico. Enxergou Carl entrando no carro, uma sombra esbranquiçada na rua, a cerca de doze metros de distância.

- Carl, não dificulte as coisas, sim?

Ele abriu a porta do carro e voltara-se para olhar para trás.

- Eu disse que não queria machucar você, Karen.

Ela levantou a arma e firmou a mão na posição de tiro.

- Se você entrar no carro eu vou atirar.

Carl voltou a cabeça com uma expressão divertida.

- Não vai, não, meu bem.

Não diga ciao, pensou Karen. Por favor.

- Ciaol

Quando ele se abaixou para entrar, Karen atirou. Um único disparo na coxa esquerda, para onde mirava, na parte carnuda

abaixo da nádega. Carl uivou de dor e deixou-se cair no assento do carro, com a perna estendida para fora, a mão agarrada à direção, um olhar desesperado.

Ela sentiu que deveria dizer algo. Afinal, por alguns dias os dois haviam sido tão íntimos quanto duas pessoas podem ser. Pensou no assunto enquanto Carl lhe dirigia os olhos embaciados.

- Carl, quero que saiba que eu me diverti bastante, apesar de tudo ... Foi o melhor que conseguiu fazer.

Tradução de Luiz Fernando Martins Esteves

86. MORTE NO AR

NGAIO MARSH (1 95 -1982 | Nova Zelândia)

Quando surgiu com força na década de 30 como revelação do romance policial, muitos achavam que Ngaio Marsh era homem. Omitindo seu primeiro nome, Edith, ela acabou nos legando uma obra sólida no gênero, ameaçando às vezes a reputação de Agatha Christie, e virando Dame do Império Britânico. Criou um detetive importante, o Superintendente da Scotland Yard Roderick Alleyn, presente no conto incluído aqui. Prelúdio para Matar (segundo muitos, seu melhor romance policial), Opening Nights, Killer Dolphin, The Nursing Home Murder são alguns de seus muitos romances publicados.

No dia 25 de dezembro, às 7h30 da manhã, o Sr. Septimus Tonks foi encontrado morto junto ao seu aparelho de rádio.

Foi Emily Parks, uma das empregadas, quem o encontrou. Abrira a porta e entrara carregando espanador, vassoura e esfregão. Naquele momento, uma voz que parecia vir da escuridão a assustou.

"Bom dia a todos" - dizia a voz, com sílabas pronunciadas numa inflexão perfeita - "e um Feliz Natal!"

Emily deixou escapar um gritinho, mas imediatamente percebeu o que era. O Sr. Tonks se esquecera de desligar o rádio quando fora para a cama. Abriu as cortinas para aquela pálida escuridão, que era um amanhecer de Natal em Londres, acendeu a luz, e viu Septimus.

Estava sentado em frente ao rádio. Era um aparelho pequeno e caro, construído especialmente para ele. Estava numa cadeira de braços, de costas para Emily, com o corpo inclinado para o rádio.

Suas mãos, com os dedos curiosamente juntos, estavam na borda inferior do gabinete, sob os controles de volume e sintonia. O

peito estava encostado na prateleira da estante e a cabeça inclinada se apoiava no painel frontal.

Parecia estar ouvindo atentamente algum segredo interno do aparelho. A cabeça se inclinava em um ângulo que deixava ver seu topo calvo atravessado por alguns fios de cabelo, oleosos de brilhantina. Não se moveu.

- Peço desculpas, senhor - gaguejou Emily, outra vez cheia de espanto. Era a primeira vez que o entusiasmo de Septimus Tonks pelo rádio o levava a sintonizar às 7h30 da manhã.

"Programação especial de Natal", continuou a voz culta. O Sr. Tonks continuava imóvel. Emily, como os outros empregados, se sentia aterrorizada diante do patrão. Não sabia o que fazer, se devia ir ou ficar. Olhava assustada para Septimus e reparou que ainda vestia o smoking. O quarto agora estava cheio com o clamor de sinos.

Emily abriu a boca, o mais aberto que conseguiu abrir, e gritou, gritou, gritou. . .

Chase, o mordomo, foi o primeiro a chegar. Era um homem pálido e flácido, mas autoritário. Disse enérgico:

- O que significa este escândalo? - e então viu Septimus. Foi até a cadeira e inclinou-se para olhar o rosto de seu patrão.

Não perdeu o controle, mas disse em voz alta: "Meu Deus!" E depois para Emily: "Cale o bico." Esta vulgaridade traía seu nervosismo. Pegou Emily pelos ombros e a empurrou para a porta, onde já estava parado o Sr. Hislop, o secretário particular do Sr. Tonks, ainda com a roupa de dormir.

- Em nome de Deus, Chase - disse Hislop -, o que significa ... - mas sua voz se perdeu no meio do clamor dos sinos e dos gritos.

Chase colocou a mão gorda e branca sobre a boca de Emily.

- No estúdio, senhor, por favor. Um acidente. Vá para seu quarto e pare com esse barulho se não quiser que eu faça você parar - esta última parte foi dita para Emily, enquanto a empurrava para o corredor, onde a esperavam os outros empregados reunidos ali.

Chase voltou para o estúdio com o Sr. Hislop e trancou a porta. Os dois olharam para o corpo de Septimus Tonks. O secretário foi o primeiro a falar.

- Mas. .. Mas. .. ele está morto - disse o pequeno Sr. Hislop.
- Creio que não pode haver nenhuma dúvida - murmurou Chase.
- Olhe seu rosto. Nenhuma dúvida! Meu Deus!

Hislop estendeu a mão delicada na direção da cabeça curvada, mas a retirou. Chase, menos impressionável, tocou um punho endurecido, segurou-o e o levantou. O corpo imediatamente inclinou-se para trás, como se fosse feito de madeira. Uma das mãos tocou o rosto do mordomo que, com uma imprecação, deu um passo para trás.

Lá ficou Septimus, com os joelhos e as mãos no ar, com o rosto terrível virado para a luz. Chase apontou para sua mão direita. O polegar e mais dois dedos estavam ligeiramente escurecidos.

Ding, dong, dang, ding.

- Pelo amor de Deus, pare com esses sinos - implorou o Sr. Hislop. Chase desligou o interruptor da parede. No repentino silêncio, ouviram o som da maçaneta da porta girando e a voz de Guy Tonks do outro lado.

- Hislop! Sr. Hislop! Chase! O que está acontecendo?

- Só um momento, Sr. Guy - Chase olhou para o secretário. - O senhor vai falar com ele?

Assim ficou para o Sr. Hislop a tarefa de dar a notícia à família. Ouviram, em silêncio e estupefatos, a revelação gaguejada pelo secretário. Só quando Guy, o filho mais velho, entrou no estúdio foi que se colocou uma questão prática.

- O que o matou? - perguntou Guy.

- É extraordinário - disse Hislop. - Extraordinário. Parece que foi

...

- Eletrocutado - disse Guy.

- Devemos chamar um médico - sugeriu Hislop, tímido.

- Claro. O senhor pode fazê-lo? Chame o Dr. Meadows.

Hislop foi para o telefone e Guy voltou à família. O Dr. Meadows morava do outro lado da praça e chegou em cinco minutos. Examinou o corpo sem movê-lo. Questionou Chase e Hislop. Chase tinha muito o que dizer sobre as queimaduras na mão. Repetiu várias vezes a palavra "eletrocussão".

- Tinha um primo, senhor, que foi atingido por um raio. Logo que vi aquela mão. ..

- Sim, sim - disse o Dr. Meadows. - Você já contou. Posso ver a queimadura por conta própria.

- Eletrocussão - repetiu Chase. - Terão que fazer um inquérito.

O Dr. Meadows o calou com um olhar, mandou chamar Emily, e depois viu o resto da família. Guy, Arthur, Phillipa e a mãe estavam em volta de uma lareira apagada, na sala íntima. Phillipa, de joelhos, tentava acender o fogo.

- O que aconteceu? - perguntou Arthur, assim que o Dr. Meadows entrou na sala.

- Parece um choque elétrico. Guy, preciso falar com você. Phillipa, comporte-se bem e cuide de sua mãe. Café, com um pouco de conhaque. Onde estão essas malditas empregadas? Venha comigo, Guy.

A sós com Guy, disse-lhe que tinham que chamar a polícia.

- A polícia? - o rosto moreno de Guy ficou muito pálido. - Por quê? O que é que eles têm com isso?

- Nada, provavelmente nada, mas temos de notificá-los. Não posso fazer o óbito como estão as coisas. Se foi eletrocutado, o que provocou isso?

- Mas a polícia! - disse Guy. - É tão desagradável. Dr. Meadows, pelo amor de Deus, o senhor não poderia?...

- Não - disse o Dr. Meadows. - Não poderia. Desculpe, Guy, mas é assim que vai ser.

- Mas não seria possível esperar um pouco? Examiná-lo outra vez. O senhor fez só um exame superficial.

- É porque não quero mexer no corpo. Controle seus nervos, rapaz. Olhe aqui, tenho um conhecido na polícia, chama-se Alleyn. É um cavalheiro, e tudo mais. Vai me xingar, mas, se estiver em Londres, virá. Com ele as coisas serão mais fáceis para vocês. Volte para sua mãe, Guy, vou telefonar para Alleyn.

Foi assim que o detetive inspetor-chefe Roderick Alleyn passou o dia de Natal trabalhando. Na verdade, como explicou ao Dr. Meadows, ele estava de serviço e teria de visitar os malditos Tonks de qualquer forma. Quando chegou, vinha com seu costureiro ar de remota cortesia. Estava acompanhado por um policial alto e corpulento, o inspetor Fox, e pelo médico-legista da Divisão. O Dr. Meadows levou-os até o estúdio. Foi a vez de Alleyn olhar para aquele horror que um dia fora Septimus Tonks.

- Estava assim quando o encontraram?

- Não. Segundo entendi, estava inclinado para frente com as mãos na beira do móvel. Deve ter caído para frente e foi seguro pelos braços da cadeira e pelo painel do rádio.

- Quem o moveu?

- Chase, o mordomo. Disse que tentou apenas mover o braço. O corpo já está bem rígido.

Alleyn colocou a mão sob a nuca do morto e empurrou. O corpo voltou à posição original.

- Aí está, Curtis - disse ao legista. E voltando-se para o outro: - Vá buscar o fotógrafo, por favor, Fox.

O homem veio com a câmera, bateu quatro fotos e foi embora. Alleyn marcou a posição das mãos e dos pés com giz, fez uma meticulosa planta do quarto, e olhou para os médicos.

- Vocês acham que foi uma eletrocussão?

- Parece que sim - disse Curtis. - Mas teremos que fazer um post-mortem, é claro.

- Claro. Ainda assim, olhe para as mãos. Queimaduras. O polegar e mais dois dedos pegados, juntos. E a distância exata que separa os dois botões. Parece que estava sintonizando o aparelho.

- Por Deus! - disse o inspetor Fox, abrindo a boca pela primeira vez.

- Você acha que ele levou um choque mortal deste rádio? - perguntou o Dr. Meadows.

- Não sei. Estou só concluindo que devia estar com as mãos nos botões quando morreu.

- O rádio ainda estava funcionando quando a empregada o encontrou. Chace o desligou e não levou nenhum choque.

- É todo seu, parceiro - disse Alleyn, voltando-se para Fox. Fox foi até o interruptor na parede.

- Cuidado - disse Alleyn.

- Estou com solas de borracha - disse Fox, e ligou o interruptor.

O rádio fez ruído enquanto se aqueciam as válvulas e finalmente se ouviu:

"No-oel, No-oel ", a voz dizia.

Fox desligou e tirou a tomada da parede.

- Gostaria de dar uma olhada no interior do aparelho - disse.

- Daqui a pouco, meu velho, daqui a pouco - respondeu Alleyn. - Antes de começar, acho que deveríamos remover o corpo. Você poderia providenciar isto, Meadows? Fox, chame Bailey, por favor? Ele está no carro.

Curtis, Hislop e Meadows levaram Septimus Tonks para um quarto vazio, embaixo. Foi uma tarefa difícil e desagradável, com aquele corpo contorcido e rígido. O Dr. Meadows voltou só, limpando a testa, para encontrar o sargento-detetive Bailey, perito datiloscopista, trabalhando no gabinete do rádio.

- O que é tudo isso? - perguntou o Dr. Meadows. - Você quer descobrir se ele mexeu no interior do aparelho?

- Ele - disse Alleyn - ou.. ..alguém.

- Hum! - disse o Dr. Meadows. - Parece que você concorda comigo. Você suspeita?...

- Suspeitar? Não existe ninguém menos suspeito que eu nesse mundo. Estou apenas sendo organizado. Bem, Bailey?

- Consegui tirar uma boa impressão do braço da cadeira. Deve ser do morto, não é mesmo, senhor?

- Sem dúvida. Mais tarde verificaremos. Alguma coisa no rádio?

Fox, usando luvas, tirou o botão de controle do volume.

- Parece que está tudo bem, senhor - disse Bailey. - É um belo trabalho. Não está mal mesmo.

Iluminou com sua lanterna o fundo do rádio, soltou dois parafusos por baixo do aparelho e expôs seu interior.

- Para que serve aquele pequeno furo? - perguntou Alleyn.

- O que, senhor? - disse Fox.

- Fizeram um furo através do painel, pouco acima do controle do volume. Tem uns três milímetros de diâmetro, está escondido pela borda do botão do volume. Quase não se vê. Mova sua lanterna, Bailey. Sim. Lá, está vendo?

Fox se abaixou e fez um muxoxo. Um fecho de luz, fino como uma agulha, filtrou pelo pequeno furo no painel.

- É estranho, senhor - disse Bailey, do outro lado. - Não vejo para que possa servir.

Alleyn puxou fora o botão de sintonia.

- Há um outro aqui - murmurou. - Sim. Um trabalho limpo. Foram furados há pouco tempo. Não é uma coisa comum, eu acredito?

- Muito incomum eu diria, senhor - disse Fox.

- Vá embora, Meadows - disse Alleyn.

- Por que eu deveria? - perguntou o Dr. Meadows indignado. - Onde diabos vocês querem chegar? Por que não posso ficar aqui?

- Você devia estar com os parentes, em luto. Onde estão suas boas maneiras?

- Já arranjei tudo com eles. Onde vocês estão querendo chegar?

- Quem está sendo desconfiado agora? - perguntou Alleyn. - Você pode ficar mais um pouco. Fale dos Tonks. Quem são eles? O que são? Que tipo de homem era Septimus?

- Se quer mesmo saber, era um tipo bastante desagradável.

- Fale-me dele.

O Dr. Meadows sentou-se e acendeu um cigarro.

- Era do tipo que fez fortuna - disse -, duro como um prego e ... bem, mais grosseiro do que vulgar.

- Como o Dr. Johnson, talvez?

- De forma alguma. E não interrompa. Eu o conhecia há 25 anos. Sua esposa era nossa vizinha em Dorset. Isabel Foreston. Trouxe suas crianças a este vale de lágrimas e, por Deus, tem sido um vale de lágrimas para elas. É uma estranha família. Pelos últimos dez anos, o estado de saúde de Isabel forneceria material para estudos de deixar tontos estes psico-arrivistas. Sou apenas um clínico geral fora de moda, assim, digo apenas que se encontra num estágio avançado de neurose histérica. Aterrorizada até o limite da loucura pelo marido.

- Não consigo entender esses furos - disse Fox a Bailey.

- Continue, Meadows - disse Alleyn.

- Tentei falar com Sep há uns 18 meses. Disse a ele que os problemas de saúde de Isabel estavam todos em sua mente. Olhou para mim com alguma coisa parecida com um

sorriso nos lábios e disse que era uma surpresa para ele saber que sua mulher tinha uma mente ... Mas Alleyn, não posso falar de meus pacientes assim. Que é que tenho na cabeça?

- Você sabe que nada do que disse sairá daqui, a menos...

- A menos o quê?

- A menos que seja obrigado. Continue.

Mas o Dr. Meadows rapidamente se escondeu atrás da ética profissional. Tudo que podia dizer era que o Sr. Tonks tinha a pressão alta e um coração frágil, que Guy trabalhava no escritório do pai, que Arthur queria estudar arte, mas fora mandado para a escola de direito, que Phillipa queria fazer teatro e fora impedida.

- Tiranizava os filhos - comentou Alleyn.

- Descubra você mesmo. Estou de saída - o Dr. Meadows foi até a porta, mas voltou atrás.

- Olhe aqui - ele disse -, vou lhe dizer uma outra coisa. Houve uma briga aqui na noite passada. Eu pedira a Hislop, que é uma pessoa sensata, para me avisar caso acontecesse alguma coisa que perturbasse a Sra. Tonks. Que a perturbasse seriamente, quero dizer. De novo estou sendo indiscreto, mas disse a ele que me avisasse caso Sep ficasse agressivo, porque Isabel e os meninos estavam no limite do que podiam suportar. Ele estava bebendo muito. Hislop telefonou para mim às 10h20, ontem à noite, para dizer que houvera uma grande discussão, Sep brigando com Phips (quero dizer Phillipa, eu sempre a chamei de Phips) no quarto dela. Disse que Isabel - a Sra. Tonks - fora para a cama. Eu tivera um dia cansativo e não queria sair de casa. Disse a ele que chamasse de novo em meia hora caso as coisas não se acalmassem. Disse-lhe que se mantivesse longe de Sep e ficasse em seu quarto, ao lado do quarto de Phips, e verificasse se ela estava bem, depois que Sep a deixasse em paz. Hislop estava envolvido no problema, mas não vou lhe dizer como. Os empregados estavam todos fora. Disse a Hislop que se não me chamasse em meia hora, eu ligaria de novo; se ninguém atendesse, eu saberia que estavam todos na cama e tudo estava calmo. De fato telefonei, ninguém atendeu e fui para a cama. Isso é tudo. Vou-me embora. Acho que precisará de meu testemunho no inquérito. Curtis sabe onde me encontrar. Adeus.

Depois que ele saiu, Alleyn começou uma busca sistemática pelo quarto. Fox e Bailey ainda estavam profundamente envolvidos com o rádio.

- Não vejo como alguém poderia levar um choque deste aparelho - resmungou; - não existe nada de errado com esses botões de controle. Olhe aqui, senhor.

Ligou o interruptor na parede e sintonizou. Depois de um longo ruído de interferência: ". .. concluímos nossa programação com músicas de Natal".

- Um ótimo som - aprovou Fox.

- Encontrei alguma coisa, senhor - anunciou Bailey, de repente.

- Encontrou a serragem, não é mesmo? - disse Alleyn.

- Encontrei em um deles - disse o perplexo Bailey.

Alleyn examinou o interior do aparelho com a lanterna e recuperou traços de serragem embaixo dos orifícios.

- Marcamos nosso primeiro ponto - disse Alleyn. Abaixou-se para examinar a tomada na parede. - Olhe só! Um adaptador com duas saídas, serve ao rádio e ao aquecedor. Pensei que esse tipo de coisa fosse proibido. É um gatilho malfeito. Vamos dar uma olhada nesses botões de controle.

Ele examinou os botões. Eram botões de controle comuns, feitos de plástico e que se ajustavam por pressão às hastes de metal que se projetavam do aparelho.

- Como você disse - murmurou. - Tudo normal com eles. Mas espere um pouco - tirou do bolso uma lupa e se deteve examinando uma das hastes. - Sim! Me diga, Fox, é normal envolverem estas peças com papel de mata-borrão?

- Mata-borrão! - exclamou Fox. - Não, não envolvem.

Alleyn raspou as duas hastes com seu canivete, segurando um envelope sob elas para recolher o material. Levantou-se e foi até a escrivaninha examinar o mata-borrão.

- Um canto rasgado na parte de baixo - disse. - Nenhuma impressão digital no rádio, foi o que você disse, Bailey?

- Certo - concordou Bailey, devagar.

- Não deve haver nenhuma no mata-borrão, ou talvez sejam demais, mas tente Bailey, tente - disse Alleyn. Andou pelo quarto com os olhos fixos no chão, chegou até a janela e parou.

- Fox! - disse. - Uma pista concreta.

- O que é? - perguntou Fox.

- Nada menos que o pedaço rasgado de mata-borrão. - O olhar de Alleyn subiu pela cortina da janela. - Será que posso acreditar em meus olhos?

Pegou uma cadeira, subiu no assento e, com a mão enluvada, puxou dois botões do final do trilho da cortina.

- Olhe para isso - voltou ao rádio, retirou do painel os dois botões de controle e os colocou ao lado daqueles encontrados no trilho da cortina.

Dez minutos mais tarde, o inspetor Fox batia na porta da sala íntima e era recebido por Guy Tonks. Phillipa conseguira acender a lareira e a família estava reunida junto ao fogo. Parecia que estavam há um longo tempo sem se mover ou falar uns com os outros.

Foi Phillipa quem falou primeiro.

- O senhor está procurando por um de nós?

- Por favor - disse Fox -, se for possível, o inspetor Alleyn gostaria de ver o Sr. Guy Tonks por um momento.

- Eu irei - disse Guy, e saiu na frente, seguido por Fox, para o estúdio. Na porta, parou e perguntou: - Meu pai, ainda está? ..

- Não, não, senhor - disse Fox. - Está tudo no lugar de novo.

Levantando o queixo, Guy abriu a porta e entrou, acompanhado por Fox. Alleyn estava só, sentado junto ao rádio. Quando Guy entrou, ele se levantou.

- O senhor queria falar comigo? - perguntou Guy.

- Sim, se for possível. Isto foi um grande choque para o senhor, é claro. Não quer se sentar?

Guy sentou-se na cadeira mais distante do rádio.

- O que causou a morte de meu pai? Foi um ataque do coração?
- Os médicos não estão seguros. Teremos que fazer uma autópsia.

- Meu Deus! É um inquérito?

- Temo que sim.

- É horrível - disse Guy indignado. - Por que diabo de razão estes médicos têm de ser tão misteriosos. Afinal que foi que o matou?

- Acham que foi um choque elétrico.

- Como aconteceu?

- Não sabemos. Parece que foi do rádio.

- Isso é impossível. O rádio deveria ser à prova de choques.

- Deveria, se não mexessem nele.

Por alguns segundos, Guy pareceu atônito. Depois seu rosto tomou um olhar de alívio. Pareceu relaxar completamente.

- Claro - disse. - Estava sempre mexendo no aparelho. Que foi que ele fez?

- Nada.

- Mas o senhor disse... Se o rádio o matou, alguma coisa ele deve ter feito.

- Se alguém mexeu no rádio, colocou tudo no lugar depois.

Os lábios de Guy se abriram, mas ele não disse nada. Estava muito pálido.

- O senhor vê - disse Alleyn -, seu pai não poderia ter feito isso.

- Então não foi o rádio que o matou.

- Isto será determinado pela autópsia.

- Não entendo nada de rádios - disse Guy, de repente. - Não compreendo. Não faz nenhum sentido. Ninguém nunca tocou essa coisa, a não ser meu pai. Ele era categórico a respeito disso. Ninguém se aproximava do rádio.

- Entendo. Era um entusiasta.

- Sim, era a única coisa que o entusiasmava, além de seu trabalho.

- Um de meus homens é quase um especialista - disse Alleyn. - Segundo ele, é um aparelho estupendo. O senhor diz que não é um entendido. Existe alguém na casa que seja?

- Meu irmão mais moço se interessou pelo assunto, durante algum tempo. Mas acabou abandonando. Meu pai não permitiu que houvesse outro rádio em casa.

- Talvez ele pudesse sugerir alguma coisa.

- Mas se está tudo no lugar agora ...

- Temos de explorar todas as possibilidades.

- O senhor fala como se ... como se...

- Falo como tenho que falar antes de começar um inquérito - disse Alleyn. - Alguém tinha alguma coisa contra seu pai, Sr. Tonks?

Outra vez levantou o queixo. Olhava Alleyn diretamente nos olhos.

- Quase todos que o conheciam - disse Guy.

- Não seria um exagero?

- Não. O senhor acha que foi assassinato, não é mesmo? Alleyn apontou para a mesa a seu lado.

- O senhor já os tinha visto antes? - perguntou subitamente.

Guy olhou para os dois botões escuros, colocados lado a lado num cinzeiro.

- Essas coisas? - perguntou. - Não. O que são?

- Acho que foram eles que provocaram a morte de seu pai. A porta do estúdio se abriu e Arthur Tonks entrou.

- Guy - disse ele -, o que está acontecendo? Não podemos ficar trancados juntos o dia inteiro. Não agüento mais. Pelo amor de Deus, que foi que aconteceu com ele?

- Acham que foi morto por aquelas coisas.

- Essas? - por uma fração de segundo os olhos de Arthur foram até o trilho da cortina. Depois, com um piscar das pálpebras, desviou o olhar.

- O que quer dizer com isso? - perguntou a Alleyn.

- Poderia colocar um destes botões na haste do controle de volume?

- Mas - disse Arthur - são de metal.

- Está desligado - disse Alleyn.

Arthur pegou um dos botões no cinzeiro, foi até o rádio e tentou ajustá-lo numa das hastes expostas.

- É muito largo - disse rápido. - Não prende e cai.

- Não se a fenda estivesse calçada com. .. papel mata-borrão, por exemplo. - Onde o senhor conseguiu estes botões? - perguntou Arthur.

- Acho que os reconheceu, não é verdade? Vi seu olhar para o trilho da cortina.

- Claro que os reconheço. Fiz um retrato de Phillipa contra o fundo daquelas cortinas, no ano passado, quando. .. ele. .. esteve fora. Eu pintei estas malditas coisas.

- Escute aqui - interrompeu Guy -, onde é que o senhor quer chegar? Se está sugerindo que meu irmão. ..

- Eu! - protestou Arthur. - Que é que eu tenho que ver com isso? Por que deveria supor?. ..

- Encontrei traços de mata-borrão no interior desses botões e na ponta das hastes - disse Alleyn. - O que sugere que os botões de plástico foram substituídos por esses de metal. É incrível, não acha? Que sejam tão parecidos uns com os outros? Examinando com cuidado, é claro, pode-se ver que não são idênticos. Ainda assim, a diferença é quase imperceptível.

Arthur não respondeu a isto. Ainda estava examinando o rádio.

- Sempre tive vontade de olhar este aparelho - disse.

- Pode fazê-lo agora - disse Alleyn. - Já terminamos com ele por enquanto.

- Olhe aqui - disse Arthur -, suponhamos que os botões de plástico fossem substituídos por outros de metal, ainda assim não o matariam. Não dariam choque nenhum. Ambos os controles são isolados.

- Você notou os dois pequenos furos abertos no painel? - perguntou Alleyn. - Acha que deveria haver estes furos?

Arthur examinou com atenção as duas hastes.

- Por Deus, Guy - disse -, ele está certo. Foi assim que fizeram.

- O inspetor Fox - disse Alleyn - acredita que os furos poderiam ser usados para fazer passar fios trazendo corrente do... transformador... É assim que se chama?

- E um outro conectado à terra - disse Fox. - É o trabalho de um especialista. Poderia conseguir uns trezentos volts assim.

- Não é o bastante - disse Arthur. - Não seria corrente suficiente para matá-lo.

- Não sou um perito - disse Alleyn - mas acredito que esteja certo. Qual seria então a razão desses furos? Você acredita que alguém quisesse fazer uma brincadeira com seu pai?

- Uma brincadeira? Com e/e? - Arthur soltou uma gargalhada desagradável. - Você está ouvindo isso, Guy?

- Cale a boca - disse Guy. - Afinal ele está morto.

- Parece bom demais para ser verdade, não é mesmo?

- Não seja idiota, Arthur. Controle-se. Será que não vê o que isso significa? Acham que ele foi assassinado.

- Assassinado! Estão errados. Nenhum de nós teria a coragem, inspetor. Olhe para mim. Minhas mãos tremem tanto que nunca serei capaz de pintar. São assim desde quando, ainda criança, ele me fez passar a noite inteira trancado no porão. Olhe para mim. Olhe para Guy. Ele não é tão vulnerável, mas, no fundo, é igual a todos nós. Fomos condicionados para não reagir. O senhor sabe. ..

- Espere um momento - disse Alleyn calmamente; - saiba que seu irmão está certo. É melhor refletir antes de falar. Isto pode ser um caso de homicídio.

- Muito obrigado ao senhor - disse Guy. - É extremamente gentil e decente de sua parte. Arthur está um pouco transtornado. É o choque.

- Você quer dizer o alívio - continuou Arthur. - Não seja idiota. Eu não o matei e eles terminarão descobrindo. Ninguém o matou. Deve haver alguma explicação.

- Sugiro que me ouça - disse Alleyn. - Vou fazer uma série de perguntas aos dois. Não são obrigados a responder, mas seria mais sensato fazê-lo. Disseram que só seu pai tocava no rádio. Alguma vez um de vocês entrou nesse quarto enquanto estava funcionando?

- Não, a não ser quando ele desejava variar a programação com um pouco de implicância - disse Arthur.

Alleyn se voltou para Guy, que olhava para o irmão.

- Quero saber exatamente o que aconteceu aqui ontem à noite. Segundo os médicos, seu pai morreu no mínimo três, e no máximo oito horas antes de ser encontrado. Devemos tentar fixar o tempo o mais acuradamente possível.

- Eu o vi às 8h45 - começou Guy devagar. - Estava saindo para um jantar no Savoy e havia descido. Ele cruzava o corredor, indo da sala íntima para seu quarto.

- Você o viu depois das 8h45, Sr. Arthur?

- Não, mas o ouvi. Estava trabalhando aqui com Hislop. Hislop pedira para se ausentar durante o Natal. Foi o bastante. Meu pai descobriu alguma correspondência urgente. De fato, Guy, você sabe que era um caso patológico. É a opinião do Dr. Meadows.

- Quando o ouviu? - perguntou Alleyn.

- Algum tempo depois da saída de Guy. Estava trabalhando num desenho em meu quarto no andar de cima, que fica sobre o estúdio.

Ouvi-o gritando com Hislop. Deviam ser IOh, porque fui a uma festa às dez. Ouvi-o gritando quando saí.

- E quando foi que vocês voltaram? - perguntou Alleyn.

- Cheguei em casa à meia-noite e vinte - disse Guy prontamente.
- Posso precisar a hora porque, depois do jantar, fomos ao Chez Carlo e havia um número à meia-noite. Saímos logo depois e vim para casa de táxi. O rádio tocava alto quando cheguei.

- Não ouviu vozes?

- Não, só o rádio.

- E você, Sr. Arthur?

- Deus sabe que horas seriam. Depois da uma. A casa estava toda apagada. Nenhum som.

- Vocês tinham suas próprias chaves?

- Sim - disse Guy. - Cada um tem sua chave. Ficam sempre num gancho, na entrada. Quando cheguei, notei que a chave de Arthur não estava ali.

- Como sabe que era a chave de Arthur que faltava? E as outras?

- Mãe não tem chave e Phillipa perdeu a sua, há algumas semanas. De qualquer forma, sabia que elas estavam em casa e devia ser Arthur quem estava fora.

- Obrigado - disse Arthur, irônico.

- Você não olhou no estúdio quando chegou? - Alleyn perguntou a Arthur.

- Deus do céu, não - respondeu Arthur, como se fosse uma idéia absurda. -Acho. .. - disse de repente. - Acho que devia estar sentado aqui. . . Morto. É estranho - riu nervoso - imaginá-lo sentado aqui, atrás da porta, no escuro.

- Como sabe que estava no escuro?

- O que quer dizer? É claro que estava. Não havia nenhuma luz por baixo da porta.

- Entendo. Agora, vocês não se importariam de voltar para junto de sua mãe? Talvez sua irmã pudesse me fazer a gentileza de vir

aqui um minuto. Fox, faça o favor de chamá-Ia?

Fox voltou à sala íntima com Guy e Arthur e ficou ali, inconsciente de qualquer embaraço que pudesse causar à família. Bailey, de qualquer forma, já estava ali, ostensivamente examinando as tomadas elétricas.

Phillipa entrou direto no estúdio. A primeira coisa que disse foi característica.

- Em que posso ser útil? - perguntou.

- É muito gentil de sua parte - disse Alleyn. - Não quero incomodá-Ia por muito tempo. Estou certo que essa descoberta foi um choque.

- É provável - disse Phillipa. Alleyn lançou-lhe um olhar rápido.

- Quero dizer - explicou - que devia estar chocada, mas não consigo sentir muita coisa. Quero apenas que tudo isso termine o mais rápido possível. Então pensarei. Por favor, diga-me o que aconteceu.

Alleyn disse a ela acreditar que seu pai fora eletrocutado e que as circunstâncias eram intrigantes e incomuns. Não disse nada que sugerisse uma suspeita de homicídio.

- Não acredito que eu possa ser de muita utilidade - disse Phillipa - mas vamos lá.

- Estou tentando descobrir quem foi a última pessoa a falar com seu pai, ou vê-lo com vida.

- Acho que, provavelmente, fui eu - disse Phillipa com calma. - Tive uma discussão com ele antes de ir para a cama.

- A respeito de quê?

- Não vejo em que isso possa importar.

Alleyn considerou a resposta da moça. Quando voltou a falar, foi com deliberação.

- Veja - disse ele -, acho que existem poucas dúvidas de que seu pai foi morto por um choque elétrico desse rádio. Até onde sei, as circunstâncias são únicas. Rádios normalmente não são capazes de

choques fatais. Examinamos o gabinete e estamos inclinados a acreditar que, ontem à noite, havia mudanças no interior do aparelho. Sérias mudanças. Talvez seu pai estivesse fazendo experiências com o aparelho. Se alguma coisa aconteceu que o tenha interrompido ou perturbado, talvez, na excitação do momento, tenha feito uma mudança perigosa.

- O senhor não acredita nisso, acredita? - perguntou calmamente Phillipa.

- Já que pergunta - disse Alleyn. - Não.

- Entendo - disse Phillipa -; o senhor acha que foi assassinado, mas não está seguro.

Ficara muito pálida, mas falava com segurança.

- É natural que queira saber sobre o que discutimos.

- Quero saber tudo que aconteceu ontem à noite - corrigiu Alleyn.

- O que aconteceu foi isto - disse Phillipa: - Fui até o saguão um pouco depois das dez. Quando ouvira Arthur sair, pouco antes, olhara para o relógio e eram 10h05. No saguão, encontrei o secretário de meu pai, Richard Hislop. Ele virou o rosto rápido, mas não antes que eu visse. Exclamei: "Você está chorando!" Ele me olhou e perguntei por que suportava todo aquele abuso. Nenhum dos outros secretários agüentara. Disse que tinha de suportar. É um viúvo com dois filhos, havia contas de médico a pagar e outras coisas. Não preciso lhe contar sobre sua humilhante submissão a meu pai nem sobre os refinamentos de crueldade a que tinha de suportar. Acho que meu pai era louco, quero dizer, louco de verdade. Richard botou tudo para fora num lamento horrorizado. Há dois anos ele trabalha aqui, mas até aquele momento não havia percebido que ele. .. que nós. .. que. .. - um ligeiro rubor coloriu sua face. - É um homenzinho engraçado. Em nada parecido com o tipo de homem que sempre imaginei. .. nem bonito, nem excitante, nem nada.

Parou, parecia espantada.

- Sim? - disse Alleyn.

- Bem, o senhor entende, de repente eu percebi que o amava. E ele também sentia a mesma coisa. Ele disse: "Você sabe, é claro que não há nenhuma esperança para nós. Nós? É quase para rir." Então coloquei meus braços em volta de seu pescoço e o beijei. Sei que é estranho, mas me pareceu muito natural. O problema foi que meu pai saiu do quarto naquele momento e nos viu.

- Foi muita falta de sorte - disse Alleyn.

- Foi mesmo. Meu pai pareceu realmente delirado. Quase lambia os lábios. A eficiência de Richard vinha irritando meu pai há muito tempo. Ficava difícil encontrar motivos para suas grosserias. Mas agora, é claro... Ordenou que Richard fosse para o estúdio e eu para meu quarto. Seguiu-me pela escada. Richard tentou subir também, mas pedi-lhe que não viesse. Meu pai... Não é necessário que lhe conte o que disse. Fez a pior interpretação possível daquilo que vira. Estava completamente fora de si, gritando comigo como um louco. Estava completamente insano. Talvez fosse delirium tremens. Ele bebe muito, sabe? Parece uma idiotice minha contar-lhe essas coisas.

- Não - disse Alleyn - continue.

- Não consigo sentir nada. Nem mesmo alívio. Os meninos se sentem francamente aliviados. Também não sinto medo - olhou para Alleyn, como se estivesse meditando. -As pessoas, quando são inocentes, não precisam sentir medo, não é mesmo?

- É um axioma da investigação policial - disse Alleyn, perguntando-se se ela seria de fato inocente.

- Não é possível que seja assassinato - disse Phillipa. - Somos todos covardes demais para matá-lo. Acho que ele venceria mesmo se o matasse. Encontraria um meio de voltar e vingar-se - colocou as mãos no rosto. - Estou confusa.

- Acho que está mais perturbada do que acredita. Vou tentar ser o mais rápido possível. Seu pai fez esta cena em seu quarto. Você diz que ele gritava. Alguém ouviu?

- Sim. Mamãe ouviu. Ela entrou no quarto.

- Que foi que aconteceu?

Eu disse: "Vá embora, querida, está tudo bem." Não queria que se envolvesse. Ele quase a matou com as coisas que fazia. Às vezes. .. Nós nunca soubemos o que houve entre eles. Era tudo segredo, como uma porta que se fechasse todas as vezes em que se passasse perto dela.

- E ela foi embora?

- Não imediatamente. Ele lhe disse que descobrira que eu e Richard éramos amantes. Disse... não importa. Não quero contar-lhe essas coisas. Ela estava aterrorizada. Ele a apunhalava com alguma coisa que eu não conseguia entender. E de repente disse-lhe que fosse para seu quarto. Ela saiu imediatamente e ele a seguiu. Fiquei trancada no quarto. Foi a última vez que o vi, mas ouvi, mais tarde, quando desceu.

- Ficou trancada a noite toda?

- Não. O quarto de Richard Hislop é ao lado do meu. Ele subiu e falou comigo através da parede. Queria destrancar a porta, mas disse-lhe que não o fizesse. Tive medo que voltasse... Então, muito mais tarde, Guy voltou para casa. Quando passou por minha porta, eu o chamei, a chave estava na fechadura e ele abriu.

- Disse a ele o que se passara?

- Só que houvera uma briga. Ficou comigo apenas um momento.

- Consegue ouvir o rádio de seu quarto? Ela pareceu surpresa.

- O rádio? Sim, de longe, fraco.

- Você o ouviu, depois que seu pai voltou ao estúdio?

- Não me lembro.

- Pense bem. Enquanto estive acordada na cama, todo aquele tempo, até que seu irmão voltasse.

- Vou tentar. Quando meu pai saiu e me encontrou com Richard, o rádio estava desligado. Estavam trabalhando. Não, não me lembro de ouvir o rádio em nenhum momento, a menos... espere

um pouco. Sim, depois que ele voltara ao estúdio, vindo do quarto de mamãe, lembro de ter ouvido um ruído de estática, muito alto. Então acho que ficou em silêncio por algum tempo. Acho que ouvi o mesmo ruído de estática outra vez mais tarde. Oh! Estou me lembrando de outra coisa. Depois do ruído, o aquecedor do meu

quarto parou de funcionar. Acho que havia alguma coisa errada com a corrente elétrica, porque voltou a funcionar, uns dez minutos mais tarde.

- E o rádio voltou a funcionar também? Você acha?

- Não sei. Lembro apenas vagamente. Voltou a funcionar outra vez, antes que eu dormisse.

- Muito obrigado. Não vou incomodá-la mais.

- Tudo bem - disse Phillipa calmamente, e foi embora.

Alleyn mandou chamar Chase e o interrogou a respeito do resto da criadagem e sobre a descoberta do corpo. Emily veio contar sua parte e, quando terminou, Alleyn voltou-se para o mordomo.

- Chase - perguntou -, seu patrão tinha hábitos peculiares?

- Tinha, senhor.

- No que se refere ao rádio?

- Desculpe, senhor, mas pensei que falasse em geral.

- Bem, então falando em geral.

- Se me permite dizer, senhor, tinha uma quantidade deles.

- Há quanto tempo estava com ele?

- Há dois meses, senhor, e devia deixá-lo no final desta semana.

- Ah! E por que estava deixando seu serviço?

- Existem coisas, senhor, que nem a carne nem o sangue suportam. Uma delas era a maneira que o Sr. Tonks usava para falar com seus empregados.

- Ah! Um de seus hábitos peculiares, verdade?

- Na minha opinião, senhor, era um louco. Completamente possesso.

- A respeito do rádio. Ele costumava mexer no seu interior?

- Não saberia dizer, senhor, mas acredito que ele conhecesse a fundo seu rádio.

- Quando sintonizava o aparelho, tinha alguma maneira especial de fazê-lo? Alguma atitude ou gesto característico?

- Acho que não, senhor. Nunca notei, e entrei várias vezes no quarto quando estava com o rádio ligado. Não estou conseguindo visualizá-lo, senhor.

- Sim, é isto que quero - disse Alleyn. - Uma clara imagem mental. Agora, como era? Assim?

Num segundo, atravessou o quarto e sentou-se na cadeira de Septimus. Girou-a, para ficar diante do rádio, e colocou a mão direita no controle de sintonia.

- Assim?

- Não, senhor - disse Chase prontamente. - Não era desse jeito. Devia ser com as duas mãos.

- Ah! - a mão esquerda de Alleyn pegou o controle de volume. - Assim está mais como ele?

- Sim, senhor - disse Chase devagar. - Mas havia outra coisa que não consigo lembrar. Alguma coisa que estava sempre fazendo. Alguma coisa que está lá, no fundo da minha memória, mas não consigo recordar agora.

- Entendo.

- Alguma coisa ... assim ... uma irritação - disse Chase lentamente.

- Irritação? De quem? Dele?

- Não. Não adianta. Não consigo me lembrar agora.

- Talvez mais tarde. Agora, Chase, conte o que fizeram, todos vocês, ontem à noite. Quero dizer, os empregados.

- Saímos todos, senhor. Era noite de Natal. A senhora me chamou ontem pela manhã. Disse que podíamos tirar a noite livre,

logo depois de servir a bebida do patrão às nove horas. Assim saímos todos - terminou Chase.

- Quando?

- O resto do pessoal saiu às nove da noite, eu saí dez minutos depois e voltei às 11h20. Os outros já haviam voltado e estavam na cama. Eu também fui direto para a cama, senhor.

- Suponho que tenha entrado pela porta dos fundos.

- Sim, senhor. Estivemos conversando. Nenhum de nós notou nada estranho.

- Você consegue ouvir o rádio, na parte da casa onde dorme?

- Não, senhor.

- Bem - disse Alleyn olhando suas anotações -, isto é tudo, muito obrigado. Antes que Chase chegasse à porta, Fox entrou.

- Desculpe, senhor - disse Fox. - Queria só dar uma olhada no 'Radio Times' que está na mesa.

Inclinou-se sobre o jornal, umedeceu seu polegar enorme na língua e virou uma página.

- Era isso, senhor - exclamou Chase de repente. - Era o que não conseguia me lembrar. Era o que ele estava sempre fazendo.

- O quê?

- Lambendo os dedos, senhor. Era um hábito que tinha - disse Chase. - Era o que sempre fazia quando se sentava com o rádio. Cheguei a ouvir o Sr. Hislop dizer ao doutor como isso mexia com seus nervos, a forma como o patrão parecia incapaz de tocar qualquer coisa sem antes molhar o dedo na boca.

- Entendo - disse Alleyn. - Daqui a dez minutos, peça, por favor, ao Sr. Hislop que faça a gentileza de vir aqui. Isto é tudo, obrigado, Chase.

- Bem, senhor - disse Fox, depois que Chase saiu -, se fosse realmente assim, e se o que penso é correto, a coisa piora muito.

- Meu Deus, Fox. Que comentário confuso! Que é que você quer dizer?

- Se os botões foram realmente substituídos por outros de metal e se os furos foram usados para passar fios trazendo corrente até eles, bem, o choque seria muito mais forte se seu dedo estivesse úmido.

- Sim. E ele sempre usava as duas mãos. Fox!

- Senhor?

- Volte para onde estão os Tonks. Você não os deixou sós, certo?

- Bailey está lá com eles, fingindo interessar-se pelos interruptores de luz. Encontrou o quadro geral de eletricidade, embaixo da escada. Há sinais de que um fusível foi

trocado recentemente. Num armário lá debaixo há alguns metros de fio elétrico. Da mesma marca deste ligado ao rádio e ao aquecedor.

- Ah, sim! Queria perguntar. Será que o fio do adaptador ligado ao aquecedor poderia ter sido usado?

- Por Deus, chefe - disse Fox -, o senhor está certo. Foi assim que fizeram. O fio do aquecedor foi cortado e ligado aos botões de controle. Com o fogo aceso, ele não ia precisar do aquecedor, nem notar.

- Com certeza, poderia ser assim, mas não temos nenhuma prova. Volte para onde estão os Tonks, caro Fox, e descubra com jeito se algum deles se lembra das peculiaridades de Septimus, quando sintonizava seu rádio.

Fox cruzou na porta com o pequeno Sr. Hislop e o deixou a sós com Alleyn.

Phillipa estava certa, pensou o inspetor, quando dissera que Richard Hislop não era nada demais. Era insignificante. Pálido e pequenino, com olhos cinzentos, era descolorado e sem brilho como seus cabelos; ainda assim, ontem à noite acontecera entre os dois a descoberta do amor. Romântico, mas estranho, pensou Alleyn.

- Por favor, sente-se - disse. - Queria que fizesse a gentileza de contar-me o que aconteceu, ontem à noite, entre o senhor e o Sr. Tonks.

- O que aconteceu?
- Sim. O jantar foi às 8h, segundo entendi, depois o senhor e Tonks vieram para cá?
- Sim.
- O que fizeram?
- Ele ditou algumas cartas.
- Aconteceu alguma coisa anormal?
- Oh, não.
- Por que a discussão?
- Discussão? - a voz calma subiu de tom. - Não houve nenhuma discussão, Sr. Alleyn.
- Talvez não seja essa a palavra. O que foi que o perturbou a ponto de levá-lo a chorar?
- Phillipa contou ao senhor?
- Sim. Teve a sensatez de fazê-lo. Qual foi o problema, Sr. Hislop?
- Além do. .. daquilo que ela lhe contou. .. o Sr. Tonks era uma pessoa difícil de satisfazer. Frequentemente eu o irritava. Foi o que aconteceu ontem à noite.
- De que forma o irritava?
- Por tudo e por nada. Gritava comigo. Eu estava assustado e nervoso, desajeitado com os papéis, cometendo erros. Não me sentia bem. Fiz uma bobagem e tive uma crise. Sempre o irritava. Minha própria maneira de ser, meus cacoetes ...
- Ele não tinha cacoetes irritantes também?
- Ele? Meu Deus!
- Quais eram seus cacoetes?
- Não consigo pensar em nada em particular. Mas isso não importa, não é?
- Alguma coisa ligada ao modo em que usava o rádio, por exemplo? Houve um curto silêncio.

- Não - disse Hislop.
- O rádio estava ligado ontem à noite, depois do jantar?
- Por algum tempo. Não depois do. .. do incidente no saguão. Ao menos acho que não. Não me lembro.
- O que fez depois que Phillipa e seu pai subiram?
- Eu os segui e ouvi através da porta, por algum tempo.
- E depois?
- Ouvi alguém vindo. Lembrei que o Dr. Meadows me pedira que telefonasse para ele caso houvesse uma daquelas cenas. Voltei aqui e liguei para ele. Disse-me que voltasse ao meu quarto e ouvisse. Se as coisas piorassem, devia chamá-lo outra vez. Caso contrário, devia permanecer no meu quarto. É ao lado do quarto dela.
- E foi o que fez?
- Hislop assentiu com a cabeça.
- Podia ouvir o que o Sr. Tonks dizia a ela?
- Boa parte.
- O que foi que ouviu?
- Ele a insultava. A Sra. Tonks estava lá. Pensei em ligar de novo para o Dr. Meadows, quando ela saiu do quarto com o Sr. Tonks. Mas fiquei em meu quarto.
- Não tentou falar com a senhorita Phillipa?
- Falamos pela parede. Ela pediu que não telefonasse mais para o Dr. Meadows e que ficasse em meu quarto. Algum tempo depois, não estou seguro, talvez uns vinte minutos depois, ouvi o Sr. Tonks descer ao estúdio. Falei de novo com Phillipa. Implorou que não fizesse nada e disse que, pela manhã, ela mesma falaria com o Dr. Meadows. Assim, esperei mais um pouco e fui para a cama.
- E dormiu?
- Meu Deus, não!
- Ouviu o rádio outra vez?

- Sim. Ou, ao menos, ouvi estática.
- O senhor entende de rádios?
- Não, sei o que todos sabem. Nada mais.
- Como conseguiu este emprego?
- Respondi a um anúncio.
- Está seguro de não se lembrar de nenhum cacoete do Sr. Tonks quando sintonizava o rádio?
- Não me lembro de nenhum.
- E não pode me contar mais nada sobre o que aconteceu no estúdio e que originou a cena no saguão?
- Não.
- Poderia, por favor, perguntar a Sra. Tonks se ela faria a gentileza de vir aqui para falar comigo um minuto?
- Certamente - disse Hislop, e saiu.

A esposa de Septimus entrou com aspecto de morta. Alleyn fez com que se sentasse e perguntou a ela sobre seus movimentos na noite anterior. Ela disse que não se sentia bem e jantara em seu quarto. Depois disso fora para a cama. Ouvira Septimus gritando com Phillipa e fora até ao quarto da filha. Septimus acusava Phillipa e o Sr. Hislop de "coisas terríveis". Chegou até aí e então começou a chorar baixinho. Alleyn foi muito delicado com ela. Depois de algum tempo, soube que Septimus fora ao quarto dela e continuara a dizer aquelas "coisas terríveis".

- Que tipo de coisas? - perguntou Alleyn.
- Ele não era responsável - disse Isabel. - Não sabia o que estava dizendo. Acho que havia bebido.

Achava que o marido ficara com ela por uns 15 minutos. Talvez um pouco mais. Saíra de modo brusco e o ouvira passar no corredor pela porta do quarto de Phillipa, indo, ela presumia, para o estúdio no andar de baixo. Ficara acordada por muito tempo. Não era possível ouvir o rádio de seu quarto. Alleyn mostrou-lhe os botões

da cortina, mas ela pareceu incapaz de entender seu significado. Deixou-a ir e chamou Fox para repassar o caso.

- Que é que você acha? - perguntou, quando terminou sua exposição.

- Bem, senhor - disse Fox, no seu jeito impassível -, como estão as coisas, parece que os dois rapazes têm álibis sólidos. Mas temos de verificá-los e não vejo como podemos ir em frente antes de fazer isso.

- Suponhamos - disse Alleyn - que os senhores Guy e Arthur tenham estabelecido seus álibis de forma irrefutável. Então o que temos?

- Temos a jovem senhora, a velha senhora, o secretário e a criada.

- Vamos examiná-los. Mas antes vamos repassar a forma como foi arranjado o rádio. Preste atenção e me corrija se estiver errado. Acho que o único modo, como a coisa seria possível, seria assim: remover os botões de controle. Fazer os furos no painel do gabinete com uma broca fina. Colocar os botões de metal recheados de papel mata-borrão para fixá-los e, ao mesmo tempo, isolá-los das hastes. Cortar o fio do aquecedor e fazer passar as pontas pelos dois furos no painel até fazer contato com os novos botões. Assim teríamos um pólo negativo e um pólo positivo, com Tonks fechando o circuito e levando um poderoso choque, com a corrente passando do seu corpo para a terra. Um fusível queima no quadro imediatamente. Tudo isto é feito pelo assassino, enquanto Septimus está no andar de cima insultando sua esposa e filha. Sep volta ao estúdio em algum momento depois das 10h20. A coisa toda foi feita entre as dez horas, quando Arthur saiu, e a hora em que Sep voltou, digamos às 10h45. O assassino volta, religa os fios no aquecedor, troca os botões e deixa o rádio ligado. Suponho que o ruído de estática, descrito por Phillipa e Hislop, foi provocado pelo curto circuito que matou nosso caro Septimus.

- Correto.

- Também desligou a corrente de todos os aquecedores na casa. Lembre-se do que disse Phillipa.

- Sim. Ele teve de corrigir isso também. Não é complicado para alguém que soubesse o que fazer. Teve apenas que substituir o fusível queimado no quadro geral.

- Quanto tempo você acha que levaria para recolocar tudo como estava antes?

- Hum. .. - disse Fox, avaliando a questão. - Creio que uns 15 minutos. Ele teria que ser rápido.

- Sim - concordou Alleyn. - Ele ou ela.

- Não vejo uma mulher fazendo isso com sucesso - murmurou Fox. - Olhe, chefe, o senhor sabe o que eu penso. Por que razão Hislop mentiu a respeito do cacoete do morto de molhar o dedo na boca antes de tocar o rádio? Ele disse ao senhor que não se lembrava de nada, mas Chase o ouviu dizer que era uma coisa que o deixava louco.

- Exato - disse Alleyn. Depois ficou em silêncio por tanto tempo que levou Fox a tossir discretamente.

- Hein? - disse Alleyn. - Sim, é verdade, Fox, vamos ter que fazer isso. Consultou sua agenda de telefones e discou um número.

- Posso falar com o Dr. Meadows? Ah, é você? Lembra-se de Hislop ter-lhe contado do hábito de Septimus Tonks de molhar um dedo na boca, antes de tocar qualquer coisa, e de como este cacoete o irritava? Alô? Está me ouvindo? Não se lembra? Tem certeza? Certo. Tudo bem. Você disse que Hislop telefonou para você às 10h20? E você ligou para ele? Às onze horas? Tem certeza a respeito das horas? Entendo. Gostaria que passasse aqui. Você pode vir? Bem, se puder, venha.

Desligou o telefone.

- Chame Chase outra vez, Fox.

Chase se lembrava, com segurança, de que o Sr. Hislop falara com o Dr. Meadows sobre o cacoete do morto.

- Foi quando o Sr. Hislop esteve gripado, senhor. Subi ao seu quarto para acompanhar o Dr. Meadows. O Sr. Hislop tinha febre, estava muito excitado, e falava sem parar. Ele se repetia, dizendo que o patrão descobrira o modo de levá-lo à loucura e que fazia aquilo sem parar apenas para irritá-lo. Disse que se aquilo continuasse por muito tempo ele. .. Estava delirando e não sabia o que dizia, senhor, realmente.

- O que foi que ele disse que faria?

- Bem, senhor, ele disse... disse que faria algo de desesperado com o patrão. Mas era só o delírio, senhor. Estou certo de que ele nem mesmo se recorda disso.

- Não - disse Alleyn -, também acho que não se recorda. Depois que Chase saiu, ele disse a Fox:

- Verifique os álibis dos rapazes. Veja se consegue com eles uma forma fácil de confirmá-los. Confirme também com o senhor Guy a declaração de Phillipa, de que estava trancada no quarto até sua chegada.

Fox já partira há algum tempo e Alleyn continuava ocupado com suas anotações, quando a porta se abriu e o Dr. Meadows entrou.

- Olhe aqui, meu desatinado farejador - berrou -, que história é essa a respeito de Hislop? Quem disse que os malditos hábitos de Tonks o desagradavam?

- Foi Chase quem disse. E não grite assim comigo, estou preocupado.

- Eu também estou, e por sua culpa. Aonde quer chegar? Você não imagina que aquele pobre diabo pudesse eletrocutar alguém, muito menos Sep?

- Não tenho imaginação e não imagino nada - disse Alleyn, com a voz cansada.

- Quisera não ter chamado você. Se o rádio matou Sep, é porque ele mexeu em alguma coisa.

- E colocou tudo de novo no lugar, depois de morto.

Meadows olhou para Alleyn em silêncio.

- Agora - disse Alleyn - você tem que me dar uma resposta franca, Meadows. É verdade que Hislop disse a você, durante um delírio, que o tal hábito de Septimus lhe dava vontade de matá-lo?

- Esqueci que Chase estava lá.

- É, você esqueceu.

- Mas, mesmo que tenha dito essas coisas, Alleyn, e daí? Maldição, você não pode prender um homem por alguma coisa que disse num delírio.

- Não seria só esta a razão. Surgiram outros fatos.

- Você quer dizer. .. Phips... à noite passada?

- Ele lhe contou o que aconteceu?

- Não, foi ela quem falou alguma coisa a respeito disso, esta manhã. Tenho uma grande afeição por Phips. Meu Deus, você está seguro do que está fazendo?

- Sim - disse Alleyn. - Sinto muito. Acho melhor você ir, Meadows.

- Você vai prendê-lo?

- Tenho que cumprir meu dever. Houve um longo silêncio.

- É - disse Meadows, afinal. - Você tem que cumprir seu dever. Adeus, Alleyn.

Fox voltou para dizer que Guy e Arthur não tinham se ausentado nem um momento das festas onde estavam. Conseguira falar com dois amigos deles. Guy e a Sra. Tonks confirmaram a história da porta trancada no quarto de Phillipa.

- É um processo de eliminação - disse Fox. - Tem de ser o secretário. Arranjou o rádio enquanto a vítima estava no andar de cima. Deve ter escapado para falar com a jovem e voltado. Esperou em algum lugar aqui embaixo, até que a vítima recebesse a descarga elétrica e então colocou tudo no lugar.

Alleyn estava em silêncio.

- Que é que fazemos agora, senhor? - perguntou Fox.

- Quero ver o gancho, do lado de dentro da porta, onde penduram as chaves. Fox, com um ar de quem não entendia, seguiu seu chefe até a entrada da casa.

- Sim, lá estão elas - disse Alleyn, apontando para duas chaves penduradas no gancho; - seria difícil não vê-las. Venha, Fox.

De volta ao estúdio, encontraram Hislop acompanhado de Bailey. Hislop olhou de um policial para o outro.

- Quero saber se foi assassinato.

- É o que acreditamos - disse Alleyn.

- Quero que entendam que Phillipa, quero dizer a Srta. Tonks, esteve trancada em seu quarto a noite toda.

- Até que seu irmão voltasse e abrisse a porta - disse Alleyn.

- Isto foi tarde demais. Ele já estava morto, então.

- Como sabe quando ele morreu?

- Deve ter sido quando ouvimos o barulho de estática.

- Sr. Hislop - disse Alleyn -, por que não quis me contar sobre o quanto aquele hábito do Sr. Tonks lambe o dedo o exasperava?

- Mas. .. como sabe disso? Nunca contei a ninguém.

- Contou ao Dr. Meadows, quando esteve doente.

- Não me lembro. .. - ele parou no meio do que ia dizer. Seus lábios tremiam. Então, de repente, começou a falar.

- Muito bem. É verdade. Por dois anos ele me torturou. Sabia algo a meu respeito. Veja bem, há dois anos, minha mulher estava morrendo e eu peguei um dinheiro do cofre em sua mesa. Mais tarde, recuperei o dinheiro e pensei que não tivesse percebido. Ele sabia o tempo todo. Desde então, me tinha onde queria, eu estava em suas mãos. Costumava sentar-se ali, como uma aranha. Eu lhe dava um papel. Ele molhava seus polegares na boca, fazia um barulho como um clique e me sorria complacente. Clique, clique. Então folheava os papéis. Sabia que aquilo me enlouquecia. Olhava para mim e... clique, clique. Então dizia alguma coisa sobre o dinheiro. Nunca me acusou diretamente, apenas insinuações. Acha

que estou louco? Não estou. Poderia matá-lo. Várias vezes, pensei em como o faria. Esta é a ironia da coisa, nunca tive a coragem. E ontem à noite, Phillipa me fez ver que se importava comigo, foi como estar no paraíso. Inacreditável. Pela primeira vez, desde que estou aqui, não tive vontade de matá-lo. Mas, ontem à noite, alguém teve.

Ficou ali, de pé, veemente e trêmulo. Fox e Bailey, que o olhavam com espanto e preocupação, se voltaram para Alleyn. Ia começar a falar quando Chase entrou.

- Uma mensagem para o senhor - disse a Alleyn. - Entregue em mãos. Alleyn abriu o envelope e leu as primeiras palavras. Levantou os olhos e disse:

- Pode ir, Sr. Hislop. Chegou o que estava esperando, o que estive pescando todo esse tempo.

Depois que Hislop saiu, leram a carta.

Caro Alleyn,

Não prenda Hislop. Eu o matei. Solte-o imediatamente, se já o prendeu, e não deixe Phips saber que chegou a suspeitar dele. Eu já amava Isabel antes que conhecesse Sep. Tentei fazê-la divorciar-se, mas ela se recusou, por causa das crianças. Pura insensatez, mas não temos tempo para discutir isto agora. Devo ser rápido. Ele suspeitou de nós. Quase a levou a um colapso nervoso. Tive medo que enlouquecesse. Então planejei tudo. Algumas semanas atrás, peguei a chave de Phips do gancho na porta. Tinha as ferramentas e os cabos já prontos. Sabia onde era o quadro da luz e o armário. Pensava esperar até o Ano Novo, quando estariam todos fora, mas ontem à noite, quando Hislop ligou, decidi agir logo. Ele disse que os rapazes e os criados estavam fora e Phips trancada no quarto. Disse a ele que ficasse em seu quarto e me chamasse em meia hora se as coisas não se acalmassem.

Ele não ligou, mas eu chamei. Ninguém atendeu, assim eu soube que Sep não estava no estúdio.

Fui até a casa, entrei e não ouvi nada, tudo quieto, mas a luz estava acesa no estúdio, o que significava que ele ainda desceria. Dissera antes que pretendia ouvir a programação de meia-noite.

Tranquei-me no estúdio e comecei a trabalhar. Quando Sep viajou no ano passado, Arthur pintou uma de suas monstruosidades modernas no estúdio. Falou dos botões no trilho da cortina e de como ficaram bem no quadro. Notei como eram parecidos com os botões do rádio; mais tarde experimentei um e vi que se ajustava com um pequeno calço. Bem, fiz o trabalho como você deduziu, em apenas 12 minutos. Depois, fui para a sala íntima e esperei.

Ele desceu, vindo do quarto de Isabel, e foi direto para o rádio. Não imaginara que fizesse tanto barulho, cheguei a pensar que alguém desceria, mas ninguém veio. Voltei lá, desliguei o rádio, troquei o fusível no quadro geral usando minha lanterna. Depois coloquei tudo em ordem no estúdio.

Não havia pressa. Ninguém entraria no estúdio se ele estivesse ali e liguei o rádio logo que pude para sugerir exatamente isso. Sabia que me chamariam quando o encontrassem. Minha idéia era dizer-lhes que morrera de um ataque cardíaco. Vinha avisando Isabel de que isto poderia acontecer a qualquer momento. Mas logo que vi os dedos queimados, entendi que não funcionaria. Talvez ainda fizesse uma tentativa, se Chase não começasse logo a falar em eletrocussão e dedos queimados. Hislop também viu a mão. Não tive outro jeito senão chamar a polícia, mas não pensei que descobrissem os botões. Ponto para você.

Eu talvez blefasse, se você não tivesse suspeitado de Hislop. Não posso deixar que enforcem o pobre diabo. Estou incluindo no envelope uma carta para Isabel, que não me

perdoará nunca. E outra, para uso oficial. Você me encontrará em meu quarto. Estou usando cianureto. É rápido.

Sinto muito, Alleyn. Acho que você sabia, não sabia? Meti os pés pelas mãos, mas se você não fosse um superdetetive... Adeus.

Henry Meadows

Tradução de Octávio Marcondes

87. NABUCODONOSSOR

DOROTHY L. SAYERS (1893 -1957 | Inglaterra)

Os anos 30 foram a época de ouro do conto policial. Dorothy Leigh Sayers, que vinha da seriedade do mundo acadêmico, formada em Línguas Modernas, e uma scholar em clássicos já era conhecida por seus romances que alternavam dois detetives históricos no gênero, e bastante diferentes entre si: Lorde Peter Winsey e Montague Egg. Segundo Ruth Rendell, "ela é dotada de uma grande fertilidade inventiva, engenhosidade e um excelente olho para o detalhe". Sayers organizou uma das melhores antologias do gênero, The Omnibus of Crime. Ela considerava sua tradução da Divina Comédia de Dante seu melhor trabalho, mas acabou mesmo ficando na história da literatura policial. Em tempo, o conto que se vai ler é de 1936.

Você, seguramente, já jogou "Nabucodonossor", a menos, é claro, que seja uma daquelas pessoas tão desligadas que nunca ouviu falar de nenhum jogo além de ioiô, ou, seja lá qual for, a última mania. "Nabucodonossor" é tão fora de moda que hoje só os muitos sofisticados ainda o jogam. Voltou à moda na mesma época que as charadas, das quais, na verdade, é apenas uma variação. Acho que se chama "Nabucodonossor" porque seria muito difícil encontrar um nome mais complicado que esse para se jogar.

Você escolhe um nome (e, a menos que o grupo seja muito paciente, é melhor que seja um nome bem curto) de uma personagem bastante conhecida. Job, por exemplo. Então faz a mímica de alguém cujo nome comece com J, em seguida o de alguém começando por O, depois B e finalmente faz a mímica de Job. Os espectadores adivinham que se trata de "Job" e aplaudem. E isso é tudo. Pessoas com imaginação e espírito alegre são capazes de se divertir muito com esse jogo.

Bob Lester festejava seu aniversário - sua mãe, irmã e mais uns vinte amigos íntimos se comprimiam no pequeno apartamento em Hammersmith. Eram todos escritores, pintores, atores, ou algo do gênero, ganhavam a vida com aquilo que gostavam de fazer e estavam habituados a divertir-se juntos assim, com música e jogos. Podiam brincar uns com os outros com muito espírito, se comportar como crianças e ficar alegres com uma quantidade quase invisível de vinho. Eram brilhantes, e todos se conheciam extremamente bem. Apenas Cyril Markham se sentia deslocado, embora os outros fossem a extremos de gentileza para incluí-lo e animá-lo. Havia quase seis meses que Jane morrera, e ainda que todos se condoessem muito com sua perda (todos adoravam Jane), Cyril tinha a sensação de que sempre seria alguém de fora, um estranho para eles. Ah! A querida Jane! Fora difícil perdoá-lo por ter se casado com ela e principalmente por tê-la levado embora para Cornwall. Terrível que houvesse morrido - apenas dois anos depois - de uma gastroenterite. Jane tomava parte de todas as brincadeiras. Jogava aqueles jogos absurdos com eles, dando ao mais absurdo o toque de sua graça. Markham jamais seria capaz do mesmo. Sentia-se rígido, desajeitado e ridículo. Quando Bob sugerira "Nabucodonossor", tivera a cortesia de convidar Markham para fazer parte de sua equipe de atores. Gentil; muito gentil. Mas Markham dissera que preferia assistir, e Bob, com um suspiro de alívio, fora adiante, escolhendo veteranos de confiança.

As duas salas da frente do apartamento foram transformadas em uma só, com a abertura da porta dobrável. Embora estivéssemos em novembro, a noite era estranhamente abafada, e uma das três janelas de sacada, com vista para o rio, fora aberta. Através da fumaça na sala e por sobre as cabeças dos convidados, Markham podia ver o reflexo das luzes do lado de Surrey balançar na superfície do rio como alongadas lanternas japonesas. A sala menor se transformou num palco, e na divisória colocaram duas grossas cortinas roxas. Fora, no corredor, os atores, ocupados com os preparativos, se movimentavam entre gargalhadas. Esperando o começo do jogo, Markham olhava para as cortinas. Ele as conhecia.

Eram cortinas de sua casa em Cornwall. Jane as colocara como divisórias para separar a parte onde comiam do ambiente da sala de estar. Estranho que elas estivessem aqui na casa de Bob. Não, não era estranho. Bob dera aquelas cortinas a Jane como presente de casamento, e essas deviam ser um outro par, idêntico. Sabia que eram antigas; não se fabricava mais damasco daquela qualidade.

A cabeça despenteada de Bob apareceu para anunciar:

- O Nabucodonossor tem quatro letras - e voltou a desaparecer atrás das cortinas. Ouvimos longe o barulho de alguma coisa caindo, enquanto a voz de alguém dizia:

- Na cozinha há uma corda de varal.

Alguém que estava perto da porta apagou as luzes, e as cortinas se abriram para a encenação da primeira letra.

Havia um biombo japonês no fundo do palco, por sobre o qual aparecia a cabeça de Lavínia Forbes, elegantemente coberta por uma echarpe de seda presa em torno da testa por um cinto, o que fez a Sra. Lester, sempre precipitada, exclaimar:

- Romeu e Julieta, a cena da sacada!

Todos fizeram "Psiu!", e a suposta Julieta fez surgir de trás do biombo um espelho e um batom para, de forma provocante, começar a se pintar. No meio disso, sua atenção pareceu atraída por alguma coisa distante. Debruçou-se por sobre o biombo apontando com antecipação para a entrada do palco, onde, de fato, começava a se ouvir um barulho formidável. Vindo na direção dela e sob frenético aplauso, entraram os dois gêmeos, Peter e Paul Barnaby, vestindo os casacos pelo avesso, com os forros de pele para fora, engatinhando e puxando furiosamente, pela corda de varal atada a eles, uma cadeira de vime, que afinal, depois de uma terrível hesitação na porta, foi empurrada com força para dentro de cena por mãos invisíveis, enquanto o condutor do carro, sentado na cadeira, numa maravilhosa túnica vermelha e manto listrado, com uma espada na mão e a mo-lheira de prata sobre a cabeça, quase caindo, murmurava um indignado "Calma!" por trás da barba de crepom. A mulher, do outro lado do biombo, tentava dizer alguma

coisa a ele, que respondeu com um gesto vulgar e censurável. Um pouco mais de pantomima entre os dois provocou a entrada de dois tipos truculentos, vestindo roupões de banho e turbantes, que partiram imediatamente para arrancar a mulher de trás de sua sacada. Alguém gritou "Cuidado!", e o biombo desequilibrado foi prontamente seguro por um dos cavalos. A vítima foi atirada ao solo e morreu, depois de uma quantidade considerável de contorções e gemidos. O condutor do carro açoitou os cavalos com seu guarda-chuva e foi arrastado, outra vez de forma magistral, para fora do palco. Latidos vinham das laterais, anunciando a entrada dos três que, com tapetes felpudos, se faziam de cães; e depois de farejar várias vezes o "corpo", começaram a devorá-lo, enquanto as cortinas caíam.

A colorida apresentação foi aplaudida com rumor e não ofereceu muita dificuldade à assistência.

- Jezabel, é claro - disse Tony Withers.

- Ou Jehu - disse a Srta. Holroyd.

- Espero que Lavvie não tenha se machucado - disse a Sra. Lester. - Foi uma queda e tanto.

- Bem, de qualquer forma, a primeira letra é J - disse Patricia Martin. - Adorei a entrada do carro.

- Bob estava simplesmente maravilhoso - disse Bice Taylor, sentado bem atrás da Sra. Lester. Depois, voltando-se para Markham, continuou. - Mas, quanta falta faz nossa querida Jane. Ela adorava representar e vestir fantasias, não é mesmo? Era a coisinha mais alegre.

Markham concordou. Sim, Jane sempre fora uma atriz. E sua alegria, de alguma forma, fora um antídoto contra a solidão da casa em que viviam, assim como o temperamento taciturno dele mesmo. Estava sempre cantando enquanto cuidava da casa, coisa que lhe dava nos nervos de tal forma que terminara brigando com ela. Nunca entendera o que ela achava de tão interessante para cantar assim. Até o dia, é claro, em que encontrara aquelas cartas; então entendera.

Desejava não ter vindo a esta festa. Sentia-se como um peixe fora d'água, e Tom Deering sabia disso e se divertia com ele. Podia ver Tom, com seu rosto moreno e sardônico, lá no outro canto, encostado contra a porta. Ele também devia estar se lembrando de coisas, cachorro fingido. Bem, Markham estragara seu brinquedo; isso, de qualquer forma, era um conforto.

Apesar da janela aberta, a sala era sufocante. Para que precisavam daquele fogo enorme? Seu sangue era bombeado com violência para o cérebro - sentia como se sua cabeça fosse explodir. Havia mais gente do que cabia naquele lugar, e faziam barulho demais. Alguma coisa de extremamente elaborada devia estar sendo preparada, a julgar pela longa espera e pelos ruídos que vinham do corredor. Era um jogo chato.

As luzes se apagaram outra vez e uma voz anunciou "Segunda letra", enquanto as cortinas se abriam.

A aparição de Betty Sander numa malha colante de um rosa pálido, com o cabelo solto nas costas, nos braços do embaraçado George P. Brewster, vestindo apenas um apertado conjunto de ceroula e camiseta, foi recebida com alegres gargalhadas.

- A cena do quarto! - exclamou a Sra. Lester, precipitada como sempre.

Depois de uma exagerada encenação de troca de carícias, o casal se separou. George foi para o canto onde estava o piano, fazendo os gestos de quem trabalha, fingindo cavar com a pá da lareira, enquanto Betty, no sofá, penteava os cabelos com os dedos. Então apareceu, rastejando pelo chão, o rosto vermelho de Peter Barnaby com a língua dardejando para fora e para dentro da boca. Atrás de seu rosto se arrastava uma longa toalha de mesa verde, cujos movimentos espasmódicos denunciavam, debaixo dela, a presença de um outro ser humano - provavelmente o outro gêmeo Barnaby. Essa procissão se arrastou até o sofá onde foi esfregar-se contra a perna de Betty; então, levantando-se desajeitada nos cotovelos, a cabeça acenou na direção da planta sobre a mesa. Betty pareceu horrorizada com a idéia, mas afinal cedeu, e tirou de

entre as folhas da planta uma maçã, que começou a comer com expressão de grande prazer, enquanto os gêmeos Barnaby iam se esconder atrás do sofá. Ao mesmo tempo, George, que interrompera o trabalho, vinha de volta para casa com a pá sobre o ombro, secando o honesto suor da testa. Vendo o que Betty estava fazendo, deixou cair a pá e levantou as mãos para o céu. Quando ela lhe ofereceu um pedaço, no entanto, resolveu também provar uma dentada, não sem antes esfregar a maçã na camiseta. Depois disso pareceu subitamente incomodado pela deselegância de seu conjunto de ceroula e camiseta, ao mesmo tempo em que apontava com gestos de desagrado e censura para a malha colante de Betty. Ela aos prantos correu para a planta e, arrancando duas folhas grandes ("Oh! Pobre planta!" - exclamou a Sra. Lester), as amarrou com barbante na frente da cintura de George, e também na sua. De trás do biombo japonês apareceu Bob em sua túnica vermelha com uma toalha de mesa azul-celeste sobre os ombros, barbas brancas de algodão e uma tampa de panela por trás da cabeça. Os dois delinquentes caíram deitados com o rosto no chão, enquanto as cortinas se fechavam sob os aplausos.

- Bem, qual é o nome? Adão ou Eva? - perguntou a Srta. Holroyd.

- Acho que é Eva - disse alguém. - Talvez assim a palavra toda seja Jehu.

- Mas já tivemos Jehu.

- Não, ainda não, a primeira era Jezabel.

- Mas não podem repetir Jehu ou Jezabel.

- JE, JA, JE, JA..

As luzes estavam acesas outra vez. Estranho como todos tinham o rosto pálido e sobrenatural. Como máscaras. O dedo de Markham afrouxou seu colarinho. Jezabel e Adão - uma mulher dissoluta e um homem induzido ao pecado. J, A, Jane. "Que paz, enquanto as prostituições da tua mãe Jezabel e as suas feitiçarias são tantas?" Se Deering soubesse que ele encontrara aquelas cartas, será que sorria assim? Sabia que as encontrara, por isso tinha aquele

sorriso malicioso. Sabia! E fora ele quem sugerira a Bob jogar com aqueles nomes. Que a mulher pública não encontre jamais a paz. Jamais; J, A. Jamais; J, A, Jane. Jamais, Jane, Jezabel. Os cães devorarão Jezabel junto ao antemuro de Jizreel.

- Jeová, JAH, J, A, Jane. .. As luzes se apagaram.

Haviam estendido um lençol sobre algumas cadeiras de forma que parecia uma tenda. À porta estava sentado Bob com sua túnica e barba de algodão, mas sem a tampa de panela atrás da cabeça. Paul Barnaby, com um lenço amarrado na cabeça e uma túnica

curta atada com uma faixa na cintura, apresenta a ele um prato frugal com dois figos secos. Na frente da tenda uma bacia cheia d'água, cercada de plantas.

Um rumor de vários instrumentos misturados anuncia a entrada de George, vestido com um traje oriental de extraordinária riqueza, com uma cesta de papel amarelo ouro sobre a cabeça e um séquito de serviçais. Ele se aproxima de Bob e mostra-lhe, com gestos de sofrimento, uma série de manchas de farinha sobre a pele. Bob o examina com cuidado, toca seu ombro com simpatia e aponta para a bacia mostrando por mímica que ele deve se lavar. George parece tomado de indignação e desprezo. Chuta a bacia e cospe nas plantas. Depois, sacudindo o punho fechado para Bob, começa a se retirar ressentido na direção do piano.

- Hei! - grita Tony Withers. - Onde está sua carruagem, meu velho?

- Cale a boca! - responde George, desconcertado. - Não vamos repetir aquele negócio dos cavalos, de novo!

Lavínia, com o rosto recatadamente coberto por um véu, entra em cena e, ajoelhando-se diante de George, suplica a ele; o séquito de orientais junta suas súplicas à dela, e afinal sua irritação se abrandava e ele volta até a bacia. Depois de receber com solenidade um pedaço de sabão, George lava as manchas do rosto e, vendo o resultado num espelho de barbear, é tomado de alegria e cai agradecido aos pés de Bob, oferecendo a ele uma bela coleção de capas de almofada e bibelôs. Bob recusa o pagamento e

George se retira feliz, seguido sorrateiramente por Paul Barnaby. Bob, com ar satisfeito, continua sentado diante da tenda lendo o jornal, até que observa Paul, que retorna sorrateiro com as capas de almofada. Tomado de justa indignação, ele se levanta e, tirando de trás do jornal um saco de farinha, atira um punhado no rosto de Paul, terminando assim o episódio.

Markham ouviu vagamente os aplausos, mas tinha os olhos fixos nas cortinas roxas. Ele as conhecia tão bem. Eram pesadas e caíam em dobras grossas. Jane adorava aquelas cortinas. Ele sempre as achara escuras e tristes, mas Jane não queria ouvir nada contra elas. Dizia que, hoje em dia, as pessoas viviam sem privacidade, atrás de panos finos e coisas assim, mas aquele damasco antigo fora feito para esconder. Cortinas como aquelas guardavam segredos para sempre.

Bice Taylor falou quase em seu ouvido.

- Não creio que seja nem Naamã, nem Eliseu. Acho que é Abigail, você não concorda? A pequena donzela, você sabe. Não é uma coisa óbvia. Deve ser J, E, A e mais outra letra. Alguma Jean. Talvez aquela Jean francesa.

J de Jezabel, A de Adão e N de Naamã, o leproso. J, A, N, Jane, Janeiro. Estamos em novembro. Jane morrera em junho.

- Bobagem, Abigail era outra. É claro que é Geazi.

- Geazi? Mas minha querida, não existe nenhum nome de quatro letras que comece por JEG ou JAG.

- Existe sim, JAGO.

- Quem é Jago?

- Não sei, mas alguém escreveu um livro chamado O Fantasma de John Jogo. Até aí eu vou.

- Não é um livro, é um conto de Wilkie Collins.

- Ah, sim? Só me lembrava do título.

- Mas afinal quem era Jago?

- Não sei, tudo que sei é que ele tinha um fantasma. De qualquer forma, por que falar em Geazi, se não se trata de Geazi?

- Só para tornar as coisas um pouco mais complicadas.

Geazi. .. Naamã. . . "Então saiu da presença dele leproso, branco como a neve." Sentiu-se como um leproso no meio dessas pessoas que o odiavam. Leproso, leopardo, leitoso. Farsa, fraude e falso. Estranho como ninguém olhava para ele, olhavam em volta e por sobre ele, com olhares que se encontravam. Porque era um leproso, mas não saberiam nunca, a menos que ele contasse. Antes, nunca prestara atenção aos desenhos na cortina, mas agora, sob a luz forte, podia vê-los bem - damasco adamascado de espadas; malditos sejam todos eles. Como estava quente! E como parecia estúpido o idiota do Bob Lester com seus jogos infantis. Mas o que era realmente horrível era a forma com que todos fingiam não ver que era J, A, N, Jane. Na verdade, eles sabiam de tudo o tempo todo e só queriam ver até quando ele agüentaria. Podem ficar esperando! Ainda assim, precisava pensar no que faria, quando completassem a palavra. J, A, N. Claro que a última letra poderia não ser um E ... Mas era certo que fosse um E. Bem, seria um alívio de certa forma, porque então teria certeza de que sabiam.

A quarta cena, para variar, era medieval e curta. Betty, num longo vestido branco, remava pelo soalho sobre o colchão do quarto de hóspedes, na direção da Corte de Artur agrupada perto do piano. Numa armadura simples, mas convincente, feita de papelão enrugado, Bob chorava grossas lágrimas, torcendo uma espuma molhada.

- Bem, esta é óbvia - disse a Sra. Lester. - A Dama de Shallot. Mas assim, qual será a palavra?

- Cara Sra. Lester, não é Shallot. É Lancelot e Thingummy.

- Ah, é Lancelot, é?

- Ou, é claro, Thingummy.

- Deve ser Thingummy - disse Deering.

- Você já adivinhou, Tom?

- Já, claro. Você não?
- Bem, acho que sim, mas não tenho certeza ainda.
- Não deve dizer nada antes do final.
- Não, tudo bem.

Oh, sim, pensou Markham. Deering já adivinhara, é claro. Lancelot e Elaine. A adorável Elaine. Jane, Elaine. J, A, N, E, Jane. Mas estava tudo errado porque Elaine era pura e fiel; e morrera de amor. Morrera. Isso é que importava. Elaine estava morta e Jane estava morta. Jane, Elaine, que como Jane jazia.

Fixou os olhos nas cortinas de damasco. Entre elas, havia um ponto onde não se encontravam bem, e a luz do palco filtrava por ali. Alguém gritou "Vocês estão prontos?" - e apagaram a luz do lado da assistência. Markham não os via mais, mas podia ouvi-los respirar e sentia o roçar de seus corpos a seu lado, apertados como lobos, todos em torno dele. O ponto de luz, que ainda filtrava entre as cortinas, cresceu até ficar enorme, brilhando com mais intensidade, mas parecia vir de muito distante.

Então, agora bem lentamente e no mais absoluto silêncio, a cortina se abriu, para o nome completo afinal.

Tinham arrumado uma maravilha de palco dessa vez. Podia reconhecer cada objeto, embora o clarão das lâmpadas elétricas estivesse de alguma forma amortecido. Havia a cama, a penteadeira, o armário com a porta alta de espelho, e as estantes baixas do lado direito. Estava quente, e o cheiro da seringa (o nome nos livros de botânica era *Philadelphus*, mas Jane chamava de seringa), subindo do jardim, fazia o ar mais denso. A mulher na cama dormia. Não se via seu rosto, virado para a parede. Quando estão morrendo, as pessoas se viram para a parede. Terrível ter que morrer em junho, com o cheiro da seringa entrando pela janela e os rouxinóis cantando. Será que faziam o trinar dos rouxinóis com um pio de caça, ou era um disco?

Alguém se movia nas sombras. Abria a porta bem de mansinho. Havia um copo de limonada na mesa de cabeceira. Esbarrou com o copo na garrafa quando o pegou, mas a mulher não se moveu.

Caminhou até ficar bem debaixo da luz. Tinha a cabeça inclinada para baixo, enquanto colocava o pé branco e mexia com a colher. Voltou para a cabeceira caminhando como Agag, delicadamente. A, G, Adão e Geazi. Jezabel, Adão, Naamã, Elaine, J, A, N, E. Tocou de leve o ombro da mulher e ela se mexeu um pouco. Colocou-lhe um braço sob as costas e levou o copo a seus lábios. Bateu outra vez na garrafa, quando o colocou na mesa, vazio. Então a beijou e saiu fechando a porta.

Nunca vira um silêncio assim. Não conseguia nem mesmo ouvir a respiração da matilha de lobos. Estava sozinho ali, com a mulher deitada na cama. E agora ela se movia. O lençol escorregou dos ombros para o seio, e do seio para a cintura. Levantava-se nos joelhos; levantava-se para encará-lo por sobre o bordo da cama - o cabelo dourado, a testa molhada de suor, nos olhos as sombras da dor e do medo, o fundo escuro da boca e a linha brilhante de dentes brancos no maxilar caído.

JANE!

Fora ele quem gritara, ou foram os outros? A sala estava cheia de luz e rumor, mas a voz dele se elevou acima de tudo mais.

- Jane, Jezabel! Eu a matei. Eu a envenenei. Jane, Jezabel. O médico nunca imaginou. Mas ela sabia. E ele também. Agora todos sabem. Saiam da frente! Danem-se, seus malditos! Deixem-me passar!

Cadeiras caíam e pessoas gritavam, tentando agarrá-lo. Atirou um punho dentro de um rosto idiota. Estava na sacada, tentando a balaustrada. As luzes, do lado de Surrey, eram como longas lanternas japonesas. Finalmente conseguiu sair. A água escura do rio saltou a seu encontro. Cataratas turbulentas.

Fora tudo tão rápido que os atores não perceberam nada. Enquanto Tom Deering tirava o casaco para mergulhar atrás de Markham, e a Sra. Lester corria para telefonar à polícia do rio, a voz de George anunciava "A Palavra Completa" - e as cortinas se abriam para apresentar a tenda de JAEL.

Tradução de Octávio Marcondes

88. O MISTÉRIO DE HUNTER'S LODGE

AGATHA CHRISTIE (1890-1979 | Inglaterra)

Houve época bem recente em que a Dama do Crime Agatha Christie só vendia menos do que a Bíblia no mercado editorial mundial. Ela se situa no melhor da tradição inglesa, a das histórias de detetives que usam mais o intelecto do que os punhos. Hercule Poirot e Miss Marple, duas de suas criações, que estão presentes em vários de seus romances e em alguns de seus contos, são personagens que já fazem parte da história do gênero policial. Pode ser que ela tenha encontrado uma "fórmula" de escrever suas narrativas, o que ela faz, aliás, com grande habilidade. Mas julgamentos à parte, ela ocupa um capítulo especial dentro de uma literatura chamada "de massa". E que - a exemplo de Conan Doyle, quase cem anos antes - costuma viciar seus leitores.

- No final das contas, é bem possível que eu não morra desta vez - declarou Poirot.

o comentário partiu de um convalescente de uma forte gripe, como que impregnado de um otimismo benéfico. Eu fora o primeiro a pegar a gripe e, logo depois, Poirot a contraíra. Ele estava agora sentado na cama, apoiado em travesseiros, a cabeça envolta por um xale de lã, tomando lentamente uma tisane particularmente insalubre, que eu preparara de acordo com suas meticulosas instruções. Ele contemplou, com evidente satisfação, a fileira de vidros de remédios impecavelmente arrumados sobre a cornija da lareira.

- É isso mesmo - continuou meu pequeno amigo. - Mais uma vez, voltarei a ser eu mesmo, o grande Hercule Poirot, o terror dos malfeitores! Imagine só, mon ami, que há uma pequena nota a

meu respeito no Society Gossip. Isso mesmo! E aqui está! "Depressa, criminosos, podem sair às ruas! Hercule Poirot... e acreditem, meninas, ele é de fato um Hércules!.. . nosso detetive predileto da sociedade não está em condições de agarrá-los! E querem saber por quê? Ora, porque ele próprio foi agarrado. . . por Ia grippef"

Não pude deixar de soltar uma risada.

- Isso é ótimo para você, Poirot. Está se tornando um personagem público. E, felizmente, não perdeu nenhum caso interessante durante esse período.

- Tem toda razão. Os poucos casos que fui obrigado a recusar não me causam o menor arrependimento.

Nesse momento, nossa senhoria enfiou a cabeça pela porta entreaberta e disse:

- Há um cavalheiro lá embaixo que deseja falar com Monsieur Poirot ou com o Capitão Hastings. Como ele estava muito nervoso... mas nem por isso deixou de se comportar como um cavalheiro... resolvi trazer seu cartão.

Ela me entregou o cartão e li em voz alta:

- Sr. Roger Havering.

Poirot sacudiu a cabeça na direção da estante e obedientemente fui pegar o Quem É Quem. Poirot folheou-o rapidamente.

- Segundo filho do quinto Barão Windsor. Casado em 1913 com Zoe, quarta filha de William Crabb.

- Hum. .. - murmurei. - Imagino que deve ser a jovem que se apresentava no Frivolity, com o nome de Zoe Carrisbrook. Lembro-me de que ela se casou pouco antes da Guerra.

- Não gostaria de descer e ouvir o problema do nosso visitante, Hastings? Apresente-lhe minhas desculpas por não poder recebê-lo pessoalmente.

Roger Havering era um homem em torno dos 40 anos, apumado e vestido com elegância. Mas a expressão era angustiada, revelando seu intenso nervosismo.

- Capitão Hastings? Pelo que me disseram, é o associado de Monsieur Poirot, não é mesmo? É indispensável que ele me acompanhe hoje mesmo até Derbyshire.

- Lamento, mas isso é impossível. Poirot está de cama, com uma gripe muito forte. O homem ficou chateado.

- Oh, Deus, mas isso é terrível!

- O assunto sobre o qual deseja consultá-lo é muito grave?

- É sim! Meu tio, o melhor amigo que tive no mundo, foi assassinado ontem à noite!

- Aqui em Londres?

- Não. Em Derbyshire. Eu estava aqui em Londres e recebi esta manhã um telegrama de minha esposa. E decidi imediatamente vir até aqui, para suplicar a Monsieur Poirot que cuide do caso.

Tive uma idéia súbita e falei:

- Pode esperar um momento?

Havering assentiu e subi correndo a escada. Em poucas palavras, expus a situação a Poirot. E não precisei explicar o resto, pois Poirot comentou:

- Estou entendendo, meu amigo. Deseja ir até lá sozinho, não é mesmo? Por que não? A esta altura, já deve conhecer bastante bem os meus métodos. Tudo o que lhe peço é que me informe diariamente de tudo o que acontecer e siga ao pé da letra as instruções que por acaso eu lhe mandar por telegrama.

Concordei prontamente com o pedido.

Uma hora depois, eu estava sentado diante de Roger Havering, num compartimento de primeira classe de um trem da Midland Railway, que se afastava rapidamente de Londres.

- Antes de mais nada, Capitão Hastings, quero que saiba que Hunter's Lodge, a cabana do caçador, para onde estamos indo, o lugar em que ocorreu a tragédia, é apenas isso, um refúgio para caça no coração das charnechas de Derbyshire. Nossa verdadeira casa fica perto de Newmarket e geralmente alugamos um

apartamento em Londres durante a estação. Hunter's Lodge fica aos cuidados de uma governanta, que normalmente faz tudo o que precisamos nos fins de semana ocasionais que lá passamos. Durante a temporada de caça, quando permanecemos por mais tempo em Hunter's Lodge, sempre levamos alguns dos nossos criados de Newmarket. Meu tio, Harrington Pace (como talvez já saiba, minha mãe era uma Pace de Nova York), mora conosco há três anos. Ele nunca se deu muito bem com meu pai nem com meu irmão mais velho. E como sou também uma espécie de filho pródigo, creio que isso contribuiu para aumentar a afeição dele em relação a mim, ao invés de diminuí-la. Mas como sou um homem pobre e meu tio era um homem rico. .. Em outras palavras, era ele que pagava as despesas. Embora meu tio fosse um homem exigente e difícil em muitas coisas, nós três vivíamos harmoniosamente. Há dois dias, um pouco cansado de nossas festas em Londres, ele sugeriu que fôssemos passar uns poucos dias em Derbyshire. Minha esposa telegrafou para a Sra. Middleton, a governanta, avisando que seguiríamos na mesma tarde. Ontem de tarde, fui obrigado a voltar a Londres, para um compromisso inadiável. Mas minha esposa e meu tio ficaram em Hunter's Lodge. E esta manhã recebi este telegrama. Havering entregou-me o telegrama, que dizia:

"Venha imediatamente Tio Harrington assassinado ontem à noite traga um bom detetive se puder mas venha de qualquer maneira - Zoe."

- Quer dizer que ainda não sabe dos detalhes?

- Não. Mas imagino que a notícia seja publicada pelos jornais da tarde. Sem dúvida a polícia já está cuidando do caso.

Eram quase três horas quando chegamos à pequena estação de Elmer's Dale. Uma viagem de oito quilômetros levou-nos a uma pequena casa de pedras cinzentas, no meio das charnecas.

- Um lugar muito solitário - comentei, sentindo um calafrio. Havering concordou com a cabeça.

- Acho que vou tentar livrar-me dele. Nunca mais conseguirei viver aqui. Abrimos o portão e subimos por um caminho estreito até a porta de carvalho, de onde saiu para nos receber um vulto que me era familiar.

- Japp! - exclamei.

O inspetor da Scotland Yard sorriu-me amistosamente, antes de se dirigir a meu companheiro:

- Sr. Havering, não é mesmo? Fui enviado de Londres para tomar conta deste caso e gostaria de falar-lhe por um momento, se não se incomoda.

- Minha esposa...

- Já conversei com sua esposa, senhor. .. e também com a governanta. Não vou retê-lo por muito tempo. É que estou ansioso em voltar para a aldeia, agora que já vi tudo o que havia para se ver por aqui.

- Ainda não sei coisa alguma a respeito...

- Isso não é problema - disse Japp, suavemente. - Mesmo assim, há alguns pontos sobre os quais gostaria de saber sua opinião. O Capitão Hastings, que já me conhece, poderá entrar na casa e informar que já chegou. Por falar nisso, Capitão Hastings, onde está o homenzinho?

- Está de cama, com uma forte gripe.

- É mesmo? Lamento saber disso. Parece até a história da carroça sem o cavalo, sua presença aqui sem a companhia dele.

E depois desse gracejo de mau gosto e inoportuno, não me restava alternativa senão seguir até a casa e tocar a sineta, enquanto Japp se afastava com o Sr. Havering. Um momento depois, a porta foi aberta por uma mulher de meia-idade, toda de preto.

- O Sr. Havering estará aqui dentro de mais um momento - expliquei. - Foi detido pelo inspetor. Vim com ele de Londres para

investigar o caso. Talvez possa contar-me rapidamente o que aconteceu ontem à noite.

- Entre, por favor, senhor. - A mulher fechou a porta assim que entrei e ficamos parados no vestíbulo mal-iluminado. - Foi logo depois do jantar, ontem à noite, que o homem apareceu. Pedi para falar com o Sr. Pace. Verificando que ele falava do mesmo jeito, imaginei que fosse um amigo americano do Sr. Pace. Levei-o à sala de armas e fui avisar o Sr. Pace. O cavalheiro não me quisera dizer seu nome, o que agora acho bastante estranho. Avisei o Sr. Pace e ele pareceu ficar um pouco espantado com a visita, mas disse à patroa: "Com licença, Zoe. Vou ver o que esse sujeito está querendo." Ele foi para a sala de armas, enquanto eu voltava para a cozinha. Pouco depois, ouvi gritos, como se eles estivessem discutindo. Vim para o vestíbulo. Na mesma ocasião, a patroa veio também. E foi então que ouvimos um tiro e depois um silêncio terrível. Corremos as duas para a sala de armas, mas a porta estava trancada e tivemos que dar a volta até a janela. Estava aberta e pudemos avistar o Sr. Pace lá dentro, ferido à bala e sangrando muito.

- O que aconteceu com o tal homem?

- Ele deve ter saído pela janela antes de nossa chegada, senhor.

- E o que aconteceu em seguida?

- A Sra. Havering mandou-me chamar a polícia. É uma caminhada de oito quilômetros. Eles voltaram comigo e o delegado passou a noite inteira aqui. E esta manhã chegou esse inspetor de Londres.

- Como era o homem que pediu para falar com o Sr. Pace? A governanta pensou por um momento, antes de responder:

- Tinha uma barba preta, senhor, era um homem de meia-idade, usava um sobretudo leve. Além do fato de ele falar como um americano, não notei muita coisa mais.

- Está certo. Será que posso falar com a Sra. Havering?

- Ela está lá em cima. Quer que eu vá avisá-la?

- Por gentileza. Diga que o Sr. Havering está lá fora, com o inspetor Japp, e que o cavalheiro que veio junto com ele de Londres lhe deseja falar, o mais depressa possível.

- Pois não, senhor.

Eu estava ansioso e impaciente em saber logo de todos os fatos. Japp tinha duas ou três horas de dianteira, e a ansiedade dele em ir embora dali levava-me a querer sair em seu encalço.

A Sra. Havering não me deixou esperando por muito tempo. Poucos minutos depois, ouvi passos leves descendo a escada. Levantei a cabeça e avistei uma jovem muito bonita vindo em minha direção. Usava uma blusa vermelha, que acentuava ainda mais a característica esguia e infantil de seu corpo. Sobre os cabelos pretos havia um pequeno chapéu de couro, também vermelho. Até mesmo a tragédia recente não podia reduzir a vitalidade de sua personalidade.

Apresentei-me e ela assentiu, num gesto rápido de conhecimento.

- Claro que já ouvi falar muitas vezes a seu respeito e de seu colega, Monsieur Poirot. Já fizeram coisas maravilhosas juntos, não é mesmo? Meu marido agiu muito bem ao procurá-los imediatamente. Deseja agora fazer-me algumas perguntas? É a maneira mais fácil de saber de tudo a respeito deste caso horrível, não é mesmo?

- Obrigado, Sra. Havering. E, agora, poderia dizer-me a que horas o tal homem apareceu?

- Devia ser pouco antes das nove horas. Tínhamos acabado de jantar e estávamos tomando café e fumando.

- Seu marido já tinha partido para Londres?

- Já, sim. Ele pegou o trem das seis e quinze.

- Ele foi de carro ou a pé até a estação?

- Nosso carro não está aqui. Veio um da garagem de Elmer's Dale para buscá-lo, a tempo de pegar o trem.

- O Sr. Pace estava se comportando da maneira habitual?

- Estava absolutamente normal sob todos os aspectos.

- Poderia descrever-me o visitante?

- Infelizmente, não. Não cheguei a vê-lo. A Sra. Middleton levou-o diretamente para a sala de armas e depois veio avisar meu tio.

- O que disse seu tio?

- Ele pareceu ficar um pouco aborrecido, mas foi imediatamente falar com o visitante. Cinco minutos depois, ouvi o barulho de vozes alteradas. Saí para o vestíbulo, quase esbarrando na Sra. Middleton. Foi nesse momento que ouvimos o tiro. A porta da sala de armas estava trancada por dentro e tivemos que sair e dar a volta pela casa até à janela. É claro que isso levou algum tempo e o assassino pôde escapar. Meu pobre tio. .. -Ela fez uma breve pausa, visivelmente perturbada, antes de acrescentar: - ...tinha levado um tiro na cabeça. Percebi imediatamente que estava morto. Mandei a Sra. Middleton chamar a polícia. Tomei a precaução de não tocar em nada na sala, deixando tudo como havia encontrado.

Aprovei com a cabeça.

- E o que me pode dizer sobre a arma?

- Acho que sei qual foi, Capitão Hastings. Havia um par de revólveres de meu marido na parede. Um deles desapareceu. Disse isso à polícia e eles levaram o outro. Acho que poderão saber com certeza, depois que extraírem a bala.

- Posso ir a té a sala de armas?

- Com certeza. A polícia já terminou suas investigações. E também já removeram o corpo.

A senhora me acompanhou até o local do crime. No momento em que nos aproximávamos da porta, Haverling entrou na casa. Ela me pediu desculpas e correu ao encontro dele. Fiquei sozinho para fazer minhas investigações.

Acho melhor confessar logo de uma vez que foram um tanto desapontadoras. Nos romances de detetive, as pistas sempre são abundantes. Mas, ali, não encontrei coisa alguma que pudesse considerar fora do comum, a não ser uma grande mancha de

sangue no tapete, onde devia ter caído o homem assassinado. Examinei tudo meticulosamente e tirei duas fotografias da sala com minha pequena câmera, que tomara o cuidado de levar. Examinei também o terreno lá fora, nas proximidades da janela. Mas fora pisado por tantos pés que cheguei à conclusão de que era inútil perder mais tempo a examiná-lo. Já havia visto tudo o que Hunter's Lodge tinha para mostrar. Estava na hora de voltar para Elmer's Dale e entrar em contato com Japp. Assim, despedi-me dos Haverings e voltei no mesmo carro que nos trouxera da estação.

Encontrei Japp no Matlock Anis e ele me levou imediatamente para ver o corpo. Harrington Pace era um homem baixo e magro, de barba raspada, a aparência tipicamente americana. Levava um tiro na nuca e o revólver fora disparado quase à queima-roupa. Japp comentou:

- Ele se virou por um momento e o outro sujeito rapidamente pegou o revólver e alvejou-o. O revólver que a Sra. Havering nos indicou estava carregado e suponho que o mesmo acontecia com o outro. É curioso o que as pessoas tolas costumam fazer. Como se pode deixar dois revólveres carregados na parede?

Ao sairmos da câmara mortuária, perguntei a Japp:

- O que acha do caso?

- Meu primeiro suspeito foi Havering. - Japp fez uma breve pausa. Notando minha expressão de espanto, logo acrescentou: - Isso mesmo! Havering tem alguns incidentes escusos em seu passado. Quando estava em Oxford, houve um caso meio confuso. Parece que ele assinou um cheque do próprio pai. É claro que o caso foi abafado. E não podemos esquecer que, no momento, ele está bastante endividado. Diga-se de passagem, são dívidas que o tio provavelmente não ia gostar de saldar. Ao mesmo tempo, sabemos que o testamento do tio é a favor dele. Por tudo isso, suspeitei dele e quis falar-lhe antes que se encontrasse com a esposa. Mas a história que me contou se ajusta perfeitamente ao que eu já sabia. Estive na estação e parece não haver a menor dúvida de que ele de fato embarcou no trem das seis e quinze.

Assim, deve ter chegado a Londres por volta das dez e meia da noite. Ele disse que foi diretamente para seu clube. Se isso for confirmado, não haveria a menor possibilidade de ele estar aqui às nove horas, para matar o tio disfarçado com uma barba preta.

- Eu estava mesmo querendo falar a respeito disso. O que acha dessa barba preta? Japp piscou-me o olho.

- Acho que cresceu muito depressa... nos oito quilômetros entre Elmer's Dale e Hunter's Lodge. Quase todos os americanos que tenho conhecido costumam raspar o rosto. É isso mesmo, acho que teremos de procurar o assassino entre os americanos ligados ao Sr. Pace. Interroguei a governanta primeiro e depois a Sra. Havering. As histórias das duas estão de acordo. Só lamento que a Sra. Havering não tenha visto o homem. É uma mulher inteligente e poderia ter percebido alguma coisa que nos desse uma pista.

Escrevi um relato longo e meticuloso para Poirot. E pude acrescentar mais algumas informações adicionais, antes de despachar a carta.

A bala foi extraída e verificou-se que havia sido disparada por um revólver idêntico ao que a polícia apreendera na Hunter's Lodge. Além disso, os movimentos do Sr. Havering na noite do crime foram devidamente verificados e confirmados. Não havia a menor dúvida de que ele chegara a Londres no trem que passara por Elmer's Dale às 6h15. E havia ocorrido ainda um outro fato sensacional. Naquela manhã, um homem que vivia em Ealing, Londres, ao atravessar Haven Green para chegar à estação ferroviária local, avistara um embrulho de papel pardo caído entre os trilhos. Ao abri-lo, descobrira que continha um revólver. Entregara-o à delegacia de polícia local. Antes que a noite caísse, já estava constatado que se tratava do revólver que estávamos procurando, idêntico ao que a Sra. Havering entregara à polícia. Uma bala fora disparada.

Acrescentei tudo isso a meu relatório. Na manhã seguinte, na hora do café, recebi um telegrama de Poirot:

"Claro que homem de barba preta não era Haverling só você ou Japp podiam ter tal idéia mande por telegrama descrição da governanta e que roupas ela usava esta manhã o mesmo da Sra. Haverling não perca tempo tirando fotografias de interior estavam subexpostas e nada tinham de artísticas."

Achei o estilo de Poirot desnecessariamente irônico. Tive também a impressão de que ele estava um pouco ciumento da minha posição no local do crime, com todas as facilidades para resolver o caso. O pedido de uma descrição das roupas das duas mulheres pareceu-me simplesmente ridículo, mas o atendi mesmo assim, como não podia deixar de fazê-lo, já que eu não passava de um simples mortal.

Às 11 horas, recebi outro telegrama de Poirot:

"Aconselhe Japp prender governanta antes que seja tarde demais."

Aturdido, fui mostrar o telegrama a Japp, que soltou uma imprecisão.

- Monsieur Poirot sabe o que faz. Se ele está dando tal conselho, é porque tem algum motivo. E mal tinha olhado para a mulher! Não sei se posso prendê-la, mas pelo menos mandarei vigiá-la. E vamos imediatamente ter outra conversa com ela.

Mas já era tarde demais. A Sra. Middleton, aquela mulher tranqüila de meia-idade, que parecia ser absolutamente normal e respeitável, desaparecera misteriosamente. Deixara seu baú. Mas continha apenas roupas, sem a menor indicação para sua identidade ou paradeiro.

Arrancamos todos os fatos possíveis da Sra. Haverling:

- Contratei-a há cerca de três semanas, quando a Sra. Emery, nossa antiga governanta, foi embora. Foi-me enviada pela agência da Sra. Selbourne, na rua Mount, um estabelecimento dos mais conhecidos e respeitáveis. É lá que procuro todos os criados.

Apareceram diversas candidatas ao lugar, mas a Sra. Middleton foi a que me pareceu melhor. Além disso, tinha também as melhores referências. Contratei-a imediatamente e comuniquei o fato à agência. Não posso acreditar que ela tenha feito alguma coisa. Era uma mulher tão afável e quieta!

O caso era de fato misterioso. Embora fosse evidente que a Sra. Middleton não poderia ter cometido o assassinato pessoalmente, pois estava no vestíbulo com a Sra. Havering no momento em que o tiro fora disparado, parecia não haver a menor dúvida de que ela tinha alguma ligação com o crime. Se assim não fosse, por que iria desaparecer tão abruptamente?

Telegrafei as últimas notícias para Poirot e sugeri que eu deveria voltar a Londres, a fim de fazer investigações na agência de empregos. A resposta de Poirot foi imediata:

"Inútil perguntar na agência porque nunca ouviram falar dela descubra que veículo ela pegou ao chegar pela primeira vez em Hunter's Lodge."

Embora desconcertado com o pedido, atendi obedientemente. Os meios de transporte em Elmer's Dale eram bastante limitados. A garagem local só tinha dois carros Fords um tanto avariados e havia duas charretes de aluguel na estação. Nenhum desses veículos fora usado na ocasião. Interrogada, a Sra. Havering explicou que dera à mulher dinheiro suficiente para a passagem até Derbyshire e para alugar um carro ou uma charrete a fim de levá-la a Hunter's Lodge. Um dos Fords geralmente ficava parado na estação, para o caso de desembarcar algum passageiro que desejasse alugá-lo. Levando-se em consideração o fato adicional de que ninguém na estação percebera a chegada de um estranho de barba preta, na noite do crime, tudo parecia apontar para a conclusão de que o assassino viera em seu próprio carro, que ficara à espera nas proximidades, para servir-lhe como meio de fuga. Provavelmente fora esse mesmo carro que levava a misteriosa governanta a seu novo emprego.

Devo acrescentar que as investigações na agência de empregos em Londres tiveram o resultado já previsto por Poirot. Nenhuma mulher como a "Sra. Middleton" jamais estivera registrada na agência. Haviam recebido o pedido de uma governanta da Sra. Havering e tinham enviado diversas candidatas. Quando ela enviara o pagamento pelos serviços prestados, esquecera de mencionar qual das mulheres escolhera para o lugar.

Um tanto desolado, voltei para Londres. Encontrei Poirot sentado numa poltrona, diante da lareira, metido num chambre de cores berrantes. Ele saudou-me com o maior afeto.

- Mon ami Hastings! Como estou contente em vê-lo! Sabia que sinto a maior afeição por você? E então, divertiu-se muito? Andou correndo de um lado para outro com nosso bom Japp? Interrogou e investigou até ficar plenamente satisfeito?

- O caso é um tremendo mistério, Poirot! Nunca será resolvido!

- É verdade que provavelmente não nos cobriremos de glória neste caso.

- Tem toda razão, Poirot. É um osso duro de roer.

- Para dizer a verdade, meu amigo, sou muito bom nessas coisas. Sempre consigo chegar ao tutano. Mas não é isso o que me está embaraçando. Sei perfeitamente quem matou o Sr. Harrington Pace.

- Sabe? E como descobriu?

- Suas respostas esclarecedoras a meus telegramas revelaram-me a verdade. Vamos examinar os fatos metodicamente e em ordem, Hastings. O Sr. Harrington é um homem consideravelmente rico. Não resta a menor dúvida de que, com sua morte, toda a fortuna ficará para o sobrinho. Esse é o ponto número um. Sabe-se que o sobrinho está precisando desesperadamente de dinheiro. Eis o ponto número dois. Sabe-se também que o sobrinho é... podemos dizer um homem de fibra moral um tanto frouxa? Eis o ponto número três.

- Mas sabemos que Roger Havering seguiu diretamente para Londres! Isso já foi confirmado!

- Précisément. O Sr. Havering deixou Elmer's Dale às seis e quinze. Como o Sr. Pace não poderia ter sido morto antes da partida dele, pois neste caso o médico teria verificado que a hora do crime fora indicada erroneamente, ao examinar o corpo, chegamos à conclusão absolutamente certa de que o Sr. Havering não atirou no tio. Mas ainda resta a Sra. Havering, Hastings.

- Mas isso é impossível! A governanta estava junto dela, quando o crime foi cometido!

- Ah, sim, a governanta ... Mas ela desapareceu, não é mesmo?

- Tenho certeza de que acabará sendo encontrada, mais cedo ou mais tarde.

- Não creio. Não acha que há algo estranhamente misterioso nessa governanta, Hastings? Percebi imediatamente.

- Imagino que ela tinha um papel a desempenhar, escapando em seguida, no momento preciso.

- E qual foi o papel dela?

- Presumivelmente, abrir a porta para seu cúmplice, o homem de barba preta.

- Oh, não, não foi esse o papel mais importante dela. Foi justamente o que você acabou de mencionar. Ou seja, proporcionar um alibi para a Sra. Havering no momento em que o tiro foi disparado. E ninguém jamais a encontrará, mon ami, simplesmente porque ela não existe! "Não há tal pessoa", como diz o grande Shakespeare de vocês.

- Foi Dickens quem escreveu isso - murmurei, incapaz de suprimir um sorriso. - Mas o que está querendo insinuar, Poirot?

- Zoe Havering era uma atriz antes de se casar. Você e Japp viram a governanta apenas num vestíbulo mal-iluminado, uma mulher aparentemente de meia-idade, vestida de preto, com a voz contida. Nenhum dos dois, assim como a polícia local também não, jamais viu a Sra. Middleton e a patroa juntas, em nenhuma ocasião.

Foi uma brincadeira de criança para aquela mulher esperta e audaciosa. Sob o pretexto de chamar a patroa, ela subiu correndo a escada, vestiu uma blusa berrante e pôs um chapéu de couro, com cachos presos, sobre os cabelos grisalhos com que se disfarçara. Removeu rapidamente a maquilagem, passou um pouco de rouge no rosto. E em poucos minutos quem desceu a escada foi a esfuziante Zoe Havering, com sua voz vibrante. Ninguém se preocupou em examinar mais atentamente a governanta. Por que alguém haveria de fazer isso? Não existia coisa alguma a ligá-la ao crime. Além do mais, ela também tinha um álibi.

- E o que me diz do revólver que foi encontrado em Ealing? A Sra. Havering não poderia tê-lo levado até lá.

- Tem razão. Foi Roger Havering quem deixou o revólver lá. Mas isso foi um erro da parte deles. Foi o que me levou à pista certa. Um homem que cometeu um assassinato com um revólver encontrado no local do crime certamente o jogaria fora imediatamente, não o levaria até Londres. O motivo para isso era evidente: os criminosos desejavam desviar a atenção da polícia para longe de Derbyshire. Queriam afastar a polícia das vizinhanças o mais depressa possível. É claro que o revólver encontrado em Ealing não foi aquele com que o Sr. Pace foi morto. Roger Havering deu um tiro com esse revólver e levou-o para Londres. Foi direto para seu clube, a fim de estabelecer o álibi, saindo em seguida para Ealing, uma viagem de menos de vinte minutos, deixando ali o embrulho com o revólver e voltando imediatamente. Enquanto isso, aquela criatura encantadora, a esposa dele, matava calmamente o Sr. Pace, logo depois do jantar. Está lembrado que o tiro foi disparado pelas costas? Depois, um ponto muito importante, ela tornou a carregar o revólver e pendurou-o na parede, iniciando então sua pequena representação.

- É inacreditável - murmurei, fascinado. - E, no entanto...

- E, no entanto, é verdade. Bien sur, meu amigo, é absolutamente verdadeiro. Mas não será nada fácil levar os dois à justiça. Nosso bom Japp deve fazer o que puder. Já lhe escrevi contando tudo. Mas receio muito, meu caro Hastings, de que

seremos obrigados a deixá-los aos cuidados do destino ou de le bon Dieu, como quer que prefira.

- Os maus florescem como um loureiro - comentei.

- Mas a um certo preço, Hastings, sempre a um bom preço, croyez-moi!

As previsões de Poirot foram confirmadas. Japp, embora convencido da teoria do meu pequeno amigo, não conseguiu reunir as provas necessárias para garantir uma condenação.

A imensa fortuna do Sr. Pace passou para as mãos de seus assassinos. Não obstante, eles acabaram sendo punidos pelo crime cometido. Quando li no jornal que o Sr. e Sra. Roger Haverling estavam entre os mortos num acidente do avião postal para Paris, compreendi que a Justiça finalmente prevalecera.

Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos (revista em 2002)

89. ARMADILHA PARA OS PATOS

PATRÍCIA HIGHSMITH (1921 -1995 | Estados Unidos)

Muito jovem esta texana de Fort Worth estreou para a fama: seu romance Strangers on a Train logo foi transformado em filme por Alfred Hitchcock: Pacto Sinistro. Mudou-se para a Europa, onde viveu o resto da vida (Inglaterra, depois Suíça). Seus romances continuaram bem-sucedidos no cinema: O Sol por Testemunha, baseado em The Talented Mr. Ripley, de René Clément, e O Amigo Americano, de Wim Wenders, entre outros de menor sucesso. Criadora de um notável anti-herói, Mr. Ripley, e de dezenas de romances e contos de voz própria e qualidade literária indiscutíveis, seu conto aqui incluído possui um dos finais mais surpreendentes (leia-se: cruéis) desta antologia, e curiosamente remete-se ao final do conto A Grande Breteche de Balzac.

O incidente na garagem foi a terceira quase-catástrofe na residência dos Amory, tendo originado um terrível pensamento na cabeça de Loren Amory: sua querida esposa Olivia estava tentando matar-se.

Loren havia puxado um fio plástico para varal, que encontrara pendendo de uma prateleira alta na garagem - sua idéia sendo a de arrumar aquilo, enrolar adequadamente o fio de varal -, mas ao primeiro puxão uma avalanche de malas, um velho cortador de grama e uma máquina de costura pesando só-deus-sabia-quanto caíram diretamente no lugar de onde ele mal tivera tempo de pular, a fim de safar-se.

Loren caminhou vagorosamente de volta à casa, o coração disparando com sua terrível descoberta. Entrou na cozinha e dali foi para o andar de cima. Olivia estava na cama, recostada em travesseiros, com uma revista no colo.

- Que barulheira foi essa, querido?

Loren pigarreou e ajeitou mais firmemente no nariz os óculos de aros pretos.

- Uma porção de coisas na garagem. Apenas puxei um pedacinho de fio para varal ...

Ele explicou em seguida o que acontecera. Olivia piscou calmamente, como se dissesse: "E daí? Essas coisas acontecem."

- Você andou remexendo naquela prateleira ultimamente?

- Ora, não. Por quê?

- Porque. .. Bem, tudo aquilo estava simplesmente disposto para cair, querida.

- Está me censurando? - perguntou ela, num fio de voz.

- Censuro o seu descuido, isso sim. Arrumei aquelas malas na prateleira e jamais as colocaria de modo a despencarem ao menor toque. Aliás, não deixei a máquina de costura no topo de tudo. Bem, não estou querendo dizer que...

- Censura o meu descuido - repetiu ela, ofendida. Ele se ajoelhou rapidamente ao lado da cama.

- Querida, não vamos mais ocultar coisas. Semana passada, foi o aspirador de tapetes, na escada do porão. E aquela escada de mão! Você ia subir nela para derrubar o ninho de vespas! O que procuro dizer, querida, é que você quer que algo lhe aconteça, esteja ou não percebendo isso. Tem que ser mais cuidadosa, Olivia . .. Oh, querida, por favor, não chore! Estou querendo ajudá-la, não criticando.

- Eu sei, Loren. Você é bom. Só que minha vida... bem, não merece mais ser vivida, eu acho. Não quero dizer que esteja tentando acabar com a vida, mas...

- Ainda está pensando... em Stephen? - Loren odiava aquele nome e até pronunciá-lo. Ela baixou as mãos dos olhos avermelhados.

- Você me fez prometer que não pensaria mais nele, portanto eu não penso. Juro, Loren.

- Ótimo, querida. Essa é a minha garotinha. - Ele lhe tomou as mãos. - O que me diz de fazermos um cruzeiro em breve? Talvez fevereiro? Myers está voltando da costa e pode tomar o meu lugar por umas duas semanas. O que acha do Haiti ou Bermudas?

Ela pareceu pensar na sugestão um momento, mas por fim abanou a cabeça, disse que Loren só fazia isso por ela, não porque realmente quisesse ir. Loren protestou um pouco, depois desistiu. Quando Olivia não aceitava uma idéia imediatamente, nunca a aceitava. Já houvera uma vitória - quando ele a convencera de que fazia sentido não ver Stephen Castle durante três meses.

Olivia conhecera Stephen Castle na festa oferecida por um colega de Loren na Bolsa de Valores. Stephen tinha trinta e cinco anos, era dez anos mais novo do que Loren e um ano mais velho do que Olivia. Era ator. Loren não fazia idéia de como Toohey, o anfitrião deles naquela noite, o havia conhecido e muito menos por que o convidara a uma festa em que todos os demais homens exerciam atividades em bancos ou na Bolsa; não obstante, lá estava ele, como um espírito maligno alienígena, concentrando-se a noite inteira em Olivia e ela respondendo-lhe com os sorrisos sedutores que haviam capturado Loren em uma única noite, oito anos atrás.

Mais tarde, quando rodavam de volta a Old Greenwich, Olivia comentara:

- É tão interessante falar com alguém que não seja do mercado de ações, para variar! Ele me disse que agora está ensaiando uma peça - O convidado contumaz. Nós temos de vê-la, Loren.

Eles viram a peça. Stephen Castle atuava por talvez cinco minutos, no Primeiro Ato. Eles o visitaram nos bastidores e Olivia o convidou para o coquetel que ofereceria no fim de semana seguinte. Stephen compareceu e passou aquela noite no quarto de hóspedes do casal. Nas semanas seguintes, Olivia foi a Nova York em seu carro pelo menos duas vezes por semana, em expedições

de compras, porém não fazia segredo do fato de que almoçava com Stephen naqueles dias e, às vezes, também o via para coquetéis. Por fim, ela disse para Loren que se apaixonara por Stephen e queria o divórcio.

Loren ficou sem fala a princípio, até mesmo inclinado a conceder-lhe o divórcio e encarando a situação com esportividade. No entanto, quarenta e oito horas depois que ela lhe dera a notícia, ele caíra em si. A essa altura, já fizera comparações com seu rival - não meramente físicas (Loren não saía tão bem em tal quesito, sendo praticamente da altura de Olivia, com uma calvície incipiente e uma leve barriga), mas também morais e financeiras. Nestes dois últimos quesitos, estava bem acima de Stephen Castle e, modestamente, indicou isto a Olivia.

- Nunca me casei com um homem por dinheiro - retorquiu ela.

- Não quis dizer que se casou comigo por dinheiro, meu bem. Apenas aconteceu que eu o tinha. No entanto, será que Stephen Castle chegará a ter algum? Não será muita coisa, a julgar pelo que vi de sua atuação no palco. Você está acostumada a mais do que ele pode dar. Além disso, faz apenas seis semanas que o conhece. Como pode ter certeza de que o amor dele por você irá durar?

Este último pensamento levou Olivia a fazer uma pausa. Disse que veria Stephen só mais uma vez - "para discutir o assunto". Foi de carro para Nova York certa manhã, só retornando à meia-noite. Era um domingo, dia em que Stephen não trabalhava. Ficou decidido que não se veriam durante um mês e que, se no fim desse tempo não continuassem sentindo o mesmo um pelo outro, concordariam em esquecer tudo aquilo.

- Oh, mas é claro que você sentirá o mesmo por ele - disse Loren. - O que representa um mês na vida de um adulto? Se prolongasse essa experiência por três meses...

Ela o fitou através das lágrimas.

- Três meses?

- Comparados aos oito anos em que estamos casados! Acha injusto? Nosso casamento também merece uma oportunidade de

pelo menos três meses, não merece?

- Está bem. Eu concordo. Três meses. Vou ligar amanhã para Stephen e dizer a ele. Durante três meses nós não nos veremos nem nos telefonaremos.

A partir desse dia, Olivia entrou em declínio. Perdeu o interesse por jardinagem, por seu clube de bridge e até por roupas. Seu apetite desapareceu, embora ela não perdesse muito peso, mas talvez fosse por estar proporcionalmente inativa. Eles nunca haviam tido empregados. Olivia orgulhava-se do fato de ter sido uma jovem que trabalhava fora, vendedora no departamento de presentes de uma loja em Manhattan, quando Loren a conhecera. Gostava de comentar que sabia como fazer as coisas sozinha. A grande casa em Old Greenwich era suficiente para manter qualquer mulher ocupada, embora Loren a tivesse provido de toda aparelhagem já concebida para minorar os serviços domésticos. Instalada no porão e permitindo a entrada em seu interior, eles possuíam uma unidade frigorífica do tamanho de um espaçoso dosei, para que as compras do mercado fossem feitas em menos vezes do que o comum. De qualquer modo, todos os mantimentos eram entregues em casa. Agora que Olivia parecia cansada, Loren sugeriu que contratassem uma empregada, porém ela recusou.

Sete semanas escoaram-se. E Olivia manteve a palavra de não ver Stephen. Contudo, estava obviamente tão deprimida, tão pronta a deulhar-se em lágrimas, que Loren permanecia constantemente a ponto de fraquejar, de dizer a ela que se amava Stephen a tal ponto tinha o direito de vê-lo. Talvez Stephen Castle estivesse sentindo o mesmo, pensava Loren, talvez também contasse as semanas que passavam até poder voltar a ver Olivia. Sendo assim, Loren já havia perdido.

Entretanto, para ele era difícil acreditar que Stephen sentiria alguma coisa. O ator era um sujeito esgalgado, um tanto estúpido, de cabelos cor de aveia, e Loren nunca o vira sem um sorriso doentio na boca - como se fosse um humano quadro de avisos sobre si mesmo, exibindo perpetuamente o que imaginava ser sua expressão mais fascinante.

Solteiro ainda aos trinta e sete anos, quando se casara com Alivia, Loren freqüentemente suspirava desanimado, ante o modo deserdas mulheres. Alivia, por exemplo: se ele sentisse algo tão forte por outra mulher, teria feito rapidamente o possível para libertar-se do casamento. Ela, no entanto, de certo modo continuava em suspenso. Era difícil saber o que esperava ganhar com isso. Estaria pensando, ou esperando que seu entusiasmo por Stephen pudesse desaparecer? Ou pretendia mortificar Loren e provar que não desapareceria? Ou sabia, inconscientemente, que seu amor por Stephen Castle era pura fantasia e que sua depressão atual representava, para ela e para Loren, uma adequada fase em que pranteava um amor que não a induzira a tomar coragem, ir em frente e reclamá-lo?

No sábado, contudo, o incidente da garagem fez Loren duvidar de que Alivia estivesse entregue a uma fantasia. Ele não queria admitir que sua esposa estava tentando tirar a própria vida, porém a lógica o compelia a isso. Havia lido sobre tais pessoas. Eram diferentes das propensas a acidentes, estas podendo viver até morrerem de morte natural, fosse ela qual fosse. As outras pessoas eram as propensas ao suicídio e, ele tinha certeza, Alivia encaixava-se nessa categoria.

Um exemplo perfeito era o episódio da escada de mão. Alivia tinha estado no quarto ou quinto degrau, quando ele percebera a rachadura no lado esquerdo da escada. Ela permanecera de todo despreocupada quando Loren lhe apontara o perigo. Se Alivia não houvesse dito que de repente se sentia um pouco tonta, ao olhar para o ninho de vespas lá no alto, ele jamais teria começado a fazer a tarefa pessoalmente e, desta maneira, nunca teria visto a rachadura.

Loren havia lido no jornal que a peça de Stephen chegava ao fim, e pareceu-lhe que a melancolia de Alivia acentuava-se. Agora, havia círculos escuros sob os olhos dela e estava reclamando que não conseguia dormir antes de o dia clarear.

- Telefone para ele, se você quiser, querida - disse finalmente Loren. - Procure-o novamente e verifique se ambos...

- Não. Fiz uma promessa a você. São três meses, Loren. Manterei minha palavra -disse ela, com lábios trêmulos.

Loren virou-lhe as costas, desditoso e odiando-se.

Olivia ficou mais fraca fisicamente. Certa vez tropeçou quando descia a escada, mal conseguindo apoiar-se no corrimão para evitar uma queda. Loren sugeriu - não pela primeira vez - que ela devia ver um médico, mas alivia recusou-se.

- Os três meses estão quase terminando, querido. Eu sobreviverei a eles - respondeu ela, com um sorriso tristonho.

Era verdade. Faltavam apenas mais duas semanas para o dia 15 de março, prazo limite dos três meses. Os Idos de Março, percebeu Loren, pela primeira vez. Uma coincidência bastante agourenta.

Na tarde de domingo, Loren estava em seu estúdio vistoriando alguns relatórios do escritório quando ouviu um grito prolongado, seguido de estrondoso barulho de coisas partidas. Em um instante ele estava em pé e corria. O barulho viera do porão, pensou, e então já sabia o que acontecera. Aquele maldito aspirador de tapetes novamente!

- Olivia?

Ouviu um gemido vindo do porão escuro. Loren mergulhou pelos degraus abaixo. Houve um leve ruído de rodas, seus pés voaram diante dele e, nos poucos segundos antes de ter a cabeça esmagada contra o piso de cimento, teve tempo de compreender tudo. Olivia não caíra nos degraus da escada do porão, ela apenas o atraíra para lá, porque estivera o tempo todo tentando matá-lo - acabar com ele, Loren Amory -, e tudo isso por causa de Stephen Castle.

- Eu estava na cama, no andar de cima, lendo - declarou Olivia à polícia, as mãos tremendo enquanto apertava o penhoar contra o corpo. - Ouvi um barulho horrível, e então... eu desci ... - E ela fez um gesto impotente, na direção do cadáver de Loren.

A polícia anotou suas declarações e condeu-se dela. As pessoas deviam ser mais cuidadosas, disseram, sobre coisas como

aspiradores de tapetes sobre escadas escuras. Todos os dias aconteciam fatalidades iguais àquela nos Estados Unidos. Depois removeram o corpo e, na terça-feira, Loren Amory foi sepultado.

Olivia ligou para Stephen na quarta-feira. Estivera telefonando para ele todos os dias, exceto nos sábados e domingos, mas não havia ligado desde a sexta-feira anterior. Os dois haviam combinado que, se a qualquer dia da semana ela não lhe telefonasse para o apartamento às 11 da manhã, isto significaria que a missão de ambos fora cumprida. Além disso, Loren Amory ocupara bastante espaço na página de obituários da segunda-feira. Havia deixado quase um milhão de dólares para sua viúva, além de casas na Flórida, Connecticut e Maine.

- Minha querida! Você parece tão cansada! - foram as primeiras palavras de Stephen, quando eles se encontraram em um bar remoto de Nova York na quarta-feira.

- Tolice! É tudo maquiagem! - exclamou Olivia jovialmente. - E você é um ator! - Ela riu. - Tenho de me mostrar adequadamente melancólica para os vizinhos, você sabe. E nunca sei quando posso encontrar uma pessoa conhecida em Nova York.

Stephen olhou em torno nervosamente, depois perguntou, mostrando o sorriso costumeiro:

- Olivia querida, quando é que vamos ficar juntos?

- Muito breve - disse ela prontamente. - Não lá na casa, claro, mas lembra-se de que falamos sobre um cruzeiro? Talvez Trinidad? O dinheiro já está comigo. Quero que você compre as passagens.

Viajaram em cabines de luxo separadas. Sem a menor suspeita, o jornal local de Connecticut anunciou que a viagem da Sra. Amory era por questões de saúde.

De volta aos Estados Unidos em abril, bronzeada e parecendo bem melhor, Olivia confessou a amigos que conhecera alguém por quem "estava interessada". Os amigos garantiram-lhe que isso era normal, uma vez que ela não deveria ficar sozinha o resto da vida. O curioso é que quando Olivia convidou Stephen para um jantar formal em sua casa, nenhum de seus amigos se lembrava dele,

embora vários o tivessem encontrado naquele coquetel de alguns meses antes. Agora, muito mais seguro de si, Stephen se portava como um anjo, pensou Olivia.

Casaram-se em agosto. Stephen estivera fazendo pequenos papéis, em se tratando de trabalho, mas nada melhor se materializava. Olivia lhe disse que não se preocupasse, que certamente tudo entraria nos eixos depois do verão. Ele não parecia preocupar-se demais, embora protestasse que devia trabalhar e que, se necessário, tentaria alguns papéis na televisão. Passou a interessar-se por jardinagem, plantou algumas mudas de espruces azuis e, de uma maneira geral, fez com que a casa parecesse animada novamente.

Olivia ficou satisfeita por Stephen apreciar a casa, porque gostava dela. Nenhum deles chegou a mencionar a escada do porão, mas providenciaram a colocação de um interruptor de luz no patamar do alto, a fim de que algo similar não tornasse a acontecer. Além disso, o aspirador de tapetes foi guardado em seu lugar adequado, isto é, no armário de vassouras que ficava na cozinha.

Agora, eles recebiam os amigos com mais freqüência do que Olivia e Loren haviam feito. Stephen tinha muitos amigos em Nova York, e Olivia os achava divertidos. Entretanto, julgava que Stephen estava bebendo um pouco além da conta. Em uma festa, quando se encontravam todos no terraço, ele quase havia despencado pelo parapeito, tendo que ser segurado por dois convidados.

- É melhor que tome cuidado com esta casa, Steve - disse Parker Barnes, um ator seu amigo. - Ela pode ser azarada.

- O que está querendo dizer? - exclamou Stephen. - Não acredito nisso nem por um minuto! Posso ser ator, mas não tenho nenhuma superstição!

- Oh, quer dizer então que é ator, Sr. Castle! - exclamou uma voz de mulher, vindo da escuridão.

Depois que os convidados se foram, Stephen pediu a Olivia para ir novamente ao terraço.

- Talvez o ar me refresque a cabeça - disse ele, sorridente. - Desculpe, eu estava um pouco tocado esta noite. Lá está a velha Orion! Pode vê-la? - Ele passou o braço em torno da mulher e a puxou para si. - É a constelação mais brilhante no firmamento!

- Está me machucando, Stephen! Não aperte tan... ! Então ela gritou e contorceu-se, lutando pela vida.

- Diabos a levem! - ofegou Stephen, espantado com o vigor dela. Contorcendo-se, Olivia afastou-se e ficou parada perto da porta do quarto, agora encarando-o.

- Você ia me empurrar!

- Não! Deus do céu, Olivia! Apenas perdi o equilíbrio, foi tudo! Pensei que quem ia cair era eu!

- Eis aí algo bonito para fazer, então - agarrar-se a uma mulher e arrastá-la na queda!

- Eu não tinha percebido. Estou bêbado, querida. Sinto muito.

Como sempre, ocuparam a mesma cama essa noite, mas ambos apenas fingiam dormir. Até que, para Olivia, pelo menos, o sono chegou ao clarear do dia, como costumava dizer para Loren.

No dia seguinte, de maneira casual e sub-repticiamente, cada um deles vistoriou a casa, do sótão ao porão - Olivia a fim de proteger-se de possíveis armadilhas mortais, Stephen a fim de instalá-las. Ele já decidira que a escada do porão oferecia a melhor possibilidade, a despeito da repetição, pois pensava que ninguém acreditaria que alguém se atrevesse a usar o mesmo método duas vezes - se a intenção era assassinar.

Por acaso, Olivia pensava a mesma coisa.

Os degraus para o porão nunca tinham sido tão livres de obstáculos ou tão bem-iluminados. Nenhum deles tomava a iniciativa de desligar a luz à noite. Exteriormente, cada um declarava amor e confiança ao outro.

- Lamento haver dito semelhante coisa a você, Stephen - ela sussurrou ao ouvido do marido, quando ele a abraçou. - Naquela

noite, senti medo no terraço, nada mais. Quando você disse "Diabos a levem"...

- Eu sei, meu anjo. Você não poderia pensar que eu pretendia machucá-la. Falei "Diabos a levem" apenas porque você estava lá e pensei que talvez a tivesse feito desequilibrar-se.

Eles falaram sobre outro cruzeiro. Queriam ir à Europa na primavera seguinte. Às refeições, no entanto, provavam cautelosamente cada alimento, antes de começarem a comer.

Como é que eu faria alguma coisa com a comida, pensava Stephen, se você nunca sai da cozinha enquanto está cozinhando?

E Olivia! Não deixo coisa alguma perto de você. Só existe um caminho em que parece ser esperto, Stephen.

A humilhação por haver perdido um amante era disfarçada por sombrio ressentimento. Olivia percebia que tinha sido vítima. O último traço de sedução de Stephen desaparecera. Agora, no entanto, pensava ela, Stephen representava o melhor papel de sua vida - e era uma representação de vinte e quatro horas diárias. Felicitou-se ao não se deixar enganar por isso, e estudava um plano após outro, sabendo que este "acidente" de agora teria que ser ainda mais convincente do que aquele que a libertara de Loren.

Stephen percebia que sua situação pouco tinha de embaraçosa. Todos quantos conheciam o casal, mesmo que superficialmente, julgavam que ele adorava a esposa. Assim, um acidente seria encarado apenas como um acidente, caso o afirmasse. Ele agora acalentava a idéia daquele enorme frigorífico do porão. A porta não possuía maçaneta interna e de vez em quando Olivia entrava lá, ia no canto mais distante apanhar bifes ou aspargos congelados. Entretanto, ousaria entrar no frigorífico, agora que andava desconfiada, se ele estivesse no porão ao mesmo tempo? Stephen duvidava muito.

Certa manhã, enquanto Olivia fazia o desjejum na cama - ela voltara a ocupar seu próprio dormitório novamente e Stephen lhe levava o desjejum, como Loren sempre fizera -, ele experimentou a porta do frigorífico. Descobriu que quando ela se chocava com um

objeto sólido, ao ser aberta, de maneira lenta, mas seguramente, o impacto fazia com que voltasse a trancar-se. Agora não existia qualquer objeto sólido perto da porta e, pelo contrário, ela devia ficar escancarada, a fim de que uma lingüeta na parte externa se prendesse a uma alça instalada na parede, com essa finalidade expressa, desta maneira mantendo a porta aberta. Ele havia reparado que Olivia sempre abria a porta ao máximo

quando entrava lá, tendo ainda visto que a porta se prendia automaticamente na alça da parede. Entretanto, se colocasse alguma coisa no caminho, até mesmo a quina da caixa de madeira cortada para lenha, a porta bateria nela e voltaria a fechar-se de novo, antes que alivia tivesse tempo de perceber o que acontecera.

Aquele exato momento, contudo, não parecia o' mais apropriado para colocar a caixa de lenha em posição e, sendo assim, Stephen não montou sua armadilha. alivia tinha dito algo sobre ir a um restaurante à noite. Isto significava que durante o dia não iria retirar nada do freezer para degelar.

Eles deram uma pequena caminhada às três da tarde - pelo bosque atrás da casa, depois tornaram a entrar - e quase começaram a andar de mãos dadas, em uma mútua simulação de afeto, tão repugnante quanto insultuosa, mas os dedos apenas se tocaram e separaram-se.

- Uma xícara de chá seria ótimo, não, querido? - perguntou alivia.

- Hum-hum - sorriu ele.

Veneno no chá? Veneno nos biscoitos? Ela mesma os fizera, pela manhã. Stephen recordou como haviam tramado a triste partida de Loren - os ternos sussurros dela sobre assassinato, enquanto almoçavam, sua infinita paciência à medida que as semanas passavam e um plano depois do outro ia falhando. Ele é que tinha sugerido o aspirador de tapetes na escada do porão e o grito dela para atraí-lo. a que iria planejar o cérebro de passarinho daquela mulher?

Pouco depois do chá - tudo estivera saboroso - Stephen deixou a sala de estar como que sem um propósito definido. Sentia-se impelido a testar novamente a caixa de lenha e verificar se podia confiar na artimanha. Também estava inspirado para montar a armadilha agora e deixá-la preparada. A luz no alto da escada do porão estava acesa. Ele desceu os degraus cuidadosamente.

Ficou ouvindo um instante, a fim de verificar se alivia poderia tê-lo seguido. Então puxou a caixa de lenha, deixando-a em posição, não paralela à frente do frigorífico, é claro, mas um pouco ao lado, como se alguém a tivesse arrastado para fora das sombras a fim de examiná-la melhor, e a tivesse deixado ali. Ele abriu a porta do frigorífico com exatamente a velocidade e força que alivia poderia usar, empurrando-a de junto de seu corpo, enquanto interpunha um pé, a mão direita estendida para apará-la, assim que ricocheteasse na caixa de lenha e voltasse. Entretanto, o pé que lhe suportava o peso deslizou vários centímetros para diante, assim que a porta se chocou na caixa.

Stephen estava caído sobre o joelho direito, a perna esquerda estirada para diante e, atrás dele, a porta se fechou. Ele ficou instantaneamente em pé e olhou para a porta fechada, com pupilas dilatadas. Estava escuro, e tateou em busca do interruptor auxiliar, à esquerda da porta, que acendia uma luz no fundo do freezer.

Como pudera acontecer aquilo? Aquela maldita camada de gelo fino no chão! Entretanto, não tinha sido apenas o gelo, ele via. Seu pé deslizara, mas em um pedacinho de sebo, que agora avistava no meio do piso, no final do risco engordurado que seu escorregão produzira.

Stephen olhou fixamente para o sebo com expressão neutra, opaca, durante um instante. Depois tornou a encarar a porta, empurrou-a, tateou ao longo da fenda firmemente selada com borracha. Podia chamar Olivia, é claro. Ela o ouviria por fim ou pelo menos daria por sua falta, antes que houvesse tempo para ficar congelado. Ela desceria ao porão, poderia ouvi-lo dali, mesmo que não o ouvisse da sala de estar. Então, abriria a porta, sem dúvida.

Stephen sorriu fracamente, tentando convencer-se de que ela abriria a porta.

- Olivia!... Olivial Estou aqui embaixo, no porão!

Quase meia hora mais tarde é que Olivia chamou por Stephen, a fim de perguntar-lhe que restaurante preferia, pois isto influenciaria a roupa que ela ia vestir. Procurou-o no quarto dele, na biblioteca e no terraço, para finalmente chamá-lo em voz alta à porta da frente, imaginando que poderia estar em algum ponto do jardim.

Por último, tentou o porão.

A esta altura, encolhido dentro do paletó de tweed, os braços cruzados, Stephen caminhava para cima e para baixo no interior do freezer, emitindo pedidos de socorro a intervalos de trinta segundos e empregando o restante do fôlego para soprar dentro da camisa, num esforço para aquecer-se. Olivia estava prestes a abandonar o porão quando ouviu seu nome ser chamado fracamente.

- Stephen ?... Stephen, onde está você?

- Aqui, dentro do frigorífico! - bradou ele, o mais alto que lhe foi possível. Olivia olhou para o enorme congelador, com um sorriso de incredulidade.

- Abra... quer abrir? Estou no congelador! - soou a voz abafada de Stephen.

Ela jogou a cabeça para trás e começou a rir com vontade. Estava pouco ligando se ele a ouvisse. Então, ainda rindo tanto que teve de curvar o corpo, subiu a escada do porão.

O que achava tão engraçado é que tinha pensado no congelador como um excelente lugar para livrar-se de Stephen, mas sem chegar a imaginar como fazê-lo entrar lá. E o fato de ele agora estar lá dentro, percebeu Olivia, podia ser devido a algum curioso acidente - possivelmente estivesse tentando montar uma armadilha para apanhá-la. Tudo aquilo era demasiado cômico. E uma sorte!

Ou então, pensou desconfiadamente, ainda agora a intenção dele talvez fosse levá-la a abrir a porta do congelador, para em

seguida empurrá-Ia e trancá-Ia lá dentro. Evidentemente, ela não ia permitir que isso acontecesse!

Entrando em seu carro, Olivia dirigiu por uns trinta quilômetros em direção norte, comeu um sanduíche em um bar de beira de estrada e depois foi a um cinema. Quando à meia-noite chegou em casa, achou-se sem coragem de gritar "Stephen" diante do congelador ou mesmo de descer ao porão. Não tinha certeza de que ele já estaria morto e, embora ficando calado, isto bem poderia significar que apenas se fingia de morto ou desmaiado.

Amanhã, no entanto, pensou ela, não haverá mais dúvida alguma sobre a morte dele. A própria falta de ar, antes de mais nada, àquela altura já o teria liquidado.

Foi para a cama e garantiu para si mesma uma noite de sono com um sedativo leve. O dia seguinte seria fatigante. Sua história da pequena discussão com Stephen - a respeito de que restaurante escolheriam, nada mais - e ele saindo furiosamente da sala de estar para dar uma caminhada, pensou, teria de ser muito muito convincente.

Às dez horas da manhã seguinte, depois de um suco de laranja e café, alivia se sentiu pronta para seu papel de viúva horrorizada e combalida pela dor. Afinal de contas, disse para si mesma, já havia ensaiado o papel - seria a segunda vez que desempenhava tal personagem. Resolveu enfrentar a polícia em seu penhoar, como antes.

A fim de parecer bastante natural sobre tudo aquilo, desceu ao porão a fim de fazer a "descoberta", antes de chamar a polícia.

- Stephen? Stephen? - chamou em voz alta, confiante. Nenhuma resposta.

Abriu a porta do congelador com apreensão, ficou boquiaberta ao ver a figura encolhida no piso, coberta de gelo, e depois deu alguns passos em direção a ele - cônica de que suas pegadas, impressas no chão, estariam visíveis para confirmar a história de que entrara lá para tentar reanimar Stephen.

Ka-blum! fez a porta - como se alguém do lado de fora a tivesse empurrado com muita força.

alivia agora ficou de boca aberta a sério, e boquiaberta continuou. Tinha aberto a porta com um movimento enérgico, a fim de escancará-la. Ela devia ter-se prendido à alça da parede externa.

- Olá! Tem alguém aí! Abra esta porta, por favor! Imediatamente!

No entanto, sabia que lá fora não havia ninguém. Aquilo tinha sido apenas um maldito acidente. Talvez providenciado por Stephen.

Olhou para o rosto dele. Estava de olhos abertos e nos lábios arroxeados havia o sorriso habitual, agora triunfante mas inteiramente desagradável. alivia não olhou mais para ele. Apertando contra o corpo seu fino penhoar, o mais que podia, ela começou a gritar.

- Socorro! Alguém me ajude!... Polícia!

Continuou gritando durante horas, até ficar rouca, e realmente não mais sentir tanto frio, somente uma leve sonolência.

Tradução de Luísa Ibariez

90. SUBORNO E CORRUPÇÃO

RUTH RENDELL (1930 - | Inglaterra)

O crítico do Boston Globe não deixa por menos: "A melhor escritora (escritor) de mistério em qualquer lugar do mundo de língua inglesa. "Autora de mais de 30 romances (dos quais apenas uns cinco ou seis saíram em português, dispersos em mais de uma editora) e de quatro livros de contos, reunidos em Collected Stories, seria uma excelente escritora, mesmo que não tivesse o epígono "de mistério". A maioria de escritores policiais é boa criadora de tipos (daí os detetives famosos), mas Rendell é mestra mesmo em criar atmosfera, dentro do melhor da literatura inglesa. (Sim, podem pensar em Jane Eyre e nas irmãs Bronte.) Ao mesmo tempo, com um olho para o lado escuro do ser humano: "Mortes violentas fascinam as pessoas", escreve ela no começo do romance The Bridesmaid.

Em Londres, todos aqueles que costumam jantar fora estão sabendo que o Potters de High Street, Marylebone, é o restaurante que mais caro cobra por sua comida. Nicholas Hawthorne em geral fazia refeições em seu quarto alugado ou numa churrascaria, de maneira que foi iludido por aquele nome de modesta sonoridade. Quando Annabel lhe disse "Vamos ao Potters", ele concordou alegremente.

Aquela era a primeira vez que a levava para comer fora. Miúda e atraente, Annabel pouco mais teria a dizer sobre si mesma. Em seu rosto pequenino, os olhos pareciam enormes e suplicantes - um rosto de raposa voadora^{17} pensava Nicholas. Ela sugeriu que tomassem um táxi até o Potters "porque é difícil achá-lo". Quando Nicholas viu que se tratava de um grande prédio, erguido bem na

metade da High Street, considerou que não seria mais difícil achá-lo a pé do que de táxi, porém nada comentou.

Já começava a perguntar-se o quanto iria custar-lhe tal jantar. O Potters era um espaçoso e imponente restaurante. Suas janelas apresentavam aquelas vidraças muito límpidas, mas ligeiramente empenadas, falando de vetustez, ao passo que as portas de escura madeira avermelhada davam a impressão de que haviam sido polidas diariamente durante cinqüenta anos. Com as cortinas cerradas, impedindo a visão do interior, era como se estivessem aproximando-se de alguma residência particular, talvez a morada de algum ricoço.

Logo após a entrada havia um bar, no qual três casais ocupavam cadeiras de couro preto. Um garçom incumbiu-se do casaco de Annabel, e eles foram conduzidos a uma mesa no restaurante. Embora jovem, Nicholas era perceptivo. Esperava que sua companheira se sentisse tão deslocada e intimidada naquele lugar como ocorria com ele, porém a jovem parecia ter-se livrado da timidez juntamente com o casaco. E quando os garçons aproximaram-se com cardápios e a lista de vinhos, ela imprudentemente anunciou que começaria por um Pernod.

Quanto custaria tudo aquilo? Nicholas examinou os preços, angustiando, embora grato por ter consigo seu recém-adquirido cartão de crédito. Gaste agora e pague depois - mas, oh, céus!, sempre teria que pagar...

Annabel escolheu aspargos como primeiro prato e galo silvestre grelhado como segundo. O galo era o item mais caro do cardápio. Nicholas pediu sopa de legumes e costeletas de porco. Perguntou se ela preferia vinho tinto ou branco, mas Anabel respondeu que sendo uma garrafa apenas insuficiente, por que não terem uma de cada?

Ela não disse palavra enquanto comiam. Nicholas recordou haver lido um poema em que o poeta assombrava-se com a cabeça pequena de um professor, que podia conter tudo quanto ele sabia. Nicholas perguntou-se como um corpo pequeno podia conter tudo

quanto Annabel comia. Ela devorou batatas coradas com o galo, seguindo-se feijões-de-espanha e repolho vermelho. Quando ouviu o garçom recomendar alcachofras recheadas aos comensais da mesa vizinha, decidiu que também provaria um pouco. Nicholas rezou para que ela não quisesse mais nada. Entretanto, aquele garçom bajulador e insinuante tinha que aparecer empurrando o carrinho das sobremesas!

- Temos morangos frescos, madame.

- Em novembro? - exclamou Annabel, rompendo seu silêncio. - Que fantástico!

Naturalmente que ia querê-los. Sorvendo o sedimento de seu vinho, Nicholas observou-a comendo os morangos com creme e depois pedir uma fatia de torta de chocolate. Ele quis café. Madame e o senhor não desejariam um licor? Nicholas abanou a cabeça com veemência. Annabel declarou que beberia um chartreuse verde. Nicholas sabia ser este o rei dos licores - e, necessariamente, o mais caro.

A essa altura, sentia-se tão aterrorizado ante a perspectiva da conta e tão repug-nado com a concentrada glotonaria de Annabel, que era urgente afastar-se dela por um momento. Estava claro que só saíra com ele para empanturrar-se, para beber até o estupor. Escusando-se, Nicholas começou a caminhar na direção do lavatório dos homens.

Para chegar lá, precisaria passar junto a uma extremidade do bar. O local ainda estava meio vazio, porém naquela última hora - agora já eram nove - chegara outro casal, que ocupava uma mesa no centro do recinto. O homem era de meia-idade, com bastos cabelos prateados e o rosto de pele ligeiramente amorenada e lisa. Tinha o braço direito passado pelo ombro da companheira, uma lourinha muito jovem e muito bonita, em cujo ouvido sussurrava algo. Nicholas reconheceu-o prontamente como o diretor da companhia onde seu pai havia sido gerente de vendas até dois anos atrás, quando então fora demitido sob um capcioso pretexto. A

companhia era a Sorensen-McGill e o homem de cabelos prateados chamava-se Julius Sorensen.

Nicholas odiava esse homem, com todo o fervor do jovem leal a um pai muito amado. Entretanto, sendo ainda muito novo, estava fora do seu alcance prejudicar Sorensen de algum modo. Murmurou um gélido boa-noite e mergulhou para o toalete dos homens, onde revirou os bolsos pelo avesso, contou as notas em sua carteira e tentou calcular o que já devia à firma do cartão de crédito. Se preciso, pediria algo emprestado ao pai, embora detestando a idéia, já que ele vivia com um modesto rendimento desde que o animal do Sorensen o demitira. Fazer um empréstimo com o pai, tentar adiar o pagamento do aluguel por um mês, caso fosse possível, diminuir os cigarros, talvez até parar de fumar...

Quando saiu dali, sentindo-se quase nauseado, Sorensen e a garota não estavam tão agarrados como antes. Os dois não olharam para ele e Nicholas, por sua vez, virou o rosto para o outro lado. Annabel estava em seu segundo chartreuse verde e devorando petit-fours. Ele achava que o rosto dela assemelhava-se ao de uma raposa voadora, mas recordava agora que raposa voadora é apenas um nome interessante para um morcego que se alimenta de frutas. Comendo uma laranja de marzipan, Annabel tinha, decididamente, a aparência de um rapace e pequeno morcego frugívoro. Além do mais, estava bastante tonta.

- Tudo está parecendo tão esquisito e sonolento - queixou-se ela. - Talvez eu esteja com um daqueles vírus. Quer pagar a conta?

Nicholas demorou bastante tempo a ser notado pelo garçom. E quando o homem meramente chegou até eles com o bule do café, admirou-se de sua própria firmeza.

- A conta, por favor - disse, no tom de quem declara à autoridade máxima que quem está prestes a morrer a saúda.

O garçom estava de volta em meio minuto. Nicholas poderia fazer a gentileza de acompanhá-lo, a fim de falar ao maitre d'hôte? Nicholas assentiu, confuso. O que tinha acontecido? O que fizera de errado? Annabel descambara para trás em sua cadeira, tinha os

olhos enormes semicerrados e algo alaranjado escorrendo-lhe pelo canto da boca. Certamente eles lhe diriam que a tirasse dali, que ela desmoralizava a casa, que nunca mais voltasse lá. Seguiu o garçom, de punhos crispados.

Um homem corpulento, com o bico e a plumagem de um pingüim-rei, comunicou-lhe:

- Sua conta já está paga, senhor. Nicholas ficou olhando fixamente para ele.

- Não sei do que está falando!

- Seu pai a pagou, senhor. Foram estas as minhas instruções: dizer-lhe que seu pai pagou sua conta.

O alívio foi indescritível. Nicholas teve a sensação de crescer novamente, de ficar livre e leve. Era como se alguém o tivesse presenteado com... bem, quanto teria sido? Sessenta libras? Setenta? E ele compreendeu em seguida. Sorensen pagara sua conta, dizendo-se seu pai. Como compensação pelo que havia feito, demitindo seu pai, era uma ínfima migalha. Tinha pago sessenta libras para mostrar boa vontade, para mostrar que, embora em pequena escala, desejava compensar a injustiça.

Jactancioso, desenvolvido e altaneiro, Nicholas disse:

- Chamem um táxi para mim, por favor.

Feito isto, retornou à mesa e, com ares de grande importância, despertou Annabel com algumas sacudidelas.

Sua euforia durou quase uma hora, bem depois de ter empurrado a sonolenta Annabel pela entrada do prédio onde ela morava, e então subir a escada para o quarto mobiliado que tinha alugado, onde acomodou-se para decifrar as palavras-cruzadas do jornal da noite. Tudo terminaria de modo bem diferente se ele não houvesse começado as palavras-cruzadas. "Doze, horizontal: Aliciamento para atos culpáveis, corrupção." (7 letras.) Hum, o B e o O já ocupavam as respectivas casas. Nicholas encontrou a resposta após alguns segundos. "Suborno." As letras encaixavam-se.

Baixando o jornal, ele fitou a parede fronteira. Aliciamento para atos culpáveis, corrupção. Como poderia ter sido tão tolo, tão ingênuo, para supor que um homem como Sorensen se preocuparia com injustiças, recordaria uma demissão errônea ou acreditaria, mesmo por um só instante, que pudesse ter agido erradamente? É claro que Sorensen não tentara nenhuma compensação, é claro que não pagara aquela conta por gentileza e remorso. Ele a pagara como um suborno.

Sorensen havia pago o suborno para calar a boca de Nicholas, por não querer que se espalhasse a notícia de que estivera bebendo com uma moça, acarinhando uma jovem que não era sua esposa. Aquilo era suborno, o suborno que significa corrupção.

Certa vez, coisa de três anos antes, Nicholas acompanhara os pais a uma festa que Sorensen dera a seus funcionários e na qual a Sra. Sorensen tinha sido a anfitriã. Podia recordá-la como uma mulher tímida e pequenina, com cerca de uns quarenta e cinco anos, o que para Nicholas era a velhice. Sorensen havia pago aquela nota por não querer que a esposa descobrisse que ele tinha uma namorada, jovem suficiente para ser sua filha.

Sorensen o comprara, pensou Nicholas, ele o subornara e corrompera - ou tentara fazê-lo, porque não teria êxito em seu intento. Ele não ia ficar pensando que podia chutar a família Hawthorne de um lado para outro. Nunca mais. Uma vez fora o bastante!

Tinha sido agradável pensar que, afinal de contas, não precisara gastar mais de meia semana de salário com aquela garota horrível, porém a honra era mais importante. Sem dúvida, honra significava sacrificar coisas materiais por um princípio. Nicholas teve uma noite ruim, porque acordava a todo momento e pensava no monte de coisas materiais que precisaria dispensar durante algumas semanas seguintes, em benefício de sua honra. Não obstante, pela manhã sua resolução estava firme. Certificando-se de que tinha consigo o talão de cheques, saiu para o trabalho.

Passaram-se várias horas antes que reunisse coragem suficiente a fim de telefonar para a Sorensen-McGill. O que faria se Sorensen não quisesse recebê-lo? Se ao menos dispusesse de uma gorda conta bancária de quinhentas libras, num arroubo exemplar poderia enviar um cheque em branco a Sorensen, acompanhado de uma carta lacônica e desdenhosa.

A telefonista que costumava atender, naqueles dias em que às vezes ele ligava para o pai, também atendeu agora.

- Sorensen-McGill. Em que posso ajudá-lo?

Em voz um tanto rouca, Nicholas perguntou se era possível uma entrevista com o Sr. Sorensen nesse dia, para um caso urgente. A telefonista transferiu a ligação para a

secretária de Sorensen. Houve uma pausa. Soaram campainhas e interruptores clicaram. A jovem retornou ao fone, e Nicholas ficou certo de que receberia uma negativa.

- O Sr. Sorensen deseja saber se uma da tarde lhe conviria.

Em sua hora de almoço? É claro que sim. Entretanto, o que teria induzido Sorensen a sacrificar um daqueles caros almoços, apenas para vê-lo? Nicholas partiu para Berkeley Square perguntando-se o que, afinal, teria deixado o homem tão disposto a recebê-lo. Uma vozinha interior, fraca e esperançosa, começou novamente a enumerar-lhe aqueles argumentos que, na noite anterior, haviam sido tão decididamente rejeitados pela voz do senso comum.

Talvez Sorensen realmente estivesse bem-intencionado e ao ver Nicholas lhe dissesse que o pagamento da conta não fora um suborno, mas uma forma de presentear o filho de um valioso empregado de tempos atrás. A bela jovem bem poderia ser de fato filha dele. Nicholas ignorava se o homem tinha filhos. Era possível que houvesse uma filha. Então, não haveria corrupção, nenhum menosprezo de sua honra, nenhuma necessidade de desistir dos cigarros ou de humilhar-se perante o senhorio.

Eles o conheciam na Sorensen-McGill. Nicholas estivera lá com seu pai e, por outro lado, parecia-se com ele. Aquela lourinha não mostrava a menor semelhança com Sorensen. Uma secretária

conduziu-o à sala do diretor. Sorensen estava sentado em uma poltrona de couro amarelo, atrás de uma mesa de pau-rosa, o topo incrustado de couro amarelo. Na parede atrás dele havia murais no estilo de Modigliani e em cima da mesa um cinzeiro de jade verde-escuro, transbordando de pontas de cigarro, que a secretária substituiu por outro, de jade verde-pálido.

- Olá, Nicholas - disse Sorensen. Ele não sorriu. - Sente-se.

O único outro assento na sala era um daqueles negócios hitech de tiras bambas de couro, presas a uma estrutura metálica. A seu lado havia uma mesinha baixa de vidro escuro, com bordas estofadas em couro preto. Em cima da superfície de vidro jazia uma revista, aberta nas páginas centrais e mostrando uma jovem nua. Há pessoas que sabem como deixar outras à vontade, como existem aquelas que as deixam em dificuldades. Nicholas sentou-se, ou melhor, afundou - até oito centímetros do chão.

Sorensen acendeu um cigarro. Não ofereceu a caixa. Olhando para Nicholas, meneou a cabeça lentamente. Por fim, disse:

- Eu já devia esperar por isto.

Nicholas abriu a boca para falar, mas Sorensen ergueu a mão.

- Não, você poderá falar daqui a um minuto. - Seu tom ficou frio e brusco. - A jovem que viu comigo ontem à noite era alguém - acho que não preciso entrar em maiores detalhes - que fiquei conhecendo em um bar. Nunca a tinha visto antes e nunca mais vou tornar a vê-la. Não é uma namorada ou amante, em qualquer sentido das palavras. Um momento - disse ele, quando Nicholas tentou interromper novamente. - Deixe-me terminar. Minha esposa não é uma mulher saudável. Sofreria muito se soubesse onde estive esta noite e com quem. Imagino que tornasse a ficar muito mal de novo. Eu me refiro, é claro, a uma doença mental, um problema emocional, mas...

Ele sugou o cigarro com força.

- Acontece que, ainda assim e sejam quais forem as conseqüências, em hipótese alguma admito uma chantagem comigo. Fui bem claro? Paguei ontem o seu jantar, e foi só. Não

gostaria que contasse para minha esposa o que viu, mas se quiser pode contar-lhe, pode tornar pública para o mundo inteiro, antes que eu lhe pague um só penny!

À palavra chantagem, o coração de Nicholas disparou. O sangue afluiu-lhe ao rosto. Tinha ido ali para vingar sua honra, mas seu motivo fora perversamente mal-interpretado. Em voz sufocada, gaguejou :

- O senhor não tem o direito... Não foi isso... Por que está me dizendo tais coisas?

- Não é uma palavra agradável, concorda? Entretanto, usar outra qualquer com o mesmo sentido seria pura questão de semântica. Você veio aqui pedir mais, não foi?

Nicholas ficou em pé bruscamente.

- Eu vim aqui devolver o seu dinheiro!

- Aah! - Foi um som estranho, o emitido por Sorensen, um som familiar e polido, mas ao mesmo tempo cínico e inquisitivo. Ele esmagou o cigarro no cinzeiro.

- Entendo. A juventude é moralista. A inexperiência é puritana. Irá contar a ela de qualquer modo, porque você não pode ser comprado, acertei?

- Sim, eu não posso ser comprado! - Nicholas tremia. Apoiou as mãos abertas na mesa de Sorensen, mas elas continuavam trêmulas. - Jamais contarei a alguém o que vi, eu lhe prometo. Entretanto, não posso permitir que pague o meu jantar. .. e que finja ser meu pai!

As lágrimas lhe ardiam por trás dos olhos.

- Oh, sente-se, sente-se. Se não está tentando fazer chantagem comigo e se seus lábios estão selados, raio, o que veio fazer aqui? Uma visita social? Um papinho de homem para homem sobre as damas com que saímos esta noite? Como sabe, sua família não desfruta exatamente da minha predileção.

Nicholas recuou ligeiramente. Sentia o poder do homem. Era o poder do dinheiro e o poder conquistado por sempre haver tido

dinheiro. Havia algo que nunca antes percebera em Sorensen, mas que captava agora. Aquele homem parecia feito de metal, a pele de cobre, os cabelos de prata, o terno de estanho. Então, a névoa em seus olhos impediu que ele visse qualquer coisa além de um borrão.

- De quanto foi a minha conta? - conseguiu perguntar.

- Oh, pelo amor de Deus!

- De quanto?

- Sessenta e sete libras - disse Sorensen -, mais ou menos alguns quebrados. Sorensen parecia divertir-se, mas para Nicholas aquilo era uma pequena fortuna.

Pegando seu talão de cheques, preencheu-o em favor de J. Sorensen e o estendeu através da mesa.

- Aí tem o seu dinheiro - falou -, mas não precisa preocupar-se. Não direi a ninguém o que vi. Prometo.

Pronunciar aquelas palavras fazia com que se sentisse nobre, heróico. As lágrimas ameaçadoras recuaram. Sorensen olhou para o cheque e o rasgou em dois.

- Você é um rapaz muito maçante. Não o quero em meu escritório. Saia.

Nicholas saiu. Deixou o prédio de cabeça erguida. Ainda pensava em enviar outro cheque para Sorensen quando, duas manhãs depois, ao ler o jornal no trem, seus olhos captaram o odiado nome. Inicialmente, não pensou que o artigo dissesse respeito ao "seu" Sorensen - mas então viu que dizia. A manchete anunciava: "*Mulher Encontrada Morta na Floresta. Assassinada Esposa de Magnata.*"

O cadáver de uma mulher, relatavam as linhas abaixo, foi encontrado esta noite em um carro abandonado na Floresta Hatfield, em Hertfordshire. Ela havia sido estrangulada. A mulher foi identificada hoje como a Sra. Winifred Sorensen, de 45 anos, residente em Eaton Place, Belgravia. Era esposa de Julius Sorensen, presidente da Sorensen-McGill, companhia fabricante de equipamentos para escritórios.

A Sra. Sorensen havia estado em casa de sua mãe, Sra. Mary Clifford, em Much Hadham. Disse a Sra. Clifford: "Minha filha pretendia ficar comigo mais uns dois dias. Foi uma surpresa para mim quando ela disse que voltaria de carro para sua casa em Londres, na noite de terça-feira."

"Eu não esperava que minha mulher voltasse para casa na terça-feira", declarou o Sr. Sorensen. "Só quando telefonei ontem para lá fiquei sabendo que ela houvera deixado a casa da mãe. Ao ser informado de seu desaparecimento, comuniquei o fato imediatamente à polícia."

A Polícia está investigando o caso como assassinato.

"Pobre mulher!", pensou Nicholas. Enquanto ela dirigia seu carro para casa, ao encontro do marido, talvez sentindo falta dele, precisando de sua companhia e de seu apoio, o homem entretinha-se com uma garota que encontrara em um bar, alguém cujo nome nem mesmo sabia. Certamente, agora devia estar atormentado pelo remorso. O contraste não podia ser mais chocante: Sorensen de rosto colado com a moça, bebendo juntos, mais tarde talvez dormindo com ela, enquanto sua esposa, sozinha, lutava com um atacante, em local isolado e escuro.

Nicholas pensou que para ele não seria surpresa se o próprio Sorensen tivesse feito aquilo. Nada que aquele homem fizesse o teria surpreendido, pois era um tipo capaz de qualquer iniquidade. Somente aqui havia uma impossibilidade: Sorensen não podia tê-lo feito, e ninguém melhor do que Nicholas para saber disso. Assim, foi com certo espanto que se viu abordado por dois policiais, quando nessa noite chegou à casa. Eles esperavam em um carro diante do prédio e saíram assim que ele se aproximou.

- Não tem com que se preocupar, Sr. Hawthorne - disse o mais velho deles, após apresentar-se como inspetor-detetive. - É apenas uma questão de rotina. Talvez tenha lido sobre a morte da Sra. Winifred Sorensen em seu jornal de hoje, não?

- Sim, li.

- Podemos entrar?

Eles o seguiram escada acima. O que estariam querendo? Nicholas às vezes lia histórias de detetive e ocorreu-lhe que, talvez a par de sua ligeira conexão com a Sorensen-McGill, os policiais pretendessem interrogá-lo sobre coisas como o caráter de Sorensen e

sua vida doméstica. Sendo assim, então eles haviam encontrado a testemunha certa. Poderia contar-lhes tudo. Poderia dizer-lhes por que a pobre Sra. Sorensen, ciumenta e desconfiada como devia ser, enfiara na cabeça a idéia de entrar em seu carro e deixar a residência da mãe, voltando para casa dois dias antes do esperado. Certamente pretendia apanhar o marido em flagrante, e assim constataria sua ausência ou talvez até o surpreendesse com aquela garota na casa do casal. Apenas, ela nunca chegara à casa. Antes disso, algum maníaco lhe pedira uma carona. Oh, sim, contaria a eles!

Os policiais sentaram-se, quando chegaram ao seu quarto. Precisaram sentar-se na cama, porque ali só havia uma cadeira.

- Ficou estabelecido - disse o inspetor - que a Sra. Sorensen foi morta entre vinte e vinte e duas horas da terça-feira.

Nicholas assentiu. Mal podia conter o entusiasmo. Que choque levariam os policiais quando lhes falasse sobre a vida particular daquele homem de negócios supostamente respeitável! Entretanto, uma fração de segundo mais tarde ele ficava murcho e de olhos arregalados.

- Às vinte e uma horas daquela noite o Sr. Julius Sorensen, marido da vítima, encontrava-se em um restaurante chamado Potters, em High Street, Marylebone, na companhia de uma jovem. Ele nos prestou um depoimento a respeito.

Então Sorensen tinha contado a eles! Havia confessado! O desapontamento de Nicholas era profundo.

- Parece que, nessa hora, o senhor também estava no restaurante, não?

- Oh, sim. Sim, eu estava - disse Nicholas, em um murmúrio.

- E no dia seguinte o senhor foi aos escritórios da Sorensen-McGill, onde teve uma entrevista com o Sr. Sorensen. Poderia, por favor, dizer-me sobre o que conversaram?

- Foi sobre eu tê-lo visto no Potters, na noite anterior. Ele queria que eu... Nicholas interrompeu-se. Ficou vermelho.

- Um momento apenas, senhor. Penso poder imaginar o motivo de estar tão visivelmente pouco à vontade quanto a isto. Sem pretender insultá-lo, posso dizer que é um homem ainda muito novo e que, freqüentemente, os jovens ficam um tanto confusos no tocante a questões de lealdade. Estou certo?

Agora aturdido, Nicholas assentiu.

- Seu dever é evidente. É dizer a verdade. Fará isso?

- Sim, claro.

- Ótimo. O Sr. Sorensen tentou suborná-lo?

- Sim. - Nicholas respirou fundo. - Fiz uma promessa a ele.

- Que deve ser tornada sem qualquer efeito, Sr. Hawthorne. Deixe-me repetir. A Sra. Sorensen foi morta entre vinte e vinte e duas horas. O Sr. Sorensen afirmou-nos que estava no Potters às vinte e uma horas, no bar. O pessoal do bar não se lembra dele. E ele diz não saber qual o sobrenome da moça que o acompanhava. Segundo nos disse, o senhor estava lá e o viu. - O inspetor olhou para seu companheiro e depois para Nicholas outra vez. - E então, Sr. Hawthorne? Este é um assunto da maior seriedade.

Nicholas entendia. O excitação voltou a dominá-lo, porém ele não permitiu que isso transparecesse. Os policiais perceberiam o motivo de sua vacilação. Por fim, disse:

- Eu estive no Potters, de vinte horas até cerca de vinte e uma e meia. - Cuidadosamente, ele se manteve apegado à exata verdade. - O Sr. Sorensen e eu discutimos o fato de minha presença lá e de eu tê-lo visto durante a entrevista que tivemos em seu escritório na quarta-feira, e ele... ele pagou a conta do meu jantar.

- Estou entendendo. - Quão perspicazes eram os olhos do inspetor! E quanto ele se imaginava entendido em juventude e idade, sabedoria e ingenuidade, candura e corrupção! - Diga-me, então viu de fato o Sr. Sorensen no Potters na noite de terça-feira?

- Não posso esquecer minha promessa - disse Nicholas.

Claro que não poderia. Teria apenas que manter sua promessa, e a polícia acusaria Sorensen de assassinato. Nicholas baixou os olhos. Depois declarou, em voz culpada e perturbada:

- Eu não o vi. É claro que não o vi.

Tradução de Luísa Ibanez

91. UM ASSASSINATO ABSOLUTAMENTE BANAL

P.D. JAMES (1920- | Inglaterra)

Embora ela considere o fato de escrever romances policiais um hobby, o Times de Londres considerou-a "a rainha das histórias inglesas de detetives". Estreou em 1962, com Cover her Face, e foi publicada no Brasil pela primeira vez nos anos 70 (Mente Assassina). Vencedora de alguns prêmios do gênero, entre eles o British Crime Writers, por duas vezes, criou histórias com o superintendente da Scotland Yard Dalgliesh e outras com uma heroína chamada Cordélia Gray. E, em 2002, ela chega à lista dos mais vendidos do Brasil com Morte no Seminário.

- Nos sábados fechamos ao meio-dia - disse a loura do escritório da agência de imóveis. - Assim, se depois disso estiver ainda com a chave, por favor, deixe-a cair na caixa de correspondência. É a única que temos, e talvez outras pessoas queiram visitar o imóvel na segunda-feira. Assine aqui, por favor, senhor.

O "senhor" fora pronunciado de má vontade, como um pensamento tardio. O tom dela era reprovativo. Não acreditava que ele fosse comprar o apartamento, não esse velho surrado, com seu ar de afetada e espúria distinção, a voz secarrona. Na função dela, em pouco tempo adquiria-se um faro especial para o legítimo interessado. Ernest Gabriel. Um nome estranho, meio comum e meio fantasioso.

Não obstante, ele pegou a chave com polidez e agradeceu-lhe o trabalho. Ela pensou que não era trabalho nenhum. Deus sabia que eram bem poucos os que se interessavam por aquela pequena e sórdida lixeira, não ao preço que estavam pedindo. Ele podia até ficar uma semana com a chave, que pouco lhe importaria.

E tinha razão. Gabriel não estava a fim de comprar, mas somente de ver. Era a primeira vez que voltava ali, desde que tudo acontecera, dezesseis anos antes. Não vinha como peregrino nem penitente. Chegara movido por alguma compulsão que não se dera ao trabalho de analisar. Estava indo visitar seu único parente vivo, uma tia idosa que fora recolhida recentemente a uma enfermaria geriátrica. Ele nem chegara a perceber que o ônibus passava pelo apartamento.

De repente, no entanto, rodavam aos solavancos através de Camden Town, e a rua pareceu-lhe familiar, como uma fotografia ajustando-se ao foco. Com um estremecimento de surpresa, ele reconheceu a dupla fachada da loja e do apartamento sobre ela. Havia o anúncio de um agente imobiliário na janela. Quase sem pensar, ele descera do ônibus na parada seguinte, voltara para verificar o nome e caminhara cerca de meio

quilômetro até a imobiliária. Aquilo lhe parecera tão natural e inevitável como sua viagem diária de ônibus para o trabalho.

Vinte minutos mais tarde, introduzia a chave na fechadura da porta da frente e entrava no vazio abafadiço do apartamento. As paredes encardidas ainda retinham o cheiro de cozinha. Havia diversos envelopes espalhados sobre o linóleo gasto, sujos e pisoteados por visitantes anteriores. A lâmpada pendia nua no vestíbulo, e a porta dando para a sala de estar estava aberta. À direita ficava a escada, à esquerda, a cozinha.

Gabriel parou um instante, depois foi até a cozinha. Das janelas, encortinadas até metade com algodão precisando lavar, ele ergueu os olhos para o grande edifício negro nos fundos do apartamento, uma parede lisa, com exceção de uma janelinha quadrada bem alta, no quinto pavimento. Daquela janelinha, dezesseis anos atrás, é que ele espiara Denis Speller e Eileen Morrissey representarem sua pequena e banal tragédia até o fim.

Gabriel não tinha o direito de espiá-los, como tampouco tinha qualquer direito de ficar no prédio depois das dezoito horas. Este havia sido o ponto essencial de seu terrível dilema. Acontecera por

acaso. O Sr. Maurice Bootman o incumbira, como arquivista da firma, de examinar os papéis do falecido Sr. Bootman na salinha do andar de cima, para o caso de haver alguma coisa que devesse ser arquivada. Não eram papéis confidenciais ou importantes - estes já haviam sido examinados pela família e procuradores da firma, meses antes. Agora tratava-se apenas de uma miscelânea, uma coleção de memorandos amarelados e antigos, velhas contas, recibos e desbotados recortes de jornal, que tinham sido enfeixados e colocados na mesa de trabalho do velho Sr. Bootman. Em vida, ele havia sido um grande colecionador de ninharias.

Entretanto, no fundo da última gaveta do lado esquerdo Gabriel tinha encontrado uma chave. Foi por casualidade que a experimentou na fechadura do armário de canto. E, no armário, Gabriel descobriu a pequena mas selecionada coleção de pornografia do finado Sr. Bootman.

Ele sabia que tinha de ler os livros; não apenas aproveitando-se de minutos sub-reptícios, com um ouvido atento a pisadas na escada ou ao gemido do elevador aproximando-se, sempre temendo que fosse notada a sua ausência da sala de arquivos em que trabalhava. Não, teria que lê-los em privacidade e sossego. Então, idealizou um plano.

Não foi difícil. Como pessoa de confiança entre os empregados, ele tinha uma das chaves Yale para a porta lateral onde eram entregues mercadorias. À noite, era trancada por dentro pelo porteiro, antes de encerrado seu expediente. Não foi difícil para Gabriel, sempre dos últimos a sair, encontrar oportunidade de destrancar os ferrolhos, antes de ir embora pela porta principal, em companhia do porteiro. Arriscava-se a isso apenas um dia na semana, e o escolhido foi a sexta-feira.

la depressa para casa, fazia sua refeição solitária ao lado do bico de gás em seu sala-quarto, depois voltava ao prédio e nele entrava pela porta do lado. Havia necessidade apenas de, na manhã de segunda-feira, ficar esperando que o escritório abrisse e postar-se entre os primeiros que entravam, para poder trancar a porta lateral

antes que o porteiro fizesse a visita ritual, a fim de destrancá-la para as entregas daquele dia.

Aquelas noites de sexta-feira tornaram-se uma desesperada, embora vergonhosa, alegria para Gabriel. O padrão era sempre o mesmo. Ele se sentava encolhido na baixa poltrona de couro do velho Sr. Bootman, diante da lareira, os ombros encurvados sobre o livro em seu colo, os olhos acompanhando a poça de luz da lanterna que ia movendo acima de cada página. Gabriel nunca ousara acender a luz da sala e tampouco usava a lareira a gás, inclusive nas mais frias noites. Receava que o silvo do fogo pudesse encobrir o som de pés aproximando-se, que o clarão talvez aparecesse através das grossas cortinas da janela ou que, de algum modo, o cheiro do gás pairando ali dentro até a manhã da segunda-feira seguinte o denunciasse. Sentia um medo mórbido de ser descoberto, mas esse medo aumentava o excitação de seu secreto prazer.

Foi na terceira sexta-feira de janeiro que os viu pela primeira vez. Fazia uma noite amena, porém estava nublada e sem estrelas. A chuva que caíra mais cedo enlameara as calçadas e borrava os garranchos dos cartazes que anunciavam as manchetes dos jornais. Gabriel limpou os pés cuidadosamente antes de subir para o quinto andar. A claustrofóbica sala recendia a azedo e poeira, sendo o ar ali dentro mais frio que o da noite lá fora. Ele refletiu se ousaria abrir a janela, para deixar penetrar um pouco da suavidade do céu lavado pela chuva.

Então, viu a mulher. Abaixo dele ficavam as entradas dos fundos das duas lojas, cada uma encimada por um apartamento. Um dos apartamentos tinha as janelas tapadas com tábuas, porém o outro dava a impressão de ser habitado. Chegava-se a ele por um lance de degraus de ferro, que levavam a um pátio asfaltado. Ele viu a mulher ao clarão de uma lâmpada de iluminação da rua quando, parada ao pé dos degraus, remexia o interior de sua bolsa. Então, como que ganhando decisão, ela subiu depressa os degraus e quase atravessou correndo o pátio, até a porta do apartamento.

Ele espiou, enquanto a mulher se confundia com as sombras da entrada, girava rapidamente a chave na fechadura e desaparecia de vista. Gabriel teve tempo apenas de reparar que ela vestia uma capa impermeável de tom pálido, abotoada até em cima sob uma cabeleira clara, e levava uma sacola de barbante, como se contendo mantimentos. Aquilo parecia uma chegada em casa estranhamente furtiva e solitária.

Gabriel esperou. Quase imediatamente viu a luz ser acesa no aposento à esquerda da porta. Talvez ela estivesse na cozinha. Ele podia ver-lhe a sombra esfumada indo para cá e para lá, encurvando-se e depois alongando-se. Adivinhou que a mulher tirava os mantimentos da sacola. Então, a luz do aposento apagou-se.

Durante alguns instantes o apartamento ficou na obscuridade. Depois surgiu luz na janela do andar de cima, agora mais viva, permitindo-lhe ver melhor a mulher. Ela talvez ignorasse o quanto melhor era percebida. As cortinas estavam fechadas, porém eram finas. Talvez os proprietários não esperassem ser espionados e tinham ficado descuidados. Embora a silhueta da mulher fosse apenas um leve borrão, Gabriel podia ver que carregava uma bandeja. Provavelmente ia comer seu jantar na cama. Agora ela se despia.

Ele podia vê-la erguendo as peças de roupa acima da cabeça e torcendo-se para ficar livre das meias, depois tirar os sapatos. De repente, a mulher chegou bem perto da janela, deixando perceptível o contorno do corpo. Parecia estar vigiando e escutando. Gabriel percebeu que continha a respiração. Então ela se afastou, e a claridade da luz diminuiu. Sem dúvida apagara a lâmpada do teto e estava usando a da cabeceira. O aposento agora ficara iluminado por um clarão rosado e mais suave, dentro do qual a mulher se movia, insubstancialmente, como um sonho.

Gabriel permaneceu com o rosto pressionado contra a janela fria, ainda espiando. Pouco depois das vinte horas, o rapaz chegou. Gabriel sempre pensou nele como "o rapaz". Mesmo daquela distância, eram aparentes a sua juventude, sua vulnerabilidade.

Aproximou-se do apartamento com mais firmeza do que a mulher, mas também depressa, fazendo uma pausa no alto dos degraus, como que para avaliar a extensão do pátio lavado pela chuva.

Ela devia estar esperando que ele batesse à porta. Deixou-o entrar imediatamente, a porta mal se abrindo. Gabriel sabia que ela estava nua, quando o deixou entrar. E então, eram duas as sombras no andar de cima, sombras que se encontravam e separavam, que tornavam a unir-se antes de se moverem e juntarem, até a cama, saindo do campo visual de Gabriel.

Na sexta-feira seguinte, ele espiou para ver se os dois apareciam novamente. Eles chegaram, com a mesma regularidade, a mulher primeiro, às dezenove e vinte, o rapaz quarenta minutos mais tarde. Mais uma vez Gabriel permaneceu rigidamente atento em seu posto de observação, enquanto a luz na janela do andar de cima era acesa, depois diminuindo de intensidade. As duas figuras nuas, vistas difusamente por trás das cortinas, moviam-se de um lado para outro, juntavam-se e separavam-se, fundiam-se e afastavam-se, na própria ritualística de uma dança.

Nesta sexta-feira, Gabriel esperou até que eles fossem embora. O rapaz saiu primeiro, esgueirando-se rapidamente pela porta entreaberta e quase saltando pelos degraus abaixo, como se em exultante alegria. A mulher o seguiu cinco minutos mais tarde, trancando a porta ao sair e caminhando a toda pressa pelo asfalto, de cabeça baixa.

Depois disso, ele os espiou todas as sextas-feiras. Aqueles dois o mantinham mais fascinado do que os livros do Sr. Bootman. A rotina de ambos praticamente não mudava. Às vezes o rapaz chegava um pouco atrasado, e Gabriel via a mulher esperando por ele imóvel, por trás das cortinas do quarto. Também ele ficava com a respiração suspensa, partilhando a agonia da impaciência da mulher, ansiando para que o rapaz chegasse. Em geral, ele vinha com uma garrafa debaixo do braço, mas certa semana a trouxera em uma cesta para vinho, que era carregada com enorme cuidado. Talvez fosse algum aniversário a comemorar, uma noite especial

para eles. A mulher sempre levava a sacola de mantimentos e sempre os dois comiam juntos no quarto.

Sexta-feira após sexta-feira, Gabriel se postava no escuro, de olhos fixos naquela janela do andar de cima, esforçando-se em decifrar os contornos dos dois corpos nus, retratando o que deviam estar fazendo.

Fazia sete semanas que eles se encontravam, quando aquilo aconteceu. Nessa noite, Gabriel chegou tarde ao prédio. Seu ônibus costumeiro não estava rodando e o primeiro a chegar vinha lotado. Quando finalmente ele chegou ao seu posto de observação, já havia luz acesa no quarto. Apertou o rosto contra a vidraça, empanando-a com sua respiração quente. Esfregou-a rapidamente com o punho do casaco, a fim de limpá-la, e tornou a espiar. Por um momento, julgou que havia duas figuras no quarto, mas aquilo certamente seria algum truque da luz. O rapaz só deveria chegar daí a uns trinta minutos, porém a mulher tinha sido pontual, como sempre.

Vinte minutos mais tarde, ele foi ao lavatório, no andar de baixo. Havia ficado muito mais confiante durante as últimas poucas semanas e agora se movia pelo prédio, silenciosamente, usando apenas sua lanterna como luz, mas com quase a mesma segurança de durante o dia. Ao retornar à janela, seu relógio acabara de marcar as vinte horas e, inicialmente, imaginou ter perdido a chegada do rapaz. Não, a figura ágil nesse instante corria pelos degraus acima e cruzava o asfalto até o abrigo da entrada.

Gabriel ficou espiando, enquanto ele batia e esperava que a porta se abrisse. Entretanto, ela continuou fechada. A mulher não apareceu. Havia luz no quarto, mas nenhuma sombra movendo-se atrás das cortinas. O rapaz tornou a bater. Gabriel chegava a detectar o tremor dos nós dos dedos contra a porta. Ele esperou de novo. Então, recuando, olhou para a janela iluminada. Talvez estivesse arriscando-se a um chamado em voz baixa. Gabriel nada podia ouvir, mas sentia a tensão daquela figura à espera.

O rapaz bateu mais uma vez. E mais uma vez não houve resposta. Gabriel ficou espiando e sofrendo com ele até que, às vinte horas e vinte minutos, o rapaz finalmente desistiu e deu meia-volta. Gabriel também estirou as pernas com câibras e saiu para a noite. O vento aumentava e uma lua recente passeava através das nuvens esfiapadas. Começava a esfriar. Ele não usava casaco, cujo calor lhe fazia falta. Encolhendo os ombros contra a mordida do vento, compreendeu ser aquela a última sexta-feira que iria ao prédio fora de horas. Para ele, como para aquele desolado rapaz, isto era o fim de um capítulo.

Gabriel leu a primeira notícia do assassinato em seu jornal matinal, a caminho do trabalho na segunda-feira seguinte. Imediatamente identificou a foto do apartamento, embora lhe parecesse curiosamente estranho, com o punhado de detetives à paisana conferenciando junto à porta e o fleumático policial uniformizado no alto dos degraus.

Até aí, a história era superficial. Uma Sra. Eileen Morrisey, de trinta e quatro anos, havia sido encontrada morta a facadas em um apartamento de Camden Town, já alta noite de domingo. A descoberta fora obra dos inquilinos, Sr. e Sra. Kealy, que voltavam de uma visita aos pais do Sr. Kealy, chegando à casa bem tarde no domingo. A morta, mãe de duas gêmeas com doze anos, era amiga da Sra. Kealy. O inspetor-chefe, detetive William Holbrook, estava incumbido da investigação. Sabia-se que a morta havia sido violentada.

Gabriel dobrou o jornal com o mesmo cuidado de todos os dias. Naturalmente, teria que contar à polícia o que vira. Não podia deixar um homem inocente sofrer, pouco importando os inconvenientes para si mesmo. Era calidamente satisfatória a certeza de sua intenção, de seu espírito público endereçado à justiça. Pelo restante do dia ele se moveu vagarosa e silenciosamente em redor de seus arquivos, com a secreta complacência do homem disposto ao sacrifício.

De algum modo, no entanto, seu plano inicial de ligar para um posto policial quando fosse para casa deu em nada. Não havia

nenhum motivo para agir precipitadamente. Se prendessem o rapaz, então falaria. Por enquanto, seria ridículo prejudicar sua reputação e pôr seu emprego em risco, sem ao menos saber se o rapaz era suspeito. Talvez a polícia nunca ficasse sabendo de sua existência. Comunicar agora o que sabia poderia apenas concentrar suspeitas sobre o inocente. Um homem prudente aguardaria. Gabriel decidiu ser prudente.

O rapaz foi preso três dias mais tarde. Gabriel tornou a ler a respeito, em seu jornal matutino. Desta vez não havia foto, somente alguns detalhes. A notícia tinha que competir com a fuga domiciliar de um membro da sociedade e um grave desastre aéreo, não tendo saído na primeira página. Dois centímetros e meio de letras impressas saltavam brevemente à vista: "Denis John Speller, um ajudante de açougueiro, de dezenove anos, que forneceu um endereço em Muswell Hill, foi hoje acusado pelo assassinato da Sra. Eileen Morrissey, a mãe das gêmeas de doze anos, esfaqueada na última sexta-feira, em um apartamento em Camden Town."

Sendo assim, a polícia agora sabia precisamente qual tinha sido a hora da morte. Talvez fosse o momento de ir procurá-la. No entanto, como ter certeza de que esse Denis Speller era o jovem amante que ele tinha espiado, naquelas anteriores noites de sexta-feira? Uma mulher daquelas - bem, poderia ter tido qualquer número de homens. Nenhuma foto do acusado seria publicada em qualquer jornal, antes do julgamento. Entretanto, mais informações surgiram da audiência preliminar. Gabriel decidiu esperar por ela. Afinal de contas o acusado talvez nem fosse levado a julgamento.

Por outro lado, tinha que levar a si mesmo em consideração. Houvera tempo para refletir em sua posição. Se a vida do jovem Speller estivesse em perigo, então, claro, Gabriel contaria o que tinha visto. Isto, no entanto, significaria o fim de seu emprego na Bootman's. Pior ainda, jamais conseguiria outro. O Sr. Maurice Bootman tomaria providências nesse sentido. Ele, Gabriel, ficaria estigmatizado como um indivíduo de mente suja, um voyeur rasteiro, um espreitador que estava desejando comprometer seu meio de vida com uma ou duas horas lendo um livro censurável e

uma oportunidade para espionar a felicidade de outras pessoas. O Sr. Maurice ficaria aborrecido demais com a publicidade para perdoar o homem que a provocara.

Além disso, seria alvo de zombaria no restaurante da firma. O caso se tornaria a melhor pilhéria em muitos anos, cômica, patética e fútil. O pedante, respeitável e puritano Ernest Gabriel, finalmente descoberto! Eles nem mesmo lhe dariam crédito por dizer o que sabia. Simplesmente não lhes ocorreria que ele poderia perfeitamente ter ficado de boca fechada.

Se pelo menos pudesse pensar em um bom motivo para a sua presença no prédio aquela noite! Entretanto, não havia nenhum. Dificilmente poderia alegar que ficara para trabalhar até mais tarde, quando fizera toda questão de sair junto com o porteiro. De nada adiantaria dizer que voltara mais tarde para atualizar seus arquivos, pois estes sempre estavam em dia, como ele se orgulhava de apontar. Sua própria eficiência o contrariava.

Por outro lado, Gabriel não era bom em mentiras. A polícia jamais aceitaria sua história sem investigar. Depois de já terem ficado tanto tempo trabalhando naquele caso, era difícil acreditar que dessem boa acolhida à sua revelação de novas evidências. Gabriel podia visualizar o círculo de rostos severos e acusadores, a civilidade oficial mal dissimulando a aversão e desdém que sentiam. Não fazia sentido antecipar tal provação, antes de ter certeza dos fatos.

Após a audiência preliminar, no entanto, finda a qual Denis Speller foi reconduzido à prisão para posterior julgamento, os mesmos argumentos pareceram igualmente válidos. A esta altura já sabia que Speller era o amante visto por ele. De fato, nunca houvera muito lugar para dúvidas. A esta altura, também, os contornos do caso eram aparentes para a Coroa. A acusação buscava provar que se tratava de um crime passional e que o rapaz, atormentado pela ameaça da amante em abandoná-lo, a tinha matado por ciúmes ou vingança. O acusado, por sua vez, negaria ter entrado no apartamento aquela noite, insistiria em

declarar que tinha batido à porta e ido embora. Só Gabriel poderia confirmar sua história. Contudo, ainda era prematuro falar.

Ele resolveu esperar pelo julgamento. Dessa maneira, avaliaria a força da Coroa no caso. Se houvesse uma probabilidade de o veredito ser "Não Culpado", ele poderia ficar calado. Se a situação ficasse arriscada, então havia um excitação, uma medrosa fascinação ante a idéia de levantar-se em meio ao silêncio do tribunal lotado e dar o seu testemunho diante de todos os presentes. O questionamento, as críticas e a notoriedade viriam mais tarde. Ele, no entanto, já teria tido seu momento de glória.

Ficou surpreso e um tanto desapontado pelo tribunal. Esperara um ambiente mais grandioso, mais dramático para a justiça, do que aquela sala moderna, prática e séria. Tudo era calmo e ordenado. Não havia uma multidão à porta, lutando por assento. Aquele nem mesmo era um julgamento popular.

Deslizando para seu assento na parte dos fundos, Gabriel espiou em torno, a princípio apreensivamente, depois com mais confiança. Entretanto, não precisaria preocupar-se. Ali não havia nenhum conhecido. Em verdade, era um amontoado monótono de pessoas, que dificilmente mereceriam presenciar, pensou ele, o drama que ia ser representado diante delas. Alguns dos presentes davam a impressão de que poderiam ser colegas de Spel ler ou vizinhos de rua. Todos pareciam constrangidos e mostravam o ar levemente furtivo de quem se encontra em ambientes desacostumados ou intimidantes. Havia uma mulher magra, de roupas pretas, chorando caladamente em um lenço. Ninguém prestava atenção nela; ninguém a consolava.

De quando em quando, uma das portas no fundo da sala se abria silenciosamente e um recém-chegado se esgueirava para seu assento, de maneira quase furtiva. Quando isto acontecia, a fileira de rostos se virava momentaneamente para ele, sem interesse, sem identificação, e os olhos voltavam a concentrar-se na esguia figura ocupando o banco de réus.

Gabriel também olhava fixamente para o acusado. A princípio, ousava apenas olhares passageiros, desviando o rosto de repente, como se cada espiada fosse um risco desesperado. Era improvável que os olhos do prisioneiro encontrassem os seus, que ele soubesse, de algum modo, estar ali o homem que poderia salvá-lo e, portanto, fazer-lhe um apelo angustiado. Após arriscar dois ou três espiadas, no entanto, Gabriel percebeu que nada tinha a recear. Aquela figura solitária não via ninguém, não se preocupava com quem quer que fosse, além de consigo mesma. Tratava-se apenas de um rapaz desnorteado e aterrorizado, de olhos voltados para dentro de si próprio, para algum inferno particular. Ele parecia um animal acuado, sem esperança e chances de fuga.

O juiz era rotundo, de rosto corado, o queixo mergulhado nas faixas de gordura do pescoço. Tinha mãos pequenas, que repousavam sobre a mesa à sua frente, exceto quando

ele tomava notas. Então, o Procurador da Coroa parava de falar por um momento, para depois continuar com mais vagar, como se ansioso em não apressar Sua Excelência, fitando-o como pai preocupado em explicar algo com lenta deliberação a um filho não muito inteligente.

Não obstante, Gabriel sabia onde se situava o poder. As mãos rechonchudas do juiz, entrelaçados os dedos sobre a mesa, como a paródia de uma criança rezando, tinham a vida de um homem dentro de seu domínio. Em todo o tribunal havia apenas uma pessoa com mais poder do que aquela figura de faixa escarlate, importante sob o brasão esculpido. E era ele, Gabriel. Tal percepção chegou-lhe em um surto de exultação, imediatamente embriagadora e enchendo-o de satisfação. Ele acalentou consigo mesmo esse conhecimento, triunfalmente. Era uma nova sensação, aterrorizantemente doce.

Olhou em torno, para os rostos solenes e observadores, perguntando-se como ficariam eles, caso se pusesse em pé e declarasse o que sabia. Falaria com firmeza, confiante. Eles não conseguiriam amedrontá-lo. Diria: "Excelência, o acusado é

inocente! Ele bateu à porta e foi embora. Eu, Gabriel, fui testemunha disso!"

O que aconteceria então? Era impossível prever. O juiz suspenderia a sessão, para que pudessem ir a seus aposentos e ouvi-lo em audiência privada? Ou Gabriel seria logo chamado para dar seu depoimento no banco das testemunhas? Uma coisa era certa - não haveria estardalhaço, nenhuma histeria.

Entretanto, supondo-se que o juiz se limitasse a expulsá-lo da sala, e que a autoridade fosse apanhada desprevenida demais para acatar o que Gabriel tinha dito. Ele podia ver o juiz inclinando-se para diante com irritação, a mão no ouvido, enquanto os policiais no fundo da sala avançariam em silêncio para arrastar dali o infrator. Com certeza, naquele calmo e asséptico ambiente, onde a justiça em si parecia um ritual acadêmico, a voz da verdade seria uma mera e vulgar intrusão. Ninguém lhe daria crédito. Ninguém o ouviria. Eles haviam montado aquele elaborado cenário para que sua peça fosse represen-tada até o fim. Não iriam agradecer-lhe por estragar tudo agora. O tempo de falar já passara.

Ainda que acreditassem nele, agora não teria crédito algum por intervir. Seria acusado de deixar seu depoimento para tão tarde, de permitir que um homem inocente chegasse tão perto do patíbulo. Isso, se Speller fosse inocente, claro está. E quem poderia afirmá-lo? Diriam que Speller batera à porta e tinha ido embora, apenas para voltar mais tarde e praticar o crime. Ele, Gabriel, não ficara na janela o tempo todo, esperando para ver. Portanto, seu sacrifício seria em vão.

Podia também ouvir as vozes sarcásticas dos colegas do escritório: "Vá a gente confiar no velho Gabriel, que deixa as coisas para o último minuto! Covarde nojento! Tem lido muitos livros obscenos ultimamente, Arcanjo?" A firma o poria no olho da rua sem, ao menos, ele ter o consolo de fazer boa figura aos olhos do público.

Oh, e ainda motivaria manchetes, sem dúvida. Podia até imaginá-las: Sensação em Old Bailey^{18} Homem Confirma Alibi de

Acusado! Somente, não se tratava de álibi. O que ficaria provado, em realidade? Todos o encarariam como um infrator da moral e dos bons costumes, um pequeno e patético voyeur, covarde demais para ter ido à polícia mais cedo. E, ainda assim, Denis Speller seria enforcado.

Uma vez passado o momento da tentação e já absolutamente certo de que não ia falar, Gabriel começou a divertir-se. Afinal de contas, não era todo dia que alguém podia apreciar a justiça britânica em atividade. Ele ouviu, anotou, avaliou. Aprovou o procurador da Coroa. Com sua testa alta, nariz aquilino, rosto ossudo e inteligente, parecia muito mais distinto do que o juiz. Aquela era a aparência que um advogado famoso devia ter. Ele expunha seu caso sem paixão, quase sem demonstrar interesse. Entretanto, era assim que funcionava a lei, Gabriel bem sabia. O procurador não tinha o dever de trabalhar por uma condenação. Seu papel era expor, com eqüidade e justeza, o caso pela Coroa.

Ele convocou suas testemunhas. Sra. Brenda Kealy, esposa do inquilino do apartamento. Uma prostitutazinha comum, loura e elegantemente vestida, se é que Gabriel já vira uma. Oh, ele conhecia bem o tipo, sem dúvida. Podia adivinhar o que sua mãe diria sobre ela. Qualquer um podia perceber em que ela estava interessada. E, pelo seu jeito, devia ser regularmente bem servida também nesse setor. Trajada para um casamento. Uma leviana, se é que já vira uma!

Fungando em seu lenço, e respondendo às perguntas do procurador em voz tão baixa que o juiz precisou pedir-lhe que falasse mais alto, ela disse que sim, que concordara em emprestar o apartamento a Eileen, nas noites de sexta-feira. Ela e seu marido visitavam os pais dele no Southend, todas as sextas-feiras. Sempre partiam assim que ele fechava a loja. Não, seu marido ignorava o arranjo. Ela dera à Sra. Morrisey a chave sobressalente do apartamento, sem consultá-lo. Que soubesse, não existia outra chave a mais. Por que fizera isso? Bem, tinha pena de Eileen, que a pressionara. Ela achava que os Morrisey não viviam bem.

Aqui, o juiz interveio delicadamente, lembrando que a testemunha devia limitar-se a responder às perguntas do procurador. Ela se virou para ele.

- Eu estava apenas querendo ajudar Eileen, Excelência.

Então, surgiu a carta. Foi passada para a lamuriosa mulher no banco das testemunhas e ela confirmou que a recebera da Sra. Morrisey. Lentamente, a carta foi recolhida pelo funcionário do tribunal e majestaticamente transferida ao procurador, que começou a lê-la em voz alta:

Brenda querida,

Afinal, estaremos mesmo no apartamento, na sexta-feira. Achei melhor comunicar-lhe, caso você e Ted mudem seus planos. Entretanto, definitivamente, será a última vez. George está começando a desconfiar e devo pensar nas crianças. Eu sempre soube que isto um dia ia terminar. Obrigada por ter sido tão amiga.

Eileen

A voz comedida, de classe superior, cessou. Olhando para os jurados, o procurador baixou a carta lentamente. O juiz inclinou a cabeça e fez outra anotação. Houve um momento de silêncio no tribunal. Então, a testemunha foi dispensada.

A sessão prosseguiu no mesmo tom. Houve o jornaleiro do final da Moulton Street que se lembrava de Speller comprando um Evening Standard pouco antes das vinte horas. O acusado carregava uma garrafa debaixo do braço e parecia muito satisfeito. Ele não tinha dúvidas de que seu freguês era o acusado.

Houve a mulher do dono do bar Sol Nascente, na esquina de Moulton Mews com High Street, que declarou haver servido um uísque ao prisioneiro, pouco depois de vinte horas e meia. Ele não

ficara lá muito tempo, apenas o suficiente para beber seu uísque. Dava a impressão de muito perturbado. Sim, ela tinha certeza absoluta de que se tratava do acusado. Um bom punhado de fregueses poderia confirmar seu depoimento. Gabriel perguntou-se por que o procurador se preocupara em convocá-los, até perceber que Speller tinha negado a visita ao Sol Nascente e também negara que precisava de um drinque.

Houve George Edward Morrisey, descrito como empregado de uma agência imobiliária, homem de rosto fino, lábios comprimidos, rígido em seu melhor terno de sarja azul. Ele declarou que seu casamento tinha sido feliz, que de nada soubera. Sua esposa lhe havia dito que passava as primeiras horas das noites de sexta-feira aprendendo cerâmica, no Conselho Municipal da cidade. Soaram risinhos abafados no tribunal. O juiz franziu o cenho.

Em resposta às perguntas do procurador, Morrisey disse que ficava em casa, cuidando das crianças, que ainda eram novas demais para serem deixadas sozinhas à noite. Sim, permanecera em casa na noite em que sua esposa fora morta. Sua morte fora um grande abalo para ele. A ligação de sua esposa com o acusado significara um terrível choque. Ele pronunciou a palavra "ligação" com irado desprezo, como se ela fosse amarga em sua língua. Nem uma só vez olhou para o prisioneiro.

Houve a evidência médica - sórdida, específica, misericordiosamente clínica e breve. A vítima tinha sido violentada e então recebera três estocadas, através da veia jugular. Houve o depoimento do empregador do acusado, que contribuiu com uma história vaga e imperfeitamente substanciada a respeito de um espeto para carne desaparecido. Houve a senhoria do prisioneiro, testemunhando que ele chegara em casa, na noite do assassinato, parecendo aflito, não tendo ido trabalhar na manhã seguinte. Alguns fios eram finos. Alguns, como a evidência do açougueiro, obviamente mostravam pouco peso, mesmo aos olhos da acusação. Entretanto, quando unidos, iam tecendo uma corda suficientemente forte para enforçar um homem.

A defesa fez o melhor que pôde, mas o advogado tinha o ar desanimado de quem sabe estar predestinado ao fracasso. Convocou testemunhas para afirmarem que Speller era um rapaz dócil e bondoso, amigo generoso, bom filho e irmão. Os jurados acreditaram nelas. Também acreditaram que ele havia matado a amante. A defesa convocou o acusado. Speller foi uma testemunha fraca, inconvincente, quase muda. Gabriel pensou que teria ajudado se o rapaz mostrasse algum sinal de piedade pela mulher morta. Entretanto, ele parecia tão absorvido em seu próprio perigo que não sobravam pensamentos para quem quer que fosse. O perfeito medo expulsa o amor, pensou Gabriel. Ficou satisfeito com o aforismo.

O juiz recapitulou com escrupulosa imparcialidade, apresentando aos jurados uma exposição sobre a natureza e valor das provas circunstanciais e uma interpretação da

expressão "dúvida razoável". Foi ouvido com respeitosa atenção. Era impossível adivinhar o que se passava atrás daqueles doze pares de olhos vigilantes, anônimos. Entretanto, eles não demoraram muito.

Quarenta minutos após interrompida a sessão, a fim de que os jurados deliberassem, eles estavam de volta. O prisioneiro reapareceu no banco dos réus e o juiz formulou a pergunta de praxe. O primeiro jurado deu a resposta esperada, em voz alta e clara:

- Culpado, Excelência!

Ninguém pareceu surpreso. O juiz explicou ao prisioneiro que ele havia sido considerado culpado pela morte horrível e impiedosa da mulher que o tinha amado. Com o rosto tenso e pálido, o prisioneiro fitava o juiz com olhos arregalados, como se ouvisse apenas pela metade. A sentença foi pronunciada, tendo soado duplamente horrível, quando dita naqueles suaves tons judiciais. Gabriel olhou interessado, em busca do gorro preto mas, com surpresa e certo desapontamento, viu que era apenas um quadrado de algum tecido preto, pousado inadequadamente no alto da peruca do juiz. Os

jurados receberam agradecimentos. O juiz recolheu suas anotações, como um negociante limpando sua mesa de trabalho, no final de um dia movimentado. O tribunal ficou de pé. O prisioneiro foi levado embora. Tudo havia terminado.

O julgamento provocou poucos comentários no escritório. Ninguém sabia que Gabriel comparecera. Seu dia de folga "por motivos particulares" fora aceito com tão pouco interesse quanto qualquer ausência sua anterior. Era demasiado solitário, demasiado impopular, para ser incluído nos mexericos do escritório. Em sua sala empoeirada e mal-iluminada, insulado por fi leiras de móveis para arquivos, ele era um objeto de vaga antipatia ou, no máximo, de piedosa tolerância. A sala dos arquivos nunca fora um centro para agradáveis conversas de colegas. Entretanto, ele ouviu a opinião de um membro da firma.

Na véspera do julgamento, o Sr. Bootman entrou no escritório geral de jornal na mão, enquanto Gabriel distribuía a correspondência da manhã.

- Vejo que deram um jeito em nosso probleminha local - disse o Sr. Bootman. -Aparentemente, o sujeito vai para a forca. Uma boa coisa também. Parece ter sido a costumeira e sórdida história de paixão proibida e estupidez geral. Um assassinato absolutamente banal.

Ninguém replicou. O pessoal do escritório permaneceu em silêncio, depois despertou para a vida. Talvez todos achassem que nada mais havia para ser dito.

Foi pouco depois do julgamento que Gabriel começou a sonhar. Era sempre o mesmo sonho, ocorrendo cerca de três vezes na semana. Ele caminhava com dificuldade por um deserto, debaixo de um sol vermelho-sangue, tentando chegar a um forte distante. Às vezes conseguia enxergar o forte claramente, embora este nunca ficasse mais perto. Havia um pátio interno cheio de gente, uma silenciosa multidão de preto, os rostos voltados para uma plataforma central. Sobre a plataforma via-se um patíbulo, curiosamente elegante, com dois grossos postes a cada lado e uma

peça atravessada, formando uma curvatura delicada, da qual pendia a corda da forca.

Como o patíbulo, as pessoas não eram da época presente. Era um povaréu vitoriano, as mulheres em xales e chapéus, os homens de cartola ou chapéus-coco de abas curtas. Gabriel via sua mãe lá também, o rosto fino delineado sob o véu de viúva. De repente, ela começava a chorar e, enquanto chorava, o rosto ia mudando, transformava-se no daquela mulher lacrimosa do julgamento. Gabriel ansiava chegar até ela desesperadamente, querendo consolá-la. No entanto, a cada passo, afundava ainda mais na areia.

Agora havia pessoas na plataforma. Uma delas, como sabia, devia ser o diretor da prisão, de cartola, fraque, suíças e expressão séria. Suas roupas eram de um cavalheiro vitoriano, mas o rosto sob uma barba luxuriante era o do Sr. Bootman. Ao lado dele estava o capelão, de batina e colarinho clerical, ladeado por dois guardas de prisão, os casacos escuros abotoados até junto ao pescoço.

O prisioneiro estava abaixo da corda da forca. Usava calções e uma camisa aberta ao peito, mostrando um pescoço tão alvo e delicado como o de uma mulher. Podia ter sido aquele outro pescoço, tão esguio se mostrava. O prisioneiro cruzava o deserto com o olhar, fitando Gabriel, não com um apelo desesperado, mas com imensa tristeza nos olhos. E, desta vez, Gabriel sabia que tinha de salvá-lo, tinha de chegar lá a tempo.

A areia, no entanto, travava seus tornozelos doloridos e, embora gritasse que estava indo, indo, o vento, como uma quente rajada de fornalha, dilacerava as palavras de sua garganta ressequida. Suas costas, arqueadas até quase se dobrarem, estavam empoladas pelo sol. Ele não usava casaco. De algum modo, preocupava-se irracionalmente com a falta do casaco, com algo que acontecera àquela peça e que ele precisava lembrar.

Enquanto se arrastava para diante, patinhando no alagadiço arenoso, ele podia ver o forte tremeluzindo nas ondas do calor. Depois começou a afastar-se da vista, ficando mais difuso e mais

distante, até finalmente tornar-se apenas um borrão entre as dunas longínquas. Ele ouviu um grito agudo e desesperador que vinha do pátio - e então acordou, para saber que tinha sido a sua voz e que o calor úmido em sua testa era suor, não sangue.

No relativo equilíbrio da manhã, ele analisou o sonho e percebeu que a cena era a retratada em uma folha informativa vitoriana, a qual tinha visto certa vez, na vitrine de um livreiro antiquário. Segundo recordava, ali era mostrada a execução de William Corder, pelo assassinato de Maria Marten, no celeiro vermelho. A lembrança o consolou. Pelo menos, continuava em contato com o mundo tangível e sensato.

A tensão, no entanto, evidentemente o estava deprimindo. Era hora de concentrar a mente em seu problema. Gabriel sempre tivera uma boa mente, algo benéfico ao seu trabalho. Daí, naturalmente, o motivo dos demais funcionários se ressentirem com ele. Agora era o momento de usá-la. Com que se preocupava, exatamente? Uma mulher tinha sido assassinada. De quem era a culpa? Não havia várias pessoas dividindo a responsabilidade?

Antes de mais nada, aquela loura leviana, por ter emprestado o apartamento. O marido, capaz de ser iludido com tamanha facilidade. O rapaz que a afastara de seu dever para com o marido e as filhas. A própria vítima - principalmente ela. O salário do pecado é a morte. Pois bem, a mulher recebera o seu salário. Um homem não tinha sido suficiente para ela.

Gabriel tornou a evocar a sombra difusa contra as cortinas do quarto, os braços erguidos quando a mulher puxara a cabeça do rapaz para seu seio. Imoral. Repugnante. Imundo. Os adjetivos enodoaram sua mente. Bem, ela e o amante haviam tido seu divertimento. Era justo que os dois pagassem por isso. Ele, Ernest Gabriel, não estava preocupado com o fato. Apenas por mera casualidade os vira, ao espiar por aquela janelinha no alto, somente por casualidade presenciara Speller batendo à porta, para depois ir novamente embora.

Estava sendo feita justiça. Ele testemunhara Sua Majestade, a beleza de sua integridade essencial, durante o julgamento de Speller. Considerava-se parte disso. Se falasse agora, um adúltero poderia até continuar em liberdade. Seu dever era claro. Desapareceria para sempre a tentação de falar.

Foi com tal estado de ânimo que Gabriel se juntou ao pequeno e calado grupo reunido fora da prisão, na manhã da execução de Speller. Como os demais homens presentes, à primeira batida das oito horas, tirou o chapéu. Fitando o céu profundo acima dos muros da prisão, ele experimentou de novo a cálida exultação de sua autoridade e poder. Era de sua parte, por ordem de Gabriel, que o carrasco sem nome, lá dentro, estava exercendo seu medonho ofício...

Isso, no entanto, há dezesseis anos. Quatro meses depois do julgamento, a firma em expansão e cônica da necessidade de um melhor endereço, mudara-se de Camden Town para o norte de Londres. Gabriel se mudara com ela. Era um dos poucos empregados que se lembravam do prédio antigo. Agora, os funcionários entravam e saíam rapidamente, não havia mais senso de lealdade ao emprego.

No fim do ano, quando Gabriel aposentou-se, dos dias da velha Camden Town restavam apenas o Sr. Bootman e o porteiro. Dezesseis anos. Dezesseis anos do mesmo emprego, do mesmo sala-quarto, da mesma antipatia meio tolerante dos colegas. Entretanto, ele tivera seu momento de poder. Recordava-o agora, passeando os olhos pela sórdida salincha de estar com seu papel de parede se rasgando, suas tábuas manchadas do assoalho. Havia parecido diferente, dezesseis anos atrás.

Ele recordava a localização do sofá, o lugar exato em que ela tinha morrido. Recordava outras coisas - o disparar de seu coração, enquanto cruzava o asfalto; a batida rápida à porta; a intromissão através da porta entreaberta, antes que ela percebesse não estar recebendo o amante; o corpo nu que recuava para a sala de estar; o esguio pescoço alvo; o golpe dado com seu estilete do arquivo,

tão fácil como perfurar borracha macia. O aço penetrara com tanta facilidade, tão docemente.

E havia algo mais que fizera com ela. No entanto, era melhor não relembrar esse algo. Após isso, ele tornara a levar o estilete para o escritório e o mantivera sob a torneira do lavatório até não permanecer mais qualquer mancha de sangue. Então, tornara a colocá-lo na gaveta de sua mesa de trabalho, com meia dúzia de outros estiletos iguais. Nada mais havia que pudesse distingui-lo, mesmo a seus olhos.

Tinha sido tudo tão fácil! O único sangue fora um esguicho em seu punho direito, ao retirar o estilete. E tinha queimado o casaco, na fomalha do escritório. Ainda recordava o sopro quente em seu rosto, ao jogá-lo lá dentro, bem como as cinzas espalhadas, como areia, debaixo de seus pés.

Nada restara para ele, com exceção da chave do apartamento. Vira-a em cima da mesa da sala de estar e a levara consigo. Agora, retirando-a do bolso, comparou-a com a que recebera na agência de imóveis, colocando-as lado a lado sobre a palma aberta. Sim, eram idênticas. Haviam mandado fazer outra, porém ninguém se preocupara em trocar a fechadura.

Gabriel ficou olhando para a chave, tentando recordar o excitação daquelas semanas em que tanto fora juiz como executor. Entretanto, nada pôde sentir. Fazia muito tempo que ocorrera aquilo. Tinha cinqüenta anos então; agora estava com sessenta e seis, velho demais para sentir alguma coisa. Depois recordou as palavras do Sr. Bootman. Afinal de contas, era um assassinato absolutamente banal.

Na manhã da segunda-feira, quando recolhia a correspondência na caixa, a jovem da agência de imóveis comentou com o gerente:

- Que curioso! O velhote que pegou a chave para o apartamento de Camden Town devolveu uma errada. Esta aqui não tem a nossa etiqueta colada. A menos que ele a tenha arrancado. Ora, mas por que ele faria isso?

Deixou a chave em cima da mesa do gerente e colocou diante do homem a pilha de cartas para ele. O gerente olhou casualmente para a chave.

- Seja como for, é a chave certa - trata-se da única desse tipo que ainda temos. Talvez a etiqueta tenha ficado frouxa e caiu. Você devia colocá-Ias com mais cuidado.

- Pois foi o que eu fiz! - protestou a jovem, ofendida. O gerente pestanejou.

- Pois então torne a etiquetá-Ia, coloque-a de volta no lugar e, pelo amor de Deus, não crie caso, seja uma boa garota.

Ela tornou a fitá-lo, pronta para replicar. Depois deu de ombros. Agora que pensava nisso, ele sempre se mostrava um pouco esquisito sobre aquele apartamento de Camden Town.

- Está bem, Sr. Morrisey - respondeu.

Tradução de Luísa Ibañez

POLICIAL BRASILEIRO

92. SE EU FOSSE SHERLOCK HOLMES

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (1867-1934 | Brasil)

Pioneiro indiscutível do policial no Brasil, numa época em que se desconhecia o gênero entre nós ou se lhe torcia o nariz, coube a um literato e membro da Academia Brasileira de Letras, apaixonado pelas histórias de Conan Doyle, escrever (aliás, o primeiro livro brasileiro de contos policiais) Se eu Fosse Sherlock Holmes. Medeiros e Albuquerque tem presença na nossa antologia com estas histórias que casam policial e ficção política, outra raridade entre nós. Medeiros e Albuquerque também coordenou e foi um dos autores junto com Coelho Neto, Viriato Corrêa e Afrânio Peixoto, do primeiro romance policial brasileiro: O Mistério, editado por Monteiro Lobato, em 1920.

Os romances de Conan Doyle me deram o desejo de empreender alguma façanha no gênero das de Sherlock Holmes. Pareceu-me que deles se concluiu que tudo estava em prestar atenção aos fatos mínimos. Destes, por uma série de raciocínios lógicos, era sempre possível subir até o autor do crime.

Quando acabara a leitura do último dos livros de Conan Doyle, meu amigo Alves Calado teve a oportuna nomeação de delegado auxiliar. Íntimos, como éramos, vivendo juntos, como vivíamos, na mesma pensão, tendo até escritório comum de advocacia, eu lhe tinha várias vezes exposto minhas idéias de "detetive". Assim, no próprio dia de sua nomeação ele me disse:

- Eras tu que devias ser nomeado!

Mas acrescentou, desdenhoso das minhas habilidades:

- Não apanhavas nem o ladrão que roubasse o obelisco da Avenida!

Fi-lo, porém, prometer que, quando houvesse algum crime, eu o acompanharia a todas as diligências. Por outro lado levei-o a chamar a atenção do seu pessoal para que, tendo notícia de qualquer roubo ou assassinato, não invadisse nem deixasse ninguém invadir o lugar do crime.

- Alta polícia científica - disse ele, gracejando.

Passei dias esperando por algum acontecimento trágico, em que pudesse revelar minha sagacidade. Creio que fiz mais do que esperar: cheguei a desejar.

Uma noite, fui convidado por Madame Guimarães para uma pequena reunião familiar. Em geral, o que ela chamava "pequenas reuniões" eram reuniões de vinte a trinta pessoas, da melhor sociedade.

Dançava-se, ouvia-se boa música e quase sempre ela exhibia algum "número" curioso: artistas de teatro, de "music-hall" ou de circo, que contratava para esse fim. O melhor,

porém, era talvez, a palestra que então se fazia, porque era mulher inteligente e só convidava gente de espírito. Fazia disso questão.

A noite em que eu lá estive entrou bem nessa regra.

Em certo momento, quando ela estava cercada por uma boa roda, apareceu Sinhazinha Ramos. Sinhazinha era sobrinha de Madame Guimarães; casara-se pouco antes com um médico de grande clinica. Vindo só, todos lhe perguntaram:

- Como vai seu marido?

- Tem trabalho por toda a noite, com uma cliente.

- É admirável como os médicos casados têm sempre clientes noturnas.

- Má língua! - replicou ela. - Ele sempre os teve. Outra senhora, Madame Caldas, acudiu:

- Os maridos, quando querem passar a noite fora de casa, acham sempre pretextos. Voltei-me para o Dr. Caldas, que era advogado, e interpelei-o:

- Tem a palavra o acusado!

O Dr. Caldas não gostou da afirmação da mulher. Resmungou apenas:

- Tolices de Adélia. ..

O embaraço dele se dissipou, porque Madame Guimarães perguntou à sobrinha:

- Onde deixaste tua capa?

- No automóvel. Não quis ter a maçada de subir.

A casa era de dois andares e Madame Guimarães, nos dias de festas, tomava a si arrumar capas e chapéus femininos no seu quarto:

- Serviço de vestiário é exclusivamente comigo. Não quero confusões.

Fechado esse parêntesis, a conversa voltou ao ponto em que estava. Declarei, então, que tinha pensado em casar-me. Antes, porém, procurara obter um lugar na Inspetoria de Iluminação. Mesmo de graça, me servia.

- Nunca a iluminação se veria tão bem fiscalizada... Pelo menos seria isso que teria sempre para dizer a minha mulher.

Concluí melancolicamente:

- Não arranjei o lugar, não me casei.

Houve quem sorrisse. Sempre se encontram, felizmente, pessoas polidas, que fingem achar espirituosas mesmo as coisas mais insipidas.

Nisto, uma das senhoras presentes veio despedir-se de Madame Guimarães. Precisava de seu chapéu. A dona da casa que, para evitar trocas e desarrumações, era a única a penetrar no quarto que transformara em vestiário, levantou-se e subiu para ir buscar o chapéu da visita, que desejava partir.

Não se demorou muito tempo. Voltou com a fisionomia transtornada:

- Roubaram-me. Roubaram o meu anel de brilhantes. ..

Todos se reuniram em torno dela. Como era? Como não era? Não havia, aliás, nenhuma senhora que não o conhecesse: um anel com três grandes brilhantes de um certo mau gosto espetaculoso, mas que valia de 60 a 80 contos.

Sherlock Holmes gritou dentro de mim: "Mostra o teu talento, rapaz!"

Sugeri logo que ninguém entrasse no quarto. Ninguém. Era preciso que a polícia pudesse tomar as marcas digitais que por acaso houvesse na mesa de cabeceira de Madame Guimarães. Porque era lá que tinha estado a jóia.

Saltei ao telefone, toquei para o Alves Calado, que se achava de serviço nessa noite, e preveni-o do que havia, recomendando-lhe que trouxesse alguém, perito em datiloscopia. Ele respondeu de lá com a sua troça habitual:

- Vais afinal entrar em cena com a tua alta policia científica?

Objetou-me, porém, que a essa hora não podia achar nenhum perito. Aprovou, entretanto, que eu não consentisse ninguém entrasse no quarto. Subi então com todo o grupo para fecharmos a porta a chave. Antes de se fechar, era, porém, necessário que Madame Guimarães tirasse as capas que estavam no seu leito. Todos ficaram no corredor, mirando, comentando. Eu fui o único que entrei, mas com um cuidado extremo, um cuidado um tanto cômico de não tocar em coisa alguma. Como olhasse para o teto e para o assoalho, uma das senhoras me perguntou se estava jogando "o carneirinho-carneirão, olhai p'ra o céu, olhai p'ra o chão".

Retiradas as capas, o zum-zum das conversas continuava. Ninguém tinha entrado no quarto fatidico. Todos o diziam e repetiam.

Foi no meio dessas conversas que Sherlock Holmes cresceu dentro de mim. Anunciei:

- Já sei quem furtou o anel.

De todos os lados surgiam exclamações. Algumas pessoas se limitavam a interjeições: "Ah!" "Oh!". Outras perguntavam quem tinha sido.

Sherlock Holmes disse o que ia fazer, indicando um gabinete próximo:

- Eu vou para aquele gabinete. Cada uma das senhoras aqui presentes fecha-se ali em minha companhia por cinco minutos.

- Por cinco minutos? - indagou o Dr. Caldas.

- Porque eu quero estar o mesmo tempo com cada uma, para não se poder concluir da maior demora com qualquer delas, que essa foi culpada. Serão para cada uma cinco minutos cronométricos.

O Dr. Caldas voltou, gracejando:

- Mas V. veja o que faz. Não procure namorar minha mulher, senão eu lhe dou um tiro. Houve uma hesitação. Algumas diziam estar acima de qualquer suspeita, outras

que não se submetiam a nenhum inquérito policial. Venceu, porém, o partido das que diziam "quem não deve não teme". Eu esperava, paciente. Por fim, quando vi que todas estavam resolvidas, lembrei que seria melhor quem fosse saindo, despedir-se e partir.

E a cerimônia começou. Cada uma das senhoras esteve trancada comigo justamente os cinco minutos que eu marcara.

Quando a última partiu, saiu do gabinete, achei à porta, ansiosa, Madame Guimarães:

- Venha comigo - disse-lhe eu.

Aproximei-me do telefone, chamei o Alves Calado e disse-lhe que não precisava mais tomar providência alguma, porque o anel fora achado.

Voltando-me para Madame Guimarães entreguei-o então. Ela estava tão nervosa que me abraçou e até beijou freneticamente.

Quando, porém, quis saber quem fora a ladra, não me arrancou nem uma palavra.

No quarto, ao ver Sinhazinha Ramos entrar, tínhamos tido, mais ou menos, a seguinte conversa:

- Eu não vou deitar verdes para colher maduros, não vou armar cilada alguma. Sei que foi a senhora que tirou a jóia de sua tia.

Ela ficou lívida. Podia ser medo. Podia ser cólera. Mas respondeu firmemente:

- Insolente! É assim que o senhor está fazendo com todas, para descobrir a culpada?

- Está enganada. Com as outras converso apenas, conto-lhes anedotas. Com a senhora, não; exijo que me entregue o anel.

Mostrei-lhe o relógio para que visse que o tempo estava passando.

- Note - disse eu - que tenho uma prova. Posso fazê-la ver a todos. Ela se traiu, pedindo:

- Dê sua palavra de honra que tem essa prova!

Dei. Mas o meu sorriso lhe mostrou que ela, sem dar por isso, confessara indiretamente o fato.

- E já agora - acrescentei - dou-lhe também a minha palavra de honra que nunca ninguém saberá por mim o que fez.

Ela tremia toda.

- Veja que falta um minuto. Não chore. Lembre-se que precisa sair d'aqui com uma fisionomia jovial. Diga que estivemos falando de modas.

Ela tirou a jóia do seio, deu-m'a e perguntou:

- Qual é a prova?

- Esta - disse-lhe eu, apontando para uma esplêndida rosa-chá que ela trazia. -É a única pessoa, esta noite, que tem aqui uma rosa amarela. Quando foi ao quarto de sua tia, teve a infelicidade de deixar cair duas pétalas dela. Estão junto da mesa de cabeceira.

Abri a porta. Sinhazinha compôs magicamente, imediatamente, o mais encantador, o mais natural dos sorrisos e saiu dizendo:

- Se este Sherlock fez com todas o mesmo que comigo, vai ser um fiasco absoluto. Não foi fiasco, mas foi pior.

Quando Sinhazinha chegara, subira, logo. Graças à intimidade que tinha na casa, onde vivera até a data do casamento, podia fazer isso naturalmente. Ia só para deixar a sua capa dentro de um armário. Mas, à procura de um alfinete, abriu a mesinha de cabeceira, viu o anel, sentiu a tentação de roubá-lo e assim fez. Lembrou-se que tinha de ir para a Europa daí a um mês. Lá venderia a jóia. Desceu então novamente com a capa e mandou pô-la no automóvel. E como ninguém a tinha visto subir, pôde afirmar que não fora ao andar superior.

Eu estraguei tudo.

Mas a mulherzinha se vingou: a todos insinuou que provavelmente o ladrão tinha sido eu mesmo, e vendo o caso descoberto antes da minha retirada, armara aquela encenação para atribuir a outrem o meu crime.

O que sei é que Madame Guimarães, que sempre me convidava para as suas recepções, não me convidou para a de ontem... Terá talvez sido a primeira a acreditar na sobrinha.

93. A MORTE DO PRESIDENTE

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Quando o anúncio da morte do Presidente apareceu, a surpresa foi geral. Nada a fazia prever.

A Censura tinha publicado contra ele um artigo violentíssimo, em que o dava como o mais corrupto dos chefes de Estado que até aí tínhamos tido. O artigo não tinha meias-palavras. O título gritava: Presidente Ladrão!

Assim que a notícia da morte se divulgou, a redação fez recolher os números da primeira edição e imprimiu a segunda, cujo artigo editorial clamava, não menos sinceramente, o que se devia pensar do homem que morrera: O fim de um homem de bem!

Antes de eu ser nomeado ministro, era meu costume das 4 às 5 "fazer a Avenida". Passeava lentamente. Conversava com os amigos. Detinha-me em alguns pontos em que habitualmente se reuniam pessoas de certa notoriedade.

Feito, de súbito, ministro, quis continuar o mesmo programa: não usava automóvel. De bonde ou de ônibus vinha todos os dias, à hora antiga, fazia o mesmo trajeto, as mesmas paradas. Com receio de esquecer alguém, cuja fisionomia me escapasse, assim que alguém me fitava um pouco demoradamente, parecendo cobrar-me um cumprimento, eu tomava a iniciativa de fazê-lo.

Todas as manhãs visitava alguma das oficinas do Governo. Ia sem me fazer anunciar. Providenciava sobre tudo o que pudesse trazer bem-estar para os operários. E a verdade era que estavam agora sadios, limpos, bem-arranjados.

Os operários, a princípio, me tinham acolhido com certa desconfiança. Depois, pouco a pouco, já se animavam; já me faziam reclamações, de que eu tomava nota e a que atendia sempre que era possível. Tinha formalmente proibido os empregados superiores da Estrada de me acompanharem. Ia

sempre só. Acabara por ser acolhido como um camarada. Se alguém me falava em pessoa doente na família, eu tomava nota, decorava-a e quando, dias depois, reaparecia não deixava de indagar do estado do doente, para o qual, sempre que o podia, obtinha entradas em hospitais, cuidados particulares.

A verdade é que, para cultivar a minha popularidade crescente, trabalhava muito.

Nesse dia, eu passava pela frente de um grande jornal, quando vi afixar um boletim: Morte do Presidente da República. A notícia dizia concisamente que o Chefe do Estado sucumbira a um colapso cardíaco, absolutamente inesperado.

Dentro de mim, a consciência gritou: foste tu que o mataste! Mas felizmente os gritos da Consciência não são ouvidos pelos circunstantes...

Ninguém compreendera por que eu fora nomeado ministro - e logo ministro da Viação. Só eu mesmo o sabia. Tudo resultara de um plano hábil e terrível, que tivera sucesso.

Um belo dia, o Presidente da República havia recebido uma carta anônima. Ela lhe dizia que o autor queria que ele nomeasse para o cargo de Ministro da Viação um dos nomes da lista que se seguia. E vinha, por ordem alfabética, uma série de 25 nomes. Entre eles estava o meu: o único aceitável. Os outros eram de operários comunistas, de tipos sem compostura, de inimigos pessoais do Presidente. Eu era aí uma espécie de "carta forçada". A ter de se fazer a escolha naquele menu, não havia remédio senão tomar-me.

O missivista prevenia o Presidente que, a partir daquele dia até que ele fizesse a nomeação, iria matando várias pessoas gradas. Para que ele visse que essa ameaça não era vã, preveni-lo-ia sempre com antecedência do que ia morrer. Começaria por homens notáveis, indiferentes ou inimigos do Chefe do Estado, passaria a parentes desse e acabaria, se fosse preciso, por ele mesmo. Chamava-lhe a atenção para que a sua demora em ceder à intimação custaria um número de vidas cada vez maior. E acabava anunciando: Hoje mesmo ou amanhã morrerá o Senador Eustorgio.

O Presidente achou a carta sem importância, amassou-a e ia jogá-la ao cesto de papéis inúteis, quando se lembrou de fazer perguntar para o Senado se o Senador Eustorgio lá estivera.

Disseram-lhe que sim.

Ele amassou o papel e deu-lhe o destino natural. Mas, uma hora depois, o telefone retiniu e a notícia chegou:

- Acabava de morrer o Senador Eustorgio.

- De quê? Não se sabia de quê. Fora o caso de repente. Acreditava-se que tivesse sido do coração.

O Presidente fez buscar o cesto de papéis sujos, que já um contínuo tinha tirado, procurou a carta e guardou-a.

É difícil descrever o estado em que ficou.

Ele era um homem alto, seco, nervoso, muito arrebatado. Nada disse a ninguém sobre a carta, que guardara cuidadosamente na sua carteira; mas multiplicou os interrogatórios sem resultado. Sabia-se apenas que o Senador Eustorgio estivera no Senado, muito bem-disposto, muito alegre. No caminho para casa, queixou-se de uma pontada, tomou um automóvel, chegou quase sem poder falar e pouco depois falecia.

O Presidente estava assombrado. Mas o seu assombro chegou ao cúmulo, quando, no dia imediato, alguém telefonou ao seu secretário para lhe transmitir este recado:

- Diga a S. Exa. que hoje é a vez do Deputado Malta.

E poucas horas depois chegava a notícia de que o Deputado Malta morrera exatamente do mesmo modo que o Senador Eustorgio.

Os olhos do Presidente arregalaram-se de um espanto enorme. Sentiu-se mal. Foi preciso que, a custo, o reanimassem.

Nenhum dos dois mortos era seu grande amigo. Mas o que enchia o Presidente de terror era que a ameaça da carta se estava cumprindo.

Chamou o chefe de Polícia e, embora sem lhe falar na carta que recebera, sugeriu que talvez os dois políticos tivessem sido vítimas de crimes, pedindo-lhe que visse se a família do deputado recém-falecido consentia na sua autópsia.

A sugestão do chefe de Polícia foi, porém, repelida com indignação. A família opôs-se absolutamente. O médico da casa declarou terminantemente que fora de uma crise cardíaca.

O Presidente, já então certo de que se tratava de uma série de crimes, vivia em um estado de nervosismo extraordinário. Copiou a lista dos candidatos, impostos a sua escolha para o Ministério da Viação e ordenou à polícia que os vigiasse de perto.

Quanto a mim, ninguém era mais fácil de vigiar. Minha vida era simples e regular. Ia diariamente ao meu escritório onde não recebia ninguém suspeito e não tratava senão de negócios da minha profissão.

Por outro lado, todos sabiam - os jornais o haviam noticiado - que eu ia partir para a Europa. Já reservara a passagem a bordo de um vapor alemão. Já pagara o sinal.

- De onde vinha então a ameaça?

O Presidente enlouquecia de preocupação.

No dia imediato uma carta expressa lhe dizia apenas:

"Hoje é o Ministro Simeão Chaves, do Supremo Tribunal."

Como a carta, embora expressa, fora retida algum tempo na portaria do Palácio Presidencial, chegou quando, minutos antes, viera a notícia fúnebre.

O horror do Presidente foi indescritível. Ninguém aliás o compreendia, porque a ninguém ele revelara a carta que recebera.

Viu, porém, que precisava agir. Mandou que chamassem imediatamente o ministro da Viação em exercício e, quando este,

sem adivinhar o motivo do chamado urgentíssimo, apareceu, ele lhe disse:

- Vou nomeá-lo Ministro do Supremo Tribunal.

O Ministro era formado em Direito. Nunca, porém, ninguém pensaria na sua indicação para tal cargo. Ele menos que ninguém. Acabou, porém, aceitando.

Feito isso, o Presidente mandou um ajudante de ordens convidar-me a ir ao Palácio.

O ajudante me encontrou em casa, de pijama, lendo os jornais da tarde. Transmitiu-me o convite do Presidente, sem compreender-lhe a razão de ser. Eu mostrei-me espantadíssimo. No entanto, o Chefe de Estado me recebeu com estas palavras:

- O sr. sabe provavelmente para que o mandei convidar. Eu repliquei com energia:

- Absolutamente, não. Se o Cardeal-Arcebispo me mandasse convidar, eu não teria maior surpresa.

O Presidente me disse então do que se tratava: convidava-me para Ministro da Viação e prometia-me toda a autonomia.

Era isso o que mais lhe pesava. Porque a carta cominatória exigia que ele desse ao ministro o máximo de autonomia, aprovando todos os seus atos, sem discutir. E isso não podia deixar de repugnar ao seu caráter dominador e autoritário.

Objetei a minha incompetência, tive a dose precisa de modéstia, mas acabei aceitando. E nessa mesma noite as notícias estranhas das estranhas nomeações encheram de espanto a cidade.

Anos antes, viajando no interior, eu estivera em relações com um velho caboclo que se especializara em curar dentaduras de cobras. Por outro lado, divertia-se a caçá-las e espremer-lhe o veneno em um frasquinho de rolha de vidro, que mantinha cuidadosamente fechado.

O vidro teria talvez umas trinta gramas de capacidade. Mas o caboclo freqüentemente o apontava, dizendo: "com isto se poderia matar todo homem vivente criado por esse mundo inteiro."

- Qual, João Francisco! Você está exagerando.

Ele sustentava, porém, o contrário - e era quem tinha razão.

Certa noite, vieram dizer-me que estava à morte. Fui vê-lo. Assisti-lhe aos últimos momentos e quando ia saindo notei o frasquinho, meti-o no bolso do colete e trouxe-o, sem que ninguém me visse.

Muito depois, eu vim a conhecer um operário polaco, muito hábil, mas já velho, que empreguei em minha casa. Era hábil, inteligente e cheio de idéias revolucionárias. Foi ele que me construiu uma espécie de espingarda de ar comprimido, cujo tubo não excedia o diâmetro de um milímetro e o comprimento de um metro. Tinha o formato de uma bengala, uma bengala simples, que não chamava em nada a atenção. Vi que se lhe poderia pôr como projétil um pedaço de agulha das que se usam nas seringas de injeções hipodérmicas - dois centímetros apenas.

Experimentei. Atirando a um metro de distância, o projétil minúsculo era no espaço quase invisível e enterrava-se bem, mesmo em uma tábua.

Enchi a agulha com o veneno ofídico e saí um dia para fazer a experiência. Postei-me ao lado do animal que puxava uma carroça de limpeza pública, parei naturalmente e, quando fingia acender o cigarro, calquei a mola e a agulha partiu, enterrando-se no animal, que fez enrugar o pêlo, como para espantar alguma mosca.

Afastei-me então e observei.

Menos de dez minutos após o animal deixou-se cair. Aproximei-me então cuidadosamente e quando o vieram buscar já ele estava morto. Por quê? Ninguém sabia. Só então me abri com Franz.

Aceitei os seus planos de revolução comunista e disse-lhe o que tinha a fazer. Em primeiro lugar, mudar-se. Eu lhe dei o necessário para alugar casa. Dei-lhe uma lista dos que deviam ser eliminados: nunca mais de um por dia.

- Como atacá-los.

Ele seguiria pela rua a vítima do dia, e quando estivesse a uns cinqüenta centime-tros de distância, com a bengala carregada na mão horizontalmente, apoiaria na mola, que ficava no meio, e a agulha partiria a enterrar-se nas nádegas ou nas costas da vítima. Por mais depressa que esta se voltasse não poderia acusar ninguém. Ninguém se lhe encostara. Franz seguiria naturalmente o seu caminho.

Expliquei-lhe então como iamós conseguir, grau por grau, o governo.

O Ministério da Viação era o das Estradas de Ferro, do grande operariado. Convinha começar por ele. Depois, eu faria, pelo mesmo processo, com que o Presidente se batesse pela minha candidatura para seu sucessor, e eliminaria, se tanto fosse preciso, os meus competidores. Franz era inteligente. Compreendeu tudo muito bem. Tinhamos mesmo previsto várias complicações, que não ocorreram.

No dia da minha nomeação, ele me apareceu. Estava um pouco alcoolizado. Isso me deu a noção do perigo daquele cúmplice que podia comprometer-me. Vi que era preciso eliminá-lo. Dei-lhe para isso a beber, não um cálice, mas um copo de licor fortíssimo. Lembrei-lhe que, como estávamos comemorando o primeiro passo para o advento da revolução à moda russa, era justo beber Kummell Russo. E foi disso que lhe enchi o copo. Uma dose formidável. Mas ele ingeriu tudo sem pestanejar. Pedi-lhe então que se sentasse na rua do lado de fora do portão do meu quintal, esperando por mim para sairmos juntos, mais tarde.

Ele obedeceu e adormeceu prontamente. Quando o vi em pleno sono, apliquei-lhe o mesmo processo que ele tão bem aplicara aos outros. No sono, sentindo a picada, levou apenas a mão para coçar o ponto machucado. Ali ficou, ali morreu. A polícia considerou a sua morte um caso de alcoolismo agudo.

As minhas relações com o Presidente eram boas. Via, porém, que ele nunca me sorria. Dando-lhe quaisquer papéis a assinar, eu

os explicava e pedia sempre a sua opinião. Ele, porém, me replicava:

- O que o Sr. quiser. .. O que o Sr. quiser... E assinava.

Nesse dia, porém, eu lhe levava um regulamento novo das Estradas de Ferro, em que instituía a semana de cinco dias. Nenhum operário trabalharia mais de dez horas por dia, nem mais de cinco dias por semana.

O Presidente ficou vermelho, congestionado, sem poder falar. Via-se que ele estava assombrado. Nem pôde dizer a sua frase habitual.

Fui cordato e cortês. Expliquei ao Presidente que em muitos serviços nos Estados Unidos já se aplicava a semana de cinco dias: dois dias de descanso para cinco de trabalho. Expus-lhe como se faria o revezamento dos trabalhadores e como isso, de certo, o tornaria popular com o operariado.

Ele não dizia uma palavra. Parecia que um trismus fortíssimo lhe cerrava os queixos e o impedia de emitir qualquer som.

Por fim, conseguiu vencer-se e disse-me apenas:

- Eu assino. .. Eu assino. .. Deixe aí.

E estendeu-me a mão, despedindo-me.

Eu via perfeitamente o que se passava no seu espírito. A medida lhe repugnava profundamente, mas ele tinha medo de negar a assinatura e tornar-se assim responsável por alguma nova morte. Depois, eu soube que após a minha saída ele se levantou, começou a passear no vasto salão de um lado para outro até que caiu morto.

Quando voltei ao Palácio, por ter visto a notícia sinistra, colegas me pediram notícias. Eu fora a última pessoa que falara ao Presidente.

Disse-lhes - e era verdade - que não tínhamos tido a menor questão, o menor desacordo; mas que já havia notado o seu estado pouco normal.

No dia seguinte, não era mais Ministro. Foi talvez para não me conservar que o vice-presidente, ao assumir o poder, renovou todo

o ministério.

- Recomeçar? Achar outro cúmplice?

Tive medo de mim mesmo. Acabo de entornar o frasco de veneno. A tentação podia voltar.

94. O ESTIGMA

MONTEIRO LOBATO (1882 -1948 | Brasil)

Foi tanto seu sucesso, que ainda hoje prossegue, da sua literatura infantil, que sua obra para adultos ficou em segundo plano. Monteiro Lobato se ressentia disso, e com razão. Além de contista de Urupês, Negrinha e Cidades Mortas, foi também advogado, jornalista, tradutor, editor - ocasião em que lançou novos escritores brasileiros, mas também alguns policiais americanos, traduzidos por ele mesmo, caso de O Pequeno César, de W.R. Burnett. O conto que se vai ler não é o único que escreveu que se pode considerar de suspense (como Bocatorta).

Fui um dia a Itaoca levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgadura.

- Não tem errada, é ir andando. Em caso de dúvida, pegue a trilha dos carros que vai certo.

Assim fiz e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porém, choveu à noite como só chove por aqueles socavões, e na primeira encruzilhada parei desnortado. Como o enxurro houvesse diluído todos os sulcos da carraria, ali fiquei alguns minutos feito o asno de Buridan, à espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não apareceu viv'alma, e minha impaciência empurrou-me ao acaso por uma das pernas do V embaçador. Caminhei cerca de hora na dúvida, até que a vista dum fazenda desconhecida me deu a certeza do transvio.

Resolvi portar. Abeiro-me do portão e gritei o "ó de casa". Abre-me um negro velho, ocupado em abanar feijão no terreiro.

- O patrãozinho é lá em cima, na casa-grande.

Dirijo-me para lá, depois de entregue o cavalo, e subo a escadaria de pedra fronteira ao casarão senhorial.

Um grupo de crianças brincava por ali, em torno de uma fogueirinha de cavacos fumarentos.

- Fumaça para lá, santinha para cá!

Ao avistarem-me, calaram-se e fugiram, com exceção da mais taluda, que permaneceu no lugar, esfregando os olhos avermelhados e lacrimosos do fumo.

- Papai está?

Estava e ia chamá-lo respondeu, esgueirando-se pela casa adentro.

As outras, com o dedinho na boca, via-as a me espiarem da porta, à qual logo assomou esbelta menina aí entre quatorze e dezesseis anos, de avental azul e corada como quem esteve a lidar em forno.

- Faça o favor de entrar! - disse-me com linda voz, sorridente, de passo que seus olhos vivos todo me examinavam d'alto a baixo, num relance.

- Sente-se e espere um bocadinho.

- A menina é filha do. ..

- Não, senhor. Prima. Mas moro aqui des'que morreram meus pais.

- Tão nova e já órfã !...

- De pai e mãe. Tinha seis anos quando os perdi na febre amarela de Campinas. O primo trouxe-me de lá e...

Aqui rangeu a porta e enquadrou-se nela o dono da casa. Reconhecemo-nos incontinenti, com igual espanto.

- Bruno! - berrou ele. - Que milagre!

- E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que esperava ver surgir um matutão desconfiado!

Abraços, explicações, perguntas atropeladas. Fausto não cessava de admirar a coincidência.

- Há quantos anos não nos vemos? Dez, no mínimo...

- Desd'a opa da colação de grau. Como passa o tempo!. .. Pois, meu caro, prendo-te por cá. Já não te vais daqui sem conhecer o meu seio de Abraão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões, a menina do avental não arredou pé da sala, e eu volta e meia regalava meus olhos na linda criatura que ela era. Fausto, percebendo-o, apresentou-ma.

- Laurita, minha prima ...

- Já nos conhecemos - disse eu.

- Onde? - exclamou Fausto surpreso.

- Daqui mesmo, de há cinco minutos.

- Farsista! Olha, Laura, vê lá que nos tragam o café para aqui!

A menina, ao retirar-se, pôs no andar esse requebro que o instinto aconselha às moças na presença de um homem casadoiro.

- Galantina, hein? - disse Fausto, mal se fechou a porta.

- Linda! - exclamei, carregando com fúria o i. - Que frescura! Que corado!

- O corado corre à conta do forno. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Família Leme, da Pedra Fria. Casei-me logo depois de formado, e aqui vivo alternando seis meses de roça com outros tantos de capital.

- Excelente vida! É o sonho de toda a gente.

- Não me queixo, nem quero outra.

- Colheste, então, o pomo da felicidade?

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento, a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

- Estou adivinhando, dona Laurita, que este foi enrolado pelas suas mãos! - galanteei eu, tomando um deles.

- Qual? - acudiu a menina. - Esse que tem marca de carretilha?

- Sim!

Ela desferiu a mais sonora das risadinhas.

- Justamente os que têm marca são da Lucrecia...

- Ora você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

- Os meus são estes - disse Laura, apontando os não carretilhados. Provei um, e:

- Realmente, a diferença é enorme. Novo pizzicato da menina.

- Pois a massa é a mesma e tudo tempero da Lucrecia... Fausto pôs fim aos meus desazos convidando-me para sair.

- Estás muito chucro no galanteio. Vem daí ver a criação, que é o melhor. Saímos e percorremos toda a fazenda, o chiqueirão dos canastrões, o cercado das

aves de raça, o tanque dos Pekins; vimos as cabras Toggenburg, o gado Jersey, a máquina de café, todas essas coisas comuns a todas as fazendas e que no entanto examinamos sempre com real prazer.

Fausto era fazendeiro amador. Tudo ali demonstrava logo dispêndio de dinheiro sem a preocupação da renda proporcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me a sua mulher.

Não condisse com o molde que cá tenho de boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia e provavelmente má.

Compreendi o caso do meu Fausto: casara rico. A fazenda viera-lhe às mãos por intermédio da esposa.

Na presença dela Fausto mudava de tom. De natural brincalhão, embezerrava-se numa sisudez que me era estranha; isso me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas.

Também Laurita se coibia, e as crianças mostravam um odioso bom comportamento de meter dó. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e mau de senhora absoluta.

Foi um alívio o erguer-nos da mesa. Fausto lembrara um giro pelos cafezais e como já estivessem arreadas as cavalgadas,

partimos. Sem demora voltou o meu amigo à expansibilidade anterior, com a alegre despreocupação dos anos acadêmicos. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou para o tema casamento.

- Aquele nosso horror à coleira matrimonial! Como esbanjávamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafunhado pelo escrivão... Lembras-te?

- E estamos a pagar a língua. É sempre assim na vida: a libérrima teoria por cima e a trama férrea das injunções por baixo. O casamento!... Não o defino hoje com o petulante entono de solteiro. Só digo que não há casamento - há casamentos. Cada caso é um especial.

- Tendo aliás de comum - disse eu - um mesmo traço: restrição da personalidade.

- Sim. É mister que o homem ceda cinqüenta por cento e a mulher outros tantos para que haja o equilíbrio razoável a que chamamos felicidade conjugal.

- "Felicidade conjugal", dizes bem, restringindo com o adjetivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafezal interrompeu-nos as confidências. Era setembro, e o aspecto das árvores estrelejadas de florinhas dava uma sensação farta de riqueza e futuro. Corremo-lo em parte, gozando o "prazer paulista" de ver ondular por espigões e grotas a onda verde-escura dos cafeeiros alinhados.

- No teu caso - perguntei - foste feliz? Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

- Não sei. Cedi os cinqüenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ela porém, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilíbrio ainda. ..

- E Laura? - perguntei estouvadamente...

Fausto voltou-se de golpe, ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, vacilante em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessássemos um sombrio trecho de caminho, com barrancos

acima, avencas viçosas, samambaias e begônias agrestes, disse apontando para aquilo:

- Sabes o que é uma face noruega? Cá tens uma. Não bate o sol. Muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou frutas. Sempre esta frialdade úmida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida. ..

Calou-se, e até à casa não mais pronunciou uma só palavra. Compreendi a situação do meu querido Fausto, e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

Deixei o Paraíso, que assim se chamava a fazenda, com três impressões n'alma: deliciosa, a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, corada como as romãs; penosa, a da megera entrevista na criatura feia e má, rica o suficiente para adquirir marido como quem adquire um animal de luxo. A terceira não a define aí qualquer adjetivo espipado -complexa, sutil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago pressentir duma equação sentimental cujos termos - o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto -vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, às cabriolas.

Nunca tornei àquelas bandas, nem o acaso me fez encontradiço com qualquer das três personagens.

Este mundo, entretanto, é uma bola pequenina. Volvidos vinte anos, estava eu parado diante duma vitrina no Rio de Janeiro, quando alguém me cutucou as costelas.

- Tu, Fausto!

- Eu sim, Bruno!

Envelhecera Fausto quarenta anos naqueles vinte de desencontro, e o tempo murchara-lhe a expansibilidade folgazã. Enquanto palestrávamos, uma a uma subiam-me à tona da memória as cenas e pessoas do Paraíso, a fascinante Laurita à frente. Perguntei por ela em primeiro.

- Morta! - foi a resposta seca e torva.

Como nas horas claras do verão nuvem erradia tapando às súbitas o sol põe na paisagem manchas mormacentas de sombras, assim aquela palavra nos velou a ambos a alegria do encontro.

- E tua mulher? Os filhos?

- Também morta, a mulher. Os filhos, por aí, casados uns, o último ainda comigo. Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é pára-raios que nos ponha a salvo de coriscos a cabeça. Moro na rua tal; aparece lá à noite que te contarei a minha história - e gaba-te, pois serás a única pessoa a quem revelarei o inferno que me saiu o Paraíso ...

Eis o que ouvi:

- Quando a febre amarela em Campinas orfanou Laurita, eu, como o parente mais bem condicionado, trouxe-a a morar conosco. Tinha ela cinco anos e já prenunciava nas graças infantis a encantadora menina que seria.

Eu estava casado de fresco e errara no casamento. Minha mulher - não o suspeitaste naquele jantar? - era uma criatura visceralmente má.

O "má" na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões. Quando ouvires de uma mulher que é má, não peças mais: foge a sete pés. Se eu fora refazer o Inferno, acabaria com tantos círculos que lá pôs o Dante, e em lugar meteria de guarda aos precitos uma dúzia de megeras. Haviam de ver que paraíso eram, em comparação, os círculos...

Confesso que não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmo da magistratura e a vitória rápida do casamento rico. Optei pela vitória rápida, descu-rioso de sondar para onde me levaria a áurea vereda. O dote, grande, valia, ou pareceu-me valer, o sacrifício. Errei. Com a experiência de hoje, agarrava a mais reles das promotorias. O viver que levamos não o desejo como castigo ao pior celerado.

- A face noruega!...

- Era exata a comparação, gélida como nos corria o viver conjugal no período em que, iludidos, contemporizávamos, tentando um equilíbrio impossível. Depois tornou-se-nos infernal.

Laura, à proporção que desabrochava, reunia em si quanta formosura de corpo, alma e espírito um poeta concebe em sonhos para meter em poemas. Conluiava-se nela a beleza do Diabo, própria da idade, com a beleza de Deus, permanente - e o pobre do teu Fausto, um exilado em fria Sibéria matrimonial, coração virgem de amor, não teve mão de si, sucumbiu. No peito que supunha calcinado viçou o perigosíssimo amor dos trinta anos.

O vê-la deslizando por ali como a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um vaso, ora a ameigar os pequenos, já curando os doentes pobres da fazenda, sempre irradiando beleza, felicidade e graça, foi-se-me tornando a razão do viver. Todas as generosidades e todas as coragens dos anos adolescentes borbulharam em meu peito. Compreendi a minha desgraça: era um cego a quem restituíam os olhos e que, deslumbrado, via do fundo de um cárcere, através das reixas encruzadas, a aurora, a luz, a vida, tudo inacessível... Vitimava-me a pior casta de amor - o amor secreto...

Correra m meses.

Ao cabo, ou porque me traísse o fogo interno ou porque o ciúme desse à minha mulher uma visão de lince, tudo leu ela dentro de mim, como se o coração me pulsasse num peito de cristal. Conheci, então, um lúgubre pedaço de alma humana: a caverna onde moram os dragões do ciúme e do ódio. O que escabujou minha mulher contra os "amásios"!

A caninana envolvia no mesmo insulto a inocência ignorante e a nobreza dum sentimento puríssimo, recalcado no fundo do meu ser. Intimou-me a expulsá-la incontinenti. Resisti.

Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida e de modo a me trair perante ela e todo o mundo. Era a primeira vez que eu depois de casado resistia, e tal firmeza encheu de assombro a "senhora". Tenho cá na visão o riso de desafio que nesse momento lhe crispou

a boca, e tenho n'alma as cicatrizes das áscuas que espirraram aqueles olhos.

Apanhei a luva.

Estas guerras conjugais portas adentro!... Não há aí luta civil que se lhe compare em cruieza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, continha-se. Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira causa da perseguição. A sós comigo, porém, que inferno!

Durou pouco isso. Escrevi a parentes, e dava os primeiros passos para a arrumação de Laura, quando. ..

Não te recordas do bosque de pinheiros plantados em seguimento ao pomar?

- O pinhal d'Azambuja!

- Foi o nome que lhe pus, como andassem uns lagartões, seus fregueses, a me pilharem as capoeiras. Esse pinhal era o passeio favorito de Laura. Emboscava-se nele com um livro, ou com a costura, e dess'arte sossegava um momento da inferneira doméstica.

Um dia em que saí à caça, menos pela caçada do que para retemperar-me da guerra caseira na paz das matas, ao montar a cavalo vi-a dirigir-se para lá com o cestinho de costura.

Demorei-me mais do que o usual, e em vez de paca trouxe uma longa meditação desanimadora, feita de papo acima, inda me lembro, sob a fronte de enorme guabirobeira. Ao pisar no terreiro, vi as crianças a me esperarem na escada, assustadinhas.

- "Papai, não viu Laura?"

- "Laura?"

Estranhei a pergunta, e mais ainda vendo aproximar-se a velha Lucrecia, que disse:

- "Não vá ter acontecido alguma para Nhá Laurita, patrão! Saiu cedo, antes do café, já é quase noite e nada de voltar."

- "A senhora ...", comecei eu a perguntar não sabia ainda o quê.

- "Sinhá está no quarto. Andou pelo pomar, voltou e se trancou por dentro. Não quer enxergar ninguém, parece que comeu cobra. .."

O coração palpitou-me violento e saí em procura de Laurinha. Indaguei no terreiro: ninguém a vira. Lembrei-me do pinhal e organizei uma alvorçada batida ao bosque. Com fachos incendidos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante.

- "Nada!"

Eu desanimava já de encontrá-la por ali, quando um capataz, desgarrado à frente,

gritou:

- "Está aqui um cestinho!"

Corremos todos. Estava lá o cestinho de costura, mais adiante... o corpo frio da menina.

Morta, à bala!

A blusa entreaberta mostrava no entresseio uma ferida: um pequeno furo negro donde fluía para as costelas fina estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revólver.

Suicidara-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, conveniências, tudo, e beijei-a longamente entre arquejos e sacões de angústia.

Trouxeram-na a braços. Em casa, minha mulher, então grávida, recusou-se a ver o cadáver com pretexto do estado, e Laura desceu à cova sem que ela por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: "Minha mulher não viu o cadáver da menina."

Dias depois, humanizou-se. Deixou a cela, voltando à vida do costume, muito mudada de gênio, entretanto. Cessara a exaltação ciumenta do ódio, sobrevindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquíssimas palavras lhe ouvi daí por diante.

A mim, o suicídio de Laura, sobre sacudir-me o organismo como o pior dos terremotos, preocupava-me como insolúvel enigma.

Não compreendia aquilo.

Suas últimas palavras em casa, seus últimos atos, nada induzia o horrível desenlace. Por que se mataria Laura? Como conseguira o revólver, guardado sempre no meu quarto, em lugar só de mim e de minha mulher sabido?

Uma inspeção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta ou escrito indicioso.

Mistério!

Mas correram os meses e um belo dia minha mulher deu à luz um menino. Que tragédia! Dói-me a cabeça o recordá-la.

A velha Lucrécia, auxiliar da parteira, foi quem veio à sala com a notícia do bom sucesso.

- "Desta vez foi um menino!", disse ela. "Mas nasceu marcado. .."

- "Marcado?"

- "Tem uma marca no peito, uma cobrinha coral de cabeça preta." Impressionado com a esquisitice, dirigi-me para o quarto. Acerquei-me da criança e desfiz as faixas o necessário para examinar-lhe o peitinho. E vi ... vi um estigma que reproduzia com exatidão o ferimento de Laurinha: um núcleo negro, imitante ao furo da bala, e a "cobrinha", uma estria enviesada pelas costelas abaixo.

Um raio de luz inundou-me o espírito. Compreendi tudo. O feto em formação nas entranhas da mãe fora a única testemunha do crime e, mal nascido, denunciava-o com esmagadora evidência.

- "Ela já viu isto?" - perguntei à parteira.

- "Não! Nem é bom que veja antes de sarada."

Não me contive. Escancarei as janelas, derramei ondas de sol no aposento, despi a criança e ergui-a ante os olhos da mãe; dizendo com frieza de juiz:

- "Olha, mulher, quem te denuncia!"

A parturiente ergueu-se de golpe, recuou da testa as madeixas soltas e cravou os olhos no estigma. Esbugalhou-os como louca, à

medida que lhe alcançava a significação.

Depois ergueu-se de golpe, e pela primeira vez aqueles olhos duros se turvaram ante a fixidez inexorável dos meus. Em seguida moleou o corpo, descaindo para os travesseiros, vencida.

Sobreveio-lhe uma crise à noite. Acudiram médicos. Era febre puerperal sob forma gravíssima. Minha mulher recusou obstinadamente qualquer medicação e morreu sem uma palavra, fora as inconscientes escapas nos momentos de delírio. . .

Mal concluíra Fausto a confidência daqueles horrores, abriu-se a porta e entrou na sala um rapazinho imberbe.

- Meu filho - disse ele -, mostra ao Bruno a tua cobrinha.

O moço desabotoou o colete; entreabriu a camisa. Pude então ver o estigma. Era perfeita ilusão: lá estava a imagem do orifício aberto pelo projétil e o do fio de sangue escorrido.

Veja você, concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

- Caprichos de Nêmesis. .. - ia eu dizendo, mas o olhar do pai cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fora ele próprio eloqüente delator.

95. A MORTE NO ENVELOPE

LUIZ LOPES COELHO (1911-? | Brasil)

O livro A Morte no Envelope do paulista Luiz Lopes Coelho é apresentado, em outras antologias, como "o primeiro volume de contos policiais escrito em nosso idioma" (o que não é acurado: esta primazia cabe a Medeiros e Albuquerque, com o seu Se eu Fosse Sherlock Holmes). Foi lançado pela antiga Civilização Brasileira - que lançaria mais tarde seu segundo livro O Homem que Matava Quadros - e recebeu críticas boas de leitores bem-dotados como Otto Maria Carpeaux, que escreveu sobre ele uma ótima resenha no Correio da Manhã. Um dos pioneiros do gênero entre nós, sua presença nesta antologia se fazia necessária.

A descoberta do envenenamento da esposa, "ignorante, insensível e gorda criatura", fez o marido, Sílvio Cardenacci, dar com os costados na Penitenciária, obrigando-o a substituir seu avental de médico por uma espécie de pijama de zuarte.

Outro presidiário, um jovem advogado, falsificara o testamento de abastado cliente para impedir que a herança passasse às mãos da viúva, indigna de recebê-la, segundo afirmava, porque traía o marido. .. Acrescendo-se a essa espantosa fidelidade profissional um estelionato contra determinado banco, encontram-se as razões por que Armando Sinval usava, diariamente, o mesmo pijama azulado.

O mundo dos criminosos também é pequeno. Embora procurasse disfarçar, Sinval perturbou-se quando Cardenacci entrou, acompanhado do vice-diretor do presídio.

- O Conselho Penitenciário permitiu a convivência de dois sentenciados na mesma cela. Vocês ficarão juntos. Ambos são formados por curso superior, o que facilitará a vida comum e

auxiliará o trabalho de recuperação. Cardenacci teve ótimo comportamento no estágio e, por isso, a diretoria atendeu ao seu pedido: prestará serviços como enfermeiro categorizado. Você, Sinval, continuará na secretaria. Felicidades na nova vida de casal...

Os dois homens sorriram, mas Sinval, artificioso, como se obedecesse a pedido de fotógrafo.

Cardenacci levou o saco de roupas para o canto da cela. O outro sentou-se à beira da cama. Enfrentavam com receio o início do diálogo, porém, dentro em pouco, as palavras foram escapando, soltas e preguiçosas; depois começaram a agrupar-se com mais ligeireza e, quando conquistavam o vaivém de conversa, a campainha estridulou "silêncio". Cardenacci abafou um "boa noite".

Se as palavras de Sinval pareceram filtradas por uma tela de cuidados, os pensamentos, ao contrário, desabalavam, impulsionados pela memória. Tinham provindo os óbices verbais da desarmonia entre o que falava e o que pensava. Livre, agora, do encargo oral, ordenou as idéias, como jogador arruma as cartas no início do jogo.

Cardenacci não o reconhecera. Recordou-se de todos os pormenores da consulta. Que tarde horrível! Descrevera ao médico a sensibilidade retardada da epiderme, a dormência das pernas. Mostrara-lhe as manchas escuras. Depois de demorado exame, o médico fizera correr sobre a pele uma pena de ave na pesquisa de índices sensíveis. A reação da vacina feita no antebraço não acusara vermelhidão em torno do ponto injetado. Embora fosse necessário, ainda, um exame do muco nasal, o médico, desajeitado, cederá às instâncias de Sinval, anunciando: lepra. Saiu aturdido do inferno branco que era o consultório de Cardenacci. Andou pelas ruas, mais desertas com a noite, julgando ver nos olhares dos raros transeuntes a aversão provocada por um leproso. Cada problema de sua vida, um aperto de angústia. Repeliu o beijo dos filhos. Repudiou o leito conjugal. Escusas claudicantes despertaram suspeitas. Insônia nas noites imensas. Rondou-lhe o espírito a idéia de suicídio, logo afugentada, porém, pela antevisão da família na miséria.

Outro plano acampou no seu cérebro. A ameaça do nenhum espólio fertilizou o projeto de uma apropriação indébita. Foi então que cometera as primeiras falcatruas, a princípio bem-sucedidas. As pequenas vantagens embolsadas, porém, não lhe apaziguaram o desespero. Coube a um velho amigo, tornado confidente, sugerir novo médico, novos exames. Apático, Sinval deixou o companheiro dirigir-lhe os passos, e, ao fim de dois dias, encheu-se de vida e de sorrisos: vacina negativa, exames negativos! Cardenacci errara o diagnóstico.

Sinval nunca meditara sobre certos aspectos de seu caso criminal; o encontro com Cardenacci, entretanto, ressuscitou a memória de antigas emoções. Recordou-se de que cometera o primeiro delito - germe de todos os outros - porque se supunha um leproso. Racionalizando, passou a ver em Cardenacci o responsável pelas soluções criminosas que adotara. Quando a exaustão lhe abateu as pálpebras, perseverava ainda em fortificar-se com as lembranças.

Passaram-se calmas semanas, mas um dia Cardenacci foi encontrado morto na cela: envenenado com veronal. Suicidara-se o médico. Havia furtado o tóxico do laboratório, ingerindo-o na cela, antes da chegada de seu companheiro. Suicidara-se o médico, na aparência, por considerar insuficiente, como acontece a outros, a condenação imposta pela sociedade. ..

Que Sinval se entristecesse com o acontecimento era compreensível; mas os diretores da Penitenciária não entendiam seu estranho comportamento: prestou informações no inquérito sob forte crise emocional; tornou-se agitado, nervoso; procurava a solidão, evitando falar no caso.

Intrigado com isso, o diretor chamou ao presídio o velho Leite, delegado de polícia, conhecido pelos seus excepcionais dotes de criminalista.

Atravessando o último pórtico da Penitenciária, o delegado levantou os olhos e leu a inscrição no alto: "Aqui, o trabalho, a disciplina e a bondade resgatam a falta cometida e reconduzem o

homem à comunhão social." A frase era mais escorreita, concisa, elegante do que verdadeira. Pensou nos reincidentes, nos crimes cometidos dentro dos próprios presídios, na idéia obsessiva de fuga, inquietando a mente de cada sentenciado... Teria prolongado a divagação, se não lhe aparecesse a figura do diretor, o abraço derramado, a poltrona de couro macio. Logo, a pressurosidade das palavras:

- Tenho um caso interessantíssimo. Só você poderá resolvê-lo. Nunca esquecerei a ajuda que você me deu na descoberta do crime do refeitório. Além de tudo, investigar e descobrir é sua função e seu prazer.

Narrou a morte de Cardenacci com pormenores, informando ter descoberto as causas do suicídio: o médico recebia, com freqüência, cartas de uma moça que se assinava "Neusa", e de um amigo "Álvaro". Deduzira, pela correspondência, ter-se Cardenacci apaixonado por uma jovem da alta sociedade, com quem pretendia casar-se, quando conseguisse eliminar a esposa. Neusa comprometera-se demais na aventura e queixava-se, nas cartas, de sua situação. Dizia amá-lo e ser capaz de aguardar o livramento condicional ou mesmo o cumprimento da pena... mas vivia temerosa do escândalo iminente. Álvaro, o amigo, acompanhava a vida de Neusa. Exasperara-se a moça com os problemas psicológicos e familiares que lhe atormentavam a existência, e, numa tarde, seu corpo foi achado na praia. No dia em que recebeu essa notícia, numa carta de Álvaro, Cardenacci matou-se.

- O que não se entende em toda essa história, meu caro Leite, é a reação de Sinval. Tornou-se inquieto, excitado, deficiente no trabalho. Come pouquíssimo, emagreceu demais. Foi surpreendido pelo guarda da noite a chorar convulsamente. Irrita-se quando alguém fala no suicídio. Não comenta o fato, não diz uma palavra. Não conseguimos estabelecer relação alguma entre Cardenacci e Sinval. Nem tampouco houve entre eles o menor incidente. Sentimos, porém, que há qualquer coisa. A reação de Sinval é anormal e desnorteante.

- Não há pista nenhuma?

- Nenhuma.

- Então, se há qualquer coisa, está escondida na cabeça do homem. Se ele se acha abatido, como você me disse, poderei aplicar um velho truque que me tem ajudado em situações semelhantes. Vamos tentar o golpe. Você me apresentará a Sinval como o delegado de polícia encarregado do inquérito sobre o suicídio. Eu farei o resto.

Tilintou a campainha, o guarda entrou e recebeu a ordem. Voltou acompanhado de Armando Sinval. Pálido, o olhar baço, arrastando as pernas, desinteressado de tudo. Alertou-se, e um certo viço revestiu os olhos, quando soube quem era o seu interlocutor. O delegado falou com energia e decisão:

- Armando Sinval: comunico-lhe que procedi a investigações sobre o suicídio de Cardenacci. Descobri tudo. Espero, agora, suas explicações. Vamos.

Sinval recuou, como se alguém o tivesse empurrado. Uma pausa silenciosa. O presidiário respirou fundo e depois respondeu mansamente:

- Nunca pensei que a coisa chegasse a esse extremo. Os senhores, naturalmente, desejam saber a causa, já que descobriram tudo. Eu me intoxiquei com a lembrança dos dias mais 'horrorosos da minha vida. Tudo por culpa de Cardenacci.

Contou, então, o erro de diagnóstico, os padecimentos durante o período em que se considerava um leproso, os seus delitos. Concluiu:

- A presença de Cardenacci despertou em mim o desejo de vingança. Passei a acreditar que estava encarcerado por culpa dele. Então, eu. .. O resto os senhores já sabem.

Entreolharam-se os dois homens. Não sabiam de nada. Que ocultaria a mente do sentenciado? Que papel teria desempenhado na morte de Cardenacci? Do velho Leite partiu a isca novamente:

- Como conseguiu você fazer o que fez?

- Naturalmente os senhores compreenderão que me era fácil executar o serviço. Além de minha habilidade, meu cargo na secretaria ajudou bastante, é claro.

E o homem calou-se de novo. Continuava a ronda do mistério. Se não estivesse tão prostrado, e por isso sem perspicácia, Sinval teria notado a ansiedade do diretor. O delegado mantinha-se firme e natural. O condenado perguntou:

- Estou dispensado?

O velho Leite lançou o último arpão:

- Ainda não, Sinval. Precisamos de sua confissão completa. Embora o assunto já esteja esclarecido, você é obrigado a relatar tudo quanto fez. Isso é necessário para apurarmos se há cúmplices no caso.

- Não senhor, de modo algum. Fiz tudo sozinho. Na secretaria, ao receber as cartas, eu separava as que eram dirigidas a Cardenacci por Neusa e Álvaro. Durante o dia, eu as substituía por outras, por mim falsificadas. Colocava as falsas no expediente da distribuição e inutilizava as verdadeiras. Inventei o suicídio de Neusa. Nunca pensei que Cardenacci se matasse. Eu queria, apenas, que ele sofresse alguns dias como eu sofri...

96. A RODA

MAFRA CARBONIERI (1935- | Brasil)

Este paulista de Botucatu, promotor público, juiz, professor de Direito e de Literatura já havia chamado a atenção da crítica (Fábio Lucas, Wilson Martins) como contista com Arma e Bagagem e Homem Esvaziando os Bolsos, ganhando alguns prêmios nos anos 60 e 70. Seus contos urbanos situam-se entre a renovação americana dos anos 30 (o policial hard-boiled, Hemingway, Damon Runyon, etc.) e a modernidade brasileira que vai de Antônio de Alcântara Machado a Marcos Rey e João Antônio. Seu enfoque, como os citados, é sempre a dos humilhados-e-ofendidos dostoiévskiianos, os pequenos e grandes marginais que, quando detidos, são obrigados a "esvaziar os bolsos" antes de entrar para a cela. Coisas da cidade grande. (Seu livro O Motim na Ilha dos Si nos, de 7997, não foi devidamente percebido por nossa crítica desatenta.)

A princípio era uma espuma parda que lhe escapava pela boca. Depois, nauseado, Joel My Friend se contraiu numa ânsia e sujou o seu jaleco de feirante. Começava a tremer. Não percebeu o vômito. Dando as costas para o bar, ele desafiou a noite, encarando-a. No ar, um calor de pneus esfregados. Mais a neblina.

Rodrigues viu com dureza aquele medo perigoso. A farsa se transformava em realidade. Sempre gostou de Joel My Friend. O rapaz se virava direito com a faca e a corrente. Até que funcionou bem a idéia dele de botar o jaleco e pintar de surpresa com uma raiva de dopado. Muito bom. Pelo menos uma garçonete desmaiou. Na próxima jogada, ele usaria um Ina 32, por merecimento. Rodrigues alertou:

- Cuidado para não estragar tudo, Jô.
- Vamos correr. . . - gritou Joel My Friend.

- Nada disso.

O covarde quando simula o medo acaba por senti-lo, e isso desgostava Rodrigues. Fechando a mão no cano do revólver, ele parou sob a porta. Com uma puxada brusca, desenrolou a rede de ferro. Foi golpeando a coronha em cima da chave para entortá-la na fenda. Espiou a avenida. Uma fumaça rosada se deslocava atrás de Joel My Friend. Este bateu os pés na lajota. Rodrigues escondeu entre as latas e os pacotes, no fundo da caixa de papelão, a bolsa marrom do revólver e do dinheiro, com a correia enrolada. Ordenou:

- Segure firme esse embrulho - e indicava com o queixo o cartucho do minimercado, no degrau. - Eu carrego a caixa. Vamos andar normalmente até a esquina. Lá a gente se manda.

Os sinais luminosos pulsavam entre as árvores cor de cinza. No segundo pavimento, o negro de chapéu amassado empurrou a veneziana e acendeu o cigarro com o isqueiro. O furgão entrava no pátio.

- Agora estou vendo tudo claro - queixou-se Joel My Friend. - Não era preciso deixar o carro tão longe. Não vamos conseguir chegar até o carro.

- Cale a boca. Limpe a sua boca. Olhe como ficou o jaleco. Eu não podia estacionar na avenida o Volks do japonês. Nem troquei as placas.

O rapaz apertou o cartucho contra o estômago. Tinha consciência de seu medo e isso o atormentava. O trânsito pela Radial Leste movia-se como cobra cautelosa.

- Mais depressa. Mais depressa.

- Entenda. Vai demorar o alarme. Temos tempo. Joel My Friend cuspiu na calçada.

- Dane-se. Os caras não vão dormir naquele banheiro o resto da vida. O que aconteceu com as suas pernas? Vamos correr.

Atento e calmo, Rodrigues balançou a cabeça.

- É. Não se deve mesmo ter confiança em passador de maconha.

- Mas eu avisei que o meu negócio não era assalto. Certo? Agora eu só quero sair desta podre.

- Espere, Jô.

Tenso, derrubando o pacote e rasgando-o com uma pisada, Joel My Friend colou-se ao poste. Vinha pela vidraça do porão uma claridade gasta. Longe, o alarido duma festa. A noite ampliava gritos e buzinas. Rodrigues abaixou-se.

- Juízo, rapaz. O que foi?

O outro vacilou dentro do medo.

- A polícia ... - ele pôs no rosto a aba do jaleco.

- Você ficou louco.

- Olhe.

- Idiota. Não tenho que olhar coisa nenhuma - disse Rodrigues. - O japonês vai descobrir o empréstimo do Volks só de manhã cedo. Não estrague tudo, Jô.

O rapaz murmurou:

- Então, os camaradas da lanchonete...

- Garoto, não invente.

- Então. .. - ele soluçou ante o desprezo de Rodrigues. - Os otários do mercado já saíram do banheiro.

- Vamos embora devagar, Jô. Você não está sozinho. A primeira lição é controlar os nervos.

Mas, enquanto Rodrigues acomodava o embrulho na caixa, Joel My Friend saltou o gradil do canteiro e desapareceu entre dois caminhões parados. Rodrigues, sem rancor, porém na certeza da vingança, ainda percebeu o jaleco debater-se na esquina, antes de sumir de todo.

Uma perua C-14 rodava pela rua estreita. Rodrigues pensou: "E o Volks no meio do quarteirão..." Com frieza, examinou os ângulos da enrascada. "Melhorou um pouco sem o Jô", sentiu-se acuado e muito forte. Sempre fora solitário. Sob o poste, o vapor do mercúrio envolveu-o numa luz pálida e azulada. A grama crescia ao redor das

pedras do passeio. Nenhum muro a separar os sobrados. A caixa de papelão tinha uma aparência proletária, quase inocente, com os sanduíches e as latas de conserva. Rodrigues aspirou o ar livre e caminhou ao encontro da viatura.

A C-14 estancou perto dele. Desengatando a marcha, o motorista comprimia o acelerador para queimar gasolina e mostrar serviço. Um tira abriu a porta do outro lado e deu a volta. Os outros ficaram no carro, espiando aquele rapaz com as compras do patrão, os ombros muito largos para a altura, o gorro de lã crespa, a jaqueta de couro esfolado, sem meias, a camisa sobrando por cima dos bolsos da calça jeans. Disse o investigador:

- Estava com muita pressa aquele sujeito.

- Parece - falou Rodrigues.

- Também me pareceu que vocês dois iam juntos - o tira divertia-se com o bagulho do rancho.

- Bem... - Rodrigues susteve nos lábios um esgar. - O programa era curtir uma sopa de legumes no meu apartamento. Na última hora o carinha se apavorou. - Rodrigues vingava-se de Joel My Friend.

- Um menino de família ... - comentou o tira.

O olhar de Rodrigues uniu-se a uma sombra. Ouviu-se o ruído duma janela a fechar-se com cuidado. Um gato afiou as unhas contra o paredão úmido. O motorista limpou o volante com um trapo de camurça. Rodrigues arriscou:

- Se o senhor quiser ver os meus documentos. .. - ele curvou o torso, sugerindo o propósito de colocar os embrulhos no chão. "Esses meganhas não estão nem aí..." Claro que havia peixe graúdo no tanque, algum bicheiro com a escrita atrasada. Dentro da perua, um tira, ao lado do motorista, fez piscar a luz alta. O investigador apoiou a mão no ombro de Rodrigues, e observando a velocidade dos carros pela Alcântara Machado, apurou o ouvido. Sem se abater, Rodrigues exibia os punhos da camisa, encardidos pelo suor urbano, o Seiko, a fita do Senhor do Bonfim, a calça de barra esfiapada, o jeito amarfanhado de quem dormia de roupa, o

mocassim de fivela e, no sorriso, uma vergonha humilhada. Um hippie póstumo, carregando as compras do empório para o cortiço. O investigador acariciou-o na orelha. Um tira avisou:

- Aconteceu alguma coisa por lá.

Antes de entrar na perua, o investigador encolheu o dedo repressivo.

- Rapaz, cuidado com as geladas. Rodrigues andou devagar até o Volks.

- Mais uma batida ... - ele insinuou casualmente. - Sabe, no largo da messiânica tem um sinaleiro pifado desde a semana passada.

Bateram a porta da viatura sem estrondo. Eram civis. Quando a C-14 se aproximava da esquina, os alarmes da noite soando, Rodrigues abrigou-se no Volks. Jogou o bagulho no banco traseiro e pegou a bolsa de couro. Maldito Jô. Torceu a chave e acelerou. Tomando o rumo contrário ao dos tiras, ele sentiu a correia da bolsa no ombro. O dinheiro e o revólver pesavam agora junto a seu corpo. Meu dinheiro. Meu Taurus-38. Você não conhece a melhor arma: um revólver com balas de dinheiro. Com essa arma não se erra na pontaria. Você não faz pontaria. Basta beliscar o gatilho. A mosca procura a bala. Minha

porra. Minha porra. Minha máxima porra. A sirena da C-14 atrás de mim. Já era tempo. Os meganhas dormiram até tarde. Yes, como diz o Jô. A perseguição começa.

Dali não dava para ver a perua. Pelo som da sirena, calculei em cem metros a distância entre mim e a polícia. Na calçada não cabia uma C-14, mas cabia o Volks. Agindo sem planejar demais, confiando na sorte do bom ladrão, meti as rodas na sarjeta e ultrapassei uma fila de carros. Dobrei na contramão à direita, buzinando e com o câmbio em segunda. Por ser uma rua apertada, costurei nas duas guias. Brados e xingamentos me saudavam com furor. Yes. Não me iludia. Outras viaturas se ouriçavam no mapa da Radial. Até que apareceu o Dodge-Dart prata com capota de vinil. Luz na cara do dono e uma rabeada em cima do pára-Iama. Nada

mais que um batismo na pintura. Na derrapada, desmontei uma banca de jornais e o toldo dum bazar. Juntou gente para apreciar o desastre. O gordo, de blazer com âncora no bolsinho, nem desligou o motor e já saiu do carro ofendendo. Palavra. Eu não topo soberbo. Com quatro pancadas, fiz vazar o Dimple dele pelas comportas. Poupei o saco desse executivo para a estagiária. A sirena. A sirena me perturbava. Uma turma cercava o gordo na lona. Eu boa-praça sosseguei a várzea explicando o motivo da trombada. Vocês são testemunhas. O gordo veio com o Volks na contramão. Ainda bem que o seguro paga tudo. Com licença. Me arranquei no Dodge-Dart. O susto faz palermas imediatos. Com a fratura da empáfia e da autoridade, Mr. Dimple sucumbiu no colo dos estarecidos.

Mas a sirena ia comigo girando pelas ruas. Depois da curva, o pneu estourou na valeta, com a brecada o Dodge-Dart pulou contra o poste, deslizou no passeio, raspou um muro de heras e pôs no chão um tapume de madeira. Um casal de namorados vestiu-se gritando. A sirena por todos os lados.

Me enfiei num beco. Por uma seringueira, alcancei o telhado e uma cachorrada latiu. Escorregando ao longo dum condutor podre de ferrugem, puxei o portão. Uma parede com cacos de vidro. Uma cobertura de amianto. Ao redor de minha fuga, as janelas se iluminavam. Ao saltar, desconjuntei calha e cumeeira dum depósito. Enquanto as portas se abriam, eu corri para o fundo dum galpão. Com o pé num tanque cheio de água fétida, impulsionei o corpo e caí num matagal. Vareei um terreno onde se acumulava lixo. Andava por uma rua de calçamento antigo e não escutava mais a sirena. Então, o vento enxugou o meu suor. Acaricieei a bolsa marrom, com franjas absolvidas.

Lá estava um terminal de ônibus. Subi no ônibus. O motor ronronava e eu queria dormir um pouco. Antes de me deitar no último banco, eu me reconheci no vidro da janela. Oi, Rodrigues. Dormi em cima de meu orgulho.

O gordo Mr. Dimple, de esparadrapo no queixo e lenço no olho, prontara-se para o segundo round. Convocava os soldados:

- É esse. É esse o assaltante.

Rodrigues acordou para levar um soco na cabeça. O soldado sufocava-o com a gravata e os palavrões do costume. Puseram-lhe as algemas ainda dentro do ônibus. Caindo na sarjeta, não podia acreditar, viu o toldo e a banca de jornais que desmantelara. A roda movera-se a seu desfavor. Maldito Jô.

Um tira vasculhava a bolsa. Rodrigues, de joelhos na lama viscosa, custou a compreender que o ônibus o trouxera de volta. Tentou rir entre os coturnos e as pernas fardadas. Atordoado, firmou as mãos no óleo da rua e ergueu-se sozinho.

97. O ÚLTIMO CUBA-LIBRE

MARCOS REY (1925 –1999 I Brasil)

Há anos, numa resenha sobre Malditos Paulistas, para a revista Istoé, chamei-o de "Humphrey Bogart da literatura brasileira". Marcos Rey gostou da comparação. Porque há alguma coisa de filmes 8, de romances americanos "baratos" (pulp fiction) da década de 30 (Horace McCoy, por exemplo) na ficção deste paulista que, além de romancista e contista paulistano como poucos, foi roteirista de rádio, televisão (a primeira série de O Sitio do Picapa u Amarelo foi escrita porele) e cinema. Éd os poucos brasileiros que enfrentaram o desafio de transformar a "subliteratura" em literatura. Policial e brasileira, como se vai ver.

Durante o dia Adão Flores era um gordo como qualquer outro. Sua atividade e seu charme começavam depois das 22 horas e às vezes até mais tarde. Então era visto levando seus 120 quilos às boates, bistrôs e inferninhos da cidade, profissionalmente, pois não só gostava da noite como também vivia dela. Empresário de modestos espetáculos, era a salvação, a última esperança de cantores, mágicos, humoristas e dançarinos decadentes. Dizia que se dedicava a esses náufragos por puro espírito de solidariedade, pilhéria capaz de comover até os que não tivessem espírito boêmio. Alguns desses artistas haviam tido a sua vez no passado, pouco ou muito prestígio, até serem abandonados pelo público. Adão não abandonava ninguém, talvez devido à tão propalada bondade dos obesos.

Com o tempo, Adão Flores adquiriu outra profissão, paralela à de empresário da noite, a de detetive particular, mas sem placa na porta e mesmo sem porta, atividade restrita apenas a cenários noturnos e pessoas conhecidas. Apesar de agir esporadicamente e circunscrito a poucos quarteirões, Adão Flores começou a ganhar

certa fama graças a um jornalista, Lauro de Freitas, que começava a fazer dele personagem freqüente em sua coluna, a ponto de muita gente supor tratar-se de ficção e mais nada.

Adão Flores apareceu no "Yes Club", cumprindo seu itinerário habitual. Rara era a noite em que não comparecia ao tradicional estabelecimento da Bianca, onde seus casos tinham grande repercussão, e onde a seu ver se reuniam as mais prestativas ninfetas. Mas nem teve tempo de sentar-se. Uma mulher, nervosíssima, que já o aguardava, aproximou-se dele um tanto ofegante.

- Lembra-se de mim, Adão?

- Estela Lins?! Como vai o malandrão do seu marido? Anda sumido!

- É por causa dele que estou aqui. Adão, você pode me acompanhar? Meu carro está na porta. É um caso grave.

- O que aconteceu?

- Direi tudo no carro.

Julio Barrios, mexicano, cantor de boleros, fora um dos contratados de Adão que mais lhe deram dinheiro nos quase dez anos que estivera sob contrato. Seu valor era contestado por muitos, mas até esses concordavam que o bigodudo era o mais personalíssimo intérprete de "Perfume de Gardênia", "Total", "Hoy" e "Somos". Quando o público se cansou dele, Flores levou-o às churrascarias, salões da periferia e cidades do interior, etapas do declínio de qualquer cantor. Julio não se abateu totalmente, pois enquanto tivesse uma mulher apaixonada a seu lado, podia levar a vida.

Estela dirigia atabalhoadamente um fusca em estado de desmaterialização.

- Disse que Julio está assustado?

- Disse apavorado.

- Por quê?

- Telefonemas ameaçadores.

- Quem seria a pessoa?
- Ele diz que não sabe.
- Mas você acha que sim.
- Pode ser algum traficante de drogas.
- Ora, Julio nunca mexeu com isso. Trabalhamos juntos anos a fio e nunca o vi cheirar nada suspeito. Sua obsessão sempre foi outra...

O que o empresário-detetive imaginava era a ameaça de algum marido ou amante ciumento, daí Julio não revelar nada a Estela, sua terceira ou quarta mulher desde que chegara ao Brasil. Apesar da decadência artística Julio continuava bem-sucedido nessa modalidade esportiva. Adão conhecera diversas favoritas do sultão mexicano, todas apaixonadas e dispostas a dividir com ele o que faturassem. Aliás, odiava mulheres ociosas e sempre lhes permitia a liberdade de ir e vir - ao trabalho. Assim, Estela era esteticista com boa clientela; Glória, a antecessora, possuía um sebo de livros espíritas, e Marusca, massagista com técnica própria, cuidava da coluna de uma legião de velhos generosos.

- Julio sabe que veio me buscar?
- Sabe. Disse que quer tomar um cuba-libre com você, como nos velhos tempos.
- Espero que ele não acredite muito na coluna do Lauro de Freitas. Não sou tão bom detetive assim.
- Estamos chegando.

Estela estacionou o carro diante de um pequeno edifício de três andares. O casal morava no primeiro, cujas luzes estavam acesas. Passaram por um portão de ferro, atravessaram um pequeno corredor e chegaram à porta do apartamento. A mulher abriu a porta, acendeu a luz e indicou um velho divã ao empresário. Foi se dirigindo ao interior do apartamento, anunciando:

- Adão está aqui, querido!

O empresário-detetive largou todo o seu peso numa mirrada poltrona, que protestou, rangendo. Não conhecia aquele

apartamento. Julio, sempre que mudava de mulher, mudava também de endereço. Glória, por exemplo, fora ao supermercado e ao chegar em casa não o encontrara mais. Marusca não vira mais nem a sombra dele ao voltar do cabeleireiro. Julio explicava aos amigos que seu coração sensível não suportava despedidas. Alguns o elogiavam por isso.

- Quem é o senhor? - Adão ouviu de repente a voz de Estela, vinda do quarto, em tom de pavor. - O que faz aqui?

Adão levantou-se: algo de anormal acontecia. Novamente a voz de Estela, agora num grito: - Juuuulio!

Adão deu uns passos enquanto Estela aparecia à porta do quarto, tentando dizer alguma coisa. O detetive entrou precipitadamente. A primeira imagem que viu foi Julio sobre a cama, ensangüentado.

Estela apontou para a janela aberta.

- Ele fugiu!

Adão correu para a sala e Estela abriu a porta do apartamento. Os dois precipitaram-se para a rua, ela na frente. Logo adiante havia uma esquina, que o criminoso já devia ter dobrado. Estela segurou Adão pelo braço.

- Vamos socorrer Julio.

Regressaram ao apartamento. A lâmina toda de uma tesoura comprida estava enterrada nas costas de Julio. O detetive apalpou-lhe o peito. O coração já não batia nem no ritmo lento do bolero.

Enquanto a polícia não chegava, Adão dava uma olhada no quarto. Estela, em prantos, aguardava a presença do cunhado, um de seus únicos parentes. Flores notou que algumas gavetas de uma cômoda estavam abertas. O criminoso estivera procurando alguma coisa. No peitoril da janela, um pouco de terra, certamente deixada pelos sapatos do homem que saltara. E sobre o criado-mudo um copo, o último cuba-libre que Julio não terminara de beber. Sem gelo. Quem tomaria um Cuba sem gelo num calor daquele? Foi ao encontro de Estela, na sala, e a achou dobrada sobre um divã.

- Gostaria de conversar com o zelador.

- O prédio não tem zelador, apenas uma faxineira no período da manhã.

- Acha que poderia reconhecer o homem?

- Nunca mais o esquecerei - garantiu Estela. - Era baixo, troncado e tinha os olhos puxados.

- Já o vira antes?

- Não.

Adão retornou ao quarto para dar mais uma espiada. Dali a instantes a polícia chegou: um delegado e dois tiras.

- Não mexi em nada - disse-lhes Flores. - E cuidado com o peitoril da janela. Há terra de sapato nele. Foi por onde o criminoso fugiu.

- O senhor o viu?

- Não, mas dona Estela poderá ajudar a fazer o retrato falado dele. Ela o encontrou no quarto de Julio.

O delegado encarou o detetive.

- Você não é um tal Adão Flores, metido a Sherlock?

- Sou esse tal, mas vim aqui como amigo, chamado por Estela. Julio tinha recebido uns telefonemas ameaçadores.

Adão deixou os tiras trabalharem e saiu do quarto. O criminoso saltara da janela para um corredor cimentado que rodeava o edifício. Para baixo o santo tinha ajudado, mas subir pela janela teria sido difícil. Certamente ele tocara a campainha e entrara pela porta. Antes, porém, pisara em algum jardim, como atestava a terra do peitoril. Havia jardim à entrada do edifício?

Um dos tiras apareceu à porta com uma pergunta.

- O senhor deixou uma ponta de cigarro no cinzeiro? Há duas lá, mas só uma é da marca que Julio fumava.

- Só fumo em reuniões ecológicas. O criminoso deve ter tido tempo para fumar um cigarro. Só pode ter sido ele, pois Estela não fuma.

Adão permaneceu no apartamento até a chegada da Polícia Técnica, quando Estela Lins, no bagaço, foi levada pelo cunhado, que, antes de sair, declarou com todas as letras:

- Julio bem que mereceu isso. Um vagabundo, um explorador de mulheres! A polícia não devia perder tempo procurando o assassino.

Já era madrugada quando Flores retornou ao "Yes Club". Estava cansado, que ninguém é de ferro. Contou a todos o que sucedera, recebendo em troca uma informação. Julio Barrios a parecera por lá, naquela semana, muito feliz. Uma gravadora resolvera lançar um elepê com seus maiores sucessos, Recuerdos, no qual depositava muitas esperanças. Planejava inclusive pintar os cabelos para renovar o visual. Estava animadíssimo.

No dia seguinte, Adão Flores compareceu à polícia para prestar depoimento. Estela, por sua vez, estava cooperando. O retrato falado do criminoso já estava pronto e sairia em todos os jornais. O delegado, porém, já manifestava uma suspeita.

- Não gostei da cara daquele cunhado. Estela pode até estar tentando protegê-lo.

- Não creio - replicou Adão. - Era apaixonada pelo cantor.

- Mas amores passam - comentou o delegado. - Como certas modas musicais. .. Adão Flores foi ao jornal onde trabalhava Lauro de Freitas.

- Quantos quilos você pesa, Lauro?

- Acha que estou engordando?

- Que mal há nisso? Os gordos são belos.

- Setenta quilos.

- Então, venha.

- Onde?

- Você tem o mesmo peso do homem que matou Barrios, segundo declaração de Estela na delegacia.

- E isso me torna um suspeito?

- Vamos ao apartamento.

À porta do edifício, Adão identificou-se a um guarda, que vigiava o lugar desde o assassinato. Não foi fácil convencê-lo a deixar que o detetive e o jornalista entrassem no apartamento.

- Estamos aqui. E agora, Adão?

- Você vai fazer uma coisa, Lauro: saltar do peitoril da janela para o corredor. Abriam a janela e o jornalista espiou.

- Altinho. Posso sentar no peitoril?

- Não, suba nele e salte.

- E se o pára-quedas não abrir?

- Não salte ainda. Vou para a sala. Aguarde minhas ordens, então salte e corra até a entrada do edifício.

Adão voltou para a sala, deu as instruções e ficou atento. Ouviu o baque dos pés de Lauro no cimento e, em seguida, seus passos rumo ao portão. Pouco depois, Lauro voltou à sala.

- O que quer mais? Sei plantar bananeira.

- Como atleta amador você não pode ser pago. Mas vou lhe fornecer uma bela história para sua indigna coluna. Não tire os olhos de mim. Agora vamos à gravadora Metrópole.

- Por quê?

- Porque quero pôr na cadeia a pessoa que matou o melhor intérprete de "Perfume de Gardênia". Quem fez isso é meu inimigo pessoal. Não se apaga assim um parágrafo da História.

Adão e Lauro foram à gravadora, onde o detetive conversou com o diretor-artístico. Sim, Barrios ia gravar mesmo um elepê. Esperavam vendê-lo para uns cem mil saudosistas. E o homem fez mais, forneceu certo endereço que Flores considerou importantíssimo.

Quando os jornais revelaram o assassino de Julio Barrios, a melhor reportagem certamente foi a de Lauro de Freitas, por dentro de tudo. Adão, claro, ficou muito orgulhoso com a literatura que o amigo deitou sobre ele. O gordo era um saco de vaidade. Naquele dia saiu cedo à rua para receber os louros. O porteiro do seu hotel

de duas estrelas foi o primeiro a cumprimentá-lo com uma reverência. Logo depois gravava uma entrevista para o rádio e uma declaração para a tevê.

Mas o local onde seus casos mais repercutiam era mesmo o "Yes Club", sempre ouvidos com degustada atenção por aquela senhora de cabelos prateados e piteira longa, a Bianca, e pelo grupo de freqüentadores mais íntimos. Aí sim, Adão assumia por inteiro o physique du rôle de detetive internacional. Na véspera, antes de que os jornais publicassem a solução do enigma, Adão esteve lá para contar tudo em primeira mão.

- Em que momento você começou a puxar o fio da meada? - perguntou a dona da casa.

- Sou um homem do visual, da imagem - disse Flores. - Aquele cuba-libre sem gelo me chamou logo a atenção. Julio gostava de colocar verdadeiros icebergs nas suas bebidas. Como não havia mais gelo e o copo voltara à temperatura ambiente, deduzi que o crime tinha acontecido há algum tempo. Uma hora, talvez. ..

- Não me parece argumento suficiente para levar a conclusões - disse um homem, provavelmente um desses invejosos que estão em toda parte.

- Certamente não foi minha única dedução. Havia aquela tesoura, arma ocasional demais para servir a um criminoso determinado, que fazia ameaças telefônicas.

O mesmo freguês, que se recusava a bater palmas para Adão, voltou a obstar:

- Usar armas da casa é um meio para implicar inocentes. Os romances policiais sempre relatam coisas assim.

- Uma tesoura não oferece segurança - replicou Flores. - A não ser que o criminoso tivesse sido um alfaiate...

Bianca tinha outra pergunta a fazer:

- Houve roubo? As gavetas estavam todas abertas, não?

- Elas não foram simplesmente abertas, algumas estavam vazias. E sabem quem as esvaziara? O próprio Julio.

- O que havia nessas gavetas? - perguntaram. - Tóxico?

- Roupas, simplesmente roupas. Encontrei-as em uma pequena mala. Mas me deixem prosseguir. O que consolidou minhas suspeitas foi uma questão de acústica.

- Disse acústica?

- Disse. Aí o nosso Lauro ajudou muito. Seu peso equivale ao do homem visto por Estela. Fui com Lauro ao apartamento de Julio e pedi que saltasse da janela e depois corresse até o portão. Eu me plantei na sala, como na noite do crime. E ouvi perfeitamente o baque e depois os passos de seus pés no cimento. Como aquela noite eu não ouvira nada?

- Então você teve a certeza - adiantou-se Bianca.

- Faltavam ainda os motivos. Na gravadora fiquei sabendo que Barrios andava aparecendo na companhia de uma jovem, seu novo amor. E obtive o endereço dela, pois era para ela que telefonavam quando precisavam contactá-lo. Fui procurá-la. Estava muito assustada com tudo, mas acabou se abrindo. Ela e Barrios iam viver juntos. Apenas faltava-lhe fazer a mala.

- E a confissão, veio fácil? - perguntou Branca, equilibrada em sua piteira.

- Aconteceu na própria polícia onde fora olhar alguns suspeitos na passarela. Pretexto. O delegado já aceitara meu ponto de vista. Eu próprio lhe contei minha versão: Estela surpreendera Julio quando jogava roupas na mala para sumir. Espremeu-o. Ele confessou. Ia deixá-la por outra mulher. O amor é algo inesperado e o coração é fraco. Ela não gostou da letra desse bolero. Julio vivia praticamente à custa dela. Viu a tesoura sobre a mesa. Golpeou-o pelas costas. Depois do choque, pensou em livrar a cara. Havia terra numa floreira. Levou um pouco para o peitoril da janela. Deixou as gavetas abertas como estavam. E serviu um cuba-libre ao defunto. Antes ou depois lembrou-se de Adão Flores. Ele tinha mania de bancar o detetive. Julio sempre ria-se disso. Decidiu ir buscá-lo. Se o encontrasse, a encenação seria perfeita. Quanto à segunda ponta de cigarro, ela mesma esclareceu que a apanhara

no "Yes", enquanto esperava pelo detetive. Queria que ficasse bem claro que outra pessoa estivera com Julio. Enquanto isso o gelo do último cuba-libre derretia, pois o cadáver não podia renová-lo.

- Ela agiu como uma perfeita atriz - comentou Bianca. - E que grande talento! Adão Flores concordou:

- Apenas participei como ator convidado.

98. O COBRADOR

RUBEM FONSECA (1925- | Brasil)

Um dos renovadores da moderna ficção urbana brasileira, na melhor vertente da literatura americana do século XX, Rubem Fonseca vem surpreendendo, polemizando e ganhando leitores desde sua estréia em 1963, com Os Prisioneiros, seguido em 1965 por A Coleira do Cão. Depois, Lúcia McCartney e outros, até o mais recente Pequenas Criaturas (2002). João Alexandre Barbosa fala de seus "contos insólitos, agressivos, experimentos de interpretação psicológica e de linguagem, comunicando uma obcecante visão do homem preso a si mesmo, às suas imagens e memórias, ao isolamento". Rubem partiu para o romance com O Caso Morei e, principalmente, com A Grande Arte e Bufo & SpaIlanzani, romances que, pode-se dizer, inauguram o romance policial brasileiro em grande estilo. Mandrake, talvez o melhor conto brasileiro de detetive, não caberia numa antologia como esta, devido à sua extensão. Optamos, então, por O Exterminador (opção também de Alfredo Bosi, em O Conto Brasileiro Contemporâneo) e O Cobrador.

Na porta da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco.

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados.

Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros, inclusive estes aqui - e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente.

Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê?, disse com pouco caso. São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38, e perguntei com tanta raiva que uma gota de meu cuspe bateu na cara dele - que tal enfiar isso no teu cu? Ele ficou branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos todos como se fossem bolas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebentar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande cheia de merda.

Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!

Dei um tiro no joelho dele. Devia ter matado aquele filho da puta.

A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo! Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo. Um cego pede esmolas sacudindo uma cuia de alumínio com moedas. Dou um pontapé na cuia dele, o barulhinho das moedas me irrita. Rua Marechal Floriano, casa de armas, farmácia, banco, china, retratista, Light, vacina, médico, Ducal, gente aos montes. De manhã não se consegue andar na direção da Central, a multidão vem rolando como uma enorme lagarta ocupando toda a calçada.

Me irritam esses sujeitos de Mercedes. A buzina do carro também me aporrinha. Ontem de noite eu fui ver o cara que tinha uma Magnum com silenciador para vender na Cruzada, e quando atravessava a rua um sujeito que tinha ido jogar tênis num daqueles clubes bacanas que tem por ali tocou a buzina. Eu vinha distraído pois estava pensando na Magnum, quando a buzina tocou. Vi que o carro vinha devagar e fiquei parado na frente.

Como é?, ele gritou.

Era de noite e não tinha ninguém perto. Ele estava vestido de branco. Saquei o 38 e atirei no pára-brisa, mais para estrunchar o vidro do que para pegar o sujeito. Ele arrancou com o carro, para me pegar ou fugir, ou as duas coisas. Pulei pro lado, o carro passou, os pneus sibilando no asfalto. Parou logo adiante. Fui até lá. O sujeito estava deitado com a cabeça para trás, a cara e o peito cobertos por milhares de pequeninos estilhaços de vidro. Sangrava muito de um ferimento feio no pescoço e a roupa branca dele já estava toda vermelha.

Girou a cabeça que estava encostada no banco, olhos muito arregalados, pretos, e o branco em volta era azulado leitoso, como uma jabuticaba por dentro. E porque o branco dos olhos dele era azulado eu disse - você vai morrer, ô cara, quer que eu te dê o tiro de misericórdia?

Não, não, ele disse com esforço, por favor.

Vi da janela de um edifício um sujeito me observando. Se escondeu quando olhei. Devia ter ligado para a polícia.

Saí andando calmamente, voltei para a Cruzada. Tinha sido muito bom estraçalhar o pára-brisa do Mercedes. Devia ter dado um tiro na capota e um tiro em cada porta, o lanterneiro ia ter que rebolar.

O cara da Magnum já tinha voltado. Cadê as trinta milhas? Põe aqui nesta mãozinha que nunca viu palmatória, ele disse. A mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes.

Também quero comprar um rádio, eu disse pro muambeiro. Enquanto ele ia buscar o rádio eu examinei melhor a Magnum. Azeitadinha, e também carregada. Com o silenciador parecia um canhão.

O muambeiro voltou carregando um rádio de pilha. É japonês, ele disse. Liga para eu ouvir o som. Ele ligou.

Mais alto, eu pedi.

Ele aumentou o volume.

Puf. Acho que ele morreu logo no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf.

Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol.

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos

vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar.

Meu arsenal está quase completo: tenho a Magnum com silenciador, um Colt Cobra 38, duas navalhas, uma carabina 12, um Taurus 38 capenga, um punhal e um facão. Com o facão vou cortar a cabeça de alguém num golpe só. Vi no cinema, num desses países asiáticos, ainda no tempo dos ingleses, um ritual que consistia em cortar a cabeça de um animal, creio que um búfalo, num golpe único. Os oficiais ingleses presidiam a cerimônia com um ar de enfado, mas os decapitadores eram verdadeiros artistas. Um golpe seco e a cabeça do animal rolava, o sangue esguichando.

Na casa de uma mulher que me apanhou na rua. Coroa, diz que estuda no colégio noturno. Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo, tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida. Ela pergunta o que eu faço e digo que sou poeta, o que é rigorosamente verdade. Ela me pede que recite um poema meu. Eis: Os ricos gostam de dormir tarde/ apenas porque sabem que a corja/ tem que dormir cedo para trabalhar de manhã/ Essa é mais uma chance que eles/ têm de ser diferentes:/ parasitar,/ desprezar os que suam para ganhar a comida,/ dormir até tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,/ demais./

Ela corta perguntando se gosto de cinema. E o poema? Ela não entende. Continuo: Sabia sambar e cair na paixão/ e rolar pelo chão/ apenas por pouco tempo./ Do suor do seu

rosto nada fora construído./ Queria morrer com ela,/ mas isso foi outro dia,/ ainda outro dia./ No cinema Íris, na rua da Carioca/ o Fantasma da Ópera/ Um sujeito de preto,/ pasta preta, o rosto escondido,/ na mão um lenço branco imaculado,/ tocava punheta nos espectadores;/ na mesma época, em Copacabana,/ um outro/ que nem apelido tinha,/ bebia o mijo dos mictórios dos cinemas/ e o rosto dele era verde e inesquecível./ A História é feita de gente morta/ e o futuro de gente que vai morrer./ Você pensa que ela vai sofrer?/ Ela é forte, resistirá./ Resistiria também, se fosse fraca./ Agora você, não sei./ Você fingiu tanto tempo, deu socos e gritos,

embusteu/ Você está cansado,/ você acabou,/ não sei o que te mantém vivo./

Ela não entendia de poesia. Estava solo comigo e queria fingir indiferença, dava bocejos exasperados. A farsanteza das mulheres. Tenho medo de você, ela acabou confessando.

Essa fodida não me deve nada, pensei, mora com sacrifício num quarto e sala, os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finas na revista Vogue.

Quer que te mate?, perguntei enquanto bebíamos uísque ordinário. Quero que você me foda, ela riu ansiosa, na dúvida.

Acabar com ela? Eu nunca havia esganado ninguém com as próprias mãos. Não tem muito estilo, nem drama, esganar-se alguém, parece briga de rua. Mesmo assim eu tinha vontade de esganar alguém, mas não uma infeliz daquelas. Para um zé-ninguém, só tiro na nuca?

Tenho pensado nisso, ultimamente. Ela tinha tirado a roupa: peitos murchos e chatos, os bicos passas gigantes que alguém tinha pisado; coxas flácidas com nódulos de celulite, gelatina estragada com pedaços de fruta podre.

Estou toda arrepiada, ela disse.

Deitei sobre ela. Me agarrou pelo pescoço, sua boca e língua na minha boca, uma vagina viscosa, quente e olorosa. Fodemos.

Ela agora está dormindo. Sou justo.

Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo.

Faço um poema denominado Infância ou Novos Cheiros de Buceta com U: Eis-me de novo/ ouvindo os Beatles/ na Rádio Mundial/ às nove horas da noite/ num quarto/ que poderia ser/ e era/ de um santo mortificado/ Não havia pecado/ e não sei por que me lepravam/ por ser inocente/ ou burro/ De qualquer forma/ o

chão estava sempre ali/ para fazer mergulhos./ Quando não se tem dinheiro/ é bom ter músculos/ e ódio./

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles.

Da rua vejo a festa na Vieira Souto, as mulheres de vestido longo, os homens de roupas negras. Ando lentamente, de um lado para o outro na calçada, não quero despertar suspeitas e o facão por dentro da calça, amarrado na perna, não me deixa andar direito. Pareço um aleijado, me sinto um aleijado. Um casal de meia-idade passa por mim e me olha com pena; eu também sinto pena de mim, manco e sinto dor na perna.

Da calçada vejo os garçons servindo champanha francesa. Essa gente gosta de champanha francesa, vestidos franceses, língua francesa.

Estava ali desde as nove horas, quando passara em frente, todo municiado, entregue à sorte e ao azar, e a festa surgira.

As vagas em frente ao apartamento foram logo ocupadas e os carros dos visitantes passaram a estacionar nas escuras ruas laterais. Um deles me interessou muito, um carro vermelho e nele um homem e uma mulher, jovens e elegantes. Caminharam para o edifício sem trocar uma palavra, ele ajeitando a gravata borboleta e ela o vestido e o cabelo. Prepararam-se para uma entrada triunfal mas da calçada vejo que a chegada deles foi, como a dos outros, recebida com desinteresse. As pessoas se enfeitam no cabeleireiro, no costureiro, no massagista e só o espelho lhes dá, nas festas, a atenção que esperam. Vi a mulher no seu vestido azul esvoaçaste e murmurei - vou te dar a atenção que você merece, não foi à toa que você vestiu a sua melhor calcinha e foi tantas vezes à costureira e passou tantos cremes na pele e botou perfume tão caro.

Foram os últimos a sair. Não andavam com a mesma firmeza e discutiam irritados, vozes pastosas, enroladas.

Cheguei perto deles na hora em que o homem abria a porta do carro. Eu vinha mancando e ele apenas me deu um olhar de

avaliação rápido e viu um aleijado inofensivo de baixo preço.

Encostei o revólver nas costas dele.

Faça o que mando senão mato os dois, eu disse.

Para entrar de perna dura no estreito banquinho de trás não foi fácil. Fiquei meio deitado, o revólver apontado para a cabeça dele. Mandei que seguisse para a Barra da Tijuca. Tirava o facão de dentro da perna quando ele disse, leva o dinheiro e o carro e deixa a gente aqui. Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo. Ele já estava sóbrio e queria tomar um último uisquinho enquanto dava queixa à polícia pelo telefone. Ah, certas pessoas pensam que a vida é uma festa. Seguimos pelo Recreio dos Bandeirantes até chegar a uma praia deserta. Saltamos. Deixei acesos os faróis.

Nós não lhe fizemos nada, ele disse.

Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima.

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho.

Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina.

O homem assistiu a tudo sem dizer uma palavra, a carteira de dinheiro na mão estendida. Peguei a carteira da mão dele e joguei pro ar e quando ela veio caindo dei-lhe um bico, de canhota, jogando a carteira longe.

Amarrei as mãos dele atrás das costas com uma corda que eu levava. Depois amarrei os pés.

Ajoelha, eu disse. Ele ajoelhou.

Os faróis do carro iluminavam o seu corpo. Ajoelhei-me ao seu lado, tirei a gravata borboleta, dobrei o colarinho, deixando seu pescoço à mostra. Curva a cabeça, mandei.

Ele curvou. Levantei alto o facão, seguro nas duas mãos, vi as estrelas no céu, a noite imensa, o firmamento infinito e desci o facão, estrela de aço, com toda minha força, bem no meio do pescoço dele.

A cabeça não caiu e ele tentou levantar-se, se debatendo como se fosse uma galinha tonta nas mãos de uma cozinheira incompetente. Dei-lhe outro golpe e mais outro e outro e a cabeça não rolava. Ele tinha desmaiado ou morrido com a porra da cabeça presa no pescoço. Botei o corpo sobre o pára-lama do carro. O pescoço ficou numa boa posição. Concentrei-me como um atleta que vai dar um salto mortal. Dessa vez, enquanto o facão fazia seu curto percurso mutilante zunindo fendendo o ar, eu sabia que ia conseguir o que queria. Brock! a cabeça saiu rolando pela areia. Ergui alto o alfange e recitei: Salve o Cobrador! Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente. Onde eu passo o asfalto derrete.

Uma caixa preta debaixo do braço. Falo com a língua presa que sou o bombeiro que vai fazer o serviço no apartamento duscentos e um. O porteiro acha graça na minha língua presa e me manda subir. Começo do último andar. Sou o bombeiro (língua normal agora), vim fazer o serviço. Pela abertura, dois olhos: ninguém chamou bombeiro não. Desço para o sétimo, a mesma coisa. Só vou ter sorte no primeiro andar.

A empregada me abriu a porta e gritou lá para dentro, é o bombeiro. Surgiu uma moça de camisola, um vidro de esmalte de unhas na mão, bonita, uns vinte e cinco anos.

Deve haver um engano, ela disse, nós não precisamos de bombeiro.

Tirei o Cobra de dentro da caixa. Precisa sim, é bom ficarem quietas senão mato as duas. Tem mais alguém em casa? O marido estava trabalhando e o menino no colégio. Amarrei a empregada, fechei sua boca com esparadrapo. Levei a dona pro quarto.

Tira a roupa.

Não vou tirar a roupa, ela disse, a cabeça erguida.

Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo. Dei-lhe um murro na cabeça. Ela caiu na cama, uma marca vermelha na cara. Não tiro. Arranquei a camisola, a calcinha. Ela estava sem sutiã. Abri-lhe as pernas. Coloquei os meus joelhos sobre as suas coxas. Ela tinha uma pentelheira basta e negra. Ficou quieta, com olhos fechados. Entrar naquela floresta escura não foi fácil, a buceta era apertada e seca. Curvei-me, abri a vagina e cuspi lá dentro, grossas cusparadas. Mesmo assim não foi fácil, sentia o meu pau esfolando. Deu um gemido quando enfiei o cacete com toda força até o fim. Enquanto enfiava e tirava o pau eu lambia os peitos dela, a orelha, o pescoço, passava o dedo de leve no seu cu, alisava sua bunda. Meu pau começou a ficar lubrificado pelos sucos da sua vagina, agora morna e viscosa

Como já não tinha medo de mim, ou porque tinha medo de mim, gozou primeiro do que eu. Com o resto da porra que saía do meu pau fiz um círculo em volta do umbigo dela. Vê se não abre mais a porta pro bombeiro, eu disse, antes de ir embora.

Saio do sobrado da rua Visconde de Maranguape. Uma panela em cada molar cheio de cera do Dr. Lustosa/ mastigar com os dentes da frente/ punheta pra foto de revista/ livros roubados./ Vou para a praia.

Duas mulheres estão conversando na areia; uma tem o corpo queimado de sol, um lenço na cabeça; a outra é clara, deve ir pouco à praia; as duas têm o corpo muito bonito; a bunda da clara é a bunda mais bonita entre todas que já vi. Sento perto, e fico olhando. Elas percebem meu interesse e começam logo a se mexer, dizer coisas com o corpo, fazer movimentos aliciantes com os rabos. Na praia somos todos iguais, nós os fodidos e eles. Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas. Eu quero aquela mulher branca! Ela inclusive está interessada em mim, me lança olhares. Elas riem, riem, dentantes. Se despedem e a branca vai andando na direção de Ipanema, a água molhando os seus pés. Me aproximo e vou andando junto, sem saber o que dizer.

Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida, e o cabelo dela é fino e tratado, o seu tórax é esbelto, os seios pequenos, as coxas são sólidas e redondas e musculosas e a bunda é feita de dois hemisférios rijos. Corpo de bailarina.

Você estuda balé?

Estudei, ela diz. Sorri para mim. Como é que alguém pode ter boca tão bonita? Tenho vontade de lamber dente por dente da sua boca. Você mora por aqui?, ela pergunta. Moro, minto. Ela me mostra um prédio na praia, todo de mármore.

De volta à rua Visconde de Maranguape. Faço hora para ir na casa da moça branca. Chama-se Ana. Gosto de Ana, palindrômico. Afio o facão com uma pedra especial, o pescoço daquele janota era muito duro. Os jornais abriram muito espaço para a morte do casal que eu justicei na Barra. A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-arara, e depois vêm para o Rio, e os filhos de cabeça chata já não têm mais sotaque, pintam o cabelo de louro e dizem que são descendentes de holandeses.

Os colunistas sociais estavam consternados. Os granfas que eu despachei estavam com viagem marcada para Paris. Não há mais segurança nas ruas, dizia a manchete de um jornal. Só rindo. Joguei uma cueca pro alto e tentei cortá-la com o facão, como o Saladino fazia (com um lenço de seda) no cinema.

Não se fazem mais cimitarras como antigamente/ Eu sou uma hecatombe/ Não foi nem Deus nem o Diabo/ Que me fez um vingador/ Fui eu mesmo/ Eu sou o Homem-Pênis/ Eu sou o Cobrador./

Vou no quarto onde dona Clotilde está deitada há três anos. Dona Clotilde é dona do sobrado.

Quer que eu passe o escovão na sala?, pergunto.

Não meu filho, só queria que você me desse a injeção de trinevral antes de sair.

Fervo a seringa, preparo a injeção. A bunda de dona Clotilde é seca como uma folha velha e amassada de papel de arroz.

Você caiu do céu, meu filho, foi Deus que te mandou, ela diz.

Dona Clotilde não tem nada, podia levantar e ir comprar coisas no supermercado. A doença dela está na cabeça. E depois de três anos deitada, só se levanta para fazer pipi e cocô, ela não deve mesmo ter forças.

Qualquer dia dou-lhe um tiro na nuca.

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar - dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco.

Quem quiser mandar em mim pode querer, mas vai morrer. Estou querendo muito matar um figurão desses que mostram na televisão a sua cara paternal de velhaco bem-sucedido, uma pessoa de sangue engrossado por caviars e champãs. Come caviar/ teu dia vai chegar./ Estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume. A moça do prédio de mármore? Entro e ela está me esperando, sentada na sala, quieta, imóvel, o cabelo muito preto, o rosto branco, parece uma fotografia.

Vamos sair, eu digo para ela. Ela me pergunta se estou de carro. Digo que não tenho carro. Ela tem. Descemos pelo elevador de serviço e saímos na garagem, entramos num Puma conversível.

Depois de algum tempo pergunto se posso dirigir e trocamos de lugar. Petrópolis está bem?, pergunto. Subimos a serra sem dizer uma palavra, ela me olhando. Quando chegamos a Petrópolis ela pede que eu pare num restaurante. Digo que não tenho dinheiro nem fome, mas ela tem as duas coisas, come vorazmente como se a qualquer momento fossem levar o prato embora. Na mesa ao lado um grupo de jovens bebendo e falando alto, jovens executivos subindo na sexta-feira e bebendo antes de encontrar a madame toda enfeitada para jogar biriba ou falar da vida alheia enquanto

traçam queijos e vinhos. Odeio executivos. Ela acaba de comer. E agora? Agora vamos voltar, eu digo, e descemos a serra, eu dirigindo como um raio, ela me olhando. Minha vida não tem sentido, já pensei em me matar, ela diz. Paro na rua Visconde de Maranguape. É aqui que você mora? Saio sem dizer nada. Ela sai atrás: vou te ver de novo? Entro e enquanto vou subindo as escadas ouço o barulho do carro partindo.

Top Executive Club. Você merece o melhor relax, feito de carinho e compreensão. Nossas massagistas são completas. Elegância e discrição.

Anoto o endereço e vou para o local, uma casa, em Ipanema. Espero ele surgir, fantasiado de roupa cinza, colete, pasta preta, sapatos engraxados, cabelos rinsados. Tiro um papel do bolso, como alguém à procura de um endereço e vou seguindo o cara até o carro. Esses putos sempre fecham o carro a chave, eles sabem que o mundo está cheio de ladrões, eles também são, apenas ninguém os pega; enquanto ele abre o carro eu encosto o revólver na sua barriga. Dois homens de frente um para o outro, conversando, não despertam atenção. Encostar o revólver nas costas assusta mais, mas isso só deve ser feito em locais desertos.

Fica quieto senão chumbo a sua barriga executiva.

Ele tem o ar petulante e ao mesmo tempo ordinário do ambicioso ascendente egresso do interior, deslumbrado de coluna social, comprista, eleitor da Arena, católico, cursilista, patriota, mordomista e bocalivrista, os filhos estudando na PUC, a mulher transando decoração de interiores e sócia de boutique.

Como é executivo, a massagista te tocou punheta ou chupou teu pau?

Você é homem, sabe como é, entende essas coisas, ele disse. Papo de executivo com chofer de táxi ou ascensorista. De Botucatu para a Diretoria, acha que já enfrentou todas as situações de crise.

Não sou homem porra nenhuma, digo suavemente, sou o Cobrador.

Sou o Cobrador!, grito.

Ele começa a ficar da cor da roupa. Pensa que sou maluco e maluco ele ainda não enfrentou no seu maldito escritório refrigerado. Vamos para sua casa, eu digo.

Eu não moro aqui no Rio, moro em São Paulo, ele diz. Perdeu a coragem, mas não a esperteza. E o carro?, pergunto. Carro, que carro? Este carro, com a chapa do Rio? Tenho mulher e três filhos, ele desconversa. Que é isso? Uma desculpa, senha, habeas-corpus, salvo-conduto? Mando parar o carro. Puf, puf, puf, um tiro para cada filho, no peito. O da mulher na cabeça, puf.

Para esquecer a moça que mora no edifício de mármore vou jogar futebol no aterro. Três horas seguidas, minhas pernas todas escalavradas das porradas que levei, o dedão do pé direito inchado, talvez quebrado. Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo O Dia. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo, tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas e dou metade pra ele e ele me dá o jornal. A manchete diz: Polícia à procura do louco da Magnum. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas. Notícia do jornal: Um grupo de grã-finos da zona sul em grandes preparativos para o tradicional Baile de Natal - Primeiro Grito de Carnaval. O baile começa no dia 24 e termina no dia 1º do Ano Novo; vêm fazendeiros da Argentina, herdeiros da Alemanha, artistas americanos, executivos japoneses, o parasitismo internacional. O Natal virou mesmo uma festa. Bebida, folia, orgia, vadiagem.

O Primeiro Grito de Carnaval. Só rindo. Esses caras são engraçados.

Um maluco pulou da ponte Rio-Niterói e boiou doze horas até que uma lancha do Salvamar o encontrou. Não pegou nem resfriado.

Um incêndio num asilo matou quarenta velhos, as famílias celebraram.

Acabo de dar a injeção de trinevral em dona Clotilde quando tocam a campainha. Nunca tocam a campainha do sobrado. Eu faço as compras, arrumo a casa. Dona Clotilde não tem parentes. Olho da sacada. É Ana Palindrômica.

Conversamos na rua. Você está fugindo de mim?, ela pergunta. Mais ou menos, digo. Vou com ela pro sobrado. Dona Clotilde, estou com uma moça aqui, posso levar pro quarto? Meu filho, a casa é sua, faça o que quiser, só quero ver a moça.

Ficamos em pé ao lado da cama. Dona Clotilde olha para Ana um tempo enorme. Seus olhos se enchem de lágrimas. Eu rezava todas as noites, ela soluça, todas as noites para você encontrar uma moça como essa. Ela ergue os braços magros cobertos de finas pelancas para o alto, junta as mãos e diz, oh meu Deus, como vos agradeço!

Estamos no meu quarto, em pé, sobancelha com sobancelha, como no poema, e tiro a roupa dela e ela a minha e o corpo dela é tão lindo que sinto um aperto na garganta, lágrimas no meu rosto, olhos ardendo, minhas mãos tremem e agora estamos deitados, um no outro, entrançados, gemendo, e mais, e mais, sem parar, ela grita, a boca aberta, os dentes brancos como de um elefante jovem, ai, ai, adoro a tua obsessão!, ela grita, água e sal e porra jorram de nossos corpos, sem parar.

Agora, muito tempo depois, deitados olhando um para o outro hipnotizados até que anoitece e nossos rostos brilham no escuro e o perfume do corpo dela traspassa as paredes do quarto.

Ana acordou primeiro do que eu e a luz está acesa. Você só tem livros de poesia? E estas armas todas, pra quê? Ela pega a Magnum no armário, carne branca e aço negro, aponta pra mim. Sento na cama.

Quer atirar? pode atirar, a velha não vai ouvir. Mais para cima um pouco. Com a ponta do dedo suspendo o cano até a altura da minha testa. Aqui não dói.

Você já matou alguém? Ana aponta a arma para minha testa.

Já.

Foi bom?

Foi.

Como? Um alívio.

Como nós dois na cama? Não, não, outra coisa. O outro lado disso. Eu não tenho medo de você, Ana diz. Nem eu de você. Eu te amo.

Conversamos até amanhecer. Sinto uma espécie de febre. Faço café pra dona Clotilde e levo pra ela na cama. Vou sair com Ana, digo. Deus ouviu minhas preces, diz a velha entre goles.

Hoje é dia 24 de dezembro, dia do Baile de Natal ou Primeiro Grito de Carnaval. Ana Palindrômica saiu de casa e está morando comigo. Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No Baile de Natal mataremos convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico inseqüente. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por

uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo olhando as árvores, os troncos, a raiz, as folhas, a sombra, escolhendo a árvore que eu queria ter, que eu sempre quis ter, num pedaço de chão de terra batida. Eu as vi crescer no parque e me alegrava quando chovia e a terra se empapava de água, as folhas lavadas de chuva, o vento balançando os galhos, enquanto os

carros dos canalhas passavam velozmente sem que eles olhassem para os lados. Já não perco meu tempo com sonhos.

O mundo inteiro saberá quem é você, quem somos nós, diz Ana.

Notícia: O governador vai se fantasiar de Papai Noel. Notícia: Menos festejos e mais meditação, vamos purificar o coração. Notícia: Não faltará cerveja. Não faltarão perus. Notícia: Os festejos natalinos causarão este ano mais vítimas de trânsito e de agressões do que nos anos anteriores. Polícia e hospitais preparam-se para as comemorações de Natal. O cardeal na televisão: a festa de Natal está deturpada, o seu sentido não é este, essa história de Papai Noel é uma invenção infeliz. O cardeal afirma que Papai Noel é um palhaço fictício.

Véspera de Natal é um bom dia para essa gente pagar o que deve, diz Ana. O Papai Noel do baile eu mesmo quero matar com o facão, digo.

Leio para Ana o que escrevi, nosso manifesto de Natal, para os jornais. Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto.

Ponho as armas numa mala. Ana atira tão bem quanto eu, só não sabe manejar o facão, mas essa arma agora é obsoleta. Damos até logo à dona Clotilde. Botamos a mala no carro. Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro.

99. O EXTERMINADOR

RUBEM FONSECA

1 - O Exterminador colocou a automática num coldre especial nas costas, logo acima da região glútea. A arma ficava deitada, o cabo para a direita ou para a esquerda, indiferentemente: o Exterminador atirava com as duas mãos. Com incrível rapidez, o Exterminador sacou a sua 54 Superchata, apontando-a para o peito do Cacique. O Cacique nem piscou. Ele mesmo tinha ensinado aquele ardid ao Exterminador.

"Aprendi isso numa antiga novela americana sobre terroristas negros", disse o Cacique. "É um truque velho, mas surpreendente. Hoje ninguém mais lê. Porém, tudo que eu sei aprendi nos livros." Um leve sorriso na sua boca de lábios finos.

O Exterminador tinha vindo de fora. Era identificado pela letra R.

"E o Exterminador RJ? Por que ele não fez o serviço?", perguntou R.

Havia cinco exterminadores infiltrados em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre. Sua função era matar as autoridades, técnicos e burocratas de alto nível que nunca apareciam em público e assim estavam longe do alcance dos Esquadrões. (Esquadrões: grupos de especialistas em atentados pessoais com explosivos.)

"O trânsito dele está difícil", respondeu o Cacique.

"Qual é o alvo?", perguntou o Exterminador com sotaque carioca, os II soando como uu. "O G.G.". (G.G.: Governador Geral.)

"Não vai ser fácil", disse o Exterminador com sotaque gaúcho, o / vibrando no céu da boca. Uma pequena demonstração de habilidade para impressionar, ou divertir, o Cacique. R. podia ser infiltrado em qualquer parte do país ou do exterior. Ele assumia qualquer papel. Nem o IVE percebia sua impostura. (IVE: Identificador Vocal Eletrônico.) R. controlava os mínimos gestos -

comer, andar, sentar, correr, fumar, até a maneira de pensar ele condicionava ao personagem assumido. O treinamento dos Exterminadores para enganar e matar era tão elaborado e difícil quanto o dos antigos astronautas.

"Você vai receber um aviso. Este é o nosso último contato até você fazer o serviço. Use a primeira oportunidade que aparecer", disse o Cacique.

"O.K.", disse o Exterminador.

"Outra coisa", disse o Cacique, "dentro de um mês os BBBvão iniciar uma nova programação. Isto talvez ajude você. E só." (BBB: especialistas em incêndios e saques, sigla derivada do grito dos terroristas negroamericanos do século XX burn, baby, burn)

O Exterminador olhou a impassível cara enrugada do Cacique. Depois, retirou-se em silêncio.

2 - Pelo vidro inquebrável, o G.G. verificou que quem estava na ante-sala era a sua secretária, D. Nova. O G.G. apertou um botão que acionou um mecanismo trancando uma das portas blindadas da ante-sala e abrindo ao mesmo tempo a outra porta que dava acesso à sua sala.

A secretária entrou com as duas mãos para o alto, o bloco de ditado enfiado no cinto.

"Como está a minha agenda?", perguntou o G.G.

A secretária baixou as mãos lentamente, sempre com as palmas para a frente; quando chegou na altura do cinto, com as pontas dos dedos da mão direita retirou o bloco, enquanto mantinha a mão esquerda espalmada horizontalmente. Depois segurou o bloco com as duas mãos, mantendo-as afastadas quarenta e cinco centímetros do corpo. Exigências do RDE. (RDE: Regulamento de Defesa Especial.)

"Quarta-feira está livre", disse a secretária.

"Pan Cavalcanti desembarca hoje no Galeão. Avisar DEPOSE para alguém esperá-lo. Quero me entrevistar com ele na quarta-

feira. 16 horas." (DEPOSE: Departamento de Polícia Secreta.)

"Intercom, circuito fechado, ou vis-à-vis?"

"Circuito fechado", disse G.G.

3 - Na portaria do hotel, em grandes letras de vapor de mercúrio, estava escrito: SE VOCÊ NÃO CONHECE HÁ MUITO TEMPO ESSE (A) HOMEM (MULHER) QUE ESTÁ COM VOCÊ, NÃO VÁ PARA A CAMA COM ELE (A). PROTEJA SUA VIDA.

"Se o povo fosse atrás disso, ninguém ia mais para a cama com ninguém", disse a mulher.

A mulher riu. O Exterminador continuou sério.

"IS?", perguntou o porteiro. (/5: Identificação Social.)

O Exterminador balançou a cabeça negativamente.

"Sobretaxa de vinte por cento", disse o porteiro.

"O.K.", disse o Exterminador.

"Quantas horas?", perguntou o porteiro.

"Não sei", disse o Exterminador.

"Mais dez por cento", disse o porteiro.

"O.K.", disse o Exterminador.

O Exterminador e a mulher foram para o quarto.

O Exterminador trancou a porta.

O Exterminador e a mulher tiraram a roupa.

A mulher deitou-se na cama.

O Exterminador abriu a bolsa da mulher e retirou um IAAP de couro e alumínio. (IAAP: Instrumento de algolagnia ativo-passiva.)

Da cama, excitadamente, a mulher perguntou: "Você não é um SS, é?" O corpo dela estava todo arrepiado. (55: Super-Sádico, pessoas que somente sentem prazer matando o parceiro ou parceiros no ato sexual.)

"O que você acha?", perguntou o Exterminador friamente.

"Não sei", disse a mulher.

"Vira as costas", disse o Exterminador.

"Você vai me matar? Se você vai me matar, deixa eu tomar antes um EEE", disse a mulher. (EEE ou 3-E: Estupefaciente de Efeito Estuporante.)

"Vira as costas", disse o Exterminador, golpeando o IMP com força sobre os seios da mulher.

A mulher cobriu os seios com as mãos.

O Exterminador golpeou a barriga da mulher.

Finos riscos de sangue brotaram na pele da mulher.

A mulher virou as costas. Suas nádegas estavam contraídas. Gemidos abafados saíam da sua boca. O Exterminador golpeou as costas e as nádegas da mulher.

O Exterminador deitou-se ao lado da mulher, sobre as marcas de sangue que o seu corpo deixara no lençol. O Exterminador abraçou a mulher com força, mordendo-a na boca até sentir o sangue doce molhar sua língua.

"Amor, me ama, amor", disse a mulher, pronunciando passionalmente A Grande Palavra do CO.

"Amor, amor", disse o Exterminador. (CO: Código de Obscenidades, coleção de palavras de uso rigorosamente interdito.)

4 - Pan Cavalcanti sentou-se no CTCF, olhando para o quadrado de plástico preto à sua frente. (CTCF: Compartimento de Transmissão de Circuito Fechado.) O quadrado preto se iluminou e apareceu o rosto de G.G. "Pan, como vai? Há quanto tempo não nos vemos?" "Um ano", disse Pan.

"Você está bem. Estou gostando da sua cor."

"Isso é a TV. Na verdade não estou cor-de-rosa, não. Estou verde", disse Pan.

"Eu também", disse G.G.

Os dois homens ficaram se examinando, cada um em seu quadrado. "Eu estou precisando de você", disse o G.G. "Como?", perguntou Pan.

"Quero que você assuma o DEUS", disse o G.G. (DEUS: Departamento Especial Unificado de Segurança.)

"O.K. Mas alguém tem que me substituir em Pernambuco", disse Pan. "Já foi indicado", disse o G.G. "O.K.", disse Pan.

"O IPTMM tem observado uma crescente inquietação nas Fuvags. É quase certo que o BBB se aproveitará disso", disse o G.G. (IPTMM: Instituto Pesquisador de Tendências Motivacionais da Massa. FUVAG: Favela Urbana Vertical de Alto Gabarito.)

"Talvez sim, talvez não. Muito óbvio."

"Não podemos correr o risco. São vinte milhões de pessoas nas fuvags. Lembre-se que da última vez morreram quinze mil, só na Zona Sul", disse o G.G. "Eu me lembro", disse Pan.

"O Ministro do Planejamento foi morto na semana passada. Foi morto na cama, ele e suas duas mulheres. Estamos ainda no escuro, investigando. Era absolutamente impossível o vis-à-vis com ele. Esta notícia é secreta."

"O.K."

"Informações, com fator de exatidão oitenta, dizem que o Cacique entrou no país, vindo dos Estados Unidos."

"O Cacique?", disse Pan excitadamente, "aqui?" "Oitenta por cento de exatidão", disse o G.G.

"Então precisamos mesmo ficar preocupados com o ambiente nas fuvags. Qual o estoque de GASPAR?" (GASPAR: Gás paralisante)

"Suficiente. Pan, ouça, não quero que você se preocupe com as explosões urbanas. Isso é rotina. Quero que você se concentre no Cacique. Nós queremos apanhar o Cacique. Será uma grande vitória psico-social."

5 - Segunda-feira, 18. O movimento na estação do Metrô, na rua Uruguaiana com Presidente Vargas, era intenso. Às 17 horas explodiu a primeira bomba, próximo de um dos guichês. Em seguida, mais cinco explosões, a última destruindo vários vagões de uma composição. Muitos gritos e gemidos. Cheiro de roupas e carnes queimadas.

Às 17h30m, cerca de duzentas mil pessoas começaram a destruir os botequins, armazéns, farmácias e lojas dos cortiços da Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Os duzentos mil, em seguida, se deslocaram em direção ao centro da cidade, ao encontro da massa que destruía as estações do Metrô.

Grupos de BBB, comandados pelo rádio, armados de metralhadoras, espalharam-se pela cidade atirando bombas EXPLA nos edifícios e veículos. (EXPLA: Explosivo Plástico.)

6 - Terça-feira, dia 26. Pelos cálculos eletrônicos, apenas 8 mil pessoas morreram nas agitações da semana. Sociólogos se surpreenderam com o pequeno número de perdas. As Forças de Repressão Anti-Social, usando GASPARE e IE-IE-IE, dominaram a situação. Trezentas mil pessoas ficaram desabrigadas. (IE-IE-IE: Irritante Epidérmico Triplo Concentrado.)

7 - Num carro com vidros à prova de bala, Pan percorreu os dois grandes guetos da Zona Sul, as fuvags de Copacabana e Ipanema. Os caminhões da Limpeza Pública recolhiam os cadáveres para levá-los aos fornos crematórios subterrâneos da Praça XV de Novembro e do Largo da Carioca. Os cadáveres não eram identificados. Seriam cremados com as roupas que usavam. Do terraço de um velho prédio em ruínas alguém atirou num dos guardas da Limpeza Pública. Dois guardas examinaram o colega caído no chão. Depois colocaram-no junto com os outros cadáveres num dos caminhões.

Pelo rádio, em código, Pan transmitiu a seguinte mensagem:

- ATENÇÃO DEUS ATENÇÃO DEUS CHEFES DE DIVISÃO
REUNIÃO HOJE 18 H LEVO PRISIONEIRO IMPORTANTE PAN.

Dirigindo em alta velocidade, Pan chegou a Santa Cruz. Parou o carro na garagem de um edifício novo, subiu ao 74a andar.

Na porta do apartamento 7404 estava embutido um microfone tendo em cima escrito IVE.

"Encomenda para o Chefe", disse Pan encostando a boca no microfone.

A porta abriu. Dentro da sala estava um jovem de óculos. O disparo de Pan furou a lente dos óculos, entrou pelo olho e varou a cabeça do rapaz, que caiu no chão. Os óculos continuaram no seu rosto. O barulho da arma foi pouco maior do que um sopro. Super-silenciador.

O Chefe, que estava deitado na cama, levantou-se quando viu Pan entrar no seu quarto. Pelo movimento do corpo, Pan viu que o chefe era canhoto. Com grande precisão Pan atirou no cotovelo esquerdo do Chefe, partindo o seu braço. "Eu quero você vivo", disse Pan.

8 - Nos subterrâneos do DEPOSE, um velho guarda ensinava um guarda mais jovem a montar o PERSAB. (PERSAB: sigla abreviatura de Persuasão Absoluta, instrumento de tortura física. Não confundir com PERCOM, abreviatura de Persuasão Compulsiva, também um instrumento de tortura, mas apenas psíquica.)

"O PERSAB é fácil de montar", disse o velho, "basta apenas conhecer um pouco de mecânica e um pouco de eletrônica."

O velho ligou o fio dos dois audiofones no painel eletrônico.

"Se a luz vermelha acender quando você aperta este botão, é sinal que a ligação está correta. Vê como é simples."

O guarda jovem seguia atentamente tudo o que o velho fazia.

"As ligações do eletrochoque são enfiadas aqui nesta tomada. É preciso não confundir a parte de choque com a parte de som. Uma

é letra S, está vendo? A outra é C. A verificação é feita com uma luz vermelha também. Viu?" Click.

Constritor testicular, sonda uretral escamada, clister gasoso e líquido, agulhas especiais - o guarda foi colocando todos os instrumentos sobre uma mesa coberta com uma toalha branca ao lado da cama de ferro.

"Este trabalho é muito fácil de fazer. Vou lhe dar um conselho: agarre esta oportunidade com unhas e dentes. Aqui você tem um bom emprego para o resto da vida. Enquanto a índole do nosso povo for a mesma, você está garantido. E mudar a índole do nosso povo é impossível, você não acha?"

9 - O Chefe estava deitado na cama de ferro.

A câmara e o microfone de TV, operados na sala do Q.G., aproximaram-se do rosto do Chefe.

"Nós só queremos saber em que lugar está o indivíduo denominado Cacique", disse o G.G., através do alto-falante.

"Não adianta falar", disse Pan, "nós arrebentamos os tímpanos dele. As perguntas têm que ser feitas por escrito. Ele ainda enxerga alguma coisa."

Num dos cantos da sala o guarda velho balançou a cabeça.

Pan escreveu numa cartolina branca, em letras de forma grandes: O GOVERNADOR GERAL ESTÁ VENDENDO VOCÊ PELA TELEVISÃO. ELE QUER SABER ONDE PODEMOS ENCONTRAR O CACIQUE. SE VOCÊ DISSER SERÁ POUPADO.

"Limpem os olhos dele", disse Pan.

Os dois guardas enxugaram com esponjas e lenços os olhos do Chefe. Ao ver a cartolina, o Chefe fechou os olhos.

"Ele é duro", disse Pan, "nem sequer conseguimos saber há quanto tempo ele chefia os BBB."

"O seu trabalho, Pan, tem sido altamente comendável, brilhante mesmo", disse o G.G.

Pan deu uma volta na roda do aparelho constritor testicular.

O guarda velho disse baixinho para o jovem: "Nunca vi serviço tão mal feito. Assim ele vai matar o homem. Mas quem está dirigindo o serviço é ele, que parece não ter experiência, mas está com as ordens, entendeu?"

Pan escreveu numa outra cartolina a palavra EUNUCO e colocou-a na frente dos olhos do Chefe. (EUNUCO: Eunuco)

O Chefe fechou os olhos.

"Você me põe a par do que for acontecendo", disse o G.G. desligando a televisão. A câmara e o microfone recuaram para o nicho da parede. O Chefe estava imóvel na cama. "Acho que ele foi apertado demais", disse o guarda velho. "Como assim?", perguntou Pan.

"O dr. Baltar, que era sociopsicólogo, às vezes deixava o sujeito preso um mês, sem encostar a mão dele, sem botar no aparelho, pra deixar o medo crescer." "Persab ou Percom?", perguntou Pan secamente. "No Persab."

"Esse doutor não tinha pressa e eu tenho. O que aconteceu com ele?" "Foi apanhado", disse o guarda velho, constrangido. "Um Exterminador". Pan virou as costas para os guardas, curvando-se sobre o corpo do Chefe. Pan colocou o ouvido sobre a boca do Chefe. "Silêncio", disse Pan, para os guardas.

Pan levantou a cabeça do Chefe, uma das mãos no seu queixo, a outra na sua nuca. A boca de um e o ouvido de outro ficaram algum tempo colados. "Ele acabou de confessar tudo. Preciso falar com o G.G.", disse Pan. Pan saiu apressadamente.

"A rotina é esta: ao terminar o serviço, o CONTROLE é consultado e decide, de acordo com o computador eletrônico, para onde vai o preso, se é liquidado ou recuperado", explicou o guarda velho. (CONTROLE: Controle.)

O guarda ligou o INTERCOM e pediu CONTROLE. (INTERCOM: Intercomunicação direta.)

"Preso C-TBS-I.487.018. Destino." "Um momento", respondeu Controle.

Pouco depois, Controle decidia, para surpresa do guarda, que o preso devia ir para Recuperação.

10 - Pelo INTERCOM Pan ligou para o G.G. "Scramble", disse Pan.

"Pronto. Ninguém pode entrar na linha. Adiante", disse o G.G.

"O Chefe falou. Preciso entrevista urgente. Supersecreta. Vis-à-vis", disse Pan.

"Vis-à-vis? Você sabe que vis-à-vis só em casos excepcionais", disse o G.G.

"O caso é excepcional. Sua vida corre perigo. Não confie em ninguém", disse Pan.

"Está bem. Pode vir", disse G.G.

11 - Pelo vidro o G.G. observou Pan. Pan parecia calmo. O G.G. apertou o botão. Pan entrou com as mãos para o alto.

"Não temos tempo a perder. D. Nova é um Exterminador. Temos que pegá-Ia imediatamente", disse Pan.

"D. Nova? Impossível", disse o G.G.

"O Chefe confessou tudo. Ele não podia ter inventado, o trabalho de D. Nova é secreto."

"Eu digo que é impossível", disse o G.G.

"Não vamos perder tempo", disse Pan, com impaciência.

"Vou chamá-Ia", disse o G.G.

"Não. Ela pode ter um mini-explosivo de alta potência escondido no corpo. Há outra saída daqui? Eu gostaria de surpreendê-Ia."

"Há uma saída de emergência atrás da estante". disse o G.G.

"Então abre que eu vou sair por ela", disse Pan.

Uma luz vermelha acendeu no INTERCOM.

"Um momento", disse G.G. tirando o receptor do gancho.

G.G. escutou algum tempo.

"Era Controle", disse G.G. desligando o INTERCOM. "Disseram que o Chefe foi morto no DEPOSE. Quebraram o pescoço dele."

Por um segundo G.G. olhou o rosto de Pan. Subitamente G.G. enfiou a mão dentro do paletó. Mas o Exterminador foi mais rápido. Sua 54 Superchata detonou abrindo um buraco em cima do olho direito do G.G. que caiu de bruços sobre o braço que segurava a própria arma ainda dentro do paletó.

O Exterminador curvou-se sobre o corpo caído. Apoiou o cano da arma na base do crânio do G.G. e detonou uma segunda vez.

"É preciso tomar cuidado, a medicina de hoje está muito adiantada", pensou o Exterminador enquanto pisava nos miolos do G.G. espalhados pelo chão.

100. BALAIO

MARÇAL AQUINO (1958 - | Brasil)

Uma grata revelação de contista da nova geração, o paulista Marçal Aquino, na linha do modernista Antônio de Alcântara Machado, mas aproximando-se do pós-modernismo de um Raymond Carver, é um contista da marginalidade atual, ou seja, do brasileiro abandonado à sua própria sorte e da violência na periferia urbana (paulista, mas internacional). São contos secos, sem a glamorização dos "humilhados e ofendidos", e recusando-se o autor a cair na facilidade generalizada do psicologismo. É autor de Miss Danúbio, O Amor e outros Objetos Pontiagudos e Faroestes, de onde tiramos este Balaio. O cineasta Beto Brandt já realizou três longas-metragens baseados em seus contos.

Apareceram dois caras estranhos no bairro tirando informação sobre o Tiãozinho. O pessoal se fechou. Não demorou e vieram falar comigo, sabiam que eu e o Tiãozinho andamos juntos muito tempo.

O começo foi manso. Eu estava jogando balaio com uns amigos. Balaio é um tipo de truco que inventamos, mais agressivo, que dava ao vencedor o direito de ser o primeiro a atirar no próximo sujeito que a gente fosse derrubar. Eles apareceram, me chamaram de lado, abriram cervejas. Sentei-me com eles.

Explicaram que a ficha do Tiãozinho era encomenda de um grandão da Zona Norte. Não sabiam o motivo.

Eu disse que, sem conhecer o motivo, ficava difícil.

Um deles comentou que talvez o grandão quisesse as informações para decidir algo positivo em favor do Tiãozinho. Tinha a pele cor de pastel cru. Parecia uma dessas pessoas que nunca comem carne.

O outro era preto. Três rugas no rosto: duas quando ria, ao redor da boca; a outra aparecia na testa, na hora em que ficava sério. Impossível saber a idade dele.

O branco prosseguiu aventando: Quem sabe o Tiãozinho não está pra assumir uma posição importante com o homem?

O preto emendou: Pois é, e se ele estiver pra casar com a filha do homem? O Tiãozinho não seria capaz de um negócio desses?

O grandão é bicha?, eu perguntei.

O preto: Não, claro que não.

E o outro: Por quê?

Porque o Tiãozinho é capaz de qualquer coisa, eu disse. Inclusive de estar casando com esse grandão aí.

Os dois riram. O que foi bom: vi que o pessoal, que continuava firme no jogo, deu uma relaxada. Perceberam que era conversa amistosa.

Essa é boa, o branco ainda ria. E o que mais você pode contar sobre ele?

Mais nada, eu falei. Me digam o motivo ou então a gente pode mudar de assunto.

Eles se olharam, contrariados. O branco pareceu sentir mais o golpe. Era aquele tipo de homem que adora ser contrariado - em casa, no trabalho, no trânsito, em todo lugar. Só para poder explodir.

Foi ele quem falou, se controlando: Bom, então acho que temos um problema aqui. Um problemão.

O preto tentou amaciar, a ruga atravessada na testa: Você podia facilitar as coisas pra todos nós. Veja bem: temos ordem até de pagar pelas informações se for preciso.

Batuquei com as unhas no copo de cerveja. Fazia muito tempo que eu não via o Tiãozinho. A última notícia era que ele andava amigado com uma dona asmática, que quase matava todas as

noites, porque nunca sabia se ela estava gozando ou tendo uma crise de falta de ar.

Os dois esperaram, achando que eu considerava o lance do dinheiro. Mesmo jogando no campo do adversário, pareciam seguros. Era uma noite fria e ambos vestiam casacos. Dava para adivinhar que estavam armados. Com coisa pesada.

Acho que vocês deviam dar outra volta pelo bairro, eu disse. Talvez apareça alguém disposto a vender alguma informação.

Você está complicando um negócio simples, falou o branco. Em vez disso, podia ganhar um bom dinheiro.

Vamos fazer o seguinte, eu me curvei e apoiei os cotovelos na mesa. Vocês descubrem por que esse grandão quer as informações sobre o Tiãozinho e voltam aqui pra me contar. Aí eu falo de graça, que tal?

Eu tenho uma proposta melhor, o branco colocou sal no meu copo e mexeu com o dedo. Você vai com a gente e conversa direto com o homem lá na Zona Norte. Eu prometo que depois a gente traz você de volta direitinho.

Eu ri: Não vai dar. Eu odeio sair do bairro.

Você vai com a gente, sim, o preto disse e tirou as duas mãos de cima da mesa.

Foi um gesto rápido, muito rápido. Se tivéssemos gente assim do nosso lado, eu pensei, nossa vida ia ser bem menos complicada. Olhei para ele com atenção e me descuidei do outro. E era exatamente o que esperavam que eu fizesse.

Percebi isso quando o branco se mexeu, a mão sob a mesa, e falou: Eu tenho uma 45 apontada para a sua barriga. Não tem jeito de errar.

O Tiãozinho deve estar metido em algum rolo muito grande, eu disse. Ou então vocês dois são meio malucos.

As mãos do preto continuavam debaixo da mesa. Na certa com duas armas também apontadas para mim.

Nós vamos sair daqui bem devagar, o branco anunciou. Você vai na frente, com muita calma, e é bom não fazer nenhuma besteira.

Eu permanecia apoiado na mesa e não me mexi. Disse a eles que bastava eu tossir para que aquele pessoal todo puxasse as armas.

Será a última vez que você vai tossir na vida, o branco falou. Você é quem sabe. Uma coisa eu garanto, o preto disse. Vou levar um monte de gente comigo. E você será o primeiro.

Uma vez, quando eu era mais novo, vi um sujeito abrir caminho à bala num puteiro cercado pela polícia. Foi a única vez que presenciei alguém atirando com duas armas ao mesmo tempo. O cara tem que ser muito bom pra fazer isso. Aquele sujeito era e conseguiu escapar.

Vou pedir a conta, o branco avisou. Daí, a gente vai sair na boa, combinado? Eu endireitei o corpo, mantendo as mãos sobre a mesa. O preto acompanhou meus movimentos com atenção. E pude ouvir o ruído quando ele puxou o cão dos revólveres. Você tá armado?, ele perguntou. Estou, eu menti.

Atendendo ao aceno do branco, Josué veio para perto da mesa e informou o valor da conta, satisfeito. As mãos do branco reapareceram, segurando uma carteira marrom. Enquanto ele escolhia as notas, olhei para Josué, que me sorriu.

Era um bom sujeito, costumava ajudar muita gente no bairro. Às vezes, quando nossos jogos avançavam até tarde da noite, Josué ia para casa e nos deixava a chave, recomendando apenas que a gente não esquecesse as luzes acesas ao sair. Eu gostava dele. Por isso, lamentei que as coisas se complicassem justo no seu bar.

E elas se complicaram mesmo. Mas não do jeito que eu esperava.

A viatura estacionou na porta do bar e os quatro policiais entraram, olhando primeiro para o pessoal que jogava balaio e depois para a mesa em que estávamos. Três deles usavam sobretudo e carregavam escopetas. No comando, um tenente que eu conhecia de vista. Gente boa.

Ele interrompeu o jogo e mandou que todo mundo se colocasse com as mãos na parede. Pensei que o tempo ia fechar: ali dentro tinha mais armas do que na vitrine das lojas de caça do centro. Os rapazes obedeceram, movendo-se com lentidão. Estavam esperando algo. Uma fagulha.

Quando o tenente se dirigiu a nós, eu me levantei da mesa na hora e me juntei aos meus companheiros. O branco e o preto não se mexeram. Ambos estavam com apenas uma das mãos sobre a mesa. O tenente achou aquilo curioso e avaliou a situação por alguns instantes. Um dos policiais afastou-se em direção à porta, procurando um ângulo mais favorável.

Gostei da cena. Claro que armamento grosso serve para dar confiança a um sujeito. Mas eu nunca tinha visto caras tão frios como aqueles dois. E pelo jeito nem o tenente, que recuou lateralmente e colocou a mão no coldre.

Josué sorriu para ele e disse: Não precisa nada disso, tenente. Conheço todo mundo, é gente daqui do bairro.

O tenente cuspiu o chiclete que mascava e perguntou: E esses dois?

Conheço eles também, tenente, Josué falou. São amigos.

O preto mantinha a vista baixa, evitando encarar o tenente. O branco olhava para lugar nenhum. Ia explodir a qualquer momento.

O tenente ainda analisou os dois por mais alguns segundos. E então relaxou.

Você tem visto o Tiãozinho?, ele perguntou a Josué.

Tem tempo que esse danado não dá as caras por estas bandas, Josué disse. Deve estar circulando em outra área. Ele aprontou alguma?

Estamos na captura dele, o tenente fez um gesto para os policiais e eles baixaram as escopetas. Tiãozinho devia mesmo estar metido em algum lance muito grande, eu pensei.

O tenente colocou outro chiclete na boca, olhou mais uma vez para a dupla na mesa e depois para nós. Daí saiu, acompanhado

pelos policiais.

No exato momento em que a viatura arrancou, os rapazes puxaram as armas. Os dois continuavam imóveis, as mãos ocultas pela mesa. Ia começar a queima de fogos.

Pedi a Josué que saísse e baixasse a porta do bar. Ele fez isso, depois de lançar uma expressão triste para o balcão e para as garrafas nas prateleiras.

Magno, que estava ao meu lado, me entregou um dos revólveres que carregava, um 38. Éramos quatro contra os dois.

Como é que nós vamos resolver isso?, eu perguntei.

O preto trocou um olhar rápido com seu companheiro. Por mim, a coisa já está resolvida, ele disse. Você ouviu: a polícia vai cuidar do Tiãozinho pra nós.

O branco sorriu: Mas se você quiser partir pra festa, nós topamos. Vai ser um estrago bem grande.

Eu sabia que bastava um movimento brusco e os dois se levantariam atirando. Então baixei o revólver com cuidado e disse: Ninguém vai ganhar nada com isso. Vamos fazer um trato: vocês dois saem deste bar sem problema e nunca mais aparecem por aqui.

O preto ainda tripudiou, perguntando para o branco: O que você acha?

Ele continuava sorrindo: Me parece justo. Assim ninguém abusa de ninguém.

Eu avisei aos rapazes que os dois iriam sair e que a gente não faria nada. E caminhei até a porta, para abri-la.

Os dois iam sair e provavelmente nunca mais botariam o pé naquele bairro. Mas eram profissionais. E com esse tipo de gente convém não facilitar. Por isso, a um passo da porta, eu parei e alcancei o interruptor, desligando as luzes do bar.

O tiroteio durou meio minuto, se tanto. Quando reacendi as luzes, o preto estava com a cabeça tombada numa poça de sangue sobre a mesa. O branco caíra para trás, arrastando junto sua

cadeira. Eu me aproximei e notei que, apesar de estar com um ferimento feio acima do olho direito, ele ainda gemia. Mirei na cabeça e puxei o gatilho, mas as balas do revólver tinham acabado. Um dos rapazes me empurrou para o lado e completou o serviço.

Magno perguntou: O que vamos fazer com eles?

O de sempre, eu falei.

Olhei o sangue espalhado pelo bar. Eu não queria que o Josué tivesse motivo pra se queixar da gente.

Vamos lá, eu disse. Depois ainda temos que voltar aqui pra fazer uma boa faxina.

FIM

- {1} Acoimaria: culparia.
- {2} Escutas: espias.
- {3} Jurupango: certo tipo de embarcação ligeira.
- {4} Treçado ou trecado: gênero de espada.
- {5} Cofó: gênero de escudo.
- {6} Emburilhadas: intrigas, enganoso.
- {7} Medida russa, equivalente a 0,71 m. (N. do T.)
- {8} Diminutivo ou tratamento carinhoso de Mikhail. (N. do I)
- {9} Pode ser "eu os satisfazia", ou "eu os respeitava" (N. do T.)
- {10} Rousseau, *Nouve/le Héloïse*. (Negar o que é, e explicar o que não é.) (N. do T.)
- {11} "Pode-se apostar que toda idéia pública, toda convenção recebida pronta é uma bobagem, pois conveio ao maior número de pessoas." (N. do T.)
- {12} Uma intenção tão funesta, se não é digna de Atrée, é digna de Thyeste. (N. do T.)
- {13} Mulher que pratica a virtude para, depois de morta, ser um Buda, um espírito puro. (N. do Organizador.)
- {14} Personificação da Piedade, deus auxiliar de Buda. (N. do Organizador.)
- {15} Em latim no original - na Eneida de Virgílio: o amigo fiel de Enéas. (N. do T.)
- {16} Drug Enforcement Agency: agência do governo americano de combate aos narcóticos. (N. do E.)
- {17} Morcego frugívoro, de cabeça semelhante à da raposa. (N. da T.)
- {18} Antigamente, sede da Corte Criminal Central de Londres, Inglaterra. (N. da I)